



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

### Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

### About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>





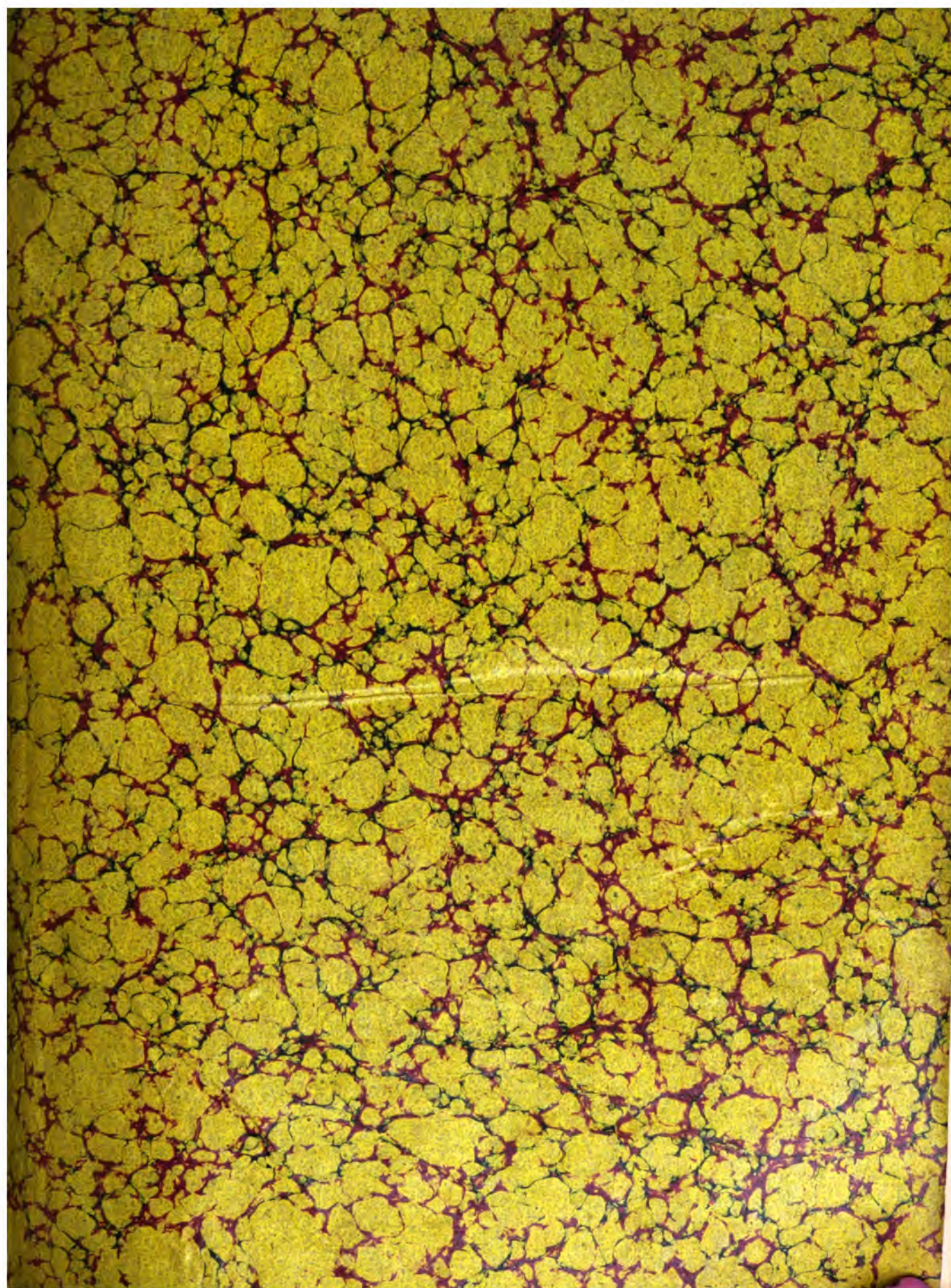






B. Per.









# **REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.**

**COLLABORADA**

**POR**

**MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS**

**E**

**REDIGIDA**

**POR**

**SEBASTIÃO JOSÉ RIBEIRO DE SÁ.**

---

**SEGUNDA SERIE. TOMO V.**

**DUODECIMO ANNO: 1852—1853.**

---

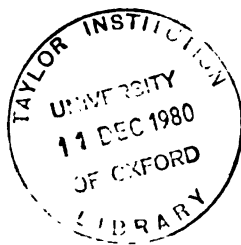
**LISBOA**

**TYPOGRAPHIA DA REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE**

**Rua dos Fanqueiros, 82**

---

**1853**





# INDICE ALPHABETICO

DAS

## MATERIAS CONTIDAS NESTE DUODECIMO TOMO.

### SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

- Abaixo a roda dos expostos — 543, 555, 567.  
Academia das Bellas Artes (catalogo da exposição) — 313, 367, 376.  
» Real das Sciencias de Lisboa (Relatorio acerca da molestia das vinhas) — 87, 101.  
Agricultura — 29, 75, 101, 147, 170, 194, 267, 278, 289, 305, 315, 341, 365, 412, 459, 530, 565.  
Agua em Paris — sua distribuição — 349.  
Algodão — sua produção — 289, 305, 315, 364.  
Alvitres de um bom portuguez — 269.  
Argilla — seu uso para o adubo das terras — 412.  
Arvores da gutta-percha — 29.  
Associação Industrial Portuense — Documentos respectivos á sua fundação — 145. — Representação a sua magestade a rainha — 160.  
» Typographica Lisbonense — relatorio da comissão administrativa respectivo á sua gerencia no 2.º semestre de 1852 — 373.  
Azeite (commercio do) — 409.  
Balde ou cesto de salvação em casos de incendio — 493.  
Banco do Brasil (relatorio do) — 124, 136.  
» de Portugal em relação á situação financeira do paiz — 13, 25, 37, 49, 61, 85, 121.  
Batatas (molestia das) — 147.  
Brasil (relatorio do banco do) — 124, 136.  
Cadaê de Alpedrinha — 6.  
Café da ilha de S. Thomé — sua cultura e melhor processo para se fazer sua bebida — 267.  
Calendario (o) — 2, 28, 123, 148, 181, 219.  
Caminhos de ferro, 205, 217, 229, 241, 253.  
» para Hespanha, 265.  
» hydraulico — 193.  
Canal (o) d'Azambuja e a agricultura no Ribatejo — 565.  
Carta ao illm.º sr. redactor da Lei — 481.  
Catalogo dos documentos respectivos ás nossas antigas relações com a Inglaterra, colligidos pelo exm.º sr. visconde de Santarem, 421, 433, 445, 457, 469.  
» da exposição da academia das bellas artes — 313, 367, 376.  
Chá (o) barato — 183.  
Chapeus impermeaveis — 398.  
Cinzas (as) em relação á economia rural — 170, 194.  
Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense — relatorio da gerencia de 1851 — 133.  
» Luso-Brasileira — relatorio apresentado á assembléa geral em 29 de setembro de 1852 — 157.  
» Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas — relatorio da direcção — 134.  
Congresso hygienico — 169.  
Contribuições (as) directas de Portugal em 1643, 326, 361, 375, 398, 414, 426, 435.  
Convite do sr. Aniceto Ventura Rodrigues para converter em propriedade de uma sociedade por acções o seu estabelecimento de lanifícios, no Campo Grande — 472.  
Cosso (o) e suas propriedades — 291.  
Dança das mezas e dos chapéus — 531.  
Destruição dos insectos particulares dos cereaes — 459.  
Descobrimientos scientificos no seculo 19.º — 4, 16, 64, 541, 553, 577.  
Douradura chimica — 4, 16, 64, 541, 552, 577.  
Duas palavras acerca de soccorros mutuos — 325.  
Enfermidade e remedio das vinhas — 75.  
Ensaio sobre a historia da cosmographia e da cartographia durante a idade media, pelo exm.º sr. visconde de Santarem — 52.  
Ensino industrial — lei da sua organização — 327.  
Estado actual de Diu e Damão — 508.  
Exhortação de S. Em.ª contra o trabalho nos dias sanctificados — 517.  
Exposição de Bellas-Artes — 301, 313, 367, 376.  
» universal em Nova-York — 97.  
Fabricantes de seda — requerimento contra o decreto de 18 d'agosto — 90.  
Fabrico da soda em Portugal — 339, 351, 447.  
Facto curioso de arboricultura — 530.  
Galvanoplastica (a) e a douradura chimica — 4, 16, 64, 541, 552, 577.  
Gomma elastica (dissolução da) e da gutta-percha — 397.  
Gutta-percha (arvores da) — 29.  
Hervas parasitas — meio de as destruir — 341.  
Hydrophobia — remedio contra este mal — 64.  
Incendios — Vide balde ou cesto de salvação.  
Insectos destruidores das mattas — 278.  
Insectos particulares dos cereaes — modo de os destruir — 459.  
Jardim botanico d'Ajuda — classificação das plantas — 337.

## IV

Lampeão de luz mergulhante — 40.  
 Linho — novo modo de o macerar e curtir — 277.  
 Luz mergulhante — 40.  
 Madeira de plantano — 279.  
 Magistratura e advocacia no imperio do Brasil — 208.  
 Maneira de caçar os pardaes e aproveitá-los — 89.  
 Memoria apresentada ao chanceller do thesouro pelos manufactores de seda em Manchester — 278.  
 Molestia das vinhas na Madeira — 87, 101.  
 Navio calorico — 424.  
 Pardaes — modo de os aproveitar — 89.  
 Passaros (utilidade de certos) — 365.  
 Pautas — 73, 97, 109, 112.  
 Pescaria artificial — 3.  
 Plantação das amoreiras em campo aberto, e póda das mesmas — 505, 520, 529.  
 Preservativo efficaz contra a peripneumonia epizootica do gado cornigero — 279.  
 Propriedade: — será conveniente que a individual seja substituida pela collectiva? — 365.  
 Reforma da pauta — 73, 97, 112.  
 „ das pautas e a imprensa das provincias — 109.  
 Relatorio da academia real das sciencias de Lisboa ácerca da molestia das vinhas na ilha da Madeira — 87, 101.  
 „ da companhia de fiação e tecidos lisboenses — 133.  
 „ da direcção da companhia nacional de fiação e tecidos em Torres Novas — 134.  
 Remedio contra a hydrophobia — 64.  
 Representação da associação industrial do Porto a sua magestade a rainha — 160.  
 Requerimento das fabricas de seda — 90.  
 Roda dos expostos — considerações sobre a sua extincção — 543, 555, 567.  
 Sabão de terebentina — 414.  
 Salubridade publica — distribuição das aguas em Paris — 349.  
 Soda — seu fabrico em Portugal — 339, 351.  
 Trabalho nos dias sanctificados — 517.  
 Tratamento do gado — 581.  
 Tremoços (uso dos) e da argilla para adubar as terras — 412.  
 Tributos (antigo systema de) em Portugal — 326, 361, 375, 398, 414, 426, 435.  
 Vapores portuguezes entre Portugal e o Brasil — 157.  
 Vasos metalicos para flores — 232.  
 Venda (da) dos generos — 470, 495.  
 Vinhas — sua enfermidade — 75, 87, 101.

## PARTE LITTERARIA.

À morte de S. A. I. a S. Princeza D. Maria Amelia — 385.  
 Adeus (poesia) — 429.  
 Alla virtu (poesia) — 451.  
 Almeida (praça de) — 137, 178, 190, 200, 226, 237, 258.  
 Anno (um) na corte — 20, 44, 80, 104, 117, 127,

153, 187, 222, 248, 427, 440, 452, 525, 536, 557, 568.  
 Ao illm.º sr. Augusto Emilio Zaluar (poesia) 574.  
 Bindocci — ode a mad. Castellan — 359.  
 Biographia artistica — 284.  
 Colombo — poema epico do sr. Ravara — 551.  
 Desengano (o) — poesia — 548.  
 Eremita (o) — poesia — 283.  
 Esbocetos de typographia humana (poesia) — 174.  
 Esperança (a) — poesia — 549.  
 Fim (o) do semestre — 309, 321, 333, 344, 369, 380, 403, 415, 430, 500, 546.  
 Florinha (poesia) — 573.  
 D. Fuas (poesia) — 478.  
 Mistoria patria — 137, 178, 190, 200, 226, 237, 258.  
 Homenagem (poesia) — 550.  
 Il 4 di febrajo (poesia) — 389.  
 In morte di sua alteza imperiale la principessa Amelia (poesia) — 535.  
 Lisboa (poesia) — 523.  
 Litteratura italiana — curso no gremio litterario — 343.  
 Lord Wellington — sua biographia — 142.  
 Macáu — algumas palavras sobre o governador Amarel — 584.  
 Malibran (mad.) — sua biographia — 284.  
 Mocidade de D. João V — 6, 17, 30, 40, 55, 65, 77, 91, 102, 112, 126, 150, 160, 172, 183, 196, 212, 221, 233, 244, 270, 280, 306, 329, 341, 356, 437, 449, 460, 474, 484, 495, 510, 521.  
 Não sei que faça (poesia) — 586.  
 O meu barco (poesia) — 586.  
 O que eu amo (poesia) — 523.  
 Ode dedicada a mad. Castellan, pelo sr. Bindocci — 359.  
 Ottoni (poesias de) — 10, 33, 95, 199, 261.  
 Partida (a) — poesia — 571.  
 Pedido (o) — poesia — 478.  
 Pesar (poesia) — 572.  
 Poesias (o) — 10, 33, 58, 94, 95, 141, 176, 199, 261, 283, 359, 389, 429, 451, 464, 478, 523, 535, 548, 549, 550, 571, 572, 573, 574.  
 Poeta (o) — poesia — 464.  
 Porque não hei de amar-te? (poesia) — 141.  
 Praça d'Almeida em 1810 — 137, 178, 190, 200, 226, 237, 258.  
 Recursos e despesas do imperio do Brasil — 293.  
 Revista litteraria de 1852 — 292.  
 Rossini — sua biographia — 257.  
 Saudação de duas meninas a sua mãe (poesia) — 94.  
 Wellington (breve biographia de) — 142.

## NOTICIAS E COMMERCIO.

A memoria de um sabio — 34.  
 Abd-el-Kader — sua residencia — 203.  
 Abundancia de oiro — 468.  
 Abuso (um) que se deve evitar — 324.  
 Africa — comunicação entre a costa oriental e a occidental — 46.

- Alemanha (a) — 297.  
 Alfandega da Figueira — 575.  
 Algodões — sua colheita — 83.  
 Alvaide de zinco — 34.  
 Antiguidades gregas — 12.  
 Apesar da decantada policia ingleza — 383.  
 Armas portuguezas — 166.  
 Assucar de betarraba — 168.  
 Asylo de mendicidade — 60, 82, 107.  
 Batatas na Irlanda — 96.  
 Bases do estatuto da companhia Lusitania — 274.  
 Bibliographia — 12, 35, 47, 71, 84, 96, 132, 204, 276, 288, 298, 300, 324, 348, 372, 384, 420, 432, 456, 504, 516, 576.  
 Bibliotheca portugueza — reproducção de livros nacionaes escriptos até ao fim do seculo XVIII — 47.  
 Bindocci — o poeta improvisador — 154, 288.  
 Bispo [o] eleito de Pekin — 335.  
 Bonaparte — sua genealogia — 239.  
 Calculo curioso — 480.  
 Calculos sobre o ouro — 130.  
 California — 420.  
 Caminhos de ferro — 552.  
     » em Hespanha — 382.  
     » de Lisboa a Hespanha — 60.  
     » do norte de Hespanha — 516.  
     » de Madrid a Aranjuez — 228.  
 Cantora aposentada — 34.  
 Capsulas de gomma elastica — seu uso para acudir a navios em perigo — 167.  
 Carolina Sannazzaro — 228, 564.  
 Carroagens publicas — 12.  
 Carta, noticiando a descoberta da quadratura do circulo — 503.  
 Casas d'asylo de infancia desvalida — 72.  
 Ceremonia religiosa — 552.  
 Cento e vinte annos bem aproveitados — 84.  
 Certidão de obito de S. A. I. a S. Princesa D. Maria Amelia — 407.  
 Chins em Lisboa — 263.  
 Chronica — 35, 48, 71, 203.  
 Ciumes de velha — 263.  
 Coincendencia — 564.  
 Colheita dos algodões — 83.  
 Collecção de productos de differentes nações na exposição de Londres — 84.  
 Collegio da sr.<sup>a</sup> Andrada — 24.  
 Colonisação agricola — 70.  
 Commercio — 168.  
 Companhia para a exportação da fructa dos Açores — 285.  
 Comunicação entre a costa oriental e a occidental d'Africa — 46.  
 Concerto de beneficencia — 503.  
 Condensador [novo] de vapor — 216.  
 Curso [novo] de linguas — 468.  
 Curso publico e gratuito de leitura e escripta repentina pelo methodo de A. F. de Castilho, e de calligraphia por D. Pedro Sebastian y Vila — 84.  
 Dança de mezas, de chapéos e de pratos — 552.  
 Desacato á religião — 456.  
 Desapparecimento de uma cantora — 34.  
 Desastres maritimos — 130.  
 Descobrimentos astronomicos — 347.  
 Desventura que deve servir de lição — 287.  
 Diferença nas vias de comunicação — 155.  
 Documento honroso para o Porto — 273.  
 Documentos officiaes relativos ao fallecimento de S. A. I. a serenissima Princeza D. Maria Amelia — 392.  
 Educação de meninas — 24.  
 Eller [o violinista] — 144.  
 Envenenamento de um portuguez no Brasil — 335.  
     » pelo acido arsenioso [óxido branco] d'arsenico] — exumação depois de 5 dias de sepultado — 359.  
 Ensaio para surdos — 240.  
 Erupção volcanica — 144.  
 Esististica — 467.  
 Escripta repentina no papel autographo e no cartão de lustro — 137.  
 Excentrico projecto de embalsamar os vivos — 444.  
 Exequias de S. A. a Princeza D. Amelia — 491.  
 Expedição ao mar Pacifico — 431.  
 Expedições navaes dos Estados-Unidos — 552.  
 Exportação de vinhos — 516.  
 Exposição [nova] industrial — 312.  
     » industrial na Irlanda — 563.  
     » do nasseio publico — 575.  
 Fallecimento de Mr. Orfila — 456.  
 Fecundidade — 552.  
 Fosseis perpetuados — 24.  
 Frades hespanhoes — 227.  
 Haydée — 528.  
 Honras funebres á memoria de S. A. I. a S. Princeza D. Maria Amelia — 407.  
 Hydraulica — nova obra dedicada a sua magestade el-rei D. Fernando — 192.  
 Illuminação do passeio em beneficio do asyle da mendicidade — 82, 107.  
 Incendio — 227.  
     » fatal — 70.  
     » no paço real em Londres — 468.  
     » na Russia — 480.  
 Incredulidade — 587.  
 Instrucção primaria — 527.  
 Invento [novo] — 516.  
 Jesuitas [os] na America — 383.  
 Joven [o] portuense — 515.  
 Laranja de S. Miguel — 312.  
 Leitura repentina — 11, 33, 60, 84, 155, 228.  
 Madeira — soccorros aos habitantes desta ilha — 540.  
 Livro que faz ruido — 372.  
 Macrobia — 516.  
 Manuel Gomes da Costa São Romão — Noticia do seu fallecimento, 179.  
     » tributo de graidã o á sua memoria — 192.  
 Manteiga manufacturada em Portugal — 480.  
 Maquina de fabricar alfinetes — 467.  
 Melhoramentos no Chili — 492.  
     » de Paris — 324.  
 Memoria a lord Wellington — 179.  
 Mercado de Pernambuco — 216.  
     » do Rio de Janeiro — 216.  
 Milhe exportado da ilha de S. Miguel no mez de fevereiro de 1853 — 468.  
 Mina aurifera em Hespanha — 70.

- Morte memoravel — 408.  
 » de um illustre typographo — 155.  
 Mortalidade em diversos paizes — 372.  
 Mumias — 552.  
 Missa do natal na Encarnação [sobre a] — 383.  
 Missões catholicas — 286.  
 Motor [novo] calórico — 480.  
 Movimento do mercado do Rio de Janeiro em julho de 1852 — 119.  
 Musico [um] macrobio e a sua rara aventura — 323.  
 Natal [missa do] na igreja da Encarnação — 383.  
 Navegação dos rios Uruguay e Paragay — 215.  
 Necrologio — 240, 516.  
 Notavel obra de historia natural — 502.  
 Noticias do Brasil — 166.  
 » do Egypto — 503.  
 » de Paris — 297.  
 Novidades da estação — 60.  
 Obra artistica — 228.  
 » sobre a Italia que esteve para ficar incompleta — 12.  
 Obras publicas em Hespanha — 96, 443.  
 Opera italiana em Madrid — 228.  
 Orçamento da Turquia — 144.  
 Ouro da Oceania — 34.  
 Pastilhas de chá — 34.  
 Palacio de christal — 516.  
 » [novo] de christal — 420.  
 Peça d'artilheria [nova] — 516.  
 Peixe monstro — 492.  
 Pernambuco — noticias commerciaes — 275.  
 Perolas do mar Pacifico — 83.  
 Poeta improvisador — 154.  
 Pesca da balea por electricidade — 155.  
 Praças estrangeiras — 12.  
 Presente — 70.  
 Processo e sentença de lord Franckford — 296.  
 Procissão da rainha Santa Isabel em Coimbra — 11.  
 Productos agricolas — 179.  
 Progresso da industria mechanica portuense — 480.  
 Propagação do ensino — 312.  
 Propriedade [respeito á] — 383.  
 Quadros para as aulas de leitura e escripta repentina — 228.  
 Real theatro italiano em Madrid — 11.  
 Recompensa litteraria — 420.  
 Resultado da invernada — 420.  
 Revista Popular — programma para o 6.º volume — 588.  
 » Universal — programma para o 13.º anno — 588.  
 Rio de Janeiro — movimento commercial — 587.  
 Roubo avultado — 11.  
 Roubos e assassinos nas provincias — 408.  
 Samaritanos [Restos dos] — 371.  
 Sannazzaro [Carolina] — 228, 564.  
 Saráu litterario — 408.  
 Soccorros aos habitantes da ilha da Madeira — 540.  
 Suicidio de um litterato — 23.  
 Surdos [ensaios para] — 240.  
 Systema metrico — 528.  
 Telegraphia — 12.  
 » submarina — 492.  
 Telegrapho electrico — 516.  
 Temporal na ilha de S. Miguel — 287.  
 Terremoto no archipelago indio — 563.  
 » de Santiago de Cuba — 312.  
 Theatre de D. Fernando — 216.  
 » francez — 202.  
 » portuguez — 595.  
 » de S. Carlos — 120, 131, 155, 179, 252, 264, 275, 287, 347, 432, 468, 504, 528, 576.  
 Titulo de imperador — 431.  
 Titulos de obras exquisites — 215.  
 Traste feito de materia nova — 24.  
 Trovoada — 227.  
 » em Hespanha — 70.  
 Vapór Grã-Bretanha — 491.  
 Vapores [linha de] entre Portugal e o Brazil. — 273.  
 Viação portuense — 516.  
 Viagem de Lisboa á China e da China a Lisboa [apontamentos de uma] — 84.  
 Vinho — 515.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 1.

QUINTA FEIRA, 15 DE JULHO DE 1852.

12. ANNO.

**A** REVISTA entra hoje no decimo segundo anno da sua publicação.

A simples exposição deste facto parece-nos um prologo honroso, que prova a rigorosa observancia do que se tem prometido. Garantindo-lhe o futuro igual ao passado, julgamos ter direito a ser acreditados.

Dos onze volumes publicados são cinco da nossa redacção. O favor publico que nos tem permittido continuar neste honroso posto, aqui o agradecemos com o mais sincero reconhecimento. O credito que a illustrada collaboração da REVISTA lhe tem sustentado, impõe-nos deveres que faremos por cumprir.

Um facto accresce que mais nos faz insistir no empenho de manter a REVISTA na situação em que tem sempre estado. Em todo o imperio do Brasil se manifesta um vivo interesse por este jornal: os onze annos de continuada duração da REVISTA são fiadores seguros de que não haverá quebra na regular publicação do jornal, e justificam a confiança e credito que a REVISTA ganhou nesse imperio. Possuimos deste facto provas que muito presamos e que exigem a nossa attenção especial na redacção dos futuros volumes da REVISTA.

É dever que nos honra o declarar a pertença que temos de que este jornal seja um symbolo da fraternidade, que para bem da independencia de um imperio e da independencia de um reino, deve existir entre o Brasil e Portugal. Não ha no mundo outros dois povos que devam e possam ser mais interessados na prosperidade reciproca. Os meios de engrandecimento de um aproveitam a outro: as duas civilisações desenvolvem-se na mesma lingua, e podem ser pro-

movidas por modo identico. Na continuação da REVISTA estas considerações serão sempre presentes ao nosso pensamento.

Com esta unica modificação, que mais amplia o plano da REVISTA, as suas bases fundamentaes são as que já temos apresentado ao publico, escrevendo os prologos dos antecedentes volumes. Não temos portanto a expor novos principios, e limitarnos-hemos a consignar com prazer o facto de que as doutrinas sustentadas pela REVISTA, no espaço de onze annos, tem successivamente alargado o seu dominio em virtude da força invencivel das idéas, e da inalteravel deducção dos factos de que depende a verdadeira civilisação.

E apesar de que as parcialidades politicas, nas suas luctas infaustas, tem afastado grandes e bellos talentos do santo empenho de civilisar esta nossa terra; — apesar de que a inercia nos tem dissipado muitos valores, no seu viver impotente, e de que as revoluções nos tragaram na sua voragem somma de capital mui superior ao que seria preciso para lançar sobre o reino uma rede de facéis communicações — a productividade da terra tem augmentado, e as faculdades do trabalho tem-se desenvolvido em grande escala.

A civilisação moderna já teve tempo para traçar a divisão que separa os verdadeiros dos falsos principios.

As luctas em que o talento se arrasta pelo pó do circo — o pugilato em que figura a ambição e cynismo — o desbarate do tempo e dos valores em formulas dramaticas, tudo são casos julgados ante o grande e insuspeito jury da consciencia publica.

A regra do governo dos verdadeiros interesses

do paiz está longe dos escolhos em que tem pagado muitos dos nossos governos.

O lugar donde parte o impulso de cada uma das forças civilisadoras está marcado no ponto em que existia um erro, ou um absurdo.

A missão da imprensa não politica é reunir em um campo commum todas as intelligencias que se combatem nos dominios da politica, para empregar todas essas forças civilisadoras no fomento e ampliação dos interesses moraes e physicos da sociedade. Se em Portugal esta missão não fór uma realidade, em quanto os outros povos vão no caminho da civilisação, nós apenas estaremos nas andadeiras da infancia.

Dizem que somos novos para a civilisação — que ainda ha pouco o estrondo das armas se ouvia em volta do berço da monarchia. Seja assim.

Mas deixaremos o infante no berço até que a força dos musculos vagarosamente se desenvolva e o faça sustar em pé? A comparação parece-nos exacta. Se o esforço do homem, se as suas faculdades se retardam entregue a si sem auxilio, nem recurso estranho, tambem a força das nações e a sua civilisação carecem do auxilio da intelligencia e dos esforços do trabalho.

É um grave erro governativo — é um crime nacional o crusar os braços esperando pelo futuro.

O plano da REVISTA, como é sabido, consiste em acreditar no futuro prospero e glorioso, mas em o aproximar por meio dos melhoramentos na agricultura, na industria fabril, e no commercio.

Longe do campo dos partidos continuaremos a observar religiosamente os preceitos desta doutrina.

s. j. RIBEIRO DE SÁ.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### ● CALENDARIO.

#### IV

*Dos annos.* — Os etymologistas geralmente reputam as palavras *annus* (anno) e *annulus* (anel) como derivadas de origem commum. Póde ver-se em Macrobio *annus* traduzida por « círculo de tempo. »

Julga-se que os egypcios fizeram primitivamente uso de um anno de 360 dias repartido em 12 mezes de 30 dias. E até na opinião de

alguns eruditos, tal é a origem da divisão do círculo em 360 partes eguaes, 360 grans.

A historia de Rhéa e Saturno, relatada por Plutarcho, faz presumir que os cinco dias supplementares foram accrescentados por Mercurio Trismegisto aos 360 dias primitivos.

O anno egypcio, elevado a 365 dias, tinha o defeito capital do anno de 360, postoque em menor grau; diferir do tempo que o sol gasta na sua revolução completa. Este anno civil egypcio dava origem a graves inconvenientes, por não igualar em extensão o anno astronomico, que é de perto de 365 dias e um quarto. Para os mostrar, tomemos por exemplo o 21 de março, dia do equinoccio, em que por isso sente-se uma certa temperatura; no anno seguinte, sendo contado á moda dos egypcios, chegando a 21 de março, o sol ainda não estará no equador, será preciso mais um quarto de dia para tocar neste plano. Quando depois de outro periodo annual vier novamente o 21 de março, o sol ainda estará mais distante do plano do equador, e será preciso meio dia para que o alcance.

Finalmente, passadas quatro revoluções annuaes, o sol, em vez de estar no equador a 21 de março, como em a origem do periodo, só lá chegará no dia 22; será, pois, o 22 de março o que ha de gosar da temperatura que se observava no começo em o dia 21. Decorridas outras quatro revoluções annuaes, o sol sómente alcançará o equador no dia 23, será por tanto, nesse dia 23 que se ha de encontrar a temperatura observada primeiro no dia 21.

Em cada periodo de quatro annos, o equinoccio se retardará um dia, de sorte que a temperatura originaria de 21 de março terá lugar successivamente em abril, maio, junho etc. Todos os dias do anno virão, quanto á temperatura, tomar o lugar do 21 de março; todos os mezes do anno se entranharão, successivamente e retrogradando, pelo inverno.

No estado actual de coisas, goza-se em nossos climas de uma temperatura moderada em abril, os mezes de julho e agosto são quentes, os mezes de dezembro e janeiro são frios. No systema que examinamos, o mesmo mez seria successivamente temperado, quente e frio. Os trabalhos da agricultura referem-se aos diversos mezes, não por causa de seus nomes, mas em rasão de suas temperaturas. No systema do anno egypcio não se poderia dizer: — a ceifa se faz em tal mez, a vindima em tal — pois que todos os mezes, dentro de certo periodo, corresponderiam á tem-



peratura favoravel á ceifa, á temperatura em que se deveria effectuar a vindima etc.

Este inconveniente dá na vista de todos; mas, ha outros que não são menos evidentes. Supponde, por exemplo, que um historiador referir-se dado uma batalha no mez de janeiro; pelo systema do calendario actual sabe-se que o acontecimento succedeu no inverno, pelo systema dos egypcios seria preciso um calculo para decidir em qual das estações foi dada a batalha, visto que o mez de janeiro corresponde successivamente a todas ellas.

Pergunta-se em que periodo de annos egypcios (que mui justamente foram chamados *annos vagos*) corresponderam todos os mezes a todas as estações? — É evidente que para obter o resultado ha de multiplicar-se por 4 a duração do anno egypcio, isto é 365 dias, o que dá um periodo de 1460 annos vagos. Este periodo, em o qual todos os dias do anno gozaram da mesma temperatura, era denominado pelos antigos *periodo sothiaco*.

Invocaram-se motivos supersticiosos a favor do anno egypcio, dizendo que, visto celebrarem-se as festas civis e religiosas em dias determinados do anno, essas festas passado certo tempo (1460 annos) teriam correspondido a todas as estações e assim te-las-iam sanctificado. Ocioso é combater a puerilidade de considerações desta natureza.

O anno grego foi primeiro de 354 dias, posteriormente elevaram-no a 360; depois com o auxilio dos mezes intercalares, veio a ser de 365 dias.

Como os mezes lunares foram os primeiros que serviram na divisão do tempo, as festas de instituição antiga celebravam-se em epochas que estavam em relação com o curso da lua; porém, as estações não tem relação senão com o curso do sol. Para que as festas cahissem nas mesmas phases da lua e quasi nas mesmas estações, foi mister procurar relações simples que permittissem coordenar as duas maneiras de dividir o tempo.

Alem disso, pertendia-se que um oraculo prescrevera aos gregos celebrar certas festas nos mesmos dias do anno e nas mesmas phases da lua. Era difficil regular com antecedencia os dias em que devia ter logar essa celebração, até que Meton descobriu o cyclo, que tem o seu nome, e que elle fez conhecido por occasião dos jogos olympicos, no anno 433 dos chronologos antes da nossa era.

Meton observou que 19 annos continham 235 lunações; decorridos 19 annos as mesmas phases da lua repetiam-se nos mesmos dias, nos dias da mesma denominação; de modo que ao cabo deste lapso de tempo vinham a celebrar-se as festas nas mesmas datas. Conta-se que os gregos romperam em tal enthusiasmo ao annunciar-se este descobrimento que resolveram inscrever-o com letras de oiro nos monumentos publicos. Dahi veio o nome de numero de oiro, *aureo numero*, dado a todos aquelles de que se compoem o cyclo de Meton.

Todavia, alguns eruditos duvidaram de que esse periodo fosse usado na Grecia na vida civil; talvez que os escriptores que exaggeraram a sua admiração neste ponto quisessem vindicar o sabio astrónomo dos ignobeis sarcasmos dirigidos contra elle n'uma das comedias de Aristophanes.

Calippo ainda tornou mais exacto o computo do seu compatriota tomando 76 annos solares que formam 940 lunações.

#### PESCARIA ARTIFICIAL.

Uma das coisas mui importantes de que Portugal pode tirar lucro, tornando ao mesmo tempo saudaveis os territorios proximos ás costas maritimas, purificando-as das exhalações mephiticas, que surgem dos paues abandonados á natureza, é a criação de pesqueiros artificiaes. Estes constituem um dos rendimentos da santa sé romana; e fazem a felicidade dos habitantes de grande parte dos estados pontificios, promovendo tal ramo de industria um commercio activo, introduzindo no paiz abundante circulação de numerario. Do mesmo modo as provincias venezianas auferem desse ramo consideraveis sommas com o que prosperam aquelles povos, dando-se impulso á agricultura, que é a arte das artes; porquanto cria e sustenta os homens, e os tira do estado selvagem, gera costumes brandos e pacificos, e um complexo de causas que torna um paiz opulento e poderoso, creando uma riqueza que os acontecimentos politicos não podem destruir; porque as terras nunca perecem, e o capital nellas empregado não diminue, antes augmenta.

Offerecendo o littoral portuguez vasto campo para este systema de pescaria artificial, grandissimo bem resultaria da introdução dos pesqueiros para as costas maritimas e margens dos rios, e para as povoações com ellas limitrophes, que soffrem o flagello das doenças causadas pelos pantanos e paues, que são os peiores vizinhos para os viventes. E além disso, o paiz seria mais povoado, e se lucraria o ganho importante que os pesqueiros artificiaes deixam a seus donos, e se augmentariam os capitales com a industria e a agricultura. Portanto, não

devemos admirar-nos se as provincias veneziannas, apesar das suas desgraças derivadas de causas politicas, medram com o auxilio daquelle recurso.

Nos locais pantanosos o peor tempo é o verão, que com a secca produz um foco de corrupção, onde as plantas aquaticas, os insectos e varios animaes morrem, apodrecem, e espalham ao longe os miasmas que levam o contagio e a morte. Porém, a industria do homem ahi mesmo opera uma saudavel mudança, e os charcos infectos se transformam em formosos lagos, com ilhas apraziveis e habitações salubres, cercados de paredes feitos só de terra, que por cima formam bons e commodos caminhos, tornando faceis as communicações; ha, além disso, as necessarias construcções para a entrada e sahida e para a renovação das aguas, mudadas de engenhos que obstem á evasão dos peixes, e de modo que os do mar possam entrar e ficar prisioneiros.

A população industriosa e cultivadora que tira proveito deste systema, beneficia ao mesmo tempo as terras visinhas, enxugando-as por meio de valas e canaes que vão despejar as aguas aos reservatorios dos viveiros.

Não digo que se construam de subito pesqueiros artificiaes em ponto grande, mas será conveniente fazer a experiencia em pequena escala; porque, cumpre principalmente observar se os peixes, assim creados nestes logares de ensaio, vem a ser da boa qualidade que os tornam muito procurados nos districtos que deixamos mencionados, por exemplo, a costa venezianna onde se compram as doiradas, tainhas, muges, e enguias, productos dos pesqueiros artificiaes, e que são estimadas pelo seu delicioso sabor, reputando-se peixe fino.

Os contratempos que damnificam os viveiros artificiaes e causam a morte de muitos peixes, são a raptura das valas, o frio, e o calor excessivos.

Depois de alguns estudos e experiencias em uma pescaria artificial que eu possuia no delta do Rio Pó, consegui introduzir um melhoramento, que tive a satisfação de ver acceito com gratidão por todos os possuidores de pesqueiros naquelle districto e ainda em outros pontos. Consiste na simples construcção de vallas em correspondencia com a rosa dos ventos, e em zig-zag; de sorte que quando o peixe sentia o vento norte retirava-se para as valas que deitavam para o sul, por serem mais quentes: e este systema de vallas evita que as aguas accumulando-se com a força dos ventos causem rompimentos nas vallas. Deste modo pode assegurar-se abundancia de peixe gordo e gostoso, porque nas mesmas vallas acha maior porção de alimento.

Entre esses peixes a enguia é o que abunda e propaga mais; é susceptivel de acondicionamento com que se pode levar a remotos paizes, conservando-se perfeitamente. Logo que se pescam cortam-se em pedaços, e depois de preparadas, e mettidas em barris com vinagre e sal, exportam-se com o nome de enguia marinada. Adquirem um

gosto tão agradável que na maior parte dos estados europeus fazem dellas grande consumo. As enguias estão em proporção com os outros peixes como 8 para 4.

Pelo que toca á propagação dos mesmos peixes explicarei a seu tempo como se colhem as ovas nas praias maritimas, e quaes são os melhores sitios para esse effeito. Disse — a seu tempo — porque estou concluindo experiencias appropriadas a este clima; e por essa occasião exporei o modo de construir os pesqueiros artificiaes, segundo o desenho que apresentei na exposição agricola em Lisboa no corrente anno.

J. GAGLIARDI.

#### DESCOBRIMENTOS CIENTIFICOS DO SEculo 19.º

São tão assombrosos, tem tanta novidade e ao mesmo tempo tantas e tão uteis applicações, os descobrimentos feitos nas sciencias, e postos em pratica nas artes durante a primeira metade deste seculo, que não podemos dispensar-nos de resenhar os mais notaveis; comprehendendo em succinto quadro as noções essenciaes respectivas a esses inventos, valendo-nos para isso da exposição e historia que no anno passado deu á luz o sr. dr. Figuier, e tambem algumas vezes do exame critico da exposição universal de Londres, publicado por M. James Ward. Começaremos pela

#### Galvanoplastica e a douradura chimica.

Da-se o nome de galvanoplastica a um conjunto de meios que proporcionam precipitar sobre um objecto, por meio de uma corrente galvanica, um metal que está em dissolução n'um liquido, de modo que forme na superficie do mesmo objecto uma copia ou camada continua, que represente exactamente o original com todas as suas dimensões, e as suas curvaturas.

Pelas operações galvanoplasticas reproduzem-se as medalhas, as moedas, os sellos, os sinetes, os cunhos, os baixos-relevos, as estatuas. As obras primas da esculptura, reproduzidas com pequena despeza, podem por este modo ser populares, multiplicar-se indefinidamente, arrostar as injurias do tempo e os insultos dos homens; por este lado a galvanoplastica serve á esculptura como a typographia ás ideias; e demais disso a galvanoplastica está no caso de introduzir importantes aperfeiçoamentos na arte da imprensa, já tão aperfeiçoada: fornece o meio de fabricar moldes para a fundição dos typos, e até mesmo destes caracteres de impressão; permite tambem multiplicar as chapas de cobre gravadas pelo artista, e ainda mais, gravar directamente por meio da corrente electrica uma chapa propria para se extrahirem provas em papel.

Em diversa esphera auxilia as primeiras precisões da vida, ensinando-nos a cobrir, mediante processos simples e pouco dispendiosos, os nossos utensilios caseiros com uma camada protectora e de metal inalteravel, como o ouro, a platina, a prata.

Finalmente, prestando-se a todos os caprichos da arte, dá-nos meios de reproduzir em cobre moldes de toda a casta de objectos naturaes, como fructos, vegetaes, partes organicas de animaes ou plantas.

A galvanoplastica é, effectivamente, de todas as invenções nossas contemporaneas a que prepara no futuro os resultados mais singulares e pasmosos. Em tempo mais ou menos proximo ameaça de graves alterações as formas e os processos actuaes da industria. Mediante a galvanoplastica, a pilha voltaica baixando do laboratorio do sabio veio tomar assento na officina do artifice, e as experiencias scientificas acharam campo nas operações das artes. As funcções da pilha como agente industrial são evidentemente destinadas a ganhar cedo ou tarde importancia infinitamente mais consideravel; nem pode estar remoto o momento em que as correntes electricas e o tratamento pelos reagentes substituirão nos estabelecimentos industriaes as grandes operações em que se emprega o fogo. Então as officinas metallurgicas appresentarão um espectaculo novo. Em vez das fornalhas immensas que levantam continuamente aos ares turbilhões inflammas, um instrumento quasi informe, composto da aggregação de alguns metaes de pouca valia, effectuará as mesmas operações sem despesa, sem bulha, sem apparatus visivel. Em vez desses exercitos de operarios que se agitam noite e dia n'um foco ardente, consumidos pelo calor, denegridos pelo fumo, entregues aos trabalhos mais violentos, ver-se-ha, n'uma serie de bellos laboratorios, uma legião de tranquilllos operadores applicarem-se a menear em silencio os aparelhos d'electricidade, e submeter o mineral e os metaes ao jogo variado das affinidades chimicas.

Este pensamento parecerá a muitos repassado de singular exaggeração, para não dizer outra coisa; mas, é porque a galvanoplastica ainda está quasi desconhecida na maior parte dos paizes; porquanto, ao passo que na Alemanha e na Inglaterra a industria felizmente se fez senhora de operações tão delicadas, em França são consideradas ainda como especie de brinco e só servem de diversão a alguns curiosos das sciencias; e n'outras regiões são de todo ignoradas. Para que se apreciem, pois, conveniente é dar a conhecer os processos da galvanoplastica, o estado desta arte nova, e as applicações a que se tem dedicado; e então pelos resultados já obtidos se comprehenderá quanto o futuro pode esperar desta nova e esplendida applicação dos descobrimentos contemporaneos. N'uma indicamos alguns resultados mais praticos, que depois desenvolveremos.

Passemos agora a sua historia. — A metallurgia

1 . .

electro-chimica teve o singular destino de ser descuberta ao mesmo tempo por dois physicos residentes em duas extremidades da Europa e que não tinham conhecimento algum de seus respectivos trabalhos. No anno de 1837, Thomaz Spencer em Inglaterra e o professor Jacobi na Russia, descobriram, cada um por sua parte, os principios essenciaes da metallurgia electro-chimica e realisaram as suas mais delicadas operações.

O sabio Volta apenas tinha completado, no começo do nosso seculo, o descobrimento da pilha electrica, observou uma das suas propriedades mais notaveis, isto é, a decomposição chimica das substancias submettidas á acção deste apparatus. Aquella insigne physico, no anno de 1801, verificou que a dissolução de um sal metallico, submettida á influencia da pilha se acha logo reduzida em seus elementos, de tal sorte que o metal vem depositar-se no polo negativo. Este grande phenomeno veio a ser posteriormente o objecto de consideravel numero de estudos e de investigações theoricas que deviam dilatar amplamente o campo das experiencias no dominio da electricidade. Mas, a principio, nada indicava que a reducção dos metaes pelo fluido electrico podesse vir a ser susceptivel de algumas applicações nas artes. Com effecto, a substancia que se depositava nos fios da pilha não tinha nenhum dos caracteres physicos que distinguem os metaes; era um pó negro ou pardo, sem cohesão, sem continuidade, desprovido de brilho, e n'uma palavra privado de todo o caracter metallico. So muito depois se descobriu que, em certas circumstancias, os metaes formados pelo meio galvanico podem appresentar o brilho, a cohesão, a continuidade, e todos os caracteres proprios dos metaes obtidos pela fusão. Bastava esta observação para dar nascimento á electro-metallurgia.

O facto essencial em que se basea a galvanoplastica somente no anno de 1837 foi marcado de um modo bem positivo: é verdade que, antes dessa epocha, alguns chimicos tiveram occasião de observar-o; mas reconhecido de um modo accidental e no decurso de investigações de outra ordem, e por outra parte, sendo estudado imperfeitamente e ignorado dos demais sabios, não tardou que ficasse em esquecimento.

Brugnatelli, discipulo e collaborador de Volta, em 1801 chegara a dourar a prata por meio da pilha conservando ao ouro o seu brilho metallico; mas, o resultado que obteve, considerado sob o aspecto scientifico, não tinha valor attendivel; e so a importancia adquirida em nossos dias pela galvanoplastica podia encaminhar a descobrir-se no pó das experiencias e recollecções scientificas da Italia os vestigios daquella tentativa esquecida.

(Continúa.)

## CADEA DE ALPEDRINHA.

## Seu estado.

« Não podemos convir com Moreau — Christophe, que estabelece, que tudo o que se pôde, tudo o que se deve exigir de um carcere, é que não mate; nós queremos não só que não mate, mas que sare, ou pelo menos, que prepare o restabelecimento da saúde fysica e moral. »

MORLAU — *Elementos de Hygiene Publica.*

Continua, e contigua aos paços do concelho, fica, na praça principal da villa, a cadeia de Alpedrinha. É toda construida de cantaria, e representa um parallelogramo — rectangulo, cujos lados maiores teem de comprimento trinta e seis palmos, os menores vinte e oito.

Consta de dois andares, divididos cada um em dois quartos; no primeiro residem os presos, no segundo o carcereiro com sua familia; a enxovia tem igual divisão, correspondendo os dois quartos de cima aos de baixo, e communicando-se uns com outros por alcapões e escadas de mão. Para cada quarto entra a luz por uma janella, guarnecida de duas ordens de grades de ferro.

Acham-se estas casas completamente encravadas na terra, correndo pela parte posterior do edificio uma rua quasi ao nivel do telhado; o terreno, a que estão encostadas, é humedecido pela agua, que rechema do aqueducto da Fonte do Leão. Pela enxovia passa, de mais a mais, uma torrente perenne.

Já se vê que devem ser, e com effeito são frigidissimas, e sobremaneira humidas estas tristes habitações do crime (e da innocencia tambem algumas vezes), e pela estreiteza das janellas, e disposição das grades, pouco arejadas, e ainda menos esclarecidas, não havendo vestigios de que em tempo algum fossem caiadas as suas paredes, e distando parte do edificio apenas quatro varas de um predio, que o assombra.

Como uma especie de lazareto provisório, uma especie de hospital de sangue, um mero logar de detenção, pertendem os medicos hygienistas se considerem as cadeas; mas á de Alpedrinha nenhuma destas qualificações pôde infelizmente applicar-se.

Aqui não se recupera a saúde physica. se os miserios presos a trazem perdida; e perdem-na, se a logram boa quando entram; não se curam as molestias, aggravam-se.

Em verdade os infelizes, que por algum tempo habitam estes carceres insalubres, arrastam uma existencia miseravel; opprimem-nos as enfermidades proprias de tão ruim morada.

Da saúde moral não ha fallar; convivem na mesma casa todas as classes de presos. Confunde-se o assassino aleivoso com o simples transgressor de uma ordem policial, o saltador por officio com o aventureiro, que vendeu sabão hespanhol; os innocentes, os menos culpados serão pervertidos pelos mais criminosos. Mostra-o a experiencia, e as Sagradas Letras o confirmam (*Cum perverso pervertitis. Psalmo XVII, vers. 27*).

Se é porém digna de lastima a situação dos presos neste recinto mortifero. não pôde deixar de affligir o coração, ainda o mais ferrenho, a negligencia criminosa, com que são tractados os indigentes.

Não teem uma enxerga, em que repousem o corpo, um cobertor, que os agasalhe, um escabello, em que se sentem; não teem lume, não teem luz, não teem agua; se não morrem todos á pura mingua, é porque lhes acode a caridade particular, que a publica não se lembra delles, não os conhece, ou, se os conhece, despreza-os absolutamente.

Reconhecemos a difficuldade de remediar alguns dos males, que ponderámos; para alliviar porém a mesquinha sorte dos presos indigentes não fallecem os meios.

As camaras municipaes, e administradores do concelho commettem, ao presente, nossas leis o melhoramento das cadeas, e o sustento dos presos; cumpam estas auctoridades com os seus deveres.

Pedimol-o em nome da humanidade, e, se isto não basta, em nome da justiça.

R. DE GUSMÃO.

## PARTE LITTERARIA.

A NOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXIX.

CONFIDENCIAS.

O abbade e o commendador, nos braços um do outro, deploraram muito tempo o sacrilegio de Filippe; depois sentados e attenciosos discorreram sobre a arte culinaria ou a antiguidade, e excellencias da meza, dos ornatos e primor dos aparadores, como verdadeiros contemporaneos de Lucullo, ou como intimos amigos de Horacio: finalmente, uma transicção do erudito, chamou a discussão ao terreno das apreciações litterarias, e não tardaram os textos e as divergencias, seguidas do costumado azedume. Felizmente o auctor da carta a Lucio Floro lembrou-se de que necessitava mudar de trajos e despediu-se. Lourenço Telles permittiu a retirada, e recolheu-se tambem ao seu quarto para se applicar aos artificios do laborioso toucador de um velho menino.

Em quanto os dois antiquarios renhiam sobre o merito relativo dos seus auctores predilectos, a

\* Já houve exemplo de fim tão desgraçado. Maria Joanna, desta villa, presa por se ter encontrado a lavar roupa com sabão hespanhol, appareceu morta na enxovia; procedemos á autopsia, por ordem da auctoridade judicial; reconhecemos que succumbira victima dos horrores da fome.

irmã de Thereza entrou no quarto da sua amiga D. Catharina de Athaide, trazendo na bocca o sorriso mais jovial e animado. A noviça ao espelho, ouvindo arrastar a porta, virou de repente a cabeça. D'ahi a um instante as caricias avivavam as rosas das suas faces, e o carmim dos labios accendia-se aos beijos de Cecilia.

As duas meninas assentaram-se uma ao pé da outra; e o rosto serio de Catharina, e a attractiva mobilidade da sua amiga, reflectiam no vidro indiscreto as imagens caprichosas.

— « Ficam-te bem as rosas, meu amor! » dizia a educanda enastrando as bellas tranças da noiva do conde de Aveiras entre os dedos afilados.

— « Quero prender estes anneis em cadêas de aljofar... a vér se ainda fogem! Sabes que eu sendo rapaz adorava-te a ponto de perder a alma? Estes olhos!... O que vejo nelles, e o que me dizem! Mas devêras; porque estás tão séria! Tens algum desgosto? »

— « Eu? Não, minha joia. Seismava... Quanto mais proxima está a hora, mais o coração se me cobre. Não sei o que é! Amo-o, e tremo! Desejo, e apesar disso tenho receios ainda... Nem a mim propria me intendo. »

— « Sustos de noiva, querida... e depois algum capricho! Deixas-me pôr estes teus laços á franceza? Dizem muito bem ás louras. Catharina, tomara os teus cuidados... »

— « Não fallas, menina!... Devia agradecer a Deus e contar os instantes; e quero alegrar-me com o jubilo de meu esposo e de meu pae... e a minha vontade é só chorar! Cecilia, não percebo; entristece-se-me a alma. Se o amasse menos, se o não conhecesse tanto, dizia que tinha medo. Vê a loucura!... Chego a ter saudades do convento... »

— « Oh, isso... parece muito demais... » acudiu a educanda, rindo e pondo-se de lado para verificar no espelho o effeito do toucado. « Qualquer coisa te faz bonita como um anjo. Queres que diga? Se fosse noiva, moça e galante como tu, pensava n'outra coisa. Não adivinhas? »

— « Não. »

— « Estudava o modo de chegar ao fim do anno com a ternura do primeiro dia. »

— « Ah! »

— « Incredula! De que te ris? Cuidas que não será bem doce sentirmos bater o coração com alegria e sempre namorado? Se me dessem a escolher qual queria, um throno, ou o amor... »

— « Sei o que preferias!... » acudiu Catharina rindo-se.

— « Preferia o amor, querida! — replicou a educanda. « A minha escolha era a ternura, a felicidade, não duvides! E não me enganava. Vês! Quando se ama não se envelhece; a vida risonha de esperanças torna-se tão curta! Até as mesmas lagrimas não amargam. »

« O quadro é bonito; somente pergunto: será elle verdadeiro? O que se quer acredita-se tão depressa! » Observou Catharina com melancolia.

— « Desconfiada! » interrompeu a sua amiga, unindo a bocca á della e enchendo-a de meiguices. — O seu gosto é contradizer-me. Olha; não sou assim; tenho fé. Se me enganassem... meu Deus! Antes uma dôr unica, e breve, a dôr da morte! Ha de ser tão custoso obrigar o coração a aborrecer, depois de amar! Estar no mundo só para chorar... Quando ponho isto na idéa, Catharina, conheço que posso enlouquecer... Fallemos de outra coisa. Não achas Thereza tão mudada? »

— « E dá-me cuidado. Vi-a hontem branca de jasper; assustou-me. Aquellas rosetas vivas nas faces; a sombra pisada dos olhos... Cecilia, tua irmã padece. »

— « E sabes o que eu desconfio da sua molestia? »

— « Dize! »

— « Tenho medo que seja amor. »

— « Julgas? »

— « Receio. Se lhe fallo de Jeronymo e lhe digo que se anime e o desengane, desata a chorar, e fecha-se um dia. »

— « Memina, é preciso valer-lhe. Este casamento não deve ser. É quasi deixal-a matar-se por suas mãos... »

— « Então?!... Convence-a tu! »

— « O que vou dizer-te, Catharina, é quasi uma certeza... »

— « Uma certeza? »

— « Sim, Theresinha disse-nos só a metade do segredo. Ás vezes esquece-se e os seus olhos fallam tanto, e sobem-lhe á cara umas cores tão vivas! Aquillo, acredita, chama-se paixão. »

— « Mas por quem? Não advinhaste? »

— « Sabes como ella é callada. Desde pequena o seu costume foi sempre soffrer e não se queixar. Não entendo senão que chora, e que as lagrimas... »

— « Nem sempre são de amor. Se é só isso, querida, desconfias mal, parece! »

— « Tu é que te enganas. Oh, os signaes que digo não mentem! Explicar-me-has porque, logo ao amanhecer, a luz do dia a encontra no jar-

dim, sosinha, escondendo-se entre as arvores, maguada e pensativa?... »

— « Às vezes será tristeza! Acho-lhe poucas razões de viver alegre. »

— « Pois sim. Mas só tristeza?... Vamos! Eu sei o que o amor é no principio. Estar só, abrir o seu coração sem que o vejam; respirar a dor, sem receio de que a ternura nos accuse... Chama-lhe tu pezar, que eu chamo-lhe paixão. Ai! ainda não nos atrevemos a confessar, e já nos faz saudade o tempo em que eramos livres como as avesinhas do céu... »

— « Como tu fallas, Cecilia! E é verdade! Talvez sejam os dias mais felizes... Aconteceu-me assim. Queria vel-o, o meu desejo era ouvir-o, e tinha um susto se me apparecia, e causava-me tamanho sobresalto se me fallava!... Era tanta a timidez, o enleio... No fim sabes quem diz tudo? O silencio. Muito creanças somos em amando! Até nos persuadimos de que os outros estão cegos. »

— « Finalmente » exclamou Cecilia em um repente gracioso. « Ainda bem que fallas como todas!.. Não te enfades; estou brincando. A mim succedeu-me o mesmo. A primeira vez desejei tomar-lhe odio. É verdade. Punha-lhe defeitos, impacientava-me... O meu gosto era que se fosse; e não sei a razão, não podia tirar a vista delle... »

— « Sei eu, minha alegria! »

— « Não digas nada; esse teu rir... Má! olha fiquei vermelha. Se continuas também sei o o modo de te fazer corada! Deixa-me dizer. Como ia contando, vi-o na igreja, uma noite de endoenças; pôz-se defronte de mim; e os seus olhos... Não te scandalizas? os olhos delle são mais bonitos do que os do conde; mais vivos, mais amantes... O certo é que não levantava os meus sem os encontrar. Deixei-os: abri o livro das orações; e assentei no proposito de não me lembrar senão de Deus... »

— « E dahi a um instante estavas a mil leguas do livro e das tuas orações? atalhou Catharina com malicia. »

— « Outra vez!? E se eu me callar? » replicou a educanda com um sorriso. « Mas acertaste! Os olhos não viam as letras e viam-no a elle; o coração não estava com Deus; e apesar do firme proposito que tinha feito, distrahia-me a todos os instantes... »

— « É claro... Perdiaste na leitura? »

— « Como tu se fosses eu! Tentei levantar-me e sahir, os joelhos eram de chumbo! E não amava ainda, vê? Não; aquillo não sei o que

era. Logo no primeiro dia! Mas o que ha de acontecer... »

— « Tem muita força! » interrompeu a noiva do conde rindo. « E toda a noite não fizeste senão pensar nelle, e batalhar com a lembrança? »

— « Ainda t'o não disse! »

— « Não importa. Disse-m'o este dedo. E depois?... »

— « Depois!... » respondeu Cecilia, corando, e atando-se-lhe a falla « se procurava o coração, achava-o tão longe de mim... »

— « Mas tão perto delle! » acudiu a noviça com ironia. « Percebo! »

— « Catharina, estás hoje!... » observou a irmã de Theresa muito vermelha. « Não te devia dizer mais nada. Não é bonito. Se queres que falle, não te rias. E no fim é verdade, porque me hei de esconder? O meu coração estava com o delle! Vim a saber depois que lhe succedeu o mesmo. Mas sem querer, protesto que não, horas inteiras esquecia-me com a sua imagem. Em sonhos fallava-me, e eu não fugia! Foi uma prophecia que se realizou... Sabes o mais curioso? Nunca lhe tinha ouvido a voz, não o conhecia senão daquella noite; mas as meninas, conta a minha ama, que adivinham, sonhando... Ai Catharina, grande mysterio é o amor!... Parece que ha uma coisa, que não vemos, levando e trazendo saudades de um para o outro. Succedeu-te assim? »

— « Quasi! São passos que todas damos, querida. E quando lhe ouviste a voz?... »

— « Era igual á do sonho, sem nenhuma differença! »

— « E, sobresaltada, sentiste que o sangue parecia lume dentro do corpo; as côres, á roda de ti, avivaram-se como se o sol as illuminasse? » exclamou a sua amiga com uma faísca deslumbrante nos olhos.

— « Sim! Tudo isso foi! D'ahi, fiquei uma estatua, sem animo, nem movimento. O maior accusador da ternura, Catharina, é o enlevo... elle felizmente estava peor do que eu. Não era susto, nem pejo só, era alegria também! Sentiamos tanto que não podíamos dizel-o. »

— « Acredito! mas não era preciso. Queres vêr como adivinho? Elle entendeu... »

— « Ai, menina! e melhor do que se lho dissesse; mais eu. »

— « Olha, Cecilia, quando lembram, fazem uma saudade esses dias! »

— « E lembram tanto! » acudiu a educanda com ingenuidade « Vê a dôr que será perdermos



a alegria e a felicidade! Parece que a estou sentindo... O pensamento fugindo para o martyrio, e a memoria cada vez mais cruel abraçando-se com a pena, e fazendo da alma uma sombra cheia de lagrimas!... Se um dia fosse enganada, não resistia. »

— « Sabes que estás convertendo em dia de cinzas as vespas do meu noivado? O agouro não é bom « acudiu a noviça com um meio sorriso. « Que é da tua alegria, Cecilia? »

— « Estas cousas são de tremer! Considerar que depois do amor podemos ser enganadas, e ficar infelizes, não o tornando a ver! Suppor que se ha de arrancar do peito a sua imagem, e o coração com ella... »

— « Querida Cecilia, deixa-te de sustos... »

— « Morria! » proseguiu a educanda sem a ouvir.

— « Com a dôr tambem se vive, menina. O tempo tudo apaga... »

— « Não; isto não pôde esquecer. A agonia dura mais ou menos, mas no fim estala-se do mesmo modo. »

— « Não digas nada. A ingratidão enchuga as lagrimas, e o ciúme... »

— « O ciúme?... Dize-me, Catharina, nunca tiveste zelos? » perguntou com os olhos accessos n'uma chamma repentina.

— « Minha joia, os ciúmes são os espinhos do amor. Não ha paixão sem elles. Graças a Deus, o meu foi sempre sem motivo. »

— « E assim mesmo? »

— « Assusta-me! Que queres? »

— « Tambem a mim. Quando me occorre, que estando longe, outra me rouba um sorriso, ou que elle a desvanece com os mesmos olhos que me prometteram tanto... »

— « E fazeres-te infeliz por gosto. »

— « Deixa-me! Só de o imaginar aperta-se-me o peito, e tenho uma nuvem sobre o coração. Nem posso gemer. Estremeço; e se é dia parece que o sol desmaia, e que tudo fica triste como de noute. Sinto um frio, uma inquietação!... Catharina, de todos os tormentos o maior deve ser os zelos. »

— « Não o procures sem razão! »

— « Até pareço outra! Nunca desejei mal a ninguém; e abraço-me de repente em odio sem saber a quem... Tenho vergonha de te dizer as loucuras que me passam pela idéa! As lagrimas queimam; os suspiros ardem; é um desasocego, uma raiva! Meu Deus, que horror ha de ser o ciúme verdadeiro. »

— « E não o aborrecias, não o detestavas, se te causasse esse martyrio? » perguntou Catharina olhando para ella com tristeza.

— « Não. Mesmo enganada... sei que o amava. Odio...? Antes a mim! A culpa de quem era se o perdesse? Eu é que o não tinha feito feliz como merece! Esquecel-o?... Não se vive assim de amor e não se diz depois que foi um sonho, tu bem sabes! Se a bocca não confessa, e os olhos somem as lagrimas, cuidas que é esquecimento? O coração tem tanta memoria! Deus, que nos vê, não o consola, porque sabe que não é possível. »

— « Nada de tristezas! » acudiu a noviça precipitadamente. « Dize-me: sempre suspeitas que a magua de Theresa seja amor? »

— « Olha, ia jural-o. »

— « Paixão grande? »

— « Quem sabe! »

— « E dizes?... »

— « Que estas coisas não se explicam. Menina, o seu ar distraído, a sombra daquelles olhos cheios de melancolia, que umas vezes se arrasam de lagrimas, outras se enchem de luz... aquillo não é natural. »

— « Não sei. Por ora acho cedo para fallar. Percebes porque ella se esconde e gosta tanto de estar só? »

— « Tem medo que a percebam... »

— « Então, tristeza e solidão?... »

— « Signal certo de paixão! »

— « O que nos contará o padre Ventura? »

— « Nada; ou quasi nada. »

— « Julgas? »

— « Affirmo. A sua arte é ouvir muito e dizer pouco. Alguma pergunta assucarada, se a fizer! »

— « É discreto, Cecilia. »

— « Não duvido. Discreto de mais. Queres ouvir? Assusta-me. »

— « Mesmo depois do que elle fez? »

— « Sobre tudo depois do que elle fez. »

— « É uma semrasão! »

— « E quando amaste o conde sem o conhecer, tinhas razão? »

— « É differente. Aquelle parece Jeronymo?... Não anda no jardim e não está olhando para a janella de Theresa? »

— « Assim ella tivesse animo de o desenganar! »

— « Não tem; eis o meu receio. »

— « Desengano-o eu! Sou quasi sua irmã, estimo-o, e não hei de callar-me, sabendo que se faz desgraçado. »

— « Cecilia!... E d'ahi!... Não sei o que é melhor. »

— « Jeronymo subiu? »

— « Não o vejo... »

— « Tenho tanta pena delle! »

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

#### POESIAS DE OTTONI.

(Continuado de pag. 563.)

As reminiscencias do seu paiz, e as saudades de sua familia, a que aliás não se se resolvia a vir reunir-se enquanto não melhorava de fortuna, preoccupavam o seu espirito.

Os dois seguintes sonetos, que o poeta dirigia de Lisboa a sua senhora, e a seus dois filhinhos, são o espelho de sua alma. O primeiro é uma bella imitação do soneto de Bocage — *Sonhei que nos meus braços reclinada*, — e está demaís assasonado com a deliciosa suavidade da ternura paterna com que Bocage não podia embellecer as suas poesias. O segundo é também imitação da prosopopeia de Nasão, no seu livro dos *Tristes*.

Parve (nec invidio) sine me liber ibis in Urbem

.....  
Longa via est, prope, nobis habitabitur orbis  
Ultimus, a terta terra remota mea.

É certo que o *Ponto Euxino* do nosso poeta era Lisboa, e o seu desterro até certo ponto voluntário; mas a melodia dos queixumes, a espera de que a sua Marília se condoesse do ausente, semelham bem os sentimentos de Ovidio:

Invenies aliquem, qui me suspirat ademptum  
Carmina nec siccis perlegat ista genis.

Eis os dois sonetos:

1.º

Sonhei, Marília, que contigo estava,  
Que o tenro Honório alegre me dizia:  
Meu pae! Apenas este nome ouvia,  
Suspenso nos meus braços o apertava;

Que a pequena Hedwiges reparava  
No meu semblante; como que sorria:  
Que os braços amorosa me estendia,  
E que eu ahorando as faces lhe beijava.

Antes, Marília, o sonho não tivera!  
Nos braços da saudade despertara,  
Porém, dór tão pungente não soffrera:

Sonhei, Marília, o que antes não sonhára,  
Pois passando de um gozo ao que não era,  
Sem filhos, sem Marília não me achára.

2.º

Marília, mal formados caracteres  
Apenas eu te envio; aos patrios lares  
Uma cópia darás de meus pezares,  
Um retrato de meus fideis deveres.

Vae, oh! carta feliz, não consideres  
Que tens de atravessar soberbos mares!  
E quando o paço de Marília entrares,  
Beija-lhe a mão formosa, se poderes.

De mim talvez Marília se condôa...  
Dize-lhe?! eu venho do formoso Têjo,  
Dize-lhe... oh dór!.. eu venho de Lisboa!

Quanto, oh carta feliz, quanto te invejo!..  
Vae... arranca-lhe um ai maguado... Vóá  
Nas brancas azas de um feliz desejo.

#### (Continuação das Poesias Sacras.)

Meu bom Jesus dos afflictos,  
Nesse horror d'angustia forte,  
Que atterra o impio, valei-me,  
Na grande afflicção da morte.

Nesse momento de horror,  
Quando a morte exprime acção  
De remorso e confusão,  
Que será de mim Senhor!  
A eternidade, o temor,  
Réu de innumeros delictos  
No meu nada os olhos fitos,  
Já sem luz... ah! quanto podes,  
Ai de mim se não me acodes,  
Meu bom Jesus dos afflictos!

Sobre o golphão da incerteza  
Debil voz de horror nascida,  
É mais opprobrio da vida  
Que expressão da natureza:  
Miséria, pranto, fraqueza,  
Coube aos humanos por sorte,  
A illusão tomba com a morte,  
Confessa o impio que ha Deus;  
Que raio contra os atheus  
Nesse horror d'angustia forte!

Que muito que eu por temor  
Te annunciasse noite e dia,  
Se o firmamento annuncia  
A gloria do Creador.  
Nas obras impio traidor,  
No meu delicto engolphei-me  
Cego, torpe, allucinei-me:  
Que horror, oh Deus! que desmaio,  
Suspendei, Senhor, o raio,  
Que atterra o impio, valei-me.

Foi por mim, meu bom Jesus,  
Que teu sangue derramastes,  
Morrendo tu me salvastes  
No patibulo da cruz:  
Não me negues vér a luz,  
Por mais tempo que supporte,  
O remorso ainda é mais forte  
Dai-me, oh Deus! amor, ternura,  
Nesse calix d'amargura,  
Na grande afflicção da morte.

## PADRE NOSTRO.

Senhor, que és Nosso Pae, que és adorado  
Nas alturas do ceu, teu nome seja  
Igualmente por nós santificado  
Na virtude, no amor, na paz da igreja.

As portas de teu reino franqueando,  
Descobrimdo o esplendor do eterno seio,  
Gozaremos da luz, de ti gosando.  
Nesse espaço de amor e gloria cheio.

O damno ou privação de nós desterra  
Na extensão da espaçosa Eternidade...  
Mas se o mandas, oh Dens!.. na ceu, na terra,  
Só porque é tua, faça-se a vontade.

Despresando o superfluo, nós sómente  
Te pedimos o pão de cada dia;  
Se a esperança de amor diz o que sente,  
Se a fé segundo as obras se avalia;

Perdoa-nos, Senhor, nós perdoamos  
As offensas de nossos inimigos.  
Não nos deixes cair, nós te invocamos;  
Quem foge da occasião teme os perigos.

A nossa alma na voz do pranto erguida,  
Espera, em premio de união fraterna,  
Ir segura dos males desta vida  
Gosar da redempção na vida eterna.

De Abraham no seio  
Nossos gemidos  
Foram ouvidos,  
Ó Deus de amor!

A mão, que pede  
Justiça no erro,  
Nosso desterro  
Cobriu de horror;

Mas o Incredulo,  
Que tudo encerra,  
Do ceu á terra  
Manda o Senhor.

Este dogredo  
Tu bem conheces;  
As nossas preces  
Ouve, Senhor.

## NOTÍCIAS E COMMERCIO.

**Precissão.** — Desde 1832 que em Coimbra se não fazia a precissão da rainha S. Isabel. Damos o louvor a quem competir por se haver feito este anno e com a pompa devida. No dia 3 veio o andor para a igreja de Santa Cruz e no dia 4 foi em grande precissão reconduzida para o convento de Santa Clara em solemne e mui concorrido prestito. As auctori-

dades tomaram parte honrosa nesta cerimonia religiosa e historica.

**Bombe avultado.** — O *Observador de Coimbra* noticia que na Lixa a 2 do corrente roubaram a um brasileiro cerca de 50 mil cruzados: estão já presos 3 dos saqueadores.

**Curso publico e gratuito de leitura e escripta repentina pelo methodo de A. F. de Castilho e de calygraphia pelo sr. D. Pedro Sebastião e Vila.** — Este curso já annuciado em todos os periodicos de Lisboa e para o qual se continuavam a receber matriculas no palacio do Sarmiento, rua dos Navegantes á Estrella, ha de-se abrir infallivelmente no dia 15 do corrente julhe ao escurecer. São admittidas a frequental-o pessoas de qualquer sexo e idade, tendo por isso de se dividir a totalidade dos discipulos em tres turmas para policia moral e boa ordem no ensino, a saber homens, mulheres e creanças.

Admittem-se igualmente a presenciar os trabalhos quaesquer senhoras e cavalheiros.

Aos senhores professores e senhoras professoras de instrucção primaria bem como aos senhores directores e senhoras directoras de collegios se offerece e pede para comparecerem aos exercicios, a fim não só de poderem julgar estes novos methodos com conhecimento de causa, mas tambem de ajudarem com as suas luzes e conselhos o auctor, quando assim julgarem conveniente.

Aos senhores chefes de estabelecimentos publicos ou particulares, taes como arsenaes, cordoaria, alfandegas, obras publicas, officinas, fabricas etc., assim como aos senhores commandantes de corpos militares e de navios do governo ou do commercio, roga-se concorram com a sua valiosa persuasão para que se aproveitem do offerecido beneficio todos aquelles dos seus subalternos que delle se possam aproveitar. Finalmente se espera que todos os senhores reverendos parochos das freguezias circumvisinhas ao logar da escola, principalmente, se dignem de empregar a ungida persuasão da palavra de Deus para moverem as ovelhas que a Providencia lhes confiou a accudirem — precisando — a este pasto abundante, agradável e tambem espirital, como já com admiravel e edificativa efficacia o estão fazendo os reverendos senhores priores de Santa Isabel e da Lapa.

**N. B.** Este curso durará até que a maioria saiba ler e escrever; concluido elle não será repetido.

Os alumnos que não forem assiduos na frequencia, e os que perturbarem a seriedade e a attenção das lições serão inevitavelmente excluidos.

**Real theatro italiano de Madrid.** — Diz-se que a proxima estação theatral terá principio em 2 de outubro com a *Beatriz de Tenda*, cantada pela Novello, Colletti e Cuzzani: seguir-se-ha a opera *I due Foscari* para estreia do tenor Roppa; e nesse mesmo mez irá á scena a *Semiramis* que ha muitos annos se não executa em Madrid; entrará nella a cantora Angri, contralto, que tem fama de rivalisar na voz com a Albani. Quanto a dramas de grande spectaculo, dos que se representam na Grand-Opera de Paris parece que se trata unicamente de *Roberto*

do *Diabo*, que é das poucas do repertorio francez que podem ser bem acolhidas em Madrid.

**Carruagens publicas.** — Parece que Lisboa deixará de ser como está sendo neste genero a ultima cidade da Europa. Estão-se acabando, para aiada neste mez se empregarem no serviço publico, os quatro primeiros *cabets*, de uma companhia que fará a obra meritoria de acabar com a sege de aluguer, ultima perfeição do incommodo, do perigo, e do absurdo. Sempre esperamos que a companhia dos omnibus nos fizesse este serviço; não o fez, paciencia. Os novos *cabets* são feitos na acreditada officina do sr. Nunes, e são como as mais aceiados de Londres: serão puxadas por dois cavallos, e governados na almofada. A companhia emprehendedora merece os mais sinceros e verdadeiros louvores. Deve por todos ser auxiliada e recommendada, para acabar com a vergonha publica das segues, e do mau serviço que prestam. É mister que a camara municipal tambem concorra nesta obra meritoria, impondo ás segues o direito municipal, duplo, triplo, ou mais ainda do que pagar cada *cabet*. Sem este meio ou uma grande fogueira não acaba este grande escandalo da viação publica pago irregular e arbitrariamente. Esperamos que a companhia fará uma tabella de preços por tempo, ou por distancias, e que a fará observar com o mais escrupuloso rigor, não perdoando neste ponto nem a mais leve falta aos empregados no seu serviço. Nós da parte da municipalidade queremos multas fortes ou prisão rigorosa para a mais pequena falta na observancia dos seus regulamentos para alugueis de segues na praça, os quaes deve reformar e pôr em pratica com o mais fiel escrupulo. Em todas as cidades da Europa este assumpto importante se regula sem a criminosa anarchia que se observa em Lisboa.

**Obra sobre a Italia que esteve para ficar incompleta.** — Mr. Thiers correu o perigo de morrer afogado, desembarcando do *Telemaque* em Genova; felizmente pôde agarrar-se ao seu criado; e perdendo tambem este o equilibrio cahiu ao mar, donde o pescaram os homens da equipagem valendo-se de cabos. O celebre historiador em breve partia para a Suissa, e passados os mezes do verão voltaria a Florença para terminar um trabalho sobre o renascimento da civilisação na Italia. Vae mandar gravar para esta obra perto de sessenta estatuas e quadros que fez daguerreotypar em Roma, Florença e Napoles.

**Antiguidades gregas.** — Por uma carta lida na academia de inscripções e bellas-lettas de Paris consta que Mr. Beulé, membro da eschola franceza de Athenas, descobriu a verdadeira entrada da cidadella atheniense, que debalde havia sido procurada até o presente. Foi preciso descer 30 pés abaixo do actual nivel do chão, desfazer sete muralhas sobrepuestas no decurso dos seculos e enterradas nas ruínas. Em 28 de maio ultimo appareceu de novo á luz do dia, depois de tão longo lapso de tempo, a escadaria de marmore que conduzia aos Propyleus. Mr. Beulé descobriu tambem a cerca da cidadella, admiravelmente conservada em toda a sua altura, construida de cantaria e de marmore pentelico em a mais bella epocha da arte.

**Telegraphia.** — O cavalheiro Bonelli termino um projecto de linha telegraphica nos estados sardo desde a capital, Turin, até Chambéry, que é da Saboya, mediante o qual se receberiam noticias de Paris em Turin 36 horas mais cedo do que pelo systema actual.

**Fraças estrangeiras.** — *Londres.* Os fundos inglezes conservavam-se firmes no preço: no dia 6 os consolidados abriram a 100  $\frac{1}{4}$ , e havendo alternativamente compras e vendas assim se conservaram por todo o tempo da praça.

Nos fundos estrangeiros havia pouca alteração: as transacções effectuaram-se, segundo a lista official, nos do Brazil a 101, de Buenos-Ayres a 78  $\frac{1}{2}$ , os 4  $\frac{1}{2}$  por cento russianos a 102  $\frac{3}{4}$  sem dividendo, os tres por cento hespanhoes a 48  $\frac{3}{4}$  e 49; os quatro por cento portuguezes a 38  $\frac{3}{4}$ .

O mercado do trigo estava paralisado, para se effectuarem algumas vendas foi preciso a baixa de um schelling.

As ultimas noticias do estado do commercio nas provincias indicam diminuição de actividade nos seus varios ramos, o que é devido aos preparativos para as eleições geraes do parlamento: concluido, os preços mantem-se firmes, e as indicações futuras são satisfactorias. Em Manchester o mercado tem estado pouco animado, mas abundante: no de Birmingham o numero de ordens tem sido menor que de ordinario, mas não tem esfriado as esperanças de vantajoso movimento ainda neste verão. Nas fazendas de linho irlandezas tem havido pouca alteração, sendo moderadas as transacções e permanentes os preços.

Diziam de Glasgow que se effectuaram muitas especulações com o ferro de fundição escoceza, e os preços subiram de um modo sensivel; as compras se fizeram pela maior parte, a 3 e 4 mezes, a preço de 44 a 45 schellings por ton.

**Bolsa de Paris:** 4 de julho: fechou com os seguintes preços; os quatro e meio por cento 102 fr. 65 cent., os tres por cento 71 fr. 45 cent.: acções do banco de França 2:742 fr. 50 cent.

**Bruzelas** 5 de julho. Fundos de 5 por cento 100  $\frac{1}{4}$ ; de 4  $\frac{1}{2}$  de 1844 a 95  $\frac{5}{8}$ ; ditos de 1836 a 86  $\frac{3}{4}$ : acções do banco nacional 1580 fr., do banco da Belgica a 75  $\frac{3}{4}$ , ditos da emissão de 1841 a 105  $\frac{1}{4}$ .

**Bolsa de Madrid** 6 de julho. Neste dia como em o precedente não se realisaram operações de fundos publicos, que estavam quotados pelos seguintes preços: tres por cento consolidados sem coupon a 44  $\frac{1}{2}$ , tres por cento diferidos a 22, acções do banco de S. Fernando a 105.

## BIBLIOGRAPHIA.

COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL, por José da Motta Pessoa de Amorim.

Publicou-se a 18.<sup>a</sup> folha do tomo 3.<sup>o</sup> e contém:

*Historia prophana.* — Italia, historia romana, a lei das doze taboas, creação dos decemvros.

Vende-se a 20 rs. a folha na rua Augusta n.<sup>o</sup> 1 e 8; e a 300 rs. por volume. nos principaes livreiros de Lisboa, Porto, e Evora.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 2.

QUINTA FEIRA, 22 DE JULHO DE 1852.

12. ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### O BANCO DE PORTUGAL EM BELAÇÃO À SITUAÇÃO FINANCEIRA.

Le crédit, sous sa double forme de crédit public et de crédit privé, mérite d'être classé sur le même rang que la vapeur et l'imprimerie, au nombre de ces forces qui sont destinées, appelées à changer la face du monde, et qui sont en voie d'opérer sur la terre la transformation de toutes classes au profit de la liberté comme de l'ordre.

M. CHEVALIER.

#### I.

O rigoroso cumprimento do plano da REVISTA nos impõe o dever de prestarmos a nossa attenção a um dos aspectos da mais importante questão economica do paiz.

A REVISTA não trata, não pode tratar da solução de questões que não sejam economicas e que não estejam ou não possam estar fora da infausta acção dos partidos.

Infelizmente, uma parte importante do assumpto que vamos considerar, só na região dos principios se pôde collocar longe dessas paixões que tão caro fazem pagar ao paiz a sua prosperidade.

No campo do estudo em que vamos entrar, não veremos pessoas, nem pretendemos que nos vejamos.

A discussão é só de principios e de argumentos: fora destes pontos não temos nada a considerar.

A REVISTA tem sustentado que, attendendo aos rapidos progressos que a Europa fez no caminho da civilisação, era impossivel que o paiz consumisse tempo e valores em luctas politicas, sem grave prejuizo dos seus mais queridos interesses.

Pelo espaço de 11 annos se tem mantido firme no terreno dos principios deste jornal o estandarte em que está escripta a esperança no futuro e a crença no presente.

A justiça que se vae fazendo a todas essas luctas cada vez mais nos robustece essa esperança e essa crença.

Temos sustentado a necessidade de um amplo desenvolvimento das forças productivas do paiz, fecundando a agricultura, protegendo a industria, e animando o commercio. Só temos reconhecido como meios seguros e verdadeiros de obter esses fins, o ensino, a facil e rapida viação, e o credito. Com este terceiro meio se prende hoje o ponto que está por nós sendo meditado.

Parece-nos que a nossa situação financeira representa o phenomeno, digno de estudo, de um paiz rico com um governo pobre. Sem as necessarias estatisticas, que nos faltam, assim mesmo as phases da nossa vida economica ha annos fazem ver crescer a producção nas diferentes applicações do trabalho. Este crescimento se vê como o da planta que se observa em poucas horas.

Não pretendemos que esta proposição se considere como a guarda avançada de uma rede de novos tributos; mas diremos que fóra de Lisboa e Porto, onde a contribuição directa se accumula com desigualdade sobre alguns contribuintes, o imposto na sua irregular e muitas vezes camararia cotisação dá apenas um indicador do auxilio que poderá, sem prejuizo da producção, prestar ao estado, logo que hajam communicações rapidas, e progressos materiaes.

Todos os problemas economicos do paiz envolvem uma incognita, em quanto as communicações internas não passarem do estado barbaro ao estado civilisado.

As cidades, as villas, as aldéas estão ao presente mais isoladas umas das outras, em Portugal, do que o resto das nações civilisadas em relação a cada uma dellas. A difficuldade do transito augmenta espantosamente a sua distancia. Ora sem ensino agricola nem industrial, sem communicações, é impossivel calcular o que deva ser, no estado de verdadeira civilisação, o nosso rendimento nacional: e sem tomar em consideração este rendi-

mento normal, também se não pôde dizer nada sobre a receita futura do paiz.

Existe hoje no animo da nação uma idéa fixa, dominadora, assente em um convencimento intimo e em uma experiencia longa e dolorosa, é o desenvolvimento dos interesses phisicos da sociedade. Se ha 20 annos sobre este assumpto houvesse como hoje um desejo tão conforme e ardente, dois terços dos nossos erros e das nossas desgraças não se teriam escripto nas paginas da nossa historia moderna.

Estas considerações são as unicas lentes atravez das quaes, com verdade, se pôde vêr a nossa situação financeira.

Conhecida a posição geographica do paiz, o seu solo e clima, basta suppor que uma rede de faceis communicações o cobre, que uma linha ferrea o liga por Hispanha ao coração da Europa e ao seu extremo, para conhecer que o oceano a entrar pelo nosso porto principal, um dos melhores do mundo, completa um quadro que a imaginação não alcança; mas que os vindouros não deixarão de contemplar com respeitosa admiração.

E estas eras quasi epicas da nossa vida do trabalho, depende da geração actual aproxima-las ou retarda-las.

E tal responsabilidade impoem deveres grandes e rigorosos.

Na situação actual o credito é o vapor que nos pôde abreviar as distancias, que nos separam dessas eras. Os factos provam que os bancos são os instrumentos desta instituição, que assenta na confiança, isto é, no mais nobre e valioso sentimento moral do homem e da sociedade.

Não nos parecendo que na pratica da sciencia economica Portugal possa acertar mais do que a Inglaterra e a França — somos de opinião que não pôde haver senão um só banco de circulação, e um só papel de credito circulante.

Entre outros artigos, em tres que nos lembra, fundamentamos já devidamente esta opinião, que não teremos duvida de mais amplamente sustentar: foram — o rendimento e despeza de alguns estados da Europa <sup>1</sup> — a crise commercial <sup>2</sup> — união dos bancos de França <sup>3</sup>.

Partindo de tal principio, vejamos como a maneira de considerar a situação financeira pôde inutilisar uma verdadeiro elemento de prosperidade publica.

É facto historico que a maioria dos bancos de desconto e circulação assentam na base de contractos com o estado, nascidos de dividas que se não podem ou devem pagar de prompto. É facto incontestado que essas bases uma vez assentes, nenhum partido, nenhuma opinião deve promover a perturbação da harmonia, e das compensações que por tal forma se estabeleceram.

Em França, em Inglaterra onde a *liberdade dos*

<sup>1</sup> Volume 7.º n.º 16.

<sup>2</sup> Idem n.º 18.

<sup>3</sup> Idem n.º 24.

bancos tem um partido illustrado e importante, o qual que se faz é confiar a impugnação do systema em que se fundam os bancos dessas nações a escriptores distinctos, que de campo da theoria não passam nunca para discussões que enfraqueçam a confiança publica, que é de tanto dever conservar como a ordem social.

Em relação aos diferentes governos, seja qual fôr o partido que representem, nenhum acto promove nem sequer a mais leve suspeita do desejo de não cumprir religiosamente o que foi contractado para manter e promover o credito por meio dos bancos.

Desgraçadamente em Portugal não se procede assim. Talentos elevados, intelligencias lucidas, trabalhos conscienciosos concorrem para manter em duvida permanente — o que para bem da prosperidade publica deve ser incontestado e fielmente cumprido.

E' de alta conveniencia desvanecer essas duvidas e esses receios, que taes meios tenham feito despertar no publico.

E' preciso, é indispensavel assentar que existe unidade de governo, que existe solidariedade dos actos da responsabilidade do estado.

As obrigações, o seu cumprimento reciproco, só devem depender dos factos que lhe deram origem, sem estar continuamente a depender dos homens. Como a generalidade das nossas observações não abrange pessoas, diremos, que á vista do que temos presenciado parece que em Portugal, á similitude dos contractos em relação aos vinculos — os contractos com o governo só podem contar segurança quando os immediatos successores também os approvam: mas neste caso os immediatos successores são muitos e mesmo alguns desconhecidos. O impossivel salta do absurdo da conclusão; mas a mais fatal das experiencias é que nos conduz a elle.

O governo deve ser sempre o mesmo para a observancia dos contractos, para a manutenção do credito — o que não sabe governar sem cumprir o que está garantido não tem direito a que se acredite, não só no futuro das suas promessas, mas nem ao menos na boa fé que as inspire. Por mais puras e patrioticas que sejam as intenções, é dos actos do governo que em tal caso nasce o direito, a necessidade absoluta de o não acreditar. E a desconfiança legal a minar a base do poder amortece a esperanza dos mais legitimos e precisos melhoramentos.

Como não seja da nossa intenção referirmo-nos a um certo governo — as nossas observações abrangem todos os qua se tem collocado em taes circumstancias.

Na actual situação financeira os argumentos com que mais se tem tentado (com as melhores intenções) pôr em duvida pontos importantes relativos ao Banco de Portugal, são:

Egualar a divida muito especial do estado para com o Banco a outras dividas do mesmo estado;



Considerar como amortisadas pelo estado as notas do Banco de Lisboa, amortisadas em virtude da carta de lei de 13 de julho de 1848, sustentando que o Banco deve juro pelas notas do Banco de Lisboa pelo tempo da circulação;

Julgar que o pagamento do empréstimo dos 4 mil contos se pôde sujeitar a qualquer deducção;

Sustentar por uma assersão isolada, que a venda feita pelo Banco das acções com juro sobre o fundo de amortisação a 80 por cento é de grande vantagem para o mesmo Banco.

Apontaremos algumas considerações sobre cada uma destas opiniões.

A igualdade absoluta — que na vida social se tem provado ser a maior das injustiças — não tem menos inconvenientes applicada a qualquer systema de finanças. E não se pense que impugnando esta igualdade, que é só ideal, votamos ao desprezo o que se chamam dividas defenidas. Queremos para ellas alguma coisa de semelhante ao que providenciou a lei hispanhola de 4 de agosto de 1851, que regulou a divida publica. — E' preciso recensear essa divida — saber o que ella é antes de a tomar como um tropeço para a collocar preferivel a contractos solemnes que regulam o mechanismo do nosso credito publico.

Convem recensear, classificar a divida defenida, e fixar as regras indispensaveis de prescripção para uma boa parte della.

Caminhando direitos ao nosso fim, que é observar a situação financeira em relação ao Banco de Portugal, pomos de parte muitas considerações que nos occorrem sobre diversas importantes partes dessa situação.

Em 1846 houve uma crise geral nas finanças do paiz. Os factos na sua simplicidade são os seguintes: — O estado quebrou — e os que com elle commerciam licitamente em virtude da lei suspenderam os seus pagamentos, por uma consequencia necessaria que tem occorrido em todos os paizes em identicas circumstancias. Os maiores credores foram os primeiros a impossibilitar-se de solver os seus debitos. Os dois estabelecimentos monetarios — Banco de Lisboa e Companhia Confiança Nacional — suspenderam os seus pagamentos. O estado vende as suas victimas considerou que abandonalas a uma liquidacão prompta — era condemnar uma obra sua, era a mais certa e a mais injusta das ruinas. A moral publica — a fé dos contractos concedia a esses estabelecimentos um direito tanto ou mais forte contra o estado do que o concedido nas leis a favor dos credores de taes estabelecimentos. Ao passo que o processo de suas contas se fizesse nos tribunaes do commercio, o processo do credito do estado, a má fé das suas contas ficaria processada no grande jury da opinião publica. O governo não procedeu tão iniquamente. Foi convocada uma reunião dos interesses prejudicados na crise, e nesta convocação de devedores ao trabalho e ao capital do paiz o governo tinha o primeiro lugar. Desta

reunião sahiu uma concordata que foi o decreto de 19 de novembro de 1846.

A comparação das provisões do decreto com o importante relatorio que o precede é o nucleo das obrigações reciprocas, que desde a sua promulgação ligaram, não dizemos o governo, mas a nação, ao Banco de Portugal.

E' difficil transpôr o tempo para julgar os factos.

Hoje, em 1852, não se podem avaliar como em 1846 as disposições desse decreto, das quaes muitas foram posteriormente confirmadas, como indispensaveis em theoria, pela crise geral da Europa de 1848. O que hoje a nós mesmos nos parece infundado, não podia deixar de ter nessa epocha um fundamento seguro, uma razão incontestavel.

O meio circulante estava viciado — o necessario representativo dos valores, na facil circulação dos productos, tinha um desfalque que affectava toda a riqueza publica. As necessidades do estado eram taes e tão urgentes que o subsidio desse mesmo meio assim viciado lhe era preciso para solver os mais instantes encargos. Era em proveito immediato seu que tambem o curso forçado desse meio se decretava e que a sua somma se fixava. Ao mesmo passo o estado queria pagar, mas' differindo para longo prazo o pagamento de dividas vencidas, contrahidas com juro modico e sem que os seus credores houvessem dado menos do que o representativo dos seus creditos.

Os dois estabelecimentos monetarios que se uniam differiam assim pagamentos que deviam receber de prompto, devendo considerar-se que uma parte dessa divida do estado era de immediato reembolso e servia para satisfazer as notas do Banco de Lisboa. Tambem este accordo teve um fim mais elevado e de effeitos mais remotos do que os que já consignamos — promulgou a existencia futura de um grande estabelecimento de credito — da ruina geral fez surgir a certeza de que se poderia esperar do Banco de Portugal, passado algum tempo, importantes serviços á prosperidade publica, sendo cumpridas as obrigações do governo para com esse nascente estabelecimento. Assim devia ser, porquanto era da liquidacão dos creditos sobre o estado que devia provir o capital que tinha de destinar ao fomento da riqueza do paiz.

A todas estas considerações se acudiu por dois modos.

Juntando as dividas tão especiaes, a que alludimos, em uma só verba — o capital do Banco de Portugal:

Ficando um papel circulante com curso legal por certo espaço de tempo, e amortisação determinada. — Este papel foram as notas do Banco de Lisboa e a sua amortisação foi imposta ao novo Banco.

Os proventos deste meio circulante eram a compensação dos encargos a que o governo obrigava os dois estabelecimentos monetarios que se juntaram no Banco de Portugal — não só com a moratoria ao seu debito para com elles, mas ao pagamento

que lhe impunha de mais debitos do mesmo governo a diferentes corporações e pessoas.

As notas do Banco de Lisboa deviam ser, portanto, durante vinte e tres annos moeda do Banco de Portugal.

Para se julgar do conjuncto de todas estas providencias, convem chamar a attenção sobre os seguintes periodos do relatorio do decreto de 19 de novembro que a ellas se referem; e são

« A intima ligação que existia entre as associações do Banco de Lisboa, e da companhia Confiança nacional...; e a difficuldade de repartir o Banco de Lisboa com a companhia o equivalente do beneficio que lhe resultaria do curso legal das notas, deu nascimento á idéa de reunir o activo e passivo das duas corporações. »

« Todas as disposições... são por tal maneira connexas e ligadas que em vão se quereriam separar. »

E deve notar-se — que o pagamento feito pelo novo Banco a outros credores por supprimentos sem ser o Banco de Lisboa e companhia Confiança foi uma distribuição por esses credores do beneficio equivalente ao favor da circulação legal das notas que ficava desfructando.

Agora perguntaremos.

¿ Estam ou não pagos pelo Banco esses supprimentos?

¿ E onde está o favor do curso legal das notas do Banco de Lisboa?

¿ Não foi este reduzido de vinte e tres annos a muito menos tempo?

Será diminuto o interesse de tal circulação? Vejamos o prejuizo, que resulta para o Banco, de se não haver cumprido o que a tal respeito determinava o decreto de 19 de novembro.

Sendo a amortisação das notas de 216:000\$000 annuaes, o juro sobre o nominal com giro a 5 por cento seria em vinte e tres annos. 2.905:840\$682

Esse interesse fica reduzido pelas amortisações já feitas até 30 de junho e subsistindo a amortisação de 36:000\$000 mensaes. 964:273\$078

Eis aqui por tanto o prejuizo. 1.941:567\$604

A esponja da egualdade não pode apagar as circumstancias especiaes das dividas do estado a um estabelecimento de credito a quem se impoem obrigações e se retiram compensações.

O Banco, á custa de sacrificio seu, deu rasão aos clamores levantados para encurtar o espaço, em que deve usufruir o curso legal das notas. Ahi está a prova nas capitalisações que as retinham em seus cofres, e que annualmente lhe custaram cerca de 30:000\$000. E apesar de anticiparmos um argumento a outro ponto deste trabalho, não podemos deixar de recommendar aos contadores dos juros que o Banco deve pelas notas do Banco de Lisboa,

que não se esqueçam de explicar que juro elle deve ao estado pelas que capitalisou.

Não se julgue que sustentamos a permanencia das notas do Banco de Lisboa como meio circulante por vinte e tres annos: concedemos que foi beneficio publico abreviar este espaço — mas se tal beneficio se adquiriu á custa de uma das partes de um contracto — o seu direito não se deve occultar nem sofismar.

É por tanto impossivel pelo contracto que reconhece os direitos de dividas contrahidas pelo estado ao par e juro modico — que no acto da sua propria promulgação augmentou mais a divida e pela falta das compensações que se offereceram pelos encargos — o egualar a divida do estado ao Banco ás outras dividas do mesmo estado.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

(Continúa.)

## DESCOBRIMENTOS SCIENTIFICOS DO SÉCULO XIX.

### Galvanoplastica e a douradura química.

(Continuado de pag. 4.)

As indicações de Brugnatelli eram, como se disse, expressas em termos tão vagos que não moveram os sabios a proseguir no exame do facto que annunciava; os ensaios do physico de Pisa não puderam influir na criação da electro-química. Igualmente não tiveram seguimento os factos avulsos observados por Mr. Daniell e M. de la Rive.

Porém, pelos fins de setembro de 1837, um physico inglez, ainda moço, Mr. Thomas Spencer, dedicou-se a repetir e verificar as bellas experiencias de M. Becquerel sobre a formação artificial das especies mineraes com o auxilio de correntes electricas de fraca intensidade; no decurso destes ensaios o acaso lhe forneceu occasião de confirmar o facto, que devia dar nascimento á galvanoplastica. Mr. Spencer trabalhava com um só par voltaico formado por um disco de cobre junto por um fio metallico a um disco de zinco. O elemento cobre mergulhava-se n'uma dissolução de sulphato de cobre, o elemento zinco n'uma dissolução de sal marinho; ambas ellas, mettidas em vasilhas de barro, estavam separadas por um repartimento poroso de gesso. É o pequeno aparelho, construido por Mr. Becquerel, para produzir uma corrente electrica fraca e continua; é uma pilha voltaica, reduzida por assim dizer á sua expressão mais simples. O fio de cobre que reunia os dois metaes era envernizado com a cera que é especie de lacre: succedeu que alguns pingos deste cahiram no disco de cobre e adheriram a elle de tal modo que, posto em acção o pequeno aparelho, o cobre reduzido depositando-se sobre o elemento negativo veio fixar-se nas bordas dos pequenos pingos cahidos na chapa. O metal precipitado tinha demais disso o bribo, a cohesão e todas as propriedades do cobre obtido pela fusão. — « Percebi logo (diz Mr. Spencer) que estava na minha mão encaminhar á vontade a

deposição do cobre, e vasal-o em certo modo em regos abertos a buril n'uma chapa de cobre envernizada.

Mr. Spencer tomou uma chapa de cobre, deu-lhe uma camada de verniz resinoso, sobre este abriu letras com um buril, e submetteu a lamina de cobre assim preparada á acção de uma corrente voltaica. O resultado foi como o previra; o metal reduzido veio encher os riscos traçados no verniz e formou verdadeiros caracteres typographicos de cobre. Mr. Spencer conseguiu dar a este processo a regularidade e exactidão bastantes para poder submeter-se á prensa typographica uma chapa de cobre cheia desses caracteres em relevo. No anno de 1838 foram distribuidas ao publico provas em papel obtidas com esta especie de *cliché* de origem electrica.

Todavia, se as investigações de Mr. Spencer não tivessem resultados mais importantes, é provavel que não nascesse ainda a galvanoplastica. Felizmente, outro acaso lhe fez contemplar o seu descobrimento sob outro aspecto. Certo dia, carecendo de uma chapa de cobre para formar um dos seus pequenos aparelhos voltaicos, e não achando á mão um disco deste metal, tomou uma peça de moeda que reuniu por um fio metallico á uma rodella de zinco: este par foi disposto como de ordinario, e a deposição começou a effectuar-se. Mas como, decórridas algumas horas, a experiencia não caminhava conforme o seu desejo, desmontou o aparelho e poz-se a arrancar aos bocados o cobre reduzido que recamava o elemento negativo. Não foi pequena a sua admiração vendo todos os accidentes, todos os toques da peça de moeda, reproduzidos naquelles fragmentos de cobre com extraordinaria fidelidade. — « Resolvi então (continua o inventor) repetir esta mesma experiencia, fazendo uso de um medalha de cobre de consideravel relevo. Formei como anteriormente um aparelho voltaico; fiz depositar-se uma crusta de cobre de perto de um millimetro de grossura; depois, separei com cuidado, e não sem algum custo, o deposito formado: examinei o resultado com uma lente, e vi todas as particularidades da medalha reproduzidas com maravilhosa fidelidade na contra-prova voltaica. »

Feita esta experiencia, estava achada a galvanoplastica. Escusado é dizer que depois de ter assim vasado medalhas e peças de moeda, Mr. Spencer serviu-se destes moldes para obter contra-provas, que eram perfectos facsimiles do original. Nos primeiros mezes de 1838 as moedas e medalhas assim obtidas eram cousa commum em Liverpool. Submeteram-se algumas ao exame de um habil cunhador de medalhas de Birmingham; este perito declarou que as medalhas commettidas á sua inspecção eram cunhadas pelo balaucim; sómente notava « que se havia alterado o reverso dessas medalhas pelo emprego de acidos. » — E accrescentou caridosamente que aconselhava Mr. Spencer a que não arriscasse a sua reputação prolongando semelhantes mystificações!

Ao mesmo tempo que este descobrimento se effectuava em Liverpool, Mr. Jacobi, na Russia, era conduzido por outra via a resultados quasi identicos.

(Continúa.)

## PARTE LITTERARIA.

A mocidade de D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXIX.

CONFIDENCIAS.

(Continuado de pag. 10.)

Em quanto as duas meninas fallavam a seu respeito, Jeronymo sentindo-se triste tinha descido ao jardim. Não era magoa nem pezar, mas uma vaga melancolia, que lhe cubria o coração. O dia sereno, o sol, e as flores, não o distrahiam. Achava dentro em si um receio, uma apprehensão, cuja causa ignorava, cujo effeito debalde combatia.

Esta alma firme em vêr o rosto aos perigos, costumada a medir-se sem fadiga com os trabalhos, desanimava facilmente com as penas do amor. O mancebo, que ainda creança fazia passar o padre Ventura nas selvas da America pela serenidade em contemplar a morte; o soldado que nos temporaes do oceano, e na refrega das batalhas, podia contar as pulsações do peito e não as ouvir mais rapidas, era na presença de Theresa timido de coração que nem uma donzella!...

Bastava algum rigor nos olhos da filha de Filippe para os seus perderem todo o brilho. Nos animos fortes vê-se isto quasi sempre! A alma entrega-se e não exulta senão depois de fundir na sua ternura infinita os grandes affectos, que são a alegria e a dôr do homem: o carinho filial, a sensibilidade materna, e o amor paixão!

A contar dos annos, em que a mocidade principia a sentir, adivinhando a vida, Jeronymo absorveu a sua na adoração da irmã de Cecilia: Na distancia, e no estrepito das armas, a saudade de Theresa acompanhava-o. Entre as recordações ditosas da patria e da familia, a imagem querida sorria-se e alentava-o; o seu jubilo era vel-a e ouvil-a dentro da alma; fugir do mundo para a solidão com ella; e suavisar as vigílias do campo e do convez entretido com estas memorias e cuidados, tão suaves de gemer, tão doces de escutar!

Queria muito a Cecilia, ainda a julgava mais seductora; mas os seus modos infantis e os seus caprichos assustavam-no; tinha medo de lhe confiar a felicidade. O character serio e reflectido

de Theresa altrahia-o mais. Costumou-se a consagrar-lhe todas as saudades, a invocal-a em todos os transes e combates, como ao seu anjo consolador. Juntos, não formava um desejo, não tinha verdadeiro praser, senão unindo o coração ao della. Ausente, as formosuras raras pareciam-lhe menos bellas. De dia e de noite via os olhos de esmeralda, cheios de silencio, nas ondas agitadas, no tremulo resplendor, nas folhas luxuriantes dos tropicos. O tempo não consumiu, exaltou o affecto; o amor fez-se paixão. E que amor! A chamma de uma alma immensa na ternura, unica no sentimento!

Ao pé della, Jeronymo não queria viver senão do sorriso e da luz, que lhe concedia. Esta paixão, submissa e sensível, tinha lagrimas e prazeres secretos que ninguem sabia. Uma palavra mostrava-lhe ás vezes o paraíso; a mais ligeira nuvem, passando pela frente da donzella, carregava a sua de tristeza. Os desejos de Theresa eram ordens; os menores enfados pareciam-lhe infortúnios. Era um escravo abençoando os ferros voluntarios; era um fanatico absorto no extasis perpetuo! Sem desgosto quebraria a espada, se todo o seu orgulho não fosse subir mais para a elevar comsigo.

As saudades, que o magoavam longe, soffria-as sem queixume. O que valia o sacrificio proprio, quando a gloria obtida faria feliz a esposa da sua escolha? Era tão válida a fé, que chegou a não acreditar na morte, suppondo-se invulneravel pela virtude do amor! Temerario, como a audacia, ardente na lucta, porque a lucta era a sua estrada, ria-se dos perigos passando por elles certo de achar premio logo adiante. A muitos o canção da vida arroja-os a competir com o impossivel. Nelle a paixão era o heroe. Se a imagem de Theresa, apagando-se de repente, deixasse de o illuminar, o braço e o coração caíam sem poder.

Os sentidos nunca lhe profanaram a ternura. Se amasse um anjo, não podia elevar mais a pureza do seu culto. Era a virgindade timida, a candura ingenua de um coração infantil. O amor nascia d'alma e não da imaginação; estava no espirito, e não nos labios. A casta chamma ardia em toda a innocencia, e não se maculava com os appetites sensuaes. Em tantos annos, ousára aspirar só aos favores, que o mais delicado pudor nunca receia conceder.

Pobre Jeronymo! Como elle amava! E como a fortuna o trahia, fingindo-se amiga! Se conhecesse a verdade!... Para quê? Os animos fortes,

quando se confiam, e se deixam dominar, resistem poucas vezes! A dôr que os córta é a primeira e a ultima; e se o desengano chega tarde, o coração estala de o ouvir; porque excedeu a medida humana. Não se resignam, nada lhes resta a que se abriguem! O tempo não os cura; nelles foi a vida que morreu! Tambem os prantos não consolam. Existiam pela união de outra alma; e expiram apenas sabem que estão sós. Acabada a illusão, não tem que desejar nem que perder! D'ahi por diante o mundo serve-lhes de desterro; é um deserto, em que a saudade os arrasta, procurando a ventura que passou.

O resto (ainda alguns mezes de martyrio), não é viver. A bocca toma aquelle sorriso pallido, que parece aberto em marmore, e diz mais do que os lamentos e os suspiros. A fronte cobre-se de lucto, e apesar de mil esforços deixa impressas no rosto as sombras da funebre desesperação. Sem brilho, e sem calor, a vista fria como o coração, e morta como a esperança, parece não ver mais que o tumulto, aonde está sepultada a felicidade! Julgando de leve, e não vendo manar sangue, o mundo olha e exclama: « esqueceu; consolou-se! » Mas o observador, pondo a vista mais longe, sente-a arrasada d'agua, porque sabe que depois de se gosar o amor nunca mais esquece! A alma queixosa calla-se. O que tem ella a dizer aos homens? O seu refugio é o silencio e a melancolia da noite, para voltar aos sitios, em que foi ditosa, semelhante ás sombras dos que já viveram. O mais é falso. O sorriso que dorme sobre os labios mudos, a palavra que apenas está na bocca, representam a comedia do orgulho, e não fazem senão mentir. Perante Deus, cahe a mascara, e as memorias do passado revoando cravam um espinho novo, e ateiam as chammassas do incendio. Depois do amor, a paz e o esquecimento estão na morte.

Tudo fica insensível, menos o logar, em que a paixão gravou em fogo a sua imagem, indelevel, eterna, capaz de resistir aos invernos da velhice, ao delirio dos sentidos, e ás fadigas da ambição. Mesmo aos pés de outra, mesmo cuidando esquecer, o coração lembra-se, e não offerece mais do que um suspiro sem ardor! Nos braços de amores voluveis, a razão cõra, a saudade magoa-se, e a alma despertando com horror foge para o asylo doloroso, aonde padece. Entre o riso que não passa dos beiços e as phrases que não sahem do peito, o martyrio chora; Em um sitio conhecido, a uma palavra solta renasce a dôr, e duas lagrimas prezas e silencio-

sas queimam-se de repente na fiação, que tudo abraza.

O sacramento da alma é o amor. Por elle se resgata a vida. e se espera o paraizo. Quem o perdeu nem se consola, nem se vence: sobre tudo se a sensibilidade o fez poeta. Ha de combater, e ha de amar, embora negue. Feliz ainda se a intelligencia resta! No Tasso e no Dante sobreviveu ao menos o pensamento ao coração!

Theresa, não querendo, concorria para entreter a fatal esperanza de Jeronymo. O mancebo julgava-se amado, suppunha-se correspondido, e media pelo seu o affecto della. Crente, nada o esclarecia, e tudo conspirava para o illudir. Estava abraçando como realidades as visões do seu desejo. Sem suspeitas, com a sublime confiança na vida e no amor, que é o precipicio das grandes almas, via só flores entre a ventura e a paixão.

Os bellos olhos, timidos e melancolicos, que fugiam dos seus, não o advertiam. O tremor da mão, se elle a beijava, e mais ainda a pallidez do rosto, se alludia ao proximo enlace, nada indicavam ao amante credulo. Outro menos cego teria duvidado; elle nunca. Thereza amava-o, se não dizia-lho! Eis a sua idéa. Para o convencer seria necessario que ella podesse revestir-se de valor e exclaimar: « não, Jeronymo, ambos nos enganámos: tu acreditando que a paixão é a amizade; eu tomando o carinho de irmã pelas ternuras do amor. »

Tudo influíu para se prolongar o erro. O commendador, cujo desejo era este enlace, absorvido nos livros, e declinando com a idade, estava pouco em estado de sondar a verdade, e contentava-se com as apparencias. Philippe da Gama não brilhava pelos dotes do espirito, e conhecia muito mais a sereia dourada da charrua da India, do que o mysterio quasi impenetravel do coração humano. Porque era mulher e mãe, parecia Magdalena a pessoa propria; mas ainda que ás vezes achasse frio de mais o coração da filha, não se assustava nem tinha apprehensões. Avaliava pelo seu character o da noiva de Jeronymo. Deste modo, uns adormecidos, outros cheios de credulidade, davam as mãos, e com toda a innocencia eram causa de irremediaveis infortunios.

Como dissemos, Jeronymo sentindo-se melancolico descêra ao jardim. As janellas do quarto de Theresa deitavam para a rua em que elle passeiava. Dobrando aqui o passo, mais adiante demorando-se ao pé de uma arvore, e porfim assentando-se com a cabeça entre as mãos, o mancebo representava a figura da distracção. Ao

mesmo tempo a irmã de Cecilia, envolta no penteador de renda e com as tranças ainda soltas, vinha encostar-se por dentro dos vidros, olhando sem vêr para os ramos nus, para as plantas destoucadas e tristes como a sua alma. De repente descobriu o mancebo e seguindo-o por entre as voltas ornadas de buxo, e as grades vestidas de jasmineiros, os seus olhos fizeram-se humidos e pezarosos. O suspiro que veio tremer á flôr dos labios era como um adeus á serenidade dos dias de candura, em que o innocente coração podia viver ditosamente de illusões, porque ainda ignorava a realidade.

Theresa tinha querido vencer-se e expiar a dôr alheia; mas um poder occulto, uma voz que tinha medo de ouvir, e apesar disso ouvia sempre, dizia-lhe que não seria meritorio o sacrificio, e que a desgraça em lugar do affecto viria sentar-se sobre o leito nupcial, trazendo a pallida agonia e o remorso inconsolavel. A contar da tarde, em que sondando a sua alma achou que estava muda, tinha visto uma revolução completa em si. A paixão, com que sonhava d'antes, associava-se agora uma idéa incessante; e via-a insinuada nos menores desejos, em todas as esperanças, e até mesmo nos caprichos. Se procurava affugentá-la, era debalde. O conde de Aveiras, o noivo de Catharina, apresentava-se-lhe tantas vezes ao pensamento que parecia não o largar da vista, transformando-se os objectos para lhe offerêrem o seu retrato.

Pensando nelle, Theresa deixava pender a fronte, e o espirito ancioso ia perder-se nas meditações apaixonadas, em que os sentidos dormem e o sentimento reina, entre as promessas do futuro, tão meigas na pena, e tão suaves na tristeza! Caindo na realidade, e olhando para dentro do coração, tinha medo, escondia as faces, e por entre os dedos corriam as lagrimas em fio, mais doces do que amargas, como filhas da magoa, que não é só dôr, mas prazer também.

De noute, o agitado somno figurava-lhe a imagem do conde, de joelhos, aos pés da outra. A testa esfriava-se; o seio palpitante soffocava; e a bocca, entre murmurios, não podia achar nem um gemido. Subitamente, a forma vaga do sonho aclarava-se e descobria a face, mostrando-lhe o proprio rosto! O jubilo despertava-a e achando só as trevas, e o silencio, pareciam-lhe menos escuras ainda do que a noute, em que vivia.

De dia, lendo ou matizando ao bastidor, passava os olhos, esquecia-se de tudo, e o coração cheio de memorias conversava com a imagem que o entreteinha. Se lh'o perguntassem, Theresa respondia, sem mentir: ainda não amo! Mas, observando os seus devaneios, seria facil marcar a hora, em que o affecto mais forte do que a vontade havia de ceder.

Á janella, com a face reclinada na mão, a irmã de Cecilia tinha a vista fita em Jeronymo. Encostada sobre o cotovello erguia-se em um desleixo, adoravel pelo requebro. Os cabellos em anneis confusos fugiam com travessura pelo collo, e sumiam-se no seio, ou menos indiscretos brincavam pelos hombros beijando a neve. Airosas e alvas, as roupas, apertadas no cinto, cahiam em pregas, ora encubriendo, ora revelando, o desenho das formas, segundo as descuidadas ondulações do corpo. A terna pallidez do semblante, corando-se daquelle reflexo de rosa branca, tão seductor quando uma sombra anilada rodeia as orbitas, luctava com as rendas, e sobresahia a ellas. A vista, facil em se esconder debaixo das timidias palpebras, volvia-se cheia de expressão e de silencio, acompanhando de languidez os suspiros, que exprimem o enlevo da alma. Só um pincel amoroso, rival das Graças, ousaria exprimir a doçura, com que a esperança receosa abria a flor de um sorriso no coral dos labios, ou com que a luz voluvel e agitada dos olhos reflectia os relampagos da paixão balbuciante.

Assim, a donzella tinha a idéa longe de Jeronymo e perto delle só a vista; o mancebo trazia no peito a imagem della, sem ainda a descobrir pelos sentidos. Passados instantes é que divisou a esbelta figura por entre os vidros, e lhe enviou de longe o beijo ineffavel de Romeo a Julietta. Tremula, agitada, Theresa perturbouse, respondendo com um gesto e um sorriso. Era dó, era remorso? Que insondaveis abysmos tem o coração!

Que mil contradicções e caprichos encerra o amor!

O engano torna-se facil; porque a imaginação muitas vezes toma o lugar da verdade. Theresa teria horror de enganar Jeronymo, e enganava-o, innocentemente! Sentindo illuminar-se a alma com aquelle sorriso, não pedido, quem se não julgaria amado? É que nas mulheres sensiveis até a amizade é perigo. Enche-se de carinhos e de candura, pede com uma graça tão affectuosa que para a distinguir do amor custa! O erro atrahê, e o mancebo, abraçando o seu,

achava a illusão divina. O que seria se fosse a realidade?

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continua.)

## UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXXVII.

PAX CHRISTI.

— Bem diz vossa paternidade, a similhaça das situações em que se acham nossos reaes amos é tal que parece ter a providencia divina disposto unil-os pelas tribulações... talvez para os unir depois pelas felicidades.

— Tudo póde ser e tudo se deve esperar de quem não desampara os principes, que se interessam pelo engrandecimento da nossa religião. O soffrimento tem sido grande em Sua Magestade; se não fossem a muita modestia e grande paciencia da rainha, já as suas queixas teriam chegado aos ouvidos de toda a christandade. A tyrannia d'El-rei tem ido sempre crescendo, e agora em Salvaterra ainda ella se manifestou de uma maneira mais cruel, como todos viram: os validos cada vez abusam mais da auctoridade que El-rei lhes deixa, absoluta e despotica sobre o reino e até sobre a real familia; e demais, nem esperança póde haver já de que a coroa tenha herdeiro, filho do sr. D. Affonso.

Isto diziam caminhando lentamente por uma rua cuberta de parreiral, na cerca do noviciado da Cotovia, dois jesuitas, o padre Manuel Fernandes e o padre de Villes, o confessor de Sua Alteza e o confessor da rainha.

— O reino — disse o padre Fernandes — já começa a perder a esperança de vêr perpetuar-se a coroa em descendentes d'El-rei; e são grandes, são justos os receios que muitas pessoas prudentes manifestam de que, se por desgraça o Infante morresse, nos vissemos outra vez em poder dos hespanhoes, e agora sem remissão, sem podermos tornar a recobrar a nossa independencia.

— Deus tudo faz pelo melhor — acudiu o padre de Villes. — Se Sua Alteza tem até agora mostrado tanta repugnancia ao casamento, é porque um sentimento intimo, irresistivel, superior á vontade e ao entendimento, lhe veda o sacrificar-se ao bem da patria *Eiam optima est commoditas in ipsis vitius*. — E o padre riu ao repetir o texto do *Directorium*.

— A providencia vê mais longe do que os homens, é verdade; e em tudo isto ella parece andar manifestando sempre o seu misterioso poder.

— Os perigos a que a rainha anda exposta, padre Fernandes, são grandes, muito grandes: as violencias a que El-rei tem chegado já bastam para se poder por ellas avaliar até onde póde ir a colera de Sua Magestade. A rainha está na firme resolução de salvar a sua honra, a sua consciencia, e o Estado, pedindo para isso, se necessario for, auxilio ao rei de França, fugindo do paço, fazendo publica a historia secreta do seu casamento. É porém minha opinião, e já a esse respeito disse algumas palavras a Sua Magestade que não foram desatendidas, que a rainha e Sua Alteza devem unir as suas forças para destruirem, com menos risco, o poder dos validos.

— É essa tambem a opinião do sr. Infante — interrompeu o jesuita portuguez. — E no coração delle ha um sentimento que o leva a desejar, a pedir, a solicitar essa união. Eu já outro dia lhe dei conta da conversação que tivemos aqui mesmo, ácerca das desgraças da corte e do reino; disse-lhe as relações em que a rainha está com o general Schomberg e o grande proveito que do apoio do general se póde colher, e Sua Alteza mostrou, como era de esperar do seu magnanimo coração, desejo de entrar immediatamente na ardua empreza de salvar a patria e a religião.

— Ah! ah! As forças assim ficam pelo menos eguaes. De um lado El-rei com os validos; do outro a Rainha e o Infante. Ha meios para conseguir que França tome interesse nesta contenda; e o povo, a Companhia deve chamal-o ao partido dos principes, que é tambem o partido della.

E o padre de Villes parou, esfregando as mãos, a deixando abrir-se-lhe na bocca um riso de esperança, quasi de triumpho.

— E é; o partido de Sua Alteza é o partido da sociedade de Jesus — disse o padre Fernandes, depois de meditar um instante. — Quando acabou a regencia da rainha mãe, daquella santa rainha que tanto amou a religião e trabalhou para a sua propagação, acabou tambem o grande poder da Companhia em Portugal. O tribunal das missões, creado pelo nosso padre André Fernandes, que tanto fez crescer e prosperar o negocio da conversão das almas nas regiões da Asia, da Africa, e da America, está quasi extinto. El-rei não tem um confessor, um director espiritual da Companhia, e por isso ahi vae, levado

pela furia das paixões mundanas, a um abysmo que a rasão humana não póde sondar; e arrasta comsigo na queda o reino todo, e essas colonias vastissimas da America onde os missionarios tem já estabelecido, á custa do sacrificio de tantas vidas, um reino segundo o espirito christão, onde tudo é paz, tudo é fé, tudo é obediencia cega aos que governam em nome da religião.

— O descredito de El-rei é grande já, mesmo entre o povo: todos notam o seu pouco amor pela religião, a vida desregrada que leva, as offensas que injustamente faz a seu irmão e á Rainha, e as injustiças que pratica com muitos dos mais excellentes e illustrados fidalgos e sacerdotes. E com a fama o sr. D. Affonso vae perdendo a força para se manter no throno, e o amor dos portuguezes.

— Pois até ao ponto de lhe tirar o reino deve chegar Sua Alteza? Isso não faz o sr. Infante, por certo.

— Sua Alteza não, a nação sim — disse o francez. — A nação junta em cortes póde, deve tirar o governo ao sr. D. Affonso, porque assim é necessario para a sua conservação e defensão natural. Mas por agora a guerra deve ser toda contra os validos, contra o conde de Castello-Melhor principalmente; porque em faltando esse apoio, o resto cae por si.

— E quem ha de auctorisar esse acto das cortes contra a soberania de um rei?

— Vossa paternidade é muito sabio — respondeu o padre de Villes socegradamente — para desconhecer a opinião do grande Bellarmino. O papa, como soberano espiritual que é, póde, se assim for preciso para a salvação das almas, mudar os imperios, tirar a coroa a um para a dar a outro principe: *Potest mutare regna, et uni aufferre atque alteri conferre.*

— E as consequencias?

— As consequencias serão o termos em Portugal um rei pio e santo, que terá por director espiritual Vossa Paternidade, jesuita virtuoso e illustrado, fará tudo pela religião, dará ás missões meios para conquistarem muitas almas e augmentarem as aldeias dos indios convertidos á fé; um rei, emfim, que por dever a coroa aos esforços da companhia, não se esquecerá de trabalhar para a realisação do Quinto Imperio, que o nosso padre Vieira annunciou, e que deve ser o triumpho cabal das doutrinas de Santo Ignacio.

Os dois jesuitas depois disto continuaram a caminhar lentamente por baixo do parreiral, sem



dizerem palavra um ao outro; abortos na meditação, que tão ousados projectos deviam necessariamente provocar em homens reflexivos, e sempre preocupados com a idéa de engrandecerem, e tornarem senhora do mundo, pela dominação das consciências, a ordem religiosa a que ambos pertenciam.

Depois de largo silencio, o padre do Villes parou diante do seu companheiro, e em tom de voz entre severo e jovial:

— Então podemos ter a alliança dos principes como feita? — perguntou.

— Parece-me... estou certo que podemos dar por concluida a alliança — respondeu o padre Fernandes. — Sua Alteza não se recusará a sacrificio algum para salvar a patria e a religião.

— Dizia, porém, Vossa Paternidade ha pouco, que o sr. Infante não consentiria em tirar a coroa a seu irmão?

— Em lhe tirar a coroa não. Mas Sua Alteza — assim o devemos esperar todos os que desejamos o augmento da christandade — ha de aceitar o governo do reino se a nação lho confiar. O padre Vieira esteve ha mezes aqui em Lisboa, e fallou com o sr. Infante. O sr. D. Pedro crê nas profecias, tem confiança nos altos destinos, que estão reservados para Portugal.

— Agora o que é necessario é prudencia, silencio e inviolavel segredo.

— E quem ha de trahir o segredo.

— O acaso, um descuido talvez — acudiu o jesuita francez. — Devo contar-lhe, padre Fernandes, um caso que succedeu ha dias, e que prova que toda a prudencia é pouca, quando se tracta de uma coisa grave e melindrosa, como é esta, em que nos achamos empenhados.

— Diga Vossa Paternidade o caso.

— A rainha está em correspondencia activa com o conde de Schomberg, a cuja alma elevada e excellente caracter não podiam deixar de ser sensiveis as desgraças de sua magestade. Depois de ter feito difficuldade a principio em entrar nesta conjuração contra os validos, — porque, como já disse ha pouco a Vossa Paternidade, é só contra os ministros d'El-rei que por ora se devem dirigir os nossos esforços, — depois de ter feito difficuldade, como ia dizendo, o Schomberg abraçou a causa da Rainha, e da justiça...

— E depois?

— O general, desde então, escrevia directamente a sua magestade, participando-lhe tudo quanto succedia no exercito e na corte, de que

se pudesse tirar proveito para o nosso triumpho. Outro dia, porém, quando ella estava ainda na cama, lendo uma carta que o conde de Schomberg lhe escrevera, entraram-lhe no quarto a camareira-mór e El-rei, e accusando-a de prigueira e de saltar aos seus deveres religiosos — o sr. D. Affonso, que a tudo falta, e que muitas vezes ouve missa mesmo na cama, a reprehender Sua Magestade, que é uma sancta — e, accusando-a e dizendo-lhe muitas palavras duras, obrigaram-na a levantar-se á pressa, e a correr á capella real. Foi ahi, quando a missa já estava começada, que a rainha se lembrou que esquecera a carta debaixo do travesseiro. — N'uma angustia inexprimivel, chamou por mim, e ordenou-me que fosse ao seu quarto buscar a perigosa carta que lá ficara. — Minha senhora; observei então, eu, um padre, um jesuita, quer Vossa Magestade que ouse meter a mão na cama de uma rainha. — Vá, senão está tudo perdido. — Obedeci. Quando, porém, ia a entrar no quarto, ouvi as vozes d'El-rei e da rainha de Castello-Melhor que fallavam alto, dizendo mal da Rainha. Voltei para a capella...

— E o que fez Sua Magestade?

— Mandou uma das suas damas, mademoiselle d'Amurande, que voltou sem ter conseguido salvar a carta; porque o sr. D. Affonso estava sentado na cama da Rainha.

— E nessa conjunctura difficil...

— A Rainha fingiu-se indisposta, um desmaio, um deliquio; e mal a levaram para o quarto, e a deitaram sobre a cama, estendeu o braço, apalpou debaixo do travesseiro...

— E a carta?

— Estava, onde Sua Magestade a tinha deixado. E assim nos livrou a providencia de termos frustrados, por um acaso fatal, todos os nossos projectos de salvação para Portugal, e de engrandecimento para a Companhia.

— Foi um aviso do ceu, para nos recomendar a prudencia e o segredo.

— Tudo, como vê, padre Fernandes — disse o francez, — parece dispôr-se favoravelmente para os nossos fins. Carecemos do apoio de França para pôr termo á grande obra; mas esse alcançá-lo-hemos facilmente, em lhe dizendo: *Sis felix, nostrumque leves laborem*.

— Peço perdão a Vossa Paternidade — atalhou o padre Fernandes. — A minha opinião é que não carecemos do apoio de França, senão para o momento do combate. Conselhos de tão longe escusamol-os: e França não dará auxilio ao sr.



Infante e a Rainha, semão entregando-se-lhe a direcção de tudo.

— Tem razão, padre Fernandes — disse de Villes, depois de reflectir. — Basta que a Rainha, como eu já lhe aconselhei, prepare com uma carta Luiz XIV para os acontecimentos futuros, lhe conte os seus padecimentos, e a impossibilidade em que está, para tranquillidade da sua consciencia e segurança da sua honra, de continuar a viver com o sr. D. Affonso.

— Sua Magestade poderá também na sua carta dizer a El-rei de França o quanto Sua Alteza se interessou pelo tractado de liga, o muito que contribuiu para que se concluisse com tanta brevidade, e a pena que lhe tem causado o vêr os estorvos que os validos tem posto a que Sua Magestade christianissima consiga conquistar em Galliza uma praça aos hispanhoes.

— Será útil que a carta seja mandada com a maior brevidade possivel. De um dia para o outro pôde chegar uma conjunctura, em que convenha sair a campo com as forças de que dispomos, e levar de uma arrancada esta praça, cujas muralhas se acham já delidas, desmornadas quasi, e com os alicerces escavados pelos trabalhos dos nossos mineiros.

— Ah! ah! Bem se vê que vossa paternidade está premeditando uma guerra; falla como o conde Schomberg — atalhou, rindo, o confessor do Infante.

— Parecia-me também util, que Sua Alteza escrevesse algumas linhas a El-rei de França — proseguir o francez, sem attender ao gracejo do seu confrade. — Dando-lhe, por exemplo, os parabens de se achar assignado o tractado de liga.

— Essa carta poderia ser considerada como a confirmação do tratado: e quando Sua Alteza governar Portugal...

— Fará o que julgar ser mais conveniente, á nação cujos destinos Deus lhe tiver confiado. Portugal tem extensissimas colonias, onde ha milhares de almas a converter: os seus interesses são os de toda a christandade, e principalmente os da nossa Companhia.

— Está resolvido — proseguir o confessor da Rainha — Sua Magestade e Sua Alteza escreverão a Luiz XIV, e em dois dias pôr-se-ha a caminho o mensageiro.

— Mas esse, é preciso que seja homem seguro. Temos aqui mesmo, escondidos neste noviciado, dois homens, ambos criados do sr. Infante. Um, todos o julgam morto; é aquelle capitão Francisco d'Albuquerque, que se disse terem os da

patrulha baixa roubado uma noite da Côte-Real. O outro é um Luiz de Mendonça, moço fidalgo, que El-rei mandou assassinar, e que até agora, tem escapado aos punhaes dos assassinos.

— São seguros?

— Ambos segurissimos. Francisco d'Albuquerque está namorado da Calcanhares, e eu prometi-lhe um asilo seguro para ir viver com a sua amante. Depende da Companhia este.

— E o outro?

— O outro arriscou a vida por duas vezes, uma para apanhar n'uma tourada um lenço da Rainha, outra, agora em Salvaterra, para salvar a Rainha da furia de um javali. Bem vê, Vossa Paternidade...

O padre de Villes levantou a vista para o outro jesuita, e leu-lhe nos olhos o resto da frase, que este havia callado.

— Obedientes e silenciosos ambos? — perguntou.

— Um e outro como o cadaver: *perinde ac cadaver*.

— *Pax christi* — disse o padre de Villes, saudando o padre Fernandes.

— *Pax christi* — repetiu este.

E os dois jesuitas separaram-se, para irem, um dar parte á Rainha, outro ao Infante, do pacto que acabavam de fazer em nome de seus reaes amos.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

## NOTICIAS E COMMERCIO.

**Suicidio de um litterato.**—No dia 2 do corrente julho fez-se em Paris na rua la Harpe leilão dos manuscritos que deixou, com o direito de publicação, o desventurado escriptor da *Biographie des hommes du jour*, da *Histoire galante des rois et des reines de France*, do *Dictionnaire des delits et des peines* e de outras muitas obras; que se matou em o principio de abril pendurando-se n'um laço, armado e suspenso n'um troço de pau collocado por cima da porta da sua livraria.

Mr. Saint-Edme, que fôra commissario do exercito, secretario do marechal Berthier, e posteriormente escriptor laborioso e historiador apreciavel, tendo publicado 83 volumes, gradualmente chegára a tal estado de desalento e miseria que, segundo vemos na sua autobiographia, no mesmo dia em que resolvêra matar-se, se vira obrigado a vender alguns livros para jantar por 21 soldos e comprar os instrumentos do suicidio. Não tendo dinheiro sufficiente para uma pistola certa, que não falhasse, repugnando-lhe deitar-se a afogar, e querendo evitar a agonia

lenta da asphyxia, decidiu-se pelo modo porque acabou Pichegru, a estrangulação...

« Abandonado, solitario, enganado, sem consolação nem esperança; perseguido pela necessidade, a penúria; deprimido, abatido, calumniado, ultrajado; só vi um meio de saber desta situação extrema; é esse o suicidio. »

Estas duas linhas precedem a dolorosa narração dos horribéis preparativos de um homem que teve o animo tão forte ou tão fraco de deixar quatro filhas orphãs, sem lutar por bem dellas até que Deus dissesse — basta !

**Fosséis perpetuados.**—Fex-se a encomenda de certo numero de grupos de animaes para o jardim das plantas de Paris, e por essa occasião houve a lembrança de resuscitar por via da estatuaría os animaes antediluvianos, de novo achados e tão admiravelmente descriptos por Mr. Cuvier.

Foi encarregado Mr. Fremiet de esculpir o *plesiosaurus dolichoderus*, especie de reptil do genero dos lagartos, que segundo os dados da sciencia tinha peçoço de cisne e proporções colossaes; Mr. Jacquemart fará da mesma maneira o *pterodactylus crasirostris*, morcego que tinha formas immensas e cabeça de crocodilo. Assim teremos imagens desses fragmentos dos seculos primitivos, desenterrados e recompostos pelo talento do homem.

**Traste feito de materia nova.**—Desde os principios de junho admira-se em uma sala do Elyseu uma mesa maravilhosa, obra prima de um ex-official inferior dos *spahis* (corpo que serve na Africa franceza).

É de pau e todos supporiam ser feito de renda; com effeito é de um lenho que na Argelia chamam *renda do Sahara*, sendo o seu verdadeiro nome *Opuntia*, da familia dos cactos, especie de cochonilha ou figueira da India, que cresce nos terrenos quentes da parte argelina, e dá um fructo mediocre. Ainda ha pouco só era aproveitado para vallados e tapumes; porém, a industria e talento de Mr. Toussaint vae dar-lhe grande valor.

Esta madeira, arrendada, e tão resistente quanto flexivel, presta-se a todas as formas que Mr. Toussaint sabe dar-lhe, como, vasos, mezas, jardineiras, estantes, armarios et.: São obras originaes, engraçadas, e elegantes.

### EDUCAÇÃO DE MENINAS.

Das pouquissimas casas que em Lisboa temos para a educação feminina, a que se possa dar louvor, uma é a da sr.<sup>a</sup> D. Catharina Alvares de Andrada. Dalli tem sabido um grande numero de senhoras completas que hoje estão sendo no tracto domestico exemplares, e nas sociedades ornamentos mui distinctos. Em umas e outras qualidades excede a illustre directora; das suas virtudes familiares, moraes, e intimas é prova o filial affecto e respeito com que as alumnas a tractam, e que nunca depois se vem a desmentir ou enfraquecer; dos seus talentos agradaveis, e da arte com que os sabe transmittir, são testemu-

nhas quantas pessoas frequentam as salas, em que se reúnem companhias escolhidas. A conhecimentos mui variados em litteratura, assim nacional como estrangeira, ajunta a sr.<sup>a</sup> Andrada uma rara perfeição na arte, que de todas é a mais propria do seu sexo, a musica; sendo igualmente destra no piano que na harpa.

A doutrina Christã, a historia sagrada e profana, a geographia, a grammatica geral e particular das linguas portugueza, franceza e ingleza, a escripta e a arithmetica são os ramos de instrução daquelle estabelecimento.

O methodo alli adoptado permite que as meninas, dentro em mui pouco tempo, fallem correntemente, sem esforço nem confusão, pelo uso de umas e outras, as tres linguas sobreditas.

A par destes talentos corre a cultura de todas as mais prendas que devem adornar qualquer senhora, nas diversas situações sociaes, e sobretudo as qualidades essenciaes que devem distinguir uma boa mãe de familias.

*Os preços da pensão mensal são os seguintes :*

Para as despesas geraes. ....	12:800 réis
Musica e desenho. ....	4:800 »
Dança. ....	1:600 »

Attendendo a que algumas mães de familias, até das mais distinctas na ordem social, senão apartam facilmente de suas filhas e preferem, que findas as horas do ensino voltem diariamente á casa materna admittem-se, mas só com a mesma escrupulosa escolha, algumas discipulas externas.

*Para essas os preços da pensão mensal são os seguintes :*

Para despesas geraes. ....	7:200 réis
Musica e desenho. ....	4:800 »
Dança. ....	1:600 »

O estabelecimento está situado n'um dos bairros mais centraes e mais saudaveis de Lisboa, rua da Emenda n.º 10.

O interesse que tomámos no bem publico nos obriga a recommendarmos este bello estabelecimento a todas as boas mães de familias.

Paga-se sempre um trimestre adiantado.

O que se acaba de ler, abonado e authenticado com tão bello nome, como sempre o ha de ser em Portugal e na Europa, o do sr. Silvestre Pinheiro Ferreira, publicamol-o nós ha annos na *Revista Universal Lisbonense* quando a redigiamos. O tempo, que tanta cousa transforma, e tantissima destroe, ainda não alterou em ponto algum o objecto destes não vulgares, deates justissimos elogios.

Mad. de Andrade senão é já precisamente a mesma é só porque a continuação da sua experiencia, e do seu estudo consciencioso em tão difficil materia como é o educar e instruir-se, a tem de então para cá tornado instituidora ainda mais perfeita.

O que o sr. Pinheiro Ferreira, nosso amigo, e mestre então escrevia, e não duvidava assignar, repetimol-o nós hoje, nós não menos devotos da instrução do que elle, e como elle assignamos tambem.

Antonio Feliciano de Castilho.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 3.

QUINTA FEIRA, 29 DE JULHO DE 1852.

12.º ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### O BANCO DE PORTUGAL EM RELAÇÃO À SITUAÇÃO FINANCEIRA.

Le crédit, sous sa double forme de crédit public et de crédit privé, mérite d'être classé sur le même rang que la vapeur et l'imprimerie, au nombre de ces forces qui sont destinées, appelées à changer la face du monde, et qui sont en voie d'opérer sur la terre la transformation de toutes classes au profit de la liberté comme de l'ordre.

M. CHEVALIER.

#### II

Uma das considerações que fizemos no prologo do presente volume nos leva a tratar da questão dos juros, que segundo algumas opiniões o Banco de Portugal deve ao Estado pelas notas do Banco de Lisboa.

Estes nossos apontamentos sobre o Banco, em relação á situação financeira do paiz, não são estranhos ao imperio do Brazil, no presente nem para o futuro. Bastantes são as pessoas residentes nesse imperio que estão interessadas no Banco de Portugal, e muito póde o seu numero augmentar quando a situação deste estabelecimento de credito ali seja devidamente avaliada, e quando o governo em Portugal attenda, como é de esperar, ao que por direito deve ao Banco, e ao que por conveniencia da causa publica não poderá deixar de cumprir.

Os bancos, destinados a tomar uma parte importante no desenvolvimento da prosperidade das nações, não chamam a si os capitães pela fabulosa esperança de lucros incalculaveis. Fundados á sombra da fé publica, considerados como pe-

nhor de paz, e fomentadores das forças productivas do paiz, a segurança que assenta na confiança que inspiram é a mais solida garantia que responde por um lucro certo, ainda que modico, em comparação com outros que cercados de grandes riscos tentam o capital com promessas, douradas as mais das vezes pelo galvanismo da fraude. É da natureza de certos capitães procurarem emprego nos bancos; e os que pertencem a portu-guezes que se retiram do gyro commercial do Brazil, e até uma boa parte do adquirido por brasileiros, parece-nos que estão em circumstan-cias de lhe ser conveniente o emprego em ac-ções do Banco de Portugal. Todos estes diffe-rentes ramos de riqueza, vindo juntar-se ao pro-prio capital do paiz, que por esse meio entra em circulação, formariam, como os raios do sol en-feixando-se na lente, um ponto d'onde em fór-ma regular partisse o espirito fecundador que em Portugal tanto falta á terra e ao trabalho. Estes desejos não se podem traduzir em factos, em quanto o credito publico, em toda a sua ex-tensão, não assentar em uma base solida, que o juizo e a justiça jámais deixem abrir sobre o abysmo da bancarrota, seja qual for a forma do Protheu da immoralidade. Ha muitas questões das quaes a resolução vae formando o alicerce dessa base. É dever da imprensa elucidal-as, e dever dos que de boa fé se enganaram, reco-nhecer a demonstração da verdade, porque este proceder os enobrece e lhes angariam a estima dos que presam as acções justas.

A situação do Banco de Portugal ganha, por-tanto, em que se demonstre, que a opinião do Banco dever juros ao estado pelas notas do Banco de Lisboa não se póde sustentar por direito, por facto, nem por analogia. Temos a mais alta

consideração pelos que tenham sustentado, ou hajam de sustentar, o direito contra a lei, e prestamos testemunho da veracidade da sua intelligencia.

Como desgraçadamente a maioria dos pontos que vamos considerando neste escripto se tem arrastado pelo campo das discussões pessoais, fizemos o firme proposito de não citar nomes. E nem elles são precisos para achar a verdade que procuramos, examinando opiniões diversas e comparando argumentos.

A opinião a que nos estamos referindo nunca se apresentou de um modo definido e positivo. A formula mais regular em que a encontramos é:

Que sendo fixadas as notas do Banco de Lisboa na quantia de 5.000:000,000 rs. pelo decreto de 19 de novembro de 1846;

Que não sendo estas notas pagas pelo Banco de Lisboa, nem pelo de Portugal que lhe succedeu;

Que tendo o governo alienado d'esses dois estabelecimentos tal obrigação;

Que destructando o Banco de Portugal os juros e interesses daquelle grande somma.... e principalmente nos empréstimos ao governo, o qual lhe paga ou abona juros pela totalidade da sua divida;

Segue-se:

Que o governo tem direito ou dever de abater ou encontrar nos juros, a pagar ao Banco, os juros respectivos ás notas do Banco de Lisboa, que o governo tomou a si e ao seu pagamento se responsabilizou.

Segundo esta opinião os juros eram nos dois primeiros annos de 1847 e 1848. mais de rs. 200.000:000 por anno, e no terceiro ainda excederia 200.000:000 rs.

Isto que fica extractado é quanto ao facto em relação á analogia, em seguida faremos as devidas referencias.

A questão de direito não a faremos renascer neste segundo artigo, porquanto a estabelecemos no primeiro. A somma dos 5.000:000,000 réis de notas do Banco de Lisboa, a sua circulação por 23 annos, como moeda legal do paiz pelas formas prescriptas no decreto de 19 de novembro, são factos que filiam o seu direito incontestado e incontestavel em um contracto solenne formado com o concurso de todos os principios fundamentais da administração e confirmado pela acção dos principios mais respeitaveis do direito publico constitucional. E além disso significando uma compensação de encargos —

satisfeitos estes pela parte a quem a lei a garante — semelhante compensação fallou em grande parte com outras correlativas.

Vamos por tanto ao facto, visto que o direito é de intuição e prova infalivel.

A cada fundamento da opinião que impugnamos opporemos uma consideração.

A somma de 5.000:000,000 réis de notas do Banco de Lisboa, fixada pelo decreto de 19 de novembro de 1846, deve ser considerada não isolada mas conjunctamente com o tempo e forma da sua circulação e obrigações que estes dois factos impunham ao novo Banco.

A falta de pagamento de taes notas pelos dois Bancos deve ser considerada como não subsistindo em relação ao Banco de Portugal, pois que para este se não deu a falta de pagamento á vista; e sendo a amortisação pagamento, quando ao diante se provar que é o Banco que amortisa a totalidade das notas do Banco de Lisboa, sem evidencia que a formula generica de falta de pagamento não existe.

Os actos pelos quaes o governo aliviou o Banco de Lisboa — e não tambem como se diz de Portugal, que até não emittiu taes notas, devem considerar-se como acto de salvação da causa publica, semelhante aos que em Inglaterra e França e mais estados da Europa se tem promulgado em circumstancias identicas, sem que em these se possam classificar como graça que se deva pagar, e muito menos na hypothese do governo ser o devedor que impede os Bancos de pagar aos seus oredores, pois que em tal hypothese a moratoria concedida é directamente para si e de poia para seu credor.

A fruição pelo Banco dos juros e interesses de tão grande somma (5.000:000,000) deve ser considerada quando se lhe não opusessem a primeira e terceira das considerações anteriores, não em referencia á somma fixada sem considerar nem se quer, como ao diante se demonstrará, a amortisação do proprio decreto que a fixou, mas com attenção tambem ás amortisações extraordinarias posteriores ao decreto, e á capitalisação feita pelo Banco em virtude da lei de 18 de julho de 1848, e por ultimo tendo na devida consideração o giro commercial do Banco, o seu activo e passivo que nem sempre podem dar em certo e consecutivo giro empregada por este na circulação a somma total existente das referidas notas.

A consequencia dos fundamentos impugnados será ainda impugnada pelas leis reguladoras do ponto em questão as quaes legalmente confirmam

os factos a que se tem referido os nossos argumentos.

São duas as consequências deduzidas :

Que o governo tomou a si o pagamento das notas do Banco de Lisboa e por elle se responsabilizou :

Que o governo tem direito ou dever de abater ou encontrar nos juros a pagar ao Banco os juros respectivos ás notas do Banco de Lisboa :

Sendo os juros que se dizem devidos pela circulação das notas do Banco de Lisboa o fim de taes consequências convem assentar que somma os representa. A opinião que os orça nos annos de 1847 e 1848 em mais de 250:000,000 rs. por cada anno não se póde sustentar : a cinco por cento os 5.000:000,000 dão essa somma em cada um dos annos referidos ; mas era mister que se não tivesse amortisado em taes dois annos uma só nota. Ora todo o paiz sabe que durante o anno de 1847 se amortisaram 259:433,684 réis — no anno de 1848 se amortisaram réis 209:232,919.

Não existe o documento official em que assente a opinião de que o governo tomou a si o pagamento das notas do Banco de Lisboa. O que existe são o decreto de 1 de fevereiro de 1847 e a lei de 13 de julho de 1848.

O decreto ordena :

Que as notas do Banco de Lisboa a que se refere o artigo 19 do decreto de 19 de novembro de 1846, representam conjuntamente divida do estado e do Banco de Portugal :

Que a amortisação de que tracta o artigo 21 do citado decreto será garantida pelo estado :

Que se o estado amortisar alguma quantia de notas do Banco de Lisboa em virtude do artigo antecedente, essa quantia será encontrada na divida do estado ao Banco de Portugal.

A lei determinou em relação ao assumpto :

Que aos direitos que se cobravam nas alfandegas, bem como ás contribuições e vendas publicas no continente do reino, em cujo pagamento se admittia a primeira parte em notas — seria extraordinariamente adicionado durante o anno economico de 1848 a 1849 um imposto de 10 por cento, applicado para a amortisação das notas do Banco de Lisboa :

Que a junta do credito publico entregaria ao Banco de Portugal trancadas e golpeadas as notas do Banco de Lisboa que por esta, ou por outras leis forem applicadas para amortisações extraordinarias, resgatando nesse acto igual importancia de rescripções ou apolices das que cons-

tituem o penhor dos empréstimos contrahidos pelo governo com o Banco de Lisboa em 1834 :

Que o Banco de Portugal encontraria na corrente quantia a importancia das notas do Banco de Lisboa nas sommas que o estado devia ao mesmo Banco, provenientes dos referidos empréstimos, e os devolveria á junta do credito publico para serem queimadas :

Que o Banco de Portugal continuaria a amortisar as notas do Banco de Lisboa a custo de 18:000,000 réis por max, segundo o art. 21 do decreto de 19 de novembro de 1846 :

Que a importancia destas notas do Banco de Lisboa, assim amortisadas, não poderia ter encontrada na divida do estado ao Banco de Portugal :

Que o Banco de Portugal capitalisaria a 1 e 2 annos as notas do Banco de Lisboa que para este fim se lhe apresentassem até ao ultimo de dezembro do anno de 1848.

É fora da duvida que as notas do Banco de Lisboa representavam divida do estado, e esta representação exarada no decreto era a commiguação de uma obrigação que o governo não podia nem devia negar.

O estado, garantindo a amortisação das notas do Banco de Lisboa, não era mais do que o garante de um contracto em que tomava parte, e no qual a sua responsabilidade, como tal, tinha um penhor mais do que seguro no que devia ao Banco.

A disposição de que as quantias amortisadas pelo estado seriam encontradas no que o mesmo estado devia ao Banco, mostra claramente o sentido das outras duas disposições. O governo recebia, portanto, dos contribuintes, notas do Banco de Lisboa, com as quaes pagava ao Banco parte do muito que lhe devia, sem que o Banco, desde o momento desse pagamento, se podesse mais utilisar da circulação de taes notas.

Quem amortisa é o Banco, que paga á nação as notas do Banco de Lisboa, dando-lhe creditos a que a mesma nação estava solememente obrigada.

A lei de 13 de julho, regulando estes principios, foi nelles, como se vê, bem explicita. Ha em verdade origem para alguma confusão de idéas na denominação do imposto, e no dizer-se que o governo amortisa notas do Banco de Lisboa ; porquanto os factos, como fica visto, não comprovam taes idéas ; mas com magna e diçmos, a origem dessa confusão é a duvida que cerca a confiança do estado. A denominação do

imposto era uma garantia para se não desviar da applicação, que se lhe dava, de entregar o governo o seu producto em notas, para pelo nominal resgatar uma certa e determinada parte da divida publica.

Somos tão sujeitos ás circumstancias extraordinarias, que promovem os mais inesperados desvios da receita para a sua obrigada applicação, que senão deve estranhar essa garantia da denominação.

O governo, portanto, não amortisa notas do Banco de Lisboa, recebe para encontrar em divida sua.

O direito e o facto provam a improcedencia de se pertender debitar o Banco de Portugal ao estado por juro de um papel, do qual o giro lhe foi concedido como compensação de encargos que satisfizes, tendo-se cortado quasi a totalidade da fruição desse giro, e sendo por elle satisfeito pela amortisação o pagamento desse papel, com extraordinaria antecipação e grave desfalque nos seus creditos, e pagando juros pesados pela parte capitalizada.

No seguinte artigo se farão as comparações de analogia em que assentam outros argumentos da opinião que impugnamos.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

#### • CALENDARIO.

V

O anno romano compunha-se de 304 dias no tempo de Romulo, e no de Numa foi elevado a 355; depois da introdução do mez intercalar mercedonio ficou de 366 dias. Dahi procedia um desaccordo sempre crescente entre o começo do anno civil e o do anno astronomico, não obstante o mez mercedonio, creado expressamente para remediar tal inconveniente. Em desespero de causa, decidiu-se conferir aos pontifices o direito de dar ao mez intercalar o numero de dias que as circumstancias exigissem. Desde então o calendario veio a ser um meio de corrupção e de fraude; Cicero nos conta que com este poder discrecionario os pontifices prolongavam a duração da magistratura de seus amigos ou abbreviavam a de seus inimigos, adiantavam ou retardavam a seu bel prazer os prazos dos pagamentos, favoreciam os lucros dos rendeiros do fisco ou aggravavam as suas perdas.

A ignorancia, a superstição, a fraude, tinham de tal modo peorado as cousas que chegaram a celebrar na primavera a festas do outono e no meio do inverno as das ceifas.

Julio Cesar resolveu remedear todas estas desordens, e estabelecer uma intercalação regular, invariavel, isenta do arbitrio, e que as prevenisse de futuro. Um astronomico egypcio, Sosygenes, lhe prestou coadjuvação: seu trabalho commum produziu o que se chama reforma juliana do nome de Julio Cesar.

A idéa de regular o anno civil por um periodo em que houvesse um numero fraccionario de dias devia ser rejeitada á primeira vista pelo espirito eminentemente judicioso de Cesar. Supponhamos, com effeito, que o anno civil se regulasse por um periodo de  $365 \frac{1}{4}$  dias, e que um determinado anno deste novo calendario tivesse por origem o 1.º de janeiro á meia noite; o anno seguinte começaria ás seis horas da manhã, e o immediato ao meio-dia; só tendo decorrido o periodo de quatro annos entraria o anno outra vez á meia noite. Facil é comprehender quantos inconvenientes se derivariam de um principio de anno variavel com a data.

Segunda condição a que cumpria satisfazer para que os annos se prestassem a uma facil transformação em um numero equivalente de dias, era que a intercalação se effectuasse de um modo regular e simples. Póde affirmar-se que o calendario juliano desempenhou esta condição.

Para reparar o mal que resultara da extensão defeituosa dada ao mez intercalar mercedonio e das ruins praticas dos pontifices, Cesar deu ao anno 708 da fundação de Roma 445 dias, que constaram do anno ordinario, de um mercedonio de 23 dias, e de dois mezes intercalares, um de 33 dias, e outro de 34, que foram collocados entre novembro e dezembro.

O anno em que se verificou esta reforma foi chamado anno de confusão, era o quadragésimo sexto antes da nossa era. A reforma juliana fixou a extensão do anno astronomico em 365 dias e um quarto; o mercedonio desapareceu, e os dias de que então poderam dispor foram repartidos de modo que repugnasse o menos possível ás idéas e preoccupações dos romanos; portanto, fevereiro conservou os seus 28 dias; se lhe dessem 30 julgariam pôr em risco a salvação do estado; sete mezes, e não cinco como dantes, ficaram com 31 dias; os novos mezes elevados á cathogoria de *menses maiores* foram *sextilis* e *dezembro*.

Logo que Julio Cesar terminou a reforma do calendario, Marco Antonio, que era então consel, fez com que se decretasse, para perpetuar a memoria de tal beneficio, que o mez *quintilis*, em que nascera Cesar, tomasse o nome de *julius*.

Posteriormente (no anno 730 de Roma) o senado decidiu, como nos refere Macrobio, que em memoria dos numerosos serviços feitos por Augusto ao imperio durante o mez *sextilis*, esse mez se denominasse *augustus*.

Estas duas mudanças de nome foram accettas. Dahi se originaram as tentativas que fizeram Tibério, Claudio, Nero, Domiciano, para inscrever

seus nomes no calendario. Felizmente, não teve o mundo de passar por essa ignominia.

Julio Cesar e Sosygenes collocaram o dia complementar no mez de fevreiro; mas o acto de ousadia não foi tão rasgado como parece; este mez aziago, este mez par, conservou o seu character antigo; em vez de o levarem a 29 dias nos annos da intersalação, deixaram-lhe na apparencia os seus 28 dias primordiaes. Havia neste mez um sexto dia antes das calendas de março, um dia se que chamava *sexto-calendas*, em que se celebrava a festa commemorativa da expulsão de Tarquinio; entre esse dia e a vespera é que foi mettido o dia intercalar com o nome de *bissexto-calendas*: dahi veio a denominação de *bissexto* dada aos annos de 366 dias.

Os pontifices successores de Cesar foram encarregados de presidir á execução da reforma que elle havia estabelecido; mas, enganaram-se considerando cada bissexto decorrido como fazendo parte dos quatro annos que deviam fixar o bissexto seguinte; de modo que na realidade os bissextos voltavam de tres em tres annos. Assim esses graves personagens, que não teriam hesitado em predizer o futuro pelo vôo das aves ou pela inspecção das entranhas de um animal degolado pelo sacrificador, não comprehenderam que era necessario multiplicar um quarto por quatro para obter um. Este erro na applicação da reforma juliana durou 36 annos. Augusto o remedeou, cortando os bissextos que de mais se introduziram neste periodo.

O anno musulmano compõe-se, como o anno grego, de doze meses ou *lunações*; que tem alternativamente 30 e 29 dias. O total é de 354 dias, duração menor que o anno solar, 11 dias e um quarto: contudo, os musulmanos nunca recorrem a intersalações, de que resulta que o seu primeiro mez, o *moharram*, não tem logar fixo na ordem das estações, e que retrograda todos os annos da primavera ao inverno, do inverno ao outono, do outono ao verão, e do verão á primavera; finalmente, no curto intervallo de trinta e quatro annos tem successivamente correspondido a todas as estações do anno.

Os persas já tinham adoptado no seculo XI uma intersalação que approximava muito o anno civil do anno astronomico; que conservava os equinoccios e os solsticios nos mesmos dias do anno civil. Consistia no seguinte.

Tres annos communs ou de 365 dias eram seguidos, sete vezes a fio, de um anno de 366 dias; porém, á oitava vez, o dia intercalar 366º não se applicava ao quarto anno da serie, esperava-se pelo quinto para effectuar a addição.

Expliquemos o methodo. Os sete primeiros periodos formam o total de 28 annos; o ultimo comprehende cinco; portanto, a somma é 33. Em 33 annos as persas intercalam 8 dias. Isto suppoem para a parte fraccionaria da *preensão* media do anno, para a porção acima de 365 dias, um valor

expresso por  $\frac{8d}{33}$ ; ou  $\frac{8d}{33} = 0^d 2424$ .

10:000 annos, no modo de intersalação persa, comprehendem 3652424 dias.

10:000 annos astronomicos

lem . . . . . 3652422 "

A differença é só de . . . . . 2 "

Ver-se-ha que esta intersalação persiana é um pouco mais exacta que a do nosso calendario.

#### ARVORES DA GUTTA-PERCHA.

São notorias as inquietações do commercio e da medicina relativamente á quina; a provavel desaparicação desta, consequencia do deploravel systema da apanha. Apprehensões semelhantes se tem suscitado a respeito da gutta-percha, que apesar de ser conhecida ha tão pouco tempo se consome na Europa e na America em quantidade enorme.

A exportação desta substancia começou em Singapura em 1844, e em 1847 estavam derribadas todas as arvores, velhas e novas, da *Isonandra gutta*, cujo succo é a materia aproveitavel: hoje nem uma gota se colhe nos arredores da povoação de Singapura d'antes tão ricos destas arvores preciosas. O commercio da famosa gomma refugiu-se em Borneo, na Sumatra, na península de Malaca, no archipelago de Labors; masahi já não é a *Isonandra*, que fornece a verdadeira gutta-percha; misturam-lhe gommas ielelong, gegrek, litchu e outras substancias analogas, inferiores em qualidades, porém, mais lucrativas em razão do peso.

Para dar idéa do numero de arvores que se sacrificam para occorrer ás precisões da Europa, cumpre lembrar que a exportação de Singapura desde janeiro de 1845 até julho de 1847 foi de 6:918 picols de gomma, e esta quantidade exigiu, pelo methodo vicioso da exploração, o corte de 69:180 arvores. Ora, a *Isonandra* cresce lentamente e dura muito tempo: fazendo-se incisões regulares obtinha-se a gomma sufficiente, e o manancial não se esgotaria. Actualmente pelo contrario, para colher a gomma abate-se a arvore. Se não fosse o systema das incisões, ha muito que não existiria o caoutchouc ou arvore da gomma elastica: em semelhantes circumstancias prejudiciaes é que a horticultura salva o commercio e a industria. Agora a preciosa *Isonandra gutta* existe nas estufas de Inglaterra, ali se multiplica, e em breve os tearos pês nascidos sob a atmosphera nebulosa irão crescer e prosperar nas colonias da India; a exploração será regular, e a falsificação ha de desaparecer. É longa a operação, mas é a unica segura e vantajosa.

## PARTE LITTERARIA.

A NOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capítulo XXX.

NEM SEMPRE O AMOR COM AMOR SE PAGA !

Theresa, depois do primeiro sobresalto, tinha cahido em si; o coração assustado, e os olhos confusos, advertiram-n'a de que lhe ia desfallear o animo. Retirou-se á pressa da janella, assentou-se defronte do toucador; e com a vista fita e o rosto entre os dedos, accusou-se muitas vezes da fraqueza, que a impedia de pôr termo ao engano de Jeronymo. A verdade era cruel, dolorosa de certo; mas se a não dissesse? Desejava sacrificar-se; porém o mancebo não pedia sacrificios; tinham-lhe dado o direito de exigir amor!

Rasgaria de uma vez o veu? Mesmo, atrevendo-se, faltavam-lhe palavras, que explicassem aquella alma cheia de confiança, que tinha sido tudo illusão, e que era preciso accordar, achando a felicidade de menos, e talvez a vida. Podia só dizer meia verdade, segundo o conselho de Catharina. A ternura de Jeronymo era tão credula que não se devia temer que percebesse mais do que lhe queriam confessar.

No meio da sua perplexidade, ouviu passos no corredor immediato; e decidiu-a um impeto quasi machinal. Se fôr elle, digo-lhe tudo! — pensou consigo. Apesar disso, quando entreabriu a porta os joelhos cederam de temor; quando olhou para descobrir quem vinha, poz-se-lhe uma nuvem sobre a vista. O rosto da irmã de Cecilia, sublime pela dôr comprimida, atrahia com a belleza timida e plangente. A anciedade desbotava-lhe as faces; e a côr suavemente triste do alabastro realçava o carmin dos labios, aonde um sorriso sem calor apenas despontava. A desesperação, que lhe emprestava momentanea energia, podia lêr-se nos olhos, cujo brilho estava humido das lagrimas mal queimadas.

A mão vacillava, chamando; a vista era suplicante; e o corpo, suspenso entre o receio e a vontade, mostrava a adoravel indecisão que dá tanto agrado á formosura, quando, cheia de innocencia, nem adivinha os desejos que faz nascer.

— « Jeronymo » disse em voz baixa « Jero-

nymo? Sou eu!.. Não saia sem me dizer adeus... Tenho uma coisa que lhe contar. Entre! »

O mancebo veio. Quasi irmão e quasi esposo, este favor não o podia admirar; e todavia, se é possível, estava ainda mais tremulo do que ella. Só com Theresa o seu coração não sabia senão sentir e palpar. Vel-a, ouvil-a, e adoral-a, era a unica alegria.

— « O que tem? » observou a donzella reparando no sobresalto do capitão. « Admira-se de o chamar? Não sabe que somos quasi irmãos? »

— « Irmãos, Theresa? » accudiu elle com um ar que a fez mais triste. « Acha verdadeiro um nome, que é doce, mas que diz menos do que sente? »

— « Se tivesse um irmão, Jeronymo, havia de amal-o muito! » atalhou a irmã de Cecilia cheia de melancolia.

— « E eu havia de ter ciumes delle! »

— « Ciumes?... de meu irmão? »

— « De todos. Ás vezes chego a ter inveja das caricias feitas a Cecilia... O meu desejo era sermos sós no mundo, e não haver ninguém no meio. »

— « Como Adão e Eva? » replicou ella sumindo as lagrimas em uma ironia contrafeita. « Cuidei que não era tão zeloso! »

— « Disse uma loucura? » acudiu o mancebo abaixando a cabeça, envergonhado.

— « Olhe » exclamou ella espiroscendo o rosto com esforço » eu sou o contrario então. Agrada-me tanto saber que louvam e presam o que mais estimo! Tenho horror aos zelos!... »

Callaram-se um pouco; Theresa porque luctava consigo, e tinha medo de lhe dizer o que trazia no coração; Jeronymo, porque temia sem saber a razão, e não se atrevia a deixar faltar a ternura. Em fim, a donzella com a voz insinuante e o olhar seductor, fascinação irresistivel da mulher, pegou-lhe na mão, e por meio de branda violencia, obrigou-o a sentar-se n'uma cadeira. A della estava do outro lado, defronte; e o espelho no meio de ambos.

— « Sente-se um momento » dizia-lhe ao mesmo tempo « e conversemos como amigos, com socego. Diz que me ama? Vou saber a verdade. »

— « A verdade? » exclamou elle erguendo-se com impeto, e deixando apparecer a magoa nas pupillas, que de repente se tornaram quasi lacrimosas « Uns poucos de annos de constancia ainda não lhe disseram tudo? »



— « Sente-se; obedeça! » interrompeu ella ameaçando-o com o dedo e rindo com meiguice.  
« Está disposto a fazer o que eu mandar? »

— « Sando coisa possível... »

— « Sim ou não? »

— « Antes de saber?... »

— « Descortezia! Sem responder, perguntar? Fazia-o meu cavalleiro; mas os votos da sua dama, agora vejo... »

— « Seu cavalleiro, Theresa? » exclamou sorrindo « Não sabe que já sou captivo? »

— « Ah!... O romance da Rosalinda? » exclamou ella encantada desta digressão que lhe permitia respirar um pouco. « Lembra-se de quando o cantavamos e eramos tão creanças?... O que diz o almirante á princesa? recorda-se? Ha tanto tempo! »

— « Deixe vér!... O conde falla da sua gallé do mar e Rosalinda exclama de terra :

« Para um só tenho outro emprego,

« Mas está por captivar. »

— « É assim; e o conde « accudiu a irmã de Cecilia com viveza « punha-se de joelhos e respondia :

« Captivo está, tão captivo,

« Que se não quer resgatar.

« Rema, a terra a terra, meus

« Voga certo, e a varar. »

— « A parte do almirante dizia-a eu, de joelhos aos teus pés... » exclamou o mancebo exaltando-se e dando-lhe o tractamento da infancia.

— « E por signal fazia-me perder de riso sempre... » accudiu ella com malicia. Foi alli, naquelle mesmo jardim que nos está ouvindo. O que me enternecia era o final. O rei manda matar a princesa e o almirante; na cova de Rosalinda nasce uma arvore; e na sepultura do conde um rosal. Depois é que são estes versos tão bonitos :

« Cortados e recortados,

« Tornavam a rebentar;

« E o vento que os incestava,

« E elles iam-se abraçar!

Talvez já não goste delles? Muda tudo; os annos passam tão depressa! »

E Theresa pensativa deixou escapar dos olhos um relampago de ternura, como a lampada que esporta na derradeira chama. Era o seu adeus ao passado. Se Jeronymo podesse perceber!

Mas, enlevado nos risinhos quadros da mocidade, o mancebo respirava com delicias estas recordações, correndo atraz do que ainda suppunha realidade.

— « E o outro da — Donzella que vae á guerra — não se lembra, Theresinha? Foi n'uma tarde linda que eu o disse!... Eram tudo jasmims, e rosas ao redor de nós; o ar estava sereno que não bolia folha!... »

— « Sei... Lembro! Foi em Cintra » interrompeu ella agitada.

— « Assentámo-nos por signal á sombra, de baixo das arvores grandes, vendo correr a agua; Cecilia brincava um pouco adiante; sua mãe subia á ermida com o commendador... Ficamos sós... nós dois!... Nesse dia disse-me duas palavras e deu-me um anel... Esqueceu-se? »

— « Não! Foi em junho; haverá tres annos! » accudiu ella pondo-se branca como a renda que lhe enfeitava o collo.

— « Tres annos, justamente » proseguiu Jeronymo. Vespera de S. João ha de fazel-os. A tarde dos amores, a noite das sortes... »

— « Jeronymo! » atalhou a pobre menina que estas recordações feriam cruelmente, mas que desejava encubrir a sua dôr « Quer que diga o romance? Parece-me que ainda o sei. »

— « Não, Theresinha; como antigamente, Direi uma parte, e tu a outra. Fallo eu primeiro :

« Sette annos andei na guerra,

« E fiz de filho barão,

« Ninguém me conheceu nunca

« Senão o meu capitão;

« Conheceu-me pelos olhos,

« Que por outra coisa não. »

— « E eu acabava assim :

« Foi meu capitão na guerra

« De amores me quiz contar...

« Se ainda me quer agora,

« Com meu pae hade fallar. »

— « Obedeci! exclamou o mancebo, sorrindo-se. Pedi a donzella a seu pae, a quem era seu segundo pae! Hoje não sei se ella quer, mas naquella tarde... fez-se uma rosa dizendo — sim! »

— « Jeronymo! murmurou a irmã de Cecilia soffocada e tremula. »

— « Que dia feliz! proseguiu o mancebo sem adivinhar na pallidez da donzella que a fazia padecer. Que tarde! Nunca os teus olhos foram

mais bellos. Theresa, vivos que nem o sol que rompia do arvoredor; verdes puros, que eram a inveja daquellas folhas, que não agitava sequer um sopro! Por cima da cabeça nos ramos pousou um rouxinol, despedindo-se em uma cantiga tão dobrada e maviosa, que nos callavamos às vezes para o escutar. E vê tu! Quasi que era só a alma a fallar... Tão de vagar, tão perto um do outro, que a aveinha sem se assustar cada vez ia cantando mais... Theresa, se aquella tarde me esquecer, dize que já não sou do mundo.»

— «Lembraste bem! demais... cuidei que hoje... desde que somos noivos!..» atalhou balbuciante, afflicta, e com os olhos arrasados de agua.

— «Nunca esquece. O coração morria se não vivesse de sentir e recordar. Representa-se-me tudo como se fosse agora... Eu estava de joelhos; não sei como a bocca chegou á tua mão; voou um beijo; e sorrindo e fugindo com os dedos, tiraste á pressa a tua memoria de ouro e destempera em penhor... Eil-a aqui!.. A lingua tinha medo de fallar, mas a vista não se callava... Até que sentindo os passos de tua mãe, e levantando-nos de repente, não pude conter-me e exclamei: Theresa isto não é amor?»

— «E eu por signal não respondi!» accudiu ella corando.

— «É verdade; mas a bocca sorrindo, e os olhos cheios de graça que disseram *sim*. Ainda somos só irmãos?» perguntei de novo.

— «E eu fiquei callada? Não me lembra.»

— «Não disseste...»

— «Alguna promessa... de creança? Loucuras passadas, Jeronymo!»

— «Como é doce fallar dellas!.. Ainda parece que te estou vendo, com as faces como dois rubis, e os olhos tão meigos, que a luz era um suspiro. Recordas-te, quando me dizias: a tua irman é Cecilia; eu sinto mais; não sei se é amor?»

— «Bem vês! Eu disse que não sabia!.. Lembro-me agora!»

— «Tornei a ajoelhar, e á beijar-te...»

— «A mão?» interrompeu ella côr de purpura e com um gesto gracioso.

— «Sim; e dessa vez não fugiu, mas tremia!.. Cecilia chegou-se a nós, e viu-nos tão sobressaltados, tão vermelhos, que se riu, dando-me uma saude... ainda a conservas?»

— «Está alli!» disse a donzella apontando para um côrre de madre-perola.

— «Parti pouco depois. Foi a ultima viagem.

Os perigos e as ondas em tormenta não me assustavam; sabia que devia voltar e ver-te! A magoa da ausencia, as saudades de longe, tu só m'as consolavas... Quando o coração se entristecia, adivinhava que o teu não estava alegre; se me dizia o teu nome acreditava que á mesma hora a tua alma pensava em mim. Se fiz alguma acção, que chamaram grande, era para saberés por ella que vivia! Não a pratiquei senão para ser mais uma gloria do nosso amor... Theresa vês! Se te perdesse!.. Se viesse a conhecer que me enganava... Era melhor não ter nascido!.. Sobre as aguas do mar foste sempre a minha estrellá; nas solidões da America acompanhou-me a tua imagem. Nunca me achei só senão ao pé de outra mulher! Sem ti o mundo não valia a metade dos meus trabalhos. Ha tres annos que a minha vida é a esperanza, e o penhor della esta memoria. Dir-me-has hoje o mesmo que na vespéra de S. João á tarde?... Quando teu avô nos uniu as mãos o teu coração não nos separou? Quando teu pai quiz abençoar mais um filho a tua alma não teve receio? Sabes se te amo!.. Não importa! tenho animo. Theresa se a minha alegria, se a minha vida, porque não quero mentir, é a minha vida, te custasse uma lagrima... estamos a tempo... conheço longe daqui um sitio aonde posso socegar!.. Calla-te, choras?... Não tenhas susto, não me queixarei, não te direi senão uma vez ainda que te adoro! Recebe o teu anel e ficas livre! Só peço, que não me digas tu mesma que vou perder-te. Sou mais fraco do que julgas!»

Ouvindo estas phrases ardentes e apaixonadas, Theresa poz as mãos, e instinctivamente inclinada para elle recusou o anel com um gesto repassado de tristeza. Pallida de terror, tremula de commoção; e sentindo-se cortada de mil contrarias dores ao mesmo tempo, foi-se levantando lentamente da cadeira como se uma força sobrehumana a impellisse. Os olhos fitos eram deslumbrantes, a bocca fremente de suspirar e ansiosa recolhia as palavras como outras tantas gotas de sangue precioso. Quando elle ergueu a vista e a procurou, para ler a sua sorte, sentio queimarem-lhe duas lagrimas sobre a mão, e achou a donzella ajoelhada diante de si. Ao mesmo tempo, aquella vez suave, que tanto receiava que o condemnasse, cortava-lhe o coração exclamando em um grito de ineffavel ternura:

— «Jeronymo, eu não mereço o teu amor!»

O mancebo arrojou-se-lhe aos pés immediatamente: e ambos de joelhos, pallidos, e com as

mãos unidas, ficaram naquelle silencio, raro na expressão que pôde dizer tudo. Theresa enternecida e assustada do excesso com que elle amava, tornava a enganar-se, e a enganá-lo chamando amor aos carinhos da amizade! Jeronymo, adorando as doces lagrimas nos olhos compassivos, firmou-se na illusão, entregando-se ao rapto destes momentos. Entre os dois estava o adeus eterno, a separação e não a vium!

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

### POESIAS DE OTTONI.

#### Salve Rainha.

Salve, Templo da Luz, Mãe compassiva,  
Soberana do céu, Virgem formosa.  
Esperança de amor, doçura e vida,  
Salve, Mãe dos mortaes, do Eterno Esposa.

Filhos do pranto e dôr, os de Eva filhos,  
Desterrados gemendo a Ti bradámos...  
Neste valle de lagrimas regado,  
Por teu soccorro, ó Virgem suspirámos!

De amor, é compaixão teus olhos volve;  
O penhor que nos deste, ó Virgem pura,  
Em Ti nos deu recurso, amparo, e guia;  
Eia! Volve-te a nós, Mãe de ternura.

E depois do desterro em fim nos mostra  
O fructo de Teu Ventre, ó Doce, ó Pia,  
Acode aos filhos de Eva, ó Tu sem mancha,  
Ó mais pura que o sol, Virgem Maria.

Roga, pede a teu Filho, ó Mãe formosa,  
Como fructo de amor, e de esperança  
Que nos leve a gosar no seio eterno,  
As delicias do bem, que o justo alcança.

Se a Virgem pura,  
Mãe de Clemencia;  
De nova essencia  
Prodúz a flôr,

E porque a origem  
De antigos males,  
Do Eden nos valles  
Perdeu a côr.

Outr'Eva abrindo  
Celeste manto  
Desfaz o pranto  
Que faz a dôr.

Escuta o ecco  
Dos peccadores,  
Ouve os clamores  
Ó Mãe d'amor.

Se o Pae ao Filho  
Tudo concede,  
Quanto a Mãe pede  
Nos dae, Senhor.

#### Jaculatorias.

Do crime, ou da especie  
Nem sombra t'embaça,  
Es pura de origem,  
Ó cheia de graça.

Na mente do Eterno,  
De origem tão pura,  
Como eterna existias,  
Ó Mãe de ternura!

Es lyrio sem mancha,  
Que o Verbo produz  
Primeiro que houvesse,  
Nem globo, nem luz.

No manto, que é emblema  
De abrigo materno,  
Tu podes levar-nos  
Ao seio do Eterno.

#### Elogio á paz e concordia.

Como é bom sentir o effeito  
De suave reacção!  
Como é jucundo viver  
Em fraternal união!

E de perfume odoroso  
Lisongeira sensação,  
Que se entornou da cabeça  
Por toda a barba de Aarão!

Qu'ensopando o seu vestido  
Lhe banhava o coração,  
Qual de Hermon o doce orvalho,  
Que banha o monte Sião.

Alli o goso é perenne,  
Quando vae de mão em mão;  
Alli ha benções do céu,  
Aonde ha paz, e união.

## NOTÍCIAS E COMMERCIO.

**Curso de leitura popular e gratuito ás 8 horas da noite em casa de A. F. de Castilho, rua dos Navegantes n.º 41. 2.º andar.** — Annuncia-se que desde o dia 26 de julho de 1852 se não dará entrada neste curso senão aos alumnos docéis ás providencias e medidas que se adoptam para a boa policia da aula, e ás pessoas que vierem munidas de senhas que lhes serão entregues com a condição de assignarem o seu nome e

morada n'um livro próprio, e de se portarem com toda a decencia e urbanidade. As senhas serão procuradas do meio dia ás quatro horas da tarde em casa de A. F. de Castilho. As senhas serão numeradas e renovadas todas as semanas — aos domingos.

**Alvaiade de zinco.** — A substituição da alvaiade pelo branco de zinco está sendo objecto de estudos graves. O *Journal des Debats* diz a este respeito. — « Consta-nos que para facilitar a resolução deste importante negocio de salubridade publica que interessa sobretudo a uma classe numerosa de operarios, as associações do Banco de zinco e da Vieille Montaigne prestaram o seu concurso para ajustes mediante os quaes se affiance uma justa indemnisação, sem encargo para o estado, á industria que em razão de sua natureza insalubre fôsse sacrificada á publica utilidade.

« Esta intervenção de sociedades poderosas e a satisfação que parece dar aos fabricantes de alvaiade teriam o feliz effeito de deixar ao governo grande liberdade de exame, e de isentar a solução, que o interesse publico demanda, das preoccupações e obstáculos que poderia suscitar a difficuldade de meios de execução. »

Por outra parte, um jornal helga diz que a questão que se moveu a propósito da alvaiade causou tal susto ao commercio e exploração mineralógica do chumbo, que vae nomear-se uma comissão encarregada de examinar os factos e de propor a solução da difficuldade.

**Cantora aposentada.** — Mad. Sontag, hoje condessa Rossi, actualmente na America, tracta de ajustar por seu procurador a compra de uma propriedade situada nas cercanias de Coburgo, com intenção de fazer ali sua residencia effectiva, ao recolher da viagem ao novo hemispherio.

**Ouro da Oceania.** — A quantidade de ouro trazida a Londres pelo *Admiral*, que chegára de Port-Philip (Australia), no dia 29 de junho ultimo, montava a 30:840 onças, e representava o valor de 120:000 libras esterlinas. O capitão referiu que devia ter sabido no dia 31 de março, mas foi detido na bahia pela necessidade de mandar buscar ouro a terra para pagar á sua gente, sem o que não queriam levantar fôrre; e a soldada assim exigida adiantada era de 45 libras pela viagem. Havia no porto perto de cincoenta navios abandonados pelas equipagens. O numero de pessoas que chegavam a Port-Philip orçava por mil por semana.

Chegaram tambem da Australia o *Thomas Hughes* com 6:200 onças, e o *Windsorworth* com 20 mil ou mais, prefazendo ambos o valor de 105:000 libras esterlinas.

**Desapparecimento de uma cantora.** — A celebre cantora Sophia Cruvelli fugiu de Londres. Foi o caso. Era dia de ensaio — a elegante actriz não era das primeiras a comparecer; mas neste dia nem se quer foi das ultimas. Como a caprichosa e bella Cruvelli se esquecia ás vezes dos ensaios, o afamado empresario Lumley mandou saber noticias da inspirada e tragica Norma: a casa de sua habitação

estava deserta. Todos tinham desaparecido — a actriz sua irmã, sua mãe e sua tia — e até o papagaio (companheiro fiel de todos os artistas italianos cantantes e dançantes). O desapparecimento das mães tambem foi coisa muito significativa. O mysterio cerca este accoecimento: e o empresario Lumley foi procurado por um advogado que se julgou autorizado para lhe communicar que Mademoiselle Cruvelli tinha partido para o continente. Qual será a parte do continente onde virá parar esta bella e tragica fugitiva?

**A memoria de um sabio.** — Acaba de resolver-se na capital sarda que o prolongamento da rua dei Conciatori seja denominado rua de Lagrange. É honrar simultaneamente o Piemonte que viu nascer, naquella rua, tão insigne mathematico, e a França que foi o theatro de seus uteis e importantes trabalhos.

**Pastilhas de chá.** — Chateaubriand denominava o aroma das plantas o pensamento que lhe sobrevive; a essencia era em seu entender a alma da planta: a estas lindas imagens, a estas aprasiveis visões de poeta, o chimico responde com o prosaico e totalmente material descobrimento de algum oleo; e ao passo que o insigne escriptor ennobrece o perfume de nossas florestas, o sabio encerra em garrafas as almas das flores, e com uma rolha lacrada lhes veda revolver-se nos ares. A sociedade real de horticultura de Edimburgo, na pessoa de M. Murchison, acaba de cuidar especialmente do espirito do chá; os numerosos apaixonados desta planta não desestimam ter noticias recentes deste espirito interessante com que estamos tão habituados. Sem duvida tãdes julgado até agora que os espiritos, os vapores, as essencias, os perfumes, não tinham forma, careciam de figura: a delicadeza da philosophia dos chinas não tinha penetrado na Europa. O chima afirma que a alma ou espirito do chá é da forma de rhombo, e que a que não tem esta figura essencialmente geometrica é droga, porém não espirito; para prova de que o rhombo é a forma em que o perfume do chá se resume em essencia, em principio, em acção, e em vitalidade, é que o fabricante a consigna em caracteres que não vos será dado provavelmente decifrar. Todavia, com alguma perspicacia e sem ter feito estudo profundo do chim, poderis conhecer na essencia do chá em forma de lisonja ou rhombo figuras de insectos e instrumentos de musica, porque, segundo a botanica de Ho-Té, o maior sabio do celeste imperio em materia de drogas, quando se bebe verdadeiro Pekao, colhido durante a lua cheia e pelas mãos calçadas de luvas de seda dessas damas que parecem privadas, fica-se leve como a borboleta do occidente e requebrado como os sons do mandolino de Nankin.

O doutor Murchison leu uma dissertação mui elaborada sobre a essencia do chá em forma de rhombo, na qual provou que os chinas não podendo passar sem chá, até em jornada ou em campanha, veem-se na necessidade de o transportarem sob a minima forma e ao mesmo tempo mui activa. Uma parcella destas pastilhas de chá, sendo dissolvida na bocca, faz o effeito de uma chavena de chá mui forte, sem

atuar a transpiração que produz a água quente. Graças a este effeito do principio *thermo* (do chá) refresca-se a pessoa sem ter bebido, e não precisa de água para matar a sede.

N'uma *porte-monnaie* ou carteirinha ordinária levava-se porção sufficiente de essencia de chá para beber durante um mez, a razão de dez chavenas por dia, feito o abetimento da água; e mesmo este calculo não é exacto em relação a todos os povos, porquanto está provado que em todo o chá que consomem os inglezes bebem 90 por cento de água, os holandeses 92, os alemães, belgas e francezes 98 a 99.

O tempo não altera a qualidade destas pastilhas: de umas que haviam sido preparadas em Pekim em 1812 usaram ultimamente os membros da sociedade de horticultura de Edimburgo, e achou-se que a tal essencia de chá era odorifera, balsamica, saberosa como no primeiro dia; para prova disso Mr. Morrison depositou as amostras no Museu economico edimburguez. Os jornaes inglezes de horticultura annunciam trabalhos emprethendidos por varios chimicos afim de prepararem pastilhas de essencia de chá para uso da machinha.

#### BIBLIOGRAPHIA.

COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL, por José da Motta Pampa de Amorim.

Concluiu-se o tomo 3.º e contém:

*Historia sagrada.* — Os prophetas, Jeremias, Ezequiel, Baruch, Aggeo, Zacharias, e Malaquias; historia de Susanna, de Bello, do dragão, de Esther, e de Eodras.

*Historia prophana.* — Armenia, Assyria, Bretanha, Caledonia, Carthago, China, Egypto, Ethiopia, Grecia (até á morte de Socrates) Hibernia, historia romana (até á expulsão dos decemvíros) Japão, Libya, Lydia, Macedonia, Pegu, Persia, Phenicia, Ponto, Seythia, Sião, Sicilia; e Syria.

Vende-se por 300 rs. nos principaes livreiros de Lisboa; Porto, e Braga.

#### CHRONICA.

Ahi vamos pela primeira vez escrever uma chronica semanal, e apresental-a nas columnas da revista. Pois a revista não ha de ter tambem a sua chronica? Porque não hão de seus leitores saber o que ahi se por essa Lisboa? É uma falta que nós vamos d'ora avante tratar de remediar, occupando-nos do que houver de mais notavel durante a semana, e mereça as honras da publicidade. Só pedimos desculpa se não preenchermos, como nos cumpre, o fim

que nos propomos. Apresentámo-nos em campo sem pretensões, e por isso a tolerancia será quanto basta para nos animar.

Ha quasi um anno que espontaneamente tomámos sobre nós o encargo de discorrer nas columnas da revista sobre os espectaculos do nosso theatro lyrico. Nesta tarefa, bem que pouco importante, prezamos de nos termos sempre havido com imparcialidade e justiça. O nosso juizo, bom ou mau, tal qual o emitimos, foi sempre filho da nossa convicção. Nunca fomos consultar oraculo, e se alguma vez errámos foi por falta de intelligencia, mas nunca por motivos estranhos que dominassem a nossa consciencia. Se occasião houve em que nos taxaram de severos, foi porque realmente entendemos que o deveramos ser, e se por outro lado denunciamos talvez alguma predilecção, consola-nos a idéa de que essa predilecção em breve se generalizou não só entre o publico como tambem entre os orgãos da imprensa periodica, porque revertia em favor de uma artista que por todos os titulos a merecia. Encusado é dizer a quem nos referimos: o leitor o terá já comprehendido.

Mas o theatro de S. Carlos fechou as portas; o panorama de Mississipi desapareceu. Nada ha, portanto, que registrar até á nova epocha dentro daquelle recinto. Saímos, pois, e divergemos que não nos faltará por onde.

Occuparnos-hemos hoje em primeiro lugar de um assumpto que está prendendo a attenção do publico. Temos ou não *illuminação no Passeio?* Eis a pergunta que a cada passo se repete, e a que não é facil responder. Trata-se de levar a effeito ou não um espectáculo dos mais brillantes e concorridos que tem havido entre nós, e que promete além disso valiosos resultados para os pobres desta capital.

Na grande falta de recursos para fazer face ás despesas do asylo de mendicidade, a *illuminação do Passeio* projectada e realisada no anno passado foi um pensamento feliz, que a Providencia se dignou coroar com o exito mais completo. Dizemos que a *illuminação* foi um pensamento feliz, porque nos comprou avallal-a, não só pelos lucros avantajados que já deu ao asylo, mas pelo interesse que nella tomou a população de Lisboa, e porque sendo aquelle espectáculo de um genero variado, apparatoso, e novo entre nós, logo se popularizou de forma tal, que ficou constituindo um rendimento avultado e certo, com que todos os annos se pode e deve contar em beneficio da pobreza. O que poderá, pois, obstar, perguntarão nossos leitores, a que se renove esta brilhante *feita de caridade*. Quem não desejará que se realice durante o verão esta magnifica e tão aprivavel função? Sentimos dizer que o obstaculo que hoje se apresenta á *illuminação do passeio* parte de quem o publico menos o esperava. É a camara municipal de Lisboa, alia composta de cavalheiros que muito respeitamos, e cujo zelo e dedicação pelos interesses do municipio são conhecidos de todos, que se aparta nesta questão de que é justa e razoavel. Não podemos, portanto, concordar com o seu modo de proceder.

A camara, concedendo a licença para a *illuminação*, julgou conveniente estabelecer diversas condições para preservar o *Passeio Publico* de qualquer damno, e manter a sua boa policia. Promptamente se sujeitou o provedor do asylo a todas as condições.



tendentes a esse fim; mas não poudo resolver-se a aceitar uma dentre ellas que sendo inteiramente dependente do systema da illuminação, e nada tendo com a policia e segurança material do Passeio, iria ferir altamente os interesses do asylo, além de prejudicar muito o effeito da mesma illuminação.

Essa condição é a que manda que se não tape a gradaria do Passeio.

Não é preciso entrar em grandes demonstrações para provar que esta clausula não é da competencia da camara, porque formando parte integrante do plano da illuminação o taparem-se as grades, não causa isso o menor damno ao Passeio em quanto que a condição imposta é inadmissivel por parte do provedor do asylo, porque convertendo em espectáculo gratuito o que só é publico mediante uma retribuição em beneficio dos pobres, importaria nada menos do que n'uma consideravel diminuição de receita, que poderia até collocar o asylo no grave risco de vir a ter perdas n'uma empresa em que elle, com toda a razão, só espera ter lucros importantes. E deve por ventura o asylo correr esse risco? De certo que não.

Para que o resultado da illuminação corresponda plenamente ao fim a que ella é destinada, não basta a concorrencia das classes privilegiadas da sociedade; é preciso attrahir ao Passeio a massa da população até ás classes mais humildes: seria pois, absurdo proporcionar-lhes os meios de gosarem o espectáculo sem a competente retribuição. E é preciso notar que as despesas ainda este anno hão de ser avultadas, porque falta completar e aperfeiçoar o que ficou incompleto e imperfeito, e introduzir naquello espectáculo novidades e attractivos que chamem a concorrencia. Para esse fim, além do sr. Rusconi, foram convidados os srs. Rambois e Cinatti, e basta citar o nome de tão acreditados artistas para nos convencermos desde já que a illuminação hade ser rica, variada, e de bello effeito, e em tudo digna dos habitantes da capital. Ora a opinião dos sobre-ditos artistas é que o espectáculo perderia muito do seu effeito se não se cobrisse a gradaria, vedando assim aos concorrentes as vistas exteriores do Passeio, que distrahiriam a sua attenção, e formando um contraste notavel e por vezes caricato com o interior do mesmo Passeio, desconcertariam a harmonia e a uniformidade que devem presidir ao todo magestoso e brilhante da illuminação. O parecer de pessoas tão competentes na materia merece ser attendido, e bastaria de per si só para fazer regeitar a innovação que a camara pertende estabelecer, tanto mais que não podemos encontrar uma unica razão plausivel em que se apoie aquella pertença.

Deste modo, está provado até á evidencia que a clausula que a camara impõe, é inadmissivel, porque não contribuindo de modo algum para o resguardo material do Passeio, nem para a sua boa policia, prejudicaria muito o effeito e *ensemble* da illuminação, e comprometteria gravemente os resultados que se esperam em beneficio da pobreza desvalida.

À vista de tudo isto, persistirá ainda a camara nesta sua exigencia? Será ella a culpada que se não faga a illuminação, privando os habitantes de Lisboa de um espectáculo bello e maravilhoso, e o asylo de mendicidade de uma tão importante verbe-

de receita. Não o podemos crêr. Seria duvidar da illustração dos cavalheiros que compõem a actual camara, dos seus sentimentos generosos e caritativos, do muito que elles, individual e collectivamente, tem a peito a prosperidade e augmento dos estabelecimentos de beneficencia.

Não pôde haver desaire em reconsiderar um objecto para se attender a motivos justos e honrosos, em quanto que a persistencia no erro é sempre censuravel. Não se diga que a camara quiz impedir a illuminação, e que não desejando declamar-o francamente, preferiu soccorrer-se a um pretexto para obter o seu fim. Quanto a nós fazemos plena justiça aos sentimentos da camara para pensarmos em tal; por isso esperamos que ella não será surda á voz da razão e da caridade, e temos fé que o futuro nos provará que as nossas esperanças não foram illusorias.

Demorámo-nos neste ponto porque elle é de sua natureza grave e importante.

No domingo foi grande a concorrencia no Jardim Mythologico. Estava annunciado o fogo *monstro*, e esta circumstancia era bastante para attrahir alli o poder do mundo. Tal é o prestigio que goza entre nós aquelle pomposo vocabulo que equivale em muitos casos a um novo *talisman*. O certo é que se passou uma tarde sumamente agradável e divertida, e o fogo *monstro*, se nada teve que nos causasse susto, nem por isso deixou de ser variado e brilhante, honrando sobremaneira o talento pyrotechnico do famoso José Osti.

Assistimos ás duas primeiras representações do drama de grande espectáculo *A Prophecia ou a Destruição de Jerusalem*, que subiu finalmente á scena no theatro de D. Maria II uo sabbado passado. Havíamos ouvido fallar muito dos grandes preparativos para este espectáculo, que ia deixar a perder de vista *O Alcaide de Faro*, e o *Templo de Salomão*, e cumpre-nos confessar que ainda assim elle excedeu a nossa expectativa. Nunca vimos no theatro tanta riqueza e magnificencia, nem mesmo nos tempos de saudosa memoria em que o sr. conde de Farrobo presidia aos destinos da nossa scena lyrica. Mas não é só a magnificencia do espectáculo, é tambem o merito intrinseco do drama, o seu bom desempenho, os bonitos e graciosos bailados e passos de que está adornado, a bella e apropriada musica que opportunamente acompanha muitas das suas situações, é todo este complexo, enfim, que concorre poderosamente para que a *Prophecia* tenha um exito completo, e lhe prepara longa vida na scena.

Devem ter sido grandes as despesas e os sacrificios a que se abalançaram os artistas directores daquelle theatro, mas esperamos que o publico saberá avaliar e recompensar devidamente essas despesas e esses sacrificios.

Em outra occasião nos occuparemos mais detidamente deste assumpto.

DEMETRIO RIPAMONTI.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTÍCIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 4.

QUINTA FEIRA, 5 DE AGOSTO DE 1852.

12.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### O BANCO DE PORTUGAL EM RELAÇÃO Á SITUAÇÃO FINANCEIRA.

Le crédit, sous sa double forme de crédit public et de crédit privé, mérite d'être classé sur le même rang que la vapeur et l'imprimerie, au nombre de ces forces qui sont destinées, appelées à changer la face du monde, et qui sont en voie d'opérer sur la terre la transformation de toutes classes au profit de la liberté comme de l'ordre.

M. CHEVALIER.

### III

A especialidade dos argumentos de analogia produzidos para sustentar que o Banco de Portugal deve ao Estado juros pela circulação das notas do Banco de Lisboa nos obriga a tractar este ponto em separado.

A analogia que se appresenta eleva a questão na generalidade á consideração do que em circumstancias identicas se tenha feito em relação aos Bancos fóra do nosso paiz, mormente na ultima crise europea de 1848, e na especialidade ao exame dos pontos de similhança entre as relações dos governos com esses Bancos, e as relações existentes entre o Estado e o Banco de Portugal.

Encontramos assim formulados os argumentos de analogia que impugnamos.

« Que as letras commerciaes que não são pagas no vencimento, sendo protestadas, vencem juros a favor do possuidor desde aquelle dia :

Que as notas do Banco de Lisboa, ou de outro qualquer Banco, passadas á vista, não sendo pagas na sua appresentação, podem ser protestadas para aquelle fim de vencerem juros por toda a demora do pagamento :

Que não tendo o Banco de Lisboa pago as suas notas que lhe foram appresentadas, em virtude do

decreto de 23 de maio de 1846, que lhes deu curso forçado, este facto o não eximiu da responsabilidade dos juros, pois que o mesmo decreto serve de prova de que o pagamento das notas se não effectuou ; e nesta parte suppre ou equival ao protesto :

Que a rigorosa justiça exigiria que os juros fossem pagos aos portadores das notas do Banco, mas que sendo isto impraticavel ninguém, absolutamente ninguém, ousaria negar que o Banco os deve pagar ao thesouro publico. »

Não podemos deixar de louvar o arrojo com que em taes argumentos se envolvem principios absolutamente novos, e nunca appresentados em relação ás theorias em que assentam os Bancos da Europa ; mas sentimos não poder concordar com esses novos principios.

É impossivel igualar um Banco á casa de um simples commerciante, e reduzir os creditos sobre elle ás mesmas circumstancias dos creditos sobre um particular, e isto mesmo em beneficio do credor.

A liquidação de qualquer casa commercial é sempre possivel, sem que este facto perturbe as leis do mercado de todos os representativos do credito — a liquidação de um Banco durante uma crise é impossivel sem gravissimos prejuizos para a causa publica. A similhança não se póde acceitar em um ponto, para não a considerar nas suas consequencias logicas, o protesto garante os juros e vae direito á liquidação. As notas de um Banco são um meio circulante, um signal representativo da moeda — não se acceitam nas transacções para usufruir um juro, correm na circulação em virtude de convenções especiaes, em que de um lado figuram altas rasões do Estado, e do outro vantagens immediatas para o commercio. A admissão do principio de que a nota de Banco era igual á letra de cambio para o protesto e juro seria um optimo recurso para os Bancos, que por erro proprio se embarcasssem nas suas operações. Logo que se impõe a obrigação do pagamento dos juros pelas notas, concede-se-lhe tacitamente o direito de recorrer a elle. Seria um acto seu a suspensão do pagamento á

vista, pois que o pagamento do juro o auctorisava a isso: suspendida, mas compensada, dispunha portanto, sempre que lhe conviesse, de uma moeda que poderia servir pelo pagamento ou pela liquidação.

Mas nem quando a crise de um Banco é estranha ao procedimento do Governo, as leis que os regulam permitem estes abusos. O Governo do Estado não aliena de si o direito de providenciar sobre uma instituição publica, que se não deve sujeitar ás regras porque se regula qualquer individuo. E nesta circumstancia especial a suspensão de pagamento é decretada para o Banco se habilitar a pagar, sem lhe agravar a situação, augmentando-se o debito com juros accrescidos, em opposição á natureza do papel do Banco, e facilitando-lhe os meios da sua reabilitação ás vezes até com supprimentos de capitais do Estado.

Expressamente começamos por esta hypothese a mais desfavorável á nossa opinião. A sua especialidade se torna muito rara. O que geralmente acontece é o Estado dever sempre aos Bancos, e ser não só a falta dos seus pagamentos, mas as suas novas necessidades, que trazem a providencia governativa da suspensão do pagamento das notas.

Como nós ousamos, ainda que com a maior consideração pela opinião opposta, sustentar que o Banco de Portugal não deve pagar ao thesouro publico os juros da circulação das notas do Banco de Lisboa, carecemos de desfazer o argumento de analogia que se baseia em que as notas de qualquer Banco, não sendo pagas á vista, podem ser protestadas para o effeito do vencimento de juros.

Não esperavamos que ninguem, absolutamente ninguem, avançasse uma proposição, que é destruida por todos os factos analogos.

O que em relação ao credito publico se passou em Portugal em 1846, foi igual ao que se passou na Europa em 1848. Existe a differença de que a crise actuava com muito mais força em uma area mais pequena, e na qual se operavam muitas transacções assentes na confiança publica, isto é, na solidariedade e honra do Estado.

O curso forçado das notas do Banco da Austria, decretado em junho de 1848 dura ainda. As circumstancias extraordinarias da guerra da Hungria e da Lombardia augmentaram em mais de 100 milhões de florins o seu credito sobre o Estado.

Para a nossa questão tomaremos um dos periodos das suas relações com o Governo. Em 31 de dezembro de 1848, por exemplo, a circulação das suas notas era de 250.477.638 milhões de florins, nesse mesmo dia o Estado devia-lhe 207 milhões. O Governo abonou sempre juros ao Banco, e em tão vasto imperio ninguem se lembrou de exigir juros ao Banco pela circulação das suas notas, e esta circulação causava bastante prejuizo publico, pois que nessa data o seu desconto era de 25 por cento; mas todos percebiam o simples estado da questão: o Governo e o Estado são uma e a mesma coisa,

se a nação não pode pagar ao seu credor, se o força aos grandes prejuizos da paralisação das suas transacções, como lhe ha de impor ainda um encargo de pagamento irregular de juros, de que se ha devedor, só a propria nação o podia ser.

Em Portugal, como na Austria, tambem o Governo se valia do curso forçado para ter meios de acudir ás suas urgentes despesas; e depois da suspensão de pagamento das notas recebeu:

Supprimentos de 25 de maio a	
29 de agosto de 1846 . . . .	640:000\$000
Supprimento em virtude do decreto de 22 de outubro do mesmo anno . . . . .	300:000\$000
Em virtude do decreto de 19 de novembro de 1846 . . . . .	300:000\$000
	<hr/>
	1.240:000\$000

Eis aqui como mais da quinta parte da somma em que se fixaram as notas do Banco de Lisboa provem da acção e necessidade urgente do Governo e da causa publica, mesmo depois do seu curso forçado. E para se vêr como sobre o Banco recahiu um odioso injusto, e para se avaliarem os seus graves prejuizos, é mister notar que esta somma, que juntamente com o resto seria amortisada em 23 annos, foi pelas providencias posteriores sujeita a uma amortisação muito mais forte, ao passo que o seu pagamento, deferido para longos prazos por meio do fundo especial de amortisação, em lugar de se aproximar, não só se conservou mas se alongou mais pelos desvios da parte do producto desse fundo da sua legal applicação, pela subtração dos 120:000\$000 annuaes da alfandega, que tambem o constituíam, e pela incrível demora da entrega dos juros das inscripções e Bonds resgatados, que por lei lhe pertencem. Comparemos agora este proceder com o do governo da Austria em relação ao seu Banco.

A somma das notas do Banco nacional da Austria tinha augmentado depois da suspensão do seu pagamento, em virtude dos empréstimos feitos ao governo, porquanto já vimos que a circulação era em 31 de dezembro de 1849 de mais de 250 milhões de florins, e devemos agora observar que em 31 de dezembro de 1848 era de 222 milhões. Antes de dezembro de 1849, a circulação chegou a ser muito superior á somma em que estava no dia 31 desse mez, e o seria tambem nesse dia se o governo em lugar de retardar, como em Portugal, o pagamento da sua divida, não houvesse, pelo contrario, pago nos ultimos mezes desse anno mais de 39 milhões, provenientes das indemnisações que recebeu da Sardenha, e das prestações recebidas para o empréstimo contratado a 4 e meio por cento, e do qual uma boa parte se destinava a pagar pelo menos metade do debito do estado ao Banco.

Expondo a comparação destes factos á consideração do publico, o seu resultado é tão eloquente em favor das nossas opiniões, que enfraqueceríamos

a sua força juntando-lhe outros argumentos. Esta analogia é positivamente em nosso favor, e prova solemnemente, que se não pôde inventar em credito e circulação uma theoria nova, não só para a applicar a um caso, e a um estabelecimento, mas muito menos, para a generalisar ás notas de qualquer Banco.

E para que se não pense que tomamos um exemplo singular, passemos a outros que generalisam a nossa impugnação.

O Banco de Genova, fundado em 1844, tinha o capital de 4 milhões de francos. Nas violentas difficuldades da sublevação da Italia, em 7 de setembro de 1848, um decreto auctorisou o Banco a fazer um emprestimo ao estado de 20 milhões de francos. A suspensão do pagamento das suas notas foi tambem decretada, e valeu ao thesouro publico, elevando ao triplo as suas emissões. Ninguém se lembrou de exigir juros do Banco por esta circulação, mas de que se lembrou o Governo, com aprovação geral, foi de abonar juros pelo capital de que se servia, e que no futuro seria pago pelo Banco, e tractar de lhe pagar os seus debitos logo que as circumstancias extraordinarias cessaram, até contrahindo emprestimos especialmente para este fim.

Em França os factos são tambem identicos.

O decreto de 15 de março de 1848 é assim concebido:

« Artigo 1.º Desde a data da publicação do presente decreto, as notas do Banco de França serão recebidas por moeda legal, tanto nas repartições publicas, como pelos particulares.

Art. 2.º Até nova ordem, o Banco fica desobrigado de pagar as suas notas em numerario.

Art. 3.º Em nenhum caso as emissões do Banco de França excederão a 350 milhões.

Art. 4.º Para facilitar a circulação, o Banco de França é auctorisado a emitir notas, que não serão menores de 100 francos.

Art. 5.º As disposições do presente decreto são applicaveis a todas as caixas filiaes do Banco nos departamentos. »

Eis aqui o Banco de França desobrigado em virtude deste acto do Governo de não pagar, como não pagou, as suas notas que lhe foram apresentadas.

Eis aqui, portanto, um documento, que, segundo a original opinião de que tractamos, pôde supprir o protesto para vencerem juro pela demora do pagamento.

Era portanto, segundo a mesma opinião, de rigorosa justiça que os juros fossem pagos aos portadores das notas. E tudo parece combinar-se para destruir quanto impugnamos. O Banco possuia uma avultada somma de fundos publicos, e portanto era muito praticavel o novo methodo proposto, do Banco os pagar por encontro ao thesouro publico. Mas não se fez, porque a rigorosa justiça, que preside aos actos da governação do Estado, e ás providencias de verdadeira salvação publica, sahem da alçada de um

protesto commercial para o grande ambito em que se agitam os mais importantes interesses nacionaes.

A idéa da liquidação do Banco repugnou a toda a França; propol-a teria sido insultar a intelligencia do povo mais illustrado da Europa. Nessas horas de angustia, em que a revolução social que percorria o paiz fazia rebentar uma crise commercial, todos comprehenderam que sem o subsidio do Banco, limitado á forma irregular com que o podia ministrar, a ruina do commercio e do Estado não seriam duvidosas.

Os juros devidos pelo Governo ao Banco foram sempre abonados. E depois do curso fongado importantes emprestimos se realisaram.

Em 31 de março 50 milhões de francos sobre penhor de letras do thesouro da Republica.

Em 5 de maio mais 50 milhões.

Em 3 de junho o mais importante de todos. Pelo contracto que lhe dizia respeito o Banco se obrigava a emprestar 150 milhões ao thesouro a saber: 75 milhões em julho, agosto e setembro de 1848, e igual somma em janeiro, fevereiro e março de 1849, parte era uma transferencia de creditos que o Estado lhe devia pagar em 1848, e á outra parte serviam de penhor as florestas do Estado.

Não deve esquecer a parte que o Banco tomou em tornar effectivo o emprestimo de 250 milhões, adjudicada em 10 de novembro de 1847, do qual a decima parte, já antes da revolução havia sido entregue ao Governo decahido; e tendo o novo Governo revolucionario reconhecido nobre e honradamente esta divida, sem duvida ou deducção que o deshonrariam; e apesar de que os titulos da parte entrada quasi que não tinham valor no mercado depois da revolução.

É preciso advertir que um dos menores destes emprestimos, o primeiro de 31 de março, na presença da gravidade e violencia da situação trouxe imposta a condição, a que o Banco annuiu, de não vencer juro por um anno.

E apesar desta annuencia, e do praso que se fixou para o não vencimento do juro ser tão curto, o conde de Argout no seu Relatorio de 1848, como governador do Banco, dera a esta condição a denominação de insolita. Como não seria ella qualificada se representasse uma deducção de juros, ou suspensão sem audiencia nem consentimento do Banco? Em Portugal, que em relação ao Banco se observam factos desta ordem, levanta-se uma opinião para contrahir juros que não existem; e em França onde os contractos são respeitados em todas as suas partes, por todos os governos ainda os mais opostos, e o Governo solvendo os seus debitos, auxilia assim o Banco, e mantem o credito, alcança o restabelecimento da confiança publica, sem deducção injusta de juros, mas com o cumprimento das leis, e observancia escriptulosa de todos os contractos.

O exemplo tem tão apreciaveis resultados, que nos parece tentador.

Esta parte do nosso trabalho vae mais longe do que esperavamos; para chegarmos aos ultimos recursos da opinião que impugnamos, teremos de considerar ainda o celebre argumento de analogia em relação á Inglaterra, a primeira nação commercial do mundo, ligando esse exame com o das causas e effeitos necessarios do curso forçado das notas do Banco de Lisboa.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

### LAMPILÃO DE LUZ MERGULHANTE.

Tomando por encargo dar noticia dos inventos estrangeiros que nos parecem uteis, é rigosa obrigação registrar os que se devem aos nossos compatriotas. Ahi vae um recentissimo, feito na cidade do Porto no mez de junho proximo passado, e que vem descripto no jornal da mesma cidade, *Braz Tisana*, nos termos seguintes.

Imagine-se um lampião sem porta, com meio palmo de largura em cada face, e a altura competente; depois soldado sobre o fundo de cima (o qual deve ser quanto for possivel opilado para fora, mas sem emenda) dous tubos ao alto, de folheta, de cinco palmos e meio de comprido, e unidos um ao outro, exactamente como o cano de uma arma com a vareta. O tubo largo que deve caber-lhe um cruzado novo (e no estreito um tostão em prata) deve ficar collocado no meio, que é a chaminé, e o estreito, que deve ser em cima mais curto uma polegada, que é para sorver o ar, deve principiar um palmo antes de chegar ao lampião, a separar-se do tubo largo, abrindo como um compasso, só quanto seja sufficiente para encostar a um dos cantos da tampa do lampião, e enfiar por ella para a parte de dentro, encostado aos vidros até ficar desviado do fondo de baixo uma polegada.

Um caudinho de duas polegadas de comprido e da grossura de uma vella, deve ficar atravessado e soldado no fundo de baixo do lampião, meio fora e meio dentro para se lhe metter um bocado de vella acceza (até a altura regular), porém com alguma rapidez para se não apagar por falta de ar. Se a vella não for tão justa que vede a agoa, então seja vella mais curta, e tape-se por baixo com uma rolha de cortiça.

Toda a machina deve ser pintada de preto, porém as juntas dos vidros nos caixilhos devem levar duas ou tres mãos de tinta, para a agoa não entrar. O fundo do lampião deve ter duas argolinhas nos dois cantos oppostos, para prender o pezo para mergulhar.

Como o fogo adelgaça e impede o ar pelo tubo largo; entra o ar novo pelo tubo estreito, pelo motivo deste tubo ficar abaixo da luz; girando assim o ar nos dois tubos como um rosario de pucaros em uma nora, por que isso é a causa da luz se conservar accesa; pois que tapando-se em cima com o dedo a boca do tubo estreito, a luz se apaga immediatamente.

Dando-se as proporções a esta machina, pôde-se levar ao fundo quantas braças se desejar: a luz na agoa limpa tem um diametro muito grande, e mostra os objectos distinctamente, principalmente na agoa do mar. Havendo vento demasiado, embaraça no tubo grande a sahida do fumo, como tambem amortiça a luz o frio, estando a machina muito tempo debaixo de agoa, por causa de ser pequena.

Na perfeição, pôde-se pôr uma luz maior sobre um parafuso largo de bronze (untado com gordura para vedar a agoa) enlarrachado no fundo de um lampião grande de cobre.

Os melhoramentos aperfeiçoarão esta descoberta, que mesmo assim em ponto pequeno, serve de divertimento para nas marés vivas (agosto e setembro) se pescar de noite ao candieiro, isto é, em um barquinho, com a luz pouco mettida n'agua, e com uma pequena foga miuda se apanham peixes; principalmente até um quarto de legoa proximo do mar.

O funileiro que fez a machina do ensaio, João Lino dos Santos, mora na rua dos Mercadores n.º 151 no Porto.

N. B. O auctor offereceu e remetteu pelo vapor *Mindello* ao sr. duque de Saldanha, a propria machina do ensaio, e um exemplar da mesma ao consul britannico nesta cidade.

## PARTE LITTERARIA.

A SOCIEDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXX.

NEM SEMPRE O AMOR COM AMOR SE PAGA!

(Continuado de pag. 38.)

Mais serena, instantes depois, e tremendo interiormente da sua fraqueza, Thereza tornou de novo a assentar-se. O mancebo seguiu-a não intendendo a mudança repentina, que lhe escurecia a vista e fazia o semblante aprehensivo. Em vez de a alegrar, o sorriso immovel nos labios da irmã de Cecilia, era como as bellas sombras de alguns quadros. Respirava a melancolia que adormece os olhos, quando a fadiga de sentir os faz cerrar.

— « Jeronymo » disse ella enfim com a voz por tal modo tímida, que parecia um ecco do proprio coração: « tem muitas saudades desse tempo? Não lhe parece que vivemos demais... em sonhos? Seja rasoavel. Hoje não é hontem. E se nos tivéssemos enganado?... »

— « Enganado! » exclamou elle, levantando as mãos.



— « Deixei-me dizer !... Supponha que me enganai eu ! E se não houvesse amor, mas amizade... estremeza, mas só amizade?... Não era bastante, não era melhor?... »

— « É tão diverso ! » murmurou o mancebo fazendo-se pallido.

— Menos do que julga... uma irmã é o sangue do nosso sangue... »

— Mas uma esposa, Thereza, é o sangue da nossa alma ! »

— « Nem sempre ! O amor parece-se com as flores — é tão breve ! Bem vê ; uma senhora que se estima e deseja confiar no seu coração até ao fim, não devo prometter, deve dar a felicidade a seu marido... Um engano faz tremer ; e ninguém sabe... »

— « Isto não se sabe, sente-se !... » atalhou elle com doçura melancolica. « Um engano ? » accrescentou sorrindo magoadado. « Ha quem se não illude nunca : é o coração ! Dize ao meu, que vendo-te, não palpita ! »

— « E depois de esposo cuida que será o mesmo ? Julga que d'aquí a dez annos póde amar como hoje, que é noivo ?... Se isto é amor ; porque a nossa ternura tenho receio que não seja senão amizade... »

— « Não ; não ! A amizade é menos ! »

— « Jeronymo, espere para fallar. Ainda não sabe. »

— « Sei. Sinto ! »

— « Desconfie ! E se eu faltasse ? O seu dever não era consolar-se, existir ? No primeiro anno tinha odio ao amor ; acredito. No segundo era só indiferença ? Ainda ! Mas depois ? Captivava-se, dizendo que não. Desejava ser fiel ; resistia ; sei muito bem ; mas no fim, como a alma não morre, e a dôr se gasta com a saudade, no fim cedia ! »

— « Thereza ! »

— « Cedia... é o coração do homem ! Quer que vá cegamente ? Estou defendendo a sua felicidade e a minha, como irmã, como amiga... »

— « Como amante, não ? » disse elle com dôr.

— « Também ! Mas deve escutar a razão. Ainda me não respondeu : se fosse sua irmã não era o mesmo ? »

— « Uma irmã é muito ; mas o amor é tudo » replicou o mancebo. « Thereza, conhece que estremeço Cecilia, e desejo vel-a feliz... pois, se a perdesse, podia consolar-me e viver sem ella... estimo-a com affecto, e de longe lembra-me sem pesar... Não é uma saudade como a sua ! »

— « Parece-lhe ! Costumou-se a vêr em Cecilia uma irmã, e em mim uma noiva... É donde procede !... Pois eu era capaz de aceitar a troca ! »

— « Tu !... » exclamou Jeronymo, com impeto cheio de terror e de paixão.

— « Eu !... Não se admire... tenho medo ! Quer que lhe diga ?... assusta-me vel-o assim arrebatado... Não amou outra, não conhece ainda... »

Elle deixou passar um raio de luz pela tristeza que lhe humedecia a vista ; e uma ironia terna espairoseu-lhe a phisionomia de repente. Levantando-se, pegou-lhe na mão com extremo, e trouxe-a consigo. Estavam defronte do espelho, e o vidro reflectia a apaixonada expressão do mancebo, e o semblante mais sereno da donzella. Ajoelhando, e pousando a bocca na ponta dos rosados dedos, que Thereza lhe estendia, Jeronymo respondeu com certo enleio :

— « E se tivesse amado, perdoava-me ? »

Sem saber porquê, e obedecendo a uma das mil contradicções, que tornam a vida um mysterio, e um abysmo, a irmã de Cecilia, ouvindo a pergunta, fez-se pallida, e lançou da vista uma chamma, que se apagou em duas lagrimas. O que mais desejava momentos antes, parecia-lhe agora crueldade. A existencia de outra paixão, e de uma rival, era a liberdade ; entretanto o orgulho, e o coração choravam, receiando que pudesse havel-a. Um ciume injusto, raivoso, absurdo principiou-lhe a arder no peito e a abraçal-o. O desdem armava os olhos de uma frieza cortante ; a magoa resentida fazia tremer a voz. Por mais que se quizesse disfarçar, liam-se-lhe os zelos no semblante, no tom, e no menor gesto mesmo.

— « Ha de confessar-me tudo ? » acudiu encubriendo a curiosidade inquieta e dolorosa, em um sorriso, aonde se viam quasi as lagrimas. « Promette não me occultar nada ? Para sua irmã » accrescentou, dando expressão á palavra « não deve ter segredos... Depois, eu sou discreta ! Foi ha muito tempo ?... »

— « Desde a ultima viagem ! » replicou Jeronymo com um valor que a confundia.

— « Ah !... Quando me dizia, justamente a mim !... E amou-a muito ? »

— « Tanto, que só agora sei que ainda posso amar mais !... »

— « Ah ! Hoje é que se engana. Talvez ! Era bonita ? Não preciso perguntar » ajuntou anciosa e cada vez mais tremula. « Os seus olhos dizem... »

— « Linda como só conheço uma !... »

— « Ainda acha ?... »

— « Sempre achei. »

— « Sempre! Mesmo então? Nesse tempo, creio, dizia-me... Não quero lembrar-me do que dizia!... Somos irmãos! Vamos; e os olhos dessa menina são... pretos como os de Cecilia, ou azues como os de Catharina?... » proseguiu respirando com tamanha expressão, que o justilho arfava, e a voz prendia-se.

— « Nem azues, nem pretos... são mais raros! »

— « Mais raros!... observou ironica... Nem azues nem pretos!... Então eram... são... pardos, talvez? »

— « Nem pardos... »

— « Temes algum anjo então? »

— « Quasi. Depois, diz tanto, sem fallar, aquella bocca! » acudiu o mancebo olhando para ella e sorrindo-se.

— « É mimesa e linda, não? um beijo parece que a fere. »

— « Talvez lhe custe a acreditar. »

— « Que prodigio! Acabe a pintura. Faltava-lhe dizer que não ha figura mais esbelta... depois de tantas perfeições!... »

— « Tanto que uma das Graças tinha inveja. »

— « Ah!... Bem se vê como a adora! Sabe o que o retrato diz? confessa-me o seu amor... E ella?... »

— « Theresa! Ella... podia fazer-me feliz com uma palavra; mas não quer. »

— « É pena!... »

— « Se eu lhe mostrasse o retrato?... »

— « Para que! A descripção basta... Se é galante e prendada, como diz; se é menina e meiga como julgo... »

— « Tem a sua idade. Nem um dia mais. »

O mancebo olhava para ella com ternura tal, que Theresa palpitante, e interiormente devorada de ciúmes e de ira, pareceu-lhe vêr nella mais um ultrage. Faltava-lhe já o animo para dissimular. O coração não podia com o orgulho e com a magoa. Suffocava de resentimento. Asentando-se com impeto, e batendo o pé de leve ao principio, e com força depois, a cholera enlaçava-lhe as faces; e os olhos eram dois raios de luz. Todas as provas da paixão de Jeronymo lhe esqueceram para lhe lembrar só que o passado parecia não ser seu. O ciúme dilacerava-a, porque a vida do mancebo lhe não pertencia inteiramente. O orgulho, a paixão dominante do seu character, levantava-se armado de zelos, e cortava-a. Um veu tomava-lhe a vista. As palavras ardiam nos labios, sahindo com difficuldade.

— « Jeronymo » disse na voz sumida, e vibrante, ao mesmo tempo, que é o indicio das tempestades da alma « se não quizesse ser sua irmã sabe que era cruel o que acaba de me dizer? E se eu o amasse?... Julga que uma esposa, depois desta confissão animada, digo só animada, não era infeliz toda a vida?... Porque não m'o disse antes? Enganar-me tanto tempo!... Não negue! Enganou-me, quando prometeu... »

— « Theresa, eu é que amava... ella não! »

— « E a mim offerecia-me o coração que lhe rejeitavam... para se consolar!? Ah! Os homens, os homens! E eu que cheguei a crer... Se o tivesse amado, Jeronymo, despresava-o!... »

— « Esqueceram as nossas condições, Theresa? O peccador confessou-se porque se lhe prometeu perdão... Seja misericordiosa... Ha tanto tempo! »

— « Não importa. Escarnecia-me, zombava! Se ella o quizesse não estava aqui... »

— « Estava! »

— « Olhe, parece-me que lhe vou tomando odio! A qual das duas enganava? Se eu lhe entregasse a alma não ia pôr aos seus pés mais um triumpho? E não corar!... E confessar-m'o ainda? »

— « Não me disse que era irmã; e que os irmãos não tem segredos?... Julguei... »

— « Julgou!... Não! Riu-se da fraqueza do meu coração, quiz-me abater aos proprios olhos... Agora lembra-se de que somos irmãos, e ha pouco... Basta! E eu que tinha dó, que sentia... Jeronymo não torne a apparecer-me. Ama outra. Se ella fôr tão vil... »

— « Não diga nada que a offenda! Mesmo sem ser amado era capaz de morrer por ella!... »

— « A qual mentia? » acudiu a irmã de Cecilia levantando-se e fulminando-o com a vista « Acabemos! Depois do que sei... está livre. Chamei-o para lhe pedir... »

— « Estou prompto a obedecer... »

— « Jeronymo, ainda não percebeu que dei-xei de o estimar?... Esse riso fere ainda mais do que as palavras, e é indicio de uma alma... que outras souberam conhecer melhor... Procure consolações para o seu amor, mas não me torne a offender... »

— « Ouça-me, Theresa. Ao menos veja o retrato... Se elle não me desculpar... »

— « O retrato! Que me importa? Quer que veja que é mais bella? bem sei. Fique satisfeito, eu mesma o digo... Uma pergunta ainda. Eu conheço-a? Ella sabia?... »

— « Conhece!... Sabia! »

— « Oh, então, hei de conhecê-la também!  
O retrato! O retrato! »

O mancebo, pegando-lhe quasi por força na mão, levou-a diante do espelho, e mostrando-lhe o rosto no vidro, exclamou rindo:\*

— « Eil-o aqui; dirá ainda que a enganei? »

Ella soltou um grito de jubilo, escondeu o rosto escarlate de prazer entre as mãos, e depois desmaiou quasi sobre o braço, que a amparava. Ao mesmo tempo Jeronymo acrescentava com tristeza:

— « Não é verdade? Não sou eu só que amo? »

Os dedos de Thereza já não escondiam as faces, o seio palpitava com o alvoroço; e uma das mãos tremula e esquecida apertava a do mancebo. Mordendo sem ira os beiços, e avivando-lhes o carmin, deixou fugir dos olhos quasi uma promessa. Era tão feliz neste momento! O seu orgulho triumphava tanto, quando mais humilhado se julgara!

A verdade, que lia na vista de Jeronymo, tirava-lhe a menor duvida. Era amada! Nunca tinha deixado de o ser. O ciume só é que a podia illudir a ponto de suppor possível outra coisa.

— « Não! » acudiu sorrindo « O seu retrato é de um anjo, e eu não sou senão mulher. Veja! Os olhos pretos de Cecilia teem mais graça. E entretanto disse-me que os do retrato eram raros! Como quer que o acredite? »

— « Quando fallam, ha mais amor nos seus. »

— « Lisonjas! A belleza está nos desejos do pintor. »

— « Olhe, e negue! » disse elle com um sorriso, mostrando-os no espelho.

— « A bocca de Catharina é tão galante, e na de Cecilia ha um enlevo! »

— « Um sorriso, Thereza, e verá que não tem rival. »

— « Não posso consentir, Jeronymo!.. Estar-me a adorar, e eu ouvindo! Por um instante ia aborrecel-o! Mas é que era uma perfidia... »

— « Se me tivesse amor não acreditava! »

— « Da sua bocca?... »

— « Era impossivel até na minha bocca! »

— « Quer que seja sincera?... Até aqui fomos duas creanças... Bem viu. Cuidando que o affecto que sentia era amor, illudia-o sem querer... Conheci o erro... perguntei ao coração... »

— « E elle? »

— « Não me respondeu! »

— « Thereza! »

— « Escute! Desci ao fundo da minha alma... »

— « E a sua alma?... »

— « Ficou fria! »

— « Ah!.. »

— « Ouça. Não lhe tinha amor... era ternura, affeição de irmão, tudo menos amor. Hei de dizer-lhe a verdade. Às vezes a imagem de outro... luctou com a sua. Quiz sacrificar-me, e não tive animo. Precisava enganar-o para o fazer feliz, dizer o que não era, fingir o que não pensava; o que não sentia... »

— « Que desengano!.. »

— « Ainda não. Ha meia hora... quando cuidei que outra era mais amada senti o coração. O ciume, a magoa, e não sei que dor cruel, fizeram-no arder... Diante de uma separação inevitavel achei-lhe saudades que nunca teve... Não decido, não prometto! Sei só que se o visse esposo de outra... »

— « Acabe! »

— « Não! Tenho medo ainda de o enganar. »

— « Porque não morri, antes de vir aqui! » exclamou o mancebo dolorosamente deixando pender a cabeça, como se a alma fugisse no gemido, em que se lastimava.

— « Porque não se morre quando ha esperança! » respondeu ella, tornando-lhe a abrir o ceu no sorriso cheio de promessas. Depois, pegando-lhe na mão com um gesto indefinivel de graça e de pudor, acrescentou: « Jeronymo, não lhe disse ainda agora: sejamos irmãos, sem me atrever a declarar mais nada? Não adivinha que sinto que espero muito, uma vez que lhe confesso tudo? Não vê que sei o que é a dor e o ciume, e que apesar disso não lhe occulto nada?... Ha coisas que mesmo uma irmã não diz a seu irmão. »

— « Então?... interrompeu o mancebo reanimando-se, e pendendo ancioso da sua bocca. »

— « Póde guardar-me o seu amor e a sua fé seis mezes mais? Terá confiança em mim para nada me perguntar nem me pedir até ao dia em que elles findem? É capaz de se ausentar e de jurar que não irá arriscar a vida por uma... loucura? »

— « Só uma pergunta, Thereza, ama, ou amou alguém? »

— « Não sei. »

— « Mas receia amar? Teme... »

— « Desejo! »

— « E diz-me que espere?! »

— « Sim! »

— « E manda-me viver! »

— « Sim. Não percebe que se eu amar, somos felizes? Peço-lhe este sacrificio. Jeronymo... depois de tantos... Não m'o faz? Seis mezes! No fim delles... »

— « Sou livre, posso dispor de mim? Sem essa condição recuso. »

— « Promette? »

— « Juro. E até lá?.. »

— « Esperemos! » concluiu ella sorrindo com tristeza.

— « Agora eu, Thereza! disse o mancebo com um veu sombrio na vista. Dentro em tres dias volto ao exercito... Não se assuste, hei de viver... São seis mezes, seis seculos que me condemna a penar sem um dia de alegria. Entrego nas suas mãos a minha vida... No fim delles, a esta hora hei de saber?.. »

— « Mais cedo, acredite. »

— « Deixa-me partir, e nem uma esperança me dá ao menos? »

— « Não é melhor a certeza? »

— « Thereza, pela ultima vez! Amo-a, adoro-a! Era muita felicidade unir Deus um anjo ás fadigas e aos perigos de um soldado... Tinha sonhado; não estranhe que me custe a acordar... É a dor de me vêr só... Irei para o meu desterro e d'aqui a seis mezes uma carta me dirá quando poderei voltar... ou se deverei morrer. »

— « Jeronymo, eu não queria enganar-o! »

— « Não me queixei... Thereza, adeus! »

— « Não lhe esquece nada? » perguntou ella com um sorriso em que havia lagrimas e sedução adoravel.

— « Nada. Deixo a alma pedindo que o meu desterro seja curto. »

— « Não quer, uma lembrança de... sua irmã? »

— « O coração não precisa senão de amor!... E minha irmã disse, que ainda não m'o podia dar. »

— « Mas pode prometter... »

— « Não, Thereza; era compaixão. Os seus olhos estão callados. »

— « Tem razão... É melhor assim... Adeus, Jeronymo! »

Depois, no momento em que elle se retirava, por um impulso espontaneo e invencivel, tomou-lhe o passo, e escarlate de pejo pousando-lhe os labios ao de leve na testa, cingiu-o com ternura nos braços, e fugiu para o seu quarto.

O mancebo extatico virava-se apenas, quando a viu já entre a porta, enviando-lhe um osculo e em sorriso na ponta dos dedos, ao mesmo tempo que a doce voz exclamava:

— « Jeronymo, diz-me o coração, sei que volta cedo. »

O mancebo soltou um suspiro e saiu sem ter animo de tornar a olhar para ella.

Pobre Jeronymo!

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

## UM ANNO NA CORTE.

### CAPITULO XXXVIII.

#### O DUELLO.

A noute era de luar, desse luar fulgida e intenso que offusca o lume das estrellas, e torna tão vivas as linhas ondulosas da crista dos montes, e da ramagem fantastica das arvores, como se fossem recortadas no branco apenas anilado do ceu. A noute estava calmosa, e no interior do pinhal basto e emaranhado de urzes, de estevas, de sarças, de tojo, que cercava Montemor-Novo, não penetrava a aragem que de tempos a tempos corria pelos topos das arvores, produzindo um ruido, que de longe similhava o bater das vagas na costa do oceano, e de perto parecia apenas o escorregar brando das aguas de um regato sobre seixos e conchas. Além do ramalhar das arvores, enchiam o bosque esses contênares de vozes, que animam, que dão harmonia ás formosas noutes de verão neste nosso paiz, onde a vida brota por toda a parte, e gira em todos os atomos. Era o coachar quasi continuo das rãs, que de charco para charco se chamavam, ora em tom grave e sonoro n'uma cadencia lenta e compassada, ora em tom agudo e estridente n'uma cadencia rapida e desordenada. Era o estridor dos grillos que acompanhava o zumbido de milhares de outros insectos, a que de tempos a tempos se juntava tambem o canto importuno da cigarra. Eram ás vezes os uivos lugubres e dilatados dos lobos, ou os pios tristes e entrecortados dos moxos. Emfim, como suave aspiração da natureza ao sublime da melodia, era de quando em quando o rouxinol que entoava a medo algumas notas soltas, depois trillos e vol-latas sem ritmo, depois suspiros limpidos e tão suaves que mal se podiam distinguir dos mur-murios das folhas. Harmonias, como as que naquella noute enchiam o bosque, só Beethoven e Weber souberam imitar.

A luz alvacentá do luar, passando a custo por

entre a folhagem basta dos pinheiros, vinha desenhar sobre a areia branca e solta do caminho sinuoso, que atravessava o bosque, figuras irregulares, que tremiam, brincavam, transformavam-se mal o vento agitava a larga copa das arvores. Era por este caminho areento, alumiado apenas pelos escassos raios da lua coados por entre os ramos, que iam a passo, porque as desigualdades do terreno e os barrancos cavados pelas torrentes do inverno não lhes consentiam outra andadura, dois cavalleiros, ambos com chapéus de abas largas, gibão estreito, bacamarte a tiracolo, e alforjes nas ancas do cavallo.

— Que excommungado caminho — disse um dos viajantes. — Não chegamos nem daqui a uma hora a Montemór.

— Os cavallos não podem ir mais depressa por esta areia — respondeu o outro.

— Ah! vás tu agora, Luiz — proseguiu o primeiro, — vêr esse mundo, que dizem que tem tanto que admirar; essa bella corte de El-rei de França, onde ha tanta riqueza, tantos divertimentos, tantas mulheres formosas, que não vivem senão para amar e ser amadas. Não me voltes de lá namorado!

— Bem sabes que não é possível isso — respondeu Luiz de Mendonça. — O que eu desejo, o que busco agora é arrancar do coração o que nelle tenho. O coração tambem delira ás vezes, tem esperanças, tem ambições insensatas, Francisco d'Albuquerque!

— Sempre eu pensei assim: e espanta-me o vêr como disso te admiras — accudiu o capitão Francisco d'Albuquerque. — Amigo, se a cabeça não tem prudencia, como se ha de exigir do coração que a tenha.

Os dois viajantes proseguiram a caminhar calçados; até que Francisco d'Albuquerque não podendo conter-se exclamou:

— Que tempo ha que a não vejo! Desde aquella noite fatal em que ambos estivemos perdidos; quando El-rei, guiado por uma bruxa...

— Aquella mesma que em Alcantara nos prognosticou futuros terríveis; Zaida, a mãe de Aza.

— A maldicta faz os prognosticos, e trabalha depois para que se realizem. Vaticinou-me a morte, e queria vêr se El-rei me mandava enforcar! — exclamou Francisco d'Albuquerque. — O que é certo — proseguiu elle — é que, se o Castello-Melhor não aparece tanto a tempo para nos dar aviso, apagar a luz, e mandar-nos para Salva-terra, estava ed a esta hora morto de véras; e

ella, a minha pobre Margarida... talvez assassinada tambem.

— O Conde salvou-te por interesse proprio.

— Não duvido, Luiz de Mendonça; porém salvou-me. O Conde já por duas vezes me salvou a vida. E é por isso que me custa o entrar em todas estas conspirações contra elle.

— E o bem da patria?

— Olha, Luiz — interrompeu o capitão — parece-me que Portugal não ha de ganhar muito, se em vez do Castello-Melhor ser ministro, El-rei se deixar governar pelos que governaram a rainha mãe. Estamos aqui n'um deserto, e nem a lua nos vê á sombra destes pinheiros, posso dizer-te sinceramente o que penso sem receio de ofender o Infante: parece-me que o conde não é tão máu como o querem fazer, e que Portugal lhe deve, em grande parte, o ter podido nestes ultimos annos sustentar a sua independencia.

— Estás agora pelo conde? — perguntou Luiz de Mendonça.

— Não: mas como quem já não é deste mundo, como homem morto que sou, não digo senão verdades — disse Francisco d'Albuquerque, rindo.

— Então como estou fallando com um morto, e a lua não nos vê, nem nos ouve — e Mendonça ria dizendo isto, — vou dizer-te o que penso destas conspirações, e alliviar-te assim em parte do pezo que tens na consciencia.

— Como! de que modo?

— Estas conspirações, estas guerras não são contra o conde só; os conspiradores pizeram a mira mais alto.

— Pois até a El-rei querem chegar?

— Ouve. Quando hontem te deixei na sala do noviciado da Cotovia, em que ambos nos achavamos escondidos — principiou Mendonça, — fui á cerca, onde me estava esperando o padre Manuel Fernandes. Logo que me avistou, disse-me que me ia confiar uma missão difficil, que muito interessava o sr. Infante e a Rainha. Respondeste que estava prompto para tudo que me ordenasse: e então, entregando-me estas duas cartas que levo para El-rei de França, recomendou-me muita cautela, muito segredo, muita diligencia; marcou-me o itinerario, as casas em que hei de pernoitar, as pessoas com quem devo fallar; participou-me que até Elvas iria acompanhar por ti, mas que em Elvas nos devemos separar, porque alli me está esperando um padre da sua ordem, para me conduzir até Paris: em fim fallou-me com tal clareza e individuação de

toda esta viagem, que me convenceu de que tudo está preparado para uma empreza mais importante do que tirar o conde valido do lado d'El-rei.

— Talvez te não enganes nas tuas conjecturas.

— Ao separar-se de mim o padre Fernandes disse-me, pondo-me a mão no hombro, estas formae palavras: » vá, sr. Luiz de Mendonça, vá a esta viagem longa e difficil, que quando voltar ha de cá achar grandes mudanças. Em vez de assassinos para o apunhalarem ha de, se Deus proteger os que só em o servir cogitam, encontrar quem o premeie, pela sua dedicação e fervoroso amor ao sr. Infante e a sua Magestade a Rainha. » Hei de encontrar grandes mudanças, diz o padre Fernandes; e essas, quaes poderão ser serão mudanças de governo e de rei?

— Esta união secreta da Rainha com Sua Alteza é para dar que pensar, isso é verdade, Luiz — disse o capitão.

— O que é sem duvida para mim é que, entre a Rainha e o sr. Infante ha mais do que uma união politica! — acudiu Luiz de Mendonça com um suspiro.

— A mim não me disse o confessor de Sua Alteza mais do que o que te contei já. Recomendou-me que te acompanhasse até Elvas; e que, se por desgraça tu fosses detido no caminho, tomasse conta das cartas que levas, e as entregasse no collegio dos jesuitas de Elvas ao padre Lobato, e lhe obedecesse como se elle fôra o proprio sr. Infante. Depois, como eu lhe lembrasse as promessas que elle me fez de salvar Margarida do terrivel captivoiro, em que agora a tem El-rei e Henrique Henriques, prometteu-me, que ao voltar de Elvas talvez ella já me estivesse esperando em Aldea-Galega. Pobre Margarida! — exclamou o namorado capitão — o que não terá padecido, fechada naquella casa da Ribeira como n'uma prisão, vigiada de dia e de noite, guardada pelos da patrulha baixa, sem saber novas minhas desde Salvaterra!

— E Theresa, a candida Theresa, que ainda não sabe se estás morto ou vivo, e que talvez a esta hora estará pensando, que eu me esqueci della; eu que a estimo, que a respeito, que lhe quero como a uma irmã — disse Mendonça.

— E tens razão, que Theresa é um anjo. Eu é que fui, é que sou um ingrato com ella. Mas o que póde a vontade sobre um coração, que se apaixonou, e que nas suas paixões é egoista e indomavel.

Fallando assim, ora dos seus amores, ora das suas esperanças, ora das coisas politicas em que ambos eram interessados como criados do Infante, os dois viajantes chegaram ao lugar, onde a senda sinuosa e areenta que seguiam, saindo do pinhal, se estendia quasi em linha recta até Monte-Mór, que ficava a curta distancia.

— Lá estão as duas luzes, que são signal de que somos esperados alli — disse Luiz de Mendonça, mostrando ao seu amigo uma casa um tanto afastada da villa, e por cuja janella se divisavam duas luzinhas, postas uma por cima da outra. — É alli que vamos pernoitar hoje.

— Pois agora, que a estrada é boa, vamos depressa, porque estou cansado de tanto caminhar — acudiu Francisco d'Albuquerque.

E, largando os cavallos a trote largo, os dois amigos chegaram á porta da pequena casa, que se abriu a um signal de Luiz de Mendonça. Quem abriu a porta era um velho com roupeta e cara de jesuita, o qual, logo que examinou n'um relancear de olhos os dois manebos, dirigindo-lhe á cara a luz viva de uma lanterna que tinha na mão, soltou com voz lenta e soturna um *pax christi*, fazendo um gesto que queria dizer « entrae, que bem vos conheço. »

Os viajantes entraram n'uma casa terrea muito extensa, e mal alumada por as luzes de duas lampadas penduradas do tecto por cordas diante da janella; aquellas mesmas luzes que Mendonça mostrara ao capitão, ao sair do pinhal, o que serviam de signal para elle conhecer o lugar onde era esperado. No meio da casa havia uma grande meza cercada de bancos, tudo de cortiça tosca e rude; e a um canto estavam empilhados muitos molhos de feno. Foi para ahi que os dois viajantes levaram os cavallos, depois de os terem desapearelhado, em quanto o jesuita sexava a janella, punha sobre a mesa a lanterna, e ia a uma prateleira buscar um prato de barro com uma perna de carneiro assada, uma borracha de vinho, e um enorme pão de roão.

J. DE ANDRADE CORVO.

(*Continúa.*)

## NOTICIAS E COMMERCIO.

**Communicaçãõ entre a costa oriental e a occidental d'Africa.** — Sendo governador d'Angola, Antonio de Saldanha da Gama, que depois foi Conde de Porto Santo, entabou relações



com a nação dos *moluas* no sertão, e do caudilho destes recebeu uma embaixada no anno de 1808. Neste mesmo anno alguns pretos feirantes tentaram a jornada para Moçambique pelas terras dos ditos *moluas*; e em 1815, governando Angola José de Oliveira Barbosa, chegaram a Loanda os dois pretos feirantes, Pedro João Baptista e Antonio José, com cartas do governador de Moçambique; o que provou a possibilidade da comunicação pelo interior do continente africano entre essas possessões nossas, situadas a distancias tão remotas e oppostas.

Vemos agora ainda mais comprovada essa possibilidade pela carta inserta no *Boletim d'Angola* de 24 d'abril ultimo, transcripta no *Diario do Governo*, que dá noticia de uma viagem da costa oriental á ilha, e Costa occidental, desde o Zanzibar, onde estão Quiloa, Mombaça, e Melinde, nomes bem conhecidos dos leitores dos *Lusiadas*, até S. Philippe de Benguella. As consequencias, mais ou menos remotas desta viagem, que talvez abra caminho a descobrimentos geographicos n'uma região inexplorada, e a importantes especulações commerciaes, nos movem a trasladar aqui a referida carta.

*Sr. redactor.* — Escapam ás vezes factos interessantes para a historia, por falta da necessaria publicidade, e para que isso agora não aconteça, tomo a liberdade de o incommodar, pedindo-lhe a publicação do seguinte acontecimento.

No dia 3 do corrente chegaram a Benguella tres moiros acompanhados de uma caravana de 40 carregadores, que conduziam marfim e escravos para permutarem por fazendas. Estes ousados caminheiros, que, segundo dizem, vem da costa de Zanzibar, atravessaram do oriente para o occidente todo o sertão africano, e referem que tendo-se internado, successivamente se foram desfazendo de todos os objectos de negocio que traziam, trocando-os pelos generos acima referidos; e que reconhecendo então ser-lhes já difficil voltar a suas terras por falta de fazendas que os habilitassem a retroceder, resolveram proseguir a viagem na esperança de as encontrarem, como lhes haviam asseverado, um pouso mais para o interior por troca de marfim. Effectivamente no sertão de Catanga, se avistaram com o major do Bibé, que se dirigia a Benguella com os seus funadores, e tendo-os elle convencido a que o acompanhassem, aqui chegaram no dia acima indicado. Ansioso de colher noticias acerca desta interessante jornada, tive uma entrevista com os ditos moiros, e pude colher o seguinte:

Um d'elles chamado Abdel, que já havia como piloto percorrido as costas da India, sendo natural de Surrate e seus paes de Mascate, diz que associando-se com outro moiro chamado Nassolo, resolveram ir á ilha de Zanzibar aonde este tinha um parente, o que effectuaram, e reunindo-se os tres resolveram

ir negociar ao continente, para o que se dirigiram a Bacamoio, povoação gentilica no Zanzibar, aonde se encontram brancos que sabem escrever, que ali vão para mercadejar. Forneceram-se portanto ahi de carregadores para conduzirem as fazendas, e começaram a sua excursão, permutando-as successivamente por marfim e escravos até chegarem aqui, o que só teve lugar no fim de seis meses depois da partida da contra-costa, tendo no decurso deste tempo soffrido algumas privações, e apenas a morte de tres pessoas da caravana.

« Os pontos que dizem haver percorrido, são os seguintes: — De Bacamoio foram ás terras do Giramo, depois do Cato seguiram para Segora, aonde atravessaram, serras elevadas até Gogo. Deste ponto até Mimbo gastaram 15 dias sem encontrar povoação alguma, e experimentando falta de agua seguiram depois para Garganta, e ahi tomaram um guia, que os conduziu a Muga, aonde encontraram muito gado. Vieram depois a Nugigi, e toparam nesta passagem com o lago Tanganaa, sendo alli obrigados a construir uma embarcação na qual atravessaram o dito lago, gastando nesta viagem um dia e uma noite. Aportaram em seguida a Marungo, povoação cujos habitantes teem por costume arrancar-se os dentes. Dalli se dirigiram para Casembe, aonde ficou um dos moiros natural de Mascate chamado Said Gerard, com dois mulatos como guardas do marfim que deixaram neste ponto, em quanto os outros seguiam para a Catango, tendo a felicidade de deparar ahi com os funadores do major Coimbra, com quem vieram para o Cahava, caminho de Macacoma, aonde corre o rio Leambege, que parece ser o Cambecis, que vae a Quilimane. Atravessaram as povoações de Cabita e Bunda, notando que nesta ultima corre o rio Lunguebundo, confluyente do Leambege. Desta paragem se dirigiram ao Quanza, Bihé, e Benguella, e pretendem regressar com brevidade ás suas terras seguindo o mesmo itinerario.

« Nesta cidade foram hospedar-se e fazer negocio em casa do sr. José Luiz da Silva Vianna, que se desvela em os tratar bem, assim como todos os moradores, de maneira que se não fosse a grande difficuldade da viagem, talvez que se abalançassem a emprehender outra, em companhia de mais alguns especuladores.

Tenho a honra de ser de v. . .

Attento venerador

Bernardino Freire Figueiredo Abreu de Castro.

Benguella, 13 de abril de 1852. »

## BIBLIOGRAPHIA.

### Bibliotheca Portugueza.

Reprodução dos livros nacionaes, escriptos até ao fim do seculo XVIII.

A *Bibliotheca Portugueza* tem por fim generalisar o conhecimento dos bons auctores em todos os generos, e familiarisar todas as classes com os thesouros da nossa opulenta lingua. D'hoje ávante será inutil aos applicados e curiosos irem procurar os depositos

\* Vid. o *Almanack estatístico da provincia d'Angola*, de que no proximo numero daremos especial noticia, e que se vende nos principaes livreiros desta capital.

desse thesouro: são elles mesmos que os vêm procurar, e com todas as vantagens e commodidades. As collecções que até aqui se faziam á custa de grandes despesas, poder-se-hão fazer agora por modicissimo preço. Toda a fortuna, por modesta que seja, ficará habilitada para compôr um peculio de livros uteis ou raros. Para quem vive distante dos grandes centros de população onde só se encontram estes livros, que, pela maior parte, não se acham no mercado ou custam nelle um preço excessivo, esta publicação offerece tambem vantagens faceis de apreciar.

A *Bibliotheca Portuguesa* comprehende historiadores, poetas, chronicas, viagens, romances de cavalleria, tratados, correspondencias, etc. — A publicação não se limitará a obras já impressas: publicar-se-hão tambem manuscriptos. — O texto será illustrado com prologos, notas explicativas e noticias variadas sobre a vida e obras dos auctores. — Assigna-se no escriptorio da administração da *Bibliotheca Portuguesa*, Lisboa, rua Augusta n.º 110; e em casa dos seus correspondentes em todas as capitães de districto. — Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte ao administrador da *Bibliotheca Portuguesa*. — As assignaturas fazem-se por series de folhas da maneira seguinte:

Serie de 30 folhas ou 1080 paginas por 600 réis	
» 60 » 2460 » 1,8140 »	
» 90 » 3240 » 1,8620 »	
» 120 » 4320 » 2,8040 »	
» 150 » 5400 » 2,8400 »	

O pagamento das series será adiantado. — As entregas serão feitas por volumes broxados. — Não se venderão avulso senão = obras completas = o seu custo será a razão de 30 réis por folha.

#### Obras publicadas:

Obras de Bernardim Ribeiro 1 vol. — De Gil Vicente 3 vol. — De Francisco de Moraes 1.º e 2.º vol.

#### Estão no prelo:

Obras de Francisco de Moraes 3.º vol. — De Luiz de Camões 1.º vol.

### CHRONICA.

Os dias passam, succedem-se com tal rapidez, que sem o percebermos nos achamos na vespéra da publicação da *REVISTA*. Occorre-nos então a lembrança que temos de dizer alguma coisa para de certo modo satisfazermos a curiosidade de nossos leitores. Os que estão fóra de Lisboa hão de provavelmente desejar saber o que por cá tem acontecido de notavel durante a semana. Pois sociegem, que nesta estação do anno vive-se aqui na maior monotonia. Acabaram-se os bailes, as soirées, os concertos; os theatros estão fechados com a unica excepção do D. Maria II, e ainda não cessou a emigração para o campo. — De modo que passar agradavelmente uma noite em Lisboa dá hoje que pensar, particularmente a um estrangeiro. Se ao menos tivéssemos os Passeios illuminados, onde nos podessemos reunir, ouvindo musica, a gosar da fresca aragem da noite que tanto se aprecia nesta estação calmosa. Pois nem isso mesmo! Apenas dão as Ave-Marias, justamente á hora em que os Passeios se

tornariam mais aprasiveis e concorridos, eis que tocam as impertinentes sinetas, e *mous voila mis à la porte!* Coisa notavel, aquelle bello recinto de S. Pedro de Alcantara que poderia, sem grandes despesas, tornar-se um *rendez-vous* delicioso nas noites do estio, acha-se quasi sempre deserto depois das nove horas, a não ser que alli façam ponto de reunião alguns mendigos, ou alguns cidadãos de Tuy. Porém deixemos este assumpto, já varias vezes debatido pela imprensa, e confiemos que a actual camara municipal, amante do progresso, attenderá neste ponto aos desejos dos habitantes do municipio.

A reedificação do theatro do Gymnasio progride com celeridade admiravel. Entre nós que as obras de construcção costumam marchar a passo de formiga, causa satisfação ver em mui pouco tempo levantar-se um theatro das ruínas de outro. O risco foi dado pelos srs. Rambois e Cinatti, e o talento daquelles insignes artistas nos faz prever já o melhor resultado áquella obra. Teremos, pois, um theatro que nos fará esquecer a antiga *capoeira*, e se não apresentar luxo e grandeza, que a tanto não chegam de certo os fundos da sociedade dos artistas, ao menos será elegante, e terá as commodidades necessarias. Dizemos que a direcção conta fazer a abertura no dia 29 do proximo mez de outubro, para commemorar o anniversario natalicio de S. M. El-rei D. Fernando. O sr. Taborda que é incontestavelmente um dos nossos artistas de mais vocação para o genero comico a que se dedicou, partiu ha pouco para Paris sob a protecção do rei, para ali estudar os melhores modelos que lhe fornecer o theatro francez.

Este artista não poderá demorar-se muito em Paris, porque tem de estar de volta a tempo de começar a nova epoca com seus collegas, mas assim mesmo acreditamos que a sua viagem lhe será proficua, e que teremos occasião de notar-lhe consideraveis progressos quando de novo pisar o palco do Gymnasio. É summamente louvavel o generoso proceder d'El-rei, a quem o sr. Taborda não recorreu de balde, e que aproveita qualquer ensejo que se lhe offerece de animar e favorecer os que prestam nesta terra um culto sincero ás artes. Desejariamos que os governos imitassem este exemplo, mandando por conta do estado aperfeiçoarem-se fóra do paiz alguns mancebos de reconhecido talento, que se tem dedicado ás bellas artes, e que a falta de recursos impossibilita de se tornarem conhecidos no mundo artistico.

Confirma-se a noticia de terem sido escriptuadas para o theatro de S. Carlos as duas primeiras damas Anaide Castellan, e Rossi Caccia.

Não terminaremos sem annunciar com o maior prazer que tendo cessado as difficuldades que se oppunham á illuminação do Passeio Publico, esta brilhante festa terá logar mui brevemente.

As nossas esperanças não foram, pois, illusorias, nem malogrados foram nossos desejos. A camara municipal attendendo ás razões expostas desistiu por fim da clausula que o Asylo não podia acceitar. Nisto deu a camara uma prova da sua illustração, e de que não é hostil, como se poderia suppôr ao projecto da illuminação. Nem outra coisa era de esperar da camara, composta, como é, de cavalheiros que por tantos titulos são dignos da estima e confiança do publico.

DEMETRIO RIPAMONTI.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SA.

NUM. 5.

QUINTA FEIRA, 12 DE AGOSTO DE 1852.

12.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### O BANCO DE PORTUGAL EM BELAÇÃO Á SITUAÇÃO FINANCEIRA.

Le crédit, sous sa double forme de crédit public et de crédit privé, mérite d'être classé sur le même rang que la vapeur et l'imprimerie, au nombre de ces forces qui sont destinées, appelées à changer la face du monde, et qui sont en voie d'opérer sur la terre la transformation de toutes classes au profit de la liberté comme de l'ordre.

M. CHEVALIER.

#### IV

A situação do Banco de Inglaterra durante a crise europea de 1848 é uma prova de que os Bancos de circulação, dependentes sempre da confiança publica, são muito mais prejudicados pelas crises politicas, do que pelas crises unicamente commerciaes.

A era em que vivemos tem a cumprir uma missão distincta em relação aos destinos da humanidade — é uma era de paz e de desenvolvimento da riqueza geral por meio da sciencia e do trabalho.

Todas as novas instituições, ou as reformas nas antigas, revelam as predestinação das circumstancias para que foram originadas.

Como as crises dos Bancos, podem provir de causas tambem estranhas á ordem publica, é conveniente observar que estas sempre têm sido de curta duração. Destas crises, que nos lembre, passou já o Banco de França por seis, nos seguintes annos 1811, 1819 — 1825, 1837 e 1846.

Ácerca desta ultima é para notar que os dividendos tinham sido em

1844 — nove por cento.

1845 — doze por cento.

1846 — quatorze por cento.

Foi no fim de 1846 e principio de 1847 que a crise se manifestou, tendo o Banco elevado as suas operações pela primeira vez á massa de 1.776 milhões de francos.

É attribuida por alguns dos mais distinctos economistas — a diminuição consideravel dos metaes nos seus cofres, e em geral na praça de Paris, ás sommas sacadas de França, para saldar com as praças estrangeiras o deficit entre as suas exportações e importações, proveniente da avultada compra de cereaes para suprir o desfalque extraordinario que houve nas suas colheitas.

Muitas quebras commerciaes se seguiram á situação critica do Banco, que foi obrigado a elevar a taxa do desconto de 4 a 5 por cento.

Felizmente uma importantissima compra de fundos publicos que lhe fez o imperador da Russia — e que nesse tempo foi tam fallada, concorreu poderosamente para fazer sair o Banco da crise, chamando aos seus cofres os metaes que faltavam para a circulação regular dos valores.

Em 1847 tambem uma destas crises commerciaes fez com que o Banco de Inglaterra fosse dispensado da execução de algumas das regras da sua lei organica de 1844, pela notavel auctoriscação de 25 de outubro de 1847.

Ao rebentar a revolução de fevereiro em França a reserva metalica do Banco de Inglaterra era de 14.760:813 libras — as notas disponiveis 9.922:185 libras — e as que estavam na circulação activa 18.170:185 libras.

Em consequencia do effeito da revolução a reserva metalica desceu a 13 milhões. A circulação das suas notas desceu 500 a 600 mil li-

bras — mas como os effeitos que produziam estas causas ~~eram~~ indirectos, foi facil providenciar para as destruir, — visto que a ordem se manteve em todo o imperio britanico; e no fim de 1849 a sua reserva metalica era 17 milhões, e a circulação activa das notas 18 milhões.

Quando a causa directa actua sobre as bases da confiança publica os effeitos são o mesmo, seja qual for a nação.

Foi o que ~~aconteceu~~ *aconteceu* ao findar o seculo passado, e no principio do presente em relação ao Banco de Inglaterra.

As vistas dominadoras do conquistador da Europa, constantemente dirigidas para a Inglaterra — a empenharam em uma guerra, em que até vinha combater fóra do seu territorio pela propria independencia. Aos receios que esta situação des-envolvia no animo da nação ingleza, accrescia tambem a circumstancia que as suas exportações por alguns annos não bastavam para lhe compensar a forte saída de metaes, que fóra de Inglaterra se iam improductivamente despendar com a guerra.

Ao diante acharemos dois pontos de similitude entre as duas mais poderosas circumstancias que influiram na crise do Banco de Inglaterra, e as que promoveram tambem a do Banco de Lisboa — sendo uma dellas igualmente commum á crise do Banco de França em 1847. A suspensão do pagamento das notas do Banco de Inglaterra durou desde 27 de fevereiro de 1747 até ao 1.º de maio de 1823.

Um esboço da historia dos differentes factos, que por tão largo praso se deram em relação a esta suspensão de pagamentos, comprova que o lucro da circulação das notas do Banco de Inglaterra, assim convertidas tambem em papel moeda, era concedido ao Banco como compensação dos desembolsos por elle feitos, e para proveito do proprio estado, que lhe pedia supprimentos desse papel, a fim de occorrer ás suas mais imperiosas necessidades.

E pelo espaço de mais de 20 annos que durou tal compensação, sempre o Governo pagou os juros ao Banco pelo que lhe devia, e ninguém se lembrou de avançar a opinião de que o Banco os devia pela fruição das suas notas, sem obrigação de as pagar, e até com curso forçado, como vamos vêr.

A suspensão foi ordenada por uma ordem do ministerio, em 27 de fevereiro de 1797, na qual se davam como fundamentos de tão importante resolução o receio de não haver moeda

em especie para satisfazer as exigencias do serviço publico, pois que se tinha procedido a averiguações, que deram em resultado, o descobrir-se que havia no mercado uma extraordinaria procura de moeda em especies. Na mesma ordem se ordenava que tal suspensão de pagamento se manteria até que o Parlamento adoptasse *medidas proprias para manter os meios de circulação, e sustentar o credito commercial do reino em tão importante conjunctura.*

Em quanto um acto similhante na base principal ao decreto de 19 de novembro de 1846 não conteve esta medida, o que houve de mais importante em relação ao Banco de Inglaterra, foi a camara dos commons nomear uma commissão para examinar o estado do Banco. Esta providencia corresponde na crise de 1846 do Banco de Lisboa á nomeação dos commissarios regios.

Do relatorio desta commissão, resultou que o total da responsabilidade do Banco para com o publico, era em 25 de fevereiro de 1797 13:770:390 £, e que os valores para satisfazer estes encargos eram 17.597:280 £, não incluindo a dívida permanente do Governo para com o Banco, que importava em 11.686:800 £, com vencimento do juro de 3 por cento.

É evidente, que se uma tão favoravel relação entre o activo e o passivo de um Banco reclamava a suspensão dos seus pagamentos, em consequencia da falta de confiança publica inspirada pela guerra, e do saque de metaes que as despezas de tal guerra levava para fóra do paiz, para saldar rapidamente a dinheiro o balanço das suas importações e exportações, muito mais era reclamada em Portugal na crise de 1846: tanto pela relação do activo e passivo dos estabelecimentos a que se referia, como pelo estreita area da circulação dos valores por meio da moeda.

Seguindo os factos, encontraremos ácerca das duas situações, mais pontos de similitude.

Em 5 de março do mesmo anno de 1797, foi o Banco de Inglaterra auctorizado para emitir notas de 5 libras, ou mecos, e foi em virtude desta auctorisação que em 10 desse mez se emitiram, pela primeira vez em Inglaterra, notas de 5 libras.

As notas de 2,400 rs., e de 1,200 rs., do Banco de Lisboa, accudiram ás necessidades da circulação, eguaes ás que exigiram a providencia que acabamos de referir.

Finalmente, em 3 de maio se approvou na camara ingleza a medida que a ordem do con-

selho tinha annuciado, e a qual se denominou: Lei de moratoria concedida ao Banco. (*the Bank Restriction act*). Contém esta lei um facto principal—a moratoria, e outros accessorios. O principal existe em duas provisões, uma que põe o Banco a salvo de qualquer procedimento judicial, por haver cumprido a ordem do conselho, que lhe fez suspender o pagamento das suas notas, e outra dispondo que não lhes era permittido fazer pagamento de dinheiro de contado acima de 20 shillings.

Tambem esta lei fixou uma moeda de Banco para o pagamento dos depositos, determinando que só poderiam ser retirados até  $\frac{1}{2}$  partes em dinheiro de contado.

Apesar de que a lei na sua promulgação se annunciava, como vigorando 52 dias, consideramol-a como a medida promettida, porque na permanencia da moratoria que estabelecia junto ao curso forçado, e o augmento do capital, que ao diante mencionaremos, consistiu a resolução da crise commercial que lhe deu origem. E assim o provaremos com o apontamento da respectiva legislação.

A lei de 22 de junho continuou os effeitos da lei anterior, até um mez depois de aberto novamente o parlamento.

Em 30 de novembro a lei foi prorogada até passarem seis mezes, depois de finda a guerra.

Foi durante este periodo que alguma coisa houve semelhante ás senhas do Banco de Lisboa, pelas quaes o portador trocava no Banco, a metal, o numero de notas de 4,800 rs., que a senha mencionava; e foi o annuncio de 3 de janeiro de 1799, no qual o Banco de Inglaterra fez saber, que a contar do dia 1.º de fevereiro pagaria a dinheiro todas as notas de 1 e 2 £, com data anterior ao 1.º de julho de 1798. E como em taes circumstancias é impossivel abandonar as acções de um Banco á depreciação espantosa a que as levaria a falta de algum dividendo, que pelo menos auxilie a satisfação das mais urgentes necessidades de seus possuidores; tambem observaremos, que durante o curso forçado houve dividendo no Banco de Inglaterra, tendo sido o de 1797 de 5 por cento — o de 1799 de 10 por cento — 5 por cento em 1801 — e 2½ em 1803 — em 1804 foi de 5 por cento, mas em dinheiro effectivo — o mesmo em 1805 e 1808, sendo de 7 por cento em cada um dos annos, desde 1807 até 1823.

Quando começou o curso forçado para o Banco de Inglaterra, faltavam-lhe poucos annos para fin-

dar o seu privilegio, e ao Banco de Portugal faltavam-lhe 8. Para ambos por differente modo se prorogou esse privilegio, mas tambem em ambos com proveito immediato do governo, consignado em um emprestimo. Em 1800 o privilegio do Banco de Inglaterra foi prorogado por 21 annos, tendo este emprestado nessa occasião 3 milhões de libras sem juro, por 6 annos.

E em 1846 se prolongou o privilegio do Banco de Lisboa, por meio da organização do Banco de Portugal, emprestando 300 contos de réis ao governo, para lhe serem pagos com acções sobre o novo fundo de amortisação, e mais 300 contos, tambem com demorado embolso ao contracto de tabaco. A guerra terminou, e uma nova lei continuou a moratoria do Banco de Inglaterra até 1 de março de 1803.

Em 28 de fevereiro se determinou a continuação da moratoria até 6 mezes, depois de aberto o parlamento; mas renovada a guerra em 15 de dezembro foi a moratoria prolongada até 6 mezes, depois de concluido um tratado de paz definitivo.

A commissão nomeada pela camara dos communs em 1810, para examinar as causas do alto preço do oiro em barra, e seu effeito sobre o meio circulante, termina o seu extenso relatório, lembrando que só findos 2 annos poderá acabar a moratoria, devendo-se providenciar para que findo esse praso ella não continue.

Provindo esta alta do preço do oiro em barra da sua comparação com o valor das notas, este quesito, proposto ao exame da commissão, não deixa de se assimilhar ao contido na portaria de 26 de fevereiro de 1849, na qual a pedido da commissão de inquerito, nomeada pela camara dos srs. deputados, em virtude de proposta de um de seus membros, director do Banco, se pediu o parecer da Associação Mercantil de Lisboa, e Associação Commercial do Porto, sobre a influencia do Banco de Portugal, em relação á circulação, tanto pelas operações do mesmo Banco, como pelo curso das notas do Banco de Lisboa.

É para notar que tendo em 1810 chegado o desconto a 16  $\frac{3}{4}$  por cento o parlamento inglex acreditava tanto nos esforços feitos para sustentar o credito das notas, que duvidava se era o seu valor ou o do ouro que subira. A duvida assentava em um fundamento louvavel. Eram tantas as provas de patriotismo dadas pelos inglezes

em relação ao valor das notas do seu Banco que as não pagava pelo muito que a nação lhe devia, e era tal a disposição publica em favor da conveniencia geral de lhe conservar o valor, que ninguém que possuia guineus ousava recusar-se a trocal-os ao par por notas do Banco. Era por tanto em relação á barra de ouro, que o agio das notas se estabelecia porque o vendedor lhe marcava um preço em notas excedente do real. Este excesso ou agio era em 1810 de  $\frac{1}{16}$ ; e 6 depois de 27 $\frac{1}{2}$ .

Ao mesmo passo existia o fenomeno do guineo amoeado ter tambem no mercado um agio forte em relação ao ouro em barra. Nesta época a circulação das notas era tripla da que havia ao estabelecer-se a suspensão do pagamento das notas.

Foi em 1811 que em todo o vigor a lei de 22 de julho promulgou o curso forçado.

É singular a origem desta lei, e ella figura nos importantes debates que a precederam no parlamento britannico. Lord King, grande proprietario territorial, vendo o prejuizo que tinha em receber dos seus rendeiros as notas pelo seu valor nominal, mandou-os intimar que não recebia mais rendas senão em guineos ou em notas pelo seu valor corrente.

A proposta do ministerio á camara teve por origem o clamor levantado por esta intimação, e Lord Chancellor lhe formulava a causa dizendo, ao apresental-a na camara dos communs, que esta lei era uma consequencia necessaria da suspensão ordenada por M. Pitt e que estando o Banco auctorizado para não pagar as suas notas se estabeleceriam dois valores para ellas; um nominal, outro corrente, se a lei não viesse em seu auxilio. Esta lei de curso forçado foi renovada em 1812 e em 1814, por tanto tempo quanto fosse a duração da moratoria.

Apesar da paz de 1815 a moratoria continuou em virtude de uma lei até 5 de julho de 1816, e neste anno prolongada até julho de 1818.

Comprehendendo-se na moratoria e curso forçado, o ponto capital que assimilha a medida que se contém na serie de actos que se referem á crise ingleza, com a providencia contida no decreto de 19 de novembro, para não faltar tambem em Inglaterra o augmento do capital do Banco, como depois houve em Portugal; tambem no anno de 1818 este foi augmentado com 14.553:000 £, isto é, com 25 por cento; dos quaes 3 milhões foram emprestados ao Governo a 3 por cento.

A amortisação por meio de pagamento começou esse anno, em que o Banco annunciou o pagamento em dinheiro de contado de todas as suas notas, de uma e de duas libras, com data anterior ao 1.º de janeiro de 1816; e em seguida que pagaria as notas emittidas com data anterior ao 1.º de janeiro de 1817. Pela pratica de que a nota que entra no Banco de Inglaterra sahe substituida por outra, se vê que a somma de taes notas estava pela maxima parte substituida por outras de data posterior.

Em 1819 e 1820 o pagamento se fez em barras, na conformidade de uma lei de 1818, proposta por sir Roberto Peel, que fixou o dia primeiro de maio de 1823 como o primeiro em que o Banco era obrigado a trocar as suas notas em moeda cunhada de oiro de lei.

O Banco obteve em 1821, que uma lei lhe permittisse o começar no primeiro de maio desse anno o pagar em moeda de oiro as suas notas de 1 £; pela primeira vez entraram na circulação os soberanos do valor de 20 schellings, substituindo o antigo guineo,

A sequencia dos corollarios, que de todos estes successos se tiradam em relação ás causas e effeitos do curso forçado das notas do Banco de Lisboa, serão seguidos no proximo artigo, em que exporemos com maior desenvolvimento o nosso reparo sobre o transtorno que promove em um paiz o saldar antecipadamente com moeda metalica o balanço das suas importações e exportações, quando esta moeda sae da que a circulação do paiz exige para que as notas do Banco representem valores. Esta explicação é precisa para se não cuidar infundadamente, que pretendemos resuscitar o absurdo morto de que só no oiro está a riqueza.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

#### BIBLIOGRAPHIA.

*Ensaio sobre a historia da cosmographia e da cartographia durante a idade media, etc., pelo exm.º sr.*

VISCONDE DE SANTAREM,

Membro do Instituto de França, das academias das sciencias de Lisboa, de Berlin, das sociedades geographicas de Berlin, Francfort, Londres, Paris, e S. Petersburgo etc.

Do jornal de Paris *la Patrie*, n.º de 25 d'abril do corrente anno, tomamos a seguinte noticia do novo livro com que o nosso sabio compatriota au.



gmento recentemente o catalogo de seus importantes escriptos. É o auctor da noticia M. Pierre Du-bois.

« Antes dos grandes descobrimentos marítimos dos portuguezes e hespanhoes no seculo XV, que deram certeza da sphericidade do globo que habitamos, não era possível traçar cartas geographicas, mappas-mundi approximativamente exactos. Além de que, a necessidade em que se viram os auctores de fazer concordar o texto sagrado com as narrações dos viajantes e as observações dos philosophos, mathematicos, e astrónomos, devia comprimir o pensamento e pear o livre arbitrio dos geographos christãos da idade media.

Na epocha de Moysés e até muito tempo depois da morte deste legislador dos hebreus, considerava-se a forma da terra como um disco chato onde Jerusalem occupava o ponto central e o paraíso terrestre a extremidade oriental; este disco era rodeado pelo grande mar oceânico, que tinha por limite e por barreira o vasto horizonte da esphera celeste.

Nas cartas primitivas a terra está dividida em tres partes; a Asia, a Lybia, e a Europa. Nessas cartas digeram o Mediterraneo, o Mar-Caspio, os golphos Arabico e Persico, bem como o curso de muitos rios, taes como o Nilo, o Euphrates e o Ganges, mas estão traçados de um modo inteiramente caprichoso, sem exactidão, e assim os continentes, as ilhas, as peninsulas, os promontorios, as montanhas, as cidades. Neesses monumentos graphicos acha-se apenas uma infima parte da Asia, da Africa e da Europa; porque os povos, até o tempo em que floreceu a escola de Alexandria, só viajavam dentro de limites acanhados, e além disso estavam privados dos conhecimentos mathematicos necessarios para que podessem tirar proveito de suas viagens e observações.

Homero, em suas descripções geographicas seguiu o texto da Biblia, acrescentando-lhe as fabulas poeticas que a sua imaginação produzia ou andavam dispersas entre os povos da sua epocha. Os sabios da escola de Alexandria de certo que derramaram alguma luz nas sciencias geographica e astronomica, mas a cartographia não melhorou, e continuaram a encochar-se no circulo circumscripto dos geographos primitivos.

Os mesmos desvarios foram seguidos por todos os philosophos gregos e latinos até o tempo da decadencia romana. Os mythos sagrados e mythologicos tiveram successivamente novos apostolos. Figurava sempre o disco terrestre rodeado pelo Atlantico insuperavel, as mesmas zonas habitadas e inhabitaveis, e o paraíso, morada do primeiro homem, assentado sobre uma eminencia conica, inacessivel, além do mar oriental.

No entanto alguns philosophos da antiguidade tiveram avulsamente idéias acertadas a respeito da configuração da terra, e os sabios, pelos seus escriptos, propagaram essas idéias em toda a parte do mundo. Pythagoras suppunha a terra spherica,

e os seus discipulos fizeram predominar a idéia de segundo hemispherio habitado, cujo clima era — « igual ao nosso sob parallelos heteronymos e em estações oppostas. » Aristoteles adoptava esta opinião, com a differença que não julgava de vastas dimensões a sphera.

Mais tarde, Seneca o tragico, em versos que deram que entender por muito tempo aos commentadores e philosophos, formulou o pensamento de que não só a terra era redonda, mas havia de vir tempo em que um navegante ousado devassando o oceano descobrisse segundo hemispherio habitado por homens da nossa especie. Porém, de todos os geographos da antiguidade é Strabão o que se adiantou mais neste ponto; e talvez persuadia Christovão Colombo da existencia de um vasto continente além do Atlantico, naquella passagem, em que diz que poderia haver na mesma zona temperada duas terras ou talvez muitas principalmente proximo ao circulo descripto por Thinas e o Mar Atlantico.

A idade média, que comprehende o decurso de quasi dez seculos, desde Theodorico até Luiz XII, produziu grande numero de philosophos que escreveram sobre geographia e cosmographia. Os mais illustres foram por ordem chronologica, Lactancio, Cosmas, Gregorio de Tours, Marciano Capella, Santo Avito, Cassiodoro, Isidoro hispalense ou de Sevilha, o veneravel Beda, Alfredo o grande, Herman, o monge Richer, Honorato d'Autun, Othão de Frisia, Sacro-Bosco, Alberto Magno, Rogerio Bacon, o Dante, Joinville, e Alão de Lille; mas, todos estes sabios, como os da antiguidade e os padres da igreja, se limitaram ás ideas biblicas e homericas, e por consequencia não fizeram dar um passo á sciencia da geographia e cartographia.

Todavia, no decurso desta longa epocha, acreditava-se na rotundidade da terra e nos antipodas; mas, regeitava-se absolutamente a possibilidade de navegar o Atlantico além das columnas de Heracles. O veneravel Beda faz esta curiosa descripção do mappa-mundi: — « A terra (diz elle) é um elemento collocado no meio do mundo; está no meio deste como a gema no ovo; á roda acha-se a agua; como a clara á roda da gema; em torno da agua está o ar como ao redor da clara do ovo a membrana que a contém; e tudo isto é cercado pelo fogo do mesmo modo que no ovo a casca. A terra acha-se assim posta no centro do mundo, recebendo sobre si todos os pezos; e postoque por sua natureza seja fria e seca, adquire accidentalmente nas suas diversas partes diferentes qualidades; porque, a porção que fica exposta á acção torrida ou ardente do ar, é queimada pelo sol e inhabitavel; mas, a porção collocada na zona temperada do ar tambem é temperada e habitavel. »

O Dante e Rogerio Bacon, escriptores do seculo XIII, não procuraram que prevalecessem as novas idéas, respectivas á geographia, e apesar de todo o seu saber e elevada rasão, adoptaram e corroboraram as fabulas que haviam bebido na lição dos hebreus e dos philosophos da Grecia e Roma.

Comtudo, na epocha desses dois homens celebres, o espirito humano havia feito notaveis progressos na Europa; os mouros de Hespanha, que desde o seculo X cultivavam todas as sciencias mathematicas, e que tinham dilatado muito pela India dentro, e em quasi todas as demais partes do mundo, as suas viagens commerciaes, haviam deixado preciosos documentos astronomicos e geographicos; porém, como dissemos no começo deste artigo, os sabios da Europa christã não ousaram discordar da letra das sagradas escripturas, arrostar com a auctoridade dos padres da igreja representada em Roma pelos successores de S. Pedro. Ainda não era chegado o tempo dos martyres da sciencia; Copernico e Galileu ainda não viviam!

Deste modo a terra destinada para habitação dos homens foi inteiramente desconhecida da idade media até o seculo XV inclusivè; e só foi no principio do seculo immediato que emfim se poudo traçar cartas geographicas e mapas-mundi quasi exactos. Dizemos quasi, porque effectivamente as sciencias geographica e cosmographica não fizeram verdadeiros progressos senão quando se inventaram os instrumentos proprios para medir o tempo com extrema precisão. E' uma verdade incontestavel, e com razão dizia o sabio Pedro Le Roi, no seculo passado: — « O descobrimento dos satellites de Jupiter, os relógios astronomicos, e os de longitudes deram mais perfeição ás nossas cartas geographicas e maritimas do que tinham feito quatro mil annos de navegação e de viagens etc. »

De facto, com o auxilio dos relógios do mar ou dos reguladores de segundos, é que se pôde determinar exactamente as distancias, calcular a velocidade de um navio, a declinação oriental e occidental, norte ou sul de um plano, o curso de um rio, o prolongamento de uma costa, a situação de um promontorio etc.

Assim, por exemplo, querendo saber quanto dista o meridiano da Martinica do de Paris, ou quantos graus se hão de caminhar para o occidente para chegar á Martinica, será facil obter esse resultado pelo methodo seguinte. Procura-se no ceu um phenomeno ou um signal que possa no mesmo instante ser visto de Paris e da Martinica, por exemplo, o momento em que começa um eclipse da lua: se é meia noite na Martinica quando o eclipse ahi começa, e se, nesse momento, se contarem 4 horas e 13 minutos da manhã em Paris, estamos certos de que ha 4 horas e 13 minutos de tempo, o que faz um arco de 63 graus e 15 minutos do meridiano de Paris ao da Martinica. Com effeito, o sol gasta 24 horas em fazer o giro do globo e uma hora em percorrer 15 graus; se os habitantes da Martinica tivessem o meiodia mais tarde de que nós, teriamos por esse facto a certeza de que estavam a 15 graus de nós para o occidente, porém, tem-no mais tarde do que nós 4 horas e 13 minutos, segundo a observação; logo estão mais para lá 63 graus e um quarto, que correspondem a 4 horas e

13 minutos, a razão de 360 graus por 24 horas, ou de um grau por quatro minutos de tempo.

É sabido que os satellites de Jupiter fazem a sua revolução á roda deste planeta da maneira seguinte: — o primeiro, n'um dia, 18 horas, 28 minutos, 36 segundos; o segundo, em tres dias, 13 horas, 17 minutos, 54 segundos; o terceiro em 7 dias, 3 horas, 59 minutos, 36 segundos; o quarto em 16 dias, 18 horas, 5 minutos, 7 segundos; de modo que quasi se não passa noite em que se não possa observar com o oculo o eclipse de um destes satellites por Jupiter. Estas occultações são vistas ao mesmo tempo em todos os logares da terra onde o astro é visivel; e como ha tabuas que indicam os tempos da immersão e da emersão daquelles satellites para um logar determinado, comparando-se a hora de uma immersão, por exemplo, indicada pela tabua, com a hora do logar em que se faz a observação, conhece-se pelo calculo precedente o meridiano. O grau da exactidão é na razão da precisão dos relógios astronomicos ou dos relógios maritimos em que se fazem as observações.

É, pois, com sobrada razão que o sr. visconde de Santarem, auctor do livro que temos presente, diz que os geographos da antiguidade, como os da idade média, não tinham as noções sufficientes relativas á sciencia geographica e nenhum delles traçou cartas em que os diferentes logares do globo estivessem exactamente representados.

O sabio auctor do *Ensaio sobre a cosmographia e cartographia*, tomou sobre si uma tarefa das mais arduas; porém, superou mai felizmente todas as difficuldades, e nisso fez prova não sómente da sua erudição, mas tambem de sua profunda solicitude por uma sciencia, que, no dizer de Strabão, é das mais dignas das meditações do philosopho.

Julgar-se-ha da vastidão dos trabalhos do sr. visconde de Santarem, sabendo-se que este sabio membro do Instituto, antes de poder traçar o plano da sua obra, devia ter conhecimento dos livros de uma multidão de auctores, verdadeiramente prodigiosos, que desde Moysés até á nossa epocha escreveram sobre a geographia, a cosmographia, a cartographia. Colligiu todas as cartas que reputou necessarias para a sua historia; fêl-as gravar e cobrir com extremo cuidado, e formou dellas um atlas de inapreciavel importancia. Nesse atlas, e auxiliado pelo texto que o acompanha, poderá o leitor perceber todas as transformações geologicas que successivamente soffreram as diferentes regiões do globo desde os tempos mais remotos até os nossos dias. Ver-se-ha até que epocha as cidades e localidades se conservaram nas cartas em logares que lhes não pertenciam; e tambem a epocha posterior em que essas cidades e localidades, em virtude de viagens, de observações astronomicas etc. foram collocadas exactamente nos mappas modernos.

Finalmente, e é este um ponto bem importante para a historia e a geographia, consultando o livro e o atlas do sr. visconde de Santarem, poderá marcar-se com certeza as cidades que desapareceram

da superficie do globo, cedendo o campo a cidades novas; conhecer-se-hão as vicissitudes que padeceram no correr dos seculos outras cidades grandes e florentes n'outras eras, e que não se encontram já nos mappas modernos ou estão convertidas em aldeias sem consideração; constarão tambem as causas humanas ou physicas, que anniquilaram certas povoações maritimas, outr'ora commerciantes e ricas; e a razão porque outras, sendo na idade media portos de mar insignificantes, progressivamente se engrandeceram e se fizeram cidades maritimas da primeira ordem.

Portanto, o sr. visconde de Santarem prestou um serviço eminente á geographia; e o seu ensaio historico durará como umas das mais excellentes obras scientificas da epocha. Não se reproduzirão as cartas do seu atlas, sendo mui subido o preço da gravura; mas de certo as primorosas paginas que escreveu serão reproduzidas frequentemente. Os futuros geographos tomarão deste livro mui interessantes documentos. Os commentadores procurarão talvez invalidar algumas asserções do auctor: serão, porém, baldados seus estereis esforços. O sr. visconde com a sua elevada e severa imparcialidade, aclarando o chaos que reinava na cartographia da idade media só buscou a verdade, e disse-a com independencia. Além disso, pelas citações dos geographos, dos philosophos, dos historiadores, dos poetas que escreveram sobre geographia, reproduzindo o texto, é que demonstrou os erros delles e provou sua ignorancia.

O sr. visconde ainda não publicou se não os dois primeiros volumes da sua obra, que deve constar de quatro. Acudiremos a dar conta dos dois que faltam, logo que estejam publicados, porque desde já estamos certos de achar nelles factos interessantissimos relativamente á historia e á sciencia geographica.

Ainda duas palavras. A importante collecção que annunciámos é mui consideravel e dispendiosa para que podesse emprender a publicação um individuo particular, quaesquer que fossem sua posição social e bens da fortuna: o sr. visconde de Santarem o declara na introdução do seu livro; e foi com o poderoso apoio do governo portuguez, especialmente de s. ex.<sup>a</sup> J. J. Gomes de Castro, ministro dos negocios estrangeiros na sua patria, que o auctor ponde emprender a erecção de um monumento geographico digno da nossa epocha, proseguindo-se hoje na publicação activamente. São, pois, devidos elogios, não sómente ao sr. visconde de Santarem, como tambem ao governo de S. M. a Rainha de Portugal, que pelo interesse puramente scientifico, tomou a seu cargo grandes sacrificios pecuniarios para que a Europa douta e o mundo inteiro possam tirar proveito da publicação da *Historia da Cosmographia e Cartographia na idade media*.

## PARTE LITTERARIA.

A NOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXXI.

TODOS FALLAM, E POUCOS ENTENDEM!

Faltavam vinte minutos para a uma da tarde, hora improrogavel, marcada por Lourenço Telles aos comensaes, que tinha convidado. O erudito saía do seu quarto, viçoso como a primavera, menos na frescura do rosto, cujas rugas contumazes pareciam o eterno cartaz dos annos. A preciosa renda dos punhos e da tira nada tinha a invejar na alva finura ás riquissimas valenciennes das duquezas do grande seculo. Os bordados e recamos da vestia de setim azul celeste podiam saír do bastidor, em que se lavraram os ramos de flores, com que se enfeitou em galla real o peito de Luiz XIV, quando no orgulho de mancebo e de monarcha escolhia o sol para divisa do seu esplendor. O feitio francez, a elegancia do corte e da costura, a profusão das joias, e a magnificencia do estofo, faziam de Lourenço Telles o réo de lesa-pragmatica mais publico e impenitente, não havendo um só artigo das severas leis economicas de Pedro II, que o seu trajo deixasse de infringir.

Encontrando-o, Vatteau dar-lhe-ia a immortalidade do seu pincel espirituoso. As damas mais caprichosas teriam de confessar com dór a primazia das essencias e aromas usadas por elle nas roupas, ou no penteado. Frisada em canudos symmetricos, a cabelleira, com as bolsas apanhadas em noz de fita cór de rosa, chamados laços de amor, caía com arteficioza graça, lambendo a testa, e acompanhando as faces. Os sinetes de rubis dos dois relógios, os botões de brilhantes dos punhos, e a espiguiha admiravel da gravata, fariam empallidecer de inveja qualquer dos fidalgos, moços e presumidos da roda do principe real. Finalmente o espadim de copos cravejados e bainha de veludo bordado, apresentava uma folha de Toledo, que o capitão Jeronymo quereria vér montada com menos riqueza, e mais segurança, achando-a capaz de defender o coração de um soldado.

Apenas chegou ao escriptorio, revestido das maneiras cortezes da eschola de outro tempo, o commendador deu com os olhos no abbade Silva,

de pé, em habitos maiores, entretido a folhear um livro, sem se esquecer de extasiar os olhos na occasião propicia. Regulando-se pelo exemplo do seu douto amigo, o auctor das façanhas de Viriato, não omittira uma só das preciosidades da guarda-roupa, ou museu domestico. Vinha uma verdadeira taboleta de antiguidades. A meia de seda preta era de um lavor aberto, que mal interceptava o roxo claro da segunda meia unida á pelle. O calção, laçado por cima do joelho, e recamado nas costuras, estava tão justo que deixava receiar algum desastre. Nas fivelas dos chapatos exoticas e disformes brilhavam pedras de valor. A volta do pescoço formava um arabesco serpentino; os cinco sinetes pendentos de esdruxulas cadêas assimilavam-se ás numerosas correntes de um lampadario. Curta e de requifes, a capa ouriçada de folhas na murça, com guarnições de vidrilhos pretos, dava-lhe a apparencia suspeita de um toureador castelhano. Sobre tudo a prodigalidade de estupendos camafeus, que semeára com ostentação, e os desusados aneis romanos, egypcios, ou hebreus, que mettêra em todos os dedos, compunham uma panoplia singular, dentro da qual esticava comprimido, mas sempre solemne, sentencioso, e engomado, o delicioso inventor do livro dos pavões!

Encontrando-se, e admirando-se quaes estavam os dois eruditos, mal puderam conter o riso contagioso, que os assaltou. O abbade achando na idade de Lourenço Telles a satyra das suas incorrigiveis elegancias; o commendador, colhendo em flagrante, sob a côr de lagosta das segundas meias, e o quasi escandalo dos calções funis, a tibia allautada, e a côxa diminuta do venerando critico. O tio de Philippe da Gama, á parte a justa modestia, reputava-se menos secco e muito mais vistoso; e dava interiormente a si mesmo muitos parabens por conservar estas perfeições, opprobrio do ecclesiastico Aristarcho! Jasmin, seguindo a seu amo, tomou conta do tricornio de borlas verdes e torçal de ouro do commentador das barbas historicas, recebendo ao mesmo tempo das suas mãos uma bengala, cujo castão rarissimo (dizia elle) não conhecia rival em toda a Europa, sendo a authentica e vera taça egypcia, em que a formosa Cleopatra hebera as perolas desfeitas no banquete de Marco Antonio. Na realidade o feitio não desmentia a versão. O que quer que era, que o abbade chamava taça, tinha uma tampa de labores, e abrindo-se patenteava certa cavidade, aonde o latinista incredulo observou que se poderiam accomodar até seis

pastilhas contra a tosse. O peso e as dimensões deste monumento, mais o classificavam entre as clavas ou maças-d'armas, do que entre os canonicos e pacificos bastões de uma columna da igreja doutoral.

— « Então, querido abbade, exclamou o commendador com jovialidade provocadora, ateimará ainda que Horacio na sua ode quiz citar o patriarcha Japhet em lugar do Titão da fabula? *Audax Japeti genus?* »

— « Meu amigo, cada vez me convenço mais. Depois que nos separámos hontem, deparou-me a fortuna um manuscripto precioso, em caracteres allemães minusculos vulgarmente chamados gothicos, e folheando descubri nelle o commentario de algumas odes do poeta valido de Mecenas... Ora justamente entendem o glosador do mesmo modo esta passagem... »

— « Que serie de prodigios! » gritou Lourenço Telles em ar zombeteiro. « Com que o sr. abbade viu o livro? Diga-me: e o frontispicio tinha araras ou papagaio? Nunca me hão de esquecer os mefinos d'aquelles pavões de ouro, que tanto me citou, e que eu tive a simplicidade de andar procurando na torre do castello, no meio das risadas dos archivistas... » Dizendo isto o velho erudito cheirava pitadas sobre pitadas batendo com os dedos a compasso de marcha sobre a tampa da sua caixa.

— « O livro existe, sr. Lourenço Telles! » acudiu em aspecto grave e tom de oraculo o auctor da carta a Lucio Floro, cuja ira se manifestava pela côr violeta, que lhe invadia a calva.

— « Mas os pavões foram-se! » replicou o contradictor, cada vez mais contumaz.

— « Deixe-se de remouques improprios da sua idade, e indignos do respeito que deve aos outros » atalhou o abbade, crescendo com raiya sobre as immensas tibias. « Vi o manuscripto, sim senhor. Por signal é um volume de capa de pergaminho e fechos de latão... Não tem araras nem pavões, mas no rosto poderá admirar-lhe a bella cercadura illuminada, obra de bom mestre... Francisco de Hollanda, pôde ser... »

— « Nada; Raphael, ou Benvenuto Cellini! » redarguiu o velho sabio com seriedade. « Com que viu o livro, poz-lhe os oculos em cima?... devêras?! Noto a teima da fortuna. Não ha dia, em que não lhe dê um alegrão... Chovem manuscriptos e araras em o sr. abbade errando o seu latim. » E o commendador esfregando as mãos recostou-se com ar de dó na immensa poltrona.

— « Escusa de tomar comigo esse tom, que

me faz dó! » exclamou o investigador das bexigas doidas, córando e erguendo-se com impeto para se tornar logo a sentar. « Conhece a placidez do meu espirito, e a vaidade dos seus chascos. Torno a repetir; vi o livro; estudei os seus caracteres gothicos; e asseguro-lhe que é do tempo dos templarios... »

— « Justamente! Escripto por Gualdim Paes, que sabia Horacio como um mestre de meninos, e illuminado por Francisco de Hollanda, que viveu tres ou quatro seculos depois!... Dou-lhe os parabens; desta vez não resuscitou os mortos; fez mais do que Jesu-Christo, meteu no bolso os seus trescentos ou quatrocentos annos por distracção. Pasma como ainda lhe não caíram os dentes!... É preciso serem de ferro para mastigar semelhantes pillulas. »

O abbade colhido em flagrante, e afflicto, agitava-se, mudava de côr, e estendia a mão com solemnidade.

— « Não apanhe um lapso pelos cabellos! » gritou todo tremulo de raiva. « O que eu queria citar era o seculo dezasseis. O livro acha-se, existe. Pertence a um amigo meu; mas não sou denunciante; por isso prefiro calar-me. »

— « Acho prudente! » redarguiu. Lourenço Telles, sacudindo o tabaco da tira com um piparote. « Então, pelo que vejo, a raridade desceu da lua e volta para a lua, em eu me convencendo de que Horacio chamou hebreu a um Títão?... Pelo amor de Deus! É capaz de jurar sobre umas Horas que descobriu a ossada das egoas lusitanas, que os romanos diziam concebidas do vento... Estou-o ouvindo descrever-me a authentica da reliquia. »

— « Sr. Lourenço Telles, compadeço-me das trevas do seu espirito. O manuscripto ha quem o tenha; fiquemos nisto. Se não acredita perdoo-lhe a injuria, em attenção as suas enfermidades. »

— « Agradeço a demencia!... Jasmin, que horas são? »

— « Uma hora menos um quarto » respondeu o escudeiro, inclinando-se com a bengala e o chapéo do abbade ainda nas mãos.

— « Guarde no meu quarto esse capacete ecclesiastico, é não se esqueça de bem arrecadar a taça egypcia da seductora Cleopatra » acudiu o latinista com um sorriso, em que brincavam mli ironias aceradas. « Deus nos livre de que monumentos de tanta estimação se desencaminhem. O museu póde requerel-os. »

— « Sr. Lourenço Telles, exclamou o glosa-

dor infeliz, com a voz presa de raiva; devo observar-lhe que se excedeu. O meu chapéo não merece a irrisoria alcunha de capacete, que tem o desaccôrdo de lhe pôr diante do seu famulo. Se o feitio lhe não agrada, paciencia! Mais val vestir-me serio, do que, apparecer feito cabide das modas dessa mocidade... Quanto ao castão egypcio a unica nota que lhe póde lançar é não o possuir. Em vez de um gato ladrão e asmatico, e de um papagaio estúpido e feroz é melhor colligir as preciosidades, de que a sua inveja se vinga, fazendo mofa... »

— « Mil perdões pelo sacrilegio! » gritou o erudito offendido da classificação pouco lisongeira do Louro e de Minette. Digo-lhe só que errou o seu quináu. Graças a Deus não estou no costume de comprar na feira da ladra as caçoulas amolgadas para as pregar de castão nas minhas bengalas... Espero morrer sem passeiar de maça ao hombro. Sabe o que lhe aconselho? Não se exponha a pé com a raridade. Os rapazes são travessos, e agouro-lhe um dia triste se lh'a descobrem. »

Dizendo isto Lourenço Telles deixou-se cair na sua poltrona com um frôxo de riso. Atraz das risadas veio a tosse; e foi preciso um copo de agua com assucar de calda para aplacar o accesso. O semblante do abbade tinha-se tornado, entretanto, a imagem silenciosa da indignação. Sempre de pé, mostrava o dó e o desprezo nos labios engatilhados, e a ira na vista cheia de coriscos. O commendador de cada vez que olhava para elle renovava as gargalhadas, sentia ferver a tosse, e bebia um gole de capilé.

— « Meu digno amigo, isto é velhice, não faça caso!... » dizia ao mesmo tempo com uma zombaria provocadora; diga-me: já descobriu o segredo de fabricar a agoa de juventude, remolhando as raizes velhas, que andou apregoando como a verdadeira panacea universal? Deu vista aos cegos, e pernas aos coxos? Experimentou o seu albafor, a sua junça cheirosa contra as toses e catharros? Asseguro-lhe que para fazer espirrar é conveniente; mas a cevadilha torrada faz o mesmo. »

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continua.)

# ESBOÇOS DE TYPOGRAPHIA HUMANÁ.

## III

### • Alfarrabista.

E esse, que chamar podemos,  
Viva, copiosa lista  
De velhos mofentos livros:  
Fanático alfarrabista,

Que anda todo o santo dia,  
Por lojas, por vãos d'escada;  
Como, empoado moleiro,  
Ou, tainha, antes d'assada:

Enfrascado, em pó sedição  
D'esquadrão calhamaçal;  
A que soffrego, se atira,  
Com affecto paternal:

Folheando, abrindo, lendo;  
Pela data, pela imprensa;  
Já, valor aos livros dando,  
Em decisiva sentença.

Preferindo o folio ao quarto,  
Em capas, o pergaminho;  
Margem larga, typo gothico;  
E no rosto, algum santinho.

Tendo em mais sabida conta,  
As obras encadernadas,  
Em *moscovia* incorruptível;  
E sem margens aparadas.

Exclusivo apreço dando  
As primeiras edições;  
Mesmo pobres de materia,  
E cheias d'incorreções.

Sendo principal artigo,  
Em código alfarrabeteiro,  
Preferir antigo e raro,  
O ferro-velho, ao livreiro.

Mais, que forte syllogismo,  
Capitão dos argumentos;  
Em louvor, d'obra citada  
Responder: «E de quinhentos.»

Possuir, qual perfurante  
Sonda, em poço artesiano;  
Ou lampadario d'egreja,  
Que alumia todo o anno.

Como, chave de segredos,  
Como, perpetuo lunario;  
Como, cutelo em açougue,  
Como, bento relicario:

Como, exacto faroleiro  
Da caduca livreria...  
O catalogo dos classicos,  
Pela nossa academia!

Oh! ditoso do primeiro,  
Não, que tigras amansara;  
Ou, que vio brilhar a lua  
Nas aguas do Niágára:

Mas, que taes livros juntasse  
Propriedade d'um só dono!  
Por ser elle, o alfarrabista,  
Dera a mitra, dera o throno.

Per ter só, de *Gil Vicente*,  
Uma primeira edição;  
Exemplar, folio — *solfado*...  
Dava — (de certo!) um milhão.

Pois, se fosse a — *Vila Christi*,  
Ou o — *Espelho da Christina*,  
Ia, em trages de romeiro,  
Visitar a Palestina.

Um *Versal*, já não digo;  
Ou de *Vespasiano*, a vida;  
Que, os brilhantes baptisados,  
Em valor, não tem medida...

— Puritano alfarrabista,  
Quando vê morro na costa;  
Quer dizer, se bispa á venda,  
Calhamaço de que gosta;

Não resiste. — Vão-se embora,  
(Diz), — os ultimos dez réis:  
Preferir o pão ao livro,  
Isso não: — nunca o vereis!

E, qual ginja namorado,  
Que por uns olhos magânos,  
Derretido, othando, esquece,  
A idade dos desenganos:

E bahóca, a bolsa entrega,  
A loureira, que o lograra:  
Tal aquelle, os cobres larga,  
Ao vêr obra, antiga, e rara.

Da qual, exemplares sete,  
De diversas edições,  
Já possui: — mas compra oitavo,  
Porque, — além d'outras razões,

Diz, — que o novo bacamarte,  
É d'uma edição preclara,  
Que p'lo fatal terramoto,  
Quasi toda se queimara.

Que, pertencera, além disso,  
Como attesta *occulta* marca,  
A escolhida livreria,  
D'um defuncto patriarcha.

Que, tem mais um *quindimsinho*,  
Com que o vulgo não atina;  
Só patente, a quem profunda,  
Doutas leis da *alfarrabina*!



Dessa cara, e trabalhosa,  
Arte, que não vem de graça;  
Mas, sacrificando a bolsa,  
Combatendo pó e traça.

Já farejando nas tendas,  
Por entre o arroz e as batatas;  
Já, na estante collocando;  
Colligindo nomes, datas:

Já, constante, á l'raça feira,  
Quando dia de semana;  
Roto livro analysando,  
Pelo campo de Sant'Anna:

Já, de pé, á tosca banca,  
De cobdo vendilhão;  
Já, de coc'ras, os que se acham  
Empenados pelo chão:

E já, — *ex omnibus optima*,  
(Qual geometra alfeiate,  
Que riscando, em fatos velhos,  
Extrahe obra de quilate),

Cortando folhas diversas,  
Que postas a novo getto,  
Fazem de tronçado livro,  
Exemplar o mais perfeito...

— E pateta! — quantas vezes,  
Pela capa decidindo;  
Batego, rasgando os olhos  
Sobre o livro que vê: — rindo:

Ovo occulto, imaginando;  
Acha: — oh duro desengano!  
Em vez d'obra d'alto preço...  
*Thesouro Carmelitano!*

Detestavel alfarrabio,  
Constante cabo d'esquadra,  
Vigia de calhamaços,  
Em toda a feira da Ladra;

Que, daqui dalli postado,  
Como linha atiradora;  
Tiroteia o Alfarrabista,  
Enganando-o a cada hora:

Enganando-o, porque, envolto  
Em usado pergaminho,  
Um *pas-velho* representa;  
Pelo menos, affonsinho.

— E, se fossem taes enganios,  
Todo o calix de amargura,  
Que esgotasse, lá na feira,  
Calhamaçal — creatura...

Mas não; — que s'enxerga livro,  
Com signaes d'alfarrabina  
(Qual, ao vêr pingante bofe,  
Mia o gato por chacina);

Avido, a obra folhea;  
Abre, fecha, o preço pede,  
Ao vendilhão, que é matreiro,  
E os movimentos lhe mede;

E, qual sordido agiota,  
Que accrescenta o cambio vil,  
Vendo traços d'indigeneia,  
Ne que entrára em seu covil:

Assim, logo, o preço dobra  
Ao volume apetecido;  
Faz-se grave, o livro gaba,  
Que só vende, bem vendido.

Dando a veia alfarrabista,  
Do maníaco freguez;  
Ser, por nescio ferro-velho,  
Burlado, mais uma vez.

Assim, passa apito e dia,  
A pensar em calhamaços;  
Já citando-os, já comprando-os,  
Conduzindo-os, sob os braços:

Sempre, de lombada acima,  
Que também nisto ha preceito;  
Quer a nodosa, ou desastre,  
Lado assim, menos sujeito.

O julgar, *secundum artem*,  
Quanto val um alfarrabio,  
É saber, que põe á banda,  
A invenção do astrolabio.

Tem seus pontos duvidosos,  
Ha regras sem excepção;  
Algun scisma entre os fleis,  
Um fanático, outro não...

Mas o seguidor castiço,  
Esse fura em livro velho,  
Como judeu no talmud,  
Ou christão em evangelho.

Irá longe, ao sol, á chuva,  
Só por vê-lo, por abril-o;  
Soffrerá duro martyrio,  
Por chegar a possuí-lo.

Qual, ciosa, em furia ardendo  
Louca amante, desgrenhada,  
Persegue rival ditosa,  
De punhal, a mão armada.

Prompto golpe desferindo,  
Sobre o peito alabastrino;  
Onde, occulto jaz roubado,  
Seu amor, e seu destino:

Assim, elle ao que possui  
Raro, antigo calhamaço;  
Pede, tenta, illude, rouba,  
Da-lhe cabo do espinhaço!

Qual politico da moda,  
Que, sómente, por dever,  
(A parte, virtude ou crime).  
Tem:—subir, nunca descer.

— Eis, um rapido esboceto  
Desse *philo-calhamuso*  
Onde, exacta similhança,  
Julgo dar-se, em mais d'um traço.

Ha toques d'*après nature*,  
No typo do Alfarrabista,  
Que não mentem:—Direi desses,  
Retrabou-se o retratista.

Agosto de 1852.

J. DA C. CASCAES.

## NOTICIAS E COMMERCIO.

**Caminho de ferro de Lisboa a Híspanha.**— Com a maior satisfação damos a importante noticia de que a proposta de M. Hardy Hislop em resultado do acto solemne da sua abertura juntamente com outras — foi approvada pelo governo.

**Curso de leitura repentina.**— Em consequencia da indispensavel necessidade de se evitar nos serões d'este curso a confusão e sussurro, a que necessariamente resultam da excessiva concurrencia de visitantes, assim como a estes e mormente ás damas o incomodo que teem soffrido com o apinhamento da turba, declará-se positivamente:

- 1.º Que nenhuma pessoa de um ou de outro sexo será admittida sem bilhete previamente obtido.
- 2.º Que os bilhetes só serão dados a pessoas perfeitamente conhecidas do sr. Castilho ou ás que por estas lhe forem recomendadas.
- 3.º Que um bilhete não serve para mais de uma vez, pelo que logo á entrada da porta deverão ser restituídos ao recebedor.

N. B. Todas estas disposições serão impreterivelmente observadas.

**Novidades da estação.**— Os calores actuaes (diz um jornal de Paris) não dão motivo algum de inquietação; em varias epochas houve-os maiores, sem causarem damno á especie humana. Em 1793 subiu em Paris o thermometro até 39 graus; em 1808 e em 1825 chegou a 36 graus e nove decimos.

«Actualmente o sol acha-se no signo de Cancer: está, em relação ao centro da Europa, aproximadamente no seu maximo de obliquidade, e por consequencia os seus raios produzem o maior grau de calor a que deverão chegar neste anno. É verdade que o calor augmenta pela posição dos ventos, os quaes collocados na região de Leste impedem a formação das nuvens e da chuva, e causam uma sêcca extraordinaria.

«No dia 22 de julho sabiu o sol de Cancer para entrar no signo de Leo, e segundo todas as leis at-

mosphericas deverá diminuir a intensidade do calor, ou pelo menos não deverá augmentar, porque os raios do sol terão chegado ao seu maior grau de obliquidade, e o vento ao seu maximo de secura, não podendo ultrapassar um e outro os seus limites.»

De Gerona (Catalunha) escrevem em data de 25 de julho:—«Por algumas partes entrou nas vinhas o mal que as destroe em França e tambem na provincia de Malaga. Começa manifestando-se nas parras uma cousa similhante a polvilhos brancos que se reproduz assombrosamente; ao cabo de dois dias acomette as uvas, e logo as folhas restantes e as cepas que sêcca e mata.

«Continúa a temperatura a 26 e 27 grans de Réaumur. N'alguns povos destes arredores descarregou uma forte chuva de pedra que nada abrandou o calor; por aqui ameaça tambem trovoadas ao cabir da tarde.»

No dia 27 de julho á tarde, no termo de Murviedro descarregou uma chuva de granizo, que fez grandissimos estragos, perdendo-se totalmente a colheita do moscatel e outros vinhos, e ficando os olivaeos mui prejudicados.

Os jornaes de Madrid do dia 3 de agosto dizem:—«O temporal que temos experimentado em Madrid foi maior nas povoações immediatas á serra, pois, segundo escrevem da Granja, antes de hontem estalou uma rija trovoadas naquella real sitio, cabindo algumas centelhas electricas que felizmente não causaram damno.

## ASYLO DE MENDICIDADE.

Tendo-se desencaminhado algumas cartas, em que tive a honra de convidar muitas pessoas desta capital a concorrerem com alguns donativos para a rifa que se ha de fazer no passeio publico, nas noites de illuminação, em beneficio do asylo de mendicidade, e tendo-se além disso espalhado a noticia de que este anno não teria lugar a projectada illuminação, cumpre-me declarar ao publico que estão aplanadas as difficuldades que poderiam impedir a realisação daquella brilhante festa de caridade, a qual terá effectivamente lugar dentro em pouco tempo, e igualmente me cumpre dirigir o mesmo convite ás pessoas generosas que ainda o não tenham recebido, a fim de que se dignem concorrer com o seu valioso auxilio para a sobredita rifa.

Os donativos recebem-se até o dia 12 do corrente mez de agosto, na rua de S. José n.º 199, onde se passará o competente recibo ao portador.

Será publicada uma relação de todos os objectos de que constar a rifa, com os nomes das pessoas que os tiverem offerecido, salvo qualquer reclamação em contrario.

A reconhecida caridade e dedicação pela pobreza que tanto distinguem os habitantes desta capital, me asseguram desde já que não será debalde que eu invoco o seu generoso auxilio, a fim de que a grande illuminação do passeio corresponda plenamente ao justo fim a que é destinada.

Lisboa 3 de agosto de 1852.

O provedor do asylo  
JOSÉ MENDONÇA GUEDES.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTÍCIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRITORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 6.

QUINTA FEIRA, 19 DE AGOSTO DE 1852.

12.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### O BANCO DE PORTUGAL EM RELAÇÃO À SITUAÇÃO FINANCEIRA.

*Le crédit, sous sa double forme de crédit public et de crédit privé, mérite d'être classé sur le même rang que la vapeur et l'imprimerie, au nombre de ces forces qui sont destinées, appelées à changer la face du monde, et qui sont en voie d'opérer sur la terre la transformation de toutes classes au profit de la liberté comme de l'ordre.*

M. CHEVALIER.

V

A opinião sem fundamento, absolutamente nenhum, como temos demonstrado, de que o Banco de Portugal deve ao estado juros pela circulação das notas do Banco de Lisboa, leva-nos, pelos tres elementos que tomámos — o direito, o facto, e a analogia — a um dos mais importantes pontos da situação financeira, em relação ao Banco, á urgente e imperiosa necessidade de cumprir o estado para com o Banco, em proveito da prosperidade publica, tudo quanto está garantido na lei, e ahí espera cumprimento tardio, mas justo e indispensavel.

Tendo exposto com verdade, e trabalho consciencioso, os factos historicos que se referem á suspensão do pagamento das notas do Banco, e ao seu curso forçado, não foi, nem indirectamente, da nossa intenção, fazer a apothecose dessas duas espantosas calamidades publicas, que por desgraça das nações, a guerra, ou os erros do governo, fizeram registar nos seus annaes.

Afastámos de sobre taes factos o véo do esquecimento, para que fossem espelho onde as

causas de taes calamidades se vissem tão claramente que os effeitos se podessem evitar.

A consequencia logica dos acontecimentos nos ensina, que ao chegar a hora da angustia, em que o pagamento das notas do Banco é impossivel, o curso forçado não vem aggravar a situação. Confessamos que é um remedio que não mitiga o soffrimento sem atacar a organização; mas fóra do circulo das suas consequencias está a quebra, a ruina geral, e todos são fallidos, tendo no coração o desejo de pagar, e nos cofres um representativo de valores, que se não póde liquidar de prompto.

O curso forçado vem, em tal circumstancia, alliviar uma parte da sociedade do peso enorme de um sacrificio, para que generalisado, encontrado, compensado, se torne para todos mais ligeiro, e para que a confiança não fuja absolutamente ante a fallencia geral e a falta de qualquer fórma de pagar.

Á similhança do medico ao lado do moribundo, callando o soffrimento para não lhe faltar a luz do raciocinio, tambem o escriptor deve friamente apontar para as causas que dissolvem a sociedade, a fim de que se lhe procure remedio, principalmente quando estas provém de causas que não são naturaes. Insistimos na urgente e fatal necessidade com que a historia nos prova os erros dos governos arruinando as nações, para que taes erros se conheçam e se possam evitar, e para que se não tome o effeito, ou o unico meio de afastar maiores calamidades como causas, quando unicamente são effeitos.

O largo espaço em que o Banco de Inglaterra suspendeu os seus pagamentos, o periodo que durou o curso forçado, foram meios infelizmente necessarios para na presença da guerra e

das suas consequencias salvar a nação ingleza de se abysmar em uma fallencia, que por muito tempo a impossibilitaria de adquirir a posição commercial que por direito lhe pertence.

Causas diferentes tem levado alguns escriptores a esconder esta verdadeira origem do mais notavel phenomeno da historia do credito e da circulação, e até o mais louvavel patriotismo levou um economista distincto \* a dizer, que tal phenomeno fôra resultado de que o governo aristocratico da Grã-Bretanha, provocando a guerra a França revolucionaria, se ligou ao Banco de Inglaterra.

As necessidades da circulação, e não as necessidades politicas, é que dictavam o que assim se chamou ligação.

Sem avivar recordações de que provenha qualquer censura pessoal, é incontestavel que em 1846, além dos governos terem absorvido para despesas improduttivas uma somma avultada de valores, existia em Portugal uma verdadeira perturbação na circulação monetaria do paiz. Este facto foi apontado varias vezes nos precedentes artigos, para ter o desenvolvimento que compôrta o espaço que a materia de que tratamos lhe pôde ceder.

Trabalhamos sempre com o intento de não nos convertermos em sectarios de nenhuma doutrina absoluta, mas devemos confessar que temos mui fortes tendencias para a eschola ingleza, que aproxima a nota do Banco o mais possivel da moeda. E parece-nos que essa eschola é falsamente julgada pelos economistas francezes, quando a consideram defensora de um principio absoluto.

Um escriptor respeitavel, Miguel Chevalier, do qual tomámos a epigraphe para expressão do pensamento que dirige este nosso escripto, vae filiar a origem da eschola, a que nos referimos, na crise do Banco de Inglaterra, de que esboçamos a historia, e marca-lhe o ponto de origem nas duvidas sobre a descida do valor do oiro ou das notas, e discussão parlamentar que se lhe refere. Ousamos, com respeito a tão acreditado escriptor, considerar como originarias de exaltado patriotismo, e necessidade fatal de esconder um abysmo, apenas mal coberto, essas exoticas definições, pelas quaes lord Castlereagh denominara a moeda — sentimento do valor — e o negociante Bosanquet, o juro de 3 por cento de 33 libras 6 shelings e 8 dinheiros, representando a libra paga em notas do Banco como moeda para conto.

\* Garnier.

E parece-nos que a verdadeira origem da idéa racional, mas não absoluta da nota do Banco, em relação à moeda, teve a sua inauguração nos seus notaveis e originaes discursos com que Peel defendeu a sua reforma da organização do Banco em 1844.

Temos presentes na memoria os raciocinios praticos e lucidos do maior homem de estado deste século, a par das duvidas que o seu modo de expor, não o que se chama doutrina, mas a verdade da circulação monetaria, suscitava entre outras publicações francezas, ao acreditado *Journal des Economistes*.

O estudo de uma tão importante discussão nos mostrou que eram de esperar essas duvidas, ao vêr um homem de estado, que de subito se apresentava exclusivamente como economista, a expôr os phenomenos mais essenciaes da vida economica, fôra do circulo das definições aceitas pela sciencia, mas sempre no terreno dos factos.

Se Peel estreitava as relações entre a nota de banco e a moeda, é porque era mister confundir quasi em uma só estas duas idéas, para dar á lei de 1844 a base de um papel, unico circulante representativo de valores para toda a Inglaterra; e para chegar depois ás reservas metalicas creadas por essa lei, para o banco de Inglaterra, e pela de 1845 para os bancos da Escossia, como garantes de que as variações do cambio não perturbassem a circulação interna.

É nesta base racional que aceitamos a theoria, porque estamos convencidos das vantagens da unidade de um meio circulante, e temos a mais séria attenção sobre as perturbações que na circulação monetaria do nosso paiz causa a variação do cambio para com o estrangeiro. Por esta forma a theoria é tambem ao presente precisa para de-feza da nova lei que regula em 1848 os Bancos em França.

Adoptando o principio não lhe approvamos as exaggerações que forçaram o coronel Torrens, um dos mais intelligentes defensores das doutrinas de Peel, a julgar que a nota do Banco tinha uma acção especial para pagar, ou solver um devedor de seu debito em comparação com outros papeis de credito.

O proprio impugnador da doutrina de Peel a esclareceu dizendo: <sup>1</sup>

« Tem-se imaginado muitos termos para dar idéa da delegação de parcellas maiores ou menores de tudo quanto compõe o capital da socie-

<sup>1</sup> Chevalier — La Monnaie.

dade. A nota de Banco é a mais portátil de taes delegações, e a que por sua natureza mais pôde circular; é isto, mas só isto, ao passo que a moeda é uma dessas mesmas parcelas. »

Em menos palavras, a eschola ingleza diz isto mesmo. A nota de Banco é a moeda, sem que esta tenha o caracter de mercadoria.

Em Portugal, na situação economica de 1846, havia completo desequilibrio nos principios que ficam apontados.

Quando, como nessa epocha, se aproximam as relações que ligam a nota de Banco da moeda, é mister que ella seja unitaria na circulação, que represente valores liquidaveis de prompto por haverem sido productivamente entrados na circulação activa, e que os elementos do que os inglezes chamam *currency*, ou meio circulante effectivo ou representativo, se complete por uma reserva metálica, não só em relação ás transacções internas, mas ás operações externas realisadas pelo cambio. Alguns destes elementos já estavam viciados, outros viciaram-se com as revoluções, e todos se impossibilitaram de funcção, dando origem á crise.

A moeda metálica faltava não só nos cofres do Banco, mas na circulação do paiz.

Entre a alluvião de alvitre suscitados para a combater, convém lembrar o augmento de 2:000 contos de capital proposto pelos commissarios regios para o Banco de Lisboa, e a emissão de um papel proposta na representação de uma commissão especial datada de 10 de agosto de 1846.

Estes dois alvitre, que pareciam cercados de mais prestigio, só podiam tender a crear meios para acudir ás necessidades do Estado, que vinham bater á porta do Banco a pedir-lhe mais notas do que as que andavam na circulação sem pagamento, pelo mesmo Estado lhe não pagar o que devia; e a dar um meio ás corporações e pessoas envolvidas na crise geral para solverem os seus debitos no todo ou em parte.

Ora o augmento do capital de um Banco por emissão de acções, quando estas chegarem, como nessa epocha as do Banco de Lisboa, a uma depreciação fóra das leis ordinarias do mercado, não se realisaria com proveito para tal estabelecimento. Um papel creado ao lado de outro que enchia a circulação; e que ao menos tinha valores que o representavam, apesar de não ser facil a sua liquidação, também não era recurso que desse os meios de que se careciam.

Os fins desses dois pensamentos só se podiam realisar pelo decreto de 19 de novembro, qu

apresentou diante da crise uma situação legal para as relações entre o Estado e o Banco, e este e seus credores. Sendo o primeiro motor da crise uma parte da divida do Estado, este juntou-a em um fundo com liquidação possivel, apesar de demorada, e tomando o Banco para base deste pensamento impoz-lhe a obrigação de pagamentos, que como Estado entendeu não poder deferir; e para que se não destruísse um instrumento de prosperidade publica concedeu-lho na circulação das notas do Banco de Lisboa, por 23 annos e meio, apesar de imperfeito de acudir ás necessidades da circulação.

Foi em virtude da combinação das provisões contidas no decreto de 19 de novembro, que os possuidores das notas do Banco de Lisboa ficaram de posse de mais alguma coisa do que de um papel morto, sem valor, nem funcções circulantes, semelhante ao que certas theorias classificam como titulos de dividas socegadas. Taes provisões não resultaram em unico proveito do Banco, foi elle até o menos beneficiado, em consequencia das posteriores alterações do decreto. Muitas corporações devem ao curso forçado das notas, á sua qualidade de moeda, o haverem solvido debitos que lhe embaraçavam a continuação das suas operações commerciaes. Entre ellas se pôde citar o Banco do Porto, e Companhia União Commercial: esta ultima liquidou por meio das notas, e com depreciação grande do valor, que restituia, as contas dos depositantes das suas Caixas Economicas.

É de justiça recordar neste logar que o Banco conservando sempre esta instituição, proporcionou o meio do deposito se ter conservado até hoje em que o desconto das duas terças partes em notas é bem compensado pela capitalisação dos juros, podendo asseverar-se que o depositante, que poude esperar, chegou a ter o seu deposito em moeda metálica com o juro estabelecido, mas unicamente sem o interesse minimo da capitalisação.

Os particulares regularam também os seus debitos em consequencia do que foi providenciado em relação ao Banco e á praça de Lisboa; durante uma crise igual ás mais ruinosas que tem havido nas praças da Europa, não houve nem uma quebra que resultasse de tal crise.

Este facto, honroso para o commercio portuguez, é também uma eloquente resposta ás injustas apreciações de muitos actos, e á falsa supposição de que o Banco era o unico, ou o mais interessado nas disposições do dito decreto.

s. J. RIBEIRO DE SÁ.

DESCOBRIMENTOS SCIENTIFICOS DO  
SEculo XIX.Galvanoplastica e a douradura  
chimica.

(Continuado de pag. 17.)

Foi em Dorprat e em fevereiro de 1837 que Mr. Jacobi descobriu pela sua parte, ao mesmo tempo que Mr. Spencer como fica dito, o facto capital da plasticidade do cobre que veio ser origem de todos os trabalhos na electro-chimica. Achou impressos n'uma folha metallica alguns vestigios microscopicos de cobre e de mui regular desenho; investigando o modo da formação destes signaes e procurando reproduzir-os deu com o facto da plasticidade do cobre obtida pela pilha voltaica. Submetteu á acção de correntes electricas chapas de metal em que se havia traçado a buril caracteres e figuras: a decomposição do sulphato de cobre produziu deposições ou sedimentos de cobre que offereciam em relevo a estampa exacta do desenho vasado no original. Brevemente conseguiu pelo emprego de pilhas de fraca intensidade e da corrente continua obter em relevo a estampa de uma chapa de cobre, gravada a buril e de mui consideraveis dimensões. Esta chapa, primeiro resultado satisfactorio dos trabalhos de Mr. Jacobi, foi apresentada á academia das sciencias de S. Petersburgo em 17 de outubro de 1838: o ministro da instrucção publica a fez ver ao imperador que logo mandou consignar a Mr. Jacobi os fundos necessarios para proseguir em suas averiguações. O descobrimento do sabio academico fez grande impressão e foi mui preconizado na Russia.

Mr. Jacobi reconheceu, da mesma maneira e ao mesmo tempo que o inglez Spencer, que a condição indispensavel para obter deposições ou sedimentos regulares e plasticos, é empregar uma corrente de fraca intensidade e operar com dissoluções sempre saturadas: mas o academico russo foi muito adiante do ensaiador inglez pelo descobrimento que fez em 1839 do systema conhecido hoje pelos physicos sob a denominação de *anodes* ou *electrodes solureis*.

Quando Mr. Jacobi começou a operar, o objecto que tinha a copiar fazia tambem parte da pilha galvanica, formava o elemento negativo e mergulhava-se na dissolução de sulphato de cobre; mas, a dissolução esgotava-se pouco a pouco, e era necessario mantel-a no grau de saturação, fornecendo-lhe novos christaes de sal á proporção que se ia reduzindo. Mr. Jacobi achou em 1839 que unindo-se o molde ou forma ao polo negativo, e collocando-se no polo positivo uma lamina do mesmo metal que está em dissolução no banho, essa lamina, que então se denomina *anode* ou *electrode solurel*, entra em dissolução no banho em quantidade quasi igual á que se deposita sobre o molde. O oxygenio desembaraçado e solto pela decomposição da agua dirige-se ao polo positivo da pilha;

alli encontra o metal e o oxyda, isto é, fal-o passar ao estado de um composto susceptivel de dissolver-se no acido livre existente no liquido; e por esta acção continua, á medida que se effectua no polo negativo uma deposição metallica á custa da dissolução salina, o cobre ligado ao polo positivo dissolve-se no liquido quasi nas mesmas proporções.

O descobrimento dos anodes exerceu uma influencia immensa nos progressos da galvanoplastica: com effeito, permittiu separar o par voltaico, que gera a corrente, do aparelho em que se effectua o cunho ou estampagem. O processo galvanoplastico tornou-se mais simples por este meio, mais seguro o seu exito, e infinitamente mais curto o tempo em que podem obter-se os resultados; finalmente ponde alcançar-se deposições metallicas de toda a forma e de todas as dimensões.

Todavia a galvanoplastica não podia ainda ter applicações mui extensas; porquanto até então não se operava senão em cobre. Nova observação feita em França por Mr. Bocquillon, em Inglaterra por Mr. Murray, e pouco depois tambem por MM. Spencer e Jacobi, proporcionou effectuarem-se deposições metallicas na superficie de quasi todos os corpos indifferentemente. Reconheceu-se que os corpos que não são conductores da electricidade, e que até alli não se prestavam ás operações da galvanoplastica, podem, comtudo, receber a deposição metallica, se previamente se recamar a sua superficie com uma camada pulverulenta de um corpo conductor da electricidade. A plumbagina é a substancia que melhor serve ao intento. Achado isto, logo se ponde, em vez de operar em formas metallicas, arranjar moldes de gesso dos objectos que se haviam de reproduzir, e effectuar a deposição nestes moldes de gesso que a plumbagina tornou conductores. Obtido este ultimo resultado, a galvanoplastica ponde receber as applicações variadas e extensas que lhe seguram tão distincto logar entre as creações da sciencia moderna.

Vê-se, por este resumo rapido, que a galvanoplastica, definitivamente, não é mais do que uma serie de applicações dos descobrimentos que a physica e a chimica tem realisado em a nossa epocha. É propriedade das sciencias positivas e bem firmadas encerrar em seus principios uma longa serie de consequencias e de applicações que o tempo desenvolve, como forçosamente acontece.

(Continua.)

## REMEDIO CONTRA A HYDROPHOBIA.

O jornal hespanhol *la Nacion* de 4 do corrente insere a seguinte carta.

« Conheço um remedio efficaz contra a hydropno-bia, ainda que se ministre depois dos primeiros accessos; o exito é affiançado pela experiencia de mais de nove annos; e recorro ás columnas do vosso jornal para que chegue á noticia de todos.

« Immediatamente depois de recebida a morde-



dura do cão, convem lavar a ferida e as partes visinhas com leite de vacca fervendo, ao menos por espaço de nove dias. A cauterisação por meio de ferro em brasa ou do nitrato de prata não offerece sufficientes garantias, porque sómente exerce a sua acção sobre a parte offendida; e a baba depositada em redor infiltrando-se a pouco e pouco póde só por si produzir a hydrophobia. O mais seguro é lavar a chaga como já disse.

Tomar-se-ha todas as manhãs em jejum, e tambem por espaço de nove dias um copo da seguinte bebida.

Trinta grammas (a gramma corresponde a vinte grãos) de raiz de angelica em pó.

Trinta ditas de raiz de genciana em pó.

Trinta de triaga fina de Veneza.

Quinze de assafetida bem machucada.

Quinze de estira do mar em pó.

Quarenta de raiz de escorioneira.

Duas onças de talos frescos d'arruda.

Vinte grammas de sal marinho.

Uma cabeça de alho machucada.

Tres cabeças de albos porros com suas hasteas.

Duas cebolinhas.

Uma onça de margaritas.

Faz-se ferver tudo em cinco quartilhos de vinho tinto, de melhor que poder achar-se, n'uma pucara nova, tapada, até ficar reduzido a metade; passa-se por uma peneira fina; e póde conservar-se nove dias em garrafas bem rolhadas.

Os temperamentos delicados deitam fóra ás vezes o remedio nos primeiros dias, porém o catomago chega a acostumar-se-lhe, e o effeito anterior obsta á effi-cacia do medicamento.

Ha 50 annos que conheço esta receita, a qual li em uma collecção de remedios da piedosa e celebre senhora Fouquet de Montpellier. Não ha noticia de que este remedio, usado ha dois seculos, deixasse de produzir effeito. Durante os ultimos dez annos ministrei-o mais de vinte vezes a pessoas de um e de outro sexo e sempre obtive completo exito.

Quando o doente é menor de dez annos tomará só meio copo; tres quartas partes até os vinte annos; e o copo inteiro os que excederem esta idade.

Desejo dar a maior publicidade a este remedio, não por amor proprio, pois que não sou o inventor, mas por bem da humanidade e por evitar ás familias e ás pessoas accommettidas daquella horrivel enfermidade os atrozes padecimentos de que é causa. »

N. B. Se nisto ha charlatanismo os homens da sciencia, sisudos e imparciaes, que o decidam.

## PORTE LITTERARIA.

A NOCIDADE DE D. JOÃO V.  
ROMANCE.

Capitulo XXXI.

TODOS FALLAM, E POUCOS ENTENDEM!

(Continuado de pag. 57.)

O illustre genealogico de Viriato o liberta-

dor, creceu dois palmos sentindo entrarem-lhe pelo coração as allusões ingratas. Apareceu-lhe á flôr da testa um rosado sanguineo; e é mais que provavel que a sua resposta fosse pungente, se não visse chegar neste momento D. Catharina de Athaide, acompanhada de Cecilia e de Theresa. Diante da formosura, o abbade era muito cortez para não esquecer as injurias, addiando ao amor proprio a sua desforra. O commendador tambem se reputou citado para sustentar o papel de Narciso, pondo-se logo de pé, e armando, com o sorriso enroscado nos beiços, uma d'aquellas antigas e rasgadas cortezias de minquete, que eram o seu triumpho. O erudito pegou na mão de Catharina, beijou-a, e exclamou em ar de galanteio:

— « Bem vinda a alegria desta casa! Um poeta diria que o sol agora é que fugiu dos braços da aurora!... Que é isso abbade? Acha a hyperbole defeituosa, ou inferior á belleza do assumpto? »

— « Nem uma, nem outra coisa » replicou o annotador das barbas historicas, involvendo-se friamente na sua dignidade beliscada. « Acho-a propria do poeta. »

— « Deus lhe pague! » acudiu o latinista córando com o chasco.

— « Tive medo de ser plagiaro. Está certo de que não viu uma figura semelhante em algum rarissimo livro de Araras?... Mas deixemo-nos de livros e de pavões. Que fortuna traz á solidão deste velho a mais bella das suas inimigas? Cupido fez travessuras? Temos alguma maldade de que o accusar? »

— « Nada. Emprega melhor as setas! » disse a noiva do conde de Aveiras, sustendo o riso diante da figura delambida e exquisita do abbade. « Vinha perguntar se até ao jantar ha tempo de pôr outro vestido e outro toucado? Não queriamos fazer esperar. »

— « Esperar?... Pelo amor de Deus! A minha bella inimiga (era o nome de convenção que dava a Catharina) faz suspirar, mas não esperar! O tempo, impaciente e de mau genio, como o pintam, teria gosto em esquecer a fouce, pedindo-lh'o com a bocca de riso e de amores! Falta um quarto para a uma depois do meio dia; concedem-se dez minutos mais para cortezia; e d'ahi os dias, os annos, ou os seculos que a divina Egeria determinar. »

— « Que insipidos pleonasmos! » murmurou o abbade de modo que o erudito percebeu e retribuiu com um olhar mortifero.

— « Quer dizer » replicava D. Catharina, abrindo o leque e sorrindo « que se nos não apromptarmos em vinte minutos exactos, havemos de passar por baixo da meza?! Sabe, sr. Lourenço Telles, que era caso de não lhe perdoar toda a minha vida? Está claro, deseja-me feia, desagradavel... »

— « Por quem é!... A minha bella inimiga não carece senão desses olhos para ser a rainha das graças... »

— « Ai meu querido tutor! O que val é ser eu de todas a unica que precisa de parecer bonita!... Senão, em lugar de tres eram duas graças e uma desgraça á sua meza. »

— « Tyranna e maliciosa Natercia! » exclamou o velho galanteador, requintando nos requêbros e nas phrases assucaradas. « Não me obrigue a dedicar-lhe um soneto em louvor da sua belleza... sobretudo estando presente o abbade, que é tão critico. Em castigo hei de fazer-lhe uma saude logo, e veremos se as rosas são vermelhas! Estas noivas meninas e moças nunca poupam os velhos. »

— « A idade não são os annos. O sr. Lourenço Telles está mais rapaz de espirito do que muitos moços. »

— « Deus a ouvisse!... » atalhou o commendador com um suspiro soffrivelmente vaidoso. « Em memoria de tanta bondade, e beijando mil vezes os lyrios das lindas mãos, a minha inimiga concede-me a ventura de lhe offerecer o braço? »

— « Se o não incommoda! »

— « O meu pezar é partir tão cedo quem é o encanto desta casa... »

— « Sabe, sr. Lourenço Telles, que estou achando e meu tutor muito apaixonado e que hei de avisar o conde, para lhe metter crimes? »

— « Querida Natercia, os velhos não assustam!.. Ah, tivesse eu menos trinta annos e o sr. conde não me arrebatava com tanta facilidade os agraços da divina Egeria!.. Então, abbade? A minha feiticeira está esperando pelo seu braço. Não mordas os beiços, que te fazes feia, Cecilia! Ri á tua vontade. Parece-te o avosinho tropego para cavalheiro de uma senhora menina e formosa? Paciencia! um dia cá chegarás se não morreres. »

— « Meu avô; Jesus! Eu não disse nada. »

— « Adivinho eu. Sonsinha! Theresa, aonde ficou Jeronymo? »

— « Não o vejo desde esta manhã. »

— « Percebo! Amou-se; arrufos? Ora pois! Logo se farão ás pazes. Não quero hoje tristezas. »

— « Então, vinte minutos exactos? » disse a noviça, largando-lhe o braço.

— « Vinte seculos, se a minha bella inimiga quer. O tempo que fôr necessario para forjar os ferros do seu fiel captivo. »

Ao mesmo tempo o abbade inclinava-se com as precauções devidas á angustia do vestido, diante da sua espiituosa braceira. Vendo-se livre do apumado sabio, Cecilia lançou-lhe um olhar acerado de malicia, e cheio de travessura infantil, e partiu correndo a juntar-se com D. Catharina e sua irmã. Theresa não se demorou tambem. O auctor da epistola a Lucia Floro, grave e sisudo, voltou logo a passos contados, tomando posse de uma das poltronas hospitaleiras. Quando Lourenço Telles fazia a sexta cortezia á sombra da sua bella inimiga, ouviu rodar uma sege que parou de repente diante da casa. Instantes depois a elevada estatura de Diogo de Mendonça Corte Real apparecia á porta do escriptorio, que lhe patenteava, desfeito em cumprimentos, o illustre Jasmim, mordomo-mór do seu antigo amigo. Atras do secretario das mercês descubria-se o barretinho de seda preta e sorriam as faces sadias e floridas do padre mestre fr. João dos Remedios, completamente restabelecido do imaginario garrotinho.

O ministro recebeu a solemne e ceremoniosa cortezia do investigador das bexigas doudas com tal seriedade respeitosa, que lhe derramou na alma todas as doçuras da vaidade. No meio disto o commendador puchava cadeiras, repetia ao escudeiro as suas ultimas ordens, e abraçava o procurador de S. Domingos dando-lhe os parabens da prompta melhora. Findo o tiroteio das cortesias Diogo de Mendonça, tirando o relógio, disse voltando-se para o erudito:

— « Dez minutos para a uma! Caso raro; se a memoria me não engana é a segunda vez que me succede chegar a um jantar antes da hora justa. Mesmo não me lembra senão agora... Fr. João, encontrariamos nós algum torto em jejum? Fico desconfiado em fazendo qualquer coisa fóra dos meus habitos. »

— « Em todo o caso o obsequio é muito li-sonjeiro » acudiu o commendador radioso com a pontualidade.

— « O meu antigo amigo Lourenço Telles dá-me licença de ser verdadeiro? Sempre tenho muito gosto na boa companhia que me faz; mas desta vez agradeça a exactidão a sua illustrissima. A impaciencia de aproveitar com a sua douda conversação obrigou-me a por tudo de parte. »

— « E os negócios ? » interrogou o erudito perdido de riso, notando a innocencia com que o abbade se prestava á malicia do victimador.

— « Os negocios que esperem ! Estes dias são de ferias... »

— « E sua magestade el-rei nosso senhor ? » observou o inventor do Livro dos Pavões.

— « Mais precisava de uma visita de v. illustrissima, do que das venenosas garrafadas que lhe estão administrando... » acudiu o secretario evadindo-se á resposta directa. « Sabe, sr. Lourenço Telles, que se não fosse o sr. abbade, a esta hora tinhamos o nosso sr. João entré os martyres e confesores ? »

— « É verdade. Salvou-me da thesoura da parca... Tinha cabido nas mãos de Dionisio Lopes... »

— « E passou para as de abbade ? » interrompeo o latinista, incapaz de poupar uma seta ao pobre antiquario.

— « A ingratidão é negra, sr. Lourenço Telles » notou o oraculo recostando-se com magestade. « Esqueceu-se de pressa de que se ainda conserva os queixos e as gengivas a mim o deve. »

— « Julguei que meu pae se não chamava Silva ! » atalhou o erudito secamente. « E não me consta que fosse abbade, e muito menos curandeiro. »

— « Deus o tenha em gloria ! » exclamou o archaista vermelho e picado. « Longe de mim a idéa de me fazer pae de quem podia ser meu avô. »

Lourenço Telles deu um salto e deixou escapar uma visagem envinagrada. A allusão á sua idade provecta era tiro, que não falhava. Cheirando a pitada vagaresamente e despedindo uma vista mais que ironica pelos cantos dos olhos, o commendador replicou :

— « O que posso afirmar é que os ultimos tres dentes, graças á minha simplicidade, foram-se barbaramente nos repellões da sua torquesa. Ainda os tinha hoje se o não encontro. »

— « Diga a verdade, não enfeite. Arranquei-lhos com uma linha e por signal que até sem dôr. Estavam a dançar como palhaços. »

O erudito fez-se vermelho que nem uma romã, engulindo a sua mortificação em silencio.

— « O peor de tudo é terem-se ido ! » observou o ministro intercedendo com um ar de candura, que só illudia o abbade. « Sendo os ultimos accaite os pezames, sr. Lourenço Telles... Os meus, infelizmente, qualquer dia me pregam igual peça. *Senectus est morbus !* Vamos fazendo-

nos velhos, meu amigo ; os annos não passam de balde. »

— « V. senhoria está muito bem conservado » insinuou o abbade.

— « Pois a culpa não é minha ! Attesto ! Devia ser velho aos trinta annos. Oh, sr. João, tu lembras-te ! Aquelles nossos sustos de Coimbra, e o mais que não digo para não faltar á gravidade ?.. A proposito, sr. abbade ; teem me elogiado, merecidamente, um opusculo de v. illustrissima, feito sobre a morte de um dos nossos visos-reis, fallecido de bexigas. A obra dizem-me ser breve na escripta, porém crecida na substancia... Fallaram-me das notas com admiração. »

— « Os breves e as notas são a gloria de s. illustrissima ! » disse o procurador, trocando um ar de riso com Lourenço Telles.

— « Tentativas obscuras ! » atalhou o investigador das façanhas de Viriato. « Assim mesmo não faltam zoilos para mordereem essas poucas letras que me servem de recreio, e que os sabios como v. senhoria fazem a justiça de prezar... Os criticos modernos zombam das minhas notas para illucidação do texto... »

— « Zombam ? » gritou o secretario com um pigarro artistico na voz, e uma vibração de cabeça cheia de indignação comica. « Está boa ! E elles o que escrevem ? »

— « Erros palmares, superficialidades !.. Tenho cegado a vista pelos archivos e cartorios ; descubri preciosidades ; livros rarissimos ; o que não me perdoam é a gloria de os noticiar. Como excede a sua curta licção mettem a bulha, fazendo galla da ignorancia. Dizem que invento, por que não conhecem. Consola-me o apreço dos homens entendidos e compadeço-me dos Aristarchos imberbes ou caducos. »

A segunda parte da allusão era para Lourenço Telles, que a pagou com uma risada de despreso.

— « Compadece-se delles ? Faz muito bem. Nenhuma resposta lhe sahia mais barato. Riem-se de v. illustrissima e v. illustrissima ri-se delles ?.. Excellente ! »

— « O publico julgará » concluiu o oraculo cheio de magnanimidade.

— « O publico é que deve julgar, diz muito bem ! Elle fará justiça... como costuma. Lembra-me sempre a pendencia do frade com o almocreve. O franciscano foi na mula, e ao apeiar-se ainda em cima pedia ao arrieiro que lhe pagasse a volta, visto aquella mal encaminhada havel-o tirado do seu convento. Ralharam, alter-

caram... mas no fim venceu o padre. É como succede aos criticos. Livro que mordam tem a venda certa!... V. illustrissima nunca prégou? »

— « Assusta-me o pulpito; não tenho animo. »

— « Fr. João lhe emprestará do seu. A elle sobeja-lhe. Ah fr. João, muito gritaste na quaresma ultima. Parecia uma tempestade. As creanças choravam de medo. Nunca ouvi sermão de lagrimas tanto ao vivo... Converteu-se algum hebreu? »

— « Fugiram com as creancinhas » replicou o frade agastado com o cumprimento.

— « Não te firas, que t'ó não mereço. *Non ego offendar nugis!* diz o poeta Horacio, que eu traduziria aqui por um adagio nosso: do argueiro não faças cavalleiro. Foi mal, sr. Lourenço Telles?... Perdoe v. illustrissima a minha curiosidade. Não são de brasão as armas do seu annel? »

— « Pertencem á familia » respondeu o archaista corando um pouco.

— « Se não me engano vejo as roellas dos Castros e os leões dos Silvas Allegretes?... »

— « Conferidas no archivo pelo livro de Duarte de Armas. Escudo esquartelado; em o primeiro seis roellas azues em campo de prata; no segundo o leão de purpura dos Silvas em campo... »

— « Deixemos o campo; porque o brasão folga na cidade. Quero abraçar em v. illustrissima os varões immortalisados por tantas proezas. *Cedant arma!* No estado ecclesiastico, que é perfeito, o sr. abbade torna a penna illustre, como um dos Castros, vencedor de Diu, fez a espada gloriosa... Agora me recorde: não ha uma familia com laivos hebraicos do mesmo appellido? Uns Silvas que entraram no reino vendendo aguas de melissa e da rainha de Hungria?... Disseram-me que era mania delles enxertar a Judas e Caifaz no tronco viçoso dos Castros e Allegretes! Não importa. V. illustrissima lhes dará caça e os desemboscará. »

Era impossivel exceder o ar de candura com que foi disparada a frécha. O infeliz abbade, pallido, verde, e logo roxo, sentava-se, erguia-se, e tornava a assentar-se, fulminado. Antes um libello do que esta pergunta á queima-roupa. Os seus detractores pelejavam que lhe faltavam as ordens sacras por não ser de sangue limpo; e alguns genealogicos austeros, abanando a cabeça com incredulidade, negavam o parentesco das seis roellas bastardas no brasão de phantasia com as legitimas roellas e os leões orthodoxos dos Castros e Allegretes. Por cumulo de infortunio

a agua de melissa e da rainha de Hungria, introduzida por seu avô, entornava-se como pez derretido sobre a fidalguia imaginaria, manchando-a para todo o sempre. Assombrado do raio estacou sem voz, ficando a olhar para o ministro como se elle fosse o espectro vingador dos heroes, victimas da sua noveteira erudição. Diogo de Mendonça tendo saboreado as tribulações do cavalleiro servente da marquezia das Minas, virou-se para Lourenço Telles, e disse por mudar de conversação:

— « Quem se demora é o padre Ventura? E admira. A companhia de Jesus não costuma fazer esperar. »

— « Em chamando por ella, verão que está perto! » respondeu da porta do escriptorio a voz suave e levemente ironica do visitador.

Olharam, e viram effectivamente o jesuita com o sorriso perenne e as maneiras insinuantes, que o caracterisavam. Entrando dirigiu-se ao commendador e saudou-o; apertou á franceza a mão a Diogo de Mendonça; fez uma cortezia amigavel a fr. João; e inclinou-se diante do abbade com um geito equivoco na bocca, mais suspeito de ironia do que de admiração.

— « Peço mil perdões se estou incommodando! Mas na escada encontrei-me com o sr. Jeronymo Guerreiro, e elle disse-me que podia subir. »

— « V. paternidade dá-nos sempre muito gosto... » acudiu o erudito.

— « São esmolas, que agradeço... Como está a santinha desta casa, a sr.<sup>a</sup> Magdalena da Gama? No oratorio com as suas devoções? É o que julguei. Trago-lhe um presente que deve estimar; para ella tem grande valor... e para todos que somos christãos e catholicos pela graça de Deus. É um rosario tocado na ara benta do santo sepulcro de Jerusalem. Chegaram-me tres de Roma; e dos dois que ficaram reservo um para a sr.<sup>a</sup> duquesa de Cadaval, e o outro para s. alteza o principe real... »

— « Beijo por tanta bondade as mãos a v. paternidade... Magdalena fica de certo louca de contente... »

— « A santinha!... tomara eu os seus merecimentos. Aquillo é um anjo que tem na sua casa; a virtude em pessoa. E a nossa noiva aonde foi que a não vejo? Não preciso perguntar: menina e bonita está ao espelho cuidando em se fazer mais formosa... Feliz idade! »

— « Passou por aqui ha poucos minutos; e advinhou v. paternidade; foi-se fechar no seu toucador... »

— « Nestas coisas é facil ser propheta, sr. Lourenço Telles ! » tornou o padre com um sorriso carinhoso. « Dá-me um coração novo e sem malicia, conta o adagio, que eu te direi no que elle cuida. A proposito : acho aqui alguém de menos, e espero que não seja por motivo de desgosto... »

— « Meu sobrinho Filippe ? »

— « Tambem nos faz muita falta ; mas tinha na idéa o sr. conde de Aveiras. »

— « Mandou as suas desculpas. Está de serviço, e foi com s. alteza á real quinta de Alcantara. El-rei parece que não passa melhor, e principia a dar grande cuidado... »

— « Aqui temos o sr. Diogo de Mendonça que nos póde dar noticias frescas... » insinuou o padre Ventura.

— « Por ora » observou o ministro cruzando a vista com a do jesuita « os medicos ainda teem esperança. S. magestade esta manhã descansou umas poucas de horas, e ficou mais alliviado. Desde que trouxeram para o seu quarto a bem-aventurada imagem de Nossa Senhora das Necessidades as melhoras continuam. Confiemos que ellas não parem para satisfação e gloria destes reinos. »

A redacção official do boletim mereceu o credito costumado. Olharam todos uns para os outros, inclinando a cabeça em signal de assentimento ; mas entendendo logo que D. Pedro II se não estava morto, estava em perigo de vida.

— « Elevemos o espirito a Deus ! » disse o visitador depois de uma pausa de alguns momentos. « Elle fará o que fôr servido. Espero que a nossa menina bonita do convento tambem nos faça companhia ? »

— « Cecilia ?... Deu-lhe sua mãe licença para acompanhar D. Catharina. São grandes amigas. Sabê, sr. padre Ventura ! Tenho medo ás vezes daquella creança. No meio das travessuras do seu genio sabe com acertos, que me admiram. Depois é tão fraquinha de compleição, tão franzininha de corpo, que se tivesse desgosto forte... »

— « Deixe-a crescer ; ella se fará mulher... O corpo parece fraco, mas a alma é grande, e o coração tambem. Ha de poder com a vida, asseguro-lhe !... Em Santa Clara sei que á força de vontade e de espirito era capaz de vencer até os impossiveis. Cuidado com alguma paixão infeliz ! Extremosa e decidida, conheço-a, ninguém póde prever aonde chegaria a sua dôr. »

— « Por esse lado estou tranquillo. É muito nova ainda... »

— « Faz mal. Ás vezes o amor não espera pelos annos. »

— « É verdade. Eu mesmo (e estou fallando !) aos dezeseis annos já tinha as minhas primeiras proezas como o duque de Richelieu, filho do meu antigo amigo... »

— « Mas o sr. Lourenço Telles pagando o tributo ás verduras da idade, com a reflexão ficou no prologo ? » acudiu o jesuita sorrindo-se.

— « Prouvera a Deus ! » redarguiu o erudito com um ar de fatuidade deliciosa, que lhe tornou a physionomia quasi juvenil. « Infelizmente neste sentido as minhas verduras acabaram muito tarde... Fui grande peccador. Mas no meio dos meus erros quiz a fortuna que o coração nunca me tomasse conta da cabeça ; por isso estou aqui são e salvo de mais de um naufragio. »

— « Mas, Cecilia se hoje amasse entregava-se á paixão inteiramente e não queria outra vida nem outro amor » disse o visitador serio e quasi triste. « Consummia-se de magoa e de saudade, sem se queixar, sem verter lagrimas que se vissem... Não sabe a grandeza e a sensibilidade da sua alma. Não calcula a ternura daquelle coração que julga ligeiro, daquelle cabeça que parece endoudecer-se por qualquer cousa. Eu que a estudei é que posso medir o abysmo e tremer ! »

— « Então acha perigo ? Receia ?.. » exclamou o commendador assustado e interrogando ancioso o seu interlocutor mais com a vista ainda de que com as palavras.

— « Eu ? Não achei nada ; não disse que receio... sómente observo que todo o cuidado é pouco nestas coisas. O futuro está na mão de Deus ; não podemos prevel-o, nem remedial-o... sr. Diogo de Mendonça, esteve hontem na corte real, já sei, e beijou a mão ao principe ? »

— « Demorei-me perto de uma hora com sua alteza. »

— « Diga antes que sua alteza o demorou... Por signal me asseguram que o recebeu com toda a estimação, fazendo-lhe perguntas sobre o estado do reino e a sorte das armas portuguezas em Castella... Posso-lhe dizer e de boa fonte que o principe ficou agradado de o ouvir, e se lhe mostra agora muito favoravel. Assim o esperei ; e escuso acrescentar que o estimo. O sr. Lourenço Telles conhece de perto a sua alteza ? »

— « O principe era muito pequeno quando lhe beijei a mão pela ultima vez. Depois não o tornei a vêr. Ha dez annos seguros que não frequento a corte. »

— « E de sua casa ninguém o conhece ? »

— « Ninguém. Vivemos quasi em clausura até agora. Magdalena supunha-se viuva e não fazia senão gemer e rezar pelas suas contas. Eu, aborrecido e velho, metti-me com os livros, e deixei o mundo... talvez para que elle me não deixasse primeiro. Creadas com sua mãe, as pequenas tiveram uma educação recatada não sahindo de casa senão para a igreja. De sorte que dos festejos e ceremonias da corte, não ha uma a que assistissemos. Quem já beijou a mão a sua alteza foi Jeronymo Guerreiro. »

— « Assim o suppoz. Não estranhe a pergunta. Estou certo de que se frequentasse a corte não o deixavam tanto tempo socegado com o seu Horacio. Admira-me que o sr. Diogo de Mendonça o não desafiasse para ir ao paço ? »

— « Mais de cem vezes ! Mas os velhos teem as suas teimas. A minha foi esta. Não me dei mal. »

— « Ah! vem o nosso capitão ! » stalhou o secretario apercebendo Jeronymo Guerreiro á porta do escriptorio. « Acho-o triste e abatido de parecer. Costuma ser mais alegre. »

— « Amuos de namorados » respondeu o commendador. « Theresa é caprichosa e Jeronymo entre ovelhas não sabe ser leão. »

Effectivamente o mancebo ainda vinha pallido e desfeito do abalo, por que passara na sua conversação com Theresa. Observando-o com a sagacidade usual, o jesuita leu-lhe no semblante uma dor funda e sombria, tanto mais cruel quanto se concentrava no silencio e na quietação apparente. Percebeu-lhe na magoada tristeza dos olhos vestígios dessas lagrimas de sangue, que a alma derrama como fogo sobre o coração, para lhe queimarem em poucos dias a frescura das illusões. Desde logo entendeu que o golpe fôra mortal, porque a esperança, fugindo, só deixava em trevas a vida do mancebo.

Jeronymo, assim que entrou, conduziu de parte a Diogo de Mendonça, fallando-lhe cheio de animação. O visitador attento descobriu no rosto do ministro, primeiro o assombro, depois o pesar, e finalmente uma resistencia quasi paternal. No aspecto do noivo de Theresa ia-se caracterisando cada vez mais aquella resolução ferrea, aquella vontade firme e inabalavel, que o fazia terrivel na sua peleja, e sublime nos perigos.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

## NOTICIAS E COMMERCIO.

**Trovoada em Hespanha.** — Uma tempestade horrorosa, acompanhada de violento furacão, destruiu completamente a colheita da uva, as batatas, a fructa e todo o genero de hortaliças em Huete, provincia de Cuenca. Os campos converteram-se em lagoas: o numero de pessoas feridas passa de oitenta; e o gado vae perecer por falta de pastos.

Em Palencia o temporal causou notaveis estragos; o pão que estava nas eiras perdeu-se, e o que estava nas searas pouco se aproveitará porque hade ceifar-se humido e podre, ou seccando esbagulha-se. Em Fuente de Val de Espino chegou a grelar o trigo nas eiras.

**Mina aurifera em Hespanha.** — *Granada 21 de julho.* — Ha dias que os mineiros desta não fallam n'outra coisa senão em o aparelho que se recebeu para a extracção de particulas auríferas nos terrenos de Senes a tres quartos de legua desta capital. Effectivamente foi collocado na fabrica que se está edificando, e em 400 quintaes que limpou no dia 16 do corrente deu um resultado mui vantajoso.

« Á vista deste resultado começaram varios individuos a interessar-se em outras demarcações, porque a empresa *Nova California* não quer mais socios do que os fundadores; e o exito feliz da empresa consiste naquelle aparelho, porque ouro nem sempre se tira; todo o mundo sabe que o rio Darro contem particulas auríferas, mas extrahida quantidade nunca vimos como agora com o citado aparelho.

**Incendio fatal.** — Em Montreal (Canadá) houve no mez ultimo uma conflagração que fez prejuizos assaz consideraveis. Um bairro pobre, habitado pelos canadenses de origem franceza foi consumido pelas chamas quasi na totalidade. Calcula-se em 5:000 o numero de pessoas que ficaram sem abrigo em consequencia desta desgraça, e a perda monta a tres ou quatro milhões de pesos duros.

**Presente.** — Esperava-se em Vienna uma deputação de israelitas de Jerusalem que offerecem ao imperador um vaso artisticamente fabricado de pedra extrahida do Mar Morto ou lago Asphaltite. É um testemunho de gratidão que tributam ao imperador pela mercê de estabelecer em Jerusalem um consul austriaco que dispensa aos hebreus daquella cidade mui efficaz protecção.

**Colonisação agricola.** — Em 12 de julho partiam de Paris para as possessões francezas da Argelia cem engeitados a fim de estabelecerem uma colonia agricola. Foram escolhidos d'entre os expostos de 10 a 13 annos, e approvados por medicos que lhes conheceram o estado de saude e robustez sufficientes para se acclimatarem naquella região.

O padre Brumeaud, fundador desta nova colonia, já dirige nas planicies de Argel estabelecimentos semelhantes, em que trabalham mais de 500 engeitados.

O mesmo leva tambem consigo cem rapazes orphãos, escolhidos pelas commissões de caridade de Paris e seus attributos.

### CHRONICA.

Eolão está já completa a companhia para a primeira epocha do theatro de S. Carlos? Sabem-se já os nomes dos artistas escripturados? São estes os primeiros cumprimentos que nos dirigem, quando nos encontram, alguns dos *dilettanti* mais impacientes pela abertura do theatro italiano. Fazem-nos estas perguntas, e pedem logo uma resposta explicita e cathgorica, como se pelo simples facto de publicarmos neste jornal as noticias do theatro de S. Carlos, nos deveremos achar sempre habilitados a saber tudo o que ha de novo neste assumpto. Talvez julgues que temos algum agente especial fora do paiz que nos informe minuciosamente de tudo o que por lá occorre, e que nos dia respeito. Pui enganar-se. As noticias provêm-nos dos jornaes estrangeiros, ou de alguns amigos com quem nos correspondemos. O certo é que se verificou agora a noticia que demos, ha mais de um mez, de terem sido escripturadas as primeiras damas Anaide Castellan, Rossi Caccia, as duas irmãs Agostini, assim como o primeiro baritono Bartolini. Muitas pessoas hesitaram então em acreditar na escriptura de madame Rossi-Caccia. Não diremos se, na nossa opinião, o sr. Porto obrou com acerto em apresentar de novo aquella artista na nossa scena, mas o que não podemos duvidar é que ella está effectivamente contractada pelos ultimos tres meses da epocha, e madame Castellan desde o 1.º de outubro até 15 de fevereiro proximo.

Consta-nos que estão tambem escripturados os dois primeiros tenores Fédor e Swift, e o baixo profundo Hast. É para notar que destes artistas, um dos tenores é russo, o outro inglez, o baixo allemão, e as damas italianas. Ahi temos já quatro nações! De mais, a companhia ainda não estava completa, e sabe Deus a que nação irá o sr. Porto procurar a primeira dançarina e o coreographo. Tencionará elle apresentar-nos alguma dançarina egypcia, e algum coreographo grego? Por fim teremos uma nova *Babel* em S. Carlos. Tambem o publico pouco se importa com isso, e dar se-ha por completamente satisfeito, se a companhia for boa, como é de esperar, ainda mesmo que nella se achem representadas todas as raças da familia europea. Mas fallando serio, alguns dos mencionados artistas sabemos nós que tem grande merecimento, que os conhecemos pela reputação que tem adquirido.

Dizem-nos que o tenor Swift, e o baixo profundo são artistas apenas no começo de sua carreira, e por isso os seus nomes não podem ainda ser conhecidos. Cumprirá, pois, ao publico lisbonense pronunciar o seu *verdictum* sobre o seu merecimento, marcar-lhes o lugar que podem vir a occupar no mundo theatral, animal-os com esperanças lisongeiras, ou dar-lhes logo um terrivel desgano. Temos fé que o nosso publico será juiz consciencioso e intelligente.

O que é de certo muito extraordinario é que o sr. Porto não tenha podido ir a Milão, por lh'o terem

vedado as auctoridades austriacas, quando elle se propunha a passar as fronteiras. Não podemos atinar com os motivos que poderiam dar lugar a esta medida de rigor. Recearam por ventura que a chegada a Milão do enviado extraordinario e plenipotenciario do sr. Domingos José Marques Guimarães pudesse produzir naquella cidade uma tal effervescencia que d'ahi resultasse uma revolução?!... Ou tomaram acaso o sr. Porto por algum agente de Mazzini, disfarçado em impresario theatral?! Nós desafiámos a todos que conhecem pessoalmente o sr. Porto, para que nos digam se elle pôde, nem mesmo por uma hora, parecer-se com um revolucionario, e se não é facil conhecer logo a primeira vista, na sua physionomia, no seu todo, que a sua missão não pôde deixar de ser inteiramente pacifica. Parece que o nosso plenipotenciario theatral pouco se mortificara com aquella repulsa, e que voltando para Turim, onde se demorara alguns dias, a estas horas deve já estar em Paris. É provavel que no paquete do dia 7 de setembro, elle volte ás margens do Tejo, no meio da sua comitiva artistica, e que o theatro de S. Carlos se abra definitivamente no principio de outubro. As primeiras operas serão o *Nabuco*, o *Ernani*, e a *Sonnambula*. Esta ultima será provavelmente para debute de madame Castellan.

No domingo teve logar a estrêa da nova companhia equestre no campo de Santa Anna. Mr. e madame Bontemps são já conhecidos do nosso publico, e agradaram muito quando aqui trabalharam sob a direcção de mr. Paul Lavibea. O acolhimento que de novo tiveram, assim como o habil director mr. Lustre, foi bastante lisonjeiro, e dizem-nos que mr. Bontemps animado pelo êxito que encontrou, tenciona demorar-se algum tempo nesta capital, passando a tomar posse do antigo estabelecimento no circo de Madrid.

Continuam com actividade os trabalhos para a grande illuminação do Passeio Publico. Ainda não está fixada a época em que terá logar esta brilhante função, em beneficio da pobreza.

Os donativos para o bazar são já em grande numero e ainda se continuam a receber. Para honra do nosso povo, podemos afoitamente dizer, que nunca se apella debalde para os seus sentimentos generosos e caritativos.

DEMETRIO RIPAMONTI.

### BIBLIOGRAPHIA.

COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL, por José da Motta Pessoa de Amorim.

Concluiu-se o tomo 3.º e contém:

Vende-se por 300 rs. nos principaes livreiros de Lisboa, Porto, e Evora.

Em o numero seguinte faremos as considerações que merece o presente aviso, que muito recommendamos á attenção publica.



## CASAS DE ASYLO DA PRIMEIRA INFANCIA DESVALIDA DE LISBOA.

**E**STA reconhecida pela experiencia de muitos annos a vantagem da Sociedade das **CASAS D'ASYLO DA PRIMEIRA INFANCIA DESVALIDA**, que presta abrigo e educação a um numero muito avultado de creanças, logo que principiam a balbuciar as primeiras palavras. As diligencias que tem feito a Associação que creou em Lisboa estes uteis Estabelecimentos tem sido coroadas de felizes resultados, por quanto em lugar de parar n'um pensamento benefico, mas inefficaz, como tem succedido a outras tentativas, tem-se mantido, atravessando difficuldades e obstaculos proprios da epocha.

Basearam-se sempre os seus recursos na caridade dos subscriptores que tem alimentado a instituição com o producto de seus espontaneos donativos. O augmento da receita da Sociedade no actual periodo da sua existencia é devido a esforços e diligencias que logrando a fortuna de ser bem succedidas, convém que tenham a applicação que esses esforços levaram em vista: isto é, estabelecer fundo permanente, crear uma renda certa, que permita á Sociedade alargar a esphera de seus actos beneficos, multiplicando os Asyls, conforme se julgar necessario, e regularizando mais convenientemente e com maior amplitude os que já existem.

E' pois evidente que esta receita extraordinaria é encaminhada a assegurar a estabilidade do instituto; mas não dispensa de se promoverem todos os meios de augmentar a receita das subscrições que possam fazer face á despeza annual certa, evitando assim lançar mão daquelle fundo permanente, que só deve contribuir com os seus juros ou rendimentos; aliás, desappareceria esse capital, essa fonte de receita, se fosse desfalcada e absorvida pelas despesas correntes.

Neste intuito, e julgando desnecessario, em presença da experiencia já allegada, insistir mais na utilidade de tão benefico e civilizador instituto, O CONSELHO DE DIRECÇÃO DESTA SOCIEDADE APPELLA PARA O ILLUSTRADO PATRIOTISMO E PHILANTROPIA DOS SEUS CONCIDADÃOS, CONVIDANDO-OS A CONTRIBUIREM

### COM A QUANTIA MENSAL DE 40 R.º,

tão diminuta, que está ao alcance de todas as fortunas, e que, apezar de tão exigua em relação a cada subscriptor, poderá ser de valioso auxilio para a Associação.

O Conselho vae dirigir convites para este fim, e as pessoas que porventura deixarem de os receber, e quizerem subscrever, o poderão fazer nos locaes abaixo designados. As subscrições serão recebidas em presença de recibos passados pelo thesoureiro da Sociedade.

Lisboa, 16 de agosto de 1832.

O vice-presidente do conselho  
*Conde de Porto Covo de Bandeira.*

O thesoureiro  
*José Jorge Loureiro.*

Os secretarios  
*C. A. Munro.*  
*M. A. Vianna Pedra.*

#### LOCAES ONDE SE SUBSCREVE.

Em qualquer dos Asyls situados, na rua dos Calafates, n.º 65 — rua do Carvalho, n.º 24 — travessa de Santa Quiteria, n.º 50 — Lapa, no recolhimento — Junqueira, no edificio da cordoaria — largo da Esperança, n.º 36 — Anjos, proximo á igreja — rua das Portas da Cruz, n.º 30.

#### E NAS SEGUINTE LOJAS

Rua Larga de S. Roque, n.º 15.  
Chiado, n.ºs 11 e 21.  
Rua Nova do Carmo, n.º 39 F.  
» Augusta, n.ºs 8 e 22.  
» Prata, n.ºs 1 e 2.

Rua do Ouro, n.º 55.  
» dos Capelistas n.º 32 B.  
Largo do Pelourinho, estação dos Omnibus.  
Rocio, n.º 76.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 7.

QUINTA FEIRA, 26 DE AGOSTO DE 1852.

12.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### A REFORMA DA PAUTA.

#### I

A reforma da Pauta era uma necessidade geral, reclamada pelos mais poderosos interesses da sociedade.

O productor, o consumidor, e o thesouro, reclamavam com justa instancia esta reforma.

As necessidades do thesouro, procurando um falso e precario auxilio na contribuição indirecta, haviam elevado o direito de algumas materias primeiras á ultima exaggeração, ao passo que os direitos addicionaes por mais de uma vez perturbaram completamente o systema da pauta.

O desenvolvimento da industria parava ou se enfraquecia ante o elevado preço da maioria dos seus elementos.

O productor só esperava da reforma a satisfação do que reclamava para poder continuar a produzir, para ampliar a producção, e para a baratear em proveito geral.

O consumidor, que se não podia, ou não queria aproveitar dos productos que o contrabando trazia ao mercado, ou se privava da satisfação de muitas necessidades e commodos da vida, ou perdia uma parte do seu capital no excesso do preço que em alguns casos o monopolio arbitrava no producto.

O consumo das nossas importações chegava a ponto, que no caso em que o contrabando era impossivel, havia quasi sempre em qualquer compra uma verdadeira perda para a riqueza nacional.

O consumidor portanto, era, pelo seu interesse,

que é o interesse geral, o promotor de importantes reclamações, a que tambem a reforma devia attender.

O thesouro tinha o seu rendimento completamente viciado pelo contrabando, e pelo peso da carestia de generos que se não podiam contrabandear, mas que opprimiam e acanhavam a producção nacional.

E neste sentido a organização do contrabando chegara a ponto que nenhum governo poderia, sem commetter, mais do que um erro, um grave crime, deixar de prestar a este loco de immoralidade e de prejuizos para a receita publica a sua mais séria attenção.

A reforma annunciada como muito proxima, altamente pedida como necessaria, foi confiada a uma commissão, baseando o governo a iniciativa da reforma projectada no systema protector.

Ha tres annos que propagamos e defendemos consecutivamente este systema, e mais de uma vez fomos por causa delle até desabridamente tractados pelos que levantavam o grito absurdo e insustentavel de *abaixo as pautas*. Mas sempre defendemos a protecção nacional, a que se baseasse em inqueritos e exposições. Por mais fraco que podesse ser o nosso apoio, jámais se prestaria a qualquer reforma que não assentasse no systema protector. Não recuamos ante nenhuma consideração para cumprirmos fielmente o que deviamos aos nossos principios. Combatemos como precipitado e perturbador dos interesses industriaes, pelo modo como se apresentou, o inquerito da camara de 1850, e com satisfação vimos os effeitos nulos da opinião contraria á nossa. Impugnamos o systema de reforma adoptado por um ministro a quem nos liga a mais intima amizade, porque nos pareceu inconveniente para a

industria que o governo, sem se declarar dominado por um pensamento certo e definido, viesse provocar a discussão das associações e da imprensa com um projecto a que apenas chamava thema para discussão.

Vimos com satisfação o plano traçado pelo governo ao annunciar a projectada reforma; acceitámos, portanto, a parte do encargo penoso e desinteressado que nos era distribuido; temos honra em partilhar a responsabilidade do que já se tem feito em tal reforma, e confiamos bastante nos nossos collegas para antevermos desde já que nos será tambem honroso ter parte na responsabilidade dos trabalhos futuros.

Os interesses geraes da nação estavam tão altamente prejudicados com a pauta, que era mister adoptar providões urgentes que acudissem aos funestos resultados que estavam soffrendo. E nesta situação o dever mandava que, cedendo á força de factos evidentes, a Comissão pozesse de parte a reforma da classificação absurda e impossivel da pauta para em uma tabella adicional dar um remedio prompto ao mal que por todos era conhecido, e para apresentar uma prova plena dos principios protectores em que assentava os seus trabalhos.

O que já publicou prova plenamente o que deixamos apontado. Examinem-se os trabalhos da Comissão sem espirito preventivo nem apaixonado, fechando ouvidos ao cego, e mal entendido interesse individual; não se occulte o bem incontestavel, para só fazer vêr o que se julga mal e o não é, e depois formule-se a accusação, pois que de prompto cairá ante a opinião publica.

Mais de uma vez temos sustentado que não basta organizar as pautas em bases racionais para desenvolver a industria, e que é mister tambem estabelecer o credito, e fazer das estradas uma realidade.

Mas era impossivel esperar que estes dois meios viessem juntar-se á pauta para lhe reformar os direitos que afugentavam as materias primas do trabalho nacional; e os que protegendo exageradamente certos productos só fundavam e entretinham o contrabando. Poderão ser suspeitos á causa da verdadeira protecção do trabalho nacional os homens que aconselharam e propozeram reduções consideraveis nas mais importantes materias primeiras desse trabalho?

A prova de que assim procederam é a comparação do direito antigo de algumas materias primas, como os metaes, o linho, as sedas cruas,

os productos chimicos, comparado ao direito novo.

Duas industrias se julgavam offendidas com a reforma; a do fabrico do acido sulfurico, e a industria das sedas. O modo como as reclamações da primeira tem sido dirigidas exige para ella uma consideração especial. A redução já annunciada de 10 réis em arratel no mesmo acido sulfurico, que até hoje se vendia a 40 réis, prova que a commissão assentara em bases seguras o direito sobejamente protector de 300 réis em arroba. É sabido que sendo o preço do acido em Inglaterra de 15 a 18 réis, os premios subidos do seguro para o seu transporte, o frete e as commissões o trazem a Lisboa por mais de 20 réis em arratel, sem contar o direito que deva pagar; existe portanto neste caso mais do que uma protecção rasoavel. O fabricante em Lisboa sem tal direito podia e devia vender o acido a 20 réis o arratel. Nós sabemos que podia e devia, e confiamos em que o interesse individual se não ha de cegar a ponto que nos obrigue a voltar ao assumpto.

Em relação á seda ha dois pontos a considerar: fixaram-se direitos em productos que se não fabricam no paiz, e em productos que se fabricam; em ambos os casos era mister olhar para a pauta de Hespanha; subir mais alto do que ella era fechar as portas das fabricas para jámais se abrirem. Alguns fabricantes, allucnados pelo que julgam a sua conveniencia, que não é senão a sua ruina, esquecem ainda mais do que estas considerações, não se lembrando do contrabando espantoso que invade todos os mercados, e que perfeitamente organizado era quasi um poder legal no paiz. Os fabricantes pedem a pauta antiga, reclamam o direito absurdo e prohibitivo de 7\$200 rs. e de 6\$000 rs. em arratel de seda, e esquecem-se de que a pauta do contrabando havia completamente annullado essa taxa exorbitante. Com admiração nossa vemos que não tiveram vozes para clamar contra uma situação anomala que havia estabelecido dentro do paiz uma liga de alfandegas contrabandistas. O escriptorios destas alfandegas não se recata-vam muito, nem as suas pautas deixavam de ter a conveniente publicidade. Era tão perfeita a sua organização que acertadas ligações os correspondiam com os paizes estrangeiros, e no Havre lá se lê em uma taboleta — « aqui se contrabandeiam sedas para Lisboa. » Ao norte do reino as associações de contrabando já se tinham formado em commandita, e emittiam-se acções,

deixando tal lucro que nomes conhecidos levantavam dinheiro a 12 por cento para irem entrar nellas. Acudindo a tão grave e verdadeiro prejuizo de industria da seda foi ainda possível fixar-lhe um direito protector, e não será difficil provar que em alguns casos tal protecção é de 400 rs. em covado. O direito de 2,500 em arratel não podia ser excedido para as sedas, porquanto ellas pagam na sua entrada em Hespanha, em bandeira nacional, 2,285 rs. e 2,835 rs. O direito protector do veludo não podia subir a mais de 3,000 rs.; porquanto em Hespanha, onde este genero é fabricado em muita maior escala, é protegido com o direito de 3,219 rs. Deve notar-se que em Hespanha o direito de entrada dos blonds da seda é de 3,780.

A Pauta do contrabando em Lisboa e Porto era de 3,000 rs. por arratel de seda; desta somma só 1,200 representavam a parte do contrabandista. O direito de 2,500 é portanto positivamente protector, porque já fere o interesse do contrabando. Os lenços de seda tinham um despacho mais facil nas suas numerosas alfandegas; por 1,000 rs. o arratel era possível segurar qualquer partida. O direito de 800 rs. portanto era o unico possível.

Julgamos conveniente que as paixões e os falsos interesses não provoquem revelações que por em quanto são desnecessarias. Mas saibam que todos os factos são conhecidos; que ha homens que prezam bastante o seu nome para defenderem com a verdade o seu procedimento em favor dos verdadeiros interesses da industria; — « por mais fatal que elle possa ser a quem os considerar desleaes aos seus principios e á sua missão.

Sendo inquestionavel que o direito arbitrado á seda é protector, só resta examinar a questão do praso de um anno pedido pelos fabricantes para que vigore o antigo.

Ficando por impugnar a rasão incontestavel do direito não percebemos o pedido do praso. Os fabricantes, em um anno, não podem de modo algum diminuir as despesas de producção. As circumstancias do fabrico serão iguaes ás de hoje; não é facil de admittir a invenção de um methodo que o mude; portanto o praso em nada os favorece, ao passo que é bastante para fazer chegar a inundação do contrabando a ponto de lhe fechar as fabricas, pois que a sua perfeita organização lhe dá meios para isso, conservando-se o direito da pauta superior ao seu premio de risco.

As considerações geraes que temos de conti-

nuar sobre a reforma da Pauta, nos conduzirão a todos os artigos que se comprehenderam na reforma já feita.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

## ENFERMIDADE DA VINHA.

### História. — Remedios.

Esta doença, ainda ha poucos annos totalmente desconhecida, não só destroe o fructo, mas até damnifica a planta.

Uma opinião popular que não merece desatendida considera a enfermidade das vinhas e a das batatas como açoute da Providencia, e chama-lhe a cholera das vinhas, a cholera das batatas.

A sciencia deixa a cada um a liberdade de pensar a este respeito a seu modo e conforme seu juizo; mas, é do seu dever inquirir as causas e os remedios de tão graves damnos.

Resumiremos em poucas palavras as observações de muitos sabios e de distinctos horticultores.

A enfermidade da vinha foi observada a vez primeira em 1845 por um jardineiro de Margate, chamado Mr. Tucker, o qual certifica que as videiras, cultivadas quer nas estufas quer nos terrenos descobertos, tinham os cachos e folhas cheios de umas efflorescencias brancas que lhes davam o aspecto de vegetaes cobertos, de um pó finissimo. A grainha dos cachos inchava, e rebentavam e desfazião-se: as folhas e varas salpicavam-se de manchas negras e definhavam-se.

Submettida esta efflorescencia á analyse microscopica de Mr. Berkeley, descobriu este sabio que era formada por um desses fungos ou cogumellos, parasitas tão perjudiciaes a muitas plantas. Reconheceu-a por uma especie nova, e deu-lhe o nome de *oidium Tuckerii* em rasão do primeiro observador.

A exactidão das observações de Mr. Berkeley foi confirmada pelo celebre monographo das cryptogamas, Mr. Montagne, e pôde reconhecer-a qualquer pessoa que tenha um bom microscopio.

Em 1848 manifestou-se a molestia nas estufas do barão de Rothchild em Suresnes: em 1849 foram examinadas as vinhas dos arredores de Suresnes e Puteaux, e observou-se que o mal fazia horribes progressos. Em 1850 Paris e todos os seus contornos foram invadidos. Em 1851 appareceu na Italia com muito incremento, particularmente no Piemonte e na Toscana; e destruiu pouco depois todas as uvas do departamento do Sena.

No anno corrente mostrou-se de novo em Paris, e um pouco mais tarde, ainda que com igual intensidade, em varios departamentos; n'outras partes com mais lentidão e menos gravidade nas parreiras que haviam sido devastadas no anno anterior. Algumas, e até vinhas, que padeceram nos annos precedentes, acham-se na actualidade mui

sãs e mui bem dispostas. As famosas parreiras de Tomery, proximo de Fontainebleau, que surtem Paris de uvas summamente apreciadas não tem sido atacadas; nem no presente anno, ao passo que em Versailles continúa, o mal especialmente na extensa horta onde existem as antigas cepas de que Luiz XIV colheu uvas. Certifica-se que em varios departamentos do sul da França reconheceram-se recentemente os symptomas do mal, e por consequencia sobe consideravelmente o preço dos vinhos.

A Italia ainda está sendo visitada por esse terrivel hospede das vinhas. Na Grecia perderam-se pelo menos dois terços das vinhas de Corintho; ha tristes noticias de muitos districtos vinhateiros da Hespanha, e das margens do Rheno. O continente de Portugal e a ilha da Madeira soffreram ultimamente a invasão da molestia.

A apparição do *oidium Tuckerii* que empestou neste anno quasi todas as uvas dos arredores de Paris é um mysterio. O que pôde deduzir-se das observações mais minuciosas é que nasceu nas estufas sem fogo (*serres*) onde as vinhas são submettidas a uma cultura forçada, e desenvolveu-se primeiramente debaixo da influencia de uma temperatura de mais de 20 graus centigrados. Multiplicou-se a fatal parasita que medrou nas terras de lavoura, e espalhou-se pelas cercanias dessas mesmas terras nos mezes mais calmosos do anno, junho, julho e agosto, epocha em que se reúnem as condições mais favoraveis ao seu desenvolvimento.

Na actualidade adverte-se que nos dias mais calorosos a propagação é tão rapida que parece instantanea; nas parreiras expostas ao sol desenvolve-se a molestia mais energicamente.

Como é um facto (continúa o jornal francez que temos seguido) que a enfermidade da vinha nasceu nos terrenos lavrados; e visto que são precisas para a propagação condições de temperatura elevada, e que o frio prejudica o pollen propagador; eis porque o *oidium Tuckerii* se obstina a visitar-nos todos os verões ha alguns annos a esta parte, em que apenas temos tido inverno em Paris.

Cumpra observar que houve atrazo manifesto e até sensivel diminuição da molestia, sem duvida em consequencia de ter n'alguns dias baixado o frio a 4 e 6 graus centigrados no ultimo inverno, e tambem por causa da fresca primavera prolongada até junho. O contagio declarou-se em Paris, este anno, só em consequencia dos excessivos calores que nos vexaram de 7 a 18 de julho.

Muitos expedientes se propozeram para obstar aos progressos do *oidium Tuckerii*: ensaiou-se a agua de breu, a de sabão, a agua levemente salgada, mas breve se conheceu que nenhum destes meios prestava. A agua pura vasada em grande quantidade deve produzir melhor resultado, porque a grande tempestade que descarregou em Paris no dia 18, produziu notaveis melhoras, que ainda tinham sido mais admiraveis depois da torrente de agua que cahi em 6 de agosto de 1850.

O meio que deu melhor resultado a M. Tucker, consiste em regar as plantas com uma mistura de flor de enxofre e agua de cal.

Depois experimentou-se a rega com agua pura, seguida da aspersão da flor de enxofre por meio de uma mangueira fina, com um folle especial que arroja convenientemente a flor de enxofre sobre os caxos e as folhas picadas, sendo primeiro que tudo bem humedecidas.

Algumas vezes é preciso repetir a operação, mas o resultado é infallivel se fôr praticada com cuidado nos primeiros dias do começo da molestia. Desta maneira, no anno ultimo, m. Gastier, padre de Montrouge, poudo salvar as suas uvas. O jardineiro do general Jacqueminot, em Meudon, conseguiu perservar ou sarar as formosas vinhas, que cultiva, por meio de toldos que as cobrem. M. Hardy, director do jardim do Luxemburgo em Paris livrou do mesmo modo muitas cepas; e foram victimas do contagio aquellas que deixou de resguardar assim. Mas, este methodo seria difficil de pôr em pratica em as vinhas de consideravel extensão. Procurou-se e esperou-se achar meio mais simples, mais economico de tempo e dinheiro, e mais facil de empregar na grande cultura.

Alguns homens scientificos perguntam, qual é o effeito do enxofre neste caso, se é absorvente ou adstringente: pensam que dada a primeira propriedade poderia servir mais vantajosamente o carvão pulverisado, que com effeito é um absorvente mais activo; porém, suppondo que assim seja, nada se adiantaria sob a influencia do tempo e em presença dos obstaculos.

Parece mais provavel que o enxofre exerça uma propriedade toxica contra o *oidium Tuckerii*, o que inculca o uso do hydrosulphato de cal, que parece reunir, como remedio contra o mal da vinha, todas as condições mais favoraveis, de efficacia, economia, promptidão, facilidade e conveniencia.

O hydrosulphato de cal foi experimentado com bom exito no anno preterito em o horto de Versailles dirigido por M. Harely filho. No do Luxemburgo emprega-o este anno M. Hardy, para as cepas que possui de todos os paizes, e nos disse que confiava nos bons resultados de suas operações mui destramente praticadas e mui pouco custosas.

Eis como se prepara e usa o hydrosulphato de cal contra o *oidium Tuckerii*.

Toma-se meia libra de cal viva que se caldeia e se mistura com outra meia libra de flor de enxofre, e se faz uma pasta que se dilue n'uma vasilha de barro em nove quartilhos de agua, fazendo-a ferver bem por dez minutos, tendo o cuidado de abanar a vasilha de quando em quando; deixa-se esfriar e assentar; e depois de haver tirado a agua clara que resulta da mistura fervida, mette-se o liquido em duas garrafas, onde pôde conservar-se dois a tres mezes.

Tres quartilhos desta preparação são sufficientes para seis almudes e tres canadas de agua pura: a

mistura seria demasiado forte e queimaria as folhas sendo menor, uma quinta parte que fosse, a quantidade de agua. Com esta porção de mixto, ou hydrosulphato de cal, se molha, por meio de um regador, perto de 70 braças de superficie das vinhas contagiadas. Para as operações maiores dobra-se, triplica-se, ou quadruplica-se a dose; porém, sempre nas mesmas proporções.

Até agora se tem feito esta operação tres vezes ao anno nas vinhas invadidas da molestia e curadas com o hydrosulphato de cal; porém, ha poderosas razões para crer que fazendo-se a operação uma vez antes de deitarem a flor, e outra vez quando tem vingado o bago, seriam bastantes; e não se repetiria a operação sem apparecer novamente o mal, que é necessario observar com a mais escrupulosa attenção, porquanto se vê que é mais facil destruil-o quando começam os primeiros symptomas.

## PARTE LITTERARIA.

A NOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXXI.

TODOS FALLAM, E POUCOS ENTENDEM!

(Continuado de pag. 70.)

— « Sempre o receei! » murmurou comsigo o padre « O mundo é assim. Uma creança, um grão de areia, um sopro, derrubam o gigante, quebram a machina, ou desarraigam a arvore. Altos juizos de deus! Este homem que na flor da idade olhava para a morte como os heroes antigos, deixa agora o pé delicado de uma mulher pizar-lhe sem dó o coração, e sujeita-se... O seu amor fel-o tão debil que não se atreve a existir com a saudade e a dôr por companheiras! Não tem animo para carregar com a vida!.. Eu lh'o darei. Uma desgraçada paixão não m'o ha de abater obscuramente; sou como segundo pae, porque o levei nos braços ao altar aonde se consagrou ao instituto... Não posso deixal-o assim!... Veremos quem vence; se os caprichos de uma donzella incapaz de avaliar o thesouro que despreza; se os conselhos e o amor de quem trabalha pela gloria de seu filho... Conte com elle; a companhia precisa de homens da sua grandeza... Não quero que me vá procurar uma bala de proposito, e morrer de desgosto no fosso de alguma das praças de Andaluzia. »

7 . .

Em quanto reflectia deste modo, encubriendo a agitação do espirito, e sopitando os impulsos da alma, que elle proprio julgava menos activa na amizade, Diogo de Mendonça, cortando de repente o colloquio, voltou para os seus amigos, e disse ao commendador com um sorriso forçado:

— « Temos grande novidade, sr. Lourenço Telles! Telemaco quer fugir da ilha de Calypso!... Não adivinha o que me pedia agora o sr. Jeronymo Guerreiro? Deseja ser mandado reunir ao exercito do marquez das Minas, porque está por dias rompendo-se uma batalha! O que diz Nestor? »

— « Nestor » acudiu assombrado o erudito « diz cheio de pezar, que os rapazes deste seculo não se entendem. Queixa-se da ingratidão do seu pupillo em se separar d'elle, quando o deixa com os pés na sepultura! »

— « E mais não se tocou ainda na magoa de Ariadna, se vir Theseu ausente?! » ajuntou o diplomata.

— « Ariadna ha de consolar-se! » redarguiu o mancebo com ironia.

— « Não o deixe partir! » murmurou o jesuita ao ouvido do ministro. « Elle não vae á guerra para combater, vae para se matar. Observe aquellos olhos, e diga se me engano. »

— « Tem razão... mas isto o que é? » perguntou o secretario das Mercês.

— « Voltas do mundo! Um grão de areia que fez partir a roda. Note, sr. Diogo de Mendonça, que nos homens de maior alma quasi sempre ha uma coisa em que são mais creanças do que as creanças. Acredite-me; tracte de evitar esta desgraça. »

— « Não tenha cuidado. Nós o entreteremos. *Festina lente!* é a minha divisa. Não faltarão pretextos para o demorar sem se lhe dizer que não... mas que véspea lhe picou? »

— « Sempre a historia velha! » tornou o visitor encolhendo os hombros e acerando o riso á flor dos beiços. « Sansão e Dalilla; Dido e Armida! A traducção vivente do *saucia cura* da Eneida de Virgilio... »

— « Ah, julguei peor! Então acha que não passa de ciumes?... »

— « O ciume em homens assim... paga-se caro. É capaz das maiores loucuras, acredite. Se o visse risonho desafiar os tormentos e espectral-os serenamente... não se admirava. »

— « Este rapaz, pelo que observo, excita o interesse de v. paternidade? »

— « Sr. Diogo de Mendonça, estou velho, e julgo que me fará justiça, não me suppondo propenso a grandes levandades; estimo o que é nobre e digno do poder de Deus... Este mancebo tinha nascido para ornar Sparta ou Roma; não digo mais. O que sei d'elle, o que avalio do seu coração e do seu espirito... para que hei de disfarçar com um amigo? É verdade: prezo-o tanto que, se fosse preciso, para o salvar, punha em um dos pratos da balança a fortuna da companhia, sem me arrepender! »

— « Com effeito?... É mais do que interesse, agora vejo » replicou o ministro meditativo. « E de v. paternidade, juiz tão competente!... Muito bem. Entreguemo-nos nas mãos de Deus; e Theresa não fugirá aos carinhos de Ariadna; fie-se de mim. »

— « Pelo contrario. A Providencia permittisse que sim, mas sem desgosto nem perigo... O maior inimigo da gloria de Jeronymo é esta menina. Solteiro não vê senão pelos olhos d'ella; não respira senão pelo seu amor. Depois de casado, imagina que o seu coração fica sendo o mesmo? Com um sorriso, com cadeias de rosas, ha de atar-lhe as mãos, e não o deixar ser senão esposo. »

Em quanto isto se passava entre os dois aliados, fr. João e Lourenço Telles trabalhavam debalde por despersuadir o noivo de Theresa. As suas respostas firmes e concisas guardando o segredo da donzella, e occultando sempre o verdadeiro motivo, que o influíu, tiraram toda a esperança ao erudito e ao seu amigo frade.

Um signal disfarçado do secretario das mercês ao commendador, e duas palavras do jesuita ao ouvido de fr. João, fizeram cessar a contenda, parecendo que todos condescendiam com os desejos do mancebo.

— « O nosso Marte não nos quer ouvir? » disse o ministro batendo-lhe no hombro com a maior cordealidade. « Não o contrariemos. No fim não é uma desgraça. Irá correr pela posta até encontrar o marechal de Berwik... que lhe dispensa a visita, aposto eu! Por hoje basta de negocios. Como diz Horacio, mais amigo do falerno do consul Opimio do que das fadigas da gloria militar: *Nos humilem feriemus agnam...* Mas ahí vem as graças, e com ellas captivos os sorrisos, como quer certo poeta... frade do teu convento, fr. João. Estamos no paraíso! »

E adiantando-se com a galanteria e o garbo de um cortezão perfeito, Diogo de Mendonça beijou a mão de Catharina, deu um osculo na

testa de Cecilia, que se fez vermelha, e beliscou de leve a orelha de Theresa com a intima confiança de um amigo, que a trouxera ao collo.

— « Fomos pontuaes?... » disse rindo ao commendador a noiva do conde de Aveiras « Ah, o sr. padre Ventura! Sabe que lhe ia querendo mal? Não me tornar a vêr desde que estou aqui! »

— « Deus a abençõe, filha, e a faça tão feliz como desejo! » respondeu o jesuita dando-lhe a beijar a manga, e sorrindo-se para ella. « Então diz-me que por um instante estive em risco de me perder a amizade? »

— « De certo... Uma ausencia tão longa! »

— « Os ausentes esquecem, é ordem do mundo... E a minha donzella Theodora, a menina bonita, está mal comigo tambem, e faz-se vermelha? »

— « Eu, sr. padre Ventura!... » respondeu Cecilia abaixando a vista diante dos olhos scrutadores do visitador.

— « Pois quem? Não pergunta, não deseja que lhe diga nada desde que nos não vêmos?... »

— « Sou tão pouco amiga de saber!... »

— « Quando sabe?... Ora pois. E da cabeinha como vamos? O coração vejo eu nos olhos... sempre bom e compadecido. Muito bem! » E chegando-se mais de modo que só ella ouviu. « Meditou no que lhe disse em Santa Clara, aquella tarde? Estão entretidos, perca o susto! Não entregue nunca a sua alma antes de conhecer a quem. Depois o remedio é chorar; e as lagrimas nada remedeiam. »

Entretanto fr. João inquiria Theresa, contando-lhe o que acabava de acontecer com Jeronymo. Ella, dissimulando, respondeu que ignorava, promettendo dissuadir o noivo.

Ao mesmo tempo, levantou a vista, e encontrando a do mancebo, achou-a severa e sombria, fez-se branca, e passou-lhe pelo coração um frio tão grande, que a teve quasi desmaiada.

Lourenço Telles chamou por Jasmin:

— « Aonde foi meu sobrinho; que é feito d'elle? » perguntou. « Porque está invisivel? »

— « Ia a sahir agora da copa » disse laconicamente o escudeiro.

— « Da copa?... O que foi elle lá fazer? »

— « Não sei. O sr. capitão prohibiu que o acompanhassem. »

— « Sobre queda rouce! » disse o erudito a fr. João em meia voz. « Filipppe não se deita sem me transtornar alguma coisa. »



— « O abbade que se acoutele ! » redarguiu o frade encolhendo os hombros.

— « Ah, fr. João, quasi que tenho pena, que Filippe não morresse... assim como assim, o desgosto passado estava, e escusavamos de o aturar. Seja feita a vontade de Deus ! Chegou finalmente sua magestade. »

A ultima phrase alludia á entrada do capitão da Sereia, que se apresentou homisiado na casaca talhada para tres larguras suas, amortalhado nas rendas dos punhos, da tira, e da gravata; e litteralmente carregado de bordaduras tão exóticas e assarapantadas, que Lourenço Telles de as vêr ficou fora de si. Diogo de Mendonça mordeu os beiços e esgueirou pelos cantos da bocca um meio sorriso; que foi casar-se com o geito ironico, que aflava os labios do jesuita; fr. João soltou uma gargalhada cordeal; e o inventor do livro dos Pavões deixou fugir pelo rosto perplexo uma visagem ainda mais duvidosa do que a sua erudição.

— « Eis-me aos seus pés, querido tio da minha alma ! Mestre mandar, preto obedecer ! Aqui venho a todo o panno ! Esperem. E esta ? Vou ferrar nos segundos riazes este demonio. » Era a gravata; cujas pontas insolentes lhe accommettiam o beiço inferior. « Sr. padre Ventura, um seu creado. Agradeço-lhe muito o Santo Antonio, que deu a Magdalena; cada vez está mais tola com elle. Tenciono um destes dias pendurar-o pelo pescoço dentro do poço, só com a cabeça fóra de agua... Quero vêr se o ladrão do Santo manda chuva, ou me deixa seccar o cabolinho... »

— « Cala-te, impio ! » gritou fr. João irado.

— « Impio é elle ! Cuidas que não se sabe que te mettes no côro a dar graças a Deus em peccado mortal ? »

— « Filippe » exclamou o commendador « adverte de que está com as pessoas que vê... »

— « Se eu as vejo, se ellas me veem, todos nos vemos, tio. É claro como agua. »

— « Bem. Então espero que se lembre das minhas recommendações. »

— Fique descansado. Meu amigo » gritou o marido de Magdalena apontando grosseiramente para o abbade que se encolheu diante do gesto provocador « não me escapa. Os trocos daquellas continhas são para outro dia. Não os perde por esperar. » Voltando-se para o padre Ventura, que lhe cahira em graça, ajuntou muito alto: « Vê aquelle caracol, para não dizer sermesmo que o tio não gosta ? Filippe me não

chame, se elle não tragar gato e lagarto e não for moido com um sacco de areia até Judas gemer Jesus ! »

— « Filippe ! » exclamou severamente o erudito, ouvindo a jaculatoria.

— « Ah, padre mestre, o selvagem cada vez está peor ! » suspirou o auctor da carta a Lucio Floro.

— « Hade-lhe passar ! » respondia o jesuita com o sorriso obsequioso. « Sua illustrissima, de proposito, era incapaz de o offender... »

— « Qual ! Aquillo é um alicanço ! Ainda hoje... por amor delle foi posto na rua o Domingos, o melhor creado que tenho tido. Ha de endoidecer-me o tio. »

— « Não se cegue sem razão. Veja primeiro... »

— « Vejo como um linco, acredite, sr. padre Ventura. Aquelle demonio some-se na cova de um dedal. Um dia ainda hei de ir a levantar a tampa á terrina, e elle saltar-me á cara ! Dahi, tambem se mette a bóbo. A primeira vez, que o vi, fez de mim palito para as suas graças, chapando-me na bochecha : *Medoro torce il naso*. Sem nariz fica elle um dia. Não me tente ! »

Dito uma oitava acima, o aparte foi geralmente ouvido, e deu em resultado pôr escarlate o abbade, roxo o dominico, e quasi apoplectico de vergonha o commendador.

— « Vamos para a meza ! » disse o velho-sabio devorando a raiva. « Passe adiante, Filippe. Muito obrigado, sr. Diogo de Mendonça, Cecilia podia ir só e escusava de o incommodar. A minha bella inimiga concede-me a honra de a guiar; o sr. abbade irá ao nosso lado para rebater as murmurações do mundo ! » concluiu com um sorriso. « Sr. padre Ventura, confio á sua bondade o nosso doente fr. João... Sem cumprimento ! »

— « *Redolet fragrantia mella !* » exclamou o procurador de S. Domingos, a quem o estomago de convalescente principiava com exigencias. « V. paternidade sabe que lendo as bucolicas de Virgilio tenho verdadeira pena de que o pagão se não salvasse ?... »

— « Não podemos dizer... A misericordia de Deus é infinita. Como estamos nós de Arcos ? »

— « Beijo muitas vezes as mãos de v. paternidade... O senado já fez recolher os vendilhões, e o hospital prometeu entrar comoasco em accordo. Os homens pagam ! »

— « Não lh'o dizia eu ? »

— « Assim vai tudo optimamente; a paz é uma santa coisa. »

— « Às vezes... A habilidade consiste em a ajustar a tempo. » replicou o visitador com um sorriso fino.

Conversando e rindo amigavelmente os dois padres entraram na casa de jantar, seguindo o resto da companhia.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

## UM ANNO NA CORTE.

### CAPITULO XXXVIII.

#### O DUELLO.

(Continuado de pag. 46.)

Francisco d'Albuquerque, Luiz de Mendonça e o jesuita dispunham-se a cear, e a integridade da perna de carneiro já tinha sido atacada por mais de um golpe, quando duas rijas pancadas na porta os vieram pôr em sobresalto. Os dois mancebos deitaram mão ás pistolas que tinham tirado dos coldres e posto sobre a mesa, e o jesuita correu á porta.

— Quem bate ahí? — perguntou este.

— É de paz quem bate — respondeu de fóra um homem cuja voz tinha accento estrangeiro.

— Não se abre a esta hora.

— Abra que eu tenho que fallar com dois viajantes que entraram agora mesmo para aqui.

— Vá seu caminho, que se não abre a porta.

— Teem medo de um homem só, tantos que lá estão dentro! — exclamou o estrangeiro.

— Abra a porta e deixe entrar — disseram ao mesmo tempo os dois moços fidalgos de D. Pedro, em quem estas palavras excitaram colera.

Mal o jesuita abriu a porta, entrou um homem, que, vendo os dois amigos de pistola em punho, soltou uma risada, bradando:

— Não acreditaram ainda que sou de paz, e amigo! Louvado Deus que me inspirou as palavras, que fizeram abrir esta porta, senão ficava na rua.

Albuquerque e Mendonça reconheceram logo no recém-chegado Estevão de Castilho, o criado francez da rainha, que, como já se disse n'outro capítulo desta historia, estava justo a casar com Mademoiselle Ninon d'Amuraude. As pistolas caíram sobre a meza, e as mãos estenderam-se para o estrangeiro, a do capitão com a espontaneidade juvenil que nelle se manifestava em todos os actos da vida, a de Mendonça len-

tamente e a custo, como se a detivesse um presentimento. O francez recebeu os cumprimentos como recebera as ameaças, a rir: e, logo que prendeu o seu cavallo aonde estavam já os cavallos dos criados do infante, veio sentar-se á meza e foi o primeiro a atacar a cêa e a provar do vinho.

A fome era grande em todos, e durante um quarto de hora não se ouviu palavra em roda daquella meza: mas no fim chegou, como chega sempre, a saciedade, e então Estevão de Castilho rompeu o silencio, dizendo:

— Não de ter curiosidade de saber o que me trouxe aqui.

— Verdade é, senhor, que a sua presença... acudiu Francisco d'Albuquerque.

— Não era esperada, mas é facil de explicar — interrompeu o francez. — Antes porém de o explicar, desejo saber de quem tenho a honra de ser commensal. A fallar a verdade eu devia ter feito esta pergunta logo que entrei: mas como sabia que n'esta cabana estavam dois fidalgos da casa do sr. Infante, e me vi tão bem recebido e agasalhado, tratei de comer antes de tudo, porque trazia fome de matar.

— Tem por commensaes, sr. Estevão de Castilho — disse Mendonça — dois homens que servem, como v. m. disse, o sr. Infante; e que, por o conhecerem como fiel criado da Rainha, o admitiram n'esta casa.

— Tenho idéa de já o haver encontrado, senhor... como é o seu nome? — perguntou Castilho atentando em Luiz de Mendonça.

— O meu nome é Luiz de Mendonça — respondeu este como impacientado: — e não é sem fundamento essa idéa que tem, porque duas vezes nos encontramos já.

— Aonde?

— Uma na *portaria das damas* do paço, onde me livrou, sr. Estevão de Castilho, das garras da sr.<sup>a</sup> Agostinha, o terrível dragão daquella jardim de hesperides.

— Lembra-me, recordo-me disso. Ia v. m. com uma mensagem para Sua Magestade. E a outra vez que nos vimos foi...

— Dessa vez não nos vimos, encontramos só. Foi no paço também, uma noite...

— De noite... — prorompheu o francez fazendo-se pallido.

— Na sala das *moças de lavor*...

— Onde estava só, senhor?

— Onde eu estava com Mademoiselle Ninon d'Amuraude.

Estevão de Castilho, de pallido que estava, passou a fulo de colera.

— E pôde-se saber porque v. m. estava no paço a essa hora, na sala das *moças de lavor*, às escuras com uma dama da rainha...

— Que é sua noiva, sr. Castilho — concluiu Luiz de Mendonça.

— Com quem eu estou para casar, é verdade — disse o criado da Rainha. — E é isso que explica a minha curiosidade agora.

— Pois sinto não poder satisfazer a sua curiosidade.

— Porque?

— É segredo da rainha, que se não pôde revelar — respondeu Luiz de Mendonça, sorrindo quasi de um modo imperceptível.

Castilho mordeu o beijo, a ponto de lhe espillar o sangue; porém, para encobrir a colera que lhe sobia á cabeça e lhe toldava a vista, voltou-se para o capitão Francisco d'Albuquerque:

— E v. m., posso saber-lhe o nome? tem a bondade de me dizer quem é?

— Certamente que hei, de ter essa bondade — respondeu rindo o capitão — quando nos disser o que o trouxe aqui, e como soube que nos encontrava nesta casa.

— Não tenho duvida em o dizer. Também estou iniciado nos segredos da rainha, mas a fidalgos, que servem fielmente o sr. Infante, não hesito em lhes contar o que sei. Vou com uma carta de Sua Magestade para o marechal Schomberg, que ha de também escrever para França ao visconde de Turenne sobre os negocios de Portugal: e Sua Alteza, a quem tive a honra de fallar hontem á noite, disse-me que não descançando no caminho encontraria aqui em Montemor, n'uma casa isolada fóra do povoado, os dois criados seus, que levavam para França as cartas da rainha. Eis aqui como eu soube que nesta casa acharia bom gasalhado para uma noite, e companhia para a jornada de amanhã.

— Fallou hontem com Sua Alteza? — perguntou Francisco d'Albuquerque.

— Fui levar-lhe da parte da rainha — respondeu o francez, fixando os olhos em Mendonça — fui levar-lhe uma mensagem, que deu grande gosto ao Infante. Segredos, segredos de amor da rainha, que valem mais do que os segredos politicos de que alguem faz tão grande mysterio.

— Cada um guarda os segredos que lhe confiam, e cumpre assim o seu dever — acudiu Luiz de Mendonça. — Mas nem todos fazem assim;

e ha até quem invente absurdos, impossiveis, para se gabar depois de possuir os segredos de quem, se os tivesse de tal natureza, lhos não confiaria de certo.

Estevão de Castilho era vaidoso, imprudente, leviano; a contradicção irritava-o, uma palavra severa punha-o fóra de si.

— Duvida da existencia dos amores da rainha com Sua Alteza? — perguntou elle, já cego de raiva.

— Duvido.

— Pois hontem levei eu, como lhes disse já, uma carta da rainha, minha senhora, a Sua Alteza, e dentro dessa carta, que Sua Alteza abriu diante de mim, iam... umas ligas azues, bordadas de oiro.

— Mente — bradou Luiz de Mendonça, pondo-se de pé, e agarrando com mão convulsa de colera uma das pistolas, que estavam sobre a meza.

O francez livido, hirtto, com os olhos dilatados, com a voz afogada pela raiva, com um temeroso rugido, tirou do cinto uma adaga, e precipitou-se sobre Mendonça.

Francisco d'Albuquerque, que estava entre os dois adversarios, mal viu o perigo que corria o seu amigo, segurou Estevão de Castilho pelo meio do corpo, em quanto o jesuita desviava o braço de Mendonça, no momento em que este disparava a pistola, cuja bala foi cravar-se na parede, passando a dois palmos da cabeça do francez.

— Que loucura é esta! — bradou o capitão.

— Esqueceis que sois christãos? — acudiu o jesuita.

— Esta affronta... com sangue, com sangue se ha de lavar — balbuciou por fim o criado da rainha.

— N'um duello, mas não n'um assassinato — interrompeu Francisco d'Albuquerque.

— Pois seja n'um duello, e já — disse Luiz de Mendonça,

— A religião não consente... — lá o jesuita a dizer.

— A honra não consente que este duello fique para mais tarde! — rugiu o francez.

— E se um de vós morrer, quem ha de cumprir a missão, que lhe encarregaram os principes?

— O que sobreviver — respondeu Luiz de Mendonça, que tinha conseguido tornar-se senhor de si, e serenar um pouco o animo. — Francisco d'Albuquerque servir-nos-ha de padri

nho, e elle com aquelle de nós que ficar com vida dará comprimento ás ordens dos principes.

— Vamos, pois, vamos já — bradou o francez.

— Bater-vos-heis á espada — disse o capitão.

— Á espada — responderam os dois adversarios.

— Aqui ?

— Lá fóra — disse Mendonça. — Está um luar claro como dia ; temos luz bastante para nos matarmos á vontade.

O duello travou-se a pequena distancia da casa, n'um pradosinho de relva quasi seca, onde o luar dava de chapa ; de modo que cada um dos combatentes podia seguir com os olhos os movimentos das espadas, em que por vezes parecia correr um raio de fogo. O combate durou apenas um minuto, mas esse pouco tempo pareceu ao capitão uma hora, porque a afflicção lhe confrangia o peito, e lhe tolhia a respiração. No fim uma estocada, que Estevão de Castilho não varreu a tempo, decidiu o duello : o francez caiu varado pela espada do seu adversario, dando um grito horrivel de dôr, de raiva, e de agonia.

— Está morto — disse para o seu amigo Francisco d'Albuquerque, pondo a mão sobre a ferida do francez, por onde o sangue saía em jorros e que ia direita ao coração. — Está morto. Agora vae tirar os cavallos para fóra da casa, em quanto eu me aposso das cartas da rainha para Schomberg. É preciso partirmos já, não nos venham encontrar aqui as patrulhas de Monte-Mór. Disse-me o jesuita, que está ahi aquartelado um esquadrão do regimento do Maré commandado pelo conde de Rosan.

Assim como ia fallando deste modo, o capitão, ajoelhado, buscava á pressa por debaixo da coira de anta que o francez tinha vestida a carta da rainha ; e Mendonça no entretanto corria á casa, cuja porta o jesuita conservava aberta, e tirava para fóra os cavallos. No momento porém em que Francisco d'Albuquerque se levantava, já com a real carta, para ir ter com o seu companheiro, desembocaram de uma rua de Monte-Mór alguns soldados de cavallaria, correndo á redea solta. O perigo era eminente, e Francisco d'Albuquerque, cedendo ao primeiro impulso do animo assustado, deitou a correr para onde o estava esperando o seu companheiro com os cavallos : este movimento, porém, fez com que os soldados o descobrissem logo, e corressem sobre elle.

Mal tivera tempo de dar alguns passos, e de

gritar a Luiz de Mendonça que fugisse, o que fez sem hesitar, quando se viu cercado de soldados voiferando contra elle, e chamando-lhe assassino. Despedaçar a carta da rainha, e lançar os fragmentos no chão, de modo que os soldados os não vissem, foi o que o moço capitão fez primeiro : depois, tirando a espada e entregando-a ao chefe da patrulha, deixou-se conduzir para Monte-Mór, para onde os soldados levaram tambem o cadaver de Estevão de Castilho.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continua.)

### GRANDE ILLUMINAÇÃO DO PASSEIO PUBLICO EM BENEFICIO DO ASYLO DA MENDICIDADE.

A caridade é sem duvida uma das mais sublimes, e mais santas virtudes do Christianismo, e bemaventurados aquelles que sinceramente se dedicam á pratica de tão sublime virtude !

Estendendo a mão caridosa aos desherdados da fortuna, enxugando as lagrimas aos infelizes que soffrem e gemem na miseria e no abandono, dando allivio e conforto aos que della necessitam, o homem pratica uma obra meritoria, nobre e honrosa, e experimenta ao mesmo tempo a mais suave consolação de que é talvez susceptivel o coração humano.

Os que vivem na abundancia, e no gozo de todos os bens sociaes, devem lembrar-se no meio dos prazeres e das commodidades que os cercam, que ha muitos infelizes, a quem a miseria, a enfermidade, ou a velhice opprime, e priva de ganharem o pão de cada dia para si e para os seus.

Recommendar, pois, um acto de beneficencia, erguer a voz em favor da pobreza, e contribuir por todos os meios ao nosso alcance para o allivio das classes desvalidas, é de certo uma missão honrosa e agradavel.

Vamos, por tanto, com o maior empenho estimular entre os habitantes desta capital o desejo de contribuirem para a grande esmola que a pobreza espera colher na proxima illuminação do Passeio. Vamos convidar todas as classes da sociedade sem distincção a tomar parte naquelle grandioso espectáculo, para o qual tem concorrido tantas despesas e tantos esforços, afim de que elle seja digna do publico, e corresponda ao santo fim a que é destinado.

Na grande carencia de recursos para a sustentação do Asylo da Mendicidade, a illuminação do Passeio levada a effeito no anno passado, foi, como já dissémos, um pensamento verdadeiramente feliz, e que muito honra o seu auctor que tão constantes provas tem dado do seu zelo e assiduidade em promover os interesses dos asylados.

Quiz a Providencia que aquella festa de caridade tivesse o exito mais feliz, deixando a todos satisfeitos por haverem gozado um espectáculo bello, maravilhoso, e inteiramente novo entre nós, e contribuido ao mesmo tempo para o augmento do patrimonio do pobre. Porém, o mais importante sobre tudo, foi

que aquella festa agradou e popularizou-se por fórma tal, que, pôde-se dizer, ficou constituindo um rendimento certo e avultado, com que todos os annos deve contar o Asylo da Mendiicidade.

Tudo nos leva a crêr que a illuminação este anno será ainda mais brilhante e variada do que no anno passado, em que foi apenas um ensaio bem succedido.

Adoptar-se-hão todos os melhoramentos que a experiencia mostrou convenientes, em quanto que novos ornatos e accessorios virão engrandecer e abrilhantar aquelle espectáculo, tornando-o em tudo digno da concorrência e agrado do publico.

Os srs. Rambois e Cinatti tomam parte este anno nos trabalhos e direcção da illuminação, e ocioso seria dizer quanto se espera de tão habéis artistas. Constanos que elles apresentarão um rico e magnifico transparente á entrada do Passeio, que deve produzir um effeito maravilhoso. Ao sr. Fonseca, distincto professor da nossa Academia das Bellas-Artes, tambem cabe parte nesta obra, sendo todas as figuras desenhadas e pintadas por elle, e com aquelle esmero e perfeição que sabe sempre imprimir nas suas produções.

Este concurso de circumstancias bastaria para nos assegurar desde já o melhor exito a esta funcção, se na infinidade de lindos e valiosos donativos, que de todos os lado affluem para os bazares, não tivéssemos já uma prova evidentissima e irrefragavel da que o sentimento da caridade não está amortecido no peito dos habitantes desta capital.

Tivemos já occasião de vêr e examinar a maior parte dos premios offerecidos: seria mister fazer uma extensa relação ainda que nos limitássemos a citar tão sómente aquelles objectos que nos pareceram mais dignos de attenção. Além disto, não desejamos anteciper neste ponto a opinião do publico, e simplesmente diremos que os bazares apresentarão muito mais riqueza do que no anno passado, não só pelo maior numero como tambem pela maior variedade dos objectos, e que desde as augustas pessoas de SS. MM. até ás classes mais humildes do nosso povo, todos concorrerão de bom grado com alguma prenda, pequena ou grande, de muito ou pouco valor, para adornar com ella os bazares dos pobres.

Compraz-nos registrar este proceder que caracteriza o nosso povo, e que tanto o honra, e cumprenos depois victoriar a idéa feliz que presidiu á instituição desta brilhante e tão proveitosa festa de caridade.

DEMETRIO RIPAMONTI.

## NOTÍCIAS E COMMERCIO.

**Colheita dos algodões.** — No principio do corrente mez começaram a receber-se noticias certas sobre a colheita dos algodões nos Estados-Unidos; de modo que a estimada de 2.800.000 balas, que se reputava exagerada, parece agora indubitavel, e até mesmo inferior á realidade. Facilmente se comprehende que em presença de semelhantes resultados se hajam susten-

tado com tanta difficuldade os preços, tanto nos pontos da producção como nos do consumo. As existencias, tão escassas no Havre e em Liverpool, vão tomando na actualidade muito incremento, e este será maior logo que cheguem áquelles pontos os navios carregados para esse destino. Não cabe duvida de que tanta abundancia abaixa os preços; julgamos, porém que ha outra causa, igualmente forte, cujos effeitos cada vez mais se hão de experimentar. Ninguém ignora que hoje se emprega muito algodão em lugar de lã nos tecidos, e por isso vemos poucas lãs nos mercados.

**Perolas do Mar Pacifico.** — As principaes pescarias de perolas neste mar fazem-se a 60 ou 70 milhas da cidade de Panamá no golpho do mesmo nome. Antigamente eram submettidas á legislação sobre as minas de oiro e prata e pertenciam ao dominio da córda, a quem os pescadores pagavam a quinta parte do producto de seu trabalho.

Quando aquelles paizes se proclamaram independentes da Hespanha, a pescaria das perolas ficou livre, e até hoje assim se tem conservado.

As ilhas das Perolas, designadas nos mappas antigos com o nome de *ilhas del Rey* são 50 a 60, e a maior denomina-se de S. Miguel, onde está a cidade do mesmo nome, que tem pouco mais ou menos 1:500 habitantes, dos quaes 1:200 dedicam-se á pescaria das perolas, de que recolhem um valor que varia muito; sendo para obter q<sup>ue</sup> as ténchas, que antigamente eram desprezadas e não tinham preço, passaram a ser artigo importante de exportação, regulando annualmente por 900 a mil toneis no valor medio de 40,000 piastras.

O officio de pescador de perolas é ao mesmo tempo lucrativo e perigoso. O buzio ou mergulhador desce geralmente á profundidade de 3 a 7 braças, e tira de cada vez seis ou sete conchas. Não pôde trabalhar senão com a maré vazia, por espaço de duas ou tres horas, durante as quaes mergulha doze ou quinze vezes. Os mais robustos permanecem debaixo d'agua 58 e até 61 segundos, a maior parte não podem resistir por mais de 45 a 50 segundos; é erro crer que podem aturar mergulhados por doze ou quinze minutos.

As ostras das perolas servem de alimento; os pescadores e habitantes daquellas ilhas as comem crás ou cozidas; tem bom gosto e são conceituadas comida saudavel. O preço das perolas varia, em razão da sua pureza, forma e peso, de 10 a 5:000 piastras a onça: tem-se pago ás vezes de 500 a 1:500 piastras uma perola que não pezava mais da quinta parte de uma onça.

Uma companhia ingleza obteve ha annos o privilegio de pescar naquellas paragens com os sinos mergulhadores; porém, a desigualdade do fundo do mar foi causa de se frustrar a empresa. Desde então não se applicaram á pescaria das perolas nem machinas nem aparelhos de casta alguma.

É indubitavel que no archipelago das ilhas del Rey existe quantidade consideravel: mas, a profundidade é tal que os buzios não podem alcançá-la. Poderiam empregar-se com exito os aparelhos da navegação submarina, e seria facil obter do governo do paiz um privilegio exclusivo. Tal é pelo menos a opinião de

varias pessoas ricas e bem informadas de Panamá, nas quaes encontrariam os empresarios europeus affcaz auxilio.

**Cento e vinte e um annos bem aproveitados.** — No archivo de uma parochia de Sevilha encontra-se este assento de obito. — Certifico que no livro que teve principio em 1760 a folhas 20 ha o assento seguinte: — «No 1.º de novembro de 1788 os beneficiados desta egreja sepultaram nella, no jazigo dos sacerdotes, o corpo do licenciado, D. João Manuel Ramirez Bustamante Calderon de la Barca, capellão desta santa egreja, de idade de 121 annos: fez testamento perante D. José Ortiz, tabellião publico desta cidade. Celebrou-se-lhe missa de corpo presente. E por ser digno de notar para perpetuar sua memoria se consigna o seguinte.

«Foi casado cinco vezes (seguem os nomes das mulheres) teve destes matrimonios 42 filhos e além delles 9 bastardos; era respeitavel de sua pessoa, homem capaz; e quando falleceu andava compondo um livro dos louvores da Santa Virgem; tinha sido frade de S. João de Deus; sabia sete linguas; ordenou-se de sacerdote aos 99 annos, e celebrou missa até o fim de seus dias. Morreu de uma queda na portaria do convento de S. Francisco. Com a sua numerosa familia podia formar-se uma povoação de trezentos vizinhos.

#### BIBLIOGRAPHIA.

Ainda que é muito pouco commum entre nós portuguezes o gosto de viajar; eu desde a minha mocidade nutri o desejo de ver o mundo, de sabir da minha patria, e do estreito da cidade e do paiz em que nasci. Tardo porém pude realisar o pensamento constante da minha vida. Contando 40 annos, parti de Lisboa em julho de 1850, na carreira para a China dos vapores inglezes da companhia oriental e peninsular, e dentro em 50 dias cheguei a Macão, tendo visitado Cadix e Gibraltar; atravessado o Mediterraneo; visto Malta e Alexandria; subido o Nilo; atravessado o deserto do Egypto; embarcado em Suez, e desceido pelo Mar-Vermelho; tocado em Adem na Arabia, e em Ceilão; navegado pelo estreito de Malaca; visto Pinão e Singapura; e finalmente aportado a Hong-kong, e retrocedido para Macão. Nesta cidade me demorei 16 mezes, durante os quaes visitei seus arredores, a cidade chinesa de Cantão, e varios portos da costa da China até Shangai, na distancia de umas 300 legoas para o norte de Macão. Daqui regresssei para o reino na corveta *D. João I.*, no fim do anno de 1851, e voltei por Singapura, e estreito de Malaca; desembarquei na cidade deste nome, tão celebre na historia da Asia portugueza; revii as costas da Taprobana; naveguei ao longo das do Malabar; visitei Góá; segui para Moçambique; dobrei o Cabo da Boa-Esperança; apertei a Benguella, e a Loanda no reino de Angola; vi no archipelago das Açores o Fayal e S. Miguel, e particularmente nesta ultima ilha examinei varias das muitas cousas curiosas que contém, e finalmente em 18 de agosto de 1852 terminei esta longa e variada viagem, revendo a minha bella patria e cidade natal ao cabo de dois annos.

Resolvo-me a publicar os apontamentos desta via-

gem, por me parecer que serei nisso util a alguns dos meus concidadãos, que desejarem saber das circumstancias della, e ter algum conhecimento do estado actual dos logares que percorri: terão por titulo

#### APONTAMENTOS DE UMA VIAGEM DE LISBOA À CHINA E DA CHINA A LISBOA.

Deter-me-hei particularmente sobre as nossas possessões, ainda tão importantes, e sobre as quaes idéas bem inexactas, e mesmo absurdas, correm entre muita gente. Fallarei das cousas, e das pessoas, que são tudo no ultramar, onde em grande parte as instituições e leis pouco ou nenhum vigor tem, onde quasi tudo é arbitrio, onde o espirito da maldade e da rapina muitas vezes campêa impune, dependendo geralmente do bom ou máo caracter das autoridades, e pessoas influentes, o bem estar ou a desgraça dos povos. Direi a verdade tal qual a entendo, e por ella arrostarei odios e malquerenças...

Formará esta publicação um volume em 8.º frapceiz, que se irá imprimindo ás folhas, e sabirão duas pelo menos em cada semana, pelo preço de 40 réis cada folha para os assignantes. Só se recebem assignaturas em Lisboa na loja de J. P. Martins Lavado, rua Augusta n.º 8, adiantadas por cada 12 folhas, e não se venderão avulsas.

Quaesquer assignantes do reino, ou do ultramar, que só queiram receber o volume completo, segurarão a sua assignatura com 480 réis, pagando a differença á entrega do volume aos seus correspondentes em Lisboa. As duas primeiras folhas serão publicadas nos principios do proximo mez de setembro. Possuo já vistas de alguns logares das nossas possessões, espero outras, e tenciono fazel-as lithographar para serem incluídas no volume, e posteriormente se annunciará o seu custo para os assignantes que as queiram.

Lisboa 24 de agosto de 1852.

CARLOS JOSE CALDEIRA.

#### AVISO.

COLLECÇÃO DE PRODUCTOS DE DIFFERENTES NAÇÕES NA EXPOSIÇÃO DE LONDRES.

Esta collecção, feita pelo commissario portuguez, e por elle offerecida ao governo, se expõe ao exame do publico, todos os dias desde as dez horas da manhã até ás tres da tarde, na sala do theatro de D. Fernando.

Na rua dos Fanqueiros n.º 82, escriptorio de REVISTA UNIVERSAL, se dão os bilhetes de entrada.

#### CURSO GRATUITO DE LETURA E ESCRITA, REPENTINA.

no palacio do Sarmiento á Estrella.

Declara-se que os bilhetes de admissoão ao sabado tem carimbo differente, e são em numero limitado.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 8. QUINTA FEIRA, 2 DE SETEMBRO DE 1852. 12.º ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### ● BANCO DE PORTUGAL EM RELAÇÃO À SITUAÇÃO FINANCEIRA.

Le crédit, sous sa double forme de crédit public et de crédit privé, mérite d'être classé sur le même rang que la vapeur et l'imprimerie, au nombre de ces forces qui sont destinées, appelées à changer la face du monde, et qui sont en voie d'opérer sur la terre la transformation de toutes classes au profit de la liberté comme de l'ordre.

M. CHEVALIER.

#### VI

A situação do Banco de Portugal não pôde ser estranha aos interesses do paiz; nem ao resultado dos meios que se possam empregar para melhorar a situação financeira.

Os interesses do paiz exigem os beneficios de um banco de circulação. Os principios da sciencia economica, a este respeito, já estão popularizados a ponto que seria inutil levantar a questão da conveniencia desses bancos.

É mister, apesar disso, firmar bem a opinião de que se não impugna a absoluta necessidade de garantir a duração do Banco de Portugal. Por esta fórma se chega á imperiosa necessidade de satisfazer, por parte do Estado, aos encargos a que se obrigou, como compensação de obrigações impostas ao Banco, e já por elle satisfeitas.

É costume, ao fallar do cumprimento das obrigações destinadas a compensar os encargos impostos ao Banco, chamar em auxilio da justiça o clamor de milhares de familias, que tem o seu patrimonio nos fundos do Banco. Quanto

a nós este subsidio para a discussão pôde ser considerado como falta de argumentos, menos sentimentaes, mas muito mais logicos.

A justiça do Banco é para nós tão evidente, e parece-nos tão conveniente para a prosperidade publica o cumprimento dos direitos que lhe assistem, que pomos de parte esse clamor, essa rasão de primeira ordem em um negocio de charidade, mas menos importante em uma questão de incontestavel justiça, e de evidente direito de propriedade.

Os artigos precedentes nos tem preparado o caminho para chegarmos a estes pontos. Rebatidas com os factos historicos as opiniões sem fundamento, que podem prejudicar os factos que deram origem ao Banco, explicada a rasão das provisões que o tem regulado, é logico recordar as obrigações que a lei impoz ao Banco, e as compensações que a mesma lei lhe concedeu. Basta uma simples exposição do que a este respeito se tem passado para vêr que taes obrigações estão cumpridas, e que algumas das compensações foram enfraquecidas, e outras ainda estão para satisfazer.

A parte deste nosso escripto, relativa ao decreto de 19 de novembro, prova que este acto governativo não foi uma simples provisão, relativa a um caso especial, e no interesse do estabelecimento do credito que nelle se ia basear. Os direitos e deveres a que deu origem, lhe dão a fórma completa dos mais solemnes dos contractos, em que de um lado está a honra do Estado, e de outro a salvação de uma somma avultadissima de capital, que elle devia e não podia pagar.

O alcance das disposições desse decreto não param na criação de um estabelecimento de cre-



dito, tem horizonte mais vasto e alcançam o que pôde existir de mais importante em uma grave crise financeira, assegurando a duas corporações respeitáveis os seus valiosos créditos sobre o Estado, e garantindo a outras corporações e pessoas o pagamento de que o thesouro lhe devia; regulando o meio circulante, positivamente transformado, e tudo com o fim de reanimar a confiança, e de melhorar o credito publico.

As obrigações reciprocas de tão solemne contracto foram confirmadas pela lei de 19 de agosto de 1848, e depois na codificação geral das suas disposições pela lei de 16 de abril de 1850.

As obrigações que a lei impoz ao Banco foram:

Maximo de juro para as suas operações.

Emprestimo ao Governo de 300:000\$000 rs. para ser pago pelo mesmo methodo que havia acceitado, para se embolsar dos capitães, que a formavam e estavam em poder do Governo.

Emprestimo de 300:000\$000 rs. ao Contracto do Tabaco.

Amortisação mensal de 18:000\$000 rs. de notas do Banco de Lisboa, e posteriormente o encontro antecipado de grande somma de taes notas por divida do Estado, de que era credor.

Pagamento dos titulos de notas capitalisadas pelo Banco de Lisboa, na importancia de réis 594:000\$000.

Pagamento de notas promissorias da Companhia Confiança Nacional, perfazendo 3.717:000\$ rs., capital e juro.

Pagamento a corporações e pessoas absolutamente estranhas ao Banco de Lisboa e Companhia Confiança, dos seus créditos sobre o Estado.

Todas estas obrigações estão cumpridas. Em quanto ellas se satisfaziam, o Banco soccorria o commercio e industria com o desconto das letras a 5 por cento, auxiliava o Governo com um emprestimo permanente de 100:000\$000 rs. e não se negava ao que por parte do Governo lhe era sollicitado a bem do credito publico.

A par deste exacto cumprimento de obrigações, reconhecido por uma commissão de inquerito da Camara dos srs. Deputados, e proposta ahí por Directores do Banco, as compensações que a lei lhe havia concedido se desfalcavam ou faltavam.

Já demonstramos o prejuizo de 1.941:567\$604 rs., calculado sem exaggeração para o provento da circulação dos 5:000:000\$000 rs. de notas do Banco de Lisboa, limitado e quasi extincto

pelo decreto de 10 de março de 1847, e lei de 13 de julho de 1848, e até diametralmente combatido pela capitalisação de mais 800:000\$ rs. de taes notas.

A primeira e mais urgente das necessidades do paiz, é que os seus governos firmem o credito do Estado no respeito aos contractos e na fiel observancia de todas as suas disposições sejam quaes forem os sacrificios que isto possa custar. Infelizmente, com as melhores intenções, e julgando salva a causa publica, mais de uma vez se tem deixado de seguir este unico e direito caminho que leva os povos á prosperidade publica.

Aquelle celebre dito de um ministro em França, que desembaraçou as finanças, dizendo — pague — deve aqui ser trocado por outro — cumpri.

E na maioria dos casos nem tal cumprimento será pagamento; mas é sempre prova de que a confiança publica tem na incontestavel honra do Estado uma base segura.

Se estivessem plenamente cumpridas as disposições que se referem ao fundo de amortisação, o Banco teria já alargado a area das suas operações ao ponto a que tanto convém que chegue: apesar de que em tal ponto já acharia o prejuizo de um direito que, pela lei de 16 de abril, lhe foi tirado quando extinguiu o privilegio da emissão das suas notas, como unico papel circulante do paiz, tendo esta disposição importantissima do artigo 10 do decreto de 19 de novembro de 1846 sido revogada pelo artigo 3 da lei de 16 de maio de 1850.

Fazia parte da dotação deste Fundo uma consignação annual de 120:000\$000 que nunca foi paga, apesar de que a bem dos interesses publicos foi exigida tanto pela direcção do Banco de Portugal como pela direcção do referido fundo.

O desvio de importantes sommas dos productos do Fundo, para fora da sua legal applicação, está confessado e demonstrado em documentos publicos do mais inteiro credito.

A cobrança de taes productos e rendimentos tem sido tão morosa que dá origem a um verdadeiro prejuizo.

A venda e remissão de foros — tem sido mais de uma vez sustado com grave perda para os créditos que o fundo devia satisfazer em prazos certos.

As inscripções apolices e bonds resgatados desde o decreto de 19 de novembro de 1846, consti-

tuíram uma parte avultada da dotação de fundos; e nem um real de seus juros tem entrado na conta do fundo. Infelizmente sobre este ponto que é um dos essenciaes para o fundo solver os seu encargo se tem agitado questões sem base legal; mas que chegaram a confundir, talvez para juízos elevados, um negocio de simples e facil solução.

O cumprimento destas obrigações por parte do Estado, que pelo que nos consta repetidas vezes tem sido sollicitado pelo Banco, não podendo tardar por mais tempo, será um seguro elemento de credito por que representará a fiel observancia, ainda que tardia, da condição de um contracto, e por que diminuindo a divida do Estado pela amortisação fará que possa entrar nas operações, com que o Banco auxilia o desenvolvimento da industria e do commercio uma somma de valores.

Da somma de 5.076:480\$267 réis de acções com juro sobre o fundo especial de amortisação convem observar que 963:931\$403 réis lhe pertenceram pela obrigação que lhe foi imposta de as trocar por 1.554:700\$000 réis de inscripções de 5 por cento que possuia.

Tractando de mostrar que ás obrigações não tem correspondido as legaes compensações, é mister fazer vêr que da falta de realisação dos productos do fundo tem resultado dois prejuizos graves, ainda que differentes, para o Banco: um tem referencia ás acções do fundo que o Banco possui, porque representam creditos seus sobre o governo, e outra a parte dessas acções, que foi obrigado a tomar, soffrendo no juro dellas perda notavel em comparação do juro que teria recebido pelas inscripções que foi obrigado a dar em troca.

O Banco tem vendido acções do fundo com 20 por cento de abatimento no seu valor nominal e até com os juros vencidos, sem que estos se incluam na venda, porquanto, contra o que a razão parece mostrar com a maior evidencia — nos pagamentos feitos á fazenda nessas acções se não incluye taes juros, que são devidos pela propria fazenda.

Em quanto ao prejuizo dos juros das inscripções dadas em troca de acções do fundo, sem considerar o semestre aberto ao pagamento depois de começados estes nossos trabalhos, eis aqui a comparação.

As inscripções produziram liquido de deducção e computando as inscripções de 3 por cento realisados em parte de juro de 30 por cento.

1847.....	50:527\$750
1848.....	54:414\$500
Valor do imposto de 3...	8:745\$187
1849.....	58:301\$250
1850.....	58:301\$250
1851.....	58:301\$250

---

288:591\$187

Os juros recebidos dos 963:931\$403 réis de acções sobre o fundo de amortisação produzião: — 198:810\$849.

Sendo por tanto os juros das inscripções que o Banco podera ter recebido. 288:591\$187

E o juro, que recebeu das acções..... 198:810\$849

---

Perjuizo do Banco..... 89:780\$338

É esta uma das respostas, que nos dispensa outras, á opinião que julga o Banco sobejamente compensado dos sacrificios feitos mediante a adjudicação do rendimento de um fundo, que na presença do que temos demonstrado em grande parte se não realisou.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

#### RELATORIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS.

Tendo em o numero precedente extrahido de um jornal estrangeiro algumas informações sobre o mal que tem invadido as videiras, sabiamos que a secção competente da Academia das Sciencias desta capital trabalhava neste assumpto, ignoravamos então a indole e contexto do seu trabalho, que folgamos de transcrever agora do *Diario do Governo* n.º 204.

Ilm.º e exm.º sr. — A classe das sciencias mathematicas, physicas e naturaes, em consequencia do que lhe fôra ordenado pela academia real das sciencias, mandou proceder pela secção respectiva ao exame das uvas affectadas da molestia, que grassa em alguns vinhedos da ilha da Madeira, e vem hoje dar conta do resultado daquelle exame.

A secção das sciencias historico-naturaes submetteu effectivamente ás suas observações, não só as uvas daquelle ilha remettidas á academia pelo ministerio do reino, mas tambem os fructos e as folhas de algumas videiras affectadas da mesma molestia, que começa infelizmente a manifestar-se, posto que sporadicamente, nos arredores de Lisboa; e eis-aqui o que se pôde colher das repetidas e attentas investigações a que procedera.

As uvas vindas da Madeira observadas com a vista desarmada apparecem revestidas de uma efflorescencia ou inducto superficial, de côr cinzenta, ás vezes esbranquiçada, mais ou menos espessa e cotanilhosa. Este inducto que cobre o epicarpo, um tanto rugoso, do fructo, desaparece totalmente, quando os bagos se limpam com um panno de linho ou algodão: e a cuticula dos mesmos se apresenta então com a sua côr natural, poste que menos lusidia.

Examinadas com fortes lupias descobre-se uma especie de vegetação cryptogamica muito analoga, na apparencia, á que se nota na maior parte dos fructos que se decompõem. Sacudidos os bagos sobre uma lamina de vidro, e examinados com as mesmas lentes, descobrem-se corpusculos granuliformes pela maior parte simples, algumas vezes compostos e articulados.

Quando porém o exame se faz por meio do microscopio observa-se então mais distinctamente a planta cryptogamica; e veem-se as suas ramificações moniliformes, subramosas, e articuladas — e sacudindo os bagos sobre o porta-objecto do mesmo microscopio, descobrem-se os sporidios quasi todos ovaes raramente espheroidaes, umas vezes simples, outras aggregados por articulos, sempre transparentes e marcados no centro por um ponto elliptico esbranquiçado, e hialino. Veem-se tambem os sporulos debaixo da fôrma de corpusculos orbiculares, transparentes, e de uma grande tenuidade. — Estas observações foram feitas em occasiões diversas, e com dois bons microscopios, um que amplifica até 500 diametros, e pertence ao jardim botanico da Ajuda, e outro até 600, e pertence ao gabinete de physica da eschola polytechnica.

Nas uvas vindas da Madeira encontra-se porém além da planta parasita um grande numero de *arachnides* do genero *acarus*. Estas uvas porém começavam a decompôr-se, devendo por esta razão considerar-se o animaculo como um resultado dessa decomposição.

As investigações feitas nas uvas dos quintaes e fazendas dos arredores de Lisboa deram identico resultado com respeito á planta cryptogamica, mas não relativamente ao animaculo parasita, que nunca pôde ser observado apesar de serem as observações feitas por muitos dias consecutivos, e em diversos exemplares colhidos uns no jardim da academia, outros em um quintal da rua de S. Vicente Nery, e outros finalmente no jardim botanico da Ajuda, e suas cercanias, onde a molestia tambem tem apparecido, posto que parcial, e sporadicamente.

É positivo, para os commissionados deste exame, que a molestia das videiras, tanto da ilha da Madeira, como dos suburbios de Lisboa, é de natureza identica; e apenas com a differença de que na primeira localidade se apresenta debaixo da fôrma epidemica, e na segunda debaixo da fôrma sporadica. Mas n'um e n'outro caso julgam os commissionados que a enfermidade é provocada pelo parasitismo do fungo cryptogamico, conhecido pelo nome systematico de *Oidium Tuckeri*, descoberto por Tucker, e descrito recentemente pelo sr. Berkeley.

Esta parasita dotada, como quasi todas as *cryptogamicas*, de uma funesta fecundidade, derrama os seus sporulos, na epocha da disseminação, sobre as

folhás e fructos da videira, com tal profusão e rapidez, que infesta n'um curto espaço de tempo vasta vinhaterias. É o que tem acontecido nas provincia meridionaes de França, e na propria ilha da Madeira.

Que a parasita seja o *Oidium Tuckeri* parece indubitavel, pois apresenta os caracteres botanicos da ordem *hyphomycetes*, a que pertence, da sub-ordem *mucidineas*, e do genero *Oidium* magistralmente descrito pelo celebre phitographo allemão, o sr. *Endlicher*, na sua obra classica, *Genera plantarum*.

Poderia porém entrar-se em duvida se a molestia reconheceria por causa efficiente antes o *acarus*, que fôra observado nas uvas vindas da Madeira, do que a parasita vegetal. Os commissionados sabem que esta é a opinião do sr. *Robineau Desvoidy*, apresentada sobre caso analogo á academia das sciencias de Paris, em sessão de 22 de setembro de 1851. Sabem que este naturalista attribue ao *acarus* da videira a causa primordial desta enfermidade; e que elle reputa a *mucidinea* como um effeito da alteração morbifica dos succos da planta, alteração devida aos estragos produzidos pela presença do *acarideo*. Mas como elles não poderam descobrir a existencia do animaculo senão nas uvas quasi putrefactas da Madeira, e nunca, apesar dos seus attentos e minuciosos exames, nas folhas, nos ramos, e nos fructos das videiras affectadas, dos arredores da capital, acreditam que a opinião deste naturalista é menos adoptavel do que a que deixam exarada. Intendem contudo que ultteriores observações devem ser instituidas para esclarecer este ponto importante e difficil da etiologia da molestia, cumprindo que para este fim o governo de sua magestade mande vir algumas videiras enfermas da ilha da Madeira.

E naquella sua opinião são fortificados pelos factos analogicos, e pelas razões seguintes:

É sabido que esta molestia começára a ser mais particularmente observada em 1845 por mr. *Tucker*, jardineiro em *Margate*, de bastante instrução; que fôra nas videiras cultivadas nas estufas das cercanias de Londres que se manifestára primeiramente, e que quasi na mesma época se viram na Belgica invadidas da enfermidade as vides dos hibernaculos e das estufas de alguns pontos deste paiz; e, finalmente, que as observações que então se fizeram deram em resultado a presença do fungo parasita, e não do *acarus*.

Pouco tempo depois, em 1847, estendeu-se o mal á França, e, posto que fracamente, começou a observar-se nas estufas do sr. de *Rotschild*, donde se propagou sobre os vinhedos de *Sureme* e *Puteaux*. Em 1848 appareceu nas estufas de *Versailles*, e pouco depois disseminou-se pelas espaldeiras e latedas de exposição mais calida dos arredores desta povoação. Em 1849 manifestou-se nas estufas de *Pommeret*, donde irradiou sobre *Charonne*, *Montreuil*, *Saint-Mandè*, e sobre o bairro de *Saint-Antoine* em Paris. No anno seguinte, em 1850, generalizou-se em torno desta cidade; e em 1851 atacou com grande intensidade o meio-dia da França e da Italia, lançando em grande consternação os vitiadores destes dois paizes. Ora todas as observações de que os commissarios têm noticia constataam a presença da *mucidinea* nestas differentes localidades e épocas, como causa da *epidryada*.

Esta é a opinião do sr. *Bouchardat* na sua *memoria sobre a molestia das videiras*, apresentada á academia das sciencias de Paris em agosto de 1851. É a do sr. *Paym*, segundo se vê de uma nota por elle apresentada á mesma academia; e é finalmente a do sr. *Guerin Meneville*, que attribue ao parasitismo do *oidium* não só a enfermidade das videiras, mas tambem a dos esparcetos, dos verbascos, e dos salgueiros.

Na determinação da etiologia da enfermidade uma outra consideração se apresenta naturalmente, que é por certo merecedora de ser mencionada. O parasitismo será elle ainda a consequencia de algum vicio organico da planta, ou será elle mesmo a causa desorganisadora dos seus tecidos, e modificadora da sua vitalidade? O sr. *Prangé* julga que a causa da molestia não é local, mas geral; que os tecidos da casca são atacados antes dos do fructo, e que as alterações dos órgãos da planta são profundas e intimas, mesmo antes da *mucidinosa* se desenvolver.

A opinião deste naturalista não tem sido todavia seguida por se ter reconhecido que o parasitismo (causa a mais commum das enfermidades dos vegetaes) invade varios órgãos e tecidos da planta antes de accommetter o fructo; e na verdade a *mucidinosa* observa-se: geralmente nas folhas, nos pedunculos, nos ramos, e nos tecidos corticaes do caule antes de se estender aos órgãos da fructificação; e então não admira que a planta apresente *symptoms* de uma affecção geral e profunda, antes do fungo ser observado nos fructos, que parecem ser os ultimos órgãos atacados, e onde se manifesta uma das derradeiras *phases* da molestia. De resto a questão de saber se o parasitismo animal ou vegetal, nos casos morbosos, é causa ou effeito da doença das plantas é um ponto de controversia interminavel, que só poderá ser resolvido, quando a filiação genealogica dos factos fór completamente determinada, o que por ora apenas é um *desideratum*.

Em vista do exposto parece pois indubitavel que a causa proxima da molestia das videiras da ilha da Madeira é o parasitismo do *Oidium Tuckeri*, que actuando como um agente desorganizador, e apropriando-se os succos seivosos da planta, transorna a marcha da sua vegetação, extenua alguns dos seus órgãos, desorganisa certos tecidos, e perturba os processos da fructificação, a ponto de atrophiar muitas vezes o fructo.

Esta *epidryada* pois, como as demais molestias epidemicas, encontra as suas causas remotas e pre-disp. nentes n'uma constituição atmospherica viciada. É reconhecido que as condições meteorologicas anormaes são de ordinario o primeiro anel das causas occasionaes das *epidryadas* vegetaes. Estas condições multiplicando prodigiosamente o parasitismo especial de certas plantas, são a origem mais commum destas *epidryadas*.

Entre estas condições as que mais directamente actuam sobre a vida normal das plantas são tambem as que mais profundamente perturbam a sua saúde. O calor e a humidade, ou as influencias thermometricas e hygrometricas são, como se sabe, os principaes e mais energicos agentes de uma vegetação luxuriante e energica. Mas quando o calor e a humidade ficam áquem, ou vão muito além da medida

natural das diversas quadras do abno, a que correspondem diversos periodos de vegetação, a saúde e a propria vida de algumas plantas são gravemente comprometidas.

A videira cresce n'uma região temperada, que tomou o seu nome, e fóra da qual não se desenvolve espontanea e naturalmente. Esta planta, a mais formosa e util da sua familia, a familia das *ampeliáceas*, soffre por igual, tanto na alta como na baixa temperatura. A sua zona limitada por linhas *isothermas* é caracterizada por uma flora especial, composta em parte de um grande numero de plantas fructíferas vindas da Asia.

Os commissarios julgam pois que a elevada temperatura destes ultimos invernos pôde ter sido a causa principal da grande vitalidade dos esporos, e do consequente desenvolvimento, e da ampla propagação da parasita na Europa. Talvez tenha acontecido o mesmo com respeito á Madeira, mas elles não ousam affirmar-o, por não terem observações proprias, feitas na localidade, que auctorisem este juizo.

Mas se por ventura se reflectir que a *mucidinosa* começou a apparecer nas estufas de Inglaterra, da Belgica e da França, e que depois se desenvolveu nas espaldeiras e latadas de exposição mais quente destes dois ultimos paizes, e que em seguida ganhou as culturas forçadas, para dahi se difundir, durante o estio, pelo meio dia da França, e finalmente que os gelos e as baixas temperaturas a fazem desaparecer; se por ventura se reflectir nestes factos, e na condição commum que os liga e acompanha, fica muito probabilisada a opinião que acabam de emitir.

Depois destas considerações sobre a pathologia da molestia, só resta apontar os meios perservativos, e therapeuticos mais proprios para a prevenir ou combater.

(Continúa.)

#### MANEIRA DE CAÇAR OS PARDAOS E APROVEITA-LOS.

Na Lombardia é costume em todas as aldéas e casas de campo ter nas habitações uma especie de pombal, de que se tiram muitas vantagens.

É de forma quadrada, e tambem ás vezes redonda; é como uma torre, da altura pouco mais ou menos de um andar de casas, e geralmente collocada por cima da porta de entrada principal, ou no centro do edificio; mas, proximo dos logares onde se recolhem os bois e vacas que estão sempre nas visinhanças dos palheiros, depositos de feno etc., e isto pela razão que direi adiante.

Externamente apresenta tres ordens successivas de buracos; redondos na primeira ordem, do diametro de pollegada e meia, tendo em baixo um pequeno corpo saliente: os buracos da segunda ordem são tambem redondos, do diametro de uma pollegada; a terceira ordem de buracos são quadrados ou em forma de triangulo. Esta serve para os pombos, a segunda para os pardaos, e a de cima para os estorninhos.

Com este systema de construcção os camponeses defendem as suas sementeiras de trigo, de cevada,

de arroz, etc., das immensas nuvens de pardaes, que preferindo recolher-se nas casas alli fazem criação, e de inverno se abrigam por causa do frio. E' assim que o camponez os apanha.

Toma sentido na occasião em que os filhos destes passaros estão quasi no estado de voar; abre as portinholas interiores que em todos os lados correspondem aos sobreditos buracos, apanha os pardaes crescidos, e torna a cerrar as portas para praticar em tempo opportuno a mesma operação. Isto faz-se durante quasi todo o verão, apanhando tambem os estorninhos da primeira ordem e os pombos da terceira.

No inverno se o camponez vê que os pardaes são muitos e que prejudicam os campos, talvez em razão dos que poderam fugir ou dos que se ajuntaram n'outros sitios, n'uma noite cobre exteriormente com uma rede todos os buracos, e por dentro da torre abrindo as mencionadas portas apanha aquelle numero que lhe faz conta, e se são muitos os vende, como tambem os estorninhos, e os norackinhos.

Todos estes edificios são munidos de um para-raios ou conductor para defender o local dos incendios que podem causar as trovoadas, correndo o perigo de perder se todo o gado e forragens, se tal prevenção lhe não servisse de resguardo.

J. GAGLIARDI.

#### DOCUMENTOS INDUSTRIAES.

##### Requerimento dos fabricantes de seda.

« Senhora! — Os abaixo assignados, fabricantes de tecidos de seda estabelecidos nesta cidade vem representar a v. m. em seus nomes e em nome de todos os outros fabricantes do mesmo ramo o seguinte:

O decreto de 18 do corrente é summamente lesivo aos legitimos interesses de toda a classe a que pertencem os supplicantes, visto que diminue tão consideravelmente os direitos que até agora pagavam nas nossas alfandegas as sedas estrangeiras.

Desta diminuição resultará em Portugal a ruina completa de uma industria que promettia elevar-se com promptidão a uma grande prosperidade.

Mas além destes inconvenientes, na rapidez com que o decreto de 18 do corrente é posto em execução, commette-se uma injustiça violenta contra os fabricantes e negociantes de sedas portuguezas, porque nem ao menos se lhes dá tempo para consumirem as fazendas que produziram e compraram fiados na lei que existia.

Por isso e sem de modo algum renunciarem ás representações que hão de fazer contra os inconvenientes que resultam da diminuição dos direitos das sedas estrangeiras os supplicantes vem desde já em seus nomes e em nome de todos os outros fabricantes desta genero. — Pedem a v. m. que seja servida ordenar que se suspenda a execução do mesmo decreto por um prazo razoavel, que deveria ser um anno, no que respeita aos direitos das sedas estran-

geiras, porque esta suspensão sempre seria de justiça, ainda que contra as respectivas disposições do decreto de 18 do corrente não houvesse (como ha) tantas ponderações a fazer, pelo que.— R. M. »

Senhora. — Diz Alexandre d'Oliveira, actual proprietario da fabrica de papel da Abelheira, que tendo sido reduzido a 900 réis por arroba o direito de réis 1:600 que pagava por entrada o papel branco para impressão, como consta da tabella, que faz parte do decreto de 18 do corrente max, não pôde o supplicante deixar de requerer outras medidas, sem as quaes aquella redução é injusta, e pôde ser muito prejudicial ás fabricas de papel.

A primeira consiste em definir o que seja papel branco para impressão; porque, como em todo o papel se pode imprimir, será facil introduzir com o titulo de papel para impressão toda a qualidade de papel branco para escrever. A intenção da commissão revisoria das pautas, e do governo, foi de certo applicar a redução sómente ao papel branco sem colla.

Em segundo lugar é de absoluta necessidade reduzir os direitos de entrada, que pagam varios utensilios empregados na fabricação do papel, e os objectos que são a materia prima desta industria.

À 1.<sup>a</sup> classe pertencem:

1.<sup>o</sup> Os pannos de burel para as machinas e cylindros, que tem uso permanente e continuo no fabrico do papel. Estes pannos não se fabricam em Portugal, e pagam o excessivo direito de 240 réis em arratel.

2.<sup>o</sup> As correias para as machinas, que pagam o exorbitante direito de 360 réis, tambem por arratel.

3.<sup>o</sup> A gutta percha em obra, de muito uso e prestimo nas fabricas de papel, mas que em consequencia do excessivo direito de 4:000 réis por arroba, mal se pôde importar.

4.<sup>o</sup> As teias de lação, que se não fabricam em Portugal, e pagam o enorme direito de 6:000 réis por arroba.

À segunda classe pertencem, além d'outros ingredientes, cujos direitos foram agora reduzidos, os seguintes:

1.<sup>o</sup> Smalts, cujo direito é de 200 réis por arroba.

2.<sup>o</sup> Ultramarine. Esta droga não se fabrica em Lisboa. Sem ella não é possivel fazer papel azulado de primeira qualidade. Paga o enorme direito de 200 réis por arratel, sendo classificada no despacho como cinzas, mencionadas na classe 15.<sup>a</sup> da pauta.

3.<sup>o</sup> Sal de chumbo, cujo direito é de 60 séis por arratel.

4.<sup>o</sup> O azul (chinese bleu), que paga 1:200 réis por arroba.

5.<sup>o</sup> A pedra hume, cujo direito é de 200 réis por quintal.

6.<sup>o</sup> Manganese, que paga 100 réis por arroba.

7.<sup>o</sup> Chlorureto de cal, que paga 40 réis por arratel.

8.<sup>o</sup> Potassa em bruto, cujo direito é de 200 réis por arroba.

9.<sup>o</sup> Resina branca, que paga 800 réis por arroba.

10.<sup>o</sup> Gelatina, cujo direito é de 160 réis por arratel.

Os direitos que pagam os objectos mencionados so-

bem ainda, e tornam-se vorazes com os addictees de varias especies que se lhes accumulam.

O fabrico do papel para impressão tem prosperado com os direitos protectores da pauta: não é daquellas industrias, que confiando que a pauta seria permanente, se tem conservado estacionarias. Pelo contrario tem attingido um alto grau de aperfeiçoamento.

O supplicante não se queixa da redução dos direitos do papel branco para impressão, com tanto que se reduzam tambem os direitos que pagam os utensilios e objectos atraz mencionados, para que se possa soffrer sem damno a concorrência com a industria estrangeira. Uma vez que assim se não faça, a redução nos direitos do papel é injustissima, e ruína para as fabricas nacionaes, que não poderão competir com as do estrangeiro, onde todos aquellos objectos se acham no mercado por preços baixos.

E como as instrucções de vossa magestade são, nem pôdem deixar de ser, dar protecção rasoavel á industria, e não sacrificar nem arruinar os estabelecimentos industriaes entre os quaes se deve considerar como de primeira ordem a fabrica de papel da Abelheira, o supplicante respeitosamente — Pede a vossa magestade que tomando em consideração o exposto se digne mandar definir o que é papel branco para impressão, afim de evitar que a redução seja sophismada, e outrossim reduzir os direitos excessivos nos utensilios e objectos empregados no fabrico do papel. — E R. M.

## PARTE LITTERARIA.

A NOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXXII.

UM FIO NO LABIRINTO!

O erudito estava radioso; a apostrophe de Philippe contra o abbade carregou-lhe o rosto de uma ligeira sombra, mas tinha-se desvanecido inteiramente. Confiava na efficacia das suas advertencias, e sobre tudo na distancia rasoavel, a que os dois contendores se achavam um do outro. Ao lado de Diogo de Mendonça, o jesuita dava a esquerda ao commendador: Jeronymo assentava-se entre a sua noiva e o auctor da maravilhosa biographia de Viriato. Defronte delles fr. João tinha de uma parte a sr.<sup>a</sup> Magdalena da Gama, e da outra o Sindbad portuguez, cujas explosões aggressivas fôra encarregado de conter. Cecilia e a noviça, uma ao pé da outra, fechavam o circulo, sorrindo e segredando, como fazem por costume as meninas que se estimam.

A meza, pelas roupas da India adomadas, pela profusão de louças da China e do Japão, e pela riqueza e lavor das pratas do serviço, podia competir com as mais opulentas e primorosas. Solteiro, esmerado, e desfructando grandes rendas, Lourenço Telles nada poupava para unir o gosto ao esplendor. A cozinha e a copa rivalisavam com a escolha e o mimo das preciosas garrafas, sequestradas ao Bacho vulgar dos profanos para só alegrarem os dias festivos. Jamin, o discipulo predilecto de Fontange, o adorador fanatico do illustre Vatel, recordando os exemplos e as tradições dos mestres na disposição dos ornatos e das jarras, na symetria caprichosa dos fructos e flores, parecia ter convertido tudo em um jardim, aonde a frescura e o recreio principiavam pelo banquete dos olhos os prazeres da gula.

Erguida no meio como tropheo a Comus, via-se o que então se chamava um *triumpho*. Era uma galé de alcorce, cuberta de festões e grinaldas, enfiandoas velas de purpura, tremulando nas vergas douradas um sem numero de flamulas de cores alegres. Os doces e confeitos mais finos pejavam o casco. Os licores mais exquisitos, em pequenas redomas de christal, occupavam o convés. A pópa dois anjos de azas estendidas e vestes candidas mostravam rasgar o vôo para os espaços luminosos. Os remates e figuras da prôa não eram menos vistosos e bem traçados.

Os pratos, que os olhos descobriam, seriam capazes de abrir o appetite a um defuncto, como exclamou o capitão Philippe ao assentar-se. Em pequenas salvas via-se a manteiga em fôrmas lavradas, flanqueada de infinita diversidade de acepipes de marisco, de achar, e de conservas, no meio das inevitaveis alcaparras e do teimoso perrechil. Corbelhas de prata arrendada ostentavam as suas pyramides de laranjas, entre cordões de limões doces. Covilhetes, enramados de salsa, excitavam a sede com as rodas de paio e de presunto, offerecidas ao lado de pequenos melões de inverno, em açafates de porcelana. Os vinhos rivaes de Hespanha, de França, e de Portugal, em garrafas de christal, mostravam os topazios e os rubis mais ou menos claros do seu licôr. Pucaros de louça cheios de relevos e figuras chinas, de curtos e curtos intervallos, patenteavam o manjar branco passado, os doces cobertos, e os deliciosos picatostes de requieção folhado.

A famosa « Arte de Cozinhar » composta e acrescentada por Domingos Rodrigues, mestre das ucharias de sua magestade o sr. D. Pedro

II, não encerrava uma só receita curiosa, que deixasse de estar aproveitada. Jasmin e o abade, pessoas de conselho e de paladar, combinando com a philosophia precisa a consonancia e a sympathia dos molhos e picados, souberam compôr um jantar, cujo artificioso ecletismo não consentiu que se formasse um desejo, que logo não se visse satisfeito. As grandes lições de Vatel, executadas com aplauso do incançavel annotador de opusculos, inspiraram ao escudeiro francez algumas iguarias delicadas. As massas e folhados, brasão da cosinha italiana, cubriam de capas tenues, saborosas, e alouradas, o fino recheio das tortas e empadões. As potagens e fricassés francezes podiam desvanecer um gastronomo consummado. Era por isso que os dois pretores, mirando-se na obra, e achando-a digna, mostravam-se impacientes por chegarem ao momento critico, em que o enthusiasmo lhes havia de coroar a fronte dos louros culinarios.

Filippe, entretanto, ia preludivando com energia, capaz de hombrear com a voracidade attribuida aos Cyclopes. Uma das mãos fez preza no primeiro melão de inverno, que encontrou, em quanto a outra, profanando as virentes capellas de salsa, forrageava nas tiras de presuntosinho de Melgaço e no real paio alemtejano. Dois cães, pouco amáveis de inquietos e felpudos, invadiram a sala, fazendo escolta ao capitão e tomaram posições junto da sua cadeira, associando-se ao banquete, com signaes nada equivocos de exigirem parte activa no espectáculo. Confrangido e perplexo, fr. João procurou chamar o amigo á observancia do decoro; mas o pae de Theresa, carregando a bocca de solidas munições respondeu-lhe sem se interromper com um: « não sejas tolo! » que deixou o padre vermelho como lacre, e nervoso como as beatas accessíveis ao convulso.

— « Acudam ao nosso capitão! » exclamou Diogo de Mendonça, perdido de riso com a ingenuidade do honrado Philippe. « Que pena empregar-se mal um appetite assim! Santo Deus! É admiravel... Lamento a ociosidade, em que o deixam. »

Laurenço Telles, a este tempo, discutia cheio de regosijo uma ode de Horacio com o padre Ventura, e nunca se achara tão feliz. O italiano concordava com elle, e o erudito batia o compasso á cadencia das citações, tendo o garfo e a faca apurados, como tochas, cada um em sua mão. Interrompidos pela exclamação maliciosa do secretario, volveram de repente os olhos para o lugar do sobrinho, e enfiou. Uma pitia

das cascas meias devoradas do infeliz melão formavam o monumento accusador. Envergonhado e offendido o erudito, trocou uma vista plangente com Fr. João, não menos confuso, e passou a afogar a dôr e ira na mais pausada e estrepitosa das suas pitadas. Era o recurso habitual contra os primeiros impetos da cholera. Depois, contendo-se com esforço, deu ordem a Jasmin para se principiar o jantar.

Os manjares foram os da epocha, e parecemos que pouco lisongeariam o gosto dos modernos gastronomos. Resentiam-se daquelles temperos oleosos e ás vezes rancidos, que um certezão francez aborrecia, declarando-os tão abominaveis, como o cóрте das vasquinhas, e a armação dos toucados, com que se desfigurava a belleza e a graça natural das damas portuguezas. Os proprios titulos das iguarias eram citadas ao paladar. A sopa, chamada *á italiana*, por exemplo, sob apparencias substanciaes e innocentes occultava a peor de todas. Quem visse as rubras tiras de presunto, e as vermelhas rodas de paio, com estufado de carneiro, e quartos de limão, nunca esperaria, que o caldo em que se aboberavam fosse um mixto nauseante de gemas de ovos, assucar e canella! A sopa á franceza coroada de pombos, adens, e meias linguas de porco, sorteados de olhos de alface e de chicoria, no meio de capellas de cheiros e de cebolas cravejadas, recommendava-se pelo defeito opposto, ardendo em especiarias que faziam voar a bocca!

Estes pratos foram seguidos de duas gallinholas recheadas, sobre um calvario de sópa de queijo, com cintos de alcaxofras passadas e de chuletas de vitella. Logo a par, a vista encontrava uma potagem de coelhos e perdizes á caçadora, guarnecidas de cartuxas de alcaparras; e uma montanhoso fiambre de javali, enfeitado de laços e recortes dignos da reputação europea do presunto de Westphalia. Em presença desta provocação picante o dominico dilatou as azas do nariz, compoz o barretinho, e correu de leve o lenço pelos beiços humidos e titilantes. O abade, não menos famelico, porém mais recen-trado, mais cheio de importancia silenciosa, cresceu sobre os joanetes, estendeu a mão em pallia sobre os olhos, como se cada prato fosse um astro rutilante, e com o garfo e a faca no ar, e em continuo movimento, principiou o melindroso officio de trinchante, desempenhando as sortes e os requiebrs do estylo. Os convites cruzaram-se; as perguntas e respostas repetiam-



se; e pouco a pouco o silencio, apoderando-se de todos, attestou a actividade attenciosa, com que rendiam as suas homenagens aos guizados.

— « Delicioso ! » disse enfim o jesuita respondendo a Lourenço Telles. « À mesa do cardinal Beroni, em Roma, que ha de ter ouvido citar, não se come melhor, e direi até sem lisonja, que nem igual. A grande difficuldade deste prato, tenho ouvido aos mestres, é conseguir que o doce se sinta, mas não enjoie. Está excellente, por isso. »

— « Não duvido ! » replicou o ministro arguindo a sôpa elogiada com uma visagem epigramatica. « Mas nunca fui apaixonado de pombos de gemadas ! Antes algum amargo... Em Hollanda coze-se uma sôpa em cerveja fervida... »

— « Medonha ? » acudiu o visitador sorrindo.

— « Horrorosa, sem lhe fazer injuria ! Que infernal insipidez ! E depois acha-se-lhe um agrodice de botica... Arrepio-me só de me lembrar. Deram-m'a a miúdo ; e eu comi... que remedio ! Resignei-me a ponto de no fim me vingar dos meus perseguidores. Sabe, sr. padre Ventura, que no anno de 1692 um prato deste pão remolhado em tisana custou aos Estados Geraes nada menos de oitenta mil patacas ? »

— « Não me parece barata, devo confessar... » disse o jesuita com malicia.

— « Duas semanas, por essa conta, arruinam em sôpa uma nação ! » acudiu Lourenço Telles.

— « Perdoe o meu antigo amigo ! Sahe-lhes de graça por via de regra. Mas n'um jantar, para que me convidaram como enviado de Portugal, taes elogios fiz da sôpa, e tanta cerveja fervida entornei no estomago, que os meus amphitriões assentaram que eu ainda era mais hollandez do que elles proprios. Deus sabe como sentia as entranhas no meio das odes á beberagem ! No fim ouviram-me, e deram-me razão. Os piratas de Flessinga perderam as prezas, tomadas contra direito, e a indemnisação andou por oitenta mil patacas !... Como tudo isto em grande parte resultou da amizade ganha pela adhesão á tisana fervida, digo que nunca se comeu na Hollanda, nem no mundo, sôpa por este preço... »

— « O que prova como pelas pequenas cousas se chega ás grandes » observou o jesuita. « Sem a cerveja... »

— « Não nos davam as patacas » redarguiu o diplomata, rindo-se. « Não se faz idéa do que são aquelles hollandezes em negocios de dinheiro... parecem-me os hebreus modernos. Meu rico

sr. abbade, faz-me favor de repartir comigo desse bom vinho de barra a barra ? »

— « Escusas de te cançar, exclamava Filippe para o procurador, hei de dizer o que quero. A mim ninguem me mette uma rolha na bocca. Comi cobras, macacos, e lagartos, isso entende-se ; mas não lhe deitavam assucar, homem ! Não posso calar-me. É peor cem vezes do que osinhos de andorinha da China temperados com oleo de mamona. Pombo doce ! Pato com canella ! Só no inferno. E ainda por cima caíram tudo de gesso. Não lembra ao demonio ! Pedes ao abbade uma pernita dessa galinha que tem alcaparras?... Deus te pague. Ora vamos a vêr... Fóra com o logro ; é outro lambedor ! Sabe a mel ! Oh, fr. João, quem fez esta pouca vergonha ? Aposto que foi aquelle seresma ? Se elle metteu o nariz na copa e na cosinha ! Rebuçados de frango !... Mil bombas o partam ! »

— « Filippe, gritou o commendador exasperado, advirto-lhe que está á meza, ao altar de Deus, em companhia de senhoras e de pessoas de respeito... »

— « Aonde eu estou é dentro de uma barrica de melasso ! » bradou o capitão furo de raiva e enxugando a bocca com uma dose de vinho da Madeira. « Nunca vi cozer galinha em doce ! »

— « Se não gosta, quem o mandou comer ? »

— « Obrigado ; mas tenho vontade, e não estou para jejuar. Não almocei senão duas perdizes. Sinto-me fraco. »

— « Com razão ! acudiu o secretario, cheio de malicia. O que são duas perdizes a um almoço ? Deve estar cahindo de debilidade... Quer seguir um máu conselho ? Se não gosta de assucar nas carnes, e eu confesso o mesmo peccado, o sr. abbade tem alli diante umas cartuxas de vitella e umas perdizes, que lhe recommendo... Creio que é amador ? »

— « Eu ? Gosto de tudo principalmente. Sou capaz, com fome, de roer até uma caveira de jacaré... mas sem melasso. E tu, sonsinha, porque estás com os olhos espetados no tecto e o prato ás moscas, em ar de Santa Margarida de Cortona ? Jeronymo obrigue aquella tola a comer ; ella é sua noiva, e pertence-lhe. Olhe que mulher com fastio é peor do que o gafanhoto na seara... Sei o que digo ! Fr. João, dá-me vinho, ou o que fazes ? Bebestes o meu, e deixas-me arribar em secco ! »

— « Nem lhe toquei ainda. O ultimo foi o que deitaste no teu copo... »

— « Pois sim, diz que fui eu, mas dá-me

vinho. Tudo me sabe a xarope. Malditos pom-bos!»

— «Estas perdizes são de molho de Miguel Dias, e as alcaparras levantam-lhe o sabor» disse o abbade. «Dá-me licença, sr. padre Ventura, que lhe offereça?»

— «Dou e agradeço. Parecem-me appetitosas... Este pelo que noto, Miguel Dias, era doutor em perdizes?»

— «Em tudo de cosinha!» tornou fr. João. «Conheci-o muito; fomos amigos de tu. Tinha receitas preciosas. Por exemplo aquella perna assada guarnecida de lingoiça sobre sopa doirada... elle é quem achou a combinação.»

— «E merecia um habito de Christo!» acudiu Diogo de Mendonça, levantando o copo, aonde no licor alambreado da Madeira se viam server os atomos de oiro. «Qualquer das coisas só era boa, porém juntas ligam-se em uma consonancia admiravel. Pediria ao meu amigo fr. João mais um bocadinho, se não lhe desse incommodo.»

— «O que tem aquelle prato?» perguntou o abbade.

— «Não sei, parecem mariscos.»

— «Hei de provar. Faz favor de uma pouca de lebre assada?»

Filippe, que estava roendo com delicias um pollegar de vitella guarnecido de descabidas suspendeu as evoluções e olhou com cuidado para a bocca e para o prato do auctor da carta a Lucio Floro. A esse tempo fr. João cortava para si igual porção de lebre, e servia-se do mesmo marisco.

— «O presunto de Westphalia tem jus á sua fama; observou o secretario, mas o bom presunto portuguez está acima da inveja. Agora o ros-beef dos inglezes...»

— «A escorrer em sangue?» gritou Lourenço Telles. Nunca o pude sopportar. Sr. abbade, que vinho é esse?»

— «Bordeaux legitimo!»

— «Vou renovar saudades... Cecilia offerece á minha bella inimiga desses melindres. São ovos, herva doce e assucar... suaves como o seu coração quando não é cruel. Theresa, diante de ti está do que gostas; Jeronymo que te corte dessa capella imperial das freiras. Estas meninas, padre mestre, assentam que se vive só de amor.»

— «Pollegares de vitella?» respondia o jesuita a Philippe. Agradeço. Não sei porque, lembrem-me os pollegares de urso, que se fazem na Alemanha.»

— «E então?» perguntou Diogo de Mendonça.

— «Sempre é urso. Assemelham-se a mãosinhas de creança.»

— «É como os macacos no espeto, que se comem no Maranhão.» gritou Philippe radioso, olhe, sr. Diogo, são esquisitices e nada mais. Tanto faz gato como lebre; tanto vale um mojangé de caracões e rans, como um prato de marisco.»

— «Não nos esteja a horrorisar!» atalhou Lourenço Telles com desabrimento. «Coma serpentes e bugios, mas guarde o elogio.»

— «Deixe-se de historias, tio! A scisma é que faz o mal. Pergunto, isto é lebre ou foi gato?» clamou rindo e mostrando uma cabeça felina escondida debaixo da tampa de um covilhete. «Quem saboreou estas rans e estes caracões achou-os enjoativos?» E apresentou o corpo de delicto descobrindo outro prato.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

#### SAUDAÇÃO DE DUAS MENINAS À SUA MESTRA.

Um assignante da *Revista*, em Pernambuco, nos pede a inserção da seguinte poesia e de mais algumas do mesmo auctor, ao que annuimos.

Em dia tão bello canções alternar.  
Deveis, companheiras, á Mestra querida;  
N'um dia tão bello tudo é festejar  
Aurora brilhante que surge na vida.

Sigamos, sigamos na trova innocente,  
Ao som dos cantares, no ardor da folia,  
Idéas tão puras que embalam a mente;  
E pulem nos peitos amor, alegria.

Aos annos que vovvem fiel saudação  
É amplo tributo, singela homenagem;  
Se os deve a candura, não murche o padrão,  
Retumbe sem susto mimosa linguagem.

A vós, oh senhora, que vedes na terra  
A lei que nos liga no amplexo d'amor;  
A vós, que, entre as graças que Pallas encerra,  
Sorris á existencia no lindo verdor.

Agora nós vimos render oblação,  
Nós filhas da creança que a vós nos conduz,  
Agora nós vimos: — mysteriosa attracção  
A este festejo nos chama e seduz. —

E eu pobre filha, das outras irmã,  
Por vós educada nas letras, na fé,  
Expresso o que sinto; sou pura, sou chã,  
Alheio á ternura meu peito não é.

Sorrí, fagueira esperança,  
Ao terno peito infantil.  
Sonho de grata ventura,  
De recreio juvenil;  
Vem entre nós, vem depressa  
Ceder-nos prazeres mil.

É hoje que a primavera  
Reluz com mais esplendor:  
Desponta mais bella a aurora,  
Surge o sol encantador;  
E tudo no immenso quadro  
Inspira prazer, amor.

Mãe carinhosa que vela  
Das filhas a educação,  
Nasceu neste dia ameno  
De tanta recordação:  
É de Candida o seu dia,  
— Tem candor no coração.

Eia, pois, saudemos todas,  
Irmãs de crença e de vida,  
A mãe, a mestra cuidosa  
Que por nós é tão querida,  
Cantemos seu nome egregio,  
Sua fama esclarecida.

E eu por mim, ó senhora,  
Vos dou na humilde canção  
Um simples, mas puro voto  
Da minha veneração,  
Do meu sentir tam profundo,  
Do meu respeito e attenção.

Sou filha por vós criada,  
Para sentir e viver:  
Sou por vós aparelhada  
Para sem custo exercer  
N'este mundo os meus direitos,  
E cumprir o meu dever.

É, pois, á vós que hoje cumpre  
Meus affectos tributar.  
Á vós que me daes ensino,  
Tam util, tam salutar:  
— Se acceitardes minha offerta  
Por isso me haveis de honrar.  
Recife, 1854.

A. R. DE TORRES BANDEIRA.

### POESIAS DE OTTONI.

#### Hymno — Stabat Mater etc.

Estava junto da Cruz.  
A triste Mãe dolorosa,  
Vendo afflicta, e lacrimosa  
Pendente o charo Jesus.

Banhada em pranto de amor,  
Gemente em dura agonia,  
Sua alma o echo sentia  
De aguda espada de dor.

Que tristeza! que afflicção!  
Em que abysmo de amargura  
Supportou esta Mãe pura  
Do Unigenito a paixão.

Convulsa de suspirar,  
(Com que dór! com que vehemencia!)  
Via o justo por essencia  
Padecer por nos salvar.

Que suplicio, oh Mãe de amor!  
Qual seria o peito humano,  
Que sentindo o proprio damno,  
Não sentisse angustia, e dor?

Como é triste, e natural,  
Vendo a Mãe o Filho em pranto,  
Que expressão desdobra o manto  
À ternura maternal!

Ella via o seu Jesus  
Em tormento acerbo, e novo,  
Pelas culpas do seu povo  
Flagellado sobre a Cruz.

Viu que o céu se annuviou,  
Quando o Filho desolado,  
De seu Pae desamparado  
Sobre o Golgotha expira

O universo estremeceu...  
Ah! permite, oh Mãe de amor,  
Que eu sentindo intensa dór,  
Possa unir meu pranto ao teu.

Dá-me luz, fervor, unção.  
De suave intelligencia,  
Que no amor de pura essencia  
Me transforme o coração.

Espero como em penhor  
De que és Mãe, de que me affagas,  
Que o amor das cinco chagas  
Seja o meu braço de amor.

Se o teu Filho padeceu,  
Só por dar-me luz, e abrigo,  
Reparte as penas comigo,  
O criminoso sou eu.

Dá-me contigo chorar,  
Teu soffrimento imitando;  
E as paixões mortificando,  
Na Cruz de Christo expirar.

O que em mim a fé produz,  
Quando aspiro consolar-te,  
É na dór acompanhar-te,  
Sempre firme ao pé da Cruz.

Nesse calix de amargor,  
Que compunhe a especie humana,  
Oh das Virgens Soberana,  
Dá-me angustia, pena, e dór.

Dá, que me possam valer  
Do teu Filho o sangue e a morte,  
E que eu tenha a feliz sorte  
D'entre as chagas m'esconder.

Se este asylo é qual penhor,  
Do que a fé sem vêr alcança,  
Minha unica esperança  
É na Cruz do Redemptor.

Espero sem merecer,  
Que no horror bem qu'indeciso  
D'esse tremendo juizo  
Me has de acudir, e valer.

Se ao perdão a graça induz,  
Dá, que no instante da morte,  
Me previna, e me conforte  
Quem por mim morreu na Cruz.

E n'essa Jerusalem  
Que é da luz morada certa  
Dá, que a minha alma liberta  
Goze em paz do summo bem.

## NOTÍCIAS E COMMERCIO.

**Obras publicas em Hespanha.**—Um amigo e correspondente nosso de Madrid nos escreve o seguinte:

«As aguas de julho e os temporaes de agosto foram uma calamidade que cerceou muito a colheita para os lavradores que tinham os fructos na eira ou ainda por ceifar. N'algumas localidades as aguas correram com tal abundancia que, sahindo do leito natural os rios e arroios, causaram gravissimos prejuizos; e n'outras a molestia das vinhas frustou as esperanças dos cultores.

Sem embargo disso, o nosso torrão abençoado nos subministra sempre abundantes productos; e os accidentes parciaes não influem na producção geral do modo que haja de reccar-se escacez.

Os projectos de caminhos de ferro vão em progressivo andamento. A direcção do caminho de ferro do norte por Avila e Valbadolid é questão que ainda está para resolver em conselho de ministros, e que não se apresenta tão facil no sentido em que a deseja a capital da Castella. No entanto os estremenhos representam que o caminho de ferro da Estremadura é o que ha de produzir menos despezas, por serem mais faceis as operações de atterros e desatterros. Para esta obra contam já com a alienação dos bens proprios das provincias de Caceres e Badajoz, cujo valor em bocca de venda se calcula em sessenta e seis milhões de reales, sem metter na conta o augmento que produzirão na basta publica.

O governo não approvou ainda as propostas feitas pela deputação provincial de Barcelona e outras corporações do Aragão para o caminho de ferro de Barcelona a Saragoça; e sem embargo disso, abriu-se

já na primeira destas capitacs uma subscrição de accionistas para a dita empresa, tomando-se logo no primeiro dia sessenta mil accções. Calcule-se a quanto montará quando o movimento se communicar a Lerida, Saragoça, e mais cidades que esta via ferrea deve pôr em rapida communicação. O caminho de ferro de Xátiva segue com tanta actividade que em breve estará aberto até Algemesi.

A actividade catalã não se alimenta só com a sua industria e as suas linhas de caminhos de ferro. No dia 19 do mez findo inauguravam-se os trabalhos da estrada de Barcelona até os dominios da sociedade agricola, immediatos á ribeira de Llobregat; e que deve passar pela falda meridional do monte de Montjuich.

Valencia não fica atraz da Catalunha, e por fins de setembro celebrará a inauguração das obras do seu porto.

De Cadiz nos annunciam que brevemente será reforçada a carreira transatlantica com dois grandes vapores, e que as communicações com a Havana serão de quinze em quinze dias. Parece que esta linha se estenderá a Vera-Cruz e outros portos de golpho mexicano. Esta providencia proporcionará ao nosso commercio da Andaluzia um movimento maravilhoso. cuja extensão só poderá avaliar-se sabendo-se que, apesar dos innumerables obstaculos ás nossas relações commerciaes com a republica do Mexico, importamos para alli multidão de productos do nosso fertil solo no valor annual de oito milhões de pezos duros. Era vergonhoso que estas sommas que se exportam da America em effectivo seja necessario remettel-as por via de Inglaterra pela falta de meios de communicação directamente com a Hespanha.

**Batatas na Irlanda.**—As correspondencias de Dublin publicadas nos jornaes de Londres dizem que, segundo as informações obtidas pelos commissarios da lei dos pobres, a colheita das batatas não se apresenta tão ruim como suspeitavam. Alguns districtos soffreram mais que outros; mas, a molestia não era geral; e em summa, conforme os dados officiaes, deveria colher-se quantidade destas raizes alimenticias sãs sufficiente para o consumo geral até o verão proximo.

## BIBLIOGRAPHIA.

COMPENDIO ELEMENTAR DE BOTANICA, por J. J. de Sousa Telles, pharmaceutico formado pela nova escola, professor particular de materia medica e pharmacia; ornado com gravuras e estampas.

Vende-se a obra completa, em brochura, por 400 rs. na rua Augusta n.º 1, 2, 8, 23, 188, e rua do Oiro n.º 212.

N.º B. Publicaram-se as folhas 13.ª 14.ª e 15.ª

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 9.

QUINTA FEIRA, 9 DE SETEMBRO DE 1852.

12.º ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### A REFORMA DA PAUTA.

Entre os artigos publicados ácerca da reforma da Pauta, é um dever de justiça fazer especial menção dos artigos do jornal — *A Imprensa*. — Ainda que nas idéas geraes as nossas opiniões são conformes com as doutrinas desse jornal, como divergimos em pontos especiaes de applicação, julgamo-nos obrigados a publicar algumas considerações sobre taes artigos. Não nos sendo possível cumprir este dever em o numero de hoje, não nos queremos dispensar de consignar o facto da reforma da Pauta ter dado origem a esses artigos, que honram muito o jornalismo portuguez.

### EXPOSIÇÃO UNIVERSAL EM NOVA-YORK.

Estando legalmente auctorisado para representar em Portugal a associação emprehendedora desta exposição, julgo do meu dever dar publicidade á traducção dos documentos authenticos que se referem á exposição de Nova York. Devo tambem fazer publico, que já me dirigi ao governo, quando só me considerava agente provisório, chamando a sua attenção sobre este importante facto industrial, e que tenciono, como é do meu dever, informar o publico da correspondencia que forçosamente tenho que estabelecer com o governo ácerca desta exposição.

Rogo a todas as pessoas a quem possa inte-

ressar a exposição a que me refiro, o favor de se dirigirem por meio de carta franca de porte, á rua dos Fanqueiros n.º 82, Lisboa, com a indicação do local a que devo dirigir a resposta.

Lisboa 7 de setembro de 1852.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

(Cópia.)

Londres 6 de julho de 1852.

Sr. Ribeiro de Sá.

Prezado sr. — Como unico representante na Europa da exposição da industria de todas as nações que ha de ter logar em Nova York no proximo anno, sendo a abertura na segunda feira, 2 de maio de 1853, tenho a pedir-vos que, como agente em Portugal, para o que vos auctoriso, vos encarregueis de indagar e transmitir-me successivamente os nomes das pessoas que desejarem concorrer áquella exposição, e qual o espaço que se pertende occupar.

A companhia que represento foi confirmada por decreto especial da legislatura do estado de Nova York. A corporação da cidade concedeu Reservoir Square para local do edificio e tem diligenciado prestar a necessaria força policial. As auctoridades da alfandega consentiram em que o edificio fosse como um armazem de deposito, de modo que as fazendas podem ser expostas sem pagar direitos em quanto não forem vendidas. Achando-se preenchido o capital, os directores definitivamente fixaram a segunda feira 2 de maio de 1853 para dia da abertura, como acima disse. Incluo cópias dos documentos officiaes em meu poder, relativos á exposição, e juntamente uma lista dos directores.

Os objectos destinados á exposição serão conduzidos do porto de embarque a Nova York livres de despesas, e devolvidos de igual modo se não forem vendidos. É preciso, portanto, empregar todo o cuidado na escolha dos objectos de modo que nenhum seja remetido que não mereça o custo do frete, no que respeita ao seu valor, belleza, novidade ou utilidade. Um dos mui importantes caracteres desta exposição é a admissão de obras de arte de todos os generos, taes como, pinturas, gravuras etc., muitas das quaes foram excluidas do plano da exposição de Londres.

Estou convencido que com o conveniente cuidado esta tentativa pôde ser de grande vantagem aos artistas e fabricantes de Portugal, porque lhes offerece excellente oportunidade de acharem novas sahidas aos seus productos. Portanto, recomendo este assumpto á vossa particular attenção, esperando em breve ser informado dos passos que julgardes necessario dar a este respeito. Sou etc. — *Charles Buschek*.

## DOCUMENTOS.

## N.º 1.

Besolveu-se que o livre uso e unica occupação do terreno denominado *Reservoir Square*, pertencente á corporação da cidade de Nova-York seja concedido a Eduardo Riddle e seus socios pelo prazo de cinco annos e para o fim abaixo mencionado, ou pelo periodo de tempo que lhe convenha, não excedendo cinco annos contados da data desta deliberação; pagando por isso os sobreditos Riddle e seus socios um *dollar* (920 rs.) por anno de renda, para se erigir um edificio de ferro e vidro, destinado a uma exposição industrial de todas as nações, conforme a petição junta, e com a condição de que o preço d'entrada no dito edificio não exceda cincoenta *cents* (460 rs. proximamente).

Resolveu-se que os passeios em torno da praça sejam calçados debaixo da direcção da commissão das ruas, dentro em 6 mezes a contar da presente data, e para isso é applicada a quantia de mil *dollars*.

Resolveu-se que, estando construido o dito edificio, se requerera a sua honra o *mayor* para fornecer uma sufficiente força de policia afim de proteger o mesmo edificio e as fazendas nelle collocadas.

Adoptado pela meza dos *aldermen* assistentes, em 29 de dezembro de 1851. — Pela junta dos

*aldermen* em 3 de janeiro de 1852. Approved pelo *Mayor* em 3 de janeiro de 1852. — Logar do Sello. — Em testemunho do que a sellei com o sello da cidade de Nova-York, hoje 13 de janeiro de 1852. — *D. T. Valentine*, escrivão do conselho municipal.

## N.º 2.

Decreto que organisa a associação para a exposição da industria de todas as nações, lavrado aos 11 de março de 1852.

O povo do estado de Nova-York, representado no Senado e assembléa, determina o seguinte:

Art. 1.º Charles King, William C. Briant, William Kent, Mortimer Livingston, Augustus Belmont, Watts Sherman, Alfredo Pell, Alexander Hamilton Junior, Edward K. Collins, Francis W. Edmonds, Elbert J. Anderson, Theodore Sedgwick, Johnston Livingston, Charles A. Stetson, e todas as pessoas que ora são ou venham a ser socios com os sobreditos, constituindo-se accionistas como abaixo se declara, formarão e com effeito pelo presente formam um corpo colectivo com o nome de Associação para a exposição da industria de todas as nações.

Art. 2.º O capital da dita Companhia, será de duzentos mil *dollars*, e será dividido em acções de cem *dollars* cada uma; e pôde de futuro ser augmentado pelos directores da Companhia, comtanto que o total do capital não exceda a quantia de trezentos mil *dollars*.

Art. 3.º Os negocios da Companhia serão administrados por onze directores, eleitos annualmente pelos accionistas da dita Companhia. As pessoas aqui nomeadas a saber, Mortimer Livingston, Alfred Pell, Alexander Hamilton Jr. Johnston Livingston, John E. Develin, Elbert J. Anderson, Theodore Sedgwick Francis W. Edmonds, Charles A. Stetson, Phillip Barrowes, e Henry C. Murphy serão directores da dita Companhia até á primeira eleição, que terá logar na primeira segunda feira de março de 1853. Os directores publicarão o tempo e logar em que se celebrar tal eleição, e todas as subsequentes, em dois jornaes diarios da cidade da Nova-York, duas vezes por semana em as tres semanas immediatamente precedentes á eleição. Cada accionista terá um voto por acção. A eleição será por espheras, e poderá votar-se por procuração. Os directores funcçãoarão até serem eleitos os seus successores. Todas as vagaturas na direcção podem ser preenchidas pelos actuaes directores.

Art. 4.º Os directores nomearão annualmente um presidente, um thesoureiro, um secretario, e tres inspectores, dos quaes estes ultimos serão accionistas, e os empregados ou agentes que opportunamente julgarem necessarios. Poderão despedir os empregados e nomear outros, e fazer os estatutos, e os regulamentos para a policia do edificio, para a geral administração da Sociedade como fôr conveniente, e conforme as leis.

Art. 5.º A associação pelo presente creada gozará das faculdades e será sujeita ás restricções, expressas e enumeradas no capitulo 3.º da 1.ª parte dos estatutos reformados deste estado; e além disso, tambem lhe é concedido:

1.º Occupar quaesquer bens da raiz, sendo auctorizada pelo proprietario ou proprietarios, conservando-os por todo o tempo marcado neste decreto para a duração da associação; e edificar nelles um edificio, cujo custo não exceda duzentos mil dollars:

2.º Formar contractos e ajustes com todas as pessoas que desejarem mandar objectos á dita exposição, nos termos e debaixo das condições que os directores julgarem convenientes. Receber dessas pessoas, quer nos Estados-Unidos quer nos paizes estrangeiros, fazendas, generos, objectos de Bellas-Artes, e quaesquer outros destinados á exposição no dito edificio, e patentealos ao publico.

3.º Determinar e receber o preço da entrada, comtanto que em nenhum caso exceda por uma só entrada 50 cents. Distribuir premios entre os mais eminentes e habeis expositores; e em summa praticar tudo o que for necessario e proprio afim de preencher o proposito geral de uma exposição da industria de todas as nações.

4.º Dispor do edificio e vendel-o, quando o referido proposito se tiver consummado.

5.º Dividir e distribuir igualmente entre os accionistas da mencionada associação o producto tanto das entradss como da venda do edificio, tendo previamente satisfeito todas as despesas.

Art. 6.º A subscrição para a dita associação abrir-se-ha debaixo da inspecção dos directores, conforme as regras que elles prescreverem. As acções da associação serão consideradas propriedade pessoal, e sómente poderão transmittir-se por meio de averbamento que conste dos livros da associação.

Art. 7.º Os directores poderão tomar e receber subscrições de individuos que pertenderem concorrer para o objecto da associação sem in-

tenção de lucros, e em tal caso farão todos os regulamentos necessarios para o embolso de taes subscrições, antes de se dividir o producto liquido da exposição entre os accionistas.

Art. 8.º Os directores poderão tomar as disposições que parecem convenientes, relativamente ao tempo e ao modo do pagamento das subscrições, e á confiscação das primeiras prestações por falta de pagamento das subsequentes: mas, os annuncios para pagamento serão feitos com a antecipação de duas semanas pelo menos, e serão publicados duas vezes em cada semana, em dois periodicos diarios da cidade de Nova-York.

Art. 9.º Os accionistas da companhia pelo presente creada serão collectiva e individualmente responsaveis por todas as dividas que se devam a todos os seus operarios, creados, ou quaesquer empregados em serviços feitos á dita companhia.

Art. 10.º Todos os accionistas da companhia serão collectiva e individualmente responsaveis aos credores da mesma até á importancia das acções que tomaram, cada um pelas suas, por todas as dividas e contractos feitos pela dita companhia, até que esteja paga a totalidade do capital fixado por este decreto. O capital assim limitado e fixado será pago, metade dentro de um anno e a outra metade dentro de dois annos da confirmação da companhia, ou a mesma será dissolvida.

Art. 11.º Ficam obrigados os directores a designar um ou mais dias, nos quaes precedendo annuncio nos jornaes de Nova-York os meninos e alumnos das aulas da sociedade publica das escholhas das instituições dos surdo-mudos e cegos, e do asylo de orphãos, da mesma cidade, sejam admittidos livres de despeza de entrada.

Art. 12.º Ficam tambem obrigados os directores a designar um dia, igualmente annuciado como se disse no artigo precedente, no qual o producto liquido das entradas seja entregue aos thesoureiros da repartição dos incendios para ser applicado em beneficio das viuvvas e orphãos dos que trabalham nos fogos, e tiverem morrido, nas cidades de Nova-York e Brooklyn, sendo repartido na proporção de tres quartas partes para as viuvvas e o quarto restante para os orphãos.

Art. 13.º A associação creada por este decreto durará por um prazo que não exceda cinco annos a contar do tempo em que o mesmo decreto começar a ter execução.

Art. 14.º O presente decreto terá effeito immediatamente.

Secretaria de estado da Nova-York. — Con-



frontei o precedente com o original archivado nesta secretaria, e certifico que é uma exacta copia do contheudo em todo o sobredito original.

Dado sob o sello do meu cargo na cidade de Albany aos 15 dias de maio do anno de Nosso Senhor de 1852. — Logar do sello. — *Henrique S. Randall*, secretario de estado. — Logar do sello.

Estados Unidos da America, por Washington Hunt, governador do estado de Nova-York. — Pela presente certifico que Henrique S. Randall é secretario de estado de Nova-York e que o traslado annexo de uma lei é do proprio punho do dito secretario, e o dito traslado está authenticado em devida fórma e pelo official competente. Em testemunho do que lhe foi posto o sello grande do estado; e a escrevi e assignei na cidade de Albany, aos 15 de maio do anno do Senhor de 1851. — Logar do sello grande do estado de Nova-York. — *Washington Hunt*. — Registada. — *Archibald Campbell*.

Consulado de S. M. B. em Nova-York. — Antonio Barclay, esq., consul de S. M., certifico que s. ex.<sup>a</sup>, Washington Hunt, por quem foi passado o attestado junto, por elle feito e sellado com o sello grande do estado de Nova-York, era no dia do sobredito attestado governador do referido estado de Nova-York, devidamente eleito, e a seus actos officiaes se devem plena fé e credito. Em testemunho do que assigno o presente e sello com o sello do meu cargo, na cidade de Nova-York aos 18 de maio do anno do Senhor de 1852. — *Antonio Barclay*. Logar do sello.

Certifico e dou minha fé em como a assignatura de Antonio Barclay, no fim da precedente lauda é do proprio cavalleiro, consul de S. M. B. em Nova-York. Secretaria dos negocios estrangeiros, 5 de junho de 1852. — Logar do sello. — *Stanley*, sub-secretario de estado.

N.º 3.

Alfandega de Nova-York, 24 de maio de 1852.

Sr. — Em resposta á vossa carta de 21 do corrente, pedindo informação, quanto á faculdade que haja de ser dada pelo governo aos directores da associação para a exposição da industria de todas as nações, tenho a honra de communicar-vos que nenhuma objecção se me

offerece á concessão do privilegio para construir-se um edificio pela associação como armazem de deposito, conforme as provisões da lei e as instrucções da repartição do thesouro; portanto, a vossa associação será habilitada para importar os objectos livres de direitos, feito o termo do costume, e ficando o dito deposito sujeito á superintendencia de um official da alfandega. Sou etc. — *H. Maxwell*.

Estados-Unidos da America, estado, cidade e condado de Nova-York. — Pelo presente publico instrumento, eu Christiano Gerland Eckel, tabellião do publico no estado e pelo estado de Nova-York, devidamente commissionado pelo competente diploma, sellado com o sello grande, ajuramentado, e residente na dita cidade, certifico que hoje 24 de maio de 1852, compareceu pessoalmente na minha presença, M. Samuel Dunn, desta cidade, de mim bem conhecido, e apresentando o original da precedente copia me requereu que o examinasse; e pela leitura do mesmo, confrontando-o cuidadosamente com esta copia, achei ser ella um exacto traslado do sobredito original, desde o principio até ao fim. E certifico mais que considero o referido original um documento genuino, do que não tenho a mais leve duvida. Em testemunho do que e por me ser requerido aqui me assigno, e lhe ponho o sello de meu cargo na data acima mencionada. — Logar do sello. — *Christiano G. Eckel* — tabellião publico — n.º 11 wall.

Consulado de S. M. B. em Nova-York. — Eu, Antonio Barclay, cavalleiro, consul de S. M., certifico que Christiano G. Eckel, esq., por quem foi lavrado, de seu proprio punho, e sellado com o sello do tabellionado o attestado junto, era na data do dito attestado notario publico no estado e pelo estado de Nova-York, devidamente nomeado e auctorizado, e a seus actos officiaes se deve inteira fé e credito.

Em testemunho do que passei, assignei e sellei a presente nesta cidade de Nova-York, aos 25 de maio do anno de Nosso Senhor de 1852. — *A. Barclay*. — Logar do sello.

N.º 4.

Associação para a exposição da industria de todas as nações. Nova-York, 25 de maio de 1852. A Carlos Buschek, etc. Londres.

Sr. Em sessão celebrada no dia 21 do corrente maio, a direcção desta associação adoptou

unanimemente a resolução abaixo transcripta, que, por ordem do presidente, tenho a honra de levar ao vosso conhecimento.

Sou & Will — Whetten, secretario.

« Resolvido que a abertura da exposição tenha lugar no dia 2 de maio de 1852. — Extrahido das actas. — W. Whetten, secretario.

N. B. Os precedentes documentos estão em poder do abaixo assignado, e podem ser examinados no escriptorio da exposição de Nova-York, n.º 6, Charing Cross, Londres. — Charles Buschek, agente na Europa.

#### LISTA DOS DIRECTORES.

*Theodore Sedgwick*, presidente.

<i>Mortimer Livingston.</i>	<i>Johnston Livingston.</i>
<i>August Belmont.</i>	<i>John E. Develin.</i>
<i>Alfred Pell.</i>	<i>Charles A. Stetson.</i>
<i>Alexander Hamilton, Jun.</i>	<i>Philip Burrowes.</i>
<i>Elbert J. Anderson.</i>	<i>C. W. Foster.</i>

Secretario, *William Whetten*.

Architecto intendente das obras — *Edmund Harr.*

Banqueiros — *Duncan, Sherman & C.<sup>a</sup>*

Agente na Europa — *Charles Buschek.*

Agente em Portugal — *S. J. Ribeiro de Sá.*

Lisboa rua dos Fanqueiros n.º 82. — Escriptorio.

#### RELATORIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS.

(Continuado de pag. 89.)

Uma funesta e quotidiana experiencia nos tem ensinado, que a pesar dos doutos e profundos estudos feitos sobre as enfermidades humanas, nem por isso o seu tractamento (raramente racional), deixa de ser problematico, em uns casos, e empirico e obscurissimo em outros. Esta obscuridade vae porém condensando-se progressivamente quando do homem se passa para os animaes domesticos, que não fallam, posto que se queixam, e destes para as plantas que não se queixam, por isso que não sentem. — A nosologia das molestias vegetaes ainda não sabiu do seu berço; e poucas destas molestias são cabalmente conhecidas pathologica e therapeuticamente.

Além disto, quando uma molestia ataca sporadicamente uma ou outra planta, e quando o tractamento é conhecido, póde este applicar-se com facilidade e com proveito; mas quando esta molestia se apresenta epidemicamente; isto é, quando se transforma n'uma epidemia, então aquelle tractamento torna-se difficilissimo, se não impossivel, pela grande extensão do mal, e pelo immenso numero dos individuos affectados.

Em vista destas considerações os commissionados

9 . .

vão apresentar, posto que sem cabal confiança, os methodos do tractamento, que tem sido aconselhados por alguns naturalistas de grande auctoridade; mas, apresentando-os, julgam do seu dever declarar com a franqueza singela da verdade que não tem factos e experimentos proprios, com que possam garantir a efficacia dos medicamentos preconizados. A molestia não foi ainda completamente estudada entre nós, nem o podia ser visto que começa de apparecer em Portugal; e debaixo do aspecto therapeutico, póde talvez asseverar-se que também inda o não fóra em França, nem na Italia, onde é mais antiga e geral do que no nosso paiz.

Entre os remedios aconselhados para combater a molestia figuram em primeiro lugar as aspersões ou loções applicadas por *M. Tucker*, e feitas com uma mistura de uma parte de flor de enxofre, uma parte de cal, e cem partes de agua. Em algumas localidades tem-se supprimido a cal, empregando a agua com a flor de enxofre nas proporções indicadas. As aspersões podem ser praticadas com uma bomba de irrigação, ou por qualquer outro meio, que se julgue opportuno. Podem também empregar-se as loções de agua pura, lançando em seguida sobre a planta a flor de enxofre ou a cal. Este tractamento parece haver sido preconizado pelos srs. *Bouchardt* e *Tucker*.

Tem sido também gabadas as loções com a agua de alcátrão, ou com o leite de cal, tendo em dissolução uma pequena quantidade de essencia de terebentina. Uma dissolução de mil partes de agua e de um millesimo de sulphureto de cal também tem sido empregada com algum resultado: mas na opinião do sr. *Bouchardt* a agua com a flor de enxofre é sempre preferivel.

Este tractamento, porém, difficilmente se poderá applicar a extensos vinhedos, não só porque esta applicação, para ser util, deve fazer-se simultaneamente em todas as vinhas atacadas; mas mesmo porque, segundo a opinião de varios naturalistas, é sómente na fugitiva epocha da invasão da molestia, que póde ser proficua. Mas se existem na verdade grandes difficuldades na applicação deste tractamento nos casos de a molestia haver tomado, como na Madeira, a fórma epidemica, não acontece certamente o mesmo, quando se manifesta sporadicamente, como nos arredores de Lisboa.

Uma outra especie de meios, que podem considerar-se como agronomicos, tem sido aconselhada por alguns experimentadores. A *póda curta*, é um delles. Assevera-se haver sido proveitosa. Mas todos os vitiadores sabem que este processo não póde assim empregar-se na maior parte dos casos, sem grave damno da planta, e sem consideravel diminuição da sua novidade.

A *mergulhia* aconselhada pelos srs. *Prangé* e *Bouchardat* é de todos os meios indicados o que merece decidida preferencia. Os agricultores praticos reconhecem que o processo da mergulhia é o mais proprio não só para povoar, mas mesmo para regenerar a vinha. As varas mergulhadas transformam-se em pouco tempo em videiras cheias de mocidade, de robustez, e de saude. Estas plantas devem pois, como todas as plantas novas e vigorosas, ser menos accessiveis á molestia, visto que a sua invasão e desenvolvimento se liga a uma certa frouxidão vital. E na

verdade a mucilagem apparece de preferencia nos tecidos, cuja vitalidade é fraca, ou naquelles, que abandonados das forças vivas, começam a decompor-se. São estas as razões porque este meio de reprodução e regeneração vegetal deve merecer uma grande confiança, como meio medicinal.

Na supposição de que a enfermidade depende de um vicio plethorico, tem sido ultimamente aconselhada a sangria feita por meio de incisões no caule e ramos principaes da planta; mas esta theoria parecendo infundada, os commissionados não ousam recommendar este tractamento, que a experiencia ainda não sancceionou.

Mas o que em todos os casos não póde deixar de ser especialmente vantajoso é o emprego de uma boa hygiene. Os meios perservativos não pódem deixar de inspirar, nas doenças das plantas, mais confiança do que os therapeuticos. E então os bons trabalhos tanto de preparação, como de entretenimento—o emprego de accertados correctivos—os estrumes vegetaes—a limpeza das cêpas—a incineração dos sarmientos e das folhas da planta—a applicação ao solo tanto destas como de outras cinzas vegetaes—a dos marnes, dos compostos calcareos, e mesmo do sal em pequenas doses e em dadas circumstancias—todas estas indicações, tão recommendadas por uma boa agrologia, são apresentadas pelos commissionados com aquella confiança, que inspiram os principios e dictames da sciencia, mas sem aquella firme segurança, que só a experiencia e a pratica abonam.

Concluindo este seu trabalho intendem os commissionados dever sinceramente declarar ao governo de sua magestade que a enfermidade, que já levou o terror e a consternação a alguns districtos vinhateiros, carece de ser ainda mais profundamente estudada—e que seria de grande conveniencia, tanto economica como scientifica, mandar proceder a este estado na propria localidade, onde a molestia se tem franca e largamente manifestado. E se o governo de sua magestade julgasse em sua esclarecida intelligencia dever adoptar esta providencia conviria nesse caso dar instrucções ao naturalista encarregado desse estudo, a fim de que fosse feito methodica e scientificamente. Cumpriria pois investigar: 1.º quaes foram as condições meteorologicas, que provocaram o desenvolvimento da *epidryada*, assim como quaes aquellas, que a tem acompanhado no seu curso; 2.º quaes as variedades da videira, que mais tem resistido á molestia, e quaes as atacadas de preferencia; 3.º qual seja a etiologia do mal, e quaes os symptomas, que se manifestam na sua invasão, na sua marcha, e na sua terminação; 4.º qual a natureza pathologica da enfermidade, e quaes as alterações morbificas que produz nos tecidos da planta; 5.º finalmente, quaes os meios perservativos e curativos, que se lhe devam oppôr.

Deos guarda a v. ex.ª Lisboa, 30 de julho de 1852.  
—Illm.ª e exm.ª sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães, ministro e secretario de estado dos negocios do reino.  
—O presidente da classe das sciencias mathematicas, physicas e naturaes, José Maria Grande.

## PARTE LITTERARIA.

A NOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXXII.

UM FIO NO LABIRINTO!

(Continuado de pag. 94.)

Ouvindo a revelação aterradora, a faca e o garfo caíram ao procurador de S. Domingos e ao abade. Por impeto commum os dois gastrónomos afastaram com horror o guisado escandaloso. O capitão, subindo a voz duas oitavas, tremulava em triumpho a cabeça felina no meio do silencio geral. Não é possível descrever a nausea e a desconfiança, que se pintaram de repente no semblante de todos. O secretario olhou para o infeliz fr. João conservando no ar a garfada que levava á bocca. O padre Ventura em um exame calado, mas pertinente, verificava a lealdade das iguarias que tinha consumido. Lourenço Telles, convulso, extatico, e meio cego, virava o copo cheio sobre um prato de alcachofras recheadas, administrando-lhe um baptismo de vinho de Bordeaux.

De subito, o investigador das bexigas doudas saiu do espasmo, em que parecia uma estatua, quiz balbuciar algumas desculpas, e como um foguete, partiu da casa do jantar. O dominico roxo e quasi apoplectico limpou o rosto do suor, que o inundava, procurando socegar o estomago por meio de repetidas libações. Vendo apparecer inopinadamente a cabeça do gato, e os restos mortaes das rans, as tres meninas soltaram um grito, e levantando-se todas ao mesmo tempo, saíram da sala sem proferir palavra. A cabeça de Medusa causaria menos pavor do que o tropheu erguido por Philippe.

Este, lisongeadado do estrepito, tomava posse da solidão devida ás suas proezas, e questionava com Magdalena, demonstrando que tudo aquillo se reduzia a um curso de philosophia pratica. Rindo estrondosamente das visagens de fr. João, e de olhar enviusado, com que este o fulminava, o capitão da sereia trinchou, ou antes esquartejou a perna assada, passou para o seu prato uma alentada porção, e cruzando os joelhos, principiou a despachal-a com uma beatitude capaz de attestar a sua completa innocencia. Este rasgo de

impenitencia final levou ao apogeu a exasperação do commendador. O erudito estava persuadido de que Minette fóra a victima sacrificada, e sentia nos olhos as primeiras lagrimas derramadas em memoria da amizade.

Pondo-se de pé, e fazendo tremer o sobrinho diante do olhar terrivel, que faiscou das pupillas azues, Lourenço Telles deu ordem a Jasmin para procurar Minette por toda a parte. Depois, conservando-se em pé, com as mãos sobre a meza, e o corpo debruçado, ficou esperando a volta do escudeiro com sombria gravidade. O mensageiro pouco se demorou, tornando logo com a grata noticia de que o gato valde, em vez de uma decapitação, cosia serenamente enroscado a digestão do seu almoço. Depois de tranquillo sobre este ponto é que o velho erudito pôde articular, exprimindo em severos termos a cholera que o suffocava.

— «Filippe, gritou o commendador, a sua ultima brutalidade esgotou a minha paciencia. Adverti-o dos seus deveres; cancei-me a prégar-lhe o respeito das pessoas, que é indigno de acompanhar. Com v. mercê tudo é perdido. Saia immediatamente da minha presenca, e não inquiete os poucos dias que Deus me deixar viver. Está muito velho para se fazer creança; e cada vez acho mais peizadas as suas graças. Isto não é mato nem sertão; aqui não se comem feras, nem reptis! Não faz caso de seu tio; mas eu o obrigarei a mudar de costumes e a conter-se. Esta casa não serve de pateo das comedias, nem de balouço de arlequins. Saia!»

O capitão com os olhos esgazeados, e o pezar impresso no rosto parecia assombrado. Nunca suppoz que dar gato por lebre ao abbade incitasse o commendador a romper em tanta ira. As repetidas amnistias tinham-no costumado a julgar-se inviolavel; e ouvindo o mandado de despejo, em um tom que não soffria replica, perdeu o juizo e vieram-lhe as lagrimas aos olhos. Estimava o velho sabio sinceramente, e como succede aos homens cuja casca é tosca e grossa, o seu coração no fundo era excellente, e de mais sensibilidade do que muitos presumidos de meigos e delicados. Enrolando machinalmente a toalha da mesa no braço, com grande perigo de juntar aos outros erros o terremoto provavel da louça, que ia trazendo atraz de si, Filippe contristado e perplexo sandou com um pescção valente o hombro do dominico, dizendo-lhe ao mesmo tempo.

— «Anda, falla! Dize alguma coisa a meu

favor. O tio está assanhado como uma vespa.»

— «Não fallo tal! replicou o frade vermelho e tremulo. Cada vez estás peor; promettes emenda, e amanhã tornas...»

— «Em nome de seiscentos milheiros...»

— «Pragueja agora como um marujo!.. Depois de nos meteres no estomago, perfidamente, toda a especie de bichos, uma arca de Noé em pezo, afunda a casa com blasphemias. Não te falta senão isso.»

— «Não sejas asno, fr. João! Dize ao tio que foi graça... senão fallo eu, e vai tudo por pó do gato.»

— «Só se me promettes...»

— «Não te dar caracoes ensopados? está dito! Nunca mais. Mas quem te mandou ser guloso, tu, um homem velho?»

— «*Mea culpa!* gemeu o frade quasi aplacado. Não deixas de ter razão. Na minha idade a gente não se deve arriscar em terra estranha... fica-me de lição.»

— «Ainda bem! O gato vinha para o seresma do abbade, e vais tu, e fazes-te á vella na mesma derrota!..»

— «Podias ter-me avisado...» suspirou meio convencido o padre mestre.

— «Sim para elle não comer?! Menos isso, Fr. João. Então fallas?»

— «Por esta vez sómente; olha que é a ultima.»

— «Já te disse. Daqui em diante estou calado e quieto como um defuncto. Verás!»

— «Deus queira.»

Entretanto Diogo de Mendonça com uma seriedade á prova de riso, e o padre Ventura com as suas maneiras affaveis, manobravam no sentido de consolar o commendador, afflicto e offendido da irreverencia do capitão.

— «O meu antigo amigo dá licença? É um conselho de homem velho. Gato por lebre tem-se dado a muita gente; esta não é a primeira vez nem será a ultima provavelmente. Eu por mim nem sei quantas mo embutiam... O Além-tejo tem fama, e Lisboa pouco lhe ficará devendo. O sr. Filippe juntou-lhe as rans e os caracoes porque são medicinaes?.. Não acho caso para tanta bulha. O nosso abbade parece-me nervoso; a lembrança tem mais sal do que vinagre. Vamos, sr. Lourenço Telles, nada de me perder a serenidade que tambem lhe fica. Socegue-se. Entremos nos preliminares da negociação e e ponha-se a tristeza na rua.»

— «É um selvagem, não faz idéa! exclamava

mava o erudito: Bebe-me o *Lacryma-Christi*, arrebatame até os chambres de seda, e serve de capa aos lacaios para me saquearem o doce... Ultimamente, possuido de um odio bruto invenena o abbade, e foz da minha meza açougue de antropophagos... Se o deixo almoça o meu papagaio, e enchuga toda a garrafeira... Se tivesse em casa um regimento aboletado não me inquietava tanto.»

— « Sr. Lourenço Telles, elle promette moderar-se » acudiu fr. João intercedendo.

— « Ah, meu rico fr. João, não creia, *finis coronat opus*! É um Juvenal estúpido, um poço de malicia venenosa... Verá, não pára nisto. »

— « Tio, gritou o accusado, não me chame nomes hereges. O abbade é um mono, um alianço enredador. Sei o que digo. »

— « V. mercê não sabe o que diz, nem o que faz. Assente-se; largue essa toalha, para não me obsequiar quebrando os vidros, e a louça e depois fallaremos. Sr. padre Ventura, tenho a pedir-lhe mil perdões, assim como ao sr. Diogo de Mendonça. Jasmin, diga á minha bella inimiga e ás meninas que as estamos esperando. Fr. João, como companheiro na desgraça, quer encarrregar-se de consolar o abbade e de o trazer consigo? Esta nuvem passou; mas desde já o advirto, Philippe; se não deseja perder a amizade de seu tio, deve comportar-se de outro modo. »

— « No fim de tudo, observou o jesuita sorrindo para o secretario, o nosso abbade pagou a pena de talião. Tem mettido tanto gato por lebre, que foi justiça uma vez tirar-lhe a lebre, e por-lhe o gato. »

— « O pobre do frade! redarguiu o ministro com tristesa comica, se fosse menos devoto de S. Bartholomeu, eu dizia que o demonio solto se agarra aos habitos de fr. João! »

— « Nunca peor lhe succeda! Atalhou o visador. Olhe como Jeronymo está pensativo e fóra daqui? Parece que não vê nem ouve. Digo-lhe que dentro daquelle coração a tormenta é medonha. Logo saberemos. »

L. A. REBELLO DA SILVA.  
(Continúa.)

#### UM ANNO NA CORTE.

##### CAPITULO XXXIX.

#### REBENTA A TEMPESTADE.

A trama politica, intrincada, e astuciosamente urdida, de que eram auctores, e em que

incessantemente trabalhavam D. Rodrigo de Menezes, o sagaz e incansavel conselheiro do Infante D. Pedro, e os padres da companhia de Jesus, ia crescendo de dia para dia, e envolvendo por todos os lados o conde ministro e o proprio rei. A intriga, a calumnia, a alevesia minavam a corte de Affonso VI; e o poder de Castello-Melhor, baseado no valimento, sustentado por um principe quasi imbecil, inconstante, sempre irresoluto, oscillando sempre entre a furia descomedida do louco ou o pavor proprio de um espirito frouxo, sem resolução e sem vontade, decaía, cedia manifestamente ao poder mais forte, mais ousado, mais fallaz do Infante.

O partido de D. Pedro, estreitamente unido já ao partido da rainha, engrossava e fortificava-se pelos esforços dos chefes da conspiração. Sua Alteza, docil aos conselhos do seu estribeiro-mór e do padre Manuel Fernandes, principiou, por occasião de ter assistido á morte subita de um criado de El-rei chamado Agostinho de Ceuta, a frequentar muito os Sacramentos, a passar horas inteiras em oração, a buscar o retiro para se entregar á meditação, ganhando por este modo as sympathias da gente do povo, e do clero, que por toda a parte apregoava as suas virtudes e louvava o seu grande temor de Deus, buscando ao mesmo tempo tornar manifesta a impiedade e o descomedimento de El-rei. Para obter as sympathias dos militares, chamava o Infante á Corte-Real todos os que vinham a Lisboa requerer algum emprego e eram mal despachados, fazia-lhe muitas promessas, excitava-os contra o valido, e mostrava-se sentido pelas injustiças que El-rei praticava com os que fielmente o serviam. Aos nobres e aos poderosos de todo o reino fazia Sua Alteza mercês, alegrava com esperanças, lisongeava com agrados e favores. Ao povo, lisongeava-lhe tambem as paixões; ora chamando a si todos os membros da casa dos vinte e quatro, e tratando-os com grandes distincções; ora fazendo espalhar por Lisboa papeis contra o credito do Conde de Castello-Melhor e de seu irmão; ora publicando, com escandalo manifesto, a impossibilidade de poder a coroa ter outro herdeiro a não ser elle Infante; ora, enfim, mandando os seus criados cathequizar os homens mais influentes das confrarias e dos officios da cidade.

A tempestade ia-se por este modo formando, e escurecendo o horisonte, sem que no entretanto nenhum successo importante perturbasse a tranquillidade da corte. E com effeito parecia haver-

se estabelecido certa harmonia entre o Conde, privado de El-rei, e os fidalgos parciais de D. Pedro; harmonia que a Rainha mostrava querer tornar mais completa e perfeita. Diremos aqui o motivo porque essas relações, aparentemente amigáveis, se haviam formado entre inimigos, que nada podia reconciliar, e entre os quaes trevas mesmo eram impossiveis.

Alguns fidalgos, dos que seguiam o partido de Sua Alteza, zelosos do bem commum do reino, e ignorando talvez as relações que ligavam D. Pedro á Rainha D. Maria Francisca, relações de que um historiador contemporaneo escreveu: « não deixou de haver neste tempo na corte alguma murmuração secreta, e presumpção má do Infante com a Rainha; como os olhos são linceas, principalmente quando as vistas procedem da desconfiança, se observavam alguns movimentos, que ainda feitos com todo o disfarce, se tinham por maus signaes » alguns fidalgos, como iamoz dizendo, entre os quaes tinham o primeiro logar os marquezes de Niza e de Sande, começaram a encarecer a necessidade de casar o Infante sem maior dilação, para assegurar a conservação da coroa portugueza na dynastia de Bragança. O Conde de Castello-Melhor, julgando assim reconciliar-se com D. Pedro, e com os que tomavam partido por elle, ou pelo menos diminuir a animosidade com que o atacavam, e talvez porventura para vêr se afastava uma da outra as duas parcialidades do Infante e da Rainha, abraçou o pensamento dos dois marquezes, e persuadiu El-rei a que consentisse no casamento. A Rainha e Sua Alteza « para desmentirem a má opinião que podia crescer » mostravam interessar-se muito porque o negocio se effeitasse; fallando a Rainha, para esse fim, a D. Affonso VI: declarando Sua Alteza que estava prompto para seguir pontualmente as ordens de seu irmão, e pedindo que sobre o assumpto se consultassem os soberanos de Inglaterra, e El-rei lhe augmentasse as rendas e luzimento da sua casa.

Desta fórma se estabelecera entre as parcialidades contrarias aquella aparente harmonia, de que resultou por algum tempo na corte uma quietação, que perturbavam apenas as declamações violentas de imprudentes e mal soffridos servidores do Infante.

Tudo parecia encaminhar-se, pois, para a pacifica conclusão do casamento de D. Pedro, quando em 23 de agosto de 1667 se correram touros no Terreiro do Paço, para celebrar os

annos de El-rei, e festejar Santo Antonio, como era costume antigo na cidade de Lisboa. A segunda tourada estava para se fazer no dia 27, e Affonso VI, acompanhado por alguns fidalgos e pelo seu privado, saiu na vespera de tarde, da cidade, para ir esperar os touros, e acompanhá-los até á praça. Porém, em quanto El-rei, estava ausente, um acontecimento não esperado pelo Conde de Castello-Melhor e pelo seu partido, mas previsto e calculado de certo pelos que trabalhavam por lhe tirar o poder das mãos, veio alterar o estado das coisas na corte, de modo que, nem as festas de Santo Antonio poderam continuar, nem para o escrivão da puridade, para o poderoso ministro houve mais uma hora de socego.

Era nessa mesma tarde que deviam reunir-se no paço, pela primeira vez, o secretario de estado Antonio de Sousa de Macedo, e João de Rocha de Azevedo secretario do Infante, para tratarem do negocio do casamento. Antes de ir a esta conferencia, porém, o secretario de estado entrou na ante-camara, onde a Rainha dava audiencia publica, para lhe beijar a mão, e lhe apresentar uma carta que para ella viera do senado da camara da cidade de S. Paulo do reino de Angola. A Rainha, cercada naquella occasião de numerosa corte, composta dos francezes da sua casa, de fidalgos portuguezes, e de muitas damas, recebeu Antonio de Sousa de Macedo com semblante carregado, ar severo, e ameaçador silencio. Depois que o secretario de estado, amigo do valido, lhe beijou a mão, e lhe entregou a carta de Angola, D. Maria Francisca, levantando a voz, perguntou-lhe em que termos estava a consulta do Conde Mordomo-mór, que ella lhe havia confiado para ser vista por dois desembargadores.

— V. M. — respondeu o Macedo — fez-me a honra de me confiar os papeis que, sobre as preeminencias e prerogativas de seus respectivos cargos entregaram a V. M. o conde de Sancta Cruz seu mordomo-mór, e o seu secretario Pedro d'Almeida; esses papeis remetti-os a dois desembargadores, como V. M. me ordenou, e hoje acham-se no conselho d'estado.

— E porque se desobedeceu assim ás minhas ordens? — exclamou a rainha, que buscava um pretexto para se mostrar descontente.

— Senhora, eu cumpri as ordens de V. M.; porém os desembargadores, não se julgando auctorisados a decidir uma questão desta natureza, entregaram o negocio ao conselho d'estado. Póde

V. M. fallar nelle ao conde de Castello-Melhor.

— Ao conde hei de eu fallar em coisas da minha casa! — exclamou a franceza encolerizada, partindo o leque no braço da cadeira em que estava sentada. — Fiz proposito de lhe não fallar em nada, e agora ao proposito se seguiu juramento; porque não quero vêr-me desattendida, e affrontada por quem devêra obdecer-me. Faltastes á vossa obrigação, Sousa de Macedo, praticastes um excesso imperdoavel em alterar as minhas ordens.

O secretario d'estado, de um character irascivel, e violento e que demais era notado na côrte pela sua antipathia aos estrangeiros, principalmente aos francezes, teve necessidade de um grande esforço de vontade para responder respeitosa e á rainha:

— Minha senhora, bem vê V. M. que não fui eu, mas sim os desembargadores nomeados para vêr os papeis do conde mordomo-mór, quem alterou as ordens que V. M. deu sobre tal assumpto.

— Aqui todos obedecem ao Castello-Melhor, e por isso me não obedecem nem a mim, nem ao Infante, nem mesmo a El-rei. — E a rainha, que havia deixado cair o leque quebrado das mãos, amarrotava agora as rendas da *ballona* que lhe enfeitava o pescoço. — E o processo daquelle homicida, — proseguiu ella, — do arrieiro que matou no Alemtejo um criado francez da minha casa, que assassinou Estevão de Castilho, em que estado se acha? Ainda se não resolveu tambem nos tribunaes?

— Senhora, sobre esse processo levantam-se difficuldades, por causa das immunidades da igreja, e por não haver prova sufficiente do crime. O almocreve, que é accusado de ter morto Castilho, o criado francez de V. M., quando o conduziam para Lisboa fugiu, e buscou asylo n'um templo, d'onde o foram arrancar os soldados: e demais não ha testemunhas que o vissem praticar o assassinio.

— É só por me darem desgosto que não castigam, como merece, esse malvado — clamou D. Maria Francisca. — O conde, o privado de El-rei, oppõe-se a tudo que eu desejo: tendo poder para tudo, só para as coisas que me tocam a mim lhe fallece poder. Não só as injurias que se me fazem ficam sem castigo, mas até me tem reduzido a tão miseravel estado que chega a ser total pobreza.

E proseguindo nas suas queixas, inteiramente deminuida pela cholera, a rainha disse então que

lhe faltavam com tudo, que não tinha com que fazer uma esmola, porque lhe retardavam a consignaço de vinte mil cruzados, que El-rei lhe dêra; que o dinheiro ia todo para outras pessoas que estavam em summa prosperidade, em quanto a ella lhe faltavam as consignaço es, aos soldados as pagas, aos religiosos, aos orfãos, ás viúvas, e aos fidalgos os juro e as tenças; que ao duque de Cadaval haviam chamado do seu injusto desterro para a côrte, sem lho participarem, apesar de haver tantas vezes intercedido por elle.

— Emfim — concluiu ella — parece que quem ostentar o seu poder para mostrarem que eu não tenho parte alguma no governo: ha alguem na côrte que busca por desvanecimento occasiões de me offender, e que é tão soberbo que imagina que eu não vim a Portugal para ser rainha, senão para ser sua escrava.

— O conde de Castello-Melhor, e todos nós, não cuidamos senão em servir e agradar a V. M. — acudiu o Macedo. — Os negocios de que V. M. me acaba de fallar não dependem do conde nem de mim, a outros ministros toca a sua resolução; e a consignaço dos vinte mil cruzados, se V. M. ainda a não recebeu é porque, sendo nova, tem levado tempo e achado difficuldades a seu assentamento. Minha senhora — proseguiu elle, levantando a voz — junto de V. M. ha quem a engana. De todas as coisas importantes se dá parte a V. M.; e se da vinda do duque se lhe não disse nada, é porque El-rei guardou para si esse segredo, e o mandou buscar sem dizer nada aos seus ministros. Nós queremos que V. M. tenha maior poder do que todos na côrte; e se alguem a persuade do contrario, senhora, é porque é traidor e a quer enganar. Não tem V. M. razão em se queixar dos portuguezes, porque todos lhe tem tanto respeito e amor que passa a adoração.

— Não é dos bons portuguezes que eu me queixo, os respeitos desses são allivio das minhas magoas; só tres ou quatro me offendem. Hei de, porém, tomar conta das minhas rendas, para que não ande mais tempo usurpada a fazenda e riqueza das rainhas de Portugal. Eu bem sei, — continuou a rainha, tremula de pura raiva, e descalçando com violencia as luvas bordadas — eu bem sei que, na opinião dos que me perseguem, é grande crime fallar-me alguem e tratar-me como quem sou; mas eu já conheço a probidade daquelles a quem dou ouvidos, e a má vontade daquelles de quem me queixo, e



de hoje em diante não hei de pedir nem auxilio para o bem, nem justiça para o mal.

— Minha senhora... — interrompeu o secretario de estado, levantando a voz.

— Faltai baixo!

— Se fallo alto, senhora, é para que me oia todo o mundo.

A rainha poz-se de pé, branca, e enfiada, bradando imperiosamente:

— Callai-vos, Macedo.

O velho secretario de estado, lembrando-se que fallava á soberana, prostrou-se de joelhos, e com voz, em que se deixava perceber a colera mal comprimida pelo respeito, disse:

— Escute-me V. M., porque quero justificar-me...

A franceza, porém, em vez de o escutar voltou-lhe as costas, e Sousa de Macedo, para a deter, pegou-lhe com a mão convulsa nas fraldas do vestido, que rojavam pelo chão.

— Como! vilão — bradou ella batendo com o pé na casa, — és tão atrevido! — E levantando a mão, deu com a luva na cara do secretario de estado: encaminhando-se depois com passos precipitados para a sua camara.

Vendo-se o velho assim afrontado cruelmente diante de uma parte da corte, levantou-se livido, hirtó, com os olhos dilatados e fosforescentes, a boca tremula e semi aberta; afastou com uma das mãos as cãs, que lhe encobriam a testa, e, apontando com a outra para a porta por onde a rainha saíra, balbuciou com voz cava e soffocada:

— É uma acção indigna! Nunca um rei tratou desta sorte um vasallo... um velho!

Apenas D. Affonso VI voltou do campo, onde tinha ido esperar os touros, logo a rainha foi ter com elle para lhe contar os agravos que recebera do secretario de estado, e pedir-lhe que o castigasse severamente, para escarmento dos que a offendiam de proposito deliberado, e para desafronta da sua dignidade. El-rei, entre desejoso de comprazer á vontade da rainha e receoso de tomar uma deliberação sem ouvir primeiro a opinião do seu privado, balbuciou algumas promessas, titubou algumas phrases, e no fim concluiu:

— Hade-se fazer justiça. O Macedo ha de... ha de ausentar-se da corte. E sobretudo, esse homem que matou o francez no Alentejo, o tal almocreve ha de pagar com a vida o crime que commeteu.

Em quanto a rainha fazia queixas do secreta-

rio d'estado a El-rei, o Macedo queixava-se amargamente ao conde de Castello-Melhor do insulto que a rainha lhe fizera.

— Veja v. ex. — concluiu com gestos de colera o secretario de estado, depois de haver contado o caso que lhe havia succedido — veja v. ex., se um velho, se um homem de cabellos brancos, e que nunca soffreu nenhuma injuria, pôde ficar assim, sem lavar a sua honra offendida, sem se desafrontar.

— Tenha paciencia, sr. Sousa de Macedo — acudiu o conde. — Essa injuria foi a rainha quem lha fez, e o melhor agora é ter paciencia, e aguardar que passe a tormenta. Felizes de nós, se ella não fizer maiores estragos!

— Que maiores estragos pôde fazer do que deixar para sempre deshonorado um homem como eu?

— Pôde perder-nos a todos, e a El-rei como-nosco. Sr. Macedo, o serviço de Sua Magestade exige que tenhamos prudencia. A rainha, naturalmente, vae exigir o seu desterro da corte; e nisso é que nem El-rei nem eu havemos de consentir. Vamos a vêr se podemos socegar a *brixota*, resolvendo-lhe a consulta do mordomo-mór como ella deseja, e enforcando-lhe o tal almocreve que matou Estevão de Castilho.

— Mas...

— Faça o que eu lhe recomendo, que é o mais prudente, sr. Macedo. Para levar a bom termo este negocio, é preciso ter paciencia.

Ora este almocreve que todos concordavam ser indispensavel enforcar, para socego espirital da rainha, era o capitão Francisco d'Albuquerque, que os soldados do regimento do Maré haviam encontrado, vestido á maneira dos almocreves do Alentejo, junto do cadaver do francez Estevão de Castilho.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

## NOTÍCIAS E COMMERCIO.

### ILLUMINAÇÃO DO PASSEIO PUBLICO.

Nas noites de 1, 3, 5 e 7 do corrente, teve lugar esta magnifica festa, em beneficio do Asylo da Mendicidade. O Passeio nestas noites apresentava um aspecto verdadeiramente bello e maravilhoso. A rua do centro distinguia-se pela riqueza e variedade da illuminação, e o lindo transparente á entrada atraía a attenção geral. Para que nada faltasse para bom

exito deste espectáculo, a atmosphera conservou-se sempre benigna e amena, circumstancia esta muito apreciavel, e sem a qual a illuminação perderia grande parte do seu effeito. Era realmente delicioso passeiar naquelle vasto recinto ao clarão romantico de milhares de lumes, distribuidos n'uma immensidade de balões, ao som das bandas marciaes, e respirando a suave brisa da noite, que soprava docemente entre a ramagem do arvoredor.

Na sexta feira e no domingo, a concorrência foi immensa, subindo a mais de 7:600 pessoas na primeira destas noites. Julgamos interessante para nossos leitores a nota, que em seguida publicamos, do producto de cada uma das quatro noites de illuminação. Ainda não temos dados sufficientes para calcular o saldo a favor do Asylo, mas esperamos que será maior do que o anno passado.

#### 1.ª NOITE — 1.º DE SETEMBRO.

Producto da venda dos bilhetes .....	924	960
Idem dos dois bazares ....	820	810
Idem de cadeiras, e copos de agua .....	27	900
Idem dos botequins .....	30	000
	<u>1.803</u>	670

#### 2.ª NOITE — 3 DE SETEMBRO.

Producto da venda dos bilhetes .....	1.764	840
Idem dos dois bazares ....	1.172	485
Idem de cadeiras, copos de agua, e entradas no terraço .....	56	445
Idem dos botequins .....	30	000
	<u>3.023</u>	770

#### 3.ª NOITE — 5 DE SETEMBRO.

Producto da venda dos bilhetes .....	1.543	680
Idem dos dois bazares ....	1.190	725
Idem de cadeiras, copos de agua, e entradas no terraço .....	54	465
Idem dos botequins .....	30	000
	<u>2.818</u>	870

#### 4.ª NOITE — 7 DE SETEMBRO.

Producto da venda dos bilhetes .....	474	840
Idem dos dois bazares ....	803	595
Idem de cadeiras, copos de agua, e entradas no terraço .....	23	290
Idem dos botequins .....	30	000
	<u>1.331</u>	725

Receita total. .... R.º 8.978 035

Na somma acima referida foi encontrada a quantia de Rs. 16 210, em dinheiro falso, de cuja perda o r. Antonio Joaquim de Oliveira, na qualidade de

thesoureiro da commissão, quiz generosamente indemnizar o asylo.

Como se vê, os bazares produziram um bom rendimento em beneficio dos pobres. Senhoras das mais illustres da capital dignaram-se tomar a seu cargo a venda dos bilhetes da rifa, e contribuíram poderosamente pelas suas maneiras nobres e delicadas para o feliz resultado que se alcançou. E quem, aproximando-se ao balcão, teria força de recusar as sortes que lhe eram offerecidas com tão insinuante afabilidade?.. É justo que todos saibam quem foram as senhoras, que tanto realce deram a esta brilhante festa de caridade, e por isso aqui registámos seus nomes para que o publico lhes possam prestar um tributo de sincera homenagem.

São as exm.ªs sr.ªs:

D. Anna de Sousa Holstein.  
D. Adelaide Silva Reis.  
Baroneza da Foz.  
Condessa d'Anadia, D. Maria Joanna.  
Condessa d'Anadia, D. Maria Luiza.  
Condessa de Taverede.  
Condessa das Alcaçovas.  
Condessa de Linhares.  
Condessa de Belmonte.  
Condessa de Fonte Nova.  
Condessa da Ponte.  
D. Carolina A. da Gama Silva Sanches.  
Duqueza da Terceira.  
Duqueza de Palmella.  
D. Gabriella de Sousa Coutinho.  
D. Guilhermina Silva Reis.  
Marqueza de Fronteira.  
Marqueza das Minas.  
D. Maria d'Assumpção de Sousa Coutinho.  
D. Maria Francisca de Sá Nogueira.  
D. Maria de Gloria de Sá Pereira de Menezes.  
D. Maria de Holbeche.  
D. Maria Isabel d'Oliveira Pinto da França.  
D. Maria Isabel de Sá Pereira de Menezes.  
D. Maria Meclina Pereira Pinto.  
D. Maria Magdalena de Sá Nogueira.  
D. Maria de Mascarenhas.  
D. Maria da Madre de Deus.  
D. Maria do Patrocinio Vieira de Abreu.  
D. Maria do Patrocinio de Sá Nogueira.  
D. Maria Rita d'Oliveira Pinto da França.  
D. Maria Thereza de Sá Nogueira.  
D. Marianna de Saldanha Pinto Bastos.  
D. Theodolinda Silva Reis.

Remataremos por nos constituirmos interprete da opinião publica tributando os maiores elogios ao sr. José Izidoro Guedes pelo incaeçavel zelo e actividade que tem desenvolvido para se levar a effeito esta bella illuminação, e felicitamo-lo, não só pela avultada somma que proveio ao asylo, mas tambem por nos ter apresentado um espectáculo tão grandioso e completo, que difficilmente se riscará da memoria dos habitantes desta capital.

DEMETRIO RIPAMONTI.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SA.

NUM. 10. QUINTA FEIRA, 16 DE SETEMBRO DE 1852. 12.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### A REFORMA DAS PAUTAS E A IMPRENSA DAS PROVINCIAS.

A cidade do Porto, a cidade industrial não temeu pela reforma das pautas. O trabalho alli não receia a concorrência, e pede a conclusão da obra.

A. R. SAMPAIO.  
(Rev. de Setembro)

#### Da Revolução de Setembro:

A industria do Porto mais consideravel sem duvida que a de Lisboa não se assustou com a modificação das pautas. Eis aqui o que se lê no *Jornal do Povo*:

#### AS PAUTAS.

« Finalmente appareceu o primeiro retalho da tão desejada reforma das pautas, e ainda que elle esteja bem longe de satisfazer ás necessidades do commercio, e das industrias agricola e fabril, mostra que o governo actual está penetrado da conveniencia

- 1.<sup>o</sup> de embaratecêr a materia prima;
- 2.<sup>o</sup> de proteger rasoavelmente o fabrico;
- 3.<sup>o</sup> de desarmar o contrabando tornando possível o commercio licito.

A redução do direito das sedas, de 4,800 que era para 2,500, é a principal feição da reforma. Ahamos fortissimo este direito sobre as sedas lizas, e dando ao fabricante nacional uma protecção maior do que elle agora requer; todavia votamos por ella, em quanto o ensaio não nos mostrar que taes fazendas continuam a entrar clandestinamente e a tolher indirectamente a nossa industria.

A diminuição no direito da soda facticia é do

maior alcance. Este alkali não só entra em muitas preparações chemicas na tinturaria, e serve para lavagem, mas delle se prepara a soda caustica tão necessaria para branqueamento de tecidos, e outras applicações.

Todavia a sua introdução e barateio vai fazer um damno immenso ao contracto do sabão, em quanto conservar o seu monopolio, porque mesmo para uso domestico a soda tem um extenso consumo. Valendo ella de 40 a 45 réis o arratel, misturada com igual porção de sabão, faz o effeito de duas libras de sabão ou mais, que deste modo só vem a ficar a 120 réis a libra; e por tanto o publico colhe um beneficio incalculavel com a sua introdução e consumo, que se tornará tão extenso, ou ainda mais que nos paizes aonde o sabão val só de 50 a 60 réis a libra.

Ahamos forte o direito sobre o ferro coado, em linguados. Elle vem agora a pagar 115 réis o quintal, porém não valendo este mais que 800 réis, nessa proporção deveriam pagar 700 réis por arratel as sedas em rama; 7 réis o algodão: e 700 réis o quintal de linho; porém este defeito ainda tem remedio, e nenhum mal causará se o governo conceder o retorno desse direito sobre as manufacturas de ferro exportadas para o imperio do Brazil; unico mercado que as nossas forjas e fundições teem explorado com vantagem.

Sentimos, e muito, que o governo se deixe illudir a ponto de não crer no extraordinario contrabando de colonias que pela raia secca se está fazendo. Sabemos que a associação commercial assim o manifestou; sabemos que o digno director da alfandega tambem o declarou na sua conta no governo; e quando testemunhos tão irrecusaveis não valessem,ahi tinhamos as cartas

particulares, toda a imprensa, e o clamor publico a denunciar esse escandalo. Mas temos provas ainda mais efficazes.

A alfandega de Massarellas está prehe de assucar, a ponto de não se saber aonde se ha de armazenar; está baratissimo e não ha para onde envia-lo, e por isso não se despacha, menos algum carregamento que é reexportado.

A razão é esta. O assucar das colonias hespanholas paga na Hespanha um direito igual a 485 réis por arroba portugueza. Entre nós esse direito é ~~de 1,5100 réis. Existe portanto uma~~ ~~margem de 615 réis por arroba; o que val muito~~ a pena da introdução fraudulenta.

Todavia se o governo reduzir o direito do assucar a 600 réis com 13 por cento addicionaes por arroba; attendendo ao favor do exclusivo que gosa o assucar da Havana na Hespanha, e que o torna por isso, digamos, intrinsecamente mais valioso, a differença não pagará o risco do contrabando, e as alfandegas aproveitarão aquella taxa na totalidade do consumo.

Segundo se deprehe das estatisticas, o despacho geral de assucar não excede muito de 500,000 arrobas; porém tomando em consideração que, desta quantidade uma grande porção é empregada para geropigas, e caldas para frutas, não estarão mais que 400,000 arrobas para concurso commum, ou só obra de 58 onças por cada consumidor annualmente.

Esta porção é palpavelmente inferior á verdade. O uso do chá, e do café está introduzido, que em todas as cidades até os pobres fazem delle um vasto consumo, e é para notar que quanto mais ordinaria for a bebida mais a adoçam.

Calcule-se a enorme porção de assucar que se gasta nos conventos e nas docerias, ou confeitarias, e concluir-se-ha que sobre estes dados não é demasiado orçar-se a cada individuo meia onça de assucar por dia.

Isto produziria 1,250:000 arrobas e mais, como fica dito, 100:000 para geropigas, frutas, caldas, etc.; chegamos á deducção assás positiva que pelo menos entram annualmente por contrabando 750:000 arrobas de assucar! Cesando este abuso ahi teriamos nós com o direito lembrado uma receita de 915.000:000 em lugar de 565.000:000 que agora deve dar este genero ao thesouro, dando um excesso de 350 contos independentemente de mil outras considerações economicas. Todos os homens praticos nos affirmam que pela raia secca entra mais assucar do que pela alfandega do Porto, e deve-

mos suppor que este contrabando ainda é mais extenso no Algarve e Alentejo, pela proximidade de Gibraltar, aonde se obtém o assucar sem direitos alguns; e aonde é bem conhecida a indole dos povos.

Na Hespanha paga o arroz 450 rs. por arroba peso portuguez. O café o mesmo; porém a aguardente de melaço só 360 rs. o almude (medida de Lisboa), e deste modo se explica a grande introdução illicita que della se faz em Portugal.

Esta consideração leva-nos á primeira classe das pautas, que a nosso ver poderia ser reduzida a tres artigos:

Aguas e espiritos de cheiro 3.200 a arroba.

Vinho, e todos os espiritos, excepto aguardente de canna estrangeira, cerveja, cidra, e todas as bebidas fermentadas, não especificadas, em vasilha ou garrafa, incluindo o acondicionamento 2.400 a arroba.

Agua ardente de canna, peso liquido 800 a arroba.

A nossa agricultura escusa temer a concorrência de vinhos e aguas-ardentes estrangeiras por estes preços, e como sem duvida as classes abastadas que delles hoje se abstem, procurariam mais estes objectos, sendo rasoavelmente tributados, é claro que a receita, hoje quasi nulla, havia de tornar-se consideravel.

Em quanto á agua-ardente de canna, pede-a o povo miudo para «matar o bicho» e não póde substituil-a por agua ardente de vinho que lhe queima as entranhas; e por isso não nos admiraria (reduzido que fosse o direito) ver despacharem-se annualmente 5:000 pipas, produzindo obra de 70 contos de réis de maioria na receita. »

O *Jornal do Povo* discorrendo sobre a diminuição dos direitos das pautas da seda escreve o seguinte:

Apesar de ser grande a redução relativa, de 4,800 para 2,500 réis, é preciso que note aquella nobre classe, que não ha manufactura alguma que seja tão extraordinariamente protegida; porquanto se abatermos do fabrico que deve produzir uma libra de seda o valor da materia prima, acharemos que restarão pouco mais de 1,400 réis, e portanto o direito de 2,500 réis protege a *mão de obra* com cousa de 200 por cento, juntando os addicionaes ao imposto!!! E ainda não basta!...

Pois, srs. fabricantes, não vos é sufficiente esta protecção? Não coraes de o confessar? Que devem dizer os vossos irmãos de industria do al-

godão, da lã e do linho, que não teem tido protecção que se quer para lá caminhar? E todavia teem progredido, e muito mais que vós.

Com que agrado vos olharão os consumidores, sabendo que hão pago pelo vosso trabalho, inferior ao estrangeiro, quatro vezes mais que elle vale, mesmo sem attenção á peor qualidade de seda?

E que dirá o governo, vendo desfalcar os seus renditos pela introdução de sedas estrangeiras por contrabando; pois é evidente que não vos tendo ainda attrevido a estampar os lenços d'as-soar, o recheio que desta fazenda se encontra em todas as lojas, sem pagamentos de direitos, mostra e prova que pela mesma via hão de ter transitado outros estofos que igualmente estejam absurdamente tributados.

Não teriam mais razão de queixa os criadores do bicho da seda? Que dizeis a esta pergunta? E sabeis a differença da vantagem para o estado de uma ou outra industria?

Permitti que vol-a demonstremos em poucas palavras.

Pela seda que vós fabricaes sahem do reino 6\$000 réis por cada um arratel, e nada entra, porque vós vos limitaes a produzir para o desgraçado consumidor, que é obrigado a gastar os vossos fabricos, quer bons quer máus; e por cada arratel de seda que produz esse cultivador ficam esses 6\$000 réis no reino, ou entra o seu equivalente, porque alguma chegou a ser exportada.

Portanto, vendo o criador de seda que o direito foi agora reduzido a 30 réis por arratel, e que nenhuma protecção se dá a uma industria nascente, e de que vivam já muitos mais individuos que do fabrico das sedas, apesar de não serem protegidos, não terão elles o direito incontestavel, assistido de razão e justiça, de pedir que esse direito seja elevado a 4\$800 réis? E olhae que não poderieis queixar-vos, porque os addicionaes ainda vos dariam uma protecção de 13 por cento sobre aquelle valor, ou de 50 por cento sobre a mão d'obra com que deverieis contentar-vos.

Mas vós não morreis de fome. A vossa linguagem e a mesma que a dos fabricantes inglezes, quando mr. Huskisson permittiu a entrada das fazendas francezas. E sabeis o que acontece? Os fabricantes vendo justamente desprezadas as suas injustas pertenções, persuadiram-se que não bastava produzir e vender — viram que era mister exceder o seu engenho, e aperfeiçoa-

ram-se; e o resultado foi, como o previra m. Huskisson. Dos fabricantes não morreram senão os inertes e indolentes, os outros trabalharam por combater seus novos rivales, e em poucos tempos igualaram-os na perfeição d'algumas manufacturas e os excederam em outras!

O mesmo acontecerá entre nós. A nação não fez um pacto com os fabricantes de sedas de Lisboa que eternamente haveria de embalar os na sua ignorancia, e indolencia; e mais dia menos dia não podia deixar de reconhecer que os effeitos do monopolio são sempre perniciosos, já como cerceadores dos rendimentos publicos, já como inimigos do progresso industrial, já como oppressivos para o consumidor, cujo gasto limitam.

*Do Observador :*

A revisão das pautas, decretada ultimamente pelo governo, é uma das medidas mais importantes e mais arrojadas da dictadura.

Ha muito que a imprensa bradava por esta reforma. O commercio, a industria, a agricultura, e o estado soffriam grave lesão em seus interesses com os direitos excessivamente protectores, que pagavam nas alfandegas alguns generos de primeira necessidade.

O governo, na promulgação desta medida, não decretou já a revisão total das pautas, porque uma innovação completa desta ordem exige serios e reflectidos estudos, e só deve tentar-se depois de ensaios preliminares, verificados em alterações parciaes sobre os direitos de objectos os mais essenciaes e urgentes.

As materias primas, que mais animam o trabalho nacional, foram as preferidas para serem alliviadas dos direitos onerosos, que só serviam de entorpecer a industria e riqueza nacional, e de favorecer o contrabando.

O ferro, o aço, a folha de Flandres, o linho, a seda e alguns productos chymicos, materias que estavam tão gravadas, foram as primeiras contempladas com uma diminuição rasoavel, de cujas consequencias o thesouro nada tem a receiar, e o commercio tudo a esperar.

Toda a gente sabe, que o estado via todos os dias os seus rendimentos prejudicados pelo immenso contrabando, e pelo peso que opprimia o commercio licito dos mais importantes agentes do nosso commodos e necessidades.

O consumidor via-se obrigado a limitar os seus gosos e a privar-se de satisfazer aos mais instantes trabalhos da vida, tendo de pagar por preços excessivos os objectos de uso e proveito mais gera-

O producto gemia tambem com os direitos *fiscaes* das alfandegas, que lhe enfraqueciam as mais simples especulações industriaes pelo preço elevado das materias primas mais essenciaes.

Embaretecer, por tanto, todos esses elementos fecundos da civilisação, e promover a sua abundancia, foi o pensamento que presidiu a essa redução que acaba de decretar-se em alguns artigos das pautas.

A reforma das pautas não abrange somente os objectos de primeira necessidade; comprehende tambem artigos, denominados de luxo, mas que hoje constituem adornos indispensaveis nas familias, exigidos pela educação e pela civilisação, taes são os pianos e espelhos. A industria nacional não é offendida com a redução de direitos destes artigos, porque este genero pouco incremento havia adquirido com a protecção exorbitante das pautas.

A typographia foi tambem um dos interesses economicos sabiamente attendidos. O typo da imprensa e o papel, estes instrumentos maravilhosos da civilisação e das mais caras necessidades da sociedade actual, vão embaretecer e popularisar-se com a redução proposta na nova revisão das pautas.

#### ESCLARECIMENTOS.

No artigo publicado, sobre a reforma da Pauta, em o n.º 7 da REVISTA, escrevemos dois pontos sobre que attentamente nos foram pedidos esclarecimentos.

1.º Diziamos que os fabricantes de seda pediam o direito antigo; do artigo se deprehende que o pediam por um anno: estimamos que só o queiram por esse praso; mas nós não o queremos, por seu interesse, nem um dia.

Transcrevemos:

« Julgamos conveniente que as paixões não provoquem revelações que por emquanto são desnecessarias. »

Houve quem pela ligação desta phrase com o artigo julgasse que havia insinuação de que os fabricantes eram interessados no contrabando, regeitamos com energia esta injusta supposição. O auctor do folheto — *As fabricas nacionaes são uma historia!* não podia sem deshonra fazer as insinuações. Cumprimos a promessa que mui espontaneamente fizemos de esclarecer estes pontos porque logo que alguém, seja quem fór, suppõe no que escrevemos intenções que ali não existem, devemos esclarecer a verdade, e não porque reconheçamos direitos de ninguém representar uma industria, nem uma classe sem que para isso esteja legalmente auctorisado.

Admira-nos que as susceptibilidades feridas com os trechos citados não leissem o seguinte na *Reforma* de 31 de agosto as tractou das alterações da pauta.

Na Hespanha debaten-se por muitos annos a reforma das pautas; e a *lei algodoneira*, cuja necessidade era reconhecida por todos os homens de estado, encontrou vivissimas resistencias nos fabricantes do principado. E não eram os sãos interesses que moviam a guerra. Nas fabricas de Barcelona entravam muitas manufacturas de Inglaterra, e saíam das officinas hespanholas com as marcas nacionaes. E quem nos assegura, que entre nós se não faz outro tanto? E quem não vê que estes lucros fortes hão de reagir com violencia contra a sua destruição?

Apesar de que o jornal acabou, admiramos o silencio com que os que se dirigem a um vogal da commissão, fallando no plural, não respondem pelo menos no singular a uma supposição que nós desde já declaramos absolutamente falsa.

s. J. RIBEIRO DE SÁ.

## PARTE LITTERARIA.

A NOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXXII.

(Continuado de pag. 104.)

As tres meninas entraram, ainda escarlates do riso, que tinham desaffogado; d'ahi a pouco appareceu a opulenta figura do dominico trazendo, quasi a reboque, o auctor da carta a Lucio Floro. A magra e longa pessoa do archaista, com cinco ou seis camadas de indignação na physionomia, era um verdadeiro cartel á hilaridade. O proprio Lourenço Telles custou-lhe a conter-se. O abbade assim que tomou assento estendeu a mão solemnemente, como se emprazasse diante de Deus um inimigo poderoso, e esbrugando as palavras:

— « Sr. Lourenço Telles » disse elle « se condescendi com as supplicas de s. rev.<sup>ma</sup> foi em attenção ás respeitaveis pessoas com quem estava. Seu sobrinho jurou a minha morte, e não descança sem a conseguir. As sevicias e os ultrages repetem-se; e agora começam os venenos... Tomo o sr. Diogo de Mendonça por testemunha das brutalidades a que me exponho, e faço responsavel o dono da casa por todas as consequencias. »

— « Meu querido abbade não lhe deram seane nem agarico macho; foi gato por lebre e rans de molho; cousas saudaveis, posto qua exquisitas na minha opinião. »

— « Sr. Lourenço Telles, eu não sou tigre nem lobo, sou um homem grave e de bem. Se

faz da sua meza um banquete de selvagens te-ma primeiro a bondade de prevenir os hospedes... Nem todos querem voltar á cozinha de Nemrod! Os seus animaes arranham-me; bebem-me o sangue; e saltam-me ao respeito. Seu sobrinho saqueia-me a casa, manda-me bastonar pelo hediondo macaco, socio dos suas maldades, e conclue todas estas proezas por um attentado sem exemplo... »

— « Não exaggeremos! » exclamou o commendador. Um marechal de França, como sabe, estando sitiado achava deliciosa uma côxa de cão preparada com ortigas... Parece-me que é peor do que as rans. »

— « Achava mal, respondo eu! » Tornou o abbe seccamente. « Não estou no costume de matar gatos para o meu assado. »

— « Vamos » accudiu o secretario das mercês « passemos ao segundo acto. Amnistia completa, indulgencia plenaria, todos precisamos muito della... até s. illustrissima por nos querer deixar. Estes arteletes de vitella não enjoam; consolemo-nos com elles. Sr. abbe, sabe que estava capaz de lhe pedir desse leitão tão bem assado, que o couro estalla como vidro?... Ah, Ceciliasinha, como os bons costumes ficam! Sempre fiel aos pasteis folhados de coelho? »

— « É massa italiana, e os de Florença passam por excellentes... » disse o jesuita. « Hei de provar destes. »

— « Faz muito bem. Eu prefiro os linguados recheados com azevias; o molho é castelhano, e muito meu conhecido de Madrid... O vinho de Xerez não se pôde dispensar com este prato. Fr. João, enches-me um copo delle, se te apraz? »

— « Sr. Diogo de Mendonça, observou o erudito suspirando, mal sabe o que me lembram estes recheios á franceza? Recordam-me os jantares de Regnard na Quinta de Grillon. Que alegres quintilhas cantámos á meza, e que famosos vinhos se bebiam!... »

— « Faço ideia. Era a convivencia *inter pocula*, a mais agradável que se conhece. Vi em Hollanda a M. Regnard, quando lá passou, mas pouco nos tractamos... »

— « É pena! Ainda tinha mais graça falando do que escrevendo. Que saudades me faz esta cantiga, que elle metteu depois na sua viagem á Normandia :

Surtout bou gite, bon lit,  
Avec du vin Champagne;  
Surtout bon gite, bon lit,  
Belle hôtesses, bon appetit.

10 . .

E a voz tremula e falha do velho commendador desafinava o estrebilho jovial da aria franceza, cuja musica parecia inspirada pela furia sonora de um Bach ou Orpheu. Despejando depois o seu copo até á ultima lagrima, Lourenço Telles, assentou-lhe o pé com força em cima da meza e ficou triste.

— « *O navis quo te referent fluctus!* » exclamou o secretario. « Que pintor admiravel das vicissitudes da vida que é Horacio! Sr. abbe, v. illm.<sup>a</sup> tão curioso por indole e estudo, ha de saber, porque sabe tudo, a razão que leva o homem a lembrar-se tanto do que passou, e a desgostar-se quasi sempre do que vê, por melhor que seja?... »

— « O motivo é simples » atalhou o jesuita « de desejos vive o homem, e depois de se obter não se deseja mais. Creio que será tambem o voto de s. illm.<sup>a</sup> »

— « Certamente; v. paternidade o disse! » acudiu com uma inclinação solemne o illustre inventor de casos raros.

— « Muito bem, estou conforme! » proseguiu o ministro. « Por signal alli temos o sr. Jeronymo Guerreiro, que ha um mez todo elle era impaciencia de abraçar os seus amigos, e agora parece magoadó e abatido porque o seu desejo é ver-se longe delles! »

— « Quem elle? » gritou Filippe com a bocca cheia. « Conheço-o de dentro para fóra. Eu é que o intendo... »

Thereza fez-se pallida, e Jeronymo sobresaltou-se. Depois, reflectindo, replicou com um sorriso triste:

— « Não intende, sr. Filippe da Gama. Certas coisas nem eu proprio cheguei ainda a perceber. »

— « Qual! Para cá vem elle brincando; o fingimento não pega! Não preciso de candeia para vêr á noite; tenho olhos de gato. Tudo aquillo são saudades do mar. O peixe morre fóra de agua. Quer um ruim conselho? Faça como eu; case e ponha-se ao fresco. Até, se m'o pedir, torno eu a puchar pelas barbas ao Cabo de Boa Esperança, maldito nome que lhe deram! Sei o que digo. »

Todos se riram, e Lourenço Telles acabou de se applacar com o sobrinho. O jantar continuou com alegria, entre saudes e finezas ás damas, remosques ao abbe, e anedoctas do secretario das mercês, que tinha o dom de contar com graça, e de inventar com acerto. Levantada a meza, cada um veio esperar o café, conversando



e entretendo. Mais animado um pouco, do que se estivesse em rigorosa abstinencia, o commendador, segurando Cecilia de repente, e dando-lhe ao de leve um beliscão na orelha, disse rindo para o jesuita :

— « E esta feiticeira não ha de ter um noivo ? Este coração que está a pular e a fugir como uma andorinha não lhe armaremos um laço, que o socegue ? *Amour volage, tes chaines sont des roses !* Qual é o seu voto, sr. padre Ventura ? »

— « Receio que ella fique mal comigo » redarguiu o jesuita sorrindo.

— « Cecilia tem juiso... mais do que parece. Diga sempre. »

— « Como quer !... O meu voto é que a deixemos escolher ; mesmo porque leio nos seus olhos que não cede constrangida. Póde morrer, mas não ha de amar senão quando o seu coração disser que sim. Bem vê ; ella ri-se ; e não me desmente. Sabe que é verdade. »

— « Pois de veras, ainda acredita que se morra disso ? » observou Diogo de Mendonça metendo-lhe o braço, e levando-o para um vão de janella mais afastado, aonde ficaram sós.

— « Acredito ! » replicou o visitador com certa melancolia na voz, e grande vivacidade no rosto. » V. s.<sup>a</sup> é sabio e tem noticia dos reinos da natureza. Na America ha flores, que murchas de dia parece que o sol as mata ; mas em o zephiro refrescando, e as sombras da noite cahindo, alegram-se, e perfumam tudo. As vezes o espirito humano é como ellas. Fecha-se mais comsigo do que se cuida. No silencio e na saudade, que são as suas noites, a esperança florece-lhe, e a alma reanima-se. Explique naturalmente as coisas, que hão de parecer-lhe simples. A sensibilidade na mulher assemelha-a aos anjos na ternura, mas com o perigo de a fazer desgraçada pelo excesso. O coração não é só um órgão, é a vida toda. Tire-lhe o amor, em qualquer dos affectos que estremece, e diga-me o que lhe resta ? Encha a alma de acção e de desejo, e veja se o desvia para o outro lado ? Sendo feliz, o amor com a saciedade desengana-se de muitas illusões ; mas sujeita-se e não se queixa, por mais pezada que sinta a cruz. Se comprimir o coração, e cortar as azas á vontade, o que espera ? Como a vida não é o corpo só, a magoa esgota o animo, e as lagrimas, sumindo-se dos olhos porque rebentam para dentro, alimentam as dores incuraveis, que pouco se veem porque se callam, e não se suavizam porque a morrer se reduz a sua esperanza. A mão

é gelo como a alma ; o espirito um prezo que suspira pela liberdade ; e o peito (o vaso) cheio de tanto fogo interior, fraco de si, e com a pena a gastal-o, estalla de repente, convencendo o mundo de que chamára existencia aos movimentos do authomato... Aqui tem, sr. Diogo de Mendonça, o que sei de experiencia e de idéa, que succedeu e ha de succeder... Pelo amor de Deus ! Agora reparo. Pois não estive, parece-me, a fallar de paixões profanas, com esta roupeta vestida ? Vale-me ser medico da alma. E ella não se alivia, nem se consola, sem lhe conhecer-mos o mal. No fim, qual de nós aos dezoito, e aos vinte annos não fez o seu romance ? E a quem não lembra elle ? Uns porque teem saudades sempre ; outros para fingir que esquecem ; e alguns, os fortes de espirito... para crerem que verdadeiro é só o amor de Deus, porque fumo e pó são todas as vaidades do seculo ! Até eu que tão pouco vivi nelle, (e foi de mais infelizmente !) se não estivesse amortalhado e sepultado na minha tunica... podia citar-lhe exemplos e dizer-lhe coisas que o haviam de persuadir. Mas a carne é fraca e não é bom abrir os tumulos, nem inquietar os mortos ! »

— « Estou pasmado do que ouço a v. paternidade ?... Se o conhecesse menos acreditava que a sua tunica é, foi, o que insinua uma mortalha ? Nas suas palavras sinto ainda um ar de saudade... »

— « De saudade, é muito ; mas de memoria e de arrependimento porque não ? Ninguém nasceu perfeito... Não me envergonho de confessar que não cheguei ao porto sem naufragio. Fallemos de outra coisa. Aproveitemos a occasião. Vejo-os em litigio de latinidade com o padre mestre, e estes minutos são para nós. Então, com certeza, o que sabe de el-rei ? O que me diz da molestia do sr. D. Pedro II ? »

— « Até agora nada de cuidado. S. magestade está gravemente doente, mas os medicos não desconfiam. Capitulam a molestia de uma constipação forte apanhada na picaria... »

— « E v. s.<sup>a</sup> acredita os medicos ? »

— « Desejo acreditar. Elles da outra vez não se enganaram. »

— « Quer que fallemos como alliados e amigos ? »

— « Até o pedirei a v. paternidade, se é preciso... »

— « Pois então, eu digo. O que el-rei padece é um pleuriz, e não o levantam da cama senão para o deitarem ao lado de seu pae, em S. Vi-

rente de Fora. O doutor Lope Gil, o physico da sua camara, que tem bons olhos e é todo nosso, avisou em segredo o padre Sebastião de Magalhães. A quantos estamos hoje? »

— « A sete de dezembro. Mas nunca sup-puz... »

— « Devia suppor. El-rei o mais que pôde durar é até ao dia nove. Sirva-lhe para se prever. Vamos entrar em um reinado novo e é preciso preparar, porque acampanha não ha de ser pequena, e as primeiras horas fazem tudo. O seu defeito... quer que falle com sinceridade?... »

— « V. paternidade faz-me grande favor. Somos espelhos uns dos outros. »

— « Muito bem! O sr. Diogo de Mendonça, como quasi toda a gente aqui, pecca por indolencia. Deixa tudo para amanhã; e é um erro, um perigo immenso, porque nosso e seguro não temos senão o presente... O futuro ninguém conte com elle sem cautella. Cesar se lesse os avisos, que lhe mandavam, e não dissesse: amanhã! não ia ao senado e não morria... Não se esqueça deste e de outros exemplos. »

— « Então, v. paternidade entende que ha perigo? »

— « Não sei se ha; mas sinto que pôde haver-o; para mim basta. As grandes batalhas nunca se ganharam dormindo. »

— « Estou de accordo; porém, assim de repente, confesso que não acho senão difficuldades, e que não sei descobrir o caminho mais curto... »

— « De repente? » disse o jesuita sorrindo « pois tendo dois dias de seu, quero que seja só um dia util, visto declarar-se depois de amanhã a verdade, diz v. s.<sup>a</sup> que é de repente? Creia em Deus e em si! Vinte e quatro horas aproveitadas, com os amigos que tem, e o genio do principe que vae reinar, nas mãos de um homem habil faziam primeiro ministro qualquer desembargador do paço, quanto mais o secretario das mercês... »

— « Perdoe v. paternidade, mas invejo a sua confiança. A mim o que me custa é a achar a entrada. Não sei por onde hei de entrar. »

— « Entre pela porta; tudo o mais é estreito e mal seguro. O sr. D. João V, (dou-lhe já o titulo com que em poucos dias será aclamado) foi sempre orgulhoso, gosta de fausto, precisa de amar, e deseja ser um grande rei, e em quanto mostra o não parel-o. Propoz-se Luiz XIV por modello; tenho-lho ouvido exaltar, e sei que o livro por onde estada é a historia do governo de

s. magestade que Deus tem. Uma só destas inclinações entrega o homem; todas juntas veja o que será! Na mocidade, em que sobe ao throno e com o poder absoluto, que mesmo herdado, sempre causa sua vertigem, o que espera que elle queira ou que elle faça?... A idade hade doudejar; é verde, o coração hade entreter-se; tem ardor e sensibilidade; resta a cabeça, a imaginação, e essa aos dezoito annos tado vê alegre ajuizando dos homens pelas palavras, sonhando de dia com os planos de grandeza, e de noite com as illusões do amor... O homem forma-se depressa no throno, hade dizer-me? Naquelle altura o ar e a vida são outros? A coroa de metal peza; o veludo e os arminhos do manto opprimem; e os cabellos brancos vem primeiro aos reis do que aos mais? A experiencia nos que teem as qualidades de s. alteza amadurece cedo?... Pois sim; tudo isso sei; mas antes ha de pagar o seu tributo; e as ondas não são mais inconstantes, nem as aves do céu mais incertas do que a affeição ou o odio de um soberano moço nos primeiros tempos. Conte com isso. »

— « V. paternidade faz-me tremar! Esse foi sempre o meu juizo e o meu receio a respeito de s. alteza; mas tão claro e tão exacto ainda ninguém leu no coração de um principe... »

— « De um mancebo, diga! A grandeza modifica o character, mas a essencia fica. Acredite que o verdadeiro livro na arte de governar é p coração humano. O *nosce te ipsum* dos antigos queria dizer isso... Mas não nos desviemos. Estou-lhe fazendo o roteiro da jornada, e olhe, no principio, parece-me que se ha de fatigar. »

— « Receio mesmo não passar das primeiras legoas... »

— « Nada! Indo só e ao acaso, talvez; mas em boa companhia, e com praticos seguros chegará depressa e sem incommodo. O caso todo é levar o rei... »

— « De certo; mas para o levar? »

— « É preciso entreter o mancebo e atrahir o poeta... »

— « Pois s. alteza faz poemas? Tanto peor. »

— « Faz poemas em prosa. Idilios para as suas tapadas; governos de Salento para o estado, como no Telemacho; e as odes saphicas para o seu coração... O que todos nós faziamos aos dezoito annos, quando cuidamos que o paraíso era a dois passos da imaginação... »

— « O meu temor são as poesias politicas. A utopia de Salento a ferver na cabeça de um rapaz!.. »

— « Deixe. Luiz XIV que entendia menos mal de governo não se assustou tanto. É verdade que mandou o mentor de mr. de Cambray descançar dos seus planos reformadores na paz do episcopado. S. magestade sabia, que tres dias de reinado bastão para a novella ficar... julgada. »

— « Assim mesmo! Tenho muito medo de Salentos!.. Acha v. paternidade que devo aprender a parte de mentor? »

— « Nos primeiros mezes. Fallemos serio. O principe tem orgulho, grande orgulho; infelizmente a instrucção não corresponde. O padre Camara seu mestre não foi diligente, como devia. S. alteza dotado de muito character e de engenho nobre, affronta-se do seu fraco saber, e não gosta, como rei, que lhe lembrem que estudou pouco em principe... A mocidade agradece que a ensinem, mas não se lhe deve dizer que é lição... O sr. D. João V. a sua primeira vaidade será fazer-se absoluto; figurar que o governo e o estado é elle, que não tem nem quer ministro do despacho universal... Luiz XIV começou assim. Ria-se comsigo, e deixa passar o orgulho do rei a vontade do ministro. Peça-lhe as suas ordens; e não o aconselhe nunca. Limite-se no principio ao papel de informador. Conhece melhor do que eu, como a boa informação faz os negocios. »

— « V. paternidade nasceu para governar um imperio! »

— « Assim mesmo o nosso não tem nada de pequeno; é maior até do que desejo!.. Não o governo, bem sei, mas ajuda. Vivemos com tanta gente, entre povos e soberanos tão diferentes, que estamos acostumados. Tudo vae do habito. Sabe caçar? »

— « Desde creança. Porque? »

— « Porque um bom tiro não mata só a lebre ou o coelho mata as vezes um inimigo... Não se assuste: o tiro é metaphorico. O caçador está ao pé do rei, e os ministros não percebem que ha occasiões... »

— « Diabolicas! Percebo muito bem. »

— « Por tanto o meio de ser primeiro ministro do sr. D. João V consiste em figurar que não o é. S. magestade reina, o secretario de estado governa, mas entre os dois mesmo o segredo deve ser tamanho, que o rei nunca chegue a sonhar. »

— « Admiravelmente! Tudo me convence que Roque Monteiro perde as graças de el-rei dentro de uma semana... »

— « Está arriscado. Quanto ao fausto que s. alteza estima reduz-se tudo a deixal-o gastar e

a apromptar-lhe o dinheiro. O resto é com o seu confessor... Conhecendo que o rei é homem ponha-se bem sempre com o homem; e não receie. »

— « Estou maravilhado! Mas ha ainda um penedo na estrada. São os malditos papeis... As cartas da rainha e do prior Spinelli. »

— « Ah! Não me occorria... »

— « Pois a mim não me esquecem, nem a Roque Monteiro! O orgulho do principe não me relevará nunca a negligencia com que expuz a familia real... »

— « Agora reflecti. Ha um meio; não se assuste, e ouça até ao fim. Com outro principe era arriscado: com este respondo pelo exito. Logo que Deus chamar o sr. D. Pedro II peça-lhe audiencia, lance-se aos seus pés, e diga-lhe a verdade, toda a verdade. Accuse sem receio a Roque Monteiro, e peça-lhe conselho sobre a a maneira de reparar o mal... »

— « Mas... »

— « Não me interrompa. O sr. D. João ensoberbece vendo um homem do seu saber dependente da clemencia, e o que é mais, do conselho do rei. Crê mais em si, e enche-se de confiança. Desde que nota, que o sr. Diogo de Mendonça se vale não do seu poder; mas da sua opinião, perde o receio de que intente dominal-o, e agradece-lhe interiormente o conceito que forma do seu talento. Este modo indirecto de lisonjejar é o mais efficaz. Verá que s. alteza toma o negocio a peito. O amor proprio interessa-se; e a par-tida não é já senão entre um rei moço e orgulhoso e o ministro Roque Monteiro. Depois o principe é rapaz, animoso, e dotado de instinctos nobres; e na sua idade a traição detesta-se e a perfidia horrorisa... Podiamos obrigar o seu emulo a entregar os papeis sem o sr. D. João saber, mas perdia-se contra elle o effeito deste lance. É natural que s. alteza queira que lhe conte o modo porque o maço foi roubado ao seu deposito... »

— « Agora me estava occorrendo; e o peor é que eu ainda sei menos do que s. alteza! »

— « Socegue. Se elle pergantar, abra esta sobrescripto, e dê-lhe o papel que está dentro, beije-lhe a mão, e retire-se. Acredite-me, a casa de Roque Monteiro fica a arder... Se o não incommodar, depois, e quizer, duas linhas de aviso para S. Roque não seriam más. Encarregome do resto. »

— « V. paternidade julga que devo ir ao paço esta noite para beijar a mão a s. alteza? »

— « Não vá. O príncipe esta noite sabe, e não gostará que se saiba, sobre tudo estando el-rei de perigo. Então? Como lhe dizia, quinta ou sexta feira ha rei e ministro novo. Creio que a nenhum de nós faz mal a alliança offensiva e defensiva? »

— « Cada vez conheço mais a generosidade de v. paternidade. Mas as noticias são tão graves que preciso retirar-me para dispor... »

— « Não se descubra. Esteja acordado, mas não acorde os outros. Digo-lhe que é partida ganha. »

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

## UM ANNO NA CORTE.

### CAPITULO I.

#### AS DUAS RIVAES.

Deixemos por agora o paço e as suas intrigas politicas, para acompanharmos o silencioso Fr. Thomaz do Espirito Santo á tranquilla casa da sua confessada, a beata e sebastianista tia Brisida.

O frade percorreu todo o espaço que media entre o convento da Graça e o becco dos Açougues, com passos apressados, cabisbaixo, e mãos escondidas nas mangas do habito. Quando chegou á porta da beata deteve-se um pouco a scismar, levantou depois os olhos, e, como visse atravez das malhas da gelosia o vulto da bella Theresa, fez um gesto que indicava uma grave resolução corajosamente tomada, e enfiou pela escada acima. Foi a propria Theresa quem abriu a porta a Fr. Thomaz, e, dando-lhe as « boas-tardes » com voz harmoniosa ao mesmo tempo que lhe beijava a manga do habito, o conduziu á salinha onde a tia Brisida estava dobando naquella do-badoira sonora e soporifera, com que ella se acalentava aos seus devotos serões.

A suave e meiga provinciana estava mais pa-lida e magra do que quando viera do Alemtejo, os olhos negros parecia haverem-se-lhe dilatado sem perderem comtudo nem brilho nem formo-sura. A solidão daquella casa, que para Theresa se tornára perfeito deserto depois que a ella não vinha Luiz de Mendonça, os exercicios espiri-tuaes em que se passava ali a maior parte do dia, a severidade monacal da tia Brisida, e, por-que havemos de esconder a verdade, a saudade, não do capitão Francisco de Albuquerque, — a

saudade dos mortos é consolação e não dôr — mas daquelle elegante e grave moço fidalgo do Infante, que viera a principio trazer-lhe conso-lações pela perda de um noivo a acabára por se fazer amar, a saudade de Luiz de Mendonça, viva, acerba, cheia de esperanças e incertezas, tudo havia dado á graciosa Theresa um ar de melancolia, de candura triste, religiosa resigna-ção, que por assim dizer, illuminavam a sua belleza physica com a quasi-divina luz da bon-dade e perfeição moral.

Fr. Thomaz, foi recebido pela tia Brisida como todo o confessor era naquelles tempos fra-descos recebido por uma beata, com muitos com-primentos, muitos respeitos, muitos carinhos; nada, porém, lhe poudo fazer quebrar o silen-cio, nem mesmo sibilar aquelle polymorpho « iss! » com que elle affirmava, negava, certifi-cava, contradizia, perguntava, e respondia. A physionomia do frade, de si insignificante e inex-pressiva, tinha naquelle dia comtudo seu tanto de sinistra; viam-se alli a anciedade, irresolu-ção, a tristeza luctando com a boçal indifferença de uma alma sem vontade, e sem resolução. Por fim a actividade dos sentimentos venceu a iner-cia do espirito; Fr. Thomaz levantou-se, fez si-gnal a Theresa que o seguisse, e entrou no lu-gubre oratorio da tia Brisida, que servia tam-bem de camara á melancolica provinciana.

Quando se viu só com Theresa, o frade pe-gou-lhe da mão, fixando nella olhos que as la-grimas humedeciam, e disse-lhe:

— Animo!

— Theresa que conhecia muito bem Fr. Tho-maz, sabia que o seu coração frio difficilmente dava accesso aos sentimentos, tremeu de susto, e balbuciou:

— O que ha? Succedeu alguma desgraça tam-bem a Luiz de Mendonça? E o que me faltava, meu Deus!

— Não — interrompeu o frade. — Outra coi-sa...

— Diga o que é, sr. Fr. Thomaz? Que se-grado é esse?

— No Limoeiro... — E o graciano calou-se.

— No Limoeiro está Luiz de Mendonça? — acudiu Theresa, vendo que o frade se calara.

— Iss!

— Então, quem?

— Fui lá para confessar um prezo, porque elle assim o pedira.

— E o prezo era...

— Iss!

— Falle, sr. Fr. Thomaz. Pelo amor de Deus, falle — exclamou ella.

— Não o conheço.

— Então porque está assim aflicto.

— Porque o prezo é um ressuscitado.

— É Francisco d'Albuquerque?

— Iss.

— Não morreu! — murmurou Theresa suffocada pela alegria. — Não morreu o meu... meu irmão!

E como Fr. Thomaz estava mudo e triste diante daquella expansão de alegria, Theresa começou de novo a inquietar-se, a duvidar do que o frade lhe dissera, a receiar que outras desventuras viessem agravar as dores que havia um anno lhe dilaceravam o coração.

— Está certo que era elle, que o não enganaram? — perguntou ella anciosa. — Francisco d'Albuquerque está vivo? E porque está prezo? Tato, responde-me, por Nossa Senhora.

— Era elle — respondeu o confessor da tia Brisida.

— Não lhe disse nada... não lhe fallou em ninguém?

— Disse-me que lhe affirmasse, Theresa, que elle ainda vivia...

— E mais nada?

— Mas que estava para morrer.

— De doença?

— Iss!

— Então...

— Enforcado.

— Jesus! Enforcado! E porque?

— Acusam-no de ter morto um francez no Alentejo.

— É falso.

— Assim diz elle.

— Vou pedir ao Castello-Melhor, vou fallar a El-rei...

— Iss! — fez o frade, fazendo com a cabeça um gesto de negação.

— Que hei de fazer para o salvar?

Fr. Thomaz do Espirito Santo tocia, e de um só folego, com pasmosa volubildade, como quem tem de cumprir uma tarefa difficil, e deseja vêr-se livre della, disse:

— Ir ter com Margarida; contar-lhe tudo. Ella fallará com o conde, e com El-rei. Não se deve pronunciar o nome delle, para que os seus inimigos o não oiçam. Julgam todos que é um almocreve do Alentejo, que está prezo. O francez que morreu era criado da rainha. É o que Francisco me disse.

— Hei de eu ir fallar á amante de El-rei! E pedir-lhe por Francisco! — exclamou Theresa, movida por um sentimento de natural repugnancia, que a sua posição relativamente á Calcanhares cabalmente justificava. Depois, detendo-se um pouco, reflectindo no perigo em que estava o seu companheiro da infancia a quem elle queria como a irmã, e buscando na abnegação, brandura e natural bondade da sua alma força para vencer os impulsos de uma paixão pouco generosa, disse, com voz firme a Fr. Thomaz: — É preciso que eu vá a casa de Margarida; já, não se deve perder um instante. Fr. Thomaz, V. R. faz-me de certo a mercê de me acompanhar até á casa dessa mulher. É uma obra de caridade; é para salvar a vida de meu irmão.

— Vou — respondeu o frade.

Dahi a pouco desciam á Sé, e encaminhavam-se para a Ribeira Fr. Thomaz do Espirito Santo e Theresa com a bioca da manta caída de modo que lhe escondia quasi o rosto. Era ao cair da tarde quando chegaram á casa de Margarida; a grossa porta do pateo estava fechada, e o frade bateu tres ou quatro vezes antes que um homem de repugnante e assustadora apparencia viesse vêr quem era.

— Desejamos fallar a D. Margarida — disse Theresa ao homem, que perguntara com voz aspera o que queriam alli. — Temos que lhe dizer...

— Não falla a ninguém, D. Margarida. Vão-se seu caminho, senão...

— É para lhe pedir esmola para uns desgraçados...

— O frade que lhe dê o que precisa, mana — interrompeu o terrivel porteiro, rindo ignobilmente. — O frade é magano. Que bella moça traz consigo!

Já ia para fechar a porta na cara de Theresa e do seu companheiro, quando uma voz de mulher perguntou de dentro.

— Quem está ahí, sr. Luiz Manso?

— É um frade feio como um bode, e uma rapariga linda como uma estrella. — Os frades agora andam sempre assim, bem acompanhados. — Querem fallar com a sr.<sup>a</sup> D. Margarida, para lhe pedir alguma esmola, talvez. O frade quer fugir com a moça, mas falta-lhe dinheiro.

— Minha senhora — acadiu Theresa, interrompendo as chocarricas brutaes de Luiz Manso — minha senhora, nós precisavamos fallar a D. Margarida. Sabemos que é muita caridosa, e

temos esperança que nos ha de escutar e fazer mercê.

— Abra a porta a essa pobre gente — disse a aia da Calcanhares ao facinoroso da patrulha baixa d'El-rei, que Henriques posera de guarda a Margarida.

— Tenho ordem de não deixar entrar ninguém.

— Pois isto é carcere em que estamos? — exclamou a aia, chegando-se á porta. — Também receiam que minha ama esteja namorada de um frade? Ora vamos, sr. Luiz, abra a porta que lho peço eu — e dizendo estas palavras com uma voz, em que posera todas as branduras que uma mulher sabe empregar quando deseja alcançar o que pede, foi ella propria abrindo a porta, sem que Luiz Manso lhe opoesse resistencia alguma.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

## NOTÍCIAS E COMMERCIO.

### MOVIMENTO DO MERCADO DO RIO DE JANEIRO EM JULHO DE 1859.

A importação do mez foi muito avultada. As transacções foram consideraveis, e os preços do carvão de pedra e sal subiram, com especialidade o primeiro.

Em productos do paiz as operações foram regulares, e o preço do café, teve alguma alta em consequencia das noticias dos mercados consumidores.

O cambio esteve mais firme havendo mesmo uma pequena subida nas cotações.

Em apolices pouco se fez. Os preços baixaram.

As acções de companhias soffreram tambem alguma baixa em consequencia da subida dos descontos e da maior procura de dinheiro que ultimamente tem apparecido.

Das 70 embarcações que trouxeram carga para este porto, vieram 3 de Antuerpia, 5 de Baltimore, 3 de Barcelona e Malaga, 1 de Boston, 2 de Buenos-Ayres, 1 de Copenhague, 1 de Dundee, 4 de Glasgow, 4 de Hamburgo, 2 do Havre, 1 da Ilha de Maio, 1 da Ilha do Sal, 8 de Lisboa, 12 de Liverpool, 4 de Londres, 2 de Montevideo, 2 de New-Castle, 2 de Newport, 2 de New-York, 2 de Philadelphia, 1 do Porto, 1 de Port-Vendres, 2 de Richmond, 1 de Shields, 1 de Southampton, 1 de Trieste.

**Alcatrão.** — Teve alguma baixa, e houve vendas moderadas a 11\$000 rs. o barril.

**Azule doco.** — O de Portugal esteve firme, e as vendas regularam de 245\$000 a 250\$000 rs. a pipa. O do Mediterraneo vendeu-se de 1\$800 a 1\$900 rs. o gallão.

**Bacalhão.** — Uma pequena partida que se recebeu de Londres alcançou 16\$000 rs. o quintal.

**Breu.** — A falta de supprimentos produziu alguma subida no preço; as vendas regularam de 5\$500 a 6\$000 rs. a barrica.

**Carne secca.** — As vendas foram regulares; a do Rio Grande de 2\$300 a 2\$900 rs., e a do Rio da Prata de 2\$000 a 2\$800 rs. a arroba. Em set no ultimo do mez, 41.000 arrobas, sendo 35.000 do Rio Grande, e 6.000 do Rio da Prata.

**Carvão de Pedra.** — O preço deste artigo tem subido extraordinariamente, vendendo-se o gráudo de 32\$000 a 36\$000 rs., e o miúdo de 15\$000 a 18\$000 rs. por tonelada.

**Cera.** — Da americana houve vendas a 760 rs. a libra.

**Cerveja.** — Houve vendas regulares da de Londres de 3\$800 a 4\$000 rs. e a superior a 4\$250 rs. a duzia.

**Cobre.** — Do de forro fizeram-se algumas vendas a 560 rs. a libra.

**Farinha de trigo.** — Entraram no decurso do mez 24.026 barricas. As vendas foram de cerca de 23.500 barricas, a de Richmond de 16\$000 a 17\$000 rs., Baltimore 13\$500 a 14\$000 rs., Philadelphia rs. 14\$500 e Trieste SSSF 17\$000 a 18\$000 rs. a barrica.

Em set em primeira mão no ultimo do mez 8.375 barricas.

**Folha de Flandras.** — Fizeram-se varias vendas de 20\$000 a 20\$500 rs. a caixa.

**Manteiga.** — No primeiro do mez houve transacções de 560 a 570 rs., e a que veio pelo Severn alcançou 640 rs.; posteriormente as vendas regularam de 530 a 540 rs. a libra.

**Massas.** — Vendeu-se uma partida a 7\$000 rs. a caixa.

**Óleo de linhaça.** — Effectuaram-se vendas a 220 rs. a libra a dinheiro.

**Passas.** — Houve algumas vendas de 4\$300 a rs. 4\$500.

**Prezuntos.** — Vendeu-se um lote dos de Westphalia a 420 rs. a libra.

**Queijos.** — Houve vendas avultadas de 600 rs. a 1\$000 rs.

Os que vieram pelo Severn alcançaram 1\$200 cada um.

**Sal.** — Os preços no principio do mez regularam de 560 a 580 rs., posteriormente porém subio, e um carregamento alcançou 800 rs. por alqueire. Uma carga vendeu-se a 620 rs. a dinheiro a entregar em Santos.

**Tuboado.** — Uma carga de 180 duzias, do Baltico, realisou 18\$000 rs. a duzia.

**Velas.** — Das de composição houve vendas de 580 a 600 rs. a libra.

**Vinhos.** — Os supprimentos do de Lisboa foram consideraveis, e as vendas regulares, realisando o superior de 145\$000 a 153\$000 rs., e o regular de 130\$000 a 138\$000 rs. a pipa.

Uma carga de Port-Vendres realisou de 122\$000 a 124\$000 rs.

O de Malaga vendeu-se de 114\$000 a 115\$000 rs.

**Café.** — No principio do mez esteve este mercado bastante animado, e as noticias que dos mercados europeos trouxe o vapor Severn causaram uma subida

de cerca de 100 nos preços deste genero. Depois desta subida retiraram-se alguns compradores do mercado; contudo as vendas totaes do mez foram de 120:000 saccas, sendo a maior parte para os Estados-Unidos e Mediterraneo.

Os preços extremos do mez podem cotar-se pela forma seguinte:

Lavado.....	4\$200 a 4\$800
Superior.....	3\$900 » 4\$100
Superior e 1. <sup>a</sup> boa.	3\$850 » 3\$950
1. <sup>a</sup> boa.....	3\$700 » 3\$800
1. <sup>a</sup> ordinaria.....	3\$400 » 3\$550
2. <sup>a</sup> boa.....	3\$200 » 3\$400
2. <sup>a</sup> ordinaria.....	3\$000 » 3\$100
Escolha.....	1\$700 » 1\$800

As existencias no ultimo do mez eram de 120,000 saccas.

Exportaram-se para:	Saccas.
Lisboa.....	2:528
Porto.....	184
Vianna do Castello.....	29

**Assucar.** — As vendas do mez foram consideraveis orçando por 2:000 caixas do de Campos, 600 saccos de Pernambuco, e 200 caixas e 1,000 saccos de Maceió. O de Campos vendeu-se, o *redondo* de 2\$400 e 2\$500 rs., o *batido* de 2\$300 a 2\$400 rs., e o *mascao* de 1\$500 a 1\$900 rs.; o de Pernambuco, *redondo* de 2\$700 a 2\$800 rs., e o *batido* de 2\$500 a 2\$600 rs.; e o de Maceio *branco* de 2\$200 e 2\$300 rs., e *mascao* de 1\$500 a 1\$600 rs. por arroba.

Em ser no ultimo do mez: 200 caixas de Campos, 3:500 saccos de Pernambuco e 250 caixas e 1,000 saccos e barricas de Maceió.

Exportaram-se para:

	C.	B.	F.
Lisboa.....	509	473	—
Porto.....	478	103	2
Vianna do Castello.....	—	—	—

**Couros.** — As vendas do mez constam apenas de 9:000 pequenos do Rio Grande a 200 réis a libra. Os do Rio da Prata podem cotar-se os pequenos a 200 rs. e os grandes a 150.

Em ser no ultimo do mez 25:000, sendo 20:000 do Rio Grande e 5:000 do Rio da Prata.

Exportaram-se para:

Lisboa.....	246
Porto.....	515

**Descontos.** — Havendo os bancos levantado a taxa dos descontos das letras da praça, de 5 para 6 por cento, as transacções que se fizeram no mez regularam de 5 a 5 e meio e algumas a 6 por cento.

**Cambio.** — As transacções do mez foram regulares, havendo uma pequena subida. Sobre Londres fizeram-se operações de 27  $\frac{1}{2}$ , passando-se tambem algumas quantias a 27  $\frac{1}{4}$ .

Sobre Paris houve saques de 350 a 355.

Sobre Hamburgo a cotação geral foi 655 a 657.

**Ações.** — Tem havido muito pouca animação neste mercado, e os preços tiveram alguma baixa. Venderam-se as do *Banco Commercial* de 720\$000 a 700\$000, as dos *Paquetes de Vapor* de 560\$000 a 480\$000 rs., as de *Nitherohy* a 250\$000 rs., e as do *Banco do Brazil* de 110\$000 a 90\$000 rs. de premio sobre o capital pago.

**Moeda Metallea.** — As transacções foram pouco importantes, e limitaram-se a algumas vendas de onças de 29\$200 a 28\$800.

**Apolices.** — Tem baixado, e as ultimas vendas das de 6 por cento effectuaram-se a 103 e das provincias a 101.

*Rendimento comparativo da alfandega e consulado, em julho de 1851 a 1852.*

	1851	1852
Alfandega.....	1.391.619\$000	1.558.693\$000
Consulado.....	283.303\$000	240.544\$000
	1.677.722\$000	1.799.237\$000

### THEATRO DE S. CARLOS.

Ahi temos a nova companhia para o theatro de S. Carlos. O paquete inglez, chegado no dia 11 do corrente, conduziu a Lisboa o sr. Antonio Porto ~~redondo~~ de toda a sua comitiva artistica. Só faltam as ~~duas~~ damas sr.<sup>as</sup> Anaide Castellan e Rossi Caccia. A primeira, tendo de cantar, conjuntamente com madame Clara Novello, e outras artistas distinctas nos grandes festas que ha no corrente mez em Birmingham, só poderá partir para esta cidade pelo proximo paquete. Quanto a madame Rossi Caccia é sabido que a sua escriptura começa no mes de março futuro.

Os principaes artistas da companhia de canto são os mesmos que já annunciámos no n.º 6 deste jornal, com a excepção do tenor Fedor, que não tendo podido desligar-se, apesar das suas muitas diligencias, do compromisso que tinha com o empresario do theatro de Marselha, foi substituido pelo sr. Prudenza.

Foram além disso escripturados o tenor *in genere* sr. Macaferri, a comprimaria Benvenuti, a segunda dama sr.<sup>a</sup> Rochelle; e para a companhia de baile, a primeira bailarina de *genero francez* sr.<sup>a</sup> Augusta Domenichettis, a primeira bailarina de *genero italiano* sr.<sup>a</sup> Vicentini, e o coreografo sr.<sup>a</sup> Segarelli, que exercerá igualmente o logar de primeiro mimico absoluto. No proximo numero publicaremos o elenco geral da companhia.

Consta-nos que a nova época theatral será inaugurada com a opera *Nabuco*, e com um *divertissement*, composição do sr. Segarelli, em que debutará a primeira bailarina sr.<sup>a</sup> Domenichettis. Parece que a parte de *Abigail* no *Nabuco* foi confiada á sr.<sup>a</sup> Ecilia Agostini, e que o baritono Bartolini será o protagonista.

Dos artistas escripturados pelo sr. Porto, uns conhecemos nós por terem figurado com distincção em alguns dos principaes theatros, outros apenas por informações que tivemos; mas por em quanto nada diremos, porque não queremos influir antecipadamente no juizo do publico. A seu tempo emitiremos a nossa opinião com toda a franqueza e imparcialidade.

DEMETRIO RIPAMONTI.

Os artigos sobre o Banco de Portugal em relação á situação financeira serão continuados na conformidade do plano que lhe traçamos.



# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 11.

QUINTA FEIRA, 23 DE SETEMBRO DE 1852.

12.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### ● BANCO DE PORTUGAL EM RELAÇÃO À SITUAÇÃO FINANCEIRA.

Le crédit, sous sa double forme de crédit public et de crédit privé, mérite d'être classé sur le même rang que la vapeur et l'imprimerie, au nombre de ces forces qui sont destinées, appelées à changer la face du monde, et qui sont en voie d'opérer sur la terre la transformation de toutes classes au profit de la liberté comme de l'ordre.

M. CHEVALIER.

#### VII

Em 22 de julho deste anno, ao publicarmos o primeiro artigo acerca do Banco de Portugal, em relação á situação financeira, lhe traçámos o plano, escrevendo que fariamos as nossas considerações sobre:

A opinião que julga o Banco devedor ao estado de juros pelas notas do Banco de Lisboa.

A figurada vantagem do Banco vender a 80 por cento as acções com juro sobre o Fundo Especial de Amortisação.

O direito que assiste ao empréstimo dos quatro mil contos, e empréstimos de 1835 para não haver deducção nos seus juros.

Nenhum destes pontos se podia tractar sem a exposição dos direitos e deveres do Banco. Esta exposição já a fizemos. Resta examinar os pontos a que ainda nos não referimos, e fazel-o dentro dos limites puramente economicos, em que a nossa penna já ha annos trabalha na redacção da REVISTA. Sempre que escrevemos só esperamos para a obra, mais ou menos imperfeita, o reconhecimento da propria consciencia, pois que sabemos que fóra d'ahi o escriptor imparcial

quasi que só póde contar com a injustiça, a ingratidão ou a calumnia. O caminho que as nossas opiniões devem andar está ha muito traçado e conhecido por quantos lêem a REVISTA; nem pessoas, nem partidos nos desviam delle. Quando emittimos a nossa opinião acerca do direito do credito sobre o governo do juro do empréstimo dos quatro mil contos não dever ser sujeito a deducção, ainda esta não estava decretada. Hoje que o está, a nossa opinião é a mesma: sentimos que o esteja, mas para nós o direito não muda com o facto. No lugar competente desenvolveremos este ponto: convém antes desvanecer a figurada vantagem na venda das acções sobre o Fundo de Amortisação a 80 por cento.

Já vimos que as acções com juro representavam creditos do Banco sobre o estado, provenientes na maxima parte de capitães emprestados ao par ao estado, a juro modico; e em outra parte provinham de haver o Banco satisfeito de prompto, e pelo meio convencionado creditos sobre o estado, que elle não estava habilitado para pagar. O embolso foi deferido para longos prazos, e tudo se julgou compensado com a certeza de um juro certo, e de uma descapitalisação dos valores que taes creditos ficaram significando. Vem a proposito resumir o que sempre pensámos acerca do Banco. Foi opinião constante nossa a que hoje temos, que não se podia exigir maior nem mais proveitoso desenvolvimento ás operações do Banco, sem chegar ao cumprimento das obrigações, que o estado lhe deve ha muito, de fórma que o Banco ficasse sem direito para uma unica reclamação justa, como tantas que tem feito, e sem lhe confiar o direito de ser o unico estabelecimento que emittisse papel circulante. Realizadas estas duas condições, o Banco tinha

um futuro vasto, que podia ser de maximo proveito para Portugal. Na marcha da civilização, no incremento dos interesses do paiz, o seu logar era dos primeiros e dos mais honrosos. As suas caixas e agencias levariam as vantagens do credito e da circulação a todas as terras do reino; os seus capitães seriam o nucleo de grande parte desses thesouros, que o trabalho de muitos dos nossos irmãos nos manda do Novo Mundo; o seu credito serviria de sombra benefica para grandes empresas; os seus meios de acção poupariam muitas despesas publicas; e os capitães estrangeiros, por sua intervenção viriam associar-se ao incremento da riqueza do paiz. A usura fugiria ante esta associação a que se chamava agiotica, mas que revelaria ás provincias a vantagem, que desconhecem, do capital a 5 por cento.

Estas esperanças, que espiritos timidos ou desconfiados julgarão illusorias, são para nós realisaveis se os dois meios apontados se pusessem em pratica, se em vez de se julgar o Banco lucrando com a venda a 80 por cento de um credito sobre o estado se desejasse que recebesse os 100 por que é legitimo credor. Como o decreto de 19 de novembro impoz ao Banco a obrigação de comprar as acções com juro de que não foi possuidor, por inscripções consideradas a 62, o que equivaleria a 74 em dinheiro, julgou-se que havia lucro na venda a 80. Em primeiro logar deve-se attender a que 4, 142, 540, 864, dessas acções já a 99 que se vendessem representavam 1 por cento de verdadeira perda, por quanto provinham de creditos ao par, que se deviam embolsar em muitos prazos antes da sua inversão em acções, e, o que é mais, de capitães que se emprestaram no acto dessa inversão se estatuir. Consideremos por tanto só os 963:931\$403 réis pelos quaes o Banco deu 1.556:728\$069 réis de inscripções de 5 por cento. No artigo anterior comprovamos o prejuizo de 89:780\$338 réis para o Banco pela differença dos juros que de uns e outros titulos se tem pago, desceremos hoje ao proprio acto da troca ou forçada compra. Foi a troca realisada de maio a setembro de 1847. O Banco deu 100 de inscripções por 62 de acções com juros sobre o Fundo de Amortisação. Durante esse periodo o preço das inscripções regulou sempre entre 48 e meio e 50, e por tanto produzindo os 62 de fundo vendidos a 80 o preço de 49 e meio em dinheiro não vemos aqui o lucro. Pelo contrario nesta venda ha grande perda, pois que Banco possuidor desses 1.500:000\$000 réis fundos publicos não era forçado por nenhuma

das suas operações a vendel-os por tal preço. Descendo á analyse do juro dos dois papéis achamos que o Banco dando 100 de inscripções estas lhe produzião liquidos de de cima réis 3\$750 e que adquiriu 62 de fundo que lhe produzem o juro de 2.325, perdendo assim 1.425 os quaes correspondem ao capital de réis 38\$000, subindo por este methodo a comparação dos juros dos 1.554:728\$069 réis de inscripções com os 963:931\$403 réis de acções a perda no juro é de 22:154\$475 réis annualmente o que corresponde ao capital de 590:786\$ réis. O prejuizo será perfeitamente avaliado tomando em consideração os tres semestres atrasados das inscripções. Eis aqui um negocio de agiotas, como vulgarmente chamam ha muito aos accionistas do Banco. Dizemos que a injustiça é antiga e podemos proval-o. Na crise do Banco de Lisboa em 1827, nessa época em que havia menos folhetos e mais acção, menos argumentos e mais prohibidade; só um escriptor, e um dos primeiros dos nossos economistas escreveu ácerca do Banco, e só esse documento basta para provar como as questões, que se referem a um estabelecimento desta natureza, são sempre vistas atravez de um prisma que as muda, até para tão alta e esclarecida intelligencia, como era a do auctor do *Codigo Commercial Portuguez*.

Havendo um fundo de reserva que se não tinha distribuido aos accionistas, e tendo a assembléa geral do Banco resolvido, para combater a crise, augmentar o fundo, fixou a entrada em 506,957 por acção, juntando-lhe o equivalente á reserva. Este methodo pôde ser contestado; mas não devia ser julgado do seguinte modo pelo illustre auctor a que nos referimos:

« Nota a paginas 8, do Banco de Lisboa, por José Ferreira Borges: — O expediente que a assembléa do Banco de Lisboa acaba de tomar de integrar o seu fundo original deve de produzir o mesmo effeito. O modo é que pôde chamar-se menos decoroso; porque a razão porque ficaram as acções do segundo fundo de 506,951 prova uma desigualdade indecente . . . . . Seria para desejar que a assembléa não mostrasse aquella fome de ganhar a todo o custo, que levou o Banco á suspensão que o macula. »

Vejamos a fome de ganhar dos agiotas de 1827.

Uma commissão nomeada pela assembléa geral, para em abril de 1826 dar o seu parecer sobre um emprestimo de quatro mil contos, que o governo pedia ao Banco, examinando as trans-

acções do Banco com o governo, achou que este lhe era devedor :

Em transacções directas. . . . 3.283:763,8594  
 » » indirectas. . . . 874:292,805  
 Fundos consolidados. . . . . 617:340,225

O juro destes empréstimos era de 5 por cento. No orçamento de 1826 entrava no *deficit* réis 1.067:667,720 de dívida do governo ao Banco, que se deveria pagar como empréstimo dos quatro mil contos, do qual a direcção foi actorisada a tomar uma parte, apesar deste memoravel preambulo do parecer da commissão, lido em assembléa geral de 20 de abril de 1826 :

« A commissão tomando na mais alta consideração a natureza do Banco de circulação, e « emissão de notas, certa de que nada é mais « contrario á sua essencia, e existencia, do que « fazer empréstimos a longos prazos, sejam quaes « forem seus capitães, pois que todos seriam a « final absorvidos por semelhantes empréstimos : « etc. »

Quando os agiotas de 1827, que tinham tanta fome de ganhar começaram em 20 de agosto de 1822 as operações do Banco, e estava o desconto do papel-moeda a 23, elles abriram-no a 13, e assim esteve por muito tempo.

Os agiotas de hoje, seus herdeiros, tem recebido o devidendo de 3 por cento ao anno, quando as verdadeiras operações de agiotagem tem deixado mais de 3 ao mez.

Esta divagação parece-nos necessaria para que se apreciem justamente as nossas idéas sobre os pontos a que nos referimos.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

## CALENDARIO.

### VI.

*Reforma gregoriana.* — O concilio de Nicea, em 325 julgava que o calendario juliano traria sempre o equinoccio da primavera no dia 21 de março, tanto se reputavam coordenadas exactamente com a verdadeira extensão do anno solar as suas intercalações. Mas não era assim. A extensão do anno supposta pela reforma juliana é de 365 dias e um quarto de dia; sendo a extensão verdadeira 365<sup>d</sup>, 2422. Vejamos o que devia resultar desta diferença relativamente á posição que o sol occupa, n'um dia dado, 21 de março por exemplo.

Se o equinoccio cahiu, no dia 21 de março de um anno juliano, virá no anno immediato um pouco mais cedo, isto é correspondente a uma fracção de dia igual á diferença existente entre 0<sup>d</sup>, 2500 é 0<sup>d</sup>, 2422. Esta diferença, por pequena que seja, ajuntando-se sobre si mesma no fim de cada anno, produzirá com o decurso do tempo dias inteiros, e a temperatura da que no principio se gosava em 21 de março notar-se-ha successivamente a 20, a 19, a 18 e assim por diante indefinidamente. Vê-se que o effeito é diametralmente opposto ao que resultava do emprego do anno vago egypcio que era mais curto do que o anno astronomico. Cumpre recordar que esta duração mais curta tinha successivamente transportado para o dia 22, para 23, e para 24 de março a temperatura do dia 21.

Em consequencia da diferença que existe entre o anno de 365 dias e 0,25 e o anno astronomico de 365 dias e 0,2422, o equinoccio no XV. seculo *anticipava* já muito sobre a data que o celebre concilio lhe assignalára. Era mister obstar a que augmentasse este erro, porque a final arrojaria lá para o centro do inverno a festa da Paschoa, cuja celebração, segundo as decisões ecclesiasticas, devia constantemente seguir-se a 21 de março por um certo numero de dias variavel, mas que nos casos extremos não podia exceder 25 de abril.

Reformar o systema juliano de intercalação era o unico meio de conseguir o intento; e o cardeal Pedro de Ailly assim o propoz ao concilio de Constança e ao papa João XXIII no anno de 1414: pelo mesmo tempo o cardeal Cusa escreveu sobre esta materia. Anteriormente, Rogerio Bacon tinha feito uma proposta formal a este respeito. O papa Sixto IV, querendo realisar estes projectos chamou a si Regiomontano; a morte do celebre astronomo, em Roma no anno de 1476 deferiu negocio tão delicado. O concilio de Trento, quando se dissolveu em 1563, recommendou-o mui expressamente ao papa. Finalmente, Gregorio XIII conseguiu em 1582 effectuar a reforma tão desejada, com a co-opeção de um sabio calabrez, chamado Lilio.

Tornamos a dizer que o objecto desta reforma devia ser coordenar a extensão do anno civil com a do anno astronomico, de tal sorte que os dias da mesma denominação correspondessem, termo medio, ás mesmas temperaturas, e que os trabalhos agricolas podessem sempre ser regulados por datas tomadas do anno civil.

A extensão do anno juliano era de 365 dias e 0,25, quando a do anno astronomico, ou o tempo que o sol gasta para chegar ao mesmo ponto da sua orbita, no equinoccio da primavera por exemplo, não é senão de 365 dias e 0,2422. A intercalação juliana, fundada n'uma extensão do anno exaggerada, continha mui grande numero de bissextos: diminuir este numero por um modo regular, approximando-se da extensão do anno solar, tal devia ser, e tal foi com effeito, o resultado da reforma juliana.

No calendario juliano, todo o anno cujo algarismo é divisivel por quatro é anno bissexto: os annos seculares, taes como 1600, 1700, 1800, 1900, são por consequencia bissextos, pois que todo o numero representado por algarismos significativos seguidos de duas cifras é divisivel por 4. Imaginou-se, portanto; supprimir esses bissextos; mas, então cahia-se no defeito contrario; o calendario reformado gregoriano não comprehenderia o sufficiente numero de bissextos. Remediu-se esse defeito fazendo bissextos os annos compostos de um numero de seculos divisiveis por 4. Neste systema, tres annos communs são seguidos de um anno bissexto, e tres annos seculares communs são seguidos tambem de um anno secular bissexto.

Portanto, não ha differença entre a intercalação juliana e a intercalação devida ao papa Gregorio XIII senão em os annos seculares: 1600 (ou 16 seculos) foi anno bissexto em os dois systemas de intercalação; 1700, 1800 e 1900, que são bissextos no calendario juliano, não o são na intercalação gregoriana. Porém, no anno 2000, sendo 20 divisivel por 4, contar-se-lhe-hão 366 dias, e assim de futuro.

A regra para saber-se se um anno secular é bissexto ou não é mui simples. Apagam-se as duas cifras da direita do numero, se os algarismos restantes são divisiveis por 4, o anno é bissexto, se o não são o anno é commum.

Vejam os com que grau de approximação a extensão do anno que suppõe a intercalação gregoriana se avizinha da extensão do anno astronomico: 10:000 annos se compoem na realidade de 3.652,422 dias; 10:000 annos no calendario juliano compoem-se de 3.652,500 dias.

Havia uma differença de 78 dias entre a duração real de 100 seculos e a que suppõe o calendario juliano.

O calendario juliano continha pois um numero muito grande de annos bissextos; era necessario diminuir este numero. O primeiro pensamento que deveria apresentar-se, como já dissemos, seria supprimir os bissextos correspondentes a todos os annos seculares, ou que tem o algarismo composto de um numero redondo de seculos. Ora, em 10,000 annos ou 100 seculos ha 100 annos seculares: cortando, pois, 100 de 3.652,500 ficaria 3.652,400, numero inferior em 22 á duração de 10,000 annos determinada pelos astronomicos. Assim, modificando a intercalação juliana pela suppressão de um bissexto em todos os annos seculares, se teria cortado de mais: imaginou-se, então restabelecer todos os quatro annos seculares o bissexto que se havia tirado de mais. Em vez de supprimir 100 tentou-se vêr se haveria bastante approximação da extensão do anno astronomico, cortando da que suppõe o anno juliano, não 100, mas 100 menos um quarto ou 75; obteve-se então por 10,000 annos 3.652,425 dias. Não ha, portanto, senão uma differença de tres dias em 100 seculos entre o anno astronomico

e o anno que suppõe a intercalação gregoriana.

Por outros termos, ao cabo de 10,000 annos a temperatura média correspondente á origem do periodo, 21 de março por exemplo, notar-se-hia no dia 18, tres dias mais cedo. Os trabalhos da agricultura, suppondo-lhe essa fixação rigorosa, não se achariam fóra do seu tempo e lugar, passados cem seculos, senão o curto intervalo de tres vezes vinte e quatro horas. Portanto a reforma gregoriana satisfaz com toda a exactidão necessaria ao objecto de todo o systema de intercalação, ao que cumpre accrescentar que esta intercalação é sujeita a regras mui simples, que proporcionam transformar facilmente em dias um praso qualquer expresso em annos gregorianos.

(Continúa.)

## RELATORIO DO BANCO DO BRAZIL

*Srs. accionistas do banco do Brazil.*

Em cumprimento do dever que lhe impõe os estatutos, vem o conselho de direcção expôr-vos o estado do banco, sujeitando á vossa approvação ou censura os actos praticados desde que, honrado com a vossa confiança, teve de incumbir-se de organizar e administrar este importante estabelecimento.

O primeiro cuidado do conselho de direcção foi o de levar a effecto praticamente a organização do banco, requerendo logo ao governo imperial a approvação dos estatutos, o que obteve, com as modificações constantes do decreto de 2 de julho do anno proximo passado, de que tendes conhecimento. Em seguida proseguiu o conselho na escolha dos gerentes e mais empregados indispensaveis para pôr em acção o mecanismo do banco; confeccionou o regimento interno, conforme dispoem os estatutos, merecendo-lhe simultaneamente a mais séria attenção a aquisição do edificio em que teria de funcionar o estabelecimento; por annuncios repetidos nas folhas diarias provocou a apresentação de propostas para venda ou aluguel de um predio em que se dessem as condições necessarias ao bom desempenho do serviço do banco; muitas foram as propostas, porém nenhum dos edificios offerecidos satisfizes as condições exigidas, o que obrigou o conselho de direcção a fazer novos e reiterados esforços para satisfazer esta urgentissima necessidade, conseguindo a final effectuar a compra do excellent predio em que vos achaes, pelo preço de 140:000\$; a competente siza e as alterações necessarias para adaptar o predio ás exigencias pecuniarias do serviço do banco, bem como a forte somma que foi preciso dispendir na construcção de uma casa forte, que reúne todas as condições de solidez imaginaveis, como imperiosamente o exige a perfeita segurança dos capitales que terão de agglomerar-se no maior estabelecimento bancal da America Meridional, elevou o custo da direcção até hoje a 138:268\$752; o conselho de direito porém não hesita em congratular-se comvosco pela aquisição de um tal predio que satisfaz, não só ao movimento do Banco na actualidade, porém mesmo a quaesquer exigencias futuras que a prosperidade do estabelecimento

pesta crear. Vencidas estas difficuldades, passou o conselho de direcção a fazer effectiva a primeira entrada dos fundos do Banco na importancia de réis 1.000.000\$000, o que se verificou até o dia 20 de agosto do anno proximo passado, tendo principio as operações no dia immediato. Duas mais entradas de igual quantia foram exigidas e realisadas, e verifica-se actualmente a quarta entrada por assim o reclamar o progressivo desenvolvimento das operações do Banco.

Não cansará o conselho de direcção a vossa attenção narraudo-vos detalhadamente a marcha successiva do Banco do Brazil desde o começo de suas operações, por quanto o balanço geral que se acha sobre a mesa, e os trabalhos complementares que o acompanham, vos informam cabalmente do occorrido. Não se julga porém o conselho de direcção dispensado de chamar a vossa attenção para os algarismos finaes do movimento bancal, bem como para o resultado obtido no curto periodo de sua existencia, que provam de uma maneira concludente a importancia que adquiriu o estabelecimento, o seu estado vantajoso, e quiz o esperançoso futuro que o aguarda. Até o dia 30 de junho proximo passando o movimento da caixa foi de 91.723:213\$215 réis, sendo por entrada 47.224:686\$663 réis, e por saida 44.498:526\$552 réis. Descontou o Banco em letras da praça e sobre caucções 18.251:819\$283 réis. As entradas de dinheiro a premio elevaram-se a 15.341:893\$482 rs. O movimento das contas correntes de 22.889:670\$742 réis, sendo por entrada 11.694:238\$960 réis, e por saida 11.195:431\$782 réis. A conta de ganhos e perdas demonstra um lucro liquido de 178:911\$598 réis, correspondente a 9  $\frac{3}{4}$  por cento ao anno sobre o fundo recolhido, o que levou o conselho de direcção a declarar o dividendo de 8\$000 réis por acção, deixando ainda ao credito da conta de ganhos e perdas 7:647\$490 réis depois de se haver levado a fundo de reserva 11:264\$108 réis, em conformidade do que dispõe o art. 74 dos estatutos.

Esta posição é por sem duvida vantajosa, attendendo-se ás fortes despesas inherentes á primeira época da organização do banco, e á superabundancia de capital fluctuante que o mercado monetario apresentou durante o periodo decorrido. Para obter resultado tão lisongeiro o conselho de direcção se comprax em dizer-vos, senhores, que não empregou meio algum extraordinario, limitando-se a conservar em plena actividade o fundo respectivo, fazendo apenas um uso limitado de outros elementos de acção facultados pelos estatutos, e evitando além disso cuidadosamente o tomar parte alguma no movimento especulativo de que fomos testemunhas, por entender que uma marcha grave, prudente e circumspecta é o que convém a uma instituição bancal de primeira ordem. Um dos cuidados do conselho de direcção foi o de representar ao corpo legislativo contra a oppressiva applicação da lei do sello no que respeita a letras e vales de curtissimos prazos; similhante applicação inutilisa um dos mais importantes recursos do banco em quanto não chega a época de assumir este estabelecimento a posição que lhe compete, sendo elevado á cathegoria de banco de emissão, o que é facil de prever terá logar em época não mui distante, porquanto a prosperidade crescente do imperio é o

desenvolvimento dos germens de riqueza que superabundam no paiz, reclamarão em breve uma instituição do credito de ordem mais elevada, que dê vigor ao exercicio das energicas activas da sociedade. Procurou tambem o conselho de direcção entabolar negociações para abrir um credito ao banco em Londres, por uma forte somma, o que julga de transcendente utilidade ao estabelecimento, e espera conseguil-o. Entrou tambem em correspondencia com bancos das provincias, fazendo sentir a esses estabelecimentos que, por meio de contas correntes, abrindo-se creditos reciprocos, poderiam auxiliar o commercio no movimento de fundos, mediante modicas commissões. O conselho de direcção procurou, pois, senão tirar partido immediato das circumstancias da praça, porque era nisso embaraçado por considerações prudenciaes de ordem elevada, ao menos lançar os alicerces de futuras e legítimas operações bancaes.

Aqui poderia o conselho de direcção terminar o seu relatorio, porque no que fica dito se cifra o resumo dos actos de sua administração sobre que podeis exprimir vosso assentimento ou vossa censura; o conselho de direcção porém comprehende que elevada é a missão do Banco do Brazil, e por isso não hesitará em suscitar algumas idéas que julga dignas da vossa attenção.

É inquestionavel que a época actual é uma época de esperanças; o principio de associação, sem duvida um dos mais poderosos agentes dos tempos modernos, está finalmente em movimento entre nós, cumpre abraçal-o com avidez, porém tambem cumpre estudal-o e guial-o, para que nos vós de sua actividade não comprometta alguns interesses momentosos. Até onde alcança a experiencia do passado, em todas as praças commerciaes um periodo de excitação especulativa motivada por superabundancia de meio circulante é sempre seguido de outro periodo, mais ou menos remoto, de pressão e difficuldades monetarias. Os bancos bem organisados são os esteios do credito e do commercio quando chega a epocha difficil; incumbelhes pois ter muito em vista as causas que podem acarretar as crises, pois se não é talvez possivel evital-as, os seus effeitos serão sempre em boa parte minorados se opportunamente os estabelecimentos de credito embaraçarem especulações desagradas e indevidas, sem difficultrar de modo algum o conveniente apoio ás legítimas operações da praça. Se, porém, a prudencia aconselha circumspecção, e se é um facto que na estação das facilidades é que cumpre aos bancos ter mais cautela, porque é então que os espiritos aventureiros se arriscam a tudo, e d'ahi se seguem as calamidades que a historia commercial aponta em toda a parte, não é menos certo que taes épocas são as propicias para se levarem a effeito as boas empresas, e os espiritos sãos e vigorosos aproveitam-se tambem dessas oportunidades para realisal-as: apoiar as boas e impedir a realisação das más empresas será sempre um serviço importante á sociedade e objecto legitimo e digno da acção dos bancos.

(Continúa.)

## PARTE LITTERARIA.

A NOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXXII.

UM FIO NO LABIRINTO!

(Continuado de pag. 117.)

O ministro aproximou-se outra vez dos seus amigos, e o visitador tomando de parte a Jeronymo Guerreiro, procurou sondar a profundidade da sua dôr, e prescrutar os motivos della. Depois de muitas perguntas indirectas, e de algumas respostas ambigüas, pondo a mão no hombro do mancebo com auctoridade, o padre disse-lhe:

— « Para que me está enganando, se eu lêo na sua alma e a vejo chorar? Irmão Jeronymo faltou á companhia escondendo os seus pensamentos! Eu sei o que padece, e advinho o que me occulta. Um homem, Jeronymo, e um homem com o seu coração, não tem remorsos e pejo da fraqueza de meditar o suicidio, e de o pedir a Deus? »

— « Ah, padre Ventura, se soubesse o que sinto, se conhecesse a dôr que me trespassa!.. Cuida que posso existir assim, e levantar a cabeça, tendo sobre ella este peso de desenganos e de magoas, se de repente a luz da sua alma se apagasse, a alegria da sua vida lhe fugisse, o que fazia em meu logar? »

— « Pedia constancia a Deus e no calvario do martyrio arvorava a esperança duravel, a esperança divina. Cuidei que não ignorava que no mundo quasi tudo são lagrimas e illusões; devia saber que a dôr e a desgraça são companheiras do homem e nunca largam o seu lado... Tenho-lho ensinado. »

— « A sua alma é forte!.. Mas eu é que não tenho animo. O que fiz e consegui não era para mim. Julgava que o coração della se unia ao meu nos trabalhos e nas esperanças... Nunca senti os braços carinhosos tão suaves para os outros. O meu berço foi um berço de orphão; e amei-a, padre, amei-a com o estremo de filho, de irmão e de amante? Hoje que me desenganei, morro porque estou só. »

— « O homem nunca está só! E a mim quem me acompanha, quem me esforça e me ha de

cerrar os olhos com ternura e amizade? Julgar que não sei os tormentos da saudade, e que não ouvi dentro do peito os mesmos gritos da paixão, também louca também cheia de magoa? Porque me vê amortalhado cuida que não vivi, que fui velho sempre de espirito e de coração?.. Sonhei do mesmo modo; e ao acordar, procurando a alma, encontrei-a banhada de prantos, de joelhos sobre um tumulto? Era pouco?.. E não me abraçei por isso com a morte, não commetti o crime de procurar o suicidio... O peso do infortunio prostrou-me, como a todos; a afflicção tentou-me, mas a vontade venceu e tudo se callou... Sabe como o homem forte se ergue destes golpes? Mudando de paixão, pondo os olhos no ceu, e crendo em Deus. Hoje... não me lembro senão de que o desterro ha de ser curto; e no dia em que fôr chamado, irei descansar contente ao lado da minha cruz, supportada sem queixume, e no seio do Senhor aonde chorei sem desesperação... »

— « Mas é que v. paternidade não é um homem como os outros! Admiro os seus exemplos, porém segui-os!.. Como querem que esqueça, se o coração não sabe e não diz outro nome? Se a alma não está comigo, mas com ella? »

— « É porque não manda ao coração que se calle, e á alma que veja outra coisa. Se fossem seus obedeciam-lhe. »

— « Ha tantos annos, padre Ventura, que a vida não é minha! Entreguei-lha desde creança; e agora mesmo não posso com o peso della! Se não parti é porque me disseram que esperasse. Ainda seis mezes, e no fim delles... não me illudo, não me entristeço, estou livre e ficarei tranquillo... »

— « Morrendo com medo do infortunio?... interrompeu severamente o jesuita. Bem! Disse tudo? É a sua ultima resolução? »

— « Disse! » respondeu o mancebo deixando pender a cabeça. « A v. paternidade não occulta nada. »

— « Então se o não amarem? »

— « Não posso viver. »

— « Não de amal-o. »

— « Não, meu padre! Diz-me o coração, que a minha vida acabou aqui. Depois o desengano veio da bocca della! Sei que me estima, mas o seu amor... passou. Tenho a prova. »

— « Já me viu prometter de leve, irmão Jeronymo? Ora bem! Se nós podessemos fazel-o forte, o instituto ganhava a maior victoria. É filho de Santo Ignacio pelo seu voto; creio que

o seu espirito é menos fraco do que o seu coração; quem pecca mais é a mocidade... Essa ha de passar a emendar-se! Entre perdel-o por uma paixão obscura, e salvá-o satisfazendo-lhe o erro, porque é só erro, prefiro que viva. Conheço que do homem, que era a minha esperança, e em que punha a gloria futura da companhia, só ficará connosco o espirito, porque por mais que faça não pôde torná-lo pequeno... assim mesmo com o coração captivo e a alma longe de nós, espero que se a companhia o chamar... »

— « Ainda que Thereza me pedisse de joelhos! »

— « Não diga palavras temerarias. Se ella mandasse, ficava. O escravo não pôde prometter: eu farei! A vontade é do senhor. »

— « Padre visitador eu não mereço... »

— « Merece! Acha a verdade amarga? De que se queixa? Quem se desgosta e entrega a vida ao amor volúvel de uma mulher o que ha de negar depois? Hoje quer morrer, porque não tem animo para supportar a dôr; amanhã o que fará para não perder a felicidade? »

— « V. paternidade é severo! »

— « Engana-se. Sou justo apenas. »

— « Não é uma paixão leviana, é o amor do meu coração, desde que o sinto bater no peito... »

— « O amor é natural, não o accuso. O que estranho é a fraqueza. »

— « A fraqueza! Nem v. paternidade acredita! Não me disse já que eu não sou atreito a virar as costas? Bem viu se a morte me assustou? »

— « Cuidei, mas foi engano. Não tremer da morte é o menor valor; ha casos, em que o animo consiste em poder com o vida. O homem que medita o suicidio porque a magoa o afflige, ou porque a esperança anouteceu na sua alma, outro dia tem medo de morrer se fôr feliz... O valor que honra o coração e o espirito é a serenidade no infortunio e a constancia na occasião adversa. Ora aqui a occasião chegou e o homem fugiu: diga-me se uma creança faria menos? »

— « Padre Ventura, é preciso todo o meu respeito... »

— « Julga então covardia matar-se, ou expôr-se voluntariamente á morte, que é o mesmo, porque achou rigor em uns olhos, onde esperava vêr sorrisos? Cuidei que lhe parecia natural! »

— « Eu não disse... »

— « Que só no mundo sem ella não queria viver? Suppuz! Ainda bem, que foi meu o equivoco. Já cré então que Deus nos não concedeu o precioso bem da vida só para o amor profano,

esquecendo o seu serviço na idolatria das paixões mundanas? Ora pois! Veio aonde eu queria. O que disse foi para lhe pôr diante da loucura o espelho e convenceo-o de quanto é feia e criminosa. Seja homem! O amor é um bello sentimento, mas nasceu para nos dar a vida, e não para causar a morte. Medite, fortifique-se, e tome posse do seu coração e da sua alma; vença-os com o espirito que tem mais poder, e verá que hão de obedecer... depois de alguma dôr. Costume-se a tomar conselho com a razão e a moderar os impetos... A magoa e a alegria, em excesso, são delirios... Tenho que escrever para Castella. Quando parte, irmão Jeronymo? »

— « Quando v. paternidade disser! » replicou o mancebo inclinando a cabeça e cruzando os braços.

— « Muito bem! Vamos melhorando, pelo que observo. Então fica em quanto eu não quizer o contrario? »

— « Depois da promessa de v. paternidade... o lugar aonde espero é-me indifferente. »

— « Dê-me um abraço, e confie em Deus. Amanhã fallaremos de vagar. »

D'ahi a poucos minutos o jesuita sabia da boca de D. Catharina as particularidades relativas aos amores de Jeronymo e aos receios de Thereza; e encolhendo os hombros e sorrindo-se dizia a meia voz:

— « Suppuz que era outra coisa. Podia ser peor! »

L. A. REBELLO DA SILVA.

(*Continúa.*)

## UM ANNO NA CORTE.

### CAPITULO I.

#### AS DUAS RIVAES.

(Continuado de pag. 119.)

A Calcanhares recebeu Thereza no formoso aposento, onde estavam concentradas as deliciosas e amadas recordações da sua vida, no camarim onde ella assistira á quasi ressurreição phisica e moral do seu amante, onde lhe ouvira essas palavras sempre as mesmas, porém sempre eloquentes sempre persuasivas, com que o homem, que ama deveras, falla do seu amor áquella por quem sente a mais exaltada, e viçosa paixão que pôde engrandecer a alma.

Pela janella, sexada por uma cortina de seda



vermelha, entrava uma meia-luz suave e tenue que perfeitamente se harmonisava com o brando clarão de duas lampadas de alabastro, ardendo diante de um primoroso Christo de marfim, cuja belleza realçava a larga cruz de ebanho em que estava pregado. Aquella luz, Margarida, vestida de negro, pallida por extremo, com os olhos ligeiramente affogeados pelo acre contacto das lagrimas, os cabellos negros apenas sustidos por uma fita, e caído descuidosamente sobre o côlo, as mãos alvissimas, que o emagrecimento parecia haver alongado tornando ao mesmo tempo mais pura e aristocratica a sua fórma, estendidas com desalento sobre o veludo do vestido, Margarida era a imagem harmoniosa e melancolica da saudade.

Desde que em Salvaterra, naquella noute funesta, Margarida fôra separada de Francisco de Albuquerque, nem uma hora tinha havido de repouso para o seu espirito nem de allivio para o seu coração. Guardada pelo ciume vigilante e desconfiado de Henrique Henriques, só duas vezes saíra de casa para ir ao paço, depois da sua volta para Lisboa. Na solidão, e oprimida pela magoa e pelo susto, a alma da amante de Afonso VI havia-se votado á oração, e ás meditações religiosas; os escrúpulos tinham vindo, vivos e pungentes, perturbar-lhe a serenidade da consciencia, e então a imaginação exaltada e ardente lançara-se nessas regiões immensas do ascetismo, onde a luz e as trevas, a alegria e a dôr, a bemaventurança e a eterna condemnação apparecem n'um vasto turbilhão de idéas confusas, de indecisas esperanças, de indefinidos desejos. Os conselhos e as praticas do seu novo director espirital, o padre jesuita Manuel Fernandes, tinham profundamente impressionado o espirito, por natureza exaltado e inclinado á tristeza, da desditosa Margarida, e desenvolvido nella a theopathia, que destruiu quasi totalmente todas as paixões que a prendiam á terra.

O seu amor por Francisco d'Albuquerque nada perdera da sua intensidade, mas havia nesse amor agora um mystico desejo de purificação, uma esperança de felicidade pela união espirital, de santificação pelo arrependimento. Cansada de padecer na terra, de vêr sempre um abysmo aberto pelos crimes e pelas ruins paixões de homens sem piedade entre ella e a felicidade, Margarida sem cessar de ter no coração todos os ardores de um amor apaixonado, havia levantado a sua alma acima das misérias da terra, entranhando-se nesse vago imaginar, que é o

allivio e a consolação dos que tem sincera crença n'um mundo melhor.

A Calcanhares estava entregue a tristes cogitações, quando Thereza entrou no camarim, com o rosto ainda meio escondido pelo bioco negro da manta. E com razão a candida provinciana conservára o bioco assim caído para a frente, porque naquelle momento estava tão pallida, tão convulsa, tão fóra de si, que se a aia de Margarida a visse em tal estado talvez suspeitasse que ella vinha áquella casa para praticar alguma acção criminosa.

Quando a aia disse a sua ama que alli estava a mulher que instantemente pedira para lhe fallar, Margarida levantou a cabeça, e com uma voz meiga e melancolica

— Sente-se aqui ao pé de mim, senhora — disse: — e diga-me com sinceridade em que a possa servir.

— Senhora... — balbuciou Thereza, sem se mover, e levando a mão ao peito para conter os impulsos do coração que batia desordenadamente.

— Soffre! — acudiu a Calcanhares, pondo-se de pé, e pegando na mão de Thereza. — Permitta Deus que eu possa aliviar-a dessa dôr que a atormenta, senhora! Vamos, não trema, não se afflija tanto. A minha alma está preparada para entender as queixas dos desgraçados.

Era tão suave a voz de Margarida ao dizer estas palavras, estava tão melancolica, revelava tal bondade a sua physionomia, os seus olhos arrasados de lagrimas tinham uma doçura tão angelica, que Thereza sentiu fundirem-se, ao brando contacto da meiga alma de que fôra sua rival, todas as repugnancias, apagarem-se todas as antipathias. A sua mão, que fugira um pouco, assustada de se achar unida á mão da Calcanhares, tornou-se menos tremula, a sua voz era intelligivel e mais firme quando disse:

— É-me penoso, D. Margarida, vir eu mesmo fallar-lhe n'um triste caso, que a ambas nos interessa.

— A ambas! — E D. Margarida, em quem estas singelas palavras, haviam vivamente excitado a curiosidade, sentou-se no seu rico estrado, obrigando Thereza a sentar-se-lhe ao lado.

— A ambas — proseguiu esta, tirando a sua mão dentre as mãos da Calcanhares. — A grandeza do sacrificio que eu fiz em vir aqui poder-a-ha apreciar, senhora, quando souber quem sou.

Deitando então o bioco para traz, Thereza

deixou vêr á Calcanhares o seu rosto suave, que as penas haviam empalidecido. A amante d'El-rei, ao reconhecê-la, fez um gesto em que visivelmente se pintava o espanto e a anciedade, que lhe causava o vêr na sua propria casa a noiva de Francisco d'Albuquerque.

— O perigo eminente, a urgente necessidade de socorro que tem... Francisco d'Albuquerque, meu irmão, explicam e justificam, D. Margarida, a minha vinda a esta casa — deu-se pressa em dizer Thereza.

— Que ha, que succedeu? — perguntou logo Margarida com grande turbacão.

— O que ha? Francisco está vivo...

— Bem o sei.

— Mas em risco de morrer como criminoso, como assassino, sendo innocente.

— Que me diz? Pois elle está preso? Querem matar-o? Tinham-me dito que estava para o Alemtejo, fóra do alcance dos seus, dos meus inimigos. Enganou-me o padre Fernandes.

Thereza, que ignorava todas as circumstancias do desaparecimento do capitão, não sabia o que pensar destas palavras da Calcanhares. Esta notando o espanto da bella provinciana:

— Não se admire — disse, — não se admire de eu estar informada de tudo que respeita a Francisco d'Albuquerque. Sou culpada, pequei, offendi-a, senhora, mas a confissão dos meus erros servirá agora para a sua expiação.

Estas palavras pronunciou-as Margarida com uma voz em que vibravam soluços; e as lagrimas caíam-lhe a quatro e quatro, bellas como diamantes, pelas faces brancas de jaspe.

— Confessál-o-hei aqui — proseguiu ella, — eu amei-o, amei-o e amo-o muito. Perdê-me, Thereza, perdê-me se lhe roubei o amor desse homem. Mas eu tinha vivido sempre sem amar e sem ser amada; só na minha tristeza; insultada e despresada sendo, innocente; victima da crueldade dos homens, sem ter feito nada porque merecesse esse castigo de Deus. Vi Francisco d'Albuquerque, e amei-o; e, como elle acreditou na minha innocencia, e me abençoou quando todos me amaldiçoavam, e me respeitou quando todos me despresavam, esse amor tornou-se vida para mim. Quando o vi, por minha causa, cair aos golpes dos assassinos da patrulha baixa d'El-rei, senti que a vida da minha alma se ia pelas mesmas feridas por onde se esvaia a vida de Francisco. Quando o vi depois, — é aqui que eu preciso de toda a sua misericordia, Thereza, que necessito de toda a sua comiseracão

para ser perdoada, — quando o vi, quasi moribundo, entregue aos cuidados de outra mulher, que eu sabia que o amava tambem, senti, Jesus me perdê! Senti o odio, a cólera, o ciúme abafarem-me todos os sentimentos bons, acenderem-me no coração todas as paixões violentas. Thereza — proseguiu ella pegando na mão da provinciana, de cujos olhos as lagrimas marejavam tambem, — Thereza escute-me, escute-me e tenha dó de mim. Fui eu quem tirei do Córte-Real Francisco d'Albuquerque; aqui mesmo, nesta casa o tive, e... fui ditosa, como o não foi nunca outra mulher no mundo.

A Calcanhares deixou-se cair de joelhos, e as suas lagrimas inundaram as mãos de Thereza. Diante daquela grande magoa, daquelle immenso amor Thereza sentiu-se comovida não de ciúme, mas de compaixão: então, esclarecida subitamente pela delicada sensibilidade da sua alma, ella percebeu, que não amava Francisco d'Albuquerque como Margarida o amava, que o sentimento que a elle a prendia era pura amizade fraterna. Assustada, receiando penetrar melhor os segredos mal-definidos do seu proprio coração, fez esforços para levantar a Calcanhares, que se conservava de joelhos, dizendo-lhe com sincera ternura:

— Não se atormente desse modo, D. Margarida. Eu nada tenho a perdoar-lhe; e se tivesse... como não havia de perdoar a quem tornou Francisco, meu irmão, feliz?

— Nem feliz o pude fazer! — exclamou a Calcanhares. — Por minha causa tem estado em perigo de se perder, e, agora mesmo, talvez a sua vida corre risco.

— É verdade — acudiu Thereza. — Francisco está prezo no Limoeiro; e accusam-no de ter morto no Alemtejo um criado francez da Rainha. Fr. Thomaz do Espirito Santo, o bom frade que me acompanhou, que alli está fóra, foi hoje chamado ao Limoeiro para confessar um homem prezo, e esse homem era Francisco. Foi por Fr. Thomaz que eu soube esta terrivel nova. É preciso salva-lo...

— Pedirei ao Castello-Melhor, a El-rei que o salve.

— Não sabem ainda o seu verdadeiro nome nos tribunaes. Soppoem que é um vilão simples, um arreeiro.

— É melhor assim. Estamos livres então da cólera implacavel de um inimigo poderoso, estamos ao abrigo da perseguição cruel que de certo Henrique Henriques nos moveria, se sou-

bessa que Francisco d'Albuquerque está encarcerado no Limoeiro.

— Vá senhora, vá depressa fallar com o privado d'El-rei, antes que as coisas vão mais adiante e se torne impossível salvar-o.

— Ai, Deus me acuda! — exclamou a Calcanhara. — Tudo parece dispor-se contra nós; é castigo que o céu me quer dar.

— Porque diz isso?

— A corte está neste momento em grande desordem. Acusam o conde de ter querido envenenar Sua Alteza; o Infante, para se vingar, dispunha-se com alguns fidalgos do seu partido a assassinar o conde mesmo dentro do paço, mas elle, avisado a tempo, cercou-se de soldados, armou todos os criados d'El-rei, e preparou-se para a guerra. A rainha é pelo Infante, e se o conde quizer agora... Nossa Senhora se compadeça de nós!

— Se o conde quizer agora...

— Se quizer salvar um homem acusado de ter morto um criado da rainha, talvez o não possa conseguir sem pôr em risco a sua posição de primeiro ministro, e nesse caso...

— O conde...

— O conde recusará salvar Francisco d'Albuquerque da morte.

— Misericórdia!

— Mas vou, vou já ao paço — disse a Calcanhara com voz resoluta — e de lá não hei de voltar sem, ou ter salvo a vida de Francisco, ou ter obtido licença para me encerrar n'um convento, e, para sempre, me separar do mundo.

Dizendo isto, Margarida, movida por essa íntima necessidade de afagos e de comiserção que a alma sente nas crises dolorosas da vida, deitou-se nos braços de Thereza, que a recebeu a conchegou ao peito a beijou como se fôra uma irmã. As lagrimas das duas lindas mulheres misturaram-se, e, como as lagrimas, as suas almas uniram-se em estreito amplexo, atraídas pela conformidade dos sentimentos.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

## NOTÍCIAS E COMMERCIO.

**Calculos sobre o ouro.** — Os calculos mais fidedignos elevam a somma dos metaes preciosos importados da America na Europa no periodo de 318 annos, desde o descobrimento daquelle região até a revo-

lução do Mexico, em 2.383:600 kilogramos de ouro (cada kilogramo equivale a 2 arrateis, 2 onças, 6 oitavas, 2 scropulos e 17 grãos) e 110.362:222 de prata. Nestas importações o ouro esteve em relação á prata, quanto ao peso, na razão de um por 47. Não obstante esta proporção, de 30 annos a esta parte o valor relativo do ouro á prata é de um para  $14\frac{5}{10}$  e 1 para  $15\frac{7}{10}$ .

No principio do seculo actual, o ouro e a prata importados annualmente na Europa, segundo o testemunho de M. de Humboldt, acham-se em relação de 1 para 55, consistindo em 15:800 kilogramos de um e 869:960 da outra. A produção total é avaliada por M. Chevalier em 23:700 kilogramos de ouro, e 900:000 de prata. De 1810 a 1830 diminuíram metade as importações da America.

Em 1847, quando estava no seu apogeu a exploração das minas do Ural e do Altai, regulou M. Chevalier a produção annual do ouro em 63:250 kilogramos, e a da prata em 875:000; a saber, 25:000 menos de prata e 30:000 mais de ouro do que no principio do seculo, o que estabelece a proporção de 1 para 14 entre este e aquella.

Resumindo os dados apresentados pelo *Times* resultam as seguintes proporções na produção do ouro e da prata por libras. No seculo XVII um por 60, no XVIII um por 30, no principio do XIX um por 50, e em 1847 um por cem.

**Desastres marítimos.** — Um jornal dos Estados-Unidos faz a seguinte lastimosa resenha dos accidentes e catastrophes occorridas no presente anno com os vapores que percorrem as diversas linhas de navegação daquelle paiz.

Em 8 de janeiro, explosão da caldeira do vapor *Magnolia*, junto á ilha de Saint-Simon na Georgia: morreram 13 pessoas e houve 11 feridos. Em 14 do mesmo mez rebentou a do *Jorge Washington* proximo do grande golpho Mississippi: houve 19 mortos e 10 feridos. No mesmo dia incendiou-se o vapor *Mary Washington* junto de Memphis Tennessee. No dia 23 explosão da caldeira do *Pitt Miller* á foz do Rio Branco; pereceu grande numero de pessoas. A 25 o *Dewitt Clinton* desfez-se de encontro a umas rochas perdendo-se 40 homens. Em 31 naufragou o *general Varren* em Astoria, no Oregon, foram 42 as victimas.

No dia 14 de fevereiro naufragio do vapor *Cadolo*, perto de Nova-Orleans; morreram 5 homens. No dia 29 explosão da caldeira do *Mary Kingland*, visinhanças de Nova-Orleans, ascendendo a cinco o numero de mortos e a tres os feridos.

A 26 de março romperam-se os tubos do *Pocahontas*, caso que produziu a morte de 8 individuos, ficando 18 horivelmente maltratados. No mesmo dia naufragou a *Independencia* na bahia de Matagorda (Texas) e pereceram sete pessoas.

Em 3 d'abril rebentaram as caldeiras do *Redstone*, juntou a Carroton; de que resultou ficarem 21 mortos e 25 feridos. No mesmo dia abriu-se o *Glencoe* e não se poudé averiguar o numero das victimas que foi consideravel. Em 9 do dito estourou a caldeira do *Salada* em Livingston no Missouri, perderam 100 pessoas. A 11 incendiou-se o vapor *Pocahontas* na proximidade de Choctaw passando de 12 os mortos. A 25

abriu-se *Prairie-State* na Illinois; entre mortos e feridos contaram-se 20.

A 19 de maio estalaram os cylindros do vapor *Pittsburg*, de que resultaram tres feridos e um morto.

Em 14 de junho rompeu-se um tubo do *Cleveland* e pereceram tres individuos. Em 5 de julho estourou a caldeira do *St. James* junto a Nova-Orleans; morreram para cima de 40 pessoas. A 12 o vapor *City of Onsego* abalroou com outro e foi a pique, havendo 20 mortes. No dia 28 incendiou-se o *Henry Clay* no Hudjon, pereceram perto de 80 pessoas, passando de 20 os feridos.

Estas horrozas catastrophes montam a vinte no referido espaço de sete mezes, havendo 500 mortos e 100 feridos. Tão desastrosos accidentes provêm quasi sempre de falta de cuidado, não era possível acontecerem em tão pouco tempo tantas desgraças se procedessem com o devido tento as pessoas encarregadas da derrota dos vapores.

### THEATRO DE S. CARLOS,

EMPRESARIO

DOMINGOS JOSÉ MARQUES GUIMARÃES.

*Elenco dos artistas de canto e baile escripturados para o serviço do mesmo theatro na 1.ª época theatral de oito mezes, qua devem principiar em outubro proximo futuro, e acabar em 31 de maio de 1853.*

#### MESTRES COMPOSITORES E ENSAIADORES.

Os srs. Antonio Coppola e Francisco Xavier Migoni.

#### PRIMEIRAS DAMAS ASSOLUTAS DE CARTELLO.

As sr.ª Anaide Castellan, do 1.º de outubro de 1852 a 16 de fevereiro de 1853.

Giovanna Rossi Caccia, do 1.º de março a 31 de maio de 1853.

#### ARTISTAS PARA TODA A ÉPOCA.

1.ª damas assolutas — As sr.ª Rachel Agostini (soprano) e Ercilia Agostini (meio soprano).

Comprimaria — A sr.ª Elisa Denovani.

2.ª dama — A sr.ª Sophia Roscelli.

1.º tenor assoluto de cartello — O sr. Antonio Prudenza.

1.º dito dito de meio caracter — O sr. Joseph Swift.

1.º dito dito — O sr. Alexandre Macaferri.

1.º baritono assoluto de cartello — O sr. Ottavio Bartolini.

1.º baixo profundo assoluto — O sr. Francisco Maria del Aste.

1.º dito e supplemento — O sr. Antonio Maria Cestestino.

Dois segundos tenores, e dois segundos baixos — Os tenores são os srs. Antonio Bruni, e Manuel Subil de Abranches, alumno do conservatorio real de Lisboa.

Mestre de côros — O sr. Jorge Augusto Cezar.

Quarenta coristas de ambos os sexos.

A orchestra é composta dos professores da associação musica — *Vinte e quatro de Junho.*

#### COMPANHIA DE BAILE.

Compositor e 1.º mimico assoluto — O sr. Domingos Segorelli.

1.ª bailarinas assolutas de escola franceza — As sr.ª Genoveva Monticelli, Augusta Domenichetti e S. Gonzaga Cappon.

1.º bailarino assoluto de escola franceza sr. Valentin Cappon.

1.ª bailarina assoluta dançante — A sr.ª Marietta Vicentini.

1.ª Dita mimica assoluta — A sr.ª Sophia Constantza.

Quatro bailarinos mimicos de ambos os sexos.

1.ª bailarinas italianas de merito e supplemento — As sr.ª Romilda Pizzala, e Michelina Devéchi.

Seis copias de 2.ª bailarinas — seis copias de coriphæus, e seis copias de figurantes.

Em tempo opportuno a empresa terá a honra de propôr aos amadores do theatro lyrico, e ao respeitavel publico desta capital, uma serie de 100 representações no decurso de 8 mezes, nas quaes a empresa dará 10 espectaculos novos, sendo cinco operas absolutamente novas para esta capital, e cinco bailes ou divertissements.

As operas serão as seguintes:

*L'Anima della Tradita*, do maestro Flotow.

*Maria, rainha de Inglaterra*, do maestro e cavalheiro Paccini.

*Sampiero*, do maestro e cavalheiro Francisco Xavier Miggoni, director do conservatorio Real de Lisboa.

*Os Huguenotes*, do maestro Mayerber.

*Mallek Adel*, do maestro D. Ventura La Madri.

No numero dos cinco bailes propostos a empresa dará dois grandes bailes, que serão:

*La Jolie Fille de Gand*, e o *Kardimuto*.

Repetir-se-hão das operas já conhecidas aquellas que mais tem merecido a approvação publica, entrando no numero d'ellas duas do celebre maestro e cavalheiro Givachino Rossini — a *Peça Ladra*, e o velho *Moyrés* no Egypto. — O director geral, Antonio Porto.

Chamamos a attenção de nossos leitores para o elenco geral, que acima publicamos, da companhia para a primeira época do theatro de S. Carlos, sob a nova empresa do sr. Domingos José Marques Guimarães.

A empresa mostra-se visivelmente possuida do desejo de bem merecer do publico, e na companhia que o sr. Porto escripturou, temos nós uma prova manifesta de que ella não recua diante de grandes despesas para conseguir o seu honroso intento.

Resta-nos vêr se o merito dos artistas corresponde ao avultado preço das escripturas, e ás boas informações que nos deram pessoas entendidas, e que julgamos animadas de espirito de imparcialidade.

Pela nossa parte, temos bastante confiança na in-

telligencia e no tacto do sr. Porto, para desde já nos persuadirmos, que os artistas que elle escolheu não de merecer o agrado do publico, e satisfazer cabalmente as exigencias da nossa scena lyrica.

Quanto á primeira dama madame Anaide Castellan, podemos affiançar que foi uma preciosa aquisição, que a tanto nos auctorisa a sua honrosa e brilhante carreira em alguns dos principaes theatros estrangeiros. Não duvidamos até accrescentar, que bem poucas damas tem vindo a Lisboa, precedidas de tão distincta reputação artistica.

Dizem-nos que o baritono Bartolini e o tenor Prudenza são artistas de grande merecimento. O primeiro cantava ultimamente com applauso no theatro *Covent-Garden* de Londres, o outro tem pisado com exito alguns theatro d'Italia. Apesar disto, porém, francamente diremos que achamos mal cabida a qualificação de artistas de *cartello* com que elles são considerados no elenco da companhia. Ou nós nos enganámos, ou artista de *cartello* é todo aquelle que tiver figurado successivamente com distincção em tres theatros de primeira ordem em epochas determinadas, como por exemplo, em Milão, Napoles, Veneza, na epocha do carnaval, em Bergamo no tempo da grande feira no outono, em Padua por occasião das festividades religiosas no mez de junho, etc. Lemos ha alguns annos a maior parte dos jornaes musicaes e artisticos, que se publicam em Italia, e não nos consta que o tenor Prudenza e o baritono Bartolini estejam no caso acima indicado. Entenda-se bem, que não dizemos isto em menoscabo do seu merecimento artistico, que não está de modo algum dependente de uma qualificação, da qual elles deveriam ter prescindido, por lhe não competir de direito. Além disso, o *cartello* nem sempre é a melhor recommendação para o artista, pois temos tido no theatro de S. Carlos cantores de *cartello*, que pouco valiam, e que até foram mal recebidos pelo publico, porque ou estavam já cançados e no termo da sua carreira, ou porque o seu titulo era immerecido, emquanto que outros que não gosavam daquella qualificação, tinham um talento distincto, e agradaram immensamente. Ninguém dirá que Coletti, Tamberlick, e Ferreti eram artistas de *cartello* quando foram escripturados para Lisboa, mas nem por isso deixaram de causar enthusiasmo entre nós, legando-nos para sempre saudosas recordações.

Notamos tambem que a empresa, apresentando-nos contemporaneamente tres primeiras damas absolutas, e uma comprimaria, tres primeiros tenores, e dois segundos, tres primeiras bailarinas absolutas de escola franceza, enfim, um complexo tão numeroso, não fizesse a aquisição de um primeiro baixo comico, artista aliás indispensavel em uma companhia de canto. Esta falta é muito sensivel, pois todos sabem que o baixo comico tem uma parte importante em grande numero das operas do antigo como do moderno repertorio; e até muitos *spartiti* ha, que não podem ter um exito completo, como por exemplo, a *Pega Ladra* de Rossini, que a empresa se propõe a dar, e outras, se a parte do *buffo* não fôr executada por um artista que tenha os requesitos necessarios para bem desempenhar aquelle logar.

Não sabemos como a empresa preencherá esta falta, a não ser que o baixo profundo dell'Aste, ou o sr.

Celestino, esteja encarregado dos papeis daquelle genero, mas se assim fôr, houve omissão em o não declarar no elenco da companhia. Consta-nos que o baixo dell'Aste tem uma voz de um timbre agradável, com uma escala muito extensa, e de uma agili-dade admiravel: comtudo, não nos parece provavel que a empresa tencione confiar-lhe papeis de genero comico, porque é difficil que o mesmo artista esteja no caso de desempenhar simultaneamente, e com bom exito, papeis de genero inteiramente diverso, e para cada um dos quaes se requerem qualidades especiaes.

O sr. Celestino é sem duvida um artista que tem direito á benevolencia e consideração do publico de Lisboa, não só pelo seu talento como tambem por ser actualmente o unico cantor portuguez que, por sua intelligencia e seus continuos esforços, tem conseguido chegar a um lugar distincto na carreira theatral. Não obstante isto, não o aconselharemos a aceitar o logar de 1.º baixo-comico, encargo superior, senão em todas, em muitas operas, aos seus recursos e á sua boa vontade. De mais, havendo um só baritono na companhia, e figurando o sr. Celestino no elenco, como primeiro baixo e *supplemento*, é possivel que a empresa venha a carecer de seus serviços n'esta ultima qualidade, e lhe não convenha sobrecarregal-o de maiores encargos.

Não se julgue que nestas breves reflexões que acabamos de fazer haja o menor animo de hostilizar a actual empresa. Pelo contrario declarámos que temos nella plena confiança, e reconhecemos o quanto ella se esmera em realizar os desejos dos frequentadores do nosso theatro lyrico. Mas se ella merece o nosso apoio, nem por isso deixaremos nunca de manifestar livremente a nossa opinião, convencidos, como estamos, de que não é um tecido de elogios sem fim, mas uma critica conscienciosa e imparcial, que acredita quem a faz, e aproveita a quem é dirigida.

DEMETRIO RIPAMONTI.

#### BIBLIOGRAPHIA.

COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL, por José da Motta Pessoa de Amorim.

Publicou-se a 1.ª folha do tomo 4.º e contém: Seculo de Jaddo e de Alexandre.

*Historia sagrada.* — Divisão do imperio de Alexandre.

*Historia dos judeus.* — Templo no Monte Garisim.

*Historia prophana.* — Armenia, Belgica, Bithynia, Bretanha, Capadocia, Caria, Caucasso, China, Decan, Gallia, India, Ponto, Seythia e Tonquin.

Vende-se a 20 rs. a fl., e 300 rs. por volume nos principaes livreiros de Lisboa, Porto, e Evora.

## UM CONTO AO SERÃO

COMEDIA EM TRES ACTOS.

POR

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

VENDE-SE NAS LOJAS DO COSTUME.

Preço 360 réis.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SA.

NUM. 12.

QUINTA FEIRA, 30 DE SETEMBRO DE 1852.

12.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### DOCUMENTOS INDUSTRIAES.

RELATORIO DA COMPANHIA DE FIAÇÃO E TECIDOS LISBONENSE. (GERENCIA DE 1851) APRESENTADO EM ASSEMBLEIA GERAL NA SESSÃO DE 26 DE FEVEREIRO DE 1852.

*Senhores :*

Supposto que seja dever apresentar as contas no praso marcado nos estatutos, todavia não vamos longe no presente anno, e por certo que em relação aos annos precedentes já conseguimos não nos desviarmos muito do dia prescripto; sendo provavel que mais se consiga no futuro. Informar-vos-hemos agora dos principaes actos da nossa administração, que tiveram logar no anno de 1851.

Vendo a direcção que o edificio a Santo Amaro comportava mais alguns teares; desejosa de dar toda a extensão, possível ao fabrico, mandou vir de Inglaterra ha poucos mezes vinte teares de ferro, que estão já laborando sem interrupção, e com aproveitamento. Estes teares, é verdade que excedem o quadro relativo ao edificio, e que foi necessario montal-os n'uma casa, não propria para esse fim; mas o bom exito do expediente mostrou que sem prejuizo ou inconveniente se havia alcançado a mira, que se pertendia, de augmentar a fabricação, que tão util se tornava em relação a um genero que teve constante procura. Outras machinas foi mister encomendar, e temos mais uma nova engommadeira, e uma imprensa hydraulica, de grande utilidade para dar um grau mais subido ao aca-

bamento das fazendas, a qual já está montada, produzindo bom resultado. Igualmente vieram alguns accessorios, e utensilios de que se carecia, como vereis no competente livro.

Ainda se luta com a falta de braços para os teares de ferro; e a pericia de alguns destes operarios ainda não chegou ao verdadeiro ponto de perfeição; comtudo muito se tem conseguido, e pôde assegurar-se que está proximo o momento de preencher a falta, e que o tempo alcançará a devida habilidade do operario.

Estão feitos os alicerces da nova porção do edificio, a Santo Amaro, que comprehende o vão de mais 7 janellas, e continuariamos já com a obra se o seu andamento não dependesse da decisão do governo sobre a pertença, que endereçamos, para pagar o direito de 100 rs., por cada quintal de pezo das columnas, travamentos, pranchas, etc., de ferro, indispensaveis á construcção do edificio; mas temos bem fundados motivos para esperar uma resolução favoravel, com a qual começaremos a obra na proxima estação da primavera.

Sendo util que a companhia ficasse para sempre habilitada a mandar fazer serões nas noites grandes, e mostrando a experiencia quanto a luz de azeite é nociva, deliberou-se a direcção a adoptar no presente inverno a illuminação a gaz, não só em todos os andares do edificio a Santo Amaro, como também nas officinas fóra do edificio; e o tempo tem mostrado que além da melhor luz, se obtem a vantagem de maior economia, e aceio.

Apparecendo o algodão cotado com maior valor, sendo a existencia do nosso fio de grande quantidade, e devendo receiar-se que o seu preço no mercado tivesse baixa repentina, como se

realisou effectivamente, não havia outra regra a seguir senão dar a máxima extensão ao consumo, e parar com a fabricação do fio; o que obrigou a interromper, não só os trabalhos da fabrica da Outra-Banda, por 6 mezes interpolados, a qual começou em julho, como a enfraquecer quanto possível a fiação da fabrica, a Santo Amaro, em entremeiados dias de algumas semanas. Comefeito a baixa dos preços verificou-se mas como haviam obtido a diminuição premeditada, a direcção lisongeia-se de que adoptou as medidas que eram convenientes em tais circumstancias, visto que naquella occasião seria de prejuizo ter grande copia de materias em rama, ou de estofos, assim como augmentar o deposito do fio, porque o consumidor, presentido d'uma baixa nos preços, fornecia-se o menos possível d'aquelles artigos. Todas estas razões, que aconselharam a conducta da direcção, tiveram o bom exito do acerto, evitando-se o maior mal. Os estofos de algodões, durante a baixa do seu preço, soffreram alguma paralisação, porque eguaes artigos inglezes a tiveram; mas logo que o mercado deixou de ter vacillação, e passou a idéa de preços muito baixos, tudo veio ao seu nivel, e os nossos algodões entraram a ter bastante consumo, chegando a haver porfia para os conseguir, porque a sua qualidade, e optimo acabamento convidam a preferir-os. Estes estofos já são conhecidos em todo o reino, assim no norte, como no sul, para onde tem ido em quantidade: fabricámos delles no anno de 1850 a porção de 17:092 peças; no de 1851 a de 43:817 peças; e de certo no anno seguinte a quantidade subirá n'uma progressão muito sensivel.

A venda do fio no mercado do Porto foi menor, por causa da competencia que supportou do fio estrangeiro; e posto que este não seja de tão boa qualidade, todavia o preço mais baixo, que facilita quasi sempre a venda, affastava o nosso fio. Em Lisboa vendeu-se regularmente, extrahindo-se aproximadamente a mesma porção do anno precedente.

Os productos da fabrica de tecidos, em Alcantara, tiveram a mesma procura do anno anterior, o que nos facilitou a diminuição da quantidade, que existia no começo do anno.

Os artigos dos nossos estabelecimentos foram enviados á magna exposição de Londres, porque não nos deviamos esquivar a um convite tão industrial. Apraz-nos que elles tivessem o apreço dos intendedores, merecendo a companhia ser

galardeada com uma medalha, a qual esperamos receber. Esta distincção tambem foi concedida pela Sociedade Promotora da Industria Nacional, que nos enviou pelos nossos estofos d'algodão uma outra medalha, de que estamos de posse. Quando os estranhos, e os nacionaes assim avaliam a nossa empresa, seja-nos licito ufanarmo-nos, sem faltar á modestia, de termos praticado alguma coisa de utilidade, honrosa ao paiz.

Foi-nos forçoso levantar algumas sommas por emprestimo, ao modico preço de 5 e 6 por cento, as quaes pela maior parte foram satisfeitas, como vereis pela escripturação.

A administração dos moinhos de Pernes prosegue do mesmo modo, estando os moinhos arrendados.

Em observancia do art. 36 dos estatutos, havemos segurado os nossos armazens, e estabelecimentos, excepto o edificio a Santo Amaro, que não corre o risco de fogo.

Narrar-vos quantas transacções se operam durante o anno findo, equivaleria á descripção do que está exarado nos nossos livros; e como elles se facultam a todos os socios fareis idéa de nossos actos pela analyse a que vos derdes.

Tendes superabundantes dados e experiencia para conhecer que para se alcançar algum partido de qualquer gerencia, é forçoso lidar, cogitar, e empregar muita diligencia e sollicitude, luctando-se constantemente com as difficuldades que sobreveem; e far-nos-heis justiça de que por dedicação á companhia, e por lustre nosso, nos havemos empenhado para tirar o maximo partido da nossa administração e das circumstancias; para o que são necessarios os mais bem assentados calculos e raciocinios. O exame vos convencerá de nossos actos; e o tempo demonstrará que o nosso estabelecimento agrade.

Lisboa, 26 de fevereiro de 1852.

Os directores,

*José Ennes.*

*Antonio José Pereira Guimarães.*

*Joaquim Ferreira Pinto Basto.*

RELATORIO DA DIRECÇÃO DA COMPANHIA NACIONAL DE FIAÇÃO E TECIDOS EM TORRES VEDRAS APRESENTADO EM ASSEMBLÉA GERAL NA SESSÃO DE 15 DE JANEIRO DE 1852.

*Senhores:*

Na continuação do manejo dos negocios, com que por tão repetidas vezes nos tendes honrado, vimos cumprir o dever, de dar-vos conta do estado actual da companhia, em conformidade com



o que nos é prescripto pelo artigo 19.º dos estatutos.

Este dever, que sempre nos é agradável, muito mais o é hoje por termos de annunciar-vos a crescente prosperidade da companhia, no anno que acaba de findar.

Este anno, senhores, tivemos ainda um augmento consideravel, na importancia das fazendas vendidas, em relação ao anno anterior, subindo diariamente o credito das manufacturas da companhia, que pelo seu aperfeiçoamento e variados gostos, tem merecido preferencia ás fazendas estrangeiras, deste genero, que se tem apresentado no mercado, como é notorio, pesando-nos que os preços altos dos linhos nos não tenha consentido baratear-as ainda mais, por entendermos, que o melhor e mais prompto meio de prosperidade para a companhia é fabricar o melhor e o mais barato possivel, a fim de que os compradores sejam convidados por este meio, o mais conveniente e poderoso de todos os incentivos.

Durante os ultimos mezes deste anno, soffremos alguma falta de agua no nosso motor hydraulico, o que paralisou algum tanto os trabalhos fabris dependentes deste meio, e com quanto não tenha causado grande damno á companhia, por se dar nos mezes em que a venda dos nossos artefactos principia a afrouxar, tem contudo havido falta de alguns artigos que poderiam haver em maior abundancia, a não dar-se aquella circumstancia, caso este que não estava nas faculdades da direcção remediar, como tanto desejava.

Continuamos a ser instados pelo fisco, a fim de apresentarmos os dados para o lançamento da decima industrial, por Lisboa, não obstante termos pago crescida quantia por decima em Torres Novas, local do nosso estabelecimento fabril, e de todas as officinas delle dependente; como porém nos pareça isto indevido, temos representado respeitosamente, como nos cumpre ao governo de sua magestade, em conformidade com o que fizeram outras companhias, para esclarecel-o, e esperamos achar nelle a justiça que nos é devida e se nos não tem feito em instancia menos elevada: estão por tanto pendentes estes requerimentos,

A commissão que nomeasteis para ir a Torres Novas, conhecer do estado e laboração das maquinas e officinas da companhia, cumpriu a sua incumbencia como era de esperar de cavalheiros que tanto interesse tomam pelo bom andamento dos negocios da companhia, levando

sua generosa dedicacão a recusar o imbolso que se lhe queria e era devido fazer do dispendio da jornada; ella dirá por tanto á assemblea o juizo que tem formado a este respeito, pelo que alli observou, e hom será que estas visitas se renovem constantemente, a fim de que, todos os senhores accionistas ou a maior parte delles possam por seus proprios olhos avaliar, não só o andamento e ordem do estabelecimento, mas as vantagens que nos devem resultar da bella localidade em que existem os maiores valores da companhia, sendo o mesmo terreno, agua e casas pela maior parte propriedade nossa.

Uma destas propriedades denominada, Lager e Moinhos dos Garfos, foi arrendada a longo praso a José Maria, porque o estado da ruina em que se achava não convidava a encetar uma obra em que seria necessario gastar avultada quantia, sem que por isso subisse em relação a renda; sendo-nos de mais a mais inteiramente dispensavel esta propriedade, por se achar a não pequena distancia do estabelecimento.

Temos feito algumas obras importantes em diversas propriedades, e nomeadamente na Casa Amarela e Levada, montando estas despesas a 900,000 réis proximamente, e ficando ainda para o seguinte anno, a reedificação do assude. obra urgente e importantissima, para a qual já temos a maior parte dos materiaes, e de cuja boa conservação depende a nossa laboração.

Tambem será conveniente que em tempo opportuno se estabeleça na propriedade denominada Moinho e Lager Alpendre, contigua á fabrica uma nova roda hydraulica para auxiliar a força da que já temos, podendo-nos servir este motor, para fazer trabalhar de noite os moinhos e lagares já alli estabelecidos e que trabalham actualmente, por meio de rodizios, systema antigo, inconveniente, e precario para a companhia por nos não deixar aproveitar a força susceptivel.

Senhores, quando ao apresentar-vos os livros da companhia, temos a satisfação de poder indicar-vos a bella perspectiva dos nossos negocios neste anno, como verificareis da escripturação alli exarada e resumidamente no extracto do balanço que igualmente vos é patente permittir-nos-heis que nos congratulemos com esta assemblea, por vermos assim tão felizmente coroados os nossos deheis esforços e diligencias.

Lisboa, 31 de dezembro de 1851. — Os directores — *Cypriano José de Abreu* — *Francisco Martins Barbosa* — *Romão da Silva Salles*.

## RELATORIO DO BANCO DO BRAZIL.

(Continuado de pag. 125.)

Cabe ainda ao conselho de direcção o dever de chamar a vossa attenção sobre outros assumptos de summa importancia, não recuando ante a responsabilidade moral de aconselhar francamente o que julga vantajoso ao estabelecimento e digno de ser por vós adoptado.

O art. 65 dos estatutos determina que por votação da assembléa geral possa o banco destinar uma parte dos seus fundos para adiantamentos sobre hypothecas de bens de raiz. Lamenta o conselho de direcção que nenhum melhoramento se tenha dado a este respeito, e se bem que reconheça que a idéa em questão se torna cada dia mais popular, não se atreve a aconselhar-vos que appliqueis desde já parte alguma dos fundos do banco para semelhante fim; quando porém os poderes do estado julguem acertado estatuir que o registro das *hypothecas* se torne verdadeiramente geral, abrangendo o intrincado labyrintho das hypothecas legais, por meio de regulamentos apropriados; entenderia o conselho de direcção ser chegada a occasião do banco favorecer *moderadamente* a essa classe de propriedades.

Passa agora o conselho de direcção a considerar uma outra questão de alta importancia para o estabelecimento; queremos fallar das *caixas filiaes*. Não hesita o conselho de direcção em pronunciar-se a favor de laes instituições. Sempre que se derem circumstancias favoráveis para o estabelecimento de caixas filiaes por conta de um banco de grande fundo e fortemente constituído, será esse um meio legitimo de estender a influencia, acção e vantagem de um tal banco, e de augmentar os seus lucros.

Srs. accionistas! Uma poderosa instituição bancal como a nossa tem direito a occupar uma posição distincta na economia social do paiz, e é um dever de sua administração não cruzar os braços diante dos acontecimentos que se desenvolvem, porém sim procurar influir no seu curso, fazendo convergir o movimento para canaes legitimos e productivos, em que a prosperidade do estabelecimento, os interesses do capital do paiz, e os fins collectivos da sociedade sejam igualmente beneficiados. A criação de caixas filiaes é uma das missões e mesmo uma necessidade do banco do Brazil: o que cumpre averiguar e estudar de uma maneira completa é: 1.º, se as localidades aonde se julga acertado levar a effeito semelhantes instituições tem elementos bancaes; 2.º, se tem o pessoal necessario para organizar uma administração prestigiosa; 3.º, a oportunidade: decididos simultaneamente pela affirmativa estes tres pontos em referencia a qualquer localidade, toda a demora em estabelecer a caixa filial será em pura perda do banco, e desconhecera os interesses do mesmo a administração que deixar de aconselhar a sua criação. Nas provincias de S. Pedro do Sul e de S. Paulo a criação de caixas filiaes deste banco seria indubitavelmente de grande vantagem para o mesmo; julga mesmo o conselho de direcção ocioso alargar-se em provar a conveniencia e utilidade de realisar este pensamento, pois entende que disso nem é permitido duvidar-se. Tem estas provincias população e propriedade movel e territorial valiosa, commercio de im-

portação e exportação importante, navegação de longo curso e de cabotagem, e finalmente agricola e fabril. Localidades que nos Estados-Unidos e mesmo na Europa tem uma importancia minima em relação a estas duas provincias, gosam dos beneficios de muitas *caixas* de bancos! Como duvidar que não tendo semelhantes provincias unica instituição bancal, o estabelecimento de caixas filiaes deixe de ser proveitoso ao banco do Brazil, e contribua para desenvolver a riqueza dessas localidades? O que cumpre examinar cuidadosamente é os meios de execução, isto é, o pessoal e a *oportunidade*. O conselho de direcção não hesita pois em aconselhar-vos que voteis uma auctorisação ampla para que a nova administração que ides eleger leve a effeito esta idéa depois de proceder ás indagações necessarias, e de convencer-se que nas localidades mais favorecidas das duas provincias existem todas as condições exigidas para assegurar o bom exito das novas instituições; convirá, porém, limitar por em quanto o fundo de ambas as caixas filiaes a 1,000:000 \$000, não podendo ser augmentado sem nova auctorisação da assembléa geral.

Vai agora o conselho de direcção propôr uma alteração ao art. 39 dos estatutos. O cargo de membro deste conselho, sendo honroso, não deixa de ser oneroso, e o augmento no numero de seus membros de 5 para 7 torna-se uma necessidade; o numero de 5 designado no referido artigo ainda com a limitação prescripta no art. 48 é insufficiente. Propõe tambem o conselho de direcção uma votação especial para 7 supplentes, cuja idéa pôde ser consignada em additamento ao art. 48. A necessidade dessa alteração deriva-se do estado harmonioso da nossa sociedade, que é possível continue por largos annos em bem do estabelecimento. Em circumstancias tão felizes as votações se realisam pela quasi totalidade dos votantes, vindo assim os immediatos em votos, que os estatutos designam como supplentes, a não representar a opinião da maioria, o que não é util nem conveniente em assumptos desta ordem. Curtissimo é ainda o periodo da duração do estabelecimento, por isso entende o conselho de direcção que uma mais longa pratica e mais porfiada meditação devem amadurecer outras reformas que porventura o desenvolvimento do jogo perfeito do mecanismo do banco possa exigir.

Não terminará o conselho de direcção o seu relatório sem informar-vos que os empregados do banco tem desempenhado com zelo e dedicação os deveres de seus respectivos cargos.

Rio de Janeiro, 10 de julho de 1852. — *Barão de Ypanema*. — *Ireno Evangelista de Sousa*. — *Manuel Machado Coelho*. — *Antonio de Figueiredo Junior*. — *Militão Maximo de Sousa*.

## BALANÇO DO BANCO DO BRAZIL.

Activo.	
Accionistas .....	7.000:000 \$000
Caixa .....	2.726:160 \$111
Letras descontadas .....	8.658:464 \$085
Agencia de Londres .....	697 \$712
Caso do banco e mobilia .....	143:523 \$722
Descontos a receber .....	370 \$622
	<hr/>
R.º	18.529:216 \$252

*Passivo.*

- Capital .....	10,000,000,000
Letras a pagar .....	4,956,440,324
Letras de emissão .....	782,800,000
Cantelas de deposito .....	2,109,600,000
Sólo .....	2,048,260
Contas correntes .....	498,807,178
Credores de juros .....	608,882
Perdas e lucros .....	7,647,490
Reserva .....	11,264,108
Primeiro dividendo .....	160,000,000

Rs. . . 18,529,216,252

Banco do Brazil, em 30 de junho de 1852. — *Alfredo Augusto Pereira Basto*, guarda-livros do Banco.

**PARTE LITTERARIA.****HISTORIA PATRIA.****A praça d'Almeida em 1810. (I)**

Mui a miudo ouviamos fallar na fatal explosão

(1). Em a nota 7.<sup>a</sup> pag. 91 do nosso artigo — Um Capitulo da Historia Contemporanea — fallando do comportamento de Beresford para com o tenente-rei da praça de Almeida, quando esta em 1810 se entregou aos francezes, escrevemos nós: — « Como porém esta materia carece de mais desenvolvimento, e aqui não é lugar proprio, desenvolvê-la-hemos n'um artigo especial que temos quasi prompto. » — Esse artigo é o que hoje apresentamos.

Convém, todavia, declarar, que o artigo — Um Capitulo da Historia Contemporanea — a que alludimos, não é precisamente o que o mui distincto redactor da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, a pedido nosso, publicou em 1851, senão o que a esse mesmo tempo, em ar de segunda edição, fazimos estampar n'um gazeta desta cidade de S. Luiz do Maranhão. Para os que não souberem advinhar, ahí lhes vai o motivo de semelhante diversidade. Depois de offerecido á REVISTA UNIVERSAL o manuscripto que continha aquelle artigo, causas mui attendíveis nos moveram a publical-o também aqui, e por essa occasião lhe corrigimos muitas imperfeições, que visivelmente careciam de emenda: ora, nesse acto igualmente lhe fizemos varios acrescimentamentos, como logo á revista participamos. Em o numero dos taes acrescimentamentos entrou a predita nota 7.<sup>a</sup>, que não chegou a Lisboa a tempo de sabir no seu lugar. Dada esta satisfação ao publico, e ao sr. Ribeiro de Sá, cremos que ninguem poderá censurar o ultimo de attentar contra a nossa propriedade litteraria. E também ás vezes esse escrupulo lá em Portugal vai nimiamente longe. Por exemplo: ha mezes enviamos nós á redacção de varias gazetas de Lisboa e Porto um folheto de mais 90 paginas, que em todo este imperio foi extremamente bem recebido, tanto dos portuguezes, como da generalidade dos brazileiros. Era a Defeza dos Portuguezes, a qual, em nosso humilde entender, nas pequenas povoações do interior do reino deverá ser lida mesmo no acto da missa

e perda d'Almeida em 1810, sem contudo, toparmos pessoa ou escripto que a curiosidade nos saciasse, contando-nos com verdade o que então ahí se passára; porém os nossos desejos quasi que se acham agora satisfeitos. Nas ordens do dia de Beresford descobrimos algumas noticias, as quaes, cuidadosamente joeiradas, talvez nos deixam ver quanto houve de real em taes acontecimentos. Não nos contentamos, todavia, sómente em as lér e joeirar. Pensando que o publico leria com benevolencia as observações a que esse exame nos levára, traçamos este artigo em que dellas lhe vamos dar conta, enoetando a nossa narração por um breve resumo da historia da mencionada fortaleza na decada que precedera a invasão de Massena.

Quando a França, combinada com a Hespanha, acommetteu Portugal, este, costumado desde a queda de Pombal a ceder aos seus oppressores, escapou-lhe dando-lhe muito dinheiro, e entregando-lhe Olivença, o primeiro desmembramento da monarchia depois de seis seculos de independencia. Foi pelo tratado de 6 de junho de 1801 fabricado em Badajoz sob os preliminares d'Abrantes, e ratificado em 14 do mesmo mez, que aquella praça e suas adjacencias passaram para o estrangeiro. O visconde de Balsemão assignou esse tratado por parte de Portugal.

Luciano Bonaparte, então embaixador da republica junto de Carlos IV, ou antes, junto do principe da Paz, que se lhe assenhoreára do governo e da mulher, deixando-lhe de rei e marido unicamente os nomes e a ignominia, aproveitando esta optima conjunctura para especular, foi o principal agente deste ominoso tratado, depois tão acremente censurado por seu irmão, o primeiro consul.

Premeditava este apoderar-se da capital dos portuguezes: ora, o tratado de Badajoz obstruiu-lhe o caminho, e d'ahi nasceu o grande despeito que mostrara ao saber semelhante nova; despeito de que Luciano pouco se importava, porque as censuras de seu irmão lhas adoçavam os milhões, pelos quaes vendera a sua cooperação.

O primeiro consul, querendo mostrar todo o seu enfado, deu ordens a Leclerc, marido de

conventual aos domingos, para essa rapaziada que constantemente demanda as praias brasileiras, d'então presumir a fortuna que nellas vem achar, como que talvez se salvariam algumas victimas. Todavia, os illustres redactores de taes gazetas, dedicados de alma e corpo só á politica, nem ao menos se dignaram mencionar o recebimento do dito opusculo.

sua irmã Paulina, o qual então occupava Ciudad-Rodrigo, para com a sua gente penetrar em Portugal. As forças deste general, a crermos Alison, eram 25.000 homens (2); 20.000, conforme a Biographia Universal (3); e apenas 15.000, na opinião do sr. Thiers (4). A invasão começou por Almeida, porém a tormenta bem depressa se dissipou pelos mesmos meios que já outras se haviam dissipado (5). O tratado de 29 de setembro, assignado em Madrid por Cypriano Ribeiro Freire, trouxe-nos a paz; se tal nome merece esse vergonhoso e momentaneo repouso, em que nos deixaram os negocios do homem que então regulava os destinos da França. E esses mesmos tão curtos momentos de quietação, que sacrificios nos não custaram?

Pelo tratado de setembro cedemos metade da Guiana á França, e, além de outros vexames, muito dinheiro lhe pagamos. O governo de Lisboa jámais reflectiu que a melhor maneira de ter o inimigo sempre ás portas, era dar-lhe oiro. Esse oiro acabar-se-ia, e então viria a servidão com todas as suas funestas consequencias. A historia fornece abundancia de lições neste sentido.

Se Bonaparte, passada a primeira explosão, facilmente se apaziguou, não fez senão adiar os seus projectos contra a nação portugueza, para quando lhe viessem mais a geito. No entretanto, com as sommas que nos levava, ia occorrendo ás despesas de outras empresas de mais urgencia.

Mas qual foi ao certo o valor daquellas sommas? Eis como a esse respeito se expressam diversos escriptores.

Solano Constancio falla nestes termos: — « Portugal tinha obtido a paz em 1801, cedendo Olivença e seu territorio á Hespanha, e pagando 25 milhões de frs. á França sem fallar nos avultados prezentes feitos ao negociador Luciano Bonaparte — *Et infra* — Portugal obteve a neutralidade (1802) a troco de um sacrificio pecuniario de 6 milhões de cruzados, e 1 milhão de

cruzados que se deu ao marechal Lannes. (6) »

Fouché, ou quem escreveu as memorias que correm em nome d'elle, diz assim: — « A corte de Lisboa naquella aperto julgou salvar-se prodigalizando os seus thesouros aos invasores. Ella entrou em negociações directas com Luciano, e a 6 de junho eram os preliminares da paz assignados em Badajoz mediante um subsidio secreto de 30 milhões de frs., tanto para o irmão do primeiro consul, como para o principe da Paz; e esta foi a origem da immensa fortuna de Luciano. » — E mais abaixo: — « Em fim, o sacrificio dos diamantes da princeza do Brasil, e os 10 milhões remettidos ao primeiro consul para a sua caixa particular, domaram a rigidez do ultimo, que deixou concluir em Madrid o tratado definitivo. (7) »

Sobre o mesmo assumpto discorre Alison pelo seguinte theor: — « As peitas foram largamente distribuidas aos generaes francezes, (8) e tão bom effeito produziram, que um tratado foi logo concluido, confirmando a cedencia de Olivença, e seu territorio á Hespanha; fechando os portos aos navios inglezes mercantes ou de guerra; cedendo á França metade da Guiana até o rio Caranapatuba, e collocando a republica franceza, quanto ao commercio, no pé das nações mais favorecidas. Por um artigo secreto, e menos honroso, o pagamento immediato de 20 milhões de frs. foi a condição estabelecida para a retirada do exercito francez. (9)

A Biog. Univ. já mencionada, assegura-nos, no art. — Godoy — que esta paz nos custara a perda de Olivença e terrenos adjacentes, 25 milhões de frs., e um rico presente a Luciano em dinheiro e diamantes.

Finalmente, o abbade de Montgailard (10) ainda a Luciano assigna maiores lucros; e pensamos que dos seus compatriotas que escreveram sobre a materia, poucos deixam de reconhecer que o governo portuguez mui generosamente remunerára o irmão do primeiro consul. No que elles não accordam, é na cifra exacta das remunerações, e, attenta similhante variedade, tambem a nós nos não é possivel achal-a. O que, porém, achamos, e todo o mundo commosco, é que o tratado de 29 de setembro de 1801, para

(2) History of Europe tom. 4.º cap. 33.

(3) Biograph. Univ. dos Contemp. por S. Preuve & art. Leclerc.

(4) Historia do Cons. e do Imp. liv. 11.

(5) Se a duquesa d'Abrantes não se enganou no tom. 14 das suas Mem., Almeida chegou a ser investida por Leclerc, e já então soffreu uma explosão. A primeira vez, diz aquella escriptora em a nota a pag. 23, que Almeida foi atacada, houve uma grande explosão; a segunda verificou-se no governo do general inglez Coxe (Cox); e a ultima no do general francez Brenier.

(6) Hist. do Brazil tom. 2.º pag. 160.

(7) Tom. 1.º pag. 24 (mihi).

(8) O quinhão de Leclerc subiu a 5.000.000 frs. ou 200.000 lib. sterlinas.

Alizon.

(9) Hist. of Europe tom. 4.º cap. 33.

(10) Hist. de França tom. 1.º

não desdizer do seu irmão mais velho, era tão deshonroso, que esse mesmo governo, em que certamente não abundava o pejo, envergonhou-se de publicar mais esse insulto feito á nação. O decreto de 28 de outubro do mesmo anno, (11) alludindo ao tal tratado nem a data lhe declarou. Annunciou-se ahi a nova paz, porém escondeu-se ao publico as condições della, o que significa que estas humilhavam os que as estipularam e assignaram.

Desde 1801 a 1808 Almeida nunca mais viu os francezes. No ultimo anno residiu ahi Loison; vulgo o general Maneta, com a sua divisão de quasi 5,000 homens, e quando em junho, por ordem de Junot, regressou a Lisboa, deixou lá 1,400 ou 1,500 homens, que depois da convenção de Cintra foram embarcar no Porto, sendo a praça nos primeiros dias de outubro entregue aos inglezes, (12) por haverem-no assim ajustado os nossos *amabilissimos* alliados na dita convenção.

Approximam-se porém os annos de 1810 e 1811, fatalissimos para a praça d'Almeida.

Designado o principe d'Essling (Massena) para dirigir a terceira expedição contra Portugal, elle chegou a Valladolid a 2 de maio, e logo o exercito expedicionario, em que Ney, Junot, Reynier, e outros emulos do principe, de mui má vontade commandavam o que os francezes chamam corpos de exercito, se moveu, começando a guerra pelos tres importantes assedios d'Astorga, Ciudad-Rodrigo, e Almeida (13). Ney com o 6.º corpo apoderou-se da penultima praça em 10 de julho, e, reunido então o grosso das forças expedicionarias, o cerco d'Almeida não tardou a começar, sendo dirigido pelo mesmo Massena.

Se acreditarmos Norvins e a Biog. Un. (14), o exercito francez desta invazão, o qual Coote (15) e outros elevam acima de 70,000 homens, não excedia de 35,000 a 40,000 (16). Qualquer po-

rém que fosse a sua força, como o inverno se avizinhava, o principe desejava quante antes intornar-se no paiz, e approximar-se da capital.

Apesar deste desejo, e de estar ha muito principiado o cerco, sómente a 26 é que as baterias francezas, assestadas a uns 350 passos da praça, romperam o fogo (17): contudo, nesse mesmo dia, logo á bocca da noite, uma bomba ou granada inimiga, lançada ao acaso, cahiu ante a porta do grande armazem, resultando de tão fatal acontecimento a quasi completa aniquilação da villa; a morte de todos os artilheiros, menos 17, a morte, ou ferimento de bastantes outras pessoas; a perda total das munições, com excepção unicamente das que já estavam distribuidas pelas baterias ou pelos corpos, e alguns quasi insignificantes estragos na muralha. (18)

Acabamos de escrever — uma bomba ou granada lançada ao acaso — e não ignoramos que existem versões diversas a respeito da explosão. Alguns veem nella um successo inteiramente fortuito; em quanto outros, como em taes occasiões é usança velha, imputam-na á traição. Nós encostamo-nos ao primeiro parecer, ou antes abraçamos para aqui as proprias expressões de uma implacavel inimiga dos portuguezes, a qual, descrevendo-nos esta catastrophe como testemunha ocular, se tivera havido perfidia, embora não denunciase os culpados, sempre fallaria nella para em rosto nos lançar esse laqueo. Cumpre, além disto, confessar que a viuva de Junot, pôs de lado as vantagens que de tão negro crime resultassem aos seus, era summamente honesta e generosa para deixar de vituperar-o, eis ahi como ella narra o excidio de Almeida. (19)

« O cerco de Almeida durava ha longo tempo, quando um acontecimento, que se não pôde chamar venturoso, subitamente decidiu a sorte de

atravessar um pequeno rio (o Coa), e no seguinte dia reinar um silencio profundo apoz aquella multidão de homens. A pag. 200 afirma que o exercito anglo-luzo quando Almeida capitulou, seria de 60,000 homens, orçando os inglezes por uns 30,000, em quanto os francezes não excediam o numero dos bretões. E finalmente, a pag. 284 diz: — Este exercito de Portugal composto de tres corpos com mais de 50,000 homens...

(17) Ordem do dia de 6 de setembro de 1810.

(18) Ord. do dia de 6 e 11 de setembro de 1810, 12 de agosto de 1812, e 4 de junho de 1815, assim como a portaria de 6 do mesmo setembro, em Delgado.

(19) Mem. tom. 13 pag. 169. A duquesa achava-se então em S. Felicez, e um pouco enferma.

(11) Em Delgado pag. 749.

(12) Foy Hist. da Guer. Pen. tom. 4.º pag. 298.

(13) Norvins Hist. de Nap. cap. 34. Conformé a duquesa d'Abrantes, Astorga capitulou a 22 d'abril, tomando-a Junot, seu marido, a quem ella acompanhava. A ser assim erra Norv. em a dar capitulada sómente a 6 de maio.

(14) O primeiro no cit. cap. 34, e a Biog. Un. dos Cont. no artigo Massena.

(15) Na sua continuação da Hist. de Ingl. por Goldsmith cap. 39.

(16) Até a duquesa de Abrantes falla variamente quanto ao total das forças do exercito francez. A pag. 185 do tomo 13 das Mem. escreveu: — Foi certamente a primeira vez que se viram 60,000 soldados

praça, e de uma porção dos seus moradores. Uma noite, pouco depois do sol posto, a minha casa experimentou um violento abalo — será um tremor de terra, exclamei eu aterrada?... Teremos a receiar de tudo neste malaventurado paiz?

« No mesmo instante uma nova detonação se ouviu. Parecia-me que a casa desabava.

« É na fortaleza, gritam os homens, e Junot foi o primeiro a correr para uma velha e desabarratada torre situada no cume de uma collina ao sair da povoação!

« É um espectáculo admiravel, grita elle, voltando quasi no mesmo instante!.. Laura, é mister que tu o vejas, e eu te vou standar conduzir... Almeida está em chamas!.. De feito, me levaram á torre, e dahi presenciei uma horrenda maravilha.

« Era um horisonte todo de fogo, orlando um céu côr de ardósia, e lançando ás vezes sobre aquella sombria tapeçaria brilhantes girândolas, que, em todas as direcções, a sulcavam... Aquelle clarão scintillante, aquella noite escura, o vento assobiando atravez das montanhas, e trazendo de quando em quando um grito como de desesperação... Havia neste espectáculo com que abalar ainda o coração mais intrepido.

« Almeida acabava de ir quasi totalmente pelos ares, mas por acaso. Um artilheiro ao deixar o seu posto tinha uma granada a lançar, e lançou-a para a villa sem apontar, e mesmo sem saber o rumo que ella tomaria. A granada foi cabir ante a porta do arsenal na occasião em que se achava aberto, e em que com operarios preparavam cartuxame, dividindo assim a immensa copia de polvora existente na praça... Uma circumstancia tornou ainda mais doloroso este successo. Muitos dos habitantes que se refugiavam nos fossos do castello, durante o bombardeamento se asylaram nas casas-matas, e quarenta familias ahi abrigadas no momento da explosão, foram victimas daquelle horroroso acaso, que com tudo não foi senão um dos muitos que a guerra acarreta.

« O effeito desta bomba ou granada foi tal, que a villa abriu-se por diversas partes, de geito que dez brechas permittiram ao exercito francez entrar nella. Peças de artilheria foram cabir na planicie a grande distancia; membros palpitantes se toparam a mais de 50 toezas da praça; e quando Junot no seguinte dia regressou a S. Felices, depois de haver visitado toda a villa, e notado os desastres causados pelo inesperado acontecimento da vespera, empallidecia sómente

ao lembrar-se de todos os fragmentos de corpos humanos que lhe embargavam os passos no transito a travez do negro e ensanguentado entulho daquelle castello e daquelle villa, tumulos de tantas victimas innocentes...

« Affirmava o artilheiro haver mui de proposito atirado o seu projectil sobre o arsenal por saber que nelle se arrecadavam as munições: mas ainda quando isto fosse verdade, nem por isso a explosão cessava de ser fortuita. Elle, comtudo, teve a cruz, e uma grande recompensa. O commandante da praça era um inglez, o general Cox, creio eu... »

As duas horas da tarde do dia 27 fez Massena intimar o governador William Cox, coronel do regimento n.º 24 (20) para capitular, e entrando-se em ajustes, quasi ás dez da noite o mesmo Cox assignava a capitulação e entrega sob condição de que as tropas de primeira linha ficariam prisioneiras de guerra, voltando os auxiliares para os seus lares. (21)

Se acreditarmos a precitada Ord. do dia de 6 de setembro, em dois pontos os francezes violaram aquelle pacto. O fogo das suas baterias, apesar da capitulação, continuou até o dia 28 de manhã, desculpando-se os infractores com a ignorancia dos officiaes de artilheria a respeito das convenções feitas. Além disso, parece que 200 soldados com sete officiaes foram tirados de cada um dos tres regimentos de milicias para se formar um corpo de peoneiros. Consta ainda que Massena mandára convidar a gente destes corpos para entrar no seu exercito, mas que ninguém aceitára.

No mesmo dia 28 se evacuou a praça, largando as armas na esplanada toda a guarnição, cuja força de primeira linha, orçando por uns 1:200 homens, se compunha do regimento n.º 24, de uma companhia de cavallaria n.º 11 ás ordens do capitão Alexandre Pereira da Costa Cardoso, e dos restos da companhia do 4.º de artilheria, sob o commando do capitão João Victor Mirohe Sabione. Os regimentos auxiliares eram os de Trancoso e Arganil, e o da Guarda. (22)

(20) A Ord. do dia de Beresford sempre a Cox denominam coronel, ou governador; porém na Collecção dos Doc. de Wellington por J. Gurwood, acha-se, sob n.º 398, um officio de 14 de maio de 1810 dirigido pelo mesmo W. ao brigadeiro general Cox, governador de Almeida.

(21) Ord. do dia de 6 de setembro.

(22) A calcular assim, as forças capituladas em Almeida nos auctorizam, pensamos nós, além das

Espalhou-se depois que no acto em que a guarnição depunha as armas, uns 10 ou 12 portugueses degenerados e alistados nas fileiras inimigas, buscaram alliciar os soldados capitulados para passarem ao serviço de Napoleão, ganhando-lhes mui exaggeradamente as excellencias desse serviço. Entre os nomes desses traidores tem figurado o do marquez de Alorna, a quem a portaria de 6 de setembro de 1810, já citada (23), exautorára de todas as honras e dignidades, assim como dos foros de cidadão português, declarando-o banido, e offerecendo mil moedas de ouro (!!!) a quem o apresentasse vivo ou morto, acrescentando ainda o perdão ao apresentante, se fosse cúmplice d'elle. A tal portaria accusava o general de entre os seus compatriotas espalhar proclamações assignadas por elle, exhortando-os a trahir a patria; e portanto não nos parece disparate o deixar neste logar algumas considerações relativas ao procedimento deste homem.

J. A. DE CARVALHO E OLIVEIRA.

(*Continúa.*)

#### Por que não hei de amar-te?

Es uma flôr melindrosa,  
Poisada na solidão,  
Es um archanjo formoso  
Dos céus na pura mansão;  
Prouvera a Deus que me desses  
Teu amor, tua afeição!

Ao sopro da primavera  
Sorris com nitido albor;  
Es como o lirio brotando  
Na bella estação d'amor,  
Em madrugada saudosa,  
N'um tapete de verdor.

Se uma huri viesse ao mundo  
Não te podéra igualar:  
O musulmano em ti crera  
Vêr do céu luz singular,  
E formosura mais rara  
Que das criadas de Omar.

Rojára ao chão seu turbante,  
Desprendera o caftan,  
Voara do harem lascivo,  
Deixara virgem louçã,  
Esquecêra na mesquita  
As orações da manhã.

Ord. do dia já citadas, as de 28 de dezembro de 1810, e 12 de junho de 1811. A de 12 de agosto de 1812 diz assim: — Pelo capitão que commandava a cavalaria...

(23) A ultima desta data em Delgado.

Na linguagem fervorosa,  
No seu vivo delirar,  
Só uma idéa sublime  
Podéra então expressar:  
Seria paixão ardente  
N'um peito que sabe amar.

Beijaria transportada  
A mão, a face, o cabello  
Do ente maravilhoso,  
Da mulher, — esse ente bello.  
Que surge activo no mundo,  
E que tem olhar singelo.

Então dissera palavras  
De magica inspiração:  
Elle, filho do Oriente,  
Curvado o rosto no chão,  
Adorára os teus encantos,  
Despresára o seu sultão.

Mas eu que vejo em teus olhos  
A côr do céu e da esp'rança  
Bem que não seja da raça,  
Que em molle sofá descança,  
Sinto amor, e digo sempre:  
— Venturoso quem te alcança! —

Se ao rijo torneio outr'ora  
Assistisses feliceira,  
Se apparecesses na Hespanha,  
Mesmo em traje de estrangeira,  
Quebrára por ti mil lanças  
A mocidade guerreira.

Vês os mimos graciosos  
Da linda aurora a surgir?  
Vês a rosa em botão puro  
Como o seio vem abrir?  
Vês o docel de alabastro  
No manto azul reluzir?

Vês a campina esmaltada,  
Os rios a murmurar,  
Ouves o canto das aves,  
Correndo livres o ar;  
E o compassado sussurro  
Das auras a cicizar?

Ouves o mar tempestuoso  
Na praia extensa gemer,  
Como robusto gigante,  
Querendo a terra sorver,  
E nas ribas escarpadas  
O seu barbaro fremer?

E depois mansinho e quiêto  
Alli o vês deslizar,  
Como infante caprichoso,  
No leito s'espreguiçar  
E saudoso e namorado  
Do bosque as orlas beijar?



E vês também as estrellas  
Entre o crystal e a saphira,  
No subtil manto da noite,  
Que só tristeza respira,  
Em companhia desse astro.  
Que saudade nos inspira?

Ouves ao longe no cerro  
O tinir do campanario,  
Que nos falla, era tristonho,  
Lembrando antigo fadario,  
Ora, afastando mavioso  
Do mundo negro sudario?

Pois ahí mesmo nesses quadros,  
Que offerece a natureza,  
Não ha tanta galhardia,  
Tanta graça e gentileza,  
Como em ti — nos teus encantos,  
Na tua immortal belleza,

Se o Tasso inda hoje existira,  
No arrobó do imaginar,  
Em ti crêra vêr a copia  
Da bella que ousou cantar,  
Que nos seus sonhos doirados  
Só procurara encontrar.

Julgára vêr como d'antes  
A formosa Leonor,  
Aquella que lhe deu vida  
Nos versos do seu amor,  
Mas por quem provára a morte,  
E de um tyranno o rigor.

Mas tu és mais do que ella,  
És fagueira, és innocente,  
Se matas com teus olhares,  
E morte que não se sente,  
Senão para ter mais vida,  
Para existir mais contente.

Excedes Laura mimosa,  
Nos afagos, na candura;  
E se Petrarca voltasse  
Do seio da sepultura,  
Em ti veria a deidade,  
Mais que a mesma Venus pura.

O trovador solitario,  
Namorado Bernardim,  
Que troou sons tão sentidos,  
No seu mago bandolim,  
De Cintra no hervoso cume,  
Em harmonias sem fim.

O amante arrebatado,  
O cahtor de Beatriz,  
Deixára antiga esperança:  
Que o fado florir não quiz,  
E só por ti suspirando,  
Se imaginára feliz.

E Dirceu tão caro ás musas,  
O meu Dirceu sonoro,  
O vate das bellas fontes,  
Do amor voluptuoso,  
Por ti deixára Múrcia,  
Por ti morrêra ancioso.

És uma flôr melindrosa,  
Poisada na solidão,  
És um archanjo celeste,  
És o mimoso condão,  
Que me enfeitiga e me exalta,  
Que me rouba o coração.

És o céu que se desdobra  
Na terra do meu nascer,  
És o meu céu, minha fada,  
Minha musa, o meu viver,  
És tudo que lá s'encerra,  
Que o mundo não póde ter.

Mas se no mundo appareces,  
Deixas o céu sem deidade;  
E eu, sincero poeta,  
No verdor da mocidade,  
Dou-te o meu peito, os meus versos,  
Minha vida e liberdade.

Recife, 1851.

A. R. DE TORRES BANDEIRA.

#### BREVE BIOGRAPHIA DE LORD WELLINGTON.

Arthur Wellesley, descendente de uma familia estabelecida na Irlanda desde os tempos de Henrique VIII e posteriormente nobilitada na pessoa de seu avô materno, Ricardo Wellesley, creado barão de Mornington em 1745, era filho terceiro de Gerardo Wellesley, visconde daquelle titulo, e nasceu no 1.º de maio de 1769, anno fecundo em homens, como entre outros de menos nomeada, Napoleão, Canning, Walter Scott, Chateaubriand.

Destinado á carreira das armas cursou os primeiros estudos no collegio de Eton, continuou-os na eschola militar de Angers em França, e aos 18 annos de idade entrou no serviço do seu paiz. Sendo já tenente coronel em 1794 fez a sua primeira campanha na Hollenda ás ordens do duque de York, filho do rei Jorge III. Em 1796 passou á India, onde seu irmão primogenito lord Mornington, depois Marquez de Wellesley, nomeado no anno seguinte governador geral, lhe proporcionou meios de desenvolver n'um commando superior as suas faculdades militares. As grandes campanhas que por aquelle tempo houve nessas regiões serviram de pedestal á reputação de sir Arthur Wellesley, que em 1806, recolhendo a Inglaterra, era universalmente reconhecido como o general mais distincto e mais habil do exercito britannico.

Em 1807 depois de haver occupado por algum tempo o cargo de secretario d'estado na Irlanda no vice-reinado do duque de Richmond, foi Arthur Wellesley aggregado á expedição do commando de lord Cathcard, enviada pela Inglaterra contra a Dinamarca, e onde depois do bombardeamento de Copenhaga recebeu a capitulação da cidade.

Até alli a gloria militar do general Wellesley não attrahira a attenção da Europa. Foi em 1808 que se revelou no theatro da vasta guerra continental; ali se manifestou aquelle caracter tranquillo, superior, e prudente, que se distingue pela moderação de todas as suas qualidades.

Desde 1808 até 1815, desde a sua chegada a Portugal até á batalha de Waterloo, o tenente general Arthur Wellesley percorreu com fortuna sempre igual, sempre incontrastavel, uma brilhante carreira de triumphos, sendo theatro da maxima parte delles a nossa Peninsula. As suas destrias manobras se deve a capitulação de Lisboa de 30 de agosto, segundo a qual os francezes deviam evacuar Portugal com armas e bagagens, e voltar a França á custa da Inglaterra. Esta capitulação, conhecida pelo nome de convenção de Cintra, occasionou a desgraça do general Dalrymple, nomeado poucos dias para tomar o commando em chefe do exercito inglez na Peninsula. Arthur Wellesley, que foi a Londres defender aquelle acto no recinto do parlamento, de que era já membro desde 1806, representando os habitantes de Newport da Ilha de Wight, voltou a Lisboa em 1809 nomeado general em chefe, tendo nessa epocha logar a retirada do Porto, a que obrigou o general Soult, que em substituição de Junot e suas tropas havia invadido Portugal com forças novas.

Evacuado totalmente o territorio portuguez pelas aguias da França, sir Arthur penetrou na Hespanha, tendo recebido ordem do governo britannico para combinar com a junta governadora do reino um plano de campanha. Chegando a Almaraz, reuniu-se ao general Cuesta, e o exercito colligado deu em o dia 21 de julho de 1810 ao general Victor e ao rei José a grande batalha de Talavera de la Reina.

O parlamento inglez deu então um voto de agradecimento ao general, que foi elevado ao pariato com o titulo de visconde Wellington de Talavera. O marechal Victor viu-se obrigado a retroceder sobre Madrid; porém Wellington não ponde avançar em seu seguimento, porque Soult e Ney marchavam rapidamente sobre elle desde a Estremadura com forças superiores, e por outra parte Massena invadia novamente Portugal. Em tão graves circumstancias passou o Tejo, tendo-se construido as famosas linhas de Torres-Vedras, desde o mar até o rio, diante das quaes parou assombrado Massena. Como em todas as campanhas se houve o exercito portuguez, que fazia consideravel parte do exercito alliado, ocioso é commemorar-o n'um rapido bosquejo, porque estão ainda frescas as memorias de seus prodigios de valor, disciplina, e lealdade.

Entrando de novo pela Hispanha, lord Wellington dirigiu-se contra Ciudad-Rodrigo que tomou por assalto, ao cabo de viva resistencia, contra Badajoz, que tambem fez succumbir depois de trabalhosissimo assedio; e então á frente do exercito alliado já numeroso, penetrou na Castella e desbaratou Marmont na famosa batalha de Arapiles. Acommettido por Soult, que abandonando o cerco de Cadiz accorreu precipitadamente a combinar suas operações com o successor de Marmont; e detido em Burgos pelo general Dubreton, emprehendeu a retirada para Portugal.

Em 1813 passou lord Wellington a Cadiz onde a

regencia alli estabelecida lhe conferiu o titulo de generalissimo dos exercitos combinados. Por esse tempo começou a gloriosa campanha de 1813 a 1814, que concluiu pela passagem dos Pyrenneus, e a occupação de Tolosa, campanha que firmou de um modo incontestavel a eminente capacidade militar do caudilho britannico.

Lord Wellington permaneceu no sul de França por todo o tempo que duraram as circumstancias que precederam e acompanharam a abdicação de Napoleão e os successos posteriores, sustentando em meio das provocações, que de toda a parte se lhe dirigiam, um procedimento tão imparcial e severo, que é um de seus maiores titulos á estimação dos animos elevados e rectos. Finalmente passou a Paris, e tendo-se demorado poucos dias naquella capital, recolheu a Londres, onde foi recebido triumphalmente. Dahi a pouco foi nomeado para representar o seu pais no congresso de Vienna, e nesta capital foi do mesmo modo objecto de fervorosas manifestações de respeito e apreço.

Quando Napoleão desembarcou em França, evadido da ilha d'Elba o congresso nomeou-o generalissimo dos exercitos alliados; e occupando tão elevada posição coube á sua fortuna sempre incontrastavel a alta gloria do feito de armas de Waterloo.

Os successos que depois se seguiram proveram de novo, para honra eterna de Wellington, a reetidão inalteravel de seu caracter e a sua eminente moralidade. Escolhido para general em chefe do exercito de occupação, e residindo por esse motivo em Paris, soube oppor resistencia energica ás medidas que não eram dictadas pela cordura e moderação; seria neste ponto completa a sua gloria, se houvera podido salvar a vida do marechal Ney.

Depois da evacuação do territorio francez e do tratado de Aquisgram, lord Wellington voltou a Londres carregado de honras, e possuidor já de uma immensa riqueza. Data dessa época o principio da sua carreira civil e politica. Lord Wellington acceitou no ministerio de lord Liverpool o logar de inspector geral de artilheria. Sob o ministerio Canning foi enviado ao congresso de Verona, onde lotou tenacidade contra a intervenção franceza na Hispanha. Em 1827 foi chamado a substituir o duque de York na dignidade de generalissimo dos exercitos britannicos; e muito pouco depois começou a mostrar as suas tendencias de opposição ao ministerio Canning. Em 1828 foi nomeado primeiro lord do thesouro, sendo sir Robert Peel o representante e o orador desse gabinete na camara dos commons; desde então permaneceram unidos na politica os nomes illustres de Wellington e Peel: torys ambos, mas torys illustrados, consumaram a importante e transcendente reforma da emancipação catholica da Irlanda. Em 1834 tornou a apparecer no poder, ainda que por tempo brevissimo, sendo presidente do gabinete M. Peel. Posteriormente e apesar de haver trabalhado com summa efficacia a favor de todas as reformas intentadas e levadas a cabo, por aquelle insigne homem de estado, não quiz lord Wellington tomar posição activa no gabinete de 3 de setembro de 1841, ao qual todavia prestou o apoio de seu nome, acceitando sem pasta.

A preponderancia de lord Wellington, talvez a mais absoluta que se conhece na historia de quaesquer paiz

nes, foi producto das relevantes qualidades de seu caracter, e com especialidade da inalteravel segurança e serenidade de seu animo. Como capacidade militar a Inglaterra não conheceu outra que se lhe iguale desde Malborough; e se com a sua morte não perdeu um politico de primeira ordem, perdeu, por certo, um homem de designios praticos e politicos, um talento seguro e costumado a acertar, e por ultimo, um grande caracter.

Para completar esta breve noticia terminaremos pelas que publica um jornal estrangeiro ácerca da familia de lord Wellington e de seus titulos honorificos. Dos quatro irmãos do duque, um, o conde de Maryborough, morreu sem figurar no theatro dos acontecimentos; o segundo era o conde de Mornington, que deixou honrosa membria na historia litteraria do seu paiz; o terceiro, o marquez de Wellesley, foi duas vezes governador da India, e o quarto e ultimo lord Cowley, que foi embaixador em Paris, é pae do actual ministro d'Inglaterra na mesma capital.

O duque de Wellington contrahiu matrimonio a 6 de abril de 1806, com miss Catharina Pakenham, terceira filha de lord Langford, a qual falleceu aos 25 de abril de 1831, deixando-lhe dois filhos; o marquez do Douro, que é membro da camara dos communs, e agora herda o ducado de Wellington e o parato, e que não tem filhos; e Mr. Carlos Wellesley, tenente coronel, nascido em 1808, casado em 1844 com a filha unica de Mr. Marners-Pierrepont, de que tem tido cinco filhos, sendo vivos actualmente quatro.

A lista dos titulos honorificos e das dignidades de lord Wellington occuparia muitas paginas, assim como das remunerações que obteve de quasi todos os paizes da Europa por seus mui avultados serviços e elevado merecimento. Com effeito, o duque, além dos titulos que accumulou no seu proprio paiz e que são numerosos, era pela Hespanha, duque de Ciudad-Rodrigo, grande de primeira classe, e possuir de immensas bens em Valencia, em Granada, e outras provincias; por Portugal duque de Victoria, marquez de Torres-Vedras, e conde de Vimeiro; pela Hollanda principe de Waterloo; finalmente, figurava o seu nome no quadro dos capitães generaes de quasi todos os exercitos da Europa.

## NOTICIAS E COMMERCIO.

**Orçamento da Turquia.** — A receita do thesouro da Port-Ottomana sobe a 750 milhões de piastras turcas, e as despesas orçam pela mesma quantia.

Os impostos subdividem-se do modo seguinte: — Contribuição territorial 220 milhões de piastras; contribuição sobre os rendimentos ou maneiio 220 milhões, impostos individuais, lançados aos subditos não musulmanos 40 milhões, alfandegas 85 milhões, tributo do Egypto 30 milhões, dito dos principados do Danubio (Valaquia, Moldavia, e Servia) 5 milhões, contribuição indirecta (patentes, sellos, portageus, bebidas, correios, minas) 150 milhões. Total approximado 750 milhões de piastras turcas.

As despesas classificam-se desta maneira. Lista civil do sultão 75 milhões, lista civil da mãe e das irmãs casadas do sultão 8 milhões e meio, exercito

300 milhões, marinha 37 milhões e meio, material de guerra 30 milhões, administração 195 milhões, diplomacia 10 milhões, obras publicas e agricultura 10 milhões, despesas diversas, mesquitas, instrução publica 84 milhões. Total 750 milhões. — Por um tratado recente elevou-se a 40 milhões o tributo do Egypto.

(Standard.)

**Erupção volcanica.** — O *Diario de Roma* do dia 4 publica algumas particularidades que diz ter recebido pelo telegrapho electrico de Catania a Napoles, sobre a erupção do Etna, que neste anno foi de extraordinaria violencia; basta dizer que a lava se estendeu até mui proximo de Zaffarana, isto é, a 14 milhas distantes da cratera, abrazando as vinhas e quanto encontrou na passagem. Os habitantes das povoações comarcãs tiveram de abandonar suas casas.

(Constitucional.)

## O VIOLINISTA ELLER.

Acha-se actualmente entre nós um violinista de merito transcendente, o sr. Eller, que ha pouco chegou do reino visinho. É esta, a nosso vêr, uma boa nova que damos aos amadores de musica, e tanto mais, por que podemos accrescentar que o sr. Eller occupa um logar distincto entre os mais insignes professores da sua arte.

Tivemos o prazer de o ouvir pela primeira vez em uma pequena *soirée* artistica que deu o sr. Cossoul, achando-se presentes o sr. Daddi e outros dignos professores, juizes competentes para avaliarem devidamente o merecimento do recém-chegado violinista. Em todos causou elle o maior enthusiasmo, e a mais viva admiração.

Entre as diversas peças que tocou, distinguiram-se principalmente duas de sua composição; uma sobre o motivo do hymno inglez *God save the Queen*, a outra intitulada *Valse diabolique*, ambas de extraordinaria difficuldade, e que elle executou com a maior perfeição.

Na noite de segunda feira o sr. Eller tomou parte no concerto da Academia Melpomenense, executando tres peças, e entre estas a famosa *Valse diabolique*.

Inutil é dizer que aquelle artista foi recebido com applausos estrondosos, sendo cumprimentado depois pelos professores que compunham a orchestra da Academia.

Por esta occasião confirmou elle o conceito que haviamos formado do seu merecimento, na primeira vez que o ouvimos. Nós que admirámos Moser, Pellegrin, Rossi, Austrí, e outros distinctos violinistas, não hesitamos em dizer que nenhum delles leva vantagem ao sr. Eller na perfeita intonação, e nas difficuldades prodigiosas que executa na rebecka.

Consta-nos que o illustre artista vai ser apresentado a sua magestade El-rei, que não deixará por certo de o acolher com a sua costumada bondade, concedendo-lhe aquella generosa protecção que elle não sabe recusar aos verdadeiros talentos. Desde já prognosticamos ao sr. Eller tantos triumphos quantos forem os concertos que elle der nesta capital.

DEMETRIO RIPAMONTI.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 13.

QUINTA FEIRA, 7 DE OUTUBRO DE 1852.

13.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUENSE.

Felicitemos o Porto e a industria do paiz pelo estabelecimento naquella cidade da Associação Industrial Portuense. Os nomes das pessoas que estavam tomando parte na instituição e progresso desta sociedade, são penhores seguros de que será grande a sua influencia no incremento e perfeição do trabalho. Com satisfação temos a honra de passar para as columnas da REVISTA os documentos que dizem respeito á fundação da Associação, extrahidos do seu jornal que saudamos como um collega verdadeiramente empenhado no derramamento dos conhecimentos uteis.

#### Representação.

« Senhora! A Associação Industrial Portuense não poderá deixar de unir-se ás principaes corporações da nação para pedir respeitosamente a v. magestade a abolição do monopolio do sabão.

Todos conhecem, senhora, a summa importancia do sabão na economia domestica; a sua influencia na hygiene, e na salubridade. A estatistica prova hoje evidentemente que a um certo augmento de consumo do sabão corresponde sempre um certo augmento de civilização, um certo melhoramento na condição, e, até certo ponto, nos costumes das classes menos abastadas da sociedade. É portanto desnecessario insistir sobre a *utilidade geral* que resultaria da extincção do contracto do sabão.

Pelo que diz respeito propriamente á industria, senhora, é o exclusivo do sabão nocivo de

diversos modos: ha no paiz muitas, e mui importantes fabricas, que carecem de sabão, e cuja economia normal se não compadece com o actual excessivo preço deste producto; podem apontar-se, entre muitas outras, as fabricas de pannos e de tecidos de lã em geral, as tinturarias, estamparias, branqueamentos, etc. etc. Outras artes ha que carecem d'um sabão especial, que o contracto não fabrica nem lhes deixa fabricar, taes são, por exemplo, a fabricação mechanica de cabos e cordas, a de graxas e untos para machinas, tintas especiaes, etc. etc. Finalmente, de muitos fabricos resultam productos accessorios cujo melhor emprego seria a conversão immediata em sabão, e que actualmente ou se inutilisam ou se vendem abaixo do seu valor normal, por exemplo, as lavaduras de lã, o cebo dos ossos nas fabricas de carvão animal, etc. etc. Bastam estas indicações, senhora, para provar-se que para a industria em particular, como para o bem publico em geral, é necessaria e urgente a abolição do monopolio do sabão.

Mas ha ainda uma consideração, senhora, que a Associação Industrial não deve omitir: se v. magestade houver por bem libertar o fabrico do sabão, não só cessará a importação hespanhola, mas ficará Portugal em circumstancias de vender sabão aos hespanhoes — porque a *soda facticia* — que nos principaes pontos commerciaes do nosso paiz se póde fabricar muito barato, em razão da abundancia que temos de sal marinho, e que a todos os respeito é mais vantajosa para a saponificação, do que as *barrilhas*, não poderá vir ás regiões hespanholas nossas vizinhas senão por preços inacessiveis.

Se a Associação Industrial Portuense podesse, sem sahir da orbita que se traçou, elevar-se a

certa ordem de idéas, não se limitaria ella a ponderar, a respeito do sabão, as questões puramente industriaes. — Ousaria assignalar os inconvenientes para o governo de v. magestade de um estado no estado; e não deixaria de fazer sentir os abusos, vexames e perturbações sociaes, inherentes á fiscalisação de um monopólio, cujo objecto, além de ser de primeira necessidade, é de uma preparação facil e ao alcance das familias pobres...

Considerando pois, senhora, que a abolição immediata do contracto do sabão seria uma medida de summa utilidade nacional, a Associação Industrial portuense respeitosa mente.

P. a v. magestade haja por bem mandar declarar livre o fabrico do sabão nos dominios de v. magestade. — E. R. M. — *João Francisco Arahna*, vice-presidente. — *Francisco José Coutinho*. — *Verissimo Alves Pereira*, secretarios.

#### DECRETO QUE APPROVA OS ESTATUTOS DA ASSOCIAÇÃO.

Sendo-me presentes os estatutos da associação industrial portuense, que os representantes das diversas profissões fabris da cidade do Porto pretendem instituir, para propagar a instrução industrial entre os operarios e artistas daquella cidade e exercital-os na pratica racional e esclarecida das diferentes profissões das artes industriaes, facultando-lhes não só a instrução especial de cada ramo, mas o exame e comparação das machinas e novos processos, que a industria fór effectuando nos paizes mais cultos; e bem assim prestar soccorros ás referidas classes: Considerando, que a maneira porque a mesma associação pretende alcançar o seu fim, é a mais appropriada para os operarios e artistas adquirirem o auxilio e instrução de que tanto carecem, para os productos das suas industrias poderem chegar á perfeição a que aspiram, e entrar em concorrência com os estrangeiros; e que portanto esta associação, pela forma porque se institue, é uma das mais uteis e proveitosas, não só para as classes industriaes e fabris, mas para o estado: Hei por bem, tendo em vista a informação do governador civil do districto do Porto, approvar os estatutos da associação industrial portuense, os quaes constam de quatro capitulos e quatorze artigos, que fazem parte do presente decreto e com elle baixam assignados pelo ministro e secretario de estado dos negocios do reino, com a declaração porém, de que, quaesquer alterações que de futuro se hajam de fazer nos mesmos es-

tatutos dependerão, para a sua validade e effectos, da minha approvação, que poderá ser retirada se a associação se desviar do fim para que ora se estabelece, e devendo remetter á secretaria de estado dos negocios do reino uma copia da conta dos trabalhos da associação e applicação dos seus fundos na forma do disposto no artigo 12.º dos respectivos estatutos. O ministro e secretario de estado dos negocios do reino assim o tenha entendido e faça executar. Paço de Mafra em 26 de agosto de 1852. — Rainha. — *Rodrigo da Fonseca Magalhães*.

Está conforme. — *Joaquim José Ferreira Pinto da Fonseca Telles*.

#### ESTATUTOS DA ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUENSE.

##### Disposições geraes.

##### CAPITULO I.

Artigo 1.º A Associação Industrial Portuense é a reunião de todos os individuos nacionaes, ou estrangeiros, que della quizerem fazer parte, qualquer que seja a sua cõr politica, uma vez que satisfaçam as outras condições que por estes estatutos são exigidas.

Art. 2.º Todo o individuo, que directa ou indirectamente tiver interesse no desenvolvimento da industria portugueza pôde ser membro desta associação.

Art. 3.º O governador civil do Porto, e os administradores dos bairros desta cidade, são membros natos desta associação, como auctoridades a quem compete velar pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento da industria e pela sua protecção.

##### CAPITULO II.

##### Fins da associação.

Art. 4.º A Associação Industrial Portuense, tem por fim desinvolver e aperfeiçoar a industria nacional — instruir as classes industriaes e particularmente os operarios no ensino elementar da arithmetica, geometria, desenho, e no das artes mechanicas, chymicas e physicas; e especialmente no estudo das machinas,apparelhos e processos, que successivamente se forem inventando ou aperfeiçoando, a fim de que a industria portugueza possa collocar-se a par da das nações mais adiantadas — e bem assim melhorar a condição dos operarios por meio de caixas de soccorro ou montes de piedade, aonde

os operarios depositem o fructo de suas economias e achem auxilio na velhice e nas enfermidades.

Art. 5.º Nas sessões só se tractará de objectos relativos aos fins da associação, e é expressamente inhibida de entrar em qualquer questão que seja alheia de seu instituto.

Art. 6.º A materia que houver de discutir-se n'uma sessão será designada na antecedente; quando fôr proposta nova da qual seja urgente a associação tomar conhecimento, será o seu objecto designado no aviso convocatorio.

## CAPITULO III.

*Dos socios.*

Art. 7.º Todo o individuo que estando nas circumstancias do art. 2.º fôr approved pela associação, fica della fazendo parte, e é portanto considerado socio.

Art. 8.º Haverá duas especies de socios, a saber: socios effectivos, e socios correspondentes: aquelles são os residentes na cidade do Porto, e suas visinhanças, estes os que residirem nas diversas terras do reino, ou das nações estrangeiras.

Art. 9.º Os socios effectivos serão obrigados a concorrer com 1:200 réis de joia pela entrada e 160 réis mensaes, que serão cobrados de 3 em 3 mezes, para serem applicados ás diversas despesas da associação, a fim de poder satisfazer aos seus encargos.

§ unico. Os socios de que falla o art. 3.º destes estatutos ficam isemptos de concorrerem para as despesas da associação com qualquer quantia.

## CAPITULO IV.

*Da direcção.*

Art. 10.º A Associação Industrial Portuense terá uma direcção nomeada á pluralidade de votos de entre os seus membros por todas as pessoas, que della fizeram parte.

§ 1.º A direcção será composta de um presidente — dois vice-presidentes — dois secretarios — dezeseis directores; e um thesoureiro para cobrar e arrecadar as quotas e joias e applicar a sua importancia, conforme lhe fôr ordenado pela direcção.

§ 2.º Um regulamento especial determinará as attribuições da direcção, que deverão ser taes, que com ellas se possa alcançar os fins da associação.

Art. 11.º A direcção será eleita annualmente no 1.º de agosto.

Art. 12.º A direcção apresentará no fim do anno da sua gerencia a conta dos trabalhos da associação e applicação dos seus fundos para conhecimento das pessoas nella interessadas.

## CAPITULO V.

*Da assembléa.*

Art. 13.º A assembléa geral é a reunião de todos os socios effectivos, ou daquelles que comparecerem na casa da associação depois de convidados todos.

Art. 14.º Compete á assembléa geral alterar os presentes estatutos, quando dois terços dos socios effectivos o julgarem conveniente, e o governo tenha para isso dado a competente auctorisação — eleger a direcção da associação, e as commissões que julgar convenientes — approvar ou reprovar os regulamentos especiaes, porque se deve reger a associação — e tudo o mais que na discussão destes reservar para attribuição sua.

Porto 20 de agosto de 1852. — *Joaquim Ribeiro de Faria Guimarães*, presidente — *João Francisco Aranha* — *José Caetano Coelho Louzada*, vice-presidentes — *Francisco José Coutinho* — *Verissimo Alves Pereira*, secretarios.

## DIRECTORES.

*Francisco Antonio Gallo* — *João de Araujo Lima* — *João da Cruz Coque* — *Manuel Pereira da Costa* — *Joaquim Baptista Moreira* — *Antonio Joaquim d'Araujo* — *João Marques d'Almeida* — *José Duarte Reis* — *Vicente de Sousa Dias* — *José Antonio Vianna* — *Domingos José da Fonseca Paschoal* — *José Joaquim do Espirito Santo* — *Emigdio Carlos Amatuci* — *Antonio Frederico* — *Antonio José Ribeiro* — *Jacinto José Lopes*.

## MOLESTIA DAS BATATAS.

O *Moniteur prussien* publicou uma circular do ministerio, dirigida aos governadores de provincias, recommendando como remedio contra a molestia das batatas e emprego da cal dissolvida ao ar humido, ou regada com agua ao de leve. Espalha-se com tempo bonançoso e de preferencia á tarde, em camada tenue, sobre a folhagem da planta o mais que fôr possível, nos mezes de julho e agosto nos paizes do norte.

Este expediente é recommendado pelas experiencias repetidas de um agricultor prussiano. Emprega

se tres fangas de cal por morgen prussiana (180 varas quadradas).

## CALENDARIO.

### VII.

Em 1582, epocha em que foi posta em pratica a reforma gregoriana, não se limitaram a providenciar de futuro, quizeram repor as coisas no estado em que estavam na epocha do concilio de Nicea; e como o equinoccio, fixado em 21 de março pelos padres que compunham este concilio, se tinha antecipado e já vinha a cahir em 11 de março, foi resolvido no sobredito anno de 1582 supprimir 10 dias, e denominar o dia immediato ao 4 de outubro (dia de S. Francisco) em lugar de 5 dia 15 de outubro.

Tal é a origem da differença primitiva de 10 dias que por muito tempo existiu nas datas entre os paizes onde foi adoptada a reforma gregoriana e aquelles que seguem o protestantismo e a religião grega. Esta differença de 10 dias não se augmentou em 1600, que foi simultaneamente anno bissexto no calendario juliano e no calendario gregoriano; porém, segundo as regras que ficam enunciadas, augmentou-se um dia em 1700 e outro em 1800, e que perfaz o total de 12 dias, differença actual entre as datas dos russos, que conservaram o calendario juliano, e as datas dos outros povos da Europa.

A reforma gregoriana não foi adoptada immediatamente e sem resistencia, mesmo em os paizes catholicos; nos protestantes, segundo a phrase de um erudito — « preferiram antes não estar de accordo com o sol do que concordar com a corte de Roma. » — Scaliger contribuiu muito pelas suas criticas, pelas suas declamações, mais ou menos fundamentadas, a estorvar que os paizes não catholicos adoptassem a reforma gregoriana.

Em Roma a reforma começou no dia 5 (15) d'outubro de 1582, segundo o decreto: em França no dia 10 (20) de dezembro do mesmo anno. Nos paizes catholicos da Allemanha principiou em 1584 em consequencia das instantes sollicitações de Rodolpho II, e nos paizes protestantes só teve principio aos 19 de fevereiro (1.º de março) do anno de 1600. A Dinamarca, a Suecia, a Suissa, seguiram o exemplo da Allemanha. Sómente algumas povoações pequenas da Helvecia resistiram, e foi preciso para obrigar-as recorrer a multas e ao emprego de força armada. A Polonia recebeu a reforma em 1586. Finalmente a Inglaterra decidiu-se a adoptal-a no anno de 1752 aos 3 (14) de setembro; a differença entre os dois calendarios era então de 11 dias em rasão do anno 1700 que tinha sido bissexto no calendario juliano e commum no estylo gregoriano.

**Principio do anno.** — Quando o anno não se compunha senão de 354 ou 355 dias; quando se tinha regulado a sua extensão pelo curso da Lua, o principio devia successivamente corresponder a todas as estações; não haveria, portanto, interesse em indagar quaes eram os primeiros mezes desses annos lunares.

Vamos, porém, ás nações modernas que contam pelo anno solar, e tiveram cinco maneiras principaes

e differentes de o começar. Umas tomaram para esse principio o dia 25 de dezembro, dia do Natal do Redemptor: outras escolheram o 1.º de janeiro que é a pratica hoje seguida: podemos citar as que fixaram invariavelmente o primeiro do anno no 1.º de março; algumas tomaram para primeiro dia, o da Anunciação, 25 de março; finalmente, postoque a festa da Paschoa seja movel, e possa corresponder a qualquer dos dias comprehendidos entre 22 de março e 25 de abril, o dia de Paschoa foi entre alguns povos o dia inicial.

Citamos exemplos para corroborar o que acabamos de dizer.

O primeiro dia do anno em dia de Natal, na França, reinado de Carlos Magno.

No 1.º de janeiro: — pratica renovada na Alemanha em 1500; prescripta em França por edicto de Carlos 9.º em 1563; adoptada em Inglaterra para começar o anno de 1752.

No 1.º de março: — em França, pelos annos de 755.

Em 25 de março: — na Inglaterra até o anno de 1752.

No domingo de Paschoa: — pratica commum em França no tempo dos reis capetos; e quasi geral nos seculos 12.º e 13.º

Em Portugal tambem se usou por longo tempo contar o anno do dia da festa da Encarnação ou Anunciação em 25 de março, como se póde ver minudamente no tomo 2.º das *Dissertações Chronologicas e Criticas* do sabio João Pedro Ribeiro, de pag. 10.ª em diante.

Á igreja repugnou por muito tempo escolher para começo do anno um dia com o nome de uma divindade pagã, Jano; mas, afinal achou-se mais commodo que o dia primeiro do anno fosse tambem um dia primeiro de mez, e o 1.º de janeiro supplantou o 25 de dezembro.

Segundo o calendario republicano francez, adoptado em 1793, devia o começo do anno distar pouco do anniversario da acclamação da republica. O equinoccio do outono vem n'uma das 24 horas de certo dia; esse dia a começar da meia noite foi considerado o 1.º de vindimario ou o primeiro do anno republicano. Os astrónomos teriam determinado o instante desse phenomeno, servindo-se das melhores Tabuas; em virtude dessa determinação um decreto especial fixára o principio do anno.

Nos annos em que se devia contar um sexto dia complementar, o principio não estava estabelecido antecipadamente. Em 1806, epocha em que renunciaram o calendario republicano para voltarem ao de Julio Cesar, reformado por Gregorio 13.º, fez-se notar com rasão que se o equinoccio do outono occorresse mui proximo da meia noite de Paris, os calculadores conscienciosos, attendendo ás pequenas incertezas que as melhores Taboas comportam, não poderiam decidir se era antes ou depois deste instante que o sol, indo do norte para o sul, passava effectivamente pelo plano do equador. Haveria, portanto, neste caso, duvida de um dia inteiro sobre o principio do anno.

Delambre observou que, pelas Tabuas conhecidas, não poderia decidir-se qual o dia em que começaria o anno 144 da era republicana. Os fundadores do ca-



lendarie republicano, fazendo depender o principio do anno de um calculo relativo ao meridiano de Paris, só por esse facto, ainda que bem pouco conhecessem o coração humano e os sentimentos inveterados de nacionalidade, deveriam ter certeza que o seu calendario não seria geralmente adoptado. Acaso não tinham presentes as difficuldades insuperaveis que se tem encontrado quando, em proveito da sciencia, se tem tractado de mover os povos a contar as longitudes terrestres partindo de um só e mesmo meridiano? . . .

*Olympiadas e lustros.* Os gregos dividiram o tempo em periodos intermediarios entre o anno e o seculo; chamavam *olympiada* a reunião de quatro annos, quer houvesse quer não nesse numero um anno embolismico ou intercalar.

Os romanos contavam da remota antiguidade por *lustros*. O lustro, segundo uma discussão scientifica dos textos, que se deve ao sabio Daunou, parece ter designado primeiro uma reunião de quatro annos como as olympiadas; mais tarde é que o lustro significou cinco annos; é este valor o geralmente adoptado pelos modernos.

*Indicção romana.* É um periodo de 15 annos julianos, pelo qual os historiadores e os chronologos contaram algumas vezes as datas dos acontecimentos. Não se sabe ao certo quem foi o fundador da indicção; a idéa de que a estabeleceu o imperador Constantino para não se continuar a contar pela divisão gentilica das olympiadas, posto que mui propagada, não se firma em texto algum explicito. Sómente se tem averiguado que esta invenção não é anterior a Constantino, nem posterior ao seculo V.

A indicção ou periodo de 15 annos punca teve por objecto coordenar o movimento do sol com o da lua; é simplesmente um periodo de mera convenção, intermedio entre as olympiadas dos gregos, os lustros dos romanos e o seculo.

Suppoem-se nos calculos pela indicção que este cyclo começou tres annos antes da nossa era: cumpre, todavia, notar que não teve por origem a mesma data do anno, o que produziu pequenas diferenças nos resultados. Os papas, desde Gregorio VII, fizeram contar este periodo do 1.º de janeiro de 313, e as datas que se referem a esta supposição tem o nome de *indicção romana*.

Não se conhece de um modo preciso a etymologia da palavra *indicção*; tão sómente se sabe que este termo era empregado para indicar os prazos concedidos pelos tribunaes no tempo de Constantino.

*Seculo.* É a maior somma de annos que o publico, os astrónomos e os chronologos convieram geralmente adoptar na divisão do tempo.

A palavra *seculo* não teve sempre a mesma significação. Os romanos distinguiam seculos naturaes em relação á vida humana, e seculos civis: os primeiros foram elevados por diversos escriptores aos numeros de 25 annos, 30, 112 e 116 annos. Plínio chama seculo a um periodo de 30 annos.

Quanto ao seculo civil não tem a mesma extensão em todos os auctores; Horacio avalia-o em 110 annos. Ao presente, por consentimento unanime, seculo significa um periodo de cem annos.

*Eras.* Posto que a escolha das *eras* raras vezes fosse dictada por considerações derivadas da astrono-

mia, diremos a este respeito alguma coisa, porque a palavra *era* figura inevitavelmente em todos os calendarios. A sua etymologia é muito controvertida: uns fazem-na derivar do grego, outros do latim; e ha quem lhe ache raiz na lingua arabe; finalmente até chegaram a imaginar na palavra, que se escrevia (com dithongo) *era* as quatro letras inicias da formula *ab exordio regni Augusti*, em breve A. E. R. A.

A idéa de estabelecer uma era que coincidissem com o nascimento do mundo e que dispensasse de recorrer, para os acontecimentos mui antigos, a periodos ascendentes, era idéa muito natural: nasceu no gremio da igreja christã se não em os tempos apostolicos, pelo menos em data assaz remota. Infelizmente, o texto hebraico da Biblia, o texto samaritano, e a versão grega dos setenta offercem variantes; d'ahi differenças mui notaveis entre os computos, ou (se assim o julgarmos) entre as concepções imaginarias dos que tractaram de fixar a era do mundo.

Abri a obra de Julio Africano, e a era do mundo denominada *alexandrina*, remontará, a partir da era christã, ao anno . . . . . 5:500

Consultae o auctor da *era dita de Antiochia*, o monge Panadore, e vereis que fixa o principio do mundo em . . . . . 5:493

A era do mundo que contavam os gregos, chamada de Constantinopla, corresponde a . . . 5:509

Scaligero, por uma discussão particular dos textos, achava . . . . . 3:950

O padre Pezron . . . . . 5:837

Usher (dito Usserius) achou . . . . . 4:006

Este ultimo é o numero adoptado por Bossuet e Rollin em suas historias.

O historiador judaico, Josepho, dava aos tempos anteriores á nossa epocha a duração de 4:163 annos. Outros historiadores judeus fizeram remontar a era do mundo até 6:524 annos antes da era christã.

Escusado é estender mais este quadro, no qual poderíamos inscrever até duzentos modos diferentes de contar por annos da criação do mundo.

A era das olympiadas mais geralmente adoptada remonta ao anno 776 antes do nascimento de Jesu-Christo; é o anno em que sabiu vencedor Corebo nos jogos olympicos, que se dizia terem sido estabelecidos por Hercules e que havia longo tempo achavam-se interrompidos. Corebo, que então obteve o premio da carreira, era cosinheiro. Da renovação dos jogos em 776 data a inscripção solemne do nome dos vencedores nos registros officiaes.

A era da fundação de Roma não carece definição. Adoptando a opinião de Varrão sobre um acontecimento, cuja data da sua natureza era mui incerta, os modernos em geral concordaram admitir que Roma existia havia 753 annos, quando Jesu-Christo nasceu. A nossa era começou, portanto, com o anno 754 da fundação de Roma.

A era de Nabonassar abriu-se 747 annos antes do nascimento de Jesu-Christo. Não pôde dizer-se, ao certo, que esta era fosse instituida para marcar a data de algum acontecimento importante pelo lado social, politico, ou militar. Não ha prova de que a fundação do reino de Babilonia com um dos fragmentos do imperio dos assyrios, depois da morte de Sardanapalo, deva ser attribuida a Nabonassar, não ha

fundamento para que este príncipe haja de ser considerado como o cabeça, como o primeiro de uma dynastia nova; nada ha que certidque dever-se-lhe a introdução do anno egypcio na Chaldaea. Nabonassar foi um soberano obscuro: os astrónomos antigos, em particular Ptolomeu, lhe conferiram a gloria tomando a era que tem seu nome para ponto de partida de seus cálculos.

Os christãos durante cinco seculos não tiveram era particular. A era christãa foi proposta pela primeira vez, em 532, por um monge da egreja romana nascido na Sythia, e appellidado por causa da sua muita baixa estatura *Dionísio o curto*.

Diz-se ou Dionísio suppoz que Jesu-Christo viera ao mundo aos 25 de dezembro do anno de Roma 753. O anno seguinte, 754 de Roma, veio a ser o primeiro da era dionysiacca. Este primeiro anno, mesmo pelas idéas de Dionísio, não era o nascimento de Jesu-Christo; e seu principio era posterior á data do nascimento sete dias.

A era mahometana, ou *hejira*, corresponde ao anno 622 da era christãa. A palavra *hejira* significa fuga, e com effeito a era musulmana data de momento em que Mahomet fugia de Meca para refugiar-se em Medina. Pode á primeira vista parecer extraordinario que se escolhesse esta circumstancia como ponto culminante da vida do pseudo-propheta; porém, como observam alguns historiadores, Mahomet nunca se illustrou tanto como em a epocha em que fugitivo na resaca appresentou-se conquistador no dia seguinte.

Finalmente, os fundadores do novo calendario, que foi usado em França por espaço de 13 annos, tomaram para era o dia 22 de setembro de 1792, data da fundação da republica.

(Continua.)

## PARTE LITTERARIA.

A SOCIEDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXXIII.

DENTRO E FÓRA.

O banquete tinha acabado havia muito tempo; e depois do sol posto não existia um só dos convidados na sala de Lourenço Telles. O primeiro que, allegando urgencia de negocios, se tinha retirado, era Diogo de Mendonça; e o ultimo que saiu, bastante formalizado de alguns gracejos do ouvido, foi o abbade Silva, cujo tricornio de borlas de torçal pendia á meia bohinha, pouco assente na opulenta calva. O inventor do Livro dos Paes, recebendo a bengalla historica com o precioso busto de Cleopatra e ensaiando as articulações e os nervos dentro do esticado

calção, meditava um opusculo, para romper as hostilidades com a primeira aos Corinthios; e aí delles se reincidissem! Estava disposto a não parar, em quanto por uma vez não acabassem as salvajarias de Filipe, e os remoques impertinentes do commendador; e illustrissima nos momentos afflictivos, que medeiaram entre a exhibição das rans e a sua volta para a casa de jantar, tinha sentido arripiar-se-lhe a mente com o sopro da inspiração dramatica: certo Momo ou maligno diabrete zumbiu-lhe ao ouvido a altiva idéa de vingar todos os ultrages com o riso da comedia.

Durante a comida, o auctor da carta a Lúcio Floro ruminou o projecto, urdiu o enredo, e creou os caracteres: restava só a execução; mas essa pouco embaraçava uma penna-costumada, como a delle, a correr solta no elogio da puerilidade. Eis o motivo porque o nosso abbade, fazendo a Lourenço Telles as ultimas despedidas, deixou perceber nos beiços franzidos aquelle sorriso singular dos doutos, que é prenhe de ameaças, e fecundo em folios assassinos. Felizmente para si e para todos, o investigador das bexigas doidas mudára de paixão; desta vez pedia á risosinha e travessa Thalia o desagravo da dignidade offendida!

Bem affastado de prever a tempestade eminente, Lourenço Telles não deu por concluidas as suas benevolas atenções senão quando o jesuita pegou no chapéu achatado e tomou as suas ordens para o collegio de Santo Antão. Seriam luzes accesas; e havia mais de uma hora que o honrado capitão da Sereia e o procurador de S. Domingos tinham ido espaiar-se os fumos do jantar; Fr. João levava pendurado no braço o pae de Cecilia; e este marinhando com a viveza das excitações de Bacho pelo venerando busto do seu amigo fazia-o victima da ladainha de improperios, em que era inexgotavel a lingua maritima de Filipe contra o auctor das proezas de Viriato!

Sem dizer uma palavra a Thereza, sem cruzar a vista sequer com a deha, Jeronymo, depois da sua conversação com o padre Ventura, esquivou-se desapercebido, desceu ao jardim, e abrindo a porta pequena (que dava para o pateo da Estalagem) foi encontrar-se com um vulto que o esperava e á sua chegada se cosou ainda mais com a sombra do escuro passadiço, por onde os dois partiram, desapparecendo immediatamente. Vista á distancia, e mesmo de escoreço, aquella figura terciada sobre a ilharga, descrevendo semi-circu-

los de parafuso com os pés, e prodigalizando saltos curtos e esgares, parecia-se tanto com o nobilíssimo personagem Domingos José Chaves, como um cravo de defuncto com outra flôr sombria da mesma especie. Talvez não fosse, mas a similitude não podia ser maior.

Magdalena recolheu-se ao oratorio, e cheia de devoção pelo rosario tocado na ara sancta do sepulchro, principiou e concluiu as duas novenas que fazia esta semana, rezou a oração do justo juiz e o canticó de *Magnificat*, e passada á casa a revista escrupulosa da boa governante, tractou de descansar um pouco, esperando por Philippe. Debalde! Na posse da cella do padre mestre, e cedendo ás libações do jantar, o capitão fez a peroração de um discurso eterno, despidendo-se rapidamente, e enfiando-se com toda a fôrma cerimonia pela cama do dominico sobresaltado. Apenas a cabeça caiu no travesseiro ouviram-se aquellas notas sonoras e profundas de baixo, annuncio de um somno de pedra, ou de um peza-dello proximo. Escusado pareceo acrescentar, que fr. João teve de se deitar em outro leito, e que o marido de Magdalena não accordou senão quando a luz do sol em torrentes veio bater-lhe nos olhos, entrando pela janella.

Da sua parte Lourenço Telles sentia a cabeça pezada e achava forte de mais para os seus oitenta annos o vinho generoso. Recostado na poltrona, e balanceando o corpo sobre o pé escorado na travessa da meza, sentia pender as palpebras cançadas, e paralisarem-se nos beiços a voz e o movimento. Não menos insultado do achaque que seu amo, Jasmin esgazeava os olhos para os não fechar, e com affectada negligência escolhia o espaldar da cadeira para ponto de apoio, receiando adormecer em pé, e saltar-lhe de repente o equilibrio. Ao vai-vem do corpo do erudito correspondiam as cortezias tanto ou mais suspeitas do escudeiro; e a cada abrimto de bocca mal reprimido determinava nos escaveirados queixos do proecto confidente uma contracção para conter outro bocejo semelhante. Nestes termos o dialogo não podia ser longo nem seguido. Os dois combatiam mais comsigo do que fallavam; e no fim de tudo o que queriam era salvar as apparencias. Depois de algumas perguntas pueris, feitas com frequente pausa, o commendador declarou-se vencido, e passou ao seu quarto na companhia de Jasmin; e as ultimas palavras, que ouviu accor-dado, foi o nome de Domingos José Chaves. Os sonhos apoderaram-se dellas, e toda a noute luctou com extravagancias, em que o alquebrado ca-

gador de ameixas cubertas tinha sempre um papel conspicuo.

Em quanto um depois do outro, os differentes actores da scena antecedente se mettião na cama e resonavam; as tres meninas tinham-se jantado no tocador de D. Catharina. Sorrindo-se, e conversando com animação, a noiva procurava disfarçadamente lêr na alma de Thereza, e penetrar as recentes magoas; que a via callar comsigo, por orgulhosa ou por discreta. A mãe notára, que nem elle nem Jeronymo se fallavam; depois, em um momento, em que o mancho julgava que o não observariam, a filha de D. Luiz reparou no volver de olhos carregado de tristeza, que o amante deixara escapar, tendo impressas no semblante as sombras da desesperação; aquella vista, rapida como o pensamento, chorava de ciúme e de agonia! O que havia de novo entre os dois? O segredo tinha-se rompido; e Jeronymo sabia já que o amor da sua vida não passava de um sonho? Seriam os primeiros suspiros de accordado, achando a esperança de menos e a ventura?

A noiva do conde de Aveiras não podia perceber! O sorriso gelado nos labios de Thereza parecia-lhe mais cruel do que a mesma dôr; a apathia do rosto assustava-a pela expressão pungente, immovel; e como aberta em jaspes das feições; e as lagrimas, mal escondidas, que as vezes cahiam das pestanas baixas, desenrolando-se pelas faces, confessavam-lhe que dentro do peito, e apesar do silencio da bocca, a lucta era terrivel. A irmã de Cecilia olhava, mas sem vêr; movia os beiços e fallava, porém sem perceber o que escutava, nem o que respondia. As pupilas de esmeralda, ora ardiam que a chamma deslumbrava; ora como cegas e apagadas eclipsavam o brilho em nevas de amargoso pranto. O agitado seio, palpitando, trahia o combate, em que se espedaçava. Ausentes, com a idéa, os sentidos eram inseparaveis della nas memorias, que avivava, e nas alturas em que se desvairava. Só o corpo alli jazia; mas como para estatua; a alma e o desejo corriam longa pelas regiões infinitas da imaginação, colhendo as saudades, recordando os dias venturosos e as doces promessas da mocidade, e a cada instante pondo o passado e o futuro diante do estado actual, cheio de tantas lagrimas e receios!

Em quanto Cecilia, brincando, lhe tirava os enfeites do toucado, mettendo em papélotes de côres os aneis das tranças, D. Catharina, peticulativa, não tirava os olhos della. Se no sem-

blante de Thereza eram facéis de conhecer os signaes do enlevo pezaroso e as penas do coração; na phisionomia da educanda advertia com temor uma inquietação febril, e desacostumada, que certas vezes lhe abrasava as faces, fazendo scintillar os olhos, e outras lhe prendia a voz, cubrindo o rosto de pallidez e a vista de um veu. Este desassossego de espirito que seria visível, mesmo a quem o conhecesse menos, para ella não admittia a menor duvida! Dentro d'alma de Cecilia tambem havia lucta e hesitação! A amiga da sua juventude tinha um segredo, e occultava-lh'o; as caricias e os affagos redobrados eram para melhor o dissimular! Dir-se-ia que em algumas occasiões as confidencias queriam voar dos labios de rosa ao seu ouvido; mas uma força occulta, mais poderosa do que a amizade, tornava a sopeal-as, até que outro impeto de ternura as fizesse subir de novo aos beijos, denunciando a anciedade no riso, no olhar, e no tremor até da fallá!

Thereza, desculpando-se com o canção, arrancou-se ao martyrio de não poder chorar em silencio com a sua magua; e a noviça, vendo-a sahir, e sentindo no rosto o frio dos seus labios, quando a beijava, meneou a cabeça com melancolia. Depois voltando-se de repente para Cecilia, que lhe despregava o fio de perolas do collar, e atraindo-a aos seus braços com o carinho de uma irmã, e o impeto de uma commoção irresistível, deixou correr callada e por alguns momentos as lagrimas sobre as faces da sua amiga. Esta, suspensa e confusa, empallideceu, corou, e desfazendo-se em osculos e branduras, exclamava:

— « Choras?! Quem te affligiu? »

— « O teu coração ainda t'o não disse, Cecilia? » acudiu a filha de D. Luiz de Athaide limpando os olhos, e encarando-a com tristeza meiga.

— « Não percebo! » atalhou a educanda vermelha e perplexa. « De que te queixas, e o que te fiz eu? »

— « De que serve a dissimulação, querida? Vivemos juntas tanto tempo, e a nossa alma uniu-se de modo que o coração de uma sabe os segredos da outra, ainda que lh'os occulte. »

— « Creio e espero! » redarguiu a noiva do conde. « Mas deixemos isto. Queres que nos levantemos cedo amanhã, e demos um passeio pelo jardim, sosinhas, ao romper do dia? Podemos fallar de vagar, e tenho tanto que dizer! »

— « E se eu, acordando-te, fôr ver algum

amor, pousado nos teus sonhos, ficarás pensativa e séria como ás vezes? »

— « Não. É cousa dita? Antes de prometteres, de decidires... »

— « Perguntarei ao teu coração! Ha de querer o que o meu deseja. »

— « Cecilia já resastes ao teu Anjo Custodio? Não sei quem me diz, que elle e Deus é que te hão de salvar! »

— « Boas noites, meu amor! »

— « Cuidado! Essa cabeça é tão viva, e esse coração é tão bom! Não te esqueça: amanhã ao romper do dia! »

— « Prometteste guardal-o? »

— « Prometti! »

— « Já o sabia! »

— « Tu?... Elle não to disse!.. Não o conheces... »

— « Adivinhou-o quem te ama mais do que elle. »

— « Minha mãe? »

— « O amor das mães nem tudo vê. »

— « Minha irman? »

— « Thereza? Os seus olhos como sabes estão tãovos de chorar? »

— « Foi então... »

— « O coração de uma amiga, que te estima mais ainda do que a si propria! Não era preciso, que me disseses, Cecilia, para eu adivinhar... Cumpre a tua promessa; guarda o teu segredo; não me queixo; o amor tudo faz esquecer! Peço-te só que antes de dar um passo, que seja a dor e o remorso da tua vida, venhas buscar o refugio dos meus braços; bem sabes que são fieis! Antes de entregares a alma para sempre, lembre-te que ha no mundo quem deseja tambem uma parte na tua ternura: deixame servir-te de mãe e de irmão: de mai para teres um coração sensível que ouça e entenda o teu; de irmão para, mesmo chorando e compadecendo-me, te salvar de ti e não ceder senão depois de certa de que es amada como eu desejo, e achas a felicidade que mereces... Promettes? »

— « Juro-te! Perdoas-me, agora o meu segredo? »

— « Anjo da minha alma, não vês que sei, e por mim sinto o poder da tua paixão? Não te disse que era mãe e irmão para chorarmos ambas, e te salvarmos juntas? »

— « Olha, Catharina, ás vezes tenho medo que elle conheça, que o amo tanto! »

— « Viste-o outra vez? »

— « Não. »

— « Mas esperas cedo?.. »

— « Não sei, não digo! » interrompeu ella sorrindo e lançando-se-lhe nos braços toda vermelha e com os olhos quasi nadando em lagrimas. « Dá-me um beijo! Outro! Assim. Somos amigas, muito amigas, não é verdade, querida? Vês? Depois d'elle e de Deus, ninguém te quer mais do que eu, Catharina!.. nem o conde. »

— « Oh!.. se elle te ouvisse!.. » acudio a noviça sorrindo-se e beijando-a.

— « Dizia que não, e tu acreditas. »

— « Mas no fim de tudo o conde não tem segredos para mim. » Observou a filha de D. Luiz com malicia.

— « Julgas? » respondeu Cecilia com o seu riso jovial, e a vista animada de um geito gracioso.

— « Não te esconde nada! Quem te disse... »

— « Os teus olhos, Cecilia; cuidas que não sei ler nelles, ou que me esqueci? Porque foges com a vista, e te desvias? Tens um segredo! A sua vida, a tua honra... »

— « Um segredo!.. Accusas-me injustamente. Menina, eu não merecia... A primeira que sabe que nunca fiz mysterios não es tu? »

— « É verdade; nunca, senão hoje. »

— « Não me impacientes, não me faças chorar! Custa-me tanto ouvir-te assim? »

— « E conhecer a razão, com que se ouve, não custa mais ainda? »

— « Olha sou sincera; adoro-te e no que me pertence não tive nunca reserva contigo. Quer a verdade? Pois sem um segredo tenho um grande segredo... mas não é meu. »

— « Pediram-te que o não disseses? »

— « Pediram! »

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

## UM ANNO NA CORTE.

### CAPITULO LI.

#### CÔRTE-REAL.

Depois da grave pendencia que teve lugar entre a rainha e o secretario de estado Sousa de Macedo, as intrigas, os odios, a guerra entre os dois partidos em que a corte, e, naquella tempo, parte do reino se achavam divididos, tinham crescido de dia para dia. A crise politica,

que tirou a Affonso VI o throno e a mulher, aproximava-se; aquella luta de pigmeus, aquella luta em que não havia uma unica idéa que não fosse mesquinha, em que não tomava parte homem algum verdadeiramente grande, chegava quasi ao seu termo, sem que nem o rei nem o seu valido desconfiassem talvez de toda a importancia dos resultados d'elle.

Foram baldados os esforços que El-Rei fez para pacificar o animo da Rainha. Recusando apparecer nas festas de touros, que em honra de Santo Antonio dava o senado da camara de Lisboa, ella tinha feito publicas suas malcreanças com seu real marido, e com o conde de Castello-Melhor; e de tal modo cresceu o descontentamento do povo pela interrupção das festas, e tanto augmentou a má vontade dos partidarios do Infante contra o conde, que este resolveu-se a reunir o conselho de estado, e, por voto d'elle, a desterar para algumas leguas de Lisboa o Sousa de Macedo.

Não colheu, porém, o valido o fructo que esperava deste acto de fraqueza; porque, ao passo que a Rainha se mostrava ainda pouco satisfeita com a ausencia do secretario de estado, o Infante e os fidalgos inimigos do conde dispunham-se a assassinal-o, na sexta feira 2 de setembro, dentro do paço na grande sala onde elle dava as audiencias. Ao proprio Infante, ao conde de Villa-Flor, e a poucos mais cabia naquella tragedia, cujo enredo se havia delineado na Corte-Real, o papel de libertadores da patria e vingadores da Rainha; os outros servidores de D. Pedro deviam, na occasião em que o conde fosse assassinado, guardar as portas do palacio real, e deter El-Rei preso no quarto, até que os negocios publicos tivessem tomado a direcção que Sua Alteza julgasse oportuno dar-lhe naquella occasião, para satisfazer os calculos da sua ambição, e de seus incestuosos amores.

Para cohonestar esta violencia contra o primeiro ministro, os partidarios do Infante começaram a espalhar pela cidade, que o conde queria dar peçonha a Sua Alteza para governar depois mais desasombradamente o reino; e esta nova, habil e mysteriosamente contada ao proprio Infante, n'uma noite em Queluz, estando presente Antonio de Belem, o rico e influente juiz do povo, por o astucioso capitão de milicianos Aniceto Muleta, que para isso fôra escolhido e cuidadosamente industriado por D. Rodrigo de Menezes, tomou depois disto tal importancia que muita gente em Lisboa a dava como coisa cer-

ta, e muitos dos que seguiam as partes do valido se mostravam descontentes, e censuravam com severidade o seu proceder.

Avisado a tempo dos terriveis projectos de D. Pedro, o conde valido armou os criados do paço, dispoz os valentes da patrulha baixa no jardim que communicava com os quartos d'El-rei, mandou collocar no Terreiro do Paço dois terços de infantaria, e ordenou á cavallaria da corte, de que seu irmão Simão de Soisa de Vasconcellos era general, que estivesse prompta para acudir a palacio logo que fosse chamada; de modo que, na manhã em que devia executar-se o plano traçado pelos conspiradores, estes acharam, em vez de um inimigo descuidado e indefez, um inimigo vigilante e preparado para a guerra.

Desenganado de que não podia levar a cabo o seu intento pela violencia, Sua Alteza resolveu empenhar a sua auctoridade, a sua influencia, o seu nome, o seu futuro, na lucta que tentara contra o valido, lucta em cujo termo elle via ou o throno ou o desterro; e, cortando toda a possibilidade de conciliação, escreveu a El-rei, accusando o conde de Castello-Melhor de querer attentar contra a sua vida, e declarando que, ou El-rei havia de apartar de si o conde, ou se veria na necessidade de buscar reinos estranhos.

O rei, logo que recebeu, já de noite, a carta de seu irmão, entregou-a ao privado. O conselho de estado reuniu-se logo, e resolveu-se que o marquez de Marialva fosse dizer a Sua Alteza da parte de D. Affonso VI, que por sua real ordem se haviam dobrado as guardas do paço, e que, como cousa sua, o marquez procurasse saber se Sua Alteza levaria a bem que o conde fosse a seus pés beijar-lhe a mão.

A estas mensagens seguiram-se outras. O infante exigindo sempre que o conde de Castello-Melhor salsse da corte, o rei buscando estabelecer a conciliação e a paz entre Sua Alteza e o ministro. Logo no principio desta negociação espinhosa o conde mostrou fraqueza de animo e deixou vêr que a sua natural pusillanidade lhe não consentiria sustentar por muito tempo aquella lucta desigual. N'um dos primeiros conselhos de estado, que se fizeram para tractar das respostas que Affonso VI havia de dar ás cartas do infante, o conde mandou lêr um papel em que elle expunha a Sua Magestade os serviços que fizera a Portugal durante o seu ministerio, e lhe pedia, em recompensa, que accedesse aos dese-

jos do infante, e o deixasse ir passar o resto de seus dias n'um canto solitario, onde nada perturbasse o seu socego.

A falta de vigor e resolução d'El-rei, e os receios do Castello-Melhor foram dando força aos partidarios de Sua Alteza, a ponto do Infante, quando El-rei exigiu que declarasse quem fôra a pessoa que lhe dissera que o conde o queria matar, recusar promptoriamente fazel-o, em quanto o valido não salsse de Lisboa.

O conde conhecia a grandeza do perigo que lhe estava imminente, e, para se fortificar com a opinião das principaes corporações do reino, em que elle sabia haver muitos seus partidarios, resolveu que o conselho d'estado, os desembargadores do paço, dois ministros de cada um dos outros tribunaes, os juizes da corôa, e os procuradores da corôa e da fazenda se reunissem n'uma assembléa, para lhes ser proposta a queixa de D. Pedro, e decidirem se elle devia ou não ser apartado da corte.

Sabendo desta resolução do ministro valido, o Infante escreveu a todos os tribunaes, ao senado, e á popular casa dos vinte e quatro, remettedo-lhes cópia das cartas que mandára a El-rei; e buscou chamar a si todos os que podiam influir na resolução da assembléa que estava para se reunir no paço. Mas o conde tambem se não descuidava, e procurava pertinazmente, usando do seu poder e da influencia de Affonso VI, assegurar o seu triumpho, já fazendo promessas e graças aos seus mais tibios partidarios, já mettendo no conselho d'estado amigos zelosos e seguros; de modo que a junta dos ministros chamados a conselho por o valido, depois de ouvir a leitura de um papel, em que Sua Magestade El-rei lhe ordenava dissessem, se o conde devia ser ou não desterrado, votou quasi unanime que o conde se devia conservar no poder; dando assim ao valido uma victoria, aparentemente decisiva, sobre o irmão de Affonso VI.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continua.)

## NOTICIAS E COMMERCIO.

• **poeta improvisador Antonio Bindoci.** — Temos entre nós este distincto advogado italiano, e celebre poeta improvisador: cumpre felicitar-mo-nos pela sua vinda a esta capital.

Natural de Siena, na Toscana, e bem conhecido

em Italia pelo seu talento, o sr. Bindocci começou a escrever em 1848 um poema sobre a guerra que então revolvía a península italiana, intitulado *La guerra santa d'Italia*, mas publicou apenas os primeiros cantos, e não continuou, em presença dos desgraçados acontecimentos que deram um desenlace tão fatal á grande causa da independência italiana.

O sr. Bindocci é auctor de varias obras poeticas que lhe grangearam muita reputação, e redigia ultimamente em Turim um jornal politico, em verso, *Il Tagliacode*, no qual tractava com bastante severidade o partido retrogrado (*codino*), que havia sempre machinado contra a grandiosa empreza intentada sob os mais felizes auspícios pelo rei Carlos Alberto.

Parece que o sr. Bindocci se propõe a dar brevemente á luz um novo poema sobre os ultimos acontecimentos do desventurado monarcha do Piemonte, tributando por essa occasião a sincera homenagem de um povo agradecido á hospitalidade e dedicação que o illustre profugo encontrou nos habitantes da cidade do Porto, e decantando ao mesmo tempo os feitos mais heroicos e gloriosos que ennobrecem as paginas da historia portugueza.

Muito estimamos que o insigne poeta que percorreu diversos paizes da Europa, e visitou ultimamente as principaes cidades do reino visinho, se decidisse a vir tambem a Lisboa, proporcionando-nos occasião de admirarmos o seu talento, e o sublime dom da sua inspiração.

Consta-nos que elle tenciona dar a sua primeira academia no *Gremio Litterario*, e esperamos que uma concorrência numerosa provará ao sr. Bindocci que não falta entre nós quem cultive e saiba apreciar o sublime idioma da *Gerusalemme*.

#### DEMETRIO RIPAMONTI.

**Gratuito.** — CURSO DE LEITURA E DE ESCRITA REFINADA PELO METHODO CASTILHO, EXCLUSIVAMENTE PARA O SEXO FEMININO. — A 15 de outubro de 1852 se vae abrir, pela associação fraternal das senhoras, o primeiro curso gratuito de leitura e de escripta para quaesquer pessoas do mesmo sexo, sem distincção de idade. O ensino será dado unicamente por senhoras; ás lições não poderão assistir homens. As pessoas que desejem aproveitar-se desta instrução, tão rapida como aprazível, deverão dar com antecedencia o seu nome á matricula, em casa da sr.<sup>a</sup> D. Catharina d'Andrade, presidente da mesma associação, e uma das professoras, Rua da Flor da Murta n.<sup>o</sup> 31. Passado o dia 14 de outubro ninguém mais será admitido a matricular-se.

**Diferença nas vias de communicação.** — Copiamos de um livro inglez o seguinte cartaz que ainda não ha muito tempo adornava a sala commun de uma hospedaria em York (Inglaterra).

« Roga-se ás pessoas que desejarem ir de Londres a York ou de York a Londres, a contar de 18 de abril de 1703, queiram concorrer ao hotel do Cisne preto, Holburne em Londres, ou á rua Coney em York, onde acharão uma diligencia que parte ás segundas, quartas e sextas feiras, e effectua toda a viagem em quatro dias, querendo Deus. »

Este trajecto faz-se hoje em 8 a 9 horas!

**Morte de um illustre typographo.** — Falleceu no mez passado Henrique Didot, antigo gravador de types, em Lonjumeau contando de idade 87 annos. Era o decano da familia Didot, tão honrosamente conhecida na imprensa e no commercio de livros no decurso de muitas gerações. Henrique Didot foi inventor da fundição polyamatypa, e como tal condecorado com a ordem da legião de honra. De accordo com seu primo Firmino Didot desenhou e gravou, de 1790 a 1793, os assignados emitidos pela Constitucional, a legislativa, e a convenção.

**Pesca da baleia por electricidade.** — O jornal inglez, *New Bedford Mercury*, menciona um methodo de pesca, que á primeira vista parece de mui grande difficuldade pratica.

« Tivemos occasião (diz) de assistir a muitas experiencias interessantes, debaixo da direcção de M. Heineken, negociante de Bremen, sobre os meios de applicar a electricidade á pesca da baleia: o processo, cuja idéa originaria pertence ao doutor Somesburg, professor de historia natural naquella cidade, póde resumir-se em termos muito simples.

« Assenta-se n'uma barca uma poderosa bateria electro-galvanica, encerrada n'uma caixa e do peso de 350 libras pouco mais ou menos, do comprimento de quasi tres pés, largura e altura dois ditos. Esta bateria poem-se em communicação com a baleia, mediante um fio metalico amarrado ao arpéu, e disposto de maneira que possa reconduzir a electricidade á maquina, a qual dá oito terriveis descargas por segundo. Estas devem ter por effeito paralyzar instantaneamente a baleia, de modo que a torne incapaz de movimento e por consequente de resistencia. Em tal estado não póde escapar e a sua captura não apresenta perigo; tão pouco se corre o risco de perder as barcas de vista ou de afastarem-se muito do navio; uma ou duas seria bastante, e poderia reduzir-se o numero da tripulação.

#### THEATRO DE S. CARLOS.

Inaugurou-se em a noite de sabbado a primeira época theatral da nova empresa sob a direcção de sr. Antonio Porto.

Foi grande a concorrência: todos os camarotes e todos os logares da platéa se achavam occupados, e se o theatro tivesse proporções muito maiores, estaria cheio do mesmo modo, pois muitas pessoas se retiraram por não acharem logar.

Era natural esta grande affluencia em vista da anciedade com que se esperava a abertura do theatro de S. Carlos, e da predilecção que cada dia se vae desenvolvendo mais entre nós pelo divertimento que occupa hoje o primeiro lagar em todos os paizes civilizados.

Notámos na sala do theatro alguns arranjos e melhoramentos que a conveniencia ha muito tempo recommendava, e entre estes, a renovação do lecto, que se achava n'um estado deploravel, e que reformado agora segundo o desenho dos srs. Rambois e Cinatti está decorado com bom gosto e produz bello effeito. Pena é, que a falta de tempo não per-



mittisse que se renovassem também os ornatos exteriores dos camarotes, para harmonisal-os com o novo desenho do tecto, o que só poderá levar-se a effecto para a época seguinte.

Applaudimos todos os melhoramentos que se fizeram, se bem que alguns ha ainda a que se devera attender, e de que tractaremos em occasião opportuna.

O espectáculo que a Direcção apresentou para sua estrêa foi o *Nabuchodonosor*, de Verdi, em que debutaram a primeira dama Ersilia Agostini, a comparsaria Denovani, a segunda dama Roscelli, o baritono Bartolini, o baixo Aste, e o tenor Maccaferri; e o *divertissement* posto em scena pelo sr. Segarelli *A Discipula d'Amor*, em que debutaram a primeira bailarina do genero francez sr.<sup>a</sup> Domenichettis, e a primeira bailarina sr.<sup>a</sup> Vicentini.

A opera *Nabuco* é bem conhecida do nosso publico, não só por ter sido já dada neste theatro em epochas diversas, mas porque as suas peças principaes também tem sido cantadas frequentes vezes em as nossas sociedades phylarmonicas.

Não tractaremos portanto, do *spartito*, e passaremos a dizer algumas palavras a respeito dos artistas *debutantes*, tanto quanto nos podemos julgar habilitados por duas unicas representações.

A sr.<sup>a</sup> Ersilia Agostini, a quem foi confiada a parte de *Abigail*, é um meio soprano, de voz agradável e bastante extensa, canta com bom methodo, e mostra-se conhecedora da scena. A sua voz, porém, é algum tanto desigual, e tem pouca força, principalmente nas notas agudas, do que ella procura indemnizar-nos, demorando-se nas notas de contralto, que são sonóras e de muito effecto. As peças em que esta dama mais se distingue são a sua *aria* no 2.<sup>o</sup> acto, e o *duetto* com o baritono: em ambas recebeu ella do publico repetidos signaes de approvação.

A sr.<sup>a</sup> Denovani (*Fenena*) é uma joven artista a quem sorri um brilhante futuro na carreira theatral. Dotada de uma linda voz de soprano, das melhores que temos ouvido em S. Carlos, ella tem um estylo de canto correcto, e uma perfeita afinação: falta-lhe porém, aquelle desembaraço e conhecimento da scena, que só se adquirem com os annos e com a pratica. O publico acolheu esta *debutante* com muitos applausos, que devem animar a proseguir com esmero e dedicação na carreira tão felizmente encetada.

O tenor Maccaferri tem um pequeno papel a desempenhar, e vae soffrivelmente. É um artista principiante, que precisa ainda de muito estudo e pratica, para occupar um logar distincto. Tem boa voz, mas nem sempre sabe usar della convenientemente; contudo, o sr. Maccaferri satisfaz, na nossa opinião, ao que delle se podia esperar, segundo a sua collocação no elenco da companhia.

A parte do grão pontifice *Zacharias* é magistralmente cantada pelo baixo sr. Aste, que possui uma voz clara, forte e homogenea, uma escala muito extensa, e uma agilidade pouco commum naquelle registro de voz. Este artista teve a infelicidade de ser acommettido na vespera do seu debute de uma rouquidão que lhe tolheu boa parte de seus meios voaes, e diminuiu consideravelmente o effecto que elle devia produzir no publico. Não obstante este inconveniente, o sr. Aste agradou muito, e foi vivamente applaudido.

As honras da noite pertencem, porém, ao baritono, que no desempenho da difficil parte do protagonista, mostrou ser um artista consummado, não só como cantante senão também como actor. O sr. Bartolini reúne a uma optima voz, de um timbre agradável e vibrante, uma bella presença, e um canto animado e cheio de expressão, que nos traduz fielmente todos os affectos em que abunda o *spartito*. Raras vezes temos ouvido cantar com tanta expressão dramatica, e perfeição como o sr. Bartolini no *duetto* com a dama no 3.<sup>o</sup> acto, e na sua *aria* no 4.<sup>o</sup> É inquestionavelmente um dos melhores baritones que tem pisado o nosso palco, e desde já felicitamos o sr. Porto pela sua aquisição, assim como do baixo Aste, que é também um artista de extraordinario merecimento.

Porém se a opera teve no seu complexo um exito tão satisfactorio, não aconteceu outro tanto ao *divertissement* intitulado *A Discipula d'Amor*. É um ballet mythologico, destituido de interesse e variedade como quasi todas as composições deste genero, e que pecca além disso por ser demasiadamente longo, e offerrecer pouca novidade nos bailados. O sr. Faria, o saudos *Polyphemo* das *Nereides*, foi de novo transformado n'um horrivel satyro, e muitos dos espectadores não poderam deixar de revoltar-se contra tão deshumana metamorphose. No domingo appresentou-se uma segunda edição do *divertissement*, correcta e resumida, eliminando-se para sempre o episodio do satyro, entidade mythologica, que costuma gosar pouca vida na nossa scena. Comtudo, não será por esta pequena composição que ajuizaremos do talento coreographico do sr. Segarelli, que, estamos persuadidos, não desmentirá em Lisboa a boa reputação artistica que soube adquirir em Italia. De mais, é principalmente sobre a Direcção que recae a censura neste ponto, porque tendo razão sufficiente para conhecer bem o gosto do publico, e havendo assistido pessoalmente ainda ha pouco ás *exequias* das *Nereides*, devia ter feito no *divertissement* aquella eliminação e mais alterações que só vieram depois de uma reprovação da platêa.

A primeira bailar na sr.<sup>a</sup> Domenichettis dança um *passo a dois* com o sr. Cappon, e um *tercello* com o mesmo, e a sr.<sup>a</sup> Vicentini.

A sr.<sup>a</sup> Domenichettis, ainda que não possui alguns requisitos indispensaveis para ser considerada uma bailarina perfeita, não deixa comtudo de ter bastante merecimento.

Quanto á sr.<sup>a</sup> Vicentini, apenas diremos que tem um bello physico, uma physionomia agradável, e por esse lado estamos certos que não lhe faltarão admiradores.

O sr. Cappon dançou perfeitamente as suas *variações*, assim no *passo a dois* como no *tercello*, confirmando a opinião em que é tido de um dançarino de grande merecimento.

Teremos em poucos dias a *Somnambula*, de Bellini, para debute do tenor Swift, e da tão preconizada dama sr.<sup>a</sup> Anais Castellan.

DEMETRIO RIPAMONTI.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 14.

QUINTA FEIRA, 14 DE OUTUBRO DE 1852.

13.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### COMPANHIA LUSO-BRAZILEIRA.

Com o maior prazer publicámos hoje o documento que diz respeito a tão nacional empresa da carreira de barcos de vapor portuguezes, entre Portugal e Brasil. Estando convencidos que ambos os povos lucram no estreitar as relações commerciaes que os ligam, devemos saudar com jubilo o brilhante resultado que alcançou a Companhia Lusitana com a emissão da suas acções. Temos noticia pelos nossos correspondentes no Brasil, que plenamente confirma tudo quanto se lê no relatorio que vamos transcrever. Quanto ao que ahi se diz acerca do Rio, temos a satisfação de accrescentar o seguinte, que lêmos *Diario do Rio de Janeiro*, e que prova quanto o resultado excedeu as esperanças. Seria injustiça não distribuir parte da muita gloria que resultará desta empresa pelos seus benemeritos fundadores. Eis aqui os extractos do jornal a que nos referimos.

4 DE SETEMBRO.

« Temo á vista o prospecto de uma companhia de paquetes de vapor a helice que tem de fazer a carreira entre Portugal e o Brasil. A importancia de uma empresa tão util, sendo assás reconhecida, nos obsta de hoje fazermos observações a este respeito. O que sabemos é que os convites da mesma companhia ao corpo do commercio do Rio de Janeiro não só foram attendidos, como até se diz que se mais fossem as acções mais se tomariam.

Aqui junto transcrevemos o prospecto que accompanhou a circular. Nossas observações irão no proximo numero, não porque nos falte tempo, mas por faltar espaço. »

6 DE SETEMBRO.

« Ha poucos dias que noticiámos a companhia que no Porto se formou para a navegação a vapor a helice entre o Porto e Rio de Janeiro, e inter-medios.

A emissão de 200 acções garante um fundo capaz de começar em actividade, em pouco tempo, essa navegação muito util e muito necessaria.

A necessidade de promptas e mais frequentes communicações entre Portugal e Brasil, se fazia sentir geralmente.

Fazemos votos para que tão importante empresa prospere no seu futuro, e nos congratulamos de vêr nossos irmãos da Europa fundar o principio de incalculaveis lucros e relações, que só podem trazer bem de parte a parte.

Sabemos que na época em que nos achamos não pôde mais haver duvidas acerca do estabelecimento de taes empresas. »

EXTRACTO DO RELATORIO APRESENTADO Á ASSEMBLEIA GERAL DA COMPANHIA LUSITANA EM 29 DE SETEMBRO, RELATIVO Á NAVEGAÇÃO PARA O BRASIL.

« Quando se organisou a companhia *Lusitana* sempre houve idéas de lhe dar maior extensão, e por isso se habilitou ella a elevar o seu fundo a uma somma, com que podesse desenvolver convenientemente a sua navegação a vapor.

Desde o começo da sua gerencia, a direcção tratou de cogitar o que poderia fazer-se em proveito da companhia, e não lhe podiam escapar as extensissimas relações que temos com o imperio do Brasil, cuja importancia é demonstrada pelos extravagentes lucros que ha colhido a companhia britannica, independente do subsidio, aliás superfluo, que lhe concede o seu governo pelo transporte das malas.

A direcção tratou, por isso, como era do seu dever, de profundar este negocio, e desde logo lhe saltou á vista, que o Porto, que envia milhares de passageiros para o Rio de Janeiro, para Pernam-

bucu, para a Bahia, e outros portos daquelle imperio, não deveria ser excluído do beneficio de mais rapida navegação.

Depois, considerou a direcção, que, se houvesse uma carreira portugueza, teria mais sympathia, tanto no Brasil como em Portugal, tendo um grande numero de procuradores nos seus accionistas, e podendo os passageiros entender-se na sua propria lingua, mesmo despresando esse apregoado mau tractamento, que talvez tenha sido muito exaggerado.

Depois de se fazer forte em minuciosas informações, julgou a direcção opportuno o momento de fazer cahir a cortina, e de se arrojar a concorrer para o Brasil; porém motivos teve para andar com toda a circumspecção e segredo; primeiro, para não accordar a intriga, e inimizade, que se nos movesse; segundo, para não fazer a companhia uma figura indecorosa, no caso do plano não poder ser levado por diante.

Nesta conformidade, e sem obrigar ou comprometter a companhia, os seus directores confeccionaram um pequeno prospecto, que enviaram ao Rio de Janeiro, e a Pernambuco, para apalpar os sentimentos dos nossos amigos brasileiros, dando strictas ordens no dia 10 de julho ultimo, que nada fosse publicado, senão depois da partida do ultimo paquete (*o Teviot*), por julgarem ainda então necessaria toda a diplomacia neste negocio.

Porém, senhores, os nossos mais ardentes desejos não podiam anticipar o que occorreu. Em Pernambuco o nosso correspondente communicou o prospecto a alguns dos seus intimos, que o abraçaram com tanto regosijo e enthusiasmo, que não houve possibilidade de os conter, e no *Diario de Pernambuco* appareceu tudo publicado, em quanto que se estabeleceu uma perfeita corrida para a casa do nosso agente, a pedir accções; de modo que, tendo arbitrado a disposição de 200 a 300 accções para aquelle porto, foram tomadas 600, o agente não poude ficar com nenhuma, e nesta cidade ha requisições para mais umas 200 ou 300 tambem para lá.

No Rio de Janeiro correu a coisa de outro modo. Os nossos correspondentes observaram á risca as nossas instrucções e só no dia 14 de agosto, quando tinha partido o *Teviot*, é que dariam começo aos seus trabalhos, porém devemos esperar o mesmo resultado que em Pernambuco, porque particularmente nos dizem que nenhuma difficuldade haveria em se passarem as 500 accções, que para lá destinámos.

Da Bahia nenhuma noticia directa temos, porque para lá tambem só indirectamente escrevemos.

— Na Madeira poucas se poderam passar, em attenção ao estado de penuria a que está reduzida aquella desgraçada ilha; porém em Lisboa mandaram dizer os nossos accionistas que para elles queriam a reserva de 160 accções, e ainda todos não haviam sido fallados. No Porto ha pedidos para

mais 70, apesar de nenhum esforço ou diligencia se ter feito para isso, sendo notorio que só a premio se encontram accções á venda na praça, em muy limitada quantidade.

Senhores, convencidos de que vós convireis com os vossos propostos, que além das vantagens que nos devem resultar da navegação a vapor para o Brasil, do impulso que isso dará ao nosso commercio, ha na sua realisação um pensamento de gloria nacional, que vós bem sabeis encarecer; permitti agora o desenvolvimento do pequeno calculo que junto vos apresentamos.

É de esperar que com os tempos viriam a ser precisos 3 vapores para se fazer a carreira mensalmente; porém devendo a prudencia guiar todos os nossos passos, a direcção só propõe que sejam dois os da nossa estreia, combinando a sua construcção de forma que no estio facilmente possam entrar neste porto. Seriam por tanto vasos entre 700 a 800 toneladas, com força motriz de 10 a 11 milhas por hora, sobre o plano helice, pelas decididas vantagens que offerecem esses engenhos, cujo custo, sendo elles feitos com toda a segurança e riqueza, não chegará á quantia calculada de 95:000 libras.

Tem-se feito observações que os barcos deveriam ser de 1.000 toneladas; porém, ainda que a theoria favoreça essa maior capacidade, precisamos de olhar para a extensão do nosso commercio, e não tendo ás nossas ordens os bem suppridos mercados de Manchester, Londres e Liverpool, que entretem um trafico espantoso com todo o mundo, é evidente que se tivéssemos embarcações desse lote, aconteceria muitas vezes parte do porão ir vasio, offerecendo mais o inconveniente de não poderem taes navios vir ao Porto, salvo se a sua barra melhorar muito. Portanto aqui a pratica destroe a theoria, e eis a razão porque a direcção recommenda a menor tonelagem mencionada.

Se não fossem as quarentenas, e outras demoras inevitaveis, talvez fosse possivel fazerem-se 10 ou mais viagens cada anno, só com dois barcos, porém para em tudo ir segura, a direcção orçou o movimento em 8 viagens. Agora consideremos a receita provavel:

Os fretes regulares do Porto para o Brasil são de 9.000 a 10.000 francos cada pipa, de que duas fazem uma tonelada, e vereis que esta se acha calculada a razão de 10.000 fortes ou 20.000 francos; e o mesmo no regresso, quando os fretes de retorno são sempre mais subidos, accrescentando que na ida e na volta só se aproveitaram copulativamente 500 toneladas, quando os navios offerecem porão para 700 a 800.

Se nos lembrarmos quantos parentes e amigos temos em toda a Costa até á Madeira, na Africa occidental, e no imperio do Brasil, conviremos que a verba para *malas*, dinheiro e encomendas de ida e volta, já calculada em 2:000\$000 rs., é diminutissima, considerando que muitas vezes aqui

aportam navios do Rio que trazem malas no valor de 1:500\$008 rs.

Incluindo os passageiros de convez ao baixo preço de 24\$000 rs. orçaram-se os passageiros na ida em 20 de 1.<sup>a</sup>, 40 de 2.<sup>a</sup> e 100 de 3.<sup>a</sup> classe, e na volta, em 30 de 1.<sup>a</sup>, 40 de 2.<sup>a</sup> e 50 de 3.<sup>a</sup> classe.

Ora, é preciso notar, que sobretudo a terceira classe, a mais proveitosa de todas, está calculada muito pelo baixo; e que de certo seu numero ao preço de 20\$000 poderá ser elevado a 300; porém a direcção entendeu dever segurar-se nos seus computos, que ainda assim dão um resultado mui favoravel.

Em quanto aos passageiros de camaras, reduzindo as passagens como se propõe de 80\$000 a 100\$000 na 1.<sup>a</sup> camara, e de 60\$000 a 75\$000 na 2.<sup>a</sup>, é de evidencia que seu numero augmentará diariamente, e virá visitar-nos muita gente que nunca teve tenção de voltar á mãe patria. Disso temos prova na carreira ingleza, que vem sempre tão repleta de passageiros, que nem vapores de 3000 toneladas agora seriam sufficientes.

Ha ainda outra importante verba de recceita; os passageiros dos portos intermedios. Essa é mui transcendente, e só orçada em 750\$000. Mas, partindo d'aqui um vapor de 1.<sup>a</sup> ordem, quantas pessoas não o aproveitariam para ir a Lisboa, e de Lisboa para a Madeira, Cabo Verde, e outra vez destes portos para os do Brasil, e esses entre si?

A direcção, por isso, não tem duvida em afirmar que essa verba haveria de exceder a 2:500\$000 em cada viagem, com as malas que ha a fazer; o que muito augmentaria a demonstração dos proveitos.

Sobre a deterioração do barco calculou a direcção 8 por cento o que lhe parece mais que amplo, porque corresponde ao que se calcula em Inglaterra, quando alli tem de lutar com mares mais embravecidos; e além disso para pinturas, cabo e miudezas calculou ella mais rs. 750\$000 por viagem ou 6:000\$000 cada anno.

A demonstração das soldadas fica feita minuciosamente e sem duvida com o tempo poderá ser reduzida, quando se veja que se póde dispensar algum tripulante; e o combustivel tomado a 24\$000 cada pipa, quando de ordinario só custa entre 16\$000 e 18\$000 bem mostra que a direcção não quer illudir, e dá largas a todas e quaesquer eventualidades.

O premio de seguro é regular a 6 por cento, e relativamente a comedorias calculou a direcção 30 dias por ida, e outros tantos de volta, ou obra de 60 dias. O vapor, quando muito, não poderá andar em viagem mais do que 46 dias inclusivè as paragens, em que ordinariamente os passageiros almoçam ou jantam em terra. Calculou-se a comida a 1\$000 e 800 réis na 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> camara, e 200 réis para o convez; porém ainda que as primeiras taxas sejam leves, são pesadas as derradeiras por isso que os sobejos de duas mezas lautas, fornecerão uma grande parte do rancho sem augmento de

despesa; e o excesso dos dias deve chegar para as provisões dos tripulantes.

Eis, senhores, os promenores que podemos offerrecer á vossa consideração, e sobre cujas bases podereis calcular com um lucro de 40 por cento ao anno sobre o vosso desembolso; e quando mesmo se augmentasse a nossa marinha com outro vaso, e que a maior actividade só desse para o excesso da despesa, ainda assim a porcentagem daria mais de 30 por cento.

O movimento commercial depende da facilidade das communicações, e de sua frequencia. Os nossos navios queixam-se da falta de cargas; talvez os vapores venham a ter demais, por isso que devendo fazer-se especulações hoje proscriptas pela demora das viagens, veriamos muitas fructas, legumes, e mais objectos ir para o Brasil nos vapores, que hoje raras vezes sahem a barra; não devendo fornecer-nos um pequeno contingente a rica *Flora* portuense.

A nossa correspondencia tem sido demasiado animadora, para que possamos occultar-vos alguns extractos:

De Pernambuco diz-nos o sr. Duarte Rodrigues que não affrouxemos, e que se barcos portuguezes andarem em concorrência com os inglezes, aquelles andariam sempre atulhados de passageiros.

Do Rio temos noticias igualmente favoraveis, e no seguinte paquete virá a relação dos que pretendem ser accionistas. Do Pará, Maranhão, e Bahia, como já vos dissemos, ainda não tivemos relações.

Da Madeira diz-nos a respeitabilissima casa dos srs. Freitas d'Abreu & C.<sup>a</sup> que podemos ter a certeza de *immensos lucros*, e de Lisboa prova a boa opinião que se forma da empreza o crescido numero de acções com que os nossos accionistas espontaneamente querem augmentar o seu interesse na companhia.

Senhores: Se concordardes, como espera a vossa obrigada direcção, nas vantagens que devem resultar á companhia *Luzitana*, por sanar certas susceptibilidades, aliás muito attendiveis, parece-nos que seria conveniente que mudassemos o titulo deste estabelecimento para *Luso-Brasileira*, como o pedem com alguma instancia os numerosos accionistas do Brasil.

Faltou-nos dizer que tanto o governo portuguez, como o brasileiro, estão dispostos a fazer-nos valiosas concessões, e dar-nos toda a protecção, e assim como já obtivemos pelos nossos requerimentos a isenção dos direitos de embandeiramento, por mui especial mercê de s. magestade, contamos com alcançar condições vantajosas para a projectada navegação, de tanto interesse nacional.

Submettemos por tanto á vossa consideração a conveniencia de desenvolver quanto antes este projecto, annunciando a emissão de 3:500 acções, ficando 1:000 de reserva para não poderem ser vendidas sem vossa especial auctorisação. — *Eduardo Moser — Isidoro Marques Rodrigues.* a

### REPRESENTAÇÃO QUE A ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL DO PORTO FAZ A S. Magestade a Rainha.

Com muita satisfação publicamos a seguinte representação da Associação Industrial Portuense; e folgamos que a industria do Porto em lugar de vagas declamações assente em factos os seus pedidos. A nossa posição é especial para sobre o ponto dar o parecer. mas esperamos que a resolução do governo o não fará esperar.

Senhora! Aos pés do augusto throno de v. magestade fidelissima, vem pela primeira vez a Associação Industrial do Porto pedir favor para a laboriosa classe que representa.

Senhora! O artigo 3.º do decreto de 18 de agosto ultimo pela maneira que está redigido, pôde per si só, anniquillar totalmente a maior parte de nossos estabelecimentos, e reduzir á miseria não só os seus proprietarios, senão innumeraveis pessoas que delles tiram o diario sustento para si e suas numerosas familias.

Sem protecção ou apoio nem a natureza permite que o recém-nascido caminhe. Sem protecção ou apoio em nenhum paiz progride a industria: a Inglaterra lha deu tão efficaz e por mais de um seculo, para a vêr hoje em estado tal que della já não precisa; e é tambem á protecção que vossa magestade se dignou dar-lhe pelo decreto de 10 de janeiro de 1837, que promulgou a pauta geral das alfandegas, que Portugal deve o seu desenvolvimento fabril em não pequena escala.

A Associação Industrial do Porto está segura das benevolas intenções do governo de vossa magestade, e tudo confia dos ministros que o compõe; e seria preciso ter esquecido a visita que vossa magestade se serviu fazer ás suas fabricas, e o prazer e interesse que vossa magestade se dignou manifestar pelo seu progresso e aperfeiçoamento para acreditar que vossa magestade sancionasse uma lei que tendesse immediatamente a retirar-nos uma parte desse apoio de que ainda tanto carecemos; e ao qual exclusivamente devem os fabricantes o estado já consideravel em que ora se acham. Nesta intima convicção, senhora, a Associação Industrial se limita a pedir a explicação razoavel do citado artigo daquelle decreto, o qual a ser de tal maneira conservado, jámais se despacharão nas alfandegas os tecidos mixtos de seda, lã, linho ou algodão senão pela tarifa que regula os direitos do ultimo destes artigos.

Longe desta Associação a idéa de suspeitar da integridade de nossos empregados fiscaes; todavia é certo que a industria ingleza e franceza, que em maior ponto procura nossos mercados, está de tal maneira adiantada que facil lhe será illudir aquelle citado decreto, tanto mais quando nem as pessoas da arte pôdem aproximadamente discriminar qual a materia predominante em qualquer tecido composto que lhe apresentem depois que sabe do thear. Este decreto, senhora, quando mesmo podesse ser executado litteralmente, estabelece que um tecido que tenha, por exemplo, 49 fios de seda e 50 de algodão seja considerado como — estofos de algodão — para o pa-

gamento dos direitos, e é esta certamente uma disposição toda ruinosa e prejudicial á nossa industria fabril, que não poderá arrostar nem competir com a estrangeira, que além do adiantamento em que se acha, devido na maior parte a uma grande e antiga protecção, obtem a materia prima e o combustivel a preço comparativamente insignificante. Inconvenientes estes que affectam igualmente os rendimentos do thesouro publico, e que o governo de Hespanha quiz prevenir na organização da sua pauta, não permitindo a introdução de quaesquer tecidos de qualidades heterogeneas.

A Associação Industrial votaria pela adopção, no presente caso, da antiga pauta, todavia não desejando intorpecer o andamento dos negocios publicos. Ella se limita a pedir remedio contra o objecto que mais immediatamente a fere de morte. Por tanto, senhora, a Associação Industrial do Porto

P. a vossa magestade fidelissima, que com a possível urgencia, se digne ordenar que o artigo 3.º do decreto de 18 de agosto ultimo seja alterado de modo que os estofos mixtos que se despacharem paguem os direitos correspondentes á materia que nelles for empregada de maior valor. E. R. M. — Porto 28 de setembro de 1852. — *Visconde de Castro Silva*, presidente. — *Manoel Joaquim Machado*, vice-presidente. — *Clemente Ribeiro de Carvalho*, secretario. — *Eduardo Augusto Kopke*, secretario. — Os directores — *Antonio da Silva Pereira Magalhães*. — *Domingos José da Fonseca Paschoal*. — *Bento Rodrigues de Faria*. — *Antonio Joaquim Martins*. — *Raimundo Joaquim Martins*. — *José Barbosa*. — *Manuel Custodio Moreira*. — *Isidoro Marques Rodrigues*.

## PARTE LITTERARIA.

A NOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capítulo XXXIII.

DENTRO E FÓRA.

(Continuado de pag. 153.)

— « De que serve a dissimulação, querida? Vivemos juntas tanto tempo, e a nossa alma uniu-se de modo que o coração de uma sabe os segredos da outra, ainda que lh'os occulte. »

— « Não te esconde nada! Quem te disse. . »

— « Os teus olhos, Cecilia, cuidas que não sei ler nelles, ou que me esqueci? Porque foges com a vista, e te desvias? Tens um segredo! A tua vida, a tua honra... »

— « Um segredo!.. Accusas-me injustamente. Menina, eu não merecia... A primeira que sabe que nunca fiz mysterios não es tu? »

— « É verdade ; nunca , senão hoje. »

— « Não me impacientes , não me faças chorar ! Custa-me tanto ouvir-te assim ? »

— « E conhecer a razão , com que se ouve , não custa mais ainda ? »

— « Olha sou sincera ; adoro-te e no que me pertence não tive nunca reserva contigo. Queres a verdade ? Pois sem um segredo tenho um grande segredo... mas não é meu. »

— « Pediram-te que o não disseses ? »

— « Pediram ! »

— « Prometteste guardal-o ? »

— « Prometti ! »

— « Já o sabia ! »

— « Tu ?.. Elle não to disse !.. Não o conheces... »

— « Adivinhou-o quem te ama mais do que elle. »

— « Minha mãe ? »

— « O amor das mães nem tudo vê. »

— « Minha irman ? »

— « Thereza ? Os seus olhos como sabes estão turvos de chorar ? »

— « Foi então... »

— « O coração de uma amiga , que te estima mais ainda do que a si propria ! Não era preciso , que me disseses , Cecilia , para eu adivinhar... Cumpre a tua promessa ; guarda o teu segredo ; não me queixo ; o amor tudo faz esquecer ! Peça-te só que antes de dar um passo , que seja a dor e o remorso da tua vida , venhas buscar o refugio dos meus braços ; bem sabes que são fieis ! Antes de entregares a alma para sempre , lembre-te que ha no mundo quem deseja tambem uma parte na tua ternura : deixa-me servir-te de mãe e de irmão : de mãe para teres um coração sensível que ouça e entenda o teu ; de irmão para , mesmo chorando e compadecendo-me , te salvar de ti e não ceder senão depois de certa de que es amada como eu desejo , e achas a felicidade que mereces... Promettes ? »

— « Juro-te ! Perdoas-me , agora o meu segredo ? »

— « Anjo da minha alma , não vês que sei , e por mim sinto o poder da tua paixão ? Não te disse que era mãe e irmão para chorarmos ambas , e te salvarmos juntas ? »

— « Olha , Catharina , ás vezes tenho medo que elle conheça , que o amo tanto ! »

— « Viste-o outra vez ? »

— « Não. »

— « Mas esperas cede ?.. »

— « Não sei , não digo ! » interrompeu ella sorrindo e lançando-se-lhe nos braços toda vermelha e com os olhos quasi nadando em lagrimas. « Dá-me um beijo ! Outro ! Assim. Somos amigas , muito amigas , não é verdade , querida ? Vês ? Depois d'elle e de Deus , ninguém te quer mais do que eu , Catharina !... nem o conde. »

— « Oh !.. se elle te ouvisse !.. » acudiu a noviça sorrindo-se e beijando-a.

— « Dizia que não , e tu acreditavas. »

— « Mas no fim de tudo o conde não tem segredos para mim. » Observou a filha de D. Luiz com malicia.

— « Julgas ? » respondeu Cecilia com o seu riso jovial , e a vista animada de um geito gracioso.

— « Creio e espero ! » redarguiu a noiva do conde. « Mas deixemos isto. Queres que nos levantemos cedo amanhã , e demos um passeio pelo jardim , sosinhas , ao romper do dia ? Podemos fallar de vagar , e tenho tanto que dizer ! »

— « E se eu , acordando-te , fizer voar algum amor , pousado nos teus sonhos , ficarás pensativa e séria como ás vezes ? »

— « Não. É cousa dita ? Antes de prometteres , de decidires... »

— « Perguntarei ao teu coração ! Ha de querer o que o meu deseja. »

— « Cecilia já resastes ao teu Anjo Custodio ? Não sei quem me diz , que elle e Deus é que te hão de salvar ! »

— « Boas noutes , meu amor ! »

— « Cuidado ! Essa cabeça é tão viva , e esse coração é tão bom ! Não te esqueça : amanhã ao romper do dia ! »

Apenas ella sahio , e fechou a porta sobre si , Catharina encostou a cabeça a uma das mãos , e com o braço curvo sobre a meza do tocador deixou fugir o pensamento e os sentidos em uma dessas meditações extaticas , que nos arrebatam em algumas occasiões. Passado tempo , e desafogando a oppressão em um suspiro , chegou á janella por dentro dos vidros , e fitou os olhos no ceu tão sereno , como nas bellas noites de primavera , refrigerio dos climas do meio dia. Quando baixava a vista casualmente para o jardim , assustou-se , figurando-se-lhe de repente que um vulto de branco atravessava com precaução para o lado do mirante. Afirmou-se , tornou a duvidar , e convenceu-se por fim de que não se enganara. Pallida e convulsa já ia chamar soccorro , quando a deteve uma reflexão súbita. A suspeita , que a assaltou , cravou-a no

mesmo lugar sem animo de mover um passo; e todas as forças do espirito e todos os receios da amizade vieram avivar-lhe a luz das pupilas, que penetrantes e attentas, ao dubio clarão do luar, seguiam os movimentos do objecto, que temia conhecer.

Em quanto a noviça, suspensa no seu cuidado quasi que soffoca a respiração, apurando o ouvido para colher o menor som, observemos o que fazia a sua amiga, desde que se apartou, levando o sorriso á flor dos labios, mas interiormente pensativa e magoada. Que segredo era aquelle, cujo alvoroço o semblante não podia conter nem disfarçar ao menos?

Entrando no quarto, Cecilia poz a luz em cima do pequeno velador, collocado ao pé do leito. Rendida á commoção assentou-se cubrindo o rosto com as mãos, e deixou saltar as lagrimas, mais doces do que pezarosas, que em fio rebentavam pelos olhos. O inquieto coração pulsava tão ancioso que parecia arrombar-lhe o seio; e como a avesinha, que bate as azas para fugir, não queria socegar senão unido ao coração, que o chamava. As rosas, desmaiando e avivando-se nas faces, pintavam as incertezas do pudor e da ternura. A imagem querida, radiosa com a espiritual e sublime chamma, que faz uma só de duas almas, comsigo a tinha sempre, e a ouvia — que lhe fallava. Não via a cada instante o sorriso que a namorava; não escutava a voz que a estremecia? Longe ou perto estiveram nunca separados? Para deixar de pensar a ausência, não sabia que bastava descer ao coração?

Assim corre este periodo rapido, em que o affecto se nutre de promessas, e a memoria não é tormento, mas companhia. Só mais tarde, affiando-se na dôr, é que se ergue banhada em lagrimas, cortando com as recordações inconsolaveis. Até alli, a irmã de Thereza, achára sempre a vida risonha e ligeira; e apanhando as primeiras flores não lhes sentia os espinhos, que mais ferem. Era-lhe tão suave adormecer com o doce nome sobre os labios e a estremosa idéa no pensamento! Os leves sonhos, que visitam o leito virginal murmuravam segredos bem ternos, affagando com as azas de oiro a phantasia, que os beijava! A alma julgava-se tão feliz, conversando com a saudade, como se a distancia fosse uma chimera, e a ausencia uma illusão!

Aos dezoito annos, a paixão, fundindo a existência de dois entes no enlevo arrebatado desta adoração é prompta em attrahir, e as visões do

desejo tomam depressa as apparencias da realidade. Os cuidados encantam; e a esperança o que diz senão lisonjas? Com a exquisita sensibilidade, que a tornava seductora, Cecilia ás vezes queria acreditar que o ceu não era tão ditoso como a terra, que nos primeiros sorrisos do amor só jubilo e ventura lhe offerecia! O espirito não tinha visto, nem suspeitava ainda, que podessem cahir sobre a luminosa aurora, que o dourava, as sombras fechadas, com que o ciume e o desengano depois a anoutecem de repente. Nos curtos annos, que tinha vivido, não provára ainda senão prazer; esquecia-se de que o absyntho tambem estava no mesmo vaso. E o amargor é tão cruel, quando se bebe pela mão da desgraça, contando com a felicidade!

Em quanto esteve embebida neste sonhar acordada, que é o supremo deleite dos que amam, todas as commoções interiores, passando rapidas retratavam-se, no seu rosto, como na superficie de um espelho. Ora scintilava a esperança nos olhos, e sobresaltando-se corava-lhe as faces; ora a ternura suspirava languida, abrindo apenas entre lagrimas o meio sorriso, que brilha na pupilla aveludada como a perola do orvalho sobre as plantas innundadas pelo sol. A bocca desabotoando-se a medo, como a flor que principia a desembucar as folhas, mal deixava escapar os tímidos murmúrios do coração, assustado de si mesmo, e ás vezes ignorando ainda porque batia atropellado contra o peito. No desleixo adorável, em que esquecia o corpo; na graciosa expressão da physionomia pensativa; e na melancolia delicada do gesto, quem não adivinharia um desses raros momentos, em que a alma crê e espera tanto, que é mais feliz antes do que depois da realidade?

Assim entretida e enlevada, a irmã de Thereza estremeceu ouvindo soar lentas e compassadas as dez horas no relógio da egreja proxima. O semblante carregou-se de uma nuvem, e quando acabou de as contar, a mão tremia pegando na pequena lanterna, que tinha acceza. Ao de leve; foi direita depois á porta, e com precaução lançou os olhos pelo corredor, que ficava diante. Tres vezes deitou o pé para sahir, e tres vezes recuou. A cada passo fugiam-lhe os joelhos negando-se a sustel-a. A pallidez, agora lhe desbotava a face na alvura das rendas da gargantilha; logo a encendia com côres de purpura. O opprimido peito e a bocca soffocada não a deixariam soltar nem um gemido!

Alguns minutos luctou árdua, até que em



um impeto de arrebatamento; depondo a luz, com as mãos erguidas, e de joelhos, levantou uma oração cheia de fé e perfumada de pureza, dessas que o céu acolhe e os anjos ouvem. Prostrada diante da Virgem, modello do amor humano, diante daquella que debaixo da cruz sentiu a dor da espada e recebeu sobre o coração todo o sangue do sacrificio, a donzella pediu-lhe força para amar sem crime, e graça contra os delirios da paixão. Mulher implorava a ternura ineffável da extremosa mãe, e parecia-lhe que os lábios da imagem sorriam, e que uma voz interior lhe respondia: crê! Antes de soltar o coração e de lhe dizer — és livre! — abraçava-se com a innocencia, e elevando-se com o seu amor, ia abrigal-o aos pés de Deus!

Quando se levantou estava serena; não tremia. O conforto da oração e a suave esperança tinham-lhe infundido valor. Ia aonde a chamavam a ternura e a paixão, mas já não ia só. Invisível, porém, sempre ao seu lado acreditava que levava o anjo da sua infancia, o cherubim dos innocentes e castos pensamentos, que a não desamparava; se o coração vacillante, se a alma tímida ainda receiavam, contava que a pureza, que é a vida do verdadeiro affecto, estava entregue á guarda do céu, e que no meio das trevas, sosinha, e sem mais defeza do que a honra e o respeito de um homem, estaria tão segura como se a espada de todos os cavalheiros da corte se desembainhasse para o proteger. De mais amava; e o amor julga tudo facil porque vive da confiança. Se um instante podesse suppor o mancebo capaz de uma vileza, esse instante seria o ultimo suspiro da paixão!

Correndo a vista pelo corredor, e applicando o ouvido, a educanda revestiu-se de animo, e com a luz na mão, pé ante pé, passou pelo quarto de Thereza, e logo adiante parou momentos diante da porta de Catharina. Era completo o silencio; e apezar disso, a sombra do seu corpo, seguindo-a na parede, quasi que a assustava. No fim do corredor estava a escada por onde Jeronymo subira de manhã e viera saber da bocca da sua noiva, que acharia nella amizade mas não amor. Cecilia apressou o passo, descendo-a, e não tardou que entrasse na casa, que servia de passagem para o jardim. Gemeu a chave, dando volta; a porta rangeu abrindo-se; e o ar fino e cortante da noite veio esfriar as faces ardentes da donzella, que antes de esconder a lanterna, e de se metter na sua cuberta de sombra, que se dirigia ao mirante, tornou a

hesitar e a deter-se, carecendo de um esforço novo para não voltar atraz.

Era uma noite linda! Fresca e não humida a viração parecia que soluçava, tremendo, por entre as folhas, que apenas buliam em sussurro manso, semelhante á voz sumida de dois amantes que se adoram. O céu recamado de estrelas, cubriu-se a miúdo de alvas e fugazes naves, que esfumando-se no azul palido se rasgavam em formas caprichosas, e voavam rapidas; ora escondendo as estrellas, ora abrindo-se e deixando-as scintilar. A lua, começava a subir no horisonte toucada de vapores de rosa e violeta; e com um resplendor mais vivo aclarava o firmamento em torno della. A meiga luz, que despedia era como um sudario branco lançado sobre as arvores e os macios de buxo e de verdura, e sobre o chão que beijavam os ramos dobrados dos chorões, descabellando-se junto do tanque, como as madeixas, que a desesperação desata em desalinho á donzella que chora sobre um tumulto. Sobre esta claridade triste torciam-se ou estiravam-se as grandes sombras dos troncos, ou dançavam as manchas leves e agitadas das folhas; que a briza meneava.

O ruido abafado, que mesmo no repouso e na solidão da noite é a respiração de uma grande cidade, ouvia-se de longe; e o som dos passos amortecidos na relva accordava um ecco debil como elle. Era uma noite serena e cheia de sublimes harmonias, como as que não esquecem mais sobre os lagos da Suissa ou nas formosas bahias da Italia; noites, em que a vida tem seduzes do mundo invisível, de que foi desterrada; e o coração diante da immensidade que o espanta olha para dentro de si, e recorda commovido as memorias de outro tempo e as illusões esfolhadas ao amadurecer da idade. Devia ser debaixo de um céu assim, banhados pelo mesmo suave clarão da lua, que Romeo e Julieta unindo a alma no primeiro beijo, deram as mãos para descerem abraçados ao tumulto pelo rapido precipicio do amor. A claridade não era mais doce, nem a viração mais terna quando a Graziella enchugando com as tranças as lagrimas do delirio, fitava os olhos aonde a desesperação ardia nas enroladas vagas azues do mar de Nápoles. Um perfume vago levantava-se das flores. Uma tristeza consoladora, como a da resignação, derramava-se sobre tudo. Na profunda paz, que a cercava, escutando, podia-se ouvir o coração da donzella palpitando de esperança e de receio!

Cecilia, chegando, olhou em redor de si, e com um gesto cheio de requebro infantil, sacudindo sobre o collo os aneis do cabello que a brisa desassocejava, atravessou com rapidez e foi direita ao mirante. Diante do assento tapetado de relvas, e forrado de jasmim e madre-silva faltaram-lhe os joelhos outra vez, conheceu que as forças a iam desamparar, e com a mão no peito como para sustentar o coração recolheu-se com o seu pensamento, assentada, e tendo a vista fixa na pequena porta que abria para o becco da Imagem e ficava opposta á que dava sabida sobre o pateo da estalagem. Assim esperou callada e quasi immovel; mas qualquer ruido de fora, o mais leve, tingia-lhe as faces de repente, e acendia nos olhos uma chamma subita, que apenas os baixava logo esmorecia na pupilla. Em oração ou em tremor os labios não cessavam de agitar-se; e o ouvido attento procurava distinguir, mesmo ao longe, os passos, que anciava adivinhar. As onze horas bateram, entretanto, na torre proxima; as outras foram-nas repetindo; e o signal sem se dar; e tudo no mesmo silencio, como a noute serena, como a alma assustada, cujos suspiros vinham expirar nos labios!

Em quanto a donzella contava os minutos, e escutava mais com o coração que pelos ouvidos, um vulto de capa escura, embuçada ás canhas, rondava desde as dez da noute do pateo da Estalagem até ao beco da Imagem, umas vezes levantando os olhos para o céu, outras deixando pender a cabeça com desalento; e sumindo quasi o rosto na ampla dobra do capote. Os seus gestos eram de quem se achava absorvido por dolorosas meditações. A miudo corria-lhe pelo corpo um estremecimento visivel como se o sobresalto da commoção em algumas occasiões fosse mais forte do que a vontade. A volta da capa escondia-lhe as faces até aos olhos, aonde a chamma sombria e intensa ora se agitava, ora tomava de subito o brilho fixo, que revela o ardor de uma paixão profunda. De espaço a espaço, um suspiro carregado de magoa, rompia gemendo e cortava por entre os labios cerrados com esforço, e mal suffocado parecia-se com as rajadas secas e abafadas, que passam por cima das agoas, nuncias do temporal, que as segue bramindo e deixando atras de si o mar em serras. A mão convulsa amarrutava em contrações nervosas um papel pequeno; e logo depois ao claro tremulo da lampada acesa diante do retabulo, tornava a vibrar, distillando com a vista novas dores das linhas que o enchiam. Então os passos eram

mais rapidos, as pupillas fuzilavam; e sentia-se o punho bater procurando os copos da espada.

Assim continuou immovel alguns minutos, agitado outros, até que ouviu cada vez mais proximo o som de passos, que desciam a viella contigua e se apressavam na direcção que elle guardava. Dahi a pouco um vulto, embuçado tambem, desembocou, roçando-lhe quasi pelo hombro, e foi encostar-se á esquina opposta, donde parecia vigial-o. Os seus olhos encontraram-se com os delle; e por um gesto acorde ambos ao mesmo tempo apalpam o punho dos espadins. Passados rapidos momentos em desconfiança e observação, o recém-chegado resolveu-se primeiro, apertando a capa sobre o rosto, avançou dez ou dezes passos: e em tom meio jovial, meio levantado, exclamou:

— « Deus seja connosco! cavalheiro, que linda noute para um passeio! É pena estar clara. Não acha a rua estreita para dois; isto de espadas é quizilento; em se encontrando pela ponta, não ha remedio depois senão soltar-as pelo punho. »

O embuçado a quem fallava, encolheu os hombros, e proseguindo na sua ronda, contentou-se em responder laconicamente:

— « Se a rua é estreita e a noute clara, tem o remedio na mão. Procure um largo, e embuce-se mais. »

— « Santa Catharina do Monte Sinay! » re-darguiu o interlocutor rindo, e medindo as passadas pelas delle. « Não me entendeu, ou fallei grego. Em duas palavras me explico. Se não tivesse prisão aqui, fazia grande favor a um devoto, deixando-lhe a rua livre por uma hora. Sabe o que são lances... »

— « E se tivesse prisão, ou guardasse o passo justamente por uma hora? ou duas? » replicou o primeiro parando de repente, e medindo-o com os olhos cheios de suspeitas.

— « Bom catholico, como me preso de ser, e temente a Deus, perguntava-lhe se a sua oração era á imagem do painel ou á santa encuberta, que está por cima? » E dizendo isto indicava o retabulo, e a jealousy da janelinha aberta nas costas da casa, cuja frontaria deitava para a rua principal.

— « Sou tão devoto, atalhou o seu interlocutor, que não rezo com distrações; e tão discreto que não soffro que indaguem qual é a santa da minha oração. Ainda mais: para não responder tenho o cuidado de nunca perguntar. Boas noites cavalheiro. Ao rir da esquina acha a rua larga, e meos claridade, se gosta de sombra! »

— « Valha-me Deus! Começo a receiar que adoremos ambos a mesma divindade; e a sentir que um de nós tenha de ficar, apesar do outro não querer! O que lhe parece, sr. embuçado? »

— « Que a noute está fria; e que os ares finos fazem mal, parando-se! Até á meia noute o passo está guardado! Deus o acompanhe! »

— « Amen! » redarguiu o outro. « Até á volta. Ainda tenho duas palavras que lhe dizer, e um favor que lhe pedir. »

— « Se leva pressa estou ao seu dispor. »

— « Nada. Deus me livre de me tornar pezado. »

E subindo com desempeno os degraus do beco, foi sair á rua das Arcas, aonde se fez encontrado de proposito com a ronda, que o mandou parar com a costumada voz: « quem é, e para onde vai da parte de El-rei? »

— « Um estudante, que se recolhe a sua casa. »

— « Estudante? pph! Não me cheira! » acudiu um alcaide, cujo ventre volumoso parecia vacillar sobre as escanelladas pernas, á maneira de uma talha de bojo sobre dois esqueques fracos. — « Como se chama? »

— « Como disse meu padrinho e minha mãe que me chamassem na pia do baptismo. »

— « Ah, o sr. estudante diverte-se com a justiça de El-rei? Tome cuidado que a musica não tenha que pagar á dança. »

— « Não que o carro não anda nunca adiante dos bois! Mas isto é bucolico de mais. Sua mercê é curioso de *bolero*? Não me diga que não. Esse pé esta-lhe saltando pelo çapato fóra! »

Todos os homens da ronda desataram a rir menos a Terpsichore forense, que ficou vermelha como lacre.

— « Poucas graças! » gritou offendido no seu amor proprio de pessoa séria. « Diga o nome ou prepare-se para me acompanhar. »

— « Escolha o sr. alcaide, e ponha-me o que quizer. Dou por todos em não sendo André! »

— « Magano! berrou o satrapa quadrando-se para manter em equilibrio a sua rotundidade. « Lembre-se de que riudo se vai chorar á cadêa! Como se chama; pela terceira vez lh'o pergunto! »

— « Mas, sr. alcaide, á noite nem sempre se acha o nome na ponta da lingua. Faça de conta... »

— « Basta de chufas — disse o meirinho injerindo-se na polemica. « A lua está clara; descubra-se. Os homens não se conhecem pela capa, conhecem-se pela cara. »

— « E se me constipar, paga-me o sr. meirinho a botica? »

— « Allon! É escolher! — Obedeça, ou... »

— « Esse ou rendeu-me! Mas da parte de quem é toda essa curiosidade? »

— « Da parte do corregedor do crime do bairro do Rocio. »

— « Ora como o demonio as tece! Sei muito bem. O meu maior amigo! Sabe que o prézo tanto, que não lhe dóe a cabeça a elle sem a minha logo o sentir? »

— « Este homem não é o que parece! gritou o meirinho virando-se com importancia para os seus officiaes. A teima de não destapar a cara... olho nelle; cerquem-no! Desconfio... »

— « Não levante falsos testemunhos, sr. meirinho. Veja que ha inferno. »

— « No inferno o metto eu se não se calla! »

— « Então boas noites! »

— « Alto! aonde vai? »

— « Não me mandou callar? Os mudos não dizem nada. »

— « Bem! Fóra a capa; e para cá os papeis. Apalpem-no. »

— « Da parte do corregedor do bairro do Rocio digo que não me levam os papeis. »

— « Essa é bonita! Veremos se levam! »

— « Estive agora com elle, e não deu tal ordem. »

— « Dou-a eu em seu nome, e basta! Acabemos. Diga quem é e a sua occupação. »

— « Só se fôr ao ouvido. É um segredo... »

— « Arredem-se! Guardem bem a rua. Agora que estamos sós: o seu nome? »

— « Caetano José da Silva Souto Maior! » \* disse o embuçado misteriosamente, e concluiu com uma risada estrepitosa.

— « O sr. corregedor do crime! » accudiu soffocado o official de justiça, tirando o chapeo.

— « Não lhe dizia que não tinha dado a ordem? Sr. meirinho, se não conhecer melhor seus filhos, do que o ministro com quem serve tenho pena do que póde succeder-lhe... »

— « Senhor, eu... »

— « Está bom. Ponha o chapeo; menos cortezias e mais attenção para outra vez. Deixe-me

\* A introdução de Caetano José da Silva Souto Maior, por antonomasia o *Camões do Rocio* pecca contra a historia quanto ao cargo que se lhe suppõe já neste anno. Entretanto o auctor julgou-se auctorizado a commetter a inexactidão, prevenindo sempre de que ella existe. É quanto deve bastar para os escrupulosos.

traçar a capa. Não quero dar-me a conhecer. Ouça; Vá de vagar e dê a volta do costume. Se chegar até á entrada do beco da Imagem, vendo um homem parado ao pé da alampada não entenda com elle; é um devoto da sancta. Sentindo tenir espadas não faça caso, e passe de largo; á noite todos os gatos são pardos. Espere-me aqui depois. Ando n'uma diligencia de segredo. »

L. A. REBELLO DA SILVA.  
(Continúa.)

## NOTÍCIAS E COMMERCIO.

**Armas portuguezas.** — Lemos no *Globe*, jornal do Maranhão o seguinte:

« Ao lado direito do quartel de campo de Ourique nesta cidade existe um brasão de Armas portuguezas esculpido em pedra, que o genio do ultimo capitão general Bernardo da Silveira Pinto destinára para a porta principal daquelle edificio.

Deve-se á boa índole deste povo, ao respeito pela religião, e pelas tradições da nação de que descende, o quasi perfeito estado em que se acha; devendo ao acaso sómente algumas pequenas fracturas que tem, e que não privam de ser ainda convenientemente aproveitado.

Os antecessores de v. s.<sup>a</sup> tem olhado com indifference para este negocio, apesar de ter sido representado por nós aos dois ultimos em nome de alguns portuguezes, que estavam promptos a collectarnos para a compra daquelle objecto, que depois da independencia nada mais vale para o governo do que qualquer dessas outras pedras que o circulam.

Renovamos pois a v. s.<sup>a</sup> e mesmo pedido em nome de nossos compatriotas. Pensamos que o illustrado governo provincial nenhuma duvida porá em nol-as ceder; e depois v. s.<sup>a</sup> as fará remetter para Lisboa.

Não é bem que as quinas, emblema da nossa religião e gloria, estejam por mais tempo votadas ao abandono, e prostradas em um logar que tem o nome do campo em que ellas foram dadas ao 1.<sup>o</sup> monarcha da nossa heroica nação, no dia em que se ganhou uma assignalada victoria. »

**Noticias do Brasil.** — O vapor chegado a Lisboa a 9 trouxe-nos as seguintes noticias, além da importante que publicamos na primeira parte da revista relativa á companhia lusitana.

« Ss. magestades imperiaes dignando-se acceitar o convite que lhes fôra feito em nome do capitão do vapor a helice norte-americano *City of Pittsburgh*, visitaram hontem este navio.

O vapor *City of Pittsburgh* é dos maiores que tem entrado neste porto. Sua lotação excede 3,000 toneladas, e é da força de 800 cavallos. Tem commodos para 160 passageiros de ré e 800 de prôa, e os primeiros nada deixam a desejar.

Ss. magestades imperiaes chegaram a bordo precisamente á hora que tinham marcado para a sua visita, 11 horas da manhã, e foram recebidos no portaló pelo capitão do vapor, pelo secretario da legação e pelo consul dos Estados-Unidos.

Descendo á camara ficou alli s. magestade a imperatriz, e s. magestade o imperador foi vér todo o navio, merecendo-lhe particular attenção o machinismo, que pessoas entendidas nos asseguram ser a perfeição da arte. Nessa occasião o engenheiro do vapor, a quem s. m. fez muitas perguntas sobre os melhoramentos que notava, e principalmente sobre a maneira porque trabalhava o helice, teve a honra de offerecer a s. m. imperial o desenho de todo o machinismo, offerta que foi acceita com benevolo agradecimento.

Terminado este minucioso exame principiou a mover-se o vapor, e pouco depois, posto andasse só a meia força, marchava quasi 10 milhas. Nesta pequena experiencia foi o *City of Pittsburgh* até fóra de Santa Cruz e ao passar pelo Poço, tanto na ida como na volta, salvaram as fortalezas e todos os vasos de guerra, guarnecendo estes as vergas.

Ss. mm. ii. acceitaram um copo de agua que lhes offereceu o capitão do vapor, e agradeceram com affabilidade as saudes que se fizeram ás suas augustas pessoas e á familia imperial.

A banda de musica da fragata *Constituição*, que se achava a bordo do vapor, executou com bastante precisão diferentes peças.

As duas horas e um quarto da tarde retiraram-se ss. magestades imperiaes acompanhados dos srs. ministros da marinha, da guerra e da justiça, e pouco depois sahia barra fóra o vapor *City of Pittsburgh* em viagem para a California.

Pelo ministerio do imperio com o n.<sup>o</sup> 1030 se publica o decreto de 7 de agosto concedendo a Eduardo Mornay e Alfredo Mornay privilegio exclusivo de um caminho de ferro na provincia de Pernambuco entre a cidade do Recife e a povoação da Agua Preta, acompanhado das condições do contracto.

Pela condição 9.<sup>a</sup> a companhia se obriga a não possuir escravos e a não empregar nos seus trabalhos senão pessoas livres, os quaes são pelo governo isentos do recrutamento. »

Na condição 16 o governo garante o juro de 5 por cento no capital empregado.

« DECRETO N.<sup>o</sup> 1040 DE 6 DE SETEMBRO DE 1842. — Approva as alterações propostas em assembléa geral do banco do Brasil aos estatutos do mesmo banco.

Attendendo ao que me representou o conselho do banco do Brasil, hei por bem approvar as alterações abaixo declaradas, propostas em assembléa geral, dos estatutos do mesmo banco, bem como a auctorisação que igualmente em assembléa geral, fôra concedida ao dito conselho para estabelecer caixas filiaes nas provincias de S. Pedro e S. Paulo.

Ao artigo 32, o accrescentamento das seguintes palavras:

« Na mesma occasião e da mesma fórma serão eleitos sete supplentes para servir nos impedimentos dos membros do conselho de direcção. »

Ao artigo 39, alterado da maneira seguinte:

« O banco será dirigido por um conselho de direcção de sete membros, e administrado por dois gerentes. »

Ao artigo 48, eliminando-se o ultimo periodo conhecido nos seguintes termos;

« Não se levará porém a effeito esta disposição em quanto existirem tres directores em exercicio.

*Auctorisação approvada.*

A direcção do banco fica auctorisada a estabelecer caixas filiaes nas provincias de S. Pedro do Sul, e S. Paulo, formulando os regulamentos porque terão de guiar-se as administrações das mesmas, cingindo-se ás disposições dos estatutos do banco, e accetando as idéas da commissão de exame de contas a respeito, no relatorio approvado unanimemente nesta sessão. Joaquim José Rodrigues Torres, do meu conselho, senador do imperio, presidente do conselho de ministros, ministro e secretario de estado dos negocios da fazenda, e presidente do tribunal do thesouro nacional assim o tenha entendido e faça executar. Paço do Rio de Janeiro aos 6 de setembro de 1852, 31.º da independencia e do imperio. — Com a rubrica de s. magestade o imperador. — *Joaquim José Rodrigues Torres.* »

Com o titulo de Agricultor Brasileiro se vae publicar no Rio um jornal que se corresponder como esperamos ao prospecto que vimos, será de maxima utilidade e deverá tambem interessar a leitores portugueses.

O Diario do Rio de 9 de setembro publica o seguinte annuncio que não carece de commentarios.

« *Boa occasião para quem quizer gosar uma posição mais brilhante na sociedade.* — Transfere-se em pessoa idonea, como as leis portuguezas permitem, a mercê da mui distincta ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, padroeira de Portugal e deste imperio; seus cavalleiros gosam de todas as honras e privilegios como os das demais ordens: quem quizer esta transferencia deixe seu nome e morada em carta fechada no escriptorio do *Jornal do Commercio*, com sobrescripto a F. F. F.

N. B. — Quem pertender cabal conhecimento da lei da creação desta ordem, e ver os modêlos da medalha, procure fallar naquelle escriptorio com o guarda livros o sr. Leonardo. »

Entre os muitos programmas que enchem o jornal do Rio para a eleição do municipio, escolhemos o seguinte specimen.

« Francisco de Paula Mattos, natural desta cidade, e residente no morro do mesmo nome, pertendendo a honra de um logar na camara municipal, dirige-se a seus concidadãos pela maneira seguinte:

— Apenas conseguido o suffragio do povo para um desses nove logares que constituem a representação da cidade, compromette-se a fazer realisar a grande idéa do canal no mangue da cidade Nova dentro do espaço de 18 mezes.

— Obriga-se tambem a apresentar o plano da nova cidade que deve ser fundada na área desse mangue, e a fazer adoptar o seu, ou outro plano que melhor seja.

— Promette conseguir a edificação de uma praça de mercado no Rocio Pequeno de Cidade Nova, no tempo de 24 mezes:

— Liga-se á obrigação de dotar a cidade com uma rua de 55 palmos, que una o morro de Paula Mat-

tos ao morro de Santa Theresa, dentro do tempo de 36 mezes.

É com estes titulos que o cidadão Francisco de Paula Mattos se dirige ao povo afim de conseguir a honra de seu voto, e para estes compromissos de honra dá como garantia seus precedentes, e mais que tudo um nome coberto de louvores no fim dos quatro annos, ou então coberto de vergonha e opprobrio. O cidadão Francisco de Paula Matos deseja engrandecer a cidade em que nasceu, e não fazer da camara municipal degráu para subir: não tem aspirações politicas.

Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1852. — *Francisco de Paula Mattos.* »

**Lição de escripta repentina no papel autographo e no cartão de lustro.** — **PROFESSOR DE CALLIGRAPHIA MANUEL NUNES GODINHO** NO DIA 31 DE OUTUBRO CORRENTE. — Este professor, bem conhecido pelos differentes trabalhos calligraphicos, que tem executado, vai ensinar em uma só lição:

1.º O methodo de escrever em *papel autographo* para as *lythographias*.

2.º O segredo de escrever no *cartão de lustro*, obtendo-se tanto neste, como no *papel autographo*, os finos e os grossos da letra tão perfectos, como se fossem desenhados na *pedra lythographica* a *pincel*.

Resultam desta lição tres vantagens: a 1.ª é facilitar a qualquer, que tenha boa letra, o escrever para as *lythographias*, que tanto carecem de quem escreva no *papel autographo*: a 2.ª é pôr ao alcance de todos o fazerem, sem custo, os seus *bilhetes de visita*, poupando desta sorte as despesas de chapas, ou de *lythographias*: a 3.ª é habilitar os amadores de *bilhetes de visita* em *fac-simile*, o poderem executá-los de *proprio punho*.

Os bilhetes por esta lição custam 4/800 rs. cada um, e abrangem o ensino de escrever no *papel autographo*, e no *cartão de lustro*; e se por acaso houver algum discipulo, que em uma só lição não fique bem conhecedor deste facilissimo systema, ser-lhe-ha repetida a lição gratuitamente no dia 7 de novembro proximo futuro.

A lição terá lugar no edificio do collegio—Escola Academica, na calçada do Sacramento n.º 24, das 10 horas da manhã em diante. Os bilhetes de entrada acham-se, desde já, á venda na rua do Loreto n.º 78, defronte da travessa dos Gatos na loja denominada — Verissimos Amigos.

N. B. Para maior brilhantismo desta sessão, o sr. Godinho escreverá, em um pequeno globo de papel, do tamanho de tres vintens em prata, (sem auxilio de lente) mil e noventa e duas letras, ou uma serie completa de todos os nossos reis, desde o primeiro da monarchia portugueza até á Actual Reinante.

**Uso de capsulas de gomma elastica para acudir a navios em perigo.** — MM.

Dorey e d'Houdetot, do Havre, imaginaram um systema de capsulas de caoutchouc ou gomma elastica que deve servir de capa aos projecteis que se arremecem ao navio em perigo e proximo a encalhar. É sabido ser a difficuldade neesse caso despedir com a bala a corda necessaria para puxarem a si o cabo de salvação. Os sobreditos srs. resolveram o problema.

prendendo a ponta da corda á capsula por elles inventada, que se ajusta á boca do cano de uma espingarda de munição, e que partindo com a bala disparada, leva consigo a corda que se desenvolve rapidamente e proporciona á gente de bordo chamar a si o cabo que deve trazê-la ao porto.

**Assucar de betarraba.** — Em França no anno de 1849 existiam 584 fabricas que produziam kilogramos 38.639:000, sendo o consumo do assucar de 49.078:100 kilogramos. Em 1850 as fabricas eram 588, o assucar elaborado nellas 65.175:514, e o consumo 59.034:950. Em 1851 eram 304 as fabricas produzindo 70.151:128 kilogramos, e o consumo 68.279:757.

Isto é, se desde agosto de 1849 até igual data de 1850 não houve em França mais do que quatro fabricas de augmento, a quantidade de assucar elaborado excedeu ao anno anterior o peso de 23.536:214 kilogramos, isto é 61 por cento; e desde 1850 a 1851, tendo havido o augmento de dezeseis fabricas, o assucar elaborado foi de 22 por cento.

Igual progresso seguiu o assucar de betarraba na Belgica. Em 1850 as fabricas eram 22; em 1851 contavam já 40. Em 1848 a producção não excedera 4:500 toneladas, em 1851 computava-se já em 6:000, isto é, nas tres quintas partes do consumo reputado em 10:000 toneladas.

Na Alemanha desde 1848 a 1851 ascendeu a producção de 26:000 a 43:000 toneladas. Basta comparar os mappas offerecidos pelo Hannover e pelas cidades hanseaticas, que demonstram que nos tres annos decorridos desde 1848 a 1851 o assucar de betarraba teve nesses mercados um augmento de consumo, importante em 17:000 toneladas; e por consequencia outrotanto perdeu nelles o assucar da cana ou colonial.

Na Austria, onde em 1848 as fabricas de assucar de betarraba contribuam só para o consumo com 8:000 toneladas das 40:000 a que montava aquelle, já em 1851 forneciam 15:000 toneladas, isto é quasi o dobro da producção de 1848.

Finalmente na Russia, onde essa industria, como todas, tardaram a desenvolver-se, actualmente calcula-se que o assucar de betarraba contribue com toneladas 35:000 para o consumo que é de 85:000 proximoamente.

**Commercio.** — O nosso correspondente de Pernambuco, em data de 20 de setembro, nos transmitta as seguintes informações do estado commercial daquelle praça.

Nosso mercado continua no mesmo estado das semanas antecedentes. As compras limitaram-se a um carregamento de assucar de qualidades sortidas de 1150 a 1950 réis por arroba; e algumas partidas de saccas de algodão de 5500 a 5800 segundo a qualidade.

Em generos de importação houveram vendas de manteiga ingleza de vaca de 540 a 560, e de porco de 340 a 350; vinho branco de Lisboa a 160\$000 a pipe, e tinto de Aveiro de 112\$000 e 113\$000; viuagre de Lisboa de 60\$000 a 64\$000; toucinho de Lisboa de 8500 a 9000 a arroba; e chocolate a 7000 por arroba.

**Couros salgados.** — São procurados a 107  $\frac{1}{2}$  réis por arratel.

**Descontos.** — O banco descontou letras a vencer no fim de outubro a 6 por cento ao anno, e a 8 por cento até o praso, de 6 mezes; e os particulares de 6 a 9 por cento, vencimentos de 2 a 6 mezes.

**Cambios.** — Fizeram-se saques a 27  $\frac{1}{4}$  d. por 1\$000 com praso; e alguns a 27  $\frac{1}{2}$  a dinheiro.

Conta-se que para o seguinte mez já haverão algumas entradas de assucar da nova safra, que ha esperanças de ser muito grande em relação aos annos anteriores, e de apresentar qualidades mais regulares.

O governo brasileiro contractou com a casa de Rothschild & C.<sup>a</sup> de Londres um emprestimo de 1:000,000 de £ para pagamento do emprestimo portuguez que o Brasil garantiu quando foi reconhecida a sua independencia.

O emprestimo vencia-se em 1853, mas tendo o governo a faculdade de pagal-o quando quizesse, aproveitou-se do estado favoravel do mercado monetario de Londres, e do credito que alli gosa o imperio, para saldar já essa conta com favoraveis condições.

A navegação dos rios Paraná e Uruguay está aberta a todas as embarcações estrangeiras de lotação maior de 120 toneis, com a condição de carregarem e descarregarem nos portos onde existem alfandegas nacionais, a contar do 1.<sup>o</sup> de outubro.

O patacho portuguez *Rápido*, procedente de Lisboa no dia 12, pertendia sabir no dia 22 do sobre-dito setembro. Foi fretado.

Os vinhos portuguezes tinham os seguintes preços: — tinto de Lisboa, marca P. R. R. 112 a 120\$000 rs. — branco dito 160\$000 rs, differentes marcas tinto 150 a 155\$000 rs., de Aveiro, tinto 112 a 113\$000 rs.

O vinagre de Portugal estava de 64 a 70\$000 rs. Toucinho de Lisboa 8\$500 a 9\$000 rs.; presuntos do Porto 8\$000 a 10\$000 rs. por arroba; paos de Lisboa a 1\$920 rs. a duzia.

Azeite doce do Mediterraneo a 1\$650 rs. o galão; dito de Portugal a 1\$800 rs. batatas a 1\$200 rs. o gigo, feijão 5 a 6\$000 rs. a sacca, alfazema rôxa, 2\$400 rs. a arroba.

#### Cambios e moedas.

Lisboa 100 por 100. — Londres com 60 dias a 27  $\frac{1}{4}$  a 27  $\frac{1}{2}$  por 1\$000 — Paris com 60 dias a 350 por p. 1 f. — Patações brasileiros 1\$920. — Pesos columnarios 1\$920. — Dito mexicanos 1\$800. — Moeda 6\$400 velha 16\$000. — Dita 6\$400 nova 16\$000, — Dita de 4\$000 9\$000. — Onças hespanholas 29\$000. — Dita patrioticas 28\$600 a 29\$000. — Desconto de letras a 6 mezes 6 a 9 por cento o anno. — Dito do banco 2 a 6 mezes 6 a 8 por cento por o anno.

Fretes para Lisboa 160 a 200 por arroba; para o Porto 200 réis.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 15.

QUINTA FEIRA, 21 DE OUTUBRO DE 1852.

19.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### CONGRESSO HYGIENICO.

O distincto escriptor hespanhol, sr. D. Ramon de Lasagra, foi honrado com o titulo de um dos vice-presidentes do congresso hygienico, celebrado em Bruxellas, sendo muito obsequiado por s. magestade o rei Leopoldo.

Folgamos que este nosso distincto amigo, a quem s. magestade a rainha de Portugal concedeu tambem uma prova de sua real benevolencia, receba por esta fórma o premio que o seu talento e grande applicação tanto merecem.

Fazemos votos para que a saude do illustre sabio lhe permita continuar a gloriosa carreira com que tanto honra a Hespanha e serve a humanidade.

Eis a carta por elle dirigida a um jornal de Madrid, datada de 24 de setembro, relatando o resultado das conferencias do dito congresso.

« Meus estimados amigos, não julgo infringir a prohibição de todo o trabalho mental que me impuseram os facultativos, dictando algumas linhas sobre o congresso hygienico que acaba de celebrar-se aqui.

A importancia das questões discutidas, a novidade de muitos dos systemas appresentados, e a necessidade em que se acha a nossa patria de adotar os melhoramentos recommendados, são motivos mais que sufficientes para desobedecer um pouco aos medicos, ainda quando por isso desconte alguns dias de minha existencia.

O programma das questões propostas comprehendendo quatro secções a qual mais interessante, a saber: 1.<sup>a</sup> habitações de operarios, banhos e

lavatorios, hospitaes e hospicios: 2.<sup>a</sup> canos das ruas e latrinas, distribuição d'aguas e ventilação: 3.<sup>a</sup> organização da hygiene publica, alimento da infancia, inhumações, cimiterios, e depositos mortuarios: 4.<sup>a</sup> falsificação de comestiveis, trabalho dos meninos, e policia das officinas, prostituição.

Por este programma se conhecerá que a hygiene publica foi considerada em seu verdadeiro e vasto conjuncto, saindo dos estreitos limites medicos que vulgarmente se lhe tem marcado. O governo desta adiantada nação tinha dado já um grande passo para o exame e resolução de tão importantes problemas, creando ha annos um conselho superior de hygiene publica annexo á administração, e dependente directamente do ministerio do interior; é composto de homens eminentes na medicina, em administração, nas sciencias naturaes, nas construcções civis, e nos estudos economicos.

Este conselho, que promoveu a convocação do congresso do anno antecedente, redigiu para facilitar os trabalhos ao presente um projecto de resolução ás questões do programma. Se não fizesse mais do que adoptar as medidas propostas neste notavel documento que com varios outros remetti ao governo de v. magestade, ter-se-ia dado um passo immenso a favor da hygiene publica em todos os paizes. Porém, a cooperação dos homens distinctos que tomaram parte nas discussões dilatou o circulo dos melhoramentos decretados com um grande numero de factos e de systemas, ensaiados vantajosamente em varias partes e que eram pouco conhecidos. Quando saírem á luz as actas e os documentos annexos, cuja impressão se deliberou, o publico em geral e os governos em particular, comprehenderão a



importancia transcendental do congresso que acaba de verificar-se.

Antecipadamente darei algumas noções. A questão das habitações para a classe operaria foi illustrada com os dados mais recentes da Inglaterra e da Prussia, onde estas construcções mais se generalisaram. É incontestavel que dellas resulta não só a salubridade, mas tambem uma grande economia nas despesas da classe proletaria, a tal ponto que em Berlim, por exemplo, uma familia de operarios, achando-se melhor alojada e pagando menos do que antes, consegue ser proprietaria do domicilio ao cabo de alguns annos, porque o aluguel, ainda que minimo, cobre os juros e amortisa o capital. Outras empresas particulares da Grã-Bretanha obtiveram um rédito notavel ao seu capital diminuindo o aluguel que pagavam antes os operarios. Não menos notaveis são as vantagens dos banhos e lavatorios publicos, cujos calculos de custo, rendimentos e utilidade material e moral, são muito interessantes.

Porém, nenhum questão offereceu tanta novidade como as dos canos das ruas e latrinas, graças aos importantissimos trabalhos communicados pelos membros inglezes do congresso. O systema, que se ensaiou já em grande escala e com exito incontestavel em varias cidades da Grã-Bretanha, foi perfeitamente explicado por lord Ebrington e M. Ward. Consiste em uma combinação admiravel de dois systemas que procuram respectivamente a limpeza das cidades e a fertilidade dos campos.

Para esse fim se recolhe a agua, quer dos mananciaes quer das filtrações da terra, pelos tubos ou canaes da *drainage* e esta agua se emprega para dissolver e arrastar todas as immundicies e materias excrementicias, no mesmo acto em que cahem nos canos dispostos para esse effeito. Estas materias assim misturadas com quarenta partes de agua correm rapidamente por declives naturaes, se a localidade é a proposito, ou são impellidas fortemente por uma maquina de vapor que as lança para os districtos ruraes situados a 5, 10 ou 20 milhas. Esta distribuição se pratica por meio de canaes subterraneos, cuja extremidade subdivide-se em tubos flexiveis degutta-percha, pelos quaes se opera a rega dos terrenos com o estrume liquido que resulta da mistura das ditas materias com uma grande quantidade d'agua.

A experiencia tem demonstrado que todas as materias fertilisantes d'esta grande dissolução fi-

cam na capa vegetal do terreno, e que a agua se infiltra perfeitamente clara, sem cheiro e até sem sabor, segundo a informação dos commissarios inglezes. Esta agua de novo serve para dissolver nas povoações as immundicies e excrementos, e por esta causa se denomina *systema de circulação* o processo que acabo de descrever, conservando o nome de *estagnação* o methodo antigo que conserva as materias excrementicias debaixo dos edificios ou dentro das povoações em canos ou eloacas, focos de infecção com enorme perda para a agricultura.

De summo interesse foram tambem os processos discutidos e os dados exactos apresentados sobre a distribuição das aguas e a ventilação das habitações, quarteis, cadeias, hospitaes etc. Os adiantamentos conseguidos nesta segunda parte já permitem renovar e aqueentar o ar, sem despesa alguma, aproveitando as cosinhas de que necessita toda a habitação ou estabelecimento. O calor perdido é empregado para aqueentar uma quantidade de agua que se faz circular por todo o edificio, e a extracção do ar viciado se opera pela atracção do lar. A introdução do ar exterior, convenientemente aquecido no inverno, e a do ar frio no verão, foram igualmente explicadas mui exactamente, como se verá nos documentos que vão imprimir-se.

O governo quiz dar uma demonstração incontestavel da sua adhesão aos trabalhos do congresso, a que se dignou presidir o ministro do interior, e no segundo dia a assembléa foi agradavelmente sorprendida pela visita do rei Leopoldo e dos dois principes. Outras muitas mostras de apreço e deferencia receberam os membros estrangeiros, que com a recordação agradável desta interessante reunião levarão a seus respectivos paizes uma collecção preciosa de noticias e de factos já confirmados, de utilidade immediata para a hygiene publica: se as que esta succinta carta contem merecerem alguma attenção, agradeceria aos jornaes da capital que as reproduzissem. Com o tempo, as breves indicações que deixo feitas receberão seu complemento com varias publicações que darei a conhecer na minha patria.

#### AS CINZAS EM RELAÇÃO A ECONOMIA RURAL.

##### I

O nome de cinzas não compete, propriamente fal-

lando, sendo ao residuo dos corpos organicos depois da combustão ao ar livre; todavia deu-se, e ainda se dá, postoque inexactamente, ás substancias metallicas que perderam tambem pela acção do fogo a sua adherencia, continuidade e forma; assim é que os estanhadores, por exemplo, chamam cinza d'estanho á cal deste metal, postoque não tenha com as cinzas, quer vegetaes quer animaes, quer com os seus fragmentos, outra pareença que não seja o estado pulverulento e a cor cinzenta. Independentemente destas propriedades que pertencem a todas as especies de cinzas, tem ellas outras peculiares, como serem inodoras no estado secco, e exhalarem um cheiro de barrela no estado humido: absorverem a agua mui depressa e perderem-na com a mesma promptidão, deixar na lingua um sabor acre; apresentarem, sendo mexidas com algumas gotas de azeite, uma especie de sabão; não conterem materia alguma carbonica; e approximarem-se muito daquelle gradação de cor chamada vulgarmente alvadio ou cinzento.

Taes são os caracteres mais geraes pelos quaes se pôde conhecer que a substancia oleosa e extractiva foi completamente destruida, e que as cinzas estão perfectas; mas, parece difficil, sendo impossivel, levar ao mesmo gráo de perfeição as cinzas de todas as materias inflammaveis que as fornecem, e de todos os lares onde se preparam. Incumbe especialmente á chymica indicar a natureza dos principios constitutivos das cinzas, e os processos empregados em ponto grande para applical-as ás artes e officios. O nosso objecto, porém, limita-se a consideral-as simplesmente em relação á economia rural.

## CINZAS DE LENHA.

A natureza do terreno e dos estrumes, o clima e as exposições concorrem muito para a formação dos differentes saes que se tiram dos vegetaes por via da combustão; porém, o que nelles se acha em maior abundancia é o alcali denominado potassa. Uma arvore que vegetou ao norte e em torrão humido fornece menos do que outra da mesma especie, plantada em terreno secco e ao sul. A madeira de ulmo dá mais do que a de carvalho, e esta mais que a de carpe etc. A idade e o estado da arvore, a estação em que foi cortada, e processo empregado na combustão variam tambem a proporção dos saes, donde se segue que muitas vezes duas ou tres medidas de cinzas não valem uma, postoque provenientes do mesmo vegetal, relativamente á quantidade de alcali, porque é sempre dessa que resulta o preço que tem as cinzas. São reputadas de boa qualidade quando dão dez libras por quintal! as cinzas das madeiras mergulhadas ou fluctuantes dão tanto menos quanto mais tempo estiveram na agua, que lhes extrah a maior parte de seus principios mais solaveis.

A materia salina, conhecida no commercio pelo nome de potassa, é inteiramente comparavel, quanto aos effectos, ao alcali contido nas cinzas produzidas pela combustão de madeiras e de muitas plantas; porém, a maior quantidade que se consome procede das madeiras que se queimam nas matas do norte da Europa e da America; acha-se sempre misturada com uma pequena porção de terra. O seu uso é tão commum nas artes que procuram extrah-las de todas

as substancias vegetaes. A agua lodosa do esterco é o proprio esterco pondo-se a seccar e queimando-se n'um forno especial fornecem uma cinza que se vende n'alguns districtos da Bretanha aos que querem fertilisar as suas terras e precisam da potassa que aquelles adubos contém. Cumpre aproveitar todos os estrumes que nunca são de mais para o consumo dos campos, nunca prejudicaram a agricultura. Lavoras sufficientes e adubos convenientes são os grandes meios de riqueza approvados pelo exemplo e a prosperidade das nações que sabem ser agricoltas.

## CINZAS TARTARISADAS.

São resultado da combustão das borras de vinho dessecadas. Preparam-se em larga escala n'alguns paizes vinhateiros; n'outros, ao contrario, as borras e o sarro se vendem aos tintureiros e sombreireiros. Admira que em muitas fabricas de distillação se deixem perder os residuos que ficam nas caldeiras depois de distillada a aguardente, quando é possível, calcinando-os em covas, obter cinza que pôde servir para todos os usos da potassa, principalmente purificando-se como esta.

## CINZAS DE PLANTAS.

São mais abundantes em potassa do que as dos lenhos que mais a fornecem; poisque cem libras de cinzas de ulmeiro sómente dão duas libras de alcali, quando a mesma quantidade de cinza de gyrasces produz o dobro, a do grão sarraceno até cinco libras e a do tabaco oito libras. Á vista destes exemplos incontestaveis, pareceria que um dos melhores meios de obter em abundancia e em toda a parte cinzas carregadas de potassa, seria fazer seccar, antes de amadurecerem as sementes, todas as hervas mondadas dos campos, das hortas, e que o gado recusa comer; como fazem as lavadeiras n'algumas terras. Entre estas plantas, algumas ha que ficam reduzidas a nada logo que apodrecem, ao passo que outras chegam a este estado difficilmente por causa do seu tecido duro e ligneo: lançando-as para o esterco, o que muitos lavradores praticam, as sementes que arrastam os effectos da putrefacção infectam as terras, espalhando com os adubos os germens das ruins hervas.

Não obstante todas as reconhecidas vantagens das cinzas na qualidade de adubos, seria ridiculo reduzir constantemente a esta forma substancias vegetaes, cujo tecido é molle e flexivel, pela razão de que enterradas na terra fornecem, decompondo-se, um estrume mais abundante e muitas vezes mais analogo á natureza do solo que se quer fertilisar, salvo se as plantas servem tambem de combustivel pelo acto da incineração. Esta verdade já foi avaliada devidamente nas costas da Normandia, onde vão diariamente abandonando o uso de queimar as plantas marinhas para fazer o que chamam soda de limos, preferindo os habitantes deixal-as converter em esterco.

## CINZAS DE SODA.

São producto da combustão, ao ar livre, do Kali, e de outras plantas marinhas que se queimam nas praias do Mediterraneo em vallas expressamente fei-

tas, e que pelo calor necessario para reduzi-las a cinzas soffrem uma quasi meia fusão, donde resultam essas massas duras e pesadas, que entram no commercio com o nome de soda. O alcali que contem differo do das madeiras, plantas, borras de vinho, nestas circumstancias; em vez de se dissolver na agua, abre ao ar, crystallisa mais facilmente e tem menos causticidade. Igualmente se aproveitam nas costas do Oceano muitas algas e limos, applicando-se o mesmo processo da combustão dos differentes kalis. Estas cinzas contem infinitamente menos alcali e mais saes neutros, pelo que são menos proprias para os usos em que se recommenda o emprego da soda. Por isso tambem não lhes fazem preparação alguma para serem uo adubo das terras.

## CINZAS DE RELVA.

Nas beiras não trilhadas dos caminhos, em milhares de outros sitios relvosos, se podem achar meios de augmentar o producto das cinzas. Eis o processo que usam em paizes montanhosos como a Saboya. — Cortada a relva o mais miudo que é possivel com um instrumento bem affiado, deixam-na seccar, e para mais facilmente o conseguirem, uns a voltam repetidas vezes debaixo para cima exposta ao sol, outros a mudam de lugar de tempo a tempo sem a voltarem. Estando bem secca, faz-se um pequeno molho de lenha de dois ou tres pés de comprido e um de diametro; poem-se a prumo no chão e vão cercando da relva este molho, ou muitos molhos conforme a porção de herva fazendo outros tantos montes; lança-se-lhe fogo e assim se obtem a incineração.

Quantas terras se tem melhorado muito e muito por se queimarem assim na sua superficie os tojos e outro malto que as cobria! Nota-se sempre que nos campos onde se queima o restolho ou os prados antigos as colheitas são melhores e mais abundantes do que nas terras onde não se empregou a acção do fogo.

## CINZAS DE TURFA.

Além do auxilio que a turfa presta a certas artes e officios e ás povoações onde a lenha é rara, póde servir de muito á agricultura empregando-se ou no estado natural ou reduzida a cinzas, e sobre tudo em todos os casos em que é conveniente o tannino, e outras materias vegetaes, reduzidas pelo correr do tempo ao estado de terriço. As cinzas da turfa, cuja efficacia se reconheceu nos prados, veio por essa razão a ser objecto de commercio n'alguns paizes. Nos arredores de Amiens transportam-nas a sete e oito leguas de distancia, e na Hollanda extrahem a turfa e vão vender as cinzas em carros tão longe que chegam á Flandres e ao Artois. Seria mui vantajoso que onde existem criadouros de turfa, a aproveitassem para substituir a lenha nas officinas e lareiras, do que resultaria ao mesmo tempo um adubo para os prados artificiaes, cuja extensão tão directamente interessa os cultivadores, porque os habilita para sustentar maior quantidade de gados e obterem assim mais estrumes.

As cinzas da turfa parecem-se ás dos vegetaes de que ella é residuo, e ministram segundo as experiencias de Mr. Ribancourt, libras de cinza por dez

quintal de turfa, e mediante a lixiviação duas onças de alcali fixo.

Distinguem-se tres especies desta cinza; a primeira, a que se dá com razão preferencia, provém da turfa mais compacta e menos terrea, é pesada e muito amarellada; tira-se das fornhalhas dos sombreiros, tintureiros, fabricantes de cerveja etc. que fazem uso da turfa. A segunda especie é de um amarello menos intenso, mais leve e menos recozida, provém de turfa não escolbida. A terceira ainda é mais leve, quasi branca; é uma mistura de cinzas das lareiras, produzidas pelas turfás mais communs e tambem lenhas. Muito menos procurada que as outras duas, é por isso muito inferior em preço.

## CINZAS DE CARVÃO DE PEDRA.

São de natureza um tanto differente das que já mencionamos, pois que não contem potassa. Até se nota que o carvão mais bituminoso é o que não só dá menos cinza, como tambem é difficil reduzi-lo a este estado. Na proximidade de algumas populosas cidades onde se queima esse combustivel usam das suas cinzas como estrume. As suas propriedades, principalmente calcareas, as tornam uteis nas terras humidas e de greda; penetram-as e modificam-as, poem-nas em estado de aproveitar mais dos outros adubos indispensaveis que lhes ajuntam.

Esta cinza serve pouco em as artes; apenas entra na composição dos cimentos aos quaes dá grande solidéz e a propriedade de serem impermeaveis á agua.

Diremos n'outro artigo como se faz uso das cinzas para adubo das terras de sementeira.

## PARTE LITTERARIA.

## A NOVIDADE DE D. JOÃO V.

## ROMANCE.

## Capítulo XXXIII.

## DENTRO E FORA.

(Continuado de pag. 166.)

A ronda continuou em passo de enterro, e os officiaes pasmados da subita mansidão do meirinho principiaram a urdir conjecturas e a deitar o anzol para vêr se apanhavam alguma explicação. Entretanto, o corregedor ao depois tão conhecido pela alcunha popular de *Camões da Rocio*, apenas viu que ella dobrava a esquina, tornou para o beco da Imagem, e parou outra vez na esquina. O seu desconhecido passeiava sempre com a mesma paciência.

« Quem se quer bem sempre se encontra! » disse o *Camões* batendo os pés com força no chão como se os tivesse dormentes, e interpel-

lando o vulto. » Não lhe parece que a noite esportou? Sinto as mãos e os pés gelados. Se não tivesse medo de o incommodar, pedia-lhe um favor. »

— « Não tenha. Peça ! »

— « Occorre-me uma idéa. Se em lugar do sr. passeiar em quanto eu assopro nos dedos nos divertissemos correndo alguns passos de espada preta por entreter. Passava o tempo e aqueciamos ! »

— « Daqui a duas horas o mais tardar com mil vontades ! »

— « Mas ahí é que o ponteiro não regula. Duas horas ? Quando dentro de menos de meia preciso fazer as minhas orações ? »

— « Eu desejava servil-o, porém... Diga-me ; a sua devoção é com aquella imagem, ou sobe mais alto ? Em duas palavras : tenciona escalar os muros deste jardim ? »

— « Os muros ? Eu ? O seu passeio sempre lhe lembra coisas ! Mas essa pergunta ?... »

— « Serve para meu governo. Sendo com a imagem, ou debaixo della, póde rezar toda a noite ; não o perturbo. Agora, se é curioso de flores e tracta de as apanhar no jardim, acha-me as suas ordens com duas estocadas. »

— « Agradeço, mas não aceito. Então a sua ronda ? »

— « É para aqui ! » disse o embuçado indicando os muros do jardim de Lourenço Telles.

— « Famoso ! E para o lado da imagem ! »

— « Absolutamente nada. »

— « Pois, sr. embuçado, agora vejo que o melhor é sempre entender-se a gente. Póde guardar as duas estocadas para outra occasião. Eu sou o maior de todos os respeitadores de muros, e ratoeiras. Deus me livre de visitas pelo telhado dos vizinhos ou pelos espigões das cercas. Abborreço os saltos e nunca gostei de me pegar com as paredes. Tenho fracas azas e nenhuma vocação para as carregar de pau. Sou muito pesado para subir ao ar. »

— « Bem ! Ficamos entendidos ? »

— « Até á paz geral, meu amigo. »

— « Basta dizer-me ás horas que deseja, e tem o passo livre. »

— « Mil graças ! E se vier alguém estando eu rezando ? »

— « Darei signal do meu lado. Se fôr do seu, lá se guardará. »

— « Que horas espera ? »

— « Onze por instantes. »

— « Entrego-lhe a esquina, e pego-me com a imagem. »

15 . .

— « Boa fortuna ! »

— « A mesma !... Já lá está ? »

— « Já. »

— « E que vamos ficar em trevas. »

— « Á sua vontade. »

D'ahi a nada o outro da esquina ouviu-o bater as palmas de vagar e a geloia abrir-se. Logo apoz a lampada apagou-se de repente. Neste momento uma nuvem, que passava, cubria a lua. A escuridão tornou-se completa. Principiou depois o murmurio cauteloso de duas vozes que conversam.

Quando acabava de soar a ultima pancada das onze no sino da freguezia, o ouvido fino de Camões sentiu rumor de passos da parte da ingreme e estreita viella, que lhe ficava sobre a esquerda ; e dizendo duas palavras para cima cozeu-se com a parede, tirou a espada, e com ella segura na mão debaixo da capa esperava o que sahiria da aventura. Quem quer que vinha trazia pressa, e uma singularidade (que o não era para o corre-gedor) fazia que andando rijo lhe dessem estalos fortes as articulações dos pés. O Camões, escutando-os, sacudiu a cabeça pouco satisfeito e enrolou-se cada vez mais no seu capote. Por este signal pareceu conhecer perfeitamente a pessoa que chegava.

— « Hum ! « murmurava elle » Moiros na costa ? Aonde irá o chaveco ? Já vejo : a ronda tem obra esta noite. *Con su pan se las coma !* »

Neste momento mesmo o vulto dobrando a esquina, descobriu-o parado e veio direito a elle. O escuro e o chapéo de larga aba resguardavam-lhe o rosto.

— « Salve-o Deus, cavalheiro ! « disse em tom arrogante. » Faz alguma coisa ahí parado ? »

— « Guarde-o Deus, cavalheiro ! « replicou o ministro imitando-o em tudo. » Vai fazer alguma nessa corrida ? »

— « O passeio aquece. Agora parado fôra de horas só quem furta bolsas, ou quem rouba corações. Qual das duas quer ? »

— « Deixo-lh'as ambas ! Siga seu caminho, e não se importe com os mais. »

— « Ah, ah ! Falla-se por aqui muito alto ! »

— « Que mais ? »

— « Vamos a ellas ? » disse o outro arrancando da espada com a capa enrolada já no braço.

— « A minha prompta estava, mas ha uma dificuldade... »

— « Qual ? »

— « Vai longe ? »

— « Longe ! Porquê ? »

— « Porque d'aqui a dez minutos estava mais ao seu dispor. »

— « Verdade fallando eu tambem d'aqui a meia hora... »

— « Bello! Então primeiro a obrigação, e depois a devoção. O que diz? »

— « Estou combinando... »

— « Veja a sua vontade. »

— « É que eu seismo justamente, porque preciso que não vejam para onde vou. »

— « Estamos iguaes. Nem eu quero que vejam aonde fico. »

— « Ah! Então?... »

— « Temos o caso arranjado. Voltam'o-nos ambos para a parede e rezamos tres credos. No fim delles... »

— « Estou pelo ajuste. Mas é meia noite... »

— « Vamos a ellas! »

— « Palavra de homem honrado? »

— « Palavra de rei, se é mais sagrada. »

— « Bem. Comecemos. »

E voltando-se costas com costas, o Camões tornou para a janella da imagem e o desconhecido dirigiu-se para a portinha do jardim, que deitava para o becco, metteu uma chave, e desapareceu n'um instante fechando-a sobre si. Neste instante o desconhecido, que se cubria de frente com a volta da esquina, e que viera avisinhando-se ao de leve chegou ao pé do corredor, e tossiu baixo.

— « Ouviu tudo? » disse o Camões.

— « Tudo. »

— « E o que tenciona fazer? »

— « Passar-lhe as duas estocadas prometidas. »

— « Quer um conselho? Não pegue em braças que se queima. »

— « Isso é comigo. »

— « Olhe que pelo habito nem sempre se conhece o monge. Este homem é muito mais do que parece. Coitado! »

— « El-rei que fosse... era o mesmo. »

— « Como? Pois sendo el-rei?... »

— « Bem sabe, de noite não se vê nada... E um rei a escallar fóra de horas os muros, roubando aos seus vassallos mais do que a vida e os bens, porque lhes roubava a honra, não era rei, era um ladrão. »

— « Pois não tinha duvida?... »

— « De metter a espada até aos copos no corpo do ladrão? Nenhuma! »

— « Então não faz differença entre o sangue real e o dos vassallos? »

— « Faço. O rei é como Deus. Amo-o e venero-o. Mas se descesse a confundir-se com os mechanicos como havia de conhecê-lo? Sobretudo, de noite, saltando muros!... »

— « Acho a distincção perigosa. »

— « Será! Quer fazer-me um obsequio? »

— « Diga! »

— « Sinta o que sentir não accuda... »

— « Se eu aqui ficar sou surdo. »

— « Boas noites! »

— « Com que sempre desencóva a raposa? »

— « Ella é tão agill e o muro tão baixo! »

— « Deus o leve em sua guarda. »

— « Amen! »

Acabado o dialogo, o vulto tomou pelo lado da estalagem, metteu outra chave na porta do jardim, que abria sobre o pateo, e entrou com precaução, cerrando-a de vagar.

O Camões ensbainhou a espada, destracou a capa, e meneando a cabeça, disse dirigindo-se para o sitio, que emprazara a ronda:

— « A comedia está armada e vai optimamente. Trata-se agora de impedir algum lance de tragedia. Servirá v. m.<sup>ca</sup> de Senhora da Paz, sr. Camões! Quando fôr tempo desce da nuvem e faz o milagre. Como s. alteza real não rirá amanhã em sabendo tudo! »

E esfregando as mãos apressou o passo para se unir com os seus officiaes.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

## ESBOCETOS DE TYPOGRAPHIA HUMANA.

### IV

#### O Pedante.

É homem que pisa grave,  
Taeiturno, olhes no chão,  
Que pára de vez em quando,  
Como quem faz reflexão:  
Ora, os hombros encolhendo,  
Sorrindo, dando á cabeça,  
Em signal d'approvação:  
As palavras arrastando:  
Dando-se ares d'importancia...  
Certas obrilas citando,  
Que, chama — insignificancia,  
Simplex — mera distracção...  
Que... talvez, mande imprimir,  
Se o fizer — por apoucar —  
A pedidos amigaveis...  
Porque — para — as obras do nome,  
Essas — qual vedado pomo —

A bom recado lá fazem;  
 No segredo da carteira,  
 Deixal-as (diz) fóra asneira,  
 Em seculos de vapor,  
 Saír coisa de primor,  
 D'uma erudição massiça,  
 Com que a propria auctoridade,  
 Por mais forte — persuadi;  
 Defendendo-a na liça,  
 D'alheios textos cercada.  
 Como o cepo na cortiça.  
 — Obras de penna aparada,  
 O que valem hoje? — nada!  
 Pois tenho-as: — d'assumpto vario,  
 Sobre letras, bellas-artes...  
 Não faço dallas rosario;  
 Por amostra só lhes cito.  
 Um extenso manuscripto,  
 Apoiado em citações,  
 Que sommam alguns milhões.  
 — E sobre que? — Rir-se-ia  
 O commum dos litteratos,  
 Que pela rama aprecia.  
 — Eis o ponto discutido:  
 Saber anno, mez e dia,  
 Terra, e nome do auctor,  
 Que tocára a vez primeira,  
 Com vaquetas o tambor!  
 — Não de saber que o pandeiro  
 É d'origem anterior:  
 E que embora tambem ôco,  
 Foi sempre tocado a sóco!  
 São instrumentos de pelle;  
 Ambos, d'abafado estrondq;  
 Plantas da mesma familia...  
 Porque não foi, logo, aquelle  
 Como pandeiro tangido?!  
 — Seria fortuito acaso?  
 Ou, porque d'Eustachio a trompa,  
 Recebe as sonoras ondas...  
 Mais gratas, se com mór pompa?  
 — Eis ahí, outros novos pontos,  
 Da prima these pendentes,  
 Que todos — além de varios —  
 Puz em termos concludentes  
 Trabalhei, mas consegui.  
 Paga do espinho o rigor,  
 Alcançar mimosa flor!  
 Mas, ninguém apanha trutas,  
 Com bragas de todo enxutas:  
 Dão-se annos ao officio,  
 Em pontos de magnitude:  
 Pontos que... — já se não tratam  
 Hoje... — o tempo vae propicio,  
 A essa doida juventude,  
 Que faz bolas de sabão,  
 A que chama — inspiração!  
 Escriptos de palmo e meio;  
 Mas, qual perum sem recheio,  
 Vasios de citação,  
 Nem uma nota sequer...  
 Desses faça-os quem quizer.  
 — Tambem, um ponto de historia,  
 De, não menor transcendencia,  
 Discuti, n'uma memoria;

Em que trata da — *excellencia*,  
 Deesse tom, alto-distincto,  
 Em teclas de nobiliario;  
 De que o bom tempo de outr'ora,  
 Tão poupado sempre fóra,  
 Quanto o de hoje é perdulario.  
 — Trato pois, d'uso e abuso,  
 As raizes da palavra,  
 Seu valor... — e assim proponho,  
 O remedio ao mal que lavra,  
 Li muito, consultei mpto;  
 Gregos, Persas e Romanos,  
 Sem fallar em lusitanos;  
 Tudo auctores, já se vê,  
 De auctoridade sem contra,  
 Todas de cutiliquê  
 E sem basofia, confesso,  
 Tratei o caso — *ex professo*!  
 O texto é para as notas,  
 Como dez para cem mil:  
 Qual tenue flor borrifada,  
 Por fresca manbã de abril.  
 Obra, em fim, bem meditada,  
 Verdadeiro suplemento,  
 Á nossa nobiliarchia;  
 Digna de tomar assento,  
 Nos fastos da academia!  
 — Heide offerecer-lha. Bem sei,  
 Que depois de reformada,  
 Val pouco, ou talvez nada...  
 Apesar disso direi...  
 Por esta, ou por outra via,  
 Será sempre Academia!  
 Embora, o pó venerando  
 Dos vetustos espaldares,  
 Se limpe de quando em quando,  
 E que revoltos nos aras,  
 Assombre o ambito lucido  
 Da litteraria mansão,  
 Será, qual subito, tetrico,  
 Relampejante clarão,  
 Que o sereno atmosferico,  
 Perturba em noite de verão!  
 Sim, regrada Academia!  
 (Isto diz em tom mais baixo,  
 A cabeça com respeito,  
 Inclinação sobre o peito);  
 Em breve serás volvida,  
 Ao scientifico remanso  
 D'auctorisado ripanso!  
 Em breve! — Mas não te esqueças,  
 Deste meu sabio conselho,  
 Presente d'amigo velho:  
 — Desterra verdes cabeças,  
 De teu grave sanctuario;  
 Esses dragões da etiqueta,  
 Em que pulula fervente,  
 O virus revolucionario!  
 Esses, assopros de gente,  
 Que mechem mais n'uma hora,  
 Do que um boi um anno á nóra  
 Convida, agasalha, aqeita,  
 Com — *privilegio exclusivo*,  
 Esse, a quem Vossa Magestade,  
 Que no olhar contemplativo,

Na serena compostura,  
 No branqueado cabello,  
 Na regulada figura,  
 Attesta da idade o sello.  
 Esse sim, que alheio ao mundo,  
 Passo a passo, irá sulcando  
 Da sciencia o mar profundo!  
 Esse, sim, seja teu socio:  
 Com elle farás negocio.  
 — Cumpra o céu meus justos votos,  
 Serei um de seus devotos.  
 E quando Atropos cruenta,  
 Poser ponto na carreira  
 Deste ser que me avienta;  
 Ficarás por minha herdeira.  
 Teus serão meus manuscriptos!  
 E; em aramadas estantes,  
 Ficarão por documento,  
 De nosso commum talento:  
 Do que valem são labores,  
 No voto d'entendedores!  
 Ver-se-hão nesses espelhos,  
 Atrevidos rapazelbos!...

! Ui! Grita o Pedante  
 Um pé retirando,  
 Que joven litterato  
 Ao ponto passando,  
 Lhe fóra pisando.  
 Ouviu, conheceu;  
 E *sás*, pizadella,  
 Lhe prega o judeu;  
 Dizendo baixinho:  
 Melhor te assen'ára  
 No chato focinho.  
 E vae por diante,  
 E fica o Pedante;  
 Cortando no fato  
 Do doido litterato,  
 Dizendo: grosseiro!  
 Bem mostras quem és.  
 O mal na cabeça  
 Reflecte nos pés.  
 Bom, ou mau estudo,  
 Revela-se em tudo!  
 Sem erudição,  
 Nem ha creação!...  
 — E nisto que pára,  
 Attenta, repara;  
 Tom grave retoma  
 Ao vêr, em redoma;  
 Figuras de gesso.  
 Era n'um basar:  
 E vel-o a entrar.

*Pedante.*

Eis um grupo de alto preço  
 Original de Canóva,  
 A *maneira* lhe conheço  
 Seja antiga, seja nova,  
 Obra sua, ao vel-a explore  
 De relance a classifico.  
 Quasi o mesmo a todas faço,  
 Já se vê — sendo d'auctor:  
 O *estilo* d'obra do artista;  
 Por outra, — o *capo-favor*!

— Estatua, de grande mestre,  
 Quer, a cavallo, ou pedestre,  
 Baixo-relevo, pintura,  
 De paisagem, ou figura...  
 Quadro a oleo, a cola, a fresco,  
 Flores, fructas, arabesco, .... —  
 Apresentem-mos; — verão;  
 Prompta a classificação!  
 — É um dom particular...  
 Tenho visto professor,  
 Ante um quadro duvidar,  
 Já d'escola, já d'auctor...  
 Eu cá nunca. Apenas vi,  
 Como Cesar, — conheci!  
 — Entretanto, boqui — aberto,  
 Ao ouvil-o, o *Bazarista*,  
 Das coisas, que tem na loja,  
 Abre volumosa lista,  
 Pedindo-lhe — por favor,  
 Seja dellas julgador.  
 Ao que o balófo pedante,  
 Satisfaz no mesmo instante,  
*Pedante.*

Chama-se aquillo esboceto.  
 É copia d'Hespanholeta:  
 Inda que fosse ás escuras,  
 Eu lhe via as tintas duras!  
 — Esta, é a aurora de Guido.  
 Raro, sublime portento!

*Bazarista.*

Parece-me ter ouvido...

*Pedante.*

Dar-lhe outro nome — Ah — de certo,  
 É a queda de Phaetonte,  
 Tudo são carro e cavallos...  
 Ambas são do horizonte...  
 — Oh! aquellas vacas e corça,  
 São de Rubens: só — por força.

*Bazarista.*

« — É obra d'um portuguez,  
 Inda rapaz, — meu freguez.

*Pedante.*

— Agora vejo melhor:  
 São de merito inferior.  
 Portuguez, — só de Grão Vasco,  
 Alguma coisa de Vieira,  
 Muito pouco de Sequeira;  
 E de Pedro Alexandrino  
 Quando muito — algum menino,  
 Nada mais —; lindo moissico!  
 É das ruínas d'Herculano,

*Bazarista.*

« — Dizem ser italiano. »

*Pedante.*

— Qual! Não lhe vê o texto hebraico,  
 A adherencia d'argamassa?!  
 — Oh! bellissima armadura?  
 Pelas covas dos pelouros,  
 Pela fórma... — é a couraça  
 De Gonçalo, o traga-mouros  
 —; Bem conservada loriga?  
 Esta, é de Lopo Barriga.  
 —; Tambem um genuflexorio!  
 Conserve-o a bom recado  
 E de saber que bordado,



Fôra p'la senhora infante  
 Filha do muito esforçado  
 Senhor rei Affonso quinto;  
 Sabia heroína prestante.  
 Que fundou real mosteiro,  
 Das dominicas de Aveiro.  
 — Assim, a torto e a direito,  
 Quanto vê, de prompto explica  
 Em fossil parvo conceito,  
 De frase secca e bastarda,  
 Diploma — de asno perfeito.  
 Ou *de jure* — Dom albarda.  
 Do bazar segue até casa,  
 Na mão esquerda a bengala.  
 Em que pega, com doçura:  
 De pantada compostura,  
 Na rua como na salla.  
 Leve aceno de cabeça  
 Dando só por cumprimento,  
 Salve a seges ou fidalgos,  
 Em que, altera o movimento;  
 O chapeo, com a mão direita  
 Pouco a pouco levantado.  
 Em linha recta descendo.  
 Cópia acima — braço ao lado.  
 Chega emfim. Entron. Despido,  
 Em talar roupa de chambre,  
 Bate á porta — comedido.  
 Velho alegre — mesureiro:  
 Colete de acolchoadinho,  
 Curta nisa — pescocinho...  
 Era seu mestre barbeiro;  
 Um portento em novidades,  
 Rapa-coiro jubilado.  
 Outr'ora, — moço de frades.  
 — O Pedante, ja sentado,  
 E de rosto ensaboado;

*Pedante.*

Então, mestre, que ha de novo?  
 O que ouviu? Que diz o povo?

*Barbeiro.*

Dizem, que desembarcara  
 Um francez. — Mas já lá vae,  
 Não, por bom, não veiu elle...  
 Homem, que entra e logo sae!..

*Pedante.*

Ah, conheço, sei quem é,  
 A mais aparada penna,  
 Que navega hoje no Senaa.  
 O grande monsieur *Thrist!*

*Barbeiro.*

Conhece-o v. excellencia?

*Pedante.*

Um astro de sapiencia,  
 A quem a Europa admira!..  
 Somos em correspondencia  
 Veja — ahi — nessa carteira...  
 Tire uma carta: — a primeira...  
 Essa mestre. — Abra; leia:  
 E verá! o que em Paris  
 De meus escriptos se diz!

*Barbeiro.*

Mas é que...

*Pedante.*

Ah não peresba

A lingua de Fenelon?  
 Dos Boileaus, e Flechiers?!  
 Pois não sabe o que é bom,  
 O que seja, quanto val,  
 Esse idioma universal,  
 Vencedor, em harmonia,  
 Das linguas do meio dia.  
 Hoje, quem não diz francez,  
 É nas letras um index.  
 Mas... em fim, como não sabe. —  
 Vou-lhe a carta traduzir.  
 Nunca se faz bem sentir,  
 Original expressão,  
 Quando dada, em traducção:  
 Todavia... — E logo a carta  
 Ora verte, agora inverte;  
 Ageitando-a, da maneira,  
 Para si mais lisongeira  
 — Agora, que venham xoilos!  
 Grita, em pé — carta na mão,  
 Uma face barbeada,  
 Outra, cheia de sabão.  
 Ante mim se hão de curvar,  
 Como aos santos no altar!  
 Quem passe tal documento,  
 Póde as vélas dar ao vento;  
 Affrontar rudes *cachópes*,  
 Mal creados, vira-cópos!  
 Que mordam! Mas, ai, se um dia,  
 Com a ferrea lingueta,  
 De pequenina gaveta...  
 ; Daquelle! — E nisto aponta:  
 Pára. — O pingo do nariz,  
 Limpa, e trovejando diz:  
 Ai delles! Que sem demora,  
 Serão terra, cinza, nada!  
 A boceta da *Pardora*:  
 Tenho alli! — São as asneiras,  
 Por ordem *colleccionadas*,  
 Dessas pennas decantadas,  
 Sabichonas, — a la moda!  
 Ah que se lhes faço a póda!...  
 Coitados! Pobres fedelhos!  
 Já os vejo, de joelhos,  
 Humil *penitét* erguendo;  
 Oh! illudem-se, — que então,  
 Será tarde! — Em ultimatum,  
 Dar-lhes-hei, redondo — não!  
 — Isto acaba, em voz de *Afa*  
 Bate o pé: — abana o chão,  
 Esvoaça-lhe o cabello,  
 Da caréca, apenas sello!  
 E em desplante, — qual caturra,  
 Jogador d'espada preta,  
 Aponta para a gaveta!  
 — O mestre que mudo e quedo,  
 Em grato *ebucarrubio*,  
 Na parola pedantesca,  
 Tinha d'atenção o fio;  
 Recua, tropeça, cae.  
 Navalha, sabão, bacia,  
 Já se espalham pelo chão:  
 E, quasi falaa, em bacia,  
 Ou d'Alhandra e marachão,  
 Eil-os d'agua, ambos cercados,

Os dois pés envernizados,  
Do pedante sem sabor.  
— De seu quichote furor,  
Já sereno; — eil-o pergunta  
Por theatro, por egrejas:  
Sagrado e profano, ajunta,  
De tal peça o enredo explica;  
Nota as inverosimilhanças:  
Louva o canto, exclue as danças;  
Que chama — por excellencia,  
Tanques de concupiscencia!  
Diz, a origem do lausperenne,  
Descreve-lhe as ceremonias.  
Toca em pontos d'hygiene,  
Ao barbeiro aconselhando,  
Nas comidas e bebidias,  
Sobre o modo, o como, e o quando.

— Emfim, na rua, ou em casa,  
Pense, falte, escreva, leia,  
Ande, páre, vista, calce,  
Dá sempre co' pé na péa.  
— *Terrestre-humano cometa,*  
Cuja órbita confusa  
Reflecte a cor do mau gosto,  
Em etudicção abstrusa:  
De longa vida, constante,  
Onde o bom siso é snão,  
E o ridiculo gigante:  
Assim é — mais sim, mais não,  
O bufo — sério, pedante.

Seiembro de 59.

J. DA C. CASCAES.

### HISTORIA PATRIA.

#### A praça d'Almeida em 1810.

(Continuada de pag. 141.)

Se Alorna foi ou não culpado, é ponto que por agora não ousariamos conscienciosamente resolver; e comtudo isso parece-nos que, na medida que lhe poz a cabeça a premio, andára muita precipitação e iniquidade.

Seneca dizia:

*« Qui statuit aliquid parte inaudita altera  
« Equum licet statuerit, hquid equus fuit.*

Mas o governo de Lisboa, esquecido deste aviso, ou antes deste preceito, que anda nos codigos de todas as nações, arrogando-se tambem as attribuições judicarias, condemnou aquelle militar sem o convencer, e até sem o ouvir.

Almeida entregou-se no dia 28., e a predita portaria foi lavrada em Lisboa nove dias depois, isto é, sob as primeiras impressões que fizera a vva da inesperada capitulação, e por consequencia muito antes de com imparcialidade se

poder averiguar a culpabilidade daquelle homem. Póde-se pois mui bem presumir que os governadores irritados e cegos pelo terror que semelhante nova lhes causara, e ao publico, e talvez tambem por obediencia aos seus habitos de ferocidade, assignaram aquella portaria sem pensarem que a notoriedade do facto, e a presença das proclamações assignadas com o nome d'Alorna, não os auctorisava a tão irreflectido procedimento, nem como governadores, nem como juizes. O poder, que respeitasse as leis, jámais se abalançaria a pôr a preço a cabeça de um cidadão, salvo depois de condemnado pelas respectivas auctoridades, principalmente não havendo para a sua nação risco algum em esperar pelo preenchimento das formalidades legais. É que nas monarchias absolutas os que governam communmente só dão importancia ás suas cabeças, isto é, ás que menos valem, como frequentemente acontece.

A duqueza de Abrantes transcreve nas suas memorias (24) uma carta da marquez de Alorna, enviada de Villa Viçosa para Lisboa em 18 de novembro de 1807 ao coronel Cailhé de Geisne, então ao serviço portuguez. Ora, este documento, curioso pela notavel mistura de bom senso e de loucura que ali reina, talvez em parte nos explica as causas do subsequente procedimento daquelle general, e da perseguição que lhe fizeram.

Alorna começa-o mostrando-se assaz enojado da alliança britannica, e manifestamente lhe prefere a franceza: acha ser já tempo de os portuguezes comerem manteiga extrahida do leite das suas vaccas, e vestirem a lã dos seus carneiros, sem esta ir primeiro viajar até á Grã-Bretanha; porém, depois parece declarar-se sebastianista, e conta ao coronel uma prophecia, segundo a qual Napoleão, nascendo na Corsega, era descendente do rei D. Sebastião, e vinha a ser antes de origem portugueza do que franceza. Ao heroe corso, na fórma daquelle predicção, era reservado um 5.º imperio. Lisboa constituiria parte delle, e do Tejo iria uma expedição conquistar e christianisar todo o continente asiatico, depois do que a idade de ouro renasceria.

Mal pensaria o marquez que dez dias depois de escripta a sua carta, as legiões do monarcha do seu 5.º imperio occupariam Lisboa; e comtudo, bem póde ser que esta subita e inopinada occupação ainda mais o persuadissem da veracidade da prophecia, e que dominado pelo seu tão notorio e louco fanatismo, bem como pelo tedio

que lhe inspiravam o jugo inglez, e a fuga da real familia, elle, em vez de imitar o patriotismo de Gomes Freire, se dedicasse aos invasores.

Fosse, porém, qual fosse a origem do seu proceder, o que se não pôde contestar, é que Junot confiava em Alorna a ponto de em 22 de dezembro (25) o nomear inspector-geral e comandante de todas as tropas portuguezas estacionadas em Trax-os-Montes, Beira e Estremadura, cargos que elle sem hesitar aceitou. Mas, ou porque essa confiança não fosse tão ampla como o mencionado decreto inculcava, ou porque diminuise, ou por outras causas, o governador de Paris, pouco depois, honrosamente o desterrou, decorando-o com o posto de general em chefe das tropas portuguezas enviadas a França. A viuva de Junot confessa (26) que seu marido remettendo a Napoleão o marquez de Alorna, Gomes Freire, J. Brito Mosinho, M. Brito Mosinho, o marquez de Ponte-de-Lima, e outros officiaes, buscava desviar do paiz os elementos da revolta. E não prova isto que o general, não obstante toda a sua aversão para os brejotes, começava a descrever nas gloriosas illusões do 5.º imperio?

Mas, além deste argumento, outros bem mais positivos existem em favor daquelle homem, sobre cujo tecto como que desde 1758 pesava um fado maligno.

J. A. DE CARVALHO E OLIVEIRA.

(Continúa.)

## NOTÍCIAS E COMMERCIO.

Falleceu esta manhã o sr. Manuel Gomes da Costa S. Romão.

Esta infausta noticia ao correr a cidade levava a dor mais pungente ao coração dos seus muitos amigos, e o sentimento de uma grande perda para o paiz a todos quantos o conheciam.

Homem mais portuguez não o havia — alma mais elevada e caridosa não a conhecemos. São muitos os amigos que tem de chorar a sua falta irreparavel — são ainda mais as familias para quem expirou o pae e protector que não sabia socorrer senão pelo preceito do Evangelho.

Se o exemplo é a mais segura lição de moralidade, muitos factos da sua vida o fazem um modelo de probidade e virtude, digno de se imitar. Acções

(25) Decreto no observador portuguez p. 77.

(26) Mem. Tom 13 p. 137.

houve na sua vida das quaes uma bastaria para ornar de respeito e admiração uma larga existencia.

Na quadra de suspeição e invejas em que vivemos nem a calumnia ousa, como a sombra, ofuscar a gloria que cerca o nome do amigo sempre igual, de homem sempre franco e caridoso.

Ha muito que a morte de um homem não causa tantas lagrimas e tanta saudade.

Desprendido como foi sempre das grandezas da terra, as suas virtudes terão na mansão eterna o premio em que os justos acreditam.

G. J. RIBEIRO DE SÁ.

**Productos agricolas.** — Escrevem de Badajoz: — Appresentou-se um outono magnifico, e as esperanças de uma boa colheita de azeitona e de bota serão uma realidade, assim como o foi a dos cereaes e uva. Se o mesmo acontecera nas demais provincias, seria nesta parte um anno feliz para toda a Hispanha.

**Memoria.** — No espaço de seis semanas falleceram os tres generaes mais celebres nos feitos militares europeus em a primeira terça parte do presente seculo: o marechal Wolkowsky na Russia, o duque de Wellington na Inglaterra, e o duque de Baten na Hispanha. A nas de tres pontes com machina de helice, chamada Windsor-Castle, que foi deitada ao mar no mesmo dia do fallecimento de lord Wellington, mudará de nome e em memoria do illustre general se denominará *Duque de Wellington*. Os dois navios de mais força que existem pertencem ás marinhas de França e de Inglaterra. A França tem o *Napoléon*; e o nome do seu rival foi dado á maior embarcação que até hoje se tem construido, o *Duque de Wellington*, cuja artilheria pôde disparar n'uma só descarga 4.500 libras de metal.

## THEATRO DE S. CARLOS.

A epocha actual do nosso theatre lyrico promette ser das mais brilhantes e agradaveis que temos tido. Não são já simples conjecturas, esperanças fundamentadas, ou informações favoraveis, que nos determinam a fallar do merecimento da companhia escripturada pelo sr. Porto:

É a realidade que se nos offerece, e é della que podemos julgar. Nas tres operas que no curto espaço de quinze dias nos deu a empresa, o *Nabuco*, a *Somnambula*, e *Os Dois Foscari*, debutaram successivamente todos os artistas de canto, de modo que estamos já habilitados, senão a formar um juizo seguro e definido, pelo menos a dizer que a companhia nos parece no seu complexo muito regular, digna de figurar honrosamente em um theatre de primeira ordem como é o de S. Carlos de Lisboa, contando alguns artistas de merecimento não commum, entre os quaes particularmente se distingue a primeira dama M.<sup>me</sup> Anside Castellan. Barabens, pois, ao sr. Porto pelo bom azilo que teve na parte mais importante da sua missão.

Enquanto a M.<sup>ma</sup> Castellan, nunca dama alguma se apresentou entre nós precedida de tão alta reputação artistica, e percorrendo uma carreira tão brilhante. M.<sup>ma</sup> Castellan tem pisado os principaes theatros da Europa, e em toda a parte tem sido acolhida com os maiores applausos. Paris, Londres, S. Petersburgo, e algumas das principaes cidades d'Italia, tributaram já o seu apreço a esta cantora insigne, que rival da Grisi e da Persiani, conseguiu em algumas operas igualar o nome adquirido por aquelles dois astros luminosos do mundo theatral.

Não admira, portanto, que o nosso publico estivesse ancioso pela apparição de M.<sup>ma</sup> Castellan na *Somnambula*, e que ella fosse acolhida com todos os signaes do mais vivo enthusiasmo.

Não tractaremos aqui do merecimento daquello *partito*, porque não fôra senão repetir o que tantas vezes se tem escripto. E quem haverá dos frequentadores do theatro lyrico que não conheça as produções do insigne Bellini, que se não extasie ao ouvir os cantos ternos, inspirados, e suavemente melancolicos que deram um nome immortal ao auctor da *Norma*, da *Beatriz*, e de *Romeo e Julieta*?... Bellini é decididamente o *maestro* da nossa predilecção, porque nenhum como elle soube ainda fallar tanto ao coração, e commover-nos a ponto de nos assomarem involuntariamente as lagrimas aos olhos em diversas situações dos seus *partiti*.

Foi, pois, a *Somnambula*, a opera que M.<sup>ma</sup> Castellan escolheu para assignalar a sua estrêa perante o publico de Lisboa, para marcar mais um triumpho na sua brilhante carreira. Dotada de uma figura agradável, de uma linda voz, robusta, sonora, e muito igual, esta artista reúne a uma agilidade extraordinaria uma afinação sempre perfeita. Percorrendo com a maior facilidade a extensa escala da sua *tenitura*, o canto de M.<sup>ma</sup> Castellan, apesar de não ser, na nossa opinião, do genero propriamente dramatico, seduz-nos comtudo pelo esmero, e delicadeza da execução, pelo seu bello estylo, e pela nitidez e precisão musical com que executa os trechos mais difficeis.

Mas se concedemos desde já a M.<sup>ma</sup> Castellan, como cantora, o primeiro logar entre as damas que temos tido no nosso theatro, não podemos dizer outrotanto como actriz, que nessa parte nem sempre nos pareceu corresponder ao grande talento musical, que todos lhe reconhecemos. Comtudo reservamo-nos para quando a tivermos visto representar a *Lucia*, a *Norma*, e outros papeis importantes, para então emitirmos um juizo mais seguro a este respeito.

Inutil é dizer que M.<sup>ma</sup> Castellan foi acolhida em todo o decurso da opera com espontaneos e repetidos applausos, porque o nosso publico é bastante intelligente, e nunca deixa de tributar a devida homenagem ao verdadeiro merito. A insigne *debutante* foi chamada por diversas vezes ao proscenio, em uma das quaes teve a delicadeza de apresentar aos espectadores o sr. Porto, a quem pertence de certo uma parte daquelles applausos pela optima acquisição que fez.

O sr. Swift, que igualmente se estreou na *Somnambula*, é um tenor de meio caracter, com uma voz melodiosa e delicada, usando do *falsado* com muita propriedade e afinação, e canta com *sentimento* a parte do prometido esposo de *Amina*. A sua *escôla* é

boa: dizem-nos que foi discipulo do eximio *maest'ro* Schira em Londres, e que não havia ainda cantado em theatro algum. Effectivamente, o sr. Swift resente-se como cantor, e muito mais na sua acção, dos defeitos que são proprios em quem apenas começa a pisar o palco; notámos-lhe, porém, todas as disposições necessarias para vir a ser um artista distincto. É verdade, que o seu repertorio ha de ser sempre limitado, porque a sua voz carece da força e energia indispensaveis em muitas operas; mas nas partes que forem adaptadas aos seus recursos vocaes, como na *Somnambula*, elle ha de dar sempre muito boa conta de si.

A sr.<sup>a</sup> Denovani confirmou nesta opera a boa opinião que della formámos quando a vimos debutar no *Nabuco*. É uma artista de muitas esperanças; tem uma voz extremamente sympathica, e bastante intelligencia artistica, e vae-se desenvolvendo menos mal sobre a scena: com estes requisitos, não duvidámos prognosticar-lhe desde já um brilhante futuro, se fôr assidua e constante no estudo da sua arte. O publico tem recebido esta dama não só com agrado, mas com manifestas provas de favor e sympathia. Não faltou quem taxasse de exaggerados os applausos que lhe foram prodigalisados; é preciso, porém, notar que esses applausos não significam meramente um signal de approvação, mas são principalmente destinados a animar uma artista principiante. Não podemos, pois, censurar essa manifestação do publico, nobre e generosa, porque tende a favorecer o talento n'uma carreira espinhosa, onde ha tantas difficuldades a vencer, tantos obstaculos a superar.

O sr. dell'Aste vae cada vez justificando mais o conceito em que é tido de excellente artista. Se no desempenho da parte do velho *Zacharias* no *Nabuco* conseguiu captar as sympathias de todos, não foi menos feliz na segunda opera. O sr. dell'Aste é dos melhores artistas que tem a actual companhia, e nisto está o seu maior elogio.

Tivemos no domingo *Os Dois Foscari*, de Verdi, para debute da primeira dama Rachel Agostini, e do primeiro tenor Prudenza.

Não nos julgamos habilitados por uma unica representação para emitir um juizo seguro acerca dos dois artistas debutantes; comtudo diremos, que a sr.<sup>a</sup> Agostini tem uma bella voz de *soprano*, argentina e robusta, principalmente nas notas agudas, e canta com bom methodo. O visivel temor de que esta dama se achava possuida, por ser a noite do seu debute, não lhe permittia usar de todos os seus recursos, mas assim mesmo ella conseguiu agradar, e ser applaudida.

O sr. Prudenza é um tenor de merecimento: a sua voz, senão muito volumosa, é de um timbre agradável, e bastante extensa, e o seu estylo de canto pareceu-nos muito bom.

Enquanto ao sr. Bartolini, só diremos que no desempenho da diffiil parte do velho *Doge*, este artista nada deixou a desejar.

Consta-nos que teremos brevemente occasião de admirar M.<sup>ma</sup> Castellan, na *Lucia de Lammermoor*, esse chefe d'obra musical do illustre Donizetti.

DEMETRIO RIPAMONTI,

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 10.

QUINTA FEIRA, 28 DE OUTUBRO DE 1852.

12.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### CALENDARIO.

#### VIII.

*Festas moveis.* — A Resurreição do Salvador seguiu-se quasi immediatamente ao equinoccio vernal; decidiu-se, portanto, celebrar a paschoa pela epocha em que succede aquelle phenomeno astronemico.

A Resurreição seguiu-se a um plenilunio ou lua cheia; pareceu, pois, conveniente que interviesse o giro do satellite da terra na fixação do dia de paschoa.

Eis como se marca a festa da paschoa para qualquer anno. Suppoem-se que em todos os annos o equinoccio succede aos 21 de março: procura-se em que dia, depois do equinoccio, tem logar a primeira lua cheia; o domingo de paschoa é o que se segue immediatamente a essa lua cheia. Resulta que a paschoa não póde cahir antes de 22 de março, porque o preceito manda que será no primeiro domingo passada a lua cheia, se esta lua cheia fôr a 21 ou depois de 21 de março. — O outro limite ou a data mais longe em que se póde celebrar é 25 de abril. Com effeito, se a lua cheia fôr a 20 de março não será a lua paschal; essa lua cheia será a 18 de abril, e se este dia fôr domingo só no domingo seguinte, 25 de abril, poderá celebrar-se a paschoa.

A festa da paschoa cahiu a 22 de março nos annos de 1598, 1693, 1761, 1818, e ha de vir no mesmo dia em 2285. Celebrou-se a 25 de abril em 1666, 1734, e ha de vir nesse dia em 1886, 1943, 2038, 2190 etc.

De 22 de março a 25 de abril, comprehendidos estes dois, vão 35 dias; em qualquer del-

les póde cahir a paschoa. As festas moveis, taes como a Ascensão, Pentecostes ou domingo do Espirito Santo, a Trindade, o Corpus-Christi, cuja collocação no anno é separada da paschoa por um numero determinado de dias, variam proporcionalmente dentro dos mesmos limites dos 35 dias.

Quando pela primeira vez se adoptou a regra que fixa o dia de paschoa, havia sobre o movimento da lua e do sol idéias que as observações não confirmaram; todavia fixa-se a lua paschal segundo esses preconceitos, empregando periodos, que adiante indicaremos, regulados pelo aureo numero, as epactas etc.

Esta lua paschal, que é de pura convenção, póde chegar a seu plenilunio dois dias antes ou depois da lua verdadeira ou astronomica. Por isso, em 1798, a paschoa, que na conformidade do giro real da lua, seria celebrada no domingo, 1 de abril, só o foi no domingo immediato. Outro exemplo: regulando-se pela lua visivel, a festa da paschoa em 1818 celebrava-se aos 29 de março, porém, cahiu no dia 22, tomando-se para reguladora a lua ficticia.

Pergunta-se, se não seria mais natural tomar por guia a lua verdadeira em logar da lua media ou ecclesiastica. Responde-se: — o tempo, theorico em que a lua verdadeira chega a ser nova depende das taboas astronomicas de que se faz uso e que sem cessar se vão aperfeiçoando; o resultado annuciado em certas taboas seria desmentido pelas taboas novas; a epocha da celebração da paschoa não seria determinada anticipadamente com certeza. Este inconveniente, com effeito, legitima a escolha que se fez de uma lua media, chamada lua ecclesiastica para os usos do culto.

A estas razões peremptorias juntaremos outra que não reputamos do mesmo valor. Segundo Clavio, não fôra licito fixar a celebração da festa da paschoa pela lua verdadeira, porque essa festa concorreria com a paschoa dos judeus, o que seria indecoroso.

As complicações innumeraveis que se notam no calendario ecclesiastico procedem de que os reformadores não quizeram referir-se exclusivamente ao anno solar. No entanto (e o proprio Clavio o reconhece) a egreja em 1582 tinha o direito de tirar ao dia de paschoa o caracter de festa móvel, e de a fixar invariavelmente, por exemplo, no primeiro domingo de abril.

Já mencionámos a relação simples que Meton julgou poder fixar entre a duração do anno astronomico e a das lunações. Vimos que pelo seu methodo 19 annos astronomicos formavam um numero de dias igual ao que compõe 235 mezes lunares synodicos, pelo que ao cabo do circulo de 19 annos, as phases da lua deviam reproduzir-se nos mesmos dias do anno solar, nos dias da mesma denominação.

Suppondo que, segundo aquelle methodo, se reparte o tempo em periodos successivos de 19 annos cada um, e que a lua cheia, n'um desses periodos, vem a cahir, por exemplo, a 3 de março do quinto anno, será no dia 3 de março do 5.º anno de todos os periodos seguintes que haverá também lua cheia; o mesmo succederá com todas as outras phases. Basta, pois, ter observado essas phases n'um primeiro periodo de 19 annos para poder predizel-os nos outros periodos da mesma duração, que seguirem ao primeiro n'um intervallo qualquer.

Os numeros do primeiro periodo e os correspondentes de todos os outros denominam-se *aureos numeros*; variam pois de 1 a 19 inclusivamente.

Por meio dos aureos numeros e das observações da lua feitas n'um primeiro periodo de 19 annos se determinavam, antes do concilio de Nicea, para qualquer anno as phases lunares. Tinham convencionado fazer corresponder o primeiro dia do primeiro anno de um periodo de 19 annos, ou de Meton, a uma lua nova.

Os periodos sobre os quaes a igreja estabeleceu os seus calculos não são a continuação dos periodos usados anteriormente; ha entre as duas series uma lacuna.

*Epactas.* Na epocha do concilio de Nicea

\* A palavra *epacta* vem de uma palavra grega, que significa — numero adicional.

imaginou-se, para calcular as luas novas e por consequencia as luas cheias, cujas datas fixassem as da celebração da festa da paschoa, um methodo particular: este processo não obriga a recorrer a observações anteriores deste astro, como o de Meton ou do aureo numero: chamaram-lhe « methodo das epactas. »

Conhecida a idade da lua no primeiro dia de um anno, pode-se determinar facilmente todos os dias do mesmo anno em que será lua nova e lua cheia. Para o uso do calendario ecclesiastico, basta, portanto, achar a idade da lua no 1.º de janeiro de cada anno; a essa idade chama-se a epacta.

Eis como o concilio de Nicea regulou a successão das epactas;

Se a lua foi nova á meia noite do 1.º do anno, sel-o-ha também no 355.º dia desse mesmo anno, pois que 12 lunações se compoem de 354 dias; e sendo commum o anno, a lua terá 11 dias quando começar o anno novo. Este numero 11 será a epacta do segundo anno, e servirá para determinar todas as luas novas desse anno.

Visto que 354 dias constituem 12 lunações, no 355.º dia do 2.º anno a idade da lua será de 11 dias: 11 dias mais tarde, ou no principio do terceiro, a idade da lua será 22; por tanto 22 será a epacta do terceiro anno.

No 355.º dia do 3.º anno a idade da lua sera também 22; 11 dias mais tarde ou no começo do 4.º, a idade da lua sera 33, o que quer dizer que se contou uma 13.ª lunação no anno precedente, e que 3 é a epacta do quarto anno.

Ajuntando sempre 11 á epacta de um anno, e cortando 30 quando a somma excede este numero, obtem-se a epacta do anno seguinte.

Como se convenciou tomar para o primeiro dia do primeiro anno de um dos cycles de Meton aquelle em que cahia uma lua nova, segue-se que na passagem da 19.ª epacta de um cyclo á primeira epacta do cyclo seguinte, em vez de accrescentar 11 accrescenta-se 12: este additamento corrige quasi o que ha de erroneo na dupla supposição de que 12 lunações fazem exactamente 354 dias e de que o anno é de 365.

Vê-se que ha uma ligação necessaria entre a epacta e o aureo numero; e dado um destes elementos do computo ecclesiastico pôde logo achar-se o outro. Se o aureo numero é 4, a epacta será a que corresponde ao quarto anno ou 5; se a epacta é 9, como esta corresponde ao 10.º anno o aureo numero será 10.

O curso regular das epactas foi modificado pe-

los annos intercalares do calendario juliano ou do calendario gregoriano.

### O CHÁ BARATO.

Modificada a pauta das alfandegas, foram diminuidos alguns dos direitos protectores da nossa industria e do nosso commercio, o chá foi um dos generos favorecidos nesta modificação. Sem entrar na delicada questão economica sobre tal alteração, ácerca da qual na verdade parece haver razão para bem fundadas queixas, limitar-me-hei a algumas reflexões em relação ao falso chá, que inunda o nosso mercado, e illudirá e prejudicará a muitos incautos, que attendendo á baratesa e ás apparencias do genero, não poderão fugir ao capcioso laço, armado á sua inexperiencia; para que o possam, pois, evitar lhes daremos uma breve noticia.

O novo chá barato é na totalidade, ou então pela maior parte, folha de pilriteiro preparada na Inglaterra. Foi alli concedida, ha annos, patente de invenção a quem descobriu que a folha do pilrito se podia preparar como o chá e o podia substituir. Quiz eu mesmo fazer a experiencia e conheci que o pilrito ou antes a folha do pilriteiro, além de não ter o aroma do chá nem o seu gosto, era altamente estimulante e por isso nocivo em particular aos temperamentos calidos.

De certo quem sabe o que é chá, não comprará segunda porção, mas da primeira não é facil livrar-se, porque além de se illudir perfeitamente com a côr e o enrolado da folha, os nossos amigos inglezes lançam-lhe provavelmente algumas gotas de essencia de chá, pois delle lhe dão o bello aroma. Ha annos que o tem introduzido por contrabando no Algarve e dahi tem passado ao Alentejo, onde as pessoas amigas do barato hão sido causticadas com esta desagradavel bebida; mas agora diminuidos os direitos apresentar-se-ha em Lisboa mesmo o pilriteiro inglez a competir com a grata bebida chinesa, e a pertender supplantar-a. Bem se vê que não podia verdadeiro chá, ainda que muito ordinario, vender-se a 440 réis o arratel, como ahi se está vendendo.

Este pseudo-chá dá uma côr avermelhada, perde o aroma artificial, e depois de aberto se vê, que as suas folhas são arredondadas na extremidade, quando as do chá verdadeiro são pontagudas, e tem o recorte, ou dentadura, mais profunda, e irregular. Deve-se advertir, que os inglezes misturam verdadeiro chá com o de pilriteiro nas caixas, que vendem mais caras, e, segundo minha observação, também fazem, como os chinas, diferentes colheitas de folhas; pois se encontram as mais tenras, colhidas logo na primavera, nas caixas de mais preço.

Ora o meu primeiro fim neste pequeno artigo além de desmascarar a fraude, é chamar a attenção do consumidor de saúde, e dos homens competentes para examinarem se esta bebida deixará de ser nociva em um paiz quente relativamente á Inglaterra, e usando-se com a frequencia, com que estão usando o chá as mesmas classes pobres; e decidido que é innocente, então intento em segundo logar dar um conselho aos nossos empregadores.

Em Portugal temos abundancia de pilriteiros, (aqui no Alentejo ha herdades, onde não podem extirpar-se) creados ao bello sol peninsular: não necessitamos do que se cria em a nebulosa Albion. Já que diminua, se dever ser, o nosso commercio neste genero com a extenuada Macau, sejam portuguezes, que o preparem, e não nos levem estrangeiros mais numerario por um genero, de que abunda, (e se despreza), o nosso paiz.

No 1.º volume do *Archivo Popular* n.º 5, pag. 38 vem, com um panegirico ao pilrito, o methodo de preparar as suas folhas.

Estremoz 12 de outubro de 1852.

## PARTE LITTERARIA.

A NOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capítulo XXXIV.

AO LUAR.

Cecilia, com a face recostada na mão, e o cotovello pousado no joelho, tinha a vista fita na pequena porta, que dava para o pateo da Imagem, e o ouvido attento ao menor som. Como dissemos, o silencio em volta della era tão profundo, que poderia sentir bater as pulsações do assustado coração. Quem a visse, soltos em desalinho os anneis das tranças, e cheios de luz os olhos, em que a saudade dizia tanto; quem a admirasse com o esbelto corpo n'aquelle desleixo que é todo graças, accusando as roupas sob as pregas a rara elegancia das proporções, e brincando no timido sorriso a doce esperanza, entristecida de receio, havia de suppor que as ficções da poesia tomavam vulto, e que a mais bella fada, de puro enlevo adormecida debaixo das ramadas sombrias, por onde o luar a medo golava um raio esquivo, estava esperando que as azas de um sylpho a despertassem.

De repente a irmã de Thereza agitou-se, e o sangue, acudindo ás faces, tingiu-as de viva purpura. Tinha-lhe soado, mais ainda no coração do que ao ouvido, o timbre de uma voz, que entre mil seria capaz de distinguir, porque a harmonia della era um cantico para a sua alma. Levantando-se com impeto, e cedendo á primeira commoção, estendeu as mãos, quiz precipitar os passos, e correr adiante do amor; e um instante depois, as faces desmaiando e os braços descahindo obrigavam-na a sentar-se abatida, tomados



os movimentos, e quebradas as forças pelo alvoroço, em que o desejo e o pudor luctavam juntos! As pupillas, ora ardendo radiosas, ora apagando-se em deliquios de meiguice, pintavam as phases do sentimento; e as contradicções da paixão, incerta e suffocada pelo mesmo excesso da alegria.

Em quanto durou fóra o curto dialogo entre o corregedor do crime e o mancebo, o rosto da filha de Philippe mudando de cor e de expressão a cada momento; a mão tremendo sobre o seio para conter as apressadas palpações; e o corpo debruçado com anciosa inquietação; eram o retrato exacto da agonia do seu silencio. Depois que as vozes se callaram houve para ella ainda alguns instantes de afflicta suspensão. Devorada de impaciencia e pallida de temor, Cecilia, quasi unida á porta, desejaria que os seus olhos podessem romper os obstaculos, descobrindo quanto se passava. Tinha-se retirado o amante, receioso de levantar uma contenda, que viesse a deshonorá-la; ou cego pelo character impetuoso preparava-se para abrir caminho á ponta da espada? Quem era o desconhecido que o detinha, e a quem aborrecia já como a um inimigo de muitos annos.

Combatida assim de encontrados pensamentos, agora queria vel-o aos seus pés custasse o que custasse; logo accusava-o pela imprudencia de um arrojio, que os havia de perder a ambos! Neste conflicto de receios e desejos, não soube sustener o grito abafado que lhe fugiu sentindo um pé tentear o limiar da porta, e o ranger subtil da chave na fechadura. Esquecida de tudo, e escrava só do seu extremo, recuou, suspendeu-se, quiz voltar, e sem saber como, achou-se fascinada e extatica perante o mancebo que ajoelhou diante della, pagando com um sorriso os cuidados da ausencia, e os sobresaltos da ternura:

— « João! » exclamou a educanda, resumindo nesta voz todos os thesouros do affecto.

— « Cecilia! » murmurava elle ao mesmo tempo naquella tom meigo e intimo, tão doce de ouvir quando se ama.

E ambos irresolutos e como atados ao lugar, donde se viam, sem falla, sem movimento, abertos os braços e inclinado o rosto, uniram a alma no mimoso sorriso, que é a flor do amor virgem, e disseram tudo com os olhos, porque os labios presos não sabiam dizer nada. Este silencio, que dá a medida da suprema felicidade ou da infinita dor, quando o coração trasborda, era mais eloquente do que todas as palavras. Pouco a pouco de os esconder, em um lance rapido, a

vista revelou os segredos que a paixão deixa adivinhar, mas não confessa nunca. Sem abrirem a bocca e antes de articularem um som, tinham-se ambos queixado e tinham perdoado!

D. João admirava-a com a suspensão maviosa, mais lisongeira do que as promessas e os juramentos, porque nem a vontade a pôde occultar, nem o engano a sabe fingir. Na ternura daquelles olhos que nos seus pareciam beber a vida, Cecilia achava a mesma saudade, que lhe servia de companhia na solidão. O que lhe diziam, o que lhe contavam, tinha-o tambem sentido; e ainda o sentia com igual poder. O seu rosto umas vezes agitado, outras risonho e animado, não era menos indiscreto, do que a vista do mancebo. Desde que chegara, nenhum dos dois se movera ainda. A curta distancia, que os separava, parecia um muro levantado, que ambos tremiam de transportar. Elle porque lhe custava a crer que tanta ventura não fosse um sonho; e a cada momento, assustado até dos proprios passos, temia que a illusão fugisse. Ella, entre a innocencia do affecto e o recato do pudor, porque receava a cada instante patentear a vehemencia do desvelo, denunciando o dominio a que não podia resistir!

O clarão de lua esfumava aos seus pés as sombras recortadas dos ramos, que a vitacção bulia com um sussurro manso, e corava de luz pallida o semblante dos dois amantes, que juntos no mesmo transporte, e ebrios de igual sentimento, na immobildade exprimiam o impeto da paixão, e na mudez cheia de eloquencia levantavam dentro da alma as melodias sublimes do amor, quando novo e puro pede á esperanza o vôo e á fé a força para ainda subir mais alto do que o desejo e a illusão!

A donzella foi a primeira que accordou do extasis. A brisa, refrescando, doudejava travessa pelas tranças, espargindo-lhas; e a mão impaciente, em um gesto infantil, ora desafogava a fronte do veu que a cegava, ora debruçava as madeixas sobre o collo, donde tornavam a soltar-se em anneis confusos. Na posição descuidada, mixto gracioso de requebro e timidez, atraícoava as intimas sensações, parecendo umas vezes querer aceitar os braços do mancebo, e estreitar o peito ao delle; e figurando outras que suspeitosa e irresoluta escutava em redor, como a avesinha, para romper o encanto, escapando ao perigo fascinante. Que rara expressão a dos olhos negros! As palpebras, como invejosas de que o coração fallasse nelles, lançavam de repente a sombra das pestanas sobre a chamma, que os tornava irresistiveis; mas compadecidas, um instante depois

erguiam-se, e a voluptuosa suavidade com que sorria a vista humida, aveludando os raios, parecia um suspiro, uma queixa da ternura, que não sabia já conter-se! Como as folhas em volta, o seio arfava com tremor visível. O rosto, entre serio e jovial, entre apaixonado e tocado de meiga ironia, reflectia os raptos e o jubilo em que a alma se perdia. Achando delicias na suavidade desta pausa, o coração não tinha pressa de interromper as confidencias que sem fallar revoam em torno dos amantes. Cecilia, prolongando a anciedade, repassada de doçura, de tão ditosos momentos, sabia que respirava o perfume raro de uma flor, que só é dado colher e gosar uma vez na vida.

Por fim, a sua voz, cuja melodia insinuante parecia um cantico, suspirou mais do que proferiu algumas palavras, em quanto as rosas se acendiam e desmaiavam nas faces, e os olhos baixos e timidos se desviavam para callar o segredo, que este disfarce mesmo trahia.

— « João » disse ella em um tom que debalde quiz tornar seguro « pediu-me que o ouvisse, consenti; aqui me vê. Sei que fiz mal, que posso ser accusada... e apesar de tudo vim, estou aonde me quiz. Prometto não esquecer que tive tanta confiança no seu amor, como uma irmã na ternura de outra irmã? Não me fará lembrar de que, de noute e sosinha, não tenho senão a sua honra e o seu respeito em minha guarda?.. »

Fallando assim não tremia, e a vista cheia de confiança estava contradizendo a bocca.

— « Cecilia! exclamou o mancebo com certo pesar na voz, eu não merecia... Se fosse capaz... Entrego-lhe a minha espada em penhor... »

— « Não preciso. Se o não acreditasse, não tinha vindo confiada na sua palavra. Basta que se não esqueça de que a sua honra fica no meio de nós para me defender. Não peço mais. Bem vê, estou socegada... Se duvidasse não o amava; e de que servia enganar-o então?.. Mas tardou tanto! Cheguei a cuidar que faltasse. Não foi a sua voz que ouvi ainda agora? Não disputava com alguém? »

— « Fallava alto. Assustou-se? »

— « Tremi! E se por minha causa se levantasse um desafio?... E eu alli, a dois passos, sem poder acudir, sem ter meio de o salvar?! »

— « Combatendo ao meu lado como as amazonas? » perguntou elle, sorrindo-se com ar meigo, e beijando-a no seu olhar de immensa ternura.

— « Não; pedindo a Deus com o coração e

aos homens com as lagrimas. » respondeu a educanda com adoravel singeleza.

— « Cecilia, se soubesse que a amo tanto, que tinha até ciúmes dessas lagrimas, e as faria correr de sangue para a vingar! »

— « Quer que tenha medo dos seus zelos? Não julguei que fosse cruel! Diga-me: se por causa de algumas lagrimas, que se enxugam logo, fazia correr o sangue, se eu faltasse, se não me visse mais?... »

— « Crê que a dôr mate? » interrompeu elle precipitadamente.

— « Nos homens não sei. Têm tantas distracções! » replicou a irmã de Thereza com malicia.

— « Se amasse como eu, não acreditava... »

— « Que estou aqui, a sós com um homem, e de um instante para outro sujeita a descobrir-se o meu erro, e a vêr a minha fama pelos dentes da calumnia... Tem razão! Eu é que não amo! Quem sabe, se no intimo do seu peito, me julga tambem leve, e me accusa! »

— « Accusar-te!... Anjo da minha alma, eu devia morrer de alegria aos teus pés, porque me fazes o ente mais feliz. »

E unindo ás palavras a acção, arrebatado poz o joelho em terra e cubriu de ardentes osculos a mão, que lhe davam para se levantar.

— « É de mais, agora! — acudiu ella rindo e corando muito — não sou nenhuma santa para me ajoelharem... João, não o quero vêr assim? Bem sabe, tanto se pecca por falta de fé, como... »

— « Por falta de charidade? » atalhou o mancebo, adoçando com a vista e com o sorriso a sua queixa. » Se tivesse mais comigo deixava-me pedir perdão de joelhos e adorar... »

— « Não se adora senão a Deus. Vejamos! E da esperança não falla? Sem ella ha salvação? » observou com ironia branda.

— « A esperança, querida, desde que te amo, tem sido a minha vida. Como havia de soffrer a saudade, se uma voz do céu não me dissesse que a minha pena era tambem a tua? Se soubesses o que imagino para te poder unir para sempre a este coração, que não vê nem sente senão pensando em ti?! Olha, Cecilia, não avalias, não suspeitas o que sou capaz de tentar para um dia, escravo, e escravo orgulhoso beijando os ferros, chegar a possuir-te, e contigo ao lado... »

— « Á face da igreja, posta a mão na minha, meio arrependido e meio satisfeito, repete aquellas palavras, que assustam sempre, »

gundo se diz. Pois eu não! havia de ter valor, e dizer alto o sim, se elle estivesse dentro do coração. Sei que é o laço que nos liga para sempre... Mas que tens? Que tristeza é essa de repente?... Não estamos na igreja ainda, nem estaremos talvez nunca!...

E o sorriso travesso e gentil, com que principiara zombando, fundiu-se logo em um ar pensoso e quasi magoado. Da sua parte, o mancebo ouvindo-a, tinha-se feito branco; e callado e sombrio fôra accommettido de subita preocupação. Tomando-lhe a mão depois com extremo, e lançando-lhe um olhar prescrutador, que parecia vêr até o mais secreto do pensamento, respondeu:

— « Às vezes o que se deseja mais e se julga facil custa caro, e não se consegue sempre. »

Ella deixando ir a mão sem a retirar, e seguindo com a vista admirada e inquieta a repentina mudança no rosto do amante, guardava silencio. Era tal a innocencia que respirava a sua phisionomia, e pintava-se tão sincera nos seus olhos a suspensão da ingenuidade, que o mancebo afugentando com um sorriso a nuvem, que um instante lhe obscureceu a fronte, accrescentou:

— « Se um principe estivesse em meu lugar, e conhecesses que te amava com a ternura, que me abraça, pondo a corôa aos teus pés, e offerecendo-te a mão para subires com elle ao throno... o que lhe dizias? Se de joelhos, exclamasse: o sceptro sem ti é um peso com que não posso; o solio um desterro; a grandeza uma solidão... vem ser a doce companhia, a luz, e o enlevo da minha vida; vem trazer-me o que não dá a ambição e o poder — a felicidade e o amor! — tu o que respondias, querida? »

Suspensa, e enleuada, a donzella mais comovida ainda pela agitação, que revelava a voz do mancebo, do que pelo sentido estranho das suas phrases, recuou alguns passos, e deixou escapar do rosto ancioso delle para o chão uma vista cheia de receios e de hesitações. Contendo o seio palpitante, e procurando fingir no tom certa segurança desmentida pelo tremor, a irmã de Theresa, com um sorriso que forcejava por ser alegre, redarguiu:

— « Ah, um romance de principes encubertos e moiras encantadas! Por acaso serás algum desses reis disfarçados dos contos, e eu a feliz belleza, que o deve captivar? Queres que responda assim mesmo, sendo fingido? Entendo os teus olhos, e obedeco. Queres! E as mulheres

só é que tem caprichos; e ellas é que são de ciúmes extravagantes!... Em penitencia de me fazeres a pergunta não te direi nada, emquanto pela tua propria bocca não confessares... »

— « Que te amo, que tenho zelos até da mais leve idéia, que te distrahe o pensamento!?... Estás satisfeita? »

— « Não! Não me disseste todos os peccados! »

— « Que te hei de eu revelar mais? Pois sim, foi para te experimentar, para saber o que pensas e o que farias, se outro homem mais rico, mais poderoso, mais nobre, te offerecesse em troca de um coração, que não tem preço... »

— « Uma promessa, sem nenhum valor? Até que disseste tudo! Cioso, eu devia agora castigar-te! Um principe aos meus pés! Uma corôa e um sceptro! E se eu fosse mulher, como dizem os homens que ellas são, e me cegasse com a vaidade? Se creasse idéias loucas e te enganasse dizendo o que não sentia? Não o merecias? Sorris-te; negas? Merecias! Olha, João, ha coisas que não é prudente lembrar. A imaginação e o orgulho teem grande poder e correm mais fogosos do que pensas; e nós, vivendo sós, e conversando muito com a nossa alma e pouco com o mundo, estamos sujeitas a sonhar... impossiveis. Agora, o que devia era teimar em não querer por amante senão um principe!... Havia de ser bonito para ti. »

— « Procurava fazer-me principe para te merecer! » acudiu elle rindo, e beijando-lhe a mão. Vês, Cecilia; sei o coração que tens, e posso medir a tua alma pela minha. Leio nella como em um livro. »

— « É orgulho, João. Só Deus vê no coração de todos. Se eu mesma, às vezes, não sei entender o meu! Agora, por exemplo, sinto-o triste, inquieto, e mais tudo isto é gracejo e brinco. Estamos zombando, não? João, socega-me; dize-me quem és; e o que esperas pelo teu nascimento?... »

— « Com uma condição, digo. »

— « Qual? »

— « Responderes á minha pergunta. »

— « Para que, se é tudo falso? »

— « Não importa. »

— « Devo então fingir que és principe? »

— « Sim! »

— « Que vais reinar? »

— « Justo! »

— « E que me fallavas assim; (vê se digo bem!): o throno é um desterro, a grandeza uma

solidão. Vem ser a doce companheira, a luz, o enlevo da minha vida; vem trazer-me o que não dá a ambição e o poder — a felicidade e o amor! Esqueceu-me alguma cousa; disse tudo?» ajuntou com um ar de innocencia, a maliciosa, que era seductor.

— «A gloria e o orgulho da minha corte!» acudiu o mancebo, ajoelhando com fervor e tornando a apoderar-se da mão, que ella lhe estendia, e que não retirava das suas caricias.

— «Ha pouco não disseste isso! Mas seja. A gloria e o orgulho da minha corte. Foi certo, agora?... E eu devo responder?... Queres?»

— «Peço!»

— «E suppor que tudo é serio e verdadeiro?»

— «Sim.»

— «Pois a minha resposta seria esta: se me pegasse na mão, tirava-lha, e olhando para elle com este modo frio e secco, como uma menina que se estima, que teve fé na lealdade de um cavalheiro e foi enganada, deve olhar para quem abusou da sua fé fazendo mosa do coração que illudiu e enchendo de magoa e de lagrimas a mocidade e a vida de uma infeliz, dizia-lhe...

— «Fazes-me tremer com o teu ar, Cecilia! O que lhe dizias?» gritou elle com anciedade.

— «Não é contigo! Devias gostar, até!... Dizia-lhe: os reis quer Deus que não tenham senão um amor de dever: o seu povo. Uma corôa vale muito, mas a vossa mão com ella é nada para mim, senhor, porque aos meus olhos deixou de ser a mão de um cavalheiro. Para rainha falta-me o nascimento; para amante de el-rei sou muito nobre...»

— «Ao rei fallavas dessa maneira?» interrompeu o mancebo inquieto e alegre ao mesmo tempo.

— «Fallava. Ouve! — E continuando acrescentava: — não vos conhecendo pedi-vos, dei-vos amor; a paga foi trahires-me. O meu affecto entrega-se, mas não se vende. Sendo principe, ainda que vos amasse, nunca vol-o dizia. Para me colher o coração foi preciso mentirdes. Sois rei, e os reis estão altos para serem vistos; levantai-vos, senhor! Eu é que devo ajoelhar e pedir-vos perdão de não saber ha mais tempo que sois o soberano e eu a vassalla!... A corda, que esperei de vós não era de ouro, era de flôres; Deus vos não tome contas, porque m'a pozestes de espinhos. A mão, que offereceis, apertou a minha para me enganar; como quereis que a torne a acreditar? É impossivel! Amei-vos, ainda vos amo, hei de até ao ultimo suspiro

amar... Bem vedes, não me occulto. Só vos asseguro que el-rei nunca mais o saberá. O homem que eu estremecia morreu hoje... aqui! Sou a sua viuva. A saudade, e o infortunio de toda a minha existencia...»

— «Mas se elle te amasse como eu?... acudiu o mancebo cheio de espanto.»

— «Tinha sempre medo que me enganasse, como quando jurava falso.»

A pallidez, que nas faces da donzella fora substituida pelo carmim, aceso com o calor das sensações, tinha passado para o semblante de D. João. O tremor elle agora é que o sentia. De a escutar, achava o coração frio de susto, a alma n'uma tempestade, e o sangue em torrente de fogo a pular nas veias. A commoção, que experimentou, chegou a ser tão forte que os movimentos paralisados não obedeciam á vontade. A expressão das feições alteradas, o olhar pasmado e vago, e o sorriso vacillante e sem sentido, pintavam o transe afflictivo de quem encobre a custo uma dor moral. Sem saber porque, os dedos convulsos abriram-se, e deixaram cahir a mão de Cecilia, que tinha entre as suas. E á medida, que a escutava, sem ser senhor de o esconder, o seu rosto, mudando, exprimia todos os sentimentos, que a resposta da donzella lhe poderia agitar no peito, se fosse verdadeiramente o principe. Uma côr de orgulho e de prazer, a par de certa magoa, cubria-lhe ás vezes a phisionomia amargurada. Era facil perceber que, perante as sinceras confissões de um coração que não lhe mentia, se reputava ditoso e infeliz ao mesmo tempo.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(*Continúa.*)

## UM ANNO NA CORTE.

### CAPITULO LI.

### CORTE-REAL.

(Continuado de pag. 154.)

No dia em que se reuniu no paço a junta de magistrados, que deu, como acabamos de dizer, um voto tão desfavoravel á causa do Infante D. Pedro, a cidade de Lisboa conservou-se em agitação. As tropas estavam formadas no Terreiro do Paço, os criados de El-rei guardavam armados as portas de palacio, e o povo curioso, e assustado, animado pela cólera, ou impellido por

essa necessidade instinctiva de movimento e de ruido, que é a manifestação da vida e da força latente da plebe, enchia a rua Nova, e espreitava á boca de todas as ruas que davam para o Terreiro.

Antes das ave-marias já as portas das tendas e lojas resoavam com aquellas pancadas secas e compassadas, que acompanhavam o pôr das trancas e o meter das cunhas, naquelles felizes tempos, por que tanto choram os sinceros amadores de antigualhas, unica segurança dos que tinham de seu alguma coisa. Antonio de Belem, o juiz do povo da cidade, depois de ter tambem trancado a sua porta, encaminhou-se vagarosamente para o Terreiro-do-Paço. A sua elevada estatura parecia haver tomado naquella occasião proporções mais colossaes, a sua severa phisionomia assumira um character grandioso que tinha o quer que era de ridiculo; tudo nelle parecia estar dizendo á gente do povo, que respeitosa e se desviava para o deixar passar « aqui vae Antonio de Belem, o grande juiz do povo. » Á esquina da capella-real estava parada uma liteira, cuidadosamente fechada; Antonio de Belem foi direito a ella, e, quando viu que ninguem atentava nelle e que a escuridade da noite lhe occultava os movimentos, chegou-se-lhe ao postigo, que immediatamente se abriu, e disse em voz baixa:

— Aqui estou ás ordens de v. senhoria.

— Pois vamos — respondeu de dentro uma voz — vamos, que Sua Alteza já deve estar impaciente de esperar.

O juiz do povo entrou na liteira, que dahi a poucos minutos parava no pateo do palacio do Corpo-Sancto. Antonio de Belem saltou primeiro, e, de chapéu na mão, ajudou reverentemetne o Conde da Torre a descer.

O Corte-Real não estava menos guardado do que o paço. Bacarmates, espadas, pistolas, e piques brilhavam nas mãos dos criados de Sua Alteza, os quaes pareciam dispostos a entrar immediatamente em batalha; e foi entre dois renques de homens armados, de feia e severa catadura, que o juiz do povo, precedido pelo Conde da Torre, subiu as escadas do palacio do Infante.

— Sua Alteza deseja muito falar-lhe, meu caro Antonio de Belem — ia-lhe dizendo o Conde ao subir da escada, n'um tom altivo, que contrastava com a familiaridade das palavras. — Todos nós temos muito gosto em o vêr aqui no Corte-Real. Os homens honrados do povo, como v. m., é que são o melhor e mais seguro apoio

dos principes. Bem precisa é agora a ajuda do povo para acabar com o valido. É outro Miguel de Vasconcellos, Antonio de Belem, que precisamos deitar tambem das janellas do paço abaixo; e com a ajuda de Deus assim ha de succeder, se elle se não emendar dos seus erros.

No alto da escada estavam dois moços fidalgos de D. Pedro, que receberam com grande demonstração de cortezia o juiz do povo, e o ficaram acompanhando n'uma sala, em quanto o Conde da Torre foi dar parte a Sua Alteza da sua chegada. Não esperou muito o importante correeiro, porque minutos depois veio buscal-o D. Rodrigo de Menezes, e conduzi-o á casa onde Sua Alteza estava, cercado de numeroa fidalguia.

O Infante, logo que viu assomar á porta o juiz do povo, exclamou:

— É Antonio de Belem que chegou! Pois entre, entre para cá, Antonio de Belem, que muito folgo em o vêr. — E, dando a mão a beijar ao correeiro, proseguiu. — Nesta casa póde entrar quando e como quizer, Antonio de Belem. Sou-lhe muito afeiçoado porque conheço as suas boas intenções, e obriga-me a estimal-o o seu merecimento.

O juiz do povo estava que não cabia em si, de contente e orgulhoso por se vêr tratado assim por o Infante, e por tantos fidalgos. Os olhos brilhavam-lhe como dois carvões acesos, e, ao mesmo tempo que um riso convulsivo lhe repuchava os cantos da bocca, duas lagrimas de entusiasmo escorregavam-lhe pelas faces abaixo. — Meu principe — exclamou elle — eu não sou mais do que um pobre correeiro, que de nada posso servir a V. A.; mas, o sangue, a vida, tudo quanto tenho, só para servir V. A. o quero.

— Obrigado, Antonio de Belem — accudiu o Infante — a sua coadjuvação póde servir-nos de muito. Queremol-o ter connosco; quero-o ter pela minha parte nesta occasião, em que peço justiça e El-rei ma não quer fazer. O juiz do povo tem sido, desde a restauração, o defensor da justiça, e o censor das iniquidades e dos erros do governo. Meu augusto pae escutou por mais de uma vez as admoestações do juiz do povo, e seguiu-lhe os conselhos. Nesta occasião o reino está quasi em tanto risco de se perder, como nesses tempos calamitosos em que a traição queria entregal-o outra vez aos castelhanos, por causa de um ministro que se atreveu a desacatar um Infante, de um privado de El-rei que intentou um crime horrivel, que intentou dar peçonha ao filho de D. João IV, e que quer

agora, pela intriga, fugir ao castigo por elle tão merecido.

O Infante, como dissemos já, não estava só com o juiz do povo. Em roda de D. Pedro havia consideravel numero de fidalgos, uns que sempre o haviam acompanhado e ajudado nas intrigas contra El-rei e contra o conde da Castello-Melhor, outros que elle naquella occasião mandara chamar para lhe expôr as suas queixas e os atrahir, se fosse possivel, ao seu partido. Como as coisas estivessem habilmente preparadas por D. Rodrigo de Menezes, e o Infante industriado para fallar a cada fidalgo do modo que melhor podia lisonjear-lhe as vaidades, e irritar-lhe as paixões, os esforços da Sua Alteza haviam tido feliz resultado. Todos os fidalgos que cercavam D. Pedro pareciam animados do mais vivo desejo de lhe provar a sua dedicação; e, comefeito todos lhe haviam assegurado, que elles proprios seriam executores do castigo do conde « provado que fosse que este queria atentar contra a vida de Sua Alteza. »

Os fidalgos applaudiram muito o discurso de D. Pedro ao juiz do povo, e repetiram-lhe em discursos que eram eco apenas do que Sua Alteza dissera, exagerando-as, as palavras cavilosas, com aquella insistencia e intenção na voz que os cortezaes, mestres na lisonja, sabem empregar nas occasiões em que querem alcançar alguma graça; D. Rodrigo de Menezes, quando passou a salva das lisonjas com que os fidalgos julgaram do seu dever festejar Antonio de Belem, tomou a palavra, e n'um tom melifluo e insinuante:

— N'uma occasião — disse ao correeiro, — em que a fidalguia portugueza se mostra tão inclinada a tomar como sua propria a causa de Sua Alteza, devemos estar certos de que o povo não deixará um principe, como este que a divina providencia nos deu, em perigo de ser sacrificado á tyrannia de um ministro sem consciencia.

— O povo ha de ser o que sempre tem sido — acudiu o correeiro, — inimigo dos tyrannos, e fiel aos seus principes legitimos.

— Ora bem! Não era menos de esperar de Antonio de Belem, do nosso honrado juiz do povo.

— Desta vez pôde ser que vejamos realisada a profecia antiga, talvez esteja chegado o dia em que se atolem em sangue os cavallos, alli na rua Nova — disse Antonio de Belem, commovido. — Deus tenha misericordia de nós! Se isso é pre-

ciso para o reino se não perder, succeda embora. Para tudo devemos estar preparados.

— O que é preciso é acabar com o Castello-Melhor, e com todos os da sua pandilha! — bradou o conde da Torre.

— Pois deitemos, deitemos esse Jonas ao mar e cessará a tormenta — disse com solemnidade o juiz do povo.

— Sua Alteza não quer que por sua causa se verta sangue portuguez. É o desejo do bem da patria quem o move, e não outro algum interesse — interrompeu D. Rodrigo.

O Infante, advertido por estas palavras do seu conselheiro de que lhe cumpria naquelle momento dizer algumas frases que revêsem amor da patria, poz-se de pé, e n'um tom grandioso e de soberania, disse:

— Eu não quero que o povo se sacrifique por mim; sou eu que me quero sacrificar ao bem da patria. As perturbações que tem havido até agora não procedem de mim, senão da maldade do ministro que, não contente só com o valimento, quer envenenar-me, e se ri das accusações e das justas queixas que delle tenho feito a El-rei. Não quero que se diga que por minha culpa correu sangue innocente; para quietação da côrte, o que tenho de melhor a fazer é sair della, e ir a reinos estranhos buscar a segurança e protecção que me faltam em Portugal. Foi-me contraria a decisão da junta, pela maior parte composta de magistrados integros, que hoje se reuniu no paço; foi-o de certo porque o Castello-Melhor, com aquellas artes diabolicas com que os máus ministros, que Deus manda ás nações como flagello e castigo, sabem conservar-se no poder e no valimento, a enganou, a illudiu com fingidas palavras, adulterando os factos e deturpando a verdade. Se a opinião, porém, desses juizes foi contra mim, confio que a opinião dos homens bons de Portugal, da nobreza e do povo, me hão de justificar aos olhos do mundo. Dia virá em que a justiça da minha causa se fará manifesta a todas as nações, e então terei por armas a razão e a innocencia, e por defensores a nobreza e o povo.

Os applausos rebentaram subitamente, como um trovão, no meio do silencio que succedeu ao discurso do Infante. Todos queriam provar a Sua Alteza a parte que tomavam nas suas magoas e queixas; uns offerecendo-lhe dinheiro para a sua viagem a reinos estranhos, outros pedindo-lhe licença para o acompanharem, e todos praguejando contra o valido, e querendo persuadir o Infante

que continuasse a permanecer na corte e expulsasse della pela força, se necessario fosse, o Castello-Melhor e todos os seus parciaes.

— Meu principe — disse por fim Antonio de Belem — eu tenho uns poucos de mil cruzados de meu, se me quer fazer a mercê de os acceitar estão todos á disposição de V. A. Mas antes de deixar Portugal lembre-se, senhor, que é principe portuguez, e que a V. A. pertence salvar este reino dos perigos que lhe estão eminentes; velar pela sua segurança, e defende-lo dos seus inimigos. Meu principe, o povo escutá-me e acredita em mim; mal elle souber que querem offender a V. A., virá todo guardar o Corte-Real, para que nem delle se aproximem os infames que se atrevem a erguer mãos olhos para V. A. Nós cá, os da casa dos vinte e quatro, somos gente do povo, e mais nada; mas não cedemos a ninguem em fidelidade aos principes, e havemos de o provar. Ao povo nada lhe mette medo, quando tem por si a razão. Ordene V. A., e verá o que nós sabemos fazer. E' agora só tenho a pedir perdão a V. A., e a todos estes fidalgos de ter fallado tanto.

— Fez bem, Antonio de Belem, fez muito bem em fallar assim, com sinceridade e franqueza — disse o Infante.

— Eu fallo com o coração nas mãos, e eis abi o que é — acudiu o juiz do povo, que se sentia contente de si, e queria fallar sempre, como fazem os homens rudes quando desejam mostrar-se importantes.

— É assim mesmo que Sua Alteza deseja que v. m. lhe falle sempre — interrompeu D. Rodrigo de Menezes. — Mas o que é preciso é que se não deixem amedrontar, v. m. e os outros do povo, com as ameaças do Conde de Castello-Melhor, ou com as arguições que El-rei lhe fizer. Se nos conservarmos todos firmes no proposito de defender o nosso augusto principe D. Pedro, e se lhe pedirmos fervorosamente que nos não desampare, talvez consigamos que S. A. se nos conserve no reino, e que a paz se firme por fim entre nós em seguras bases.

— Juro aqui, pela salvação da minha alma — exclamou o correeiro, com exaltação, — juro em meu nome, e em nome do povo de Lisboa, que, se fôr essa a vontade do nosso principe, nem S. A. ha de sair da corte, nem o Conde ha de ficar nella. Sua Magestade, depois da junta dos barretes que reuniu esta manhã no paço, mandou-me chamar, para me culpar a mim das desordens que o Conde de Castello-Melhor tem pro-

vocado na cidade; eu, porém, depois de ter ouvido El-rei, disse-lhe o que tinha no coração com verdade, como deve fazer um juiz do povo.

— Fez v. m. muito bem, e assim deve continuar a obrar, para serviço de Sua Alteza.

— É verdade, Antonio de Belem — acudiu o Infante. — É assim mesmo que eu desejo que continue sempre a praticar; e, se a Providencia divina nos ajudar, havemos de ver acabados os traidores, e os ministros tirannos. Agora va-se, póde-se ir, Antonio de Belem, que o não quero deter aqui por mais tempo. Fique certo de que me não hei de esquecer nunca dos serviços que me tem feito.

Estas ultimas palavras de D. Pedro foram acompanhadas de um gesto, pelo qual Sua Alteza confirmava ao juiz do povo a ordem de se retirar, e lhe offerecia ao mesmo passo a mão para elle ter a honra de a beijar.

Antonio de Belem obedeceu ás palavras e ao gesto do Infante, e saiu do Corte-Real, sendo acompanhado até á escada, com grande cortezia, por um camarista, e por dois pagens com tochas.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

## HISTORIA PATRIA.

### A praça d'Almeida em 1610.

(Continuado de pag. 179.)

Duas testemunhas de muita consideração o justificam da tremenda accusação que lhe fizeram de desembainhar a espada contra a patria. Uma destas testemunhas é a predita duqueza de Abrantes, a qual a respeito de Alorna, e de outros companheiros delle, escreve por este theor:

« O imperador pensou que unindo ao exercito de Portugal uma parte das tropas que Junot lhe mandára para do reino afastar os elementos da revolta, fazia uma coisa sã e d'alta politica. Em consequencia vimos chegar a Salamanca uma multidão de officiaes portuguezes que em grande parte, a final, mostraram ter o imperador razão em se fiar da sua palavra. Daquelles officiaes alguns fizeram-nos bastante mal passando para os seus compatriotas, e outros de pouco nos serviram por se não poderem exigir que portuguezes combatessem contra portuguezes... O commandante em chefe das tropas portuguezas era o marquez d'Alorna... a quem eu consagrava



muita amizade. Elle estava no cerco de Ciudad-Rodrigo, e era intimo amigo de Junot. (27). »

A duqueza, pois, mui bem conhecia o general Alorna; ora, conservando-se ella em Ciudad-Rodrigo ou Salamanca por todo o tempo que Massena occupou Portugal; e, demais, em relações de estreita amizade com todos os principaes cabos do exercito francez, não daria a entender neste e n'outros logares das suas Memorias, que o marquez erguera o braço contra os seus conterraneos, se tão feia maldade tivera succedido. Iremos mais longe; até cremos que esta nossa fígadal inimiga, tão fanatica pela sua França, nunca chamaria amigo a um traidor. O homem falso ao seu paiz nunca será fiel aos amigos.

A outra testemunha é o general Foy, escriptor de reconhecida probidade, o qual a respeito do marquez d'Alorna se expressa nos seguintes não deshonrosos termos:

« Elle tinha viajado, mas nem por isso entre os estrangeiros aprendeu a desprezar os seus compatriotas. Dotado de espirito penetrante, achando algumas vezes o justo, emprehendendo tudo, mas não finalizando coisa alguma, piedoso até degenerar em supersticioso, *de moral severa*, mas desarranjado em sua casa, ligeiro e superficial como um marquez francez, *mas acreditando na patria*, de coração ardente, cavalheiro valeroso e leal, Alorna reuniu em si o resumo das boas qualidades, e defeitos da sua nação. » (28)

Nós pela nossa parte não acreditamos que Foy, o qual no exercito de Massena voltára pela terceira vez a Portugal, e devia estar bem informado tanto do procedimento do marquez, como da accusação que lhe faziam; depois de acabada a lucta lhe chamasse *cavalheiro leal, e de moral severa*, se em 1810 o vira cravar as armas no seio dessa patria em que acreditava.

Talvez, pois, nessa celeuma levantada contra Alorna, e o que delle, com outros, escreveu o sr. Sousa Monteiro (este na Hist. de Portugal), nascesse unicamente de alguns falsos rumores de adrede espalhados, e da sobredita portaria de 1810, em que todos piamente acreditassem,

(27) Mem. tom. 13 pag. 137. A duqueza repete a pag. 285, que Napoleão mandára com o seu exercito a officialidade portugueza *pour parler au moral du pays*. Esta amizade da mulher de Junot para Alorna, e mais 3 ou 4 portuguezes, era excepção de regra. Em nenhum logar ella disfarça o seu profundo rancor para os filhos de Portugal.

(28) Hist. da Guer. Pen. tom. 2.º liv. 3.º pag. 99.

vendo que provinha do governo, no qual sempre se presumem boas informações. E quem sabe, se os nossos dominadores, isto é, os que informaram o governo, não aproveitaram o ensejo para fazer punir o marquez pela sua pouca fé na protecção britannica, ou por lhe conhecerem o appetite de comer manteiga portugueza, e vestir pannos portuguezes? Comtudo, a semelhante respeito só conjecturamos, e nada mais.

Mas se Alorna não commetteu culpa de lesa-nação, nos replicará quem quizer, como se explica o facto das proclamações a que allude a portaria? Confessamos que a tal pergunta não sabemos responder com precisão. Se essas proclamações realmente existiram, talvez que perdidamente se abusasse do nome do marquez.

Inferese da Ord. do dia de 6 de setembro de 1810, que se porventura houve daquellas torpes alliciações, os seus resultados tiveram pouca ou nenhuma importancia. No dia 3 de setembro já em Freixo-de-Espada-à-Cinta se haviam apresentado 17 officiaes da primeira linha, além de 500 officiaes inferiores e soldados (29). O resto também a formiga se foi escapando, de feição que talvez mui raras, ou nenhuma das praças capituladas chegaram á França. Da officialidade só uma pequena porção ahi entrou. A Ord. do dia de 24 de setembro de 1814 unicamente menciona 13 officiaes, todos do regimento n.º 24.

Os outros cedo regressaram ao serviço. Espalhou-se porém que estes, para isso conseguirem, e não marcharem para França, sendo convidados a entrar no serviço francez, aceitaram, e prestaram, ou prometteram prestar, juramento de obediencia a Napoleão. Beresford, apenas isto vagamente lhe constou, com razão estigmatizou esse procedimento nas citadas Ord. do dia de 6 e 11 de setembro de 1810. Louvou as milicias pela sua prompta recusa de ficar ao serviço inimigo, poz o seu proceder em paralelo com o da primeira linha, e tirou illações assaz desagradaveis a este. Emfim, advertiu aos soldados, e mesmo aos officiaes, que um soldado jámais deve prostituir o seu juramento, ou a sua palavra, e que mais lhe convém perder a liberdade, ou a vida, do que salvá-las por meios ignominiosos, embora destinados a um fim honesto.

Nesta prelecção patenteou Beresford a nobreza dos seus sentimentos; e oxalá que nunca as paixões lha fizessem emmudecer. A honra militar

(29) Ord. do dia de 11 de setembro de 1810

é uma das principaes bases da independencia das nações, e da estabilidade das instituições: ella deve, por consequente conservar-se tão casta e mimosa, como a virgem mais pudibunda. Póde porventura haver ordem com militares que a cada instante mercadejam com o seu juramento? Infelizmente nada mais vulgar nestes nossos tempos.

Da predita censura unicamente escaparam uns cinco officiaes, que, em remuneração de fazerem o seu dever, logo subiram aos postos immediatos. Cumpre, comtudo, advertir, que á proporção que a officialidade aprisionada se ia apresentando, justificava-se n'um conselho de averiguação, de donde toda safu immaculada. (30)

J. A. DE CARVALHO E OLIVEIRA.

(Continúa.)

## NOTICIAS E COMMERCIO.

**Nova obra de hydraulica, dedicada a s. magestade el-rei D. Ferdando.**— S. magestade el-rei, desvelado protector das sciencias e artes, principalmente nas applicações que possam contribuir para os melhoramentos do paiz dignon-se acceitar com a maior benevolencia a dedicatoria da obra que vai publicar o sr. João Gagliardi, bem conhecido entre nós como distincto agronomo e engenheiro hydraulico.

A obra é confeccionada na conformidade do programma do novo systema de dirigir e conter os rios caudalosos para impedir as rupturas, as mudanças de leito, e as inundações; o qual tendo sido originalmente publicado pelo auctor na lingua italiana, foi vertido da edição de Milão de 1846, e trasladado para o francez se imprimiu em 1849 na imprensa nacional de Lisboa.

O merito do plano do sr. Gagliardi, e por consequencia da obra em que o desenvolve, foi incontestavelmente reconhecido por muitos engenheiros e mestres nas sciencias mathematicas e em especial na hydraulica, ao exame dos quaes submetteu o manuscrito.

(30) Ordens do dia de 11 de setembro e 28 de dezembro de 1810, 12 de junho de 1811, e 24 de setembro de 1814. Comtudo, não falta por ahi quem creia que o conselho não se mostrou lá mui severo, e que bastantes dos capitulados juraram obediencia ao imperador dos francezes no firme presuppuesto de logo perjurar. A duquesa d'Abrantes no tom. 13 das Mem. vitupera-nos assim: — Um facto assás notavel para o estudo da politica portugueza é que quando Wellington, indignado do procedimento das tropas portuguezas, reprebendeu esta cobardia ao governo de Lisboa, este respondeu que os portuguezes entraram no exercito francez para poderem desertar mais facilmente, e voltar a suas casas. Notai que elles juraram e voluntariamente. — Esta censura é bem amarga, o provavelmente não de todo infundada.

plo. Estes testemunhos de approvação podem ver-se nas cartas e extractos appensos ao referido programma.

A morte inexoravel cortou o fio de uma existencia util e preciosa, — roubou ao mundo uma alma nobre e verdadeira, — fez desaparecer do numero dos viventes um nome honrado e respeitavel.

O sr. Manuel Gomes da Costa S. Romão cessou de existir!...

Nem os assiduos recursos da sciencia, coadjuvados pelos constantes desvelos de uma esposa extremosa, nem os votos ardentes de seus muitos amigos, e as preces fervorosas que ao céu dirigiam tantos infelizes que a sua mão benefica soccorria, poderam influir sobre o rigor inflexivel do destino! A sua hora derradeira estava marcada nos decretos insondaveis da Providencia, — tudo foi baldado! .. a sua alma repousa na mansão dos justos.

Se neste lance doloroso póde haver alguma idéa consoladora que atravez do pranto e da angustia penetre até á familia do fallecido, e seus intimos amigos, é o grande sentimento que causou em todas as classes da sociedade esta perda irreparavel.

É porque se nem todos se prezavam de conhecer pessoalmente o sr. S. Romão, todos sabiam que havia fallecido um homem respeitavel, cuja vida fôra sempre exemplar, — que a caridade qual a entende o Evangelho fôra a sua virtude predominante, — que collocado em uma posição elevada nunca o orgulho o fizera desviar sua mão do cidadão pobre quando nesse cidadão encontrasse honra e probidade.

Era rico para soccorrer os desherdados da fortuna, — poderoso para valer aos que imploravam a sua protecção, — generoso e affavel para os que mereciam a sua confiança, — sincero e verdadeiro para todos.

O numerozo e luzido sequito que acompanhou o seu funeral da igreja de S. Pedro em Alcantara até ao cemiterio dos Prazeres foi um testemunho publico do apreço em que o seu nome é tido por quanto ha de mais distincto nesta capital. No momento solemne em que os seus restos mortaes se depositavam no jazigo de familia do sr. Alexandre José Ferreira Braga, sogro do fallecido, lia-se no rosto de todos os circumstantes a magoa e a dor profunda que lhes opprimiam o coração: — ninguém proferiu uma só palavra! — os soluços e as lagrimas valeram bem o mais eloquente discurso!

Não é nosso proposito escrever a necrologia do sr. Manuel Gomes da Costa S. Romão: — a outros mais competentes a honra de registrarem as virtudes preclaras e as acções generosas que illustram a memoria de tão digno varão. A nós, a quem coube a fortuna de o termos por nosso chefe, e a desventura de tão cedo o perdermos, — a nós, que ainda ha pouco recebemos uma prova, aliás immerecida, da sua confiança e benevolencia, seja-nos permittido tão sómente derramar algumas lagrimas sobre a sua campa, e prestar este sincero tributo de respeito e gratidão á sua saudosa memoria!

DEMETRIO RIPAMONTI.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—M. J. RIBEIRO DE SA.

NUM. 17.

QUINTA FEIRA, 4 DE NOVEMBRO DE 1852.

12.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### CAMINHO DE FERRO HYDRAULICO.

É um systema novo por Mr. L. D. Girard que o desereve nestes termos. — O novo modo de propulsão basea-se no principio da transmissão da potencia das quedas d'agua nas turbinas hydraulicas, que se denominou « principio do livre desvio da veia liquida : » Para realisar a sua applicação á propulsão nos caminhos de ferro, fixam-se por baixo da linha dos wagons duas series rectilineas de pás curvas, uma que serve de caminhar para diante e outra de caminhar para traz.

Ao comprido do caminho ha enterrado um grosso tubo de ferro, posto em communicação com bombas que são movidas ou por quedas d'agua ou por machinas de vapor fixas, de maneira que subministram a agua em alta pressão, destinada a fazer marchar o comboy. As machinas devem collocar-se a distancia de 20:000 metros uma da outra, termo medio. Sobre este tubo estão collocadas a distancias variaveis (100 metros pelo menos), seguindo o perfil do caminho, pressas d'agua que terminam cada uma n'um distribuidor com dois cânos dirigidos em oppostas direcções. Os jorros d'agua lançados pelos distribuidores actuarão sobre a concavidade das superficies curvas em serie rectilinea, estarão desviados sobre estas superficies formando quasi dois angulos rectos, e impellirão o trem segundo a direcção do cano ou conducto aberto.

Na Memoria escripta pelo auctor da-se a conhecer o modo de manejar os distribuidores para produzir a manobra do comboy na sua marcha

para diante ou para traz, e para fazel-o partir ou parar.

Uma velocidade na marcha de 20 metros por segundo, correspondente a uma velocidade de 40 metros da agua motriz injectada, terá uma pressão effectiva de oito atmospheras no tubo. Sob esta pressão, um jorro de pequena dimensão, gastando 200 litros por segundo, desenvolverá a força de 160 cavallos, sufficiente para um trem de viajantes caminhando a razão de 72 kilometros por hora por um caminho horizontal. Com esta velocidade de 20 metros por segundo, a caixa ou recipiente distribuidor deve abrir-se n'uma decima parte de segundo. A citada Memoria demonstra que póde satisfazer-se esta condição.

A velocidade do comboy poderá sustentar-se apezar das variações de pressão que podem resultar do perfil ao longo do caminho. As principais vantagens deste systema são :

1.<sup>o</sup> A força propulsiva, obrando regularmente e no proprio eixo do comboy, annulla os movimentos dos *enlaces* e outros donde resultará succederem menos saltos fóra dos carris, e menos fadiga e riscos para os viajantes.

2.<sup>o</sup> A suppressão da locomotora tambem evita os receios que ella causa ; esta suppressão assegura uma larga duração ao material das vias ferreas existentes, e proporcionará fazel-o mais leve nas applicações do systema proposto.

3.<sup>o</sup> Supprimindo os movimentos de *enlaces* e outros destroe-se um dos mais poderosos obstaculos ao augmento de velocidade. Chega-se ao mesmo fim pela suppressão do pezo morto da locomotora e de seu *tender*, pela facilidade de parar e de pôr em marcha o trem, porque não se perde tempo em tomar aguas e coque, e afina

pela concentração da potencia propulsiva (com o auxilio de depósitos de agua sufficientemente approximados nos pontos em que se apresentam as maiores resistencias. Para isso se dispõe recipientes de ar nos sitios convenientes para accumular a força das maquinas fixas, os quaes asseguram a regularidade do movimento das aguas que alimentam os distribuidores.

4.º O conductor do trem, collocado no primeiro wagon, pôde facilmente por uma manobra analoga á de um timão produzir o andamento para diante ou para traz. Se se quer moderar a velocidade, pôde passar-se sem abrir um ou muitos injectores; independente do freio, ha um meio de parar, fazendo obrar a agua em sentido inverso da marcha.

5.º Levando cada wagon suas duas pás curvas para a marcha progressiva ou retrograda, podem regular-se os trens como se quizer; as manobras de estação chegam a ser mui facéis, e a maior parte dos planos giratorios se podem supprimir.

6.º Pela facilidade de percorrer a via ferrea rapidamente com um só wagon, o serviço da linha se tornará mais facil e prompto.

A Memoria indica os meios de remediar qualquer accidente, como rotura do tubo, tropeço pelo gelo, desarranjo de uma caixa etc. sem detença nem risco.

Passando agora á comparação entre o systema actual e o systema proposto, para um caminho de ferro estabelecido com declives variaveis de zero até m. 0,010, prova-se:

Que, neste ultimo declive, dado igual consumo de carvão para a locomotora e a maquina de vapor fixa, e dada a igual velocidade da marcha (14 metros por segundo), o propulsor puxará por uma carga maior quatro vezes e meia do que a rebocada pela locomotiva:

Que no mesmo caminho, passando-se por um declive intermedio entre zero e m. 0,040, o effeito relativo que se obtem será o mesmo. O augmento de velocidade, que tiver lugar, naturalmente é independente deste facto.

Donde resulta que diminuindo as despesas de tracção, se poderá baixar o preço de transporte, por conseguinte activar a circulação e facilitar em subido gráu as transacções commerciaes.

A adopção do caminho de ferro hydraulico terá mais duas consequencias importantes: 1.ª porque se poderiam fazer distribuidores geraes de agua em alta pressão em todas as localidades atravessadas pelo caminho de ferro; opera-

ções mui vantajosas para as povoações em que se occasionam grandes despezas pelo estabelecimento e entretenimento de maquinas especiaes; 2.º recolher a agua que tem servido para a propulsão nas regueiras lateraes da via ferrea, afim de ser empregada na rega dos campos.

(La Nation.)

## AS CINZAS EM RELAÇÃO A ECONOMIA RURAL.

(Concluido de pag. 179.)

A quantidade de cinza que convém espalhar nas terras é relativa á qualidade das cinzas, do terreno, e das sementeiras; é mais prudente determinar a por meio de ensaios em as localidades onde não está em pratica a applicação deste adubo; não pôde, portanto, estabelecer-se a tal respeito senão algumas generalidades; pelo que só diremos: 1.º que são necessarios 20 a 50 alqueires, conforme os terrenos, sendo a cinza de turfa, para um *arpent* commun (geira franceza correspondente a 3490 varas quadradas) de chão lavradio ou de prados: — 2.º que a mesma extensão de terreno só quer metade daquella porção de cinzas calcinadas ou de carvão de pedra, um terço sendo de madeira que esteve n'agua, e um quarto sendo de lenha ou plantas.

A estação propria para espalhar as cinzas nas terras de lavoura, varia segundo a natureza destas e das producções que hão de dar. Sendo terra leve e que absorve a agua, será bom praticar a distribuição deste adubo por duas vezes, a saber metade antes da lavoura, e metade depois da sementeira. Se a terra for compacta e retiver a agua na superficie, poderá empregar-se o mesmo methodo, tendo somente o cuidado de augmentar as doses segundo fôr preciso e não fazer uso das cinzas senão bem seccas. Todavia, no primeiro caso, isto é, quando o terreno é secco, convirá esperar por tempo de nevoeiro! ou que prometta chuva proxima, para espalhar as cinzas que devem ficar á superficie do terreno.

Quanto ao modo de as espalhar, não é livre do inconvenientes; porém, o sementeiro se resguardará bem cobrindo o rosto com um lenço fino e semeando contra o vento; algumas pessoas aconselharam semear a sotavento, isto é, espalhar do lado donde o vento sopra; porém, a experiencia demonstrou que é preferivel a primeira pratica.

A efficacia das cinzas, applicadas de ordinario ou ao terreno cansado para o restaurar ou ás plantas que se definham para fortalecel-as, já não é problema.

Não concordam, porém, todos do mesmo modo quanto á maneira porque ellas actuam. Comtudo, trazendo á memoria quaes são as partes constituintes das cinzas, é fácil explicar como ellas obram. Consideradas como adubos das terras, podem ser comparadas em certo termo ao marne; pelo menos contem as terras que compoem ordinariamente este adubo natural; mas, além disso, possuem substancias salinas deliquescentes em consequencia dos vegetaes de que são residuo e do seu processo de combustão. — As cinzas tem, como tudo o que goza da propriedade fertilisadora, a faculdade de sugar do immenso receptaculo da atmosphera os vapores que nella circulam; de os reter, e de os conservar com a humidade que resulta da chuva, da neve, do orvalho, do nevoeiro; de obstar á que esta humidade se perca, quer exhalando-se nos ares, quer filtrando-se pelas camadas inferiores e deixando em secco as raizes; de a distribuir uniformemente e transmittir a mui dividida aos orificios dos conductos destinados a levá-la ao tecido do vegetal, para submeter-se depois ás leis da appropriação. Finalmente, as cinzas obram como agentes chymicos produzindo novas combinações, que são mais ou menos favoraveis ás plantas, segundo os corpos que contêm a terra que as recebe.

Visto que as cinzas encerram abundantemente potassa e cal, não admira que tenham propriedades analogas a esta última substancia, e que todas as plantas a que se applicam immediatamente sem precaução, nem medida, definhem-se e pereçam como se fossem queimadas pela intensidade dos raios do sol. É tão verdade ser devido este effeito á potassa das cinzas de lenha e aos aces vitriolicos da cinza sulphurica, que essas cinzas lixiviadas não tem a mesma actividade, e é possível empregal-as com profusão sem risco algum, e mesmo estabelecer nellas vegetação, de que exam o agente mais destruidor antes da lixivia; ou barreira. É sabido que as raizes bulbosas vegetam mais prosperamente nas cinzas lixiviadas do que na areia molhada.

Em geral os adubos obram de dois modos nos terrenos. Misturados em diferentes proporções preparam-se para os repassar a agua e dão ás raizes a faculdade de seguirem o seu completo desenvolvimento; ou soldam, para assim dizer,

as moleculas mui divididas, e fazem com que se não perca a agua nas camadas inferiores, nem as raizes sequam. Bentanto, as cinzas pela sua secura, tenuidade de particulas, propriedade que tem de attrahirem a humidade, e de a conservar mui bem repartida, convém ás terras compactas e argilosas, cuja viscosidade diminuem introduzindo-se na sua contextura tenaz, á maneira de cunhas; e essa humidade, reduzida em superficie, humedece sempre o pé da planta sem nunca o alagar.

Quando as cinzas produzem effeito diverso é porque são mui carregadas de alcali, e quem as empregou não se limitou á proporção devida, e o terreno em que foram espalhadas não tinha humidade bastante para lhes restringir a acção; porquanto, disseminadas em terras frias e enterradas pela charrua antes da sementeira, são como a cal, de grande utilidade. Até se podem empregar n'um terreno leve e areoso, mas sómente ligando-se com certa quantidade de argilla, como se mistura muitas vezes a cal com o estrume para augmentar o effeito desta.

Apoiam as nossas observações os proveitosos resultados das cinzas empregadas nos prados artificiaes: o alcali e terra calcarea que encerram estão na justa proporção necessaria para destruir as máservas e favorecer o crescimento das boas plantas; porém, cumprirá attribuir semelhante effeito, como alguém pretende, á causticidade que estas duas substancias adquirem pela calcinação? Não parece verosimil. Se as cinzas mais abundantes em alcali e terra calcarea tivessem acção corrosiva, sem duvida exercital-a iam sobre todas as plantas, e aconteceria necessariamente que, não obstante a differença dos tecidos, nenhuma haveria que não fosse mais ou menos atacada e destruida; porém, tal não succede.

As cinzas obram primeiro mechanicamente pela tenuidade de suas particulas que dividem as terras fortes e lhes corrigem os defeitos, e depois como materia deliquescente, tendo a faculdade, como já explicamos, de absorver o ar e a agua da atmosphera, decompor estes dois fluidos, e dar aos resultados de sua decomposição as formas que devem ter para cumprir as leis da natureza em a vegetação. Eis o que se pode conjecturar pela experiencia, que prova que todos os saes solúveis na agua, todas as terras calcareas que mais se approximam do estado da cal viva, todas as calcinações, são muito uteis como adubos dos terrenos.

Não é, pois, pelo effeito corrosivo que as cinzas, ainda as mais causticas, oham sobre os prados: destroem as plantas parasitas, porque absorvem avidamente a humidade que serviu para o desenvolvimento destas, e de que é necessario superabundancia para sua constituição physica e existência.

Estas plantas por sua natureza molles, por assim dizer aquosas, tendo as raizes quasi á superficie, ficam por aquelle meio em secco, murcham-se e fenecem mortas á sêde. Ao contrario, as plantas que formam os prados, sendo de tecido mais solido e tendo raiz mais funda, fortificada pela idade e os rigores do inverno, não soffrem alteração alguma; desembaraçadas das ruinservas que as abafavam e lhe tiravam parte da substancia sem proveito algum, recebem nutrimento proporcionado a suas precisões, e reanimam-se; suplantando os musgos, juncos e maiservas que tornam seccos e acres os fenos, fornecem forragem mais fina e de melhor qualidade.

Assim é que as cinzas oham em todas as circumstancias em que é recommendado o seu uso, quer para os prados artificiaes e naturaes, quer para as folhas dos cereaes que esmorecem na primavera e annunciam colheita mediocre, sobretudo n'um anno frio e humido. Em taes casos o emprego das cinzas é de incontestavel utilidade.

## PARTE LITTERARIA.

A SOCIEDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXXIV.

AO LUAR.

(Continuado de pag. 187.)

Apenas ella se callou houve uma pausa, em que a vista dos dois encontrando-se disse muito, em quanto presos e mudos os labios quasi que receiavam deixar fugir a respiração. Logo depois, por um esforço rapido, o mancebo tomou com impeto a mão de Cecilia, que o observava com melancolia apprehensiva, e beijando-lha com mais respeito (se é possivel) do que ternura, exclamou suspirando:

— « Os anjos não são mais puros! Tens razão, querida, vale mais esse coração do que todas as ambições e grandezas... Feliz aquelle que o merecer e o possuir. »

Ella, ouvindo-o, sentiu vontade de chorar, e com tristeza e algum tremor na voz, não poudesuster a queixa com que respondeu:

— « Pareces o principe encuberto do romance. Dizes-me isso com um ar serio, com um modo abatido, que a despedida do rei pouco mais verdadeira podia ser. »

— « Se eu fosse o principe, Cecilia » acudiu elle deixando fugir pelos labios um sorriso contrafeito « não me despedia, ficava! »

— « Ficavas? atalhou ella pasmada. Não querendo eu; dizendo-tê o que ouviste? »

— « Sim! Se não levantasses do chão a coroa, e não quizesse subir comigo os degraus do throno, o homem primeiro do que o rei, a felicidade antes do que o poder. Que a apanhasse quem quizesse; que fosse reinar quem a desejasse! Como cavalheiro eu ficava para veres que não menti nem enganei, como amante para conheceres que tinha um coração capaz de entender e possuir o teu. »

— « Ficavas? Não eras rei? » gritou ella com enthusiasmo, lançando-lhe cheia de enlevo e expansão o collar dos lindos braços em volta do pescoço. Pondo-se seria depois, e mudando de tom, acrescentou « Mas eu não devia acceitar! Eu é que era indigna, querendo que o meu affecto te fizesse perder um reino... »

— « Tinhas o meio facil. Estimada, ditosa, e nos meus braços irias fazer um paraíso da solidão do throno, donde eu só desceria para me unir a ti. »

— « Vê as loucuras, que estamos fazendo! » exclamou ella rindo. « Tu a fallares como principe, e eu quasi a julgar-me rainha... Porque não acabamos o nosso sonho? »

— « E um instante. Só não percebo como podendo ser ditosos preferias a infelicidade de ambos! »

— « Nada mais simples, João. E passado o primeiro impeto, quem me assegurava que se não arrependia da desigualdade, achando que a posse do coração de uma mulher não valia a corôa, que lhe punha na cabeça? »

— « É impossivel! »

— « É natural. Sou mais orgulhosa do que julgas. »

— « E se não achasse o throno ainda bastante para a immensa ternura do seu amor? Se

por meios occultos mas irrecusaveis, soubesse que se estimava o homem, e não o rei ? »

— « Como o defendes !... Mesmo que isso fosse, eu recusava !... O futuro depende de Deus, e a coroa, quando é maior do que a cabeça, cahe sobre os olhos, e cega-nos !... O padre Ventura (que é prudente), diz que os principes nunca se casam pelo coração ; e que os viu sempre infelizes quando se esqueceram do interesse do seu reino. Vês ! O povo alvoroça-se, e clama ; a inveja e a calúnia seguem-se, e lagrimas e desgraças são no fim o desengano. Contou-me, por signal, a historia de uma rainha de Inglaterra, que era dama, e não princeza ; subiu, é verdade, os degraus do throno ; porém dahi a pouco também subiu os degraus do cadafalso. Que horror ! Acabou degolada. Chamava-se... elle disse-me o nome ! Chamava-se ?.. »

— « Anna Bolena ? » acudiu o mancebo mordendo os beiços, com um sorriso amargo.

— « Era Anna Bolena, sim ; esta idéa nunca se me tirou do pensamento ! »

— « Não sabia o padre Ventura tão curioso de historias ! » ajuntou o amante com ironia.

— « Sabe muitas, e todas tristes. E conta-as tão bem ! Parece que vemos as figuras, e que estamos ao pé dellas. »

— « Ah ! É uma prenda, que lhe invejo. Sabes que vou tendo ciumes d'elle, do padre Ventura » repetiu no mesmo tom o mancebo contrangendo-se. « Sou capaz de jurar que s. paternidade não parou na historia de Anna Bolena ? »

— « Contou-me também a da morte de D. Ignez de Castro. Até me disse uns versos tão bonitos, tão suaves !... Chorei com magua, porque não era má e altiva como a outra... »

— « Historias antigas, querida ! » interrompeu elle contrariado. « Hoje os reis não degolam as damas ; adoram-nas, e pedem-lhes que os façam felizes... »

— « Sim ; mas, quando se casam não escolhem senão princezas. »

— « Conforme ! Bem poderoso e soberbo monarcha foi el-rei Luiz XIV, e não duvidou offerrecer a mão de esposo a madame de Maintenon... »

— « E ella aceitou porque amava o rei, e não o homem. Mas o casamento (disseram-me) nunca se fez publico. Nunca foi declarada rainha. »

— « O padre Ventura também te contou isso ?.. É muito sabio, e sobre tudo muito previsto... » accudiu D. João com ar pezado.

— « E eu » acrescentou a educanda sem re-

parar « um homem (rei ou principe) que tivesse vergonha de me chamar sua mulher á face de todos, tendo-me dado o nome em presença de Deus, não havia de amal-o mais ! »

— « E se o tivesses amado ? »

— « Esquecia-me ! »

— « E se não podesses ?... Davas depois a mão a outro ? »

— « Nunca ! A mão sem o affecto era fazer dois infelizes. e para desgraçada bastava eu... Amando o rei, sem esperança, morria para o mundo, e vivia só para o meu coração e com a minha saudade. Tinha em Santa Clara uma cella para me enterrar, e um véu para me esconder... »

— « E que freirinha galante que nos ia tentar na grade !... Mas antes de pôr termo a nosso romance e de dizermos adeus aos principes encubertos, confessa-me : sou curioso, não te enfades : se fosse menos do que pareço ? »

— « Amava-te como agora, porque mais não posso. »

— « Agora suppõe um instante, só por fingir, que eu era o principe, em que fallámos ? »

— « Já respondi. Amava-te ; a minha vida desde que te vi já não é senão amor ; mas amava-te como se chora a memoria cheia de lagrimas do que se perdeu. O rei nunca havia de saber-o. »

— « Sendo eu ? »

— « Sendo tu. »

— « És cruel, Cecilia ! Querendo-te ao seu lado, fazendo-te rainha do seu reino e senhora da sua alma ! »

— « Não, não, e não ! » gritou ella rindo, e negando com um gesto infantil e seductor. Não me vences... Mas diz-me : para isto é que nós aqui estamos ? Pediste-me que viesse ; escreveste-me que não podias viver se não me visses ; e eu com remorsos do encargo da tua morte » juntou sorrindo e passando a mão pelos olhos » vim ; obedeci. Quanto tempo queres que espere para ouvir o teu segredo ? O que desejas dizer-me ?... »

— « Que te amo ; que não posso estar longe dos teus olhos... »

— « E depois ? » interrompeu ella com outro sorriso repassado de ironia e petulancia juvenil.

— « Querida, o que sinto advinha-o se queres ; eu não sei dizer-to ! »

— « E se perguntar, promettes responder com verdade ? »

— « Como a Deus ! »

— « Em que tens pensado, desde que não me vês ? »



— « Em ti, só em ti, no desejo da minha alma! »

— « Certo? Não me enganas? Tenho um dedo, que adivinha tudo! E se eu lhe perguntar, e elle me disser?... » accudiu cheia de meiguice.

— « Que nem um momento sahe do coração a tua imagem?... » exclamou o mancebo arrebatado. « Se te disser que amo tanto que não quero viver, senão porque a vida me deixa verte e adorar-te, não achas, Cecilia, que elle diz a verdade só? »

— « Era tão feliz se fosse assim! » suspirou a donzella com timidez.

— « Ouve o teu affecto, e julga o meu! Não sentes, não crês que a alegria, a felicidade que posso ter no mundo só de ti me póde vir? »

— « Não sei » ajuntou ella com fingida indecisão, toda graça. « O coração é tão facil de illudir... O que se deseja engana tanto!... Olha, João, tenho horas de receio e de tristeza; tenho medo ás vezes de mim, do nosso amor!... Não sei porque, ha occasiões em que choro pensando em ti!... »

— « Lagrimas! maguas!... E sabes que de longe os teus olhos reinam pela saudade; e que juntos como agora... »

— « Lagrimas sim, lagrimas de amor! Não ouviste ainda que amargam menos do que as outras? Que nos consolam apesar de tristes? Vamos! Conta-me tudo. O que tens desejado; que pensamentos tem sido os teus, depois que nos apartámos? »

— « Querida, o meu pensamento unico, era ver-te. »

— « Sempre? E o meu dedo a dizer-me que ás vezes... » accudiu ella sorrindo.

— « O teu dedo é um mentiroso, um travesso, que hei de punir com um beijo. »

— « Então lembras-te de mim? »

— « Sempre! O que fiz foi para te vêr unida a mim; o que desejei foi ser senhor da terra para te dizer: O teu amor torna-me mais ditoso. É que o throno sem ti... »

— « O throno sonhado é tão differente do throno verdadeiro! » redarguiu a educanda com malicia.

— « O throno far-me-hia grande para os homens, e desgraçado para mim... Cecilia, nem todos os sonhos são mentira... »

— « E sonhas que és rei? » interrompeu ella sorrindo.

— « Ás vezes » respondeu elle. « Ainda mais.

Tambem sonho que és rainha e que te vejo ao meu lado... »

— « Ah! O sonho-mente! » accudiu ella com arrebatamento « Digo-t'o eu, se fosses rei, não me vias ao teu lado... »

— « Quem sabe! »

— « Tornamos ao romance? » exclamou rindo e ameaçando-o com o dedo. « Se não te callas com os principes encubertos, faço-me tambem fada, e desapareço. Mas deixemos os gracejos, João, tenho que te fallar serio. Aqui não; debaixo daquelle mirante, aonde nos vamos sentar... Não reparas como estou animosa e como te amo? Estamos sós, ninguem me defende senão a tua honra; ninguem me guarda senão o teu amor; encosto-me ao teu braço socegada, como se fosse ao braço de meu pai... »

E dizendo isto com uma candura cheia de pudor, entrava com o mancebo no mirante forrado de verdura, e cheio de sombra, e obrigava-o a sentar-se com branda violencia. Pegando-lhe depois na mão com um requebro casto e uma ternura expansiva; illuminando-lhe a alma com aquella rara chamma dos olhos, que só a paixão acende, disse-lhe tão sumidas as palavras que a voz parecia um suspiro:

— « Tu amas-me João? »

Elle sobresaltou-se, empalideceu, e levantou a vista anciosa para ella.

— « Amas-me? » insistiu a educanda fitando a vista na sua, e parecendo querer infundir-lhe a alma anhelante no coração. « Se me enganas ou eu me enganasse, não sabes que não sobrevivia á dor de te perder? »

— « Cecilia! » exclamou soffocado, e batendo-lhe o peito com tanta força, que o ouvia ella.

— « Responde-me! com a tua mão na minha, aqui sós, em presença de Deus, juras-me pela memoria de tua mãe, pela esperanza da tua alma, que me amas, que é verdade o que me dizes? »

— « Cecilia! » tornou o mancebo tremulo, e arrastando-se quasi aos seus pés.

— « Vês! » acrescentou a donzella com tristeza quasi chorosa, é melhor desenganar-me. « Antes morrer hoje, do que deixar-me illudir para depois padecer mais; tenho de morrer, que seja aqui. »

— « Se te amo! » exclamou elle pondo-se de pé com um impeto cheio de ardor e de delirio. Não vez, não sentes? o coração que geme de te ouvir, não te diz que amo? »

— « Sim, sim! » exclamou radiosa, pallida de jubilo e curvada ao excesso da sua ventura.

— « Perdoa-me ! » eu sabia que amavas ; que eras incapaz de mentir... mas sou tão feliz de o sentir, de ler no fundo da tua alma !.. João, não tenho outra vida : e quero-lhe tanto porque é tua ! »

— « Anjo da minha luz !.. De joelhos, tu... E eu que devia... »

— « Perdoas-me ? Não desconfiei nunca ; mas fui louca ; fiz-te padecer para dar ao meu coração alguns momentos de felicidade. » acrescentou erguendo as mãos, e devorando na chama da vista fascinante as suas lágrimas lentas e suaves, que pendiam das palpebras do amante, de joelhos também e branco da comoção profunda, que o agitava, ao seu lado. Depois erguendo-se e deixando cair dos olhos um raio aveludado, meigo e amoroso, levantou-o com extremo, forçou-o brandamente a sentar-se, e pondo-lhe a mão sobre o seio palpitante, disse com um sorriso adorável :

— « Estes dois corações estão unidos ; fazem um só, não é verdade ? Hão de viver e morrer juntos, sempre os mesmos, não m'o promettes ? »

Houve uma pausa, em que nenhum fallava, porque as palavras eram nada diante do extasis do espirito. Enlaçadas as mãos ; quasi pulsando o peito de um sobre o peito do outro, o pranto extremoso não percebido cahia em fio sobre as mãos aonde se misturava ; a respiração, como um suspiro, murmurando sobre os labios, adejava perfumada e inebriante, augmentando o delirio e fundindo n'um sentimento unico os doces raptos, em que se abraçavam.

— « Vês que noite serena ! Que luar tão branco ! Não te faz saudade de ver o céu ? » disse ella no fim, como accordando e pondo no firmamento os olhos, cujas pupillas negras, irisadas de reflexos raros tinham o brilho mais intenso e que duas lágrimas mal queimadas enchiam de promessas.

— « Ao pé de ti sinto-o não o vejo ! » respondeu o mancebo imprimindo um osculo tímido na mão esquecida entre as suas.

— « Cuidas que uma noite destas mais esquece ? » Tornou ella baixando a vista sobre o amante, e agradecendo-lhe com um sorriso.

— « Nunca ! A alma lembra-se até ao fim dos breves instantes em que foi ditosa. »

— « Sabes que ás vezes chego a ter inveja aos rouxinoes, que veem cantar aqui livres e alegres como a aragem que os affaga !.. Se podessemos voar também com o pensamento, deixando fugir o coração !.. »

— « E se estes momentos fossem dias, e se estes desejos fossem a nossa vida mesmo ; se como os rouxinoes livres e alegres não fizessemos senão cantar o nosso amor, querias mais ventura, querias outra sorte ? » exclamou elle beijando-lhe a mão.

— « Não me faças chorar ! A alegria ás vezes é uma dôr ! »

— « E sentir na tua a mão leal do homem, que Deus fez o companheiro, o amigo da tua existencia ; duas almas em uma só vontade ; dois sorrisos em um beijo de eterno amor ; ler nos seus olhos o que o teu coração deseja ; dizer com a tua bocca o que o pensamento d'elle espera ; tudo isto, que só de imaginal-o está o peito a tremer de jubilo, tudo isto que tornaria o homem tão ditoso que os anjos haviam de ter inveja, não valeria um sacrificio, um pouco de orgulho abatido, um ardor de ambição refreado ? »

Fallando assim o mancebo tinha ajoelhado e pegava-lhe com extremo nas mãos, ella com o resto inclinado sentia o halito do amante agitando-lhe os cabellos ; e o brilho dos olhos, radiosos, humidos de paixão, quasi desfallecidos de amor, ia-se fazendo turvo ao sopro inebriante destas palavras, e esmorecia a cada instante em um deliquio encantador. Os labios de rosa, anhelantes e tímidos, pareciam chamar os do amante ; e presos pelo pudor e pelos receios da innocencia avivaram o coral, ora vencidos do pejo, ora abraçados de desejos. O sim, tremido á flor dos beijos com que respondia com um suspiro, passava apenas pela bocca ; e no rosto, palido alternadamente e encendido, mil esperanças e temores, renasciam e se apagavam. Neste delirio invencível o mancebo vendo aquelle sorriso, que tinha medo de se abrir ; lendo naquelles olhos o mesmo que a sua alma lhe pedia, cego, arrebatado de paixão, uniu os labios aos della, em um impeto e o osculo louco tremente e doce, o osculo delicioso do amor virgem voou da alma, deixando escapar em torrentes a ternura, que já não tinha força de se conter.

L. A. REBELLO DA SILVA.

( *Continúa.* )

#### POESIAS DE OTTONI.

No acto da invasão franceza era José Eloy Ottoni secretario da embaixada portugueza em Madrid, e presentindo que o conde de Ega, enviado extraordinario, cedia a suggestões anti-nacionais, cortou todas as considerações que naquelle momento o p'

diam junto do conde, e retirou-se para o Brasil. Veio viver de novo a triste vida de pretendente sem nada poder obter, porque apesar de ter abandonado a embaixada portugueza, logo que lhe ella pareceu connivente com o estrangeiro; apesar do eloquente protesto que fez contra os francezes na glosa da celebre oitava de Camões: — *Deu signal a trombeta castelhana*, — publicada em 1808, e colligida em 1828 no Parnaso Brasileiro pelo fallecido conego Januario da Cunha Barbosa, teve o sentimento de ver posta em duvida a sua fidelidade de subdito portuguez. Em varios outros documentos mostrou José Eloy repellir toda a idéa de connivencia com os invasores da península, e notadamente em uma ode aos annos de Jorge IV da Inglaterra, offerecida a lord Strangford, e n'uma serie de dialogos com o titulo *Os amigos da virtude*, de que tem os originaes os seus parentes.

Acolhido com frieza pelo principe regente, saudoso da bella sociedade que deixára além do Atlantico, José Eloy Ottoni entregou-se ao estudo da Escripura Santa, traduziu e paraphraseou muitos psalmos da igreja, e compoz cantigas e versos devotos que alguns jornaes, e especialmente a *Tribuna Catholica*, tem procurado vulgarisar. O *Stabat mater* foi traduzido por esse tempo e o *Miserere*, e a glosa de um dos versetos desta traducção, que já publicámos.

Darei ao benevolo leitor uma amostra da traducção do livro de Job. É o quadro das desgraças que Satan amontoou sobre a cabeça do varão justo, e o da piedade e resignação com que elle soube nesse mesmo transe abençoar a mão da Providencia.

#### EXTRAHIDO DO CAPITULO PRIMEIRO.

.... Risonho e circumspecto  
 Dos filhos o mais velho á mesa estava  
 Unido a seus irmãos em doce affecto.  
 Mensageiro que subito chegava:  
 « Cessou, eis disse a Job, o amanho á terra,  
 Que o rude camponex c'os bois lavrava.  
 Nem jumenta, nem touro orneja e berra.  
 Absorve o roubo o que escapou da espada,  
 De repente os Sabeus nos fazem guerra.  
 Tudo a ruina envolveu, tornou-se em nada  
 A lavoura e domesticos; apenas  
 Eu, que á morte escapei fogindo á estrada,  
 Venho dar-te esta nova. — Oh dôr! E ordenas  
 Que o teu raio, Senhor, no céu ribombe...  
 Que abraze, ou dobre do teu servo as penas?  
 Mas antes que o terror das trevas tombe...  
 (Inda aquelle fallava, eis outro grita:)  
 « Que funesta, que lugubre hecatombe!  
 Nuvem negra rasgou sulfurea fita,  
 Que ovelhas consumiu, tragou pastores.  
 Foi sentença do céu, com fogo escripta. »  
 Inda não acabava. Eis salteadores.  
 .....  
 Lá vão camellos!... Lá se escuta horrendo,  
 Triplíca estrondo, que no chão resôa...  
 Quadrupedantes esquadões batendo.  
 Rapina e morte os corações magôa,  
 Da espada o fio vai cortando a eito...  
 Mas que novo desastre o campo atrôa!

Rebrama o noto, que traspassa o peito  
 Da banda do deserto (eis outro clama)  
 Que abala os troncos no seu proprio leito.  
 .....  
 ..... Que doloroso

Espectaculo, triste e miserando,  
 Offerece o Justo em lance perigoso!  
 Apenas se ergue Job, no chão tombando  
 Cede ao peso d'angustia que o devora;  
 Os vestidos n'um extase rasgando,  
 Tosqueada a cabeça inclina, e chora...  
 Mas o céu, que não tarda, acode ao justo,  
 Os olhos para o céu volvendo, o adora.  
 « Do seio maternal se a dôr e o susto  
 (Clama Job) me arrojou despido e pobre,  
 Em mágoa e pranto, que eu herdei sem custo;  
 Á madre terra, que os seus órgãos cobre,  
 Nú pretendo baixar. Bemdito o nome  
 Que abate o rico, o poderoso, e nobre!  
 Tu me dêste, Senhor, fartura e fome,  
 O que eu tinha, era teu, serás bemdito.  
 Pobreza, injuria, se te apraz que assome. » —  
 Em tudo quanto Job nos deixa escripto,  
 O justo, que em seus labios foi discreto,  
 Não commetteu sequer um só delicto.

#### HISTORIA PATEIA.

##### A praça d'Almeida em 1810.

(Continuado de pag. 192.)

Já vimos que no acto da capitulação era governador da praça, isto é, primeira auctoridade militar della, o coronel William Cox; agora acrescentaremos que o seu immediato era o coronel tenente-rei Francisco Bernardo da Costa d'Almeida, servindo de major da praça o tenente coronel Manuel Paulo Caldeira, e de director do trem o major Paulo Fernandes da Rocha.

A ord. do dia de 6 de setembro, tantas vezes citada, louva o comportamento de toda a guarnição, e *mui especialmente* o do governador. Affirma que a explosão sómente apressára a perda da praça mais 15 ou 20 dias; que a villa ficára em ruinas; um pano da muralha derrubado; e que das munições unicamente escaparam as que estavam fóra do paiol; todavia as ord. do dia de 12 de agosto de 1812, e 4 de junho de 1815 em parte contradizem a precedente. Conforme as ultimas, a explosão *não offendeo a muralha*, e não obstante a quasi total perda das munições, a guarnição tinha meios de resistir por muitos dias, pois *ainda não havia brecha*, nem faltava gente para a defeza. De tudo isto conclue Beresford, que sem a perni-

ciosa influencia do tenente-rei, a praça não capitularia tão cedo, e daria tempo a que o exercito anglo-luso se acabasse de reunir para ir soccorrel-a.

Quando Massena assumiu o mando supremo da terceira expedição contra Portugal, resolveuahi penetrar por Almeida, na fronteira de leste. Em consequencia a sua vizinha Ciudad-Rodrigo foi previamente assediada e tomada, (31) contudo, a 15 de julho já as columnas francezas se apresentavam ante os muros da nossa praça para os reconhecer. (32) Wellington tanto não desconhecia estes movimentos, que desde 28 de abril havia estabelecido o seu quartel general, ora em Celorico, ora em Alverca, e a 27 e 28 de junho o tinha mesmo em Almeida, para cujas immedições chamára o grosso das suas tropas, que Junot avistou quando em fins de junho com o 8.º corpo passava o Agueda. Posteriormente a esta passagem do Agueda, algumas divisões de Massena se encontraram com o brigadeiro inglez Crawford, ou Craufurd, (33) mas este, sem duvida em razão da grande inferioridade numerica das suas forças, nesse encontro não levou a melhor. Na mesma occasião, pouco mais ou menos, o 6.º corpo atravessou o Coa, tomando posição em Pinhel. Ora, Wellington via o inimigo desenrolar-se diante de si, mas sem o esperar lhe voltava as costas; de geito que foi Silveira com a sua gente, quem nesta campanha victoriosamente se estreou, aprisionando um batalhão de suissos com 500 praças; successo que no moral do exercito de Napoleão produziu cruel impressão. (34) Em fim, as noticias que então chegavam ao quartel general francez, combinavam todas em lhe dar os contrarios sempre em retirada.

De taes premissas póde consequentemente in-

(31) Sem nenhum esforço de Wellington para lhe acudir, como elle mesmo declarou ao conde de Liverpool em officios de 27 de junho e 25 de julho, que são os documentos n.ºs 413 e 419 da collecção (*Recueil Choisi*) dos despachos e ordens do dia de W. por Gurwood.

(32) Duqueza de Abrantes nas Mem. T. 13.º pag. 208.

(33) Alguns generaes francezes chamavam a este brigadeiro o valente estorninho — *le brave etourneau*.

(34) Duqueza de Abrantes T. citado pag. 199. A gente de Silveira, diz esta, sendo atacada em Parba, venceu as nossas tropas, e lhes tomou um batalhão inteiro de suissos com 500 homens. Mais ou menos 500 homens nas nossas fileiras pouco importava, mais le moral de la chose était immense en mal de notre côté, en bien de celui de l'ennemi.

ferir-se que Wellington não tencionava soccorrer a praça; porém se de prova mais terminante se carece, ella ahi vai.

O inglez Coote no precitado cap. 39.º narra a tomada d'Almeida por esta fórma:

« Massena, de quem Napoleão com justiça louvava os talentos militares, sahio da Hespanha no verão, e á frente de 72:000 homens atacou Almeida. Wellington não julgou necessario tomar medidas vigorosas para conservar a praça, ou para a soccorrer, e um destacamento encarregado tão sómente de observar os preparativos do sitio, com bastante difficuldade escapou ao perigo, não obstante o habil comportamento de Crawford. »

Se Wellington não julgou conveniente, ou possivel, tomar medidas vigorosas para conservar, ou soccorrer a praça; se antes quasi a desamparou, como podia o tenente rei ser culpado em não dar tempo ao marechal para a soccorrer?

É, porém, o mesmo general Wellington quem nos vai mostrar, que o seu plano, todo defensivo, consistia em retirar, e não em sustentar nenhuma das praças da raia, quer portugueza, quer hespanhola.

Em 15 de junho escrevia elle a Ch. Stuart. — « Vou pedir á regencia que proclame ao povo, instando que os trigos, apenas ceifados, sejam debulhados, e que ajunte em Lisboa a maior cópia possivel de cereaes. Nós consumiremos muitos nesta cidade, se ahi nos demormos, o que certamente acontecerá, uma vez que a força inimiga não seja tão grande que nos obrigue a retirar. — E logo a 27 dizia ao conde de Liverpool. — Seria impossivel soccorrer Ciudad-Rodrigo, e fazer levantar o cerco, sem dar uma batalha contra forças que eu sei, até pelas cartas interceptadas, serem infinitamente superiores ás que posso oppor-lhes. Não obstante o poderoso desejo e interesse de conservar esta praça, não posso imaginar, que, seja qual fór a utilidade que aos alliados dahi resulte, se queira que corra eu o risco de ser vencido, tentando salvar-a. Tenho animado e continuo a animar o governador a defendel-a; porém tambem não tenho cessado de dizer ao governo, que quando Ciudad-Rodrigo estiver em perigo, tomarei as medidas que os interesses dos alliados me aconselharem, encarando-os sob uma relação mais larga do que a simples conservação de uma praça. — Finalmente, em 13 de setembro ainda ao mesmo conde fallava neste sentido. — A regen-

cia portugueza pôde ter razão instando pelas operações offensivas, e eu posso enganar-me no calculo que me ha feito preferir o systema defensivo, mas estou seguro que os generaes, e mais officialidade de ambos os exercitos, principalmente do britannico, acham bom o partido que adoptei, e alguns, se governassem, já teriam o exercito embarcado nos transportes. » (35).

Em face de tão exuberantes provas, não se pôde duvidar que não era do intento de Wellington combater por Ciudad-Rodrigo, nem por Almeida, senão retroceder, e mesmo acolher-se aos seus navios se o aperto assim lho requeresse.

Ora, Beresford optimamente conhecia os projectos do seu superior, e os manifestou assim, na ord. do dia de 6 de setembro. — « Finalmente Almeida se rendeu, e pôde ser que em 15 ou 20 dias mais depressa do que esperavamos. »

Todayia, quando se tractava de salvar um coronel inglez do laço, desta prematura capitulação, nem por isso trepidou em se contradizer, dirigindo ao exercito est'outra linguagem.

« Quando o marechal se lembra, que *nessa mesmo tempo* o exercito alliado havia sido já reunido em as circumvisinhanças de Freinedas por s. ex.<sup>a</sup> o sr. marechal general, e que a conducta do tenente rei *impedi*, que houvesse mesmo o tempo, para que o dito sr. marechal general soubesse da infelicidade que havia acontecido á praça, elle não pôde deixar de fazer disto menção; não só *para mostrar o mal absoluto á causa dos exercitos alliados*, e particularmente ao da sua patria, de que a conducta do tenente rei foi causa; mas para que todo o official do exercito veja a consequencia, e as vantagens de fazer o que a sua honra lhe pede, sustentando-se em todo o logar até o ultimo momento. O marechal observa, que a praça de Almeida não chegou a este ponto, como conhecia o seu *bravo* governador; nem o haveria chegado em alguns dias; porque ainda que o armazem de polvora houvesse saltado, os defensores da praça, alli estavam com as suas armas, e as suas muralhas *não haviam recebido prejuizo algum*; (36) e o inimigo não tinha menos que fazer os seus approches, e depois brechas, como se a praça estivesse municiada com polvora. » (37) (Continúa.)

(35) Citada Collecção de Gurwood, doc. n.º 441, 413 e 441.

(36) Compare-se isto com o que o mesmo Beresford affirmou em outros logares, e com a narração da tjuva de Jupot.

(37) Ord. do dia de 12 de agosto de 1812. Co-

## NOTÍCIAS E COMMERCIO.

**Theatre francais.** — Publicamos com satisfação o seguinte programma para a nova estação do theatre francez, a qual nos parece deverá ser brilhante pelas excellentes acquisições que o seu intelligente director M. Bernard teve a fortuna de fazer em Paris.

### THEATRO DE D. FERNANDO.

#### COMPAGNIE FRANÇAISE.

**Administration** — Mr. Jules Bernard, empresario, e director geral.

**MM.** Dumesnil, régisseur général. — Matle, administrador, Thesoureiro, etc. — Libert, chef d'orchestre (*Porte St. Martin*, — Paris). — Hubert, deuxième régisseur. — Rondeau, souffleur — bibliothécaire.

#### EMPLOIS.

Mademoiselle Pauline Lyons, artiste du théâtre, du Palais Royal.

#### MESSIEURS.

Tony, premiers rôles (Lyon, Bruxelles, Bordeaux). — Réal, jeunes 1.<sup>ers</sup> rôles (*Gaieté* — Paris, Berlin, Moscou). — Victor Henri, premiers comiques (*Odéon* — Paris). — Dumesnil, comiques marqués (*Variedades* — Paris). — Francisque, jeunes premiers (Lisbonne). — Roche, financiers, pères nobles (Lisbonne). — Octave Galle, jeunes comiques (*Kaudivilla* — Paris). — Bernard, des comiques (Lisbonne). — Mélin, grimes, et pères (Rouen). — Hubert, comiques et utilité (*Dé-lassements* — comiques — Paris). — Alfred, utilité, (Berlin, Brunswick).

#### MESDAMES.

Pauline Lyons, jeunes, premières, amoureuses. — Troy, premiers rôles (Nice). — Real, soubrettes, ingénuités (Berlin, Moscou). — Darcemon, coquettes et soubrettes (*Palais Royal* — Paris). — Olivier, grandes, coquettes (Rio de Janeiro). — Crosnier, duègnes (Berlin, Brunswick). — Dumesnil, amoureuses (*Variedades* — Paris). — P. Fortier, rôles de convenance. — Octavie, idem.

*L'ouverture aura lieu, très incessamment.*

#### EXTRAIT DU RÉPERTOIRE.

Une Chaine, Gabrielle, Bataille de dames, Le Mari

mo aquella viuva nunca nos poupa, escreveu a pag. 197 do tit. 13.º das Mem. — A guarnição de Ciudad-Rodrigo fez o seu dever bem diversamente do que o fez ad'Almeida. A primeira resistiu, ainda um mez depois de aberta a trincheira, e só capitulou no ultimo extremo.

à la campagne, mademoiselle de Belle Isle, Turfotte, Le Jeune mari, Le Mariage de Figaro, etc. etc. *Comédies*. Un Changement de main, Le Diplomate, La Chanoinesse, L'Héritière, l'Omelette fantastique, La Rue de la Lune, La Maîtresse de langues, Pauvre Jacques, Le Misanthrope et l'Auvergnat, Les avocats, Le Démon du foyer, La Fiote de Cagliostro, Bien le vent, Un Soufflet n'est jamais perdu etc. etc. *Vaudevilles*. Les Enfants d'Edouard, (drame en vers.) La Clergie des Genets, Madeleine, Marianne, Marie Jeanne, Le Camoëns, Le Chef d'œuvre inconnu, etc. etc. *Dramas*.

**Residência de Abd-el-Kader.** — Eis algumas notas geographicas ácerca da cidade de Broussa que vai ser residência do celebre ex-emir, Abd-el-Kader.

Situada Broussa na Anatolia, a 24 leguas de Constantinopola, fórma com as cidades de Erzerum, Karakissar, Tokai, Angora, Smirna, Bassorá, Bagdad, Diarbekir, Alepo, Mossoul e Damasco, o grupo central por onde passam as caravanas que vem da Persia, Arabia, e Turquia europeia. Esta região na remota antiguidade e durante a idade media foi a mais commercial do mundo; porém em consequencia de pouca segurança, falta de estradas, de canaes navegaveis, e de protecção do governo, o commercio actual é apenas uma sombra do que foi n'outras eras.

Apesar de tudo isso, a posição central destas provincias, situadas entre a Europa, a Asia, e a Africa, as ricas produções do seu terreno, a abundancia dos artefactos da industria de algumas de suas grandes cidades, e as caravanas de Bagdad e Damasco, que conduzem á Meca os peregrinos da Europa e da Asia Oriental, concorrem para dar grande actividade ás suas relações commerciaes.

Não mui longe de Broussa, oito leguas pouco mais ou menos, no mar de Marmara está o porto de Moudiané sobre o golpho que tem o seu nome, e que serve de entrada ao commercio de Broussa, por onde esta cidade recebe as mercadorias que lhe expede Constantinopola. Fica proxima Isnik (Nicea) que se levanta no assento da metropole da antiga Bithynia, tão nomeada em rasão do primeiro concilio geral que nella celebraram os ebristãos em o anno 325.

Broussa, formosa por suas fabricas de tecidos de seda, e tapetes, está situada ao pé do monte Olympo e não longe do Nilofer que se passa em muitas pontes. É uma cidade consideravel, bem edificada, de quasi cem mil almas, e uma das mais florecentes do imperio turco. É defendida por numerosos reductos, e dominada por castello de origem muito antiga, adornada de esculpturas romanas. Vastos arrabaldes a rodeam; notam-se entre os seus monumentos as mesquitas e as hospedarias, construidas de cantaria, e além disso os magníficos banhos thermaes, que o sabio orientalista, Mr. Jonanin, descreveu com tanto talento artistico, assim como as bellas e numerosas fontes que aformoseiam a cidade.

Broussa foi residência dos reis da Bithynia; na idade media tambem foi capital de todo o imperio ottomano até á tomada de Andrinopoli. Hoje nella residem um mollah de primeira classe, um bachá, um metropolitano grego e um arcebispo armenio.

## CHRONICA.

É geral no mundo elegante a anciedade pela estreia da nova companhia franceza. Se dermos credito ás informações de algumas pessoas, parece que gosaremos este anno em D. Fernando noites sumthamente agradaveis. Pelo menos o pessoal da companhia é numeroso, como nol-o attesta o programma de M. Bernard.

O Gymnasio vai tambem em breve abrir as portas á concorrência pública. As obras tem continuado com incessante actividade, e o theatro apresenta já no interior um aspecto elegante, e de muito bom gosto, transformação esta devida ao admiravel talento dos srs. Rambois e Cinatti.

Em D. Maria II decretou-se finalmente a ultima destruição de Jerusalem, no que lucraram os frequentadores daquelle theatro, que estavam cansados já de ver desabar e surgir de novo d'entre as ruínas os magestosos edificios da capital de Judéa. Representam-se agora ali algumas comedias espirituosas, e dignas de serem vistas.

Ainda não fallámos da noite deliciosa que nos fez passar o sr. Eller no seu concerto no salão de D. Maria II. O effeito que este insigne violinista produziu no numero concurso que o escutava com a maior attenção é difficil de se descrever. O sr. Eller é um artista de extraordinario merecimento, — a rebecca nas suas mãos um instrumento magico portentoso. Não só se admira as difficuldades prodigiosas, que elle executa sem o menor esforço, e em que se nota sempre a mais correcta afinação, mas tambem o bom gosto e brilhantismo que presidem a todas as suas composições. Das peças que tocou as que maior entusiasmo causaram foram a *Reverie* de Vieuxtemps, as variações de sua composição sobre o thema do hymno nacional inglez, e a tão applaudida *Valse diabolique* que elle teve de repetir neste concerto a rogos de muitos dos circumstantes. Ao seu grande merecimento musical o sr. Eller reune a modestia que tanto realce dá ao talento, e as qualidades moraes que o tornam a par de um artista distincto um cavalheiro estimavel. A concorrência que teve, e os applausos que lhe foram prodigalizados, devem aconselhal-o a dar mais alguns concertos nesta capital, proporcionando aos *dilettanti* o prazer de novamente o ouvirem e admirarem.

O sr. Cossoul Junior tambem se distinguio muito, executando no violoncello uma peça de sua composição, que lhe grangeou vivos e espontaneos applausos. O sr. Dell'Aste teve igual exito, cantando com muita expressão e colorido musical uma linda romanza na lingua allemã.

No dia 29 do passado, anniversario natalicio de s. magestade el-rei, subio á scena em S. Carlos uma opera nova *L'anima della tradita*, do maestro Flotow. Já na véspera se havia espalhado que esta opera não seria bem aceita do publico: — assim acconteceu. Francamente diremos que nos apartamos da opinião dos que negam a este *spartito* todo o merecimento: pelo contrario achamos que é escripto com bastante conhecimento da arte, tem muita originalidade, e alguns trechos graciosos e de peregrina composição. A musica é um mixto do estylo allemão e francez, e portanto de um genero inteiramente diverso daquelle

a que estamos habituados. Esta circumstancia correu de certo para que a opera não agradasse, além de que, o *spartito* de Flotow apresenta muita difficuldade não só para os cantores como tambem para a orchestra. e força é dizelo, carecia de mais alguns ensaios, para que a sua execução corresse tão bem como era para desejar.

Assim mesmo, e não obstante a indisposição que havia na platéa, madame Castellan agradou muito e conseguiu, contra o preceito marcado pela etiqueta nos dias de galla, ser applaudida por repetidas vezes.

Tem-se fallado muito estes dias das desintelligencias entre a empresa do theatro de S. Carlos e a compratoria sr.<sup>a</sup> Denovani. Consta-nos que aquella artista, queixando-se de que a paga que recebe não é adequada ao lugar que occupa na companhia, reclamára ao sr. Porto um augmento, negando-se a cantar na *Somnambula* por lhe não ter sido deferida a sua pertença. Estranhos, como somos, a esta pendencia entre a empresa e uma de suas escripturadas, e com o que o publico e a imprensa, no nosso modo de entender, nada tem, não podemos comtudo deixar de desapprovar o passo que deu no domingo a sr.<sup>a</sup> Denovani, negando-se a cantar. Este proceder foi filho sem duvida da sua inexperiencia, ou dos conselhos dos que, julgando favorecel-a, não fazem senão compromettel-a perante um publico, de quem ella tem constantemente recebido inequivocas provas de sympathia e benevolencia. Quaesquer que fossem as razões que aquella artista tivesse para fazer uma reclamação á empresa ou ao sr. Porto, não era esse de certo o caminho que devia seguir para obter o seu intento. Parece que ella reconhece a final a irreflexão com que obrára, e que promptificando-se a cantar, não deixára comtudo de expôr as suas queixas perante a inspecção geral dos theatros, onde o sr. conde de Farrobo, cuja competencia nestas materias ninguem poderá contestar, com imparcialidade que lhe é propria resolverá esta questão, como fór de justiça.

No domingo tivemos a *Lucia*. em que madame Castellan desperta sempre o mais vivo enthusiasmo. O publico não cessa de applaudil-a, particularmente depois do lindo *rondó*, que ella canta com tal perfeição, que nos faz esquecer todas as damas que a precederam no desempenho do papel da interessante e infeliz desposada de *Lammermoor*. Se na *Somnambula* madame Castellan justificou desde logo a reputação de que goza no mundo theatral, na *Lucia* ella excedeu essa reputação, e foi muito além da nossa expectativa.

O sr. Bartolini canta e representa magistralmente a parte de *Asthor*, mostrando-se sempre o artista consciencioso, cujo canto expressivo e dramatico tanto admiramos.

Sentimos que o sr. Prudenza, possuindo uma voz de bello timbre, muito afinada, e cantando com esmero, não dê a devida animação á musica e principalmente á palavra, nas diversas situações dramaticas em que abunda este sublime *spartito* de Donizetti: Por exemplo, n'aquelle lance terrivel do 2.<sup>o</sup> acto em que *Edgardo* amaldiçoa a amante que julga perjura, — no final do mesmo, e no *duetto* com *Asthor* no 3.<sup>o</sup>, o sr. Prudenza não imprime ao seu canto e á sua acção a energia e vehemencia proprias da situação.

Comtudo pede a justiça que se diga que este artista faz todos os esforços para agradar, e vae conquistando a estima do publico.

Assistimos á academia de poesia extemporanea dada pelo sr. Bindocino salão do theatro de D. Maria II. O insigne poeta deixou maravilhad os todos os que o ouviram. Causa na verdade a maior admiração não só a fecundidade da sua imaginação, as idéas sublimes e elevadas que saem de seus labios á medida que as váe concebendo, e o bello estylo que transuz em todos os seus improvisos, mas tambem a expressão que anima todas as suas palavras, que ora nos commovem, ora nos arrebatam, obrigando-nos a romper em *bravos* espontaneos e repetidos. O illustre poeta tractou com muito exito diversos assumptos que lhe foram apresentados, e entre elles os seguintes *I Vespri Siciliani*, — *l'Alleanza dei Popoli*, — e *la Commemorazione dei Martiri per la causa dell'indipendenza italiana*.

Tambem desenvolveu alguns themas de genero fasto, provocando a cada passo a bilaridade, e os applausos dos circumstantes. O que nos desapontou o mais possivel, — e estamos certos que não produziu menor impressão no sr. Bindocci, — foi ver uma concurrencia tão pouco numerosa. Estranhámos sobretudo não encontrarmos entre os ouvintes muitos dos nossos talentos nacionaes, que seja-nos permitido dizelo, bem podiam ter honrado com a sua presença este acto publico de um seu collega estrangeiro. — de um collega que alcançou um nome distincto na republica das letras. DEMETRIO RIPAMONTI.

#### BIBLIOGRAPHIA.

HISTORIA DO NASCIMENTO, VIDA E MARTYRIO DO BEATO JOÃO DE BRITO DA COMPANHIA DE JESUS, MARTYR DA ASIA, E PROTOMARTYR DA MISSÃO DE MADURÉ, composta por seu irmão *Fernando Pereira de Britto*. — Segunda edição com um importante addicionamento. — Saú á luz a Historia do Nascimento, Vida e Martyrio do Beato João de Britto, natural de Lisboa, martyr da Asia e protomartyr da missão do Maduré, degolado por ordem do regulo de Maravá em odio da fé a 4 de feveiro de 1693, beatificado pelo Papa Pio IX neste anno de 1852, cuja inauguração solemne terá logar na igreja do vaticano em Roma na primavera de 1853. Esta obra interessante, escripta em estylo classico por Fernando Pereira de Britto, irmão do mesmo beato, impressa em Coimbra no anno de 1722; e agora nitidamente reimpressa com um importante addicionamento que contém muitas noticias sobre o referido Beato, e sobre as missões do padroado portuguez no Oriente, bem como as instancias feitas pela corte e bispos de Portugal para a canonisação deste Beato. e a historia do processo da sua beatificação, e uma gravura com a verdadeira effigie do Beato, e a carta topographica, em lithographia, da missão do Maduré, além de muitas vinhetas, formando um livro de 400 paginas em oitavo grande, acha-se á venda em Lisboa na loja de Lavado, rua Augusta n.<sup>o</sup> 8, e brevemente estará tambem em Coimbra na loja de José de Mesquita, e no Porto na rua dos Caldeireiros n.<sup>o</sup> 9 e 10. O seu preço avulso é de 800 réis, e para os assignantes 600 réis, aos quaes tanto em Lisboa como nas provincias será distribuida brevemente.



# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 18. QUINTA FEIRA, 11 DE NOVEMBRO DE 1852. 12.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### CAMINHOS DE FERRO.

#### I

A maquina de vapor teve o feliz destino de receber applicações da mais subida importancia quasi desde o momento de sua creação. Em 1690 o talento de Papin expõe ao mundo scientifico a sua grande concepção concernente ao vapor, e apenas decorridos dez annos esse pensamento theorico, sahindo do dominio especulativo, é applicado á industria. Savery e Newcomen dedicando a maquina atmospherica ao esgotamento das aguas nas minas de carvão de pedra salvam de imminente ruina o tronco principal da industria britannica. Apenas James Watt effectuára no systema das maquinas de vapor a revolução admiravel que ampliou indefinidamente a riqueza industrial, as applicações de seus descobrimentos realisaram-se logo n'uma escala immensa. Armada de forças novas, a maquina de vapor vem offerecer seu util soccorro aos inumeraveis trabalhos das manufacturas e officinas. A perseverança e talentos de Fulton abrem-lhe depois o imperio dos mares; e arrosta no oceano os impetos dos ventos e das ondas. Finalmente, novos aperfeiçoamentos no mechanismo deste poderoso motor proporcionam o meio de applical-o aos transportes rapidos pelas vias de locomoção terrestre.

Postoque as maquinas locomotivas sejam muito mais simples na sua combinação do que as maquinas fixas que funcçãoam nas officinas ou nas embarcações, a sua invenção é muito posterior em data áquellas. Os barcos de vapor sulcavam os rios nos dois hemispherios vinte annos antes

de se estabelecer a circulação dos viajantes pelos caminhos de ferro. Esta circumstancia se explicará sem difficuldade, reflectindo-se nas condições especiaes que a maquina de vapor devia desempenhar para servir á conducção de homens e fardos pela via terrestre. As unicas maquinas de vapor conhecidas e usadas na industria até o principio do nosso seculo foram as maquinas de condensação: ninguem se podia lembrar de applica-las aos transportes por estradas, porque a enorme quantidade de agua que demanda a condensação do vapor carregaria o trem a ponto que nem elle se moveria. Para resolver o problema era preciso um aparelho motor que appresentasse simultaneamente tenue pezo, volume mediano, e potencia consideravel. As maquinas de alta pressão reúnem estas condições preciosas, mas não foram usadas antes de 1801; portanto, a contar desse anno é que se poude tratar seriamente de applicar a potencia do vapor á locomoção por terra.

Todavia é certo que alguns homens insignes na mechanica fizeram, antes daquella epocha, tentativas sobre o problema da locomoção por vapor; porém, apenas são dignas de menção. Desse modo em 1759 o doutor Robison, então alumno da universidade de Glasco, se propozera a applicar o vapor a fazer andar as rodas das carroagens; e James Watt, em 1784, dá em um de seus documentos a descripção de uma maquina de condensação applicavel ao mesmo objecto. Porém, estes dois sabios tinham conhecimento bem profundo destas questões para que ligassem importancia alguma a uma ideia deste genero; não tardou que abandonassem seu projecto.

Não fez assim um engenheiro francez, por

nome Cugnot, que desconhecendo a gravidade dos obstáculos que ia encontrar por em pratica longos e inúteis ensaios para construir carros postos em movimento pelo vapor. Longe de contribuir, como alguém pertende, para o descobrimento da locomoção o que fez este engenheiro foi retardá-lo em consequencia do seu revez.

A carroagem a vapor, construida em 1770 pelo sobredito Cugnot, existe ainda no conservatorio das artes e officios de Paris, onde os curiosos vão ás vezes vê-la. Quando se examina com olhos imparciaes o mechanismo deste aparelho antigo, não se sentem disposições de participar da especie de admiração beatifica, de que tem sido objecto em França ha annos a esta parte. Apesar da veneração que possa infundir a sua vista, seja licito considerar o patriarcha das locomotivas como uma creação mesquinha. A carroagem de Cugnot era posta em movimento por uma maquina de effeito singelo. Compunha-se de dois cylindros de bronze, collocados verticalmente, nos quaes o vapor introduzido por um tubo achava-se em communicação, ora com a caldeira para receber o vapor, ora com o ar para expellir esse vapor quando tinha produzido o seu effeito. A caldeira posta na dianteira da carroagem appresentava a fórma de uma spherode achatada; o fogão, quasi concêntrico á caldeira, ficava por baixo. Todo este systema descansava em tres rodas; a de diante era a roda motora que recebia a acção do pistão, as outras duas não serviam senão de manter o equilibrio.

A maquina a vapor de effeito singelo nunca poderá applicar-se á propulsão dos navios; com motivo mais forte devia falhar na locomoção por terra, onde uma fricção mais activa e outras muitas difficuldades estorvavam a sua acção. Acresce que não tratou Cugnot dos meios de substituir a agua á medida que ella se desfazia em vapor, e assim ao cabo de um quarto de hora todo o movimento cessava: era preciso encher de novo a caldeira, e a marcha da carroagem só se restabelecia quando o vapor tinha adquirido sufficiente tensão. Esta circumstancia bastava para obstar a que tivesse applicação. Não podem, pois, citar-se sem desfavor os trabalhos de Cugnot. Não basta na industria ou nas artes lançar-se a um problema que está para resolver; é mister saber, antes de entrar com elle, se a sciencia ministra os meios de triumphar das difficuldades que appresenta. Quando o estado de imperfeição dos methodos de que a industria dispõe tornam manifestamente irrealisavel um projecto, é signal

de pseudo-talento perseverar nelle. Quando Cugnot empreheheu as suas tentativas, a maquina a vapor era usada na industria havia sessenta annos. Lembra a muitos mechanicos applicar tão poderoso motor á marcha dos vehiculos; mas, depois de maduro exame, tinha-se reconhecido inexequivel semelhante projecto.

Uma tentativa abortada perjudica sempre o futuro de uma idéa scientifica. O máu effeito que produziu o revez de Cugnot retardou notavelmente o descobrimento da locomoção por vapor, desviando de estudal-a os que se davam á mechanica: trinta annos decorreram em que se abandonaram totalmente as investigações sobre este assumpto, só poude outra vez convidar a attenção para este problema o invento das maquinas de alta pressão, em razão das facilidades evidentes que para a solução offerecia.

A primeira idéa das maquinas de alta pressão foi emitida por Leupoldo pelos annos de 1725. Na sua celebre collecção o physico alemão descreve duas maquinas que trabalham mediante a acção do fogo, proprias para elevar as aguas, e que não são mais do que maquinas de alta pressão: a primeira que annuncia com este titulo — dupla maquina de fogo para elevar a agua por expansão, segundo o processo de Papin — parece-se muito á segunda maquina de vapor do physico de Blois. A exemplo de Savery e de Papin, Leupoldo serve-se da pressão do vapor para elevar a agua n'um deposito e fazel-a cahir dahi nos cubos de uma roda hydraulica. A sua segunda maquina não é dedicada a comprimir uma columna de agua; mas, sim, como a de Newcomen, a mover a vara de uma bomba que levanta a agua. É uma verdadeira maquina de alta pressão; uma torneira de quatro boccas serve para introduzir o vapor em dois cylindros collocados um perto do outro, e para o despejar depois livremente no ar. A Leupoldo cabe pois a honra do descobrimento do principio theorico da maquina de alta pressão: contemporaneo de Papin, de Savery, e de Newcomen, tivera occasião de estudar as suas maquinas, e é seu o merito de indicar, logo na appareição das primeiras deste genero, um novo modo do emprego do vapor, que mais tarde devia figurar tão grandemente na industria.

Todavia o principio descoberto por Leupoldo passou sem excitar a attenção; perdidos ficaram na sua volumosa collecção os projectos de maquinas. Cumpre accrescer que fôra impossivel naquella epocha pôr em pratica as idéas do physico

alemão, em consequencia da natureza do metal de que se usava na construcção das caldeiras; a abobada das que empregava Newcomen era de ordinario de chumbo, e as partes inferiores de cobre; a presença de um metal tão fusivel e de tão pouca resistencia como o chumbo não permitiria communicar sem perigo ao vapor tensões consideraveis.

Na serie de suas bellas investigações, James Watt não deixou de reconhecer a importancia que poderiam ter no emprego mechanico do vapor os meios propostos por Leupoldo. O celebre constructor falla, n'um de seus documentos, do seu projecto de construir maquinas em que o vapor seria deitado fóra depois de ter produzido o seu effeito; comtudo nenhuma fabricou fundada neste principio.

A honra de ter construido e propagado na industria as maquinas de alta pressão pertence ao americano Oliveiros Evans, homem dotado de notavel genio mechanico e que os seus compatriotas por muito tempo não avaliaram devidamente.

Evans dirigiu pela primeira vez sua attenção aos effeitos do vapor em consequencia de um brinco familiar aos habitantes do seu paiz. Os filhos da America divertem-se em tapar o ouvido de um cano de espingarda, vasam uma pouca de agua no mesmo canal e atacam fortemente com uma buxa. Expondo-se a culatra á acção de um fogo de forja, afinal a cavilha é expellida com violenta detonação: da-se a este jogo, que não é mais do que a supposta experiencia do marquez de Worcester, o nome de bombas do Natal.

Em 2 de dezembro de 1773, Evans, de idade então de 18 annos, simples carpinteiro de carros em Philadelphia, soube de um de seus irmãos, que recolhia de um serão d'aldéa, os effeitos das dictas bombas. Fez-lhe muita impressão no animo, e como havia muito reflectia nos meios de descobrir alguma força motriz que não fosse o vento, ou molas, ou cavallos, a sua imaginação novel inflammou-se com a idéa de crear um motor novo com o vapor da agua, cuja acção lhe era até alli desconhecida: todavia não tardou que soubesse que os mechanicos já haviam aproveitado esta força motriz. A descripção de uma velha maquina atmospherica, que lhe veio á mão, e a leitura de algumas obras incompletas sobre as maquinas de condensador, o puzeram ao corrente do estado da sciencia nesta questão. Admirou-se com rasão de que se tivesse

sómente empregado para fazer o vacuo um agente cuja potencia lhe parecia illimitada, e applicou-se a combinar maquinas novas em as quaes o vapor obrava só pela elasticidade, e se perdia no ar depois de haver exercido a sua pressão. Construiu diversos modelos deste novo genero em que o vapor obrava até a tensão de dez atmospheras.

Foi pela applicação das suas idéas sobre a alta pressão que Oliveiros Evans imaginou em 1782 esses admiraveis moinhos de farinha movidos por vapor, de que os Estados-Unidos colheram e ainda colhem tamanhos serviços. Tratou pouco depois de construir, segundo os mesmos principios, uma carroagem caminhando por effeito de vapor. Em 1786 requereu á legislatura do estado da Pennsylvania dois privilegios pelos moinhos de farinha e por uma carroagem a vapor. O primeiro pedido foi bem acolhido, mas a mesquinha camara da Pennsylvania não comprehendu o segundo, e não podendo decidir-se a tomar a serio o projecto de um carro que caminhasse sem cavallos, nem sequer o mencionou em seu relatório. — «Aqui para nós (diziam os membros da commissão) ao bom do Oliveiros não regula a cabeça.» — Insistiu novamente dahi a dez annos; porém, melhor inspirado dirigiu-se á legislatura de Maryland; o parlamento deste estado cedeu ás suas sollicitações; e foi-lhe concedido em 21 de maio de 1797 um privilegio para a construcção de carros a vapor, não sem a expressão bem clara de duvida: — «visto (dizia o relatório) ser coisa que a ninguem póde prejudicar.»

Esta approvação equívoca não podia animar os capitalistas a entrar na empresa de Oliveiros Evans, todas as bolsas se fecharam ao presumido sonho de carroagens sem cavallos. Tão mal acolhido de seus compatriotas, Evans decidiu-se a mandar a Londres os planos da sua maquina e dos diversos meios que contava pôr em pratica. Desejava achar em Inglaterra algum capitalista que viesse em tirar um diploma de invenção, repartindo com esse os lucros da especulação; porém, responderam-lhe de Londres que ninguem dava credito ás suas idéas.

Pelos annos de 1800 Oliveiros Evans tendo ajuntado uma pequena quantia, determinou-se a começar á sua custa a construcção da sua carroagem movida por vapor. Fallava-se muito em Philadelphia da nova maquina, mas era para ridiculisa-la, e a maior parte das pessoas instruidas que visitavam a sua officina taxavam abertamente de loucura o seu projecto. Um engenheiro

que gosava certa reputação quiz dar a esta censura publica a sanção scientifica, e n'uma memoria que appresentou á sociedade philosophica de Philadelphia tentou provar que era impossivel rodar uma carroagem pela acção do vapor. A sociedade, felizmente para o seu credito futuro, não deixou imprimir esta asserção e riscou a parte onde era enunciada — « visto que (disse com muito bom juizo) não se pôde marcar limites ao possivel. »

Com muita satisfação publicamos o seguinte interessante artigo mandado do Brazil.

Em o nosso paiz ergue-se de quando em vez desabrida perseguição contra uma das mais distinctas classes da sociedade. Depois de 1831 manifestou-se crua guerra contra os militares, apontando-os como revolucionarios e anarchistas, pelo que foram privados de accessos por longos annos. Em seguida coube aos religiosos claustraes igual sorte, soffreram a desapropriação dos seus bens, foram obrigados á evacuar os seus conventos, e por ultimo extinguiram-se algumas das suas ordens. Chegou enfim a occasião de ser a classe dos bachareis formados o alvo da mesma injusta perseguição; ora o seu numero é excessivo, ora se lhe attribue a origem de todas as revoluções, e de todos os males do Brasil, em summa, não escapa pecha ou defeito, que se lhe não lance! Quando

cessar esse delirio e triumphar a razão, tão nobre classe reassumirá a importancia que lhe é devida, o tem sido roubada por mãos grosseiras, como succedeu áquellas outras, que já sabiram do ostracismo e que haviam sido condemnadas. O mappa estatistico dos bachareis formados pelas duas academias demonstra com toda evidencia, que o numero não se pôde considerar excessivo, visto como tendo-se apenas formado 1,324 em 20 annos, desde a inauguração das academias em 1831 até 1851, deduzindo-se 84 fallecidos, restam 1,240, dos quaes 750 estão occupados em diversas posições, e apenas ficam 26 para cada provincia, os quaes se devem reputar applicados á advocacia, e a outros misteres; por conseguinte esse numero é insufficiente para as necessidades do paiz, naquella profissão, o que aliás não se torna mais sensivel, porque elle avulta agglomerado nas capitães, ao passo que na totalidade das comarcas não se encontra um só bacharel para fazer o mais simples requerimento, em razão da falta de segurança individual, e absoluta privação das commodidades da vida que offerecem lugares tão inhospitos. Entretanto os poderes do estado tem procurado referir os bachareis formados para diversos empregos, como de officiaes maiores dos tribunaes do commercio, pelo artigo 13 do decreto n.º 738 de 25 de novembro de 1850, de addidos, e secretarios de legação pelo artigo 3 da lei n.º 614 de 22 de agosto de 1851, etc., sem duvida por depositarem nelles maior confiança, visto como pela variedade de conhecimentos representam ser uma das classes da sociedade mais illustrada, e ao mesmo tempo dotada da precisa moralidade e civilisação.

A divisão judiciaria do imperio é a seguinte de 1852 á 1853.

Supremo tribunal de justiça 18 membros.

Relação do Rio 26.

» da Bahia 15.

» de Pernambuco 15.

» do Maranhão 15.

Desembargadores 71.

Para .....	9	J. de direito	1	J. de orfãos	12	J. municipaes	6	Promotores
Maranhão .....	11	»	1	»	11	»	9	»
Piauby .....	6	»	»	»	7	»	6	»
Ceará .....	11	»	»	»	11	»	7	»
Rio Grande do Norte .....	3	»	»	»	5	»	3	»
Parahyba .....	4	»	»	»	7	»	3	»
Pernambuco .....	15	»	1	»	19	»	14	»
Alagoas .....	6	»	»	»	6	»	5	»
Sergipe .....	4	»	»	»	9	»	4	»
Bahia .....	21	»	2	»	20	»	17	»
Espirito Santo .....	2	»	»	»	3	»	2	»
Rio de Janeiro .....	14	»	2	»	23	»	9	»
S. Paulo .....	8	»	1	»	27	»	7	»
Minas Geraes .....	14	»	»	»	36	»	13	»
Goyaz .....	7	»	»	»	6	»	7	»
Mato Grosso .....	2	»	»	»	3	»	2	»
Santa Catharina .....	2	»	»	»	3	»	2	»
Rio Grande do Sul .....	8	»	»	»	18	»	5	»
Total .....	147	»	8	»	226	»	121	»

Toda essa magistratura custa aos cofres publicos 240:000,000 réis.

As differenças que se podem notar, a respeito do respectivo numero desses magistrados, desaparecem, attendendo-se ao que dispõe o artigo 115 da lei de 3 de dezembro de 1841, e artigos 81, e 213 do regulamento de 31 de janeiro de 1842.

Outro sim dos desembargadores 7 são naturaes de Pernambuco.

- » juizes de direito 24 são naturaes de Pernambuco.
- » encarregados de negocios todos 3 são naturaes de Pernambuco.
- » chantre é natural de Pernambuco.
- » commendadores e officiaes de diversas ordens 8 são naturaes de Pernambuco.
- » fidalgos cavalleiros 2 são naturaes de Pernambuco.
- » presidentes 9 são naturaes de Pernambuco.
- » chefes de policia 6 são naturaes de Pernambuco.
- » tabelliães 1 é natural de Pernambuco.
- » lentes 4 são naturaes de Pernambuco.
- » professores de bellas letras 13 são naturaes de Pernambuco.
- » inspectores de thesauraria provincial 1 é natural de Pernambuco.
- » secretarios de presidencias 6 são naturaes de Pernambuco.
- » officiaes maiores da secretaria do governo 1 é natural de Pernambuco.

MAPPA ESTATISTICO DOS BACHAREIS FORMADOS PELAS ACADEMIAS JURIDICAS DE OLINDA E S. PAULO DESDE A SUA INAUGURAÇÃO EM 11 DE AGOSTO DE 1831 ATÉ 1851.

ANNOS	Academia de Olinda	Academia de S. Paulo	Naturalidades dos bachareis formados nas academias de Olinda e S. Paulo									
				Olinda	S. Paulo							
1831	0	6	Pará . . . . .	20	1							
1832	41	35	Maranhão . . . . .	48	5							
1833	41	57	Piahy . . . . .	18	2							
1834	69	78	Ceará . . . . .	82	4							
1835	59	41	Rio Grande do Norte . . . . .	17	—							
1836	39	36	Parahyba . . . . .	60	—							
1837	56	33	Pernambuco . . . . .	282	5							
1838	22	21	Alagoas . . . . .	33	4							
1839	58	16	Sergype . . . . .	12	1							
1840	37	8	Bahia . . . . .	223	49							
1841	21	9	Espirito Santo . . . . .	—	3							
1842	27	9	Rio de Janeiro . . . . .	44	137							
1843	23	13	S. Paulo . . . . .	3	113							
1844	33	10	Minas . . . . .	6	76							
1845	28	15	Goyaz . . . . .	3	7							
1846	20	11	Matto Grosso . . . . .	1	7							
1847	26	9	Santa Catharina . . . . .	—	7							
1848	47	25	Rio Grande do Sul . . . . .	7	40							
1849	66	14	Portugal . . . . .	9	13							
1850	49	29	Angola . . . . .	1	3							
1851	79	8	Cisplatina . . . . .	1	2							
			França . . . . .	1	4							
Somma	841	483										
Total . .	1324		Somma . .	841	483							
			Total . . .	1324								

Tomaram o grau de doutor na academia de Olinda e na de S. Paulo

Piahy . . . . .	1	1	2	2	3	1	—	—	—	—	—	—
Ceará . . . . .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Parahyba . . . . .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Pernambuco . . . . .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Bahia . . . . .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Rio de Janeiro . . . . .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
S. Paulo . . . . .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Goyaz . . . . .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Rio Grande do Sul . . . . .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Portugal . . . . .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Angola . . . . .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Cisplatina . . . . .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Total . . .	17	34	51									



750 bachareis formados pelas duas academias do imperio occupam actualmente os seguintes empregos.

a	24 Desembargadores.	k	1 Bispo.	4 Bibliothecario d'academia de S. Paulo.
b	147 Juizes de direito.	l	1 Chantre.	10 Secretarios presidencias.
c	3 " dos feitos.	m	1 Capellão da capella imperial.	3 Officiaes maiores dos tribunaes do commercio.
d	8 " de orphãos.	n	2 Ministros plenipotenciarios.	1 " da secretaria da presidencia.
e	226 " municipaes.	o	2 Encarregados de negocios.	1 " da secretaria do ministerio da justiça.
f	121 Promotores publicos.	p	2 Addidos á legação de Londres.	2 " da fazenda.
g	8 Curadores geraes de orphãos.	q	3 Senadores.	1 " do imperio.
h	17 Chefes de policia.		2 Ministros de estado.	1 " da camara dos deputados.
i	1 Auditor de marinha.		55 Deputados.	1 Secretario do supremo tribunal de justiça.
j	1 " de guerra.		9 Presidentes de provincia.	2 Tabelliães.
	19 Procuradores fiscaes da fazenda.		20 Lentes.	2 Inspectores d'alfandegas.
	1 Ajudante do mesmo na corte.		34 Professores de bellas letras.	2 " das thesourarias geraes.
	9 Procuradores das thesourarias provinciaes.		1 Secretario d'academia de Olinda.	4 " provinciaes.
	1 Advogado do conselho de estado.		750 Além de outros, que occupam diversos empregos de commissão.	

## OBSERVAÇÕES.

(a) Sendo fallecido um desembargador, apenas existem os 24 que vão mencionados.

(b) Dos bachareis formados pelas duas academias, teem sido nomeados 181 juizes de direito, mas só vão mencionados 147; porque esse numero é fixado pela divisão judiciaria do imperio, como se observa da tabella abaixo transcripta, sendo que do restante alguns assumiram a posição de desembargadores, tres falleceram, e outros acham-se sem comarcas, a maneira de biapos sem dioceses, ou *in partibus infidelium*, em razão do jogo das remoções. O decreto n.º 687, de 26 de julho de 1850 parece assegurar a sorte desses verdadeiros magistrados, por serem os unicos instituidos pela const. do imperio art. 153.

(c) Pela lei de 3 de dezembro de 1841 art. 117, foram creados 8 juizes de orphãos especiaes, como se vê da divisão judiciaria.

(d) A existencia do emprego de curador geral de orphãos ha bem pouco tempo era muito contestada, e apenas o decreto n.º 834 de 2 de julho de 1851 art. 6, e seguintes o menciona.

(e) Sendo 19 as provincias, apenas 17 chefes de policia são bachareis formados pelas duas academias do imperio, e os que faltam para completar o numero dos 24 acima indicados, servirão esse emprego em outras occasiões.

(f) Os auditorios de guerra e marinha especiaes existem na corte.

(g) Ha 17 procuradores fiscaes da fazenda nas provincias, 1 em Nicheroy, e 1 na corte, sendo dois não formados.

(h) Existe esse emprego de ajudante do procurador da fazenda na corte, sendo creado pela lei de 29 de novembro de 1841 art. 16 § 1.

(i) Dos 20 bachareis formados pelas duas academias, que menciona o mappa terem sido nomeados procuradores fiscaes das thesourarias provinciaes, apenas 9 agora exercem esse emprego.

(j) São dois os advogados do conselho de estado, bachareis formados pelas academias do imperio, mas actualmente só exerce nm, por ter sido o outro despachado ministro plenipotenciario para os Estados-Unidos.

(k) Não se menciona nesta tabella o deão, porque elle accumula o emprego de lente, em cujo numero foi incluido.

(l) Estão mencionados tres encarregados de negocios, mas só se contam dois, porque um não segue mais essa carreira.

(m) Quatro bachareis formados pelas academias foram nomeados senadores do imperio, mas tendo fallecido um, só restam tres.

(n) Dos sete bachareis formados pelas academias do imperio, só dois occupam esse logar actualmente.

(o) 55 deputados actualmente existem bachareis formados pelas academias do imperio, tendo sido aliás 140 nomeados em diversas epochas.

(p) Dentro 66 presidentes, que teem havido, bachareis pelas duas academias, só existem actualmente 9.

(q) Sendo 22 os lentes formados pelas academias, só se mencionam 20, porque dois occupam emprego diverso.

(r e s) Estão mencionados no mappa 4 officiaes-



maiores dos tribunaes do commercio, sendo sómente tres, assim como tres da presidencia, existindo aliás um, porque um daquelles numero, e dois deste, foram demittidos.

## PARTE LITTERARIA.

A NOBILIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXXIV.

AO LUAR,

(Continuado de pag. 199.)

Quando a commoção mais forte asserenou, a donzella, vermelha como uma rosa, e assustada, arrancou-se aos braços que a sustinham, e com os olhos baixos e quasi lacrimosos, e as mãos cruzadas sobre o seio, em um gesto de inefável pudor, disse com voz tremula, mas irritada:

— « João, um irmão não faz isto a sua irmã! »

— « Perdoa; não foi... »

— « Vim aqui fiada na tua palavra; certa de que para me defender tinha a honra de um cavalheiro... Sou mulher, sou tímida, e estou só; peço soccorro ao respeito e á fé que me juraste!... Se as esqueceres é porque não me amas; e ha uma cousa a que não hei de sobreviver, é ao desprezo. »

Estas palavras ditas em tom severo, e cheias de dignidade triste, obrigaram o mancebo a pôr o joelho em terra, e tirando a espada, a offerrecer-lha pelo punho, dizendo com os olhos baixos, e o rubor nas faces:

— « Se um desejo vil, se a sombra mesmo de um ultrage me despontasse no coração... tinha esta espada para o punir antes que me des-honrasse. Entrego-ta, ella que te guarde, já que a minha palavra te parece pouco. »

Neste momento um ruido nas folhas, que as fez agitar, caíndo algumas, sentiu-se por traz delles no mirante. A lua tinha-se cuberto, minutos antes, e a escuridade era completa.

— « Escuta! » disse ella apurando o ouvido assustada. « Este rumor? Seriam passos? »

— « Não! Alguma coisa que passou; o vento que boliu nas arvores. »

— « Não sei, tenho medo. »

— « Ao pé de mim? » disse elle em tom de queixa.

— « Ah, João, foi mal-feito, não devia ser!... A uma menina envergonhal-a assim!... E eu ainda fiquei aqui! »

— « Perdoa uma loucura... que será a ultima. Juras, se me amas, que farás o que eu pedir?... »

— « Juramentos? Se me pedes a alma e o coração, são teus, não t'os dei já? »

— « Juras, que no dia, em que eu, com esta promessa, vier offerecer-te a mão e chamar-te esposa, me seguirás quem quer que eu seja, para onde quer que eu vá? »

Ella hesitou; e as folhas á roda tornaram a mexer.

— « Não sentiste? » accidia Cecilia tremula. « O vento não foi. »

— « Foi a minha capa, roçando, que te assustou. Juras? »

— « Meu Deus! » exclamou a educanda unindo as mãos com anciedade.

— « Não me amas! » disse elle com amargura. Se me pedisses uma prova como esta, cuidas que pensava um instante para responder? »

— « Mas quem és, porque me occultas?... » insistiu a pobre menina quasi delirante.

— « Se amasses, não amavas pelo que posso ser, querias-me pelo que sou » redarguiu o mancebo crusando os braços com amargura.

— « Sabes que não! Mas este segredo que tu me escondes?... »

— « Já me deste o direito de t'o revelar? Pedi-te que no dia em que viesse e te chamasse a companheira da minha vida, me recebesses quem quer que eu fosse, para onde quer que te levasse! O que respondeste? A quem amavas? Se fosse a mim... »

— « Ingrato! » murmurou ella.

— « Se fosse a mim » proseguio D. João no mesmo tom « seguias o coração. »

— « Que me occultas... »

— « Que está prompto a dizer tudo, com tanto que o não enganem. »

Houve um momento de silencio doloroso. Cecilia com a fronte pendida e o seio arquejante, callava-se. O mancebo, abatido, sombrio, e mudo, aguardava. Passados poucos minutos assim, ajoelhou, e comevido, pondo á bocca tremula sobre a mão della, que tremia mais; exclamou:

— « Era uma illusão bem doce... Era um sonho tão bello!... E acordar agora só; perdello assim; e não morrer aqui! A dor não mata!... Pelo nosso amor, por toda a ternura que me juraste!... Basta! Disse de mais a quem me não escuta, senhora » acrescentou erguendo-se, e

cortejando-a friamente « possa o verdadeiro amor de outro homem mais feliz fazer a ventura de um coração, que eu não soube, que eu não era digno de possuir. Adeus! » E soffocado, vacillante, e com a vista a fugir-lhe dos olhos deu alguns passos direito à porta da saída. Cecilia não se movia; mas dentro d'alma a lucta era medonha. « Adeus! » tornou elle voltando-se com um suspiro que era um gemido.

Já a mão virava a chave, já a porta se entre'abria, quando a educanda, de um impeto, veio cair-lhe nos braços, quasi chorando mais do que proferindo estas palavras.

— « Não; não ha de ser! Irei se me chamares. Mendigo ou nobre, cavalheiro ou mechanico, a minha vida é para sempre a tua. »

Apesar do extasis, em que esta promessa o veio lançar, e da perturbação em que ficaram ambos, pareceu-lhes que uma especie de rugido concentrado correspondia ao grito de jubilo de D. João. Suspensos escutaram, comprimindo a respiração, mas o silencio era completo. Em roda, as trevas não deixavam aperceber o menor vulto.

— « E agora, dirme-has o teu segredo? » accudiu ella com meiguice.

— « Diante de Deus, que nos ouve, protesto revelar-to dento de dois dias. Até lá confiarás em mim? »

— « Não vês que amo? Mas porque não mo dizes já? » insistiu ella pensativa.

— « Porque para o dizer... »

— « Era preciso inventar mais uma falsidade! » interrompeu uma voz, que parecia vir dentre as folhas de um mactço proximo da porta ao pé da qual estavam.

— « Oh agora!... » gritou o mancebo, cujos olhos faiscaram « agora quem quer que seja!... » e tirou a espada.

Do meio da escuridão brilhou outro ferro que tiniu, tocando no seu, e fazendo-o inclinar.

Cecilia deu um grito agudo, e fez-se branca. O seu primeiro movimento foi correr a separar os dois; o segundo suster pelo braço a D. João, não o deixando adiantar.

O pismo e o assombro do subito encontro quasi que tambem paralisaram este. A mão do mancebo largou a chave, e a porta do jardim abriu-se toda. A espada ameaçou o desconhecido, em quanto os olhos ardendo em ira o procuravam na obscuridade. A pouco e pouco a figura do seu contrario saiu mais da sombra.

— « Não me esperavam? » disse elle em um tom, em que a ironia predominava. « Se não

fosse um resto de compaixão por... ambos tinha saído; não os interrompia. Mas vendo-os enganados um e outro, e sem saberem que se estavam a illudir... »

— « Basta! » clamou D. João estremecendo de zelos e de raiva. De que servem palavras, quando temos espadas? Em guarda! »

— « Jeronymo! É Jeronymo! » murmurou Cecilia desfalecendo e pondo as mãos com um gesto supplicante.

— « Tudo tem o seu lugar! » replicou o capitão friamente. « Esta senhora sabe... »

— « Eu, Jeronymo? » accudiu Cecilia em voz fraca e levando as mãos ao rosto.

— « Que não somos tão estranhos, que me não conhecesse logo, apesar da escuridão da noite; e que eu não seja capaz de dizer quem ella é, mesmo sem lhe vêr o rosto. Temos passado tantos annos juntos! » accrescentou amargamente.

Donde estava Jeronymo não podia na realidade descobrir o semblante da donzella, que atraz de D. João sentia uma dôr cruel a cada palavra, com que elle lhe rasgava o coração. A pobre menina ainda não percebêra que o amante de Theresa a tomava por sua irmã; confusa, e tremula, julgava que o cuidado da sua honra, e a amizade da infancia tinham trazido o capitão; e a sua idéa, a sua maior apprehensão consistia na maneira de o convencer da pureza e innocencia do seu amor.

D. João, entretanto mordida os beiços cheio de ciumes e de cholera. Não podia perceber como aquelle homem alli viera, nem que dominio era o seu sobre Cecilia para a fazer convulsa, e humilde, como se estivesse em presença do seu juiz. Parecia-lhe evidente, que o desconhecido pertencia á casa, e hesitava por isso em levantar o braço antes de se desenganar. O silencio, em que todos se conservaram alguns instantes, foi terrivel; e cada minuto assim accumulava seculos de odio e de agonia no peito do mancebo.

— « Estou esperando! » exclamou batendo o pé, e com a voz rouca da oppressão.

— « Socegue! antes de sair havemos de conhecer-nos bem!... » Procurando depois disfarçar o tremor, que lhe agitava a voz, proseguiu: « se percebi bem, esta senhora, ha pouco, disse-lhe que o amava? »

— « Se ouviu não precisa de resposta! » accudiu D. João com altivez. « Os espiões... »

— « Logo tractaremos disso. » redarguiu Je-

ronymos sem se alterar. « Vejamos! Ella ama-o, assegura-lh'o? »

— « Bem ouviu! » respondeu o mancebo com um sorriso e uma inflexão pungente.

— « Ouvi! E o seu silencio agora ainda o confirma » continuou o amante de Theresa com acento doloroso. « E acredita-a; crê nas suas promessas? »

— « Como em Deus! »

— « Tenho pena!... Porque são falsas. »

— « Jeronymo! » disse a educanda soffocada, erguendo as mãos.

— « Falsas... como as que me fez a mim. »

— « Eu? » gritou ella recuando absorta.

— « E com a mesma voz e a mesma commoção!... » insistiu com ironia. « Apesar disto ainda a acredita? » tornou voltando-se para D. João.

— « Agora mais de que nunca. »

— « Fez mal; porque o enganou. Ainda esta manhã disse a outro homem que não tinha amor, e se viesse a tel-o que seria, para o fazer feliz. »

D. João empallideceu; Cecilia soltou um gemido, exclamando com doloroso assombro.

— « Eu? Nunca! »

— « Sim! proferiu Jeronymo, desviando o rosto do sitio, donde a apercebia confusamente na escuridão. Bem vê; se o amava zombou desse homem, que sem uma queixa lhe rogara que o deixasse ir morrer. Se não o amava, tambem, enganou os dois, rindo da sua... ia a dizer loucura; rindo da verdadeira paixão que tem — eis a verdade. »

O mancebo não proferiu uma palavra; mas as lagrimas rebentaram-lhe pelos olhos, e em soluço alto, mal contido, revelou a sua magoa.

— « Não se envergonhe! — acudiu o capitão com tristeza. — Eu tambem chorei e mais devia ser forte, devia esperar o que succedeu. Ha umas poucas de horas que sabia tudo por um escripto seu, que ella deixou perder. Assim mesmo, não tendo animo já para o aguardar de longe, quando me aproximei, e alli occulto ouvi aquella voz que Deus fez tão suave, como uma tentação; quando lhe jurou... e jurou falso porque é um coração que não crê e nem sente, quando jurou... eu que a amei, e sou tão fraco que ainda a adoro, escutei-a e não morri. Cada palavra me atravessava o peito como um punhal; cada promessa me tirava uma esperança, e me causava uma dor nova! E não acabei como desejava, como pedia a Deus... Chorei! Chorei como uma criança, como uma mulher! E veja agora, o

meu orgulho não me deixa limpar as lagrimas. »

Apezar do ciume, que o abrazava, D. João teve dó da inconsolavel agonia, que estas palavras confessavam. Erguendo a cabeça, e respondendo-lhe, havia na sua voz menos arrogancia, do que pesar.

— « Se choro é de raiva! » disse elle.

— « Não se engane, chora de amor, como eu. Amava-a e illudiu-o! Ahi tem porque o coração se funde e não pôde com a pena. »

— « Jeronymo, — atalhou Cecilia erguendo a fronte com um gesto admiravel de magoa e de altivez repentina. — Eu tambem não choro! O desprezo seccou-me as lagrimas. Não sei porque me persegue, e me calumnia, nunca lhe fiz mal; mas Deus ha de castigar-o um dia pela deshonra de sua irmã, de sua segunda irmã que infama sem motivo. »

— « Minha irmã? » clamou elle com fogo. « É verdade — accrescentou tornando á ironia — era o nome que me deu para me trahir, para zombar de um coração que desde que sente... »

— « Jeronymo, Jeronymo! Essas palavras não pôdem ser comigo. Chegue-se, veja bem... Ha um engano... »

— « Não! gritou elle repellindo com a mão de longe o movimento, que a educanda fazia para se aproximar. « Se a visse... não podia resistir. Sabe em que estive pensando, em quanto a ouvi occulta? Na alegria de não acabar só; de não levar a certeza de que outro era feliz com a minha morte. Ha momentos, em que me sinto capaz de lhe arrancar a vida, com os olhos cheios de lagrimas; e o coração cheio de ternura. Tenho medo do ciume. Não me tente! »

— « João, diante de Deus te juro, que Jeronymo se engana, eu nunca o amei, nem elle a mim! » exclamou a donzella unindo as mãos, e deixando correr o pranto.

— « Meu amor dizia o mancebo afagando-a com a doçura da vista e com a voz, obrigado pelas tuas palavras! Precisava ouvir-te para não enlouquecer... »

— « Tem razão, senhor, agora só as armas! — acudiu o capitão depois de ter escutado a donzella. Tenho pressa de encontrar uma espada. »

— « João! » gritou Cecilia chorosa e querendo prendel-o com os braços.

— « Como ella o ama! — murmurou Jeronymo estremeceudo. E para mim só odio, só indifferença!... E hei de morrer só? »

— « João pelo amor... insistia a educanda, este combate não pôde ser. Vê; é meu segundo

irmão. Elle hade ouvir-me; eu desfarei o seu engano — porque é engano... »

— « Estou esperando, senhor! » disse o capitão levantando a voz impaciente. E que apesar da força da sua alma, o coração espedaçava-se, vendo-a quasi nos braços d'outro, e escutando os transportes da sua ternura.

— « Bem vês! » — insistia D. João. « Este combate não poderia ser n'outra parte? » accrescentou dirigindo-se a Jeronymo.

— « Não, João, que só um de nós havia de sair d'aqui. Se ella padece e chora, eu não sofri e chorei ouvindo-a? » redarguiu com profunda commoção.

— « Basta; agora eu é que tenho pressa. » Atalhou o mancebo, desenhando-se com esforço dos braços de Cecilia, e correndo para elle. A donzella seguiu-o; e cega, desvairada, mettu-se entre os ferros, já acruzados, descobrindo o peito, e querendo-os separar.

— « Não pôde ser! ouçam-me! » gritava.

Neste momento a nuvem que encubria a lua rasgou-se e o clarão do astro da noite veio alumiá-la uma scena dolorosa. Cecilia abria os braços e com um gemido em que a dor e a queixa se fundiam, curva sobre o joelho, desfallecia, e levando a mão ao peito suspirava.

— « Feriste-me, Jeronymo! » Mas os olhos do capitão, antes destas palavras lhe chegarem, tinham encontrado o rosto do mancebo. Vendo-o, recuou, fez-se branco, e baixando a ponta da espada deu um grito. Depois, conglobando na voz toda a desesperação da alma, exclamou:

— « Eu devia perceber! Não era amor, era... Meu Deus! Theresa, disse soluçando, agora vejo, agora sei. Mentias, trahiste, porque vendeste o coração e a honra a sua alteza real o principe D. João!

L. A. REBELLO DA SILVA.  
(Continúa.)

## NOTÍCIAS E COMMERCIO.

### Navegação dos rios Uruguay e Paraguay.

— Acaba de verificar-se um successo no mundo mercantil que abre uma perspectiva immensa ao espirito de especulação e de empresa tão desenvolvido no século em que vivemos. A navegação dos rios Uruguay e Paraguay, que o dictador Rosas conservára fechada a despeito dos verdadeiros interesses geraes dos paizes regados pelas sobreditas caudalosas correntes, desde agora fica patente a todas as nações. Deste modo uma das regiões mais opulentas em productos

preciosos poem-se em communicação com os grandes mercados da Europa, e pagará com os excellentes fructos do seu terreno as fazendas de que carece e que os usos da vida civilisada tornam necessarias.

Por espaço de muitos annos esteve o Paraguay separado do restante do genero humano. No austero regimen do doutor Francia, nenhum habitante do paiz podia sair dos limites do mesmo, nenhum estrangeiro podia entrar nelles sem ficar prisioneiro por toda a vida. Todas as necessidades do consumo eram satisfeitas pelas produções do territorio, duas das quaes, o algodão e o tabaco, dam-se alli com profusão. Postoque depois da morte do primeiro dictador se afrouxou consideravelmente aquelle systema de rigor, durava a incommunicabilidade, e mais duraria se Rosas ainda dominasse persistindo em manter fechada a embocadura daquelle rio no da Prata.

Os paraguayos, privados por tanto tempo da venda de seus fructos e da compra dos estranhos, anhelavam entrar no ambito do mundo commercial, e é mais que provavel que se lancem com ardor nesta carreira, aproveitando todas as vantagens que lhes offerece seu clima e territorio.

Já mencionamos o algodão, planta que prospera alli de um modo admiravel, cujo fio servia para a unica roupa que era permittido usar no tempo da dictadura. Os inglezes a quem já não bastam as colheitas dos Estados-Unidos, não deixarão de lançar os olhos para este novo mercado. Nem as Antilhas, nem a India Oriental, que era donde procuravam tirar os supprimentos dessa preciosa materia prima, offerecem tantas commodidades como o Paraguay. Os confluentes do rio deste nome, que rega uma grande parte das fronteiras da republica, chegam até proximo das duas provincias de Majos e Chiquitos, onde o algodão nasce espontaneamente, e cobre vastas planicies, cujos limites são desconhecidos.

Pelo Pícolomayo, que desagua no Paraguay, a navegação pôde penetrar até o interior da Bolivia, onde mal se conhecem as manufacturas da Europa, por causa da grande distancia que a separa dos portos do mar Pacifico. Além do algodão e do tabaco, o assucar, o café, o cacáo, n'uma palavra todos os productos equatoriales prosperam no Paraguay e nas regiões visinhas. Todas as correntes que atravessam aquelle paiz descendo dos Andes para o Atlantico são auríferas; só faltam braços e capitães, justamente o que sobra na Europa. Não tardará, pois, que nos conste a iniciativa de vastas empresas destinadas a espargir vida e movimento em districtos onde até agora a natureza tem vertido debalde seus preciosos thesouros.

Parece-nos tambem fóra de duvida que nestas fertes regiões se abre novo e vantajoso mercado para os nossos vinhos, especialmente dos que se exportam pela barra de Lisboa.

**Titulos de obras exquisitas.** — Como curiosidades litterarias publicamos os seguintes titulos de livros escriptos por frades.

— « Grão do Evangelho na terra virgem Christo, seminario de toda a doutrina, pelo padre José de Ormazá, da companhia de Jesus: Madrid 1667.

— Racional campana de fogo que toca para que acudam todos os fieis com agua de suffragios a mi-

tigar o incendio do Purgatorio, em que se queimam vivas as bemditas almas que alli penam. Seu auctor o padre Fr. Feliciano de Sevilha, pregador e missionario apostolico, da ordem dos capuchinhos. Cadiz 1704.

— Refluxo de agua benta que, qual sagrado Jordão, á vista da arca do melhor maná, fazendo-se christallino muro se defende da opinião que pertende fazel-a correr em tal presença e que a arca do testamento se pareça á do diluvio. Applica-o para maior defeza ao forte e illustre contramuro do illm.<sup>o</sup> sr. deão e cabido da santa igreja cathedral de Sevilha, Salvador Fernandez de Hervera, presbytero.

— Florilegio sacro que em o celestial, ameno e frondoso Parnaso da igreja grega (misticas flores), a Aganipe sagrada fonte de graça e glória Christo, com cuja affluencia divina, incrementada da excelsa palma Mariana (triumphante por privilegios da graça) se coroa de victoriosa gloria, por Fr. Francisco de Soto Salamanca 1738.

Para amostra desta obra bastará o seguinte periodo.

«Eia, alados paranymphos, entoaes funebres exequias, já que ao compasso de seu funesto pranto contrapontea Maria o luctuoso solo do seu sentimento.»

**Novo condensador de vapor.** — Lê-se no *Express de Londres* «Vae ter novo impulso a navegação por vapor com o descobrimento feito por Mr. J. Miller, mediante o qual pertende evitar os accidentes das explosões das maquinas, purificando a agua e fazendo servir continuamente a mesma quantidade ao movimento do mechanismo. A experiencia foi feita em Jersey, onde com admiração se viu funcionar uma maquina por espaço de nove mezes, sem que os tubos e as valvulas criassem essas incrustações que as obstruem e tanto a miudo lhes causam roturas.

Pelo lado da economia, evita-se a renovação da agua que tantas difficuldades offerece nas largas navegações.

**Mercado de Pernambuco — 21 de outubro.** — Bem que nosso mercado continuasse calmo, fez-se mais alguma coisa esta semana, tanto em generos de importação como de exportação.

**Exportação.** — Fizeram-se algumas vendas de assucar novo mascavado de 1,250 a 1,400 réis por arroba, e branco de 2,000 a 2,400 réis. O algodão baixou alguma coisa, e teria baixado mais se um especulador não comprasse algumas partidas das nossas cotações. Diz-se que uma partida de couros secos salgados foram vendidos a 114 réis a libra. Venderam-se algumas porções de chifres de Montevideó a 10,000 réis o cento, e da terra a 3,800 réis.

**Importação.** — Venderam-se passas, a 6,000 réis a caixa, vinho branco de Malaga a 130,000 réis a pipa, e de Lisboa marca João de Brito a 162,000 réis, e PRR. a 135,000 réis; papel almaço 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> sorte a 3,400 réis, de embrulho a 1,400 réis, massas a 6,400 réis a arroba, ervadoce a 7,000 réis a arroba, cominhos a 5,500 réis a arroba, enxofre a 2,200 réis a arroba, manteiga ingleza de 520 a 540 réis a libra, dita franceza a 440 réis a libra, cera branca de Angola a 600 réis a libra, di-

ta amarella a 500 réis a libra, café a 4,000 réis a arroba. Não ha azeite doce nem pimenta da India em primeira mão.

**Bacalháu.** — O deposito hoje monta a 3:800 barricas. Um carregamento entrado nesta semana foi vendido a preço occulto, o qual julga-se seria 10,600 réis; retalhou-se a 11,500 réis a barrica.

**Carne secca.** — Está terminado o deposito da de Montevideó e Buenos-Ayres. Da do Rio Grande ficaram em ser 31,000 réis a arroba, tendo-se retalhado de 3,000 a 3,600 réis por arroba.

**Farinha de trigo.** — Não ha nenhuma em primeira mão, por isso não se póde cotar o preço.

**Freles.** — Dizem que se fretou um navio para Trieste 42 s. 6 e 5 por cento de primagem; e para o Haire a 400 réis e 10 por cento por arroba de algodão, ao cambio de 160 réis por franco.

**Cambios.** — Passaram-se algumas sommas sobre Londres a 28 d. por 1,000 a 60 dias vista, e ha offrecimento de letras sobre Paris a 340 réis por

**Descontos.** — O banco continuou seus descontos de 6 a 8 por cento ao anno; e os particulares de 8 a 6 os descontos parecem mais firmes pela proximidade da safra.

**Mercado do Rio de Janeiro.** — Recebemos o *Diario do Rio de Janeiro* até 14 de outubro. O cambio sobre Lisboa estava a 98 por cento. As peças valiam 16,000 rs.

Agua-ardente de canna 76,000 a pipa. Dita caxaça 60,000 dita. Dita destilada 80,000 dita. Algodão em caroço 2,500 a arroba. Dito tecido branco 220 a vara. Dito riscados 240 dita. Arroz de fóra e da terra 12,600 o sacco. Assucar de c. red. e da terra 2,500 a arroba. Dito batido 2,300 dita. Dito mascavo 1,700 dito. Dito refinado 4,000 dito. Atanados 180 lib. Cacáu 2,400 arroba. Café bom 3,300 dita. Dito eacolha 1,800 dita. Dito torrado 4,000 dita. Carne secca 3,000 dita. Couros de cavallo 1,600 cada um. Dito de boi com avaria do cam. 1,400 dito. Ditos limpos grandes 180 lib. Ditos pequenos 210 dita. Dito refugo pequenos 180 dita. Ditos salgados 3,000 cada um. Fumo bom 4,600 o arratel. Dito ordinario 4,000 dito. Dito em folha bom 8,000 dito, Dito ordinario 2,000 dito.

#### THEATRO DE D. FERNANDO.

Abriu o theatro de D. Fernando, e a companhia franceza realisou as esperanças que a seu respeito se tinham fundado. É superior á da epocha anterior, e M. Bernard seu zeloso director merece muitos louvores pelas valiosas acquisições que fez em Paris. Mademoiselle Pauline Lyons tem sido como merece muito applaudida, é uma elegante artista que representa com muita verdade e gosto. M. Real tambem agradou bastante.

O repertorio promette ser tão variado que é difficil seguir o seu andamento.

É para lastimar que em quanto este theatro sem subsilio nem edificio gratuito chama a si uma escolhida e intelligente concorrência, o nosso theatro nacional subsidiado por mais de um modo se transforme em praça de arlequins sem que a auctoridade valha a este degraçamento de gosto e da arte dramatica.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 19. QUINTA FEIRA, 18 DE NOVEMBRO DE 1852. 19.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### CAMINHOS DE FERRO.

#### II

A despeito da opposição e das criticas que motivava, Oliveiros Evans tratou de montar osapparelhos da maquina, e pelo fim de 1800, depois de haver despendido nas experiencias até o ultimo dollar que possuia, teve a satisfação de ver a sua carroagem a vapor caminhar pelas ruas de Philadelphia. Mas tinha de ficar nisto o seu contentamento. Quando se tratou de fundar uma empreza para construir carroagens e acomodal-as a um serviço de carretagem, ninguém se mostrou disposto a correr os riscos de um negocio de tanta novidade, de sorte que ao cabo de muitos annos de esforços e sollicitações inuteis, Evans se viu obrigado a renunciar por uma vez o projecto em que trabalhava havia vinte annos. Voltou, portanto, aos trabalhos ordinarios da sua profissão de constructor de maquinas a vapor e dedicou-se especialmente a fabricar as de alta pressão; fundou em Philadelphia grandes officinas para a confecção das mesmas, e seu filho dirigia em Pittsburgh um estabelecimento semelhante. Os numerosos apparelhos de alta pressão que espalhou pelos Estados-Unidos acabaram por demonstrar com evidencia a verdade de suas asserções longo tempo contestada; e posto que o entusiasmado inventor exaggerasse muito a potencia dos effeitos dynamicos do vapor em alta pressão, pôde dizer-se que a elle só se ha de attribuir a honra dos inumeraveis serviços que esta casta de maquinas presta hoje á industria e ás

artes. Comtudo Oliveiros Evans não tinha de ser testemunha da prodigiosa extensão que se deu ás suas idéas. Em 11 de março de 1819 um grande incendio reduziu a cinzas o seu estabelecimento de Pittsburgh e anniquilou mais de cem mil francos de maquinas. Este desastre foi para elle o golpe mortal, porquanto falleceu quatro dias depois da catastrophe do seu estabelecimento.

Custou muito a introduzir na Europa as maquinas de alta pressão, e a luta durou por longo tempo entre a maquina de condensador sabida das officinas inglezas e as maquinas de alta pressão de origem americana. A maquina de Watt, criação eminentemente nacional, tinha-se identificado por assim dizer com a industria da Grã-Bretanha que empenhara na sua exploração capitais immensos. Era comtudo difficil desconhecer em certos casos especiaes as vantagens dos novos apparelhos que occupam pouco espaço e que com um maquinismo simples desenvolvem uma potencia extraordinaria. Dois constructores de Cornuailles, Trevithick e Vivian, os primeiros que adoptaram as idéas de Oliveiros Evans, fabricaram no anno de 1801 maquinas de alta pressão; maravilhados das vantagens que offereciam para a applicação do vapor á locomoção, ensaiaram a exemplo de Evans construir carros postos em movimento por vapor em alta pressão. Sendo bem succedidos nesta tentativa, obtiveram um privilegio para carroagens a vapor destinadas a caminhar pelas estradas ordinarias. Era a sua carroagem quasi da fórma das diligencias francezas; entre as rodas grandes e por consequencia na trazeira havia um grande e solido caixilho de ferro, fixado sobre o eixo que sustentava uma caldeira e um cylindro a vapor: este

cylindro collocado horisontalmente terminava por um tronco que dava o movimento de rotação a um eixo curvo em forma de cotovello, o qual por intermédio de um systema de entrosas dentadas fazia girar as rodas trazeiras: as rodas dianteiras que apresentavam a fôrma habitual podiam mover-se em todas as direcções. Para seguir as diversas inflexões da estrada, andar á direita, á esquerda, etc. o maquinista podia deter uma das grandes rodas motoras, então a roda opposta trabalhava só e facilitava dar á carroagem a direcção conveniente. Um freio, d'encontro ao volante da maquina de vapor, moderava a velocidade nas grandes descidas.

O curioso apperelho de Trevithick e Vivian offerecia diversas combinações mui engenhosas; todavia era impossivel que triumphasse das difficuldades infinitas que apresenta a marcha das carroagens a vapor pelas grandes estradas. A fricção enorme na circumferencia das rodas oppõe um obstaculo dos mais graves a este genero de locomoção; está reconhecido que nas melhores estradas a resistencia, que se ha de vencer em consequencia da fricção, representa quatro centesimos do pezo que se transporta, e se se trata de galgar uma rampa de tres centimetros, o que acontece frequentemente, eleva-se aquella a sete centesimos da carga. Sem duvida que se pôde vencer a resistencia fazendo uso de maquinas de mais força; porém, cada novo pezo que se ajunta augmenta a fricção, que neste caso cresce na proporção do pezo. Esta difficuldade não existe nos navios, nos quaes se pôde augmentar como se queira a potencia das maquinas motoras, porque os maiores pezos são sustentados pela agua sem que a resistencia, que a fricção oppõe á marcha do navio, cresça na proporção desses pezos. Finalmente a locomoção por vapor apresenta na terra outras difficuldades que são do mesmo modo graves. Os choques inevitaveis que resultam das desigualdades do terreno e poem em risco a cada instante o jogo e a conservação da maquina; e a difficuldade de reter e de regular a marcha de similhante carroagem por um caminho exposto a todos os embarços da circulação publica; vem juntar-se áquelles perigos.

Não tardou que Trevithick e Vivian se convencessem de que não podiam triumphar de taes obstaculos: depois de grande numero de ensaios infructuosos viram-se obrigados a renunciar o seu projecto de pôr a andar nas estradas reaes carroagens movidas por vapor. Desejosos, toda-

via, de não perderem todo o fructo de seus trabalhos lembaram-se de estabelecer aissa maquina em caminhos de carris de ferro, havia muito tempo usados em varias minas da Inglaterra quer para transportar o carvão de pedra ao interior das galerias, quer para trazel-o aos logares do consumo. Bastaram-lhe alguns ensaios para reconhecerem que uma carroagem a vapor podia offerecer neste caso algumas vantagens; e em março de 1802 obtiveram carta patente conferindo-lhe o privilegio do emprego destas carroagens em caminhos de ferro. Davam, porém, bem fraca importancia a este projecto, em consequencia da opinião unanimemente admittida nessa epocha de que as rodas de uma carroagem transitando pelos carris de ferro não poderia aghar sufficiente fricção ou péga para marchar com certa velocidade. A morosidade que parecia uma condição forçosa deste systema de locomoção indicava dever restringir muito o seu uso e reduzil-o ao serviço das minas. Ninguém então suspeitava os prodigios que a experiencia e o estudo deviam extrahir um dia desta empresa meio abandonada.

As estradas de rodeiras artificiaes, a que Trevithick e Vivian julgaram dever limitar a sua carroagem, estavam ha longo tempo em uso na Inglaterra. Para diminuir os effeitos da fricção e da resistencia que as rodas das carroagens tem a vencer no solo desigual dos caminhos, haviam tido a idéa de sujeital-as a girar sobre rodados de madeira, parallellos, collocados em toda a extensão da distancia que havia a transpor. Ignorasse a epocha precisa do primeiro estabelecimento destas vias artificiaes, que se usaram pela primeira vez em Newcastle. Consta sómente que existiam ali por fins do seculo XVII. Uma obra publicada em 1676, a *vida de lord Keepernorth*, dá a conhecer a existencia de caminhos com rodeiras ou carris de madeira nessa epocha nas minas de Newcastle. «Os transportes (diz o auctor) effectuam-se em rodados de madeira perfeitamente rectos e parallellos, estabelecidos ao longo da estrada desde a mina até o rio; empregam-se neste genero de caminho grandes carroças com quatro rodas que assentam sobre os carris. Resulta desta disposição tanta facilidade no tiro que um só cavallo pôde puxar quatro a cinco *ohaldrons*, o que produz aos negociantes immensa vantagem.

Esta observação do auctor é bem fundada; facilmente se percebem todos os proveitos que devia fornecer para economia da força motriz a



substituição de uma superfície plana e lisa ás desigualdades das estradas ordinarias. Por isso, o emprego dessas rodeiras artificiaes deu os melhores resultados nas minas de Newcastle. Os immensos transportes que se faziam alli, da boca das minas até o sitio da carregação nas margens do Tyne, tornavam muito apreciavel a diversos respeito este engenhoso systema. Um cavallo podia puxar por estes carris quasi o triplo da carga que transportava pelas estradas ordinarias. Os carris usados então eram de carvalho ou de abeto; tinham ordinariamente oito palmos de comprimento, e assentavam sobre quatro travessas collocadas a tres palmos umas das outras.

Os caminhos de carris de madeira empregados em Newcastle foram adoptados em alguns districtos de minas de carvão nos condados de Durham, de Northumberland e outras provincias da Inglaterra. As despesas de construcção e conservação eram consideraveis, porém em breve cobertas pela economia dos transportes.

Com tudo, este genero de caminho appresentava diversos inconvenientes. A fricção das rodas gastava os carris em breve tempo, era preciso renovar-os muitas vezes, e como a estrada devia ter sempre a mesma largura carecia-se de pregar as novas peças de madeira nos mesmos logares das anteriores, o que provocava deterioração rapida das travessas. Finalmente em consequencia da flexibilidade da madeira, os carris cediam facilmente ao peso das carroças e quando as chuvas os repassavam offereciam para a tracção grande resistencia.

A pouca duração dos carris de madeira fez lembrar a idéa de forral-os de ferro nas partes do caminho onde havia curvas ou maiores declives. Com esta modificação, em breve foi adoptado aquelle systema de transporte na maior parte das empresas de minas de carvão na Grã-Bretanha. Posto que imperfeito em certos pontos, conservou-se por espaço de sessenta annos sem alteração notavel.

Por fim, reconheceram-se as vantagens que ministravam, para a diminuição da fricção, as chapas de ferro applicadas aos carris de madeira; e esta observação suggeriu a idéa de generalisar o emprego do ferro e substituir em toda a extensão da estrada os carris de madeira pelas barras de ferro. Em logar dos taboões ferrados puzeram-se carris fundidos. Este melhoramento importante foi ensaiado pela primeira vez em 1738 e adoptado definitivamente dahi a trinta annos, como se colhe da seguinte passagem das *Trans-*

*actions higland society* (vol. 6. pag. 7.) — « Em 1738 os carris fundidos foram pela primeira vez substituidos aos de madeira; este ensaio não vingou completamente, porque se continuaram a empregar as carroças de forma antiga, que eram muito pezadas para os carris fundidos. Contudo, em 1768 recorreu-se a um meio mui simples, construiu-se certo numero de carros de mais pequena dimensão, juntaram-nos, e dividindo assim a carga, desfez-se a causa principal do pouco exito da primeira tentativa. » — Esta feliz innovação do uso do ferro coado realisou-se em 1768 pelo engenheiro William Reynolds, um dos proprietarios da grande fundição de Colerook-Dale no Shropshire.

Os carris fundidos de que usou Reynolds apresentavam externamente um rebordo saliente, destinado a fixar e sustentar a roda do wagon de modo que obstasse a saltar fóra. Mas a poeira ou lama do caminho accumulavam-se entre aquelle rebordo e o carril e acarretavam assim ás vias ferreas uma parte dos inconvenientes das estradas ordinarias. Em 1789, no caminho de Loughborough, W. Jessop substituiu os carris de rebordo pelos carris direitos, isto é uma simples faixa de ferro; tão somente, afim de assegurar manter-se o wagon no carril, armou as rodas de um rebordo saliente uma pollegada de largura, o que o mantinha invariavelmente nesta especie de rodeira artificial, formada á custa da propria roda do wagon. Desde 1789 até 1811 todos os carris empregados em Inglaterra no serviço das minas foram construidos por estes principios. O unico aperfeiçoamento que as vias ferreas tiveram desde essa epocha consistiu na substituição do ferro ao fundido. Havendo recebido a fabricação do ferro neste intervallo melhoramentos que tiveram por fim abaixar muito o preço deste metal, pode realisar-se aquella substituição importante; a malleabilidade e a tenacidade do ferro, comparadas á fundição, offereciam condições preciosas para a resistencia e solidez dos carris ou rodeiras.

#### CALENDARIO.

(Conclusão.)

Logo nos primeiros tempos da igreja ajuntou-se aos livros ecclesiasticos e de orações um calendario perpetuo, como se denominava um calendario que pôde servir todos os annos. Consta de columnas verticaes em que figuram os dias de cada mez por sua ordem!

1, 2, 3, 4 etc. N'uma columna á direita acham-se inscriptas as festas fixas, as festas que se celebram em datas determinadas. Seria difficil não collocar neste calendario os dias da semana correspondentes aos dias do mez fazendo conhecer em que epocha o domingo, festa móvel, devia ser celebrado; mas o anno de 365 dias é igual a 52 semanas ou 7 vezes 52 e mais 1; por consequencia, na duração de um anno decorrem 52 semanas e mais um dia. Se um anno começou por um domingo, o 365.º dia será também um domingo e o anno seguinte começará por uma segunda feira, o terceiro anno começará por terça feira, e assim por diante. Supponhamos, pois, que á esquerda da columna vertical dos numeros se collocavam os nomes correspondentes da semana para um anno determinado; estas indicações não poderiam servir no anno immediato; seria necessario riscalas e substitui-las por nomes novos. Se o domingo fosse o nome inscripto em frente do 1.º de janeiro de um anno, no anno seguinte a palavra segunda feira substituiria a palavra domingo, e assim por diante.

Foi unicamente para evitar estas substituições de nomes a outros nomes, que tirariam a estas tabellas o caracter que deve competir a todas as que compõem um calendario perpetuo; foi para obviar a todas essas riscaduras sem fim, que resultariam da escripta renovada em cada anno n'uma folha impressa; que se imaginou o systema das letras dominicaes, o qual não tem relação alguma com as theorias astronomicas. A imitação do que se acha nos mais antigos calendarios romanos no determinar os *nundinas* ou dias de feira, decidiu-se designar os dias pela serie das sete primeiras letras do alphabeto, as quaes do 1.º de janeiro a 31 de dezembro se reproduzem sempre na mesma ordem.

A letra A designa invariavelmente o primeiro dia do anno, o 1.º de janeiro; não sendo assim, cabir-se-ia no inconveniente que se pretendia evitar, e o calendario não seria perpetuo. A letra B corresponde ao segundo dia, a letra C ao terceiro, e assim até a letra G que se acha em frente do 7.º dia. Chegada a este termo, a serie repete-se pela letra A que se colloca defronte de 8 de janeiro, a letra B que corresponde ao 9 etc.

Supponhamos que um anno começa por um domingo: a letra A será a dominical desse anno, e em toda a parte em que apparecer a letra A o dia correspondente do mez será um domingo; e já vimos que se o anno começava por domingo acabava também ao domingo. O 1.º de janeiro do anno seguinte será uma segunda feira; a letra A na tabella invariavel corresponderá, por tanto, a uma segunda feira; na ordem alphabetica das sete letras achar-se-ha o G para o domingo e por isso representará a letra dominical do segundo anno; em toda a parte do calendario em que apparecer a letra G o dia correspondente do mez será domingo.

Tendo o segundo anno principiado á segunda feira findará n'outra segunda, e o terceiro anno entrará á terça feira, a letra A adoptada invariavelmente ao primeiro do anno corresponderá então á terça feira; portanto, cinco dias depois virá o domingo, e para marcar a dominical se contarão cinco letras a partir do A, vindo por isso a ser a letra F a dominical do terceiro anno. As letras A, B, C, D, E, F, G, são

deste modo adaptadas na ordem inversa G, F, E, D, C, B, A, ás dominicaes dos annos successivos.

Decorridos sete annos completos, ou no começo do oitavo anno, a letra A tornará a ser a dominical e tudo se repetirá pela mesma ordem. Deve-se notar que estes raciocinios, estes calculos, fundam-se na hypothese de que a extensão do anno é de 365 dias ou 52 semanas e mais um dia; porém os annos bissextos ou de 366 excedem dois dias as 52 semanas. Este excesso desarranjava a ordem das letras dominicaes no calendario perpetuo; e por isso sendo o dia 366.º collocado depois de 28 de fevereiro, este dia intercalar ou 29 de fevereiro usurpava a letra que correspondia ao 1.º de março. E por tal motivo que os annos bissextos tem duas letras dominicaes, uma que regula em janeiro e cessa em fevereiro, e outra para março e os mezes seguintes até ao fim de dezembro.

Agora que os calendarios annuaes estão tão diffundidos, podem reputar-se superfluas as tabellas perpetuas.

Os chronologos e alguns astronomicos trataram de determinar directamente a letra dominical para qualquer anno. — Recordando que o primeiro anno da era christã começou por um sabbado; que nesse anno a letra A indicou o sabbado, que foi consequentemente B a dominical do anno 1, A a do anno 2, G a do anno 3 etc., sempre retrogradando, chega-se facilmente á formula desejada. Esta formula complica-se um pouco quando o calculo recahe sobre os annos posteriores a 1582, epocha da reforma gregoriana.

Se os annos fossem invariavelmente de 365 dias, as letras dominicaes, retrogradando se repetiriam, como dissemos, todos os sete annos na mesma ordem. Mas, no calendario juliano ha todos os quatro annos um de 366 dias; o 366.º intercalar muda as combinações numericas que se referiam ao anno vago. É só depois de um periodo de 28 annos que os dias da semana corresponderão na mesma ordem aos dias dos mezes. Este periodo foi denominado mui imprópriamente *cyclo solar*. Dado o lugar de um anno no *cyclo solar*, achava-se a sua letra dominical tomando a do anno do mesmo lugar na tabella ou roda dos 28 annos de qualquer *cyclo* precedente.

No calendario gregoriano, sendo de 400 annos a duração do periodo recorrente de intercalação, sómente depois de 2800 annos se completaria o *cyclo* das letras dominicaes. Tão longo periodo não pôde ter utilidade alguma.

Como os calendarios perpetuos são hoje pouco usados é escusado entrar em outras particularidades a este respeito, bastando o que fica dito para se conhecer a significação do algarismo do *cyclo solar* que o habito e nada mais tem conservado nos calendarios.

## PARTE LITTERARIA.

A NOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capítulo XXXIV.

AO LUAR.

(Continuado de pag. 215.)

Um gemido suffocado de angustia, e a queda de um corpo no chão, obrigou-o a olhar para os seus pés. Com a face por terra, e sem sentidos, a educanda desmaiara de todo, mais das palavras que lhe ouvia que da ferida que a ensanguentava.

D. João, também alterado com a repentina revelação, no alvoroço do encontro, e entre as sombras apenas desfeitas pelo clarão da lua, não tinha notado o golpe, nem sentido o suspiro da sua amante. Ao vel-a cahir, correu, e achou-a banhada em sangue, e com os olhos cerrados. Sem saber o que fazia, bramindo de desesperação, e turva a vista pelo excesso da magoa, não procurou senão a morte e a vingança; voltando-se como um tigre sobre Jeronymo:

— « Covarde! Assassino! Vil » gritava, não se guardando, e crescendo sempre.

O instincto mais do que a vontade dirigiu o braço do capitão. O mancebo, no seu impeto, sentiu de repente a mão adormecer, os dedos abrirem-se, e a espada fugir-lhe. Ao frio do ferro succedeu uma dor intensa. Quando cahiu em si estava desarmado, e o florete no chão a dois passos d'elle. Uma estocada funda no hombro enchia-lhe de sangue a manga e fazia-lhe pender o braço sem força.

Foi então que uma mulher, correndo cheia de agitação passou por elles, e foi ajoelhar junto de Cecilia; cobrindo-lhe a face pallida de caricias e de beijos, e com a cabeça della no regaço, com as mãos nas suas, parecia não ver nem ouvir nada preoccupada no cuidado que a absorvia. Era Catharina, que as ultimas palavras de Jeronymo tinham ferido, e que se apressou ignorando ainda toda a extensão do golpe, que a esperava. Na mesma occasião um vulto appareceu e entrou pela porta do jardim. Levantando a mão e dando alguns passos, este homem disse em voz forte.

— « Da parte d'el-rei! »

Era o corregedor do crime do bairro do Rocio.

O mancebo chegou-se a elle, deu-se a conhecer, e mostrou-lhe com um gesto o corpo inanimado de Cecilia, o sangue que lhe tingia o braço, e Jeronymo immovel e com a vista fixa como uma estatua.

— « Este homem matou-a, e fariu-me, sabendo que era o principe! » accrescentou em um tom, que fez empallidecer o corregedor.

O magistrado inclinou-se em silencio; e com ar triste, a passos lentos, chegou-se ao capitão. Este não pestanejava.

— « A sua espada? »

Elle não ouviu, nem deu signal de perceber.

— « A sua espada? » repetiu o Camões tocando-lhe no hombro.

Sem dizer palavra Jeronymo entregou-lha.

— « Siga-me. Está preso á ordem de el-rei e de s. alteza real! »

Sempre mudo, absorto, e branco como a tira da camisa, o capitão obedeceu machinalmente. Passando pelo sitio, aonde D. Catharina procurava estancar o sangue e reanimar os espiritos de Cecilia, hesitou, e duas lagrimas arderam na pupilla. Depois, meneando a cabeça, seguiu o corregedor e sahiu com elle.

Entretanto D. João correu para onde estava a sua amante, e ajoelhou. A filha de D. Luiz vendo-o e lendo na anciosa dôr toda a agonia da sua desesperação, disse-lhe mais pallida ainda do que a sua amiga:

— « Respira! Vive!.. Retire-se v. alteza. Se não lhe podermos salvar a vida, ao menos procuremos não lhe tirar a fama. Eu me encarrego de explicar tudo... »

— « Não, não! Está morta. Elle matou-a! » dizia o mancebo, torcendo as mãos e com os olhos afogados em lagrimas.

— « Vive, respira!.. insistiu ella. E eu que a amo como irmã, como filha, eu que me accuso de não vir mais cedo... peço, quero, que os seus olhos abrindo-se não vejam aqui a v. alteza. Sei que o coração da pobre infeliz não resistia! »

— « Quer que a deixe expirando? »

— « Fica nos braços de quem a preza, de quem a estima! v. alteza não tem outros deveres? acrescentou a noiva do conde de Aveiras severamente. El-rei seu pai não estará em igual perigo a esta hora? »

— « Meu pai, meu pai! » exclamou com soluços e lagrimas. « Ambos! perdidos, mortos talvez! »

— « Senhor, torno a pedir a v. alteza., A sua presença aqui é a deshonra desta menina e a infamia de uma familia honrada. Hei de... havemos de salvá-la. Não vê que tenho esperança, eu que a amo tanto, que morria se a perdessemos? »

— « É sua irmã? »

— « Sou o que ha de mais terno para ella. »

— « E eu poderei saber?... »

— « Amanhã mesmo... Prometto! »

— « Então... Mas sem a tornar a vêr! »

— « Cada instante que se demora agrava o seu perigo. Com v. alteza presente não posso chamar soccorro. »

— « Tem razão. Eu saio. »

E ajoelhando pousou os beiços tremulos nas mãos da donzella desmaiada, lançou-lhe um olhar de dor e ternura indizível, deu dois passos para sair, voltou, e por fim em um impulso de violento esforço transpoz o limiar da porta e desapareceu.

Catharina levantou então as mãos e os olhos ao ceu. As lagrimas rebentaram em fim da prisão da mais intensa agonia.

— « Graças meu Deus! » murmurou inclinando-se de novo para a sua amiga, cuja bella fronte descansava no seu seio. « Ella respira; o coração torna a bater!.. Salva a honra, salvemos-lhe agora a vida! »

Dahi a um instante aos gritos de Catharina, acudia toda a familia, accordada em sobresalto, levando em braços a educanda para o seu quarto.

O commendador no seu aposento retirado dormia sempre; e a filha de D. Luiz prohibiu que o despertassem. Meia hora depois Cecilia abria os olhos, e a vista sem fallar dizia tudo á amiga da sua alma.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

## UM ANNO NA CORTE.

### CAPITULO LII.

#### A SUPPLICANTE.

A Calcanhares cumpriu o que dissera a Theza. Apenas chegou a noite, por ella esperada em extremos de impaciencia, o animo atormentado não lhe consentindo maiores delongas, correu logo a meter-se na cadeira que Henrique Henriques deixara á sua disposição, e cujos mo-

ços não sabiam outro caminho que não fosse o do paço.

Margarida entrava sempre no palacio real pela porta dos quartos do Castello-Melhor, sem que a visse ninguém, excepto os criados da confiança do Conde. Naquella noite, porém — a mesma em que na Corte-Real se passava a curiosa scena a que no capitulo antecedente fizemos assistir o leitor, — não foi possível á Calcanhares passar pelo Terreiro do Paço, onde estavam acampados os terços de infantaria da corte, e pelos patios do palacio, guardados pelos *valentes* das patrulhas d'El-rei, sem parar muitas vezes diante das sentinellas, abrir as cortinas que fechavam os postigos da cadeira, e dar-se a conhecer; o que não succedeu, sem que aos ouvidos lhe chegassem algumas dessas frases brutaes, pungentes, e cruelmente insultuosas com que a gente grosseira manifesta o odio, ou dá expansão á jovialidade.

Margarida, desejando, por um profundo sentimento de religiosa esperanza, soffrer no mundo a dolorosa expiação do que ella, no seu espirito impressionada pelos conselhos do confessor jesuita, reputava quasi insanaveis peccados, ouvir resignada as palavras injuriosas para ella, que entre si diziam os soldados ao reconhecê-la. A sua alma não estava irritada pela cholera, nem accendida pela indignação quando entrou no paço; a religião, o amor, os padecimentos haviam-na abatido, sem comtudo lhe tirarem o animo de lutar com o perigo, a esperanza de vencer tudo que se oppozesse á salvação de Francisco d'Albuquerque.

No paço os criados do Conde disseram a Margarida que este estava ainda na grande sala de audiencia, donde não saíra em todo o dia.

— E não se lhe póde fallar? — perguntou ella.

— Não, senhora minha — respondeu um dos criados: — tem estado ahi esta tarde todos os ministros estrangeiros, ainda não ha meia hora que chegou o Sr. Roberto Southwell, ministro de Inglaterra, e agora S. Ex.<sup>a</sup> não póde vir aqui.

— Mas preciso muito fallar ao sr. Conde — accudiu a Calcanhares.

— Eu vou chamar o Sr. Fr. Pedro de Sousa.

— Pois elle está no paço?

— Desde que começaram estas desordens, ainda S. R. não deixou o Sr. Conde.

Dahi a poucos minutos entrava na sala onde a Calcanhares ficara, engolfado nos seus dolorosos pensamentos, o velho frade, tio do Conde de Castello-Melhor.

— Que vem fazer aqui, que quer de mim a minha boa Margarida? — perguntou Fr. Pedro com a sua voz branda, e bondosa.

— Ai! É V. R.! — exclamou a Calcanhares, levantando-se, sobresaltada da cadeira, em que estava sentada.

— Sou eu; o teu sincero amigo, Margarida — acudiu o frade com tristeza. E obrigando com o gesto Margarida a sentar-se, sentou-se elle tambem n'uma cadeira proxima. — Para que vieste ao paço, filha — proseguiu o tio do valido, — agora que tudo anda nesta desordem, e que El-rei, como tu desejavas, parece não se lembrar já de ti? Podia ter-te succedido alguma desgraça por essas ruas. O povo anda tão desenfreado, os soldados são tantos por ahi, que foi loucura expores-te aos insultos dessa gente perdida, e sem consciencia.

— Para evitar uma catastrophe irremediavel, para salvar um innocente da morte, é que eu vim agora ao paço, Fr. Pedro — disse Margarida..

— E quem é o innocente cuja vida está em tamanho risco? — perguntou o confessor d'El-rei, que logo pensou no conde seu sobrinho.

— É um homem, cuja morte seria a minha morte tambem, a minha morte, porque eu não teria forças para resistir ás saudades, e aos remorsos de haver sido com o meu amor causa, em parte, das suas desgraças.

— Está em risco a vida de Francisco de Albuquerque?

— Está, está em muito risco a sua vida; e, se V. R. me não ajudar a salva-lo, vel-o-hemos morrer victima de um terrivel engano.

— Henrique Henriques, esse mau homem! Deus lhe perdoe os seus peccados! Henrique Henriques descobriu o logar onde elle se escondia? Perseguem-no os assassinos dessas terriveis patrulhas, que El-rei tem em roda de si?

— Bem sabe, Fr. Pedro, que eu não ameio nunca senão esse homem — exclamou a Calcanhares, convulsa, e com os soluços a cortarem-lhe as palavras — bem sabe que nesse amor concentrei o meu existir, que nelle empreguei as potencias da minha alma, que a dôr, o longo padecer, o sentimento da minha soledade tornaram vigorosas, superiores ás minhas forças, capazes de me consumirem a vida. Tenha dó de mim, Fr. Pedro; não é a felicidade que eu agora peço, não mereço a Deus tanto bem, não me julgo digna do ceu, e esse amor é o ceu para mim; o que eu quero é saber que elle vive,

que está fóra de todo o perigo, e ir depois consumir o resto desta existencia, que a fatalidade condemnou a padecimentos nunca interrompidos; nas sombras de uma clausura, onde não cheguem senão as vozes dos peccadores arrependidos pedindo misericordia ao Senhor. Até para ser feliz se perde a força. A alma morre ás vezes para o mundo antes de nós morrermos; e a minha alma morreu. Matou-ma esta dôr, que nunca me deixa, Fr. Pedro.

— Animo, Margarida — accudiu Fr. Pedro de Sousa, pegando na mão da pobre menina. — Não nos deixemos abater; filha. Tudo se pôde remediar, querendo Deus.

— O que não tem remedio é este desalento, que me aperta o coração, e me não consente nem sequer o ser feliz! Mas não importa, salve-se elle, e de mim não cuidemos por agora.

— Ainda me não disseste que perigo elle corre. Como, de que o podemos salvar?

— Da morte.

— Onde está Francisco de Albuquerque?

— Preso. No Limoeiro?

— Porque?

— Accusam-no de ter morto no Alemtejo um criado da Rainha; mas é falso, elle está innocente.

— Quem te disse que estava innocente?

— Disse-o elle; ao seu confessor.

— Mas quem está preso por ter assassinado um francez da casa da Rainha é um arrieiro.

— Assim o pensam todos, e é talvez o que tem salvado Francisco das vinganças de Henrique Henriques. Esse arrieiro é o proprio Francisco de Albuquerque.

— Estás bem certa...

— Não tenho duvida, desgraçadamente, não tenho duvida alguma de que é elle. Vim aqui, ao paço, para pedir ao Sr. Conde a vida desse innocente, que a cólera da Rainha quer arrastar á força.

— O Conde não poderá, talvez — atalhou o velho confessor d'El-rei, assustado.

Um leve rubor corou subitamente as faces da Calcanhares, e esvaeceu-se logo; os olhos despediram dois relampagos de uma luz que vinha da alma; duas rugas tenues, que lhe davam com tudo á phisionomia uma expressão severa, tremaram-lhe ao longo da fronte; os beiços, como paralísados, ficaram immoveis e contrahidos; a voz tornou-se-lhe abafada, quando disse:

— A minha vida tem sido um continuado sacrificio, feito ás ambições do Sr. Conde. A

minha honra perdi-a por elle. Por elle perdi, talvez, a minha alma. Por elle estou ainda aqui, captiva, encarcerada. E agora, se eu pedir ao Sr. Conde a vida de um innocente, se lhe pedir que me salve a mim da eterna desesperação, e a elle de uma morte affrontosa, e não merecida, ha de... ha de recusar-me justiça? Não julgo o sr. Conde capaz de commetter uma perversidade, de faltar por esse modo ás suas obrigações de fidalgo, aos seus deveres de christão.

O geral dos bentos não sabia o que respondesse á triste Margarida. Aquella exaltação assustava a sua alma pouco vigorosa, e em que os ultimos successos da côrte haviam causado um abalo profundo; a sua bondade não lhe consentia o offender a justa dôr da amante de Francisco de Albuquerque; a sua virtude não lhe permitia contestar a verdade das queixas da desditosa mulher.

— Vamos fallar com o Conde — disse elle — Meu sobrinho ha de fazer tudo... tudo que poder ser. Eu vou adiante avisal-o de que estás aqui; e, em elle estando só, havemos de lhe fallar sobre este negocio. É melindroso o negocio; e o que é preciso é que socegues o animo para que o Conde te escute.

O frade saíu logo que acabou de dizer estas palavras, não tanto para ir procurar o Conde, como para cortar uma conversação, que o commovia profundamente, e o punha n'uma situação de que elle não sabia como podesse tirar-se, sem offender, ou a sua consciencia, ou os interesses de seu sobrinho.

Um quarto de hora depois de Fr. Pedro deixar só a Calcanhares, veio buscal-a um criado do Conde, que a conduziu pelos escuros e extensos corredores do paço, até á grande sala de audiencia. A extensa casa, cujas paredes eram forradas de estantes cheias de livros, e ao longo da qual se estendiam enormes mezas de pau escuro, gemendo debaixo do pezo de massos de papeis e de tinteiros de estanho colossaes, symmetricamente dispostos diante de cadeiras de coiro, naquella momento abandonadas e solitarias; a extensa casa estava alumada apenas por duas velas postas sobre um bofete collocado no intervallo de duas janellas; e esta luz fraca e tremula dava um aspecto triste a todos os objectos, tornava mal definidos todos os seus contornos, e deixava ás sombras que se projectavam nas paredes e no ladrilho uma côr carregada que dava a tudo uma phisionomia phantastica.

Quando Margarida entrou na sala, onde a

esperavam o Conde valido e o velho geral dos bentos, uma das portas que ficavam quasi escondidas entre as estantes, e que davam communicação para os quartos d'El-rei, abriu-se subitamente, e um homem entrou por ella; porém, apenas dêra dois ou tres passos, recuou e sumiu-se outra vez na escuridão. Margarida não poudé, por causa da pouca luz conhecer quem era aquelle homem que, ao vel-a, fugira com tão grande precipitação; mas pezou-lhe no coração um sinistro presentimento, e pareceu-lhe que a porta que se abrira se não havia tornado a fechar. Preocupada, comtudo, pela idéa do perigo do capitão Francisco de Albuquerque, agitado o espirito pela incerteza e pela esperanza, ella esqueceu este incidente, que teve entretanto uma fatal influencia no futuro da desditosa Margarida e do seu amante.

O Conde de Castello-Melhor, pallido e inquieto, estava sentado defronte do bofete sobre o qual ardiam as duas vélas que sós alumiam a sala da audiencia; com o corpo inclinado para diante, o Conde encostava a barba nas mãos cruzadas sobre a mesa, e parecia deixar-se ir perdendo nas suas reflexões, amargas de certo, porque profundas rugas lhe encrespavam a testa, aproximando-lhe as negras e densas sobranceiras. O bispo d'Angra estava de pé, encostado ao espaldar da cadeira do Conde, entregue tambem ás suas tristes meditações.

Foi Fr. Pedro quem veio ao encontro de Margarida, e conduzindo-a pela mão até á cadeira do valido.

— Meu sobrinho — disse, — aqui está Margarida.

O Conde levantou lentamente a cabeça, e fitando na Calcanhares olhos que a tristeza tornava quasi ternos, perguntou:

— E que quer de mim, a nossa linda Margarida?

— O Sr. Fr. Pedro de Sousa já havia de dizer a V. Ex. o que eu venho pedir aqui — acudiu a Calcanhares. — Venho pedir justiça para um innocente, e misericordia para mim.

— Quando depender de mim que se faça justiça — disse o Conde, — ha de fazer-se; e misericordia de ti, Margarida, escusas de pedir-ma, tenho-te amizade que vale mais.

— Se tem dó de mim, se me tem amizade como diz, Sr. Conde, não hesitará então em salvar Francisco d'Albuquerque da morte.

— Se eu poder... — interrompeu o ministro.

— Se poder! — exclamou a Calcanhares, dei-

xando-se cair sobre uma cadeira, por lhe parecer, ao ouvir estas palavras do Conde, que o chão lhe fugia subitamente debaixo dos pés. — Se poder! Pois ha de, senhor, deixar morrer um innocente...

— Eu não sou Rei, Margarida; e a morte desse infeliz é exigida por quem póde mais, muito mais do que eu.

— Pois V. Ex., sabendo que vão assassinar um homem que não commetteu culpa alguma, tem animo para consentir em tão horrivel atrocidade?

— Que posso eu fazer, como hei de oppor-me ás vontades da rainha?

— É ministro, é christão, e o seu dever é pugnar pela justiça.

— Sou ministro — atalhou o Conde, — e Deus sabe que só por servir a minha patria o tenho querido ser até hoje; sou ministro, mas estou cercado de poderosos inimigos, que me odeiam; não tenho força para lutar, e cairei do poder se me não ajudarem a prudencia, a moderação, e a perserverança. Oppor-me nesta occasião directamente aos desejos da Rainha seria perder-me, e perder talvez a liberdade e a independencia de Portugal, porque elles não sabem governar este reino, não o pódem governar sem mim.

— Sr. Conde — exclamou Margarida, — eu não sei se Deus deu só a V. Ex. juizo para governar este reino; sou uma triste mulher que da vida não sei senão que se reza, que se sofre e que se ama; mas o que me diz o coração é que o sacrificio da vida de um innocente é um crime aos olhos de Deus.

— Se eu podesse salvar a vida desse homem, tel-o-ia feito logo que mo pediste.

— Tem poder, Sr. Conde, para resistir, para lutar com o Infante, para armar o paço contra o irmão d'El-rei, para fazer do Sr. D. Affonso o seu defensor, tem poder para dobrar á sua vontade a vontade de todos, e não póde agora livrar da morte um pobre arrieiro do Alemtejo, um desgraçado que ninguem conhece!

— A morte desse desgraçado significa um triumpho para a Rainha.

— Pois deite V. Ex. entre a vaidade da Rainha, e a cabeça desse homem, o seu poder e o poder d'El-rei.

— O que não farei eu pela minha boa Margarida? — acudiu o ministro, a quem havia lisongeado a confiança que Margarida mostrava no seu poder. — Se poder, sem comprometer o futuro do governo deste reino levar a rainha a

perdoar ao capitão, ao arrieiro do Alemtejo, fallo-hei, não só por agradar á minha amorosa Margarida, senão tambem para que se faça justiça a um innocente.

— Bem vêes que o conde tem boa vontade de te fazer o que lhe pedes — interrompeu Fr. Pedro de Sousa, que até alli se conservara silencioso. — Se elle me tomasse os conselhos, e Deus sabe que são sinceros! deixaria estas desordens da corte, abandonaria ao infante o poder que Sua Alteza ambiciona, e iria passar o resto da vida no socego da sua casa. Mas elle não me quer escutar, e, como ministro tem deveres que nós todos devemos respeitar. Deixemos ao conde o cuidado deste negocio, e elle fará o que poder ser.

A Calcanhares sentiu os amargores e as angustias da desesperação, do susto, da colera dilacerarem-lhe a alma.

— Não saio daqui — prorompeu ella levantando a voz — não saio do paço, sem que o sr. Conde me prommeta que ha de salvar a vida de Francisco d'Albuquerque. Se o sr. Conde me não fizer essa promessa, que elle me deve pelos sacrificios de honra e felicidade que fiz á sua ambição, ir-me-hei ter com El-rei, confessar-lhe-hei tudo, pedir-lhe-hei misericordia. Se El-rei me não escutar, vou deitar-me aos pés da rainha; é mulher ha de entender a minha desesperação, ha de compadecer-se de mim.

— Socega, Margarida — acudiu o conde — o amor faz-te perder a cabeça!

— O amor não. Eu acabei para a vida, para as paixões, para a felicidade. Peço a vida desse homem, porque o amo, porque lhe quero mais do que á minha vida, mais do que á salvação da minha alma. No convento, onde me vou clausurar para nunca mais vêr o mundo, não teria paz. não acharia consolação, não teria forças para resar, se, Jesus me valha! Francisco acabasse ás mãos do carrasco, victima dessas ambições, desses orgulhos, a que eu já sacrifiquei tambem a minha desgraçada existencia.

Era tão melancolica, e ao mesmo tempo tão severa a voz da Calcanhares, ao soltar estas palavras, que o valido sentiu a comoção e um como susto de remorsos pezar-lhe no coração,

— Tem confiança em mim, Margarida — disse elle. — Devo tanto, deve tanto este reino todo, que é ingrato, Margarida, á tua boa alma, á tua dedicação quasi angelica, que te não posso recusar nada. Hei de empenhar todo o meu poder para salvar o teu capitão; mas tu...



— Vou-me fechar n'um convento, para alcançar da Virgem Nossa Senhora, pela penitencia e pela oração, perdão das minhas culpas. Promete-me pois, sr. Conde, que fará tudo por salvar esse infeliz; por quem lhe peço.

— Tudo — disse o ministro com hesitação.

— A sua alma é bella, é nobre; não lhe queira tolher os generosos impulsos.

O velho tio do Castello-Melhor juntou as suas precês ás da lacrimosa Margarida. E as palavras apaixonadas da bella suplicante, que se lhe lançara aos pés, e os graves e religiosos conselhos do virtuoso frade comoveram tanto o ministro valido que este fez promessa solemne de arriscar até o seu futuro para salvar o capitão Francisco d'Albuquerque.

A instancias de Margarida, o Conde escreveu tambem uma ordem para deixarem fallar « com o arrieiro alemtejano que estava preso, por haver sido accusado de ter morto um criado de Sua Magestade a Rainha, a pessoa que apresentasse aquella ordem feita e assignada pelo conde de Castello-Melhor. » Q valido, porém, não confiou este importante papel á Calcanhares, sem esta lhe haver primeiro jurado que não iria ella propria ao Limoeiro.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

## HISTORIA PATRIA.

### A praça d'Almeida em 1810.

(Continuado de pag. 202.)

O que se ha de, pois, concluir daqui, senão que o marechal além do justo afeiava o odioso da capitulação, e que inventava pretextos para a custa da honra portugueza salvar a honra britanica, e justificar o seu procedimento contra o tenente-rei?

Segundo as *observações* exaradas na ordem do dia de 12 d'agosto de 1812, as culpas do ultimo consistiam em escrever mui secretamente ao governador persuadindo-o, ou instando-o, a capitular; em reunir, provavelmente em sua casa, os commandantes dos corpos, induzindo-os a votar pela capitulação no conselho de guerra; e finalmente, em insistir para que o governador não fallasse em separado áquelles officiaes, como parece que o desejava. Ora, por estas culpas, se culpas realmente se podem chamar, foi Francisco Bernardo levado ante um tribunal militar,

e por todas, ou por algumas, condemnado, sendo a sentença confirmada, e rigorosamente executada, como se colhe das seguintes expressões das citadas ordens do dia de 1812 e 1815.

« O marechal, lê-se na primeira, confessa, que qualquer desgosto e repugnancia que elle ache, confirmando a sentença contra um official desta graduação, e de quem elle mesmo havia tido a melhor opinião, apesar disto, o seu dever para com S. A. R., e para com Portugal, e a justiça, e precisão de fazer verificar a parte da lei, de que S. A. R. se serviu confiar-lhe a administração com egualdade, e sem contemplação ás graduações; que além disto á proporção que são mais elevadas, são (sendo culpadas) nas suas consequencias mais prejudiciaes, como é visível em o caso actual, em que *toda* a guarnição, sem duvida valorosa, foi arrastada a uma opinião funesta a si mesma, e á causa da sua patria, por um só homem, e uma influencia, que unicamente a sua graduação lhe haveria podido dar: o marechal, pois, que teria confirmado a sentença contra um soldado ou subalterno, não mereceria a confiança de S. A. R., e a honra de commandar o exercito portuguez, se faltasse ao seu dever, deixando escapar os culpados superiores. A sentença do conselho de guerra, portanto, foi *confirmada e mandada executar* conforme as leis. »

« S. ex.<sup>a</sup>, lê-se na de 1815, achando-se com muito pesar na necessidade de fazer menção, do que teria muito mais desejado passar em silencio, pois lhe causa desprazer ter de renovar memorias de um infeliz, que *já soffreu a pena da lei...* »

Não designam as ordens do dia a pena soffrida pelo tenente-rei, deixando de ser com a de 1812 publicada a sentença, por haver o conde de Trancoso ahi ordenado, que ella o fosse com todo o processo pela imprensa, se a tanto se estendem as suas expressões. Qual foi, pois, essa pena imposta ao coronel Francisco Bernardo da Costa d'Almeida? É Borges Carneiro quem responde.

« — 20. Sentença do conselho de guerra, que julgou o coronel, que foi tenente-rei da praça d'Almeida, incurso nos artigos 4 e 5 de guerra, pelo modo com que se houve quando em 1810 aconteceu nella a explosão do armazem da polvora diante do exercito de Massena (38).

Ora os taes artigos de guerra são desta sorte:

(38) Prim. additam. geral das leis pag. 225 sob data de 20 de abril de 1812.

« Art. 4.º Todo o militar que commetter uma fraqueza, escondendo-se, ou fugindo, quando fôr preciso combater, será punido de morte. »

« Art. 5.º Todo o militar que em uma batalha, acção, ou combate, ou em outra occasião de guerra, dêr um grito de espanto, como dizendo: — O inimigo nos tem cercado, nós somos cortados, quem poder escapar escape-se, ou qualquer outra semelhante que possa intimidar as tropas, no mesmo instante o matará o primeiro official mais proximo que o ouvir, e se acaso isto lhe não succeder, será logo prezo, e passará pelas armas por sentença do conselho de guerra. »

Se pois ao tenente-rei foi applicada a pena destes dois artigos, segue-se que o arcabusaram, e temos esse facto por incontestavel.

Foi, porém, esta pena justa, ou devia Francisco Bernardo ser processado, sem que primeiro, ou conjunctamente, o fosse o governador da praça; o homem que ajustara e assignara a capitulação, e sobre o qual especialmente pesava a responsabilidade de semelhante acto? Vamos discutir este ponto, e como nunca vimos os processos do tenente-rei, e do governador, talvez o faremos muito mal; comtudo, parece-nos que nas precitadas ordens do dia de 1812 e 1815, e nos dictames do bom senso, acharemos sufficientes auxilios para chegar á verdade.

De boamente acreditaremos que o comportamento do tenente-rei no tocante á capitulação fosse censuravel, e queremos até por um instante conceder que merecesse severa punição; deixou ainda assim o general Beresford de proceder como um tyranno?

J. A. DE CARVALHO E OLIVEIRA.  
(*Continúa.*)

## NOTICIAS E COMMERCIO.

**Trovoadas.** — Desde que começou a lua nova quasi não tem cessado de ouvir-se ora perpendicular ora distante, com pequenos intervallos de horas quer de dia quer de noite, acompanhando o estampido dos trovões um temporal desfeito de fortes aguaceiros e rajadas de vento oeste e sudoeste.

Além das avarias causadas no Tejo e dos estragos de arvores nos campos, esta tempestade tão duradoura, e que parece continuação das que ha pouco desabaram nas provincias do norte do reino, trouxe consigo uma catastrophe bem lastimosa.

Na tarde do dia 11 entre as duas e tres horas da tarde uma descarga electrica sobre a parte mais alta da rua da Esperança na freguezia de S. José, gi-

rando pelos andares de tres predios contiguos, sem causar grande damno aos edificios, infelizmente asombrou duas mulheres, uma dellas de 67 annos e uma creança de peito, e as deixou sem esperanças de vida; parece, comtudo, que uma dellas poderia salvar-se.

A trovoadas ao romper do dia immediato descarregou outra centelha que fez algum prejuizo na ermida de Nossa Senhora das Dores, sita no bairro de Bellem.

**Frades hespanhoes.** — Segundo a *Época*, jornal matritense, o governo de S. M. catholica fez reformas no clero regular das ilhas Filippinas. Os jesuitas foram auctorizados para se estabelecerem naquelles dominios, com o encargo especial de servirem nas missões da ilha de Mindanao e de Joló, e de outros territorios onde possam propagar a crença evangelica. A companhia terá o seu collegio principal em Hespanha na casa intitulada de Santo Iguacio de Loyola, provincia de Guipúzcoa.

A ordem de S. Francisco, que por falta de collegio, ficára reduzida a diminuto numero de individuos, e não podia servir os curatos que lhe estão designados naquellas ilhas, deverá ser reorganizada, estabelecendo um collegio na peninsula bispânica, para o que se lhe concedeu o antigo convento de S. Paschoal em Aranjuez.

Esta ordem e as dos dominicos e agostinianos calçados e descalços deverão nomear seus respectivos vigarios geraes, que residirão em Madrid como antigamente.

Parece que se decretou a supressão da ordem dos religiosos hospitalarios de S. João de Deus, cujo pessoal estava reduzido actualmente a dez individuos.

Accrescenta outro jornal que os jesuitas vão tambem estabelecer-se na ilha de Cuba; que aos padres escolapios, do instituto de S. José de Calazans, será confiada na Havana a instrucção da mocidade; e que os religiosos da missão de S. Vicente de Paulo vão dirigir as irmãs da caridade a quem são commettidas a inspecção e vigilancia dos hospitaes de Manilha.

**Incendio.** — Na madrugada de 14 para 15, das duas para as tres horas da noite, temerosa pela escuridão e pela violencia da tempestade de agua e vento, que nesta phase da lua tem sido quasi permanente, manifestou-se um incendio no predio n.º 205 da rua da Rosa ao Bairro-Alto, com esquina para a travessa dos Fieis de Deus, e da parte do nascente.

Diz-se ter começado o fogo pela escada; e tão rapido e voraz foi, ajudado pelo impeto do temporal e outras circumstancias, que em pouco tempo arderam os andares segundo e terceiro, e só se conseguiu não se communicar a conflagração ao soalho do 1.º e ás lojas.

Felizmente não ha a lamentar perda de vidas; porém, alguns dos inquilinos que perderam suas roupas e mobílias, por falta de meios ficaram no caso de se aproveitarem do beneficio da subscripção a que o benemerito regedor da freguezia da Encarnação convidou pela imprensa as pessoas caritativas.

Varios indicios denotavam ter sido lançado de proposito o fogo; não reproduziremos nós o boato que attribue este crime atroz a um individuo que po-

suspeitas foi logo preso; aguardaremos as provas.

O mesmo predio já ardeu todo no anno de 1810, constando só do pavimento terreo e um andar superior. Conta-se que então pereceram muitos dos que trabalharam em apagar o incendio, desabando um grande lanço de parede que sotterrou aguadeiros e bombeiros e um piquete de soldados de infantaria mandados para auxilliar aquelle serviço.

**Obra artistica.**—A real academia de Bellas Artes de S. Fernando publicou a seguinte convocatoria:

« Pelo ministerio de fomento se remetteu a esta real academia por ordem regia, datada de 27 de outubro, o programma da concurso publico que ha de verificar-se, perante a mesma, para a estatua que deve collocar-se sobre um pedestal na fonte que se está construindo na cidade de Bailen.

« O povo de Bailen prestou um serviço importante ás armas hespanholas, levando agua ao exercito no caloroso dia da batalha dada em seus campos no principio da guerra da independencia. Querendo o governo recompensar este serviço de um modo util á povoação determinou prover-a da agua de que carece, erigindo um chafariz que abasteça seus moradores, com tanque para beber o crecido numero de cavalladuras que alli concorrem por ser ponto de junção das duas estradas reaes de Sevilha e Granada. Mandou para esse fim proceder aos convenientes reconhecimentos e formar o projecto que está approvedo: mas, na intenção de que o monumento recorde o motivo que lhe deu origem, houve o pensamento de collocar uma allegoria n'um espaço quadrado de dois pés de lado, que fique a 20 pés de altura acima do terreno, e represente a Hespanha victoriosa indicando no escudo d'armas de Bailen um novo brasão, que será uma amphora em demonstração da agua que conduziu. »

Seguem-se condições do concurso. O premio para o esculptor que melhor desempenhar o programma é de dois mil reales.

**Caminhos de ferro de Madrid a Aranjuez.**—No proximo passado mez de outubro teve um movimento de 26:964 viajantes, do modo seguinte:

Em coches de 1. <sup>a</sup> classe .....	1:061
» » de 2. <sup>a</sup> » .....	5:532
» » de 3. <sup>a</sup> » .....	17:735
» carrós de posta e diligencias .....	2:636

Destes viajaram em via descendente ou na direcção de Madrid a Aranjuez 12:978 e ascendente 13:986. Foram 248 os comboys, pela maior parte mixtos, isto é de passageiros e fazendas, e 62 exclusivamente de fazendas. O transporte destas, malas, equipagens, montou a 530:569 arrobas. Conduziram-se além disso 79 cães e dois cavallos, 155 diligencias, duas seges de posta, e um coche particular, tendo produzido á empresa a quantia de 175:152 reales de vellon.

**Opera italiana em Madrid.**—No mez de outubro, primeiro da presente estação do theatro real, posceram-se em scena as seguintes peças: — *Idus Fos-*

*cari, Semiramide, Hernani, Lucrezia e Beatrice d'Tenda* e os dois bailes *Paquita e la Cantinera*: total cinco partituras e dois bailes. Os *Foscari*, a *Semiramis*, a *Lucrecia* e a *Beatriz* tiveram completa acceitação. Parece que se tornaria a cantar o *Hernani*, desempenhando a sr.<sup>a</sup> D'Angri o papel de Carlos V.

#### CAROLINA SANNAZZARO.

Os periodicos musicas de Italia que recebemos pelo ultimo correio annunciam a escriptura da sr.<sup>a</sup> Carolina Sannazzaro para o theatro principal de Modena durante a epocha do proximo carnaval.

Apressamo-nos a publicar esta noticia, porque sabemos que será acolhida com interesse pelo publico de Lisboa, que conserva bem presente o nome da joven e eximia actriz-lyrica, que tanto enthusiasmo lhe causou na epocha passada.

A sr.<sup>a</sup> Sannazzaro vae de certo ganhar em Modena mais um triumpho na sua brilhante carreira: — ali, como em toda a parte, ha de ella captivar as sympathias de todos, e conseguir, pelo seu canto singelo mas repassado de sentimento e paixão, pelo seu talento dramatico em que não teme rival, despertar o mesmo fanatismo que causou entre nós.

Sentimos, já o dissemos e tornal-o-hemos a repetir, que a actual empreza não fizesse a acquisição daquella dama, não se lembrando talvez, que quaesquer que fossem as notabilidades artisticas que o sr. Porto escripturasse, a sr.<sup>a</sup> Sannazzaro seria sempre uma artista bemquista do publico, e que nas operas adaptadas aos seus recursos ninguem lhe poderia contestar um prestigio igual ao que alcançou na *Nina*, na *Sapho*, e na *Ildegonda*. E. que a sr.<sup>a</sup> Sannazzaro é inquestionavelmente a cantora mais inspirada, o genio mais eminentemente dramatico, que appareceu sobre a nossa scena lyrica.

DEMETRIO RIPAMONTI.

#### QUADROS PARA AS ESCOLHAS DE LEITURA E ESCRIPTA PELO METHODO DO SR. CASTILHO.

Estão-se imprimindo em formato grande para se venderem com colorido, ou sem elle, como agradar aos compradores, todos os quadros indispensaveis para uma escola regular de leitura e escripta pelo methodo do sr. Castilho.

Previne-se de que a edição pertence em virtude de escriptura authentica, ao auctor o sr. A. F. de Castilho, e ao editor J. J. Canongia com lithographia e armazem de musica na rua Nova do Almada n.<sup>o</sup> 66 e 67, em cuja casa sómente se venderão; e de que será perseguido, por todos os meios legais, qualquer contrafactor ou vendedor de exemplares de contrafacção.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 20. QUINTA FEIRA, 25 DE NOVEMBRO DE 1852. 12.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### CAMINHOS DE FERRO.

#### III

Os caminhos de ferro para o serviço das minas de carvão de pedra existiam em grande numero na Inglaterra, como fica dito, quando Trevithick e Vivian obtiveram seu privilegio para o emprego das carroagens a vapor nas vias ferreas: a sua locomotiva, que foi adoptada em 1804 no caminho de Merthyr-Tydvil, muito pouco differia da diligencia a vapor que haviam construido para as estradas ordinarias. Compunha-se de um só cylindro collocado horisontalmente; o pistão communicava o movimento ás rodas por meio de um tronco e duas entrosas ou systemas de rodas dentadas.

Trevithick e Vivian recommendavam guardar algumas asperezas ou ranuras transversaes da caimba das rodas da locomotiva, a fim de provocar mais fricção e remediar assim o resvalar da roda sobre a superficie polida do carril: propunham mesmo, quando a resistencia fosse consideravel, pôr na circumferencia das rodas uma especie de cavilha ou garra com pega no solo. Effectivamente, todos os sabios admittiam nessa epocha que a principal difficuldade que devia oppor-se ao emprego das locomotivas nos caminhos de ferro consistia na falta de adhesão das rodas nos carris; pensava-se que a superficie lisa destas faxas metallicas não offerencia sufficiente fricção para que a roda podesse achar pega bastante; e concluia-se dahi que a acção do vapor teria sómente por effeito fazer girar as rodas no mesmo sitio sem produzir a progressão. e En-

tre duas superficies planas (diziam Trevithick e Vivian, n'uma memoria a este respeito) a adhesão é mui fraca; as carroagens estão expostas a resvalar, e a força d'impulsão perde-se. » — Por isso recommendavam fazer desigual, e escabrosa o mais possivel, a caimba das rodas da sua locomotiva. Esta ideia inexacta foi emitida em consequencia de simples considerações do intendimento e sem experiencia alguma preliminar; comtudo, adoptada sem exame por todos os engenheiros, constituiu desde esse momento um obstaculo, perante o qual a sciencia dos caminhos de ferro ficou por muito tempo estacionaria.

Esta aberração dos sabios fornece um singular exemplo das perjudiciaes consequencias a que pôde levar uma opinião theorica, formada fóra do dominio da experiencia. Depois da construcção da primeira locomotiva de Trevithick, todos os esforços dos praticos se applicaram a triumphar de um obstaculo imaginario, o que foi causa de uma serie de invenções mal succedidas e de creações extravagantes, cuja triste nomenclatura abreviaremos. Assim, em 1811, M. Blenkinsop, director do caminho de ferro das minas de carvão de Middleton, imaginou um systema de locomotiva no qual as rodas não tinham outra funcção mais que a de sustentar o apparelho motor; um dos carris era provido de dentes onde vinha pegar uma roda dentada, posta em movimento pelo pistão da machina a vapor: este systema adentado devia, como é bem de presumir, augmentar singularmente os effeitos da resistencia e da fricção. Todavia, o systema de M. Blenkinsop serviu por espaço de mais de 12 annos para o transporte do carvão de pedra.

Em 1812 MM. William e Edward Chapman

substituíram-lhe outro, igualmente vicioso; collocaram no meio do caminho e de distancia a distancia diversos pontos fixos sobre os quaes a locomotiva era rebocada por uma machina a vapor mediante uma corda que se enrolava n'uma especie de tambor ou cylindro: o cabo desprendia-se logo que a locomotiva tinha chegado a cada um dos pontos fixos collocados regularmente no caminho. Foi este processo usado por algum tempo no caminho de ferro de Heaton proximo de Newcastle.

Finalmente, em 1813, um engenheiro, alies muy distincto, M. Brunton, chegou a fazer obrar a potencia do vapor, não sobre as rodas da locomotiva, mas sobre uma especie de forquilha moveis que vergando d'encontro ao chão e indirectando-se depois como a perna de um cavallo impelliam para diante a carroagem: esta singular disposição tinha elementos para fazer em mil pedaços, em consequencia dos repellões, as mais robustas machinas. Um accidente que sobreveio na caldeira obistou á continuação destes ensaios.

Poder-se-ia girar ainda por muito tempo, sem melhores resultados, no circulo dessas difficuldades imaginarias. Felizmente decidiram-se a acabar por onde deviam ter começado. Em 1813, um engenheiro mais prudente que os seus collegas, M. Blackett, propoz-se a indagar qual era o grau de adherencia das rodas de uma locomotiva sobre a superficie dos carris, e determinar por experiencias a quantidade de força que fazia perder o deslizar da roda. As circumstancias o ajudaram, porque os carris do caminho de ferro de Wylam em que fez os ensaios eram chatos e de grande largura, em vez de offerecerem a secção elliptica e a tenue superficie que apresentavam então a maior parte dos carris estabelecidos nas minas. Favorecido por esta particularidade, e tambem talvez em virtude do peso consideravel da locomotiva de que usou, M. Blackett veio a reconhecer que em consequencia das asperezas que existem sempre na superficie do ferro, por mais poida que seja pela fricção, as rodas da locomotiva podem morder sufficientemente no carril para tomar ponto d'apoio. Verificou por uma serie de experiencias que o peso da locomotiva basta para determinar a adherencia das rodas, oppor-se á sua rotação sempre no mesmo lugar, e promover assim a marcha dos mais pesados combays.

Ignoro se é perfectamente authentica a lenda de Archimedes sabindo meio n'as pedras de Syracusá e bradando: eureka (achiei);

mas, se me dissessem, que M. Blackett á vista do resultado de suas experiencias rompia em semelhante accesso de alegria e locução, não teria duvida em acreditar. Com effeito, o obstaculo, tão grave na apparencia, que havia dez annos retinha o progresso da sciencia dos caminhos de ferro, acabava de desaparecer n'um momento; e as locomotivas, que tinham sido admittidas nos caminhos de carris de má mente e por não haver coisa melhor, estavam no caso de fornecer, n'um intervalo de tempo proximo, resultados perante os quaes a imaginação recuava até esta epocha. Menos de um anno depois, das experiencias de M. Blackett, a primeira locomotiva, que functionou com bom exito n'uma linha ferrea, sahia das officinas de Jorge Stephenson. Foi construida em 1814, nas minas de carvão de Killingworth. No anno seguinte, Stephenson e Dodd aperfeiçoaram aquelle primeiro modelo; as modificações introduzidas em seu mechanismo não permittiam, comtudo, alcançar mais do que a fraca velocidade de legua e meia por ora.

Duas companhias inglezas fizeram erigir uma estatua monumental de bronze a Jorge Stephenson como inventor principal das locomotivas. Não contestaremos a conveniencia de tal homenagem tributada ao homem insigne, que sendo simples operario mineiro, chegou por meio de longos estudos, effectuados entre os seus penosos trabalhos, a elevar-se á cathogoria dos primeiros engenheiros do seu paiz. Não podemos, comtudo, deixar de notar que a locomotiva construida por Jorge Stephenson em 1815 estava longe de apresentar a solução completa do problema da locomoção per vapor, e em muito pouco differia, nas suas condições essenciaes, da machina construida por Trevithick havia dez annos. A caldeira da locomotiva de Stephenson apresentava uma forma cylindrica alongada; tinha 2<sup>m</sup>,44 de comprido por 1<sup>m</sup>,86 de diametro. Um tubo horizontal de 0<sup>m</sup>,50 de diametro, que servia para accomodar o combustivel, atravessava-a interiormente. Da caldeira partiam dois cylindros collocados verticalmente, e que communicavam o movimento aos dois eixos da carroagem por meio de dois troncos applicados ás extremidades de uma travessa, como em a machina de Trevithick e Vivian. O jogo dos dois pistões obrando sobre cada eixo era brando de modo que não deixava interrupção na acção motora.

Estas primeiras locomotivas de Jorge Stephenson foram empregadas nos caminhos de ferro da-

officinas de Killingworth: serviram depois para puxar os comboys de carvão pelo caminho de ferro de Darlington a Stokton, o qual fôra estabelecido em 1815 para o transporte do carvão procedente de Darlington; primeiro tinham-se empregado cavallos, substituiu-se-lhes depois a locomotora de Stephenson. No entanto pela fraqueza da machina os trens caminhavam muito de vagar; gastavam de ordinario quatro horas para percorrer a distancia de sete leguas que separa a planicie de Brusselton da cidade de Stokton; á volta os carres vãos consumiam cinco horas no mesmo transito em razão de um leve declive que era necessario transpor.

Começaram, pois, os caminhos de ferro a prestar alguns serviços á industria; transportavam o carvão e certos generos com maior economia do que os carros de rolagem. Mas, este systema estava ainda na infancia, não podia funcionar senão com extremo vagar; nada annunciava os prodigios que devia realizar em prazo pouco distante.

Que toque de vara magica produziu neste invento, tão amorecido desde a sua origem, a transformação inesperada cujos resultados admiramos hoje? Como é que as locomotivas, que apenas serviam ao transporte de generos, dahi a um anno eram já susceptiveis de applicação ao transporte de passageiros com uma velocidade que até então pareceria fabulosa? Esta revolução effectuou-se inteiramente por uma simples modificação feita na forma das caldeiras das locomotivas. O descobrimento das *caldeiras tubulares* veio mudar subitamente o aspecto dos caminhos de ferro, porque a sua applicação permittiu obter immediatamente nestas vias artificiaes uma velocidade de doze leguas por hora. E este descobrimento memoravel pertence a um engenheiro francez.

A companhia proprietaria das minas de carvão de pedra de Sainte Etienne e de Rive de Gier havia obtido em 1826 auctorisação para uma via ferrea, que facilitasse a conducção daquelle combustivel para Lyon. O serviço deste caminho de ferro devia ser feito por meio de cavallos ou de machinas fixas que rebocassem os comboys nos declives mais asperos. Não estando introduzida em França a arte de construir as locomotivas, a companhia fez comprar em 1829 duas machinas em Manchester nas officinas de Stephenson: uma foi remettida como objecto de estudo a M. Hallette, constructor de machinas em Arras, e a outra veio para Lyon servir de mo-

delo ás que encommendara M. Seguin, director do caminho de ferro de Sainte Etienne. Em consequencia dos differentes ensaios a que foram submettidas estas machinas, conheceu-se que a sua velocidade media não excedia 6 kilometres por hora. Foi então que M. Seguin, movido da insufficiencia desta velocidade, deu-se a investigar a causa. O vicio da locomotiva de Stephenson residia, como elle reconheceu facilmente, na forma da caldeira. A força de uma machina de vapor depende da quantidade de vapor que produz n'um tempo dado; ora, a quantidade fornecida por uma caldeira é proporcional á extensão de superficie que esta appresenta á acção do fogo. Na caldeira de Stephenson, esta superficie era insufficiente, porque o fogão, situado no eixo da caldeira, não podia obrar senão sobre a parte cylindrica que o envolvia. O problema do aperfeiçoamento das locomotivas consistia, portanto, em augmentar a quantidade de vapor fornecida pelo «gerador» sem augmentar as suas dimensões além de certos limites.

M. Seguin deu uma solução, das mais felizes, a esta grave difficuldade. Fez atravessar a caldeira por uma numerosa serie de tubos de mui pequeno diametro, no interior dos quaes vinham circular o ar quente e o fumo que sahiam do fogão. A superficie appresentada á acção vinha a ser assim infinitamente consideravel; com um gerador de dimensões ordinarias podia-se offerecer á acção do calor uma superficie de mais de 150 metros. O ar quente atravessando estes tubos vaporisava rapidamente a agua que enchia os seus intervallos, e promovia, n'um tempo mui breve, o desenvolvimento de uma enorme quantidade de vapor. As caldeiras das primeiras locomotivas de M. Seguin continham quarenta e tres destes tubos; não tardou que se elevasse o numero a 75, e mais tarde a 100 e mesmo a 120.

Restava, comtudo, vencer outra difficuldade. Não se podia empregar sobre as locomotivas senão chaminés de mediocre altura, porque as chaminés longas, usadas nas officinas das fabricas para activar a combustão, poriam em risco a estabilidade de todo o systema, e obrigariam a augmentar fóra de toda a proporção razoavel as dimensões das pontes e dos subterraneos que os trens atravessam. Era, porém de recear que usando-se das chaminés curtas a tiragem só se estabelecesse com muito custo por meio dessa longa serie de tubos estreitos atravessados pela corrente do ar aquecido. M. Seguin triumphou

desta segunda difficuldade collocando diante do fogão um ventilador destinado a promover uma *tiragem* artificial. Este ventilador, posto em movimento pela propria maquina, foi primeiramente collocado por baixo do fogão; mudaram-no depois para a chaminé: «O maior obstaculo que eu divisava (diz M. Seguin) (1) para o complemento do meu projecto era a difficuldade de chegar a obter, no fogão, uma corrente de ar assás forte para determinar os productos da combustão a passarem atravez dos tubos que substituiam a chaminé da caldeira. Receiava que a fraqueza do seu diametro augmentando as superficies causasse tanto atrazo na passagem do ar que aniquilasse inteiramente a *tiragem*. Era preciso, pois, recorrer a um meio de alimentação artificial absolutamente independente da *tiragem* da chaminé. Foi o que obtive por meio dos ventiladores de força centrifuga; ao cabo de alguns ensaios consegui produzir até 1:200 kilogrammas de vapor por hora, empregando caldeiras de 3 metros de comprimento por 0,<sup>m</sup>80 de diametro, contendo 43 tubos de 0,<sup>m</sup>04 de diametro. (2)

O ventilador de Mr. Seguin era, comtudo, pouco commodo e trazia consigo diversos inconvenientes. O importante problema de activar a *tiragem* da chaminé das locomotivas foi resolvido muito mais felizmente por uma idéa admiravel, que se attribuiu a um physico francez, Mr. Pelletan, mas que era conhecida em Inglaterra muito tempo antes d'elle. Parece ter sido Roberto Stephenson o primeiro que a applicou ás locomotivas. Em vez de provocar a *tiragem* pelo emprego de um ventilador mechanico, Stephenson dirigiu no interior do tubo da chaminé o jorro do vapor que se evade dos cylindros depois de ter produzido a sua acção. Em vez de despejar simplesmente para a atmosphera o vapor quando tem produzido o seu effeito mechanico, lançava-o para a chaminé. Como pode servir este meio para activar a *tiragem* do fogão? O vapor dirigido para a chaminé condensa-se alli subitamente, esta condensação produz logo o vacuo naquelle espaço, o ar chegando do fogão precipita-se logo para o encher, e graças a este artificio tão simples a *tiragem* adquire uma actividade extrema. As caldeiras tubulares e a injeccão do vapor na

chaminé, são os dois descobrimentos capitães que contribuíram para dar á locomotiva a potencia extraordinaria de velocidade que a distingue hoje.

Todavia a bella invenção de Seguin talvez não produzisse seus fructos senão mui vagarosamente, se, como se viu n'outras occasiões, a Inglaterra aguilhada pelas precisões e a actividade immensa da sua industria não tivesse lançado mão della, e tornado evidente a sua utilidade. As caldeiras tubulares foram adoptadas em 1830 por Mr. Robert Stephenson nas locomotivas que construiu para o caminho de ferro de Liverpool a Manchester, e os resultados notaveis que obteve determinaram a preferencia dada ás machinas locomotivas para o serviço dos novos caminhos de ferro. Portanto, a creação do caminho de Liverpool a Manchester forma, sem duvida alguma, o periodo mais importante da historia das vias ferreas. Nessa epocha é que foi pela primeira vez publicamente reconhecida a superioridade das locomotivas como agente de tracção nos caminhos de ferro. O estabelecimento daquelle provocon a execução successiva de todos os outros *railways* da Grã-Bretanha; e os caminhos de ferro inglezes trouxeram consigo o estabelecimento deste systema de locomoção nas diversas regiões dos dois hemisphérios.

#### VASOS METALLICOS PARA FLORES.

Uma das causas que mais prejudicam a saude das plantas dispostas em vasos é o aperto n'um espaço estreito, que não permite ás raizes e á terra em que vegetam communicação alguma com um ambiente em que possam tomar os principios vitaes, estando privadas da renovação dos mesmos.

Ha muito tempo se reconheceu que os vasos envernizados eram menos favoraveis á conservação das plantas do que os não envernizados, estes ainda menos do que os de madeira porosa. Restava, pois descobrir o meio de pôr as plantas em vasos taes que as terras estivessem em communicação com o ambiente que as cerca. Esse meio foi proposto por Mr. Troccon, fabricante em Albigny (departamento do Rhodano) que alcançou em 12 de março do corrente anno patente de privilegio para os vasos que fabrica.

O methodo consiste em pôr as plantas, segundo as suas diversidades, em vasos de fios metallicos tecidos, ou de folha de ferro cravejada de buraquinhos e galvanizada. Qualquer que seja a materia de que o vaso é composto deve ser perforado em toda a sua circumferencia.

(1) *Da influencia dos caminhos de ferro e da arte de os traçar e construir*, pag. 429.

(2) M. Seguin obteve em França, a 20 de dezembro de 1829, um privilegio para a construção das caldeiras tubulares, e para a applicação de um ventilador mechanico ao fogão das locomotivas.



## PARTE LITTERARIA.

A NOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXXV.

UM RAIO DE LUZ NAS TREVAS!

Era sobre o amanhecer; uma tempestade, cujos bramidos ainda soavam, mas já distantes, fundiu-se em torrentes de chuva, depois de illuminar a densa escuridão da noite com o relampejar de trovões medonhos estalando sobre a cidade. O luto do céu estava em harmonia com a tristeza dos homens. Havia doze dias que D. Pedro II dera o ultimo suspiro, pela uma hora da tarde de 9 de dezembro, na quinta de Alcantara, nos braços do marquez de Marialva, seu gentil-homem da camara, que lhe cerrou piedosamente os olhos. O padre Ventura não se enganara pois, em casa de Lourenço Telles, quando tinha revelado o segredo dos medicos ao secretario das mercês, affirmando-lhe que o successor de Alfonso VI não tornava a levantar-se do leito senão para ir a S. Vicente de Fóra!

Nos ultimos momentos o monarcha, chamando o herdeiro da corôa, e os infantes, preparou-se como homem para o terrivel transe; e admirou até aos que lhe eram menos afeiçoados, pela sua conformidade em encarar a morte e pela grandeza d'alma com que, até ao fim, soube cumprir os deveres de rei. Se a sombra viçagadora do irmão, remorso constante dos derradeiros dias, lhe appareceu com o sorriso livido, e lhe poz a friagem sobre o peito desfallecido, escondeu bem os terrores, e as cinzas da penitencia cubriam a lucta da sua alma com o passado. A vida fugiu-lhe dos labios em uma exalação serena e quasi sem dôr, como se a expiação tivesse enchido a medida da justiça e apagado perante a eternidade a conta do crime!

O principe real achou-se, portanto, na flor da juventude com a orfandade de filho e o encargo de reinar. Sahindo do jardim, aonde a aventura tragica (descripta no capitulo antecedente) lhe cortara as meigas mais intensas da sua vida, recebeu o golpe de uma separação para que não estava preparado, porque lhe disfarçavam o perigo em quanto houve esperanças de o vencer.

O corregedor do crime, depois de mandar com boa guarda para a cadeia do Castello e ca-

pitão Jeronymo, aproximou-se de s. alteza, e com o chapéo na mão, e verdadeiro pesar no rosto, participou-lhe que a sua ausencia fóra notada na Corte-Real, aonde acabava de chegar um aviso do paço, communicando que o estado d'El-rei peiorava e que iam ministrar-se-lhe os sacramentos. Suspenso, abatido, e como cego do entendimento á força de commoções subitas e dolorosas, o mancebo inclinou-se sem proferir palavra diante desta perda, que lhe dava o throno á custa da saudade do seu affecto como filho, e da agonia da sua ternura como amante. A reunião de tantas desgraças em um só dia atterrou-o; e as lagrimas rebentaram-lhe pelos olhos, em quanto murmurava: « meu pae!... Cecilia! ambos na mesma hora! »

Sem escutar mais, pediu um cavallo, e minutos depois apeava-se no pateo do palacio de Alcantara, quando os raios desmaiados da aurora principiavam a aclarar o céu, e a adelgaçar as sombras do crepusculo matutino. Em uma das salas o marquez de Marialva, depois de ouvir e responder ás perguntas de s. alteza acerca do estado de seu pae, observando com espanto o seu parecer desfigurado, a desordem dos vestidos, e conhecendo que estava ferido, e que o sangue ainda corria, posto mostrasse não o sentir, não puode conter-se, e exclamou:

— « V. alteza teve algum encontro? Sente-se mal? »

— « Não foi nada! » acudiu D. João precipitadamente. « O sobresalto e o cansaço... »

— « Mas o sangue?... »

— « Ah! Uma arranhadura que fiz, nem eu sei como! Com um jarro d'agua em poucos minutos tudo isto desaparece. »

Effectivamente a estocada era leve; e momentos depois o herdeiro da corôa, mudados os trages e sem nenhum signal que revelasse o seu combate, entrava trespassado de dôr no quarto, aonde el-rei o aguardava para se despedirem.

As occupações motivadas pelos funeraes de Pedro II e pelas providencias a que obrigava a sua morte justificaram aos olhos de todos a reclusão do principe, encerrado oito dias consecutivos sem receber ninguém exceptuando o padre Ventura, e Diogo de Mendonça, com os quaes passava horas inteiras, fechado na camara. Pouco a pouco a melancholia e o abatimento diminuíram; e um sorriso ainda pallido, ainda triste, começou a alegrar-lhe os labios, cujo carmin se aviveu. Eram as petições que o jesuita lhe trazia, ou o effeito do tempo, sobre as affecções mo-

ruas o que lhe levantava o animo, e lhe ia consolando o coração?

Qualquer que fosse a causa não a disse; e mandando expedir as primeiras ordens para a cerimonia da coroação, os observadores notaram-lhe um fulgor particular nos olhos, e na voz uma firmeza, que revelava a consciencia do seu poder. Nessa mesma tarde, dois dias depois de quebrados os escudos na cidade, segundo o antigo estylo, o principe convocou o conselho de estado, ordenando que se levasse aviso da sua parte ao conde de Castello-Melhor, o valido de seu tio Affonso VI, ao qual Pedro II nunca perdára inteiramente, conservando-o longe da sua pessoa, e ainda mais affastado de toda a participação no despacho dos negocios. O novo reinado começava pela clemencia. Era bom o auspicio!

Em quanto tudo se dispunha na corte para o joven soberano pôr a corda de Affonso Henriques com a pompa da magestade real, na rua das Arcas, aonde o seu coração o arrastava em espirito tantas vezes depois da scena cruel que terminára a ultima noite de felicidade, os acontecimentos publicos tinham passado como desaperebidos, porque os cuidados do perigo de Cecilia tornavam todos indifferentes a qualquer preocupação que não fosse o receio de a perder. Como dissemos, aos gritos de D. Catharina a familia correa sobresaltada menos Filipe, que dormia a essa hora na cella de fr. João, e o commendador, que no seu aposento retirado, e com o somno pezado da idade, nada ouvia.

A noiva do conde de Aveiras, ajudando a levar em braços a educanda, teceu uma novella cheia de incidentes e de lances assustadores, imputando todas as desgraças a suppostos ladrões, que foram por ella accusados sem remorso, e com valor admiravel de terem aberto a porta do jardim, ferindo a sua amiga no momento em que despertando ao ruido acudira, sem a esperar, mas depois de a ter chamado. De certo nesta versão havia mais de um ponto equivoco; porém a perturbação do successo, e o receio que inspirava o estado melindroso da donzella, não deixava a ninguém o juizo bastante livre para ir ao fundo das coisas, e analysar as contradicções e inverosimilhanças, bem facéis de descobrir nesta engenhosa historia.

Tinham visto as duas portas abertas; tinham encontrado as duas meninas uma desmaiada nos braços da outra; o rasto dos pés dos estranhos estava assignalado no chão do jardim; todos estes indícios pois eram a favor do romance; e de-

ve-se conceder que para chegar ao verdadeiro segredo pouco menos precisava do que adivinhar! Depois a policia fazia-se mal n'aquelle tempo; e a segurança andava tão exposta, que o caso de um assalto nocturno como o que se figurava podia-se deplorar, mas não tinha nada de singular.

Lourenço Telles, a quem o discreto Jasmin se encarregou de accôrdar para o dispor a saber a verdade, ou o que se queria que passasse por verdade, era mais forte na critica de Horacio do que perspicaz no exame dos actos da vida. Levantando-se espavorido, esquecendo os annos e as enfermidades, pegou á pressa no espadim, encostou-se ao braço do escudeiro; e veio juntar as suas hesitações e a sua torvação ao enleio e á immobilitade dolorosa, em que o estado de Cecilia prostrava sua mãe e irmã. A amizade de Catharina, não menos terna, porém mais decidida, é quem se multiplicava em soccorros e cuidados, dando as ordens que Magdalena trespassada de dôr, e perdida da cabeça, não podia nem articular.

Graças ao unimo varomil da noiva do conde de Aveiras o medico foi chamado logo e tendo examinado a ferida, capitulou-a de pouco perigosa, se a febre não sobreviesse, o que era para temer. Com a sentença do douto Esculapio restituiu-se a falla a todos, e o velho erudito começou a queixar-se da ausencia de Filipe, e a estranhar a falta indesculpavel de Jeronymo, concluindo por escrever duas linhas a fr. João informando-o do succedido, e rogando-lhe que o não desamparasse, acompanhando-o nos seus infortunios. O frade acabava de se erguer de pessimo humor quando o afunilado e beato semblante do sr. Thome das Chogas lhe appareceu com o recado. O undador das almas já vinha revestido das insignias do seu devoto cargo, e carregava a phylisnomia de umas poucas de atmosferas de solemnidade. Lendo o papel, o procurador perdeu as bellas cores da opulenta face, e gritando pelo chapeo e pela capa, disse para o servente: «quando aquelle animal accôrdar ponha-lhe o almoço, e depois mostre-lhe esta carta!» O animal alludido era Filipe da Gama que resonava estrepitosamente.

Nem o capitão, nem o dominico oppozeram a menor duvida á historia que lhes contou o erudito, tremendo ainda, não se sabe se de medo, se de indignação, mas é provavel que de ambas as cousas. As onze horas do dia deu entrada na sala com rosto de tragedia a longa e gravissima pessoa do abbade Silva carregado de poltrões

desde as borlas do troçal do seu tricórnio até as fivelas moxas dos sapatos. Depois de uma fuzilaria de citações latinas e de textos dos antigos philosophos, os tres cortiços (porque Filippe tractou de se esquivar do areopago apenas assomou á porta o abbade) concordaram *una voce* dicente que Portugal era a Turquia dos Estados Catholicos, e que a vida estava mais segura a bordo de um chaveco argelino do que protegida pelas leis de sua magestade.

Á hora de jantar, não sendo peiores as noticias que a miúdo recebia do estado de Cecilia, o commendador principiou a inquietar-se com a ausencia de Jeronymo, attribuindo-a a alguma desgraça nova, pois viver em uma terra, aonde os ladrões e os assassinos corriam as ruas e investiam as habitações com o desafogo dos saltadores do pinhal da Azambuja, equivalia a andar diante da bocca de uma espingarda, ou na ponta de um florete. — O frade tambem achava a falta do mancebo inexplicavel; e o auctor da biographia de Viriato — o Libertador — resolveu solemnemente que na ordem regular das coisas o sr. Jeronymo devia ter vindo, a não se demorar por alguma coisa! Sobre a noite, um bilhete de Diogo de Mendonça tranquillizou mais o erudito.

O secretario das mercês escrevia-lhe que elle estava em grande perigo, e que por isso não podia sair do paço; queria com instancia noticias da sua *menina bonita*, cujo desastre deplorava sem o conhecer exactamente; e acabava mentindo com deoado como um diplomata, e dizendo que não ficassem em cuidado pelo marte portuguez (Jeronymo), porque o expedira com uma ordem ao exercito, não se atrevendo a confial-a d'outro official. Já se vê que o ministro estava informado do essencial, e que se portava com a precaução devida. Ignorando até que ponto Lourenço Telles sabia as coisas, arriscava-se pouco, e com phrases equivocas sondava o terreno. O ardil surtiu o effeito desejado. Uma hora depois, Diogo de Mendonça tinha nas mãos o boletim minucioso do estado de Cecilia, a historia correcta e augmentada do episodio dos ladrões, enriquecida das exclamações fulminantes do seu douto collega em Minerva, e por esta maneira achava-se com os fios do labyrintho na mão, e em posição de servir os seus amigos, e de dar mais um sopro favoravel ás vellas do navio, em que, segundo a sua expressão, levava Cesar e a fortuna!

Assim tinha corrido o primeiro dia, lançado

um ven discreto sobre a verdadeira causa, e conspirando todos, uns de proposito, outros sem o perceberem, para ella se não aclarar.

Entretanto, como o medico receiava, a febre tinha sobrevindo, devida mais á agitação do espirito do que á gravidade da ferida. Na segunda noite, Cecilia que até alli respondia por monosyllabos a todas as perguntas, conservando as palpebras meias cerradas, e padecendo de uma irritação de sensibilidade tão grande que o menor ruido a fazia cahir em tremores convulsos, e sobresaltos dolorosos, sentou-se na cama com impeto, e acesas as faces no ardor que lhe inflamava o sangue, com o fulgor sombrio do delirio nas pupillas dilatadas, levou ambas as mãos ás tranças, soltas em desalinho, juntou-as com um gesto de susto infantil, para esconder com ellas o rosto, ao passo que murmurava phrases incoherentes e loucas, que esfriaram de inquietação a Catharina, a esta hora a unica sentada á sua cabeceira.

O bello rosto da educanda, pallido como cêra transparente, descobrindo as veias á flor da tez, e repassado da amargurada desesperação, que lhe envenenava a alma, não parecia o mesmo. Era formoso sim, mas daquella formosura chorosa e pungente, que o pincel dos mestres creou para exprimir a paixão da Virgem aos pés da cruz. O olhar, que a donzella corren pelo quarto, desvairado como a idéa, passava-se a cada instante, e os labios decorados e contrahidos tinham o sorriso louco, que espedaça o peito de dó aos que o contemplam, porque diz que o coração não pôde com a agonia, e estalando no peito affunda o espirito nas trevas da demencia.

Fitando Catharina sem a conhecer, sem a ver mesmo, pez-lhe a mão, que escaldava, sobre o braço, e inclinando-se, disse-lhe n'aquella voz surda, em que as lagrimas se sentem: « Não sabes? Elle morreu. Está-me chamando de casa. Disse-me aquelle anjo branco com uma coroa de rosas. Não o vês aqui á cabeceira?... Não vêes, não. É verdade, tu não amas, não podias vê-lo! Queriam-me enganar; contaram-me que vivia; eu sabia que não. O sangue delle correu-me todo sobre o peito; o seu ultimo suspiro passou sobre os meus beijos; estava dormindo, mas ouvi... »

Por outra variação repentina do delirio mudando subitamente de expressão e de gesto, lançando para traz os aneis do cabello, cujo pente fechado fazia realçar a brancura desmaiada do collo, e soltando um riso secco e convulso, abra-

centou fallando muito depressa: — « Não ouviste o que elles fallam? Chamam-lhe príncipe, beijam-lhe a mão!... É o filho de el-rei!... E eu quero-lhe tanto, tanto! Ha de me fazer rainha. Jurou-mo! Não digas nada a Catharina; eu só é que o sei. Aonde pizeram a minha corôa?... Não a acho; elle deu-ma! » E com a mão procurou em redor de si, apanhando a roupa. Depois proseguiu mais socegada: « Faz um sol, e queima!... Para que é essa luz toda?... aquelle altar cheio de flores? tanta gente á roda de mim? Trazem-me o veu branco, e a capella de açucenas. Vem buscar-me da parte de meu esposo!?... Não vou... quero ficar aqui! Não sou princeza. Digam-lhe que morri... com elle... hontem. É tão doce estar morta assim, a vel-o, e a ouvir-o. Não sei porque diziam que na sepultura fazia frio. Sinto um calor... aqui, sobre o coração!... » E debruçando a cabeça sobre o hombro com a graça de uma ave que vae dormir, abriu mais o sorriso dos labios, conchegou-se com um suspiro profundo nas roupas, e esmorecendo-lhe o brilho da vista, recahiou na somnolencia agitada da febre, articulando sons perdidos, e gemendo queixas vagas, cujo sentido a sua amiga não podia perceber. Catharina, inclinada sobre esta dôr immensa, desfazia-se em lagrimas e em soluços, cubrindo-lhe as mãos de beijos e caricias.

Assim entre a vida e a morte, pendeu de um fio oito dias, umas vezes dando esperanças, outras julgando-se que de um momento para outro se despedia em um gemido d'aquelle amor que a matava. Sua irmã, ouvindo-a no delirio chamar por um nome, e dirigir-lhe supplicas maveas olhava com terror para Catharina, que nem um minuto tinha desamparado esta agonia; e na pallidez e nos olhos roxos de pranto da noiva adivinhava o segredo cruel que fôra a perda de Cecilia. O commendador, mais velho pelo martyrio desta semana do que nos dez ultimos annos da sua existencia, passava manhãs e tardes sentado defronte de fr. João e do abbade, sem proferir uma palavra, e sem enchugar tambem as duas lagrimas, tão raras na idade extrema, que o coração, ressequido, não espreme senão com as grandes dôres.

Quem mettia mais compaixão era a pobre mãe. Com o desvelo affectuoso, com a esperança tenaz do amor intenso, quebrada de forças, cortada de sustos e de pena, resistia com o espirito ás fadigas, e tirava animo da propria angustia para não sahir do lado da filha, parecendo-lhe que separar-a um só instante della era

arrancar-lhe a alma do corpo. A muito custo conseguiram na terceira noite, que a confiasse e aos cuidados de Thereza e de Catharina algum as horas, e descansasse; assim mesmo apparecia de espaço a espaço, atravessando o quarto nas pontas dos pés com o passo subtil da mãe, quando receia perturbar o somno tão leve da infancia; chegava-se ao leito; escutava a respiração agitada; e tornava a sair, voltando-se a miudo para volver sobre o corpo doloroso da donzella aquella vista de ternura e carinho ineffavel, que nem os olhos do amante, nem outro affecto humano nunca foi capaz de roubar á paixão maternal!

Quando a molestia se achava no seu auge, e o delirio em toda a força, D. Catharina e Thereza, ambas de joelhos e banhadas em pranto, estavam orando para que abrandassem as dores daquelle coração innocente, e não fosse cortada a sua passagem no desterro do mundo, quando a porta cerrada se abriu, e a phisionomia compadecida do medico apontou aos humbraes, seguida logo da cabeça fina e sagaz do padre Ventura, que olhava para dentro por cima do seu hombro. Os dois entraram; e com um sorriso triste responderam á vista interrogativa das duas donzellas. Aproximando-se do leito, o doutor palpou o pulso a Cecilia, examinou-lhe o rosto, applicou o ouvido ao peito, e sacudiu a fronte mais sombria de cada vez. Da sua parte o jesuita, com aquelles olhos perscrutadores que pareciam penetrar atravez do corpo, inclinou-se, e escutou as palavras soltas, colheu os gemidos e soluços vagos da agitação febril, leu o padecimento moral na propria agonia do padecimento physico, e virando-se para o medico, esperou que este dissesse a primeira phrase:

— « Tenho feito tudo » murmurou o doutor suspirando « Mas a arte não póde salvar senão o que Deus não condemnou... Declaro-me vencido! »

As duas meninas que o ouviam desataram a chorar.

— « O corpo vae mal, de certo » accudiu o padre Ventura lentamente e com os olhos cheios de uma luz vivissima « mas a alma, aqui, é quem padece mais. O perigo todo está em que o vaso não quebre, e deixe escapar o espirito... Este coração de dezeseis annos, em uma hora padeceu mais do que o nosso talvez em quarenta annos; e não póde com a dor, e deseja aniquillar-se para a esquecer; ali tem o que é! — A molestia, doutor, a verdadeira molestia, a que ha de mata-la senão lhe acudir-mos, não consiste

febre que inflamma o sangue, reside na affecção moral que acende a febre... »

— « Se eu soubesse, se me tivessem dito, muitos symptomas com que me illudi... »

— « Não importa! Cure-a do corpo, que o tractamento da alma encarrego-me de o tentar... Havemos de salvar-a ambos! Digo-lh'o, e espero-o. Seria cruel que uma mocidade tão viçosa tão cedo a comesse a terra... Sei o mal, e creio que posso acertar a cura. Não preciso senão de um momento lucido, de um abatimento nesta exaltação de sensibilidade... pôde com a sua arte conseguil-o? Se a fizer-mos chorar, se o sangue vertido dentro do coração poder rebrantar pelos olhos, não vê que as lagrimas a hão de salvar? »

Catharina ajoelhou aos pés do padre Ventura, e beijou-lhe a manga, unindo as mãos supplicantes. Um raio de esperança principiava a brilhar nos seus olhos por entre o pranto. Thereza chorava, soffocando os soluços com o lenço.

— « Sei a experiencia, que vae fazer » disse o medico depois de um momento de reflexão « Sendo a causa moral não ha senão esse remedio, confesso. Mas faltaria ao meu dever se lhe occultasse que depende tudo de um acaso — do effeito que terão sobre esta organização, em que a vida é apenas um sopro debil, as primeiras palavras... Uma de mais pôde mata-la! »

— « Creio em Deus, e confio tudo da sua ajuda! » replicou o padre Ventura com placidez e firmeza. Ninguém, senão eu e esta menina » ajuntou indicando a D. Catharina « conhece a dôr, que dilacera a alma desta infeliz; somos homens; a idade das illusões passou para nós, doutor; mas um coração novo, que é todo paixão e vida, não se vê perdido e só, não cabe de repente da esperança na amargura, sem se magoar nos espinhos. Aqui tem explicada esta loucura, que foge com a ideia das misérias presentes para a alegria e o enlevo passado... Quero fazel-a entrar em si, e olhar sem medo para a realidade. Não ha senão um meio; o sentimento que ha de acordal-a não pôde ser senão o mesmo que a perdeu. Vou oppor á reacção a reacção! Ama, morre do seu affecto. Salvemol-a pelo amor! »

Fallando assim o jesuita tinha os olhos humidos e a voz, de ordinario suave e firme, tremia de comoção. Voltando-se depois para a noviça, com auctoridade bondosa no gesto e no tom, disse-lhe:

— « Tenho esperança, grande esperança! O

doutor receitou uma bebida que a ha de adormecer algumas horas; deve-a acordar com o maior cuidado. Eu estarei aqui, mais elle. Que ninguem fique no quarto depois de entrarmos senão nós tres. Bem ouviu, uma palavra, um soluço, um erro, e matamol-a em vez de a salvar. Promette ter muito animo; não soltar um suspiro mesmo; não levantar um dedo sequer? Nesse caso esperemos pela noite, e Deus nos acompanhe! »

E saíndo logo com o medico o visitador teve-se instantes para restituir ao semblante a serenidade, que perturbára o espectáculo, que tinha presenciado. O doutor dirigia-se entretanto ao aposento de Lourenço Telles, que o chamava cheio de inquietação, tendo ao lado a afflicta mãe, e Philippe, cujo natural bom e sincero se descobria na magoa viril com que animava sua mulher, sentindo os olhos arrasados de agua e o coração a rebrantar no peito.

Voltando-se, o jesuita viu ao pé de si Catharina que o seguia, branca como se viesse da sepultura.

— « E Jeronymo, padre Ventura? » perguntou ella a meia voz.

— « Espero salvá-lo! O perigo d'elle é menor e o remedio mais certo. »

— « Então está?... »

— « Preso e louco... como a sua amiga moribunda e perdida. »

— « E sua alteza sabe?... »

— « Sua alteza tem sido preciso occultar-lhe tudo! Valeu-nos o golpe da falta de seu pae. »

— « Mas, meu padre, se ella sobreviver como a havemos de consolar? Quem lhe dirá... »

— « Deus, que a salvou, minha filha. Deixe o coração a si... Vencido mesmo que seja, não é melhor do que morto como agora? »

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

## HISTORIA PATRIA.

### A praça d'Almeida em 1810.

(Continuado de pag. 227.)

Accusavam Francisco Bernardo de escrever uma carta a Cox, aconselhando a capitulação, ou instando por ella; isto é, aconselhando-o a fazer o contrario do que prescrevia a honra militar; era, porém, metendo em processo tanto o governador como o seu subalterno, e acareando-os á face dos juizes, e da dita carta, que se

deveria averiguar a criminalidade desta, e graduar a culpa que a cada um dos réos cabia na perda da praça: mas isto não se executou, e em quanto o tenente-rei com o sangue pagava os seus erros, vivia o governador mui tranquillo, e se buscava fazel-o passar ainda por um official denominado intelligente, previsto etc. etc.

A teima de Beresford em não fazer responder Cox a conselho de guerra, provavelmente custar-lhe-ia cara na Gran-Bretanha, e se em Portugal, a terra do desgoverno, passou impune, contudo não o honra. A sua escandalosa parcialidade pelo seu compatriota a cada phrase nas ordens do dia se revela. Como foi elle quem ao coronel do 24.º confiou o governo d'Almeida, pezar-lhe-ia vel-o agora declarar cobarde. Mais conveniente por tanto lhe pareceu fazer sobre uma cabeça portugueza recahir toda a deshonra e animadversão occasionadas por aquelle desastroso acontecimento, e essa cabeça foi esmagada sobre o exorbitante poder de um general estrangeiro.

Mas o que sobretudo scandalisa, é a causa que esse general dava de não haver cumprido a sua obrigação.

« A respeito da parte do crime, declara elle nessa ordem do dia de 1812 na qual confirma a sentença contra o tenente-rei, em que o conselho achou culpado o réo, o marechal commandante em chefe julga, que nada pôde ser mais forte, e claro, que as evidencias; *posto que a presença do governador poderia ter ajuntado* (talvez ajudado) *alguma coisa*. E na de 1815 acrescenta: — S. ex.<sup>a</sup>... não pode deixar aqui de observar, que a ordem do dia 12 de agosto de 1812 ordenando a execução desta sentença (a do tenente-rei), previa bem, que a presença do sr. governador *poderia augmentar as provas* já claras e sufficientes da culpa deste desgraçado. O processo actual mostra bem, que s. ex.<sup>a</sup> não se enganava: e tanto os pertendidos amigos (ou se amigos, muito mal aconselhados) do tenente-rei, como ~~todos os infames propagadores~~ dos rumores, que tem corrido a este respeito, se verão agora confundidos e expostos; quanto á *honrosa conducta* do sr. governador, e á culpa do tenente-rei foram por este processo provadas além de toda a contradicção, e de modo que o mais incredulo não possa mais duvidar: e mostra mais evidentemente, que os vogues do primeiro conselho de guerra fizeram a sua obrigação como homens honrados para com o seu soberano, e o seu serviço militar. »

E'pois se a presença do governador podia concorrer para se investigar a verdade em proveito da honra deste, a qual, em consequencia do seu não comparecimento, ficara al-de-menos duvidosa, porque não se apresentou elle ante os juizes para lhes revelar todas as abominações do seu immediato?

Se Cox projectava não entregar a praça se não na hora extrema, e mesmo havia já escripto uma resposta ao marechal Massena positivamente negativa a este respeito — sendo — obrigado a prestar-se a uma conducta opposta, por motivo de vér, que o exemplo, e opinião do tenente-rei, *illicitamente expressada*, tinham arrastado todos aquelles, de quem devia depender a firmeza da guarnição, como se allega na citada ordem do dia de 1812, era-lhe indispensavel demonstrar competentemente tudo isso, e o mais determinado nos artigos de guerra, purificando-se a si, e auxiliando a justiça contra o verdadeiro criminoso.

Mas que favor era este de não querer comprometter o tenente-rei com a presença de Cox? Podia elle morrer duas vezes? Nem ao marechal competia fazer graças desta ordem, particularmente quando com seu voto não quadravam a opinião publica, nem os preceitos militares, nem a sã moral. Similhante mercê, se tivera existido, seria um crime. Sempre as leis na punição dos delictos odiaram contemplações, e se commette crime quem condemna, ou faz condemnar, o innocente, tambem delinquirá o que indevidamente desviar a acção da justiça. No processo do tenente-rei disputava-se a vida de um official superior, e se tratava de dar ao exercito um grande exemplo; cumpria, logo, que a culpa do accusado se manifestasse sem nuvens para a gente militar saber, que, supposto a ninguem se imporiam injustos castigos, contudo, a espada da lei, sem olhar para as dragonas, feriria a quantos se desviassem do verdadeiro trilho.

Embora, pois, o marechal ficasse satisfeito com a morte do tenente-rei, a justiça queixasse, e a voz do historiador jámais cessará de bradar contra tamanha parcialidade; bem como nunca cessará de ser dubia (pelo menos) a innocencia do coronel Cox, que, depois da explosão do paiol, parece ficar como assombrado, e privado de toda a sua energia, se porventura algum dia a teve, o que ignoramos, por inteiramente desconhecermos os precedentes da vida militar deste official.

Mais uma reflexão ainda nos occorre contra

Beresford. Era elle tão melindroso em pontos de disciplina e honra militar, que bastante agastado se mostrou ao saber o boato relativo aos capitulados em Almeida. Contando-se-lhe, que estes, para mais facilmente escaparem aos francezes, juraram servir nas suas fileiras, o marechal, como já observamos, acremente reprovou semelhante astucia, exigindo que dahi em diante nenhum militar prostituisse o seu juramento, ou a sua palavra; e mandando pelos cadinhos de um conselho de averiguação passar tanto os officiaes então apresentados, como os 13 prisioneiros que em 1814 regressaram á patria (39).

Ainda mais. Na retirada de Burgos em 1812, o regimento n.º 24 experimentou enorme perda, e o general imputando a culpa della á disciplina menos rigida do corpo, enviou a um conselho de guerra o seu coronel J. E. Ayres da Costa, e outros officiaes, para serem punidos como relaxados (40). Logo, ajustando Cox, e assignando a entrega da praça que lhe era confiada, como podia escapar á justa severidade posta em uso contra diversos camaradas seus por crimes, faltas, ou infellicidades de valia mui inferior?

Outra das culpas imputada ao tenente-rei era — ter insistido que o governador não fallasse em particular aos commandantes dos corpos illegalmente convocados por aquelle. Mas concedamos, só por hypothese, que militarmente fallando seja crime o instar que na discussão de um negocio que interessa a todos, e vai ser resolvido em commum, não haja segredinhos: esta imputação não se provou contra Francisco Bernardo.

Nunca lemos, repetimos ainda, o processo deste infeliz, mas na ord. do dia 12 de agosto de 1821, aonde Beresford compendiou todas as provas contra elle, dando a essa peça antes ares de allegação contra o réo do que de disposição militar, achamos as seguintes vozes.

« O coronel do regimento da Guarda informa, além disto, que querendo-lhe o governador fallar separados (os officiaes sendo assim reunidos pelo tenente-rei *apparentemente* com o objecto de os desviar da influencia da opinião do dito) elle foi *embaraçado* pelo réo, que insistiu em que elles deveriam ser ouvidos juntos em conselho de guerra. »

Como, porém, mais ninguem informou sobre este ponto (se outros informantes houvera, Beresford os declararia nas *Observações*), se-

(39) Ord. do dia de 24 de setembro de 1814.

(40) Ord. do dia 17 de janeiro de 1813.

gue-se que a informação ou depoimento do coronel da Guarda, por singular não prejudicava ao tenente-rei.

J. A. DE CARVALHO E OLIVEIRA.

(Continúa.)

## NOTICIAS E COMMERCIO.

**Genealogia do Bonaparte.** — Napoleão nasceu em Ajaccio (ilha de Corsega) a 15 de agosto de 1769. Foi nomeado primeiro consul em 9 de novembro de 1799 e imperador dos francezes a 18 de maio de 1804. Abdica pelo tratado de Paris a 11 de abril de 1814. Volta da ilha d'Elba no 1.º de março de 1815; abdica de novo a 22 de junho do mesmo anno. Morre em Santa Helena aos 5 de maio de 1821. Deixou quatro irmãos.

1.º *José Napoleão Bonaparte*: nasceu a 7 de janeiro de 1767: foi nomeado rei de Nápoles em 30 de março de 1806, e rei de Espanha em 6 de junho de 1808. Desde 1812 intitula-se conde de Surcilliers. Morreu a 28 de julho de 1844. Desta linha não existe senão uma filha, casada com o príncipe Carlos Bonaparte.

2.º *Luciano Bonaparte*: nasceu em 1775. Como presidente do conselho dos quinhentos no 19 brumaire contribuiu mais que ninguem para o bom exito do golpe de estado de seu irmão.

3.º *Luiz Napoleão Bonaparte*: nasceu a 2 de setembro de 1778. Foi eleito rei de Hollanda a 5 de junho de 1806. Depois tomou o titulo de conde de Saint-Leu. Morreu a 25 de julho de 1846.

4.º *Jeronymo Napoleão Bonaparte*: nasceu a 15 de novembro de 1784. Eleito rei de Westphalia no 1.º de dezembro de 1807. Intitulou-se depois príncipe de Montfort. Casou-se em 27 de dezembro de 1803 com Isabel Patterson; divorciou-se della em abril de 1805. Casou novamente a 12 de agosto de 1808 com Frederica Catharina Sophia, princeza de Wurtemberg, que falleceu em 28 de novembro de 1838.

### 2.ª Linha. — De Luciano.

Carlos Luciano Julio Lourenço Bonaparte, príncipe de Canino e Musignano: casou em Bruxellas a 29 de junho de 1822 com Zenaída Carlota Julia, filha de José Napoleão e de Julia Maria Clara, irmã da rainha viuva de Suecia. Seus filhos são:

1.º José Luciano, príncipe de Musignano: nasceu a 13 de fevereiro de 1824.

2.º Luciano Luiz nasceu a 15 de novembro de 1828.

3.º Julia Carlota nasceu a 6 de junho de 1830: casou-se em 30 d'agosto de 1847 com Alexandre del Gallo, marquez de Boecagiorine.

4.º Carlota Honorina nasceu a 4 de março de 1832. Casou a 4 de outubro de 1848 com o conde Pedro Primoli.

5.º Maria Eugenia nasceu a 18 de março de 1835. Casou em 2 de março de 1851 com Paulo, conde de



Campello, filho único de Pompeo de Campello, ministro da guerra da república romana em 1849.

6.º Augusta Amelia nasceu a 9 novembro de 1836.

7.º Napoleão Gregorio nasceu a 5 de fevereiro de 1839.

8.º Bathilde Aluizia nasceu a 26 de novembro de 1840.

#### Mãe.

Alexandrina Lorena de Bleschamp, princesa viúva de Canino, nascida em Calais em 1778, viúva do príncipe Luciano Bonaparte.

#### Irmãos.

Pela parte materna sómente do primeiro matrimonio do príncipe Luciano com Christina Beyer.

1.ª Carlota nasceu a 13 de maio de 1796, viúva do príncipe Gabrielli.

#### Por parte do pae e mãe.

2.ª Leticia nasceu no 1.º de dezembro de 1804, casou com Jonas Wyse, ministro plenipotenciario da Grã-Bretanha na Grecia.

3.º Luiz Luciano nasceu a 4 de janeiro de 1813. Foi membro da assembléa legislativa da república franceza.

4.º Pedro Napoleão nasceu a 12 de setembro de 1815; também foi membro da assembléa legislativa, assim como o seguinte:

5.º Antonio, que nasceu em 31 de outubro de 1816.

6.º Maria, nasceu a 12 de outubro de 1818.

7.º Constancia, nasceu a 30 de janeiro de 1823.

8.º Uma religiosa no convento do Sagrado Coração, em Roma.

#### 3.ª linha. — De Luiz.

Napoleão Luiz Carlos Bonaparte, nasceu em Paris a 8 de abril de 1808, filho de Luiz ex-rei da Hollanda. Tomou assento como deputado da assembléa nacional e prestou juramento á república em 26 de setembro de 1848; a 10 de dezembro foi eleito presidente da república franceza por 6.048.872 votos. O golpe de estado de 2 de dezembro de 1851 fel-o eleger novamente e por espaço de dez annos por 7.481.231 votos. O senado em sessão de 7 do corrente novembro proclamou-o imperador dos francezes com direito de fixar a ordem da successão ao imperio na familia Bonaparte.

#### 4.ª linha. — De Jeronymo.

Jeronymo Napoleão Bonaparte, irmão do defunto imperador, ex-rei da Westphalia. Em 23 de novembro de 1848 foi nomeado governador do *Hotel des Invalides*, e marechal de França no 1.º de janeiro de 1850. Tem do segundo matrimonio os seguintes filhos.

4.º Mathilde Leticia, nasceu em Trieste a 27 de maio de 1820.

2.º Napoleão José Bonaparte, nasceu em Trieste a 9 de setembro de 1822. Foi membro da assembléa legislativa da república franceza e embaixador em Hespanha.

**Esento para surdos.** — Diz um jornal de Ma-

laga: — Ha nesta cidade um sujeito surdissimo, que mortificado por este defeito physico procurava todos os modos de remedial-o. Parece que tendo um dia na mão um pau e encostando a boca a uma extremidade deste, ao passo que a outra descansava sobre a caixa de um piano, aconteceu que tocado o instrumento os sons lhe estrugiram os ouvidos. Serviu-lhe o caso de incentivo para novas experiencias, resultando a final poder ouvir ainda que se lhe falle em voz baixa, praticando o seguinte. — Applica o extremo de uma regua ou bastão ao pescoço da pessoa que lhe falla, e o outro extremo poem-no de encontro aos dentes da mandibula superior, e desta sorte ouve bem.

Ainda que o som se transmitta também pela boca cremos que não deixa de ser phenomeno de acustica o modo de verificar-se essa transmissão; e não percebemos que relação póde estabelecer-se por meio do bastão entre a parte exterior da laringe e a boca do surdo.

**Necrolegio.** — Ainda ha poucos dias ouvimos os tiros de artilheria disparados em funeral por um navio americano surto no Tejo. Era porque o paquete inglez trouxera a noticia da morte de M. Daniel Webster.

A União Americana perdeu neste cidadão, fallecido aos 24 de outubro depois de curta enfermidade, o seu eminente homem de estado. Como Henrique Clay, que também morreu ha pouco tempo, pertencia a essa geração forte e activa, que com tanta perseverança continuou a grande obra começada por seus paes para conseguir a independencia e a liberdade da sua patria.

Daniel Webster nasceu em 1782 em Salisbury, Nova-Hampshire. Concluidos os seus estudos exercen com muito credito a nobre profissão da advocacia. Em 1813 foi eleito membro da camara dos representantes, na qual a seu primeiro discurso produziu profunda sensação: os deputados se admiraram da elevação de idéas e dos conhecimentos historicos e economicos, que manifestou aquelle homem até alli pouco conhecido. Desde essa época até o dia da sua morte não deixou de tomar parte nos negocios publicos, dando sempre provas de alta capacidade.

Na primavera de 1839 veio pela primeira vez á Europa, e visitou a Inglaterra, a Escocia e a França, recebendo em toda a parte provas de respeito e consideração. Em 1840 foi um dos mais habéis e ardentes partidarios da candidatura á presidencia da república do general Harrison, o qual sendo elevado a este cargo nomeou-o seu secretario d'estado. O general gozou pouco tempo do seu triumpho, porque morreu pouco depois. Succedeu-lhe Mr. Taylor que conservou por ministro Mr. Webster. A morte de Taylor no verão de 1850 levou á presidencia Mr. Fillmore, o qual collocou Webster á frente do seu gabinete. Desempenhando tão importantes funções e sendo um dos candidatos á futura presidencia, cessou de existir. Para aquella magistratura teria reunido sem duvida todos os votos, se o talento de homem d'estado, a eloquencia de orador, e a probidade politica fossem as unicas qualidades que em taes casos tem presentes os partidos.



# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 21. QUINTA FEIRA, 2 DE DEZEMBRO DE 1852. 12.º ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### CAMINHOS DE FERRO.

#### IV

No meado do seculo 18.º lia-se o seguinte cartaz affixado na cidade de Londres: — « Avisa-se ás pessoas que desejarem viajar de Londres para York e de York para Londres que poderão dirigir-se á hospedaria do *Cysne branco* em Londres ou á do mesmo nome em York; ahi acharão uma diligencia que fará a jornada em quatro dias, se Deus o permittir. »

Na mesma epocha, na Escocia, todas as fazendas eram transportadas em cavalgaduras. Em 1750, a carroagem publica que fazia o serviço entre Edimburgo e Glasgow, distancia apenas de 16 leguas, gastava dia e meio no transito. 1763 não havia entre Edimburgo e Londres senão uma carroagem que levava quinze dias a fazer uma viagem que as diligencias hoje effectuam em quinze horas.

A importante estrada de Liverpool a Manchester não estava em melhores condições; as seguintes linhas de Arthur Young darão idéa do seu estado de viabilidade ha oitenta annos. — « Não tenho expressões (diz o auctor) para descrever esta infernal estrada. Aviso os viajantes que a sua má estrella haja de conduzir a este paiz para que façam o possivel por evitar esta amaldiçoada vereda, pois que se póde apostar mil contra um em como quebrarão a cabeça ou pelo menos um braço ou uma perna. Acharão a cada passo carris de quatro pés de fundura, cheios de lodo mesmo no pino do verão: imagine-se o que será d'inverno. O unico palliativo em tal estado

é deitar nessas covas, ta quasi dizendo precipicios, algumas pedras soltas, de que resultam horriveis solavancos das carroagens. Pelo que me toca, tres vezes se quebrou a minha nestas dezoito milhas de execravel memoria. »

Este triste estado dos caminhos oppunha grandes obstaculos ao commercio do paiz. A rolagem era de um vagar insupportavel, e as tabellas eram de preços tão altos, que só podiam admitir-se para generos de muito valor em pequeno volume. O preço dos transportes de Liverpool a Manchester, por exemplo, era de 50 francos por tonelada, o que representa 90 centimos por kilometro, ou quatro vezes o preço actual da carretagem em França. D'ahi resultava que as fazendas peizadas ou que atravancam, taes como o ferro ou o carvão de pedra, não podiam ser aproveitadas senão em os proprios locaes da produção, todas as vezes que não se achavam na proximidade de um rio navegavel. Por isso ficavam inactivas a maior parte das minas de carvão; por exemplo, as mui vastas que o duque de Bridgewater possuia em Worsley a tres leguas de Manchester, e que permaneciam inexploradas por falta de caminhos transitaveis.

Nestas circumstancias o duque, homem de saber e resolução, emprehendeu crear um novo systema de transportes: auxiliado pelo habil engenheiro Brindley, fez abrir o canal de Bridgewater, que constitue a primeira dessas vias de comunicação artificiaes que a Inglaterra possuiu. O mais vantajoso exito coroou esta empresa, e graças aos novos consumos offerecidos aos productos das suas minas, o joven lord augmentou consideravelmente a sua fortuna. Excitados por este exemplo, grande numero de proprietarios de minas dirigiram-se para semelhantes empresas

aos capitalistas do paiz; de modo que ao cabo de alguns annos o magnifico cruzamento fluvial que cobre a Inglaterra estava terminado em quasi toda a sua extensão; mil leguas de navegação artificial estavam patentes á circulação das mercadorias.

O estado deploravel das estradas, mais aggravado pelos direitos de portagem que o governo estabelecêra nas que elle melhorára, tornava então impossivel toda a concorrência com a navegação dos canaes. Não custou muito ás companhias monopolisar o transporte das fazendas, e realisaram em breve consideraveis lucros. Debalde o governo, na esperança de manter em justos limites a taxa dos transportes, auctorisou o estabelecimento de companhias rivaes para a exploração dos canaes; o interesse commum fez reunir as antigas com as novas, toda a concorrência se destruiu, e o commercio se viu sujeito a preços exorbitantes. Imaginavam-se meios de toda a casta para illudir as prescripções legaes; e assim os proprietarios do canal de Bridgewater chegaram a perceber de Liverpool a Manchester uma taxa de 3,000 réis, e isto havendo um bill que lhe assignalava para maximo 1,200 réis.

O commercio tolerou por muito tempo estas exacções; lembrava-se da situação em que estava a industria fabril antes do estabelecimento dos canaes; e antes queria pagar pelos transportes preços altos do que ficar com as fazendas nos armazens. Mas, o que não se poud supportar com a mesma longanimidade foi a negligencia que a final se introduziu no serviço dos canaes. Alentadas pela facilidade que achavam de realizar grossos proventos as companhias levaram ao ultimo ponto o abuso: não só os transportes se elevaram a preços desordenados, como tambem foram feitos com pouco cuidado e excessivo vagar. De 1826 a 1830 numerosas petições foram dirigidas ao parlamento para denunciar estes factos; um dos requerentes citava muitos casos em que balas de algodão vindas da America em 21 dias tinham gasto mez e meio para chegarem de Liverpool a Manchester, isto é, para fazer a passagem de 16 leguas.

Não se podia aturar por mais tempo tal desordem. O descontentamento, havia muito comprimido, fez explosão. Muitos *meetings* (reuniões publicas) se celebraram em diversas cidades de Inglaterra para accordar nos meios de sahir desta situação: houve em Liverpool aos 20 de maio de 1826 uma dessas reuniões composta de pro-

digioso numero de pessoas. Em virtude de muitos discursos proferidos por diversos oradores decidiu-se que se organisasse uma companhia para estabelecer de Liverpool a Manchester um caminho de ferro destinado a concorrer com os tres canaes que vem dar a esta ultima cidade.

As companhias tentaram desviar o golpe; ligaram-se para abaixar os preços como haviam feito para levantar-os; mas, já era tarde. Todos os seus esforços, todas as suas sollicitações para com os membros de ambas as camaras não deram em resultado senão retardar dois annos a concessão do caminho de ferro, que foi auctorisada pelo parlamento ahi por fins de 1828.

No pensamento dos creadores da empreza, o caminho de ferro de Liverpool a Manchester não devia ser destinado senão ao transporte de fazendas. Liverpool, sita sobre o Mersey proximo de sua embocadura no mar da Irlanda, é o porto de Inglaterra, onde vêm descarregar o maior numero de navios que partem da America; e Manchester é a grande cidade fabricante onde se manufacturam os milhares de tecidos feitos com as proveniencias do Novo-Mundo. Os inumeraveis comboys de fazendas que em todo o tempo correm esta estrada deviam fornecer amplo recurso á exploração do futuro *railway*. Por isso, ninguém teve a idéa de applicar este caminho ao serviço dos passageiros; devia empregar-se nelle cavallos; e mediante um direito de barreira todos podiam aproveitar-se do mesmo caminho.

No começo do anno de 1829 o caminho de ferro estava a ponto de ser concluido; portanto, os directores trataram de fixar a casta de motor que se admittiria para o serviço do mesmo. Um anno antes, a companhia tinha enviado aos condados do Northumberland e de Durham uma comissão encarregada de examinar os diversos systemas de caminhos de ferro que se tinham alli estabelecido para a exploração das minas; porém, a comissão voltou sem poder designar o motor mais vantajoso; a unica opinião que emittiu foi que para a actividade do movimento commercial entre Manchester e Liverpool era completamente impraticavel o emprego de cavallos. Não restava, pois, senão escolher entre as maquinas locomotivas e as maquinas fixas empregadas para dar reboque. Dois engenheiros, MM. Walker de Limehouse, e Rastrick, de Stourbridge, foram incumbidos de visitar os caminhos de ferro de Inglaterra em que se fazia uso de locomotivas e tambem aquelles que haviam adoptado as maquinas fixas. Tiveram por missão determinar exa-

ctamente a quantidade de trabalho que ministrava cada um destes dois generos de motores. Como resultado de seu exame exposeram que as vantagens e os inconvenientes de ambos os sistemas parecia equilibrarem-se; mas em summa, e pelo que respeitava ás despesas de exploração, seriam preferiveis as maquinas fixas.

Os directores do caminho de ferro de Liverpool não se julgaram sufficientemente informados por este relatorio: Stephenson, engenheiro da companhia, declarava que as locomotivas eram ao mesmo tempo mais economicas e mais commodas para o serviço; e aquelles inclinavam-se a esta opinião. Um dos directores, M. Harrison, teve então a lembrança de fazer decidir esta grave questão por um concurso publico, no qual todos os constructores fossem convidados a apresentar diversas maquinas applicaveis ao transporte por uma via ferrea. Seriam concedidos o premio de 500 libras esterlinas e o fornecimento do material para o caminho ao constructor que melhor preenchesse os designios da companhia.

Predominou, a final, a opinião de M. Harrison, na assembléa dos directores, e a 20 de abril de 1829 se publicaram as condições do concurso. Eis as principaes: — A maquina montada sobre seis rodas não poderia pesar mais de seis toneladas. — Devia puxar por um plano horizontal, com velocidade de 16 kilometros por hora, um pezo de 20 toneladas, comprehendido neste pezo o aprovisionamento de agua e combustivel. — Se a maquina não pezasse 4 e meia a cinco toneladas, o pezo que devia rebocar seria reduzido a 15 ditas. — O pezo das locomotivas montadas em quatro rodas poderia reduzir-se a quatro e meia toneladas. — Finalmente, o preço da maquina aparelhada não podia exceder 550 libras esterlinas.

Fixou-se 6 de outubro de 1829 para dia de abertura deste curioso concurso. Foram escolhidos para juizes MM. Rastrick, de Stourbridge, Kennedy, de Manchester, e Nicolau Wood, de Killingworth. Os constructores inglezes dedicaram-se logo a tomar parte no concurso; e seis mezes depois, no dia marcado, estavam reunidas em Liverpool cinco maquinas locomotivas destinadas a entrar na liça. Eram: — o *foguete*, apresentada por M. Robert Stephenson, filho de Jorge Stephenson, de Manchester, que adoptara na sua construção as caldeiras tubulares de M. Seguin: — a *novidade* de MM. Braithwaite e Erickson; a caldeira desta locomotiva era formada de um tacho unico: — a *incomparavel* que

sabiu das officinas de M. Timothy Kackworth: — a *perseverança* de M. Burstall; e a *cyclo-pède*, maquina movida por cavallos e proposta por M. Brandreth, terminavam a lista das maquinas destinadas a tomar parte nesta luta interessante. Escolheu-se para as experiencias a chapa ou *plato* de Rainhill, que offerece uma linha perfeitamente horizontal na extensão de duas milhas.

Como o texto das condições do concurso não continha indicação alguma sobre o genero das provas a que seriam submettidas, tomaram-se as disposições seguintes. — Ao começar da experiencia verificar-se-ha para cada uma das locomotivas o pezo total da maquina com a sua caldeira cheia de agua: a carga que deve puxar será o triplo deste pezo. A agua da caldeira será fria e não haverá combustivel no fogão. Entregar-se-ha a cada concorrente a quantidade de agua e de carvão que julgar necessaria para uma viagem. — A maquina será puxada a braços até o ponto de partida: partirá logo que o vapor tiver adquirido uma tensão de 80 libras por polegada quadrada. A locomotiva deve percorrer dez vezes, ida e volta, o espaço escolhido, o que representa quasi a distancia de Liverpool a Manchester. Para verificar o tempo de cada viagem, estabelecer-se-hão nas extremidades duas estações, occupada cada uma por um dos juizes, que certificará cuidadosamente o momento da passagem da maquina. Taes foram pouco mais ou menos as condições que foram communicadas aos concorrentes e por elles acceitas.

Nos primeiros dias limitaram-se a ensaiar as locomotivas, fazendo-as ir e vir pelos carris para dispor-as a funcionar. Em 6 de outubro de 1829, dia fixado para o começo das provas, o *foguete* de Roberto Stephenson, foi a primeira maquina que entrou na arena. Segundo o programma era montada em quatro rodas e pesava quatro toneladas e cinco quintaes: a sua caldeira, de 1,<sup>m</sup>83 de comprimento era atravessada por 25 tubos de 7 centimetros de diametro; o vapor sahindo dos cylindros era dirigido, para activar a *tirage*, para o interior da chaminé. Esta bella locomotiva apresentava a maior parte das disposições que se acham realisadas nas maquinas actuaes.

Sem entrar nas particularidades das diferentes provas a que foi submettida a locomotiva de Stephenson, diremos que, por um plano horizontal, rebocou com velocidade de quasi seis leguas por hora um pezo de 12 toneladas e 15 quintaes. Para conhecer o maximo da velocidade

desembaraçaram-na de toda a carga, bem como do provimento d'água e combustível; com estas condições percorreu um trajecto de duas leguas e um terço em 14 minutos e 14 segundos, o que representa uma velocidade de dez leguas por hora. N'outra serie de provas adaptou-se a machina a uma carroagem com 36 viajantes; communicou muitas vezes a esta carroagem uma velocidade de dez leguas por hora sobre um plano horizontal. Subindo por um plano inclinado a sua velocidade nas mesmas condições era de quatro leguas por hora. Esta ultima experiencia demonstrou o facto importante de que as locomotivas poderiam subir ao longo de certos declives: suppozera-se até então que ellas não poderiam rebocar os comboys senão em terrenos perfeitamente nivelados.

A segunda machina ensaiada foi a incomparavel. Esta locomotiva era montada em quatro rodas, e o seu pezo elevava-se a 4 toneladas e 15 e meio quintaes. Ora, segundo uma condição imposta aos concorrentes, toda a machina que chegasse a este pezo devia ser montada em seis rodas; portanto, a *incomparavel* achava-se excluida do concurso. Resolveram, todavia, submittê-la ás provas, afim de conhecer-se se os resultados obtidos eram dignos de ser tomados em consideração; porém, mostraram-se em tudo inferiores aos da machina de Roberto Stephenson.

A locomotiva a *novidade* não poudé ensaiar-se a tempo em os carris. Ao chegar a Liverpool e posta pela primeira vez no caminho de ferro, havia-se reconhecido que a disposição de suas rodas exigia algumas modificações. Esta circumstancia retardou por dias o momento das experiencias. A machina de MM. Braithwaite e Erickson differia da de Roberto Stephenson em não ter o *tender*, e em levar comsigo o provimento d'água e combustível. Quando esteve definitivamente prompta para servir foi conduzida ao ponto de partida: tendo o vapor adquirido a tensão necessaria, partiu logo para seguir a sua carreira. Mas, ao cabo da primeira jornada conheceu-se que o tubo de alimentação da caldeira tinha rebentado. Quando se remediou este accidente, era muito tarde para continuar as experiencias.

## PARTE LITTERARIA.

A NOVIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXXV.

UM RAI DE LUZ NAS TREVAS!

(Continuado de pag. 237.)

À noite Catharina executou as ordens do medico, despertando com um beijo a sua amiga. Os olhos desta abriram-se de vagar, sem o ardor do delirio; as feições abatidas e desbotadas mostravam uma prostração profunda; a voz era tão fraca, que parecia apenas um suspiro fugindo ao de leve pelos beiços. Estava no estado em que o padre Ventura a tinha desejado.

O visitador demorou-se pouco, chegando em companhia do doutor. A noiva do conde de Aveiras a um signal fechou a porta, e cumpriu a sua promessa, ficando na mais completa immobildade. Duas horas passadas veio ella mesma abrir, á mãe e á irmã impacientes, com a alegria e a esperanza impressas no semblante. A commoção, preparada pelo jesuita com a sciencia, que possuia do coração humano, causara um sobresalto feliz n'aquella melindrosa e fragil organização; a alma asserenou com as lagrimas; o espirito desvairado calu em si primeiro á voz do amor, depois á voz da razão.

Por momentos, o medico, vendo-lhe apparecer na bocca o sorriso louco, e nos olhos o fogo sombrio e espantado do delirio estremeceu, advertindo o padre com um gesto; a vista deste lia porém mais fundo; e como o operador, cujo peito se aperta, mas ao qual não vacilla a mão, chamou a crise, e no meio da contensão de todas as faculdades, no meio do cahos das idéas, e recordações, lançou um nome, o qual de repente fez a luz nas trevas, que iam offuscando a mente, e arrancou um grito immenso de dôr e de saudade ao coração aberto emfim aos prantos e aos gemidos, desaffogando-o do pezo, que o esmagava. O mais que passou é inutil descrevel-o. Todos sabem como as revoluções moraes se declaram e os effeitos milagrosos, que um choque repentino é capaz de produzir. Decorrida uma hora, o medico abraçando o padre Ventura, disse-lhe com um alvoroço que honrava a sua sensibilidade: — está salva! Deve a v. paternidade a vida e a razão. Resta agora aproveitar-

mos a crise, e evitar a recabida. » Effectivamente estava salva. D'ahi em diante as melhoras não cessaram.

Tinham dado dez horas da noite. Como se disse no principio, a tempestade, desfeita, e soltando longiquos bramidos, fugia de cima da cidade. A luz tremula e fraca, posta sobre um velador de pau santo torneado, dava ao quarto de Cecilia uma claridade frouxa, cortada de grandes sombras. Sua mãe, menos assidua desde que o perigo minorou, cedera ao cançasso e aos rogos de Catharina, recolheu-se para tomar algum descanso. Thereza, desmaiada de côr, com os olhos peçados das lagrimas e da afflicção, com os cuidados do espirito e do coração estampados no rosto, estava assentada, ou antes recostada, n'uma cadeira, aonde o talhe esbelto se desenhava com relevo. Ao lado della a noiva do conde de Aveiras, á qual as vigílias, e os terrores da amizade tinham convertido a alvura de alabastro em uma palidez morbida e fatigada, fitava a vista no rosto da educanda já sereno, mas branco ainda como as roupas em que pousava, dorido como o seu coração depois dos transe e martyrios porque passara.

A educanda socegava em um somno leve, e confortador. A mão, de jasper, fina e graciosa, pendida fóra do leito como a do innocente adormecido ás vezes descahe para fóra do berço. Um sorriso, cheio de tristeza suave animava-lhe a bocca, passando á flor dos labios desbotados. O soffrimento phisico e a dôr moral, consumindo rapidamente as forças, e cavando-lhe as faces, tornavam maiores e mais expressivos, se é possível, os bellos olhos pretos, cujas pupillas avivando-se, cujas ramosas pestanas fazendo sombra, davam á phisionomia um enlevo e uma seducção, que recordava a poetica imagem, com que a phantasia christã se representa os seraphins, nuncios de Deus aos antigos patriarchas. Os cabellos, negros e sedosos, destacavam soltos sobre a alva olanda do travesseiro, e realçavam a neve de um collo, em que as veias estavam mais apparentes e os musculos mais sumidos do que antes. Um pintor, que a visse no adoravel repouso desta noite, invejaria a Raphael de Urbino o seu amor de artista e o seu coração de amante. Só o pincel meigo e inspirado do mestre, que melhor soube colher a rara expressão da pureza e do affecto na virgindade da alma e do sentimento, seria capaz de reproduzir com as verdadeiras côres aquella maviosa figura, *bianco vestita*, como diria o Dante, que apesar da sua ri-

gidez estoica foi homem, e amou, vingando-se da magoa e da fortuna, como o genio se vinga sempre, dando a immortalidade á sua paixão e ao objecto della!

Thereza olhava tambem para sua irmã, e preocupada desferia ainda com mais frequencia um raio penetrante das pupillas, cujo brilho de esmeralda a reflexão fazia intenso, e com elle parecia tentar lêr no seio de Catharina os segredos que lhe occultava. Durante o delirio, estando ella presente, Cecilia, soltára phrases, balbuciára nomes, e entre chôros e risos de loucura, revelara cousas, que eram mais do que pesadellos da razão desvairada; que tinham muita apparencia de realidade para serem mero sonho. Era evidente que a educanda amava, que fóra feliz um tempo, e de repente o seu jubilo se convertera em lagrimas, e as suas esperanças se banharam no sangue, que o coração ainda vertia mais do que o golpe recebido. A quem se consagrava aquella ternura misteriosa? Que homem era esse, do qual ouvira só o primeiro nome, proferido por sua irmã na agitação da febre, em um som de voz, que a fez tremer, porque resumia o affecto e a agonia, que pôde conter-se na alma da mulher? Que ligações havia entre Jeronymo, e a scena que passara, uma vez que a ausencia do mancebo coincidia com os successos da noite, offerecendo um enigma que não sabia decifrar? A noiva do conde, (tudo o indicava) estava senhora do segredo; conhecia-o. Como conseguiria obter uma revelação, que não a curiosidade só, mas um sentimento a favor de Jeronymo, que mal se atrevia a confessar, tornavam do maior interesse para ella? Eis o motivo que a obrigava a inclinar a fronte pensativa e a buscar o modo facil de obter da noviça uma revelação que esta pouco disposta estaria a confiar, visto o seu character discreto e um pouco aristocratico.

D. Catharina da sua parte era muito perspicaz para não se aperceber da inquietação da irmã de Cecilia e para não adivinhar de alguma forma a causa della. Entre donzellas os segredos do coração escondem-se menos, e as confidencias veem mais depressa. Informada pelo padre Ventura do que succedera a Jeronymo depois de prezo, e do estado cruel a que o pupillo de Lourenço Telles se achava reduzido, julgando-se enganado, a noviça desejava tanto como Thereza declarar tudo e preparal-a para restituir a paz e esperanza ao infeliz mancebo, dando-lhe a certeza de que uma illusão fóra a origem das suas magoas.

A força de diligencias o jesuita perguntando:

conjecturando e combinando, tinha chegado a descobrir os fios do trama, a que se devia o desastre, que ia custando a vida a dois innocentes, e ainda podia ser funesto ao capitão, exposto ao odio do principe, actualmente rei, cujos protestos de rigor cada vez se repetiam mais. Com a doçura e suavidade usual, sua paternidade conseguiu introduzir-se na prisão do Castello e fallar a Jeronymo. Sem o contradizer e não o censurando arrancou-lhe do peito phrase por phrase, palavra a palavra, o segredo que elle suppunha sepultado para sempre na sua amargura mesmo quando o estava revelando. O causador de tudo fora o honrado Domingos José Chaves! Vendo-se despedido de casa do commendador, e rondando os quartos antes de sahir para empregar com proveito a sua destreza de mãos, viu atravessar Thereza pelo corredor, e seguindo-a de longe achou no chão o bilhete do principe real, perdido do seio de Cecilia um instante antes de sua irmã passar. Rico e alegre com o achado, que lhe proporcionava um rasgo de malicia, o Bertholdo da rua das Arcas dirigiu-se a uma pastelaria aonde o esperava outro amigo habil como elle em viver do trabalho alheio. No meio de uma collação farta e jovial entre as libações proprias de tão dignos convivas, leu-se o bilhete e assentou-se em o vender a Jeronymo; a quem o conhecimento mais de perto interessava.

Domingos detestava os militares e as vias de facto a que são propensos; e escusou-se por isso de apparecer ao capitão, que assegurava elle nunca lhe fora afeiçoado. O seu socio tranquillizou-o incumbindo-se da negociação, dirigida com o louvor de Deus, assegurou elle, por uma pessoa incapaz de a transtornar. Os signaes dados pelo mancebo ao visitador sobre este diplomata feminino, convenceram o padre Ventura de que entrara em terra de gente conhecida. A mensageira não podia ser senão a virtuosa Perpetua das Dores, aquella serva de Nossa Senhora e do Menino Jesus dos Attribulados, que já teve a honra de ser apresentada neste romance.

Sangrando a velha na loquacidade invencivel o jesuita em menos de dez minutos sabia tudo, e estava em circumstancias de formar exacto e sereno juizo acerca da perfidia e da maldade, com que o sr. Thome das Chagas, devorado de cúbica e de braços erguidos ao céu, prestara inteira coadjuvação a uma cillada, que não ignorava que havia de acabar tragicamente. Sua paternidade, porém, conteve a cholera e o resen-

timento, não deixando escapar o mais leve indicio que fizesse desconfiar a beata; cada vez mais risonho e placido questionou-a como de costume sobre os pontos communs das suas *confidencias religiosas* em relação á vida do proximo; e sahio ficando ella persuadida de que não tinha commettido a mais pequena indiscrição. Entretanto, apenas chegou a S. Roque o visitador dispoz as coisas para fulminar o milagreiro e os seus cumplices em tempo opportuno. Esta ultima gentileza apurava a conta; o vaso transbordou em fim.

A noiva do conde de Aveiras, instruida de tudo pelo visitador e sabendo o delirio que desvairava a Jeronymo, ainda mais fraco diante dos martyrios da paixão do que a donzella delicada, salva quasi por milagre, compadeceu-se, e prometeu auxiliar a cura do mancebo, como ajudara a de Cecilia. Para este fim era necessario que Thereza não ignorasse nada, e que no seu coração a piedade, senão o amor, fortificasse a resolução de se expor ao primeiro impeto domando o orgulho e perdoando as imprecações que se deviam esperar da desesperação de um homem abismado na dor pela supposta traição della! A empreza parecia ardua com o caracter da irmã de Cecilia. No curso ordinario da vida seria menos difficuloso arrastal-a ao suplicio do que leval-a aos pés de Jeronymo para vêr pizar a sua alma com desprezos e offender o seu pudor com ironias e escarneos.

Mas aqui tudo era fora de commum, a occasião, o motivo e o perigo! Com o tacto e a observação da natureza, que o tornavam tão perticaz, o padre Ventura percebeu que Thereza havia de humilhar-se se acaso no abatimento visse a exaltação; e que embora não amasse faria todos os sacrificios do amor, uma vez que esperasse delles um triumpho digno de admiração. Convertendo assim em motores do bem os proprios defeitos, o jesuita servia-se da ambição e do orgulho para obter os fins; e trabalhando para a felicidade de Jeronymo e della, ousava unil-os pelas mesmas paixões, que entregues a si deviam separal-os. O papel, com que lisongeava o animo da irmã de Cecilia era tão nobre e bello, que apresentado no verdadeiro ponto de vista, contava como certo que o aceitaria.

Faltava achar quem lho propozesse. Elle não queria nem podia. A noviça era pois a unica, pela elevação do seu espirito e pela friesa do seu juizo que estava no caso de oppor a razão ás primeiras resistencias do orgulho; só ella elevando

gradualmente a alma da donzella ao entusiasmo donde emanam os rasgos sublimes saberia rasgar-lhe no momento opportuno o véo dos olhos deslumbrando-a com o espectáculo da força vencida pela graça, do homem subjugado, salvo e ditoso pelo amor; e da ventura de toda a vida conquistada em alguns minutos de paciência e soffrimento.

Catharina era prudente e não queria de improviso arriscar-se, tentando tudo. A vista fitava-se em Cecilia, mas a idéa estava com a irmã, meditando sobre o modo de lhe dizer, que o seu nome servia de horror ao homem que mais a amava, e que aos olhos d'elle a morte pedida a Deus com lagrimas, a recebia da sua mão. Parecia-lhe melindrosa esta confissão, e na realidade o era; quando o exito do plano dependia da forma porque a escutasse. A curiosidade inquieta de Thereza, e o seu desejo visível de penetrar os segredos de uma catastrophe que tinha alterado cruelmente o socego de todos, asseguraram-lhe que talvez a mesma occasião proporcionasse os pretextos, evitando-lhe o embaraço de romper sem o preciso correctivo em revelações afflictivas, e bem proprias para traspasar em uma alma menos activa, quanto mais o exaltado e ardente coração da donzella, aberto ás illusões do orgulho, e accessível ás esperanças mais altas da ambição.

Com um gesto indicativo, que exprimiu o que a phrase subentendia, Thereza voltou a cabeça para Catharina, dizendo-lhe a meia voz, e com uma expressão particular na vista:

— « Dorme !... Agora o seu somno está leve e sosegado !... »

A noiva sorriu-se. A noiva de Jeronymo carregando com intenção na palavra agora, alludia ás noites de delirio, em que a razão desvairada de Cecilia tinha accordado as suas suspeitas, revelando-lhe o que até alli ignorava senão de todo, ao menos em grande parte. Fingindo-se desapercebida, e affectando a simplicidade mais descuidada, capaz de honrar a subtilidade de um diplomata, a filha de D. Luiz, respondeu para excitar e atrahir a curiosidade da sua amiga:

— « É verdade, está sosegada. É porque o coração descansou, chorando. Deus queira que alguma dor não torne a accordal-o. »

— « Então ella padecia ?.. »

— « Os medicos chamam-lhe affecções moraes; nós que não sabemos tanto dizemos simplesmente uma paixão d'alma. O que a matava não era a ferida era o amor. »

— « Mas eu vi o sangue, vi o golpe ?.. »

— « Sim. Mas não viu senão o corpo. Em oito dias esse estava bom. O que não viu porque não sabia, foi a alma... Thereza, peça ao céu que a livre de uma dor semelhante á que traspassou o tenro coração daquelle anjo. Hoje que está salva ainda não posso crer que resistisse. »

— « Cecilia foi desgraçada, não ? Enganaram-n'a; trahiram-n'a ?... »

— « Não menina; em amor ha muitas maneiras de ser. infeliz sem isso. Supponha que um obstaculo se levanta para desunir duas almas que não fazem senão uma ?... Se elle não podesse ser esposo, por exemplo ?... Diga-me, de que serve então o amor senão de maior tormento ?... »

— « É verdade ! E ella não conheceu senão assim que amava sem esperança ?... »

— « Só no ultimo momento... Uma revelação subita ! »

— « Tem razão, D. Catharina; devia ser uma dôr cruel !... Pobre Cecilia ! Com o seu genio extremoso; com aquella cabeça viva de mais, e um coração tão facil em se entregar... Não sei como resistiu... »

— « Acha-me razão ?... Se eu lhe contasse tudo como passou; se lhe fizesse a historia destes amores, que ha um anno são a alegria e a vida de sua irmã; se lhe dissesse os meus presentimentos, os meus sustos ainda no convento... havia de pasmar. »

— « Jeronymo suspeitou, soube alguma coisa ? » atalhou Theresa lançando subitamente esta pergunta, como por acaso, e fixando logo um olhar ancioso no semblante da noiva. Esta, deu graças a Deus interiormente pela occasião que lhe offerecia, e compondo a phisionomia, respondeu com a maior ingenuidade:

— « Não, Jeronymo ignorava tudo. Foi a sua e nossa desgraça. »

— « Pois elle está em perigo, não partiu como se disse ?... O coração ás vezes é bem fiel ! » acrescentou com um suspiro, e erguendo meio corpo com sobresalto.

— « Jeronymo está prezo no castello... »

— « Prezo ! E não me dizerem nada !... »

— « Em um estado peor, se é possivel, que o de Cecilia ha dois dias » proseguiu a noiva no mesmo tom.

— « E ninguem lhe vale ? Escondem tudo de meu pae e de meu avô ?... Querem-no deixar morrer ao desamparo ? É uma crueldade ! O que fez elle; porque o prenderam ? Diga-me tudo, »

Catharina! Devo saber... sou a sua noiva; a esposa prometida à sua ternura! Tenha piedade delle e de mim... já se callou até agora! O mal terá remedio? Ninguém o consola?»

— « O mal não é incuravel... se a unica pessoa capaz de o salvar quizer valer-lhe » replicou a noviça creando esforço com o rubor que se acendia nas faces da irmã de Cecilia, e notando com esperança o fulgor dos olhos, e a animação do rosto. « Um amigo fiel e prudente vela por elle... e ha de livral-o da morte e da loucura como já livrou aquella! » concluiu mostrando a educanda.

— « O padre Ventura! ? Então elle sabe?... »

— « O padre Ventura sabe tudo, Theresinha. Deixemol-o meditar e escolher a occasião. E se chamar alguma de nós em seu auxilio... o amor ou o dever fariam prodigios como aqui fizeram... Percebo a sua inquietação. Quer que lhe conte o que se passou, e como tantas desgraças vieram em uma só noite? Se promete ouvir-me com paciência... »

— « Pelo amor da sua alma, Catharina, tire-me deste martyrio! Já não posso com o cuidado e a incerteza... »

— « Depressa acabam! Jura-me que ficará eternamente entre nós duas, o que vou revelar-lhe; e que nem sua irmã mesma o saberá? »

— « Juro. Ninguém! »

— « Uma palavra ainda, e principio. Ama Jeronymo?... Crê que ha de vir a amal-o? Responda-me com a alma, e não com a bocca!... »

— « Que quer? » acudia Theresa passando do carmim mais vivo à cor palida da rosa branca, e baixando os olhos ao passo que o rubor volvia de novo às faces. « Se deseja ouvir a alma, a resposta verdadeira talvez fosse: não sei! Ha quinze dias era sua irmã, e julgava-me infeliz sendo sua esposa; depois vio-o; escutei-o; e o coração depois, não pude intender-o mais. Agora, que todos o deixam; que está só, afflicto, e receio perdê-lo... agora, D. Catharina, sinto que sou mais do que irmã, digo-lhe que se não o amo tanto como elle pede, posso vir a amal-o. »

— « Dê-me um beijo pela sinceridade » disse a noviça radiosa. « Eu não lhe assegurei que ainda os havia de ver unidos e felizes? Deixar correr a vida e a experiencia; as contradicções são o triumpho sempre do amor. Não córe, não esconda o rosto?! A paixão nunca vem de repente; nasce quando ella quer, e faz-se a si mesma. Olhe, e o outro, aquella imagem que?... »

— « D. Catharina » atalhou Theresa com a cabeça erguida e um fogo singular nos olhos, o outro não podia pertencer-me; ainda estava a tempo de resistir; luctei comigo e venci. As lagrimas que me vio chorar eram de saudade... pelo meu sonho. »

— « E se tornar a vel-o. »

— « É o mesmo. Sou mais forte do que julga. Depois o orgulho, o meu orgulho que tantas vezes nota, ha de salvar-me. Não podendo ser só amada, e ainda que podesse, não devendo á custa da desgraça de outra fazer-me feliz a mim... é impossivel. Como lhe disse, chorei, mas venci. Hoje não sinto senão... »

— « Sympathia? »

— « Sou sincera. Sinto saudade! Tenho saudade daquelles curtos dias de illusão e de enlevo que tive pensando nelle. »

— « Sabe, Theresinha, que a estou admirando muito? Agora sim, ha grandes esperanças... »

— « De quê? »

— « De salvarmos pelo nosso amor o pobre Jeronymo! »

— « Então seremos duas a amal-o, Catharina?... O que quer que eu diga de uma rival formosa ao pé delle? »

— « Não diga nada. Foi o que eu fiz, vendo-a pensar no conde e encobrir-se para lhes perceber as lagrimas e o sobresalto. »

— « Eu!... Protesto menina!... »

— « Não proteste; não se envergonhe do que sentiu. Estimei-a menos por isso? Era uma illusão; havia de passar. Tive fé no seu jaizo e no seu coração. Ha uma idade, em que tudo nos seduz e influe; Jeronymo estava certo; todos os dias o via; e chegou a receber deveras não o poder amar... O conde vinha da corte; possuia maneiras e feições agradaveis; e de mais... não sei porque é proprio da nossa alma desejar o que não póde ter. Foi um sonho; e já sabia que accordou ha dias. Não diga, não prometta nada. Não me vê tranquilla? Quer ouvir a historia dos amores de Cecilia e do desastre de Jeronymo? »

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continua.)

## UM ANNO NA CORTE.

### CAPITULO LIII.

#### VISITA AO ENCARCERADO.

O Limoeiro era já no seculo XVII o mesmo



que hoje é, um triste palácio transformado n'uma horrivel cadeia, onde estavam em salas humidas, derrocadas, e repugnantemente sujas, misturados os homens que uma leve culpa ou um engano da justiça, por desgraça nossa muito sujeita a enganar, levava á prisão, com os assassinos e os salteadores. O descuido, a indolencia, o desamor pelas coisas portuguezas, tem deixado delirem-se em ruínas os monumentos das nossas glórias, e caírem no esquecimento muitos dos bons costumes antigos do povo, o desejo de emitir estrangeiros tem trazido para Portugal consideravel numero de instituições inapplicaveis, de mais ou menos brilhantes absurdos; o que, porém, parece quererem-se conservar inalteraveis são os abusos, os erros, as anti-civilisadoras instituições da monarchia velha; o que os nossos sôfos reformadores mal souberam ainda importar para a nossa terra, terra boa e de gente caridosa, foi esse espirito de bem entendida philantropia governamental, verdadeiro e unico socialismo razoavel, esperança e salvaguarda do mundo civilizado; philantropia que busca derramar no povo a instrucção e a moralidade, que acompanha o pobre do berço á sepultura, dando-lhe o pão da beneficencia no dia da fome, abrindo-lhe hospitaes a cuja construcção, a cujos aperfeiçoamentos preside a sciencia ajudada de todas as suas maravilhosas descobertas, estabelecendo-lhe *presepios* para os filhos ainda no berço, hospícios para os velhos invalidos; philantropia que nem dos criminosos se esquece, que procura facilitar-lhe os caminhos para o arrependimento, e os cerca daquellas medidas hygienicas que a sociedade não tem direito para recusar, nem mesmo áquelles que ella condemnou pela haverem offendido.

Era no Limoeiro que estava o nosso capitão Francisco d'Albuquerque, preso por haver sido encontrado pelos soldados do regimento de Maré, ao pé do cadaver de Estevão de Castilho. O humilde arrieiro (por tal passava perante a justiça o gentil criado de Sua Alteza o Infante D. Pedro) o humilde arrieiro devera á enormidade do seu suposto crime, e ainda mais á importancia que a Rainha havia dado a um negocio que em outra occasião passaria para ella quasi despercebido, o estar só n'uma sala, separado dos outros presos que a desventura ou os crimes haviam levado ao Limoeiro.

Francisco d'Albuquerque já não era aquelle mancebo jovial e descuidoso, que um anno antes desembarcara no caes do Mouro na Ribeira de

Lisboa. Ao amor que elle sentia então pela candida Thereza, succederam uns amores a que os delirios da paixão, as incertezas de cada momento, as angustias do ciúme, os amargores da saudade, haviam dado um caracter triste, quasi sinistro. Á singela vida do provinciano, á vida livre e aventureira do soldado, tinham-se substituido as intrigas da corte, os perigos escondidos pela traição, os carcereiros, as falsas accusações. Em vez da simplicidade de um espirito innocente, credulo, entusiasta sem duplicidade, havia agora no moço capitão a desanimadora crença na perversidade dos homens, havia o conhecimento dos negros, dos atrozes crimes a que são levados pela ruindade do coração os que se deixam vencer pelas paixões, havia o desengano de que não existe no mundo senão a sombra da felicidade perfeita, havia emfim os escrúpulos de uma consciencia em que os jesuitas haviam lançado já as primeiras sementes do fanatismo religioso.

Francisco d'Albuquerque estava só, entregue ás reflexões tristes que a sua triste situação lhe suscitava, reflexões que elle por vezes interrompia para buscar alivio na oração, quando na sua prisão entraram duas mulheres. A surpresa do capitão foi grande, e não foi menor a sua alegria, ao reconhecer na que entrara primeiro a linda Thereza.

— Thereza! — exclamou elle, levantando-se da cadeira em que estava sentado. A recordação, porém, da ingratidão que commetêra, deteve-o quando ia já para se lhe lançar nos braços.

Não succedeu assim a Thereza. Cedendo aos puros, aos sinceros impulsos da sua alma, esquecendo todo o passado para sentir unicamente a alegria de ter vivo diante de si aquelle que ella pensara não tornar mais a vêr no mundo, aquelle a quem, senão consagrava já o mais ardente affecto do coração, dava ao menos quanto ha de mais vivo e mais nobre na amizade, Thereza cingiu com os braços Francisco, e, apertando-o ao coração, deu-lhe na testa um beijo, innocente e casto como a sua alma.

— Francisco! Não posso duvidar agora, está vivo ainda o meu Francisco! — exclamou ella.

— Thereza, aqui? Quem... a trouxe aqui, senhora? — perguntou o capitão, hesitando a cada palavra, tremendo que viesse o desengano, que elle duvidava se tinha ou não chegado já a desvanecer subitamente aquella alegria de Thereza!

— A amizade, meu irmão — respondeu abela.

provinciana, fazendo sentir que conhecia o valor de cada uma de suas palavras — a amizade, as saudades, o desejo de te trazer uma esperança e uma alegria.

— Uma esperança, uma alegria! Então Fr. Thomaz, aquelle bom frade que me confessou aqui, foi contar-te tudo; que eu não morrêra, mas que estava em perigo de morrer; que inimigos implacaveis me cercavam; que uma esperança, um meio unico de salvação me restava; e que sem o teu auxilio, sem o auxilio... della, eu padeceria innocente nma morte ignominiosa.

— Contou; Fr. Thomaz do Espirito Santo contou-me tudo — accudiu Thereza. — O Conde de Castello-Melhor já promettera salvar-te; e foi Margarida, a boa e excellente Margarida quem alcançou esta promessa. Ai! É uma esperança para todos nós bem suave a que temos agora de ver affastarem-se de ti os perigos; para ti deve ser uma alegria dever a vida a uma mulher que te ama tanto.

Os olhos do capitão estavam arrasados de lagrimas. Curvando o joelho diante de Thereza, elle exclamou:

— És um anjo, um anjo de bondade... a castidade e a misericordia unidas n'um unico sêr! Não sei como ousei mandar-te pedir que fosses...

— Para te salvar a vida... que não faria eu para t'a salvar, meu irmão?

— Mas, tudo que se passou entre nós, a minha ingratitude...

— Justifica tudo a nobreza d'alma, a grandeza do amor daquella que preferiste... a mim, pobre provinciana.

— Thereza! Sé generosa. Não me opprimas com as tuas queixas — accudiu o capitão que julgou sentir a ironia, nas candidos palavras da sua ex-noiva. — Não sube resistir á paixão, que me arrastou. Fui ingrato...

— Deixaste de me ter amizade, como a tua irmã? É o que eu sou, o que fui sempre para ti — disse Thereza interrompendo-o com um gesto de infavel ternura.

— Amizade de irmão... mais ainda, tenho por ti a adoração, que teria por um anjo, que se dignasse paixar sobre mim os olhos.

— Não sou um anjo, não! — exclamou Thereza suspirando, e deixando brincar na boca um sorriso mal seguro. — Para todos nós o coração é um mysterio, que não sabemos decifrar. O melhor é seguirmos-lhe as vontades, e não buscaremos achar as causas do que nelle passa.

— Deus do ceu! E não te hei de eu ter por um anjo! Só no céu se sabe perdoar assim.

— Isto não é um perdão. Não tenho que perdoar — acudiu ella. — Não te dissimularei porém a verdade agora, Francisco. No primeiro momento, quando acabando de perder; infeliz de mim! meu desditoso pae, sobe que me não amavas já, que ias perder a vida por outra. tive tal dor d'alma que não sei como não morri, Mas agora... — aqui Thereza deteve-se um momento por achar palavras com que expressar os seus pensamentos ou talvez antes por se não atrever a confessal-os. — Agora sei que es feliz com o amor de uma mulher digna de ti, e... basta essa idéa para me consolar.

A hesitação, a perplexidade de Thereza eram tão patentes que Francisco d'Albuquerque percebeu havia naquella coração um segredo que se escondia talvez mesmo á consciencia da candida provinciana. No amor, ainda no mais puro, e é esta uma verdade que os amantes não hão de confessar nunca — ha sempre uma parte do sentimento perfeitamente reflexa, que nada tem com o objecto amado, que nasce na propria alma do que ama e lhe vem alimentar o fogo da paixão; é a parte do sentimento que é produzida para vaidade, ou, fallando mais exactamente, pelo amor-proprio. Muitas vezes, muitas, o amor passa, mas a vaidade o amor-proprio ficam quasi tão melindrosos como dentes; e, como estas duas paixões, podemos chamar-lhe assim, tem tambem os seus ciumes, não é raro ver ciumes em quem já não ama, isto é, não é raro encontrar ciumes perfeitamente absurdos. Foi um vislumbre deste ciume bastardo que o heroe da nossa historia sentiu, quando pela mente lhe passou a idéa de que Thereza amava outro homem.

— E essa idéa só basta para te consolar? — perguntou elle.

— Basta — respondeu Thereza. — A uma irmã basta-lhe saber que é feliz seu irmão, para achar alivio a todas as suas maguas. Mas não fallemos de mim — proseguiu ella; — fallemos de ti, e da boa Margarida.

— Fallemos de ti, tambem — insistiu Francisco. — Não queres que me recorde d'aquelles alegres annos da nossa vida, em que passamos juntos horas de ineffavel alegria? daquelle jardim tão bello, tão florido sempre?

— E daquella roseira que eu plantei ao pé do teu jasmineiro! — interrompeu Thereza, deixando-te dominar pelo irresistivel poder das recordações. Como cresceram unidos os dois ar-

bustos, como se harmonisava bem a alvura dos jasmims com o vermelho aveludado das rosas!

— Quando o perfume das flores nos penetrava os sentidos, que enlevo, que suave embriaguez era a nossa! Parecia que nossos horisontes se abriam diante do espirito, e que por elles podiamos ver as placidas alegrias do céu.

— Nada perturbava então a singelesa das nossas almas, a pura e simples jovialidade de nossos corações. Meu pae vivia ainda...

— E nós julgavamos eterno o que tão pouco devia durar! — exclamou o capitão, animando-se cada vez mais. — Quem diria, que, com o tempo, nos veriamos afastados um do outro, tu orfã, eu perseguido como um malfetor, quebrados todos os laços... Todos não! — exclamou — todos não, porque ainda somos um para o outro o que eramos então.

— Irmãos! — acudiu Thereza. E as mãos dos dois encontraram-se, e quando ambos levantaram os olhos havia nelles mais fogo do que é natural em olhos que anima só a amizade fraterna.

Nesta situação ficaram alguns minutos em silencio. Porém se as bocas calavam, os olhos falavam uma linguagem terna e melancolica. Naquelles corações, em que não existira nunca um mutuo amor verdadeiro, manifestou-se naquelle momento esse quasi-amor, que dá á amizade entre pessoas de sexo differente um poder, um encanto, que nunca tiveram de certo as tão celebradas uniões de Castor e Pollux, de Orestes e Pylades, quasi-amor que ás vezes robustece essa amizade, mas que outras a põe em grande risco de degenerar. — Margarida — disse por fim a graciossa Thereza, cubrindo com um sorriso a sua turbação. — Margarida, não pôde vir comigo ver-te, dar-te estas novas felizes, porque o conde valido exigiu della a promessa de que não viria ao Limoeiro para não levantar desconfianças nos seus e nos teus inimigos.

— Vindo pela tua boca, minha irmã — acudiu Francisco d'Albuquerque, — estas novas não foram menos doces para mim, do que o seriam se a propria Margarida m'as trouxesse.

— Margarida tinha direito a trazer-tas; a gozar das tuas esperanças. Foi ella quem obteve do Castello-Melhor a promessa de te salvar a vida.

— Duas vezes deverei a vida ao conde! — disse o capitão. — Parece que um mysterioso fado me quer unir pela gratidão a esse homem, a quem eu odiei tantos annos, e accusei tantas vezes de tyrannia e crueldade!

— Talvez sejam injustas, Francisco, as accusações que os seus inimigos lhe fazem.

— Talvez — respondeu elle. — Agora, pensava eu que, para me livrar da morte, bastaria mandar pedir ao sr. Infante intercedesse por mim, e obtivesse da Rainha o perdão de um crime, que não commetti.

— E queres que eu vá lançar-me aos pés de Sua Alteza, contar-lhe tudo?

— Não. O padre Manuel Fernandes, o confessor jesuita de Sua Alteza esteve aqui. Foi elle quem me recommendou que conservasse occulto o meu verdadeiro nome.

— O conde tambem disse, que o teu nome devia ficar ignorado de todos.

— E quando — proseguiu Francisco — pedi ao padre Fernandes, que alcançasse do Infante e da Rainha um perdão, não para o capitão Francisco d'Albuquerque, senão para o misero arrieiro do Alemitejo, innocentemente accusado, respondeu-me que não convinha ao bem da causa de D. Pedro, que é, diz elle, a causa da patria, que eu devesse a vida a outrem que não fosse o valido d'El-rei. Foi elle quem me mandou aqui Fr. Thomaz do Espirito-Santo, para que eu te fizesse constar por via delle a minha situação perigosa, e o favor que de ti esperava.

— Jesus, meu Deus! Os jesuitas escondem em tudo taes mysterios, que o espirito perde-se querendo-os decifrar.

— O pensamento que dirige a Companhia é muito grande, muito vasto, Theresa; para ser comprehendido por quem, como nós, vive cercado das misérias do mundo. Para ver longe é preciso snbir ao cume das serras; para ver a terra toda é preciso saber-se desprender della.

— O padre Fernandes é confessor de Margarida. Porque não foi elle proprio dizer-lhe que estavas prezo aqui, e que ao conde valido devia ella pedir por ti?

— Não sei. O padre Fernandes não quer que Margarida saiba que elle veio ao Limoeiro.

— E se o valido recusasse salvar-te?

— O jesuita jurou que me salvaria a vida; com uma condição, porém.

— Qual?

— Com a condição de que eu buscaria, pela oração incessante e fervorosa, alcançar a graça divina, e merecer que Jesus me considerasse digno de entrar na sua sociedade.

A conversação tomava pouco a pouco um character triste e severo. As doces recordações do passado desapareceram para dar lugar a pensa-

mentos lugubres, a assustadoras apprehensões, a terrores, a presentimentos sinistros. Thereza contou então a Francisco d'Albuquerque o estado em que havia encontrado a Calcanhares, o abatimento, o desalento em que estava, e desejo que ella manifestava de se recolher a um convento para ahí gastar na penitencia o resto da vida; e ao capitão não causou nem angustia nem estranheza, que fossem taes as idéas de Margarida. O seu espirito sympathisava com o espirito da sua amante. A dôr e a influencia profundamente alterante dos conselhos religiosos do padre Manuel Fernandes, haviam tirado a ambos a força de luctarem com as difficuldades da vida, e sobre tudo com as exigencias da propria consciencia. De modo que, quando o capitão e a terna provinciana se enlaçaram nos braços um do outro, para se despedirem, lagrimas de desconsolada magoa correram dos olhos de ambos.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

## NOTÍCIAS E COMMERCIO.

### THEATRO DE S. CARLOS.

A *Filha do Regimento*, essa engraçada partitura que se repete quasi todos os annos nos theatros de Paris e Londres com successo brilhante, não teve igual sorte no nosso theatro lyrico onde fez um solenne fiasco em a noite de 24 do corrente, que nem as bellezas do *spartito* nem os esforços dos artistas conseguiram salvar a infeliz *evandêira* de uma morte prematura. Se nos perguntarem quaes foram as causas deste infortunio, diremos que a opera subiu á scena com precipitação e sem os devidos ensaios, e que a sua musica não é de certo a mais appropriada aos artistas a quem foi confiada a sua execução. Foi por isso que a sr.<sup>a</sup> Ercilia Agostini, dama que não deixa de ter merecimento, e que ainda ha pouco no *Nabuco* em uma parte adaptada aos seus recursos, mereceu o agrado do publico, não teve o mesmo exito no interessante papel da *Filha do Regimento*.

N'uma palavra, a opera caiu: inutil é portanto entrar n'uma analyse mais minuciosa.

Tem continuado em scena *Os Puritanos* com pleno successo. Nem outro resultado se pôde esperar, sendo o seu desempenho por artistas de tanto merecimento como M.<sup>me</sup> Castellan e os srs. Swift, Bartolini, e delle Aste, a quem o publico tem dado sempre manifestas provas do seu apreço.

M.<sup>me</sup> Castellan é iusigne na parte de *Elvira*. A sua bellissima voz, o seu canto agil e florido, a pericia que desenvolve na execução dos trechos os mais difficeis tem-lhe atraído a admiração de todos. M.<sup>me</sup> Castellan é vivamente applaudida e chamada repetidas vezes ao proscenio, particularmente depois da linda *polaca*, e da *aria* no 2.<sup>o</sup> acto.

As partes de *Ricardo* e *Jorge* tem os melhores interpretes nos srs. Bartolini e delle Aste, que muito

se distinguem não só como cantores como tambem pela fiel traducção dos caracteres que representam. No famoso *duetto* do 2.<sup>o</sup> acto, ligam-se tão bem as vozes daquelles dois artistas, o seu canto é tão expressivo e cheio de animação e energia, que o espectador sente-se arrebatado de entusiasmo, e prompse em espontaneos e prolongados applausos. Para satisfazer os desejos do publico tem os srs. Bartolini e delle Aste repetido a *cabaletta* deste *duetto*, que é sem duvida uma das peças mais interessantes e de maior effeito do *spartito*.

Ao lado daquelles artistas figura o sr. Swift, doado como já dissemos de uma voz soavemente melodiosa, e com um estylo de canto fino e delicado. Comtudo a pouca extensão da sna voz *de peito* o obriga a recorrer de vez em quando ás notas de *falsete*, que falham algumas vezes produzindo mau effeito. Como actor o sr. Swift ressentse-se do seu pouco conhecimento da scena, o que não admira em quem apenas começa a pisar o palco; todavia os applausos com que tem sido recebido já o tem animado muito, e mostram que o publico sabe apreciar o talento e a vocação deste artista.

Na quinta feira passada houve uma representação em beneficio do distincto poeta toscano sr. Bindocci, que deu n'um dos intervallos uma academia de poesia extemporanea, improvisando sobre os seguintes themas que lhe foram apresentados por alguns dos espectadores: — *O progresso das nações* — *A morte de Gioberti* — *Annibal e Napoleão* — *O Coração e a lingua das damas* — e *Affonso Henriques na batalha do campo de Ourique*. Em todos estes assumptos foi o illustre vate muito feliz, justificando a reputação de que goza, mas onde mais fez sobressair o seu talento, e realmente nos snprehendeu, foi n'um bello soneto com rimas obrigadas que improvisou sobre a morte de Gioberti. A concorrencia nessa noite foi numerosissima, e o sr. Bindocci applaudido com entusiasmo.

É esperada com impaciencia a nova dança, composição do sr. Segarelli, *Zaide* ou *Os dois Genios*, em que fará a sua estrêa nesta epocha M.<sup>me</sup> Monticelli, a eximia artista que tantos applausos mereceu do publico nos dois annos successivos em que figurou com muita distincção sobre a nossa scena. A dança segundo nos consta é phantastica. Apparecem o *Genio do Bem* e o *Genio do Mal*, invisiveis para todos (menos para o publico) que disputam entre si a influencia sobre o coração de *Zaide*, prevalecendo a final o poder do primeiro. O *Genio do Bem* é representado pela sr.<sup>a</sup> Sophia Costanza, e é quanto basta para que o seu triumpho seja completo.

A empresa reconsiderou, (e reconsiderou bem) a respeito da opera *Romeo e Julieta*, que tencionava apresentar-nos, e que será agora substituida pelo *Torquato Tasso*. Mas antes dessa opera, teremos o chefe de obra immortal de Bellini, a *Norma*, executada por M.<sup>me</sup> Castellan, e pelos srs. Maccaferri, e delle Aste.

O director da empresa sr. Antonio Porto partiu hoje no paquete para Southampton! Ignora-se o verdadeiro motivo desta sua repentina e inesperada partida: dizem-nos que vae a Paris escripturar uma primeira dama e um baixo comico. Será verdade?

DEMETRIO RIPAMONTI.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRITORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SA.

NUM. 22.

QUINTA FEIRA, 9 DE DEZEMBRO DE 1852.

12.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### CAMINHOS DE FERRO.

V

A maquina foi ensaiada de novo nos dias seguintes. Rebocando um comboy consideravel, que era o triplo de seu pezo, andou a principio 12 milhas por hora, e continuando a andar — 21 milhas ou 7 leguas. Substituiu-se depois aos carros carregados de pezo uma carroagem com 45 viajantes: a locomotiva incutiu a essa carroagem uma velocidade de 7 leguas por hora, termo medio. Finalmente, para conhecerem o maximo de sua velocidade, deixaram-na partir sem outra carga mais do que a agua e o carvão que devia empregar. Indo e vindo varias vezes pelo espaço que tinha a percorrer, appresentou a velocidade, termo medio, de 9 leguas por hora; até mesmo algumas vezes com a rapidez de 13 leguas por hora. Todavia, em virtude das experiencias feitas em 14 de outubro, descobriu-se que a caldeira fazia agua; os ensaios interromperam-se por este motivo, e os donos da maquina retiraram-se do concurso.

A *perseverança* tinha soffrido alguns accidentes prejudiciaes durante o seu transporte a Liverpool; nem satisfazia aos termos do programma, pelo que M. Burstall retirou-a. Quanto á *cyclopéde* era maquina movida por cavallos e portanto estava fóra das condições estipuladas.

Em conclusão, o premio foi conferido á locomotiva de M. Roberto Stephenson, que tinha satisfeito todas as condições exigidas pela companhia. Dêvia a superioridade da sua rapidez ao emprego das caldeiras tubulares de M. Seguin,

e deste modo serviu para fazer bem manifesta a importancia do descobrimento de engenheiro francez. Tal foi o exito desta luta memoravel, que se conservará em duradoura recordação na historia da industria.

A locomotiva de Stephenson, que permittia realizar nos caminhos de ferro uma velocidade de 12 leguas por hora, mudou completamente a face da empreza do caminho de Liverpool a Manchester. Em vez de se limitar ao transporte de fazendas, a companhia abriu logo aos viajantes esta nova e maravilhosa via de comunicação. O serviço publico, começado em 1830, deu immediatamente resultados inesperados. Apenas a circulação por este meio foi estabelecida, em vez de trinta carroagens publicas, que andavam quotidianamente entre as duas mencionadas cidades, bastou uma só para continuar todo o serviço. A faculdade de devorar, para assim dizer, as distancias, produziu completa revolução nas condições e nos habitos das viagens.

Obteve-se então a demonstração mais decisiva de que a facilidade dos meios de transporte augmenta a circulação n'uma escala extraordinaria. O numero dos viajantes, que antes da abertura do caminho de ferro, não excedia 500 por dia, elevou-se immediatamente a 1:500. O transporte das mercadorias não ascendeu na mesma progressão, porque os proprietarios dos canaes, incitados pela concorrência, deram-se pressa a baixar os preços da conducção por agua a par dos do caminho de ferro, e augmentaram ao mesmo tempo a velocidade de seus transportes. O canal tinha, além disso, a vantagem de communicar as docas de Liverpool com Manchester, banhando mesmo as paredes dos armazens dos fabricantes, o que economisava as despesas da baldeação. No

entanto, e apesar da desigualdade destas condições, não tardou que o caminho de ferro transportasse diariamente mil toneladas de fazendas. Por isso, dois annos depois da sua abertura, dava um dividendo de dez por cento e as acções tinham premio de cento e vinte por cento. A era financeira dos caminhos de ferro estava inaugurada na Europa com um esplendor que infelizmente não devia ser duradouro nessa epocha.

O duplo e notavel triumpho que obteve o caminho de Liverpool, pelo lado technico e financeiro, promoveu rapidamente em Inglaterra o estabelecimento de novos railways. A immensa rede que liga á metropole os diversos centros de população começou a organizar-se em 1832, e durante o periodo de 1832 a 1836 a construção das novas vias recebeu um impulso e um desenvolvimento consideraveis. Concluíram-se neste intervallo 180 leguas de caminhos de ferro, e começaram-se 160 leguas. Ao mesmo tempo a sciencia practica dos caminhos de ferro, que na linha de Liverpool achára um modelo admiravel, foi-se aperfeiçoando quotidianamente. Aproveitando-se dos successivos melhoramentos introduzidos nesta arte nova, as grandes nações da Europa e do Novo-mundo entraram afoutamente na mesma estrada e os caminhos de ferro em breve adquiriram nos Estados-Unidos, na Alemanha, na Belgica, e na França o desenvolvimento extraordinario, que constitue o orgulho e a força da moderna sociedade.

Uma locomotiva, pelo seu aspecto exterior, muito pouco se parece com a maquina a vapor. É preciso certo grau de sciencia para distinguir os elementos de uma maquina desse genero naquelle vehiculo elegante, onde a acção de força estranha apenas se revela por algumas rajadas de vapor lançadas ao ar por intervallos. Reduzida a seus elementos mais simples, a maquina de vapor consta de tres partes; o fogão, a caldeira, e o aparelho mechanico destinado á transmissão da força. Na locomotiva vê-se o fogão na parte anterior, no lugar onde de ordinario está o maquinista; este fogão remata n'uma chaminé que se eleva, com a forma de um grande tubo, na parte dianteira. A caldeira, posta na parte do meio, é um cylindro alongado, revestido de um fôrro de madeira por fóra, que parece constituir a maior parte da locomotiva. Finalmente, o aparelho motor, formado de dois cylindros a vapor visiveis externamente, está collocado por baixo do tubo da chaminé adiante das rodas.

Examinando o corte vertical da caldeira e do

fogão, vê-se que este é rodeado por toda a parte pela agua da caldeira, á excepção do lugar que corresponde á portinhola; envolvendo a agua deste modo quasi toda a capacidade do fogão, utiliza-se todo o effeito do combustivel.

Sigamos agora o caminho que devem tomar para sahirem ao ar livre o ar quente e o fumo que se desprendem do fogão. Esta particularidade é das mais importantes, porque só ella basta para dar conhécimento da maquina locomotiva. — Os productos da combustão não passam directamente do fogão a evadirem-se no ar livre; devem atravessar, antes da sahida, uma serie de canudos de cobre de pequeno diametro, com um dos orificios no fogão e o outro na caixa do fumo: estes canudos são em numero de cem a cento e vinte e dispostos horisontalmente atravez da caldeira — occupa a agua os intervallos que os separa. O ar quente e o fumo passando por elles aquecem a agua que está nos intervallos e produzem n'um brevissimo espaço de tempo prodigiosa quantidade de vapor. Esta disposição da caldeira, devida a M. Seguin, como n'outra parte dissemos, permite dar á superficie aquecida uma extensão de 50 metros quadrados; explica a extraordinaria quantidade de vapor e por consequencia de força mechanica que a caldeira das locomotivas desenvolve no estreito espaço que lhe é reservado.

O vapor gerado na caldeira reúne-se n'um espaço livre, acima do nivel da agua, e que na maquina tem a forma de cupula, chamando-se « deposito do vapor. » Dahi é que parte o tubo destinado a introduzir o vapor nos dois cylindros. Em todas as maquinas de vapor, este é tomado sempre a certa distancia acima do nivel da agua, a fim de obstar a que algumas particulas de agua no estado liquido, impellidas pelo movimento da ebullicão, passem para o interior dos cylindros alterando-lhes assim o jogo. Por isso o vapor é tomado na parte superior da cupula metallica que coroa a caldeira, e partindo dalli passa por um grande tubo que o conduz ao interior dos cylindros, e que atravessa a caldeira em toda a sua extensão, e chegando á sua extremidade se divide em dois para conduzir o vapor á direita e á esquerda a cada um dos cylindros. Ha uma peça metallica, posta em movimento por uma manivella, que fica á mão do maquinista, e serve para abrir ou fechar, como se queira, a entrada do tubo. Estando aberto este orificio, o vapor passa pelo sobredito grande tubo e vae comprimir os pistões; quando está fechado, o vapor

não pôde entrar nos cylindros, e a locomotiva, privada assim de toda a acção motriz não tarda que fique parada. Esta peça metallica, que põe em movimento ou suspende a maquina, denomina-se o *regulador*.

A locomotiva é uma maquina de vapor de alta pressão. Nas maquinas deste genero quando o vapor tem produzido o seu effeito mechanico, despeja-se para o ar. Poderia nas locomotivas largar-se directamente para fóra o vapor sahindo dos cylindros, como se faz nas maquinas de alta pressão das fabricas. Mas, já dissemos que Roberto Stephenson teve a engenhosa idéa de applicar a corrente do vapor que se evade dos cylindros a activar a *tiragem* do fogão encaminhando-o na chaminé. Graças a este artificio, pôde-se queimar cinco vezes mais combustivel e por consequencia produzir cinco vezes mais força do que se produziria deixando simplesmente perder-se o vapor na atmospheria.

A disposição pratica adoptada para pôr em execução este expediente importante é a seguinte. O vapor sahindo dos dois cylindros segue dois tubos recurvados, que se vão contrahindo até se juntarem n'um topo commum por baixo da chaminé. O vapor atravessa com velocidade enorme o tubo da chaminé, condensa-se neste espaço, de temperatura inferior á sua, e esta condensação produz um vacuo que o ar vem logo encher chegando do fogão pelos pequenos tubos. A successão rapida destes dois phenomenos causa uma aspiração d'ar mui vigorosa e provoca uma *tiragem* extraordinariamente activa.

A chaminé das locomotivas serve, portanto, simultaneamente para dar sahida aos productos da combustão, provenientes do fogão, e ao vapor que sahe dos cylindros.

Como todas as caldeiras das maquinas de vapor, a das locomotivas deve necessariamente ser provida deapparelhos de segurança, destinados a impedir que o vapor exceda os limites normaes marcados á sua pressão e a dar sahida a esse vapor logo que se tenha chegado áquelle termo. Com effeito, é sempre munida de duas valvulas de segurança, que são das que inventou Papin, só com a differença de que difficultando os movimentos precipitados da maquina o uso de pesos para regular a pressão, são estes substituidos por uma mola em fórmula spiral, mettida n'um estojo metalico; esta mola, estirada por meio de uma porca de parafuso, adaptada ao tronco que sustenta a alavanca, serve para exercer sobre a chapa que tapa a caldeira uma tracção, que se

gradua como se queira mediante o dito parafuso. Um ponteiro collocado na extremidade da mola indica as differentes tensões do vapor expressas em atmosferas.

Para que o maquinista possa conhecer a cada instante o grau de pressão do vapor, a caldeira das locomotivas é munida de um *manometro*, que accusa continuamente o estado dessa pressão. Escusado é dizer que o *manometro de ar livre* não poderia servir n'uma locomotiva, em razão de seu excessivo comprimento e fragilidade, usa-se, pois, do *manometro de ar comprimido*, que occupa pequeno espaço. Este instrumento indica as variações da pressão do vapor, em consequencia da altura a que se eleva uma columna de mercurio n'um tubo de dois braços, fechado n'uma das extremidades, cheio de ar na extremidade fechada, e communicando com o vapor pela extremidade aberta. Por uma lei physica bem conhecida, o ar comprimido por um vapor ou por um gaz occupa um volume que está sempre na razão inversa da pressão que supporta; deste modo, a altura a que sobe a columna do azougue no braço fechado do tubo faz conhecer exactamente a força elastica do vapor expressa em atmosferas, tendo sido graduada conforme este principio a escala que a acompanha.

Taes são os principaes elementos que compoem a caldeira das locomotivas. Todo o conjunto da caldeira e do fogão é fixo solidamente n'um caixilho de madeira por meio de botareos ou escoras, cavilhadas de um lado de encontro á caldeira e do outro sobre o caixilho: este pousa sobre os tres eixos das seis rodas da locomotiva por intermedio de um coxim, um varão e excellentes molas. Todo este systema, construido com muito desvelo e delicadeza, abranda os choques e abalos que o apperelho possa experimentar em consequencia da marcha da locomotiva pelos carris.

O mechanismo mais usado para transmittir ás rodas a acção do vapor é o das locomotivas de seis rodas que fazem serviço no caminho de ferro de Paris a Ruão.

Os cylindros de vapor em numero de dois estão collocados cada um em cada lado da locomotiva na parte dianteira. A peça prismatica em cima do cylindro é o *tirador* ou receptaculo destinado a dar accesso ao vapor e a dirigilo ora para cima ora para baixo do pistão; este tirador é posto em acção por uma peça excentrica que tem os eixos das rodas grandes motoras, que são as do centro; uma alavanca curva que se de-

move no sentido horizontal abre successivamente no interior do *tirador* dois orificios que dão accesso ao vapor sob as duas faces do pistão. A tige ou haste do pistão se move n'um entalho por meio de duas corredeiras postas na sua extremidade; a haste liga e faz articulação com uma travessa comprida que vem actuar u'um botão fixo na roda da locomotiva a certa distancia do seu eixo. A roda motora da locomotiva faz assim por si mesma as funcções de volante. A acção do vapor exerce-se, pois, unicamente sobre as duas rodas grandes centraes; as outras são puxadas pelo movimento das rodas motoras, e não servem senão para o equilibrio e progressão da maquina. As duas travessas que partem de cada cylindro fazem angulo recto uma com a outra de maneira que o seu movimento seja cruzado, e achando-se uma dellas no ponto mais vantajoso da sua carreira ache-se a outra no ponto mais fraco.

O movimento inculido na haste do pistão é aproveitado para fazer trabalhar uma bomba que vae extrahir agua de uma deposito levado pelo *tender*, esta bomba despeja agua para a caldeira, afim de substituir a cada instante a que desaparece constantemente transformada em vapor. O *tender* não é mais do que um wagon (carro) de aprovisionamento; conduz a agua e o *coke* necessario para alimentação da maquina durante certo tempo. Montado como a locomotiva sobre um caixilho e molas, compoem-se de um tanque de folha de ferro, cheio d'agua e que deixa livre um espaço, onde se empilha o combustivel: carrega habitualmente 3:200 litros d'agua e 400 kilogrammos de *coke*, que bastam para uma viagem de 10 a 12 leguas; ao cabo deste tempo, se a locomotiva deve continuar jornada, renova-se a dupla provisão do *tender*.

Um nivel d'agua formado de um tubo, collocado verticalmente, communicando com o interior da caldeira, está patente á vista do maquinista, que pode certificar-se assim a cada instante da quantidade de agua contida no gerador. Quando este nivel chega a baixar, o maquinista abre uma torneira, posta no tubo recurvado por onde a bomba aspira o agua da *tender*; a agua é logo extrahida e introduzida na caldeira: se a quantidade de liquido é sufficiente, fecha a mesma torneira, o que suspende a entrada de mais agua.

Acabamos de enumerar as differentes peças que compoem a maquina locomotiva: indicaremos agora as operações successivas para a governar e fazer trabalhar.

Quando o maquinista quer pôr a caminhar a locomotiva, , começa por verificar, examinando o manometro, se o vapor attingiu o sufficiente gráu de pressão: reconhecendo haver a conveniente tensão do vapor, dá á manivella do regulador, em virtude do que entra logo o vapor no tubo destinado a introduzil-o nos *tiradores* ou receptaculos proprios; dalli passa para os cylindros e vem exercer a sua pressão alternativa sobre as duas faces do pistão; este impelle a travessa que faz girar as rodas motoras da locomotiva e a faz avançar pelos carris rebocando o *tender* e a serie de wagons ou carroagens que compoem o trem, e que são solidamente engatadas umas nas outras por um gancho e uma corrente de ferro.

Em quanto a maquina funciona, o combustivel se consome na grelha, a agua da caldeira desaparece pelo continuo gasto de vapor. Por tanto, o fogueiro deita novamente combustivel no fogão, e o maquinista substitue a agua evaporada, abrindo a torneira, que já mencionamos. Se a *tirage* appresenta muita actividade, ou se quer afrouxar a marcha, o maquinista puchando uma longa regua horizontal que se estende por um dos lados e pela parte superior da locomotiva, remove uma placa mobil, o que offerecendo sahida aos productos da combustão afrouxa a tiragem da chaminé e modera assim a potencia do vapor.

Chegando a uma estação, o maquinista, faz resoar um assobio dirigindo um jacto de vapor contra o borda aguçada da campainha metallica que tem na frente; fecha depois o regulador por meio da manivella; e achando-se assim interrompida toda a communicação entre a caldeira e o cylindro, o jogo dos pistões pára logo e o trem não anda senão em virtude da velocidade que até alli tem adquirido. Não podendo evadir-se para fóra o vapor, que se forma sempre em resultado da acção do fogão, continua a exercer a sua pressão no interior, e não tarda a chegar ao gráu de tensão em que se devem abrir as valvulas de segurança: estas cedem á pressão que recebem, e deixam sahir para fora o vapor. Ao mesmo tempo os conductores pucham os freios, e tornando-se assim maior a resistencia, e não tendo acção a força motora, a maquina fica parada.



## BIOGRAPHIA ARTISTICA.

## Rossini.

A biographia dos tempos modernos offerece poucos exemplos de uma reputação tão geral, tão rápida, tão acreditada, tão uniforme, como a do celebre compositor Rossini. Sem entrarmos por agora na discussão do merecimento de suas obras, basta saber que em toda a parte são ouvidas com extases de admiração e entusiasmo, para que o afeiçoado á bella arte da musica deseje ter conhecimento de algumas particularidades relativas ao famoso *maestro*, que desde 1825 tem predominio no gosto do publico em assumptos de opera lyrica.

Rossini nasceu aos 29 de fevereiro de 1792 em Pesaro, pequena e bonita cidade dos estados romanos no golpho veneziano. Seu pae era musico e ganhava a vida tocando trompa n'alguns concertos e theatros de inferior escala; sua mãe, que na sua mocidade fôra formosa, desempenhava o papel de segunda dama nesses theatros. Ambos corriam de feira em feira, obtendo pouco dinheiro e pouca fama; porém, descuidosos do futuro eram felizes.

Rossini começou a estudar musica em Bolonha no anno de 1804; foi seu mestre Angelo Tessi, que em poucos mezes poz o discipulo em estado de ganhar alguma cousa cantando nas igrejas. A sua excellente voz e maneiras affaveis lhe grangearam a protecção dos directores das festas ecclesiasticas. Aprendeu bem o canto e o acompanhamento e as regras de contraponto; já em 1806 cantava toda a musica á primeira vista, dando grandissimas esperanças. Geralmente se julgava que se applicaria ao theatro; e como era de gentil presença lhe aconselharam que entrasse de primeiro tenor n'uma companhia.

Por esse tempo sahio de Bolonha e empreendeu uma viagem artistica pelos estados romanos, dirigiu a orchestra n'alguns theatros de segunda ordem, e voltou a Bolonha, onde foi admittido no lyceu, e tomou ali algumas lições de Estauislau Mattei. Um anno depois compoz por incumbencia particular uma symphonia e uma cantata, e immediatamente foi nomeado presidente da *academia dos concordos*.

A primeira obra que deu a luz foi a opera bufa intitulada *la cambiale di matrimonio*, representada em Veneza em 1810, tendo já composto em 1809 a opera seria *Demetrio e Polybio*.

Aquella opera não se distingue por merecimento digno de nota; seus cantos são singellos e os acompanhamentos triviaes; todavia, revela uma qualidade muito importante no artista que principia, isto é, o bom gosto.

No outono seguinte fez em Bolonha o *Equivooco stravagante*, opera bufa, e em Veneza para o carnaval de 1812 a farça intitulada *l'inganno felice*. Aqui já começa a transparecer o genio de Rossini; os motivos originaes, a profusão de idéas, e os

magistraes acompanhamentos, que reinam nesta composição, promettiam á Europa um digno successor de Mozart. A opera bufa *la scala di Seta*, e a *l'occasione fa il ladro*, o *Cyro in Babylonia*, oratoria, foram produções do mesmo anno e confirmaram aquellas esperanças.

*Tancredi*, opera seria, appareceu no theatro de Veneza durante o carnaval de 1813 e produziu uma sensação que não é facil descrever. Todos os venezianos desde o barqueiro das gondolas até o membro do conselho dos dez a sabiam de côr: *ti rivedrò. mi rivedrai*; muitas vezes nos tribunaes os juizes tinham necessidade de impor silencio aos espectadores, que repetiam quasi involuntariamente: *mi rivedrai, ti rivedrò*.

Esta magnifica produção percorreu a Europa em menos de quatro annos; em toda a parte foi admirada, não só pelos entendedores como até pelo vulgo. Todos concordaram em que a abertura é um modelo de riqueza musical e de harmonia, as arias igualmente o são de elegancia e impressão, e os coros de invenção e originalidade. Seus cantos breve se tornaram populares, e tanto se ouviam na capella sextina como nas revistas de Hyde-Park, nos concertos de S. Petersburgo como em os bailes de Madrid. Mais tarde veio com iguaes applausos popularisar-se em Lisboa.

Rossini adquiriu tanta fama com *Trancredi* como qualquer de seus predecessores mais acreditados com quatro ou cinco de suas obras primas. A opera bufa, *a italiana em Alger*, bem conhecida de todos os antigos amadores do theatro de S. Carlos, foi produção do mesmo anno, assim como a opera seria, *il figlio per hazzardo*.

Recem-entrado Rossini na carreira da gloria, logrou tambem na sociedade os maiores applausos, tanto pelo seu merito pessoal como pelo prestigio da sua fama.

Fez depois um contracto com o theatro de Milão, para o qual compoz a opera bufa *la pietra del paragone*: esta linda composição augmentou sua nomeada artistica. Desejoso então de receber os applausos de sua familia que ternamente amava, fez uma jornada a Pesaro, onde foi recebido por seus compatriotas com admiração e affecto.

Os criticos de Bolonha accusaram Rossini de ter infringido as regras da composição. Concordou nesta censura: — mas, como ha de ser (lhes disse) porventura posso eu lêr duas vezes os meus manuscritos, se me dão seis semanas de praso para compor uma opera? O primeiro mez, passo-o a divertir-me: se não me divertir em quanto fôr rapaz, que farei quando tiver um pé na sepultura?.. Chegam os ultimos quinze dias, e cada manhã tenho que escrever um dueto ou uma cavatina, que se ensaia nessa noite. Se cometto alguma falta de acompanhamento, como hei de eu notal-a?

Rossini visitou todas as cidades principaes de Italia, e compunha cinco a seis operas por anno a rasão de 170 a 200 pezos fortes, e a sua fama

propagava-se com rapidez. No anno de 1814 tinha chegado esta reputação a Napoles, cujos habitantes estranhavam grandemente que houvesse um compositor famigerado que não fosse napolitano. Foi chamado áquella capital, e obrigou-se a compor duas operas por anno: este contracto o forçava a um trabalho immenso, porém, desempenhava-o rindo, divertindo-se, e mofando de seus inimigos. A sua primeira producção em cumprimento desse contracto foi *Elisabetta di Inghilterra*, opera seria, seguiram-se *Aureliano in Palmira*, seria, *il Tasso in Italia*, bufa, e *Sigismondo*, seria. Os napolitanos ouviram-nas e admiraram-nas, convencidos de que um bom compositor pôde nascer nas ribeiras do Adriatico bem como nas faldas do Vesuvio.

O rei de Napoles, Fernando IV, regressando á antiga capital de seus dominios depois de cinco annos de ausencia achou um dos seus mais bellos adornos, o magnifico theatro de S. Carlos, reduzido a cinzas. O rei, afeiçoado ao theatro e á musica, sentiu amargamente esta perda; porém, M. Barbaja obrigou-se a reedificar este vasto estabelecimento no espaço de nove mezes e cumpriu a sua palavra. A primeira actriz deste theatro era a famosa hespánhola, Isabel Colbran. Rossini enamorou-se della e tomou-a por esposa; na sua companhia foi para Roma, e ahí appresentou ao publico a opera semi-seria *Forbaldo e Doliska*; e logo depois aquella obra prima de harmonia, de graça, e de talento musical, a primeira opera entre quantas se tem composto, que nunca se retira dos principaes theatros lyricos, *Il barbiere di Siviglia*.

Compoz depois em Napoles a *Gazella*, comica, e a opera seria *Otello*: a *Cenerentola*, opera bufa, foi dada em Roma em 1817, e a *Gazza ladra* semi-seria, em Milão em 1818; seguiram-se-lhe *Armida e Rinaldo*, seria, e o *Califa de Bagdad*, comica; *Ricardo e Zobaida*, seria, e a oratoria o *Moysees no Egypto*. Neste drama sacro subiu de ponto a reputação de Rossini; com este conquistou os seus mais brilhantes triumphos. O *Moysees* e o *Barbeiro*, diz o insigne maestro, são as suas corôas artisticas, os filhos predilectos entre as suas mui variadas producções.

No anno de 1819 appresentou *Eduardo e Christina Marmion*, e a *Dama do lago*; em 1820 *Bianca*, *Falliero*, e *Mahomet 2.º*; em 1821 *Mathilde de Schabran*; em 1822 a *Zulmira*; em 1823 a immortal composição, a *Semiramis*. E depois outras composições que attestam a fecundidade do incançavel compositor; teremos occasião de fallar mais amplamente deste rei da harmonia.

A sua musica tem os caracteres distinctivos da originalidade, riqueza, e bom gosto; soube fazer um uso singular e mui agradável da *instrumentação*, e a grata e continua variedade de suas obras contribuirão para que permaneçam no repertorio de todos os theatros ao passo que outras, muito applaudidas na sua apparição e por um breve periodo de enthusiasmo facticio, hão de cahir perpetuamente no esquecimento.

## HISTORIA PATRIA.

### A praça d'Almeida em 1810.

(Conclusão.)

Á gravissima accusação que neste artigo fazemos ao marechal, responder-nos-hão como já em 1815 se respondia, isto é que Cox não entrara logo em processo por ser innocente, e que essa innocencia era de feição visivel; que sendo depois processado só para tapar a bocca aos seus detractores, em ambas as instancias o absolveram. Mas a debilidade deste argumento salta aos olhos.

A iniquidade da pena imposta a Francisco Bernardo, bem como a impunidade de William Cox, magoaram a gente sensata, e os seus clamores subiram tão alto (41), que o marechal, não ousando por mais tempo parecer surdo, mandou justificar o ex-governador de Almeida em conselho de guerra. O resultado desse processo já o publico, pelo que fica dito, conhece. As duas instancias declararam *purissimo* o proceder do accusado, discrepando unicamente o auditor João Manuel da Costa Cardoso, que o julgou incurso nas penas do 3.º dos artigos de guerra (42).

Mas, um reparo ainda. Neste conselho metade dos seis vogaes eram inglezes. E quem sabe se no processo do tenente-rei, tambem como juizes, entraram officiaes britanicos? Seria mais um escândalo.

Mas voltando áquelle resultado; o que prova elle? Se em 1810 já Beresford dominava Portugal, em 1814 e 1815 tocava o cume da sua omnipotencia; e comtudo, era nesta epocha que elle, persistindo em tomar a peito os interesses do seu compatriota, com tanta ancia e paixão lhos advogava, stigmatizando aquelles impertinentes clamores, como se na sua alçada coubera regular o pensar do publico. Ora, vendo sobranceiras as iras do generalissimo, que militar ou saria jurar contra Cox, ou condemnal-o no conselho? O auditor teve essa petulancia, mas á face do exercito levou uma solemne reprehensão, e Deus sabe o mais que lhe aconteceu (43).

(41) A estes clamores chamava a ord. do dia de 1815, falsos rumores, insinuações enganosas e infamantes.

(42) Citada ord. do dia de 1815.

(43) Dita ord. do dia de 1815. Beresford diz ahí — O homem da lei era o unico que applicava mal a lei, e igualmente as provas... Mas elle não fez serão repetir as expressões dos conselheiros da

E crea-se que em nada do que acabamos de escrever temos a minima tenção de injuriar a nobre classe militar. Sempre o exercito portuguez contou muitos officiaes (a grande maioria) distinctos pela sua coragem, e pelo seu valor; porém a historia de todos os povos tambem nos ensina que rarissimos são sempre os homens capazes de arrestar com a sanha do poder para a risca, venha o que vier, somente escutarem as vozes da consciencia. E se isto tão a miudo acontece na ordem civil, o que será na militar, aonde o homem tem lingua, e não falla; tem entendimento, e não discorre; aonde elle se converte em automato; aonde, finalmente, a influencia do chefe tão soberanamente peza sobre os subordinados?

Talvez os juizes de Cox o absolvessem por andarem mal deduzidos os capitulos da culpa. As expressões da decisão do conselho, tolerando esta suspeita, mostram-nos o estado de perplexidade em que elles se achavam, e que se decidiram preferindo gratuitas conjecturas á verdade manifesta. Eis os proprios termos della.

« Em quanto porém á segunda imputação, se decidiu pela pluralidade de votos, ella egualmente se não achava provada á vista do depoimento das testemunhas perguntadas *ex fl. ut que fl.* da decisão do conselho feito naquella praça, e junto a fl.; da carta n.º 4., escripta pelo tenente-rei, como reconhecem varias testemunhas, da explosão do armazem da polvora, da muita pequena porção de polvora que tinha restado, apenas 17 soldados artilheiros, accrescendo a tudo isto a *indirecta* insistencia do tenente-rei, e sua influencia sobre os officiaes da guarnição commandantes de corpos, fazendo com que se congregasse o citado conselho, o que sem duvida não faria, *se não estivesse certo do seu partido*, e tudo isto pozera ao justificante na necessidade de capitular... (44)

Infere-se daqui, que a insistencia do tenente-rei somente foi indirecta, e que os juizes do ex-

segunda instancia. — Confirmam a sentença do conselho, visto mostrar-se *plenissimamente* a innocencia do réo, e a sua *honrada e valorosa* conducta. o conselho *nota como erronea* a opinião do auditor, fundada no 3.º art. 3.º de guerra, que não é applicavel á defeza das praças; ainda quando houvesse prova da culpa do réo, a qual de nenhuma maneira se verifica, antes se prova o contrario. Lisboa 26 de abril de 1815.

(44) Cit. ord. do dia de 1815. A primeira imputação consistia em não ter sufficientemente zelado a arrecadação da polvora.

governador se deixaram levar de mui frivolas presumpções. Se o tenente-rei, dizem elles, não estivesse certo do seu partido ou da sua influencia sobre os commandantes dos corpos, é de crer que não os convencesse para o conselho, e então tambem é de crer que não se capitulasse. Mas quando foi que a jurisprudencia militar permitiu esta maneira de julgar? Quando consentiu absolver e declarar puro o governador de uma fortaleza, que por não saber resistir a influencias indirectas, a entregou ao inimigo? Taes influencias na vida militar a ninguém desculpam, e já-mais n'um paiz bem constituido a pessoa influida será quite antes de padecer a pena legal. Os do conselho de Cox pozeram-se a conjecturar culpas u'um homem já arcabusado, para salvarem a reputação do marechal, e a do réo a quem não desejavam arcabusar. Folgamos que assim acontecesse.

Se o tenente-rei e Cox em 1810 fossem conjuntamente processados, a verdade provavelmente transpareceria, e aquelle que o merecesse seria punido, ou ambos, se ambos delinquiram. Então a guerra estava apenas começada, occupando o inimigo boa porção do nosso territorio: carecia-se, por conseguinte, de um grande exemplo de severidade, como já em outro lugar ponderamos. Em 1815 a face das coisas era mui diversa. Os dois réos já não podiam ser confrontados, nem a condemnação de Cox diminuiria a desventura de Francisco Bernardo. A irritação proveniente do perdimento da praça, e da invasão de Massena estava apagada; ou antes os espiritos andavam nesta época extremamente exaltados, não já pela dor, se não pelo immenso jubilo que a todos causava ver a França abatida, e de volta o exercito portuguez vergado sob o peso dos seus louros. Ora, quando os animos andavam tão ebrios de alegria, tão electrizados de nobre orgulho e enthusiasmo, iriam os juizes ensanguntar aquelles louros com o sangue de um official, que depois do seu infortunio talvez os ajudou a grangear? O ensejo não era para lagrimas, excepto para lagrimas de prazer, e poucos ousariam lavar com sangue crimes já velhos, e para assim dizer, prescriptos.

Note-se, porém, que a chamar velho e prescripto o delicto de Cox, só nos conduz o sentimentalismo. A historia, este sempiterno flagello da tyrannia, não tolera prescripções, e sob a poeira de centenas de seculos irá desenterrar culpas para com o latigo da verdade as zursir. O seu codigo não concede amnistias, e por con-

sequencia nunca ella a Cox perdoará a capitulação d'Almeida, nem a Beresford a parcialidade com que a seu respeito se houve, defendendo-o em detrimento de um official muito menos culpado do que o fizeram. e ainda muito menos protegido. Escusamos declarar que fallando assim, não é nossa mente denegrir as eminentes qualidades que luzem no marechal, nem os serviços por elle prestados a Portugal. Com bastante satisfação o louvaremos quando a justiça o pedir; comtudo, não lhe pouparemos as censuras quando entendermos que as merece. A nossa divisa é — *sum cuique tribuere*.

Como porém, nestas accusações de Francisco Bernardo e de Cox, elle representou de monarcha despotico ha de agora carregar com toda a odiosidade do seu procedimento, e ver das suas ordens do dia deduzir corollarios bem diversos dos seus. Ei-los.

1.º William Cox, sendo governador d'Almeida em 1810, e havendo ajustado e assignado a capitulação, era o verdadeiro criminoso, ou o primeiro a responder por ella, e não o tenente-rei, seu inferior.

2.º Ainda quando fossem criminosas a indirecta insistencia do tenente rei, para a entrega da praça, e essa influencia que se lhe attribuia nos commandantes dos corpos, como não se provou existir desobediencia, ou insistencia acompanhada de coacção contra o governador, segue-se, a insistencia acompanhada de coacção contra o governador, segue-se que o ultimo, tratando com Massena, obrou espontaneamente, e delinquiui.

3.º e ultimo. O processo, a condemnação, e a morte do tenente-rei, em quanto o principal culpado se conservava solto e livre, e era mesmo officialmente louvado, foram uma iniquidade, uma tyrannia digna em todos os tempos de aspera censura, ou antes fora um crime.

Não se topa o menor indicio de que a guarnição, ou alguém della, violentasse o governador: pelo contrario lemos na citada ordem do dia de 1815. — Assim os officiaes, como os soldados da... guarnição o respeitavam (o Cox) tanto quanto o amavam. — Almeida capitulou pois sem na soldadesca, ou na officialidade apparecer a minima sombra de insubordinação, ou de força contra a primeira auctoridade militar. A predita insistencia, certamente incompativel com o pundonor do soldado brioso, a existir, consistiu unicamente n'um desejo não criminosamente comunicado ao governador, e a mais 5 ou 6 offi-

ciaes, porém ignorado de toda a outra gente, que assim como evacuou a praça, a defenderia se lho ordenassem. (45)

Nem se allegue que os vogaes do conselho, dominados pelo tenente-rei, votaram pela capitulação, e que Cox não fez senão submeter-se á sua decisão, e executal-a.

Os conselhos de guerra, como todos sabem, em taes circumstancias são apenas consultivos. Cox podia, portanto, impugnar a opinião daquelle conselho, e mesmo rejeital-a, tomando sobre seus hombros a responsabilidade dahi proveniente. Se alguém então dos seus deveres se esquecesse a pontos de intentar perturbar-o no exercicio da sua jurisdicção, nos artigos de guerra 1 e 15 elle encontraria providencias contra os desobedientes, amotinadores, ou traidores, fosse qual a sua graduação; e se, afinal, todos os esforços do governador se tornassem baldados, sempre lhe restava um meio infallivel e glorioso de salvar a honra. Era o de se negar a quaesquer ajustes com os francezes, e de não assignar nenhuma capitulação. Um official de mais rija tempera, antes se deixaria amarrar, ou esquarterar, do que se prestaria a uma intempestiva capitulação.

Lembraremos igualmente que supposto a explosão de 1810 em partes fizesse estalar, e abrir os muros da praça; esses estragos eram, todavia, de pequena monta. Almeida com o pessoal que a guarnecia, bem podia, a despeito delles, e da mingoa da polvora, resistir bastantes dias, como Beresford reconheceu. As enormes ruinas que os bons portuguezes com pesar ainda hoje veem nas suas muralhas, e que, attentas as manhas dos nossos governos, tarde ou nunca se repararão, provieram, pois, menos da catastrophe de 1810, do que da de 1811.

Quando Massena no ultimo anno retirou das linhas de Torres-Vedras, Brennier guardava Almeida com 1:800 homens. Este general vendo-se então quasi compromettido, em a noite de 10 para 11 de maio atirou com uma das cortinas do muro pelos ares, e aproveitando-se do escuro, bem como do espanto em que a nova explosão poria o exercito de Wellington, immediatamente marchou para Barba-del-Puerco,

(45) Com o que fica escripto tambem respondemos ao injurioso paralelo pela duqueza d'Abrantes feito entre a guarnição de Ciudad-Rodrigo e Almeida. Se na entrega da ultima houve desar, elle reflectiu sobre a cabeça, e não sobre os membros.

aonde reuniu ao 8.º corpo com uns 900 soldados de menos (46).

Antes de findar este artigo, ainda faremos algumas observações sobre a injustiça da sentença que condemnou o tenente-rei, e da que absolheu Cox, considerando-as em si mesmas, ou em relação à legislação em que elles se baseam.

Já notamos que o auditor achára o ex-governador de Almeida incurso na pena do 3.º artigo de guerra, mas que os juizes, tanto inferiores como superiores, assim como o marechal, entenderam não ser esta lei applicavel á defeza das praças. Vejamos agora quaes os proprios termos do artigo:

« Todo o official de qualquer graduação que seja, ou official inferior, que sendo atacado pelo inimigo *desemparar o seu posto sem ordem*, será punido de morte. Porém quando fôr atacado por um inimigo superior em forças, será preciso provar perante um conselho de guerra, que *elle fez toda a defesa possível, e que não cedeu, senão na maior e ultima extremidade*; mas se tiver ordem expressa para se não retirar, succeda o que succeder, neste caso nada o poderá escusar, porque é melhor morrer no seu posto do que deixal-o. »

Digam agora os homens sensatos se as vozes — *desamparar o seu posto sem ordem* — não eram fataes a William Cox, o qual, sendo pelo principe de Essling atacado n'um posto d'alta importancia, como chave de um lado da fronteira, o abandonou sem ordem dos seus superiores.

E de balde o ex-governador em seu auxilio invocaria a superioridade da força invasora. Para esta razão vigorar, exige o citado art. 3.º que perante um conselho de guerra se prove haver-se resistido até ao ultimo momento; porém as ordens do dia precitadas, escriptas á vista dos processos do tenente-rei e de Cox, demonstram completamente o contrario, ou que Almeida capitulara muito antes de a isso a constanger a necessidade. Logo, o homem da lei, tão cruelmente injuriado na ordem do dia de 1815, era o que mais se conformava com a lei, sendo verdadeiros infractores della esses que tiveram o arrojo de á face do exercito o reprehender, sem pensar que um dia a verdade patentearia tantas misérias.

(46) Norv. Cap. 34. A duqueza de Abr. no T. 14 das Mem. p. 3 avalia a perda de Brennier só em 450 homens.

Reparem, porém, os leitores neste contraste. Beresford, bem como os juizes de Francisco Bernardo, acharam este incurso nas penas dos artigos de guerra 4.º e 5.º, que, se não fossem indecentemente torcidos, em nada lhe seriam applicaveis; por quanto, o 1.º unicamente providencia para os casos em que algum official mostra fraqueza escondendo-se, ou fugindo; e o ultimo, para quando em acção, ou n'outra occasião de guerra ante os soldados se dão vozes aterradoras. Todavia, o tenente-rei, que se não escondeu, não fugiu, nem proferiu vozes aterradoras, foi obrigado a morrer, em quanto Cox, coagido, passados bastantes annos, a justificar-se, apesar dos termos nada equivoccos do 3.º artigo de guerra, surgiu limpo, e mesmo radiante, pelo menos aos olhos dos seus protectores.

Terminaremos protestando, que não sendo a nossa mente, senão concorrer para que se aclarem alguns pontos da historia patria, sempre com docilidade, e mesmo com jubilo, promptamente corrigiremos quaesquer erros, que neste, ou n'outros escriptos, nos escaparem. Fôra da verdade nada desejamos, nada queremos:

« ..... A victoria verdadeira

« He saber ter justiça nua e inteira.

J. A. DE CARVALHO E OLIVEIRA.

#### POESIAS DE OTTONI.

##### *Sub tuum presidium.*

Se um refugio em teu filho procuramos,  
É sob o auxilio teu, Virgem formosa;  
Acceita, ó Mãe de amor, nós te enviâmos,  
De ardentes preces a purpurea rosa.  
Desterrados... de ti necessitamos,  
Ó do Libano pomba mysteriosa;  
Lá do centro de amor e de harmonia  
As trevas deste valle a luz envia.

A especie humana se abate!  
Geme afflicta a natureza!  
Tudo vai perdendo a fôrma  
No diluvio da impureza.

Vão crescendo as aguas! ... Deus  
De ternura, e de bondade!  
Escapou das mãos eternas  
O poder da immensidade?

Deus terrível! . . . ah suspende  
O naufragio vingador:  
Abre o seio, anima, e solta  
A casta pomba de amor.

Qu'illusão! oh Deus! a Pomba,  
Qu'eu senti do céu baixar,  
Adeja, revoa, e foge,  
Por não ter onde pousar.

Para dar idéa do estylo de Ottoni no genero  
lyrico — anacreontico escolhemos esta poesia.

Por mais que á lyra me ajuste,  
Por mais que as cordas afine,  
A voz da lyra enrouquece,  
O som das cordas não tine.

Immortal filha de Jove,  
Para que me dêste a lyra?  
Se o teu vate as cordas fêre,  
Em vez de cantar suspira.

Apenas o canto ajusta  
Unido ao som do instrumento,  
Treme a voz, e a mão cançada  
Manda o som disperso ao vento.

Se á força dos ais, que arranco,  
Solto um ai do peito fóra,  
O ecco não me responde,  
E quando responde, chora.

Queres, que a mente inspirada  
Se occupe de amantes queixas?  
E o canto alegre dos hymnos  
Se torne em tristes endeixas?

Eis que abrindo o seio á nuvem  
Rasga celeste clarão,  
Sobre ardente espaço corre  
Luminosa exbalação.

Os meus ultimos accentos  
Se interrompem de um desmaio  
Mais veloz, que a chamma ardente,  
Inda mais veloz, que o raio.

Baixa então do olympto a musa,  
Desperta, me diz, mortal,  
Vê, que a força te protege  
De mão sobre-natural.

Não desmaies, eu t'inspiro;  
Se te fraquêa o valor,  
Aqui tens na taça o nectar  
Contra-veneno do amor.

Disse; mal empunho a taça,  
Não gira o sangue nas véas  
Tão violento, como giram  
Em borbotão as idéas.

O mágo encanto, a beldade,  
Que os meus suspiros accende,  
Profane agora os decretos,  
Que a mão de Jove despende.

Amor as trégoas ordena:  
E do despojo, que ajunta,  
Vae erguer trophéos no templo  
De Páfos e de Amathunta.

Um genio os passos me guia  
Sobre campos matizados  
De frescos lyrios, que ao longe  
Parecem grupos nevados.

Sob um docel de verdura  
Tecido por mão campestre  
Matrona de aspecto grave  
Tinha a mão no livro-mestre.

Volvendo as folhas mostrava  
Caracteristico emblema,  
Que representa em figura  
Das estações o systema.

Em grande circulo estavam  
No planispherio indicados  
Aquelles dias, que foram  
Por mão de Jove marcados.

Solar agulha, que as horas  
Reparte ao dia, apontava  
O mais solemne dos dias,  
Que o frio inverno guardava.

Do livro annoso pendia,  
Voltando a um e outro lado  
A vista alegre e risonha  
De um velho grave, e rosado.

Até que em fim desatando  
A voz o numen celeste,  
De nova murta auri-verde  
Toda a campina se veste.

— Correi os reinos, que formam  
Do meu poder a grandeza:  
Correi (dizia a matrona)  
Os reinos da natureza.

É curto o espaço, que tem  
De meus dominios o nome,  
Para gosar um prazer,  
Que o tempo audaz não consome.

Hoje as virtudes remoçam,  
Remoçam hoje os humanos,  
A natureza remoça,  
Porque hoje Analia faz annos. —

De aroma os ares se toldam,  
Retumbam hymnos suaves;  
E a ouvir-lhe o nome, estremecem  
De gosto os peixes, e as aves.

As fêras tornam-se humanas;  
Como em penhor do que ouviram,  
Os entes mudos se movem,  
Os insensíveis respiram.

Todo em prazer embebido  
Eu sinto impulso mais forte,  
Que vem quebrar as prisões  
Do meu sublime transporte.

Formosa Analia, os teus olhos  
Movem toda a natureza:  
Tu és o encanto de amor,  
Tu és de amor a nobreza.

Mais dignos vates te cantem;  
A minha voz é pequena;  
E a musa, que m'inspirava,  
Que esse o canto me ordena.

De verde loiro não quero  
Por premio a fronte adornada:  
Mór premio, Analia, seria  
Beijar-te a mão delicada.

A musgosa cabeça sacudindo  
De verdes espadanas coroada,  
Ergue os hombros de humida morada  
O patrio Têjo, de prazer surrindo:

A fêlpa esmeraldina descobrindo  
Sobre a margem de relva alcatifada,  
Com sceptro d'oiro aponta a verde estrada,  
Que os cerúleos Tritões vão dividindo.

Salve, dia feliz; (eis que atroando  
O rouco som no crystalino seio,  
Responde o êcco ao padre venerando

— Salve... ) — dia feliz, dia, em que veio  
Ao mundo Analia, na belleza dando  
O prazer aos mortaes, a amor o enleio.

## NOTÍCIAS E COMMERCIO.

**Dois chins em Lisboa.** — Pelo ultimo paquete do norte chegaram a Lisboa, a 2 do corrente, os dois chins *Francisco Leu*, e *José Li*, partidos de Macau na carreira dos vapores.

*Leu*, o mais idoso, é natural e residente em Pekim, e vem encarregado de representações dos christãos chins daquelle diocese á soberana de Portugal, sobre as questões do padroado real, pedindo o regresso do bispo eleito de Pekim D. João de França Castro e Moura, hoje em Timor, e a ida de padres portuguezes para aquellas missões.

*Li* é natural de Macau, estuda para padre, e vem na qualidade de interprete, fazendo-se entender em latim.

Quem quizer ter noticia circumstanciada dos motivos que tem dado logar a differentes representações dos christãos chins ao governo portuguez, e que determinaram a vinda destes dois singulares mensageiros a Lisboa, a achará nos *Apointamentos de uma Viagem á China*, que acaba de publicar A. C. J. Caldeira, onde se encontram mui curiosas noções sobre este assumpto, e sobre outros do nosso estabelecimento de Macau, e cousas da China.

Desta importante publicação tractaremos detidamente com muita brevidade.

**Ciumes de velha.** — Era no recinto de uma capellinha que a tia Gramata edificára em louvor de N. Senhora. Um padre rubicundo e de má fama, mais propenso ás adorações de Bacho que ás rezas do Breviario, corria pelo sermão adiante todos os peccados mortaes, fazendo sobre cada um delles ruidosas mais que evangelicas exhortações. Chamavam-lhe por alli o padre Borracha, nome, que os freguezes lhe deram em commemoração de uma alentada borracha sua fiel companheira em todas as romarias. Quando subiu para o pulpito, já na sacristia se tinha prevenido contra as falhas da memoria, com largas libações da supradicta borracha, que lhe coraram o rosto de um rubro betarraba. Era sublime de asqueroso e de ridiculo. A tia Joanna da Gramata, incola primeira dos areaes da Gafanha, presidia, junto do altar-mór, á festa da sua capella. A tia Joanna é uma velha rebarbativa, alta, gorda, robusta apesar dos seus setenta e tantos annos, e casada pela terceira vez com um mocetão apessoado e bem parecido, que a preferira a muitas moças que o resquestavam engodado com o lucro das muitas terras que a velha possuia. Delle não teve filhos; nem parece provavel que haja de os ter, attenta a sua avançada idade: ze-la-o comtudo pelo mesmo theor de ciumes abrasados com que foi encampando para melhor vida os seus dois primeiros maridos. Agora estava elle de pé, ora com os olhos fixos no padre, quando se percebia que a tia Joanna o espreitava. logo com elles accesos no incendio de dois outros olhos vivos e espertos de uma bella rapariga, que como de proposito o estava incitando a perder as reflexões do sermão, e a perturbar a paz domestica da pobre tia Joanna. A moça estava vestida com um collete de velludo encarnado, bordado a fio de oiro, que lhe apertava a cintura estreita e delicada, e por baixo do qual salam as mangas da camiza a abotoar no punho, alvas como o peito de uma falcoeira. Da cinta pendia uma saia de serguilha preta, apanhada em estreitas pregas, que lhe descia apenas até ao artelho, deixando vêr uns pés mimosos e estatuarios, apesar do costume que tem todas as mulheres destes sitios de andarem descalças. Dos hombros cahia-lhe uma capa de panno azul escuro, com bandas de setim azul, e cortada gentilmente á moda das antigas togas. Todo este vestuario se approxima e assemelha ao das mulheres do campo italianas, de cuja origem, segundo a tradição de todos estes logares, ellas parecem proceder. Rosto formoso, alvos dentes, bellas mãos, inda que do sol crestadas e ennegrecidas, faziam desta moça uma verdadeira perfeição.

Mal o padre acabava o seu breve sermão, que ne

nhum dos dois ouvira, o mancebo fez-lhe um signal imperceptivel para todos, menos para a tia Joanna, e saíram da igreja. A moça foi-se direita ao seu palheiro, e tomando uma violla, voltou repentinamente para a eira, em cuja beira se assentou. Correu a mão pelas cordas e preludiou entre dentes uma canção melancolica, cujas trovas populares denunciavam o estado convulso e afflicto de sua alma. O mancebo apenas ouvira os primeiros sons daquella agreste melodia, deixou seus amigos com quem flagia entreter-se, e voltou para a eira, sentando-se junto da formosa cantora. Todos fizeram roda. Ella não tinha igual em deitar trovas, ou dançar as danças destes sitios dentro em seis legoas em redor: elle era de todos os improvisadores o mais querido e afamado. Até o zabumba e o pifano da festa se callaram, elles que, desde a alvorada, nem para comer tinham descançado. A rapariga poz os olhos no ceu, e arrazarem-se-lhe de lagrimas, elle levou a mão a um lenço de linho alvissimo, e diante de todos lhas limpou com amor e sem affectação. Depois começou o desafio. Agora é que era ouvil-os. Primeiro vieram brinquedos infantís, em que ambos se entretinham, elle apanhando nas bordas do mar as conchinhas e os seixos, para lhe trazer, ella indo ao pomar, e guardando-lhe os primeiros fructos de todas as estações. Depois os annos, e com elles as urgencias, as tristezas, as grandes tribulações. Ella sosinha sem os paes a guardar de inverno a casa, em quanto elle acompanhava o pae para essas terras tão longe onde costumavam pescar. O verão era o paraíso. Com as primeiras flôres, e as primeiras vozes do ceu, chegava o seu amante, e as tristezas convertiam-se em alegrias; as tribulações em danças dondejantes pelas romarias. E todos os annos era assim. A sorte, separando-os, parecia já preludiar o seu futuro destino. Emfim o moço orçava já pelos dezoito annos, e ella pelos dezeseis; o amor cada día brotava novos ardores.

O pae delle, velho pescador, encanecido, e endurcido nas rijas luctas do mar, não sabia nem podia comprehender, o que fosse um amor, nascido no berço de ambos, e que o habito de se verem sempre juntos tinha feito robustecer e firmar. Quando lhe pareceu declarou ao filho que era preciso casar, e que já lhe tinha arranjado esposa. O moço inclinou a cabeça e pediu um anno de espera. Quem sabe se nesse momento lhe passou pela idéa o pensamento de que o pae já ia adiantado em annos, e talvez a morte o libertasse de obedecer ás suas ordens peremptorias? Ella quando o soube, não poudo conter-se, nem resignar-se; e o que o seu amante não foi capaz de fazer, fel-o ella; deitou-se no areal aos pés do velho e pediu-lhe com lagrimas o filho para esposo. Mas ao pescador tinha-o ensurdecido o som das ondas, em que passara a maior parte da vida; e levantando com duro gesto a moça que lhe regava os pés com pranto, declarou-lhe formalmente que a sua decisão era irrevogavel. Ella voltou para casa mais triste do que nunca, abatida com tão barbara resposta, e resolvida, custasse o que custasse, a guardar ao seu amante a fé que lhe tinha jurado. Durante todo o anno do noivado, e moço continuou a vel-a, e quasi já tinham perdido a lembrança de que se approximava o dia da fatal catastrophe, quando o pae se declarou em

certo domingo para se celebrar o casamento do moço pescador com a tia Joanna da Gramata. Elle obedeceu porque nestas terras não consta que nenhum filho fizesse nunca a menor observação á vontade imperativa dos paes. A tia Joanna era rica, tinha muitas terras, e a sua amante era pobre de bens, e só rica de muita formosura. O dia do casamento passou-se triste: ninguem quizera assistir á ligação eterna de um mancebo na flôr da idade com o cadaver inda que pojanle de uma velha de settenta annos. Quando ambos nas trovas chegaram a este ponto, ella cantou então umas cantigas travessas em memoria do amor finado para o incitar a descobrir-lhe o estado actual de seu coração. Elle respondeu, como senão fóra casado, e todos se espantaram de similhante declaração no meio do arrayal. Era caso novo e altamente escandaloso. É verdade que a tia Joanna era velha, e para nada já prestava: mas a Gafanha tinha-a ella povoado, e contava uma parentella de perto de duzentas pessoas. O escandalo porém subiu de ponto quando a formosa improvisadora, dando um certo ar de maldade á sua trova, desferiu contra o pobre mancebo a seguinte cantiga:

Se estás casado é porque quizeste,  
Esta é a hora dos desenganos;  
Deixa-me: vai-te, preferiste  
Aos dezeseite os settenta annos.

Mal acabava e já a tia Joanna da Gramata, que tinha vindo sorrateira pé ante pé por detraz della, a arrastava pelos cabellos por a eira fóra. A moça a este ataque imprevisto e incalculavel, sobresaltou-se e desmaiou. Elle não teve forças para acudir á sua triste amante. A velha devorada de ciumes levantava o punho robusto, e macerava sem alma as mimosas faces da improvisadora. Ninguem ousou arrancar-lha das mãos. Com uma furia, de que ninguem a julgaria capaz naquella idade, alli a teria acabado, se lhe não valesse a chegada do padre Borracha, confessor da tia Joanna, que exprobando-lhe com ancia aquelle mau tratamento, salvou a rapariga de tão traidor ajuste de contas. Neste momento subiram aos ares muitos foguetes: era a procissão da Senhora que voltava para a sua capella. Esta diversão separou a gente que se tinha apinhado na eira, e as danças recommegaram. Ninguem mais todavia tornou a ver nem a bella cantora, a quem a tia Joanna ferira por tal modo o rosto melancolico, nem o pobre do mancebo, condemnado a viver com similhante furia o resto dos annos, que lhe faltam para cem; que não morre de menos!

#### THEATRO DE S. CARLOS.

Subiu á scena no domingo a dança em 3 quadros, composição do sr. Segarelli, *Zaide* ou *Os dois Genios*, que teve um exito muito feliz, proporcionando numerosos applausos a M.<sup>me</sup> Monticelli, como também a mademoiselle Costanza, e aos srs. Segarelli e Cappon.

Faltando-nos o espaço para publicarmos hoje o nosso juizo ácerca desta producção coreographica e sua execução, reservamo-nos para no proximo numero tractarmos circumstanciadamente deste assumpto.

DEMETRIO RIPAMONTI.



# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 33. QUINTA FEIRA, 16 DE DEZEMBRO DE 1852. 13.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### CAMINHO DE FERRO PARA HESPAHNA.

A linha ferrea para a fronteira de Hespanha — tem sido considerada por nós, ha annos, como um recurso importante — e hoje talvez unico — para o paiz entrar na communhão da grande civilisação do mundo, salvando-se da desorganisação com que o minam as paixões e a ignorancia.

Saudámos sempre com prazer quantos pensamentos se dirigiam á realisacão de uma idéa verdadeiramente portugueza — porque é incontestavelmente civilisadora. Registamos com satisfacão o resultado do concurso que o governo abriu — era um passo dado para tão grande empresa — e sem elle nem a esperanza talvez existiria de obter tão seguro fomento para as forças do paiz — abatidas pela impotencia de luctas estereis e pelos exforços de loucas pertencões. — Mas guardamos silencio depois; — e este proposito estava feito antes da abertura das propostas. Entre tanta vaidade que sobe e desce — sem nunca chegar á pratica de um principio secundo — ou á iniciacão de uma valiosa verdade — tambem nos será permittido ter a nossa vaidade — conhecemos a nossa terra — e somos prophetas para nós mesmo de certos acontecimentos — que apesar de incriveis nos não surprehem.

Varios dos nossos correspondentes e assignantes nos tem pedido informações sobre a direcção da linha e estado dos trabalhos; entendemos que não podíamos satisfazer esta curiosidade, honrosa para as provincias. Pedimos a essas pessoas desculpa da firmeza do nosso proposito. — Agora o podemos em parte quebrar

ante um facto material — está prompta a planta da primeira secção — é um trabalho digno de louvor — que prova altamente que houve actividade na empresa — intelligencia na direcção technica. O habil engenheiro que deixou o seu nome ligado a uma das mais admiraveis obras de arte da ousada Inglaterra, merece o louvor insuspeito e geral — digno do merito que soube alcançar uma reputação conhecida e estimada na Europa.

A planta foi feita em 80 dias.

Os habeis engenheiros que trabalharam sob a direcção de M. Rumball mostraram-se dignos de tão illustre collega.

Pedimos licença á *Nação* para fazer conhecer dos nossos leitores a informação curiosa que deu do traçado da linha. Nem só pelos promenores a escolhemos — mas tambem porque justifica a nossa opinião — e seja qual fór a distancia, que fora do campo do nosso jornal nos separe do objecto do seu culto — devemos confessar que os cavalheiros da redacção desse jornal são auctoridade honrada e livre de suspeição — que em casos como este prezamos e temos em grande conta.

Desejamos que a inconveniencia que póde existir de boa fé — e as rivalidades que se tem manifestado em provas evidentes, deixem ver claro um negocio de maximo proveito para este mal-fadado paiz.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

« Annuindo ao convite que nos foi feito (bem como a toda a imprensa periodica) por parte da direcção da companhia do caminho de ferro central peninsular, para examinar os trabalhos graphicos já feitos na parte correspondente á secção entre Lisboa e San-

tarem, tivemos occasião de ver todas as plantas, côrtes e perfil desta primeira secção; e devendo á bondade do sr. Rumball, engenheiro da companhia, e do sr. Bishop, as mais amplas informações, todas as que lhes foram pedidas, julgamos de interesse para o publico o dar-lhe uma resumida descripção do que vimos.

O caminho de ferro começa no largo do Intendente, exactamente no local, onde primitivamente se estabeleceram as officinas deste jornal. A casa do sr. Croft, e todas as que formam o lado oriental da rua dos Anjos, desde o largo do Intendente, inclusivé, até á casa do Protes, onde esteve um collegio de infancia desvalida, teem de ser demolidas, para na frente do palacio da estação do caminho se fazer um grande largo.

As travessas da Bica, Forno, Maldonado, etc. desaparecem.

Na parte oriental desta praça (quintaes das casas de Croft, Mello e Carvalho, Guimarães, etc.) é que está projectada a edificação da estação principal: edificio vastissimo, composto de tres corpos, e cuja architectura é de bella apparencia, com quanto seja singela; os dois corpos lateraes não são symetricos, tendo o do lado do sul mais um andar e um mirante, do que o do norte.

Compõe-se de grandes officinas, armazens, reservatorio para agua, salas para passageiros, e expediente de negocios, etc.

Deste ponto sahe a linha de ferro em direcção de N. N. O. cortando as hortas por detraz do Resgate, a do dr. Abel Maria Jordão, sr. de Pancas, e atravessando a estrada da circumvalação por um pequeno viaducto corre ao N. O. do convento das freiras de Arroios, mui proximo ao edificio.

Entre Lisboa e Sacavem estudaram-se sete diversos planos, e compararam-se sete diversos projectos, isto sem fallar no da beira-mar, abandonado em consequencia da enormissima despeza que exigiriam as construcções d'arte, necessarias para combater a força das marés; nós tractamos unicamente do que foi preferido por voto dos engenheiros depois de feitos todos os calculos, e comparadas as vantagens relativas de todos elles.

Do convento de Arroios segue á casa dos Cypresses, corta as quintas do Barata Salgueiro, e Louro, e por um viaducto passa o valle de Chellas, junto desta povoação, desembocando na vinha de José Maria Coelho Falcão, dahi continua atravez da quinta dos Mouzinhos, D. Diogo, Jacobetti, Brandão, Ferrer, conde de Mello, Palmella, Brigadeira, e passa ao sul do cemiterio dos Oliveas, mas muito proximo, e corta a propriedade de Maria Francisca Anacleto, seguindo pelas quintas de Falcão, Artur, visconde de Molellos, e D. Margarida de Sousa, até aos armazens de Sacavem, muito abaixo da ponte actual.

Até aqui os trabalhos são muito importantes, ha bastantes obras d'arte, entre ellas distingue-se o viaducto do valle de Chellas, mas o mais importante de toda a linha é a ponte de Sacavem.

É uma bella ponte de 270 pés ingleses de cumprimento, tendo dois pequenos arcos lateraes de pedra sobre as margens, e lançando sobre o rio um só arco de ferro.

A ponte desemboca sobre as lezírias do Braam-

camp, cortando-as em todo o seu cumprimento, e em alguma distancia da estrada, que segue pela meia encosta dos montes do norte.

Após as terras de Braamcamp corta a quinta da Massaroca de D. João d'Almeida, as da casa do conde d'Alva, e marquez d'Abrantes, e marinhas da Povia e Verdelha tocando em Alhandra, onde corta a propriedade de José Bento de Araujo, dahi segue stravez da quinta das Torres á praça dos Toiros de Villa Franca.

Em Villa Franca corta as ruas da Ribeira e do Caes, e vae beira-mar fóra até ao largo do Sapal, e terras da companhia das Lexirias.

Até este ponto ha algumas obras d'arte, mas pouco importantes, em Villa Franca, porém, ha uma grande obra, a de um grande pontão desde o caes das salmas até ao campo do Sapal; é de madeira com travejamento pelo systema combinado de cavaletes e esta-

cas. Do campo do Sapal tem a ponte para o N. N. E. corta a quinta de marquez de Vianua, depois a de Ignacio Rufino, e passando por junto das casas do arrabalde do caes de Povos e pelas terras do Faria, corta as de J. P. Palha, passando depois pelas de José Bento de Araujo, quinta da Palmeira, e cortes de J. P. Palha, passa ás terras em frente das Areias, e quinta de Antonio Palha, aié tocar na Castanheira; nesta villa corta a rua do Espirito Santo.

Dahi toma de novo a direcção de E. para a valla do Carregado que atravessa um viaducto ou grande pontão de madeira sobre estacas; sendo, depois da ponte de Sacavem, a mais elegante de todas as obras d'arte.

Passando a valla do Carregado, segue o caminho pelas terras do conde de Resende, e conde de Louzã, e charneca do marquez de Castello Melhor até á valla de Villa Nova, que atravessa junto á povoação, e torneando as alturas proximas corta em linha quasi recta os campos do Quadro até ir tocar na Valla d'Azambuja, que vai costeando até á ponte de Sancta-Anna, onde a atravessa, mas abaixo da ponte, e pelas terras do marquez de Nisa, e Malpique-velho, vae aos campos da Vallada, donde segue a Valle d'Egoas, a parar nas Onias, junto do chafariz, onde acaba.

Em toda a extensão da linha haverá as seguintes estações.

- 1.<sup>a</sup> Lisboa.
- 2.<sup>a</sup> Oliveas.
- 3.<sup>a</sup> Sacavem.
- 4.<sup>a</sup> Povoa.
- 5.<sup>a</sup> Verdelha e Alverca.
- 6.<sup>a</sup> Alhandra.
- 7.<sup>a</sup> Povos e Castanheira.
- 8.<sup>a</sup> Villa Nova.
- 9.<sup>a</sup> Azambuja.
- 10.<sup>a</sup> Virtudes.
- 11.<sup>a</sup> Cartaxo.
- 12.<sup>a</sup> Ponte d'Asseca.
- 13.<sup>a</sup> Santarém.

A curva maior que ha em todo o caminho, é de 1 para 111.

Todos os planos, e plantas estão executados com o maior primor, e honram sobre maneira os engenhei-

ros, que em menos de 80 dias concluíram todos estes trabalhos.

**SOBRE O CAFÉ DA ILHA DE S. THOMÉ,  
SUA CULTURA E MELHOR PROCESSO  
PARA SE FAZER SUA BEBIDA.**

C'est toi', divin *café*, dont l'aimable liqueur,  
Sans altérer la tête, épanouit le cœur.  
(*Delille.*)

Agradecemos ao sr. Lazaro Joaquim de Sousa Pereira este seu interessante artigo.

O *café de S. Thomé*, hoje tão vulgarizado na Europa não é ainda bem conhecido no nosso paiz, apesar de se exportar annualmente para Lisboa 28:000 arrobas. O *café de S. Thomé* não se apresenta no commercio como o *café da America* e de outros paizes em grãos pequenos, duros, redondos, côr esverdeada; elle apresenta-se em grãos largos, achatados e de uma côr amarellada e quasi sempre picado do bixo, mas nada disto o priva de ser mais estimado nos mercados da Europa, porque estas propriedades não o privam de elle ser mais aromatico e saboroso, do que os *cafés* vindos dos outros paizes, quasi a par do *café de Moka*. O *café de S. Thomé* poderia apresentar-se nos mercados muito limpo e com o aspecto igual ao de *Moka*, se habituassem os cultivadores a escolhel-o, e apanharem-no antes do bixo lhe dar, que quasi sempre é no chão, porque a indolecia dos indigenas e a falta de braços para a agricultura faz que tarde e a más horas façam a colheita do *café* e que por este motivo todos os annos se perca o terço da colheita.

O vegetal que produz o *café* pertence á familia dos Rubiaceas, Lineo poz-lhe o nome de *coffea arabica*, e segundo o systema deste celebre naturalista elle se acha classificado na *Pentandria monogynia*, é uma pequena arvore, muito verde, de 8 a 12 pés de altura e ainda mais, cresce no primeiro anno depois de plantado até 2 pés de altura, no segundo o dobro, no terceiro e quarto anno entram no seu maior vigor e já produzem fructo. As folhas são oblongas onduladas nas extremidades e de um verde carregado muito lusidio. Florece em setembro e outubro, e as flores nascem em festões nos subacos das folhas, espalham um perfume delicioso, mas a sua duração é de poucos dias, a corolla é muito parecida com a do *Jasmin* de Hespanha e contrasta agradavelmente pela sua alvura com o verde sombrio das folhas. É delicioso observar um cafezal no tempo de florescencia pelo aspecto pictresco que apresenta. O fructo é uma baga oval do tamanho de uma pequena cereja ou melhor se poderá comparar na sua forma e volume a um pilrito, primeiramente tem a côr verde, depois quando madura de um bello vermelho e pardo na época da sua perfeita madureza e quando vaee seccando, e é neste estado que fazem a colheita, e por isso se

perde grande parte della, pois a experiencia tem demonstrado que o *café* que se apanha quando está maduro, que é quando está vermelho, raras vezes é atacado pelo bixo e fica mais redondo e chumbado. O interior do fructo contem dois grãos collados face a face que se chamam vulgarmente grãos de *café*, cada um destes grãos é envolvido em uma pellicula e apresentam um sabor herbaceo pouco agradável, mas neste estado elle possuiue propriedades febrifugas segundo a opinião de varios auctores.

Antes de appresentar as minhas observações sobre o melhor processo para se fazer a bebida do *café*, direi alguma coisa sobre a historia deste vegetal e sua introdução na Europa.

O *cafexeiro*, indigena das planicies ou plainos da Abyssinia, foi transplantado desses paizes pelo meado do seculo XV para as montanhas de Yemen, aonde ficou quasi naturalizado pela cultura. Diz-se que desde tempos imemoriaes os Ethiopes conheciam a bebida tão celebre hoje e á qual se tem conservado com uma pequena alteração o seu nome arabe de *kahoueh*. Da Arabia Feliz espalhou-se logo o uso do *café* na Syria e no Egypto e foi alcançar Constantinopla aonde se vendeu publicamente desde 1554.

O uso da infusão de *café* como bebida espalhou-se rapidamente a começar do meado do seculo XV em todo o Oriente, na Syria, Arabia, Egypto, Turquia, Persia, India e até em Ceilão e Java. Não aconteceu o mesmo na Europa. Foi conhecido pela primeira vez em Veneza pelos annos de 1615 e depois em Marselha 1654 e em França em 1667. Os medicos denunciaram esta bebida como muito perigosa para a saude, e como um veneno lento, mas desde que o *café* foi prohibido todo o mundo o quiz tomar. Comtudo o costume de tomar *café* era ainda bastante raro na Europa pelos fins do seculo XVII. Foi nesta época que um armenio chamado Pascal abriu a primeira loja de *café* em Paris. Este estabelecimento não teve voga porque o empresario o transferiu a Londres. Ahi desde 1688 os *cafés* tornaram-se tão numerosos como no Cairo, se acreditarmos o testemunho do celebre botanico Ray. Entre nós conhece-se o uso do *café* desde o meado do seculo XVIII. O primeiro estabelecimento de venda de *café* em bebida foi aberto em Lisboa no tempo do Marquez de Pombal, do qual se conta, elle ir em pessoa visital-o para com o seu exemplo o publico o frequentar.

O costume de tomar *café* em infusão tem inspirado aos orientaes ficções mais ou menos agudas para explicar a origem desta bebida. Uns attribuem a sua invenção a um superior de certo convento, o qual havendo observado o efeito produzido pelos grãos de *café* sobre os bodes que os comiam, fez a applicação aos frades seus subordinados para os conservar em vigilia durante os officios nocturnos. Conforme outros, similhante descoberta foi devida a um Mufti, que pertendendo exceder em devoção os Derviches os mais pios, fez uso do *café* para se

entregar sem interrupção e sem somnolencia a uma fervorosa oração.

O uso do café era apenas conhecido na Europa, quando os holandezes importaram o cafezeiro da Arabia Feliz, nas suas possessões de Batavia e mandaram em 1690 alguns pés de café a Amsterdã. No principio do seculo passado um consul francez diligenciou um pé de café para o rei Luiz XIV, que o fez plantar no jardim real, aonde depressa chegou a multiplicar-o nas estufas. Por esse mesmo tempo quiz-se fazer o ensaio de aclimatar um vegetal tão precioso nas colonias francezas das Antilhas; um unico pé que áquella parte do mundo levou o capitão Declieux, tornou-se em poucos annos a origem de todas as plantações que hoje fazem a riqueza daquella possessão franceza.

Segundo a opinião geral deste paiz a cultura do café conhece-se ha 52 annos. Lopes Lima nos seus *Ensaio sobre a statistica das possessões portuguezas no ultramar* liv. 2.<sup>o</sup> diz: que o café desta ilha começou a cultivar-se em 1800, mas não esclarece nada sobre a origem do cafezeiro nestas ilhas quem foi que trouxe este vegetal etc. Eu julgo que o café desta ilhas foi em outro tempo producção espontanea do paiz e por isso se produzia e colhia em muita pequena quantidade, mas ao passo que suas excellentes qualidades foram conhecidas nos mercados da Europa, principiaram os indigenas a cultivar-o, e esta phase commercial teve logar desde 1800 para cá. Hoje só esta ilha exporta por anno 47:000 arrobas, e se esta cultura fosse ajudada e auxiliada por medidas governativas poderia quadruplicar este ramo porque esta ilha não está a quinta parte cultivada, e se um dia for cultivada por braços livres ella produzirá o tresdobro pelo menos. Mas quando acabará a escravatura nas colonias portuguezas? O maior atraso dellas é sem duvida devido a agricultura ser feita por gente escrava que sempre julgam e com razão que quanto menos fazem mais ganham.

#### Uso propriedade e preparação do café.

A infusão do café de S. Thomé deve ser feita de café quanto mais antigo melhor, torrando a quantidade necessaria para a occasião, e moel-o em seguida á torrefacção, e logo fazer-se a infusão em agua a ferver, regulando uma colher de sopa de café moido para uma chavena de agua fervente. O café deve sempre ser feito a sua infusão em vaso bem tapado, as melhores maquinas para fazer café são umas filtradeiras de folha de Flandes, que são de pouco custo em Lisboa. A infusão do café torrado de dias nunca fica boa bebida, em consequencia de ter volatisado o seu aroma, e perde por isso muitas das suas bellas propriedades. O café novo de S. Thomé tem um certo principio adocicado desagradavel, e um cheiro herbaceo muito pronunciado, que faz com que produza uma bebida pouco agradável aos amantes do café. Eu confesso que bom café, só nestas ilhas o vim tomar, aqui

guardam em latas bem tapadas o café em grão de uns para outros annos, e fazem o café pelo processo acima indicado. É pela torrefacção que se desenvolve o sabor suave e o aroma do café. Elle deve ao tanino e a um oleo empyreumatico particular as suas excellentes qualidades, que já hoje não são ignoradas por ninguem. Longe de produzir uma embriaguez brutal, como o vinho, e outras bebidas espirituosas, ou de enjoar o estomago como o chá; o café, ao mesmo tempo tonico e excitante, augmenta a energia do fluido vital, ajuda a digestão, dá actividade, alegria, e animação; é a bebida intellectual, o nectar dos poetas. Delille exclama:

« *Mon idée était triste, aride, depouillée;*  
« *Elle rit, elle sort richement habillée,*  
« *Et je crois, du génie éprouvant le reveil,*  
« *Boire dans chaque goutte un rayon du soleil.*

Infelizmente, na Europa, o café não se acomoda a todos os temperamentos, produzindo algumas vezes uma demasiada agitação no sangue, elle priva do somno. Se o somno demorado é util, o seu abuso é muito perigoso. Elle convém aos temperamentos frios; aquelles que tem uma constituição delicada ou biliosa devem-se abster delle. É um poderoso remedio contra as dores de cabeça que provém da fraqueza do estomago. Na Africa faz-se muito uso do café, nestas ilhas tenho observado, que em todas as casas e a todas as horas se toma café, as pessoas de todos os temperamentos o tomam até com excesso, e não lhe produz o mesmo effeito que produziria o uso de tal bebida na Europa.

O café de S. Thomé quanto mais velho é, mais esbranquiçado se torna, e é neste estado que elle se deve torrar. Elle apparece no commercio com muito má vista, e todo picado de bixo e bocadinhos pretos, tudo devido a não haver aqui escolha delle, e a não ser apanhado na estação propria da colheita; comtudo nada destas propriedades lhe alteram a sua qualidade, e de ser conhecido nos mercados estrangeiros pelo melhor café do mundo e a par do de Moka. É só no nosso paiz donde elle é menos estimado: onde tem menos preço e aonde é menos conhecido o café da ilha de S. Thomé.

A bebida do café está hoje tão vulgarisada na Europa que, segundo os melhores calculistas, esta parte do mundo só consome 300 milhões de kilogrammas, equivalente a 20.428:053 arrobas portuguezas.

A cultura do café nesta ilha é coisa muito facil de fazer, roteiam a terra, fazem um pequeno buraco no qual enterram um pequeno pé de cafezeiro que são muito abundantes por debaixo dos cafe-taes; quando plantam os pés do café, plantam igualmente junto a elle bananeiras, para em quanto crescem lhes fazer sombra, limpam o terreno uma vez por anno, e ao fim do 3.<sup>o</sup> ou 4.<sup>o</sup> anno já a arvore produz o fructo.

Os terrenos nesta ilha, todos sem excepção, produzem café, mas aqui escolhem-se sempre os terrenos frescos, humidos, e entre argiloso e areento, por serem os mais proprios.

Ilha de S. Thomé 26 de setembro de 1852.

*Lazaro Joaquim de Sousa Pereira*  
1.º Pharmaceutico da provincia.

#### ALVITRES DE UM BOM PORTUGUEZ.

A seguinte carta é só hoje publicada porque muito a nosso pesar se havia extraviado, apesar de que s. ex.<sup>a</sup> o sr. duque de Saldanha teve a extrema bondade de a fazer chegar ás nossas mãos.

O sr. Antonio Bernardo Coutinho é um homem digno de estima que honra o nome portuguez e do qual os alvitres nunca podem ser tardios.

Com muito gosto portanto publicamos a sua carta.

Pernambuco 21 de maio de 1852.

*Sr. redactor.*

Pelo vapor *Harpy* enviei ao illm.<sup>o</sup> exm.<sup>o</sup> sr. duque de Saldanha uma carta em rasão de já virem navios estrangeiros com gente portugueza, dos conhecidos por escravos brancos, e nella inclui uma carta para v. , confiando na bondade que s. ex.<sup>a</sup> já teve com outra que em 20 de outubro en igualmente lhe escrevi, e agora lhe rogo igual obsequio para esta, chamando tambem a attenção do governo para tal materia.

Até desejava que s. ex.<sup>a</sup> permittisse que a sua *Revista* a publicasse para provar a todos que lêem o seu jornal, que ha portuguezes que reclamam rigor para os traficantes de carne branca. V. tomará este meu desejo na consideração que lhe merecer.

Prometti tambem naquella que enviei a v. com data de 13 do corrente dar-lhe cópia da de 17 de maio do anno proximo passado ao illm.<sup>o</sup> sr. redactor da *Revista Popular*, se bem ignoro se a recebeu, mas é certo que parte do que na mesma pedia, apparece em o Almanak daquella *Revista*, pelo que desde já veto os meus agradecimentos áquelle illustre redactor.

Cumpro aquella minha promessa a v. e lhe rogo que tomando favoravelmente pela sua generosidade quanto então lembrei, me desculpe de o importunar; assegurando-lhe que por meio de taes Almanaks se forma uma idéa da carreira brilhante que o nosso paiz já segue, o que até agora se ignorava, duvidava, e até havia quem negasse. A tal agora já ninguém se atreve logo que se lhe apresenta aquelle livro.

Como negar que as exportações tem augmentado abrindo-se-lhe o mappa que o da *Revista Popular* publica áquelle mesmo respeito? O mesmo succederá quando se publicar um mappa das fabricas que agora ha como lembrei em a dita de 17 de maio de 1851.

A publicação dos balangos das differentes compa-

nhas que naquella já lembrei, fará tomar nellas parte muitos que vivem em o Brasil, vendo os lucros que tem por cada acção, acarretando assim capitais para o nosso paiz.

Bem agrada a publicação que se fez das instrucções dos vapores que vem para o Brasil, deve porém ser corrigido porque elle agora demora-se aqui, e na Bahia, mais tempo, por reclamações que houve, ás quaes o governo inglez, e a companhia attenderam.

Insto para com v. para se publicar em a sua *Revista* qual o uso, ou ordem que se observa em o correio dessa cidade com as cartas, e jornaes que vão, e vem em os vapores inglezes, quanto se paga em cada caso, e porque pezo, o que ainda não poudesaber, e muito convem a quantos aqui nos achamos.

Contamos que no dia 25 do corrente principie a nova companhia de Liverpool a expedir os seus barcos para a carreira do Brasil, espero que a sua *Revista* publique quaes as condições, e paga com que recebe carga, e correspondencia, tanto na vinda, como na volta, e por os differentes postos em que tocar.

Conto que a imprensa portugueza não consentirá que a brasileira se adiante a publicar estas noticias.

É doloroso que ainda a nossa capital não offereça pelo seu commercio provas de zelo pelos seus interesses, quando praças de ordem inferior provam que merecem mais importante consideração. Para exemplo sirva um preço corrente da praça commercial de Lisboa, e compare-se com o de Montevideo? Para tal comparação eu lhe incluo um do dia 5 do proximo passado abril. Desde a qualidade do papel em que está impresso, bello typo, noticia minuciosa daquelle mercado, os navios no posto, e o destino que tem a seguir etc. Será tambem necessaria a vigilancia, ou protecção do governo para esta, e outras semelhantes cousas? A praça do Rio de Janeiro figura muito melhor em as suas noticias commerciaes, do que a capital de Portugal; ainda que custe, é indispensavel dizel-o.

Lamento que nenhum dos jornaes politicos de Lisboa, e Porto, ainda encetasse o ser pontual na publicação das occorrencias commerciaes de cada uma daquellas praças, qual o que no dia seguinte publica a saída, e entrada dos navios nos seus portos, com os nomes dos passageiros que tem a seu bordo, o manifesto de suas cargas etc. agora que os vapores nos trazem noticias tão rapidamente, não sabem quanto interessaria por toda a America Portugueza, e Hespanhola o receber folhas portuguezas com todos estes promenores exactos, e sem faltas, ou atrasos?!? Que assim augmentariam contos de assignantes o numero dos leitores a taes jornaes?!?

Qualquer estabelecimento industrial tem muito interesse em fazer annunciar os seus productos em aquelles jornaes que forem mais lidos, não um annuncio vago, singelo, trivial etc. mas um annuncio bem explicito, com alguma estampa da obra mais util, e perfeita que tenha apromptado, fazendo por tal meio uma exposição universal, por todos os cantos do Globo a que chegarem taes jornaes; não se contentando em o fazer apparecer só um dia, mas repeti-los por mezes, e renovando-os com outras de seus novos productos.

Ainda não será tempo de saberem os habitantes

das margens do Tejo, e Douro, que o jornal é o grande meio de tornar conhecidos os homens, e as suas obras, do lugar mais escondido, para o mais concorrido, e vice-versa?! Não reparais, que as mais insignificantes produções, das mais nobilitadas fabricas, saem cobertas com um aparato magestoso em relação ao preço que vão obter; e que tal aparato é a maior parte das vezes quem lhe facilita venda mais prompta, e vantajosa?! Fatal ignorancia, ou reprehensível teima!!!

Até quando será ignorada a vantagem que tem Portugal sobre todas as nações, pela sua posição geographica, pelo seu idioma, para com os povos que habitam os territorios das antigas Americas Portuguezas, e Hespanholas? A maior vantagem na facilidade de os tractar, e de os fornecer de tudo quanto elles desejam? Tem faltado quem lhe mostre tão grande superioridade pela relação intima, e familiar que a providencia, e a antiga providencia de seus antepassados lhe proporcionou, hoje perdida em grande parte por negligencia, e o egoismo dos portuguezes dos ultimos cincoenta annos.

Cumprê pois aos homens de saber aproveitar todos quantos meios se offerecem ainda para os reunirem os pontos que seus interesses os reúnem, e ensinar aos portuguezes quanto lhe pôde ser de lucro, e servir de os fazer bem quistos a estes povos; agora que a civilisação os deixa livremente usar da imprensa, que a sua industria, e agricultura permite entrar em competencia com os outros povos.

Só o jornal os pôde aproximar, e é o jornal quem hade servir para os convencer de suas vantagens, e destruir seus erros.

Felizmente apparecem bons desejos, e habeis campeões com conhecimentos especiaes. Li sr. redactor a correspondencia do sr. Barboza de Leão, em Leiria; li a Defeza dos Portuguezes pelo sr. João Antonio de Carvalho e Oliveira em o Maranhão, e por ellas vejo que as relações especiaes do Brasil para com Portugal não são desconhecidas. Respeito a taes portuguezes, e a todos quantos sinceramente trabalhavam para beneficio do torrão, que se conhece com a denominação de Portugal, e a seus filhos, que lidam para que se consiga a ventura de seus irmãos.

Sou sr. redactor.

Seu constante leitor  
Antonio Bernardo Coutinho.

## PARTE LITTERARIA.

A NOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXXVI.

REVELAÇÕES.

Thereza, vendo descuberto o segredo mais intimo da sua vida, não poudo conter um movi-

mento cheio de perturbação. Parecia-lhe que os olhos de Catharina, aquelles olhos azues e serenos, lhe estavam cortando a alma. Interiormente admirava a grandeza d'animo e a delicadeza de sentimentos, com que a noviça, callando o pensar, que a paixão de uma rival inspira, soube conter e reprimir qualquer signal capaz de atraiçoar a sua anciedade. Mas ao mesmo tempo o orgulho, e uma dor secreta que o amor, passando mesmo em sonhos, sempre causa, affogavam-lhe as faces de vivas côres, e aclaravam nas pupillas verdes os filetes d'oiro, que as raiavam.

Estes reflexos quasi metallicos, juntos ao visivel tremor da bocca, revelavam á observação perspicaz da amiga de Cecilia a lucta do bem e do mal; o combate da razão com a soberba. Perdoar-lhe-hia Thereza a generosidade, ou tomaria como offensa a propria confiança? Houve um momento, em que a filha de D. Luiz se arrependeu das suas palayras. Se a noiva de Jeronymo ouvisse o coração, e não a vaidade, era um passo immenso para a victoria; porém se o contrario succedesse?... Talvez o ciume, não os zelos do affecto, mas o ciume do orgulho, creasse de repente obstaculos maiores do que todos os que ella suppunha encontrar. Por isso, durante a curta pausa, entre as ultimas phrases de Catharina e a resposta de Thereza, a noviça sentiu o peito sobresaltado, e uma nuvem sobre os olhos. A sua revelação significava um grande golpe; mas depois de feita, tremia dos effeitos, e accusava-se de indiscreta.

Pouco a pouco affrouxou o calor, que rosára o semblante da irmã de Cecilia; o tremor convulso, que lhe agitava os beijos, exprimindo o estado nervoso produzido pela commoção, assentou em um sorriso claro, meigo, e mais triste do que severo. Ao mesmo tempo as pupillas diminuíram de fulgor, e os reflexos fulvos e quasi irosos, apagaram-se no suave fluido que fazia tão bellos e persuasivos aquelles olhos. Na fronteira descubria-se o espirito soccegado, e o coração puro de malquerença. Pegando na sua, a mão ainda tremia um pouco; e o seio alvoroçado, escutando-se, deixava perceber as rapidas e fortes pulsações; mas era evidente que a noviça tinha vencido, e que o primeiro escolho estava salvo!

O abalo fôra grande; porém a alma da noiva de Jeronymo, felizmente, era maior, do que os caprichos e as paixões. Desvanecido o primeiro conflicto, represso o impeto do orgulho, a razão mostrou-lhe que toda a culpa procedia della,

e que o modo de a expiar consistia em ser digna de Catharina pela sinceridade e effusão. A uns olhos, que viam tão fundo, e sabiam advinhar nas lagrimas e na magoa silenciosa o que os labios mesmo a sós não ousavam proferir, não se podia esconder nada. Abrir-lhe a alma, e dizer-lhe o que tinha nella, pareceu-lhe o meio proprio de correspondêr á generosa confiança da filha de D. Luiz.

Antes de faltar, procurou com a vista o leito de Cecilia, e o ouvido afiou-se para lhe escutar o sopro brando e igual da respiração. Sua irmã dormia! Certa de que o segredo não passaria de ambas, Thereza levantou-se, e veio ajoelhar aos pés da noviça, no gesto nobre de quem sabe que se exalta cumprindo com um dever:

— « Catharina, disse ella, não com os olhos baixos, mas com a vista alta e cheia d'amidade, perdoa-me o mal que lhe fiz, as loucuras que sonhei, os desejos... de creança, (acrescentou sorrindo) que em dois ou tres dias de delirio me atrevi a conceber? Acredite: a cabeça peccou, mas o coração accusava-me. No fim, bem viu, elle é que venceu. »

— « Menina!... Vel-a assim? Disse-lhe brincando.. »

— « Mas se elle me pudesse amar, se eu não accordasse a tempo? » Insistiu a irmã de Cecilia, sempre na mesma posição. « Não fazia a sua infelicidade, não pagava com prantos e dores a amizade mais sincera, e desinteressada? Por um capricho não a fazia infeliz para toda a vida? »

— « Olhe, Therezinha, observou Catharina fazendo-a erguer e assentar ao seu lado, se elle a amasse é porque não me estimava a mim: e tendo de sentir o golpe, melhor era agora do que depois. Hoje ainda tenho o meu convento, e um esposo que me acceite... Deus? »

Estas palavras foram ditas com um sorriso; mas as lagrimas saltavam-lhe nos olhos. A commoção e a verdade com que as proferiu, humedeceram tambem os de Thereza. Abreçando-a ternamente; entre um beijo, cujo extremo recordou á noviça os osculos de Cecilia, a noiva de Jeronymo exclamou:

— « Ainda lhe não disse tudo... O meu castigo ha de ser confessar-lhe as loucuras, que imaginei e as maldades que me vinham á idéa. Sabe que tive inveja da sua felicidade? Que cheguei a sentir ciúmes de vêr o conde tão elevado e o seu coração tão certo na ternura d'elle?!... »

— « B nestas occasiões não havia nesse coração esquecido uma sombra de dó, um ar de

compaixão a favor do pobre Jeronymo? Que me fivesse odio a mim... »

— « Oh, odio, nunca! Não sou... ainda não era tão má! Jeronymo lembrava-me; e quer que lhe diga? Nem eu sabia! Agora era só o conde; não pensava, não tinha diante da idéa senão a elle; e logo distrahia-me a recordar os dias felizes, em que toda a minha occupação era de-sejar que uma viagem longa acabasse, e que mais um irmão viesse allegrar a solidão da nossa casa... »

— « Então amava os dois? » acudiu Catharina sorrindo meia com malicia, meia com bondade.

— « Não, menina! » redarguiu ella séria. « Ainda não amava nenhum! Com o conde a cabeça e o orgulho... é que me seduziram. Com Jeronymo dava-se a amizade, e uma coisa, que ás vezes faz mal ao amor; respeito como se elle fosse meu pae e eu sua filha. Temi que aquelle homem, que dizem ser de ferro no mar e nas batalhas, tambem fosse para mim de ferro. »

— « Não viu como elle a amava; como um olhar, um gesto seu o fazia feliz, ou triste? »

— « Sim; antes de esposo. E depois? Tinha medo que a sua alma, grande nos trabalhos e nos perigos, se cansasse depressa da ternura... Sei que a guerra o fará um dia muito maior do que é já, e que o seu nome ha de ser uma gloria para a mulher da sua escolha, mas estava eu certa de que não ficaria como escrava e elle como senhor? O orgulho, Catharina, bem sabe, quando se é nova, imagina-se que os leões nos obedecem e que os nossos olhos devem ser a lei de quem nos ama. Crê que Jeronymo soffresse uma ventade superior á sua? »

— « Esperava então achar o conde docil? » interrompeu Catharina rindo.

— « Não. Desde que o vi, e principiei...

— « Diga tudo. Desde que principiou a amal-o? » atalhou a noviça com um sorriso aberto.

— « Amal-o? É muito » accudiu Thereza tambem com ar jovial. « A pensar nelle... sim. Foi a verdade. Desde esse dia vi as coisas de outro modo. »

— « E hoje? »

— « Contentava-me com o amor, se estivesse certa de ser amada. »

— « Ainda não acredita que Jeronymo a adora? »

— « Não sei. Creon-se comigo; é quasi meu

segundo irmão. Entretanto a ultima vez que o ouvi... »

— « Teve mais fé no amante do que no irmão? » observou Catharina risonha na apparencia, mas anciosa no intimo.

— « Tive. O que me disse senti-o no coração. Elle parece que adivinhava ou que lia dentro da minha alma. Houve um instante, em que me julguei trahida, e imaginei perdel-o; então... »

— « Ah! Então?... »

— « A dôr ainda foi mais forte do que a ira e o orgulho. Uma irmã não se lhe corta assim a alma por vêr que seu irmão prefere outra. »

— « Falta-lhe dizer a ultima verdade. Diz? » notou a noviça com alegria. »

— « Menina é uma confissão. Não occulto nada. Desde esse dia soube que o amava. »

— « E foi desse dia tambem, ia jurar, que eu deixei de ter uma rival? »

— « Perdoe-me, Catharina! Causei-lhe cuidados e pezares; fui ingrata, invejosa... »

— « Não; foi só menina e moça. Basta; não quero que fallemos mais do... seu romance. Sabe de quem é a culpa? da cabeça e do amor. Em sendo novas e verdes entram a correr e perdem-se. Tractemos de coisas serias. Devo contar-lhe o que succedeu a Jeronymo, e explicar a razão porque elle está preso e... em perigo. A outra conversação entreteve-nos tanto! »

— « Era necessaria. Agora que somos amigas, muito amigas; e que não temos segredos, desejo muito saber a historia de Cecilia e o motivo que levou Jeronymo ao jardim. Bem vê que hei de estar anciosa! »

— « Sente-se com animo para me prometter que não ha de magoar-se, ouça o que ouvir? »

— « É muito triste e penoso para mim? » accudiu Thereza empallidecendo.

— « Se ama Jeronymo é a decisão da vida ou da morte delle. Está nas suas mãos perdel-o ou salval-o. »

— « Nas minhas mãos! » exclamou ella com sobresalto e moderando a custo a voz.

— « Sim. Em sabendo tudo verá que não a enganei? Quer que principie? Veja como sua irmã dorme! Pobre Cecilia! »

Thereza fez com os olhos um signal affirmativo; e encostando o cotovello ao braço da cadeira, e a face aos dedos, toda ouvidos, e attenção, pendeu da bocca de Catharina.

A filha de D. Luiz começou, descrevendo os amores de Cecilia e de D. João no convento de

Santa Clara; pintou-lhe a candura e a innocencia com que ella confiava; o ardor e o excesso com que o amante a estremecia; e não se esqueceu nem dos seus receios nem das suas apreensões, quando perguntando á educanda pelo nome e qualidade do mancebo descobriu que ignorava tudo, e parecia ter medo até de apressar uma revelação cruel. Lembrando-lhe a scena do jardim, e o gracejo, em que a irmã fôra constrangida a patentear o retrato occulto, Catharina confessou que as feições eram tão semelhantes ás do principe real, cuja imagem vira n'outra medalha do conde de Aveiras, que um presentimento triste a tomara logo, e que as suas lagrimas correram sem as poder sustener como ambas observaram.

Escutando-a, Thereza estava palida, mas serena. Quando alludiu ao lance do retrato levantou a vista, para interrogar a memoria, e fez depois um signal quasi imperceptivel com a cabeça, como se dissesse que lhe escapára esta circumstancia, e que recordando-a lhe dava agora o valor merecido. A noiva do conde proseguiu, relatando as promessas dos dois amantes; as suas illusões; e o desenlace na fatal noite, em que Cecilia soube que amava o rei, porque aquella hora o principe já era quasi o rei. A donzella, que não perdia a menor phrase, ao nome do soberano, não soube conter nos olhos um relampago, que a vista de Catharina interceptou e traduziu. O orgulho e a ambição, as duas paixões activas do seu character, tinham ciúme da preferencia lisongeira dada a Cecilia pelo coração do principe, ou a sua ternura magoava-se com o abysmo, que o desengano subito rasgava entre as esperanças da educanda e o seu amor? Sendo ella, Thereza poria a idéa em Deus resignando-se, ou atrever-se-hia a lutar com a fortuna, e na falta de uma coroa acceitaria o poder e a grandeza de rainha cedendo o titulo? Qualquer que fosse o pensamento, e a maneira porque a sua amiga o entendeu, era sensível a profunda commoção causada na sua alma pelo discurso que ouvia.

Entrando na parte melindrosa da sua narração, a noviça fez uma pausa curta para pôr em ordem as idéas, e reassumir a frieza de espirito necessaria a fim de não arriscar uma phrase, cujo sentido podesse prejudicar o intento, a que se encaminhava. Silenciosa sempre, e cada vez mais desmaiada, a irmã de Cecilia concentrava os sentidos e a alma na vista, que penetrante e fixa parecia descer ao intimo de Catharina, querendo



adivinhar tudo antes de ella o explicar. De feito, d'aqui por diante as palavras da noiva do conde de Aveiras iam cortar ao vivo, assustando e agitando os affectos e paixões, que podiam lutar na alma da sua amiga. Dizer-lhe que era amada e aborrecida ao mesmo tempo por Jeronymo; e que a desgraça do mancebo, e a sorte futura de ambos pendiam de um equivoco, não parecia empreza facil diante daquelle orgulho facil em se acender. A voz da noviça tremia involuntariamente, e a fronte alva e triste córava-se e borbilhava no suor da angustia, á medida que soltava uma revelação, e contemplava o effeito della. Quando chegou ao lance do bilhete roubado e entregue ao capitão, Thereza encolheu os hombros, e meneando a cabeça com altivez, exclamou: — « Cuidei que Jeronymo sabia lêr! Desde creança está costumado á minha lettra. » — « Sim. Mas o bilhete era do principe, e não de Cecilia! » acudiu Catharina. Esta explicação aplacou o primeiro impeto. Tornando a cahir na posição attenta e aueiosa, com que escutava, Thereza baixou um pouco as palpebras, e por disfarçar o tremor da mão, entreteve-se em enrolar e distender nos dedos os aneis das tranças, que vinham beijar-lhe as faces.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(*Continúa.*)

## NOTICIAS E COMMERCIO.

**Documento honroso para o Porto.** — Gostosamente publicamos a seguinte carta — em que o rei Victor Manuel, deu mais uma prova de reconhecimento á benemerita cidade do Porto pelas honras affectuosas de que tributou á morte do illustre e desditoso Carlos Alberto.

CARTA,

Turin 29 de outubro de 1852,

Superintendencia geral da lista civil.

N.º de ordem.

*Senhor presidente.*

Sua magestade el-rei, meu augusto amo, conserva sempre no intimo de sua alma, a lembrança da hospitalidade cordial, que seu augusto pae, s. m. o rei Carlos Alberto, encontrou no Porto, dos testemunhos de sympathia e veneração, que a população inteira lhe dedicou em seus derradeiros dias. e das honras que, ainda depois da sua morte, tributou á memoria do glorioso e infeliz monarcha, por occasião do seu

funeral, e depois dando o nome de Carlos Alberto a uma das praças principaes da cidade.

Nada póde consolar um filho da perda de seu querido pae; mas o rei Victor Manuel, em sua afflicção, experimenta um doce allivio, recordando-se de que seu magnanimo pae, no seu exilio voluntario, gosava da mesma affeição de estima que encontraria no seu proprio paiz, e no seio do seu povo bem amado.

Sua magestade, profundamente penhorado, por tão delicado procedimento, quer offerecer á cidade do Porto um penhor do seu reconhecimento, enviando-lhe o retrato do rei Carlos Alberto; e houve por bem encarregar-me de assim vol-o fazer saber, sr. presidente, reservando a effectiva remessa, para logo que sua magestade a rainha de Portugal se digne dar o seu assentimento, que el-rei lhe pede diplomaticamente.

Tenho a honra de ser com a mais elevada consideração, sr. presidente.

Vosso humillissimo e obediente servo.

*S. de Pampari.*

**Linha de vapores entre Portugal e o Brasil.** — O projecto de uma linha de vapores que naveguem entre Portugal e este imperio, é empreza tão ardentemente desejada no Brasil, suas vantagens são tão evidentes, e sua necessidade tão palpitante que julgamos escusado repetir aqui verdades geralmente conhecidas e sentidas.

O genio emprehendedor dos habitantes da cidade eterna não foi indifferente a tão pronunciados desejos, e o Porto, essa segunda cidade de Portugal, que em nada é inferior á corte na extensão de suas relações mercantis, ainda por mais uma vez foi a primeira a dar prova exuberante e manifesta de seus progressivos anhelos, e da actividade e tendências industriaes de seus filhos.

O prospecto da companhia para o estabelecimento dessa linha, e as bases para os estatutos porque aquella se deve regular, foram ha dias publicadas neste *Diario*. Saudamos como um facto esperançoso a appareição desta empreza.

As pessoas distinctas que se acham á sua testa, representando fielmente o pensamento dos installadores em cujo numero se encerram negociantes e proprietarios notaveis daquelle cidade, são sufficiente garantia para o seu prompto e bom exito.

A digna direcção não podia esquecer-se na sua tentativa, de convidar as tres primeiras praças do Brasil para a coadjuvarem neste seu empenho, e instrucções foram enviadas para esse fim ao Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco.

Incumbido o sr. Manuel Duarte Rodrigues da obtenção aqui de um numero limitado de apolices, cada uma das quaes, por bem entendido calculo, é do valor de 100,000 rs., moeda portugueza, fez elle no sentido indicado os seus convites nos mesmos *Diarios* em que foi publicado o prospecto.

A este appello responderam prompta e bisarramente muitas pessoas. Como irmãos e como amigos, com um só pensar e querer, brasileiros e portuguezes prestaram sua espontanea assignatura, e em breves dias sem o mais pequeno esforço ou trabalho se acharam

inscriptas não 250 acções, numero que se havia marcado para a aquisição nesta cidade, mas 600 como pode ser verificado em casa do mesmo sr. Rodrigues.

Esta boa recepção era esperada, motivos ponderosos nol-a affiançavam e temos firme crença que os habitantes do Rio de Janeiro e da Bahia abundando nas mesmas razões, corresponderão á merecida expectativa concorrendo pela sua parte com 2.000 acções. Temos como certo este resultado, e assim ficará a nova companhia sómente pelos seus accionistas neste imperio com um capital de 270 contos fortes, podendo elevar o seu fundo a 400 contos ou mais, e dar á empresa maior amplitude, como tanto se deseja.

**Bases do estatuto da companhia Lusitania.** — 1.º Seu fundo póde elevar-se a 400 contos, em acções de 100\$000 rs. cada uma.

2.º Seu fim qualquer navegação a vapor auctorizada por decisão da assembléa geral.

3.º O interesse dos accionistas é limitado ao numero das suas acções.

4.º Os accionistas de fóra do Porto serão, querendo elles, representados por seus procuradores, e deverão ter correspondente que por elles responda.

5.º Os fundos da companhia serão depositados na caixa do banco commercial.

6.º A assembléa geral será composta dos 21 maiores accionistas por cada 50 contos de fundo effectivo.

7.º A direcção é eleita pela assembléa geral.

8.º O conselho fiscal é tirado á sorte.

9.º A direcção só recebe uma modica percentagem dos lucros conhecidos.

10.º A direcção não tem voto na approvação das suas contas.

11.º Formar-se-ha um fundo de reserva, do que exceder a 15 por cento de lucro, em quanto isso fór necessario para emancipar a companhia de pagar premios de seguro; e tornar-se sua propria seguradora.

12.º A duração da companhia é indefinida, emquanto a assembléa geral não a determinar.

13.º Os estatutos são approvados pelo governo. — Directores, Isidoro Marques Rodrigues, Eduardo Moser. — Presidente da assembléa geral, visconde de Castro Silva. — Vice-presidente, Gonçalo Lobo Pereira Caldas de Barros. — Secretarios, R. G. Woodhouse, Antonio Julio d'Abreu Guimarães. — Conselho fiscal, Roberto Woodhouse, Joaquim Pinto Ribeiro, Gonçalo Lobo Pereira Caldas de Barros.

#### PROSPECTO.

A importancia do nosso commercio com o Brasil, e a necessidade de cobrir com a bandeira portugueza, e de estreitar as nossas interessantes relações com aquelle vasto imperio, identificado connosco pelos habitos, e pelo idioma, eis os principaes motivos que suggeriram a idéa que se trata agora de desenvolver, e que offerece decididas vantagens para ambos os paizes, que ella mais pretende ligar entre si; proporcionando a cargas e passageiros meios de transporte commodos e rapidos.

Para isso ser exequivel é indispensavel a aquisição de dois barcos helices, de lute de 600 a 800 toneladas, e com a velocidade de 10 milhas por hora,

de sorte que effectuassem o trajecto do Porto para o Rio, com as competentes escalas, na ida e volta por Lisboa, Madeira, S. Vicente de Cabo-Verde, Pernambuco e Bahia, dentro do praso de 58 dias, habilitando a empresa a fazer sahir um barco do Rio e outro do Porto, uma vez cada mez, demorando-se de 8 e 9 dias em ambos estes portos, e nos outros só o tempo preciso para receber refrescos e carvão.

Já é immenso o numero de passageiros que annualmente vão do Porto ao Rio, e accrescentando-lhes os que embarcam em Lisboa, ninguém taxará de immoderado o calculo de 150 a 180 passageiros, por viagem ao Rio, e 60 no regresso, quando continuamente só do Porto estão sahindo muitas embarcações que levam de 300 a 500 passageiros cada uma, por preços iguaes, e talvez com menos commodos do que esta empresa se propõe a fazer-lo.

De certo sempre haverá carga tanto na ida como no regresso, por isso que o premio de seguro mais favoravel por embarcações movidas a vapor, e a maior rapidez dos retornos, mui conveniente a transacções mercantis, compensará qualquer pequena maioria de frete que se exija.

Fiados nestas bases, fizeram-se os seguintes calculos:

Custo de dois vapores, com capacidade para 15 dias de carvão, 300 toneladas de carga; 500 passageiros chamados de convex e 100 passageiros de 1.ª e 2.ª classe: lb. 30.000. . . . . Rs. 135.000\$000

Velocidade de 10 milhas por hora.  
Computo da

#### RECEITA E DESPEZA.

##### Receita:

Ida do Porto ao Rio de Janeiro.	150 passageiros de convex a 2\$400 . . . . .	3.600\$000
	25 ditos de ré e 2.ª camara a 60\$000. . . . .	1.500\$000
	300 toneladas de carga a 6\$ . . . . .	1.800\$000
	Passageiros do Porto a Lisboa, de Lisboa á Madeira e de todos os outros portos intermedios . . . . .	500\$000
	Excessos de bagagens e encomendas . . . . .	300\$000
	Cartas a 150 rs. a onça. . . . .	600\$000
	<b>Rs. . . . .</b>	<b>8.300\$000</b>

##### Encomendas e miudezas na viagem

Volta do Rio ao Porto.	40 passageiros de 3.ª classe a 30\$000. . . . .	1.200\$000
	25 ditos de 2.ª 65\$000 . . . . .	1.625\$000
	25 ditos de 1.ª 120\$000 . . . . .	3.000\$000
	300 toneladas de carga a réis 12\$000 . . . . .	3.600\$000
	<b>Rs. . . . .</b>	<b>18.025\$000</b>

## Despeza corrente.

Soldadas 639\$000 por mez. ....	1:278\$000
Comedorias. ....	3:960\$000
Gastos de portos, ida e volta. ....	1:200\$000
Combustivel. ....	3:826\$000
Agencias. ....	400\$000
Miudezas imprevistas, azeite, cebo, etc. ....	200\$000

Rs. .... 10:864\$000

Lucro de cada viagem Rs. .... 7:161\$000

Portanto, fazendo cada barco seis viagens, são doze, que produzem Rs. 85:922\$000

Do que se deve abater:

Deterioração annual 8 por cento. .... 10:800\$000

Premio de seguro 6 por cento. .... 8:100\$000

Moeda forte Rs. .... 67:022\$000

N. B. (Alguns destes algarismos vem errados no *Diario de Pernambuco*, sentimos não os poder emendar á vista do original.)

## Observações.

O preço do carvão foi calculado por toda a viagem, sem attenção ás occasiões em que o barco podesse empregar o velame, (pelo que se deveria abater um terço pelo menos), e a razão de 27\$000 rs. fortes, a tonelada, quando seu custo regular é de 15 a 18\$000 rs.

As comedorias dos passageiros são calculadas

classe 3.<sup>a</sup> 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup>  
Na ida 6\$400 — 24\$000 — por 40 dias.  
3.<sup>a</sup> 2.<sup>a</sup> 1.<sup>a</sup>

Na volta 10\$000 — 24\$000 — 40\$000

As embarcações terão a bordo um facultativo.

As pessoas que quizerem tomar parte nesta interessante companhia poderão dirigir-se com a precisa brevidade ao abaixo assignado, na rua do Trapiche n.º 26, encarregado pela direcção, para aceitar as assignaturas, onde patenteará todos os esclarecimentos, e o estado de vida lisongeiro nas duas cidades de Lisboa e Porto.

Manuel Duarte Rodrigues.

(*Diario de Pernambuco* n.º 174 de 6 de agosto de 1852.)

Pernambuco 30 de novembro de 1853.

— *Cambios* — Sacou-se sobre Londres a 28, 114 d. por 1\$000, e sobre Paris a 240 rs. por fr.

*Assucar* — As entradas da semana, que termina hoje, montaram a cerca de 20,000 saccos, e fizeram-se vendas importantes aos preços de 2\$600 do de 1.<sup>a</sup> sorte, de 2\$400 a 2\$450 do de 2.<sup>a</sup>, a 2\$300 do de 3.<sup>a</sup> superior, e de 2\$100 a 2\$150 do regular, a 2\$000 do de 4.<sup>a</sup>, e de 1\$800 a 1\$850 do de 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> brancos; e do mascavado escolhido de 1\$450 a 1\$500, e do regular de 1\$350 a 1\$380 dor arroba.

*Algodão* — Vieram ao mercado 1,454 saccas, que foram vendidas de 5\$700 a 5\$800 por arroba de 1.<sup>a</sup> sorte, e de 5\$300 a 5\$400 do de 2.<sup>a</sup>

*Couros* — Continuaram a vender-se a 115 rs. por libra.

*Agua-ardente* — Vendeu-se a 54\$000 por pipa.

*Bacalhão*. — Retalhou-se de 11\$200 a 11\$500 e ficaram em ser 3,000 barricas, fóra um carregamento entrado nesta semana que foi vendido a 10\$700.

*Carne secca*. — A do Rio Grande vendeu-se a 4\$000 por arroba, e a 3\$200 da de Buenos Ayres, ficando em ser da primeira 6,000 arrobas e da segunda 14,000.

*Carvão de pedra*. — Vendeu-se a 7\$000 por tonelada.

*Farinha de trigo*. — Vendeu-se da de Richmond a 20\$000 por barrica, da de Philadelphia de 18\$000 a 19\$000, e da de Trieste SSSF a 20\$000 por barrica; ficaram em deposito cerca de 2,000 barricas.

*Louça*. — Idem a 255 por cento de premio sobre a factura.

*Manteiga*. — Idem de 440 a 460 rs. por libra da inglez.

*Descontos*. — O banco descontou letras a vencer até janeiro proximo a nove por cento, e até seis meses a 10 por cento, e os particulares de 9 a 12 por cento, letras de um a oito mezes.

Ficaram no porto 55 embarcações, sendo 3 americanas, 1 belga, 26 brasileiras, 1 bremenese, 1 dinamarqueza, 2 francezas, 1 hamburgueza, 4 hespanholas, 10 inglezas, 1 lubkense, 1 norueguense e 4 portuguezas.

## THEATRO DE S. CARLOS.

## Zaide ou Os dois Genios.

BAILLE FANTASTICO EM 3 ACTOS, COMPOZIÇÃO DO SR. SEGARELLI.

Esta dança que subiu á scena na noite de domingo 5 do corrente, veio a final preencher a lacuna que existia nos espectaculos deste theatro. Havia-se dado, é verdade, no curto espaço de dois mezes um variado numero de operas, algumas das quaes mereceram muita acceitação do publico. Madame Castellan na *Somnambula*, na *Lucia*, nos *Puritans*, — os srs. Bartolini e delle Aste, abrilhantavam de certo a nossa scena lyrica, atraíam a concorrência, e despertavam enthusiasmo: mas no meio de tudo isto, é mister confessar que o espectador não se retirava satisfeito, — não havia encontrado um espectáculo completo, a que o mais das vezes está habituado, e não se podia contentar com os *passos a dois, a tres, e a quatro*, que successivamente serviam para preencher algum intervallo. Estranhava-se até que tendo a empresa escripturado uma boa companhia de baile, não tractasse de tirar partido do merecimento de seus artistas. Annunciou-se a final uma dança, *Zaide ou Os dois Genios*, e todos esperavam com impaciencia a sua appareição.

Obteve esta dança um exito completo, e ao sr. Segarelli cabem os maiores elogios, pelo merecimento da sua producção.

Uma lucta entre o poder e influencia dos *Genios do bem e do mal*, de que resulta o triumpho do primeiro, é o pensamento predominante desta composição, que sendo simples e de facil intelligencia não é comtudo.

destituída de interesse, afastando-se de certo modo dos argumentos já tratados por outros compositores. É um mixto do genero francez e italiano, que nos offerece uma bella combinação de variados passos e interessantes scenas mimicas. Nota-se particularmente muita originalidade no pensamento que presidiu á composição do bello *quartetto mimico-dançante* do 1.º acto, em que a mimica se acha de tal modo entrelaçada com a dança, que produz optimo effeito.

M.<sup>mo</sup> Monticelli, que no papel de *Zaide* fez de novo a sua estrêa sobre a nossa scena, encontrou pela terceira vez o acolhimento mais lisonheiro do publico, que admira nesta artista uma dançarina de merecimento não commum. A uma eschola sempre correcta e graciosa reúne M.<sup>mo</sup> Monticelli um genero de dança brilhante e variado, — ora elevando-se gentilmente sem a menor demonstração de esforço, ou equilibrando-se com muita firmeza *sur les pointes*, — ora, executando com perfeição delicados passos *terre à terre*, e usando do genero *taqueté* com uma *coquetterie* sem affectação, — ou finalmente, empregando passos de força e de *balzo* com uma segurança e agilidade que surpreendem. Todos estes recursos artisticos fazem com que M.<sup>mo</sup> Monticelli apresente continua variedade na sua dança, e prenda sempre a attenção do espectador.

Em todo o decurso do baile toma esta artista uma parte importante na acção, porém onde mais se distingue é no magnifico *passo a deux* com M. Cappon. O *adagio* composto de lindos e bem desenhados *tableaux* é executado com a maior precisão e *maestria*, e as *variações* são dançadas com esmero e delicadeza, grangeando-lhe sempre repetidos applausos.

M. Cappon é digno de muitos elogios não só pela sua perfeita execução como dançarino, mas tambem pela composição do bello *passo a deux*, que lhe faz muita honra.

É o segundo anno que M. Cappon se apresenta a este publico, que reconhece e aprecia o seu merecimento, e foi por certo uma judiciosa aquisição que a empresa fez escripturando este eximio artista, que difficil seria achar quem condignamente o pudesse substituir.

M. Cappon tem sido applaudido nas suas variações que executa com summa pericia e habilidade, sendo chamado ao procenio com M.<sup>mo</sup> Monticelli no fim do *passo*.

Mademoiselle Costanza desempenha nesta dança uma parte importante, que lhe proporciona occasião de desenvolver a sua habilidade não só como mimica, mas igualmente como dançarina. Em ambos os casos não podemos senão elogia-la: a sua acção é sempre nobre e expressiva, — ora quando exerce a sua influencia benefica sobre os seus protegidos, — ora quando dominando o seu terrivel adversario o faz vergar sob a superioridade do seu poder. Como dançarina, o publico tem-lhe testemunhado o seu agrado, applaudindo-a na sua *variação* no *quartetto*, — como mimica, julgando-a digna de figurar ao lado do sr. Segarelli, e chamando-a com elle ao procenio no 2.º acto.

Fallando do sr. Segarelli como coreographo já dissemos que a dança teve um exito feliz, e para isto é mister que no seu complexo esta composição tenha verdadeiro merito. Resta-nos porém dizer algumas

palavras a seu respeito na qualidade de artista mimico.

Em Italia onde esta arte é muito apreciada, sabemos nós que o nome do sr. Segarelli é conhecido entre os primeiros. No nosso theatro, porém, onde ha muito tempo não temos tido danças mimicas e por consequente artistas deste genero, coube ao sr. Segarelli pelo seu talento excitar entre nós o gosto por uma arte que se achava quasi esquecida. Effectivamente a parte do *Genio do Mal* por elle desempenhada é muito interessante, apresentando ao mesmo tempo summa difficuldade por ser sempre violenta e trabalhosa, — mas o sr. Segarelli desenvolve tal habilidade, os seus gestos acompanhados da mobilidade da sua physionomia são, tão expressivos e cheios de animação que produzem o maior effeito, principalmente na scena entre os dois *Genios*, que termina sempre no meio dos applausos da platea.

O sr. Devecchi a quem foi confiado o pequeno papel do *pachá* vae bem na scena mimica do 2.º acto.

O vestuario feito segundo os *figurinos* do sr. Bordallo é elegante, variado, e de bom gosto, — e a *mise en scene* apparatusa quanto o comporta o enredo. Dispensavamos porém o rapto a cavallo de *Zaide*, que da maneira porque é executado, não pôde causar effeito.

É bonita a musica do sr. Pinto, e mui apropriada ás differentes situações da acção.

DEMETRIO RIPAMONTI.

## BIBLIOGRAPHIA.

HISTORIA DO NASCIMENTO, VIDA E MARTYRIO DO BEATO JOÃO DE BRITO DA COMPANHIA DE JESUS, MARTYR DA ASIA, E PROTOMARTYR DA MISSÃO DE MADURÉ, composta por seu irmão *Fernando Pereira de Brito*. — Segunda edição com um importante addicionamento. — Safu á luz a Historia do Nascimento, Vida e Martyrio do Beato João de Brito, natural de Lisboa, martyr da Asia e protomartyr da missão do Maduré, degolado por ordem do regulo de Maravá em odio da fé a 4 de fevereiro de 1693, beatificado pelo Papa Pio IX neste anno de 1852, cuja inauguração solemne terá logar na igreja do vaticano em Roma na primavera de 1853. Esta obra interessante, escripta em estylo classico por Fernando Pereira de Brito, irmão do mesmo beato, impressa em Coimbra no anno do 1722; e agora nitidamente reimpressa com um importante addicionamento que contém muitas noticias sobre o referido Beato, e sobre as missões do padroado portuguez no Oriente, bem como as instantias feitas pela corte e bispos de Portugal para a canonisação deste Beato, e a historia do processo da sua beatificação, e uma gravura com a verdadeira effigie do Beato, e a carta topographica, em lithographia, da missão do Manduré, além de muitas viñetas, formando um livro de 400 paginas em oitavo grande, acha-se á venda em Lisboa na loja de Lavado, rua Augusta n.º 8, e brevemente estará tambem em Coimbra na loja de José da Mesquita, e no Porto na rua dos Caldeiros n.º 9 e 10. O seu preço avulso é de 800 réis, e para os assignantes 600 réis aos quaes tanto em Lisboa como nas províncias ser distribuida brevemente.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SA.

NUM. 24.

QUINTA FEIRA, 23 DE DEZEMBRO DE 1852. 12.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### NOVO MODO DE MACERAR OU CURTIR O LINHO.

O distincto escriptor hespanhol, e nosso pre-sado amigo, D. Ramon de la Sagra, escreve de Paris a um jornal de Madrid o seguinte comunicado, que revela um processo util para o nosso Minho.

» Sendo de maior interesse para Hespanha tudo quanto se refira á cultivacão e preparacão do linho e do canamo, parece-me conveniente fazer conhecido o mais recente descobrimento que para o curtimento destas duas plantas textis acaba de ensaiar-se com exito vantajoso. O publico em geral e os cultivadores deste ramo em particular devem já estar instruidos do que era conhecido e se praticava no anno preterito, por quanto alguns jornaes reproduziram a memoria que tive a honra de apresentar ao exm.<sup>o</sup> sr. ministro do fomento, e que era um capitulo da informacão geral sobre a exposicão de Londres, que o estado de minha saude me obrigou a interromper. Na dita memoria acha-se descripto com sufficiente extensão o methodo de curtimento por meio da agua quente, methodo que acaba de ensaiar-se em Orihuela no linho e no canamo, com excellentes resultados, por meu amigo, o sr. D. Balbino Cortez.

» O novo processo de que vou fallar simplifica a operacão, tornando-a mais efficaz; e pôde empregar-se para esse effeito o mesmo aparelho gerador de vapor, destinado no processo Schenck para aquecer a agua onde se poem a curtir o linho ou o canhamo. Consiste em empregar o vapor, baixa pressão, como unico agente; o que evita a fermentacão, difficil de impedir completamente no processo americano, e os riscos dos agentes quimicos, propostos e ensaiados por alguns fabricantes. O novo

methodo tem o nome de Watt, seu inventor, e é de extrema singeleza, demanda pouco espaço, é de summa efficacia e custa pouco.

» A materia bruta é collocada n'uma peça ou camara hermeticamente fechada, cujo soalho é o tecto de uma cisterna de ferro cheia de agua fria. Este primeiro andar acha-se perfurado de buracos a distancia de palmo e meio uns dos outros. O vapor, de baixa pressão, faz-se entrar pela parte superior da camara, atravessa as camadas de linho, dissolve as materias glutinosas, condensa-se pelo contacto do soalho de ferro, e cahe em forma de chuva pelos buracos, arrastando consigo as substancias que dissolveu.

» Esta operacão dura oito, dez, e ás vezes doze horas, segundo a natureza das plantas. Separam-se depois estas; fazem-se passar successivamente por quatro laminadores graduados, que são dúplos cylindros que se movem ou giram em sentido inverso. A sua acção consiste em quebrantar a parte lignea dos talos, facilitar a separacão das fibras textis, e a da agua na quantidade de 80 por 100. Ao sahir dos laminadores, a materia é transportada á estufa, aquecida pelos caloriferos de vapor que partem do gerador ou caldeira; e ao tiral-a dalli se despoja facilmente de todas as substancias que são estranhas á fibra. A operacão completa, entre o curtimento e a exsicacão, não gasta mais de 24 horas. Uma tonelada de materia bruta dá dois quintaes e meio de fevera preparada para o fabricante, e esta fibra é de qualidade tão superior que se paga por subido preço.

» O liquido resultante do curtimento por vapor, e que se encontra no fundo da cisterna de ferro, contem uma substancia mui nutritiva para os animaes, em o qual se remolham os restos da pressão das sementes do linho e de outras plantas oleosas; constituindo um alimento excellente, com que se pôde bem cevar o gado vaccum e igualmente os porcos.

» A associacão linaria de Belfast reconheceu que o methodo Watt tem as seguintes vantagens.

» 1.<sup>a</sup> Grande economia de tempo.  
 » 2.<sup>a</sup> Grande economia na fibra, porque a ~~operação~~ dá muito pouca estopa que se vende ao preço de seis a dez schelins o quintal, quando a boa fibra se paga de 50 a 100 schelins.

» 3.<sup>a</sup> Evitar os miasmas damnosos e o mephitismo do antigo systema.

» 4.<sup>a</sup> Obter um liquido inodoro e nutritivo para os animaes.

» 5.<sup>a</sup> Emfim, a facilidade de formar estabelecimentos com pouco dispendio, cujos productos podem vender-se por um preço vantajoso; o que servirá de estímulo para propagar a cultura e a industria das plantas textíes, a que for applicavel.

» O methodo pôde introduzir-se facilmente nos estabelecimentos formados pelo processo americano da agua quente, com a vantagem de economisar os gastos da construcção de madeira, ou de tanques de alvenaria, as retortas ou tubos de aquecer a agua etc.

» Posto que ainda não vi praticar o systema Watt, prevejo que poderá curtir-se uma grande quantidade de linho ou canamo dentro de pouco tempo, só com o auxilio das duas camaras ou quartos que deixo mencionados, ao passo que o methodo americano, tal qual o vi praticar em Belfast, não pôde obter-se sem quatro grandes cubas ou maceiras de madeira pelo menos, com muito maior espaço de tempo, e uma quantidade consideravel de agua.

» Aconselharei sempre que preceda a pratica. Porém, as vantagens que se inculcam são tão notaveis que me parece summamente importante para os grandes cultivadores de linho e canamo da península apressarem-se a introduzir o mencionado novo systema.

» O ensaio feito em Orihuela, onde se acha já montado um gerador, ou caldeira, de vapor, pôde facilitar extremamente a introdução do processo Watt; e faço esta recommendação com tanto maior efficacia quanto é certo que as experiencias alli feitas pelo sr. D. Balbino Cortez e os estudos de M. Serwanque, de Lille, me fazem duvidar da facilidade de impedir completamente, quanto ao canamo, os effeitos da fermentação segundose o methodo americano.

» Esta é a razão principal que me decidiu a registar a presente nota, em meio de meus padecimentos que me prescrevem o repouso.

» Maison de Santé, Chaillot, Paris 29 de novembro de 1852. «

RAMON DE LA SAGRA.

#### INSECTOS DESTRUCTORES DAS MATTAS.

Assim como os cereaes, as plantas leguminosas e as de pastagens, os bosques tem insectos peculiares que os devastam. Seus inimigos são: os *scolythos*, praga das arvores de alamedas, principalmente dos ulmeiros; a *hyterina*, os bisouros, etc.

Estes ultimos fazem taes estragos nas mattas que repetidas vezes é necessario deitar abaixo centenas de arvores antes que tenham attingido seu natural crescimento.

Quanto aos bisouros, o melhor meio de os acabar ou diminuir ainda é hoje o que, ha muitos annos, um homem de juizo, M. Romieu, imaginou, e que por isso lhe fizeram cantigas e caricaturas: porque a gente estúpida e com ella os superficiaes que presamem de espertos zomba de tudo sem averiguação nem exame.

M. Romieu, que foi ~~prefeito~~ de um departamento, estipulou um premio ás mulheres e rapazes que apresentassem certa medida cheia de bisouros que tivessem colhido ás mãos, como as ordenanças antigas municipaes da nossa península determinam acerca das cabeças dos pardaes e outros passaros damnhinhos ás searas; com a differença que por cá é obrigatoria a apresentação das cabeças, e allude-se com fraudes; e o ~~prefeito~~ mandava pagar pontualmente os premios pelas communes.

#### OS FABRICANTES DE SEDA EM MANCHESTER.

Inserimos o resumo dos seguintes documentos que nos parecem importantes para o estado das questões industriaes.

#### Memoria apresentada ao chancelier do thesouro pelos manufactores de seda de Manchester.

» A memoria mostra que seus assignantes são manufactores de seda do largo em Manchester; que a manufactura em que elles estão interessados se acha em estado de abatimento; que muitos operarios não teem occupação; e que por tanto este ramo de industria tem estado quasi estacionario em quanto á sua extensão, em um periodo de dez annos pelo menos, em quanto que todos os outros tecidos teem augmentado grandemente; que elles consideram que o abatimento e limitação do seu commercio se deve principalmente á pequena procura estrangeira, e são de opinião os supplicantes, que isto deve attribuir-se ao *direito protector* imposto sobre fazendas de seda estrangeira importadas neste paiz, por ser o effeito de taes direitos protectores o crear-se a impressão nos mercados do mundo de que a Inglaterra não pode competir com o manufactor do continente na producção de fazendas de seda, e lançar desta sorte todo o commercio de exportação nas mãos dos seus competidores francezes e suissos; que na opinião dos supplicantes, por necessaria que tivesse sido a protecção em outros tempos, agora ella lhes é positivamente prejudicial, e elles sentem que debaixo de qualquer governo, ou debaixo de quaesquer circumstancias, não pôde ser sustentada. — Os supplicantes, portanto, pedem

que bajeas de alliviar-os, regovendo o direito sobre sedas estrangeiras, *não parcial ou gradualmente, mas total e immediatamente*. e assim proclamar ao mundo inteiro que os manufactores de sedas de Manchester repudiam a falsa protecção, e todo o auxilio que o governo possa dar-lhes em qualquer tempo; que elles querem só depender do seu proprio merecimento, e que elles se propoem a occupar um logar mais elevado na escala de competição, do que tem podido alcançar debaixo dos cuidados tutelares. Manchester 10 de novembro de 1852. Seguem-se 27 assignaturas dos principaes manufactores de sedas de Manchester. »

A petição da Associação Commercial de Manchester por via do seu presidente diz :

Que veio ao conhecimento dos supplicantes que o maior numero das principaes firmas de Manchester, que manufacturam sedas, achando que o seu commercio estava abatido, expressaram a sua magesteade a sua convicção de que um tal estado de coisas deve principalmente attribuir-se á natureza limitada da procura estrangeira para as suas manufacturas. Que elles (os manufactores de sedas) consideram que se póde descobrir a origem no prejuizo creado na opinião dos compradores pelo direito protector imposto sobre sedas estrangeiras, fazendo suspeitar inferioridade de qualidade nos tecidos de seda britannicos. Que elles por isso pediam para serem alliviados deste obstaculo ao desenvolvimento do seu ramo de industria, pela total e immediata abolição de taes direitos protectores, « e assim, « para usar dos seus termos, proclamar ao mundo « inteiro que os manufactores de sedas de Manchester repudiam a falsa protecção, e todo o auxilio « que o governo possa dar-lhes em qualquer tempo. » Que os supplicantes olham estes factos como mui agradável e concludente prova da verdade e certeza das opiniões defendidas pelos advogados da liberdade de commercio, e consideram aquelles individuos com direito ao allivio que procuram. — « Sêde portanto servido tomar este assumpto em vossa favoravel consideração, e habilitar os manufactores de seda deste paiz a estender o seu commercio, e competir mais efficazmente com os productos da França, e de outros paizes, nos mercados do universo, pela revogação total e immediata dos direitos de importação ainda lançados sobre fazendas de seda estrangeiras. E receberá mercê. Manchester 25 de novembro de 1852. »

#### **PRESERVATIVO EFFICAZ CONTRA A PERIPNEUMONIA EPIZOOTICA DO GADO CORNIGERO.**

Acaba de fazer-se na Belgica um descobrimento que interessa summamente os agricultores de todos os paizes.

24 .

M. Willems filho, doutor em medicina em Hasselt, achou um meio simples de preservar os gados das epizootias, flagello terrivel que ha muitos annos devasta a criação de muitas regiões da Europa, e que até o presente não tem sido combatido senão por meio de precauções hygienicas, e separação absoluta das rezes doentes.

O methodo de M. Willems, que parece confirmado por uma serie de factos concludentes, consiste na inoculação da propria affecção contagiosa. Toma-se o virus de um boi infectado, e introduz-se no rabo de um boi sadio; em virtude desta operação desenvolve-se localmente uma serie de phenomenos morbosos, de uma natureza especial, e depois que estes ~~desapparecem~~ o animal fica fóra de perigo.

As experiencias de M. Willems foram feitas com todo o cuidado possivel n'um estabulo pertencente a seu pae, presidente da ~~comissão~~ provincial de agricultura do Limburgo. Ahi não cessára o flagello no decurso de 15 annos; 108 bois ou vaccas passaram pelo acto da inoculação, e nem um so foi atacado de peripneumonia; quando de 50 que faziam sob as mesmas influencias e de igual tratamento na subsistencia e mais condições, mas que não haviam sido inoculados, 17 padeceram a molestia.

M. Willems generosamente franqueou o seu segredo ao governo belga, que ha pouco fez a nomeação de individuos competentes para examinal-o.

#### **A MADEIRA DO PLATANO.**

Tem-se gabado muito o platano pelo seu prompto crescimento, a frescura da sua sombra, a salubridade que produz na atmospherá que o circunda; e por isso foi admittido nos jardins, nos parques, e até nas praças publicas; ainda que hoje vae passando da moda, como acontece a todas as coisas uteis que se trocam por novidades insignificantes e sem proveito.

Aquellas boas qualidades eram bem patentes; mas, ainda ha outra que o faz apreciavel, e vem a ser o bello emprego que se póde fazer da sua madeira.

O platano, estando bem secco, é famoso para obras de marcenaria; tem consistencia e ao mesmo tempo é macio para se cortar e afeiçoar, apresentando formosos veios e recebendo todo o polimento. O carvalho, dominador dos bosques, não é a certos respeitois tão proprio para determinadas obras, como o platano, que não estala, sujeita-se a toda a esquadria, offerecendo arestas vivas e bem pronunciadas. Serve para toda a casta de semblagem solida; e porque é compacto fornece tambem molduras delicadas.

A sua madeira cortada em differentes direcções apresenta matizes, cambiantes e accidentes de côr, mui proprios para toda a casta de embutidos; a

sua superficie lisa mostra ás vezes um certo relevo ; mas não são revessos e resaltos, como tem o carvalho ; são illusões de optica e não defeitos.

Verdade é que o fundo desta madeira é de uma brancura um tanto desengraçada em geral ; mas recebe bem as côres e o banho da cêra, que juntamente com os veios naturaes lhe accrescentam belleza.

## PARTE LITTERARIA.

A NOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXXVI.

REVELAÇÕES.

(Continuado de pag. 273.)

A narração continuou. A filha de Luiz, pintando tudo com a commoção de quem assistira a parte da catastrophe, descreveu o encontro do principe com Jeronymo, a illusão deste tomando Cecilia por Thereza, enganado pela similitude da voz e pela escuridão da noite, o susto e a perplexidade da educanda, desvairada, suspensa, e cheia de terror no meio do conflicto de dois rivais, cegos de ciúme, e impacientes no seu odio. De proposito a noiva do conde insistiu na perturbação natural da sua amiga, vendo-se entre dois homens, que podiam com uma voz mais alta, com qualquer estrepito, perdê-la, entregando-lhe a honra ás murmurações do mundo, e a fama aos dentes da calúnia. Contra o que a noviça esperava, Thereza tinha-a ouvido callada, e mais tranquillada do que acreditara ; porém, os olhos tornaram a despedir os mesmos reflexos metallicos e a arder na mesma chamma sombria, que ha pouco os fizera ameaçadores. « O collo de garça » como dizia o classico Diogo de Mendonça, perdera a curva languida e graciosa, e sustentava erecta a cabeça, cuja posição orgulhosa annunciava a tempestade a rebentar. A luz da vista ainda realçava mais ao pé da alvura transparente do rosto. As veias principiaram a desenhar-se pronunciadas sobre as fontes e na testa ; e a physionomia a manifestar a indignação altiva, que em certos momentos tornava a belleza da irmã de Cecilia semelhante á irosa formosura de Juno.

Fugindo e voltando á superficie da bocca o sorriso, tinha uma ironia e uma dureza, que

repellia ; e a agitação nervosa, que se percebia nas rapidas contracções das sobrançellas e das azas do nariz, indicava um violento esforço da vontade para sopear a cholera. Houve um instante de silencio, em que as duas donzellas se mediram, como dois luctadores antes de se enlaçarem no combate. Catharina, timida e tremula exteriormente reassumia as forças, e preparava-se para a crise eminente. A filha de Philippe, mais desconfiada, e mais ferida no orgulho, do que dominada de verdadeira ira, sustentava no gesto e no tom as apparencias da serenidade, e nada esquecia para esconder a offensa real debaixo de imaginarios pretextos. Como a noviça parecia esperar uma pergunta, Thereza decidiu-se a fallar primeiro :

— « Sabe que acho singular o que me está contando, D. Catharina ? » disse ella. « Que Jeronymo se enganasse com o bilhete, desculpo ; mas que antes de me accusar nem ao menos me olhasse para o rosto, nem sequer me dirigisse uma palavra, uma só, e era demais para se convencer do erro ; não posso intender, nem devo perdoar. »

— « Tinha ouvido a sua voz... a de sua irmã, quero dizer » acudiu a noviça « e como sabe são tão eguaes, que eu mesma, não vendo Cecilia, se a ouvisse, Thereza, julgava que era ella... »

— « Jeronymo creou-se commosco desde creança » interrompeu a donzella com um sorriso frio « e devia lembrar-se. Não bastava escutar, devia vêr... E minha irmã como deixoupezar a culpa sobre mim, podendo com um grito, com um gesto salvar-me a honra ; a honra, que de tudo é o que me importa ! » ajuntou com força e em tom glacial. Cecilia calou-se, sabendo o engano de Jeronymo, e não deu um passo para evitar uma desgraça... tão facil de prevenir ! Sabe que isto é para o coração se não fiar de ninguem, e a alma se desprender de todos ? Minha propria irmã, vendo-me innocente e infamada pela sua leviandade, não abriu a bocca e consentiu... »

Catharina levantou-se de repente, não pallida e timida, mas com o fogo da indignação nas faces e nos olhos, e o gesto imperioso de uma amiga offendida. As pupillas azues dardejavam chammass ; o semblante severo e animado infundia respeito ; a voz não alta, porém vibrante, era irresistivel. Pegando com impeto na mão de Thereza e subjugando-a pela vista fixa e cheia de censura, mostrou-lhe o leito, e prostrado nelle o corpo de sua irmã, dizendo :



— « Cecilia fez mais do que fallar, porque ás vezes a dôr soffoca; Cecilia quiz morrer para enganar Jeronymo. Que mais havia de sacrificar aquelle anjo do que o sangue e a razão para expiar o amor verdadeiro da sua alma, que outros escarnecem ou sepultam com um sorriso!... Se os loucos attendessem não eram loucos. Se elle não trouxesse o veneno mortal no coração, julga que a sua espada cortaria no peito de sua irmã? Thereza seja sincera, se não fizesse um deus do seu orgulho, Jeronymo certo de seu amor iria buscar a morte e a desgraça? »

A filha de Philippe diante desta accusação exacta e vehemente baixou um instante os olhos e a cabeça. Mas foi só um instante. Voltando logo ao tom frio e ironico, com que principiara, e respondendo ao gesto de Catharina por outro mais altivo ainda, exclamou:

— « No lugar della eu dizia um nome, o meu, e explicava tudo! »

— « No lugar della » redarguiu severamente a noviça, olhando-a com orgulho « duvido que fizesse, mesmo, o que eu a vi fazer. De longe, oito dias depois, e sem perturbação, é facil calcular! »

— « D. Catharina, mas não vê que eu é que padeço? Que elle me accusa, e a esta hora na sua dôr talvez me amaldiçoa? » observou Thereza, amaciando e meia convencida.

— « E Cecilia não padeceu, não padece mais do que todos; porque Jeronymo uma palavra sua o salva, em quanto que ella não pôde ter já consolação no mundo? »

— « É verdade! O amor de El-rei... é muito alto para nós! » atalhou a noiva do capitão com um suspiro.

— « Sim. Ou ha mulheres com o coração muito grande para descender até El-rei! » disse Catharina fitando-a com expressão particular.

— « Descer?! » exclamou ella pasmada.

— « Descer, repito. Quem não pôde ser esposa e igual, desce pela infamia, não sobe com o amor... Fallemos de Jeronymo. Ainda o acha muito culpado, muito arrebatado? »

— « Catharina, se fosse isso, não me queixava. Vou dizer-lhe o que sinto, o que tentei occultar-lhe até agora, e não quero esconder-lhe mais; Jeronymo não me estima. Acreditou que eu era capaz de ir de noite, e só com um homem estranho, entregar... »

— « Sua irmã foi, e apezar disso!... » interrompeu a noviça irritada.

— « Minha irmã o seu amor é que a levou,

Não era noiva; não devia nada senão á sua honra. Confiou, e atreveu-se? Mas eu... bem vê a differença!... Se amasse outro e me calasse; se me entregasse em segredo; e o negasse a Jeronymo?... Catharina, ha idéas que o coração se parte de dôr e as faces se cobrem de vergonha!... Jeronymo duvidou da minha honra; se me estimasse tinha vindo com esse bilhete na mão pedir-me um desengano. Não veio. Desprezou-me! Quiz humilhar-me diante do seu rival, de quem suppunha seu rival! Vingava-se manchando de sangue a minha fama, e a reputação de uma casa, aonde era quasi filho. É vil, é indigno! Que direito tinha elle para me arrastar pelos cabellos ás murmurações e calumnias do mundo? E dizem a sua alma grande e o seu peito forte!... O mal que fez a si; o coração de minha irmã que rasgou por toda a vida; o golpe que teve a fraqueza de lhe descarregar... »

— « Thereza! » exclamou Catharina pondo as mãos e empallidecendo.

— « Era para mim! » proseguiu esta. « O esposo terno, o irmão extremoso, só porque julgou que não o amavam, tornou-se um tigre, e nada o contentou senão a minha vida e a minha des-honra!... Como lhe hei de perdoar? Como quer que torne a vel-o sem corar de pejo e de indignação, porque elle, no que fez, mostrou suppor-me capaz de tudo?!... »

Dizendo isto a donzella soffocava-se e as lagrimas saltavam-lhe pelos olhos, não doces e piedosas, mas ardentes e amargas, como as que o orgulho expreme, envenenando o coração. A filha de D. Luiz percebeu que era o momento de salvar ou de perder tudo. Pegando-lhe de novo na mão, e olhando para ella com amizade, quasi ao seu ouvido, murmurou:

— « Jeronymo foi culpado, tem razão; mas, para sermos justos, não accusará tambem aquella que o levou á sua loucura? »

— « Eu?! » exclamou Thereza recuando, ainda mais desmaiada do que estava. « Juro-lhe, protesto-lhe!... »

— « Porque não teve dó de o vêr padecer, e por orgulho, por capricho, o fez tão fraco de animo e tão cego de razão? Não sabe que os homens como elle são creanças, e que um gesto os perde, e um sorriso os salva? Diga-me, quasi esposa de Jeronymo disse-lhe uma vez só ao menos que o amava? »

— « Não! Mas... » acudiu ella sobresaltada.

— « Prometteu-lhe amor? A verdade!... tra-

cta-se da vida de seu segundo irmão, bem vê! »

— « Não! » repetiu a donzella, agitada e desviando a vista dos olhos da sua amiga.

— « Para o socegar, disse-lhe ao menos que não amava... que não pensava n'outro?... Também não. Confessou-lhe que o seu coração e a sua idéa estavam longe d'elle, e que precisava combater-se para um dia o vir a amar talvez!... Nem uma esperança, nem uma palavra consoladora!... »

— « Mas elle devia entender, quando fugi do quarto... »

— « Que o mandavam esperar seis mezes com dó de que acabasse de paixão dentro de seis dias? » atalhou Catharina. » Não podia perceber outra coisa. »

— « Sabe-o?... Elle disse-lho? Fallou-lhe?... Pela sua alma, D. Catharina, não me engane; Jeronymo é que lhe contou?... »

— « Não, menina, foi o padre Ventura; socegue. Agora depois de tudo isto junte o bilhete, a illusão da voz, o encontro de um rival supposto; o ciúme, a raiva, a desesperação... e o amor como o infeliz o sente; calcule a sua dor, o seu martyrio em quanto escutou; diga-me: que homem deixaria de fazer o mesmo? No logar d'elle, seja sincera Thereza, teria a cabeça livre e a alma serena para prever os perigos, e conter a explosão de tantas magoas?... Depois saiba, Cecilia é que se feriu a si. As espadas estavam cruzadas quando ella se metheu no meio. Ao grito, que arrancou, e ao luar que se descobriu e lhe deu a conhecer o príncipe, o desgraçado é que deu pelo sangue que derramára! »

— « É ainda cuida que é o meu? »

— « Ainda. Não teve, não lhe deram tempo para se enganar. »

— « E accusa-me? Maldiz-me? »

— « Uma vez. Outras chora porque não morreu... sobre o seu corpo. »

Thereza cruzou os braços e deixou pender a cabeça. A mão enchugou a furto duas lagrimas; o brilho dos olhos era terno e não ardente. A neiva do conde de Aveiras affastou-se um instante, cheia de esperança, e de alegria. A luz da fôrta aspera e renhida; mas no fim a victoria parecia certa.

— « E o padre Ventura crê que se pôde salvar... como, Cecilia? » perguntou a donzella erguendo a fronte, e lançando um olhar indeciso.

— « Espera muito... do seu coração » respondeu Catharina soffocada pela anciedade, porque

venido este ultimo ponto, tudo estava ganhado.

— « E o que pôde fazer... o meu coração a favor d'elle? » acudiu a irmã da educanda disfarçando as proprias commoções com a indifferença affectada.

— « Tudo. Restituir-lhe a razão, e a vida pela esperança. »

— « Não percebo. »

— « Se a visse, se o desenganasse... »

— « Devo então ir á prisão, vel-o e ouvil-o?! »

— « É o meio unico. Elle crê que está morta; que o trahi. Achando-a ao pé de si, o sobresalto, o jubilo... »

— « E depois do que sabe, crê D. Catharina que eu devo ir expor-me a vêr o meu nome amaldiçoado, a minha honra escarnecida, e a minha piedade desprezada?... Acha pouco ainda o que elle fez; quer que esgote até á ultima humilhação? Que me deixe pisar aos seus pés, e que innocente e offendida vá fazer-me culpada e servir?... »

— « Thereza, não ouça só o orgulho! exclamou Catharina. É um louco, um infeliz, que vai salvar da morte á custa de poucos momentos de paciência. Que lhe importam, com a sua consciencia forte, as vozes do delirio, as offensas de quem a não conhece? Passados alguns instantes de dor e de soffrimento não vê a gloria e o prazer que ha de sentir pelo vêr arrependido e grato; a divida a que o obriga pela generosidade em lhe perdoar? Seja o anjo por quem elle chama, e não a mulher que elle julga detestar! Livre-o pelo amor, já que elle se perdeu pela amar!... »

Thereza ainda hesitava. Ambas se callaram momentos, tremulas, anciosas e soffocadas. No meio desta pausa a voz debil, mas clara de Cecilia, chegou-lhes ao ouvido, alvoroçando o coração. Olharam. A educanda sentada na cama, e branca da pallidez interessante, que ainda a tornava mais seductora, dizia á noviça e á irmã.

— « Havemos de salvar-o. Eu e Thereza iremos vel-o e dizer-lhe a verdade. »

As duas meninas com os olhos humidos e o peito comprimido correram para ella, e cada uma pegou em sua mão e pousou-lhe os labios.

— « Ouvi tudo. Estava acordada ha bocado, mas não as quiz distrahir. Jeronymo padece por minha causa. Eu é que o devo salvar. Vou melhor; amanhã posso levantar-me. Em quatro ou cinco dias irei mostrar-lhe a ferida que me fez e repetir-lhe as ultimas palavras do jardim. Bem

vés, Thereza, a mim elle ha de acreditar-me por força!»

— « Tu ires fallar-lhe !.. Nesse estado ? » disse Catharina.

— « Eu mesma. Sabia já o que elle devia soffrer, e se agradeci a Deus a vida foi para o salvar. De que posso eu servir no mundo antes de o deixar, senão para fazer felizes aquelles que mais amo ? Basta que uma chore e se enterre com a sua magoa, viuva antes de ser esposa ! »

O sorriso angelico e a doçura de voz com que proferiu estas palavras fizeram desatar o pranto de Thereza e o de Catharina. Ella beijou-as carinhosa, affagou-as com meiguice, e cerrando a meio os olhos murmurou cruzando os braços sobre o peito.

— « Ainda hão de ser ditosos todos; que importa que eu o não seja só ? »

— « Tambem tu, minha irmã » exclamou Thereza com effusão. « O tempo e o nosso amor não hão de consolar-te ?.. »

— « Eu ?.. » disse ella com um suspiro e um sorriso que fazia dó. « Sim. Quando Deus permittir que esqueça o mundo... no céu ! »

Nenhuma das duas amigas respondeu. Ha verdades que impõem silencio.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

### ● EREMITA.

O sr. Luiz Filippe Leite, professor e director da eschola normal, tão vantajosamente conhecido nesta capital como esmerado cultor da boa litteratura, imprimiu na *Revista dos Acores* de 24 do passado, a seguinte composição poetica, que com muita satisfação reproduzimos.

Requiescant in pace.

Amostrou-se jámais a natureza  
Bella, como em sertões ignotos de homem !  
Quem mais perfuma os cous do que essas auras  
Qu'inda a mão do summo conserva puras,  
Entre mil benções repetindo cantos  
De perpetuo louvor. No sole virgem  
Segredam virações sonhos que a terra  
Só póde allí sonhar. Eterna esp'rança  
Braceja pelas arvores tão verde  
Como no albor do dia em que o Universo  
Foi dado em patrimonio ao pae dos homens.  
É noite; a immensa abobeda suspende  
Mysteriosas alampadas d'estrellas.  
Columna desmedida no deserto

Se ergue em cada palmeira. Cõa o vento  
Ignotos sons quaes d'harpas invisíveis.  
Meneia o cedro a coma verdeneira,  
Em quanto lá ao longe dois cyprestes  
Parecem calcular horas da campã.

Escuta o baobab a selva toda  
E vae gemendo a espaços melancolico  
Sob o docel enorme que sustenta.  
A lua afogueada vae sumir-se;  
Luzeiro que girou por sobre as trevas,  
E que as trevas do occaso já sepultam.

Um vulto além negreja soluçando !  
Aqui... na solidão... ouvir-se um homem,  
No ermo a penitencia. Oh! sim que as lagrimas  
Só longe dos mais homens se convertem  
Em celestes diamantes! Mas terrores,  
Distancia, abysmos, tudo que separa  
O deserto do mundo... em vão: no peito  
Reside o coração que abysmos vence,  
Ajoelhado está, marejam prantos  
No semblante do monge; algo medita  
Que a mente lhe tortura; toscos ramos  
Lhe fizeram a cruz, ante quem resa!  
Ora mais alto; é muda a solidade  
Té'gora estranha a penas; devem queixas  
Ir gelar as entranhas dessa terra.

« Medianeira do Céu,  
Só para mim não te peço  
Ainda que bem conheço  
A nudez do canto meu!  
Se é tão pobre como o Lázaro  
De qué falla o Evangelho,  
Tem a esp'rança por espelho  
Com a luz que a fé lhe deu.

« Se o pranto me embarga o voz  
Se me afogam mil tristezas,  
É que no peito ha deveras  
Que as desconhecemos nós.  
Mas os seus mysterios intimos  
São decretos lá de Deus  
Que se revelam em tudo  
Sem quebrar os sellos seus.

« Ah! não pego para mim,  
Por todos eu peço agora.  
Oh! perdoa quem t'implora  
Ousando pedir assim!...  
Arverada sobre lagrimas  
Te deixou o Omnipotente,  
Para que desses clemente  
As magoas perpetuo fim.

« Manda-nos dias de paz,  
Para sempre, oh cruz, desterra  
Esse delirio em que a terra  
Se devora pertinaz!  
A culpa é nossa!... melhora-nos,  
Inspira a perdida gteí  
A abraçar os teus dictames,  
A seguir a sancta lei.

« Não creio o que a terra diz!  
Que me importa a sua vida...

Quando a festas se convida,  
Quando finge ser feliz!?...  
Como os labores do tumulto  
Encobrem o asco dos vermes  
Assim ella occulta os germes  
Da miseria que maldiz.

« Se até a flor em botão  
Que nos manda a Providencia  
Não a poupa a inclemencia  
Do terreno furacão!  
Se não morre, e suas pétalas  
Innocente quer abrir,  
As vamos tingir de sangue  
Ao som de nefando rir!!

« Para as planicies de azul  
Onde estão brilhando estrellas,  
Quem se não prostou ao vel-as  
Aos milhões de norte a sul?  
Que importa! cerram-se as palpebras  
Para a luz que lá reside,  
Cá para a voz de David  
Ha ouvidos de Saul!

« Que importa se até o amor  
Que nos doira a pobre vida  
Se converte em homicida  
Como em venenos a flor!  
Se em quanto se-entoam canticos  
Ruje o crime a blasphemar,  
Se em quanto surri o nauta  
Surge a procella do mar!

« Ah! compadece-te, ó cruz  
D'este nosso desamparo,  
Que eu tremo quando o comparo  
Com os males que produz.  
Traze-nos celeste balsamo  
Que mitigue tantas dores,  
Pois a agencias maiores  
Este viver nos conduz.

« Como os triumphos são vãos  
Quando na mesma mortalha  
Some o campo da batalha  
Os cadaveres de irmãos!  
Ai, que gloria tão ephémara  
Não é a de conquistar,  
Quando a conquista é a patria,  
O vencido o proprio lar!

« Oh! todas essas nações  
Soffrem jugo tão horrivel,  
Que suppõem já impossivel  
Soltar-se de seus grilhões:  
Bem o sentem, mas conservam-no...  
É cancro cujas raizes  
Se alargam nas cicatrizes  
Das luctas das ambições! »

Voz intima responde ao triste velho...  
Cála... a resignação parece amarga.  
Pede um milagre, péde-o, continúa  
Co'a mente absorta a prece que desliza

Imperceptivel timida dos labios!

Victima do vulcão que lhe consome  
A malfadada patria, o pobre velho  
Viera a novo mundo o sacrificio  
Completar: nas missões por entre as tribus  
Semea co'a palavra maravilhas,  
Que fazem deslembrar do claustro as ditas;  
Que pagam por momentos as saudades  
Da cella de que um dia se apartára.  
Escurecera mais e mais a noite,  
De calice tão negro rompe a aurora;  
Novos orvalhos vem dar brilho á matta.  
Aljofares a cruz sustem nos braços:  
Gelado jaz o monge ao pé do lenho!  
Amara e muito o fogo d'aquella alma:  
Eil-o jaz! succumbiu... antes repousa!  
Alli o seu bom anjo escuda ainda  
Co'as azas prateadas esses restos.

' Alma gentil partiste agora em jubilos  
Gosa da eterna paz só dada aos mortos! '

Lisboa, junho 26 1852.

LUIZ FILIPPE LEITE.

### BIOGRAPHIA ARTISTICA

**Madame Malibran, nascida em Paris  
em 1808.**

A celebre cantora Malibran era hespanhola por ascendencia, sendo filha do tenor hespanhol, de bastante reputação, Manuel Garcia. O seu verdadeiro nome é Maria Felicia Garcia. Seu pae, bom compositor, apreciado como cantor, e especialmente como mestre de canto, tomou a peito cultivar as felizes disposições de sua filha para a musica, Marietta não mostrava, comtudo, muitas tendencias para acquiescer ás vontades do pae, que desde tenros annos lhe descobriu a excellente qualidade do que se chama *bom ouvido*, dom exclusivo da natureza; tinha, porém, a voz aspera e por isso mesmo desagradavel.

Manuel Garcia foi para com sua filha um mestre rigoroso, até mestre tyranno, porque não ignorava que as suas aturadas lições iam produzir um phenomeno: e com effeito a appareição de Marietta, depois da sua primeira educação musical, ainda que não fizesse extraordinaria impressão nos amadores da arte, foi muito significativa para o seu intelligente preceptor. Comsigo a levou este para a America do norte, e casou-a com Mr. Malibran, negociante rico que passado pouco tempo quebrou, por fortuna da arte que chamava Marietta ao theatro de suas inesperadas glorias. Foi em Nova-York onde Madame Malibran adquiriu e sempre sob a direcção de seu pae os conhecimentos que tanto a fizeram brilhar na Europa.

Paris a esperava, Paris de 1827, que impunha respeito aos mais acreditados artistas; e Madame Malibran se appresentou no *salon de l'opera* a desempenhar a *Semiramis* de Rossini; foi unanime o entusiasmo que produziram a sua voz, tão dura nos primeiros annos quanto depois suave e melodiosa, e a expressão de seu canto arrebatador; no dia immediato

celebrou contracto como *prima donna* no theatro da opera italiana.

Dezenove annos tinha a filha de Garcia, quando eclipsou com sua gloria a das mais applaudidas artistas. Em Alemanha, na Italia, na França, e na America, a sua vida foi uma continuada serie de triumphos, de que estão cheios os jornaes politicos e litterarios da época, sem fallarmos nos escriptos especialmente dedicados á historia e á theoria da arte. Estes a applaudem como primeira cantora da nossa idade depois da famigerada Catalani, porquanto foi ella a mais fiel interprete das tres escholas de canto alemã, italiana e franceza; e nesta variedade de talento ainda sobrepujava aquella sua rival.

Mas, o seu trabalho era incessante; cobiçosa de fama estudava noite e dia. O seu cabedal artistico era immenso; e na mesma opera com equal promptidão executava a parte de soprano que a de contralto, e ambas com seguro exito: assim, em Paris n'umas noites cantava o papel de *Semiramis*, n'outras o de *Arace*; com a mesma facilidade e maestria desempenhava Rosina no *Barbete de Sevilha* e Ninetta na *Gazza Ladra*; todos os generos estavam na sua affinação, como Desdemona no *Othello* fazia chorar, como a citada Rosina fazia rir.

Em Paris annellou Mariotta o seu primeiro matrimonio e casou-se com o afamado rebequista Mr. Berriot; á celebração destas bodas assistiram Rossini, Bellini, Mercadante, Auber, Thalberg e outros insignes compositores; foi feliz no seu segundo consorcio e levou ao tumulo a doce consolação de que era adorada do seu esposo.

Possua com perfeição quatro idiomas; o hespanhol, lingua materna, o francez, linguagem de sua educação, o inglez, que era a de suas viagens, e o italiano, a da sua arte. Desenhava correctamente, manevava com gentileza e bizarría o florete e a pistola, sabia nadar, e montava a cavallo como o melhor ginetista.

Victima foi esta celeberrimo artista da mordacidade e da maledicencia; anedoctas varias circularam ácerca de seus habitos, desmentidas, porém, pelas pessoas que a conheceram e de perto tractaram.

A musica perden a sensivel e malograda Malibran no dia 23 de setembro de 1836. Pereceu na idade de 28 annos, em resultado de tombar-se a carroagem indo para cantar n'um concerto; não a sangraram a tempo; sempre cantou e aggravou-se o mal. Quando a sangraram era tarde, o seu verdadeiro amigo Lablache oppoz-se a esta operação; porém, foi forçoso ceder á teima de um medico; os bons desejos deste custaram a vida á prima donna por excellencia. — A Inglaterra possui as suas cinzas.

## NOTICIAS E COMMERCIO.

**Companhia para a exportação da fructa dos Açores.** — Acabamos de ver o prospecto de uma companhia, ha pouco projectada em Londres para a exportação da laranja destas ilhas dos Açores em barcos de vapor, construidos expressamente para

esse fim, comprehendendo tambem a das fructas secas mediterraneas.

Duzentas mil libras, em dez mil acções de vinte libras cada uma, é o fondo desta associação, da qual é director, com outros quatro de equal credito, M. Mc. Andrew, correspondente de varias companhias, e casas de commercio de laranja desta ilha de S. Miguel.

Incalculaveis são as vantagens promettidas no prospecto, impresso em Londres em 5 de outubro do corrente anno, não sendo a menor de todas a presteza da viagem com a ventilação conveniente á conservação da sanidade da fructa: accomodações para 30 passageiros; tocar occasionalmente, durante a estação, na ilha da Madeira, etc. etc.

Com seis vasos de 400 toneladas, e força de 80 cavallos cada um, tem de dar-se principio ás operações.

Custará cada um delles oito mil libras.

Lucrar-se-hão por anno. . . . . 7:350 lbs.

Donde deduzidas todas as despesas, valendo. . . . . 5:628 »

Será o liquido provento. . . . . 1:722 » ou mais de vinte por cento sobre o custo.

O capital será exigido por pretações de não mais de 10 libras cada uma.

Das ilhas dos Açores exportaram-se na colheita preterita immediata 353 cargas, contendo 200:000 caixas grandes de laranja. Que lucros não tirariam os exportadores, se a fructa chegasse em bom estado?

Mas será este *desideratum* preenchido pelo actual projecto?

Variadas, e muito, tem sido as opiniões a elle respectivas. Compre-nos fazer scientes nossos leitores das que mais plausiveis nos parecem.

Dizem alguns intendedores que, sendo escasso o numero de vapores para o transporte de toda a laranja de S. Miguel, e das outras ilhas Açorianas, conviria (1.ª condição) ser elevado ao de doze, de 400 toneladas cada um; podendo neste presupposto, exportar-se só de S. Miguel 30:000 caixas por mez; o que nos cince da exportação dá 150:000 caixas, termo medio da produção annual.

Acrescentam (2.ª condição) que para o exito prospero do plano conviria egualmente que as companhias, e casas exportadoras nomeassem d'entre si uma direcção, que presidisse á distribuição da fructa na proporção da totalidade, que cada uma contasse embarcar durante toda a estação.

Ocorrendo-lhes mais uma 3.ª condição, que toda se cifra em deverem contratar as referidas casas, e companhias com a dos vapores, de modo tal, que esta fosse obrigada a zelar como coisa sua as fructas exportadas, para desse zelo e cuidado se derivar o maximo dos preços nos mercados de Inglaterra.

Concluindo que, por falta da primeira condição, teremos de ver luctas renhidas entre os vapores, e os navios de vela expressamente construidos para os transportes das fructas mediterraneas, e açorianas, abatendo estes os preços dos fretes, para os levantarem depois como bem quizerem, havendo posto os vapores fóra da competencia.

Que por falta da 2.ª condição atulhar-se-hão os mercados, acontecendo o que ainda lembra do anno preterito, isto é, ganharem uns muito, e perderem

muito oneroso: e que deixará de ter lugar distribuindo-se proporcionalmente os lucros (ou mesmo as perdas havendo-as).

Em fim, que por falta da 3.<sup>a</sup> condição pouco haverá de importar á companhia de vapores que as companhias, e casas açorianas ganhem, ou percam, ou tanto que aquella vá a seu caminho, e se locuplete com as fadigas, e suor dos proprietarios de laranja, e dos exportadores de seus productos.

Taes são, pouco mais ou menos, as reflexões dos que intendem da materia, á vista das quaes ajuizará o publico a favor, ou contra.

Quem pretender inscrever-se nesta companhia poderá dirigir-se ao sr. Guilherme Brander, correspondente dos directores, o qual lhe fornecerá ultteriores informações.

**Missaes catholicas.** — Muita gente ignora que ainda vão missionarios apostolicos, com verdadeira fé e zelo evangelico, chamar ao gremio christão tribus incultas em terras inhospitas. — D'entre muitas escolheremos a seguinte prova, que tomamos do jornal *A Ilha*.

« O extracto que vai ler-se é de uma carta do padre Laverlochere, missionario da bahia de Hudson. Diz assim:

« Vou aproveitar esta demora inesperada para fazer uma breve e ultima observação ácerca destas terras tão tristes, mas tão caras a meu coração. Só fallarei da parte do sul da bahia de Hudson conhecida com o nome de bahia de Jaime. Estende-se esta desde o 51° de latitude até o 55°, onde começa a verdadeira bahia de Hudson, a qual se estende tambem até o mar de Baffin na altura de 75°. A navegação só se abre no meio do mez de junho, e apenas dura até meio de setembro; e tambem, durante estes tres meses de verão, é mister passar pelo meio de enormes bancos de gelo para ir de um a outro lugar. O navio, que vem cada anno de Inglaterra á bahia, gasta mais de dois mezes em andar algumas 350 legoas. De dois navios que iam ao forte de York, levando mercadorias para o Rio Vermelho, um pereceu nos gélos no mez de julho passado.

« A bahia de Jaime parece ser povoada de muitas baléas brancas, porcos marinhos e outros cetaceos, de que os indios makegongs e esquimaux fazem seu principal sustento durante o verão, assim como a carne do urso branco é seu principal alimento durante o inverno. Os europeos nunca tem podido acostumar-se a este regimen nauseante, e em quanto vêem os indios gostarem com delicias e em grande porção a gordura fetida do lobo marinho, não pôdem sómente chegar-a aos labios sem sentirem náuseas. Nenhuma das ribeiras que afluem a esta immensa bahia parece ser venenosa, e a agua é de máo sabor. Todo o terreno que circunda a bahia é inacessivel á cultura; a agua nunca degela até ao fundo, e até se congela no pino do verão. Asseguraram-me que, durante o inverno, ha nqz matos até vinte pés de neve, e que no mar o gelo não tem menos de trinta a trinta e cinco pés de espessura na sua superficie plana, e isto aos 56 grãos de latitude. Que espessura deve pois ser a sua no 75.º grão?

« Durante esta estação rigorosa, os indigenas que vivem nos matos enterram-se em cabanas de neve,

e aquelles que vivem á beira do mar fazem casas de gelo, onde se escondem durante sete a oito mezes, e só sahem dellas quando a fome os aperta. Então vae o caçador em perseguição dos ursos brancos. A pelle destes é sua unica defeza contra o frio porque nunca accende lume. Come a carne crua, e daqui vem a palavra Esquimaux, *ESKI* (crua) e *MAK* (come). Em todo o verão não se vê nenhuma especie de caça; a meio correr de setembro é que os pardais e as batardas começam a apparecer. Estas aves fazem sua mudança do norte para o sul em quinze dias. São hoje em memor abundancia que dantes, porque, desde algum tempo, os especuladores americanos vão cargar seus navios com ovos de batardas nas costas do Labrador. Se este commercio dura mais alguns annos, vai arrebatat aos desgraçados habitantes da bahia de Hudson o principal e quasi unico recurso que a Providencia lhes dá.

« Os indios, assim como os agentes da companhia da bahia, não tem outros animaes de carga mais que cães chamados *CÃES DA TERRA NOVA*. Atrelam-os dois, tres e ás vezes quatro todos juntos, e então carregam pesos de 250 a 300 libras. Este animal é aqui como em toda a parte o inseparavel companheiro, e o mais fiel amigo do homem, tão intelligente como cheio de gratidão. Um dia vi eu um que tinha a cabeça presa entre dois troncos de arvore, e e dos quaes não podia desprender-se; dava uíros medonhos. Livre-o, e desde esse instante nunca mais me quiz largar. Atravessava eu uma ribeira em uma canoa, e lançou-se elle a nado; e algum tempo depois embarcando eu em uma goeleta, foram obrigados a prendel-o para o estorvar de seguir-me. Por mais apertado que esteja da fome, o cão dos Esquimaux nunca faz mal ao homem; mas se vir alguém offender de pancadas o dono, mata logo o aggressor saltando-lhe ao pescoço.

« Eis-aqui, senhor, algumas noções que lanço sem ordem no papel e tocantes á terra que a Providencia me deu em partilha. Em minhas narrações tenho manifestado cada anno o desejo ardente que temos de poder habitar no meio de nossos queridos e desgraçados indios. Hoje começam a realizar-se nossos votos. O governador canadiano acaba finalmente de fazer justiça a nossos reiterados pedidos, concedendonos dois terrenos para reunir nelles os indigenas e costumal-os á cultura. Um dos terrenos está situado a 30 legoas de Baytown, e o outro a 125 de Temiskaming. Estando assim os missionarios no meio de seus neophytos, terão mais facilidade para se transportar em cada primavera até aquelles que habitam nos arredores do mar glacial. Demais disto, nutro a esperanza de que brevemente poderei eu mesmo invernar em Moose-Factory. Bem sabeis, meu querido pai, que não tenho outro desejo na terra mais que o de viver e morrer para a eterna felicidade destes povos que me estão confiados.

« No 1.º de setembro, depois de ter pela ultima vez offerecido o santo sacrificio e havermos-nos posto sob a protecção da gloriosa Santa Anna, padroeira desta christandade nova, dirigimo-nos para a praia. Os neophytos, que se achavam ainda reunidos em numero de algumas trinta, seguiram-nos em religioso silencio, com os olhos cheios de lagrimas. Um d'elles, tomando a palavra, disse-me: « Bem vêes, meu

« padre, se sabemos dar aprego ao bem que nos tens « feito. Ha já bastante tempo que não temos comido, « e antes jejuaríamos ainda mais do que largar-te. « Já que é mister partires, dirás áquelles que contri- « buem em mandar-nos os Vossos-ratos, que nos « lembremos delles rogando ao Grande-Espirito em « nossos mollos. Adeos! » A estas palavras, prostra- ram-se na praia; em pé na canoa, dou-lhes uma der- radeira benção, e separámos-nos, voltando elles para o matto, e nós para o Canadá.

« Um vento do norte, acompanhado de neve, fer- nos experimentar um frio bastante vivo durante os cinco dias que gastámos em ir ao forte de Moosc. Vazando a maré arrebatou a canoa para o mar largo, apesar dos esforços de sete habeis remadores; outras vezes deixava-nos em secco na distancia de seis ou sete milhas da praia, e eramos obrigados a transpor- tar nossas bagagens, andando pela vasante até achar- mos lugar proprio de acampar. Achado este, preci- savamos ainda andar cinco ou seis milhas pelo matto para descobrir agoa de beber. Em quanto que nossos companheiros tomavam alguns instantes de repouso, os dois missionarios passeavam na praia rezando pel- las contas ou recitando o officio. Uma tarde recitava- mos Laudes e estavam nas palavras dos tres meni- nos da fôrma: « Fontes, mares, rios, baleas, e vós todos, habitantes das agoas, louvai o Senhor, » quando ouvimos de repente nosso guia bradar-nos: Padres, padres, eis a maré que enche com rapidez; depressa, depressa para a canoa! Corremos logo pelo meio da areia; mas a canoa estava a mais de uma legoa de distancia. Quando chegámos a ella, estava a maré quasi alocada; apenas tivemos tempo de en- trar, e continuámos: Dragões e abysmos, louvai to- dos o Senhor. » Milhares de pequenas baleas, que a maré trouxera, brincavam em roda de nossa fragil embarcação de cortiça.

« Chegando ao forte de Moose soubemos que um dos dois navios que, cada anno, vão á bahia de Hudson, fôra despedaçado pelo gelo, e toda a car- regação abysmada. É uma perda de 50,000 luizes para a companhia da bahia de Hudson, e de que os indios não se resentem menos. »

**Desventura que deve servir de lição.** — Da ilha da Madeira tinham fugido para as Deser- tas varias pessoas que pretendiam emigrar clandesti- namente para portos estrangeiros; mas como os tem- poraes não dessem logar a que os navios empregados no horroroso trafico da escravatura branca os fossem alli tomar, morreram todos de fome.

**Temporal na Ilha de S. Miguel.** — O *Cor- reio Michaelense* de 13 do passado diz: — Esta sema- na tem sido notavel pela abundancia d'electricidade na atmosfera, d'onde tem protendido quasi todos es- tes dias copiosos relampagos e amiudados trovões, alguns destes de abalarem as casas. As chuvas caí- ram por partes e abundantemente. Os ventos tem so- prado rijos de sul e sudoeste a ponto de derribarem arvôres, e deitar no chão muita laranja. A braveza do mar embarçou as communicações de alguns na- vios inglezes que já apparecem á fructa. Estamos ha mais de mez privados pela mesma causa de navios de Lisboa.

**Rio de Janeiro.** — *Cambios no dia 10 de no- vembro.* — Londres. 27½ a 27½

Paris. .... 345

Lisboa. .... 98 por cento de premio.

Hamburgo. .... 640 a 90 d.

*Metaes e fundos publicos:*

Oncas hespanholas. .... 28,700 a 28,800

» da patria. .... 28,700 a 28,800

Pecas de 6,400, velhas. .... 16,000

Moedas de 4,000. .... 9,000

Pesos hespanhoes. .... 1,910 a 1,930

» da patria. .... 1,860 a 1,880

» patações. .... 1,920 a 1,940

Apolices de 6 por cento. .... 106½

» provinciaes. .... 104½

(*Jornal do Commercio.*)

### THEATRO DE S. CARLOS.

Tivemos no domingo o *Torquato Tasso*, sendo as partes principaes desempenhadas pela sr.<sup>a</sup> Ersilia Agostini, e pelos sr.<sup>os</sup> Bartolini, Prudenza e Celestino. A opera agradou, e a sua execução foi em diversos pontos applaudida. Uma das circumstancias, que, a nosso vêr, concorreu talvez para este resultado, foi a prevenção que havia, de que os artistas com a unica excepção do sr. Bartolini iam mal, e que a opera portanto havia de cair infallivelmente. O publico achou o contrario do que se havia espalhado, e viu que a execução, correu regular, e muito mel- hor do que se esperava. E aqui seja-nos licito dizer que não podemos deixar d'estranyhar que alguns dos nossos *dilettanti* pretendam ejuzizar dos espectaculos antes delles irem á scena, guiando-se por supposi- ções muitas vezes infundadas, ou dando ouvidos a in- formações que nem sempre são as mais imparciaes. Estes boatos *aterradores* que circulam antes de uma opera ir á scena, prognosticando-lhe um completo *fiasco*, aterram effectivamente os artistas, a quem taes boatos não são estranhos, e fazem com que o temor de que elles se acham possuidos lhes impeça muitas vezes de usarem de todos os seus recursos. Estas observações, que fazemos ao correr da pen- na, não são especialmente allusivas ao caso actual, mas referem-se ao que frequentemente succede no nosso theatro, e que não podemos approvar.

Diremos agora a nossa opinião a respeito do *Tor- quato Tasso*, pelo effeito que nos causou na represen- tação de domingo.

A sr.<sup>a</sup> Ersilia Agostini tinha a lutar, como já dissemos, com a indisposição que havia em muitos dos espectadores, e por isso não é de admirar que estivesse visivelmente commovida ao entrar em scena, não obstante isto, houve-se tão bem na execução da sua aria, que foi muito applaudida, e estes applau- sos a animaram desde logo a cantar sem maior re- ceio o resto da opera. Nos *duettos* com o sr. Bartolini foi muito bem, e nas outras pecas conseguiu igual- mente ser ouvida com agrado.

Ninguém dirá que a sr.<sup>a</sup> Agostini seja uma artista de *primeira ordem*, nem ella nessa qualidade se apre- senta: dama de *cartello* abi temos M.<sup>me</sup> Castellan, que tão applaudida é pelo publico que não cessa de

lhe testemunhar o seu alto apreço. Comtudo a sr.<sup>a</sup> Agostini não deixa de ter merecimento, e é superior a outras damas que o nosso publico tem tractado com summa benevolencia.

A parte de tenor neste *spartito* não é de muita importancia a não ser nas peças *concertantes*: o sr. Prudenza tirou della o melhor partido, e contribuiu para o bom exito da opera.

A parte de *D. Gherardo* tão bem desempenhada ultimamente pelo sr. Rocco, foi agora confiada ao sr. Celestino, e seja dito em abono da verdade que este artista não se houve mal no seu desempenho, cabendo-lhe não pequena honra pelos progressos que vae fazendo na sua carreira. Mas se a boa vontade, e os esforços que elle emprega para merecer o agrado dos seus compatriotas o tornam credor de elogios, nem por isso deixaremos de nos referirmos aqui ás observações que fizemos no n.º 11 deste jornal, estranhando que o sr. Porto não houvesse escripturado um baixo comico, artista de que se não deve prescindir n'uma companhia de canto regular, com o a que actualmente temos, tanto mais tencionando a empresa dar a *Pega Ladra*, o *Torquato Tasso*, o *Barbeiro de Sevilha*, e outras operas em que o baixo comico tem uma parte importante a desempenhar.

Fallaremos por ultimo do sr. Bartolini, a quem cabem inquestionavelmente as honras da representação. Se dissermos que este artista foi insigne na parte do protagonista não faremos senão repetir a opinião de todos. O sr. Bartolini é sempre o actor intelligente e consciencioso, — o cantor exímio e consummado, — que revestindo-se do caracter que representa sabe imprimir ao canto o maior sentimento e expressão, e reproduzir na scena todos os lances e todos os affectos com uma naturalidade admiravel. Quem não terá apreciado o talento distincto deste artista no *Nabuco*, nos *Puritanos*, e ultimamente no 3.º acto da *Maria de Rohan*? No *Torquato Tasso* não obstante as recordações que o publico conserva ainda de Coletti, que nesta opera ganhou entre nós um dos seus mais bellos triumphos, conseguiu o sr. Bartolini despertar do mesmo modo verdadeiro enthusiasmo, e igualar a reputação do illustre cantor que figura entre os primeiros no mundo theatral.

Espera-se pelo paquete do norte que deve chegar amanhã o director geral da empresa o sr. Antonio Porto. Ha quem asseverar que o unico objecto da sua viagem foi compor algumas desintelligencias com M.<sup>me</sup> Rossi Caccia a respeito da sua escriptura para Lisboa: insistem outros que elle foi escripturar uma outra primeira dama além das que temos actualmente. Acreditamos a primeira versão.

DEMETRIO RIPAMONTI.

#### ULTIMA ACADEMIA DE IMPROVISACÃO DO INSIGNE POETA O SR. BINDOCCHI.

No dia 28 do corrente dará o sr. Bindocci a sua ultima academia de poesia extemporanea nesta capital no salão do theatro de S. Carlos.

Esperamos que a concorrência será numerosa e digna do assumpto, e confiamos que os nossos homens de letras e todos os que prezam o sublime idioma

do Dante e do Tasso não faltarão a esta academia do sr. Bindocci, em que pela ultima vez terão occasião de admirar o talento deste distincto poeta, que goza de muita reputação não só em Italia mas em todos os paizes que percorreu depois das vicissitudes politicas, que fizeram mudar os destinos da sua patria.

Quando o desventurado monarcha do Piemonte empunhou a espada para libertar a Lombardia do dominio estrangeiro, escreveu o sr. Bindocci um poema intitulado *La guerra santa italiana*, em que a par da pureza e vehemencia da linguagem, e dos mais bellos trechos poeticos, se admira o ardor e o enthusiasmo do patriota, que anheia pela liberdade e independencia do seu paiz.

Offerecendo o sr. Bindocci um exemplar desta sua obra a Gioberti, na occasião em que este era ministro dos negocios estrangeiros em Turim, recebeu delle a seguinte carta, que lhe faz muita honra.

*Carissimo senhor.* — Agradeço-vos em extremo pehorado os vossos magníficos versos, e a menção honrosa e summamente benevola que fazeis de mim. Por certo que se o meu nome podesse conceber a vaidade de sobreviver á minha pessoa, a vossa penna seria o melhor titulo para perpetuo-o. Muito folgo ao mesmo tempo por ver que toda a consagração e elegancia do vosso talento, e a vivacidade do vosso estro, tem por mira a exaltação da santa causa da Italia. Continuae, pois, deleitando e amestrando simultaneamente os nossos compatriotas, e adquirindo os duplicados louvores de poeta e philosopho social.

Acceitae a manifestação dos sentimentos de alta e verdadeira estima com que me preso de ser

Turim, 27 de janeiro  
de 1849.

Vosso admirador  
Gioberti.

Esta carta escripta por um homem que toda a Italia respeitava, e que deixou um nome immortal na historia do seu paiz, é para o insigne vate um documento summamente honroso e de grande valor.

O sr. Bindocci partirá brevemente para o Piemonte, e publicará em Turim o seu ultimo poema *Carlo Alberto in Oporto*, no qual consagra algumas paginas á commemoração dos sentimentos generosos e hospitaleiros dos habitantes da cidade do Porto para com o infeliz monarcha que alli veio acabar seus dias.

Concluimos augurando á academia de despedida na proxima terça feira os mais proficuos resultados, e um exito brilhante.

DEMETRIO RIPAMONTI.

#### BIBLIOGRAPHIA.

COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL, por José da Motta Pessoa de Amorim.

Publicou-se a 2.ª folha do tomo 4.º e contém: *Historia prophana*. — China, Decan, Cyrene, Egypto, Grecia, Macedonia, Persia e Tonuim.

Vende-se a 20 rs. a folha na rua Augusta n.º 1 e 8; e a 300 rs. por volume nos principaes livheiros de Lisboa, Porto, e Evora.



# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—N. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 25. QUINTA FEIRA, 30 DE DEZEMBRO DE 1852. 12.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### PRODUÇÃO DO ALGODÃO.\*

#### Estados-Unidos.

O valor dos algodões exportados pelos Estados Unidos subiu em 1847 a 53.415,853 dollars (106.830:716\$), e a 61.996,294 dollars (123.996:588\$) em 1848. Porém é o producto real da cultura que mais interessa ás manufacturas inglezas. Ora, a colheita de 1847-1848 produziu 2.347,000 saccas, das quaes 1.324,300 foram vendidas á Inglaterra, 279,000 á França, e 254,800 a outros paizes da Europa.

Desde o 1.<sup>o</sup> de setembro de 1849 ao 1.<sup>o</sup> de setembro de 1850, os Estados-Unidos exportaram 1.106,771 saccas de algodão para Inglaterra; 289,627 para França, e 72,136 para outros paizes europeus.

Quasi todo o algodão que alimenta as fabricas do continente é extrahido dos Estados-Unidos; os seus mercados principaes são Hamburgo, Amsterdam, Rotterdam, Trieste, Antuerpia e a França. Apesar das convulsões que abalaram a maior parte dos estados da Europa em 1848, manufacturou-se mais algodão nesse anno do que em 1847. Eis quaes são os algarismos das suas importações:

	1847	1848
Hamburgo...	61,700 saccas	57,700 saccas.
Amsterdam...	7,700 »	8,300 »
Rotterdam...	19,600 »	33,700 »
Trieste.....	84,000 »	75,200 »
Antuerpia...	37,000 »	40,000 »
França.....	263,000 »	316,000 »
	473,000 »	528,900 »

\* British Almanack e Jornal do Commercio.

Temos observado que, durante o periodo quinquennal de 1845 a 1849, o algodão fornecido pelos Estados-Unidos representava 78½ por cento da somma total da nossa importação. Comprehende-se portanto a que ponto a Inglaterra sente as variações annuaes da colheita americana, variações muitas vezes consideraveis, por isso que a differença entre o anno de 1846-1847 e de 1847-1848 subiu a 600,000 saccas.

Apresentamos aqui o recenseamento dos productos do ultimo periodo decennal:

	Saccas.
1839-1840.....	2.177,836
1840-1841.....	1.634,946
1841-1842..	1.684,211
1842-1843.....	2.378,875
1843-1844.....	2.030,409
1844-1845.....	2.394,509
1845-1846.....	2.100,537
1846-1847.....	1.678,681
1847-1848.....	2.847,634
1848-1849.....	2.723,596

A colheita de 1849 a 1850 não excedeu de 2.000,000 de saccas, ao passo que as previsões relativas á de 1850 a 1851 avaliam-a em mais 300,000 saccas. O producto médio das terras empregadas na cultura do algodão nos Estados-Unidos varia entre 250 e 400 libras (135 e 180 kilogrammas) por geira.\*

O fabrico dos fios e tecidos do algodão cresce com grande rapidez nos Estados-Unidos, França, Alemanha, e em muitos outros paizes. É para temer que o progresso da cultura da planta não possa acompanhar o mesmo nivel; e se uma tal eventualidade vier a realisar-se, uma crise mais ou menos proxima seria inevitavel. Já o effeito de uma fraca colheita tem de produzir um excessivo augmento no

\* A geira franceza (arpent) equivale a um acre ingles, ou a cem varas quadradas de terreno.

preço do algodão bruto. E' por isso que em 1840 os nossos fabricantes pagaram 8 milhões de libras (66.206.710 \$) de mais que no ano precedente, pela quantidade de que careciam. Dito resultou uma redução nos pedidos de fazendas manufacturadas, pois que o preço destas mercadorias cresce.

Muitas vezes se tem dito que se a abolição de escravidura tivesse de realisar-se nos Estados-Unidos, o producto do algodão soffreria rapidamente uma espantosa diminuição, e é uma das razões que se dá para animar por toda a parte a mesma cultura.

Esta previsão contudo não nos deve preocupar muito, porquanto a supressão da escravidão na America parece-nos ainda um successo de remota probabilidade.

Ha finalmente um ultimo facto a notar, e é que depois das recentes reduções nos direitos de importação dos assucres na Inglaterra, tem-se transformado nas margens do Mississipi em plantações de canhas de assucar uma parte das terras precedentemente reservadas ao cultivo do algodão, que por esta forma vem a soffrer efectiva diminuição.

#### Indias Orientaes.

O dr. Boyle assim se expressa na sua obra sobre as forças productivas da India: « Quando se observa que o algodão é um dos principaes productos indigenas da India, e que desde tempos immemoriaes foi cultivado para uso dos seus habitantes, deve surpreender que o solo indialico seja hoje taxado de incapaz de fornecer boas qualidades da mesma planta. »

Em verdade, quando por longo tempo o Hindou lava o seu algodão, e com o trabalho das proprias mãos fabricava esses tecidos aerios, cuja reputação era extraordinaria, a pequena extensão da fevera da substancia cottonifera offerecia poucos inconvenientes. Mas presentemente, uma grande extensão, e a ausência de qualquer materia estranha, são condições exigidas ao algodão que tem de ser submettido ao trabalho das nossas machinas. Ora, debaixo desta dupla relação, o algodão da America ganha sobre o da India, e esta circumstancia explica a difficuldade que soffre o segundo em sustentar a concorrência do primeiro.

O Hindou, em muitas das suas provincias, pôde hoje comprar pannos de algodão fiados e tecidos em Inglaterra, mais baratos do que se elle proprio os fabricasse com a planta indigena do seu paiz; mas não poderia melhorar a cultura desta planta a ponto de fazel-a preferir pelo fabricante inglez ao algodão americano.

« Augmentar a extensão da fevera ao mesmo tempo que as outras qualidades do algodão; e ensaccar-o n'um estado de limpeza sem mistura, são dois melhoramentos igualmente indispensaveis, bem que mui differentes em si proprios: um é exclusivamente mechanico e não reclama seus cuidados, mas o outro depende de uma applicação esmerada dos principios da sciencia aos processos da cultura,

e exige escolha judiciosa das especies em relação ás complexas diversidades do solo ou do clima. »

O dr. Boyle apprehende depois a extensa e rapida das medidas successivamente adoptadas pela companhia das Indias, a fim de animar a cultura e exportação do algodão.

Em 1788 a mesa dos directores chamou a attenção dos seus agentes sobre esta dupla questão; exigiu os seus relatorios, entre os quaes notam-se alguns bem interessantes.

Em 1794 mandou-se para a India uma machina de limpar o algodão, porque depois de colhê-lo deixam-o misturado com a semente e outros objectos estranhos. Um pouco mais tarde offereceram-se premios aos que estabelecessem plantações no littoral, e creou-se em Bombaim uma fazenda-modelo. Publicaram-se tambem instrucções sobre a direcção da cultura, distribuindo-se sementes dos Estados-Unidos e das Antilhas.

Em 1809, ameaçando haver rompimento nas relações politicas da Inglaterra com a União Americana, entendeu a companhia das Indias que era chegado o momento de animar o cultivo do algodão: suas medidas activas conseguiram levar ao nosso mercado, em 1810, 13 milhões de libras (5.900.000 kil.) de algodão indialico; mas o seu estado de impureza obsteu a que se vendesse mais de 5 milhões de libras.

Em 1811 os directores mandaram para as diversas presidencias da India, com bem detalhadas instrucções, sementes da ilha Bourbon. Em 1813 mandaram vir da America um homem capaz de ensinar a beneficiar o algodão. Em 1818 a companhia fundou novas fazendas-modelos, destinadas á experiencia da cultura.

Em 1828 tomaram-se medidas ainda mais efficazes, em consequencia das ordens seguintes de lord Ellenborough, então presidente da repartição da fazenda:

« Ensinar a cultura das melhores especies de algodão exotico debaixo das diversas condições do solo, do clima da Peninsula Indialica, e remetter para Inglaterra productos obtidos depois de serem beneficiados á maneira dos americanos, garantindo os com cuidado de todas as intemperies. Estas amostras seriam comparadas com o algodão vindo de outros paizes que abasteceriam o mercado inglez. »

A companhia desde então resolveu dar um impulso mais energico; mas foi somente em 1839 que ella convidou alguns americanos experimentados, e empregou-os em propagar os melhores methodos de cultura. Tres foram mandados para a presidencia de Bombaim; tres para Madrastra, e os quatro ultimos para Bengala.

Fundaram-se fazendas-modelos para ensinar aos Hindous os melhoramentos que deviam introduzir no modo de semear, colher, e ensacar. De Inglaterra foram grande numero de machinas aperfeçoadas para beneficiar o algodão, e prometteu-se avultada recompensa ao inventor de um processo ainda mais completo. Facil é comprehender-se a

necessidade, sabendo-se que a quantidade de algodão sujo que se encontra nas saccas da India é avaliada em 25 por cento, ao passo que este deficit reduz-se a 12 e meio por cento nas remessas dos Estados-Unidos.

O governo da India em 1840, convidou o commercio de Bombaim a dar parecer sobre a cultura do algodão. No parecer deviam examinar-se quatro pontos principais: 1.º, o melhoramento do algodoeiro e do seu producto; 2.º, o melhoramento dos processos empregados para colher, beneficiar e ensacar o algodão, de maneira que chegua ao mercado inglez isento de todas as impurezas que o depreciam; 3.º, extensão da plantação do algodoeiro de maneira a poder diminuir effectivamente a dependencia da Inglaterra dos Estados-Unidos; 4.º, os meios de achar na cultura do algodão um emprego para os capitães actualmente empenhados no trafego de opio.

No principio do anno de 1841, o tribunal do commercio satisfaz á exigencia que lhe fizeram, e eis-aqui o resumo das suas respostas, que são dignas de séria meditação.

«Primeiramente, diz elle, cabe-se em duplo erro pertendendo-se que a India, por ser um paiz tropical, deve produzir algodão igual em qualidade ao dos americanos. Os Estados da União onde se colhe o algodão estão situados além dos tropicos, mas o seu solo é novo e cheio de fertilidade, ao passo que o terreno da península está esgotado por uma cultura de 20 a 30 seculos. Tem-se feito na India numerosas experiencias, cujo resultado tem desanimado extremamente os lavradores. Ellas provaram que depois de dois ou tres annos, as melhores sementes de algodão vindas de fóra degeneravam, e passavam por uma especie de transformação, contrahindo os defeitos característicos das especies indigenas, isto é, pouca extensão na fervera, e adherencia do capucho á grã; e se algumas vezes puderam conservar as qualidades originaes do algodão exotico, dependeu isto de excessivos cuidados, praticaveis sómente em jardins e não nos campos.

«O tribunal do commercio não obstante pensa que o emprego de cultivadores experimentados da America deve produzir uteis resultados.

«Em segundo lugar, quanto aos processos usados para colher, limpar e ensacar o algodão, muitas causas diferentes concorrem para determinar o máo estado das remessas da India no momento em que comparecem no mercado inglez.

«A maneira de apanhar a substancia cotenifera, e despojar-a do seu capucho é defeituosa em alto ponto; dá lugar a que a folha e sementes se misturem com o producto da planta, e mais tarde a separação torna-se impossivel. Confunde-se juntamente na mesma sacca diversas qualidades de algodão, em vez de classificar-as á parte, segundo o seu grão de finura, como se pratica na America com tanto cuidado.

23 .

«Depois da colheita deixa-se o algodão exposto durante muitos dias, em pleno ar, sob a acção da poeira que mancha, e do orvalho que altera a cor.

«Traficantes de pouca fortuna, que ainda não comprehendem que a probidade é sempre o calculo mais proveitoso, introduzem fraudulentamente nos saccos, a fim de augmentar-lhes o peso, se mestres, terra e mesmo pedras.

«Algumas vezes, comum fim igualmente torpe, os saccos remettidos do interior para Bombaim são humedecidos com agua salgada, que muito prejudica a qualidade do algodão. Succede tambem que estes mesmos saccos, na occasião do seu embarque, são arrastados e relados na lama ou na areia com negligencia, quando os arrumam na maré baixa, nos barcos que devem transportar-os aos navios, porquanto os portos da India não são de ordinario providos de caes; e disto provém mais uma causa de humidade e alteração.

«Algumas vezes ainda é a abundante transpiração dos bois que, no seu longo trajecto para o litoral, penetra nellas e deteriora o seu conteúdo, ou são as chuvas tropicaes que produzem o mesmo effecto, porque ellas seguem de perto a época da colheita, e falta de ordinario o tempo antes da sua vinda para concluir-se o ensaccamento do algodão e seu embarque.

«O methodo defeituoso da cobrança dos impostos na India exerce a seu turno uma funesta influencia, porquanto o algodão tem de ficar intacto no pé até ser recensado pelo collector que se faz esperar. A todas estas causas, cuja enumeração é verdadeiramente espantosa, deve attribuir-se a condição defeituosa do algodão da India, que mandase vender em Inglaterra. Até as solemnidades religiosas dos Hindous coincidindo em dias da colheita produzem effectos desfavoraveis á cultura e á exportação.»

(Continúa.)

#### NOTA SOBRE O COSO E SUAS PROPRIEDADES TENIFUGAS.

«Um facto recente da administração do Coso contra a tenia, em Lisboa, e o seu resultado, nos induz a redigir este pequeno artigo, que publicamos com o fim de generalisar o conhecimento d'um meio therapeutico talvez superior aos outros aconselhados em uma affecção, que não deixa de ser frequente em Portugal, e contra a qual não são sempre infalliveis e absolutamente seguros os agentes curativos mais nomeados.

O Coso (Cousso, Kouso, Kwoso) é o pé das flores d'uma arvore dicotyledonea, dioica, da familia das rosaceas, que cresce n'algumas montanhas da Abissinia, onde é muito usado pelos indigenas para expulsar a tenia.

Esta arvore é a *Banheria abyssinica*, de Bruce; a *Hagenia abyssinica*, de Lamark; a *Brayera anthelmintica*, de Kunt. Tem, pouco mais ou menos, 60 pés d'alteza; folhas imparipennadas, compostas de 6 a 7

paros de foliolos sessis, lanceolados, agudos, dentados, de 2 palmos, e mais, de comprimento, intermeiados por outros foliolos mui pequenos e quasi orbiculares. Estas folhas, de grandes dimensões, com os peciolos vaginados, estão apinhoadas na extremidade dos ramos.

As flores, a parte do vegetal usada como tenifuga, são mui pequenas, e um tanto analogas no aspecto ás flores de Tilia; sua inflorescencia é em grandes paniculos semelhantes aos da Ulmaria; cada flor tem 2 bracteas que cobrem o tubo do calix, que é urceolado, felpudo, e termina por um limbo estrellado com 5 divisões oblongas, obtusas, glabras, reticuladas: corolla de 5 petalas, espatuladas, alternas com as divisões do calix: 20 estames pouco mais ou menos; 2 ovarios uniloculares, livres no fundo do calix, com um 1 estilete terminal.

O pó das flores, vindo de Londres, da casa de Savory and Moore, em vidros de meia onça, que tivemos presente na pharmacia do sr. Barral, era de cor acastanhada, grosso, não homogeneo, com o aspecto, em parte fibroso. O sabor é a principio ligeiramente mucilaginoso, mas por fim um tanto acre; o cheiro, que se lhe desenvolve pela agua quente, é fraco e faz lembrar o do infuso da flor de sabugueiro.

Foi quando o dr. Brayer, de quem a planta recebeu o nome que lhe poz Kunth, trouxe de Constantinopla, em 1822, as flores do Cosso, que denominava *cabotz* e *cotz*, que foi geralmente conhecido na Europa; mas já havia sido descripto por Bruce e Lamarck. Em 1842 o dr. Aubert-Roche, remetendo á academia de medicina de Paris uma amostra do Cosso, fez lembrar o valimento já esquecido, ou ainda não completamente provado, desta substancia. Mas foi, sobre tudo, ha quasi 4 annos, que a publicação das experiencias do dr. Merat, mostrando a superioridade tenifuga do pó das flores do Cosso sobre a casca de raiz de Romeira, até então tida como o melhor agente contra a tenia, e formando a parte principal nos remedios secretos de melhor nota, veio mostrar todo o seu merecimento e importancia.

A Lisboa foi trazido o Cosso pela primeira vez, ha 2 annos, para aqui ser empregado em uma creança por conselho do sr. dr. Bernardino Antonio Gomes. Mas o preço, então elevado, de remedio não tinha convidado a importal-o como objecto de commercio. Foi em setembro deste anno (1851) que o sr. dr. Barral o trouxe de Londres para a pharmacia de seu irmão, onde hoje se vende por um preço já accessivel a quasi todas as classes. Foi com o Cosso desta origem que se effectuou a expulsão da tenia no caso curado pelo sr. dr. Barral e que vem referido no *Jornal de Pharmacia* de janeiro do corrente, donde extraímos esta nota.

## PARTE LITTERARIA.

### REVISTA LITTERARIA DE 1852.

A poesia morreu dizem os agoureiros. O romance intimo e de costumes são impossiveis em Portugal;

e o theatro abandonado de todo não dá esperanças de uma proxima resurreição. Infelizmente tudo isto é mentira; as provas desmentem os calumniadores, e a nossa litteratura sem o auxilio dos governos e sem o consumo que estimula e anima, ainda assim dá resultados mais positivos e esperançosos do que se comprazem em acreditar os praguentos e mal intencionados.

O anno que finda desmente pelos nomes dos auctores e pela cifra das obras publicadas as desfavoraveis apreensões dos misantropos, e os prognosticos fatalistas dos que se dispunham a escrever a necrologia da nossa litteratura.

Os nomes dos srs. — Alexandre Herculano — Garrett — Castilho — Mendes Leal — Antonio de Serpa — A. Lima — Lopes de Mendonça — Bulhão Pato — Andrade Corvo — Almada e Lencastre — Rebello da Silva — Freire de Serpa — F. Palha — Sant'Anna e Vasconcellos — e Gomes de Amorim — demonstram á evidencia que o anno de 1852 não foi inutil para o nosso progresso intellectual, e que em todos os generos, mesmo nos menos favorecidos pela opinião publica, houve esforços nobres, tentativas louvaveis, e resultados honrosos para o nosso credito litterario.

Não somos competentes, nem que o fossemos teriamos a vaidade de fazer a critica de livros, aceites já pela sancção da imprensa, e publicados com datas a que não pôde nem deve alcançar o juizo de um revisterio inoffensivo, e que apenas se limita a demonstrar o quanto são calumniosos os boatos de uma irremediavel decadencia litteraria.

A poesia morreu, dizem os agoureiros; e no anno que finda publicaram-se os seguintes volumes de poesias de que tambem não faremos a apologia, limitando-nos simples e singelamente em pôr adiante dos titulos das obras os nomes dos auctores, fazendo as indispensaveis considerações que um artigo chão e desambicioso pôde admitir;

#### POESIA.

*O Romanceiro* — 2 vol. por Almeida Garrett — 1852.

*Murmurios* — 1 vol. por A. Lima — 1852.

*Poesias* de A. de Serpa — 1 vol. — 1852.

*Poesias* de F. Palha — 1 vol. — 1852.

*Patria e Amor* — 1 vol. por Sant'Anna e Vasconcellos — 1852.

*Poesias* de L. A. Palmeirim — 1 vol. — 1852.

Além destes sete volumes de poesias publicadas em Lisboa, publicaram-se mais — *O Cancioneiro* — do sr. J. F. de Serpa, impresso em Coimbra, e um volume de — *Poesias* — do sr. Camillo Castello Branco, impressas e publicadas no Porto — isto além de varias poesias avulsas impressas nos jornaes litterarios, e assignadas algumas pelos srs. — Castilho — João de Lemos — e Bulhão Pato.

Se bem pesar-mos todos os dados estatisticos que se referem á questão, não será difficil demonstrar, que neste genero o nosso movimento litterario foi

superior ao dos nossos vizinhos os hispanhaes, e igual conclusão poderíamos tirar, e igualmente vantajosa com referencia á poesia franceza se entendessemos dever fazer obra só pelo que lemos nos artigos criticos dos folhetins da — *Semana* — *Presse* — e *Jornal dos Debates*. — Enquanto á qualidade das obras publicadas, não podemos deixar de citar o merito e estudo consciencioso do — *Romanceiro* — do sr. Garrett, de verdadeira utilidade peninsular, alguns bellos trechos lyricos do sr. A. de Serpa, e algumas poesias do sr. A. Lima, de menor alcance que as precedentes, mas por vezes repassadas de uma suavidade e melancolia invejaveis em produções daquelle genero. Se é assim que a poesia morre, se é este o abandono e decadencia de que tanto se falla, quasi que estamos tentados a desejar a prolongação de um tal abatimento e incuria! No proximo numero faremos a resenha dos romances publicados no anno findo, bem como dos dramas e comedias representados nos varios theatros da capital. Então demonstraremos que não só o numero, mas especialmente a qualidade das obras publicadas neste genero, não desdiz das illações tiradas com referencia aos trabalhos poeticos, demonstrando mais de passagem a influencia exercida pelo sr. Garrett em assumptos theatraes, e a influencia não menos justificada do sr. A. Herculanio no romance historico, de que o sr. Rebello da Silva e Andrade Corvo se tem sabido aproveitar nos dois romances — *A Mocidade de D. João V*, e *Um anno na corte*.

(Continúa.)

#### SOBRE OS RECURSOS E DESPESAS DO IMPERIO DO BRASIL.

De um escripto, recentemente publicado, do qual já tomamos alguns excerptos, damos agora os seguintes que interessarão a curiosidade dos leitores. (A versão é do *Auxiliador*.)

Existe nos estatutos de D. Pedro tres ramos de receitas: 1.º a receita geral, que se elevava em 1831 a 34 milhões de francos, que avalia-se para o exercicio de 1849-1850, em cerca de 80 milhões, que é destinado a fazer face ás despezas geraes; 2.º as receitas provinciales e commerciaes do Rio de Janeiro, podendo chegar a principio a cifra de 15 milhões de francos, a segunda ao de 3, e tendo por objecto cobrir as despezas particulares desta provincia, e da de todas; 3.º finalmente, o orçamento particular de receitas de cada uma das outras provincias do imperio.

Esperava-se equilibrar em 1850, como se conseguiu no tempo do ministerio de M. Alves Branco, financieiro habil, o orçamento das despezas com o das receitas. Em quanto durou a guerra do Rio Grande do Sul, este resultado não pôde nunca obter-se, e o deficit, accumulando-se de dia em dia, se tinha elevado a muitos milhões de francos em poucos annos.

Hoje as despezas geraes do imperio brasileiro podem ser repartidas pela seguinte maneira:

Ministerio do interior, da instrucção publica e das obras publicas .....	2.500,000 fr.
Ministerio da justiça e dos cultos .....	5.100,000
Ministerio dos negocios estrangeiros .....	1.600,000
Ministerio da marinha .....	11.200,000
Ministerio da guerra .....	17.100,000
Ministerio das finanças, do commercio e da agricultura .....	35.500,000
<b>Total</b>	<b>80.000,000</b>

A lista civil do imperio é de 2.800,000 francos, pouco mais ou menos; ella seria insufficiente para fazer face ás despezas que sua dignidade lhe impõe, e suppre essa falta com o rendimento de suas propriedades particulares, que é muito consideravel. O dote da imperatriz é de 300,000 francos. A somma total concedida aos outros membros da familia imperial monta em 3.200,000 francos: ella está comprehendida nas despezas de ministerio do interior. Se as forças maritimas do Brasil estão em relação com a cifra de sua população, tanto é preciso, para que possam entrar em paralelo com a extensão do seu territorio. Apenas compõe-se de 109 navios, montados por 3.697 homens, e armados com 382 bocas de fogo. Eis aqui o seu estado official.

	Armadas.	Desarmadas.	Em reparo.
Náu.....	2.....	1.....	2
Fragatas.....	2.....	1.....	2
Corvetas.....	5.....	2.....	2
Brigues.....	4.....	1.....	4
Brigues esquadras	10.....	1.....	1
Reconhas.....	7.....	1.....	1
Barcos de vapor	6.....	2.....	2
Diversos navios	50.....	2.....	7

A somma consagrada á sustentação desta marinha está fora de toda a desproporção com os recursos do paiz, porém parece ser-lhe imposta pela eventualidade de uma guerra com os estados do Sul. Sem esta consideração que se exagera talvez, que necessidade teria o Brasil de affectar mais da oitava parte do seu orçamento em sustentação de uma marinha militar dispendiosa, quando nenhuma potencia cuida em inquietar suas costas, e quando todas as suas forças reunidas não poderiam, em um momento dado, repellir com vantagem o ataque de não imperio que grande nação?

Quanto ao orçamento da guerra em particular, o qual excede a 17 milhões de francos sobre uma receita geral de 80 milhões, é um dos encargos mais pesados do imperio. O governo de D. Pedro II em-tretém debaixo de armas uma força de perto de vinte e tres mil homens. Depois da pacificação da provincia do Rio Grande, cuja revolta contra o poder durara nove annos, todo o mundo esperava ver o paiz, entrado em fim das vias ordinarias, renunciar a essa contingente de forças armadas; assim não aconteceu. A lucta que se prolonga entre Buenos Ayres e Montevideo não permitiu nenhuma redução no effectivo militar do Brasil. A provincia do Rio Grande, que

se estende na extremidade do sul do imperio, e que por muito tempo teve em temor as forças do governo, aquece além disso sempre em seu seio algum fermento de agitação, algumas velleidades de independencia. Esta provincia, que tem limites com a banda oriental, cuja capital é Montevideo, e que entretem com essa republica um commercio muito extenso, a sustenta naturalmente em suas hostilidades com Rosas, que continuamente a ameaça. O Brasil tem mantido sobre esta fronteira um corpo de exército que não terá, devemos esperal-o, se se retirar do seu papel de observação. Com effeito mui recentemente, quando o Paraguay veio occupar militarmente, como se fosse sua propriedade, as planicies situadas entre o Paraná e Uruguay, o Brasil não interveio entre este paiz e a republica argentina, que reivindicava, de seu lado, esta lingua de terra como parte integrante da provincia de Corrientes.

A divida estrangeira, resultante dos empréstimos feitos na Inglaterra crescem depois de 1824 a ponto de prefazer boje a cifra de 154.270,250 francos, comprehendendo nella uma parte do empréstimo portuguez, que o Brasil tomou á sua conta como gastos de indemnisação, consentidas, em troco de sua independencia, para com a antiga metropole. É justo muitas vezes fazer observar que os juros desta divida foram sempre regularmente pagos; que o Brasil, onde os fundos não cessavam de subir depois de alguns annos; nunca foi inquietado pelo embolso dos dividendos, e que achará facilmente em 1852, época do vencimento do empréstimo, quer facilidade de renovar seu contracto, quer meios de embolçar o que deve, contractando um novo empréstimo.

A divida interior inscripta e consolidada eleva-se a uma somma de 140 milhões de francos que dá o juro de 6, 5 e 4 por 100, juro, cujo pagamento nunca experimentou demora séria. O papel moeda em circulação em toda a extensão do imperio representa além disso um capital de 136 milhões de francos. Esta estimação para o papel moeda é feita a razão de 340 e 350 réis por franco. Esta divida, bem que immensa para um paiz que conta apenas um quarto de seculo de existencia politica, e esta quantidade de papel moeda sujeita a fluctuações continuadas, não seriam talvez um embaraço para o Brasil, se o governo fosse bem succedido, por um systema de organização sabiamente organizada, em tirar em fim todo o partido desejado das innumeraveis riquezas de seu territorio. Infelizmente as questões de politica geral absorvem em estereis debates a attenção que reclamam os interesses da agricultura e da industria brasileira. Entretanto, não o esquecemos, ha duas outras causas neste torpor industrial d'um paiz tão ricamente dotado pela natureza. É em primeiro lugar, o despreso que ha sempre se manifestou por tudo o que não é profissão liberal; em segundo lugar, e influencia dos *artigos perpetuos* de um tractado feito com a França no tempo de D. Pedro I. Estes *artigos perpetuos* são laços que embaraçam, quante ao commercio, o futuro do Brasil; nós não citaremos neste proposito senão um facto: os portuguezes que, depois da independencia, ficaram sempre os verdadeiros e quasi os unicos senhores do commercio brasileiro, tem o habito de fazer vir do seu paiz caixeiros pequenos que elles pagam muito modicamente, e

que, para elles, tem a vantagem immensa de não serem constrangidos aos mesmos deveres que os nacionaes; elles não tomam nunca empregos brasileiros, e suas casas, por sua morte ou quando se retiram do negocio, passam invariavelmente para as mãos destes caixeiros de sua nação. Para obviar a este inconveniente, o governo quiz estabelecer um imposto sobre os empregados estrangeiros, porém a França oppoz a esta medida o texto de seus *artigos perpetuos*, e força foi ao Brasil de continuar neste ponto, a soffrer seu deploravel *statu quo*. A França poderia, sacrificando esses artigos que não tem um interesse capital para ella, obter um novo tractado de commercio vantajoso, que, estamos certos disso, o Brasil, com essa condição não recusaria assignar.

Seria preciso além disso, que esta nação pudesse proteger mais effizamente sua marinha mercante, que não recusasse perante nenhum sacrificio para melhorar e engrandecer seus productos agricolas, que ella possesse tudo em obra, emfim, para com vantagem fazer-se conhecer na Europa sob seu verdadeiro dia, e que uma vez por todas renunciasse a essa multidão de pequenas intrigas politicas que a impedem de seguir um systema sabio e determinado, e fazem o maior mal á sua industria, e a tudo o que, em uma palavra, constitue em nosso seculo o verdadeiro progresso. O povo brasileiro está um pouco atormentado da molestia das gerações modernas que entraram em sua era de independencia e de liberdade; todo o mundo, no paiz, quer exercer uma profissão liberal ou preencher as funções do governo; e com tudo, não só o solo pede braços, porém tem ainda necessidade de cabeças intelligentes para dirigir os melhoramentos que se preparam no futuro, e para velar na cultura das riquezas, cujos immensos rios regam em todos os sentidos este admiravel paiz. O futuro do Brazil repousa na sua agricultura, no seu commercio, e na sua marinha mercantil, que não conta senão 751 navios geralmente empregados em sua cabotagem.

Uma marinha de vapor respeitavel poderia sobretudo servir-lhe de uma grande utilidade e produzir quasi immediatamente immensos resultados, facilitando as communicações da capital com as provincias, porque os navios de vela acham-se muitas vezes embaraçados em sua marcha por ventos monções. Existe, é verdade, no Brazil um serviço regular de vapores; porém é combinado sobre uma escalla tão restricta, que não se poderia esperar de ver alli nunca um vehiculo effizaz para subir em todos os rios navegaveis, que se descarregam em grande numero no Atlantico, e, no meio de alguns canaes sabiamente combinados entre os differentes ribeiros, no meio de alguns caminhos traçados convenientemente para unir os principaes centros da população, não tardaria abrir um accesso aos interiores do paiz, onde permanecem sepultados immensos thesouros agricolas.

Apesar de tantos obstaculos inherentes uns ao solo, outros ao espirito mesmo dos habitantes, as relações commerciaes do Brazil crescem de anno em anno. Em 1845, 878 navios de longo curso entraram no porto do Rio de Janeiro com 204.166 tonnelladas de mercadorias, em quanto sabiam della 881, medindo os navios 274.955 tonnelladas. Em 1849, a cifra das entradas dos navios de longo curso se elevou em 1.147, contendo 269, 917 tonnelladas, e a das sabidas em

1.063 navios, repartidos da maneira seguinte: 120 sobre o leste por diferentes portos do paiz, 54 igualmente sobre o oeste por portos estrangeiros, 154 que transviavam seu carregamento, 46 carregados de diversos generos, 54 trazendo mercadorias estrangeiras, e 630 com productos nacionaes destinados a diversos pontos do globo. A cabotagem deu os algarismos seguintes em 1845: embarcações entradas, 2.373; tonelladas, 168.872; embarcações sahidas, 2.382; tonelladas, 172.136. Em 1849: embarcações entradas 2.402; tonelladas, 214.869; embarcações sahidas, 2.383; tonelladas, 192.476. Estes algarismos dispensam-nos de todo o commentario.

O contrabando foi muito tempo impunemente exercido no immenso littoral do Brazil; elle continha ainda, porém menos livre e em uma escalla bastante reduzida. Um dos seus focos principaes era por longo tempo a alfandega do Rio de Janeiro, mesmo outr'ora a maior parte dos empregados desta administração estavam assalariados pelo alto commercio, para deixar passar as mercadorias vindas do estrangeiro, ou sem pagar direito algum, ou com direitos excessivamente restrictos, ou sobre avaliações chimericas; um deputado conhecido no Brazil por seu caracter empreendedor, o sr. Ferraz, requereu o logar d'inspector da alfandega, em que o movimento de vai e vem é immenso, promettendo de fazer entrar nos cofres do estado sommas muito mais consideraveis do que entraram nos annos precedentes; e até certo ponto elle compriu a sua promessa. A receita total da alfandega do Rio de Janeiro (ao cambio de 350) elevou-se em 1849 a perto de 27 milhões de francos, quer dizer a um excesso de mais de 3 milhões sobre os annos anteriores; e ao mesmo tempo se realison perto de um milhão de economia neste ramo d'administração.

Exceptuando a elevação dos direitos sobre as mercadorias inglezas depois que em 1847 expirou o tratado entre a Grã-Bretanha e o Brazil, e os direitos de 80 a 100% sobre todos os objectos confeccionados, que geralmente vem do Paris; exceptuando ainda o augmento do consumo, devido ao accrescimento successivo da população, o resultado que aqui acabamos de consignar não pôde ser explicado senão pela extrema severidade do sr. Ferraz a respeito dos empregados subalternos, e pela vigorosa probidade, que como dizem fel-o recusar um offerecimento de 300.000 francos por anno, por parte do alto commercio, para determiná-lo a fechar os olhos e permittir que tudo fique no mesmo pé como dantes. O novo estado de coisas tem sempre creado uma situação singularmente difficil ao commercio de alem mar. Certos productos europeos, sobre os quaes os direitos de importação são mui elevados, correram dantes por preços moderados; mas estes preços não podem ser os mesmos debaixo da vara de ferro da nossa administração, que põe o commercio na cruel alternativa, ou de não vender, porque se recusa comprar mais caro do que dantes, ou de vender com prejuizo ou sem lucro, que em negocio vem a ser pouco mais ou menos a mesma coisa.

Todavia notemos que em 1849 entraram só no Rio de Janeiro para mais de 100 milhões de francos em mercadorias, das quaes o valor das que foram consumidas sobre a 80 milhões, o resto tem sido reexportado para diferentes portos nacionaes ou estrangeiros.

A alfandega principal, a mais importante depois daquelle de que acabamos de fallar, é a alfandega da Bahia; a sua receita annual monta hoje em perto de 14 milhões; quanto as dos outros grandes centros do interior e do littoral, taes como Pernambuco, Maranhão, Rio Grande do Sul, Minas, S. Paulo, conservam-se sem alguma differença notavel, na mesma proporção.

O commercio de exportação do Brazil não espera senão um bom impulso do governo, para se manter no caminho do progresso, em que se acha. O café, introduzido no Brazil pelo Chanceller Castello Branco, não produzia em 1868 mais do que trinta mil arrobas, e duzentas e trinta mil em 1820, vinte e nove annos depois, em 1849, a exportação sem contar o consumo interno, se tem elevado á 1,397.890 saccas, expeditas principalmente para os Estados-Unidos, Inglaterra e Alemanha. O assucar, de ha muito tempo cultivado no Brazil, não tem augmentado em egual proporção; a exportação não se tinha elevado em 1849 a mais de 16.000 fardos. Nunca poderá o Brazil achar para o seu assucar a mesma extracção, que encontra para os seus cafés, e isto em consequencia da concorrência do assucar de beterraba da Europa e assucar de cana dos paizes tropicaes. Durante os annos que acabam de decorrer, estes dois productos não cresceram consideravelmente em quantidade, mas notaram-se aperfeiçoamentos sensiveis, quanto á sua qualidade. A unica causa dessa favoravel alteração consiste em que os jovens proprietarios que tomaram sobre si a direcção das plantações dos seus paizes, tinham feito, durante a sua assistencia na Europa, estudos serios em chimica e mechanica.

Depois dos dois artigos que acabamos de citar, occupam o primeiro lugar na exportação brasileira, os couros e chifres; um outro producto que parece destinado a tomar no proximo futuro uma extensão consideravel é o chá. Implantado da China apenas ha poucos annos, elle já teve bom exito em muitas provincias, entre as quaes principalmente a de S. Paulo. É verdade que o Brazil não tem podido até agora cultivar nas suas planices, senão o chá verde, agradável em sabor, porém conservando sempre um certo gosto terreo, que os processos da preparação não tem podido tirar-lhe completamente. Um dos productos brasileiros que em poucos annos poderia tomar o mesmo lugar entre aquelles da mesma natureza, que tem feito a fortuna de Havana e dos Estados-Unidos, é o tabaco. Até ao presente, á cultura desta planta, que cresce em abundancia em muitas exposições, tem sido tão descuidada, os seus productos foram em geral tão mal preparados, que o fumo brasileiro ainda é mui pouco estimado na Europa. É preciso porém fazer excepção dos fumos da provincia da Bahia, que são bastante procurados. Não depende portanto senão da população das outras provincias, o crear-se na cultura e preparação do fumo uma fonte abundante de rendimentos. Entre as riquezas vegetaes do Brazil acham-se tambem as madeiras preciosas, o algodão, a baunilha, o cacáo, o milho, a quina, a mandioca que serve para alimentar toda a população escrava, e a maior parte da população livre do campo; assim como o capim, unico nutritivo em geral dos cavallos e das bestas. O vinho tem bom successo nas provincias. Não faltam senão braços á agricultura



brasileira, para ser pela variedade e qualidade de seus productos, a agricultura a mais rica do globo inteiro.

Os metaes preciosos poderiam ser uma immensa fonte de riqueza para o imperio, com uma exploração mais bem dirigida, e mão de obra mais barata. As minas do Congo Seco e de Cata-Branca, concedidas a companhias inglezas tem até agora dado resultados satisfactorios. Poder-se-iam da mesma maneira, tirar sem duvida os mesmos resultados da mina de diamantes de Sincora, descoberta em 1844 por um negro, que vigiava o seu rebanho, se se tivesse tivesse tirado com moderação; mas os 4 a 500,000 karatas, que ella forneceu em poucos annos, tem diminuido tanto o valor dos diamantes, que elles foram vendidos mais baratos na Europa do que nos lugares da exploração.

A industria brasileira apenas se limita á fabricação dos objectos da primeira necessidade. O Brasil conta no entanto fundições de cobre, de ferro, fabricas de vidro, e fabricas de fiar, etc., etc.; mas a mór parte destes estabelecimentos espera a applicação geral do vapor, para poderem prosperar.

É a fabricação de assucar, que no Brasil está limitado o emprego deste precioso agente. O estado da industria brasileira não reclama tão sómente, como vemos, a protecção do governo, mas o apoio dos capitalistas e as luzes da Europa. Aqui tocamos em uma questão vital para todos os paizes da America, a questão da emigração, de que trataremos finalmente, pois que ella toca no futuro do Brasil.

O Brasil tem sido o theatro de muitos ensaios de colonisação; quasi todos tem sido malogrados, apressamo-nos a dizer, não por culpa do governo. A população livre do Brasil não cobria a oitava parte da superficie do imperio; quanto á população escrava, ella diminui a olhos vistos em consequencia das difficuldades que apresenta o tractado e das numerosas alforrias que se effectuam todos os dias; quasi todos os proprietarios dão com effeito a liberdade aos escravos, que nascem entre elles, e isto, seja dito em honra delles, de sua propria indole, e sem que haja uma lei que os obrigasse. Vê-se que o Brasil será um excellente terreno para a emigração europeia. Sem duvida os negros, acostumados ao clima da Africa, supportam com mais facilidade que os europeos, o calor tropical; porém é incontestavel que os europeos tem sobre elles immensas vantagens; senão trabalham tanto tempo expostos ao sol, se cansam com mais facilidade, elles tem em compensação mais actividade e intelligencia. De mais não está todo o imperio restringido entre os tropicos. A provincia de Santa Catharina goza de um clima analogo ao da Italia, e mais longe, no sul, encontra-se o céu da Europa. Poder-se-iam certamente ganhar riquezas immensas, se capitalistas europeos, aos quaes se concedesse lotes de terrenos sufficientes, introduzissem homems intelligentes, em estado de aproveitarem os progressos modernos da mechanica e do vapor.

A difficuldade principal do governo brasileiro é não poder elle mesmo contratar engagements com os trabalhadores europeos, com condições mais vantajosas para colonisarem as suas campinas. O francez dirigido por estrangeiros não mostra bastante perseverança, é preciso que elle tenha por chefe, compa-

trifotos, que marquem á sua colonisação os passos acostumados nas empresas da mãe patria: o irlandez conserva muito a lembrança do seu desgraçado pais; os suissos tem demonstrado na colonia de Morro Queimado, que são laboriosos e pertinazes, mas falta-lhes aquella actividade creativa indispensavel neste clima, onde quasi tudo está por fazer ou modificar; os allemães sómente tem progredido até hoje; elles fundaram no Brasil muitas colonias florescentes. A de Petropolis, na provincia do Rio de Janeiro, creada em 1845 por mil allemães, possui hoje uma villa, que não conta menos de 3,000 habitantes perseverantes, e nos arredores uma vasta extensão de terreno em plena cultura. Uma outra colonia importante e em parte composta de allemães, é aquella do S. Leopoldo no Rio Grande. Em 1842, ella já exportou mais de 700,000 francos de productos, alcançou quasi em chifres 1.800,000 francos em 1846, e agora já passa de 2.500,000 francos.

Todos os generos são exportados em navios pertencentes aos agricultores e construidos na colonia, que não contava, em 1849, menos de 29 destilladores de rum, 6 engenhos de assucar, 3 fabricas de amido, 41 moinhos para a fabricação da farinha de mandioca, 20 tannocieres, uma grande officina para lapidar as pedras preciosas, 6 fabricas de fiar algodão e linho, 16 moinhos de moer trigo, e um cortume. Os habitantes são em parte catholicos, em parte protestantes; mas o numero destes ultimos é consideravel. Ha 12 capellas, das quaes 4 são destinadas ao culto catholico e 8 ao culto evangelico. As 16 escolas primarias de S. Leopoldo são frequentadas por 622 alumnos de ambos os sexos. Apesar do estado de agitação e desordem á qual a provincia tem estado exposta durante mais de nove annos, a colonia, em um clima que faz lembrar o da França, não viu ficar estacionarias, nem a sua população, nem a sua industria. Ella conta hoje mais de 6,000 habitantes. »

## NOTICIAS E COMMERCIO.

### Processo e sentença de lord Frankford.

— Este processo que tem ha mezes excitado a attenção da alta sociedade de Londres levou lord Frankford perante o tribunal do banco da rainha e um jurado especial. Faremos breve resenha deste caso singular.

Havia algum tempo que os bispos e membros mais distinctos da igreja episcopal recebiam escriptos de caracter mui escandaloso, sem que podesse ser descoberto o autor. Em julho ultimo recebeu o reve-

\* Entre outras colonias protegidas pelo governo brasileiro, não podemos abster-nos de mencionar a de um italiano, que caiu completamente por falta de recursos sufficientes e pela pouca intelligencia na sua direcção. Temos visto ainda o dr. Mure tentar o estabelecimento de uma colonia na provincia de Santa Catharina e obter mesmo das camaras brasileiras uma quantia grande de dinheiro para as despesas de sua associação. Os colonos porém não tardaram a dispersarem-se antes que os seus trabalhos tivessem dado os primeiros fructos, e o dr. Mure veio ao Rio de Janeiro implantar a medicina homoeopathica.



rendo Mackensie pelo correio oito exemplares do seguinte papel.

« Mr. Macheath offerece o seu respeito e prestimo ás damas e mais senhoras da nobreza e lhes participa que continua a facilitar entrevistas e colloquios com a mais perfeita impunidade e completa segurança.

« Mr. M. chama a attenção das mesmas damas sobre o modo porque se conduz ha muito tempo nesta especie de negocios. Depois de ter fallado com as duas partes, previne, pela remessa de um seu bilhete de visita ao anoitecer, do momento da entrevista as pessoas que se aproveitam de seus serviços. Vêla por essas pessoas durante toda a entrevista e toma pessoalmente todas as medidas necessarias para que as damas possam receber os seus amantes á uma hora da noite; ha um meio particular para ter o marido encerrado durante todo o tempo que passam aquelles no salão.

« Garante ás mulheres casadas metade dos bens de seus maridos no caso de serem descobertas, e promove tambem aos maridos processos perante os tribunaes ecclesiasticos. Quanto ás senhoras casadouras, promette-lhes maridos que se incumbem de metter na casa dos deudos, verificado o matrimonio, despojando-os dos bens em proveito das mulheres. O seu predecessor estrangulou um báronete só por fazer a vontade á mulher deste, e depois de a ter desembrasado de segundo marido tracta agora de annullar o testamento. »

Neste papel extraordinario liam-se os nomes de muitas pessoas distinctas, entre ellas lord Henry Lennox, o qual tendo-se certificado de que lord Frankford era o auctor e distribuidor de semelhantes papeis, deu contra elle a competente querella.

Depois que o advogado de lord Lennox leu o documento que fica transcripto, o procurador geral da corôa n'uma breve allocução aos jurados declarou, que não obstante sentir profundamente que um homem da jerarquia de lord Frankford fosse citado para responder por haver escripto, impresso, e posto em circulação tão escandaloso papel, forçoso lhe era dizer tambem que se ficasse impune similhante facto, se descarregaria profundo golpe na moral publica e ninguém poderia julgar segura a sua honra.

Em seguida procedeu-se aos depoimentos das testemunhas, que patentearam como chegou a policia a descobrir que lord Frankford era o delinquente neste caso. Em resumo basta saber que foram espiados os passos de uma mulher creada de lord Frankford, que se viu sabir da casa deste, sita em Buckingham-Street n.º 14; que esta se dirigira ao correio, e o agente da policia lhe travara do braço, e tirara as cartas no acto em que ia deital-as na caixa.

John Grey, antigo empregado da policia de segurança, declarou que n'uma visita que fizera a casa de lord Frankford lograra apossar-se, sem este perceber, de tres impressos em tudo semelhantes aos recebidos por lord Mackensie e aos apprehendidos á mencionada mulher.

Tambem foram inquiridos como testemunhas um antigo soldado de 10.º de hussaros, regimento onde foi tenente lord Frankford, e um impressor; ambos deposeram particularidades acerca da imprensa achada no domicilio do mesmo lord.

A final, examinadas as provas e ouvida a defeza, o jury proferiu o *verdictum* de culpabilidade, e sobre elle o juiz, lord Campbell, a seguinte sentença.

« É penoso ter de proferir sentença de prisão contra um nobre; sem embargo disso, o meu dever nesta circumstancia é dos mais imperiosos. A lei da Inglaterra não faz distincção entre o homem nobre e o que não o é. A decisão do jury me parece inteiramente conforme com os depoimentos das testemunhas, e pela minha parte associo-me completamente aos sentimentos que dictaram ao jury seu *verdictum*. Portanto, vejo-me na obrigação de proferir sentença condemnando o accusado a soffrer um anno de prisão na casa de correcção do condado de Middlesex. »

Lord Frankford sahiu da sala escoltado pelos officiaes de diligencias do tribunal.

**Noticias de Paris.** — Paris 7 de dezembro de 1852. — Os duques da Terceira chegaram a Paris no dia 1.º do corrente.

No dia 5, anniversario do nascimento da sr.ª duqueza, houve um grande jantar em casa do conselheiro Paiva, ministro da rainha em França. A este jantar, dado em honra dos duques, assistiram quasi todos os portuguezes de distincção que se acham actualmente em Paris, entre elles citaremos em primeiro logar sua alteza a sr.ª infanta D. Anna de Jesus Maria, e em seguida os condes de Renduffe, conde de Mesquitella, visconde de Sautarem, conde de Villa Real, viscondessa de Alcochete, D. Manuel de Sousa Coutinho, J. de Pereira, antigo official superior do exercito francez, D. Pedro de Mendonça, Ricardo Browne etc. etc.

Estava tambem presente o marquez de Lisle de Ciry, novo ministro de sua magestade o imperador dos francezes junto de sua magestade fidelissima.

O banquete terminou com uma *soirée* a que assistiram cerca de cincoenta dos nossos compatriotas, entre elles os srs. visconde de Loures, Almeida Campos, D. Maria Soares d'Albergaria, esposa do sr. Montemerli, Luiz Quillinan, ajudante d'ordens do marechal duque de Saldanha, Jayme e Emilio Larcher etc. etc.

O excellente actor comico do *Palais royal*, Mr. Levassor, cantou durante a noite muitas das suas mais devirtidas canções.

A *soirée* terminou perto das 2 horas da noite, ficando todos encantados da amabilidade com que o nosso representante na corte de Paris, e sua esposa a sr.ª D. Carlota Maya de Paiva, faziam as honras da casa e acolhiam a colonia portugueza.

**A Alemanha.** — É uma reunião de estados independentes que se denomina — « Confederação germanica. » Esta constituiu-se em 1815 dissolvendo-se a do Rheno, que havia sido formada em 1806 com os fragmentos do antigo imperio germanico. Confina pelo norte com o Baltico, pelo sul com o Adriatico, pelo oriente com a Prussia oriental, e pelo occidente com os Paizes-Baixos, ou reino de Hollanda. A sua extensão territorial comprehende uma superficie de 20:000:000 milhas quadradas, e a população ascende a trinta e seis milhões de habitantes.

A Alemanha é um conjuncto heterogeneo, na com-

posição do qual entram os diversos elementos seguintes :

39 estados, dos quaes um se intitula imperio e é a Austria, outros se chamam reinos como a Prussia, o Hanover, a Saxonia, o Wurtemberg, outros são conhecidos pela denominação de principados como Hohenzollern e Lichtenstein, mui pequenos paizes; outros, grão-ducados, como o de Baden, ou simples ducados como o de Oldemburgo, outros são republicas, isto é cidades com limitados territorios, por não dizer suburbios, como Hamburgo, Bremen, Lubeck.

Dezêssê estados alguns ha como o principado de Waldeck que apenas conta de população 50:000 almas, ao passo que a Austria enumera mais de 30 milhões de subditos, posto que todos não pertençam á confederação. E como não fazemos capitulo de geographia, e só queremos dar idéa geral da confederação, abstermo-nos de uma comprida lista de nomes.

São differentes as religiões que alli se seguem: ha catholicos, schismaticos gregos, protestantes, judeus etc. As raças são tambem diversas: ha latinos ou romãos, scandinavos, theutones, slavos etc.

A confederação mantém um exercito de 301.637 homens, distribuidos em 222:118 de infantaria de linha, 11:693 caçadores, 43:090 cavallos, 21:717 artilheiros, 3:027 sapadores. O material de artilheria consistê de 612 botas de fogo.

A sua receita monta a perto de 210 milhões de escudos: a sua divida, não comprehendida a de cada estado em particular, importa na quantia de escudos 882.308.000.

Na confederação ha duas dietas ou corpos deliberantes; uma simples, e outra geral chamada *plenum*: ambas celebram as suas sessões em Francfort sobre o Meno, e ambas são presididas pela Austria.

Na dieta ordinaria não tomam parte senão 17 votos, distribuidos desta maneira: Austria 1, Prussia 1, Baviera 1, Saxonia 1, Hannover 1, Wurtemberg 1, Baden 1, Hesse eleitoral 1, Hesse gran-ducal 1, Dinamarca pelo Holstein 1, Paizes-Baixos pelo Luxemburgo 1, casa gran-ducal de Saxonia 1, Brunswick e Nassau 1, os dois Mecklemburgos 1, Holstein-Oldemburgo, Anhalt, e Schwarzburgo 1, Hohenzollern, Lichtenstein, Reuss, Schaumbourg-Lippe, e Waldeck 1, as cidades livres de Lubeck, Francfort, Bremen, e Hamburgo 1.

Na dieta geral ou *plenum*, que é convocada para alterar as leis fundamentaes, tomam parte 69 votos, em que a Austria, a Prussia, a Saxonia, a Baviera, o Hannover, o Wurtemberg tem quatro votos cada reino, outros estados a 3 e a 2, e os menores a 1, incluindo as cidades livres, que tem cada um o seu.

Nenhuma destas duas dietas é auctorizada para intervir nos negocios internos dos estados, quando não tenham relação com os interesses geraes da confederação.

Nenhum dos governos germanicos pôde concluir tractados de alliança nem declarar guerra sem consentimento do poder federal.

## BIBLIOGRAPHIA.

ALMANAK STATISTICO DA PROVINCIA DE ANGOLA. — Um vol. em 4.º

O titulo deste livro e a referencia ao anno de 1852 talvez tenham prejudicado a sua extracção, reputando-o muitas pessoas um simples folhinha, que findo o anno se pôde de parte como inutil. Mas, tanto não é assim que em 90 pag. de impressão, bem cheias, occupa apenas 6 o espaço que é propriamente folhinha. As demais são recheadas de curiosas noticias historicas e interessantes dados estatisticos, que em todo o tempo se consultam com proveito, tendo o merecimento da recente data quanto a estes ultimos, ministrando á curiosidade elementos que não encontraria em publicações mais antigas, aliás interessantes.

Contém o resumo da historia, a geographia com a divisão do territorio, particularidades relativas ao clima, solo, produções e commercio dos reinos de Angola e Benguela. Por isso se verá quanto vale este opusculo para os que desejam ter conhecimento destas novas ricas possessões. Nem se omittiu o que diz respeito á legislação especial da provincia, á receita e despesa publica, movimento commercial, e tambem aos costumes e usanças dos habitantes pretos.

Eis aqui a descripção da capital:

« A cidade de S. Paulo de Assumpção de Loanda, é a capital da provincia de Angola e Benguela, situada na costa maritima em 8º 48' latitude sul, e 22º e 10' longitude a E. de Lisboa: — nella residem o governador geral, e as primeiras auctoridades do paiz.

Loanda divide-se em alta e baixa cidade: — a extensão da cidade baixa é limitada desde a ponta da Isabel, aonde existem os vestigios de um passeio publico, mandado reconstruir pelo governador Luiz da Motta Fêo em 1810, até a réz do morro da fortaleza de S. Miguel. — Vindo da ponta da Isabel, estrada do Penedo, se encontra a ermida de Nossa Senhora da Nazareth, erigida pelo governador André Vidal de Negreiros, em reconhecimento da victoria que alcançou em 1666, contra o grande exercito do rei do Congo, cuja historia se vê pintada em azulejo na capella mór da dita ermida, de onde principia a linha de casas de sobrado e terreas, ficando para o lado da fortaleza do Penedo o matadouro publico, mandado construir pela camara municipal em 1849; e vindo caminho da cidade no bairro do Bungo, outra praça das execuções, está o correio central, ao qual se deu ultimamente regulamento em data de 19 de novembro de 1849, e defronte d'elle a Quintanda pequena, ou praça do mercado, de muita concorrência de povo miúdo, havendo de um e outro lado casa de bella apparencia: — neste local ha caminho par-

o alto das cruzes aonde se acha construido o cemiterio da cidade, e desviado delle 4 braças se vê principio de um cemiterio protestante, cujo terreno foi cedido pelo governador Adrião Accacio da Silveira Pinto, de cujo terreno a camara municipal deu posse em 25 de setembro de 1849: — o terreno cedido aos inglezes é unicamente para o enterramento dos subditos britannicos, e comprehende 30 braças de comprimento pelo lado do norte do nosso cemiterio, pelo fundo e lado do nascente 20 braças, pelo norte 30, e pelo poente que diz para a estrada que vae do alto das cruzes ao poneto 20 ditos.

Na calçada que vae para o alto das cruzes se vê a igreja de Nossa Senhora do Carmo, e dentro da sua cerca está o quartel da companhia de segurança publica reorganizada em 24 de outubro de 1837: — seguindo pelo lado da praia se topa o edificio da alfandega com boas accommodações para o expediente das suas repartições, e por baixo os armazens para guardar os generos mercantis, e um bom caes de cantaria, e em seguida uma ponte de pau construida sobre estacaria, a qual foi concertada em 1851; esta casa fiscal teve regulamento no 1.º de outubro de 1799, e presentemente se regula pela pauta de 25 de junho de 1849: — dentro deste mesmo edificio está o trem nacional com separação e porta independente, em que ha algumas officinas proprias para o fornecimento do exercito e marinha, cujos estabelecimentos foram mandados construir pelo governador D. F. I. de Sousa Coutinho, em 1790 — neste bairro existem a arruinada e abandonada ermida de Santa Effigia, a Quitanda no largo do Bressane, (grande mercado aonde se vendem de manhã carnes de porco e carneiro, galinhas, fructas, hortaliças etc.), e o açougue publico, os armazens do almoxarifado, o quartel do esquadrão de cavalleria, em frente do qual se veem boas ruas e travessas guarnecidas de bellas casas; mais adiante se veem os alvos e aguçados campanarios na igreja de Nossa Senhora dos Remedios que hoje serve de Sé, e a do Corpo Santo: — defronte destas está a *Quitanda grande*, excellente mercado de fazendas de diversas qualidades, vendidas a retalho, em que se contam para cima de 100 pretas quitandeiras, distribuidas em 30 a 10 barvacas volantes, que desaparecem ao pôr do sol, e apparecem ao raiar da aurora, ficando apenas as quitandeiras que fregem peixe, juntas das quaes se agrupam de noite grande numero de negros e negras, a *batacarem* em grande algazarra e vozzeria: — seguindo pelo lado da praia se descobre o bello e bem construido terreiro publico em forma quadrangular, com seu excellente caes de cantaria coberto com um extenso telheiro sustentado por 14 pilares de pedra: — dentro deste edificio ha uma grande cisterna, que dizem pôde fornecer 270 pipas de agua; é obra do governador D. F. I. de Sousa Coutinho em 1765, teve regulamento em 7 de novembro de 1766, e reformado em 11 de maio de 1850: — continuando pelo lado da praia, topa-se o sitio chamado praia do peixe par ser alli o mercado delle, aonde são obrigados a atracar todos os barcos de pescaria a fim de pagarem ali o *dízimo do pescado* ao respectivo diameiro que arremata este imposto: — neste bairro ha apenas nove casas construidas de pedra e cal, e o mais são cubatas de palha; — ha tambem uma *Qui-*

*landa* em que se vendem fructas, cannas d'assucar, lenha etc., cercada de um telheiro corrido de arcos construido de pedra, com 4 portas de entrada, o qual se acha presentemente arruinado e proximo a desmoronar-se; esta obra foi mandada construir, com bastante dispendio da fazenda, pelo governador Manuel Eleutherio Malheiro, em 1841: continuando por baixo da fortaleza de S. Miguel para o lado do nascente, encontra-se grande apinhamento de cubatas de negros (habitação de palha), e uma calçada antigamente chamada dos Enforcados, e hoje do Layra; e seguindo caminho directo por uma extensa rua se encontra a praça do Pelourinho, aonde existe hoje a camara municipal.

Da cidade baixa se elevam para a alta as seguintes calçadas: — calçada do Carmo, dita Velha, dita do Desengano, dita do Pelourinho, dita de S. Miguel, dita do Ouvidor, dita do Malheiro, dita do Possollo, que todas vão desembocar no alto da Colina (cidade alta) em que se veem alguns edificios magestosos e casas nobres: — neste local reside o governador geral da provincia, e os principaes funcionarios publicos; ha ali uma grande praça de forma de pentagono irregular, no centro da qual se eleva um obelisco que recorda ao viandante a aclamação do ar. D. João VI, e o patriotico pensamento do governador que foi desta provincia Luiz da Motta Fêo, que o mandou erigir em 1817: — este bello local é aprazivel não só pela sua vantajosa posição, mas tambem pelo pittoresco da alameda [de copadas arvores de sombra e agradável vista de que goza para a cidade baixa: — neste local estão os edificios seguintes: — hospicio de Santo Antonio, que se acha em concerto, a igreja de S. João em que ha uma irmandade dos militares da invocação de Santa Cruz, instituida em 1791; e defronte deste está o antigo collegio dos jesuitas, parte do qual serve de paço episcopal, e parte do estabelecimento das obras publicas; á esquerda deste está o espaçoso e bem arejado palacio dos governadores, e em frente delle a casa da junta da fazenda publica, com contadoria e uma sala para as sessões da mesma, obra do governador D. F. I. de Sousa Coutinho, o quartel de sapadores, e o parque de artilheria; e á direita está a cadeia publica que teve regulamento de 15 de maio de 1816, e defronte della está o quartel do batalhão de infantaria de linha: — passando a igreja de S. João de que já fallamos, está a santa casa da misericordia com seu hospital, onde se curam os enfermos pobres, e quartos para os que pagam uma quantia convencionada; — mais adiante se vêem as ruinas da igreja de Nossa Senhora do Rosario, e no caminho da Maianga a de S. José em que se achava estabelecido o hospital militar, que passou para o edificio da misericordia em 20 de junho de 1851, pelo máo estado em que se achava o de S. José.

Nos suburbios ou arrabaldes da cidade ha muitos arimos (hortas), e as duas *Maiangas* (poços publicos) que servem de recreio aos seus moradores. — Tem a cidade dentro das barreiras cinco quartos de milha de comprimento, e tres quartos de milha na sua maior largura: a cidade alta é reputada mais saudavel que a baixa pela sua vantajosa posição, todavia ambas soffrem sensivel falta d'agua por não haver em Loanda mais que os dois poços denominados Maian-

gas, dos quaes um só é publico, e que não chega para o consumo dos seus habitantes: além destes poços ha os seguintes depositos ou cisternas — na fortaleza de S. Pedro da Barra uma que leva mais de 20 pipas de agua — na fortaleza de S. Francisco do Penedo outra de 40 — e na de S. Miguel uma que se diz levar mais de 1:000 ditas, e a do terreiro de que já fallamos de que se podem tirar 270: — ha tambem no trem nacional um deposito d'agua do Bengo, — todos estes depositos por consequencia contem aproximadamente para cima de 1:330 pipas de agua, de que só se tira para o palacio do governador geral, e em algumas fortalezas serve para as suas guarnições. A agua das cacimbas publicas e particulares (poços) é toda salobra. As estações publicas são fornecidas d'agua da Maianga do rei, condusida em carros das obras publicas. A maior parte d'agua que se bebe na cidade é do Bengo condusida em lanchas dos particulares, e muitos delles tem casas de depositos della para a venderem ao povo a 50 réis cada barril caseiro; e tambem alguns particulares a mandam vender pelas ruas tirada da Maianga do povo: — não obstante esta boa providencia muitas vezes acontece haver falta della quando a calma é grande (marzia), porque então não podem vir do Bengo as lanchas.

É para lamentar que se não tivesse realisado o pensamento ainda que mal combinado do governador José de Oliveira Barbosa, do encanamento do rio Cuanza para esta cidade, o que devia trazer não só o abastecimento d'agua aos seus habitantes, mas ainda grande incremento á agricultura. — Os hollandexes no tempo que nos usurparam alguns dos nossos dominios e hostilizaram as nossas armas nesta provincia, tentaram encanar o Cuanza para Loanda, porém a direcção que lhe deram induz a querer que o seu fim era antes abrir communicação com Loanda, do que conducção de aguas para a cidade.

O porto de Loanda é seguro e abrigado para nelle ancorarem navios grandes, e fica entre a terra firme ao NO. da cidade, e ilha de Loanda a meia milha de distancia, em 16 braças de fundo de areia: — é defendido pelas fortalezas da Conceição, S. Pedro da Barra, Penedo, e S. Miguel.

A ilha de Loanda é toda raza e de arêa; nella existe a ermida denominada Senhora do Cabo, da invocação de Nossa Senhora da Gloria, e um pequeno arsenal com algumas officinas para o serviço dos navios da estação naval, estabelecido pelo então commandante da dita estação Pedro Alexandrino da Cunha, em 1844, que depois foi governador desta provincia: — esta ilha conta 1:327 habitantes dos quaes 690 são pescadores que andam em 345 canoas, e os restantes estão ao serviço do trem nacional, todos distribuidos em 400 cubatas; — tem tambem 9 casas construidas de pedra e cal, e algumas arvores de sombra, e fructíferas (coqueiros): — as ditas casas de pedra pertencem a ricos proprietarios da cidade, que nos dias santos vão para alli passar o dia com sua familia e amigos, por quanto na cidade não ha divertimentos, ao mesmo tempo que o mau piso da cidade não convida a passeios, a não ser metido dentro da indispensavel *machilla ou typola*, levada por dois negros (nojentos carregadores), pelo mau modo que elles dão se torna preferivel andar a pé:

— já Loanda possuiu dois theatros denominados um — União — e outro — Providencia —; neste ultimo inda ha pouco se representou, porém hoje está abandonado, e assim estão muitas casas aonde já houveram lúsidas reuniões.

Para acudir aos incendios, ha uma companhia denominada — companhia dos incendios — composta de 27 pretos libertos, que se acham a cargo do commandante da companhia de sapadores, creada por portaria do governador geral do 1.º de dezembro de 1844. — Os moradores da cidade (os logistas) são obrigados a mandarem ao lugar do incendio um caxenxo ou barril cheio de agua, na conformidade do edital da camara municipal de 22 de março de 1839, e portaria do governador geral, de 30 de setembro de 1847. — A alta e baixa cidade é illuminada por 63 lampiões a cargo da camara municipal. Loanda conta 10 praças — 13 ruas — 26 travessas — 2 largas — 12 beccos — 9 calçadas — nas quaes ha casas de sobrados 173 — casas terreas 391 — cubatas 2683, — 8:334 fôgos, — e 14.335 habitantes que vão classificados no respectivo mappa da população.

Ha hoje nesta cidade 13 carrinhos de um e dois cavallos — 58 cavallos de regato — 29 carros de conducção puchados por bois, dos quaes 10 pertencem á fazenda publica, 2 á camara municipal, e 17 aos particulares.

Finalmente a cidade de Loanda que hoje apresentamos aos nossos leitores, já não é aquella cidade que causava terror não só aos seus habitantes, mas tambem aos d'além mar, pelo pejsamento das suas ruas de immundices, impregnadas de exhalações mephiticas, quintaes atalhados de negros cobertos de molestas contagiosas, agrupamentos de miseraves negros dentro de espluncas chamadas cubatas, além de muitas outras causas que directamente concorriam para o desenvolvimento de molestias agudas e mortíferas: hoje póde dizer-se a cidade bem policinda, apinhada de bellas casas nobres e terreas, espaçosas praças e ruas guarnecidas de copdas arvores de sombra, pelas quaes hoje se veem rodar elegantes carrinhos puchados a dois cavallos; lojas ricamente sortidas de todas as mercadorias, e grande trafego de importação e exportação, observando-se muita actividade nos seus habitantes, e raro se encontra um mendigo pelas ruas: — nos suburbios da cidade se encontram pittorescas vivendas campestres a que vulgarmente aqui chamam *arimos*.

COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL, por José da Motta Pessoa de Amorim.

Publicou-se a 3.ª folha do tomo 4.º e contém:

*Historia prophana*. — Grecia (até ás batalhas de Leuctra, e Mantinéa), e morte do Epaminondas, e Dalames.

Vende-se a 20 rs. a folha na rua Augusta n.º 1 e 8; e a 300 rs. por volume nos principaes livrairos de Lisboa, Porto, e Evora.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SA.

NUM. 36.

QUINTA FEIRA, 5 DE JANEIRO. DE 1853.

12.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### EXPOSIÇÃO DE BELLAS-ARTES.

No dia 30 do mez passado a Academia de Bellas-Artes de Lisboa celebrou a abertura de sua exposição, que se dignaram honrar com sua presença suas magestades a rainha e seu augusto esposo, que com sua costumada affabilidade, e como perfeito conhecedor e muito estudioso das artes de desenhos, dirigiu aos alumnos premiados palavras de louvor e de incentivo ao progresso em seus futuros trabalhos.

Falta-nos por agora o tempo para darmos circumstanciada noticia, e por isso quanto á parte da historia da Academia transcrevemos o relatório do seu secretario; e porque este instituto, como todas as coisas uteis entre nós, tem sido victima de detractores, ou acintosos ou mal informados, copiamos, como a melhor resposta, alguns trechos do discurso recitado naquella solemne occasião pelo benemerito professor, o sr. Francisco de Assis Rodrigues, tão distincto artista quanto versado em materias de erudição, como attestam suas obras de escultura e seus escriptos.

SENHORA!

Nove annos tem decorrido que celebrou a sua sessão, e exposição publica, a Academia das Bellas Artes de Lisboa; e, se desde então tem deixado de cumprir este preceito, que lhe é ordenado pelos artigos 90.<sup>o</sup> e 100.<sup>o</sup> dos seus estatutos, a causa desta falta não foi por certo da Academia, mas sim das revoluções politicas, que a obrigaram or duas vezes a interromper os seus trabalhos, fechando as suas aulas; e tambem a occupação das

suas mais importantes casas de estudo por dois corpos militares; accrescentando a todas estas circumstancias a falta de recursos para occorrer a estas solemnidades. Graças ao illustrado governo de vossa magestade, que, movido pelo bem das artes, e por effeito de seu patriotismo, soube superar as difficuldades com que tem lutado a Academia, ministrando-lhe os necessarios meios para fazer hoje a sua sessão publica, e gozar da inapreciavel honra de vêr a vossa magestade em seu gremio.

Com quanto que mui prolongada fosse a occupação dos dois corpos militares, a Academia tem aberto as suas aulas a todos que as tem querido frequentar, tanto de dia, como de noite nas estações invernosas, excepto nos annos de 1846 a 1847, e de 1847 a 1848, pelo estado politico da capital, e por se haver tomado a casa em que se davam as lições de architectura civil, não podendo os officiaes e aprendizes de officios mechanicos e artes fabris, receher a precisa instrucção.

Achando-se até então a Academia mui circumscripta, as suas aulas diurnas foram, e tem sido frequentadas por grande numero de discipulos, pois que os matriculados no presente anno lectivo, com os dos annos antecedentes, sóbem ao numero de 490: e desde a sessão e exposição publica de 1843, destes obtiveram o partido de 20\$000 réis, nos concursos da aula do desenho historico, 52. — Em concurso triennial de 1846, na aula de pintura historica, foi premiado com a medalha de prata, *João Macphail*; — na de escultura, com igual medalha, *Angelino da Cruz Silva e Castro*; — e na de architectura civil, tambem com igual medalha, *Pedro Baptista Monteiro*. Estes premios foram entregues aos candidatos, em conformidade da portaria do ministerio do reino, de 21 de agosto de 1847.

Em concurso triennial, na aula de pintura historica, em 1849, foi premiado com a medalha de ouro, *José Rodrigues*; e com a honra do *accessit*, *João Macphail*; — com a medalha de prata, o surdomudo *Francisco José Marques* e com a honra do *accessit*, *Zeferino Augusto Teixeira*; — na aula de

esculptura, com a honra do *accessit*, *José Maria Caggiani*: — e na de architectura civil, com a medalha de prata, *Rafael José Fragoso*.

No presente concurso trienal da aula de pintura historica, foi premiado com a medalha de prata, *Joaquim Lopes da Cruz*: em concurso da aula do desenho historico, no anno lectivo findo, obtiveram o partido de 20\$000 réis, *Julio Augusto da Motta Mera*, *João Pires Gomes*, *João Baptista Minas*, e *Joaquim Gregorio Nunes Prieto*: obtiveram a honra do *accessit*, *Ernesto Vasco da Cunha Franco*, *José da Luz*, e *Domingos Parente da Silva*.

Não tem sido menos frequentadas as aulas nocturnas nestes ultimos annos pelos estudantes fadados, e por pessoas curiosas, pois que o seu numero no inverno passado subiu a 88, devendo accrescentar-se a este numero os que já se acham inscriptos para serem leccionados no presente anno.

Os professores sempre desvelados no desempenho de seus deveres, leccionando de dia e de noite á numero tão crescido de discipulos, puderam apresentar n'esta exposição publica as obras de sua propria invenção e execução, em conformidade do artigo 24.º dos estatutos da Academia.

Não deixarei de expor a vossa magestade, que, se os professores tem em tudo desempenhado as obrigações de que estão cercados; os artistas, digo, os academicos de merito, e artistas aggregados á aula de pintura historica, se tem empregado em copiar varios quadros classicos de reconhecido merecimento, e na restauração de outros existentes na Academia.

Os aggregados á aula de esculptura executaram pelos modêlos, e sob a direcção do professor proprietario da respectiva aula, e director geral da Academia, *Francisco de Assis Rodrigues*, toda a escultura que orna o frontão, e o attico do theatro de D. Maria II, cuja obra começou em fevereiro de 1845, e terminou em maio de 1848; e se uns e outros se tornaram dignos pelo bem que desempenharam estas tarefas, os aggregados á aula de architectura civil não tem estado em ociosidade, pois uns tem sido empregados pelo governo de vossa magestade em diferentes commissões, e outros incumbidos de desenhar varios projectos de architectura: finalmente os da aula de gravura historica continuam a occupar-se de gravar os quadros dos nossos pintores.

Mas, senhora, a Academia sempre sollicita no adiantamento dos discipulos que a frequentam, tem ampliado, e feito novas edições dos elementos de desenho, confectionados pelo professor da aula do desenho historico, *Joaquim Rafael*; e bem assim dos compendios de geometria, architectura e perspectiva, compilados pelo professor substituto da aula de architectura civil, *José da Costa Sequeira*; e apesar dos poucos meios de que a Academia pôde dispor, tem comprado alguns livros para instrução dos discipulos, e mais artistas; e ella não deve deixar em silencio a primorosa obra de architectura civil do cavalheiro *Luiz Canine*, de cinco volumes

de estampas, em folio, e dez volumes de texto, que o actual ministro e secretario de estado dos negocios do reino, inspector geral da Academia, mandou comprar e offerecer para uso, e exercicio dos estudos academicos.

A Academia teve a satisfação de propôr ao governo de vossa magestade, para academicos de Merito, e honorarios, durante este periodo, a sua eminencia o actual cardeal patriarcha, a *Luiz Pereira de Menezes*, e *Maximo Paulino dos Reis*, pintores historicos, a *José Jacques Forrester*, a *D. Rosa Whelarte da Motta*, a *D. Balbina Emilia Rafael*, e ao bacharel *José Joaquim da Silva Pereira*. Mas a par destas novas e bellas acquisições, a Academia tem a deplorar a perda de seu illustre director geral, o doutor *Francisco de Sousa Loureiro*, lente de prima da universidade de Coimbra, um dos principaes ornamentos da litteratura portugueza: — dos dois seus distinctos professores, *Benjamin Comte*, bem conhecido em toda a Europa, e fora d'ella, por suas gravuras classicas, e *André Monteiro da Cruz*: — do academico honorario o eminentissimo cardeal *Savaria*; e dos academicos de merito *Luiz José Pereira de Rezende*, e *Manuel Joaquim de Sousa*.

Senhora! para não cançar mais a attenção de vossa magestade, como órgão que sou da Academia, e no desempenho dos meus deveres, cumpre-me fazer notar quam sensivel lhe tem sido a falta de bons originaes das estatuas e obras do antigo, para uso dos respectivos estudos, por estarem muito gastos e damnificados pela acção do tempo os que existem.

A academia confia nos bons desejos do governo, que fará dar execução á carta de lei de 23 de abril de 1850, que o authorisou para esta compra com a somma de 600\$000 réis; assim como espera se verifique a compra dos quadros classicos, que pertenceram á fallecida imperatriz rainha, a senhora D. Carlota Joaquina de Bourbon, de saudosa recordação, cujos quadros se acham para este fim separados no paço da Bemposta. Os discipulos, pois, que hoje vão ter a honra de receber das reaes mãos de vossa magestade o premio de seus estudos e fadigas são os discipulos da aula de pintura historica, *José Rodrigues*, premiado com a medalha de ouro:

Os discipulos da mesma aula premiados com a medalha de prata, *Francisco José Marques*, e *Joaquim Lopes da Cruz*.

O discipulo da aula de architectura civil, premiado com a medalha de prata, *Rafael José Fragoso*.

Academia das bellas-artes de Lisboa em 2 de dezembro de 1852. — *Francisco Vasques Martins*, processor substituto, e secretario.

#### EXTRACTO DO DISCURSO DO SR. ASSIS.

Com o benéfico auxilio das artes do desenho conhecemos a religião, os costumes, os usos, a architectura civil e militar dos diferentes povos, e na-

ções: distinguimos os animaes, as plantas, os mineraes; e n'uma palavra, conhecemos tudo quanto os olhos e a imaginação podem ver, e conceber, a mão e o pensamento podem, e sabem representar. É pois indubitavel, que as artes plasticas são um bello e excellentissimo dialecto, uma linguagem universal, pela qual o ente racional aperfeiçoa e acaba a arte maravilhosa de communicar seus pensamentos, uma das qualidades que constituem a nobreza e dignidade do homem: por ellas corrigimos os erros, emendamos os costumes, praticamos a virtude, e até adoramos a divindade.

E se acaso as artes do desenho, para conseguirem tão uteis e proveitosos fins, se soccorrem de outras artes e sciencias, não é igualmente certo que estas sciencias e artes se valem das do desenho para conseguirem o seu progressivo adiantamento? Não é por meio do desenho que aprendemos a geographia, a botanica, e muitos outros ramos das sciencias naturaes e philosophicas? Não é o estudo das artes do desenho tambem muito util ás artes mechanicas, ou officios fabris? Ah! que vasto campo se abre agora a meus olhos, quando considero nas utilidades que as artes fabris e industriaes colhem das luzes das artes plasticas! Ellas não só concorrem para a educação das pessoas civilizadas, que devem aprender o desenho, como Platão diz que aprendera, junto com as mais sublimes sciencias, a fim de se habilitar a bem julgar do bello, mas tambem devem fazer parte da instrucção dos povos. Sim, é pelas regras de geometria pratica, do desenho linear, e de outros ramos das artes plasticas, que os artífices podem conhecer e avaliar a medida, as proporções, e a elegancia de seus artefactos: é este um dos grandes meios de se melhorarem e aperfeiçoarem os moveis, os utensilios, os trajos, os enfeites, e as mais pequenas cousas do nosso uso domestico e civil. As felizes applicações destes estudos devem, em grande parte, a Allemanha, a França, a Belgica, a Inglaterra, a Hespanha, e mesmo o nosso Portugal, o aperfeiçoamento de suas manufacturas, o credito e consumo de seus productos, o augmento e riqueza de seu commercio.

Quando discorro por este modo, não pareça, senhores, que sou exaggerado, ou que pertendo requintar encarecimentos para sustentar paradoxos: este sentimento meu é o sentimento da verdade fundado na razão e na experiencia; é o sentimento de todos os auctores entendidos na materia de que tracto. São os nossos olhos, e o nosso coração, naturalmente atraídos pela boa configuração, ou pela elegancia das formas dos objectos que se lhes apresentam; e quando nelles reluzem tão excellentes qualidades, somos docemente chamados, e convidados á sua compra e adquireção. E se isto acontece nos objectos de mero luxo, quanto maior aprego e consumo não devem ter aquelles, que verdadeiramente são considerados de primeira e reconhecida utilidade, para com elles se satisfazerem as mais indispensaveis precisões e comodidades da vida social e civil?

Taes são, senhores, as utilidades produzidas pela academia. É certo e geralmente reconhecido, que ella tem desempenhado os dois fins da sua instituição, isto é, criar artistas doutos, e diffundir as regras do desenho pelas classes fabris e secundarias. Não tem ella a gloria bem fundada de ver hoje occupando ca-

deiras publicas a alguns de seus discipulos; e um regendo os estudos de desenho na escola polytechnica, e a outro no collegio militar, sendo ambos providos nestes honrosos lugares por meio de concurso publico.<sup>1</sup> Não é igualmente certo, que ao presente estão prepostos dois para serem providos nos lugares de professor proprietario, e de substituto da cadeira de desenho, annexa á faculdade de mathematica da universidade de Coimbra.<sup>2</sup> e outros dois para o provimento das substituições vagas das cadeiras de pintura de paisagem, e de gravura historica desta academia.<sup>3</sup> e todos os oppositores discipulos della, e pela mesma proposta em concurso para os ditos lugares do magisterio? Sobre estes discipulos benemeritos, que ou se acham proximos a ensinar onde aprenderam, ou já estão regendo cadeiras nas primeiras escolas, e academias do paiz, não ha tambem outros muitos, que, ou exercitam as bellas artes com satisfação publica, ou se empregam com louvor e distincção em varias repartições do estado.<sup>4</sup>

Se dos discipulos benemeritos, que tiveram o curso completo de estudos academicos com o destino de professarem as artes nobres de pintura, esculptura, e gravura, passarmos a considerar os individuos, que vieram á academia aprender os elementos de desenho, e as primeiras e indispensaveis noções das bellas artes, applicadas á pratica das differentes artes mechanicas ou fabris, que numero innumeravel de estudantes habeis tem ella ensinado e habilitado, para serem como proveito empregados nos arsenaes do exercito, e da marinha, na repartição das obras publicas, e em varias outras, na qualidade de lavrantes, entalhadores, canteiros, carpinteiros, alvenos: ou para trabalharem nestes e outros misteres, em officinas e lojas particulares de ourives, marceneiros, serralheiros, e de todos os officios que abraça a populosa e magnifica Lisboa! E não será justo confessar, que aos estudos e applicações do desenho, que a academia lhes tem facilitado nas horas de dia, e, com sacrificio de seus professores, até nas horas nocturnas, durante as estações invernosas, para commodidade dos mesmos estudantes, se devem, em grande parte, a elegancia, o gosto, e a polidez com que elles desempenham os seus artefactos, muitos dos quaes podem rivalizar com os melhores, que se fabricam nos reinos estrangeiros, como se ha observado nas ultimas exposições publicas?

São logo, senhores, falsas e infundadas as accusações e doestos, que individuos apaixonados, ou escriptores pouco sizudos, tem levantado, e publicado contra a academia, quando fallam tão alto as provas da sua utilidade, e quando tão vivos e notorios são os testemunhos a que me refiro. Mas, que muito é que elles assim queiram offuscar as utilidades, e a

<sup>1</sup> Os srs. João Pedro Monteiro, e Angelino da Cruz Silva e Castro.

<sup>2</sup> Os srs. Antonio Thomaz da Fonseca, e Antonio Victor de Figueiredo Bastos.

<sup>3</sup> Os srs. Thomaz José da Annuenciação, e Joaquim Pedro de Sousa.

<sup>4</sup> Os srs. Frederico Augusto Metrass, Joaquim Antonio Marques, Valentim José Corrêa, Frederico Augusto de Campos, José Ignacio Novaes, José Rodrigues, José Maria Cagliani, Manuel José Rodrigues Lata, Manuel Maria Bordallo Pinheiro, João Macphail, e outros.



glória do estabelecimento, se contra todos os mais, e até contra as pessoas de mais elevado caracter, e eminentes qualidades, não deixam de lançar traços de negra calúnia, com que pertendem escurecer seu credito, e aniquilar sua fama, abusando grosseiramente da lei, que prescreve os limites á liberdade de escrever? Certo, que esses detractores fallam do que não entendem, e comtudo strerem-se a pezar e marcar quilates ao merito e capacidade dos professores e artistas d'academia, de quem elles nem são, nem podem ser verdadeiros contrastes. . . Porém, eu peço, senhores, que por mais um momento se dignem prestar attenção ao que passo a dizer, e reflectir sobre a principal causa da menos consideração e importancia, que se ha dado, e dá ainda hoje á academia, e com estas reflexões terminarei o meu discurso.

Tem-se infelizmente confundido em parte as bellas artes com as artes mechanicas; e desta confusão de idéas e de objectos nasce a menos importancia, em que são tidos e estimados os que ao merito de professores de artes nobres juntam os procedimentos do homem de bem. O amor proprio bem regulado é o agente mysterioso, que anima e vivifica o espirito de todas as sciencias e artes: e por mais que uma affectada indifferença, ou falsa philosophia, queira nivelar as estaturas e condições do homem, é já tempo de conhecer, que esse desprezo das distincções não é mais que a mascara, com que se cobre o mais fino e estudado orgulho. Tem-se, pois, emparelhado o architecto com o mestre d'obras, o estatuario com o canteiro, o pintor com o broxante: baralhadas por este modo as idéas de arte scientifica, e de officio mecanico, não nos maravilhe, que no centro da capital se notem graves erros em obras de bellas artes: são nos espanto, que na fachada de um templo<sup>5</sup>, ha pouco ultimado, appareçam taes desacertos, que saltam aos olhos das pessoas menos versadas nas leis da architectura; que se levantem chafarizes, que mais semelham tumulos de idade media, do que fontes de utilidade e de recreio<sup>6</sup>; porque qualquer se arvora e constitue a si proprio em architecto, em pintor, em estatuario; porque os telheiros dos canteiros converteram-se em laboratorios de escultura, onde, entre os silhares, as molduragens, e os ornamentos, que ellas cortam e esculpem com perfeição proverbial, apparecem tambem estatuas tão frias como a pedra de que são feitas, e imagens, que fazem gelar a devoção no peito.

Lembremo-nos, porém, senhores, que os edificios, as estatuas, os quadros, e em geral, todas as obras de bellas-artistas, são, como tantas vezes se tem dito, a expressão do estado da sociedade, e os testemunhos publicos da civilização de um povo; e que este só póde civilisar-se, quando tiver uma illustração propria e adequada aos differentes officios que exercer; e não pela illimitada licença em se abalançar, sem talentos, e sem estudos, a representar as obras mais complicadas e difficeis da natureza e da arte. Com effeito, póde algum homem mediocrementemente instruido desconhecer, quaes sejam os muitos e variados estudos, absolutamente indispensaveis áquelle,

que se dedica á profissão das bellas-artistas, para conseguir a perfeição a que aspira, e para merecer o conceito e consideração, que ainda hoje tributamos aos grandes mestres, cujas obras primorosas nos servem de regra e guia, em nossos laboriosos estudos e empresas? Ignora-se acaso, que Miguel Angelo, discipulo do Ghirlandajo, estudára largos annos o desenho, a anatomia, e a physiologia, que ouvira as lições e conselhos de Angelo Policiano, e que consumira a vida dilatada que viveu no estudo das sciencias subsidiarias da pintura, esculptura, e architectura, para chegar a produzir — a *estupenda pintura do Juizo universal* — a *sublime estatua de Moysés* — e a *vasta cúpula da Basilica de S. Pedro*? Não é notorio, que desde os primeiros annos Rafael se entregára ao constante e porflado estudo das artes do desenho, ouvindo as lições do Peruggino, rectificadas depois com as de fr. Bartholomeu de S. Marcos, e com os exemplos do Mosaccio, e das obras do antigo, para merecer e adquirir o epiteto de *divino*? Mas, para que é reproduzir argumentos diante de quem melhor do que eu conheço que, além de grande talento, se requerem muitos estudos, incansaveis fadigas, e continuada pratica, para que um quadro, uma estatua, um edificio, uma gravura, possam com justiça merecer a estimação; o valor, e o assombro, com que ainda hoje vemos e admiramos — a *Transfiguração* — o *Apollo* — o *Pantheon* — e a *Cea de Leonardo de Vinci*? . . E se ainda assim algumas vezes erraram, ou erram, como homens, aquelles que ao engenho natural ajuntam as necessarias habilitações, que se deve esperar dos que não possuem uma nem outra cousa?

Sejam pois livres as bellas-artistas para todos que as pertenderem estudar ou exercitar; porém, não se confunda a liberdade com a licença: Por ventura póde orar em publico tribunal, ou tomar sobre si a defesa de causas forenses, quem se não achar para isso devida e legalmente habilitado? Póde acaso exercer publicamente a medicina o charlatão boçal e inepto, desvirtuando a sciencia, e invadindo com despejo e ousadia as profissões alheias? Póde seja tambem coarctada a licença de desacreditar a nação, de formar publicamente místicas, de fabricar casas irrisorias, e de pintar monstros tão feios como nol-os pinta Horacio. *Pictoribus atque Poetis quid libet audendi*<sup>7</sup>; mas esta liberdade, que deve ter os limites que lhe prescreve o lyric latino, é concedida aos pintores, aos escultores, aos architectos, e a todos os artistas legitimos, que aprenderam a fundo, e consumiram os annos em adquirir as precisas habilitações para o serem, e não aos moldadores, aos bofarrinheiros, e aos pseudo-artistas, que devem conter-se na orbita de seus particulares misteres. Sejam elles muito embora imaginarios de devoção, como se explica o nosso Vieira: porém não apresentem em logares publicos esses ricos feitiços, que só servem de deprimir, e desacreditar os artistas nacionaes; porque se as artes em Portugal não tem ainda tocado a ultima perfeição, é comtudo evidente, que ellas já passaram muito além dos annos da infancia, como o provam as obras immortaes dos Vascos, dos Campeiros, dos Avelares, dos Vieiras, dos Silvas, dos Cas-

<sup>5</sup> Parpchia de S. Nicoláo.

<sup>6</sup> Em Belém, em Alcantara, no largo do Corpo Santo, c.

<sup>7</sup> Horacio, na arte poetica.



tros, dos Sequeiras, e o confirmam os trabalhos estimaveis de seus dignos e benemeritos discipulos.

## PRODUCCÃO DO ALGODÃO.

### Indias Orientaes.

(Continuado de pag. 291.)

O tribunal de commercio de Bombaim indicou medidas que lhe pareceram as mais efficazes, a fim de remediar estas numerosas imperfeições. Notou que a classe dos cultivadores chamados *ryots* achava-se na posição a mais deploravel; seus campos estavam hypothecados, e o seu trabalho anticipadamente onerado e sujeito. São os traficantes chamados *wakarias* que adiantam ao camponez da India o dinheiro que lhes é necessario para semente as suas terras, e pagar os impostos; o preço da colheita é por elles regulado antes da sua madureza, e algumas vezes mesmo antes de semeada.

Desanimado por uma divida que tem de privar-o de qualquer beneficio, o cultivador perde absolutamente aquelle ardor e actividade que constituem o privilegio dos que trabalham na esperanza de melhorar a sua condição; desta sorte a sua molleza e desmazello sabem apenas prover aos cuidados mais essenciaes da cultura.

O tribunal de commercio satisfaz á terceira questão relativa á extensão da plantação de algodoeiro destinada a supprir as necessidades de consumo crescente na Inglaterra, dando conta da situação e recursos dos diversos districtos da sua jurisdição:

« O Guzerate não <sup>1</sup> parece susceptivel de progresso algum, por quanto todas as terras de algodão tem já sido cultivadas. A parte do Decan <sup>2</sup> directamente submettida ao dominio britannico, não produz senão uma pequena quantidade de mão algodão que é consumido pela população hindou; não era possivel augmental-a sem abrir irrigações ao menos mui difficeis. Mas o territorio do Nizam e do Berar dão abundantes colheitas.

« O algodão do Decan amadurece mais depressa que o do Guzerate, e julga-se que poder-se-hia obter um acrescimo consideravel de producção. Os dois Concan <sup>3</sup>, onde o espaço das terras actualmente cultivadas é mui restricto, poderiam tambem com facilidade fornecer maiores porções de al-

godão. No Kattiwar, e no Kandeish, nada falta para dar desenvolvimento á cultura, senão uma situação mais pacifica. O Malwah em fim parece susceptivel de dar tambem ricas colheitas. »

As provincias que não dependem da presidencia de Bombaim não são mencionadas no relatorio.

Quanto a applicação dos capitães á plantação do algodoeiro, o tribunal de Bombaim « considera esta medida como a mais importante entre todas, e sua realisação como essencialmente necessaria ao bom exito de um systema geral de melhoramento.

» Até então os grandes capitalistas, nem por si mesmos, nem pelos seus agentes, se tem estabelecido nos districtos onde se cultiva o algodão. As vinte ou trinta casas europeas de Bombaim não tem, pela mór parte, mais que dois associados, cujo tempo é absorvido por outros negocios que não lhes permitem associações agricolas. Contudo, uma ou duas vezes, estas casas mandam agentes comprar as colheitas de algodão; mas as suas operações são embaraçadas pelos *Wakarias*, commerciantes hindous, dados a este negocio.

« Os capitalistas de Inglaterra não ensaiaram a cultura do algodão na India porque ella lhes não offerece no estado presente nenhuma probabilidade razoavel de beneficio, e a do lucro é o unico incentivo que pôde movel-os. Elles encontrariam obstaculos de toda a especie. É quasi impossivel obter informações exactas quanto a circumstancias locais; a companhia das Indias não permite arrendamentos cuja duração exceda 21 annos; os *Wakarias* combatem abertamente todas as especulações europeas, ou antes offerecem os seus serviços sob condições mui onerosas; a cultura da planta é difficil mechanicamente; os costumes da população hindou são uma nova fonte de difficuldades moraes não menos difficeis de superar; enfim, o preço das vendas está longe de garantir a certeza de lucros reaes. »

Apreciando todas estas circumstancias, o tribunal de commercio julgou dever recommendar com empenho duas medidas que lhe parecem indispensaveis para attrahir os capitães. Uma consiste em obter da companhia das Indias condições mais liberaes, duração mais longa na concessão das terras aos lavradores; outra será a creação de algumas fazendas de ensaio, onde todos os processos, desde a sementeira até o embarque do algodão, sejam aperfeçoados, não com o fim de qualquer lucro, mas com a unica intenção de mostrar ao publico o que se pôde fazer ou esperar nas diversas provincias da peninsula.

Em 1848 a camara dos commons nomeou uma commissão para examinar a questão da cultura do algodão na India, e a ella foram apresentadas as respostas do tribunal de commercio de Bombaim, bem como outros documentos importantes. O relatorio que produziu este inquerito assignalou algumas circumstancias que promettem aguardar melhor futuro.

<sup>1</sup> Provincia situada ao nordeste da peninsula indica: Surrate é a sua principal cidade.

<sup>2</sup> Sob a denominação de Decan comprehendia-se antigamente toda a parte meridional da India; porém, não se tracta aqui senão das provincias situadas ao nordeste e ao oriente de Bombaim: taes são o Nizam, o Berar, o Kattitawar, o Kandeish e o Malwah. O resto do Decan pertence hoje á presidencia de Madras.

<sup>3</sup> Provincias do littoral formadas pela encosta occidental na cordilheira dos Gattes, ao sul de Bombaim.

Em 1850, uma proposta relativa aos incitamentos que reclama a cultura do algodão na India foi desenvolvida perante a camara dos communs. O seu autor, Bright, lastimou que a administração da companhia não houvesse dado andamento algum ás recommendações expressadas em 1848, e pediu que se representasse á rainha, a fim de que uma comissão composta de pessoas competentes fosse nomeada pelo governo de s. m., e mandada para a India, afim de estudar completamente a produção do algodão, os obstaculos que se oppõem ao seu desenvolvimento, bem como os meios de superal-os. O presidente da repartição das contas, sir John Hobhouse, oppoz-se á adopção da medida. Declarou que a companhia das Indias tinha feito no espaço de 60 annos esforços mui numerosos e constantes para que se pudesse pensar em retirar-lhe o direito de animar a cultura do algodão.

Ao mesmo tempo declarou que elle muito receiava que o solo da península pudesse jámais produzir algodão sufficiente para crear uma concorrência grave á America. « A mesma porção de terra, disse elle, produz muito menos na India que nos Estados-Unidos, e o algodão colhido é inferior em limpeza e finura. » Observou, ao terminar o seu discurso, que toda a população hindou traz vestidos de algodão, e que antes de podel-o vender para fóra é mister prover as necessidades de cem milhões de homens.

Uma carta de engenhoso desenho, que foi annexada ao relatório da comissão de 1848, indica as exportações do algodão da India no periodo de 1796 a 1847. Linhas de seis diferentes cores representam as quantidades exportadas de Calcutá, Madras, e Bombaim, e que foram vender-se em Inglaterra, China, e outros paizes do remoto Oriente.

(Continúa.)

## PARTE LITTERARIA.

A NOVIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capítulo XXXVII.

TANTAS VEZES A BILHA VAI A' FONTE!

« Deus é grande! » dizia interiormente o sr. Thomé das Chagas, desengatilhando os aguçados queixos da visagem devota, com que os armara para o peditorio, e despiendo na sachristia da capella a pingada plaustra das almas. Até alli tinha-lhe tudo corrido vento em popa, excedendo a colheita da ultima semana as modestas esperanças. Cultivada com arte, a figueira de Judas

estava carregada, e o virtuoso santuario com o seu desaforo usual contava comer os figos, e não lhe rebentar a bocca! As coisas iam de modo que a sr.<sup>a</sup> Perpetua das Dores, economica e prevista, protestava que se a fortuna continuasse com tantos beneficios, dia de anno bom, que vinha á porta, a Mãe Sanctissima teria um manto de brocado novo, e Santo Antonio de Lisboa um habito de setim vistoso. É claro pois que a exclamação de « Deus é grande! » com que apanhámos em flagrante o continuador de Ambrosio Lamella queria dizer que elle batia outra moita, e confiava levantar a caça com a ajuda da sua inimitavel velhacaria.

Similhante a Luiz XI de França o nosso mi-lagreiro costumava metter a côrte do céu nos seus planos. Punha-se de joelhos e fazia confidente das beatas extorsões algum dos bemaventurados, do qual blasphemava imaginando seduzil-o com promessas; passada, porém, a occasião deixava-as cair no esquecimento. Entretanto como ouvira que de votos não cumpridos está calçado o inferno, descobriu uma fraude pia para ficar bem na eternidade. Todos os annos, na commemoração dos fieis defunctos mandava dizer tres missas, pagando a esmola, e assistindo de joelhos e oculos perfilados com uma contrição capaz de enternecer. « Assim, resmungava elle, arranja-se tudo e logrei o demonio. Quando vier ás contas finaes, carregado com o fardo das minhas culpas, tenho as almas tiradas do purgatorio, que lh'as hão de sonegar a uma por uma; e eu leve e branco como as pombas irei lembrar ao senhor São Pedro as festas que lhe fiz para me abrir as portas do paraíso. » Segundo se observa, Thomé, capitalista de indulgencias, urdia menos mal os calculos das compensações devotas. As suas bancarotas ao divino podiam disputar a palma a muitas banca-rotas profanas, gloria de seus auctores.

Engolphado nas reflexões já deitava fóra da porta da capella os pés inchados de cotovellos, quando deu com os olhos no semblante boçal do escrevente do padre fr. João dos Remedios, que o vinha chamar da parte de sua reverendissima. O andador gostou pouco do encontro; e exhalando uma especie de suspiro, afovelou nas feições a mascara compungida da simplicidade seraphica, e principiou a subir muito de vagar os degraus da escada, que por dentro da igreja ia desembocar aos dormitorios. Por mais callejada que fosse a consciencia na practica dos sete peccados mortaes, assustava-se ás

vezes com a idéa de ser colhido um dia, como os bugios, com a mão dentro do côco; e sem saber porque, o recado subito do procurador sobresaltou-o.

Remordiam-lhe na memoria certos receios e benzia-se com a mão esquerda, imaginando o que poderia succeder-lhe se o dominico viesse a perceber os bons e leaes serviços prestados por elle Thomé das Chagas, escravo das almas e de Nossa Senhora do Rosario, aos inimigos do convento do patriarcha inquisidor. Toda a sua inextingivel impudencia e hypocrisia descorava occorrendo-lhe que se fr. João entregasse ao santo officio o exame do negocio, seria muito provavel que não sáisse de lá sem uma camisa de pez no corpo, e uma mitra de carochas na cabeça. Eis o motivo porque as seccas tibias do nosso amigo se arrastavam mal, e porque elle appareceu na presença do pregador com bastante prisão na voz, e visivel tremor nos membros.

Fr. João escrevia ao seu bofete, quando entrou o sr. Thomé, e recebeu com ar benevolo as zumbaias e genuflexões do milagreiro, fitando nelle os olhos com um certo geito, que o deveria consternar, se acaso percebesse; mas o riso aberto que estava á superficie illaqueou a desconfiança do milagreiro, tranquillizando-o; por isso em quanto o padre mestre concluia o seu trabalho o devoto esprou pelas encovadas faces um sorriso estulto, arregalou os olhos para o tecto em extasis beato, sumiu os hombros, arqueou o dorso, e deixou-se ficar com o pescoço estendido e o piedoso focinho suspenso, empoleirando a longa osada sobre os vimes, que por vaidade se atrevia a chamar as suas pernas.

Em quanto o honrado servente entretinha estes ocios forçados em altas cogitações os dedos do procurador voavam pelo papel, e a penna parecia que tinha azas. Nunca a phisionomia de fr. João fôra mais radiosa. Nunca o barretinho de seda preta se inclinou com mais elegancia no occipital descobrindo a testa. Nunca as faces cheias e córadas se animaram de tanta malicia jovial, indicio visivel da sua intima satisfação. O pé bem feito e bem calçado batia o compasso sobre a travessa que ligava os pés da banca; e a mão esquerda, ornada do anel doutoral, tocava cravo, distraida, sobre um maço de cartas e escriptos em que descansava.

A capa nova e lustrosa via-se dobrada com cuidado em cima do espaldar de outra poltrona, irmã gêmea da veneranda cadeira do jurisconsulto. Alguns bacamartes de theologia e direito cano-

nico abertos e empoados cercavam a meza, espalhados no chão, segundo o uso dos estudiosos. Mais adiante sobre um velador estava o chapeo fradesco escovado com esmero. Estes signaes indicavam que o sabio dominico se dispunha a sair; e mesmo sem se fazer reparo na sege, parada á portaria, bastava notar que fr. João vestira os habitos ricos, para se concluir que projectava uma visita de circumstancia. Thomé, que espreitava tudo pelo canto dos enviduados olhos, principiou a suspeitar que o procurador de S. Domingos estava nomeado confessor de el-rei, e que o chamava para lhe communicar o fausto acontecimento. Quando o pregador pousou a penna e se virou para elle, tossindo com força, e correndo a mão pela fronte, o milagreiro tinha esta idéa assente de pedra e cal no seu espirito.

O frade acabava de cheirar a cauda da sua pitada com as ceremonias do costume, tendendo e enrolando o lenço na palma da mão, eis que se abre a porta da cella, e apparece de repente Diogo de Mendonça Corte Real, precedido pelo cerbero fusco dos seus quartos, o negro Milciades, cujos dentes anavahados alvejavam descobertos nas contorsões de alegria com que saudava o amigo de seu senhor. O dominico não mostrou admiração com a visita, e apertando a mão do secretario das mercês convidou-o a sentar-se; depois abrindo a caixa offereceu-lhe silenciosamente do seu rapé.

— « Obrigado, fr. João! » disse o ministro tomando posições na ampla poltrona, é muito cedo para espirrar, e bem vês que Milciades está presente. » O preto riu-se, meneou gravemente a cabeça lanigera, e tornou a pôr-se direito como uma estatua de azeviche.

Thomé, que tinha pressa, quiz valer-se do incidente para desertar, e principiava a sumir-se com a parede, segundo o seu costume, em direcção á porta, quando o padre mestre, que o não perdia de vista, o grudou ao sobrado, dizendo-lhe em um tom de perfida benevolencia: « Irmão Thomé espere! Temos muito que fallar. »

— « E eu muito que fazer! » acudiu o diplomata, que fazia debalde todos os esforços para adivinhar a scena que se preparava. « Não me dirás, fr. João, que mania foi a tua de me espantares o somno com o teu bilhete? É morte de homem, ou furto de donzella? »

— « É uma historia que te quero contar para aprenderes a conhecer os homens » replicou o pregador revestindo-se de ar solemne, e expectorando as palayras com inflexão particular.

— « Ah, meu padre, Deus te perdoe as duas horas de somno que me roubaste. O mundo vê-se melhor com os olhos fechados... »

— « Querias dizer a justiça? » interrompeu o dominico sorrindo. « Ora bem. Em me ouvindo acredito que dás o incommodo por bem pago. O padre Ventura contou-me a historia de certos papeis de estado que te desapareceram de um cofre de segredo... »

— « É verdade. Mas não sei para que te veio inquietar com isso. Sabes, fr. João, que os frades são como as mulheres, curiosos e falladores? Para que vestem elles sáias! »

— « Agradeço-te, e não aceito o cumprimento! O padre Ventura, tu que o conheces, devias saber que é pouco atreito a fallar de balde; portanto, se me contou o caso do segredo de estado foi para dizer a maneira engenhosa com que um servo de Deus te ia mettendo pelos alcapões da torre abaixo! »

Diogo de Mendonça levantou-se com certo alvoroço, e mandou sair Milciades. Thomé das Chagas, que as palavras de fr. João tinham posto cor de laranja e com os cabellos em pé na esguia cabeça como espinhos, tractou de se esquivar atraz do preto; porém o dominico estendeu a mão para elle, e collou-o á parede traspassando-o com o sorriso ferino, e com estas palavras que lhe disse: — « Jesus que pressa, irmão Thomé! não vê que ainda havemos de conversar? »

— « Fr. João » exclamava o ministro passeando inquieto « sabes que é um negocio serio, e que podia custar-me a cabeça? »

— « Tão serio que Roque Monteiro Paim deu por elle tresentas moedas, e dava mil se lhas pedissem! » respondeu o frade recostado e assoando-se com estrepito.

— « Ah! E a prova? » gritou o secretario estremecendo, e com a mão suspensa como se quizesse colher o seu emulo e soffocal-o. « Dá-me as provas disso; um fio só que seja do labirinto, e juro... »

— « Não jures; não é preciso. Temos tudo sem sahir daqui. O irmão Thomé que nos ouve já fez maiores milagres. Pergunta-lhe; e ha de contar-te como tudo se passou... »

— « Thomé das Chagas? » gritou Diogo de Mendonça cravando os olhos com pismo no devoto assombrado.

— « Sim! Ou Onofre Crespo — o nome não importa á cousa. Em todo o caso é o nosso honrado servente e sachristão. Que diamante bruto

que tínhamos sem lhe saber do valor! Meu amigo, tu e eu, fomos vendidos, e mais baratos do que negros. Judas andava na companhia de Jesus! »

— « Ah! » murmurou o diplomata cahindo na cadeira com o rosto cheio de verdadeiro espanto.

O milagreiro, que tambem não duvidava já de ter chegado á ultima das suas aventuras, embainhou-se pelo gibão abaixo como um oculo de campanha pelo estojo.

O frade saboreava com deleite o assombro do ministro, e o terror do santuario. O odio, que uma comunidade inteira pôde votar aos dispenseiros e aos prelados, que lhe sizam as rações, fuzilou nos seus olhos, e veio illuminar-lhe as faces. O deploravel papel, que representara no gabinete de Diogo de Mendonça, lendo a petição ao padre Ventura e achando uma copia exacta na mão deste, foi sempre um punhal que lhe ficou nas entranhas, e uma affronta para a qual dez Thomés das Chagas, ardendo em fogo lento, lhe não pareciam sufficiente expiação. Para mitigar as dores do orgulho offendido é que tinha chamado o secretario das mercês; a duplicidade do santão a respeito do diplomata, e a boa fé do ministro a par da sua credulidade, consolavam-n'o de algum modo ácerca da cilada, em que fôra apanhado. Com razão. Aonde cahira um homem da sagacidade de Diogo de Mendonça podia sem desdouro tropeçar e ser colhido um padre, mais dado aos livros do que aos enredos politicos e aos laços mundanos.

— « Não perca animo, sr. Thomé! » disse o procurador, dardejando um olhar mortifero ao bonzo descoroçoado « Uma pessoa do seu merecimento não estonteia assim. Se as suas boas obras se limitassem a escarnecer da minha simplicidade e a adormecer-me que nem uma creança com os mexericos e invenções da virtuosa serva de Deus, que o ajuda a despir o proximo, perdoava-lhe até o espectáculo de irrisão que deu em mim aos inimigos de Deus e desta santa casa. Mas v. mercê não se contentou com tão pouco. Ao sr. Diogo de Mendonça roubou-lhe uns papeis, cuja falta accusada por falsos emulos o arruinava para sempre. Ao commendador Lourenço Telles e ao capitão Jeronymo Guerreiro, não descançou em quanto não metten a desgraça em casa de um e a desesperação na alma do outro. Sr. Diogo de Mendonça, esta figura que vê foi o auctor do roubo da prata de Evora, o denunciante das minhas allegações, o ladrão dos seus papeis, e o fautor do que succedeu no jardim do

nosso amigo Lourenço Telles. Dez cabeças que tivesse toda a justiça devia decepar-lhe!

O epiphonema foi pronunciado com tal explosão de voz que o devoto mudo de susto sentiu na garganta uma dor de ferro frio, e levou a mão ao pescoço como para o segurar contra a decapitação oral do frade. O ministro, que escutara attentamente, seguia com a vista os movimentos do andador das almas, e com a reflexão um plano suscitado de repente. Quando o procurador, enterrando os braços na manga até o cotovello, e tomando a respiração, concluiu o discurso, Diogo de Mendonça levantou-se, endireitou com soco a tira e os punhos, e disse com o seu ar jocoserio do costume:

— « Tens razão, padre mestre. O sr. Thomé para a sua idade parece-me que dá grandes esperanças. Ninguém se forma em menos tempo. É preciso procurar uma encadernação de gosto para tão completa encyclopédia de vícios. Aos cincoenta annos acho-o capaz de envenenar as fontes. »

O devoto ainda teve maior medo da serenidade do secretario das mercês, do que das imprecações apopleticas do frade juriconsulto. Perceheu que os jesuitas o tinham entregado; mas não achava entre as suas numerosas virtudes aquella a que devia premio não esperado. O rosto, torcido e verde-fullo, arrepiava-se de insultos nervosos que o não tornavam agradável; a bocca sabia-lhe a fel; e apesar dos frios de dezembro a pelle de pergaminho, grudada aos queixos, borbulhava em suor, fazendo-se cada vez mais livida. Neste apuro deitou um olhar sonnegado para a porta, porém viu-a fechada; correu a vista depois pela janella; porém, occorreu-lhe que saber por ella sem azas seria o mesmo que saltar das torres da sé abaixo. Amaldiçoando a cubiça, que o mettia em tão desditosa gargalheira de ferro, resolveu-se a negar tudo, e não podendo, a vender os jesuitas se com isso conseguisse evitar uma visita aos carcereiros do santo officio.

Entretanto Diogo de Mendonça media-o e admirava-o como se fosse um animal curioso. O aprumo, a dissimulação, e a hypocrisia estanhada com que elle representára o seu papel sem nunca se desmanchar, atrahiam-lhe o secreto leuor do ministro, habil em conhecer e aproveitar os homens, mesmo os mais ruins. Voltando-se para o dominico, que neste meio tempo estava juntando os maços de cartas, dispostos em cima da meza, o secretario disse-lhe:

— « Ia apostar, fr. João, que tens debrixo

dos dedos um processo prompto, e que o sr. Thomé das Chagas é o heroe delle? Vejamos! Deram-te os papeis do roubo da prata em Evora? »

— « Eil-os! Mandou-m'os o padre Simões, que foi mestre deste... honrado servo de Deus; e que em recompensa elle deixou nú como Adão no paraizo depois do peccado original... »

— « Deixa as comparações biblicas, fr. João! Causas-me frio com o teu Adão nú, olha que estamos em dezembro: Perdoa a curiosidade! E a historia da segunda edição dos teus libellos forenses? Não me farás o favor de a contar? Depois saberei o engenhoso methodo, com que o sr. Thomé teve a bondade de me limpar os cofres, e devassar os segredos. Cada coisa por sua vez! »

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continua.)

## O FIM DO SEMESTRE.

Estudos biographicos e necrológicos.

POR UM PHILOSOPHO.

Ha poucos dias ainda encontramos, casualmente, em uma das principaes ruas de capital, uma carteira de marroquim encarnado, que immediatamente suposemos perdida.

Durante uma semana lêmos com avidez as magras columnas de annuncios dos diversos jornaes politicos, e nem com alvissaras nem sequer com a simples declaração da perda poderemos deparar. É decorrido um mez depois de meu achado, e hoje considero-me, erradamente talvez, legitimo proprietario não da carteira, que essa não chega a valer o incommodo que tive em a apanhar, mas das considerações manuscriptas que nella se liam, e de que hoje, embora peze a moralistas e homens de lei, me considero como editor legal.

Para descargo da minha consciencia, e para não ser de futuro incommodado pela policia, ou pelos herdeiros do honrado burguez auctor das linhas que se vão seguir, declaro debaixo de palavra de honra, que nada mais encontrei na carteira que um accaso trouxe ás minhas mãos nem digno de polemica e menos ainda de litigio, do que a narração fiel das seguintes impressões de viagem.

Obrigado ainda, por escrupulos, talvez ex

rados, a fazer um minucioso inventario dos objectos achados na minha carteira, cumpre-me pedir aqui desculpa aos leitores de lhes tomar o tempo apresentando-lhes uma lista meos farta do que a de qualquer casa de pasto, mais verdadeira que a de qualquer eleitor, de menor alcance e valia que a lista da misericordia.

Se me não reciasse da falta de pratica no assumpto, era chegado o momento de me arriscar a um leilão. Agora gritam as más linguas que me denunciarei fallando em leilão, e eu persisto em teimar que só a monomania das antiguidades poderia dar um tal ou qual valor de estimação aos objectos que indignamente acompanhavam as philosophicas cogitações do meu heroe.

Para entrarmos com boa fé nas explicações, deve o leitor partir do principio que a carteira não tinha valor possível. Abro-a aqui affoitamente diante de todos, e digam-me depois se ha quem queira gratuitamente acceitar de trespasse os objectos que ella continha.

Um lapis vermelho, um canivete com a folha partida, e um bocado de gomma elastica quasi imperceptivel, denunciam as tendencias do meu heroe para escriptor publico, mas não lhe augmentam nem de um ceitil a fortuna, nem tornam invejavel a situação do nosso philosopho incognito. Uma pouca de campiora entornada fizeram-nos suppos respalhista o dono primitivo da carteira, e tres ou quatro tismadas pontas de cigarro um infeliz mas fiel consumidor do Contracto do Tabaco. Enumeradas assim todas as riquezas do meu Rousseau, apontadas por symbolos as tendencias do meu Jeronymo Paturot, não é de estranhar que eu me aproprie das suas investigações, e que, editor fortuito de um philosopho intenda do meu dever suppor um nome ao autor desta historia, e reconstruir com elementos dispersos e desconnexos a biographia provavel deste historiador de trapeira.

Admiram-se? Desde os homens illustres de Plutarcho até ao mais reles regedor de parochia já não é licito a ninguem viver sem biographia, nem morrer quieta e socegradamente em sua casa sem que meia duzia de calumnjadoras necrologias o acompanhem à ultima morada! O homem que escreveu os capitulos que se vão lêr escreveu só isto, e não escreveu grande coisa. Modesto e sem pertencções, a sua reputação litteraria atirou literalmente com ella á lama das ruas. Velhaco como um editor, para que hei de eu juntar em cima da velhacaria a imperdoavel maldade destes apontamentos biographicos? Pego

como já disse um tributo á monomania do seculo.

Escrever hoje não significa nada. O que a todos importa, o que todos desejam hoje, é como as velhas antigas de southeiro saber as vidas dos vizinhos, e contal-as depois nas praças publicas da imprensa, embora desfiguradas e calumniosas. A ascendencia das biographias não é, nem pôde ser outra. Gulliver e Fernão Mendes mentiam de longe. Hoje a mentira já não é peccado, mente-se affoitamente cara a cara, os mais chãos chamam-lhe sophisma, os outros saém da sua terra, e quando voltam e faltam a um dos mandamentos da lei de Deus, dizem que *fazem espirito*, e poem-se assim prudentemente fóra da lettra do Evangelho.

Ingenosamente aqui declaro que não sophismo, nem pretendo *fazer espirito*. Já disse que a biographia do autor deste escripto era rastejada por conjecturas. Não conheci nunca o homem, e como todos os biographos passados e presentes, é com o que elle deixou escripto que procurarei recompor o seu modo provavel de viver e crer.

Escuso dizer que hei de mentir por força. Se a lettra redonda fosse o daguerreotypo do coração dos autores a censura previa nunca teria existido. Infelizmente não acontece assim, e um livro raras vezes é espelho em que o auctor se possa mirar sem se ver com as feições demudadas.

Depois deste exordio que de certo não conseguiu prender a attenção do leitor, esquivar-me-hei quanto poder a ser retratista, para que não aconteça offender com o retrato a possível vaidade do autor a quem Quasimodo apertaria cordelmente a mão, que Esopo, Adonis neste momento, talvez relutasse em estreitar nas suas,

Se o leitor espera ouvir um grande nome litterario engana-se de meio a meio. Porque um philosopho se chamou Descartes não é razão bastante para que um outro se não chame João Fernandes. Neste caso a antithese do Cesar não é ironica nem calculada.

Dadas estas explicações, seguem-se na ordem natural das biographias os titulos e cargos publicos das resignadas victimas da lettra redonda. E tambem o que nós faremos.

João Fernandes, que teve a rara consciencia de escrever uma obra que deixou inedita, differenciava-se por esse simples facto da turba-multa de escrevinhadores contemporaneos que nascem

piando odes, elegias do proprio credito. Inimigo das Musas, naturalmente pela aversão que tinha ao sexo, o nosso heroe nunca invejou Lamartine, nem sequer se lembrou de fazer a apologia mental de lord Byron.

O livro de aonde estes apontamentos são extrahidos era todo escripto em prosa. Descuidado no estylo o auctor merece desculpa, porque sempre se suppoz ao abrigo da propriedade litteraria, e não imaginou nunca que houvesse quem o fizesse martyr, entalando-lhe a reputação n'um prelo, e atirando-lhe com o nome ao pelourinho do folhetim, senão o mais doloroso, pelo menos o mais impertinente caustico das crenças e aspirações de um autor.

Se me atrevi a fazer esta confissão é porque sei que o meu heroe bocejava ao ouvir fallar em folhetins, e que não poucas vezes adormeceu ao lê-los. Por isso lhe não quero eu mal!

A data do nascimento do nosso auctor foi-nos impossivel indaga-la, é porém plausivel a conjectura, não de que como Chateaubriand se interposse gigante entre dois seculos, mas que o seu nascimento fosse marcado pela queda e juramento de duas constituições. O facto é bastante banal para ser apresentado como balisa historica, mas se nos referimos a elle, é porque o nosso heroe, Platão de si mesmo, sonhava republicas domesticas que o positivismo dos credores derribava ao menor aceno official de um beleguim em serviço.

João Fernandes nasceu *infante* e morreu *philosopho*: foi tudo quanto podemos apurar dos dois grandes actos da sua existencia.

Para que se não levantem futuras discussões, para que a nobiliarchia se não enriqueça com mais um nome, para que a Torre do Tombo não seja incommodada com as pesquisas de algum caturra, indagador de fidalgas ascendencias, declaro alto e bom som, que o auctor desta historia nunca tem a vaidade de se filiar na casa real, e que quando dissemos que nascera *infante*, queriamos simplesmente dar a entender que viera ao mundo como toda a mais gente, e que nunca invejara a realles, apesar de não poucas vezes ter cingido a corda... do martirio.

Obrigado ainda a dizer o modo de vida do auctor destes apontamentos, quasi que me vejo forçado a classificar-o vadio, não porque realmente elle o fosse, mas porque havendo uma lacuna grande nesta biographia, eu, como os mais biographos, só mentindo deslavadamente, posso ligar as decadas da existencia de um homem enigma, e que

levou a excentricidade (parece impossivel!) a ponto de nunca ter sido eleitor nem empregado publico!

Os fazedores de sentimentalismo em segunda mão, ainda se não fartaram de repetir até hoje o que elles suppõe uma profunda maxima moral, e que não é por fim de contas mais que uma sadiça banalidade: — é rapido o caminho do berço á campa! Sem pertençaes a originalidade farei aqui a parodia deste aphorismo: — dos primeiros vagidos de João Fernandes foi rapido o caminho, se até lhe encontrar a carteira de marroquin encarnado!

Ahi tem o leitor como a gente se safa de um comprometimento eminente, e como o que parece um pensamento profundo não chega as mais das vezes a ser uma coisa com senso-commum. Quiz-me desligar de uma sermão que ninguem me encommendara, comeei calumniando o auctor, e quando diligencieei salvar-me — *era já tarde* — fiquei um Thiers anno, mal com os meus deveres de editor porém ainda com a minha consciencia de homem!

Perdão, João Fernandes. Eu, Cesar da calumnia, humilho-me diante de ti! E se não houbesse o horror inventivel que tiveste durante a vida ao bom do velho Horacio, era chegado o momento de desfolhar em verso uma saudade á porta do jazigo de que não pagas aluguel, e aonde por felicidade tua não ouves os quotidianos ralhos da mulher vibora, nem as tropelias nocturnas dos visinhos do terceiro andar!

O teu nome, antithese das reputações homericas, nem na campa t'o escreveram! O coveiro, João Fernandes, como tu, nem sequer se lembrou que a enchada nada valia ao pé da penna, e que os prelos que tudo aceitam — até a resurreição dos mortos — te haviam ainda pôr face a face com o ultimo e peor dos agiotas, o vendilhão do lençol em que por esmola te amortalharam!

Bem sei que a tua grande alma despreza estas considerações posthumas, mas os moldes da necrologia ficariam vãos, se estas lagrimas de crocodilo com que no mundo se arma á boa fé dos vivos não fossem humedecer... O que? A campa, essa não, que lá tem os beijos da brisa e os orvalhos frescos da manhã, mas a consciencia do escriptor que negocea com o cadaver do morto!

Ainda pela ultima vez te peço perdão, meu amigo. Perdoa-me o ter-te fallado nos *beijos da brisa e nos orvalhos da manhã*, quiz poetisar em prosa, e bem sei que o teu character orgulhos,

nem assim me perdoaria tamanho abuso de confiança!

Agora, leitor, a minha responsabilidade acaba aqui. O que ides ler não é meu; apenas procurei dar harmonia a pensamentos soltos, e a decifrar, agora ou logo, phrases inteiras quasi sumidas no original do auctor. Se, o que não espero, houver alguma inconveniencia neste escripto, que se não destinava á imprensa, pôdem chamar-me ao jury que me não defenderei.

Por ultimo, resta-me só declarar que os retratos destas ou daquellas mulheres que por ventura possam figurar no decurso desta historia, são collocados por mim. O auctor era antagonista de Legouvé, quando se lhe fallava em mulheres bonitas dizia sempre — sereias!... sereias!... e apesar de bom christão, porque o foi devéras, nunca pôde perdoar aos papas que tinham canonisado mulheres! Com precedentes desta ordem, entendi eu que era do meu dever rehabilitar o sexo calumniado por um misanthropo. A apreciação benéfica deste ou daquelle caracter feminino, foi a unica liberdade que tomei, ampliando este ou aquelle pensamento que o auctor cega e apaixonadamente apresentara com um aspecto mais carregado e sombrio do que devêra.

(Continua.)

## NOTÍCIAS E COMMERCIO.

**Nova exposição industrial.** — Segundo lemos no *Jurnal des Debats* a exposição da industria que no mez de maio proximo deverá ter lugar em Dublin, capital da Irlanda, feita pelo plano da que se effectuou em Londres, de dia para dia obtem maiores esperanças de conseguir brilhante resultado. As cidades principaes de França, Belgica e Prussia, enviarão seus productos; e o imperador dos francezes, bem como os reis Leopoldo e Frederico Guilherme, prometteram generosamente contribuir com objectos de suas galerias e de suas collecções para o esplendor do novo palacio de christal.

O imperador proporcionou todas as facilidades possiveis para a publicação e circulação de todos os documentos relativos á exposição neste anno. As fabricas imperiaes e as juntas de commercio receberam ordem de transmittir todos os dados necessarios ao vice-consul de Austria em Londres. O imperador, para mostrar o interesse que toma por aquella nova solemnidade da industria, ordenou que todos os objectos, productos, e fazendas que fossem destinadas á mesma fossem de transporte livre nos caminhos de ferro de todo o territorio austriaco até ás fronteiras da Saxonia.

A Suissa manifesta as mais sollicitas disposições para contribuir á realisação da empreza; e nos Estados-Unidos M. Lawrence que foi ministro em Londres convocou e formou já commissões para organisarem a remessa dos productos da industria americana.

Mas, de todos os trabalhos emprehendidos para preparar a exposição em Dublin, nenhum de certo é mais importante que o de um simples particular. O promotor e auctor principal dos caminhos de ferro na Irlanda, M. Dargan, aggrega novos titulos aos que já tinha á gratidão de seus conterraneos. Deu principio a uma subscrição pessoal para as despesas, a qual monta já a 160 contos de réis da nossa moeda.

**Propagação do ensino.** — Lê-se no *Correio de S. Miguel*, de 25 de dezembro: — « Domingo passado, 19 do corrente, teve lugar, como havia sido annuciado, a reunião da assembléa geral da Sociedade dos Amigos das Lettras e Artes em S. Miguel. Foi reeleita a mesma direcção recaindo a presidencia no sr. dr. José Pereira Botelho. Approvou-se o orçamento, no qual se achava incluída uma verba para uma medalha d'ouro que a sociedade unanimemente votou ao sr. Francisco de Bettencourt pelos relevantes serviços por aquelle sr. prestados á mesma sociedade na qualidade de professor d'ensino primario. Serviço que espontaneamente presta ha mais de quatro annos, apesar das repetidas instancias do sr. Bettencourt para que esta verba fosse antes applicada para a manutenção das mesmas escolas.

Foi tambem approvada outra verba para a sustentação de uma escola de musica, a qual regida pelo sr. Antonio Francisco de Miranda existe hoje em actividade e promette bons resultados.

Para melhor se poder fazer face a todas estas verbas, foi resolvido pela assembléa que se levasse a effecto o projectado leilão em beneficio das escolas, de que fallamos em o n.º 273 desta folha. »

**Terremoto de Santiago de Cuba.** — Esta segunda cidade da rica e commercial Antilha hespanhola, ainda ha pouco, em 20 de agosto ultimo, tinha padecido os graves danos de um terremoto; e achava-se á data das ultimas noticias infestada por uma epidemia assoladora que ceifava quotidianamente muitas victimas, quando para remate de tantas desgraças repetiu-se o primeiro e tremendo flagello: Em a madrugada do dia 26 de novembro do anno findo pelas 3 horas e 25 minutos em ponto sentiu-se um abalo de terra muito mais violento que o do precedente agosto. Foram muitos os edificios destruidos e ainda maior o numero dos que ficaram sobrejamente damnificados, entre estes ameaçam ruína a cathedral, a igreja nova, a de Belencita, o hospital de beneficencia, as cadeias publicas, e o escriptorio de commercio, além de muitas casas e estabelecimentos particulares. O estrago das fazendas foi grande, porém, a perda de vidas era limitada.

**Laranja de S. Miguel.** — Desde 18 de novembro até 13 de dezembro do anno findo exportaram-se de Ponta Delgada para diversos portos d'Inglaterra 17:683 caixas grandes de laranja e 1:894 pequenas; preço corrente a 2:000 e 2:400 réis a caixa.



# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 37.

QUINTA FEIRA, 13 DE JANEIRO. DE 1853.

12.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### CATALOGO DA EXPOSIÇÃO DA ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES.

#### Aula de desenho historico.

DO PROFESSOR PROPRIETARIO DA DITA AULA,

o sr. *Joaquim Rafael.*

1 — Quadro representando — um pai acometido pelos salteadores, que na sua extrema afflicção reconhece ser seu filho o maior agressor.

2 — Dito significando — um rico proprietario, que não sabendo ha muitos annos de seu pai, finalmente o encontra em estado desprezivel, arrastando ferros, e servindo n'uma prizão publica, e não obstante o filho o reconhece, e se lança a seus pés para beijar-lhe a mão.

3 — O calumniador de Santa Isabel, rainha de Portugal, pagando a vileza de seu crime.

4 — Geraldo sem pavor, animando os seus na tomada d'Evora. — Historia portugueza.

5 — Jesus Christo dando o seu santissimo corpo e sangue. — S. João, cap. 50, v. 50, 51, e 52.

6 — Santa Anna ensinando sua bemdita Filha.

7 — Nossa Senhora da Conceição, Padroeira do reino.

8 — S. Nicoláo dando esmolas.

9 — O Padre Eterno mostrando seu SS. Filho morto na cruz.

10 — A Ascensão de Jesus Christo.

11 — Transito de Santa Clara.

12 — Duas allegorias, a 1.<sup>a</sup> representa a Gloria e a Paz, — a 2.<sup>a</sup> — a Justiça abraçando a Clemencia.

13 — O Nascimento de Jesus Christo, pintura

do mesmo professor, não sendo sua a invenção do quadro.

14 — Baixo-relevo, modelado em cêra pelo dito professor, representando — a Santa Virgem.

15 — Dito, dito — do retrato de sua magestade, a rainha.

DO PROFESSOR SUBSTITUTO, o sr. *Castano Ayres d'Andrade.*

16 — Desenho de sua invenção e execução, representando — El-rei D. João I, que, depois de haver conquistado a cidade de Ceuta, consulta com o infante D. Henrique o modo de tomar tambem o castello, e mandando chamar á mesquita, em que estava, a João Vasques de Almada, soldado de provada fama, lhe diz: « vae áquelle castello inquirir se ha nelle alguma novidade, e se podéres arvora a todo o custo na mais alta torre esta bandeira, que era a chamada de Lisboa, na qual estava pintada a imagem de S. Vicente, seu protector antigo. » — Vida do infante D. Henrique, Candido Lusit. pag. 75.

DO PROFESSOR SUBSTITUTO, E SECRETARIO D'ACADEMIA, o sr. *Francisco Vasques Martins.*

17 — Desenho de sua invenção e execução, representando — a Caridade romana.

DO ELEITO SUBSTITUTO DA AULA DE GRAVURA, o sr. *Joaquim Pedro de Sousa.*

19 — Desenho representando — a Visitação de Santa Isabel — copiado de Sebastião del Piombo.

20 — Retrato — de senhora.

21 — Dito — do duque d'Orleans.

Dos discipulos da dita aula, que foram pre-

miados com os partidos de 20,000 réis, e com a honra do *accessit*.

#### ANNO LECTIVO DE 1844 A 1850.

##### PARTIDOS DE 20,000 RÉIS.

Lucas de Almeida Marrão, ordinario, desenho de um acto do modelo-vivo.

Augusto da Cunha Franco, ordinario, desenho d'estatua.

Antonio Lucio Cordeiro d'Araujo Feio, ordinario, desenho de baixo-relevo.

Luiz Antonio Baptista, ordinario, desenho de estampa historiada.

Joaquim Eduardo d'Abreu, voluntario, idem.

Rafael José Fragoso, — idem, — idem.

##### HONRA DO *accessit*.

Pedro Augusto, ordinario, desenho d'estatua.

Antonio José Tasso, voluntario, desenho de baixo-relevo.

Bernardo da Costa Montez, ordinario, desenho de estampa historiada.

#### ANNO LECTIVO DE 1850 A 1851.

##### PARTIDOS DE 20,000 RÉIS.

Manuel Rodrigues, ordinario, desenho de um acto do modelo-vivo.

Pedro Augusto, voluntario, — idem.

Julio Augusto da Motta Mera, ordinario, desenho d'estatua.

Ernesto Vasco da Cunha Franco, idem, desenho de baixo-relevo.

João Pires Gomes, ordinario, desenho d'estampa historiada.

José Callado, voluntario, desenho d'estampa historiada.

##### HONRA DO *accessit*.

Joaquim José dos Santos, voluntario, desenho d'estampa.

José Antonio Serrate, — idem, — idem.

#### ANNO LECTIVO DE 1851 A 1852.

##### PARTIDOS DE 20,000 RÉIS.

Julio Augusto da Motta Mera, ordinario, desenho de um acto do modelo-vivo.

João Pires Gomes, ordinario, desenho de baixo-relevo.

João Baptista Minas, idem, dito d'estampa historiada.

Joaquim Gregorio Nunes Prieto, ordinario, idem.

##### HONRA DO *accessit*.

Ernesto Vasco da Cunha Franco, ordinario, desenho d'estatua.

Domingos Parente da Silva, ordinario, desenho de baixo-relevo.

José da Luz, ordinario, desenho de baixo-relevo.

#### Aula de pintura historica.

DO PROFESSOR PROPRIETARIO, O sr. Antonio Manuel da Fonseca.

1—A Senhora da Caridade.—Este quadro original representa simbolicamente — a Caridade espiritual, e a caridade temporal.

Na parte superior do quadro está representada a Santa Virgem, em acção de sustentar em seus braços Jesus em quanto menino, origem e fonte perenne de caridade. — A cruz que elle aperta na mão direita, é a concha d'agua, que lhe apresenta S. João Baptista, alludem a primeira á immensa caridade, com que Jesus se offereceu ao sacrificio da mesma, para a redempção do genero humano; a segunda ao Sacramento do Baptismo, com o qual pela sua providente caridade purifica os homens do peccado original, a fim de os fazer participantes da Bemaventurança.

Na parte inferior do quadro acha-se representada simbolicamente a caridade temporal, em dois milagres por Deus praticados em beneficio dos homens; o primeiro é o de Tobias consignado no Velho Testamento; o segundo, o dos cinco pães, e dois peixes, com que Jesus Christo saciou cinco mil pessoas no deserto, e que S. Matheus no cap. 14, v. 19 e 20, explica assim — *Et cum jussisset turbam discumbere super fenum, acceptis quinque panibus, et duobus piscibus, aspiciens in celum benedixit et fregit, et dedit discipulis panes, discipuli autem turbis... Et manducaverunt omnes, et saturati sunt, etc.*

2—Quadro original, representando — a Visitação de Nossa Senhora — *Benedicta tu inter mulieres, et benedictus fructus ventris tui*. S. Lucas, cap. 1.º v. 42. — Foram estas palavras pronunciadas por Santa Isabel ao vêr a Santa Virgem, que subministraram o argumento desta composição, e que por isso se acham escriptas na fita, que apparece nas mãos do grupo de anjos, collocados na parte superior do quadro. — Na parte media do mesmo, acha-se representada a Santa Virgem, que com gesto grave e mo-

desto se encaminha á habitação de Santa Isabel, que dirigindo-se ao seu encontro humildemente a acolhe. — S. José e S. Zacharias acham-se representados no segundo plano do quadro, entreolhando-se mutuamente com o recolhimento proprio do facto, que presenciam.

O acontecimento prodigioso praticado por Moysés no deserto, a bem dos israelitas sequiosos, acha-se representado no vaso collocado á direita do espectador; o dito vaso e a fonte, que junto a elle corre, symbolisam o promettido perdão das culpas passadas, pela nova lei, mediante o Sacramento do Baptismo.

3 — Quadro original — de Jesus Christo entre os doutores. — *Et factum est, post triduum invenerunt illum in templo, sedentem in medio doctorum, audientem illos, et interrogantem eos.* S. Lucas, cap. 11, v. 46. — Foi este logar de S. Lucas, que offereceu o argumento para o quadro. A Santa Virgem e S. José, depois de terem andado tres dias a procurar Jesus, finalmente o acham no templo sentado entre os doutores, ouvindo-os, e interrogando-os sobre os preceitos da lei. — A Virgem collocada á esquerda do espectador, junto a S. José, está representada no momento em que, revestida da candura e carinho proprio de mãe do Redemptor, acaba de lhe dirigir queixumes, por haver-se delles apartado, sem os prevenir, ao que Jesus, representado á direita do espectador, lhe responde com as palavras seguintes, citadas pelo mesmo evangelista S. Lucas no dito capitulo « Não entendeste ainda que eu devo tractar na terra dos negocios de meu Pae? » A confusão, o despeito, e a duvida, reinam nas outras figuras, de que se compõe o quadro.

4 — Cópia de um fragmento do quadro — da Senhora de Folinho, original de Rafael. — Perente a sua magestade el-rei.

#### RETRATOS EXECUTADOS PELO MESMO PROFESSOR.

5 — Retrato do actual governador da India.

6 — Dito — da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> baroneza, sua esposa.

7 — Dito — do fallecido professor da Academia das Bellas Artes de Lisboa, Benjamin Comte, insigne gravador de paisagem.

8 — Dito de um doutor de medicina.

9 — Quadro — de uma familia, contendo pae, mãe, e dois filhos.

DA ACADEMICA DE MERITO, A INM.<sup>a</sup> sr.<sup>a</sup> D. Rosa  
Wbelart da Motta.

10 — Quadro a oleo representando — Flora.

Da illm.<sup>a</sup> sr.<sup>a</sup> D. Francisca de Almeida Furtado,  
academica de merito da Academia Portuense  
de Bellas Artes.

11 — Tres retratos em miniatura, a saber:  
— de uma senhora — do sr. Alexandre Hercu-  
lano — do sr. Manuel da Fonseca Pinto, pro-  
fessor de escultura da Academia Portuense.

(Continua.)

#### PRODUCCÃO DO ALGODÃO.

##### Indias Orientaes.

(Continuado de pag. 306.)

A exportação de Madrastra começou unicamente em 1825; tocou o seu maximum na China e Oriente em 1843 e subiu a 20,000.000 de libras de algodão (9,000.000 de kilogrammas). A cifra mais elevada para Inglaterra, que foi de 13,000.000 de libras (5,900.000 kilogrammas), realisou-se em 1842.

A exportação de Calcutá abraça o periodo completo de 52 annos; suas quantidades mais fortes foram para a China e Oriente, de 43,000.000 de libras (19,500.000 kilogrammas) em 1836, e para Inglaterra de 37,000.000 de libras (16,800.000 kilogrammas) em 1818.

A exportação de Bombaim remonta a 1837; e promptamente adquiriu um enorme desenvolvimento, porquanto em 1843 exportou para a China kilogrammas 81,000.000, e em 1842 mandou para Inglaterra 104,000.000 de libras (47,000.007 kilogrammas).

Não podemos neste momento occupar-nos pelo miudo acerca do estado das estradas na India, mas devemos citar alguns factos afim de demonstrar que a prosperidade commercial deste immenso paiz não poderá desenvolver-se em quanto se desprezar, como se tem feito, as suas vias de communicação.

Um dos depoimentos obtidos pela commissão da camara dos commons verificou que na época da campanha do Sutledge, em 1849, foi necessario mandar para o exercito uma centena de officiaes que se achavam em Calcutá. A distancia era quasi 1,600 milhas (2,700 kilometros), e o unico meio de transporte de que se poudo lançar mão foi o palanquim (cadeirinha).

As pousadas distavam entre si o espaço de 8 milhas, e os conductores que as habitam devem ser em numero de 12 para cada viajante que tiverem de carregar. Não se pode pôr a caminho de uma vez senão tres officiaes, o que suppõe ainda 7,200 carregadores; e a viagem fez-se com tanta demora que a campanha terminou antes que os dois terços dos officiaes alcançassem os seus regimentos.

Ha uma grande estrada de Calcutá a Delby. Ha alguns partidos de estradas praticaveis para carros entre Bombaim, Poonah e Nagpoor; notam-se em

lim mais alguns fragmentos ao sul da península; porém, geralmente o serviço de posta faz-se por homens que transportam ás costas as malas do correio, correndo com uma presteza de seis milhas por hora. A distancia das mudas é de ordinario tambem de seis milhas.

Muitas vezes succede que os correios são presa dos tigres, que no periodo de quatro annos devoraram 350 individuos e 24,000 cabeças de gado só na provincia de Kandeish. Certo general que por longo tempo residiu na India, e cujas apreciações merecem plena confiança, declarou perante uma commissão de inquerito, que o máo estado das vias de communicacão neste paiz era o principal obstaculo que havia para a exportação dos seus productos, e particularmente a do algodão cujo volume é enorme em relação ao valor venal, não succedendo outro tanto, *verbi gratia*, com o opio, ou o anil.

Um dos directores da companhia das Indias disse tambem perante a commissão que a creação de caminhos de ferro na direcção dos portos de embarque do algodão seria medida a mais efficaz para diminuir o preço deste producto.

« O exame fará conhecer (disse elle) pelo menos é essa a minha convicção, que o preço excessivo do algodão no logar do embarque nasce principalmente dos gastos que o seu transporte occasiona; e este motivo particular é não só o mais real de todos os que se hão allegado, porém, na minha opinião, é infinitamente superior ás circumstancias geraes que se ligam á producção das terras.

« Eu sou e tenho sempre sido de opinião que, se o governo da India não conseguir (e é difficil que o consiga no estado presente dos negocios) achar companhias para construir estradas, não deve hesitar em por si mesmo emprender a sua construcção, embora seja indispensavel um emprestimo especial, pois valeria antes isto de que expor-se a soffrir a demora de um numero indeterminado de annos. »

Depois que o inquerito de 1848 revelou os factos que acabamos de patentear, tem-se tomado algumas medidas para a construcção de dois caminhos de ferro, um partido de Calcutá, e outro de Bombaim, mas espera-se ainda a sua realisacão; por quanto na India, tudo, excepto a guerra, se faz com frouxidão.

As noticias dos ultimos mezes referem que em alguns districtos a cultura do algodão tem feito dobrados progressos que em época alguma anterior. As lições dos lavradores vindos dos Estados-Unidos começam a ser comprehendidas, e os cultivadores do Kandeish tem substituido pela nossa excellente machina de limpar o algodão o grosseiro apparelho de que antes se serviam.

A plantação do districto de Bombaim foi avaliada em 100,000 acres no anno de 1850, quando em 1848 não excedia de 20,000. Algumas casas europeas de Bombaim tentaram igualmente especulações

sobre colheitas de algodão, e finalmente o tribunal do commercio de Manchester vai mandar para a India, á sua custa, um agente encarregado de colligir todas as informações possiveis ácerca da producção desse genero.

#### Africa.

O Egypto continua a fornecer-nos algodão; porém as suas remessas, cuja origem remonta a grande numero de annos, e cuja quantidade é invariavel, não parecem susceptiveis de augmento algum.

Um cirurgião, M. Blaine, que por muitos annos residiu na colonia do Natal<sup>1</sup> e visitou todas as suas partes, muitas vezes encontrou nos jardins dos habitantes certa planta cujo producto era uma substancia cottonifera, porém a severa não tinha comprimento sufficiente para o fabrico inglez.

Mandou-se vir sementes dos Estados-Unidos; depois de ensaios tentados com fortuna nos jardins, empreendeu-se a cultura em campo raso, e em 1848 contava-se já 800 acres de plantações.

Organisou-se uma associacão para explorar a nova industria, a qual conta colher quasi 600 libras (272 k.) por acre. M. Blaine, quando foi inquirido pela commissão da camara dos commons, declarou que, em sua opinião, toda a superficie do territorio do Natal, que orça por quasi 14,500 milhas quadradas (2,600 k. q.), reúne todas as circumstancias favoraveis de solo e clima.

O algodão que até o presente foi remettido do Natal para Inglaterra é semelhante ao da Nova-Orleans; é fino, tenaz, mui limpo, mas a sua cor é um pouco amarellada. O numero de saccos importados em 1849 subiu a 100, e presume-se que chegará a 500 em 1850.

Finalmente, assegura-se que os lavradores do Natal podem obter trabalhadores entre os *Zoolos*, *negros indigenas*, pelo preço de 10 *shillings* (4\$138) sómente por mez. Este algarismo é de tal sorte reduzido, que parece ser o resultado de um erro; contudo, pôde-se suppôr que o trabalho dos natuaes da Africa Meridional não deve ser mais caro que o dos escravos dos Estados-Unidos. Demais, o porto do Natal offerece aos lavradores deste genero todas as condições de commodo embarque e transporte.

Muitas casas importantes de commercio de Inglaterra tem-se ultimamente associado a fim de descobrir a possibilidade de obter por barato preço algo-

<sup>1</sup> A colonia do Natal, situada na costa oriental da Africa, em 30° de latitude austral, foi originariamente povoada per holandezes. São os descendentes destes colonos primitivos, chamados Boers, que com tão pertinaz energia se têm opposto ao dominio inglez. Não se submetteram senão em 1844, depois do mallogro de varias e perigosas emigrações, tentadas na esperanza de descobrirem ao longe a independencia que d'ora ávante lhe uega um territorio que faz parte das possessões do imperio britanico.

(Nota do redactor da Revista Britannica.)

dão de boa qualidade na costa occidental da Africa. Informado deste projecto, o presidente da república de *Liberia*<sup>2</sup> escreveu em setembro de 1850 a lord Palmerston offerecendo o seu concurso.

Eis os termos em que elle se exprime: « Se uma tal empresa fôr convenientemente dirigida, não é possível duvidar-se do seu feliz exito no nosso territorio. Contamos entre nós muitos lavradores que adquiriram nos Estados-Unidos longa experiencia, Elles nos tem affirmado e demonstrado, com provas recentes, que se pôde cultivar aqui em grande escala algodão semelhante ao da America, se se quizer empregar nesta cultura os capitaes necessarios. »

O tribunal do commercio de Manchester, consultado sobre as amostras vindas de Liberia, e dos estabelecimentos inglezes da Costa do Ouro (Mina), respondeu que aquella especie de algodão convinha perfeitamente á maior parte das manufacturas.

#### Australia.

O dr. Lang, ministro presbyteriano na Nova Galles do Sul, foi o primeiro que observou que esta colonia offerencia as circumstancias mais favoraveis para a producção do algodão. Como elle havia estudado com attenção as plantações dos Estados-Unidos e do Brasil, notou o viço de alguns algodoeiros que se mostravam como plantas raras na Australia. Um colono, que recebe sementes da America, dividiu-as com seus vizinhos, e os jardins reunidos deram a final uma pequena colheita. O clima é bello, os rios são facéis de navegar por barcos de vapor, a cultura da planta nada tem de penoso e agro para trabalhadores de condição livre.

O dr. Lang, no seu depoimento perante a commissão da camara dos commons, declarou que a porção do territorio da Nova Galles do Sul que lhe parecia mais apropriada á plantação do algodão era a região comprehendida entre 24° e 30° de latitude, e principalmente o districto banhado pelas ribeiras Clarence e Brisbane:

« Estou convencido, diz elle, que se tivéssemos nesta parte da Australia população sufficientemente numerosa e composta de gente livre, poderíamos produzir algodão e mandal-o para Inglaterra por preço mais commodo do que os donos de escravos dos Estados-Unidos e Brasil; por quanto relativa-

<sup>2</sup> Em 1820, alguns cidadãos americanos, condojidos da miseravel condição dos negros libertos nos Estados-Unidos, fundaram para estes, na costa occidental da Africa, em 7° latitude norte, uma colonia que recebeu o nome de *Liberia*, a qual, em 1852, contava mais de 6,000 habitantes. A capital foi denominada Monrovia, em honra do presidente James Monroe. Nesta pequena republica notam-se as instituições americanas, como o voto universal, o jury, e a liberdade de imprensa, praticadas exclusivamente por negros. A constituição prohibe a qualquer homem de raça branca o habitar o territorio da Liberia.

(Nota do redactor da Revista Britannica.)

mente aos americanos, temos a vantagem de possuir uma planta que não morre, ao passo que a sua é destruida, annualmente, pelas geadas do inverno; e quanto aos brasileiros, gozamos da facilidade do transporte fluvial de que elles estão absolutamente privados.

« Passando por Pernambuco observei que o algodão posto a bordo dos navios tinha sido transportado do interior em pequenos saccos, nas costas de animaes, e que a distancia percorrida variava de 50 a 150 leguas; entretanto que se nós conseguíssemos estabelecer, em numero sufficiente, populações agricolas nas margens das ribeiras Clarence e Brisbane, leves barcos de vapor poderiam ir receber o algodão á porta, por assim expressar-me, da casa do lavrador, e o transportariam até o littoral pelo preço o mais baixo possível. »

Depois do depoimento do dr. Lang semeou-se algodão do *Sea-Island* perto de Maitland, quasi 80 milhas distante de Sidney, e as amostras levadas para Inglaterra eram da qualidade a mais fina e mais procurada.

(Continúa.)

## PARTE LITTERARIA.

A NOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capítulo XXXVII.

TANTAS VEZES A BILHA VAI A FONTE!

(Continuado de pag. 309.)

O dominico desmaiou um pouco, e não soube encobrir o sobresalto. Custava-lhe a revelar a simplicidade dos meios, com que fôra trahido, sobretudo em presença do auctor. Comtudo venceu-se, e estrangulando as palavras, redarguiu:

— « A historia é curta. Cuidei que ditava a um escrevente, e havia dois. Este velhaco passava por não saber lêr nem escrever; fiado nisto confiei-me; e elle era quem de madrugada abria as gavetas e copiava os papeis; ou quem mettido no meu quarto, e escutando, acompanhava a lapis o que se escrevia para o ir levar... »

— « Com effeito? O methodo era simples! Os grandes homens são todos o mesmo; distinguem-se pela facilidade das idéas » acudiu o secretario. « Deixa vêr! Ah! Eis as notas originaes do teu Sinon? Quem diria, fr. João, que tantos seculos depois de Homero bavião de metter-te um cavallo de Troia dentro da cella?... »

Tam boa letra o sr. Thomé! Uma letra clara e firme. »

Apesar das mortificações do amor proprio, o frade não pôde conter o riso, ouvindo comparar a sua aventura á do cavallo de Troia! Mas o accesso de hilaridade foi breve. Diogo de Mendonça começava a lêr alto a meia folha de papel, arrancada ao seu amigo, e deve-se confessar que o milagreiro levára a consciencia do officio a ponto de não omittir nas partes de policia religiosa o trajo, o gesto, e as palavras da victima sujeita ao braço secular das suas observações chocalheiras. Daqui resultava que o pobre fr. João, retratado em habitos menores por um pincel atrevido, apparecia em posições e prestava-se a scenas capazes de desafiar as risadas de um penitente da Thebaida. O secretario lia sem piedade, fustigando com as phrases articuladas de vagar o melindre do jurisconsulto, que se revolvía na cadeira, torcia a bocca fingindo rir, e esbravejava interiormente, apunhalando o infeliz Thomé com a vista odienta e inflamada.

— « Sexta feira vinte nove de outubro » leu o ministro figurando tomar a serio as momices com que fr. João simulava grandeza de alma « o reverendissimo levantou-se em chinellas e bragas de dormir, principiando a dar passadas muito grandes pela casa e a bater palmadas rijas na cabeça, pondo-a côr de romã; ao mesmo tempo fallava só que parecia doido... »

— « Malvado! » barafustou o dominico reprimindo a custo um impeto de raiva contra o detractor, que estava de joelhos, e todo convulso, como se lhe vestissem já a alva dos padecentes.

— « Paciencia, fr. João! Sabes o que disse um homem engenhoso? Não ha heroe que o pareça diante do seu laçao! Ri-te que é o melhor. Vê o que eu faço. »

— « Mas este desaforo de me pintar assim... »

— « Fresco de mais? Então? Mais ligeira se retrata a verdade, figurando-a nua. Só te não iavejo o passeio... sobretudo em outubro. Malditos arcos foram aquelles, Mas vamos! — Passado um bocado o reverendissimo », continuou a lêr o ministro « disse muito alto: eu é que sou tolo! A minha vontade era responder-lhe de dentro *que sim*, mas para obedecer a vossas paternidades callei-me, rindo com gosto por elle confessar uma verdade que todos sabem... »

— « Rindo com gosto!... patife! » clamou o frade dando um salto.

O supplicio excedia as forças da victima. O

procurador apesar dos tregeitos mais forçados para encobrir a sua indignação, não podia conter-se, sentindo na cutis os piparotes satyricos do milagreiro. Os olhos injectados, as faces entumecidas, e os dentes cerrados, advertiram Diogo de Mendonça de que seria perigoso proseguir no seu gracejo. Tractado de maniaco e de parvo por um sabujo; exposto á irrisão e ás apupadas dos jesuitas por este libello quotidiano, que era o « fac-simile » burlesco das suas palavras e acções, e constrangido ainda por cima a servir de algoz ao amor proprio, o desditoso fr. João pedía secretamente a Deus todos os martyrios para punir a perfidia e a impudencia do devoto flagellador. Naquelle momento, (elle tão bom de indole!) sentia-se com animo para o vêr esquartejar a quatro cavallos, e aplaudir. O riso sardonico do diplomata ainda o irritava mais. Recebendo o fatal papel das suas mãos ameaçou-o com furia, e pizou-o aos pés. Diogo de Mendonça dizia depois que seria difficiloso decidir quem padecia mais naquella hora, se o bonzo apanhado em flagrante, se o padre mestre exasperado pela idéa dos chascos e risadas de que fôra alvo em S. Roque, graças ás delações do sr. Thomé.

— « Grande coisa fez o nosso devoto aos padres da companhia » notou o ministro com ar pensativo. « Vejo que viraram contra elle as baterias todas. O padre Ventura foi quem te deu isso? Custa-me a conceber que um homem da sua habilitade quebrasse de repente um instrumento util... Queira Deus que não achasse outro melhor! Agora sou eu que entro em scena, fr. João. O sr. Thomé não me ha de negar o favor de dizer se foi por ordem de Roque Monteiro que me tirou os papeis. Póde fallar sem susto. No meio das suas iras o padre mestre não é tão mau como parece; e eu passo por ser bom homem. Roque Monteiro tentou-o, não é assim? Aonde lhe fallou? »

— « Ao sair dos quartos de v.<sup>a</sup> s.<sup>a</sup> » replicou o milagreiro um pouco desengasgado pelas maneiras naturaes e socegadas do secretario.

— « Quantas vezes? »

— « Tres. »

— « Quanto recebeu pelo... serviço que nos fez? »

— « Tresentas moedas. »

— « A quem as entregou?.. Falle a verdade! Não tem outra porta por onde se salve. »

— « Á tia Perpetua. »

— « Não conheço. »

— « Conheço eu! » gritou fr. João erguendo-se escarlate e ainda tremulo da ira reprezada. É uma hypocrita, engomadeira da roupa dos jesuitas em Evora, e capa deste velhaco. Enganou-me redondamente. A esta hora não nos escapa. Mandou-se para a inquisição, accusada de desinquietar donzellas honestas com feitiços e quebrantos. »

Ouvindo a declaração terrivel, Thomé apertou as mãos na cabeça, como um orango-tango que se affoga, e abriu a bocca sem poder articular uma só palavra. Estava côr de cidra, e tremia como as cannas verdes com o vento.

— « Fizeste mal em metter a velha no santo officio » acadiu o ministro fallando ao ouvido do padre mestre « É preciso não fazer-mos da religião o que ella não é — arma de vinganças fradesas. Vamos, sr. Thomé!.. Tudo tem remedio menos a morte. Respire! V. merce que tem a memoria certa ha de lembrar-se do modo porque deu com o segredo do meu cofre, e soube aonde escondi a chave? »

— « Foi n'um dia de missa, depois do serviço divino », redarguiu o andador ainda convulso « Vi a v.<sup>a</sup> s.<sup>a</sup> procurando na sua estante, e trazendo daquelle sitio uma chave. A porta estava encruzada e eu... espreitei. Como o sr. Roque Monteiro me tinha posto ao corrente dos signaes da caixa, e ensinado a tirar os pregos... »

— « Pouco lhe custou o mais? Agradeço-lhe a lição, que me deu, e asseguro-lhe que não me esquece. Uma palavra ainda! Quem disse ao padre Ventura?... »

— « Fui eu? » replicou o milagreiro encolhendo-se como se visse desabar o tecto « S. paternidade sabia já de tudo, e mandou-me que antes de levar os papeis ao sr. Roque Monteiro lhós mostrasse primeiro a elle. »

— « Basta. Dou por concluido o relatório. Tractemos agora da sua segurança, porque v. merce está em grande perigo... como ha de conhecer » continuou o ministro, fazendo com a vista serena e fixa sumir o devoto pelo chão abaixo « Falle-me com sinceridade. Roque Monteiro deixou-lhe nas mãos algum papel que possa servir para eu provar o roubo que elle mandou fazer? »

— « Nenhum. Pagou-me, e não o vi mais. »

— « Assim o suppunha. »

— « Mas se v. s.<sup>a</sup> o deseja molestar, sei de um crime delle; quero dizer, sabe-o o sr. padre Ventura pelo confessor de el-rei, que Deus tem em gloria. »

— « Como é dotado de um ouvido fino escu-

tou naturalmente, e tem pouco mais ou menos idéas do que é? »

— « Ouvi fallar os dois de certas luvax no tratado com os inglezes. »

— « O tratado de Methwen? »

— « Esse mesmo. »

— « Sabe se ha cartas ou papeis? »

— « Ha, sim senhor. O padre Sebastião entregou-as por signal ao visitador. »

— « Muito bem. Perdou-o-lhe o mal que me fez pela noticia que me dá. Fr. João tambem se não lembrará de v. mercê. Deixe-o dizer que não; eu respondo. Mas com uma condição... »

O milagreiro afilou as orelhas e estendeu a cabeça.

— « Dentro de vinte e quatro horas parto para Angola um navio de el-rei; e v. mercê vai nelle, para cumprir o degredo voluntario de dez annos a que o condemno, em castigo do roubo da prata de Evora... Ha de fr, percebe? Se oito minutos depois da embarcação levantar ferro for achado em Lisboa, ou a beata que o sr. fr. João a rogos meus consente em mandar soltar do santo officio, pôde ficar certo de que os entrego ao juiz do crime e ao carcereiro da cidade. Serve-lhe o partido? »

— « Se fosse permittido demorar-me tres dias... só tres dias!.. » murmurou o santarão recobrando animo, e crescendo de repente com a magnanimidade do ministro.

— « Nem tres horas! Os seus negocios parece-me que se arranjam em quarenta e oito minutos. Acredite-me, metta quanto antes o mar de permeio. É mais seguro. »

— « Eu estava para mudar de estado; casava-me amanhã... » observou o devoto com o seu triple compungente e lacrimoso.

— « A bordo, a bordo! Tenho muito receio dos heroes prolificos. Um só Thomé das Chagas deu-nos que fazer, o que seriam muitos? Case se quizer mas no mar alto, ou na costa de Africa. Em Portugal não lhe deu licença, senão quer que seja na cadeia... »

— « Então vou preso? » perguntou o milagreiro paciente, e submisso.

— « Não senhor. Leva ordens de sua magestade para o capitão general. Pôde estar certo de que em sahindo a barra, não lhe succede mal. Retire-se! Aconselho-o ainda a que não volte, mesmo no fim de dez annos se não se der mal, sobretudo sabendo que me acha vivo. Ha coizas que é perigoso não deixar esquecer de todo... Boa viagem, sr. Thomé. Case e seja feliz! Mil-

ciades?.. vae com esse senhor até á rua e acompanha-o.»

— « Se o queres livre deixa-me escrever duas palavras... Os familiares da inquisição estavam á espera d'elle. »

— « Ah, padre mestre, replicou o diplomata rindo, bem diz o adagio, que não ha odio peor do que o odio de frade! »

— « Aqui está o papel. Que o mostre; é o que basta... Estás satisfeito? »

— « Mais do que tu. Sempre tomaste a serio o papel de tyranno?! Não cuidei. »

O andador das almas sahiu enfim dando parabens á fortuna por escapar da aventura só com um passeio ás possessões ultramarinas. Apenas a porta se fechou e os dois ficaram sós, o dominico, virando-se para o secretario das mercês, disse-lhe encarando-o com aspecto curioso e irritado ao mesmo tempo:

— « Agora espero que me explicarás para que serviu esta comedia? »

— « Foi um acto de prudencia, que a cholera te não deixa avaliar. Não vês que este homem preso havia de fallar, e que o segredo que está hoje entre cinco andaria pelos auditorios da corte entre mil com prejuizo nosso, e de grandes negocios, que uma leviandade póde comprometter? ficamos livres d'elle do mesmo modo, e era o essencial; mas sem estrepito. Chegou-se ao mesmo fim por meios brandos. Pensas que a justiça mandava enforcar o bonzo? »

— « Oh pelo sancto officio fico eu! »

— « Fr. João, as pessoas como nós castigam, e não se vingam. Se imaginasse que semelhante reptil podia offender-me envergonhava-me, e formava de mim uma opinião bem triste! Deixal-o ir! A costa de Africa o ensinará; e se desejas, por força, mais do que uma punição charidosa como elle vae casar-se, não lhe queiras peor flagello... figuras assim reserva-as a providencia para exemplo dos outros homens. Mas estava para sahir; aonde era a visita? »

— « A S. Roque. Ha des saber já que tens collega novo. O padre Sebastião de Magalhães, confessor que foi de el-rei D. Pedro... »

— « Parte hoje de tarde para Santarem com ordem de não voltar á corte sem licença. »

— « Como? Pois ainda hontem, sahindo do palacio, passou por aqui e disse-me?.. »

— « Se o ias vêr, manda apeiar a sege, é o meu conselho. O padre Sebastião sonhou esta noite que era ministro, e acordou esta manhã hortelão e deportado. »

— « Não entendo. »

— « Eu me explico. El-rei mandou-o chamar hontem, e pediu-lhe certos papeis de estado de seu augusto pae. O padre inchou-se com algumas palavras de agrado, e D. João V, amigo de rir, deu-lhe a beber tanto desse nectar que o deixou perdido da cabeça. Sangrado na loquacidade, o homem da roupeta desatou a lingua, e suppõe-se que revelou segredos importantes, em que até elle mesmo não figura bem. Sua magestade á despedida assegurou-o de que se não esqueceria de utilizar o seu zelo no serviço do estado, conferindo-lhe um logar proprio dos grandes conhecimentos que lhe descobria; e Sebastião de Magalhães teve a crueldade de professar tota voce o seu plano politico em audiencia particular. O sermão durou perto de uma hora; vê como não estaria el-rei! Apenas sahiu do paço, e se apeiou em S. Roque principiou a prometter despachos, e a tomar informações com ares de satrapa. Encheu-se a cella de gente, espalhou-se a noticia de que o confessor ia passar a primeiro ministro; e só o padre Ventura, sorrindo-se, teve a charidade de o aconselhar a ser prudente; porém, elle soberbo com as esperanças deu-lhe a entender que o faria sair de Portugal apenas governasse!.. Aposto que não veio aqui sem te offerecer a sua protecção?.. »

— « Justamente. Propoz-me o logar de mestre do sr. infante D. Antonio, não o nego. »

— « E tu? »

— « Eu... para me occupar... »

— « Aceitavas! muito bem; fallaremos disso... Ás vezes ha sonhos verdadeiros. Ouve agora o resto da historia. Esta manhã, seriam dez horas, o padre Sebastião estava impaciente pelo recado do paço, e n'uma roda de padres e de seculares não se callava com as reformas que havia de introduzir no seu ministerio. » Nisto abrese a porta e entregam-lhe um officio. « É a minha nomeação, exclamou elle escarlate de jubilo. Rompe o sello á pressa, lê e quasi que depois perdeu os sentidos! Imagina o que estaria no infausto papel? »

— « A ordem de desterro? »

— « Sim; mas com que zombaria! sua magestade attendendo ao zelo do padre Sebastião de Magalhães pelos progressos da agricultura encarregou-o de fazer o recenseamento dos olivares de Santarem dando conta mensal do estado delles, e visitando-os para isso diariamente. »

— « Despachou-o primeiro ministro da arvore de Minerva!.. »



— « Tenho dó delle coitado ?.. »

— « Tambem eu, fr. João, Vou ao paço.  
Com que por te occupares sempre aceitas o lugar de mestre do infante ? »

— « Podendo ser. »

— « Deus é grande ! Até logo. »

E saindo com a mesma exclamação, que fazia comsigo o sr. Thomé das Chagas antes do seu desastre, o ministro deixou o padre mestre abismado em profundas reflexões.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(*Continua.*)

#### O FIM DO SEMESTRE.

##### Estudos biographicos e necrologicos.

POR UM PHILOSOPHO.

(Continuado de pag. 312.)

Quando por um acaso encontrámos a carteira a que nos referimos no primeiro capitulo, a nossa idéa foi entrar no Marrare, e entre duas chavenas de café e dois bons charutos, eu, trapeiro de alheias cogitações, tive a ruim idéa de querer metter a ridiculo o auctor desta historia ! Depois lembrou-me o seguinte : O homem pôde bem deixar de ser um Homero, mas quem me affiança a mim que não seja um Hercules ? Esta idéa arrepiou-me, temi pelas garantias individuaes, e continuei a pensar com-migo mesmo : entre uma e outra cousa hei de por força achar o meio termo ; porque o meu homem não é um Homero não se segue que seja um tolo ; deixará de ser um Hercules, é verdade, mas em todo o caso pôde não gostar de brincadeiras ; e de que me serve a mim um tiroteio de guerrilha na imprensa, ou um choque mais serio abi a qualquer esquina ?

Como os meus pensamentos intimos não eram uma covardia, tomei resolutamente o expediente de guardar a carteira, e de esperar por um annuncio para fazer a devida restituição. Neste intervallo, fui acommettido de um invencivel ataque de curiosidade, escondi-me receiando algum lance melodramatico, e li com surpresa na primeira pagina da carteira o seguinte titulo.

#### O FIM DO SEMESTRE.

ESTUDOS BIOGRAPHICOS E NECROLOGICOS.

Por um philosopho.

Por um philosopho ! gritei eu. A modestia

não é de certo a principal virtude do meu homem. Um philosopho ! Pois é possivel que haja uma sciencia chamada philosophia, e um homem que se diga philosopho.

Confesso ingenuamente que sempre tive por fabula a primeira, e por um mytho o segundo, e que a impressão que me causou o titulo destes apontamentos foi seria e profunda. Querem vêr que o auctor se apregoa philosopho, como tanta gente que se diz valorosa, e que embrenhada n'uma multidão de negocios não tem nunca um dia desponivel para provar o que diz ? Querem vêr que o homem se dá por philosopho, como qualquer rimador de quadras ôccas se chrisma poeta ? Querem vêr que o philosopho, em vez de homem me sae uma fabula, e que o pavão cede o passo á gralha impudente, tropega e malfeitona ?

Parei nesta alluvião de conjecturas, e entendi que como Fabio devia temporisar com a serie de raciocinios mais ou menos justos que naquelle momento me assaltavam a mente. O meu amigo João Fernandes começava a levar-me de vencida. O Marrare era para mim uma cousa insipida, fastidiosa, falta de vida. De vez em quando, um ou outro epigramma rombo, este ou aquelle calembourg mais ou menos parvo, vinham ferir-me os ouvidos. Estive tentado a entrar na liça e a dar o meu contingente ás futilidades que se crusavam em roda de mim. Desisti da empreza, receioso das consequencias que primitivamente havia imaginado, no caso que o meu philosopho quizesse dar curso á sua usual misanthropia, traduzindo-a n'um pugilato ignobil e farceiro. Ninguem, vendo-me pensativo, poderia imaginar que uma carteira de marroquim encarnado fosse talisman de tantas e tão incomprehensíveis virtudes !

É já tempo de acabar com esta especie de prologo o mais fastidioso e aborrecido de todos os possiveis generos de leitura. O auctor, se fôsse vivo, começava franca e rasgadamente a sua narração sem fazer *manifesto*, nem curar do possivel *fiasco* do seu trabalho ; o tempo que nós temos consumido em justificar estes apontamentos sabemos de certo que o não teria perdido o auctor. Como quasi todos os advogados *ex-officio* com-promettemos talvez a reputação do nosso cliente. Perdoo-nos Deus se fizemos mal ; e seja este o ultimo *de profundis* resado pelo eterno descanso do homem justo, que nunca mendigou assignaturas, nem teve a pueril vaidade de se inculcar por litterato, nem a molestia de que tantos d

nós temos sido atacados — a vaidade de pôr o nome em letra redonda!

Foi prologo?

I

Este mundo compõe-se de tudo. Ha quem procure a amizade, o amor, a riqueza, a gloria, e até, custa a acreditar, quem como o mathematico, procure um *x*, que toda a mais gente acha sem difficuldade no alfabeto. Christovão Colombo, como todos os mais homens, se me não atrevo a descobrir a America, ao menos arrisco-me a procurar casas, e já não faço pouco. A gloria não a quero. O amor e amizade nunca os achei; a riqueza, essa accetto-a como um sonho que foge ante as palpaveis realidades da vida!

É o fim do semestre. Estou resolvido a emprehender uma viagem instructiva. Aonde? O Oriente está longo, e ainda que fosse a dois passos daqui, ia-me encontrar a meio caminho com Chateaubriand, Lamartine, e uma quantidade de viajantes, mais ou menos orientalistas, mas que me tiravam pelo menos o merito da novidade. As viagens são um ramo de mandriice já tão explorado, que difficilmente o leitor se pôde recrear ao lêr as singelas e leaes impressões de um viajante consciencioso, e urbano, a ponto de não sair da cidade.

Estamos no mez de dezembro. O tempo chuvoso e nublado pôde impedir a um verdadeiro astrologo de sondar os segredos do ceu, mas não veda a um sabio de têlhas abaixo o descobrir pelos escriptos postos em uma agua-furtada o infallivel indicio de um inquilino que abandona o predio, sem mais saudades que as que sentiu o çapateiro da escada, sem mais lagrimas do que as que chora o senhorio por ver mal parado o dinheiro vencido no semestre findo. Subamos a aquelle quinto andar. Uma escada iagreme e tortuosa ameaça despedaçar as costelas ao Icaro que se atrever a tão perigosa ascensão; revestidos de um valor-modelo tentámos audaciosamente o precipio, e no fim de um quarto de hora de um improbo e trabalhoso subir, démos parabens á nossa fortuna por nos acharmos sãos e salvos n'uma especie de patamar, alumiado apenas por uma claraboia de um só vidro, e decorado a um canto pelo luzir incerto dos olhos de um gato, que fugira espavorido aos maus tratos de um visinho do predio, e viera ao retiro e no abandono buscar uma guarida certa contra os vaivens da sorte e a ingratitude do dono. Sem uma amestrado Ciceroni não ha viagens possiveis. Tinha-

mos tomado o nosso, mesmo no predio, e precedidos por um honrado çapateiro de escada, typo da maledicencia e da calumnia, demos a nossa entrada triumphante no quarto que o çapateiro considerava como o ideal das vivendas, e que nós, de vãos menos intrepidos e rasgados, tivemos a infelicidade de suppor a dois passos de uma espelunca, e a meio caminho do inferno, segundo as descripções das lendas, e as pavorosas recordações dos contos da infancia.

O çapateiro era um infatigavel narrador, mas um orador de poucos recursos externos, de uma grammatica côxa como a tripeça em que se asentava, e de uma mimica pesada e pausada como o bater da sola. Puxando-se-lhe pela lingua, fallava como o heroe do soneto do Bocage, mas se o não convidavam a explicar-se, amuava, retorcia-se, e com o furor com que corria a mão pela testa como que para reprimir as idéas, fazia á cara o que costumava fazer ás botas, engraxava-se desde a raiz do cabello até á ponta da barba, e ficava caracterisado para poder sem constrangimento representar o papel de Vulcano n'um auto qualquer, e ainda mesmo habilitado a poder pela côr usurpar o throno ao imperador do Haiti.

O mestre morava, ou, ainda com mais propriedade, alojava-se no vão de escada havia dezoito annos. Nascimentos, baptismos, e obitos da visinhança, eram para elle materias correntes. Quem quizesse confeccionar uma estatistica havia de primeiro fallar com elle. Diziam mesmo, linguas ainda peores do que a do mestre, que o movimento dos expostos não era para elle assumpto estranho, e que, consultado com delicadeza, diria, sem erro notavel, o consumo mensal da manteiga no seu bairro, e o termo medio da carne entrada por contrabando nas casas dos visinhos, de esquina a esquina da rua em que o nosso Argos morava. Não sabemos ao certo se estas suspeitas eram fundadas, mas o que podemos affiançar é que o çapateiro levava a erudição a épocas remotas, e contava em tom e estylo lugubre desde a primeira execução que vira em creança até ao ultimo suicidio que se consumára no predio.

As primeiras perguntas que lhe fizemos ácerca dos ultimos inquilinos que tinham morado na casa que visitavamos, esteve o çapateiro logo tentado a começar pelo primeiro andar, e, subindo lestamente pela escada acima, até ao quinto, não deixar sem annotações e commentarios as vidas dos infelizes confiados á guarda daquelle cerbero

de porta de rua. Um signal nosso de impaciencia atalhou uma verrina prestes a desabar sobre a cabeça de uma viuva de pouco tempo, que morava no primeiro andar, e que, segundo colligimos de duas ou tres palavras soltas do mestre çapateiro, modificára a boa opinião que já fizera da toga, preferindo-lhe hoje a farda, com grave escandalo da visinhança, palavras sacramentaes com que o chronista aguçava a curiosidade dos ouvintes, e que com mais verdade se traduziam pelo desejo que o mestre tinha que assim acontecesse, para tornar mais appetitosas e estimulantes as suas narrações. Pelo começo do seguinte dialogo poderá o leitor avaliar a impaciencia em que o çapateiro ardia de nos contar a historia que ha de servir de assumpto ao seguinte capitulo.

— Este quarto está de certo ha muito tempo por alugar, não é verdade, mestre?

« Ha só um semestre, e esse mesmo porque... »

— Pois não parece!

« E tem razão, mas a desgraça... »

— Sim, a pobreza...

« Se fosse só isso!... »

— Entendo.

Confesso singelamente que não entendia nada, mas que quando afiançei o contrario foi na supposição de ter achado o unico refugio possível ás dolorosas e sentidas reticencias do meu interlocutor. Enganei-me ainda uma vez. O çapateiro rebentava senão fallasse; não quiz uma morte ás costas e repeti-lhe de novo abanando a cabeça: entendo!

« Ah! sabe da rapariga que se matou? »

— Que se matou!

« Vi-a eu morrer. Coitada! fazia dó! »

Bem diz o rifão: quem porfia mata caça. O çapateiro tinha conseguido o seu fim, a curiosidade vencera-me, e resignei-me e ouvi sem pestanejar a narração do suicidio, a que o mestre chamava com o tom de voz o mais melodramatico do mundo etc. a historia da rapariga que se matára.

Obtidos assim os indispensaveis apontamentos para a narração intima que vamos fazer, somos obrigados a despedir agora o importuno indagador de alheias maguas, aproveitando-lhe apenas as suas laboriosas pesquisas, e contando singelamente aqui o que o leitor poderá tomar por um romance, mas que foi infelizmente a historia de um coração tomado pela desesperança, e que confiou do suicidio o que o soffrimento e a dor lhe não deixára ousadamente confiar de Deus. É uma narração simples e verdadeira a que vamos

encetar. Não defendemos o desfecho do drama intimo que se vai seguir, mas crêmos que ha flôres tão debeis que se desfolham e desabam da hastea ao primeiro pé de vento que sopra um pouco mais rijo. Assim foi Thereza. Cahiu, para não mais se levantar, ao primeiro amor por que se deixára infelizmente vencer!

(Continúa.)

## NOTÍCIAS E COMMERCIO.

**Um musico macrobio e sua rara aventura.** — Em dezembro ultimo falleceu em Vienna d'Austria o professor Carlos Wiessleré na idade de 102 annos. No ensino da sua arte occupava Carlos um logar mui secundario, e principalmente era conhecido pela originalidade de sua vida, numero de officios e artes que praticára nos primeiros periodos della, e pelos seus costumes patriarchaes. Foi successivamente moço de estalagem, vaqueiro, escriptor publico, poeta, agente de commercio, fabricante de instrumentos de cordas e rebequista. Na idade de 42 annos dedicou-se a professor de musica e foram seus primeiros discipulos uns emigrados francezes.

Era dotado de forças herculeas: citam-se d'elle varios factos que nada cedem aos prodigios musculares do marechal de Saxonia. A seguinte anecdota é um dos numerosos incidentes de sua vida aventureira, e data do tempo em que servia de pastor n'uma aldeia de Alemanha.

Uma tarde tendo trabalhado debalde para reunir as vacas que se tinham dispersado n'um bosque visinho viu descer de uma arvore um urso disforme. Carlos não gostou do encontro; porém, não se estonteou: saltando para o lado opposto do animal, agarrou vigorosamente os pés dianteiros do urso ao tempo que tocava no chão com os pés trazeiros. Bramiu o urso, arreganhou os dentes e forcejou por se desapertar do vinculo que o subjugava; mas as suas garras tinham caído em poder de mãos ainda mais robustas, sendo-lhe impossivel apanhar seu adversario com o focinho ou as patas trazeiras, por achar-se de permeio a arvore de que descia.

Havia largo tempo que o sol baixára ao occaso, e a noite estendia o negro manto sobre a selva. Não longe do logar da scena ficava a morada do ferreiro José Wurmer. Carlos concentrou todas as suas forças e bradou por soccorro em altos gritos. Vãos esforços; ninguem acudia e viu-se obrigado a passar a noite na companhia de tão horrivel quadrupede.

Debalde a fera se agitava e bramia; o seu adversario manteve-se firme. Quando despontou o dia o fumo que saía da casa visinha annunciava estarem já de pé seus habitantes; Carlos bradou novamente, e o seu coração se espraçou ao apparecer José Wurmer, que se approximou com toda a gravidade e de machado ao hombro.

— « Santo Deus! Que surdo que estaveis. Wurmer? Não me ouvistes esta noite gritar por auxilio?

— Ouvi, sim ; estava rendido de canção, e disse com os meus bolões ; amanhã também é dia. Se soubesse que ereis vós. . . Mas, como é isso? Sogiaes vós o urso, ou elle é que vos atraca. Deixa, que vou por-lhe os miolos ao sol.

— Não, não : este animal fez-me passar bem ruim noite ; portanto, quero ter o gosto de o aviar por minhas mãos. Vinde cá. Wurmer, agarrai-o, como eu, pelas patas . . . assim mesmo . . . muito bom . . . tem-te firme. Agora vou apanhar o machado e despachar o meu companheiro da noitada.

Carlos pegou do machado, pôl-o ao hombro com todo o socego, e tomou o caminho por onde viera o ferreiro. Por seu turno José Wurmer atroou com alaridos o bosque ; julgue-se de seu terror, não se sentindo com forças sufficientes para sopear por vinte minutos as patas musculosas da fera.

Carlos deixou-o alguns momentos nessa terrível perplexidade ; porém, bastante humano para levar a vingança ao ultimo extremo, retrocedeu e matou o urso, livrando o ferreiro de ser infallivelmente devorado.

O heroe desta aventura tinha summo prazer em contar-a a seus amigos ; e o urso de Wiersserlé era uma locução proverbialmente adoptada em muitas casas de Vienna para exprimir a idéa de uma desforra.

**Melhoramentos de Paris.** — No fim do proximo passado dezembro effectuou-se uma reunião em casa de MM. e Pereira que estão á frente de uma companhia que tem por objecto melhorar e embellecer a capital da França. Trataram da execução de um grande projecto que mudaria consideravelmente o aspecto do arrabalde Saint-Honoré e produziria immensas vantagens aos Campos Elysios. O plano é continuar o bairro da Magdalena, atravessando o mercado D'Aguesseau e o jardim da embaixada ingleza, desembocando o mais perto possivel dos Campos Elysios defronte do palacio de cristal.

Este projecto gigante, que ha de custar quasi trinta milhões de francos á sociedade emprehendedora, foi approvedo unanimemente por todos os que compunham a assembléa, e constava que o imperador applaudia vivamente a obra delineada.

#### UM ABUSO QUE SE DEVE EVITAR.

Entre as ceremonias religiosas que a Igreja celebra para solemnizar os divinos mysterios da nossa religião, figura a da missa geralmente cantada na vespera do Natal á hora da meia noite.

Não é nosso proposito, nem a tal nos julgamos auctorisados, fallar em desabono desta ou de qualquer outra practica que a igreja tenha adoptado. O que pretendemos, porém, é que cheguem ao conhecimento de quem compete os abusos, que á sombra destas ceremonias se commettem não poucas vezes.

Lembra-nos que n'outra occasião já a imprensa periodica clamou contra a introdução de musica prophana nos officios da Semana Santa, e parece-nos que o em.<sup>mo</sup> sr. cardeal patriarcha attendera áquellas observações, e fizera as recommendações convenientes para que se não repetisse semelhante impropriedade.

Porém, as recommendações de s. em.<sup>a</sup> carecem de ser renovadas, aliás daremos triste idéa da nossa civilização, e do nosso fervor religioso como aconteceu ainda ha pouco na igreja de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Encarnação, quando se celebrou a missa vulgarmente denominada do Gallo.

Fizeram daquelle acto um verdadeiro espectáculo. Houveram avisos affixados com antecipação á porta da igreja, annunciando musica instrumental, detalhando a funcção, e especificando até que se tocariam *symphonias proprias do acto*.

Despertada assim, não já devoção, porém a curiosidade do publico, concorreu áquella freguezia como era de esperar uma multidão consideravel. Eram 11 horas e já o largo se achava atulhado de gente, formando cauda á porta da igreja, esperando que a abrissem, como se fóra a entrada de um theatro.

Effectivamente nada houve de edificante e solemne na funcção que se annunciára. Na capella-mór havia um transparente, representando um presepio, á imitação de uma scena de theatro, e pintado com um gosto deploravel. A circumstancia de se acharem naquelle lugar os dois chinezes recentemente chegados a esta capital também concorreu não pouco para excitar a curiosidade dos circumstantes, e distrair a sua attenção do fim religioso que alli os devéra ter chamado. Porém o que nos escandalizou sobretudo foi a musica que se tocou durante a missa. Basta dizer que no acto da *Elevação*, o ponto mais solemne daquelle augusto sacrificio, resoavam na igreja os motivos ligeiros da tão conhecida dança *Sicilienne* que frequentes vezes ouvimos assobiar pelas ruas da capital!

Eis aqui o que se chamam *symphonias proprias do acto*!!

Realmente é necessario que acabem semelhantes abusos. As ceremonias religiosas em alta noite deveriam ou ser de todo prohibidas ou não se consentir que se celebrassem com apparato profano e vaidosa ostentação. Ninguém dirá que a multidão que nessas noites concorre aos templos seja ali levada pela devoção e piedade, quando são pelo contrario motivos inteiramente estranhos e muitas vezes diametralmente oppostos a idéas religiosas que com bem poucas excepções nella predominam.

Ao em.<sup>mo</sup> sr. patriarcha dirigimos, portanto, estas nossas observações, convencido de que elle se dignará tomal-as em conta, e prestar-lhes a attenção que o assumpto merece, já que muitos parochos não formam uma idéa mais acertada do que deve constituir o culto externo da nossa religião, ou não tem força sufficiente para cohibir os abusos que nelle se introduzem.

DEMETRIO RIPAMONTI.

#### BIBLIOGRAPHIA.

COMPENDIO ELEMENTAR DE BOTANICA, por J. José de Sousa Telles, pharmaceutico formado pela nova escola, professor de materia medica e pharmacia.

Vende-se em broxura por 400 réis na rua Augusta n.<sup>o</sup> 1, 2, 8, 23, 188, rua do Ouro n.<sup>o</sup> 212. N. B. Publicou-se a ultima folha e as estampas.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 28.

QUINTA FEIRA, 20 DE JANEIRO. DE 1853. 12.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### DUAS PALAVRAS Á CERCA DAS SOCIEDADES DE SOCCORROS MUTUOS.

É sempre com viva satisfação que examinamos quanto em Portugal se refere ás sociedades de soccorro mutuo. Em nenhuma nação o povo se mostra mais disposto do que entre nós para desenvolver, pela economia, a benefica instituição que a póde salvar da miseria e da infamia.

É um dever aproveitar este feliz instincto, e seria grande a responsabilidade dos que não provassem o seu interesse por tão util instituição.

O incremento das sociedades de soccorro mutuo é já um facto importante, que deve chamar sobre si as vistas da administração publica. Ao presente essas sociedades substituem em parte as misericordias e ordens terceiras. No todo a substituição será impossivel, nem a desejamos. As misericordias — essa evangelica instituição portugueza, occupa o primeiro logar na historia dos estabelecimentos que a Europa tem visto erigir á sombra da cruz. E as nossas ordens terceiras serão sempre estudadas pelas almas caridosas, e até pelos homens philanthropos como perfeitos modelos, que não tem muitos eguaes nos estabelecimentos de beneficencia publica. Confessando o nosso respeito e admiração pelos antigos estabelecimentos, manifestaremos ao mesmo tempo as nossas sympathias pelos que se podem chamar modernos. O espirito deve acceitar os factos em relação ás épocas, sem os sujeitar só ao toque dos principios absolutos. As associações que por meio das misericordias e confrarias se reuniam em volta do altar, adorando a cruz, tinham como

fim a pura caridade evangelica. O soccorro que ministravam para aquelles que o recebiam não vinha das mãos dos homens, caía do céu. Era em nome de Deus que o conforto entrava em casa do pobre, e que a consolação enxugava as lagrimas do soffrimento. Instituições humanas assim espiritualizadas, não eram proprias para se alinharem e conformarem nas praticas divisões dos regulamentos da administração publica. O homem que no paraíso foi criminoso, que até no apostolado da verdade, ao lado do Divino Mestre, se revelou como ente sujeito ao crime, em Judas pela traição, e em Pedro pela covardia, não deixaria de estar sujeito ao erro, ainda que vestido com a roupeta de terceiro, ou coherito com a capa escura de uma misericórdia. Este foi o lado fraco, por onde se minaram algumas de tão respeitaveis instituições, e só por aqui a ruína algumas e enfraqueceu outras.

As sociedades de soccorro mutuo fóra da sombra dos templos que acobertava as antigas confrarias, tem como fim a beneficencia, isto é, o bem do proximo, regulado por leis e conveniencias da sociedade.

Não procureis na beneficencia esse fogo da caridade, que abrasa o coração do justo ao estender os braços sobre a cruz do affrontoso martyrio, porque na obra dos homens a inspiração do céu, que leva ao sacrificio, é trocada pelo frio calculo, em que os algarismos e não os soffrimentos, são a razão fatal que solta ou prende a mão que distribue os beneficios. O soccorro assim ministrado não se assemelha ao maná do Egypto, e ou se chame esmola do estado e dos particulares: ou seja o direito que nasce de uma contribuição do proprio soccorrido. É por tanto em nome do homem que o conforto vai á casa

do pobre, e para que a consolação enche as lagrimas da miséria, sem avilamento, é mister que o dinheiro seja uniformemente distribuído ao capital que houvesse accumulado em dias menos atribulados. Instituições humanas que assim se prendem a uma verba do orçamento do estado; ou á regra das tabellas da mortalidade carecem absolutamente de que a lei lhes dê força, e os regulamentos as livrem do abuso que mais eminente anda em instituições todas humanas, que elevam as suas aspirações até ao mais alto ponto que alcança a nossa comprehensão. Não descemos a factos para que as considerações que fizemos se não escureçam pelas suspeitas de qualquer applicação; mas fundamentamos nellas a opinião de que é mister com urgencia uma lei geral para as sociedades de soccorro mutuo, e um estudo por parte da administração publica que faça conhecer qual é o estado destes importantes e valiosos estabelecimentos.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

#### AS CONTRIBUIÇÕES DIRECTAS DE PORTUGAL EM 1643.

Começamos hoje a publicação de um documento que em poucas paginas comprehende uma grande parte dos mais respeitaveis monumentos da antiga administração publica do reino. A lei domina com toda a força dos principios o governo representativo, sem nenhum dos abusos que a historia moderna lhe tem apontado. Os factos que mais realçam são: — repartição do imposto — rectificação de um orçamento — auctoriscação especial e limitada para a cobrança dos impostos directos — decima lançada nas rendas — trato e meneio — addicionaes repartidos na falta do real de agua — organização de uma direcção geral das contribuições directas — simplicidade do lançamento e cobrança — conhecimento profundo do serviço publico revelado na clareza e methodo de todas as provisões.

Ao presente, que entre nós se estuda a organização da contribuição directa, parece-nos curioso reproduzir um documento historico de 1643, que nessa era não terá outro que mais se lhe avante em as nações de quem hoje se tem copiado algumas leis.

Eu el-rei faço saber ao presidente, vereadores, e procuradores desta mui nobre e sempre leal cidade de Lisboa, e aos procuradores dos mestres della, e a todos os ministros e officiaes das mais camaras,

das cidades, villas, e logares destes reinos, a senhores de Portugal e Algarves, que mandando eu tratar com os estados juntos em cortes logo que fui chamado, e restituído a confiança sobre o serviço que me deviam fazer, para o sustento de um exercito de vinte mil infantes e quatro mil cavallos, precisamente necessario, para a guerra, que em sua propria e justa defensão convinha fazer-se, repartido-se pelas fronteiras, e presidios, me offereceram e assentaram, que me serviriam por tempo de tres annos, primeiros seguintes, com um milhão e oitocentos mil cruzados em cada um. E porquanto pelo orçamento, que depois se fez, com a devida consideração, se achou que não bastariam para despeza dos soldados e conduções da gente paga, trem da artilheria, munições, compra de armas, e cavallos, e outras necessidades, e que seriam necessarios dois milhões e quatrocentos mil cruzados, e dos meios que para esta contribuição por mais convenientes, e suaves se ordenaram, e começaram a executar, mostrou a experiencia que não podia resultar esta quantia; havendo-se procedido nelles com maior vigilancia, e cuidado, que pedia materia de tanta importancia ao bem commum, e defensão do reino; que não posso deixar de ter presente, pelo grande amor que devo a meus vassallos, mandei convocar segundas cortes, para que os tres estados juntos tomassem uniforme resolução, e assento firme sobre os meios por onde poderiam contribuir com mais suavidade e commodidade sua, e ordenei que de minha parte lhes fosse tudo assim proposto, e como havendo respeito ao estado em que de presente se achavam as coisas, e ao desejo grande que tenho de os aliviar lhes fazia mercê de por outra via mandar compor os quatrocentos mil cruzados, para que mais facilmente podessem dispor a contribuição dos dois milhões, á conta de quaes se haveriam quinhentos mil cruzados, se tanto renderem pelos effectos do real de agna desta cidade, e do reino; dos rendimentos dos bens confiscados, das meias annatas, moderando-se o regimento porque se cobravam; e das rendas do estado de Bragança, satisfeitos os juros, tenças, e ordenados nellas impostos, e do novo direito do assucar, e o que mais parecesse que se devia lançar ás ilhas, não entrando nellas a Terceira, que por causa da guerra que sustentou, ficára mui alcançada; e que o milhão e quinhentos mil cruzados se poderiam tirar pelas decimas que de suas rendas offereceram, e o estado ecclesiastico, como tão obrigado a common defensão, o offereceu tambem na forma que de direito podia, as quaes se fariam crescer ao que justamente devem importar, sendo bem lançadas, para que chegando esta somma, não ficasse o reino obrigado a outra alguma contribuição, e faltando, tratariam de o prefazer pelos meios, que não sendo finis, melhor podessem comprehender a todos os tres estados; e reconhecendo elles a mercê, e beneficio grande, que o reino por este modo recebia, e correspondendo á sua obrigação, e á confiança que devo fazer do animo de meus vassallos, nas occasiões de meu serviço, e bem commum do reino, deliberaram cada um por si, e todos juntos servir-me com dois milhões em cada um anno, pela maneira e tempo acima declarado, se tanto durassem as guerras, começando a contribuição delles do primeiro de janeiro desse anno presente de

seiscentos e quarenta e tres; com declaração que este serviço cessaria logo que cessasse a necessidade, e occasião delle, e que, ainda que não tenha cessado, passados os tres annos se continuaria e fariam novas cédulas, em que se assentaria o que parecesse mais conveniente, e que as decimas para a quantia do milhão e quinhentos mil cruzados seriam lançadas muito egual e justamente nas rendas, trato, e manejo de todas as pessoas que concorrem nos tres estados, ecclesiastico, da nobreza, e povos, sem excepção de alguma de qualquer estado e condição que seja, para que importando além do milhão e quinhentos mil cruzados, tanto que baste para supprir os duzentos mil cruzados, em que se estima o effeito do real de agua desta cidade e do reino, fique logo em todo elle cessando este meio, e achando-se que não chegam ao milhão e quinhentos mil cruzados, o que faltar se repartiria nas decimas, subindo-se no que a cada um fosse lançado a respeito da falta e rendimento, evitando-se por este modo usar de outros meios em que não haveria tanta egualdade. E porque nesta fórma o reino dava tudo o que eu fôra servido mandar declarar, que bastava para as despesas da guerra, se lhe não pediriam d'aqui em diante as contribuições extraordinarias de mantimentos, trigo, cevada, soldados, cavallos, cravinas, e pistolas, como até agora, mas pelos preços communs das terras, sendo precisamente necessarias; e nesta conformidade me haviam por offerecida esta contribuição, e sendo-me presente o dito assento, eu o approvei, e houve por meu serviço, e porque para boa execução delle, convém lançarem-se as decimas em todas as cidades, villas, e logares do reino, com a egualdade e brevidade que importa, para que haja dinheiro prompto e certo de que se possa formar o exercito, e conduzir as coisas necessarias para elle, de modo que não só se assegure a defensão, mas possa o inimigo ser offendido, entrando o exercito por suas terras, para se sustentar dellas: mandei com parecer dos meus tres estados fazer este novo regimento, pelo qual occorrendo-se aos casos, circumstancias, e duvidas que com a experiencia se advertiram, as decimas se lançassem, cobrassem, e entregassem ao thesoureiro a que por outro regimento se dá a ordem, porque se hão de depender na guerra: como tambem aos officiaes da milicia se dará, para que o dinheiro se applique aos gastos della, e os soldados sejam bem pagos, atalhando-se descaminhos e desordens.

(Continúa.)

## DO ENSINO INDUSTRIAL.

### TITULO I.

#### CAPITULO I.

##### Disposições preliminares.

Art. 1.º O ensino industrial será generico para todas as artes e officios; sendo os methodos essencialmente de applicação, e divide-se em

Elementar  
Secundario  
Complementar

§ unico. Nos casos que adiante se designam, o trabalho physico fará parte do ensino industrial.

Art. 2.º O ensino industrial será professado em

28

Lisboa e no Porto pela fórma determinada neste decreto.

#### CAPITULO II.

##### Dos grãos do ensino.

Art. 3.º O ensino elementar comprehende:

1.ª Cadeira — Arithmetica elementar — primeiras noções de algebra — geometria elementar.

2.ª Cadeira — Desenho linear e de ornatos industriaes.

Art. 4.º O ensino elementar será considerado como preparatorio para o ensino industrial, e poderá ser supprido por meio de exame, com approvação plena, perante os professores do ensino industrial.

Art. 5.º O ensino secundario comprehende:

3.ª Cadeira — Elementos de geometria descriptiva, applicada ás artes.

4.ª Cadeira — Noções elementares de chymica e physica.

5.ª Cadeira — Desenho de modélos e machinas. Primeira parte.

Art. 6.º O ensino complementar comprehende:

6.ª Cadeira — Mechanica industrial.

7.ª Cadeira — Chymica applicada ás artes.

8.ª Cadeira — Economia e legislação industrial.

5.ª Cadeira — Desenho de modélos e machinas. Segunda parte.

#### CAPITULO III.

##### Do trabalho das officinas.

Art. 7.º O trabalho physico em relação á industria se distribuirá pelas officinas de

1.º Forjar.

2.º Fundir e moldar.

3.º Serralheria e ajustamento.

4.º Tornear e modelar.

5.º Manipulações chymicas.

#### CAPITULO IV.

##### Dos cursos.

Art. 8.º O ensino industrial constitue os seguintes cursos, de que se passam as respectivas cartas; a saber:

Curso de operario habilitado.

Dito de official mechanic.

Dito de dito chymico.

Dito de dito forjador.

Dito de dito fundidor.

Dito de dito serralheiro ajustador.

Dito de dito torneiro modelador.

Dito de mestre mechanic.

Dito de dito chymico.

Dito de director mechanic.

Dito de dito chymico.

Curso geral.

Art. 9.º A distribuição das cadeiras de ensino pelos cursos será feita do seguinte modo:

Curso de operario habilitado — cadeira 1.ª e 2.ª

Dito de official mechanic — cadeira 1.ª, 2.ª e 5.ª

Curso de official chymico — cadeira 1.ª, 2.ª e 4.ª, officina 5.ª

Curso de official forjador — cadeira 1.ª, 2.ª e 4.ª, officina 1.ª

Curso de official fundidor — cadeira 1.ª, 2.ª e 4.ª, officina 2.ª

Curso de official serralheiro ajustador — cadeira 1.ª, 2.ª e 5.ª, officina 3.ª

Curso de official torneiro modelador—cadeira 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup>, officina 4.<sup>a</sup>

Curso de mestre mechanico—cadeira 1.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup>, officina 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup>

Curso de mestre chymico—cadeira 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup> e 7.<sup>a</sup>, officina 5.<sup>a</sup>

Curso de director mechanico—cadeira 1.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup>, 5.<sup>a</sup>, 6.<sup>a</sup> e 8.<sup>a</sup>, officina 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup>

Curso de director chymico—cadeira 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup>, 5.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup> e 8.<sup>a</sup>, officina 5.<sup>a</sup>

Curso geral de todas as cadeiras e officinas.

#### TITULO II.

##### *Do instituto industrial de Lisboa.*

Art. 10.º É creado em Lisboa um instituto industrial, que comprehende:

Ensino dos tres grãos da instrucção industrial.

Museu da industria.

Biblioteca industrial.

Trabalho nas officinas.

Art. 11.º O museu será dividido em duas partes:

Deposito de machinas.

Collecções technologicas e commerciaes.

Art. 12.º O pessoal da administração e direcção do ensino será composto do director-lente, e do conselho escolar.

Art. 13.º O governo poderá estabelecer as officinas para o ensino do trabalho industrial nos arsenaes do estado. Neste caso os mestres receberão uma gratificação, que não seja superior a metade de seu vencimento; e o official do exercito, ou armada, que inspecione este ensino terá direito a uma gratificação, que não seja superior á que lhe pertence pela sua patente em serviço activo.

Art. 14.º O pessoal do ensino compõe-se dos professores e dos mestres das officinas.

Art. 15.º No instituto haverá um secretario bibliothecario, um conservador, e os guardas que se julgarem indispensaveis.

Art. 16.º No deposito de machinas, e na bibliotheca se farão os desenhos e traducções que sejam pedidos, mediante o emolumento fixado pelo conselho das escolas, com approvação do governo.

#### TITULO III.

##### *Da escola industrial do Porto.*

Art. 17.º É creada no Porto uma escola industrial, que comprehende a instrucção completa dos dois primeiros grãos do ensino industrial, e a 7.<sup>a</sup> cadeira chymica, applicada ás artes—do ensino complementar.

Art. 18.º O pessoal da administração e direcção será composto de um director-lente, e do conselho escolar.

Art. 19.º O pessoal do ensino compõe-se de professores, e de mestres de officinas.

Art. 20.º O governo poderá contractar com algumas fabricas do Porto, a fim de que sirvam de officinas para o ensino do trabalho industrial, recebendo os proprietarios uma retribuição que não exceda a 150\$000 réis annuaes por officina.

Art. 21.º Na escola haverá as guardas que forem indispensaveis.

#### TITULO IV.

##### *Dos alumnos.*

Art. 22.º Para ser admittido no ensino industrial apresentar-se-hão provas de ter completado 12 annos,

saber lêr e escrever, e de não ter molestia contagiosa

Art. 23.º Os alumnos são ordinarios, voluntarios, ouvintes registados.

Art. 24.º Os alumnos ordinarios seguem o ensino pela ordem estabelecida para as materias de qualquer curso.

Art. 25.º Os voluntarios não seguem esta ordem, mas estão sujeitos a todas as mais disposições regulamentares, que se referem aos ordinarios.

Art. 26.º Os ouvintes registados são alumnos que registam a sua presença nas cadeiras que frequentarem.

Art. 27.º Só teem direito a premio os alumnos ordinarios.

Art. 28.º Do registo de presença se passam certidões—dos exames dos voluntarios se passa carta.

Art. 29.º Os alumnos são expulsos do ensino por máo comportamento, e por não aproveitarem a instrucção que se lhes ministra.

Art. 30.º Os alumnos sómente se admittem ao trabalho nas officinas, quando estão approvados no ensino elementar.

Art. 31.º Os alumnos ordinarios e voluntarios são isentos de recrutamento em quanto frequentarem o ensino.

#### TITULO V.

##### *Do conselho director do ensino.*

Art. 32.º Haverá em Lisboa um conselho director do ensino industrial.

Art. 33.º Compete ao conselho a direcção geral do ensino—a adopção dos compendios—concursos—policia das escolas.

Art. 34.º O conselho é composto da seguinte forma:

Presidente—ministro das obras publicas, commercio e industria.

Vice-presidente—director geral da direcção do commercio e industria.

Secretario—chefe da repartição das manufacturas.

O director do instituto industrial.

Os professores do ensino complementar.

Dois vogaes da secção das manufacturas do conselho geral do commercio.

#### TITULO VI.

##### *Disposições transitórias.*

Art. 35.º O governo fará o primeiro provimento das cadeiras do ensino industrial.

Art. 36.º O governo, se o julgar indispensavel, nomeará temporariamente professores e mestres estrangeiros para constituir o ensino normal da industria.

Art. 37.º Todos os instrumentos com relação á industria—modélos—desenhos—e mais objectos, que pertençam ao estado, e não sejam de absoluta necessidade no estabelecimento em que estejam, serão depositados no museu do instituto industrial, logo que este se estabeleça.

Art. 38.º Fica extincto o conservatorio das artes, e officios de Lisboa. Todos os objectos ali existentes serão entregues ao instituto industrial.

#### TITULO VII.

##### *Disposições geraes.*

Art. 39.º Os grãos do ensino industrial poderão



compreender outras materias além das contidas neste decreto, quando assim se julgar conveniente.

Art. 40.º O ensino industrial será professado á noite, com excepção do trabalho das officinas.

Art. 41.º O governo fixará annualmente a somma, que pelo conselho director do ensino industrial será distribuida em premios pelo instituto industrial de Lisboa, e escola industrial do Porto.

Art. 42.º Feito o primeiro provimento das cadeiras do ensino, os subsequentes serão providos, precedendo concurso perante o conselho escolar.

Art. 43.º Os professores do ensino industrial são equiparados aos professores dos tres grãos, correspondentes da instrucção publica.

Art. 44.º Os vencimentos dos empregados creados por este decreto serão os que vão designados na tabella junta, assignada pelo ministro secretario de estado interino dos negocios das obras publicas, commercio e industria.

Art. 45.º Os empregados no ensino que tiverem outro vencimento do estado teem direito a uma gratificação igual a metade do vencimento que lhe compellir pelo seu emprego no ensino industrial.

Art. 46.º Tres annos depois do estabelecimento do instituto do ensino industrial de Lisboa e escola industrial do Porto, nenhum operario será admittido nas fabricas do estado sem approvação no grão do ensino respectivo.

Art. 47.º Regulamentos de administração publica providenciário o necessario para que se executem as disposições do presente decreto.

Art. 48.º Fica revogada toda a legislação em contrario.

Art. 49.º O governo dará conta ás côrtes das disposições que se contém neste decreto.

Os ministros secretarios de estado de todas as repartições assim o tenham entendido, e façam executar. Paço das Necessidades, em trinta de dezembro de mil oitocentos cincoenta e dois. — Rainha. — Duque de Saldanha — Rodrigo da Fonseca Magalhães — Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello — Antonio Aluizio Jerôz de Azevedo.

## PARTE LITTERARIA.

A NOVIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capítulo XXXIX.

DEPOIS DAS CAUSAS OS EFEITOS!

Saindo de S. Roque pelas dez horas da manhã, o padre Ventura tinha a physionomia mais apprehensiva do que o costume. O sorriso escondia-se-lhe nos beiços, e a reflexão estendia-lhe a miúdo um veu sobre a fronte. Baixos e pensativos os olhos mostravam que não estava o es-

pirito com o corpo; mas corria longe delle em uma daquellas meditações longas e profundas, que são mais de metade da vida dos homens intellectuaes. Quem de perto conhecesse o visitador, e tivesse presentes as suas maneiras, não carecia de grande exame para se convencer de que estava preocupado com negocios de importancia.

O jesuita desceu de vagar pela calçada do Carmo, pouco mais ou menos no mesmo sitio por onde nós trepamos hoje as empinadas escadinhas e ladeira da calçada do Duque. Dirigiu-se a Santo António, passando por S. Domingos, para dizer duas palavras ao mestre fr. João dos Remedios. No caminho, e de repente deu de rosto com o padre Simões, que vinha do collegio a procural-o, e ficou satisfeitisimo de o encontrar a dois terços da subida do calvario.

— «Agora mesmo ia eu ver a v. paternidade» disse o italiano, recuperando por um esforço de vontade o sereno aspectó e o riso fino, mascara usual do semblante para occultar os pensamentos.

— «Tambem eu! Sahi de Santo António a communicar a v. paternidade...»

— «Louvado Deus, que nos ajuntem! Um antigo tirava favoravel agoiro. Que novidades ha, padre Simões?»

— «As cartas de Roma e de Hispanha, recebidas ha meia hora, informam que... Em verdade vejo-as tão obscuras que não as entendo.»

— «Apesar da sua critica? Grande moeda então! Mas perdoe; o que não acha claro nas suas noticias?»

— «O goral desappareceu, saiba v. paternidade! Em Roma cuidam que está em Hispanha. De Hispanha escrevem que o julgam em Roma ou pelo menos em Italia. E o peor é!...»

— «Não estar ella talvez em nenhuma das partes? Não suppondo que os deuses o arrebatassem como a Romulo, o que conclue v. paternidade de tudo isso?»

— «Padre visitador, não conclua, limite-me a recejar alguma desgraça; esta ausencia inexplicavel...»

— «Não diga tal. Tudo se explica cedo ou tarde. Menos cuidado e mais grandeza de alma, padre Simões! Dentro de tres ou de quatro dias talvez o segredo se rompa, e nós sejamos os primeiros a sabel-o...»

— «Deus permitta! Entretanto v. paternidade deve ter noticia de que el-rei começa a seu governo pouco affeiçãoado á companhia. O

padre superior, amanhã, diz-se, que receberá ordem para sair da provincia de Portugal! »

— « É verdade. O alvará que o extermina destes reinos está lavrado! »

— « E v. paternidade não julga que uma ordem assim, barbara e despotica... »

— « Não falle alto dos actos de s. magestade, padre Simões! As paredes teem ouvidos... V. paternidade é prudente, e sabio, e não está moço; antes de vestir a nossa roupeta viveu no mundo. Ora bem! Frequentou muito a corte; e eu, atrevendo-me áquelles mares ainda hoje me dava por ditoso tendo tão bom piloto para me guiar. »

— « Agradeço infinitamente, padre visitador; mas, noto pelas suas palavras que o successo lhe não causa estranheza... »

— « Quer que falle com sinceridade? Isto esperava-se ha muito! A companhia não deve preferir os homens á sociedade. O provincial, zeloso do serviço de Deus, tractou do litigio dos quindenios com a curia. As escondidas de el-rei e do seu conselho de estado compoz-se e obrou bem quanto a nós, e mal quanto ao governo. A coroa disse que não pagassemos, que ella nos sustentaria. De Roma, que está mais perto do santo padre, o geral tinha ordenado o contrario avisando que a nomeação de vigarios apostolicos ia ser passada aos nossos padres!... Uma coisa vale a outra, dizia elle! O sr. D. Pedro II (que Deus haja) perdeu a partida, porque não foi obedecido; e tinha razão de se ofender; mas tambem me parece claro, como o dia, que as igrejas do oriente ficaram nossas a todos os respeitois... Agora vem o sr. D. João V, grande principe, temente a Deus, e s. magestade que é moço quer reinar... Entende que precisa dar um exemplo á curia e á companhia? Paciencia! O direito assiste-lhe, e não nos achamos isemptos de culpa para termos voz activa... »

— « Então v. paternidade approva o extermínio do superior?... »

— « Padre Simões, eu não approvo, lamento! O virtuoso sacrificio do provincial é louvavel; estou certo que lhe ha de ser levado em conta. Quanto á responsabilidade... bem vê; grande logar, grande queda. Caiu no seu posto. O meu voto, e as ordens que tenho, prescrevem-me plena obediencia aos actos de el-rei. S. magestade é o senhor; manda porque pôde; e a nós cumpre-nos sermos executores passivos sem murmurações. »

— « Se entendi bem, as ordens contra o superior não prejudicam os regimentos, que D. Pedro II, por suggestão do padre Magalhães, tinha approvado, e deixou feitos por assignar? » perguntou o velho casuista da companhia, cujo sorriso cauto, cujo olhar penetrante e eloquente dizia ao mesmo tempo ao visitador que ia percebendo pela pratica a vantagem da politica decisiva, por elle exposta no consistorio secreto, e dirigida depois com tanta habilidade.

— « Nada! El-rei deu uma demonstração ao provincial, porque o achou figurando em um aggravo contra a coroa; quanto á companhia estima-a, preza os seus serviços, e ordena que os continue. Os regimentos vão assignar-se e serão expedidos; os nossos privilegios no Brasil estão confirmados e ampliados pela magnanimidade regia. Agora, sim, podemos dizer sem receio que as missões da America nos hão de conquistar maior imperio do que a Europa toda, se soubermos aproveitar! Sequestrando os indios mais cincoenta annos ás novidades da falsa philosophia, e ás tentações dos vicios de fóra, temos tempo para fazer homens dos selvagens, e para arraigar o dominio no seu coração com a charidade e amor do nosso governo, com a instrucção lenta e gradual da nossa doutrina... Padre Simões, — aqui entre nós e tão baixo que só Deus nos ouça! — na Europa isto vai cahindo de velho. Duvido que ature assim um seculo. Os reis e os ministros é natural que, sentindo fugir o chão, tractem de segurar-se. Não seguram. A guerra principal, digo-lh'o eu, por inveja e por maldade ha de ser á companhia, mais anno menos anno. Se nos unissemos ficavamos de pé todos; separados e discordes, um terceiro comerá a ostra e dará as conchas por escarneo aos combatentes!... Não importa! Resta-nos a America, um mundo novo, aonde seremos apostolos e monarchas. Expulsos do meio dia como já o fomos do norte, passaremos o mar; quero vêr se as nossas leis e o nosso poder não resistem mais do que as leis e os soldados delles! Aqui está a razão que me faz tomar este interesse pelas missões do Brasil, do Perú, e do Mexico. Os privilegios concedidos e ampliados são as verdadeiras praças de guerra da sociedade de Jesus. Obtidos elles, (e não era pouco difficil) trabalhemos de modo, que um dia, se tentarem suspender-os ou revogar-os, não possam. E isto, sabendo-se levar os povos e os gentios custa menos do que descobrir a America, como Colombo, ou conquistar o Mexico, como Cortez... Note

que elles vinham de fóra e que nós estamos de dentro!... Bem vê! Entre um mal comparativamente pequeno, o extermínio do principal e a publicação dos regimentos, que serão a gloria, a força, e o futuro do instituto e de milhões de almas regeneradas pela graça do baptismo e da civilisação, ergo as mãos ao ceu e dou-lhe imensas graças pela grande victoria que acabamos de alcançar. Nunca se ganhou tanto com menos perda! »

— « Eu não tinha visto as coisas por esse lado. E não admira! O plano era de v. paternidade, e a execução sua foi também. Ignorava mais que os regimentos se publicavam!... Parabéns a v. paternidade e à companhia! Foi curta a campanha... »

— « Mas bastante trabalhosa, não acha? » acudiu o italiano sorrindo, e no tom insinuante que lhe era proprio. « Sem soberba protesto-lhe que alguns passos se deram, e algumas noites se perderam. Padre Simões, os nossos inimigos eram mais do que os amigos; grande mal em qualquer guerra!... Em fim a batalha deu-se; depois de enterrar os mortos e de curar os feridos fallaremos do premio que pertence aos vivos... »

— « Ao general sobre tudo! » atalhou o padre Simões com sincero respeito.

— « O general está pago com a victoria!... Mais de vagar tractaremos desta e de outras coisas. Não se assuste no entanto com a ausencia do geral... elle apparecerá! Quer algum recado para S. Domingos? »

— « Que v. paternidade chegue bem, e seja feliz. Já que estou ao pé subo a S. Roque para dizer adeus aos nossos padres. »

— « Pois sim. Todos o estimam, e merece-o. Até á vista. »

O visitador chegou á portaria de S. Domingos meia hora depois da sahida de Diogo de Mendonça, e da acareação do sr. Thomé das Chagas com as delações epistolares. Entrando na cella de fr. João encontrou o reverendissimo ainda convulso e despeitado da scena porque passára. O douto mestre em canones tinha um enorme volume aberto diante de si, e os olhos fitos nelle; mas era facil perceber que a sua attenção não estava alli, e viajava talvez em companhia do secretario das mercês, ou do milagreiro, arrancado por um rasgo de prudencia ás suas vindictas fradesas.

— « *Pax christi, domine reverendissime!* » disse da porta cruzada, depois de deitar a cabeça,

o padre Ventura com a sua meiga e pausada voz.

— « Entre! » — replicou laconicamente o pregador, dando um salto na poltrona, e virando a cara. Á vista do jesuita, antigo adversario, e aliado actual, o dominico mostrou-se satisfeito, e levantando-se foi recebê-lo com amizade cordeal.

— « V. paternidade por aqui! Não contava com esta fortuna... »

— « Causei incommodo? Vim interromper os seus estudos!? » accudiu o visitador correspondendo ás demonstrações de fr. João, e deixando-se conduzir para a fôfa e ampla cadeira de braços, collocada defronte da poltrona do juriscônsulto.

— « Não senhor. V. paternidade, como sempre, traz a alegria a esta sua casa. Não adivinha quem sahiu agora mesmo? »

— « O abbade Silva talvez com algum dos rarissimos e preciosos manuscritos? » notou o jesuita sorrindo-se maliciosamente.

— « Não, graças a Deus! foi o sr. Diogo de Mendonça, e contou-me coisas que estava bem longe de suppor. »

— « A respeito?... »

— « Sobre a anedocta do padre Sebastião da Magalhães... »

— « Ah, coitado! Por mais que o preveni não quiz acreditar-me. Parte esta tarde para Santarem; terra de bons ares e de bonitas vistas! Ha de dar-se bem... Tem visto o sr. Lourenço Telles desde as melhoras de Cecilia?... »

— « Nada. É fim de anno, e os negocios do convento prenderam-me de modo!... »

— « Escuso perguntar-lhe, então, por flôcias de D. Catharina de Athaide. A morte de el-rei demorou o seu casamento, segundo me disseram; faz-se para o meez que vem. »

— « É verdade. E o conde de Aveiras queixa-se amargamente do transtorno! Está cada vez mais namorado. Diga-me v. paternidade: o que é feito de Jeronymo Guerreiro? Sinceramente, dá-me cuidado. São passados tantos dias que desapareceu sem haver noticias... Faz-me acismar! »

— « Já perguntou ao sr. Diogo de Mendonça? »

— « De certo. »

— « E elle?... »

— « Encolheu os hombros, deixou cair duas ou tres phrases sibyllinas, e com o sorriso que lhe conhece, descartou-se appellando para o chavão costumado dos segredos de estado. »

— « Quer dizer: deixou-o ás escuras como antes? »

— « Ou mais se é possível! Estes diplomaticos de tudo fazem mysterio; com um grão da areia levantam uma montanha. Deus me não mate ao pé delles. »

— « É que no caso presente « observou o jesuita pondo-se serio » a montanha existe, e muito escabrosa por signal! »

— « Então Jeronymo não foi ao exercito como se disse: succedem-lhe alguma coisa? » exclamou o dominico sobressaltado, porque era amigo do capitão, e apesar de frade tinha o coração quente e o zelo prompto.

— « Se chegar a essa janella, e olhar para o castello vê o sitio aonde elle está preso desde aquella triste noite... Bem vê que a montanha não é baixa nem facil de subir. »

— « Preso!? » gritou fr. João apertando as mãos com ansiedade. « Preso!? E nós sem sabermos nada! E porque? »

— « Pelos papeis que lhe mandei veria v. reverendissima que a doença de Cecilia foi mais grave do que se quiz figurar a Lourenço Telles em attenção á sua idade: um dos homens que estava no jardim, e por uma desgraçada casualidade não affastou a espada a tempo, era Jeronymo. Cecilia recebeu o golpe d'elle! »

— « Santo Deus!.. mas o que ia elle fazer a esse maldito jardim, não me dirá? » bradou o padre que a amizade e a impaciencia agitavam.

— « Como os ciosos e os doidos foi cavar a sua ruina! » respondeu o jesuita com melancolia.

— « Então a culpa é grave? »

— « A culpa não; a parte sim. O inimigo que o accusa, e duvido lhe perdoe, é o mais poderoso do reino... »

— « Em Portugal ha leis, senhor padre Ventura, e ministros que as leem e executam! » atalhou o dominico enchendo-se de animo e passando com magestade para encobrir o terror, causado pelas palavras do jesuita.

— « Em toda a parte as ha, sr. fr. João! » redarguiu este muito sereno. « E quanto mais leis peor para os governados! Mas codigos que salvem a vida e a honra do vassallo, quando o rei se faz seu accusador... »

— « O rei? » exclamou o procurador mudando de cor, e suspendendo de repente o giro peripetico, varado pela allusão.

— « A outra pessoa de fora que estava no jar-

dim, e que Jeronymo tambem feriu, era o principe real, hoje por graça de Deus, o sr. D. João V nosso senhor. »

— « Misericordia divina! Um crime de lesa magestade de primeira cabeça!.. E v. paternidade a dizer-me que a culpa não era grave!.. Na Italia será moda passar os principes ás esto-cadas? » O pobre Fr. João estava tão afflicto e desacordado que se virava contra o jesuita.

— « Na Italia o costume é os principes não escalamem de noite os jardins dos vassallos; e se algum, esquecido da sua jerarchia, ao saltar fosse cair sobre a ponta de um florete, curava-se e callava-se. Quem embarca está sujeito a naufragar. »

— « Mas, que necessidade tinha Jeronymo de se metter no que não lhe importa? » gritou o frade acceso nas cores e levantando os braços ao tecto.

— « Naturalmente a mesma que v. reverendissima, achando um ladrão dentro da cella! » observou o visitador sem se alterar.

Fr. João estacou fitando olhos pasmados no arguente. Depois assentou-se e correndo a mão pela testa, acrescentou com um suspiro: « Nisto ha um nó que não posso desatar! Jeronymo um rapar de juiso não alçava o braço contra o seu principe se soubesse que era elle. Resta-me esta esperanza. »

— « Perca-a. Jeronymo sabia que era sua alteza! » acudiu o italiano. « Mas sua alteza é que se metteu pela espada. Hoje importa pouco o que foi; desgraçadamente o que pôde ser é que nos deve dar cuidado. »

— « Outra explicação ainda, padre visitador! » interrompeu o dominico com abatimento.

— « O principe não ia á meia noite ao jardim de Lourenço Telles sem motivo; nem Jeronymo lhe fazia uma espera por divertimento. Receio calamidades ainda maiores; Theresa é altiva de genio, e formosa, sempre lhe conheci inclinação... »

— « Não arrisque juisos temerarios, sr. fr. João! sua alteza nunca viu, nem amou Theresa. Esse foi o engano de Jeronymo; e por elle padece. »

— « Então era Cecilia? »

— « Pelo amor de Deus, padre mestre! Não se metta no labyrintho das conjecturas que se perde. O segredo está no peito do principe; e não será facil arrancar-lho. De mais, o mal feito está: tractemos de o remediar. Sabe a que vim aqui confiado na sua bondade? »

Fr. João cada vez mais perplexo acenou com a cabeça que não.

— « Depois da sua prisão persuadido de que era o amor de Thereza que chamara el-rei » proseguiu o jesuita » Jeronymo caiu n'uma prostração profunda de que não se tira senão para chorar como uma criança, ou para entrar em convulsões de raiva, e em clamores de desesperação. Em duas palavras, está perdido e morto se não o soccorrermos. O medico protesta que não ha forças que resistam a semelhante estado por muito tempo. Quer v. reverendissima ajudar-me n'uma obra de charidade? Presta-me o seu auxilio para tentarmos o unico remedio capaz de o salvar? »

— « Estou prompto; com mil vontades! » disse o procurador erguendo-se com impeto, e tendo os olhos arrasados de agua. « Ninguém se interessa mais por elle. Ajudei-o a crear, ensinei-lhe o seu latim e a sua philosophia, esforcei-me por lhe cultivar o espirito e o coração... Veja se não o devo estimar! No amor é meu filho adoptivo, padre mestre!.. Para o salvar, se fosse preciso, ia metter-me no rio agora mesmo em dezembro... »

— « Muito menos é bastante » sr. fr. João, acudiu o jesuita sorrindo « sem arriscarmos em um banho de gelo a sua vida e saude, que é preciosa, confio que tudo se fará... Se v. reverendissima tivesse a charidade de ir n'uma sege á rua das Arcas para acompanhar Cecilia e Thereza ao castello, á prisão? Ellas estão dispostas; preveni-as, e esperam só pela sua presença. Seria bom que Lourenço Telles e o resto da familia não suspeitassem nada... Qualquer pretexto servirá para isso. No em tanto vou dispor o nosso enfermo; e com a ajuda de Deus esta noite teremos homem... »

— « Em um instante me aprompto. Direi a Lourenço Telles que as meninas veem comigo pagar uma promessa pela milagrosa cura de Cecilia... Nestes casos a mentira é quasi uma virtude. »

— « Optimamente! A uma pessoa dos annos, character, e respeito de v. revm.<sup>a</sup> elle não terá duvida em as confiar... Não posso demorar-me; vou ao castello cumprir as obras de misericordia... »

— « Visitando os enfermos e encarcerados? Muito bem! D'aqui a uma hora eu e as meninas estamos a seus pés. »

— « Não esperava outra coisa da piedade zelosa de v. revm.<sup>a</sup> Até logo. »

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

## O FIM DO SEMESTRE.

### Estudos biographicos e necrologicos.

POR UM PHILOSOPHO.

(Continuado de pag. 323.)

## II

Thereza era filha de um pobre e honrado militar. Seu pae, mais costumado ao bulício das armas que aos frios calculos do futuro, morrera pobre, legando apenas á sua familia dois ou tres elogios banaes nas ordens do dia, e um habito da torre e espada que elle tinha em grande conta, por suppor, que, sem grande vaidade, lhe poderia caber a applicação da legenda que lhe ornava o peito. Vivo, o capitão M\*\*\* fôra o estímulo de todos os seus camaradas; morto, mais de uma vez o seu nome tinha sido citado como exemplo da impassibilidade no perigo e da bondosa magnanimidade no triumpho.

Thereza era ainda uma criança quando seu pae morrera, e ás lagrimas de toda a sua familia respondia sorrindo, que elle havia de acordar mais hora menos hora, e que lagrimas e tristezas eram para os que morriam e não para os que repousavam das fadigas do dia. Podem ver por aqui o que ella então era criança!

Sua mãe, senhora de muitas virtudes, e de uma facil e amena educação, vendo-se assim no mundo, tão abandonada e tão só, acostumára Thereza ao trabalho, e não se fartava de lhe repetir — que era com o trabalho que ella de futuro se havia de achar. A pobre senhora não foi completamente feliz nos seus vaticinios; o trabalho poudo por algum tempo evitar o despeito de intimas e dolorosissimas scenas.

Flores que nascem para jardins morrem se as transplantam, ou definham, se mão de habil jardineiro lhes não acode a salvar-as. Aves que vivem para doidejar no bosque, se as prendem, perdem a voz para o canto, ou esmorece-lhes pelo menos o matiz das plumas, e o franco e singelo esvoaçar da infancia. Thereza não conhecera nunca a verdadeira felicidade, mas uma voz iatima, talvez a do destino, deixava-lhe por vezes ante-ver em sonhos um futuro, que dolorosas realidades sumiam na desesperança, e abafavam na dor! Orphã de pae, os seus primeiros amores foram como de rasão, para aquella que, já sem

illuções, lutára para que o futuro lhe não fosse tão lugubre e triste como ella, coitada, o antevia. Olhos que muito choram se lhes chegam a estancar as lagrimas, ou vivem para as traduzir na desesperação, ou cegam de todo para a luz, e nunca mais logram vêr o espectáculo magnifico das maravilhas de Deus. A mãe de Thereza cegára dez annos antes de morrer, e suppria com as orações as lagrimas que já não tinha.

O trabalho de Thereza era o fraco esteio da existencia de ambas. Horas desocupadas não as tinha ella, a pobre; mas os cuidados domesticos, e outros cuidados talvez mais serios ainda, tiravam-lhe a paz do espirito, e não lhe deixavam luzir como devera o trabalho, que era de todos os dias, e que lhe ia pouco a pouco desbotando as rosas do rosto, e substituindo-as pelos palidos goivos da campá.

Thereza não teve animo para esperar que elles se desfolhassem por si, olhou para o fim da estrada, viu-a arida e escabrosa, e fraca como mulher que era... mas não antecipemos o fim desta historia.

Thereza já não era o que havia sido. Coração que não falla, que se não queixa, que se não expande, corroe a seiva da vida, e soletra-se no rosto pela pallidez, se não chega ainda a mais, a desfolhar em plena primavera o arbusto que promettia afrontar ainda um bom par de invernos!

Thereza tinha sido formosa. Já o não era? Quem o affirmasse mentia. Olhos como ella tinha, tão negros, tão rasgados, tão espelho dos seus mais intimos pensamentos, não digo que outros não houvessem assim, mas o que affoitamente se poderia affiançar, é que eram rivaes dos que mais em conta se tivessem de brilhar pela meiguice de um compassado volver, e pela suave expressão com que os erguia a esperança, ou pela languidez com que os abaixava o pejo. Sem pertenções, sem requebros, e sem pequeninas argucias de mulher, Thereza tinha uma intelligencia rapida, e a palavra sonora e poetica dos que padecem e não desabafam em imprecações contra as injustiças do mundo. As tristezas traduzia-as em cantos maviosos e sentidos, e não poucas vezes, curvada sobre o trabalho ingrato que lhe havia de dar o pão do dia seguinte, aquella alma desprendida momentaneamente das suas diarias cogitações, sonhava, na miseria uma luta impossivel com o futuro, e mais pelo desejo do que pelo raciocinio suppunha-se, por horas, vaidosamente triumphante do que havia de ser para

ella um mal irremediavel. Nem a imaginação a poudes salvar!

Um anno antes desta historia começar, já Thereza via que não havia de passar mais outro anno sem ficar de toda só no mundo. Pensamentos de morte raras vezes enganam; intelligencia que o soffrimento apura só deixa de ser propheta se chega a extinguir-se antes da época da prophécia se cumprir.

A mocidade nem sempre é descuidosa e imprevidente. O que Thereza receiava, aconteceu-lhe ainda mais cedo do que ella o esperava, e aos vinte e um annos, não completos, viu-se no mundo absolutamente só, sem amigos, sem parentes e sem mãe!

Dia de desespero como aquelle, só teve Thereza mais outro, mas então já não tinha forças para resistir, e o suicidio foi o remate de uma vida repartida entre o soffrimento e o trabalho, e o meio, impensado embora, de arrojardes si cruz pesada de mais para hombros tão debéis e já tão mortificados por tão aturada e não interrompida peregrinação. Assim mesmo Thereza não desanimou logo; para ella não haviam ha muito tempo nem dias de festa nem noites de verdadeiro repouso, e se a desesperação a não tivesse levado ao suicidio, poucos mezes mais o trabalho lhe daria de saúde, e um dia, quando menos o pensasse, a pthistica a iria levando, sem lhe deixar vêr tombar a primeira flor desprendida pela brisa do ramo lascado da amendoeira, nem a ultima folha do ulmeiro que o outono sacode ao chão.

A calumnia não é nunca tão feia nem tão repugnante do que quando fere a indigencia, ou ataca a miseria recatada e humilde. Donzella que não tem braço de homem que a defenda, nem coação de mãe que lhe valha, pobre della coitada, mate-a embora o trabalho, consuma em vão esforços a mocidade e a belleza, nada tolherá á calumnia de a ferir com impudentes gracejos, se não chega mesmo a atacar-lhe o credito, e a offender a reputação daquella que se não baixa á indignidade de roubar ao trabalho as horas precisas para rebater a calumnia.

(Continúa.)

## NOTÍCIAS E COMMERCIO.

**O bispo eleito de Pekin.**—O bispo eleito de Pekin, D. João de França Castro e Moura, cuja restituição ás christandades de Pekin vem solicitar da soberana os dois chinês chegados a Lisboa, partiu de Timor a 24 de setembro ultimo no brigue de guerra *Mondogo*, que ia a Batavia refazer-se de provisões para seguir viagem para Lisboa.

Parece providencial esta coincidência, este encontro fortuito que breve terá lugar, na capital do reino, entre aquelle venerando bispo, e os christãos chins que de tão longe vieram solicitar o seu regresso ao imperio chinês, donde o deixaram tão proximo.

Este objecto deve merecer toda a attenção do nosso governo, que muito partido d'elle pôde tirar para a conservação do nosso prestigio entre os christãos da China. A confirmação do bispo Castro, e o seu regresso para a China, com os mensageiros dalli enviados, seria um acto de justiça ás eminentes qualidades deste bispo, eleito e proposto pela rainha de Portugal, pelo antigo direito do real padroado, e ao mesmo tempo de utilidade para a religião, e de bastante importancia nas nossas relações com os chins.

Em 1851 foi impresso em Lisboa um folheto intitulado: *Considerações sobre o estado das missões e da religião christã na China*, escriptas em Macáo por Carlos José Caldeira, annunciando a vinda do chima *Leu tú-chang*, o mesmo que é chegado a Lisboa, e referindo circumstanciadamente as causas que a motivaram. Este folheto, muito curioso para quem quizer elucidar-se nestes assumptos, se acha á venda no livreiro J. P. M. Lavado, por 80 rs.

No livro *Apointamentos de uma viagem á China*, do mesmo auctor, de que já promettemos fallar detidamente, tambem se encontram esclarecimentos semelhantes.

**Envenenamento de um portuguez no Brasil.**—Pelo *Globo*, jornal do Maranhão tivemos noticia de um triste acontecimento — que mais circumstanciadamente consta do extracto que vamos publicar de dois jornaes do Brasil e do relatorio de alguns facultativos que será impresso em o proximo numero. Pagamos aqui um preito á imprensa brasileira pela digna posição que tomou nos referidos artigos. Como o ser humano e fraternal comportamento a infausta nova deixa de ser um enfraquecimento nos laços de amizade que tão apertadamente devem ligar dois povos independentes, mas irmãos na religião e na lingua.

« Realizou-se a veracidade das denuncias dadas ao governo e á outras auctoridades de que o subdito portuguez Francisco José de Paiva havia morrido assassinado com veneno, como verão os tutores do relatorio, acima publicado, dos facultativos, que procederam á autopsia do cadaver daquelle individuo, depois de cinco dias de sepultado.

É de simples intuição — que o dar-se credito á primeira parte das denuncias — que o assassinato fóra commettido por meio de envenenamento — se deverá dar igualmente credito á segunda parte dellas — ou

que taes e taes individuos foram os perpetradores do crime, e assim jámais se deverá proceder á autopsia do cadaver sem que estivessem presos os indicados, accrescendo que toda a população desta capital, que aliás não tinha lido as denuncias, hoje servindo de base á formação da culpa, apresentava como auctores do envenenamento os mesmos individuos indigitados como taes nessas denuncias.

Desta falta imperdoavel resulta — que hoje será mui difficil senão impossivel colher as precisas provas do delicto e de seus auctores e cúmplices.

A exumação foi feita em 17 de outubro. Os facultativos apresentaram o relatorio da autopsia em 27 do mesmo mez; e até hoje 1.º de novembro não foram presos nem os indiciados, nem seus famulos, nem os da casa em que morreu o envenenado, os quaes ha muito que deviam estar incommunicaveis! Que *tipo policial*, ou antes que culposa incuria, descuido, negligencia e omissão da parte do juiz formador da culpa!

Como quer-se colher provas do delicto estando os indiciados com os seus famulos em perfeita liberdade, ouvindo o juizo publico, sabendo anticipadamente o dia em que terão de ser interrogados, e prevenindo-se assim das respostas que devem dar, e podendo até ausentarem-se livremente?

Se por um lado é o sr. delegado Antonio Gomes Claro merecedor de todo o elogio porque estando ha muito com parte de doente, não duvidou apesar disso, a instancias do governo acceitar o encargo de instaurar tão espinhoso processo, quando outros se haviam recusado incumbir-se d'elle, não deixa por outro lado de ser merecedor de grande censura pela sua indesculpavel condescendencia para com os indiciados e seus famulos, talvez por serem aquelles pessoas qualificadas... O certo é que o publico vê com a maior indignação possivel passearem livremente os indiciados pelas ruas desta cidade...

A não ser esse brado de geral indignação; a não serem as energicas censuras, que por occasião da defeza de um pobre réo, fez o sr. dr. Jorge Junior no jury, contra a criminosa indiferença das auctoridades policiaes e criminaes, a respeito desse envenenamento e de outrs horribéis crimes, até hoje impunes; a não ser um communicado, que appareceu no mesmo dia no *Progresso*, e que se attribue ao mesmo sr., até hoje não se tinha dado começo ao processo, até hoje não teria o governo achado uma auctoridade a quem remetteste as provas do envenenamento!

Com effeito, ainda no dia 27 de outubro em que fallava no jury o sr. Jorge Junior contra a indiferença em tão transcendente negocio, declarava o sr. dr. promotor publico no mesmo jury — que a culpa não era d'elle — que não tinha auctoridade perante quem requeresse, que já havia pedido ao governo o auto da exumação e o relatorio dos facultativos, e bem assim a nomeação d'um chefe de policia *ad hoc*, por ser a actual suspeito de direito, e que elle já tinha alguns apontamentos, que podiam servir para o processo!

Temos por tanto toda a confiança no digno sr. promotor publico, e esperamos que elle de sua parte fará todo o possivel para colher as precisas provas contra o delicto e seus auctores e cúmplices. Elle mesmo

reconheçam com o sr. dr. Jorge Junior — que não se devia proceder á exumação do cadaver antes de tomadas certas providencias policiaes, que hoje já pouco podem produzir.

Se o sr. Claro não quer proceder ás necessarias prisões, deve o sr. promotor publico requerel-as á elle ou a s. ex.<sup>a</sup>, que sem duvida não deixará de auxiliar as pesquisas da policia, e tanto mais que o art. 175 do Cod. do Proc. autorisa essas prisões.

Em nosso humilde pensar, o sr. Claro não pôde bem desempenhar as funções de juiz n'um processo em que são indiciados como autores do crime esses individuos de que tratam as denuncias, que motivaram a exumação e autopsia do cadaver de Francisco José de Paiva. Que esse senhor metta a mão em sua consciencia, e elle mesmo decidirá se nisto temos ou não toda a razão: mas se no tribunal de sua consciencia nada o impede de ser um juiz zeloso imparcial, e inexoravel nesse processo, o tempo resolverá então a questão entre nós e s. s.

Em conclusão, um envenenamento foi commettido; o publico indigita os seus auctores; porém como estes são pessoas qualificadas é de presumir que as averiguações policiaes darão apenas este resultado — que se o sr. Paiva morreu envenenado, elle mesmo é que tomou o veneno.

▲ seu tempo voltaremos mais de espaço sobre este grave assumpto.

(Do Observador n.º 213 de 3 de novembro.)

« Lê-se no Progresso n.º 83 de 27 de outubro o seguinte: —

#### HORROR!

— Tendo o governo recebido uma denuncia anonyma em que se assegurava de um modo solemne e positivo — que um subdito portuguez de nome Francisco José da Paiva, moço inoffensivo, e bem relacionado, ainda que pobre, tinha morrido, não de doença como se pensava, porém assassinado com veneno, mandou o mesmo governo proceder á exumação do cadaver daquelle individuo, que havia poucos dias tinha sido sepultado no cemiterio da santa casa da misericordia, e á autopsia delle.

O exame a que se procedeu, conforme as regras da sciencia, deu em resultado a realidade da denuncia, isto é, que o dito portuguez fôra com effeito envenenado com grande porção de arsenico, que se lhe encontrou nas algibeiras! E se exame foi feito por tres facultativos e tres pharmaceuticos, todos mui habéis, havendo entre elles unanime accordo quanto á causa da morte.

Este envenenamento feito á falsa fé tem enchido de indignação e de horror a toda a população desta capital. O publico indigita abertamente os seus auctores e cúmplices; designa os motivos delle; sabe que não podendo ter lugar o assassinato por meio da força, por circumstancias independentes da vontade dos mandantes, lançaram estes mão do envenenamento!

Entretanto, ao passo que o publico todo está perfeitamente ao facto dos episodios e particularidades de tão horrivel crime, de nada subem as nossas auctoridades policiaes e criminaes a respeito delle, nem mesmo depois da autopsia do cadaver, e do parecer dos facultativos, pois que até hoje nenhum processo

foi instaurado, nenhuma averiguação policial se fez, e até consta, que nenhuma auctoridade ha que se queira incumbir desta arriscada e espinhosa tarefa; ao que parece, por serem os indiciados pessoas qualificadas.... Que revoltante cobardia! Que indignidade! Oh! estivessemos na França, nos Estados-Unidos, ou em qualquer paiz que desse todo o apreço á segurança individual, e a esta hora estariam descobertos, presos, e processados os criminosos, e em breve expiariam elles no cadafalso sua perversidade. Mas aqui no Maranhão onde a lei só é alguma coisa contra os escravos, e pessoas desvalidas, não haja receio de que os indiciados sejam sequer chamados á policia para uma averiguação *pro formale*. Entre nós quem tem uma pequena posição social ou grande protecção não é nem pôde ser criminoso.

O assassinado morava [ha muito tempo com o sr. Manuel Antonio dos Santos, agente da companhia dos vapores, de quem era commensal. Achando-se molesto, e não podendo tratar-se convenientemente na casa desse sr., por falta de commodos, ou por outros motivos particulares, rogou ao sr. coronel Severiano de Barros e Vasconcellos, com quem muito se dava, o admitisse em sua casa, e outros dizem, que foi este sr., que voluntariamente o convidou e levou para lá. Seja como fôr, o certo é que foi na casa do sr. Barros que elle morreu, já depois de ter melhorado de saude, e provado fica — que morreu envenenado.

Em abono, porém, da verdade deve-se dizer que o publico não attribue ao sr. Severiano de Barros a menor parte neste envenenamento; elle só tem sido censurado pelo modo precipitado e pouco decente com que enterrou o seu infeliz hospede. Os indigitados envenenadores são outros.

É hoje opinião geral, que quem denunciou o envenenamento ao governo foi sem duvida um dos co-reos, aquelle exactamente sobre quem recahem todas as suspeitas, homem sem moral e sem consciencia, e já coheito de crimes infames apesar do seu illustre nascimento, isto com o fim talvez de fazer cair toda a culpa contra a casa do sr. Barros, onde estava e havia morrido o envenenado, ou de provar a todo o tempo que fosse incommodado pela policia — que tanto não havia contribuido para o envenenamento — que fôra elle quem o havia denunciado ao governo e ás auctoridades...

Não salta por ventura aos olhos — que só um cúmplice ou co-réo podia dar ao governo uma certeza de que um envenenamento fôra commettido, e tanto que se compromettia a provar pela autopsia a verdade da sua denuncia, que pela mesma autopsia se reconheceu ser inteiramente veridica?

Que maldade, que perversidade, meu Deus! Puni, Senhor, a esses monstros autores della, já que as auctoridades humanas não cumprem o seu dever; puni igualmente a estas, porque são prevaricadoras, porque não fazem que a lei e a justiça sejam eguaes para todos.

Em bem pouco tempo, já tres envenenamentos descobertos por meio de autopsias, e todos impunes até hoje! Onde iremos para com estas e outras horribes impunidades?! Está por tanto provado que a desmoralisação já tem chegado entre nós ao seu auge.

(Do Globo n.º 87 de 31 de outubro.)



# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 29.

QUINTA FEIRA, 27 DE JANEIRO. DE 1853, 12.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### CLASSIFICAÇÃO DAS PLANTAS NO JARDIM BOTANICO DA AJUDA.

Os melhoramentos ultimamente introduzidos no jardim botanico da Ajuda parecem-nos dignos de serem publicados, para que os homens da sciencia os possam devidamente avaliar.

As plantas deste estabelecimento, que formam propriamente a escola pratica de botanica, acham-se classificadas segundo o *methodo natural de Lindley*, e segundo o *systema sexual de Linneu*.

O plano superior do jardim foi para este effeito disposto em duas grandes divisões, n'uma das quaes se observam as ordens ou familias naturaes da classificação de Lindley; e na outra a distribuição artificial das especies pelas 24 classes do systema do naturalista sueco.

A confrontação destas duas classificações assim collocadas em face uma da outra, não podia deixar de ser muito instructiva e curiosa.

Os alumnos, e os conhecedores da sciencia, podem estudar alli melhor do que nos livros, tanto as vantagens como os inconvenientes dos *methodos naturaes* e dos *systemas artificiaes*; e comparando-os nas suas bases e nos seus resultados podem conhecer tudo o que os primeiros tem de philosophico e de methodico, e tudo o que os segundos tem de engenhoso e de pratico.

Uma classificação botanica, para se considerar perfeita, deve satisfazer a estas duas condições — *determinar com facilidade o nome systematico das plantas*; e *distribui-las em grupos naturaes segundo as suas afinidades organicas*,

de maneira que cada um destes grupos se encontre na serie da classificação em proximidade daquelles que tiverem com elle um maior numero de analogias.

Todas as pessoas, a quem não são desconhecidos os principios da taxonomia vegetal, sabem que infelizmente não existe por ora classificação botanica, que reuna de um modo satisfactorio estas duas condições, dando-se a primeira mais especialmente nos systemas artificiaes, e a segunda nos methodos naturaes.

É portanto necessario que nos sirvamos simultaneamente destas duas castas de classificação para attingirmos aquelle duplo resultado.

E na verdade com o auxilio dos systemas artificiaes reduzimos, isolamos, denominamos a planta com uma certa facilidade, uma vez que ella tenha já sido descripta; mas estes systemas só nos revelam o nome do vegetal, dando-nos uma muito escassa idéa da sua organização; só auxiliam o trabalho mechanico da memoria, mas não nos facilitam o trabalho philosophico da comparação. Os methodos pelo contrario, marchando passo a passo com a natureza, associam as plantas em grupos naturaes, reúnem um certo numero de *especies* analogas em *generos*, um certo numero de generos, que tem entre si grandes e manifestas afinidades organicas, em *familias*, um certo numero de familias ligadas por um elevado character commum em *allianças*; e estas finalmente em grupos fundamentaes ou *classes*.

Os methodos estudam portanto a estrutura intima dos vegetaes, investigam as harmonias organicas, pesam o valor das afinidades e dos caracteres; e vão assim distribuindo as plantas n'uma serie successiva physiologica e gradual.

O methodo é portanto o complemento do sys-

tema; este abre-nos o vestibulo da sciencia, aquelle faz-nos entrar nos seus penetraes para ahi nos patentear os segredos e as leis da organisação.

Vê-se pois que n'uma escola pratica de botanica é muito conveniente que se possam confrontar estas duas castas de classificação; e então estimámos muito vêr adoptada esta idéa no jardim botânico da Ajuda.

Tambem nos pareceu muito acertada a escolha dos dois systemas taxonomicos alli adoptados. O *methodo natural de Lindley* é talvez o mais perfeito d'entre todos os que enriquecem o dominio da sciencia. E o *systema artificial de Linneu* é o mais engenhoso e pratico de quantos até hoje se tem publicado.

A obra de Lindley publicada em 1845 e intitulada *The vegetable Kingdom*, esta vasta obra á qual é applicado aquelle methodo taxonomico, é um trabalho monumental e precioso, que a sciencia já registou nos seus archivos ao lado do *Systema vegetabilium* de Linneu, do *Prodromus* de De candolle, do *Genera plantarum* de Endlicher, da *Enumeratio plantarum* de Kunth, e de outros trabalhos deste elevado merecimento.

Além de muitos outros aperfeiçoamentos introduzidos neste methodo, em relação aos que o antecederam, Lindley encheu o vasio que se notava nos methodos de Jussieu e De candolle estabelecendo os grupos que chamou *allianças*, e distribuindo por elles as 303 familias ou ordens naturaes que descreve; facilitando assim o descenso das classes até ás divisões formadas pela associação dos generos. Este alvitre era uma flagrante necessidade já reconhecida por Endlicher e prevenida por Brongniard no methodo ha pouco tempo instituido no jardim das plantas de Paris.

Além disto as familias ou ordens naturaes são na obra de Lindley accuradamente descriptas, e o seu numero é superior ao dos methodos mais acreditados. E na verdade Jussieu sómente descreveu 100 familias, De candolle indicou 161, Bartling 255, Endlicher 280, Brongniard 296, ao passo que Lindley descreveu como já disse-mos 303.

Todas estas rasões pois e muitas outras que omittimos justificam a preferencia dada no jardim da Ajuda ao moderno methodo do celebre botânico inglez.

O *systema sexual* de Linneu com as modificações, que nelle introduzira o celebre phito-

grapho *Sprengel* é ainda o mais perfeito de todos os *systemas artificiaes*. Esta engenhosa classificação, que eclipsou todas as do seu tempo, foi desde logo acolhida com um enthusiasmo que ainda não se extinguiu. O *systema* deste dictador da sciencia conta mais de um seculo de idade, e ainda os Sprengels, os Wildenows e muitos outros botanicos vasam naquelle molde as suas obras immortaes.

As mais bellas colleções da Europa acham-se igualmente dispostas segundo aquelle *systema*: e esse *herbario typo* hoje consultado por todos os taxonomistas, essa famosa colleção de *M. Delessert*, que conta actualmente 86:000 especies de plantas seccas<sup>1</sup> acha-se classificada segundo o *systema Linneano* modificado por Sprengel.

Vê-se por tanto que na escolha destas duas classificações foram atendidos os interesses do ensino, e as indicações da sciencia.

Além da *escola pratica de botanica* collocada no plano superior do jardim, encontra-se no plano inferior da grande cascata de marmore um *horto de plantas medicinaes* e outro de *plantas economicas e industriaes*.

A primeira destas colleções acha-se classificada pelo *systema* do dr. Brotero. É uma homenagem rendida ao nosso insigne phitographo, que dotou o paiz com a *Flora lusitanica*, e enriqueceu a sciencia com trabalhos de grande valia. Era justo que no estabelecimento que elle dirigira até ao fim de seus dias se levantasse um padrão, ainda que modesto e humilde, á sua memoria!

A segunda colleção, a das plantas economicas e industriaes, está disposta em familias naturaes segundo o methodo de De Candolle, que é um dos mais seguidos na Europa.

Estas duas colleções modernamente introduzidas no estabelecimento são destinadas a facilitar o estudo da botanica applicada tanto á medicina como á economia domestica e industrial.

O estado em que este bello estabelecimento existia, quando foi annexado á *escola polytechnica*, era como todos sabem deploravel. De-

<sup>1</sup> Em 1845 existiam descriptas 95:000 especies botanicas. Hoje é provavel que o numero das especies conhecidas ascenda a 100:000. *M. De candolle* avalia em 120:000 o numero de todos os vegetaes que existem no seio das aguas e á superficie da terra. *Roemer* eleva este numero a 300:000 e *Endlicher* a 250:000. — No *Herbario* de *M. Delessert* vem por tanto a faltar das especies descriptas apenas 14:000.

baixo da direcção do actual lente de botânica e mediante a intervenção do dr. Welwitch foram desde logo introduzidas no jardim bastantes espécies. Depois da saída deste distincto botânico do estabelecimento, saída que teve logar haverá coisa de nove annos, o jardim tem sido progressivamente melhorado tanto pelo que respeita ao numero das espécies cultivadas, como pelo que respeita aos systemas de classificação recentemente introduzidos.

Hoje cultivam-se alli para cima de 2:000 espécies, e poderiam cultivar-se outras tantas, se a dotação do estabelecimento estivesse em relação com as necessidades do serviço, e com as exigencias do ensino e da sciencia. Mas aquella dotação representa apenas um terço da que era attribuida ao jardim no tempo da direcção do dr. Brotero! — Fugamos de commentar esta triste mesquinhez; mas deploremos que um estabelecimento tão opulentamente construido, com tão vastas estufas, com arvores e plantas exóticas e indigenas formosissimas, admiradas por nacionaes e estrangeiros, não seja ajudado mais effizamente pelo governo!

X

#### FABRICO DA SODA EM PORTUGAL.

N'um artigo que se publicou na *Revolução de Setembro* — em 31 de agosto — sobre a reforma das pautas, disse eu: — que nenhuma fabrica de soda, neste paiz, por melhores que fossem as condições, em que se achasse estabelecida, poderia (actualmente) concorrer com a soda ingleza, a qual, em virtude da redução dos direitos, viria a custar em Lisboa pouco mais ou menos 1\$000 rs. por arroba. — Esta asserção suscitou a proposta que um dos membros da *Associação Industrial Portuense* apresentou em sessão de 8 de setembro com o fim de convidar o sr. Betamio de Almeida a fornecer aquella sociedade todos os esclarecimentos, que podessem elucidar a questão, ainda controversa da fabricação da soda em Portugal.

No n.º 9 do jornal daquella benemerita e esperançosa associação começou a apparecer a publicação dos apontamentos sobre o fabrico da soda em que o sr. Betamio de Almeida apresenta as suas idéas, e os resultados do seu estudo sobre a questão proposta. O n.º 10 do mesmo jornal traz o seguimento daquelles apontamentos, cuja continuação nos promete ainda para os seguintes numeros.

Foi com verdadeiro prazer que vimos apparecer a lume este importante e serio trabalho do sr. Almeida, com cuja amizade nos honramos e a quem desde muito consagramos particular affeição. Temos

29 .

tido occasiões de apreciar o seu merecimento, que é muito, e folgamos agora discutir com elle esta questão tão interessante para a industria nascente deste nosso paiz, e desde já faremos a confissão sincera de que muito desejamos que nesta discussão seja vencedor o nosso adversario, porque o triumpho da sua opinião é mais conveniente ao paiz, e nós antepomos a tudo o bem da nossa patria.

O sr. Almeida, no seu primeiro artigo, simplificou talvez demasiadamente a questão proposta na Associação Industrial, reduzindo-a ás duas seguintes perguntas:

1.ª Poderá Portugal fabricar soda sem os direitos protectores?

2.ª Poderá Portugal vir a exportar soda?

As suas respostas são affirmativas para ambas as perguntas; mas as suas demonstrações não nos convencem cabalmente, apesar da boa disposição dos seus argumentos, da clareza dos seus calculos, e até do desejo, que sinceramente temos, de ser convencidos: e parece-nos que ellas peccam, senão em quanto á fôrma, pelos menos na materia. *Uma conta de sommar pôde estar certa mesmo quando o sujeito que a fez fallou ás conveniencias*, como diz o bom philosopho contemporaneo a quem se refere o sr. Almeida, mas a prova da certeza de uma conta de sommar não prova que as adições somadas sejam as que deviam sommar-se.

Examinemos primeiro se as duas perguntas, feitas pelo sr. Almeida, são sufficientes para nos conduzir á completa resolução da questão.

Em quanto á primeira devemos distinguir o estado actual das coisas daquelle que para o futuro pôde e deve vir a acontecer. Nós substituiríamos ás suas as seguintes perguntas:

1.ª O fabrico actual da soda em Portugal pôde viver independente dos direitos protectores?

2.ª Pôde, com o andar dos tempos, radicar-se entre nós esta industria e viver sem a protecção das pautas?

3.ª Conviria tirar desde já, a todo o custo, a protecção ao fabrico da soda e do acido sulfurico?

4.ª Finalmente, podemos nós ser já, ou vir a ser algum dia, exportadores de soda para os mercados, que são hoje fornecidos pelos productores inglezes e francezes?

Eis aqui as perguntas em que no nosso entender se desdobra a questão proposta na Associação Industrial Portuense. Da solução affirmativa das primeiras tres depende a nossa 4.ª pergunta, ou a 2.ª do sr. Almeida; pois, uma vez demonstrado que podemos no nosso proprio paiz competir com os fabricantes inglezes, sem o favor da taxa protectora, está claro que podemos exportar a soda com muita vantagem a concorrer todos os mais productores em qualquer mercado, porque na realidade são hoje os inglezes que fabricam aquelle producto mais em conta e o levam por menos preço a todos os mercados que o systema restrictivo lhes deixa ainda abertos.

Antes de entrar no exame das demonstrações feitas pelo sr. Almeida, diremos sobre as nossas primeiras perguntas alguma coisa, que nos parece indispensavel para a perfeita intelligencia desta questão.

N'um paiz, que quer fomentar os diversos ramos da industria fabril, e que não tem facil communição com os outros centros productores de productos chymicos, é indispensavel que exista em actividade permanente a fabricação da soda e do acido sulfurico. Neste caso estamos nós, que não communicamos commercialmente com os outros povos industriaes senão por mar.

A soda e o acido sulfurico são, como justamente diz o sr. Almeida, o *pão* e a *agua* da industria fabril — o fabrico do sabão, o dos vidros, as tinturarias, as estamparias, as fabricas de papel, as das velas stearinas, as dos productos chymicos para artes e medicina, e muitas mais, e quasi todas necessitam daquelles alimentos sem os quaes não ha trabalho possivel. Um paiz que possui, ou pertence possuir, todas estas industrias e que não tem acido sulfurico nem soda, claro é, que os ha de receber dos productores estranhos. Lisboa, senão tivesse a pouca distancia uma fabrica como a da Verdelha, teria hoje de fornecer-se com o acido sulfurico de Rouen e com a soda de New-Castle ou de Liverpool, e os nossos fabricantes, mesmo no caso de livre commercio, teriam aproximadamente o acido sulfurico por 6.000 os 100 kilog. em vez de 6.620, que é o que hoje pagam pelo da Verdelha; e receberiam a soda ingleza de 75.<sup>o</sup> D. por pouco menos do preço porque se vende a portugueza de igual graduação. Se os fabricantes podessem contar com a rapidez das communicações e com a exactidão das remessas como os outros paizes, que vivem na communhão europea, não seria a extinção dos direitos prejudicial senão aos actuaes productores portuguezes do acido sulfurico e soda, os quaes, por serem os primeiros que se abalançaram a estabelecer uma industria nova no paiz, sem possuirem nenhuma das condições favoraveis, que fazem logo prosperar desde a sua fundação os estabelecimentos fabris, teem vencido grandes difficuldades para poderem aproximar-se das fabricações normaes daquelles productos. Mas esta solução de continuidade, que a ausencia de communicações faceis e seguras estabeleceu entre nós e o resto da Europa, faz com que a nossa industria não possa prescindir da produção nacional do acido e da soda. Um inverno aturado e tempestuoso, como o actual, interrompendo a navegação obrigaria muitas fabricas a parar com o seu trabalho, como actualmente acontece pela falta de carvão, que desde o mez de outubro não poudé ainda desembarcar neste porto, dando esta falta logar até a que a companhia da iluminação por gaz, tendo já exaurido todos os seus depositos e os alheiros, se veja obrigada a distillar oleos, resinas, lenha de pinho e outras materias que compra por preço incomparavelmente maior

do que o da melhor lenha de New-Castle. Quando a fabrica da Verdelha não fazia, pela má vida em que vivia, acido sulfurico bastante para o consumo, muitas vezes se vendeu aqui o acido francez a 60 rs., e mais ainda, o arratel: algumas vezes o contracto do sabão, em momentos de penuria, despachou na alfandega soda ingleza, pagando a antiga taxa de 2\$400 rs. por arroba, ficando-lhe por consequente aquelle genero proximamente a 3\$600 rs. Hoje, que a fabrica da Verdelha entrou em vida regular, nunca falta o acido nem a soda, nem o chlorureto de cal aos consumidores, que podem estar certos de que os teem sempre pelo mesmo preço, em qualquer epocha do anno, e estes preços, seja dito de passagem são ainda bem inferiores áquelles que o sr. Almeida tinha estabelecido no seu *prix courant* da fabrica que dirigiu em S. Diniz, proximo de Paris; pois que nelles encontramos o acido sulfurico do commercio cotado em 40 centimos o kilog. ou 35 rs. o arratel, e o carbonato de soda a 50 centimos o kilog., que corresponde a 1\$400 rs. a arroba; em quanto o acido se vende aqui a 30 rs. o arratel e a soda a 1\$200 rs. a arroba. O que falta hoje á fabrica da Verdelha é quem consuma os productos que ella pôde fabricar. Sendo tão escasso o actual consumo interno, sendo grande o capital empregado na fabrica, sendo pouco favoraveis as condições do seu material e pessoal (quero fallar dos operarios), não pôde ainda hoje a Verdelha produzir por um preço tal, que possa concorrer com os productos da fabricação ingleza; por isso, e principalmente porque não seria prudente deixar as muitas industrias, que consomem acido e soda, á mercê das tempestades do Oceano, é justo, prudente e razoavel, que se mantenha a protecção actual em proveito de todos, e que se não ponham em risco tantos interesses reaes, só com a vaga esperança dos prosperos resultados de uma empresa, que ainda está em projecto.

Não é nossa intenção, com isto que levamos dito, sustentar que deva conservar-se indefinidamente a actual protecção, e logo que outras empresas do mesmo genero hajam demonstrado praticamente o que o sr. Almeida pertende hoje fazer com os seus raciocinios, deve reformar-se e até abolir-se a taxa que actualmente peza sobre a importação estrangeira dos productos em questão. Nós, que conhecemos a fabrica da Verdelha, havemos demonstrar neste artigo, que ella não pôde actualmente prescindir da protecção das pautas, e que é muito contestavel que as fabricas que se levantarem hoje possam, antes que o consumo interno haja tomado maior extensão, manter-se, e viver só da exportação, concorrendo vantajosamente com as de Inglaterra nos mercados estrangeiros.

Parecerá talvez temeraria esta nossa asserção á vista dos calculos apresentados pelo sr. Almeida no n.<sup>o</sup> 10 do *Jornal da Associação industrial*; porém nós pediremos licença ao nosso amigo para subtrahir aos elementos de que se serviu, isto é aos pre-

ços das materias primeiras postas em Aveiro, os que elles teem realmente aqui em Lisboa, que parece pela natureza das coisas estar em melhores condições commerciaes do que as da localidade escolhida pelo sr. Almeida para o estabelecimento da sua fabrica.

O seu quadro comparativo offerece para as seguintes materias os seguintes preços aos quaes oppos os que ellas tem em Lisboa e na Verdelha,

MATERIAS PRIMEIRAS E ACCESSORIAS	EM AVEIRO	EM LISBOA
Sal marinho os 100 kilogramos.....	De 60 a 145 rs.	De 77 a 100 rs.
Enxofre—idem.....	De 2 \$210 a 2 \$360	3 \$065
Holha—idem.....	310	428
Pedra calcarea briada—idem.....	80	140
Nitrato de soda—idem.....	4 \$350	9 \$310

E quanto ao jornal dos operarios a differença é tambem grande, e basta dizer que na Verdelha um forneiro de soda bruta ganha 320 réis diarios; os dos fornos do sulfato 280 réis; os do apparelho e fornos de refinação 240 réis; e os trabalhadores ordinarios 200 réis.

No proximo numero deste jornal desenvolveremos estes dados apresentando uma conta da fabricação normal da Verdelha e mencionaremos fran-

29 . . \*

camente as duvidas que temos sobre a exactidão dos calculos do sr. Almeida.

Lisboa 24 de janeiro de 1853.

J. PIMENTEL.  
(Continúa.)

#### MEIO DE DESTRUIR AS HERVAS PARASITAS.

Ha hervas rasteiras que damnificam as ruas dos jardins e a calçada dos pateos. Extinguem-se pelo seguinte methodo. Ferva-se n'uma caldeira de ferro uma quantidade de agua, juntando a cada quatro almudes doze arrateis de cal, e dois a tres arrateis de enxofre em pó; cumpre que esta mistura ferva por algum tempo, movendo-se de quando em quando. Depois rega-se com este liquido juntando-lhe dois tantos de agua limpa: ver-se-ha que desapparecem aquellas vegetações pertinazes.

### PARTE LITTERARIA.

A SOCIEDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXXIX.

DEPOIS DAS CAUSAS OS EFEITOS!

(Continuado de pag. 333.)

Em quanto o jesuita pensativo e vagaroso se encaminha ao castello, e fr. João alterado se apressa em direcção á casa de Lourenço Telles, entremos na prisão de Jeronymo, donde se retirava mais satisfeito das suas deligencias o corregedor do crime do bairro do Rocio, Caetano da Silva Sotto Maior. O Camões tinha sido encarregado por el-rei de instruir secretamente o processo do capitão, e de penetrar o motivo do seu encontro com o principe D. João V; não fazia caso da offensa feita á sua pessoa pelas armas do mancebo; duellista por inclinação, dado a aventuras, a esperas, e a galanteios nocturnos estava muito costumado a dar e a receber cutiladas á esquina das ruas, ou nas encrusilhadas para converter em crime de lesa-magestade um passe de espada preta. A causa verdadeira do seu rigor era diversa. A injuria do monarcha não servia de pretexto aos zelos do amante? O sangue de Cecilia corrêra diante d'elle, e para o vingar, ser-lhe-hia licito empregar o cutello das

leis, já que a grandeza do throno lhe não permittia obter o desagravo pelas suas mãos? Mas até no meio dos transportes, e dos juramentos, que lhe escapavam contra o mancebo, o seu coração o accusava e a voz da justiça o fazia estremecer!

Nascera rei, com uma alma nobre e igual á dignidade. Em todas as acções passadas o primeiro impeto não sabia sair dos lances difficilissimos, senão pela porta, que preferem os grandes principes, e ignoram os tyrannos; vingava-se triumphando pela clemencia e pela magnanimidade! No calor da mocidade, tomado apenas o peso ao sceptro, e senhor do poder real era um desforço baixo, uma oppressão iniqua. Por isso incumbira o Camões de sondar os sentimentos do pupillo de Lourenço Telles, e de conhecer se o amor o tinha levado aos excessos que o soberano podia punir, mas que o homem segundo as leis da honra devia esquecer, sob pena de ficar mal aos seus proprios olhos. Jeronymo era seu rival? Cecilia amava-o ainda ou tinha-o amado? Eis as perguntas que o seu espirito perplexo repetia sem cessar; e a que o inquieto ciume respondia cravando-lhe o peito de espinhos e de dores.

O Camões, que principiava a alcançar o valimento, que o tornou depois tão celebre, era o homem menos apto para pintar de negro, com as tintas criminaes um acto cuja culpa cabia ao principe. Repugnava-lhe o officio de verdugo de becca e recusaria a commissão se ella lhe não proporcionasse meios de salvar da mancebo da affronta de penas infamantes, e o rei a nodos de uma acção vil. Sem o conhecer de perto interessou-se logo por Jeronymo; e o que as informações lhe referiram acerca do seu valor e da sua audacia veio augmentar ainda mais a sympathia. Apesar de inconstante nos galanteios era poeta, e pela imaginação comprehendia as elegias em acção. Espirituoso cavalheiro e amigo de aventuras não pedia de joelhos a benevolencia do soberano; sabia ganhar-a á maneira de Quevedo Villegas pelo juizo picante das criticas, pelos repentes atrevidos dos gracejos, e pela distancia bem guardada durante as intimas confidencias até entre o monarcha e o vassallo.

Nos primeiros dias da catastrophe, o corregedor do crime ouviu callado, mas sem disfarçar que o silencio era desaprovador, as ordens severas de D. João V contra o mancebo, tomando sobre si a liberdade de executar apenas o que lhe parecia justo. Amansadas as iras, e rota a tempestade com a certeza das melhoras de Cecilia,

o juiz atreveu-se a insinuar ao principe a clemencia como uma necessidade e um dever, affirmando de se evitar o estrepito em um lance, que envolvia o character do imperante e a honra de uma dama. Pouco a pouco os ouvidos do rei abriram-se á verdade e escutaram-na; acabando por affiançar que o delicto, que não podia perdoar era só o golpe descarregado no seio innocente da donzella por um homem, que sendo soldado, se abaixara a manchar a espada em tal vingança. « Todo o odio que lhe tenho provem disto, » disse s. magestade. « Deus me livre da idéa de o accusar porque se defendeu de quem lhe punha o florete aos peitos. Mas o ferro, que não se desviou do peito de uma dama, hade ser quebrado para não envergonhar as minhas armas! » Estas palavras proferidas com paixão advertiram o corregedor de que não seria prudente insistir, magando feridas mal cicatrizadas. « Deixemos socegar o amante; vejamos se elle se cura do ciume; » pensava o Camões; « e quanto ao resto, Deus é grande! a justiça de el-rei nos valerá. »

Neste proposito todas as manhãs, não como juiz, mas como amigo, visitava o prezo. O estado, em que Jeronymo cahiu logo ao segundo dia, peorando sensivelmente, assustava-o. O amante de Thereza recebia com gratidão os testemunhos de sympathia do magistrado; ouvia com prazer as anedoctas, que alegravam a sua conversação; e quando menos melancolico e prostrado fazia um esforço, e procurava tambem corresponder narrando no estilo animado com que o homem de acção costuma pintar algumas das scenas grandiosas da sua juventude. Se por acaso, porém, uma allusão, posto que leve, lhe suscitava os successos da noite, em que perdêra todas as esperanças e a liberdade, abysmava-se em subita tristeza, arrazavam-se-lhe os olhos d'agua, e fechava-se em um silencio, que durava horas, e de que não sahia senão para entrar em accessos cada vez mais graves. Aquella alma habituada a medir-se com as tormentas do mar e com as vicissitudes da guerra, ferida mortalmente, succumbia sem voz e sem força não querendo sobreviver á saudade, e ás penas de uma separação eterna. O seu desejo era livrar-se da existencia, tão pesada desde que se via só no mundo. pedindo a Deus a paz do tumulo, e o somno profundo do soldado, cahindo no seu leito de batalha!...

Outras vezes, acordando em sobresalto da apathia, que o entorpecia, levantava-se como se o chamassem, e escutava. Então as faces desbo-

tadas ardião de repente no carmin mais vive; os olhos mortaes acendiam-se de luz sombria; e o corpo, pouco antes indifferente e passivo, animava-se ao fogo momentaneo do delirio, cortando o coração de piedade. Nestas occasiões, imaginando-se feliz e livre, fallava com a sombra do seu amor n'aquelle tom suave e intimo, que parece um echo d'alma, dirigia-lhe as phrases meigas que só a paixão diz, proferia as promessas extremas, flores do sentimento, que brinca innocente e descuidado no meio das illusões! Eram horas inteiras de enlevo e adoração, longe dos homens, e do mundo, como as gosam os amantes entregues aos devaneios do coração. Entretanto, o extasis rompia-se depressa, qualquer objecto, qualquer palavra, o precipitava de repente nos ferros do martyrio; então os olhos, passando da doçura á raiva e o animo torvando-se com a angustia, imploravam com gemidos e imprecações a morte, como ultimo refugio desta dôr inconsolavel...

Mas entre os transportes mesmo, estando agitado o peito, e ardente o cerebro, com que paixão amava ainda! Como o pranto se desatava dos olhos sem lagrimas para os seus infortunios proprios, apenas desvairada a idéa lhe representava a imagem de Thereza, palida, prostrada aos seus pés, e com a vista quasi extincta a accusal-o, enviando-lhe o adeus supremo no suspiro cruel, avivava o ardor febril, as pupillas dilatavam-se illuminadas de sinistro brilho; os cabellos hirtos e o frio espanto da phisionomia acompanhavam o horror, que pintava a fronte livida; o gesto fito e immovel apontava para o chão, como se o corpo gentil alli jazesse. Umas vezes, olhando para as mãos, tremia, faltava-lhe a luz, e sumindo-as convulso parecia esconder o sangue, e cahia sem sentidos. Outras, recuando passo a passo, cheio de terror, estendia os braços adiante de si, como para desviar um fantasma, acabando por perder as forças em um grito de agonia, e por deixar de padecer algumas horas. O corregedor, tendo assistido á crise, retirou-se com os olhos humidos e o peito sufocado, exclamando que era cem vezes melhor a morte do que a vida em tal tormento.

Os medicos não davam esperanças; e declaravam que a sciencia ignorava o remedio destas affecções. Segundo elles, o mancebo aproximava-se do fim que pedia a Deus, como lenitivo dos seus males. O Camões do Rocio, que tivera occasião de observar de perto os progressos da molestia, todos os dias sahia mais triste e desen-

ganado. O sorriso pallido e dorido de Jeronymo agradecendo-lhe as consolações, com que procurava adormecer-o; e o definhamento rapido que se lhe notava, advertiam o magistrado de que era necessario apressar-se junto do soberano, se queria arrancar o mancebo á morte, que o chamava. Mas como? Se podesse convencer Jeronymo a confiar-lhe os segredos, e a confessar a sua innocencia, seguro estava de que desfeito o ciume haveria logar para a clemencia. O nome que o capitão repetia nos seus accessos não era o que elle ouvira dar pelo principe á donzella desmaiada nos braços de Catharina de Athaide. Parecia-lhe que um equívoco ocasionára a catastrophe; porém, não ousando perguntar ao rei, e não sendo possivel colher de Jeronymo o mais leve indicio, de que modo conseguiria romper as trevas, e achar a verdade, que um presentimento occulto lhe dizia ser a salvação de todos? O corregedor do crime de boamente faria auto de fé de todos os sonetos jocosos inspirados pela musa mais travessa para obler um fio que o guiasse neste labyrintho. Debalde! Desgraçadamente as pessoas que sabiam o segredo eram poucas e interessadas em o guardar.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continua.)

#### CURSO DE LITTERATURA ITALIANA— GREMIO LITTERARIO.

Nenhum povo deixa perder mais do que o nosso a optima e natural disposição que tem para fallar differentes linguas. Em Londres, a dois passos de Paris, com uma communicação de todas as horas, não se falla tanto, nem melhor francez do que em Lisboa: e a Inglaterra que tantos viajantes exporta annualmente com splen para a bella Italia não ouve com frequencia nos sa-lões da sua sociedade a lingua do Dante e do Tasso. São quasi quatro milhões os habitantes de Portugal, e deste numero parecerá exaggeração asseverar que nem um aprende com a grammatica e subsidio do Diccionario a lingua de Cervantes. Correi o Alemtejo, a Beira e o Minho e ouvireis fallar perfeitamente o hespanhol. E nem argumentem com a raia que apenas nos separa. Um argumento facil destruirá a objecção. Bayona para a França poderá neste caso comparar-se com Elvas, e da cidade franceza fallam muito menos e peor hespanhol do que em a nossa praça de guerra. A Inglaterra manda-nos alguns

doentes para a ilha da Madeira — a lingua ingleza anda nessa ilha emparelhada á portugueza. E dos que voltam curados para a Grã-Bretanha poucos irão adiante de uma saudação em qualquer conversa portugueza. Esta aptidão extraordinaria para as linguas estrangeiras é um facto que temos prazer de considerar em relação á nossa posição geographica. Somos para o novo mundo a porta da civilisação do antigo. Lisboa está destinada pela sua posição para ser o emporio do commercio e da civilisação, estando ligada pelos mares a uma importante e riquissima parte do mundo; e devendo por outra parte levar por uma veia de ferro a circulação da vida commercial ao resto da Europa. Acreditamos em que ha sinas que as nações não deixarão de cumprir. O dedo de Deus lhe aponta para o seu destino, não ha calamidade assaz forte que as possam desviar da senda assim traçada. É portanto com sincero applauso que saudamos o pensamento do sr. Ravara expresso na carta que publicamos dirigida ao Gremio. Quanto a esta sociedade que se deixou morrer para as letras e sciencias, bom seria que a voz do illustre estrangeiro a fizesse passar dos seus desagradaveis passatempos para o trabalho proficuo da discussão, do ensino e da imprensa.

É de esperar que o acolhimento feito ao distincto poeta italiano corresponda ao elevado pensamento que o inspira.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

*Illm.<sup>o</sup> e exm.<sup>o</sup> srs. membros do gremio litterario.*  
— Todos os homens tem uma missão nesta vida, ou que Deus lh'a tenha inspirado, ou que a sua livre vontade lh'a tenha insinuado sob a imperiosa lei das circumstancias. Ha alguns annos que eu tenho assumido a missão de derramar noticias poeticas do meu paiz, usando a lingua das nações em que vou fazendo a minha romaria artistica. Esta missão parece-me tão honrosa e civilisadora como aquella que vos cabe, senhores, acolhendo e protegendo tudo o que julgaes ser feito para incremento e progresso das letras modernas. Julgo aqui inutil ou sobejo a enumeração das occasiões em que as duas linguas portugueza e italiana se mostraram irmãs, e se apertaram a mão nos maiores acontecimentos (para citar um exemplo) de Camões e de Tasso. Já illustrados philologos deste paiz me fizeram a honra de fallar neste assumpto, e prodigalizando-me a sua amizade e protecção, applaudindo os meus esforços para renovar o pacto de alliança entre as duas linguas, se referiram eruditamente a algumas verdades historicas e litterarias que deviam certamente deixar uma impressão favoravel no nosso coração e no de todos os sabios da vossa patria.

Alentado já nos meus primeiros ensaios e dese-

jando mais e mais adiantar o trabalho honrosamente começado, julgando tambem que vós, senhores, não deixareis de favorecer-me com o vosso patrocínio em tal occasião, tomo a liberdade de me dirigir á vossa illustrada sociedade a fim de que me concedaes uma sala do gremio litterario para um curso de poucas academias italo-portuguezas, em que eu traduzirei e commentarei as bellezas principaes dos poetas classicos italianos.

Assim como já no Oriente, na França e na Inglaterra eu tive a honra de receber a protecção dos sabios para este meu trabalho altamente litterario, espero tambem merecer em Lisboa a cooperação da vossa illustrada sociedade.

Tenho a honra de assignar-me com a mais alta consideração respeitoso servidor — *A. Galleano-Ravara.* — Lisboa, 3 de janeiro de 1853.

*Illm.<sup>o</sup> sr. Galleano-Ravara.* — O conselho director do gremio litterario recebeu com a mais viva satisfação a attenciosa carta, que v. s.<sup>a</sup> se dignou dirigir-lhe, pedindo-lhe as salas da nossa sociedade, a fim de nellas poder fazer um curso de litteratura italiana traduzindo e commentando as bellezas principaes dos poetas classicos italianos.

O conselho director, desejando demonstrar a v. s.<sup>a</sup> o alto apreço em que tem o seu merito litterario, digno por tantos titulos de maior consideração, e já devidamente avaliado pelas corporações litterarias de outras nações, apressa-se a comunicar a v. s.<sup>a</sup>, que acceta com o maior prazer o seu convite; e que as salas desta sociedade lhe ficam desde já francas para nellas poder fazer as suas leituras; devendo estas ter logar aos sabbados, pelas seis horas da tarde, para assim poder conciliar as demais conveniencias da mesma sociedade.

Sou com toda a consideração de v. s.<sup>a</sup> — O secretario, *Paulo de Moraes.* — Gremio litterario, 10 de janeiro de 1853.

## O FIM DO SEMESTRE.

### Estudos biographicos e necrologicos.

POR UM PHILOSOPHO.

(Continuado de pag. 334.)

Pobre Theresa, o amor veio rematar todas as tuas desgraças, e aonde esperavas achar consolação e abrigo, encontraste o termo de tremendas desillusões; o epitafio do credo intimo da tua vida inteira, e dos teus innocentes e juvenis sonhos. Alma que busca no amor mais do que a expansão, o conselho e o conforto, se lhe atraiçoam a esperança e lhe escarnecem do affecto, não resiste nunca a tão dolorosas provações. Minada pelo desalento, ainda assim, Theresa, quiz tentar sobre si mesma um esforço heroico, e es-



quecer uma paixão que ella logo suppoz mal retribuida; mas, coração de mulher que deveras ama pôde talvez conhecer o perigo, mas ha de como a mariposa crestar as azas brancas, senão morrer queimada na luz que lhe foi pharol de esperança, e que em breve se lhe converterá em lugubre e luctuoso facho.

Theresa deixara-se vencer por uma destas paixões ardentes e infelizes, de que o mundo zomba, e de que a mulher é victima. Innocente para poder acreditar que houvesse um homem que não correspondesse franca e lealmente a um verdadeiro amor, Theresa só se convenceu, pelas ultimas provas, a que abysmo fôra levada pela inexperiencia; e que já perante a propria consciencia e o seu pundonor de mulher lhe era impossivel a reabilitação.

Os trances por que passou aquella alma, anteriores ao momento fatal de consumir um attentado, só os poderia imaginar quem instantes antes a visse com a cabeça pendida no peito, os olhos arrasados de lagrimas, e pronunciando palavras de suprema angustia. O trabalho caía-lhe das mãos, e por vezes ficava horas esquecidas sepultada no lethargo e na contemplação, cruzando-se-lhe pela cabeça mil idéas desencontradas, que ella buscava repellir, mas que a vergonha e a dôr avivavam continuamente.

Theresa fôra seduzida! O amor nasce da crença e alimenta-se e fortifica-se no silencio e no recolhimento do coração que se deixou vencer. Para a cegueira não ha evidencia; nem a imaginação se reduz aos frios calculos do raciocinio. Ai da mulher que não pensar antes do amor a ter vencido! Ai da donzella, que aos magicos sonhos do seu coração não anteposer, ou as insuspeitas provas do amor, ou as irrecusaveis demonstrações do egoismo alheio.

Theresa não foi assim, e perdeu-se. Para ella o ceu era sempre azul e sem nuvens, e a maldade que não tinha não se atrevia a suppol-a nos mais. O seu amor foi uma pungente e dolorosa elegia; começára por uma invocação ao tumulto materno, e terminou no suicidio. Rapido como todas as affeições vehementes, o amor de Theresa durou apenas o tempo que medeia entre a esperança e a saudade, dois sentimentos tão parecidos, tão irmãos, tão gemeos um do outro. A ella pareceu-lhe por algum tempo ventura o que era apenas o declive para um precipicio, e raiar desanuveau da aurora o que era simplesmente o incerto luzir da estrela da manhã, ainda mal seguro de vencer a escuridão das trevas, e de dominar o

tenue crepusculo que precede o nascer do sol.

Coração que sem rebuço se entrega ao amor, que o acceita sem calcular, que o sente sem o discutir, acontece-lhe como a Theresa; só quando chega o ultimo e irremediavel desengano é que deixa de poetisar a vida, e acredita então na fatalidade que nos arrasta para a insondavel voreagem de que se não salva ninguem, nem os experientes do mundo, nem os que se entregam ás cegas ás candidas affeições de um irresistivel sentimento.

### III

Havia quasi uma semana que Theresa não trabalhava. Os dias passava-os lendo e relendo cartas, que ella custosamente chegára a acreditar que fossem mentidas; tão repassadas de sentimento eram, tão inspiradas pareciam de uma verdadeira paixão! As noites, iam-se sem ella as dormir, e ora ajoelhava convulsa ante a imagem da santa do seu nome, ora, frenetica e em delirio, corria pelo aposento, como que procurando aquella que nem já a podia ouvir, nem aconselhar em mal tão sem remedio!

A final amanheceu o dia que devia ser para ella o ultimo. Theresa não se havia deitado; a noite anterior passara-a escrevendo o seu derradeiro canto, e já resolvida ao suicidio até lhe faltou o alento para ir á igreja, que era a dois passos d'alli, e d'onde de certo não voltaria com tão ruins pensamentos como os de que se havia deixado possuir pela desesperança, e que a oração e o recolhimento poderiam affastar-lhe da mente, enfraquecida pelas vigílias, e cansada de uma lucta esteril e prolongada.

Theresa tentára envenenar-se por umas poucas de vezes; mas era mulher, era ainda moça, e o braço tremia-lhe sempre. No dia a que este capitulo se refere, Theresa, sentiu-se obrigada ao desempenho do que escrevera na vespera, e o orgulho de mentir á sua vontade, levou-a a abreviar o desenlace da tragedia que premeditara, e receiosa de denunciar ao mundo a sua vergonha, antes do que ella suppunha o castigo de um erro, Thereza commetteu a loucura de rematar com o suicidio a serie não interrompida dos seus soffrimentos, e de se despedir d'aquelle que a impe-lira ao crime, n'uma elegia de que elle talvez se risse, antes mesmo de haver o tempo preciso para desaparecerem da terra, remechida pelo coveiro, os indicios de um cadaver sepultado de ha pouco!

O que se vae lêr, descreve a verdade do amor e o receio da vergonha que, Theresa, coitada, tentou mas não poudo vencer, horas antes de consumir por suas proprias mãos o maior de todos os attentados. Nomes e datas não os pômos aqui de proposito, para que ninguém devasse segredos que são da campã, nem se abalance a conjecturas que o martyrio deve sellar com o silencio e o dó. A carta de Theresa é como se segue:

— « Escrevo mais para mim do que para ti mesmo. Mal com a minha consciencia, que se deixou vencer pelo teu amor, é a ella a quem me dirijo, e a quem consulto, no momento de tomar a unica resolução possivel que me resta, a de abreviar uma existencia que a ninguém é util, e de que ninguém terá saudade, nem mesmo talvez remorsos aquelle que me impelle a um crime, e atira com o meu nome á reprovação que não mereço.

— « O trabalho que sempre me alentou a esperanza e fortificou na honra, nada poudo contra ti. Julgava inspirar-me pela voz da minha consciencia, e nada mais fiz que ouvir os enganosos conselhos do teu egoismo. Hoje é-me impossivel a rehabilitação.

— « Daqui a poucos dias será o anniversario da minha deshonra, quero que o seja tambem para o anno o da minha morte. Se me perguntam porque hesitei tanto tempo, responderei com a verdade de quem vae deixar o mundo, que não cessei nunca de crêr no teu arrependimento, e que esperei sempre de ti reparação e justiça. Enganei-me; enganaste-me; eu não farei outro tanto, não posso acceitar outro amor que não seja teu.

— « Terminando, peço-te ainda me defendas quando me ouvires accusar de precipitada no passo que estou resolvida a dar. Só me deliberei a elle, conhecendo que não era mãe..... O valor que sinto para arrostar com a morte, não o teria de certo para o infanticidio..... São horas. Minha mãe espera por mim. Adeus. Se feliz! »

THERESA.

Ao acabar de escrever esta carta Theresa ajoelhou. Por um espaço a oração sahiu-lhe dos labios fervente, dolorosa e intima. Depois ergueuse e tirou do seio, que arfava em descompassadas ondulações, um retrato e um pequeno frasco dourado. O retrato era o delle..... a morte estava no frasco!

Passada meia hora, Theresa, palida e convulsa,

luctava com os primeiros symptomas do veneno que tomara.

Tempo depois era um cadaver!

No outro dia os jornaes discutiam, em theoria, o suicidio, e mais de uma conjectura atrevida chegou a offender a memoria da infeliz, a quem o amor levára á desesperação... e ao crime. A moral escripta fez gemer os prelos; mas nem uma lagrima verdadeira, nem uma saudade desinteressada acompanhou aquella que fôra victima de um erro, que tantas encobrem aos olhos do mundo! Ao menos, Theresa teve a felicidade de morrer sem necrologia, e apenas um poeta sentimental atirou com tres sextinas á cova... da propria reputação. Felizmente ainda vivemos n'um paiz em que os dramaturgos não especulam com as catastrophes familiares. Em França, mais de uma platea choraria por procuração no monologo de um quinto acto em que Theresa dissesse o seu ultimo adeus ao mundo.

O çapateiro, meu Ciceroni, especie de carpi-deira antiga, vendo-me commovido, apertava entre o dedo pollegar e o minimo uma ponta de cigarro, amarello como elle, e puchava de vez em quando umas taes fumaças que fariam inveja ao tubo de um vapor da força de quinhentos cavallos! Lido no Carlos Magno, a hyperbole sahia-lhe fluente em mentirosos apartes, e o sentimento que elle queria mostrar em estropiados superlativos, mancos de senso commum, apenas logravam esfriar a narração do nosso O'Connel de tirapé e sovella.

— Então que lhe parece a *grandessissima* desgraça? Não houve aqui na rua quem não chorasse lagrimas de punho!

É necessario advertir que se todos fossem como os do çapateiro, corria a visinhança risco de um segundo diluvio; não obstante deixei passar a asserção e respondi-lhe:

« Ella, coitada, merecia-o. Soffreu déveras!

— Uma coisa é vêr, outra é ouvir.

« Bem sei que do vivo ao pintado....

— É isso....

E com maior presteza da que a com que deitaria uma tomba, o nosso homem, verboso como todos os do seu officio, entrou directamente na ordem do dia.

— Então serve-lhe a casa? Olhe que tem uma linda vista. De inverno é quente como um borralho e de verão...

« E de verão é fresca...

— Como uma cisterna.

« Sim, deve ser tambem; mas...

— Lá isso é outra é coisa. Se tem agouro á casa não fallemos mais nisso. Desde que aconteceu a tal historia não me tem corrido a vida muito direita, e por isso acho rasão aos que tem arrelia ao predio.

« Ah! o negocio então vae-lhe mal? »

— Se vae! Havia ahi uma pouca de gente desempregada que calçava cá da loja, mas apenas se pilharam com algum vintem, foram para o francez, e se v. mercê...

« Quer alguma coisa? »

— Para tabaco se me fizesse favor. Quem tem o vicio, é enganar, precisa disto como de pão. E acompanhando a palavra com uma apropriada mimica, o çapateiro mostrava-me de novo uma imperceptivel ponta de cigarro, que lhe ia tingindo as unhas de um amarelo torrado, pouco agradável á vista e menos ainda ao olfacto.

« Tome lá, mestre. »

E dei-lhe uns cobres que trazia comigo. O çapateiro, fallando, tinha ganhado uns tacões, e eu, ouvindo-o, os apontamentos para a historia que acabei de narrar. Daquelle momento tinhamos ficado quites um com o outro.

Apesar disso, o çapateiro como bom pagador que era, continuou d'ahi em diante a pagar-me de juro um cumprimento diario. Confesso sinceramente que lhe dispensava bem a urbanidade mas nunca me atrevi a dizer-lho.

O çapateiro entra ainda hoje no rol das pessoas de quem usualmente se costuma dizer: É uma das pessoas do meu conhecimento!

(Continúa.)

## NOTICIAS E COMMERCIO.

**Descobrimientos astronomicos.** — Os jornaes francezes fallam de dois planetas, descoberto um em Paris no dia 15 do mez de novembro do anno findo, e outro em Londres no dia 16. Este acontecimento occupou toda a ultima sessão da academia das sciencias de Paris.

Entre Marte e Jupiter gravitam pequenos astros, denominados telescopicos porque só pôdem divisar-se com o auxilio do telescopio. Desde o principio do seculo actual são já conhecidos 20 destes corpos, collocados todos com pouca differença a igual distancia do sol e pouco separados uns dos outros. A sua massa é relativamente minima; não exercem sobre os astros mais proximos influencia alguma, nem produzem no giro destes a menor perturbação. Sem duvida que a esta classe pertencem os dois planetas novos;

o que todavia não poderá afirmar-se categoricamente sem que se hajam calculado de um modo completo os seus elementos todos. Serão o vigesimo primeiro e vigesimo segundo da serie. O mais extraordinario é que o primeiro foi descoberto por meio de um oculo vulgar por um homem de profissão muito alheio deste genero de estudos e observações, Mr. German Goldschmit, pintor de historia natural de Francfort e estabelecido em Paris ha 18 annos; e o que mais honra lhe dá é que estando pouco familiarizado com os methodos mathematicos soube calcular com rigor a posição do seu planeta comparativamente á de todos os outros e demonstrar a sua existencia, como depois comprovaram muitos astrónomos do observatorio.

### THEATRO DE S. CARLOS.

Na *Lucrecia Borgia* de Donizetti fez M.<sup>me</sup> Rossi Caccia a sua reaparição sobre a nossa scena, depois de uma ausencia de mais de oito annos. Era grande a curiosidade dos frequentadores do theatro de S. Carlos de ouvirem de novo a cantora que tanto enthusiasmo lhes despertára em outro tempo. Foi portanto extraordinaria a concorrência na noite em que subiu á scena a *Lucrecia*; — camarotes e platéa, tudo se achava apinhado de espectadores.

Apenas M.<sup>me</sup> Rossi Caccia se apresentou, foi saudada com um salva de applausos; — era um dever de cortezia e delicadeza, que muito folgamos se praticasse pelo publico. Foi depois esta dama applaudida em diferentes peças, chamada ao proscenio depois do 2.<sup>o</sup> acto, e duas vezes no fim da opera.

Notamos, é verdade, alguma differença na voz de M.<sup>me</sup> Rossi desde que pela primeira vez a ouvimos em S. Carlos: além disso a sua escala não é mui extensa, principalmente nas notas graves, cuja falta já naquella época se tornava bastante sensivel. O seu canto, porém, é sempre animado e cheio de expressão — a sua voz de um timbre agradável e vibrante, — a sua intelligencia artistica inquestionavel.

Na introdução do 1.<sup>o</sup> acto, mas principalmente no 2.<sup>o</sup> acto no *duetto*, *tercetto* e na *cabaletta*, naquelles lances tão dramaticos e difficeis, provou M.<sup>me</sup> Rossi o seu talento não só como cantora senão também como actriz, e foi por vezes applaudida com enthusiasmo.

É costume antigo entre os nossos *dilettanti* estabelecer comparações, quando se tracta de avaliar o merecimento de qualquer artista. Esta practica é realmente contra todas as regras da boa critica, pois o merecimento de um artista não destróe o merecimento de outro. E tanto assim, que sendo nós dos que mais admiram e apreciam o talento insigne de M.<sup>me</sup> Castellan, nem por isso deixaremos de tributar nossos elogios a M.<sup>me</sup> Rossi Caccia, que na verdade intendemos os merece, e não obstante haver a sua voz perdido alguma coisa da sua frescura primitiva esta dama possui bastantes recursos artisticos que a tornam credora do apreço do publico.

O sr. Swift a quem foi confiado a parte de *Genaro* devemos confessar que excedeu o que haviamos anticipado a respeito do seu exito. Soube dar tal ani-

mação á sua bella voz, sempre suave e melodiosa, e tal desenvolvimento á sua acção, que o effeito que produzio no publico foi-lhe summamente favoravel. Não só cantou com expressão, como tambem, despertando da sua frieza habitual, e identificando-se com o papel importante que tem a representar, fez quanto se podia esperar de um artista principiante. Os repetidos applausos que tem recebido devem mostrar-lhe que o publico reconhece e avalia os notaveis progressos que elle vai desenvolvendo, e servir-lhe de incentivo para proseguir com perseverança a sua carreira artistica.

A sr.<sup>a</sup> Ersilia Agostini é um elegante *Maffio Orsini*, que prende a attenção dos espectadores pelo desembaraço da sua acção, e pelo esmero com que executa o gracioso *brinde* na infausta cêa da *princesa Negroni*.

O papel de *duque* é perfeitamente desempenhado pelo sr. dell'Aste.

Ainda não tivemos occasião de alludir ao bonito *passo a dois*. composição de M. Cappon, e por elle dançado com sua consorte M.<sup>ma</sup> Gonzaga Cappon. Este *passo* tem sido bem acolhido pelo publico, e na verdade, M.<sup>ma</sup> Cappon é merecedora dos applausos que recebe, pela graça e elegancia da sua dança.

No domingo subio á scena o bailete de carnaval *As mulheres Ciosas*, produção do sr. Segarelli. Ligamos sempre pouca importancia a este genero de composições, nem por ellas julgaremos nunca do talento de qualquer coreographo. O que a nosso vêr é essencial nestas danças é que não sejam demasiadamente longas, e não apresentem scenas que do caricato descaiam facilmente no ridiculo. Não está em tal caso essa composição do sr. Segarelli, e por isso mesmo foi bem acceita. Os bailados são bonitos, distinguindo-se o *galop* final, tão brilhante e de tanto effeito, que provocando estrepitosos applausos da platêa, tem sempre de ser repetido, com visivel detrimento dos órgãos pulmonares do corpo de baile. O *passo a tres* dançado pelos conjuges Cappon e a sr.<sup>a</sup> Moreno é digno de attenção, e tem sido applaudido, como tambem a *polka* pelas sr.<sup>as</sup> Costanza e Vicentini, e sr. Segarelli.

A sr.<sup>a</sup> Costanza apresenta sempre a mesma propriedade e elegancia na sua mimica, quer seja nos papeis serios quer nos jocosos. Nesta dança representa ella com muito chiste a parte que lhe foi confiada, de que tira todo o partido, sendo bem secundada pela sr.<sup>a</sup> Vicentini.

O sr. Segarelli vem optimamente caracterizado; — é o tipo de um janota perisiense de meia idade, e mostra-se incançavel na execução e direcção do bello *galop* final.

Temos tambem a admirar uma bella scena, a do 1.<sup>o</sup> acto, que offerece uma linda perspectiva.

Toremos hoje finalmente o beneficio de M.<sup>ma</sup> Castellan, com a *Pega Badra*, de Rossini. Será uma noite de indelevel memoria, creio eu, para a illustrar cantora e para o publico de Lisboa.

DEMETRIO RIPAMONTI.

## BIBLIOGRAPHIA.

BIBLIOTHECA PORTUGUEZA OU REPRODUÇÃO DOS LIVROS NACIONAES, ESCRIPTOS ATÉ AO FIM DO SEculo XVIII.

A BIBLIOTHECA PORTUGUEZA tem por fim generalisar o conhecimento dos bons auctores em todos os generos, e familiarisar todas as classes com os thesouros da nossa opulenta lingua. De hoje ávante será inutil aos applicados e curiosos frem procurar os depositos desses thesouros: são elles mesmos que os veem procurar, e com todas as vantagens e commodidades. As colleções que até aqui se faziam á custa de grandes despezas, poder-se-hão fazer agora com brevidade e por modicissimo preço. Toda a fortuna, por modesta que seja, ficará habilitada para compôr um peculio proprio de livros uteis ou raros. Para quem vive distante dos grandes centros de população onde só se encontram estes livros, que, pela maior parte, não se acham no mercado ou custam nelle um preço excessivo, esta publicação offerece tambem vantagens faceis de apreciar.

A BIBLIOTHECA PORTUGUEZA comprehende *historiadores, poetas, chronicas, viagens, romances de cavallaria, tractados, correspondencias, etc. etc.*

A publicação não se limitará a obras já impressas: publicar-se-hão tambem *manuscriptos*.

O texto será illustrado com *prologos, notas explicativas e noticias variadas* sobre a vida e obras dos auctores.

### OBRAS PUBLICADAS PELA BIBLIOTHECA PORTUGUEZA.

Obras de Bernardim Ribeiro.....	1 vol.
Obras de Gil Vicente.....	3 »
Obras de Luiz de Camões.....	3 »
Obras de Francisco de Moraes.....	1. <sup>o</sup> e 2. <sup>o</sup> »

### ESTÃO NO PRELO:

Obras de Francisco de Moraes.....	3. <sup>o</sup> »
Obras de Francisco de Andrade — O Primeiro Cerco de Diu.	

Assigna-se no escriptorio da administração da BIBLIOTHECA PORTUGUEZA, Lisboa, rua Augusta n.<sup>o</sup> 110; e em casa dos seus correspondentes em todas as capitais de districto.

Toda a correspondencia deve ser dirigida *franca de porte* ao administrador da BIBLIOTHECA PORTUGUEZA.

As assignaturas da BIBLIOTHECA PORTUGUEZA fazem-se por series de folhas da maneira seguinte:

Serie de 30 folhas ou 1080 paginas por	600 réis.
» 60 »	2160 » 1. <sup>o</sup> 140 »
» 90 »	3240 » 1. <sup>o</sup> 620 »
» 120 »	4320 » 2. <sup>o</sup> 040 »
» 150 »	5400 » 2. <sup>o</sup> 400 »

O pagamento das series será adiantado.

As entregas serão feitas por volumes brozados.

Não se venderão avulso senão — *obras completas* — o seu custo será a razão de 30 réis por folha.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 30. QUINTA FEIRA, 3 DE FEVEREIRO DE 1853. 12.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### SALUBRIDADE PUBLICA.

#### Distribuição das aguas em Paris.

Julgamos, na presente conjunctura, interessante para os nossos leitores o seguinte extracto de uma notavel memoria de Mr. Sari, conservador no deposito dos molhados e relator da commissão municipal, sobre a distribuição das aguas na cidade de Paris, sob o aspecto hygienico pessoal e da saude publica.

« A questão das aguas é uma das que deve excitar mais a sollicitude da administração municipal nas cidades: interessa ao mesmo tempo a população e a industria. Nos bairros pobres, a distribuição das aguas em grande escala contribue para dar ás classes laboriosas habito de limpeza que lhe assegurem a saude e as moralisem, ao mesmo tempo que lhes promove trabalho e commodidades, collocando á sua disposição um agente poderoso de trabalho, de que a industria lança mão com tanta vantagem.

Não é sómente Paris, todas as grandes cidades entenderam deste modo a questão das aguas; e pareceu-nos de summa importancia dar-vos a conhecer o que neste ponto tem feito alguns de nossos visinhos e contemporaneos no estudo e applicação pratica desta grande questão.

Não remontaremos aos tempos dos romanos, povo cujas obras e gloria tem resistido á acção devastadora de dois mil annos; não vos recordaremos que elles tinham dedicado tambem a grandeza de seu genio á questão das aguas, e que para as conduzirem ás suas cidades nenhum obstaculo os fazia parar; os seus encanamentos per-

foravam as mais altas montanhas, os seus aqueductos galgavam o espaço entre os mais fundos valles. Mas diremos que na Inglaterra e na America se emprehenderam obras colossaes, se obtiveram os mais satisfactorios resultados.

Na America do norte, em Philadelphia, cidade outr'ora devastada pela febre amarella, fez-se uma obra com uma represa de 500 metros, ha mais de 30 annos, no rio Schuylkill, que fornece a 120,000 habitantes uma quantidade de agua, igual a 40 milhões de litros (o litro póde avaliar-se em tres quartilhos de Lisboa) em cada 24 horas, isto é 335 litros por dia e por individuo, quantidade que póde duplicar-se e até triplicar-se.

Em Inglaterra as cidades populosas tem rivalisado como á porfia para darem a seus habitantes agua com abundancia, que é o primeiro elemento da vida physica e industrial; as indagações a que procedemos em escriptos especiaes nos ministraram a seguinte medida da distribuição das aguas em algumas das maiores cidades do reino unido.

Em Liverpool 33 litros por habitante; em Manchester 46 ditos; em Greenock 60; em Glasgow 68; em Edimburgo 80; em Londres 112.

É digno de observar-se que entre os nossos visinhos, tão perfectos apreciadores dos commodos da vida e de tudo quanto póde encaminhar-se ao desenvolvimento da industria, vê-se augmentar as quantidades d'agua facilitadas aos habitantes na proporção directa da importancia da população; assim Londres que conta dois milhões de individuos, dá a cada um delles 112 litros por dia, ao passo que Liverpool distribue 33 a cada um de seus 200,000 habitantes.

Nenhuma comparação pôde, pois, estabelecer-se entre as cidades que acabamos de citar e Paris; os algarismos acima indicados demonstram o estado de inferioridade em que nos achamos, e os progressos que temos de fazer n'uma questão tão importante, e que demais disso, ha muitos annos, é objecto da sollicitude e estudos perseverantes da administração.

A agua não só deve ser abundante, mas também pura afim de concorrer para o desenvolvimento de todos os órgãos e de não gerar na economia animal causas de enfraquecimento e desequilíbrio, do que alguns paizes desgraçadamente offerecem tristes exemplos. A natureza das aguas, suas boas ou más qualidades, tem sido objecto de numerosos trabalhos e incessantes investigações da parte de sabios illustres.

As aguas do Sena, do aqueducto de Arcueil, e do canal de l'Ourcq são hoje, com o poço artesiano de Grenelle, as unicas que alimentam a população de Paris. O canal de l'Ourcq é de creação recente; porém, a origem do aqueducto de Arcueil remonta aos primeiros tempos da historia parisiense.

Ao mesmo tempo que Napoleão proseguia na carreira de suas conquistas e fundava um novo estado social e politico, dava ás obras publicas vivo e fecundo impulso, nada desprezava do que podia concorrer para o esplendor da capital e contribuir para o conforto de habitantes. Não podia escapar á sua penetração a questão das aguas, comprehendia que nisso ganhava Paris beneficio e aformoseamento; e ao mesmo tempo que para aqui derivava as aguas do canal do l'Ourcq e as vasava com magnificencia na via publica, fazia erigir em as nossas praças fontes monumentaes que ainda hoje as honram. Desde 1803 até 1813, curto período de 10 annos, se construíram em Paris 17 chafarizes, 9 na margem esquerda e 8 na direita.

Mais tarde Mr. de Rambuteau dedicou-se a pôr execução áquelles projectos dessa epocha grandiosa, que os acontecimentos haviam suspendido. Por sua ordem, por seu impulso, se emprehenderam em quasi todos os sitios da capital obras de incontestavel utilidade, e que depois de lhe merecerem a gratidão publica permanecerão como memorias do seu nome; taes foram os trabalhos para a salubridade, ventilação e aformoseamento. Abriram-se canos na maior parte das ruas; fizeram-se plantações nos caes; e inumeraveis encanamentos vieram distribuir até nos airosos mais distantes e verter na via publica por

um infinito numero de bicos, as aguas do Ourcq, do Sena, de Arcueil, e as que o poço artesiano de Grenelle ia demandar até as entranhas da terra. Simultaneamente immensos depositos se construíram em diversas localidades, e magnificas fontes-monumentos ornaram nossas praças, passeios e ruas.

Estes depositos e estabelecimentos em pontos culminantes foram construidos com dois destinos, o de fornecer os bairros que os circumdam, e o de facilitar o supprimento das aguas em caso de incendio. Fizeram-se de 1839 até 1845 sob a direcção do engenheiro Mr. Mary, a quem é devido o seu estabelecimento sobre abobada, systema muito superior a todos os que até então se haviam posto em pratica: são cinco, mas alguns delles tem mais de uma piscina ou tanque. Os depositos Monceau e Menilmontant são de um tanque, o deposito Racine e o do Pantheon são de tres, o denominado Vaugirard é de dois tanques. A despeza total dos cinco montou a 835,493 francos e 71 centimes; a sua capacidade reunida não é de menos de 28 milhões e meio de litros d'agua.

Agora, em 1852, no momento em que escrevemos, as fontes publicas de Paris são 94 entre as quaes se contam 26 monumentaes; na margem do Sena ficam 65 e na esquerda 29.

A estas fontes publicas cumpre accrescentar 14 dos mercados, 62 bombas de irrigação, 65 bicas de serviço dos incendios, 54 torneiras por baixo dos passeios, destinadas com os marcos-bicas para a lavagem da via publica, e finalmente 1,844 marcos-bicas. O total dos aparelhos de distribuição d'agua para o uso do publico e em toda a superficie da cidade sobe ao numero de 2,033, dos quaes 589 estão na margem esquerda.

Estes, comprehendidas as concessões particulares, fornecem diariamente a quantidade de 69,480,000 litros d'agua, o que, calculando n'um milhão a população de Paris, dá o termo medio de 69 litros d'agua por dia e por individuo. Mas isto não passa de algarismos hypotheticos; bem longe está de chegar esta quantidade a seu destino. Uma grande parte desta agua é vasada na via publica para a limpar e tornar salubre.

Da tabella da distribuição das aguas nos 12 bairros de Paris, que Mr. Sari appresenta, comparativamente com a extensão da população resulta que a distribuição publica das aguas é feita de um modo desigual; que não é proporcionada nem ao espaço nem á população, quando importa

maíssimo attender a estes dois elementos, porque dão a medida exacta das precisões.

Em seguida publicamos a proposta do mesmo Mr. Sari para o estabelecimento de machinas de vapor da banda de cima da ponte de Austerlitz contra a corrente do Sena.

Querendo-se gastar mil pollegadas de agua ou 112 litros por segundo, a 44 metros acima do nivel do Sena, e assegurar a continuação deste serviço, seriam precisas duas machinas, uma em trabalho effectivo, e outra de sobrecellente não devendo servir senão para o caso de interrupção por motivo de reparo da outra.

A machina funcionaria 12 horas em cada 24; seria mister para occorrer ao consumo continuo que levantasse duas mil pollegadas d'agua a 224 litros por segundo, os quaes levantados á altura de 44 metros (calcula-se o metro em 4 $\frac{1}{2}$  palmos) representariam uma força de 263 cavallos-vapor. Admittindo que consumisse um kilogrammo e 0,50 de carvão por uma força de cavallo e uma hora, resultaria o gasto diario de 4,734 kilogrammos, que ao preço de 29 francos por mil fariam de despeza 137 fr. 30 cent. por dia ou 50,114 fr. 50 cent. por anno. Este consummo de 1 kilogrammo 50 de carvão por força de cavallo e por uma hora foi accetopelos diferentes contractadores que recentemente apresentaram propostas para a reconstrucção das machinas de Chaillot (systema Cornwall). Todos se obrigaram a não exceder este limite.

As duas machinas com as caldeiras e edificios custariam 600:000 fr., que vencem de juro a 5 por cento 30:000 fr. As despezas de exploração e de entretenimento, comprehendidos os salarios dos fogueiros e maquinistas, montariam por anno a 10:000 fr. Total da despeza annual 90:114 fr. 50 c.

A machina hydraulica estabelecida para este serviço na *Pont-Neuf* custaria segundo o projecto do engenheiro Mary tres milhões; daria, contando sempre o juro a 5 por cento, a despeza annual de 150:000 fr. a que se hão de juntar as de exploração e entretenimento acima ditas, isto é 10:000 fr., resultando o total por anno de 160:000 fr. E demais disso estas machinas não dispensariam completamente as de vapor, visto que nas maiores aguas, isto é um mez nó anno, cessariam de funcionar de todo, sendo então preciso suppril-as por machinas de vapor.

Entre os dois systemas formulados não pôde haver duvida nem hesitação, porquanto para o

estabelecimento de qualquer das machinas requerem-se como indispensaveis tres condições:

- 1.<sup>a</sup> Agua de boa qualidade.
- 2.<sup>a</sup> Que seja abundante e que sobeje constantemente além da que é necessaria.
- 3.<sup>a</sup> Que seja affiançado o serviço sem interrupção.

Machinas de vapor estabelecidas agua acima da ponte de Austerlitz offerecem incontestavelmente estas tres garantias.

#### FABRICO DA SODA EM PORTUGAL.

(Continuado de pag. 341.)

Temos grande confiança na probidade industrial do sr. Almeida, e devemos por isso acreditar que a differença que se nota entre os preços, por elle estabelecidos para a compra das principaes materias primeiras do fabrico da soda, e os que nós dissemos, em o numero antecedente, que ellas tinham em Lisboa, ha de ter necessariamente uma explicação, ainda que a não vejamos bem manifesta nos seus apontamentos. Os nossos preços são tirados das facturas que os actuaes fabricantes da Verdella tiveram a bondade de nos franquear, e cuja exactidão é facil de verificar.

O sr. Almeida pertende justificar o preço que deu ao enxofre, propondo aos emprezarios da fabrica projectada para Aveiro a aquisição e manutenção de um hiate, que deve exclusivamente occupar-se do transporte daquelle genero, indo procural-o directamente á Sicilia. Nós tomaremos a liberdade de manifestar algumas duvidas sobre a exactidão dos seus calculos; e, pondo de parte a exiguidade da verba, que nos seus calculos destina para costeo e despezas eventuaes de reparação e concertos, e que nos parece muito inferior ao que a experiencia mostra dever ser, limitar-nos-hemos a negar a possibilidade de effectuar quatro viagens por anno de Aveiro á Sicilia. No caso mais favoravel desta viagem, suppondo que não ocorre a menor avaria, são necessarios quatro mezes para ir, carregar, voltar e descarregar, de sorte que, na hypothese mais favoravel, só se poderão effectuar tres viagens por anno; isto é em theoria, mas na pratica sabemos que nem estas tres viagens se podem fazer. O navio sardo, *Senhora do Carmo*, capitão Carbone, que se occupa exclusivamente do transporte deste genero da Sicilia para Lisboa, não faz senão duas viagens por anno, o que é facil a qual-

quer verificar consultando as noticias das entradas e sahidas das embarcações que o *Diario do Governo* publica sempre. A localidade escolhida pelo nosso amigo para o estabelecimento de uma fabrica de soda, isto é, o porto de Aveiro, difficulta ainda mais a multiplicidade destas viagens em um anno, pelo máo estado e obstaculos naturaes da sua barra. De tudo isto se conclue que a especulação proposta está muito longe de offerecer as vantagens que o sr. Almeida imagina.

É nosso intento, como no antecedente numero dissemos, oppôr á conta, apresentada pelo sr. Almeida para o fabrico da soda, uma outra da fabricação ordinaria do mesmo producto na Verdelha; porém, antes de o fazermos, é conveniente que examinemos e discutamos a primeira.

O sr. Almeida suppõe um trabalho annual de 846:000 kilog. do sal de soda, o que é já uma boa fabricação, e corresponde a 4:799 arrobas mensaes, producção tal que excede o triplo da da quantidade actualmente consumida por todas as nossas industrias em Portugal, e basta dizer que a fabrica de sabão, que fornece todo o paiz deste genero, gasta apenas 1:200 arrobas de soda por mez. Para obter aquella quantidade de sal de soda pertende o sr. Almeida queimar 360:000 kilog. de enxofre e com elles obter 1.635:000 kilog. de acido sulfurico de 50°: porém, osapparelhos mais perfeitos, que é possível imaginar, e muito difficil, entre nós, de realisar e conduzir na pratica, (e dos quaes podemos assegurar com toda a confiança que se não apresenta um só que faça o trabalho, que a theoria indica, sem discrepancia durante um anno) não podem produzir mais de 1.080:000 kilog. do acido de 66° ou de 1.628:542 de acido de 50°; porque ao desta graduação correspondem 33,55 de agua por 100 de acido, o que nos dá uma producção em que a differença para menos é de 6:458 kilog. Mas note-se bem que esta é a differença theorica, na hypothese de que o apparelho trabalha sem o menor desarranjo durante um anno, e que produz 300 de acido por 100 de enxofre, como a sciencia indica, mas ao que se recusa a pratica ordinaria.

A quantidade de nitrato de soda que no calculo do sr. Almeida é destinado para converter em acido sulfurico os 360:000 kilog. de enxofre, parece-nos que é muito menor do que deve ser: é necessario que os seus apparelhos sejam um modelo de perfeição para com elles se fazer tão grande economia. As melhores fabricas ainda hoje gastam proximamente de 10 a 8° de acido

azotico por 100 de enxofre. Seria já um trabalho bem perfeito aquelle em que, para converter 360:000 kilog. de enxofre em acido sulfurico se despendessem apenas 21:600 kilog. de azotato de soda, ou o seu equivalente em acido azotico de 36°.

Para attenuar o custo do acido deduz o sr. Almeida o valor dos residuos e de certos productos subsidiarios, que se podem obter na primeira parte do processo. Os residuos que merecem alguma attenção provém da previa conversão do azotato de soda em acido azotico; mas este residuo, que é o sulfato de soda, apenas compensa a despeza feita com os cylindros de ferro, em que esta operação se faz, e a mão de obra necessaria para o obter. Um cylindro de ferro coado, cuja carga é de 75 kilog. de azotato de soda, custa nas fundições de Lisboa 60\$000 rs.; a sua duração é de um anno, e o trabalho da fabrica projectada para Aveiro exigirá pelo menos dois destes cylindros. Entre os outros productos particulares o que alguma coisa avulta é o acido oxalico, mas duvidamos muito que esse producto possa render 207\$000 rs. por anno. Na fabrica da Verdelha, onde nós introduzimos este processo, não se alcança um tão prospero resultado.

Para reparação dos apparelhos estipula o sr. Almeida simplesmente 401\$000 rs. Não sabemos qual seja a base do seu calculo; porém, ha de s. s.<sup>a</sup> permittir-nos que lhe perguntemos — qual suppõe ser a duração media dos seus apparelhos? Pelo que nós sabemos sobre este ponto, um apparelho que trabalha constantemente não atura mais de 20 annos, e neste presuppuesto, o apparelho a que o sr. Almeida se refere, custará simplesmente 8:032\$000 rs. Pedimos licença para duvidar que se possa levantar uma boa camara de acido sulfurico com tão limitado capital. Mais do que aquella verba custariam o chumbo e a madeira necessarios para a construir. Um mestre chumbeiro, que tem sempre occupação nos reparos de um grande apparelho ganha em França 5 francos por dia: aqui, em Portugal, duvido que se possa ter um bom desta ordem por menos de 800 rs. diarios ou de 240\$000 rs. annuaes; e o chumbo para os concertos, e os vasos de vidro ou gréz para o acido azotico, e o tijolo para reparação dos fornos e todas as mais coisas necessarias? Ainda mais. No orçamento apresentado pelo sr. Almeida falta uma verba muito importante na producção do acido sulfurico; quero fallar do combustivel para produzir



o vapor da agua indispensavel no processo, e o necessario para fazer trabalhar as bombas alimenticias da caldeira. Esta verba é importante, e na fabricaço do acido sulfurico em Marselha entra por um decimo do custo total do mesmo acido; é por conseguinte uma verba de mais de 1:000,000 rs. que falta no orçamento em questão.

Da importancia do sulfato de soda deduz o sr. Almeida o valor de 7:200,000 rs. provenientes do acido chlorhydrico, que resulta da decomposição do sal marinho, quando este se converte em sulfato de soda. Para recolher convenientemente este acido chlorhydrico é necessario ter um apparelho de condensação bem montado, cuja conservação requer muito cuidado e despezas. A M. Cartier, um dos fabricantes de productos chymicos em França, que mais se distingue pelo seu saber, intelligencia, e pratica industrial, ouvimos nós dizer, em uma occasião em que fomos vêr a sua fabrica nas proximidades de Nantes, e na qual tinha um dos melhores apparellhos de condensação que temos visto, que em relação a este artigo se dava por muito satisfeito, quando o producto condensado lhe subria as despesas da condensação. Nós aconselharemos sempre a condensação do acido chlorhydrico no fabrico do sulfato de soda, principalmente para evitar que os vapores daquelle acido, espalhando-se pela atmosphera vão damnificar a vegetação dos campos visinhos: porém, não acreditamos que na pratica actual se tire grande rendimento do acido condensado, não só porque elle tem um consumo muito limitado no nosso paiz, e ainda que possa empregar-se na preparação de varios productos, estes não achariam cá dentro extracção, e lá fóra teriam que lutar com uma illimitada concorrência. Diremos aqui de passagem que, se nós montássemos uma fabrica segundo a nossa idéa, aproveitaríamos principalmente o acido chlorhydrico para decompor o oxisulfureto de calcio, que fica como residuo da refinação da soda, e por este meio regenerar o enxofre do acido sulfurico no estado de gaz sulphydrico, que passariamos a queimar nos fornos, em que se queima o enxofre, para o converter tambem com elle em acido sulfuroso.

Mr. Payen apresentando a conta de uma fabricaço de soda em Marselha, como modelo desta industria, não mette no calculo o valor do acido chlorhydrico. (Vid. *Precis de chimie industrielle* por A. Payen 1.<sup>a</sup> Ed. pag. 189). Não contesto que para o futuro se possa colher grande

vantagem do acido chlorhydrico condensado, por enquanto os calculos industriaes devem ter uma base mais segura; devemos contar com o que é certo, e lançar á conta dos lucros inesperados as probabilidades felizes. Consequentemente a subtracção dos 7.200,000 réis, que hade produzir o acido chlorhydrico condensado, não se póde admittir em quanto não fór plenamente justificada pela pratica.

Nos preliminares do seu orçamento confessa o sr. Almeida que o sal das marinhas de Aveiro é de inferior qualidade e muito carregado de saes de magnesia e outros, porque se obtem por uma completa evaporação da agua do mar, e depois diz-nos que de 1.308:000 kilog. deste sal hade obter 1.550:000 kilog. de sulfato de soda, que é, com pequena differença, o producto que se podia alcançar em operação feita em cadinho com o sal absolutamente puro, porque 60 de chlorureto de sodio dão 72 de sulfato de soda: ora na pratica fabril é quasi impossivel obter este resultado, principalmente quando o sal não é de primeira sorte. O sal que na Verdelha se emprega é obtido pelo processo das aguas mães, e ordinariamente o da *raza*, que é o mais puro; mas quando em vez deste usamos dos immediatamente inferiores, isto é da *nêta* ou do *rapão*, obtém-se logo uma differença de 15 por cento para menos no producto em sulfato, e sempre com maior dispendio de combustivel. Depois podemos concluir que com o sal de Aveiro, em quanto não houver mudança no systema das marinhas, a producção do sulfato ficará bem longe daquelle que o sr. Almeida espera.

Na conta da producção do sulfato temos que fazer ainda uma observação importante relativamente á hulha empregada nesta parte do processo. A pratica na fabrica da Verdelha tem mostrado que se não póde empregar menos hulha do que 50 por 100 do sal, que se quer decompor, e ordinariamente é necessario augmentar a quantidade do combustivel até 60 por 100 do sal. Ora o sr. Almeida quer que o combustivel seja apenas um quarto do sal. Muito perfeitos devem ser os seus fornos, e por conseguinte muito caros; mas em quanto os seus projectos não forem confirmados pela pratica, ficaremos acreditando que em vez de 360:000 kilog. de carvão hade gastar pelo menos 654:000 kilog.

Para a damnificação dos apparellhos parecemos tambem que a verba orçada é muito diminuta. Qualquer que seja o systema dos fornos do sulfato, a damnificação é n'elles rapida, e

para os conservar em bom estado é necessario ter sempre um pedreiro e dois serventes empregados neste trabalho, cujas annidades montam a 255,000 réis; mas a esta verba devemos acrescentar o custo de tijolo (refractorio e ordinario), o barro, o ferro e os outros materiaes, o que tudo junto fará subir a verba destinada para a damnaificação dosapparelhos a mais de 700,000 rs.

Passemos agora a examinar o calculo de 3.<sup>a</sup> operação. Em primeiro lugar, estabelece o sr. Almeida, que 100 kilog. de pedra calcarea pulverisada lhe hão-de custar só 90 réis, mas a não ser a fortuna d'encontrar nas proximidades do seu estabelecimento um banco de cré, não lhe será possível ter o calcareo em pó senão por meio de uma custosa pulverisação mechanica, e nesse caso esperamos que a experiencia o hade convencer de que o custo desta materia hade aproximar-se, ou talvez exceder aquelle porque na Verdelha se obtem a pedra simplesmente britada, e que orça por 140 réis os 100 kilog. postos ao pé dos fornos. O artigo em questão, isto é, a pedra calcarea, é um dos que são causa das maiores perturbações no fabrico da soda. A experiencia tem-nos mostrado que o cré, quer seja vindo das costas de Inglaterra, quer seja o de alguns pequenos bancos da formação cretacea dos suburbios de Lisboa, empregado em peso igual ao do sulfato dá uma soda bruta, que depois de refinada marca 80° D. Querendo obter o mesmo resultado com a pedra calcarea compacta da mesma formação manifesta-se já uma grande differença, e é sempre necessario augmentar a quantidade da pedra duplicando até a proporção; e muitas vezes a simples mudança de um banco para outro da mesma formação, faz descer a gradação da soda a 60° D. Na Verdelha emprega-se a pedra simplesmente britada, ainda que seja necessario empregar desta uma maior quantidade para obter o mesmo resultado, porque o custo da pulverisação excede o que provem do augmento de quantidade. Na Verdelha existe, para fazer esta pulverisação, um moinho de galgas, posto em movimento pela machina de vapor, mas não se póde com ella alcançar que os 100 kilog. de pó de pedra custem menos de 280 réis.

A verba destinada para reparação dos fornos da soda bruta é tambem, no orçamento do sr. Almeida, extremamente exigua, e, pela experiencia que temos destas coisas, estamos propensos a acreditar que o dobro daquella verba não seria ainda sufficiente para ter sempre os fornos em bom estado.

O producto de 2,325:000 kilog. de soda bruta obtido sobre 1,550:000 kilog. de sulfato é maior do que aquelle que realmente se obtem na melhor pratica, e nunca esta quantidade de sulfato poderá dar mais de 1,432:143 kilog. de soda bruta de 36° a 38°. Se a que o sr. Almeida pretende obter é de 32° a 33°, como a que fornecem os sulfatos dos cylindros, não poderá de certo alcançar com ella um sal de soda de 80°, por meio de uma unica refinação.

Os gastos geraes são na conta do sr. Almeida orçados em 5:700,000 réis, mas ha nas addições de que esta somma se compõe algumas visivelmente diminutas, e nós não podemos deixar de fazer notar aquellas em que este defeito se torna mais sensivel, e que podem influir sobre o preço da soda. Os impostos e seguros são orçados, ao todo, em 100,000 réis!!! O sr. Almeida não advertiu por certo que a decima industrial é lançada na razão de 5 por 100 dos lucros presumiveis; e como s. s.<sup>a</sup> denuncia estes na quantia de 20:000,000 réis, quando diz que 2:000,000 réis são os 10 por cento dos beneficios presumiveis, não deve estranhar que os lançadores, firmando-se na sua propria confissão, lhe imponham a taxa de 1:000,000 réis em vez de 100,000 réis. E a quanto subiria o imposto se elles tomassem por base o principio, que o sr. Almeida estabelece nos seus apontamentos, de que os lucros da industria chymica devem ser de 100 por 100? A seu tempo trataremos deste objecto. A verba de 2:000,000 réis destinada para pagamento dos juros, a 5 por 100, do capital empregado, tanto fixo como movel, é no nosso entender muito pequena. Uma fabrica da magnitude da projectada, não póde custar e trazer em movimento apenas 40:000,000 réis. No nosso paiz, e no estado actual da industria, será quasi um prodigio montar uma fabrica de acido sulfurico e soda, apta para produzir 846:000 kilog. de sal de soda, só com o dispendio de 20:000,000 réis. Os outros 20:000,000 réis são indispensaveis para o movimento da fabrica. Entretanto tal será a direcção technica, tão favoravel será a acquisição do chumbo, das madeiras, dos tijolos, do ferro e de todos os outros materiaes, tão destro e tão barato será o trabalho, que o plano do sr. Almeida se possa realizar — nós não nos atrevemos a negal-o, e vendo este prodigio realizar-se confessar-nos-hemos francamente vencidos.

Terminaremos este artigo apresentando o quadro da fabricação regular da soda na fabrica da Verdelha, e nos seguintes numeros continuare-

mos a analyse do trabalho do nosso amigo, o sr. Betamio d'Almeida, a quem pedimos venia pela liberdade que tomamos em contradizer as suas opiniões — mas n'estas questões, como em todas as que são de interesse publico — a verdade não póde ceder o passo á amizade.

Lisboa, 31 de janeiro de 1853.

J. PIMENTEL.

**Quadro do trabalho diario da fabrica da Verdelha, em acido sulfurico e soda.**

MATERIAS EMPREGADAS E PRODUCTOS OBTIDOS.	QUANTIDADES. KILOG.	CUSTO DOS 100 KILOG.	CUSTO DA PRO- DUÇÃO.
Enxofre.....	1:000	3,065	30,650
Nitrato de soda.....	100	9,310	9,310
Carvão de pedra para o vapor.....	1:333	3,428	5,705
Quatro operarios 240 rs. cada um.....	"	"	960
Damnificação dos aparelhos.....	"	"	2,330
Producto, 2:500 kilog. de acido a 66°.....	"	"	48,955
Logo os 100 kilog. de acido de 66° custam 1,920 proximamente.			
Sal marinho.....	1:150	3,120	1,380
Acido sulfurico de 66° .....	970	1,920	18,925
Carvão de pedra.....	666	3,428	2,850
Dois forneiros a 280 rs.....	"	"	560
Um pedreiro e dois serventes.....	"	"	750
Damnificação dos fornos.....	"	"	2,400
Producto 1:200 kilog. de sulfato.....	"	"	26,565
Logo os 100 kilog. de sulfato custam 2,215 proximamente.			
Sulfato de soda.....	1:800	2,215	39,870
Pedra britada.....	3:200	3,140	4,480
Cisco de carvão de New-Castle.....	1:100	3,428	4,710
Carvão para combustivel.....	1:500	3,428	6,420
Quatro forneiros a 320 rs. cada um.....	"	"	1,280
Um trabalhador a 200 rs.....	"	"	200
Damnificação dos fornos.....	"	"	3,000
Producto 2:700 kilog. de soda bruta.....	"	"	59,960
REFINAÇÃO.			
Soda bruta.....	2:700	"	59,960
Carvão de pedra.....	1:666	3,428	7,150
Quatro homens na lixiviação a 240 rs.....	"	"	960
Cinco forneiros na secagem a 240 rs.....	"	"	1,200
Damnificação dos aparelhos.....	"	"	2,500
Producto 1:026 kilog. de sal de soda de 75 a 80°.....	"	"	71,410
Logo os 100 kilog custam 6,960 proximamente.			

\* Na fabrica emprega-se o acido como sai da camara a 50°, porém o calculo está feito a 66° para maior facilidade.

## PARTE LITTERARIA.

A NOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capítulo XXXIX.

DEPOIS DAS CAUSAS OS EFEITOS!

(Continuado de pag. 343.)

— « Succeda o que succeder » disse o Camões uma manhã (justamente a que viu a confrontação do sr. Thomé e a visita do padre Ventura a S. Domingos) « não hei de deixar morrer o rapaz assim. O seu verdadeiro crime aos olhos de el-rei é amar a mesma dama que sua magestade. Bem! Se eu fôr capaz de restituir Dido a Eneas, dando um quinau em Virgilio, está o homem salvo, e o sr. D. João V. no paraíso!... A difficuldade consiste em fazer fallar o preso sem elle se sentir... Tenho idéas de que não está menos enganado do que sua magestade, e que ambos abraçam a nuvem pela deusa! *A la gracia de Dios!* Se desta saio limpo protesto escrever uma comedia em castelhano para emparelhar com o « Medico de sua Honra, de Calderon » e pelo titulo não perderá; ponho-lhe na taboleta « Los zelos enganados » Amh? É espantalho de orelha, sr.<sup>a</sup> critica? Não importa. Estamos em guerra, e posso saquear a lingua como outros roubam a fronteira. Vamos, Camões, é pedir a Deus que te converta a berca em roupeta de Santo Ignacio, e tracta de imitar na labia os reverendos padres. Está diligencia não é para engaiolar é para soltar; e oxalá que de todas em consciencia se podesse dizer o mesmo! »

Fallando assim, o ministro entrava na prisão, e ouvia com imperturbavel seriedade o relatorio do carcereiro sobre a doença de Jeronymo. O preso tinha licença para receber visitas; mas nos ultimos dias escusou-se, e não quiz vêr certo padre de S. Roque que o veio procurar. Hoje parecia mais espairecido, descansara um pouco de noite; e logo pela manhã pediu que voltando o jesuita o levassem ao seu quarto. « Perguntou por mim? » disse o corregedor medindo o homunculo de alto a baixo com o seu olhar satyrico. « De certo. « De certo. O sr. doutor foi a primeira pessoa em quem fallou. » « Não disse que foi pelo padre da companhia? Bem! Venha quem vier não deixe entrar até eu sa-

hir... só se fôr o medico. » « Esse vem de tarde. » « Melhor! » redarguiu o poeta-juriscônsulto « o mais tarde em taes visitas é sempre cedo. Venha abrir! » E encamphou-se para a sala, aonde com todas as commodidades compatíveis tinha mandado collocar a Jeronymo Guerreiro.

O mancebo estava assentado ao pé da janella a uma banca pequena, das que hoje se chamam de pé de gallo. A vidraça aberta deixava entrar o sol e o ar; a manhã nascera alegre, e temperada. Pela encosta do castello penduravam-se algumas arvores e trepavam as parreiras dos pequenos quintaes. Por cima dellas esvoaçavam gorgendo bandos de passaros, que saudavam nos seus transportes a luz e a liberdade. A vista do preso desviava-se a miudo do papel, que escrevia a custo, para contemplar com tristeza resignada o bello panorama da cidade, illuminada pelos raios quentes e dourados do astro do dia, e os vôos loucos das aves, que fugiam e se juntavam de ramo em ramo, chilreando e desafiando-se. Os olhos de Jeronymo, encovados, e com as nodoas fundas e aniladas, que o povo chama « olheiras de melancolia; » as pupillas baças, e sem brilho, que as tornava de uma viveza e penetração raras, parecia que não tinham força para fitar os objectos muito tempo, baixando-se para o chão com morbida tristeza. A palidez das faces, e a expressão dolorosa das feições tortornadas, diziam os padecimentos do espirito e do corpo ao observador menos attento. Do esbelto e robusto militar que fôra, do vistoso e agil cavalheiro que era há poucos dias, a magoa e a molestia tiuham feito um espectaculo de dôr e de velhice precoce, sombra do homem antigo, ou mais exacto (permita-se a phrase) cadaver antes da morte daquelle soldado jovial, e audaz, cujo sorriso dava graça e animação ao rosto, cuja bocca sabia ser eloquente e persuasiva sem fallar! O coração pouco vivia já; mas a intelligencia, resistindo mais, ainda acordava alguns momentos, quando as trevas do delirio não a offuscavam. Na quietação fixa dos musculos, na serenidade passiva e indifferente das feições, na ausencia quasi completa dos movimentos activos e espontaneos que denunciavam a vida e a idade na flor, notava-se a rigidez sombria e gélida, filha do aniquilamento moral, e precursora do aniquilamento phisico. Era como a arvore que tem ainda o tronco em pé, mas que principia a secar e a cahir pelos ramos e pelos bracos. De uma para a outra hora, vendo-a mirar-se e desfazer-se consumida interiormente es-

pera-se que uma rajada mais forte a derrube, acabando com a existencia, que ella finge!

Sentindo abrir a porta, e voltando a cabeça, Jeronymo agradeceu com um sorriso e um gesto a visita do corregedor; porém o sorriso, como se fosse em marmore, levou minutos a abrir, e o gesto ficou muito tempo pasmado. O sentido da phisionomia era uma abstracção dorida e vaga, semelhante ao adormecimento, que serve de pausa ás grandes crises. Caetano da Silva Sotto Maior tomou assento junto delle, olhou pela janella, e disfarçadamente para o papel, e depois de algumas perguntas e respostas indifferentes tractou de entrar na execução do seu plano.

— « Eis um dia que faz saudades da caça!.. Digam o que disserem não ha manhãs tão lindas como no inverno de Portugal. Até os doentes e os pesarosos se curam com este sol! Sr. Jeronymo, sabe que me parece hoje melhor? »

O capitão sorriu-se e meneou a cabeça, respondendo:

— « Isto vaê seu caminho, e como Deus é bom, creio que ha de compadecer-se a final e despenar-me. Agora escrevia eu uma especie de testamento; são as minhas ultimas vontades; e contando com a charidade do sr. corregedor... »

— « Deixe isso! Ainda ha de interrarr-me primeiro, e não sou muito mais velho!.. Não se esteja cançando com escriptas. Guarde-as para depois da convalescença. »

— « Quando se faz uma jornada de perigo tomam-se as precauções » redarguiu o mancebo melancolicamente. « Estou em vesperras de partida, e quero salvar a honra... porque não posuo mais nada a que dê valor. Tem sido uma lucta, que não imagina, com o coração e com a cabeça para fazer estas linhas... Ha occasiões em que o juizo se me cobre e o sangue parece fogo. Depois (desculpe a minha fraqueza!) certos sentimentos podem mais do que a razão na alma dos que foram moços e viveram... »

— « E amaram? » acudiu o corregedor tomando um ar jovial e cheio de naturalidade. « A quem o diz!? Sou um crivo das setas do Deus-menino, apesar da beca e da vara branca. A justiça não é cega; oxalá!.. »

— « O desgraçado encontro daquella noite » proseguiu o pupillo de Lourenço Telles, com visíveis esforços para vencer a commoção que principiava « fez-me o mais infeliz dos homens; tirou-me o gosto e o desejo de viver. Não é affectação, sr. corregedor... Se eu adivinhasse o que succedeu, tinha ficado debaixo de um rollo de

mar, ou no primeiro campo aos pés dos cavallos hispanhoes... Se existo, se fiz alguma coisa digna de louvor, não foi por mim, asseguro-lh'o, contava com um coração igual ao meu, unido a elle para sempre... faltou-me; enganai-me; e no primeiro impeto accuso-me de ter tido o baixociume de querer levantar a espada... Não sei mesmo, porque são tantas as trevas, que não distingo o certo do duvidoso, não sei mesmo se... »

Aqui prendeu-se-lhe a voz, e estacou. a palidez augmentava; e as rosetas carminas das faces começavam a alargar. O Camões apressou-se em acudir, redarguindo:

— « Não sabe se feriu alguém? Tranquilize-se; é verdade que houve essa desgraça, mas sem consequencia. Depois logo se viu que o acaso, e não a intenção... »

— « Eu era incapaz de uma vilania tal. Theresia não morreu? O sangue que vi, que está sempre deante dos meus olhos não era o seu?.. »

— « A senhora, casualmente ferida nessa noute, está melhor, affianço-lho eu. Póde socegar. Mas o que tem? Sente-se peor? »

Estas ultimas palavras procediam do estado de Jeronymo. Ouvindo o corregedor anciosamente, o mancebo levantou depois as mãos ao ceu com impeto, e as lagrimas represadas, soltando-se, correram-lhe em torrentes pelas faces. « Vive!.. Não morreu! » murmurava ao mesmo tempo em voz tão fraca, que parecia um suspiro á flor dos labios. O jubilo, como todas os commoções energicas, operando sobre o corpo desfallecido e o espirito esgotado, abateu-lhe as forças. O rosto fez-se de repente branco; os olhos, um momento animados, fecharam-se; e a cabeça sem vigor descahiu no espaldar esmorecida dos sentidos. Este deliquio sem agonia fora filho do seu aballo achando de menos sobre o coração o remorso que lho comprimira, e o horror que lhe envenenara as agitadas vigílias. Consummida de dor a alma não podia com as primeiras consolações, que vinham raiar nas trevas da sua afflicção.

Em quanto o capitão succumbia ao excesso da alegria subita, sem forças para a supportar, o Camões do Rocio (que o desmaio não assustou), correu a vista pelo papel que Jeronymo interrompera á sua chegada. Depois de ler algumas phrases, o juiz inclinando-se sobre a meza, e com a cabeça entre os punhos, não levantou os olhos, em quanto não chegou á ultima linha. Á medida, que foi lendo o remblante de Caetano da Silva Sotto Maior espireceu e tomou novo

aspecto. No fim, a respiração cheia e forte, em que desaffogou o peito, e o sorriso espirituoso e triumphante, que acudiu á bocca, indicavam que tinha descubierto o fio para se dirigir no labirinto e livrar o mancebo da triste posição, em que se achava.

Effectivamente a mão tremula do preso lançara n'aquelle escripto, destinado a servir-lhe de despedida, a confissão extrema do homem, que julga proxima a sua hora final, e verte sem reserva os segredos e as penas do coração no peito fiel de um confidente. Ao padre Ventura é que se dirigia; e os termos da sua carta uma vez timidos e respeitosos, outras cheios do carinho e de confiança, eram as de um filho a seu pae, antes da ultima separação. Entre lembranças ternas e remorsos pungentes, o mancebo pedia a benção e o perdão de Lourenço Telles, do tutor extremoso da sua orphandade, e julgando-se o auctor innocente e involuntário da morte de Thereza, supplicava de Cecilia e de sua mãe, que tanto estremecia, lagrimas de piedade para a sua memoria e esquecimento para o delicto que não fora delle, mas do acaso. No meio dos paraphos incoherentes como a paixão que os dictava, e repassados da verdade que não apparece senão quando se falla diante de Deus, o corregedor encontrou um, aonde estava a revelação da causa (já suspeitada por elle) de todas as desgraças de Jeronymo. Tractando de Thereza e de Cecilia, e sempre na idéa de que tinha as mãos tintas no sangue da primeira, o mancebo dizia assim:

— « Sei que estou só no mundo, aborrecido e detestado daquelles que mais me queriam. Deveser. Olham-me como o auctor do luto, que entristece a sua casa, tão socegada antes de eu lhe trazer a morte e a assentar sobre o leito da mais bella, da mais innocente das donzellas... porque hoje, o delirio deixa-me alguns momentos de paz, e ouço o coração dizer-me que Thereza não foi culpada senão de se compadecer de mais!.. O honrado, o virtuoso velho, meu segundo pai na creação, um verdadeiro pai no amor, terá resistido aos desgostos de que lhe cortei os ultimos dias serenos da sua idade? Se vive, se a dor o não levou já adiante de mim, estou certo, sei que me perdoa, e que me lastima! Conhecia-me como um pai conhece a seu filho; eu e ella eramos a esperanza, toda a alegria da sua vida!.. Coitado! Quem lhe diria que o noivo seria a causa da terra a comer tão nova, tão cheia de flor e de graça... Sou innocente! Mil mortes que padecesse para ella viver

só uma hora mais, não me queixava, Thereza!.. Donde estás lês na minha alma; e vê o que tem soffrido... que longas e dolorosas são estas horas que heide penar ainda para unir o meu espirito ao teu, feliz ao menos socegando de tantos martyrios e vendo-te vestida de gloria entre os anjos, na belleza que não tem fim... Padre Ventura, nunca a fê no meu coração foi mais viva: nunca esperei e cri nas promessas divinas com tanto ardor... Se esta mão não acabou as misérias de uma existencia cujos tormentos o inferno acharia maiores do que os seus, foi porque os padeço em expiação e acabado o calix da amargura, espero ir encontrá-la no ceu, aonde o amor não morre e a bemaventurança não chora com o crime e a ausencia... Perdão, meu padre! Mas esta paixão é mais forte do que eu, do que a morte até. Desde que perdemos Thereza, vejo-a todos os dias; apparece-me em toda a parte... agora mesmo está ao pé de mim... É o seu rosto lindo sempre mas branco e triste, como se levantou da sepultura! São aquelles olhos verdes que parece verem, mas que não sorriem e não dizem nada. A bocca move-se, mas não a ouço. Não me accusa; porém chama-me com a mão, e parece esperar por mim... Se meu segundo pai e Cecilia conhecessem o que esta visão me faz penar, tinham mais dó do que horror deste desgraçado. E horror por que? Elles não sabem que a não matei, que era impossivel?... Padre Ventura, rogue a Deus por mim! Ha instantes em que chego a amaldiçoar a hora em que nasci, e a providencia que me desamparou. Foi esta a mão que a feriu? O laço e o penhor da maior ternura?!.. Sinto que me sobe o odio outra vez ao coração; que se me abrasa a cabeça; e eu quero acabar em paz com os homens, perdoando para ser perdoado... Quero vel-a, adoral-a no ceu já que na terra... Pela saudade do seu amor, pelas lagrimas de sangue desta paixão, protesto que morro sem odio, perdo-o até aquelle que ella amou, e que vive e se consola, tendo-a perdido!.. »

As confidencias paravam aqui; mas eram de mais para justificar Jeronymo. O corregedor, aproveitando-se da prostração do mancebo e auctorizado pelas suas rectas intenções, pegou no papel, mettem-o no seio, e saio nas pontas dos pés. Cruzando a porta e chamando o carcereiro depois, ordenou-lhe que chamasse o medico no caso do capitão se não reanimar com brevidade. Dahi atravessou a praça d'armas, chegou á sege que tinha defronta da porta, e disse alto para o

cocheiro, pegando nos cordões das guias. « A gallope! Aos paços da Ribeira! »

Era a residência de D. João V até á cerimonia da aclamação.

Na occasião, em que o Camões largava o seu cavallo, chegou á porta do castello o padre Ventura, que tinha subido a pé.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continua.)

### ODE

**Dedicada a mad. A. Castellan escripta em italiano pelo sr. Bindocci e traduzida por H. Monteiro.**

Quando em braços da harmonia  
Que seu seio te offertava,  
Tu ao mundo vieste um dia,  
Doce olhar em ti fitou.  
— « Ó formosa! » — ella exclamava,  
« És filha minha; » — e te beijou.

Como rosa que surgindo,  
Pela briza acariciada,  
Leves graças reunindo,  
De fragancia e de beldade,  
Tu cresceste, harmonisada,  
No verdôr da tua idade.

Tu d'Euterpe já segura,  
Percorreste a senda ousada,  
Foi-te grata a mãe natua,  
Que a ti, prodiga, dotou;  
E pela arte acompanhada  
Indivisa em ti ficou.

O teu canto, ou ledo ou grave,  
A alma enleia e apaixona,  
Lento, rapido ou suave,  
Sobre o Arno resouas  
Sobre o Dora, sobre Olona;  
Pó e Adriatico encantou!

Com a corda a frente ornaste,  
De teu merito a divisa,  
Outras praias conquistaste  
Com teu canto vencedor;  
Lá no Sena e no Tamisa  
És um astro de fulgôr!

Se de Norma nos recordas  
A paixão funesta, triste,  
Se, ferindo as meigas cordas,  
De Lucia o terno amor,  
Ser divino em ti existe,  
Tudo exprime o teu primôr.

Esse idioma entretecido  
Com um som ultramontano,  
De teus labios sde profrido  
Puro, limpidio, e arrobado  
Qual se houvera o Sol Toscano  
O teu berço allumiado.

Quando tu ao vôo audaz  
A alma forças incansavel,  
E teu canto lembrar faz  
Flebil som do rouxinol,  
És á Italia comparavel  
De fulgente gloria um Sol!

Se elle iguala o turbilhão,  
Sobre os cumes transitando  
Que p'ra dextra e sextra mão  
Roble e penhas derrubou,  
Assim era Italia invicta  
Quando o mundo avassalou.

Se é teu canto harmonisado,  
Qual do lago branda aragem,  
Que voando sobre o prado,  
Beija a flôr que namorou,  
Tu da Italia és a imagem  
Que a sciencia, em paz, amou.

Nessas bellas, puras notas,  
Nesses sons que tu inventas,  
Como o Cisne sobre o Euzotas,  
Dá da morte no'stértôr.  
Tu a Italia representas  
Sob um barbaro oppressôr.

Ao carpires uma oração,  
Nos sinceros olhos teus,  
No fallar do coração,  
Vê-se a Italia, com verdade,  
Que suspira, e pede aos ceus  
A traida liberdade.

A canção animadora  
Té dos olhos teus se alenta!  
Se qual Phenix se vigora  
Com tal vida e expressão;  
Resurgindo Italia, ostenta,  
Dessa indigna servidão.

Uma nota, ah! quem pudera  
De teu canto desprender,  
E com ella a ti erguera  
Monumento sem igual!..  
Tão eterno hav'ria ser  
Qual teu nome em Portugal.

## NOTICIAS E COMMERCIO.

**Envenenamento pelo 'acido arsenioso (óxido branco d'arsenico). Exhumação depois de 5 dias de sepultado.** — Nós abaixo assignados, José Ricardo Jauffret, José Sergio Pereira, e Antonio Rego, doutores em medicina, sendo pelo delegado de policia supplente o sr. Francisco José Brandão de Sousa requisitados para que comparecemos nodia 17 do corrente pelas 6 horas da manhã no cemiterio da santa casa da misericordia, a fim de ahí assistirmos á exhumação e procedermos ao exame de corpo de delicto no cadaver de Francisco José de

Paiva, sepultado havia cinco dias, e achando-nos a essa hora reunidos no lugar indicado, estando também presente o escrivão Raimundo Marcos Bello, passamos ao lugar da sepultura, de donde depois de aberta, se tirou um caixão fechado com um cadeado, onde se achava encerrado o cadaver do fallecido, para cujo exame fomos convocados.

Prozada a identidade da pessoa, e depois de estar o corpo exposto ao ar algum tempo, tirando-se-lhe para isso o habito em que fôra amortalhado, ordenou o sr. delegado, a requisição nossa, que o transportassem para alguma das salas do hospital da misericórdia, onde com mais commodidade podessemos fazer o exame de que estavamos encarregados, e ahi, depois de prestado o juramento devido, notámos quanto ao habito externo, o seguinte:

Cór livida e esverdeada em varias partes, e bastante mente intumescido, mormente nos membros inferiores, sobre a região epigastrica algumas scisuras de sanguesugas, a epiderme destacada em varios pontos, principalmente nos braços, mãos e testiculos.

Fazendo-se depois a abertura do corpo conforme ás regras da arte, notámos:

Que o interior da bocca e pharynge estavam bastante mente denegridas, e cobertas de uma crusta espessa e muito adherente á mucosa.

A lingua muito intumescida, e também denegrida e coberta da mesma crusta.

O coração, sem alteração notavel, completamente vazio, e sem coagulo algum sanguineo. Os pulmões nada também tinham digno de menção especial.

O fígado também nenhuma alteração sensível apresentava, a não ser uma mancha esverdeada pouco extensa e superficial na sua parte convexa, o que reputamos ser o começo de decomposição desta viscera.

Feitas as ligaduras competentes, separamos o estomago, os intestinos delgado e grosso, e introduzimos cada uma destas partes, e também o fígado, em vasos separados, contendo cada um uma porção de alcool e outra menor de agua destilada, que sendo lacrados e sellados com o sello da policia, foram arrecadados com as cautellas devidas, para se proceder á analyse chimica.

Sendo para isso convidados os peritos pharmaceuticos José do Carmo de Figueiredo, Manuel José de Aguiar e Silva e Manuel Maria da Silva, e reunindo-nos todos no dia 20 pelas 7 horas da manhã no hospital da misericórdia, não tendo sido possível reunir-nos antes desse dia, por não estarem ainda promptos os reagentes necessarios, ahi procedemos, em presença delles, dos srs. delegado e escrivão Marcos Bello, primeiro á abertura do estomago, a fim de observarmos as lesões anatomicas que porventura nelle existissem, do qua colhemos o seguinte:

Exteriormente — Nada notavel.

Interiormente — Proximo á grande curvatura, em um espaço de duas polegadas quadradas viu-se uma substancia esbranquiçada e pulverulenta, espalhada sobre a mucosa e muito adherente a ella. Arborisação de cór roxa denegrida e bem pronunciada proximo á extremidade pilorica. Esta viscera estava, no acto da autopsia, bastante mente distendida, e continha 4 a 6 onças de liquido esverdeado e excessivamente oleoso. O esophago achava-se no mesmo estado que a porção pilorica do estomago.

Concluido o exame anatomico deste órgão, passamos immediatamente á analyse chimica da sua substancia, e do liquido que continha, procedendo do modo seguinte.

Os liquidos, quer o recolhido directamente do estomago, quer o que resultou da lavagem delle, quer o obtido da decocção da porção desta viscera onde se encontrára a substancia pulverulenta acima mencionada, deram depois de filtrados e descorados com o carvão animal as seguintes reacções: — Mudança de cór para vermelho do papel de Tournesol. — Precipitado rapido e abundante, cór de tijollo, por uma solução de asotato de prata com addicção de algumas gotas de ammoniaco, *arsenito de prata*, completamente solúvel em excesso de ammoniaco. — Precipitado amarello-mui lento é pouco abundante pelo acido sulphydrico, com addicção de algumas gotas de acido chlorydrico, *sulphureto de arsenico*. — Precipitado rapido e abundante e verde (de schell) pelo sulphato de cobre neutro addiccionando-se-lhe algumas gotas de ammoniaco, *arsenito de cobre*, completamente solúvel em excesso de ammoniaco, e tornando a tomar a cór azul. — Precipitado branco, lento e pouco abundante pela agoa de cal, *arsenito de cal*. — Parte do liquido do estomago recolhido no acto da autopsia, descorado pelo carvão animal, filtrado e empregado no aparelho de Marsh, modificado por Orfila (depois de ter funcionado por algum tempo, e de termos verificado que o zinco e o acido sulphurico nelle empregados não continham partes arsenicaes) deu-nos immediatamente em algumas capsulas de porcelana, nodas cór de chocolate e brilhantes, que tractadas, umas pelo acido azotico e outras pelo chlorydrato de soda dissolveram-se deixando ainda sobre nadando a liquido algumas parcelas do metal. Aquecendo-se depois brandamente a capsula e deixando-se evaporar o liquido até secar e arrefecer, e tractando-se o residuo por algumas gotas de nitrato de prata concentrado, appareceu visivelmente uma cór avermelhada, mui similhante á do tijolo.

Collocando-se a chamma de uma lampada d'alcool debaixo do tubo do aparelho, vimos pouco depois formar-se pouco adiante um annel terso e mui brilhante de *arsenico metallico*; pondo-se a chamma immediatamente por baixo deste annel, desaparecia para se ir formar mais adiante, o que se fez por varias vezes.

Intimamente convencidos da existencia do veneno, julgamos desnecessario proceder-se ao exame e analyse dos intestinos, que ficarão intactos e fechados em vasos de vidro e sellados com o sello da policia e rubrica nossa, assim como também o resto do estomago e do liquido nelle contido.

#### CONCLUSÕES.

Do que levamos dito podemos concluir. — 1.º Que pelos meios empregados colhemos provas irrefragaveis da existencia no estomago de substancia toxica. — 2.º Que esta substancia era o acido arsenioso. — 3.º Que era em quantidade sufficiente para matar o individuo.

Feito em S. Luiz do Maranhão aos 27 de outubro de 1852. — José Ricardo Jauffret — José Sergio Ferreira — Antonio Rego — José do Carmo de Figueiredo — Manuel José de Aguiar e Silva — Manuel Maria da Silva.



# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 31.

QUINTA FEIRA, 10 DE FEVEREIRO DE 1853. 13.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### AS CONTRIBUIÇÕES DIRECTAS DE PORTUGAL EM 1643.

(Continuado de pag. 327.)

#### TITULO I.

*Des ministros, pelos quaes ha de correr a superintendencia, lançamento e cobrança.*

Primisramente, haverá nesta cidade uma junta, em que se expedirão todos os negocios, e duvidas que se moverem sobre contribuições impostas para a defesa do reino; e mandará tomar conta aos thesoureiros, e terá o poder e jurisdicção na forma do regimento que lhe será dado, e todas as justicas lhe obedecerão, e os tribunaes senão intrometterão nas materias tocantes ás ditas contribuições, antes lhe darão todo o favor e ajuda, e para tudo ser ajustado com o assento das côrtes, pela licença que para isso lhe doí, se formará dos mesmos tres estados, a saber de um ecclesiastico, que nomeará o mesmo estado, etc. dois fidalgos nomeados pelo da nobreza, um dos definidores das villas e cidades do reino, que a junta dos povos nomeará, um conselheiro da fazenda, um secretario, e assim nomearei mais um do povo, dos que serviram na casa dos Vinte e Quatro, por assim mo pedirem os tres estados; e estando tres votos, logo poderão despachar.

2.<sup>o</sup> E tambem haverá nesta cidade um thesoureiro geral com escrivão particular de sua receita, pelo qual ha de correr toda a despeza do dinheiro procedido das ditas contribuições, con-

forme a este regimento, e outro que lhe será dado, no que toca a administração de seu cargo; o dito dinheiro se recolherá em uma arca de tres chaves, das quaes elle terá uma, e as outras estarão em poder de duas pessoas, um nobre, e outro do povo, que a junta nomeará.

3.<sup>o</sup> E para muito igualmente se haverem de lançar, e cobrar as decimas nas freguezias desta cidade, em cada uma dellas assistirão as pessoas seguintes: um ecclesiastico, um fidalgo, um cidadão e um do povo, dos que servem, ou já serviram na camara dos Vinte e Quatro; e em um rol que com este se enviará, irão nomeados os ecclesiasticos, propostos pela junta do seu estado, os fidalgos, os letrados e a camara, nomeará os cidadãos e pessoas do povo, procurando quanto for possível, que algum destes intenda bem de contas e livros, e todos elles terão equal voto, e o cidadão servirá de escrivão assim no lançamento como na cobrança, e o do povo servirá de thesoureiro.

4.<sup>o</sup> Haverá mais um fiscal, para que nos lançamentos se não encubram propriedades desta cidade, que os poderá arguir e responder ás duvidas que se moverem sobre elles, ao qual mandarei fazer mercê conforme ao que merecer.

5.<sup>o</sup> A cada uma das comarcas do reino, irá uma pessoa nomeada pela junta, que assistirá com o corregedor, procurador e juiz de fora, um homem dos mais nobres, ricos e de mais satisfação, e um do povo de maior confiança, e todos juntos lançarão as decimas conforme a este regimento, assentando-se em mesa redonda sem precedencias; e em camara se elegerá um escrivão e um thesoureiro que seja dos mais ricos, e abonados da terra, e tambem se elegerá um fiscal para o mesmo effeito acima declarado.

6.º E por quanto estas pessoas que hão de assistir na cabeça da comarca, não pôdem ao mesmo tempo fazer os lançamentos em todos os logares della; o corregedor e provedor se dividirão, e cada um delles irá aos que lhe couberem. E a pessoa que a junta nomear, nomeará pessoas que por ella haja de assistir naquellas villas e logares a que elles não forem, e os ditos ministros nos logares de sua repartição, com o juiz de fóra se ahi o houver, farão eleger em camara, um homem dos mais honrados, abonados e ricos, e um do povo, com os quaes se fará o lançamento na forma que se dispoem neste regimento, e com um escrivão e thesoureiro, na forma acima dita.

7.º Na junta de cada um dos logares, se elegerá o mais abonado homem que houver em cada uma das freguezias de seus termos, para nelles receber os quarteis, e os levar e entregar ao thesoureiro de seu districto, e outro que saiba bem lêr e escrever, que servirá com elle de escrivão para assentar os pagamentos, e passar escriptos delles, como ao diante frá disposto, para que assim os moradores dos termos das cidades e villas, não recebam molestia em ir a ellas fazer os pagamentos do que lhes fór lançado; e ambos saberão bem lêr e escrever.

8.º Nenhuma das pessoas que forem nomeadas para assistir aos lançamentos e cobrança das decimas, se poderá escusar por algum privilegio que allegue, e a junta de cada cidade ou villa, os poderá obrigar sem appellação nem agravo. Porém encomendo muito aos officiaes das camaras, ou ministros que os nomearem, que elejam os mais idoneos, e que sem escandalo nem queixa mais commodamente o possam fazer, e fazendo a eleição em outra forma lho mandarei estranhar.

9.º A junta que assistir na cabeça da comarca, determinará as duvidas que se moverem sobre os lançamentos de toda ella, e cada villa terá de alçada até 5,000 rs., e dahi se appellará para a cabeça da comarca, onde se determinarão todas as duvidas de quaesquer quantias que sejam sem appellação nem agravo, e do mesmo modo as penas que pozer até a quantia de 4,000 rs.; sómente poderão recorrer a mim, por via de queixa e de recurso, o qual sempre me fica salvo como a rei e senhor, para que se não façam agravos a meus vassallos.

10.º As pessoas que assistirem aos lançamentos e cobrança das decimas, não levarão salario algum do procedido dellas, mas eu lho haverei por serviço, e lho mandarei fazer mercê com ef-

feito a todos conforme seu merecimento; porque não era conveniente, que o dinheiro com que o reino contribue para sua defesa se diminuisse com salarios; e os escrivães e thesoureiros ficarão escusos em quanto servirem de todos os officios e encargos publicos, se elles por sua vontade os não quizerem servir; e a junta que hade assistir nesta cidade, terá cuidado de me propôr os que bem servem, para lhe mandar fazer mercê.

11.º Os ministros das juntas dos lançamentos das decimas castigarão as offensas que se fizerem aos officiaes dellas na fórma que se castigam as que se fazem aos officiaes de justiça, e quando sejam feitas por pessoas poderosas darão conta na junta desta cidade, para se proceder contra elles com a demonstração, que convem.

## TITULO SEGUNDO.

*Das pessoas que devem decima, rendas, e meneo, e de que se hão de pagar.*

Todas as pessoas de qualquer qualidade, e condição que sejam, ministros de quaesquer tribunaes, universidades, comunidades, fidalgos nobres, e do povo sem excepção de pessoa ou lugar, pagarão decima em cada um anno de todas as rendas das fazendas que tiverem, assim de raiz, como de juros, tenças. ordenados, mantenças, moradias, e de quaesquer outros rendimentos, novidades, e fructos, ainda que sejam fronteiros, que sirvam á sua custa; por quanto sendo imposta em cortes para a commum defesa do reino não é justo que algum particular fique escuso della, e pedindo-se-me algum privilegio, ou isenção, para se não pagar, o não darei, e dando-o, quero e mando que se uão cumpra, nem guarde, por mais exuberantes clausulas que leve, e ainda que nelle se faça especial derrogação deste capitulo, e havendo pessoas, e lugares, que tenham taes razões que possam por ellas pretender semelhante privilegio, lho mandarei fazer mercê por outra via, sem se dar exemplo, para que outros o peção, e desde logo ei por derogados todos os privilegios, e isenções que se houverem passado antes deste regimento, a quaesquer pessoas, ou comunidades, para senão poder usar mais delles.

2.º E confiando eu do estado ecclesiastico. que assim como se compõe de mui fieis, e leaes vassallos, e é igualmente obrigado á defensão comimun do reino, tambem acudirá com a mesma decima de suas rendas, como voluntariamente os

prelados na junta delle, tem assentado á precisa necessidade, e obrigação presente, sem perjuizo. nem offensa alguma da immuniidade ecclesiastica, a qual não é minha tenção violar, nem offender, mas que por os meios communs, com que o reino acode, concorram elles com o que lhes cabe para sua propria defensão na fórma, que começaram a dar, e de presentes se prometeu; encommendo aos prelados do clero e religiões que cada um em suas dioceses e provincias, façam que por parte dos ecclesiasticos e religiosos se dê tal exemplo na egualdade dos lançamentos e contribuição das decimas dos bens patrimoniaes e da egreja, que se lhes deva a elles todo o bom successo desta repartição, e se evitem a desigualdade e queixa, no que é commum, e que para esse effeito nomeiem pessoas que assistam em cada uma das comarcas e villas com os ministros que hão de lançar as decimas seculares, para que deste modo se lancem e cobrem todas juntamente, na fórma que se ordena neste regimento o qual espero que os prelados por sua via facam inteiramente cumprir, como se nelle contem.

3.º As pessoas que tiverem officios da fazenda, ou justiça, ou quaesquer outros (que não sejam de manufactura) com ordenados pagarão decima delles, e além disso pagarão decima dos proes e percalços que com elles tiverem, os quaes se estimarão, por pessoas que bem o entendão, e pelo modo que mais justamente se poderem arbitrar e se forem taes que não tenham ordenados, e que o rendimento consista só em proes e percalços delles se pagará decima pelo dito modo, o que se entenderá assim nos officios de minha data, como nos que forem dados por donatarios.

4.º E todos os medicos, cirurgiões, advogados, que continuam os auditorios, ou aconselham em casa, e os escrivães, tabelliães, inqueridores, solicitadores, avaliadores, partidores, e quaesquer outras pessoas que com suas sciencias, artes, e officios ganham dinheiro pagarão decima do que se arbitrar, que por elles poderão ganhar em cada um anno.

5.º As pessoas que tiverem negocio, trato, ou maneo, ou sejam naturaes, ou estrangeiros, que neste reino negoceiem em seu nome, ou de outros que a elles os mandassem, pagarão decima, do que se arbitrar que ganham cada anno com o tal negocio, trato, ou maneo do que em seu proprio nome tratam, ou de sua commissão das correspondencias alheias.

6.º E quando os que negoceiam, e tratam

allegarem, e mostrarem, que trazem dinheiro alheio ao ganho para que se lhes tenha respeito, cobrar-se-ha delles a decima que deverem por sua parte, e tambem a que se achar que toca ás pessoas a quem pertence o tal dinheiro, que lh'o levarão em conta com escripto do thesoureiro a quem foi feito pagamento.

7.º Porquanto em muitas partes ha pessoas que alugam liteiras, mulas, carretas, e bois, e trazem barcos que lhe ganham, pagarão decima do que se arbitrar que poderão interessar neste trato, e maneo.

8.º Os lavradores que lavram herdades alheias pagarão decima do trato, e maneo, estimando-se o que lhes fica de ganho depois de paga a renda, fazendo-se abatimento do cabedal com que entram de semente, despeza do serviço, criados, e gados, e o risco na incerteza das novidades para que estimado tudo ao justo no modo que foi possivel se avalie o que lhes fica l'v're de pão, creações, e lã, que se haverá como iganho de maneo.

9.º E o da herdade que costumava andar arrendada, lavrando-a por si, e por sua conta pagara decima do que a dita herdade lhe renda quando andava de arrendamento, e o que lavar umas herdades, e outras alheias de renda, pagará das suas a decima do que lhe rendiam, e das alheias decima do trato, e maneo como se dispoem nos lavradores.

10.º E porque alguns lavradores tem pastores, e maioraes que trazem gado seu apartado, ou junto com o de seus amos, se lhes lançará tambem decima do interesse que com elle tiverem como de trato, e maneo.

11.º As pessoas que não tiverem renda, fazenda, trato, nem maneo, e forem officiaes de qualquer officio sendo mestres nesta cidade não pagarão menos de tres cruzados, e d'ahi para cima conforme se arbitrar podem ganhar em seus officios. E os obreiros pagarão a quatrocentos reis cada um, e pelo reino os mestres dos officios pagarão dois cruzados, e os obreiros tres tostões: porém se os mestres forem tão pobres que pareça na junta que não devem pagar como mestres, se lhes arbitrar o que é justo que paguem; e os trabalhadores, e jornaleiros que não tem officio, mas vivem só de seu trabalho não pagarão menos de duzentos reis, nem mais de um cruzado, a respeito do mais, ou menos que ganham em cada terra.

(Continua.)

## PRODUÇÃO DO ALGODÃO.

(Concluido de pag. 317.)

## Brasil e Antilhas.

O Brasil está grandemente privado de vias de communicação, pois não tem estradas e navegação fluvial que possam dar aos productos do interior facil sahida para os portos do littoral. Assim, em quanto por longo tempo esta situação se prolongar, não se deve contar com augmento algum nas importações que já mencionamos. Eis tudo o que podemos aventurar sobre o futuro da produção brasileira.

Quanto ás Antilhas, publicaremos em primeiro lugar o seguinte extracto do *Economista*:

« As ilhas menos adaptadas para o cultivo da canna de assucar, e particularmente a de S. Vicente, são ao mesmo tempo as mais proprias á produção do algodão, que vinga bem em terrenos secos e fôfos, quando são visinhos do mar. Depois que se supprimiu aquelle fomento illusorio, concedido por tão longo tempo, e por mal entendida politica, á cultura da canna de assucar, esta planta deixou de existir em todas as localidades que não lhe eram realmente favoraveis, e seria mui conveniente substitui-la por plantações de algodão. »

Não podemos aqui declarar até onde se elevariam os gastos da cultura; porém, se se attender que de ordinario a despeza mais consideravel, a do embarque dos algodões, é mui facil nas Antilhas, não atinamos como estas colonias não os poderiam cultivar com tanta vantagem como os Estados-Unidos, especialmente se se tratasse de obter o trabalho assiduo dos negros na estação do descaroçamento.

O algodão das Antilhas é presentemente preferido ao dos Estados-Unidos, e vende-se mais caro, porque a sua severa é mais comprida. Temos a convicção que se nossos colonos empregassem esforços energicos nesta industria poderiam com muita brevidade fornecer-nos annualmente 100,000 saccas, e por esta fórma utilizar terrenos que por falta deste emprego tem de ficar incultos!!

Os meios de desenvolver a produção do algodão nas Antilhas tem sido, desde algum tempo, o objecto de numerosas indagações. Um empregado do governo na Jamaica, M. M'Heady, empreendeu uma viagem aos Estados-Unidos para informar-se dos melhores processos, e para colligir amostras das mais bellas qualidades. De volta para o seu emprego distribuiu sementes, publicou instruções, e chegou depois de longos esforços a conseguir a fundação de algumas plantações.

Nos Estados-Unidos a planta do algodoeiro é destruida, cada inverno, pelas geadas, ao passo que na Jamaica dura alguns annos sem ser renovada a plantação; e se as ultimas mudanças introduzidas na fixação dos direitos de importação em Inglaterra tem concorrido, na Luiziana, e em um ou mais dois Estados Americanos, para a transformação das plan-

tações de algodão em cannas de assucar, a mesma causa pôde produzir effeito inverso nas colonias inglezas, e mudar os engenhos de assucar em feitorias de algodão.

Foi com estas vistas que uma associação se formou em Kingston, capital da Jamaica, no ultimo verão, a qual, reunindo capitaes sufficientes, arrendou por muitos annos boas terras dependentes de antigos engenhos hoje abandonados, e conta com lucros satisfactorios. Anteriormente outras experiencias tinham produzido bons resultados na mesma ilha, cujo sólo e clima apresentam condições as mais favoraveis. O jornal do trabalhador paga-se por preços mui baixos de 5 a 12 pence, conforme as circumstancias. Mas pôde-se esperar dos negros livres, que é forçoso empregar, a constante assiduidade do trabalho que exige o cultivo do algodoeiro? Eis o que é ainda problematico.

O governador da Barbada officiaa ao governo nos seguintes termos, em março de 1850:

« A produção do algodão, que está hoje reduzida ás terras mais fracas, tinha em outras épocas maior desenvolvimento quando as safras do assucar faltavam ou se vendiam mal: ella pôde d'ora ávante, nas novas circumstancias, tornar-se um recurso fecundo; porquanto, independente dos beneficios da exportação do genero, dá trabalho a uma classe numerosa de pessoas cujas forças não bastam aos fadigosos cuidados que demandam os engenhos de assucar. É por isto que eu espero que tal cultura seja bem acolhida nesta colonia. »

Finalmente, eis o que escrevia em abril de 1850 o governador de Santa Luzia:

« As ultimas medidas do tribunal do commercio de Manchester, a energia dos esforços que parece desenvolver-se na Jamaica, e sobre tudo o bom exito das experiencias feitas na Dominica mui recentemente, não deixaram de attrahir a attenção dos nossos lavradores. Alguns delles me tem manifestado a intenção de ensaiar a cultura do algodão, contendo-se no começo dentro de certos limites. Além de que eu sei que boas qualidades desta planta foram em outras épocas cultivadas com vantagem nos terrenos os mais seccoos da ilha. »

Terminaremos aqui esta serie de esclarecimentos, assignalando uma obra notavel; é a memoria que M. Porter dirigiu em 1850 á associação Britannica, quando ella se reuniu em Edimburgo. O auctor prevendo a insufficiencia proxima das importações de algodão, extrahido dos Estados-Unidos e de outros paizes estrangeiros, propõe-se a examinar se não seria possivel introduzir o linho nos tecidos, afim de supprir o deficit inevitavel do algodão.

« Antigamente, diz elle, nós eramos forçados a dirigir-nos ao estrangeiro quando tinhamos necessidade do linho; não podiamos produzi-lo no nosso proprio solo, porque a lei, que prohibia a entrada dos cereaes estrangeiros, obrigava a nossa agricultura a despendar todos os seus esforços na unica produção dos generos alimenticios; Esta obstaculo,

desappareceu: nada d'ora ávante impede os nossos rendeiros de dedicar-se a uma cultura que lhes offerece raseaveis lucros. Seria muito para desejar que a fertilidade do nosso solo fosse aproveitada para fornecer-nos abundantemente de uma planta tão necessária á manutenção do povo como o proprio trigo.

« O linho cresce facilmente em todas as partes das ilhas Britannicas, e os cuidados que demanda a sua cultura apresentam ás nossas populações a preciosa vantagem de um trabalho manual consideravel. Presentemente os tecidos do algodão misturados com linho são de um uso que pôde ainda augmentar, e não seria impossivel dispor osapparelhos das nossas manufacturas de maneira a tirar ou a tecer ao mesmo tempo as duas substancias em proporções que variariam segundo os recursos do aprovisionamento e os pedidos do consumo. »

(*British Almanack.*) — (*Revue Britannique.*)

#### UTILIDADE DE CERTOS PASSAROS.

As avesinhas receberam da Providencia a missão de obstem aos estragos da lagarta; e muita gente ou ignora ou esquece este facto. Em alguns conceilhos das provincias da França antigamente denominadas Borgonha e Comté, em vez de caçarem os chapins, chamariças e totenegras, attrahem-nas aos pomares preparando-lhe ninhos com rapadas de salgueiros, que em breve tem moradores, alojando em muitas occasiões 20 a 24 passarinhos cada uma. Como ali estão ao abrigo dos animaes malfazejos medram e criam em grande numero, alimentando-se de insectos damnhos e principalmente de milheiros de lagartas e vermes destruidores do arvoredo. Eis uma grandissima vantagem para os pomares, attendendo a que essas aves de arribação voltam no anno seguinte, por seu natural instincto, a visitar a sua patria na primavera e limpar das ovas ou milha da lagarta as arvores que foram seu berço.

#### SERÁ CONVENIENTE QUE A PROPRIEDADE INDIVIDUAL SEJA SUBSTITUIDA PELA PROPRIEDADE COLLECTIVA?

Com prazer juntamos á lista dos nossos collaboradores do Brazil mais um nome que illustrará o nosso jornal.

Para que possamos chegar á solução completa da questão que o programma indica, é preciso que nos remontemos um pouco ao desenvolvimento de certas idéas que lhe são inherentes; é preciso que indagemos em sua verdadeira fonte o objecto principal, de que esta questão se deriva, ou a que se refere.

Na para o homem neste mundo verdades tão evi-

dentes e poderosas por seus effectos, e por sua mesma origem, que elle não poderá jámais contrariar-as e desconhecê-las, ainda quando o scepticismo lhe tenha obstruido as faculdades intellectuaes, e fechado a porta ao sentimento da crença mais rasoavel. Essas verdades, consignadas em princípios que a razão por si revela ao homem, apparecem nas sciencias com o mesmo caracter de infallibilidade, que dantes tinham, quando consideradas pelo lado simplesmente natural; e não ha quem duvide da sua influencia; e do predomínio que ellas exercem sobre o espirito, não só do homem, como da sociedade.

Um desses principios eminentemente verdadeiro é o direito de propriedade, e é com esse direito elevado, com esse principio, que a philosophia tanto proclama, que está de todo ligada a questão de que nos vamos occupar. Razoando applicação especial da propriedade para o terreno da economia politica, somos forçados a reconhecer que ella se desenvolve ali com tanta força e legitimidade, que não erraremos em dizer que é ella o fundamento principal da riqueza, ou antes a causa primaria que preside ao phenomeno da produção. O homem collocado neste mundo vê-se por um lado a braços com elementos que tendem a combatê-lo, e por outro lado se acha rodeado de innumeraveis objectos, que por si podem concorrer efficazmente para a consecução de fim que elle propõe. Reconhecendo que tantos meios existentes no vasto espaço da natureza são sufficientes para desenvolver-lhe as forças em relação ao fim a que se elle dirige, emprega esses meios, exerce sobre elles a sua actividade, faz-os servir para os seus usos e para a satisfação de suas necessidades, e assim estabelece rigorosamente um dominio real sobre todos esses meios e objectos diversos que a natureza-lhe offerece. Como se poderá dizer, em boa razão, que a existencia dos meios dispostos pelo proprio Criador para satisfazer o fim do homem neste mundo não traz consigo a idéa de um direito inherente ao homem para se apropriar desses mesmos elementos que lhe são prodigalizados? D'aqui necessariamente deriva o direito de propriedade, que com muitos outros raciocinios e argumentos deduzidos da razão e da natureza poderíamos demonstrar, mas que supponhamos incontestado no meio de todas as oscillações das escholas e dos systemas. Essa propriedade não só se faz extensiva ao homem, em relação á terra que elle habita e cultiva, como em relação ao producto que o seu trabalho desenvolve e completa. A terra em que o homem apparece collocado lhe fornece por toda a parte, e no seu seio mesmo, elementos hem por demais para preencher o fim que Deus-lhe destinou, e para satisfazer grande parte das suas necessidades mais urgentes e vitais: ali reside um germen de força, que, sendo desenvolvido pelo homem, vem a produzir grandissimos fructos. Poder-se-ia dizer com justiça que a terra não pertence ao homem, não é sua propriedade? No momento em que elle, usando do poder da sua intelligencia, e empregando as forças que a natureza-lhe concede, produz novos objectos, cria novos elementos por meio do seu trabalho, transmuta os já existentes, dando-lhes uma existencia nova, e mais util, augmenta o numero dos recursos, e apresenta uma galeria de productos devidas á sua actividade suscitada pelas necessidades, é que

a propriedade chega a adquirir uma forma mais elevada; é então que um novo mundo se lhe abre, e elle já se considera como senhor legítimo dos bens que lhe foram dados por Deus.

Com effeito não ha nada mais justo, mais conforme á razão do que ter o homem propriedade sobre aquillo que foi produzido pelo seu trabalho: não ha nada mais legítimo do que o direito de propriedade, que vem dar ao homem o pleno e effectivo gozo dos productos da sua industria, da terra que elle cultiva, dos diversos elementos que engrandece, e do resultado de sua actividade applicada ao mundo, no meio do qual vive. Ou consideremos a propriedade territorial como a primeira que se estabeleceu rigorosamente no mundo, e a propriedade em relação ao mais como um principio subsequente e posterior: ou deixemos de fazer esta distincção, e estudemos o direito de propriedade debaixo do seu aspecto complexo e syncretico, o certo é que não poderemos de maneira alguma estabelecer um pensar contrario á legitimidade d'aquelle principio tão fecundo, que por si produz a riqueza, unida aos diversos elementos, de que o homem póde dispor, como diz o grande João Baptista Say.

Determinado o principio da propriedade, em relação ao homem, que produz, que augmenta, por meio do seu trabalho os elementos necessarios ao desenvolvimento de sua vida e de suas necessidades, determinado assim o principio, que, sob a relação economica, é inseparavel da existencia humana, e do seu fim invariavel; vejamos se elle tende a manifestar-se com legitimidade sob a forma individual, ou sob a forma collectiva: isto é, vejamos se a propriedade é individual, ou é collectiva, naturalmente fallando, e á vista do resultado dos nossos raciocinios poderemos chegar á solução do presente problema.

Como já vimos, a propriedade é um direito imprescriptivel, absoluto, proclamado pela natureza desde o principio dos seculos: — o meu e o teu sempre foi reconhecido e respeitado, porque o resultado do trabalho do homem, a sua industria, o solo que elle cultiva, as invenções a que se abalança, os melhoramentos que consegue na esphera das artes e das sciencias, tudo lhe pertence. É por esta razão que os mais habéis economistas desde Smith até hoje, ainda não desconhecera a propriedade como direito natural ao homem, é por esta razão que se tem dito sempre que o governo, em todos os paizes, e debaixo de todas as relações, tem necessidade absoluta de assegurar o gozo da propriedade a todos os seus subditos, o livre exercicio das suas faculdades, a pratica dos meios de que elles podem dispor para cumprir o seu destino. Se assim é; parece-nos que poderemos chegar a esta clausula eminentemente justa e razoavel: — *a propriedade é individual: cada individuo da especie humana de por si tem direito ao facto do seu trabalho, ao resultado do emprego de sua intelligencia e actividade nos diversos ramos da natureza.*

Quem examinar bem o homem, considerado debaixo do aspecto individual, reconhecerá que nelle se manifestam as mesmas faculdades, os mesmos directos, as mesmas necessidades e tendencias que se desenvolvem no homem considerado em abstracto, e do lado puramente scientifico. Á vista desta prin-

cipio que se deduz immediatamente da razão, quem não poderá reconhecer que cada individuo da especie humana, *cada homem* tem direito exclusivo e imprescriptivel ao gozo de sua propriedade? Quem não vê que, para estabelecer-se na sociedade a divisão de trabalho, e para que o incentivo das grandes operações da intelligencia humana appareça, é necessario que se confira a essa mesma intelligencia o pleno exercicio de suas faculdades, e se assegure o resultado dessas mesmas faculdades applicadas? Cada homem tem direito ao tracto de terra que cultivou, á industria que produziu, á producção que desenvolveu, ao trabalho que organisou; e se em principio o mesmo solo a ninguém pertence, vem a ser a propriedade do homem pelo trabalho que elle ali manifestou, pela criação de novos phenomenos que ali mesmo póde promover. A simples razão por si só ensina que, se o homem trabalha e se applica, pertence-lhe o resultado dessa applicação e trabalho: a forma individual para o trabalho é, pois, uma realidade que não póde ser contestada por ninguém. Garantindo-se a propriedade individual, apparece necessariamente o incentivo para o trabalho — não ha quem não queira sugar-se ás fadigas e ao cansaço da lavoura, da industria etc., sabendo que os fructos desse cansaço e d'essas fadigas seram seus unicamente. — Demais, para que se dê trabalho, para que os capitães empregados pelo homem obtenham uma satisfação correspondente, e sejam susceptiveis de grandes desenvolvimentos, é necessario que exista a propriedade, que se realisa o direito de pertencerem ao homem exclusivamente os fructos da sua applicação, quer physica, quer intellectual. A propriedade, conferida á cada um homem de por si, considerada individualmente ainda se manifesta com o caracter de necessidade e conveniencia, se attendermos á communhão social, á sociedade, na qual elle vive. Além de ser um direito que compete a todos os homens, e a cada um em particular, é um elemento que promove a industria, o emprego das forças de todos os membros da mesma sociedade; porque, desejando cada um ganhar com o resultado do seu trabalho, por vêr que esse resultado deve pertencer-lhe, não deixará de trabalhar. A propriedade individual estende e alarga, portanto, a esphera da actividade humana, dá mais incremento á força que tende a desenvolver-se por meio do trabalho, e no reino da agricultura, da industria e do commercio, promove cada vez mais o exercicio das faculdades humanas, augmentando-lhes os recursos.

Mas succederá isto com a propriedade, se a considerarmos debaixo do aspecto collectivo? Poder-se-ha suppor existencia real da propriedade, vantagens á ella inherentes, dando-se o facto da propriedade collectiva? É o que nos parece bem difficil de provar, quando não seja até impossivel. Essa idéa de propriedade collectiva, que veio a gerar mais tarde a idéa do communismo social, e que tem encontrado no seculo presente outros tantos apostolos freneticos nos espiritos eminentemente livres e amantes de que é raro, foi sempre um sonho de imaginações romanticas, uma fantasia engendrada no cerebro de certos homens, que não olham para a natureza, e só querem o mundo ideal. De feito, com que titulo se poderá conhecer a idéa da propriedade collectiva? Com

o título de destruir-se a mesma propriedade, porque não sabemos como se possa qualificar de propriedade aquelle que não pertence á ninguém, e é certo que, sendo a terra commun, como se quer, e sendo communs os productos do trabalho humano, a ninguém vem a pertencer, e destrõe-se por si a propriedade. Que quer dizer trabalhar o homem, esforçar-se em applicar as suas faculdades physicas e intellectuaes ao desenvolvimento da industria, afadigar-se por augmentar o numero dos meios de satisfação ás suas necessidades, se ao fim de tudo não vem a gozar de nada inteiramente? — É um systema bem falso, e, por certo, bem absurdo, o que attribue a propriedade á todos, e quer exigir o trabalho de cada um! Como se poderá promover a industria? Como se poderá excitar o trabalho humano? Como se poderão esperar fructos e resultados, quando se não assignala um estímulo, um incentivo poderoso? Bem longe de existir a actividade, como consequência dessa idéa da propriedade collectiva, bem longe de apparecer o augmento nas forças productivas, apparece a ociosidade, a indolencia, o desapego á vida laboriosa, a destruição de todos os elementos de acção para a vida humana.

Todas estas considerações provam que a propriedade collectiva não existe; e quando mesmo existisse, — o que não concedemos, — nenhuma vantagem, nenhum proveito poderia trazer consigo, nem para o homem, nem para a sociedade: — todas estas considerações provam que a propriedade individual nunca poderá ser substituída pela propriedade collectiva. Essa communhão de bens nunca passou de um romance politico, segundo a bella expressão de M. Say, porque outra coisa não valem a idade de ouro dos poetas, a theoria de Morus, a pintura fantastica da Betica por Fenelon, os systemas de Fourier, de Saint-Simon, e Owen, cuja inutilidade e impracticabilidade tão claramente demonstrou o erudito Reybaud. São essas idéas tão exageradas e imaginarias que apparecendo em diversos seculos, entre os primeiros povos da terra, nunca fizeram um circulo completo, nunca foram acceitas, mas sim reconhecidas por inexecutáveis, como bem affirma o tão celebre auctor da *Democracia em França*. Ellas não são, na phrase deste profundo politico, mais do que uma *phase da humanidade, que apparece na sua historia em todas as épocas, em que por effeito da ebulção universal, cada coisa é arrojada á superficie e admittida e se mostrar.*

Olinda, 28 de novembro de 1851.

A. R. DE TORRES BANDEIRA.

## CATALOGO DA EXPOSIÇÃO DA ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES.

### Aula de pintura historica.

(Continuado de pag. 315.)

DOS ACADEMICOS DE MÉRITO.

Do illm.<sup>o</sup> sr. Luis Pereira de Menezes.

12 — Quadro — de costumes mouriscos.

Do sr. Maximo Paulino dos Reis.

13 — Dito — de « Ecce Homo. »

Do sr. Gregorio Luis Maria Ratto.

14 — Cópia do quadro — de S. Jeronymo, attribuido a Miguel Angelo.

15 — Quadro — de Nossa Senhora e o Menino Jesus.

16 — Cópias dos retratos dos distinctos professores de pintura os srs. Francisco Vieira Lusitano, André Gonçalves, Joaquim Manuel da Rocha, Cyrillo Wolkmacher Machado, Domingos Antonio de Sequeira, Francisco Vieira Portuense, André Monteiro da Cruz, José Francisco Ferreira de Freitas.

DOS ARTISTAS AGREGADOS Á DITA AULA.

Do sr. José Maria Franco.

17 — Cópia do quadro — de S. Bruno, original de Sequeira.

Do sr. Antonio da Costa e Oliveira.

18 — Dito do quadro — de S. Paulo e Santo Antonio, original de Sequeira.

Do sr. Francisco de Freitas Rego.

19 — Dito do quadro — da Epiphania, original de Grão-Vasco.

DISCIPULOS DA ACADEMIA.

Do sr. Joaquim Pedro de Sousa, eleito substituto da Academia.

20 — Retrato de uma senhora, feito a pastel.

21 — Dito — de homem, feito a agoarella.

Do sr. José Rodrigues.

22 — Retrato do exm.<sup>o</sup> sr. Duque de Saldanha.

23 — Dito — do exm.<sup>o</sup> sr. Visconde do Pinheiro.

24 — Dito — da illm.<sup>a</sup> sr.<sup>a</sup> D.<sup>a</sup> Maria José Caneiro Stampa.

25 — Dito — dos srs. José Bernardo da Silva, Mr. John Scott Howart, Flaminio José Lopes Ferreira dos Anjos.

26 — Um mendigo, quadro original.

Do sr. Antonio José Patrio.

27 — Quadro original representando — Alexandre rei de Macedonia, offerecendo a Diogenes, o Cynico, suas riquezas e protecção; o philosopho responde somente que se affaste, para lhe não roubar a sol. — Historia Grega. — Vende-se.

Do sr. Antonio Victor Figueiredo de Bastos.

28 — Amor e Psyche, em 1842, quadro original.

Do sr. Manuel Maria Bordallo Pinheiro.

29 — Um quadro a oleo — cópia da composição

original de Mr. Delacroix (Eugène), existente no museu do Luxembourg, que representa — Dante e Virgílio conduzidos por Plégias, atravessando o lago que circunda a cidade infernal de Dite.

30 — Um quadro — idem — cópia de Mr. Ingres (Jean Augustin), existente no museu do Luxembourg, que representa — Rogero libertando Angelica. Assumpto extrahido do poema de Ariosto « Orlando furioso. »

31 — Dois retratos a oleo.

32 — Esboceto representando — uma varina e um pescador.

*Do sr. Zeferino Augusto Teixeira.*

33 — Dois retratos.

*Do sr. Lucas de Almeida Marrão.*

34 — Cópia do quadro — de Jupiter e Leda, cujo original é de Vieira Portuense, e pertence á exm.<sup>a</sup> sr.<sup>a</sup> condessa de Anadia.

35 — Dito — de Nossa Senhora com o Menino, original do mesmo author.

36 — Dito — de Santa Maria Magdalena, idem.

37 — Dito — de S. Jeronymo, idem.

38 — Dito — que representa — uma salaia.

39 — Um quadro tripartito, representando a parte do meio — o Descendimento de Cruz; a da direita, a Visitação; e a da esquerda, a Apresentação, gravado e estampado a cores sob o original de Rubens. — Vende-se.

40 — Um esboceto — da Sacra Familia — de D. A. de Sequeira.

#### **Aula de pintura de paisagem, e de productos naturaes.**

DO PROFESSOR PROPRIETARIO, o sr. José Francisco Ferreira de Freitas.

1 — Quadro a oleo — de flores e fructos.

2 — Dito, tambem a oleo — de fructos, com algumas animaes volateis.

DO PROFESSOR PROPRIETARIO DA AULA DE PINTURA HISTORICA, o sr. Antonio Manuel da Fonseca.

3 — Quadro — de productos naturaes, e insectos.

DO ELEITO PROFESSOR SUBSTITUTO DA AULA DE PAIZAGEM, o sr. Thomaz José de Annuniação.

4 — Quadro de paisagem a oleo, representando — o sitio de Amora, ao sul do Tejo.

5 — Bosquejo de uma paisagem, feito em tres horas, cujo objecto principal é um bello arvoredor.

6 — Quadro — de flores copiadas do natural.

7 — Dito — de ornamentos. — Estes foram os trabalhos que o dito sr. Annuniação apresentou, em conformidade do programma, e pelos quaes foi approvedo, e proposto para o lugar de professor substituto da sobredita aula.

DA ACADEMIA DE MERITO, a illm.<sup>a</sup> sr.<sup>a</sup> D. Balbina Emilia Rafael.

8 — Dois quadros — de flores.

DOS DISCIPULOS.

*Do sr. João Cancio de Sousa.*

9 — Quatro cópias — de paisagens.

10 — Uma dita — de flores.

11 — Outra dita de ditas, copiadas do natural.

12 — Dois quadros — de fructos, copiados do natural.

13 — Duas cópias de batalhas.

*Do sr. Cypriano Antonio Pereira.*

14 — Cópia de um quadro — de flores.

15 — Duas cópias de quadros de Lucateli.

*Do sr. João Christino da Silva.*

16 — Quadro a oleo, copiado do natural, representando — uma vista do Rio Tejo, junto a Santarem.

*Do sr. Zeferino Augusto Teixeira.*

17 — Quadro original, representando — productos marinhos. — Vende-se.

18 — Oito quadros — de flores e fructos. — Escola flamenga: pertencem ao sr. Joaquim Rafael, professor proprietário da aula de desenho historico.

19 — Dois quadros — um representando — a cathedra de Macão, e diferentes costumes do paiz. — Outro — a Gruta de Camões, no estado em que actualmente se acha. — Estes quadros foram pintados em Macão pelo sr. Marciano Baptista, e apresentados pelo sr. Carlos José Caldeira.

20 — Quatro quadros — de marinhas; originaes de S. Walters, apresentados por mr. Geórgé A. Hancock.

#### **Aula de escultura.**

DO PROFESSOR PROPRIETARIO, E DIRECTOR GERAL DA ACADEMIA, o sr. Francisco de Assis Rodrigues.

1 — Modelo representando — o Silencio; pelo qual se deveria executar a estatua, em marmore de Carrara, do tamanho natural, com o destino de ser collocada em um nicho, sobre o patim da escada principal do vestibulo do palacio da exm.<sup>a</sup> baroneza da Regaleira; o que não teve effeito.

2 — Baixo-relevo — da Sagrada Familia — modelado á vista de um pequeno contorno tirado do baixo-relevo original de Miguel Angelo.

3 — Modelo das estatuas de Flora e Zefyro, para serem executadas em pedra lioz, de grandezza natural, a fim de serem collocadas sobre os pilares da porta principal do Passeio Publico.

4 — Quatro bustos moldados em gesso dos retratos — do exm.<sup>a</sup> sr. vice-inspector da academia das bellas-artes — do illm.<sup>a</sup> dr. Antonio Feliciano de Castilho, — do rev. padre M. A. Biancardi, — do



professor de gravura de paisagem de academia, mr. Benjamin Comte.

5 — Modelos de toda a obra de escultura, que decora a fachada do theatro de D. Maria II, a saber: no tympano do frontão — Apollo e as Musas, em alto-relevo, — nos angulos, as estatuas — de Gil Vicente, da Comedia, e da Tragedia, — no attico, as quatro partes do dia, em meio-relevo. — Esta obra foi executada em pedra lioz, sob a direcção do mesmo professor, pelos artistas os srs. Pedro de Alcantara da Cunha de Eça — Joaquim Pedro de Aragão — Antonio Onofre Schiappa Pietra — João Gualberto Rodrigues — João Henrique Cezarino — José Maria Caggiani — Manoel José Rodrigues Latta. — Veja-se o pequeno Laboratorio de Escultura.

(Continúa:)

## PARTE LITTERARIA.

### O FIM DO SEMESTRE.

Estudos biographicos e necrologicos.

por um PHILOSOPHO.

#### IV

A scena muda, os actores são outros, mas o espectador ainda é o mesmo. Estamos n'uma rua tortuosa e sombria, n'um dos bairros mais afastados da capital. O predio que vamos visitar não desdiz da rua, nem do inquilino que nelle mora; meias folhas de papel, já remendadas, suppreem impropriamente os vidros que as janellas não tem ha seis mêzes; e as paredes escuras e musgosas denunciam a velhice do predio e a incuria do senhorio.

Subimos ao segundo andar. As primeiras argoladas que batemos, fomos correspondidos da parte de dentro pelo ladrar de um cão, que por mais de um quarto de hora nos acompanhou em duetto, arremecendo-se á porta, e dando-nos esperanças de outro tanto nos fazer as pernas, se algum officioso mediano se não apresentasse a salvar-nos.

Por fim ouviu-se uma voz rouquenha, que entrando a compasso com a do cão, a que se assimelhava, dizia para o acomodar:

— Cala-te, Generoso; não ladres mais, Generoso.

O cão calou-se immediatamente a esta simples advertencia, e foi substituido pelo ranger de dois enormes ferrolhos, e pelo traquinar de algumas chaves que pareciam fechar gavetas, operação que durou ainda alguns minutos, de-

pois do cão ter tido a bondade de nos dar trogoas aos ouvidos, cessando de ladrar, e de arremeter a porta.

— Quem está ali?

« Um seu creado. »

— Quem procura?

Confesso que me vi embaraçado para responder; o caso porque me faziam a pergunta não se prestava logicamente á resposta; perguntavam-me quem procurava, e eu respondendo — casas — não satisfazia á grammatica, e quasi que injuriava por tabella o meu interlocutor. Estas reflexões, mentaes, demoraram-me a ponto de fazer com que o cão tornasse a ter o appetito de recommençar a ladrar, e que o dono impaciado, e não avaliando bem as minhas difficuldades grammaticas, tornasse a perguntar como um tom de vos mais desabrido:

— Então quem procura o senhor?

« Desejo ver a casa. »

— Tem pouco que ver...

« Assim mesmo; se me fizesse favor... »

— Olhe; tem uma saleta em mau estado; duas alcôvas, ainda em peor; e uma cozinha arruinadissima.

« Mais nada? »

— E mais um solão deploravel; chore-lhe como na rua, e é ventoso que ninguem lá páde parar.

Tão lugubre descripção despertou-nos ainda mais a curiosidade. Este dialogo passado á porta fechada, a teima de nos não deixarem entrar, tudo nos nviou o desejo de usar da prerogativa que tem qualquer que vê escriptos n'uma janella, e que por divertimento, ou por necessidade, devassa o interior de uma casa, e fica conhecendo os intimos segredos de uma familia.

Á teima de nos deixar na escada, opposemos a teima de entrar por força na casa; e depois de mais algumas explicações de parte a parte, a porta abriu-se, e fomos recebidos por uma especie de numia, que no afilado do nariz tinha o quer que era da ave de rapina, e denunciava ao matreiro carregado do sobrolho as tendencias para a extorsão vil, a que calcula aos reaes os haveres alheios, e difficulta o embolso do que empresta, pelo prazer de uma penhora, ou quando menos pela satisfação intima de ver humilhada a pessoa a quem empresta. Tentamos o retreat.

Ámbrosio Lanhoso é o nome do nosso homem. Sem apelido de familia, tomára o da terra em que nascera, e sem aptidão para um modo de vida honesto, tentára desde criança todas as

que o podiam enriquecer, não metendo em linha de conta nem a gloria, nem a honestidade. Desembaraçado destas duas impertinentes compenheiras, Ambrosio Lanhoso, caminhou rapido ao seu fim, e de emprestimo em emprestimo. de juro em juro, chegou a ser rico; mas não conseguiu nunca alcançar a vergonha que perdêra em pequeno, nem aparentar com modos um pouco cortezes a especulação arida e a usura torpe. Methodico como uma taboada, e indecifavel como dois logarithmos, o sr. Ambrosio era e não era ao mesmo tempo um homem de uma suprema velhacaria, e de uma intelligencia dois furos abaixo do vulgar. A musa da usura inspirava-lhe os negocios, que elle com difficuldade poderia resolver pelo raciocinio, e ainda menos calcular por dados certos, porque a honestidade era palavra que elle nunca tinha visto, nem no dictionario. Depois de uma vida que daria que escrever a mais de um chronista, o sr. Ambrosio Lanhoso, Archimedes da rapina, achou o desideratum de todos os seus esforços, e atirou-se de braços abertos no villão eaminho que por mais de uma vez encetára. Não lhe tendo nunca ninguém louvado a generosidade, conheceu uma vez o desejo de a pôr em acção, e decretando de vespera a propria apothecose, resolveu-se a perfilhar um cão vadio, pondo-lhe o nome de *Generoso*, e comprazendo-se em repetir a palavra, que, a não ser elle, mais ninguém lhe proferiria em casa. Até do calculo tinha nascido a amizade que elle dizia ter ao pobre animal, e que era desmentida pelo mingoado do sustento que lhe dava, e pelos tratos que lhe fazia soffrer quando algum *freguez* lhe morria sem ter até ao ultimo vintem satisfeito os juros do capital emprestado. Apesar disso, o cão era para o sr. Ambrosio uma necessidade e um orgulho; não o chamava nunca que não dissesse:

— Andá cá, Generoso, sou eu...

E não completando calculadamente a frase, revia-se na possibilidade de lhe pertencer o epitheto que dava o cão, epitheto que o sr. Ambrosio modestamente deixava em suspenso, ou como elle dizia em aberto, para mentalmente o encher, referindo-o a si. Já vêem que era dominado por mais de um peccado mortal, e que se a avareza era a feição saliente do seu caracter, nem por isso era estranho á inveja, chegando até a invejar para si a applicação de um pobre e inoffensivo adjectivo. Vaidades!

O cão era o unico companheiro do sr. Ambrosio. Diziam que elle ainda tinha parentes pro-

ximos, mas se os tinha eram pobres como Job, ou pelo menos não pediam dinheiro a juros, razão porque não eram incommodados com as visitas do sr. Ambrosio Lanhoso. O nosso heroe já projectara casar-se, o que não conseguira, menos talvez pelos dotes moraes, do que pela sua deformidade physica. Com effeito, em fealdade pouca gente levava a palma ao sr. Ambrosio.

Magro como um arenque, o corpo bailava-lhe em cima das pernas, que se vergavam em dois semi-circulos, e que, servindo de arcos de triumpho ao ridiculo, se iam depois espetar em dois pés monstros, antes mesmo das botas os terem tornado incommensuraveis. Visinho d'uma apoplexia, o rosto tinha-o bordado de listões vermelhos, que se lhe crusavam em parallelas da testa á barba, deixando-lhe por intervallos apparecer uma ou outra veia de um azul duvidoso, o que lhe dava á physionomia a apparencia de uma loja de drogista, affogando-lhe o nariz em ondas de diversas côres, e deixando-lhe divorciadas do resto da cara as orelhas, que seriam o desespero de Midas, se o sr. Ambrosio se lembrasse de o chamar a concurso.

Economico em tudo, o sr. Ambrosio prescindia do pescoço como inutil, conservando para seu uso particular os hombros, por cima dos quaes rolava uma cabeça que não enganava ninguém. Pequena como um bogalho, e hirsuta como a de Esaú, quem lhe procurasse as bossas esperdiçava o tempo, e os proprios Lavater ou Gall que se mettessem na empreza achariam a condemnação dos seus systemas n'uma cabeça inexploravel, e aonde, para se lhe encontrar o casco, teria a sciencia de atravessar mais camadas de cabello, do que o systema tem de seculos de duração.

O sr. Ambrosio tinha apenas consciencia n'uma coisa. Conhecendo o pouco desvello que lhe devia merecer o physico, raras vezes, se lavava, e essas mesmas quando procurava os juizes que deviam sentenciar as victimas da sua usura, e a quem elle diligenciava apparecer com uma cara risonha e composta, inculcando-se modestamente por um homem de boa fé, enganado pelo coração, e protestando nunca mais emprestar um real nem a seu pai, se fosse vivo. Deste ultimo juramento ninguém duvidava, e por isso elle cuidadosamente o guardava como prova final, seguindo os preceitos da boa rethorica, e da propria conveniencia. Para remate deste monumento mythologico, dêra-lhe Deus uma ligeira saliencia nas costas, que elle procurava disfarçar mandando sempre altear as golas das

sobrecasacas, o que não impedia que a visinhança, quando elle saía á rua, o não mimoseasse com alcunhas mais ou menos significativas, como por exemplo estas: — Lá sae o golphinho! — O caracol vem hoje na casca! — Olhe não tropece que quebra a estufa! e outras amabilidades deste genero, que o sr. Ambrosio sentia por ser um capital morto, de que ninguem lhe pagava juros.

Apesar de tudo passára pela cabeça do sr. Ambrosio o casar-se, e dizia despejadamente a quem o queria ouvir, que havia gente mais fã que se tinha casado, e vingava-se então mudando de espelhos, que protestavam sempre por unanimidade contra o impopular Narciso que os consultava, fallando-lhe a verdade inteira, isto é, deixando-lhe ver á vontade os alamares e arabescos que lhe enfeitavam a cara.

Conhecendo o leitor, como já conhece, o moral e o physico do sr. Ambrosio Lanhoso, podemos entrar-lhe em casa de companhia, e ninguem se admirará da mobilia, nem do aceio do covil em que elle habitava. Na supposta saleta estava o melhor que havia em casa; e assim mesmo, a não serem dois ou tres objectos que bem se via que haviam alli ficado de penhor, tudo o mais era ignobil como o character do dono, feio e mesquinho como o retrato que delle acabamos de fazer. Duas garrafas pretas de vidro, com vellas de cebo espetadas nos gargalos, esperavam em descanso pelas quatro horas da tarde, hora a que já se não via no predio, por que os substitutos dos vidros tiravam a pouca luz que uma nesga de sol, passando por cima dos telhados da casa fronteira, costumava trazer de visita ao sr. Ambrosio, e que elle aproveitava com a soffreguidão de um verdadeiro usurario. Meia duzia de cadeiras de pinho, de que difficilmente se poderiam compor duas em estado de serviço activo, ornavam as paredes da saleta, ou com mais verdade tapavam-lhes as fendas, e embargavam o passo ao nordeste, que assoviava pelas fechaduras das portas, chegando a illudir o cão, e a acordar de noite sobresaltado o heroico Adamastor do *deve e ha de haver!* N'uma das alcóvas dormia elle e o cão; na outra havia uma especie de papeleira, uma grande quantidade de manuscriptos, e um queijo que os ratos já tinham provado, antes do sr. Ambrosio se ter resolvido á impiedade de comer algumas fatias delle, em dia que tinha feito negocio de meio por meio, e que elle ajuizava poder entrar na extravagancia de uma despesa extraordinaria! Na papeleira haviam tambem duas garrafas de

vinho que elle adorava, e de que bebia um copo pelo natal e outro pelo entrudo! A cosinha era um deserto. O sr. Ambrosio comia a maior parte das vezes fóra de casa, e o cão procurava na rua o alimento que o dono lhe não dava em caza. Posto assim o leitor ao corrente do modo de vida do nosso heroe, e tendo-lhe devassado todos os recantos da casa, está habilitado a bem poder avaliar a historia que deve começar no capitulo seguinte. Protestamos não pintar o sr. Ambrosio com mais sombrias côres do que as que lhe pertencem, para que não aconteça salvar-se elle com o rifão que diz: o diabo não é tão feio como o pintam. O que, porém, o leitor não deve esperar é que entre vantajosamente em scena um personagem, physica e moralmente impossibilitado de poder desempenhar um papel sympathico, e menos ainda na historia que vamos narrar.

(Continúa.)

## NOTICIAS E COMMERCIO.

**Os restos dos samaritanos.** — Desde o anno de 1808 mr. Gregoire e mr. de Sacy, afamados orientalistas, tem sustentado correspondencia mui seguida com alguns samaritanos de Naplusa, cidade situada a certa distancia da antiga Samaria entre os montes Hebal e Garizim. Esta correspondencia difundiu alguma luz quanto aos costumes e crenças religiosas daquelle fracção do povo hebreu. O sacerdote Salamenth respondeu com clareza e precisão a varias perguntas que se lhe fizeram. Eis algumas de suas respostas?

— « Não ha samaritanos em nossas regiões do oriente senão em Naplusa e Jaffa; ha cem annos que não os ha no Egypto. O nosso culto é o de um só Deus, segundo o que escreveu na lei: adora o Senhor teu Deus.

Estamos separados de todas as nações, até da nação judaica; temos templos e casas á parte. Não temos imagens; nossa occupação é a leitura da lei em toda a vida. O nosso trage é distincto do das demais nações; usamos sempre turbantes; e nos dias de sabbado ou de festa vamos ao templo vestidos de branco. Parte da nossa população andava espalhada pelo Egypto, Damasco, Gaza, Ascalon e Cesarea; mas esses levaram-nos consigo os christãos ha 600 annos e acham-se hoje no seu paiz.

Rezamos as nossas orações voltados para o monte Garizim, que é a casa de Deus e de seus anjos, e o lugar da presença de sua magestade e dos seus sacrificios, como está escripto na lei; temos a cara voltada para aquelle sitio quando oramos: segundo as ordens dos nossos pontífices estas orações tem su-

Substituição os sacrificios do cordeiro que se faziam de manhã e á tarde.

Este povo conservou odio invencivel aos judeus propriamente ditos. Os samaritanos nunca tomaram parte nos sacrificios dos judeus; e ainda hoje lhes não dão seus filhos em matrimonio, nem vão escolher d'entre elles mulheres. Quando um samaritano tem casado com mulher indocil ou lhe nota cousa que lhe desagrade, escreve um bilhete de separação, entrega-lho pessoalmente, e deita-a fóra de casa.

Os samaritanos lavam os seus mortos com agua pura e leem sobre o cadaver o livro da lei; o lugar da sepultura é propriedade sua, e está collocado defrente do monte Garizim. Acabado o enterro purificam-se do contacto do corpo. Celebram as festas das noemias (luas novas) e conservam tábuas onde estão calculados os eclipses. Sabemos (dizem) o momento em que o dragão vem accometter os dois astros, com horas e minutos, do modo mais exacto.

Finalmente, os samaritanos esperam o Messias, como os judeus, e dizem que o reconhecerão pelos seus prodigios.

Taes são, em compendio, os apontamentos obtidos por mr. de Sacy ácerca desse povo desgraçado e continuamente perseguido pelos turcos. Era urgentissimo colligir estas ténues indicações de uma nação que dentro em pouco tempo terá completamente desaparecido da superficie do globo. Reduzidos já ao numero de 30 familias ou 200 individuos, os samaritanos em breve não existirão senão em a historia.

**Mortalidade em diversos paizes.** — No meado do seculo passado a mortalidade em Paris era na proporção de 1 por 25 habitantes, actualmente é de 1 por 32. Em Roma é de 1 por 25, em Amsterdão, de 1 por 24, em Vienna d'Austria, de 1 por 22. Em Londres tinha sido de 1 por 25 no principio deste seculo, foi de 1 por 38 em 1810, e agora é de 1 por 45. Segue-se que, guardada a proporção da população; ha muitos mais obitos em Vienna do que na capital da Grã-Bretanha.

**Livro que faz ruido.** — A obra do padre Theiner da vida de Clemente XIV e da suppressão dos jesuitas chegou no principio deste anno a Roma e logo se venderam grande numero de exemplares. Tinha-se dito que o governo pontificio não permittiria a sua introdução nos estados romanos. Effectivamente se fizeram diligencias para obter a prohibição; porém, por ordem superior foi consentida a circulação do livro. Esta curiosa obra vai suscitar violenta polemica.

## BIBLIOGRAPHIA.

CATALOGO DOS MANUSCRITOS PORTUGUEZES EXISTENTES NO MUSEU BRITANNICO, escripto e dedicado ao em.<sup>o</sup> sr. conde de Lavradio, por Frederico Francisco de la Fignière, primeiro addido á legação de sua Magestade fidelissima em Londres. — É geralmente

sabido que por nessa natural dasouriosidade e desleixo, e por outras muitas circumstancias, que se não podem avaliar devidamente n'um simples prospecto, muitas e impreciables riquezas litterarias se tem perdido, ou tem ido, para vergonha nossa, locupletar as bibliothecas e archivos estrangeiros. No museu britannico, que é nesse genero um dos estabelecimentos mais ricos que existem no mundo, encontra-se considerabilissimo numero de documentos portuguezes, da maior importancia e raridade, muitos dos quaes se julgavam irremissivelmente perdidos para as letras. Por este singelo enunciado se pôde avaliar o prestimo do catalogo que damos ao prelo. O auctor, querendo apresentar obra que não fosse indigna do publico a quem é dirigida, e do respeitavel personagem a quem, com prévia annuencia, vai dedicada, não se furtou ao trabalho para que saísse tão completa, quanto as suas forças o permittiam. Dará igualmente noticia dos manuscritos estrangeiros relativos á historia civil, politica e litteraria de Portugal e de seus domínios, transcrevendo na integra alguns documentos importantes e curiosos. O catalogo é precedido de uma noticia do museu britannico, e deverá conter um indice remissivo, organizado com a necessaria individuação e clareza.

Constará de um volume, em 8.<sup>o</sup> francez, de mais de 300 paginas, edição correctá, em bom papel e typo.

Preço, para os srs. subscriptores, 800 réis, pagos á entrega do volume — avulso 960 réis.

Assigna-se em Lisboa, em casa dos srs. J. P. Martins Lavado, rua Augusta n.<sup>o</sup> 8, Viuva Bertrand e filhos, aos Martyres, e V. G. Silva Junior, rua do Ouro n.<sup>o</sup> 109.

COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL, por José da Motta Pessoa de Amorim.

Publicou-se a 4.<sup>a</sup> folha do tomo 4.<sup>o</sup> e contém:

*Historia prophana.* — Grecia, Macedonia e Persia, até ao nascimento de Alexandre e exaltação de Dario Codomano ao throno da Persia.

Vende-se a 20 rs. a folha na rua Augusta n.<sup>o</sup> 1 e 8; e a 300 rs. por volume nos principaes livrefros de Lisboa, Porto, e Evora.

COMPENDIO ELEMENTAR DE BOTANICA, por J. José de Sousa Telles, pharmaceutico formado pela nova escola, professor de materia medica e pharmacia.

Vende-se em broxura por 400 réis na rua Augusta n.<sup>o</sup> 1, 2, 8, 23, 188. rua do Ouro n.<sup>o</sup> 212.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 33.

QUINTA FEIRA, 17 DE FEVEREIRO DE 1853. 13.<sup>o</sup> ANNO.

A REVISTA de quinta feira  
será exclusivamente dedicada á  
infanta e sentida morte de S. A.  
A PRINCEZA D. MARIA ANELIA.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### ASSOCIAÇÃO TYPOGRAPHICA LISBONENSE.

Com satisfação publicamos hoje o Relatório e Contas da Comissão Administrativa da Associação Typographica Lisbonense. Esta Sociedade de socorros mútuos merece louvor e sympathia. E com pesar vemos que o desalento fez vacilar a fé de grande numero dos seus associados. Este facto, triste em si, nós obriga a redobrar o louvor, para os que ainda assim, não perderam a coragem neste evangelico apostolado de prever a desgraça pela economia e assiduidade do trabalho. A esperança de mais prospero futuro, não deve desamparar os zelosos administradores. A obra é de moralisação, e os seus fructos são abençoados. E quando a desgraça no seu inflexivel caminhar for entrando na casa dos typographos, esses que ao presente se affastam do aprisco em que o conforto não é dado pela vergonha da escola, como bons irmãos voltarão á casa com-

mum, tendo a separação feito redobrar o seu affecto e tornado inquebravel a má fé.

Conhecedores dos improbos trabalhos desta classe, dos louvaveis esforços que tem feito para se illustrar, a nossa voz aqui se ergue, como um voto, para que todos os seus membros se convençam, de que o soccorro mutuo deve para elles ser uma realidade que affugente da sua carreira o crime e a desgraça.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

### Relatorio e contas da Commissão Administrativa, respectivas ao 3.<sup>o</sup> semestre de 1852.

SENHORES:

A Commissão Administrativa vêm hoje, perante vós, dar cumprimento ao que dispõe o artigo 20.<sup>o</sup> do Regulamento Provisorio.

Se por um lado a Commissão se vos apresenta hoje possuida desse entusiasmo, produzido pela seiva creadora e benefica da Associação que os typographos ha tanto tempo procuravam realizar, e de que a nossa presença aqui para cumprir tão honroso mandato é um documento vivo; por outro lado a Commissão, profundamente penalizada, sente de vos apresentar no quadro do pessoal da Associação, uma prova de desconsideração e desamor, dada por um grande numero de nossos collegas para com a sua classe, e de uma especie de heresia social para com os luminosos e salutaros principios da associação, proclamados hoje no nosso paiz, e acolhidos até com uma especie de fanatismo, pelas classes tidas por menos illustradas!

Pelo quadro do pessoal vereis que o numero dos socios inscriptos quando a Commissão tomou posse era de 178; que durante os 30 dias concedidos pelo artigo 4.º, para o ingresso dos Socios Fundadores, se inscreveram mais 62, e juntando-se um que entrou depois deste praso, prefaz a totalidade de 236 Associados. Destes atrasaram-se por falta de trabalho ou por doença 13; falleceram 2; desistiram ou não se habilitaram 95; restando 126, que tem satisfeito com regularidade as suas quotas, e se acham por consequente no gozo dos seus direitos.

Não julgueis, senhores, que para com os restantes dos quaes uns não quizeram saber nunca da Associação, e outros que depois de pagarem algumas quotas, a abandonaram, a Commissão se houve descuidosa; não, senhores. A Commissão exgotou todas as persuasões, todos os esforços, todas as rogativas até á pertinacia, para trazer a este gremio aquelles nossos irmãos que se nos esquivavam, que nos fugiam, e que não querem conviver commoço nesta santa junção de mutua beneficencia.

Nem se diga nem se argumente, que é a falta de recursos que assim affasta aquelles nossos collegas; pois que tal argumento servirá somente de fazer conhecer ainda mais a necessidade de se associarem.

Senhores: a nossa curta gerencia, comquanto ~~nos não tivesse o encargo de subsidios, offerece~~ nos não tivesse o encargo de subsidios, offerece-nos, todavia, alguns embaraços. Como deveis saber, a Commissão acceitou uma proposta do sr. Duarte Ferreira Severino, em que este sr. offerecia gratuitamente os seus serviços clinicos durante os seis mezes, a decorrer até á epocha da distribuição dos soccorros; e desejando a Commissão conhecer qual seria a quantia pela qual o sr. Severino ficaria a exercer as funcções de facultativo da Associação, ficou estabelecido que fosse o ordenado de 43,200 rs. annuaes, quantia que a Commissão julga insignificante em relação aos serviços do sr. Severino, de que alguns dos nossos Associados se tem já aproveitado, mas o maximo possivel em vista da nossa diminuta receita.

Era indispensavel tambem que houvesse um individuo de confiança, que, além do encargo da cobrança pelas diversas officinas, fizesse igualmente o serviço de Continuo. A Commissão julgou conveniente a admissão do actual Recebedor, não só pelas garantias que já dava de bom serviço, como porque foi affiançado por pessoa mui competente; tendo-lhe apenas a Commissão es-

tabelecido a quantia assaz diminuta de 10 por cento da cobrança que elle fizesse, salvo algumas pequenas gratificações por serviços extraordinarios.

Pelo mappa respectivo vereis, portanto, que a Receita foi de ..... R.º 159,660 e a Despesa de ..... » 15,360

Saldo em cofre ..... » 144,300

A verba de despesa, como observareis no desenvolvimento do mappa, foi a indispensavel, não avultando mais porque mui valiosos auxilios para isso concorreram, taes como a cedencia das quantias adiantadas pelos membros da Commissão que confeccionou o Regulamento Provisorio, e outros individuos, que, como todos sabem, haviam satisfeito diversas despesas antes de constituida definitivamente a Associação; contribuindo não pouco para a economia dos fundos confiados á nossa administração a concessão do Ex.<sup>ma</sup> Administrador Geral da Imprensa Nacional, não só para que alli se imprimissem o nosso Regulamento, como qualquer outra coisa que houvessemos de carecer; offerecimento igualmente feito por dois membros da Commissão e que tambem já foi mui proveitoso.

Tambem a Commissão se aproveitou da concessão feita pela Sociedade dos Artistas Lisbonenses, para celebrar as sessões da Assembléa Geral na sua sala, e do offerecimento que um individuo da Commissão tão cavalheiramente fizera da casa em que temos feito as nossas reuniões e as da Commissão encarregada da confecção dos Estatutos definitivos: offertas aliás consideraveis. Além de tudo isto tivemos sempre em vista os poucos recursos com que se podia contar.

Cumpra participar-vos que o Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas nos fizera o convite de tomarmos uma de suas salas para alli estabelecer-mos o nosso archivo e fazer-mos as nossas sessões, mediante a renda que se convencionasse. Todavia, forçoso nos foi não acceitar este convite em quanto a receita da Associação se não tornasse mais rendosa.

Esta resolução foi, contudo, uma violencia feita á propria vontade da Commissão a que só o estado maquinhado de finanças a faria submeter.

Senhores: — temos relatado simples e succintamente os actos da nossa gerencia durante a qual procurámos corresponder, quanto em nós cabia á honrosa confiança em nós depositada. Se alguns d'estes actos merecerem a vossa censura, desculpe-nos, lembrando-vos que em excesso de

zelo mata muitas vezes as mais bellas intenções; e se outros merecerem a vossa approvação, será isso a mais subida recompensa dos esforços que empregámos no desempenho da nossa missão.

A Associação vae entrar na mais bella das suas phases: — é de esperar que logo que os socorros comecem a ser distribuidos; que a semente comece a produzir, que as flores se convertam em fructos; e que se vejam as nossas diminutas quotas tornadas em valiosas prestações aos nossos collegas enfermos, a Associação prospera e se engrandeça, e por consequencia a nossa arte se torne querida, e adquira os foros que em toda a parte lhe dão — que só aqui não tem.

Deus abra á nossa pobre Associação as portas de um futuro melhor, pois que de graves obstáculos leva ella bem eivada a sua triste existencia.

Lisboa, sala das sessões da Comissão Administrativa, em 15 de janeiro de 1853. — *José Mauricio Valloso*, presidente — *Antonio José da Rocha*, thesoureiro — *José Antonio Dias* — *João Antonio Migueis* — *José Antonio d'Amorim* — *Miguel Innocencio Baptista da Cruz e Cobellos* — *João Francisco Sardiva* — *Francisco Gangalves Lopes* — *Augusto Cesar Pereira da Cunha*, secretario.

#### ESTADO DO PESSOAL DA ASSOCIAÇÃO.

Sócios fundadores . . . . .	Existentes em 25 de julho de 1852. . . . .	173
	Admittidos até 25 de agosto . . . . .	62
Não fundador . . . . .		1
		236
Fallecidos . . . . .		2
Sócios a quem aproveita a disposição do § 1.º do art. 34.º . . . . .		13
Sócios que desistiram, ou não se habilitaram . . . . .		95
		110
Existentes no gozo dos seus direitos . . . . .		126

Lisboa, sala das sessões da Comissão Administrativa, 15 de janeiro de 1853.

O secretario

*Augusto Cesar Pereira da Cunha.*

#### AS CONTRIBUIÇÕES DIRECTAS DE PORTUGAL EM 1642.

##### TITULO SEGUNDO.

*Das pessoas que devem decima, rendas, e meneo, e de que se hão de pagar.*

(Continuado de pag. 363.)

12.º E aquelles que além dos officios que exercem tiverem meneo de compra, e venda, para trespasar as coisas não obrando com ellas em seus officios, ou vendendo parte ebram com a outra, assim como os boticarios que compram drogas, e as vendem em ser, os cirieiros cera em pão, e os cortidores courama, e quaesquer outros semilhantes a estes, pagarão tambem decima de tracto, e meneo separadamente.

13.º Os marcieiros, e tendeiros da porta, e mais pessoas de semilhante tracto, pagarão tambem decima do que se estimar que podem ganhar no seu tracto, e meneo.

14.º Das casas que andam de aluguer, se pagará decima, e das em que viverem seus donos a pagarão tambem a respeito do que se arbitrar que poderiam render se andassem alugadas.

15.º E as pessoas que vivem em casas que nós lhe damos, ou lhe der alguma cidade, republica, ou communidade para nellas viverem de graça, ou que foram destinadas para certos officios, pagarão decima do que ellas houveram de render se andarão alugadas, por quanto neste caso se deve considerar como rendas, ou proes, e percalços.

16.º As casas que nesta cidade pagam decima para as igrejas que se fazem nas suas freguezias, não pagarão entretanto outra decima.

17.º E do mesmo modo não pagarão decima as casas, e propriedades das misericordias, hospitaes, e albergarias applicadas para sustento dos pobres.

18.º As pessoas que houverem ordenados, ou moradias de seus amos, pagarão de cada dez mil réis um cruzado, e tendo fazendas próprias pagarão tambem decima do rendimento dellas, e porém havendo alguns que tenham ordenados grossos de quarenta mil réis para cima, como veadores, caixeiros, feitores, e semilhantes pessoas pagarão decima de seus ordenados, rendas, tracto, ou meneo, que mais tiverem.

19.º Os orphãos que viverem por soldada, não pagarão coisa alguma della, nem outrosim, pagarão decima, nem vintena, os pobres que pedem pelas portas, nem tambem outras pessoas tão pobres e miseraveis que senão sustentam de outra coisa, que de esmolos, sobre o que farão os ministros que assistirem nos lançamentos as diligencias que parecem necessarias.

20.º Das rendas das camaras, e conselhos, assim desta cidade como do reino, que lhes ficarem livres abatida a terça, e os ordenados pagos a pessoas delles hão de pagar decima, e as despezas

mais se fizerem em beneficio das mesmas rendas, se pagará decima.

21.º De todos os juros, tenças, e ordenados, assentamentos, e moradias, se pagará decima por inteiro assim dos que estão lançados na alfandega, e casas desta cidade, como nos mais almoxarifados, e comarcas do reino.

22.º E na mesma forma se pagará decima de todos os juros, tenças, e ordenados que estão impostos sobre as rendas da camara desta cidade, e das mais camaras do reino, e assim mesmo dos que alguns donatarios, fidalgos, ou quaesquer outras pessoas pagam de suas rendas, e de quaesquer tenças, censos, ou foros de dinheiro perpetuos, ou redimiveis, que forem vendidos sobre algumas fazendas, para se pagar a quaesquer pessoas de qualquer qualidade, e condição que sejam, e dos renditos do dinheiro que alguns particulares, ou comunidades trazem de quaesquer pessoas a rasão de juro.

23.º Porém dos juros que se pagam ás misericordias deste reino, aos hospitaes, e albergarias, por serem para sustento de pobres, se não pagará decima, nem dos que se pagam a algumas confrarias, e mosteiros applicados a missas, e anniversarios, nem dos que estiverem applicados á fabrica das igrejas, e redempção de cativos, e mais rendas applicadas ao mesmo effeito.

24.º De todas as propriedades, quintas, casaes, pomares, oliyaes, soutos, terras, vinhas, pastos, e ervagens, e quaesquer outras que sejam, se pagará decima da renda, e das pitanças que por estimação serão reduzidas, a dinheiro, e das que não andarem arrendadas a dinheiro, mas por certos frutos, ou quota delles se reduzirão tambem a dinheiro, pelo modo que neste regimento vae declarado, porém das marinhas se não pagará decima havendo respeito aos muitos tributos, que sobre o sal estão impostos.

25.º E em cada um dos ditos casos, que as fazendas se acharem arrendadas não só se pagará decima da renda, como fica dito, mas tambem do que ficar de ganho aos arrendadores livre, abatendo-se o trabalho, serviço, sementes, e mais despezas, como de tracto, e meneo.

26.º E se o senhor da propriedade que costuma andar de renda a beneficiar, e colher os frutos, pagará a decima do que a tal propriedade costuma render sendo arrendada, e não se havendo em tempo algum arrendado se pagará na forma, que ao diante se declara neste regimento,

27.º Dos montados, e soveções, que se costumam arrendar em coisa certa para pastos, casca, ou carvão, se pagará decima do que renderem ao dono, e tambem do que fica aos rendeiros do ganho do meneo abatidos os gastos, e a renda, e não costumando andar arrendados se pagará decima pela estimação do que podiam render, e dos pinhaes, e matos, de que sómente se costuma vender, lenha, e tojo, para os fornos, se pagará decima, pelo mesmo modo.

28.º As colmeas pagarão decima, pelo que renderem no mel, e na cera, estimando-se o rendimento, pelos preços communs dos lugares em que estiverem; o que tambem se entenderá, no tabaco, que algumas pessoas lavram neste reino, arroz, açafraão, sumagre, seda, e quaesquer outras coisas, que se costumam semear, lavrar, beneficiar.

29.º Dos moinhos, e atafonas, se pagará decima, do que rendem aos donos em dinheiro, ou trigo que se estimará a dinheiro, e os atafoneiros, e moleiros, pagarão pela sua parte alguma quantidade certa que se lhe arbitrará com moderação a respeito do que podem ganhar.

30.º E de tudo o sobredito, se pagará decima separadamente, de sorte que se uma pessoa juntamente tiver fazenda, juros, officio e tracto, pagará decima da fazenda, nos mesmos lugares em que elle estiver, como abaixo se declara, e dos juros, e ordenados, ao thesoureiro que lhos pagar, e dos proes, e percalços aonde servir, e do tracto, e meneo, aonde negociar, e para cada uma destas decimas se fará repartição, e lançamento com toda a exacção, como se não houvera de pagar outra.

(Continúa.)

## CATALOGO DA EXPOSIÇÃO DA ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES.

### Aula de escultura.

(Continuado de pag. 369.)

DO PROFESSOR SUBSTITUTO, o sr. *Francisco de Paula de Araujo Cerqueira*.

6 — Baixo-relevo, representando — Martim de Freitas, governador de Coimbra. Este nobre cavalleiro tendo defendido valorosamente o castello da cidade, convencido, porém, da morte de D. Sancho II, sae do castello acompanhado da sua familia, e entrega as chaves delle a D. Affonso III, o qual lhe faz mercê de o conservar naquelle governo, miera que Martim de Freitas recusa com o maior heroismo. — Duarte Nunes de Leão, chronica de el-rei D. Sancho II, pag. 79.

7 — Baixo-relevo, representando um episodio da terrivel batalha do Touro. Duarte de Almeida, alferes de D. Affonso V, depois de lhe deceparem as mãos, ainda por momentos segura com os dentes a bandeira portugueza, que lhe fôra confiada. — Duarte Nunes de Leão, chronica e vida de el-rei D. Affonso V, pag. 216.

8 — Baixo-relevo, moldado em gesso, representando a imagem de Jesus Christo crucificado. Este modelo foi mandado fazer pelo exm.º duque de Palmella D. Pedro, para ser executado em



marmore, dê ponto duplo, a fim de collocar-se na capella sepulchral do seu jazigo.

9 — Dois retratos em baixo-relevo dos primeiros duque e duquesa de Palmella, os quaes estão esculpidos em marmore no jazigo dos mesmos duques.

10 — Um busto moldado em gesso do retrato do exm.<sup>o</sup> duque de Palmella D. Pedro, que serviu de modelo para ser executado o de marmore de Carrara, que existe na camara dos dignos pares do reino.

11 — Um dito do retrato da exm.<sup>a</sup> sr.<sup>a</sup> D. Marianna de Sousa Holstein, pelo qual foi esculpido o de marmore de Carrara, que pertence ao exm.<sup>o</sup> sr. duque de Palmella.

12 — Um dito do retrato de um dos filhos do exm.<sup>o</sup> sr. conde das Galvêas, D. Francisco.

13 — Quatro baixo-relevos, significando as quatro estações do anno, os quaes hão de fazer parte da decoração de uma sala do illm.<sup>o</sup> sr. Joaquim Pereira da Costa, a quem pertencem.

*Do sr. Joaquim Pedro de Aragão, ACADEMICO DE MERITO, da classe de escultura.*

14 — Uma allegoria de meio-relevo, por elle inventada e modelada em barro, representando — Democrito rindo-se de tudo que vae pelo mundo, e Heraclyto que de tudo chora.

15 — Varios bustos em pedra lioz, e differentes modelos feitos pelos artistas aggregados a esta aula.

16 — Dois vasos no estilo grego, e ornamentados, da execução do artista ornatista João Henrique Cezarino. — Veja-se o pequeno laboratorio.

#### DOS DISCIPULOS.

*Do sr. Angelino da Cruz Silva e Castro, actual professor substituto de desenho no collegio militar.*

17 — A cópia da estatua do Meleagro, pela qual obteve o premio de medalha de prata no concurso triennial de 1846.

18 — Esboceto de uma estatua de Apollo, em attitude de perseguir Daphne, inventado pelo dito discipulo.

*Do sr. José Maria Caggiani.*

19 — Uma cópia em baixo-relevo, representando — a Degolação de S. João Baptista, — e um esboceto de Hercules despedaçando o Leão de Neméa.

20 — Estudos de varios discipulos da mesma aula.

21 — Imagem de Jesus Christo em marfim, obra executada pelo distincto professor, o sr. Joaquim Machado de Castro : — pertence ao sr. Rodrigo Verdier, — vende-se.

#### Aula de architectura civil.

*DO PROFESSOR PROPRIETARIO, o sr. João Pires da Fonte.*

1 — Projecto de um palacio de côrtes.

*DO PROFESSOR SUBSTITUTO, o sr. José da Costa Sequeira.*

2 — Projecto para o monumento sepulchral de sua magestadé imperial o senhor D. Pedro, duque de Bragança, destinado ao concurso que se abriu por ordem do governo. — Consta de uma planta geral, e dois alçados com os diversos detalhes.

3 — Projecto do edificio que se construiu na praça de Alcantara, destinado a servir de quartel ao extincto batalhão naval, cuja obra chegou quasi á conclusão. — Consta de uma planta topographica do local com as antigas construcções que alli existem — tres plantas dos diversos pavimentos do edificio — dois côrtes ou secções — e tres alçados.

4 — Uma collecção de exemplares, desenvolvidos e explicados com texto, os quaes devem formar um tratado facil e methodico da theoria e pratica das sombras, applicado á architectura, para servir de compendio aos alumnos da respectiva aula.

5 — Uma collecção d'exemplares, igualmente desenvolvidos e explicados, destinados a formar um tratado graphico, pelo qual se possam ensinar com facilidade os principios elementares de geometria pratica, e o desenho linear, a fim de se facilitarem estes principios essenciaes para todas as artes, pondo-se ao alcance das mais limitadas intelligencias. — Entre os exemplares desenhados, nota-se uma prova typographica com uma das mais complicadas tabellas, executada pelo typographo o sr. Vicente Jorge de Castro, o qual se propoz á execução e publicação da obra por um methodo inteiramente novo, e de sua recente invenção, que demonstra ser bom e exequivel na referida prova.

6 — Varios exemplares de algumas peças das cinco ordens de architectura de Vinhola, desenhados e aguarelados pelo referido professor, os quaes teem servido de originaes aos seus discipulos.

7 — Projecto de uma casa de campo, para

servir de habitação a um abastado proprietário ; e o de um edificio para os paços do concelho, ou municipio de uma capital populosa, inventados e executados pelo mesmo professor, e exhibidos nas antecedentes exposições.

DO ARTISTA, ACADEMICO DE MERITO, o sr. Joaquim Pedro d'Aragão.

8 — Projecto de um monumento, em honra do infante D. Henrique, para ser collocado na praça de Belem.

9 — Planta, alçado, e corte de uma pequena casa de campo.

DO ACADEMICO DE MERITO, já fallecido, o sr. Manuel Joaquim de Sousa.

10 — Desenhos de sua invenção e execução pertencentes ao projecto de um palacio para habitação de um soberano.

DO ARTISTA AGREGADO, o sr. Francisco Antonio de Sousa.

11 — Projecto de um arco triumphal para iluminação, feito em 1810, com o fim de receber em Lisboa suas magestades fidelissimas, no seu regresso da corte do Rio de Janeiro.

12 — Uma corveta de guerra lutando com as ondas.

DOS DISCIPULOS.

Do sr. Pedro Baptista Monteiro, já fallecido.

13 — Cópia do projecto de um edificio publico, contendo duas plantas, uma fachada, e um corte. — Obteve o premio de medalha de prata no concurso de 1846.

Do sr. Rafael José Fragoso.

14 — Cópia de duas plantas, e duas fachadas do palacio de Versalhes. — Obteve o premio de medalha de prata no concurso de 1849.

15 — Duas plantas, e quatro alçados, apresentados no concurso triennial de 1852.

16 — Uma planta, e duas fachadas do projecto para um arsenal do ministerio das obras publicas, commercio e industria — composição do dito discipulo.

17 — Uma planta geral do edificio de Mafra, copiada em ponto maior.

18 — Seis desenhos de dito edificio, pertencentes ao ministerio das obras publicas, commercio e industria — contendo tres fachadas, e dois cortes, por concluir.

19 — Seis fachadas, e quatro plantas, sendo uma das fachadas composição do dito discipulo, notada com a letra A.

Do sr. José Callado.

20 — Uma collecção de estudos da theoria e pratica das sombras, copiada dos originaes confectionados pelo professor substituto da mesma aula.

21 — Uma dita de estudos elementares das cinco ordens — idem.

22 — Varios desenhos e estudos dos srs. Joaquim Antonio de Sousa, Frederico José Branco, e de outros discipulos da mesma aula.

Do sr. Nicolau Pires, pessoa não pertencente á academia.

23 — Diferentes desenhos de architectura civil.

#### Aula de gravura historica.

DO VICE-INSPECTOR DA ACADEMIA, o cam.º sr. conselheiro João José Ferreira de Sousa.

1 — Desenho feito á penna, que representa — o Padre Eterno cercado de gloria, — cópia da estampa de Gerard Audran.

DO PROFESSOR PROPRIETARIO, o sr. Domingos José da Silva.

2 — Quadro em desenho de sua invenção, que representa — S. João Baptista prégando.

3 — Desenho feito á penna, cópia de um quadro de Grão-Vasco.

4 — Quadro em gravura de Nossa Senhora com o Menino Jesus.

5 — Dito — dito — de Jesus Christo crucificado.

6 — Dito — dito — do retrato do bispo de Elvas.

7 — Algumas gravuras em ponto pequeno.

DO ELEITO PROFESSOR SUBSTITUTO, o sr. Joaquim Pedro de Sousa.

8 — O desenho do quadro de S. Jeronymo, attribuido a Miguel Angelo.

9 — Gravura de ametade do dito Santo.

10 — Acto do modelo vivo, desenhado a dois lapis em papel de côr. — Estes foram os trabalhos que o dito sr. Sousa apresentou em conformidade do programma, e pelos quaes foi appro-

vado, e proposto para o lugar de professor substituto da mesma aula.

Apresenta mais na exposição o seguinte:

11 — Tres retratos feitos para estudo, copiados de gravuras antigas, em quadros separados.

12 — Quadro com tres estudos d'agua forte.

13 — Estampa representando Adão e Eva, copiada d'um desenho tirado dos frescos de Rafael no Vaticano.

DOS ARTISTAS AGGREGADOS À AULA,

Do sr. Francisco Thomaz de Almeida.

14 — Tres gravuras em contornos, duas das quaes são copiadas de quadros de Grão-Vasco, e uma de Sequeira — a 1.<sup>a</sup> representa a Anunciação de Nossa Senhora — a 2.<sup>a</sup> D. Paio Peres Conca, eleito mestre da ordem de S. Thiago — a 3.<sup>a</sup> S. Bruno.

15 — Cinco chapas contendo varias cabeças e extremidades, que servem para estudo.

16 — Tres chapas para os Compendios de Perspectiva.

Do sr. João José dos Santos.

17 — O desenho do quadro de S. Jeronymo, attribuido a Miguel Angelo.

18 — Gravura de ametade do dito Santo.

19 — Acto do modelo-vivo, desenhado em papel de côr. — Estes foram os trabalhos que o dito sr. Santos apresentou, em conformidade do programma, no concurso da substituição da mesma aula.

Apresenta mais na exposição o seguinte:

20 — Tres gravuras em contornos copiadas dos quadros de Grão-Vasco — a 1.<sup>a</sup> representa os desposorios de Nossa Senhora — a 2.<sup>a</sup> D. Paio Peres pedindo á Virgem Senhora, que suspenda o curso do sol, para haver tempo de derrotar os infieis — a 3.<sup>a</sup>, o Transito de Nossa Senhora.

21 — Dezoito chapas para os Compendios de Architectura e Perspectiva.

Do sr. Antonio Correa Barreto.

22 — Desenho copiado do ponto da Cruz-Quebrada, e gravado por elle a agua-forte, prompto para se ultimar ao buril.

23 — Cópia de uma paizagem de Wullett, ainda incompleta.

24 — Varias vinhetas por elle gravadas em madeira.

Do sr. Joaquim Pedro d'Aragão.

25 — Desenho feito á penna, copiado do desenho original de Vieira Lusitano, que representa — Santo Antonio pregando aos peixes.

DE UM ARTISTA, E DISCIPULOS.

26 — Quatro estampas, que acompanham o Tractado de Perspectiva, gravadas pelo fallecido artista aggregado á dita aula, Antonio Maria de Oliveira Monteiro — duas ditas pertencentes ao mesmo Tractado, gravadas pelo discipulo Francisco José Ribeiro. — Varias outras provas de estudos deste, e de outros discipulos da mesma aula.

#### Additamento á descripção das obras apresentadas na exposição.

DO PROFESSOR PROPRIETARIO DA CADEIRA DE DESENHO ANEXA À FACULDADE DE MATHEMATICA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, o sr. Antonio Thomaz da Fonseca.

A — Desenho original representando — Apollo e Daphne.

B — Bosquejo, feito em tres horas, representando — Moyses com as taboas da lei.

C — Edificio para um Lyceo.

D — Paizagem a aguarella.

E — Um estudo de flores, copiadas do natural.

F — Dito de ornamentos.

Estes foram os trabalhos, que o dito sr. Fonseca apresentou em concurso, na conformidade do programma, e pelos quaes foi proposto e approvedo para o sobredito lugar.

Do sr. Antonio Victor de Figueiredo Bastos.

G — Desenho original representando — Apollo e Daphne.

H — Bosquejo, feito em tres horas, representando — Moyses com as taboas da lei.

I — Edificio para um Lyceo.

L — Paizagem a aguarella.

M — Um estudo de flores, copiadas do natural.

N — Dito de ornamentos.

Estes foram os trabalhos, que o dito sr. Bastos apresentou em concurso, na conformidade do programma, e pelos quaes foi recommendado para o lugar de substituto da sobredita cadeira de desenho, quando houvesse de prover-se.

O — Alguns trabalhos de pintura feitos pelas illm.<sup>as</sup> sr.<sup>as</sup> Silvas Reis.

DO PROFESSOR SUBSTITUTO DA AULA D'ESCULTURA,  
o sr. F. de P. A. Cerqueira.

P—Uma estatua, representando — a academia das bellas artes de Lisboa, com os attributos proprios, tendo n'uma tabella a data da sua instituição.

## PARTE LITTERARIA.

### O FIM DO SEMESTRE.

#### Estudos biographicos e necrologicos.

POR UM PHILOSOPHO.

#### V

Uma manhã, deu Generoso signal que havia alguem na escada que procurava o sr. Ambrosio. Depois do já sabido e requentado dialogo do costume, a porta abriu-se, para dar entrada a uma rapariga timida e formosa, que, com os olhos arrasados d'agua, e procurando vencer a commoção que a assaltava, olhava em roda de si como admirada do valor que tivera, de vir procurar um homem de uma tão pouco sã reputação, e a quem, estava certa, não abrandaria com lagrimas, nem convenceria da dolorosa situação que a obrigava a procural-o. O sr. Ambrosio, apenas a viu, tentou compôr a physionomia e adocicar a voz, que era, como já dissemos, menos extensa e mais aspera que a do cão, com quem rivalisava na magreza e nos uivos. O usurario quanto mais olhava para Luiza, (que era o nome da rapariga) mais lhe passavam pela cabeça idéas extravagantes e revolucionarias, que elle tentava repellir como indignas de si, e contrarias ao que elle tinha como sensatas economias. O primeiro desejo do sr. Ambrosio foi ter as cadeiras da saleta em estado de Luiza se poder sentar nellas, e depois, de preocupação em preocupação, esteve vae não vae a abrir o armario da alcôva, e, considerando o dia como festivo, a offerecer-lhe um copo de vinho, occorrendo-lhe tambem immediatamente a idéa de que, para não haver desfalque sensível na garrafa, poderia elle fazer o sacrificio de não beber no seguinte natal a dóze do estylo!

O homem põe, e Deus dispõe. Os sonhos amorosos do sr. Ambrosio desvaneceram-se como fumo, apenas entrou a pensar com mais segurança

e madureza que o amor era o antidoto do agio; que Luiza procurando-o, não o fazia senão para negocio, e que elle, deixando-se apaixonar, perdia irremediavelmente uns tantos por cento com que lhe seria possível recompôr um capital mais productivo do que uma paixão insensata.

Feitas mentalmente todas estas considerações, voltou no mesmo instante á sua habitual severidade, e esfregando o nariz que lhe empallideceu, tanto quanto possível a um pimentão, e dando um movimento ao corpo para aligeirar a corcunda, o sr. Ambrosio baixou a vizeira, e dispoz-se a ouvir com toda a impassibilidade a exposição do negocio que lhe vinha propôr Luiza. O triumpho da taboada era certo sobre o amor! O usurario olhava já para ella como para os algarismos; diminuia-a, multiplicava-a, e fazia de cabeça todas as especies de contas, acompanhando cada parcella de um esforço para sorrir, operação que o queixo lhe não facultava, e a que dois dentes lhe não annuiam com facilidade, desde um murro que o sr. Ambrosio tirara de premio n'uma das suas especulações, e que os tinha posto em estado de não carecer de dentista para abandonarem o dono.

Não obstante, a idéa do lucro tornava-o he-roe, e não calculando os perigos a que se expunha, continuava nas suas tendencias para o sorriso, sempre inúteis e malogradas, deixando vêr nas transições que fazia para o sério, as ignobeis idéas que lhe andavam a ferver naquella cabeça, pequena de mais para poder accommodar pensamentos que não fossem mesquinhos e rasteiros, como realmente eram todos os do sr. Ambrosio.

Luiza não se atrevia a olhar para elle. Avisada de antemão das qualidades da pessoa com quem tinha a tratar, e apesar de não acreditar completamente nas informações, receiava que ao menos metade fossem verdadeiras, e que tivesse de confiar a Judas os mais intimos segredos do seu coração. O usurario, da sua parte, ardia em desejos de conhecer o negocio, e contando com a inexperiencia de Luiza, esperava levá-lo a cabo com o maximo proveito e mais completa segurança para si, embora houvesse alguem enganado, que se arrependesse depois, menos ainda de ter feito o negocio, do que de haver-se arriscado a propol-o a um homem tão pouco escrupuloso, e para quem a honra era palavra sem valor metallico possível. Esta luta entre dois tão oppostos sentimentos durou ainda alguns segundos, durante os quaes, o sr. Ambrosio amiudava as pitadas do simonte, tomadas de uma velha caixa

redonda de papelão, com um Mercurio pintado na tampa, symbolo das proprias evoluções, e que o sr. Ambrosio tinha, por excepção, a boa fé de acceitar como uma simples ficção do paganismo, sem consequencia, nem manifesta applicação aos actos torpes da sua vida privada.

Luiza não tirava os olhos do chão. Demasiadamente interessada no negocio que vinha propor-lhe, temia desilludir-se apressando o remate das suas proposições, honestas sim, mas de um alcance superior á intelligencia e ao brío do sr. Ambrosio Lanhoso, que não conhecia outras difficuldades, nem outros estimulos, do que os que lhe eram dictados pela sordida avareza, e por um ou outro projecto matrimonial que de vez em quando vinha tornal-o, instantaneamente, não menos usurario, mas menos desabrido na apparencia do que era uso no sr. Ambrosio.

Antes de passarmos adiante, convém desenharmos um personagem, intruzo de começo nesta historia, e que depois figura nella como um de seus principaes agentes, aligeirando dos hombros do sr. Ambrosio o peso do odioso que até aqui lhe pertencia exclusivamente. É da sr.<sup>a</sup> Thomazia, adella, que vamos esboçar o retrato.

A sr.<sup>a</sup> Thomazia era mulher de cincoenta e tantos annos, mas parecia mais velha do que realmente era. As rugas das faces cahiam-lhe em festões algumas linhas abaixo do queixo inferior, e um par de olhos de encaixe, postos no meio do nariz, serviam-lhe de bambinellas aos olhos, e de reposteiro ao beijo superior, com que a sr.<sup>a</sup> Thomazia, para evitar trabalho, alçava ou baixava os olhos á altura conveniente, aproveitando o beijo para guindaste da maquina a que com pouca verdade chamava olhos, porque para tudo serviriam menos para lhe apurar a vista. Não era tambem para esse uso que ella os aproveitara n'uma troca que fizera dois ou tres annos antes. A sua principal serventia cifrava-se em encobrir ao vulgo duas costuras que a sr.<sup>a</sup> Thomazia tinha na cara, e que se dizia, valha a verdade, terem sido grangeadas n'uma rixa promovida pela pessima lingua e más qualidades da illustre alliada do usurario. A cintura acabava-lhe, modestamente, um palmo abaixo do pescoço, apesar de acolchetar o vestido na nuca, e de se desculpar de tão ruim idéa com a modestia propria do seu sexo, razão que ninguém lhe acceitava, mas que não impedia a sr.<sup>a</sup> Thomazia de a apresentar como a unica que tinha para andar emigrada no vestido, e sepultada viva na tunica que usualmente trajava. A verdadeira razão, era ter-lhe Deus dado um

corpo que não comportava medidas, e não haver costureiras tão santas que podessem fazer milagres.

A sr.<sup>a</sup> Thomazia para andar mais segura nos seus negocios, fingia-se beata, e quem desejasse saber aonde estava o Lausperenne escusava de comprar folhinha; era chegar-lhe á loja e perguntar-lho a ella, que não saía de lá sem informações exactissimas. Menos rica que o sr. Ambrosio, seu socio, a adella recorria amiudadas vezes a elle quando accontecia proporem-lhe negocios embora de avultada usura, mas para que ella não estava no momento pecuniariamente habilitada.

Feitos á imagem e semelhança um do outro, assim mesmo eram pouco expansivos nos seus dialogos, e mais de uma vez acconteceu discordarem abertamente de opiniões, menos quando chegavam ao resultado final do *toma lá, dá cá*, em que sempre se entendiam ás mil maravilhas, por que sempre tambem havia um terceiro victima dos artigos tacitos dos protocollos firmados por aquellas duas harpias. No dia a que nos referimos, havia a resolver um dos taes negocios em que a sr.<sup>a</sup> Thomazia achara necessario recorrer ás potencias alliadas, e lembrára-lhe immediatamente procurar o sr. Ambrosio, que a recebeu sem pismo, conjecturando logo o valor da visita, e o alcance das medidas que havia a adoptar para se ultimar o optimo negocio que elle já via em perspectiva, só pela simples aparição da sua illustre collega. A sr. Thomazia era, por advinhação, uma especie de Tayllerand, trazia sempre a sua tenção firme, mas não era mulher que a expozesse logo, sem primeiro a diffcultar com rodeios que pouco ou nada vinham para o caso, mas que ella habil e prudentemente apresentava sempre de guarda avançada aos seus exordios, por via de regra tão calculadamente obscuros, como manifesta e clara a idéa permanente da extorsão, com este ou aquelle por alliado, com tanto que houvesse a segurança de não ser ludibriada, nem lesados n'um real os seus *legitimos* interesses.

Luiza, apenas viu entrar a velha, apertou-se-lhe immediatamente o coração, como se uma voz prophetica a avisasse do mal que lhe poderia fazer aquella mulher que ella apenas via pela primeira vez. A thia Thomazia é que não era mulher que desanimasse por tanto pouco; intrepida no dislarce, e resoluta em todos os seus negocios, a perturbação de Luiza era para ella uma coisa insignificantisima, e apesar de lhe não ter escapado nada do que em roda de si se passava, en-

tendeu que era descer da sua posição o tentar nivelar-se com os segredos alheios, e que ella suppunha de infima importancia. Só uma coisa escapara á sr.<sup>a</sup> Thomazia, e vinha a ser a phisionomia, um pouco contrafeita do usurario, e as diligencias que fazia para se tornar menos feio, tentando infructuosamente alinhar o cabello, que se lhe ouricava em oppostos redemoinhos, e reprimindo a respiração, na illusoria esperanza de apagar as lavaredas de vermelhão que lhe tingia as faces, trabalho perdido em ambas as tentativas, porque o sr. Ambrosio era impossivel de modificar, no sentido dos seus desejos. O amor intermitente é o peor de todos os amores; e o sr. Ambrosio, ora agarrado aos juro, ora subjugado pelo porte angelico de Luiza, não sabia porque se havia de decidir; o que o tornava de um entorpecimento brutal impossivel de descrever. Se o verdadeiro usurario fosse susceptivel de caricaturar, o socio da thia Thomazia era naquella momento a caricatura de si mesmo. Boçal, como se tivesse chegado ha dois dias da terra da sua naturalidade, queria fallar, e a lingua prendia-se-lhe no céu da bocca; desejava accionar e as duas jardas, a que elle chamava braços, cahiam-lhe ao longo das pernas que não vergavam mais, pelo risco que corriam de quebrar, n'um esforço impotente para contradizer a natureza, que o fizera aleijado. Os supplicios do mytho, inventado pela fabula, eram nada em comparação dos verdadeiros tormentos por que estava passando o usurario.

Luiza, suppunha vexado o homem que nunca tivera vergonha; e a thia Thomazia, enganada pela primeira vez nas suas conjecturas, accreditava que o seu collega estava de caso pensado representando de tolo para assim armar mais facilmente á credulidade de Luiza, em negocio de subida vantagem, e para que era preciso fingir que não fôra entendido logo á primeira vez, para delle se poderem tirar todas as legitimas consequencias da obscuridade em que da proposito o involvião. A verdade é que Luiza ainda não tinha fallado; que o usurario não sabia por onde havia de começar; e que a adella admirando a esperteza do seu collega, verificava, praticamente, o alcance do pensamento de um dos nossos poetas:

« Louvado e louvador são dois patetas. »

A thia Thomazia receiosa de interromper as graves meditações do seu socio, disponha-se a retirar-se sem se atrever a expôr o motivo que alli a trouxera, quando foi prevenida pelo sr. Ambrosio, que havia calculado em silencio o pres-

timo que poderia ter naquella occasião a veneranda matrona que o fôra procurar, e talvez entorpecer a urdidura da Illiada sentimental, que sonhara, lhe fez signal para que não seisse, sem terem conferenciado ambos sobre o emprego de um capital novo para o usurario — o amor.

Para bom intendedor meia palavra basta. O que para qualquer pessoa extranha pareceria no sr. Ambrosio espreguiçamento, ou quando muito um involuntario symptoma de aborrecimento, foi telegraphicamente comprehendido pela adella que immediatamente lhe replicou:

—Vejo que estou incommodando esta senhora; saio, mas já volto.

E accentuando as palavras para poder ser comprehendida mais facilmente do usurario, deixou-o fôra de duvida de que o percebera a elle, e que só se demoraria por fôra o tempo preciso para o sr. Ambrosio ultimar o negocio que tinha entre mãos.

Apenas a adella saiu, Luiza que não comprehendia nada do que se estava passando, julgou propicio o momento para a exposição do seu negocio, e o usurario da sua parte, adivinhando que para confidencias amorosas era demais um terceiro, respirou, e cobrando o valor que sentia lhe fallecera até alli, atreveu-se a dirigir a palavra a Luiza. Banida a linguagem mercantil, assim mesmo, verá o leitor o quanto era secca e prosaica a dicção do sr. Ambrosio. Costumado de criança aos aridos aphorismos da agiotagem, embora inspirado pelo amor, as palavras prendiam-se-lhe umas ás outras como parcelas, de que elle procurava a somma total, e de que, tentando depois tirar a prova real, achava erradas e mal deduzidas umas das outras.

Luiza nascera para ser o desespero da arithmetica, e o sr. Ambrosio a condemnação viva da generosidade. Na lucta entre tão oppostos elementos venceu a arithmetica, o que não admira, por serem os algarismos as visiveis tendencias do seculo.

L. A. PALMEIRIM.

(Continua.)

## NOTÍCIAS E COMMERCO.

Caminhos de ferro em Hespanha. — Os jornaes de Valencia de dia 6 dão as seguintes notí-

cias acerca dos caminhos de ferro daquella provincia: — « Hontem fundearam neste porto tres navios inglezes com carregação para o caminho de ferro: a chegada do primeiro, que transportava uma locomotiva, era esperada com muita impaciencia, e coincide afortunadamente com a terminação das obras de Benifayo a Alceira; esta secção se abrirá provavelmente no fim do mez, só no troço de Alceira a Algemesi ha tres grandes pontes, que se nos affirmam serem notaveis pela sua solida construção. Foram appresentados ao engenheiro em chefe do districto as plantas da terceira e ultima secção do caminho de ferro de Almansa a Xativa. »

Nos jornaes da Catalunha lê-se, tambem sobre obras identicas, o seguinte: « Pelo que temos podido averiguar, adjudicou-se hoje a obra das secções que faltam na linha de Granollers, obrigando-se os empresarios a deixal-as concluidas de todo para 1.º do proximo maio. Com esta adjudicação e com a proxima chegada de 13 navios que ha tempo saíram de Inglaterra carregados de materiaes, esperamos ter o gosto dentro de poucos mezes de ver inaugurada esta importante linha.

**Os jesuitas na America.** — A republica do Equador segue o mesmo systema da republica da Nova-Granada, pondo fóra os padres jesuitas. Achando-se ultimamente reunida em Guayaquil a assembléa nacional foram submettidos ao seu exame os seguintes questos:

1.º É ou não conveniente a existencia do instituto da companhia de Jesus na republica do Equador?

2.º Deverão ser expulsos os padres da companhia?

A primeira questão foi resolvida negativamente por maioria de 21 votos contra 14; por consequencia a assembléa poz em vigor a pragmatica de Carlos III que deitou fóra os jesuitas dos dominios hespanhoes.

O consul de Hespanha, Dr. Julian Broguer de la Paz tomou debaixo da sua protecção os jesuitas por sua qualidade de hespanhoes, invocando os tratados, e logrou suspender as medidas do executivo por algum tempo. Porém, á ultima data, o governo propunha aos padres partirem de sua plena vontade, obrigando-se a pagar-lhes as despesas da viagem até o porto que escolhessem, e a designar-lhes uma pensão decente até setembro de 1853 corrente, epocha em que o congresso ha de reunir-se novamente, e poderá tomar decisão peremptoria sobre o assumpto.

**Respetto á propriedade.** — Os indios similes recusam evacuar o seu territorio natalicio na Florida e refugiaram-se nos pantanos. Ainda não ha muito tempo o seu famigerado caudilho Billy-Bontags na ultima jornada que fez a Washington (capital federal dos Estados-Unidos) consentira, mediante um tratado, em emigrar com a sua tribu para

a outra margem do Mississipi. Parece que este convenio não foi approved pela sua gente, que para obrigar-o á resistencia lhe tomaram de refens as mulheres e filhos, ameaçando depol-o da auctoridade do chefe.

Agora consta que se estão organisando na Florida varias companhias de voluntarios para expulsar á força os indios do seu torrão natal.

**Apezar da decantada policia inglesa.** —

No dia 25 de janeiro passado, á noite, mistress Dullill, mulher avançada em idade, saiu de Hull para Beberley no ultimo comboy do caminho de ferro: tomou assento n'uma carroagem de segunda classe com outros muitos viajantes, que todos se apearam em Cottingham, á excepção de um individuo com o qual ficou só aquella senhora. Apenas o trem se poz em marcha, o companheiro de jornada da desgraçada mulher arremeteu com ella e arrojou-a para fóra. Os gritos da victima ouviram-se na estação de Cottingham, e os empregados acudiram pressurosos ao lugar da catastrophe, onde encontraram mistress Dullill ensanguentada. Uma quantia consideravel em ouro e notas de banco de que era portadora tinha desaparecido. A mulher foi conduzida ao hospital, havendo poucas esperanças de salvar-lhe a vida. O auctor do attentado conseguiu evadir-se por ir só no trem, e desaparecer na primeira estação de parada.

#### MAIS ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A MISSA DO NATAL NA IGREJA DA ENCARNAÇÃO.

Appareceu no n.º 1599 da *Nação* uma correspondencia em que pertendendo seu autor attenuar o effeito do que escrevemos acerca do modo porque foi celebrada na noite de 24 de dezembro ultimo a missa do natal na igreja de N. S.ª da Encarnação, taxa de menos exactas ou minimamente ~~aceladas~~ as observações que fizemos sobre o assumpto.

Ben certos estavamos de ter por nós a opinião do publico illustrado, que condemna os abusos que algumas vezes se praticam no culto exterior da nossa religião, e tivemos até a satisfação de ver o nosso artigo transcripto por alguns dos órgãos mais distinctos da imprensa, mas não ignoravamos tambem que nossas palavras iriam ferir a susceptibilidade das partes interessadas, e por isso não nos causou surpresa que alguém saísse a campo, embora um pouco tarde, a advogar a causa dos empregados da igreja da Encarnação, propugnando pelos abusos que nós censuramos.

O que não padeca duvida, porém, é que o digno correspondente da *Nação*, o sr. F. a quem não nos é concedida a honra de conhecer, não foi bem succedido na sua empresa, nem podia sel-o, pois a ninguem é dado negar a evidencia dos factos.

quando esses factos são bem patentes, e presenciados por grande numero de pessoas.

Não seguiremos o sr. F. na sua dissertação sobre as diversas circumstancias que acompanharam o nascimento do promettido das nações, o lugar em que Maria Santissima deu á luz o Messias, o uso antigo que ha nas cidades, villas e aldeas deste reino de celebrar uma missa á meia noite na véspera do natal, e outras muitas coisas, que são geralmente sabidas, que ninguem contesta, e pouco veem ao caso para o assumpto de que se tracta. Responderemos tão sómente ao que tem relação com o que escrevemos, apellando depois para o publico sensato, para que confrontando a opinião de ambas as partes decida se houve ou não abuso, e se tal abuso merece ou não censura.

Dissémos que se havia affixado aviso á porta da igreja, annunciando musica vocal e instrumental, detalhando a funcção, e especificando até que se tocaria *musica propria do acto*, e o sr. F. para provar que nós tínhamos enganado, deu-se ao trabalho de transcrever elle mesmo o citado annuncio, em que entre outras coisas se lê — dando-se a beijar o Menino no fim da missa, *tocará a musica no entanto uma symphonia propria do acto*. Attribue o digno correspondente este annuncio á *solida* piedade e devoção dos empregados da igreja da Encarnação, *que quizeram imitar os pastores da Judea* que se convidam uns aos outros para irem até Belém vêr o que o anjo havia annunciado, e acrescenta que muitas vezes hade o nosso melindre ser offendido por avisos de igual natureza affixados nas igrejas desta capital. E neste ponto não se enganou; que alguns convites temos visto que estão aproximadamente no mesmo caso que o da igreja da Encarnação, e que parecem mais destinados a attrair grande concorrência de povo, com a *promessa* de algumas horas de *recreação phylarmonica*, do que a chamar piamente os fieis ao templo do Senhor.

Não nega o sr. F. a existencia do transparente na capella mór: pelo contrario diz que apenas o celebrante entou o *Gloria in excelsis Deo*, o transparente se abriu, deixando ver um presepio cercado de 70 luzes, havendo ao todo 225 luzes na igreja. Se aquelle transparente, do modo porque estava arranjado era improprio ou não da igreja, que o julguem os que estiveram presentes: quanto a nós, parece-nos decididamente que não, embora este parecer não seja conforme com o do digno correspondente.

Insistimos em affirmar que n'um dos pontos mais sollemnes do Sacrificio se tocou a musica da *Sicilienne*, e apellando para o testemunho de todas as pessoas que se achavam no recinto da igreja, e que conhecem a musica a que alludimos. E não foi preocupação nossa; pois tão impropria nos pareceu aquella musica, e tão absurda a sua introdução na missa, que quasi não demos credito aos nossos proprios ouvidos, e só avançamos o facto depois de o ter visto estranhar por muitas pessoas presentes.

Nunca intendemos, nem tal podíamos conceber, que se devesse vedar a entrada na igreja a dois fieis do gremio da religião catholica, embora chinas de nação: alludimos simplesmente á sua presença como uma das circumstancias que contribuíram para distrahir continuamente a attenção dos concorrentes.

Tributa louvores o auctor da correspondência ao regedor da freguezia e a 14 soldados da guarda municipal que estiverem presentes, por não se ter notado nenhum *acontecimento* durante toda a funcção, *prova evidente*, segundo elle diz, da *solida* piedade e devoção dos assistentes. Eis aqui uma amostra de boa logica! Que conclusão tira o sr. F. das premissas que estabelece? Se o regedor e os soldados merecem louvores é porque *cohibiram* abusos, logo não houve a *solida* piedade e devoção dos assistentes; e se de facto houve essa devoção, é absurdo tributar louvores á policia que nada fez, nem para coisa alguma foi invocada. Notaremos além disso que póde haver pouca devoção e pouco recolhimento sem que essa falta seja elevada á altura de um *acontecimento*, e que é indecoroso apregoar-se que a ordem se conservou inalteravel durante uma funcção religiosa mediante a presença da força armada.

Os empregados da igreja da Encarnação acharam um defensor, que naturalmente saiu da mesma corporação, por isso que está tão ao facto do numero de vellas que se accenderam, e outras minudezas, que só a pessoa de casa é dado saber. Quanto a nós, condemnámos o que foi publico e notorio, sem investigarmos as causas e os motivos que lhe deram logar: acreditámos até que nos empregados da igreja da Encarnação não houve idéa de commetter abuso: mas o que por ignorancia se practica é também condemnavel, e se apellámos para o em.<sup>mo</sup> cardeal patriarcha foi mais para providenciar para o futuro do que para corrigir o que já não tinha remedio. Fazem todos justiça á intelligencia, zelo e cuidado pastoral de s. em.<sup>ma</sup> e estamos certos que se s. em.<sup>ma</sup> pudesse ter exactas informações do que se pratica no decurso do anno em todas as igrejas do patriarchado, não se commetteriam alguns abusos, como os que censurámos, que prejudicam de certo o verdadeiro culto externo da santa religião que professamos.

DEMETRIO RIPAMONTI.

#### BIBLIOGRAPHIA.

COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL, por José da Matta Pessoa de Amorim.

Publicou-se a 4.<sup>a</sup> folha do tomo 4.<sup>o</sup> e contém:

*Historia prophana*. — Grecia, Macedonia e Persia, até ao nascimento de Alexandre e exaltação de Dario Codomano ao throno da Persia.

Vende-se a 20 rs. a folha na rua Augusta n.<sup>as</sup> 1 e 8; e a 300 rs. por volume nos principaes livreiros de Lisboa, Porto, e Évora.



# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 33.

QUINTA FEIRA, 24 DE FEVEREIRO DE 1853. 12.<sup>o</sup> ANNO.



*Qui vicerit, sic vestiatur vestimentis  
albis, et non delebo nomen ejus de li-  
bro vitæ, et confitebor nomen ejus co-  
ram Patre meo, et coram angelis ejus.*

APOCALYP. III — 5.



UMA flôr de vida esperançosa e illustre feneceu para sempre, entre as petalas graniticas e collosaes dessa flôr do Oceano, cantada pelos poetas, como se fôra um leito de flores, surgido dos mares para conforto e repouso do corpo enfermo.

Sua Alteza Imperial a Serenissima Princeza D. Maria Amelia Augusta Eugenia Josephina Luiza Deolinda Heloisa Francisca Xavier de Paula Gabriella Raphaela Gonzaga, expirou na ilha da Madeira às 4 horas da manhã do dia 4 de febreiro de 1853.

O dia 1.<sup>o</sup> de dezembro de 1831 foi o primeiro da sua existencia.

Cahem as lagrimas sobre o coração ao vêr assim cobrir com a cinza do sepulchro a primeira pagina de tão formosa e afortunada vida.

Ouviu o Apostolo querido a voz de Deus, que dizia :

« Eu aos que amo, reprehendo e castigo. » \*

Mais uma vez se cumpriu a palavra do Altissimo.

Foi a illustre Princeza daquelles entes predestinados, de quem fallou o santo e tremendo Apocalypse de S. João, quando entre os flagellos da humanidade, o clamor dos martyres, e o cair das estrellas, os apresenta como iris de esperança e penhores de fé, ao dizer :

« Aquelle que vencer, será assim vestido de vestiduras brancas, e eu não apagarei o seu nome do livro da vida, e confessarei o seu nome diante de meu Pae, e diante dos seus anjos. »

É assim que para a Princeza a provação começou no berço, bem como a gloria principia no tumulto. São eloquentes os factos que o provam, será pobre a linguagem que os descreve.

O sr. D. Pedro Seu Augusto Pae, de saudosa memoria, deixava as praias do novo mundo, ecoando com os tumultos de uma revolução, e A que tinha de ser Princeza, já antes de se envolver nas primeiras fachas da infancia passou sobre os abysmos do mar na larga viagem que o trouxe para a Europa, acompanhado por Sua prezada Esposa e por Sua excelsa filha, hoje Rainha de Portugal.

Filha do Imperador e Rei, não permittiu a desventura que a Princeza houvesse de nascer sobre a terra do imperio ou do reino de seu inclito Pae ! — E foi em Paris que viu a primeira luz do dia.

As cores tristes das divisões politicas não devem manchar as vestes candidos do Anjo que parece ter passado pelo mundo, para unicamente

\* Ego quos amo, arguo et castigo.

APOC. III — 19.

orar sobre a sepultura de seu Pae, estremecendo de amor por sua mãe, e dando aos polvos os cuidados de irmã. — É não é possível, que mesmo sem essas cores, deixe de se apresentar ao pensamento o quadro affectuoso que a historia neste ponto nos recorda.

Um homem filho e neto de Reis, treca dois sceptros por uma espada, abraça a Esposa que ama com fino amor, contempla e beija a Princeza, que sorri para Deus no primeiro alvor da vida, e cerrando ao coração outra filha querida lhe promette a corôa de Rainha que vae demandar á custa da ausencia de toda esta união do que mais se pôde amar, quem sabe se até á custa da propria vida!

A sombra do tumulo nos esconde os feitos do heroe.

Fujamos dos campos da guerra — que o sangue de irmãos derramado por irmãos pôde fazer cair sobre a face da terra as lagrimas do anjo que a fê nos ensina a vêr nos coros da Gloria Eterna.

Apaguemos na memoria as acções dignas de outras eras do capitão destemido e valeroso — que a oração do anjo pôde ficar abafada pelos canticos da guerra.

Fechemos o codigo das leis que nos testou, antes de adormecer para sempre na ultima morada dos Reis seus maiores ao lado da espada vencedora — que o embate das opiniões pôde levar tão alto o pó da fragilidade humana que o anjo não veja as saudades de tantos infelizes que choram a sua falta.

Prefira a prece aos annaes do Cezar.

Oremos imitando a Princeza. Ella é um modelo abençoado desde que Deus a escolheu para exemplar das mais venerandas virtudes.

E assim contemplaremos no fundador de uma civilisação nova para Portugal o Pae que tem bastante amor no coração e bastante coragem na alma, para expor a vida na defeza da causa de sua filha, e para á custa de todos os sacrificios pôr em vigor os principios que julga a base da felicidade de um povo. Imperador Rei e Soldado, atravez do prisma do amor filial é para todos o bom esposo, e o Pae desvelado que sabe deixar nos paços de seus filhos escolas de virtude que os povos serão felizes de seguir!

Era bem criança a Princeza, quando a 24 de setembro de 1834 perdeu seu illustre Pae; e ainda assim nunca mais o esqueceu. Este facto de tão curta vida é digno da mais alta commoção.

É para o gravar na pedra do tumulo que to-

manos a penna, que timida sempre, mal se atreve a beijar, até pela temerosa enfeitado, a trazer as tocas finas com que desejamos recordar ao nobre e tanto affecto.

A morte é pelo esquecimento que a segue o maior terror dos vivos.

Os braços que cingem em estreito abraço o corpo animado pela circulação da vida desaparegam-se com pavor do cadaver gelado pela morte.

A vista que se embêbe no olhar affectuoso dos que nos são queridos, desvia-se da espantada immobibilidade dos olhos em que a luz da vida se apaga. Os labios em que a palavra seduz repugnam depois que por elles passou o ultimo suspiro. É assim que os que sobrevivem affugentando primeiro da imaginação a lembrança do cadaver esquecem ao cabo a vida que elle conteve.

Esta fatal consequencia da morte não se pôde contemplar sem terror.

O filho que sorri nos braços maternos, terá ainda muitos sorrisos nos labios depois dos prantos que derramar na sepultura de sua Mãe.

O pae que se regozijara no futuro esperançoso do filho, que chora encerrado no sepulchro, terá ainda depois alegrias que lhe façam esquecer essas lagrimas.

O esposo que julgou perder a vida ao deixar cahir na sepultura a mãe de seus filhos, folgara descuidado antes de feito o cypreste plantado por elle junto de um tumulo. E desta fórma parece que a morte ao cortar o fio da vida, despedaça tambem os laços do sangue.

Das familias que se vão sumindo nas sepulturas, sahem novas familias, que antes do lucto despena a saudade que mata, e que a seu turno irão tambem dormir o somno eterno debaixo da fria e negra pedra do esquecimento.

Entre as sombras horrorosas de tão sinistro quadro, relampeja por vezes uma luz do céu. É exemplo que Deus manda á terra, para que de todo o coração se não abysme na indifferença da dôr. É quando o sol vae alto que maior numero o vê; e o exemplo, que na choupana passaria desapercibido, no throno brilha para todos os olhos.

A igreja nos ensina a vêr na vida da Princeza um exemplo altissimo do culto da saudade que se deve á memoria de um Pae. Devemos crer que muitos esquecimentos e ingratições fizeram merecer ao Sr. D. Pedro o tributo de uma vida rica de intelligencia e de caridade. Para as-

sim acontecer era mister que entre seus filhos um guardasse a recordação dos seus feitos e do seu amor, devendo em lugar da corôa da terra ganhar pela resignação uma corôa de gloria eterna — e pelo sofrimento uma palma angelica em vez de sceptro. Tal foi a missão da Princeza que a morte nos arrebatou no florir da vida. Todos os mais filhos de D. Pedro eram dignos tambem de a cumprir; mas quiz a Providencia que só a Princeza se não ligasse a outros laços e deveres do mundo que não fosse essa união divina.

A excelsa Filha, em quem abdicára a corôa de Rei, aos cuidados da governação difficil e tormentosa de um estado, nas circumstancias de Portugal, junta o extremo affecto pela sua illustrada familia, e assim mesmo a saudade que lhe pertence na corôa que sella o sarcophago de Rei soldado mostra bem pelo verdor que lhe não faltam lagrimas.

O filho em que abdicára a corôa do imperio tendo a cumprir deveres sérios na direcção dos negocios publicos, partilhando os cuidados com a familia virtuosa que o cerca — não tem deixado adormecer a saudade no seu coração de monarcha magnanimo.

A Princeza D. Januaria casada em 28 de abril de 1834 com o Principe D. Luiz, conde de Aquila, tem que juntar ao sentimento da saudade pela perda de seu Pae — os affectos de boa esposa e de extremosa mãe.

E a Princeza D. Francisca, casada a 1 de maio de 1843 com o Principe Francisco de Orleans, Principe de Joinville, juntava a recordação querida da memoria de um Pae, com o infortunio da familia de seu esposo.

Restava ainda uma Filha ao lado da Viuva do Imperador, ao lado da Esposa digna de um heroe, e do respeito e admiração de dois povos. Era a Princeza Amelia, fructo do consorcio que deixou por memoria mais uma ordem no Imperio, para recordar áquelles que recebem a honra de a pôr sobre o peito o extremoso amor dessa união cortada primeiro pela separação e depois pela morte.

É sabido que por decreto de 17 de outubro de 1829 o Sr. D. Pedro, como Imperador do Brasil, creou a Imperial Ordem da Rosa, militar e civil, para solemnizar o seu consorcio com a Princeza Amelia de Leuchtemberg, sendo o Imperador Gran Mestre da Ordem, o Principe Imperial Gran Cruz e Grande Dignatario Mór, e as outras pessoas da familia Imperial todos Gran Cruces.

A insignia desta recordação nos parece revelar os futuros destinos que os Augustos Consortes mal podiam prever. Consta de uma estrella de seis raios esmaltados de branco, com cercadura de oiro, e um globo em cada ponta, assentando sobre uma corôa de rosas desabrochadas. O circulo da estrella é branco, e tem sobre o esmalte entrelaçadas em oiro as iniciaes P. A. (Pedro e Amelia); e o largo circulo de oiro que cerca este escudo tem por divisa — Amor e Fidelidade.

A estrella feliz pouco tempo brilhou no horizonte da vida — as rosas desabrochadas não resistiram ao sopro da desventura; e cheias de vida e de perfume esconderam-se em um Paço como se fôra um claustro, para que ao amor roubado pela morte sobrevivesse a fidelidade alimentada pelo pranto saudoso.

O consorcio Augusto foi digno de ficar sendo recordado por uma insignia de honra.

Depois da infausta morte do Sr. D. Pedro, a mais pungente saudade cobriu de luto duradouro o coração de Sua Magestade Imperial a Duqueza de Bragança.

Ao lado de tão virtuosa e terna Mãe, a Princeza se iniciou nos misterios da saudade, que uma missão celeste lhe fazia estudar.

Será raro encontrar no mundo mais fiel modelo da viuvez e da orphandade, do que no viver destas duas Augustas Pessoas, separadas do mundo pela dôr de uma grande e afflictiva perda. Desde o sempre triste dia da morte do chorado Duque de Bragança até ao principio desse dia que não findou para a existencia de uma angelica Princeza, a vida de Sua Magestade a Imperatriz foi illustrada por dois affectos nobres e ternissimos — a educação aprimorada de sua Filha, e o velar e cuidar pela sua longa doença até receber d'ella, com o ultimo olhar de acrisolado amor, o seu ultimo suspiro.

Mais de um paço real abria as esplendidas portas para possuir S. M. I. e sua amada Filha. Nos paços de Portugal e do Brazil eram queridas como mãe e irmã. Na Suecia o rei Oscar, que esposando a princeza Josephina Maximiliana Eugenia, irmã de S. M. I., e alliou á familia de Bonaparte, dos reis da Baviera, e ás familias imperiaes da Russia e Austria, receberia como irmãs as duas herdeiras da gloria de dois afamados capitães, D. Pedro e o Principe Eugenio, representantes de genealogias tão illustres e respeitadas, como as que mal ficam apontadas nestas breves linhas. E até hoje nos paços do Imper

dor dos Francezes, com que alvoroço e respeito se não festejaria a Filha e a Neta do Principe Eugenio, uma das maiores glorias do primeiro imperio; sabio administrador como Vice-Rei da Italia, e bravo como os mais bravos junto aos muros de Rabb e de Vienna, coroados pela victoria em Wagram, e tantos outros feitos de armas; e morto tres annos apenas depois que em St.<sup>a</sup> Helena se abriu a sepultura do Cesar moderno.

Não eram todos estas grandezas da terra para quem só com o pensamento em Deus, queria viver para orar sobre um tumulto illustre, e para estender no mundo os limites do reino infinito da charidade Evangelica.

Foi na pratica da mais pura e recolhida existencia, e quando as viagens tinham rematado as graças que da terra podia receber quem parecia possuir muitos dons celestes, que a bella Princeza foi tocada pela mão da morte.

Estava cumprida a santa missão.

O principio do seu fim, como a Princeza chamou as proximidades da morte, foi annuciado pelos symptomas de languido e duradouro padecimento que tem sempre no termo fatal a sentida transição entre a terra e a Eternidade.

Em outubro de 1851 começou a doença que não a desamparou até lhe cerrar os olhos para não a deixar vêr as flores da primavera que se aproxima. Em tão largo e acerbo padecimento foi resignada, como se a lição dos Santos Livros que tanto a miudo lia e meditava, estivesse viva no seu elevado pensamento.

A scena dolorosa e sublime do seu ultimo adeus ao mundo devia reunir-se á magestade do oceano e ao triste aspecto dos rochedos de uma ilha, em volta da qual o mar levanta nuvens de espuma, pelo embate das ondas. A rainha da noite derramando sobre a altura das Angustias a luz empallidecida pelo crepusculo do amanhecer, parecia indicar, subindo ao céu, o caminho da alma que se ia separar da terra.

Os Sacramentos da Igreja vieram dar alento pelo conforto da fé para a Princeza vencer a dor dos ultimos momentos. Em tão atribulada hora, como a que marca o fim da existencia, o ministro do Senhor disse missa na camara em que a luz da vida de uma filha se apagava entre os carinhos e os prantos da mais extremosa Mãe.

É mister que a fé se apegue muito á Cruz da lemção, para não romper em imprecações

de dôr ao vêr desvanecer as rosas das faces angelicas ante o olhar ancioso da Mãe que ergue as mãos ao céu, pedindo a prolongação da vida de sua filha; ao saber que nos braços maternos o estertor da morte enfraquece o ultimo amplexo, e que o gesto immovel diz que a vida parou e o frio mortal do cadaver já é sentido até no coração da Mãe que ainda o conchega a si ardendo no fogo da mais intensa dôr,

É na hora do passamento que o christianismo deixou a sua mais eloquente lição. O rochedo da Madeira é no transe doloroso a que nos referimos uma pagina sublime em que as consolações do Evangelho resplandecem com todo o fulgor da Divindade.

A mais sentida morte que tem enlutado a terra; esse supplicio tremendo em queo Redemptor rendeu o Espirito com os braços pregados na cruz afrontosa; para ser de eterna recordação do Universo, para não morrer na memoria dos homens; foi completado pela dôr maternal junto ao corpo exanime do Filho de Deus. A soledade de Maria, a Virgem Mãe, traspassado o coração pela dôr de perder seu Filho, é o complemento sagrado do maior dos sacrificios.

Lá está tambem ao lado do leito de morte da Princeza a mãe para quem vae começar a angustiada soledade. Em volta desse leito em que as flôres da vida se desfolham e seccam, a oração acompanha os soluços; a dôr está nos que ficam, a resignação vem dos labios da que vae partir para a mansão dos justos. E quando a palavra se não pôde já communicar á terra porque o espirito antevê a Gloria, o sorriso que ainda vem dar movimento ao amortecido olhar revela que além da sombra do sepulchro que se projecta sobre o corpo exausto está já alumando a alma a luz da Eternidade.

Morreu! — A terra não ouvirá mais o som mavioso da sua voz — o pobre não verá mais alegrar-se o rosto angelico da que tanto lhe valia — a Mãe não sentirá mais junto a si o palpar do coração de Sua Filha. A sepultura esconde a aniquilação dos restos mortaes de que se desprende a alma. A Imperatriz em taes momentos se resigna no silencio de uma dôr extrema: e tendo lido na alma de Sua Filha, como em um livro de verdade, a missão que viera cumprir, parece que entre coros de anjos ouve confessar o nome da que tanto presa, diante do Eterno e de seus anjos; e as vestiduras brancas da innocencia dão corpo a esta idéa que as palavras do santo e mysterioso Apocalypse nos ensinam a venerar.

A que viveu para esposar o colto da séntida saudade que deixou um heroe dos nossos dias, devia ficar sendo chorada no mundo por quem não tivesse mais íntimos affectos que a ligassem a elle. A virtuosa viuva do Imperador parece poupada pela morte a tão forte tormento para com a saudade maternal, premiar a memoria da que soube vencer a morte, nao deixando enfraquecer na lembrança a respeitavel imagem de seu illustre Pae.

A Princeza já não vive. A sua curta vida acabando foi bastante longa para vencer o esquecimento do tumulo com o amor de filha, as tentações do mundo com a charidade do Evangelho, e a fraqueza da terra com a resignação da fé. Ella venceu. Oremos, que foi para os que venhem estas victorias que Deus disse:

Eu não apagarei o seu nome do livro da vida.

*Et non delebo nomen ejus de libro vitæ.*

Em 19 de fevereço.

A. J. RIBEIRO DE SÁ.

Transcrevemos em seguida uma bella poesia que o sr. A. Galleano-Ravara teve a boudade de nos enviar, dedicada á saudosa memoria de S. A. I. a Princeza D. Maria Amelia.

Estimamos vêr que o distincto poeta italiano, tão vantajosamente conhecido entre nós pelos bellos dotes que adornam o seu espirito, quiz tambem afinar a sua lyra para cantar em sentidos versos as excelsas virtudes da Princeza, cuja perda acaba de enlutar todos os corações.

#### IL 4 DI FEBBRAJO.

##### Elegia.

DI A. GALLEANO-RAVARA.

Tante in Costel, fuor di misura infuse  
Grandi egregie virtù, son le mie Muse.

FILICAJA.

Per disto di corone, o volgar lode,  
A me modesto e del mio nulla pago,  
Oggi la Musa non accorda il plettro;  
Sull'Italia mia lira le vocali  
Dita i' movea solo per trarne accordi  
Che dal core partendo, colla stilla  
Divorata dal ciglio andasser anco  
Al cor: né mai da norma altrui persuaso  
Spiegai le penne giovani, tentando  
Toccar la cima che non giunsi ancora.

Sempre a libero carme il labro apersi;  
E dove più vidi innocenti spirti,  
E gentili desiri, e cori mondi  
Dalla turpe belletta, che nasconde  
Le meditantí frenesie del male,  
Piú versi profferii; perchè coll'estro,  
Onde la mia fidente Musa avea  
Ispirata la lira giovanile,  
Gradito m'era accarezzar virtude;  
Sebbene di sé paga, ella a sé basti.

Oggi levo sublime il pensier mio;  
E senz' altro comando, od altro cenno  
Che quello che il dolor porta nel petto  
Di chi gli angoli adora, onde l'Eterno  
Fea men duro l'esiglio della terra;  
Commosso pur da quel che t'ange il core,  
O madre lagrimosa, ah! presto orbata  
Di quanto ora più caro avevi al mondo!  
Dell'ardir mio largo perdon chiedendo,  
Non celando la lagrima che cade  
Dal mio ciglio, e sul tuo la tua saluta,  
Povera messe di non colti carmi,  
Augusta madre, t'offro: e il mesto voto,  
Come conforto, a' piedi tuoi depongo,  
Ispirato in un cor che sente e sape  
Quanti sien del dolor santi gli affetti. —

Con franco piglio la dolente cetra  
Ora impugno, per trarne alte melodi  
Di mestizia regale, impodestando  
La sentita elegia d'un CARO NOME  
Che il linguaggio parlando dell'amore  
Materno, simbol resta di sventura  
E d'adorazione al popol Luso.  
Vedova dell'Eroe, madre infelice,  
Se genuflessa al marmo della figlia,  
Spargi coi fior la lagrima votiva,  
E di lei con Dio parli inconsolata,  
Al pianto tuo quel mesi che il mio carme  
Ora ti reca; e a tuoi, i fior del bardo  
Disposa. Havvi nel duol scarso conforto  
Narrando altrui la sua sventura, e paco  
Spesso ne vien, quando con noi si piange:  
Ora, se pure rimembrar mi lice  
La visione narrerò che tanto  
A me fornì di lena; e forse fia.  
Che a te non dolga che ti narri il vero.  
Incolto carme ma dolenti detti  
Dal labbro udrai, ch'altro non ho che vesta  
Il mio pensiero che l'amor dell'anima:  
Il verso non curar — ascolta il vero.

#### II

L'alba del dì la lucida quadriga  
Di carbonchi immortali sfolgorante  
Dalle pendici Eoe traea festiva,  
E le rose spargean l'Ore e le Grazie,  
E nude il piede, e di raggianti sertí  
Redimite le chiome al vento sparse,  
Intrecciavan le danze del mattino,  
E già del prato l'umile famiglia  
Levavano li calici irrorati  
E rigogliosi sullo stel, siccome

Sentissero l'amplesso avvaloratore  
 Di quella Gran Signora della luce,  
 Quando mi apparve per deserta landa  
 Una nube di candida sembianza  
 Come in forma d'un'ara; e si divise  
 E mostrando il celato alto apparechio,  
 Una vergin di bel raggio splendente,  
 Con sorriso di Cielo, in bianca stola,  
 Eloquentemente e cortese in regal modo  
 Atteggiata, stringendo nella destra  
 Una palma, e la manca riposando  
 Sopra uno scudo che tenea le croce,  
 M'apparve e mi parlò, come se noto  
 A lui fossi da tempo, e consecrata  
 Verbalmente le avessi l'obbedienza,  
 Che nel core di suddito sta salda  
 Al martello severo delle prove.  
 Attonito ristetti, e la regale  
 Maestà, che pareva non cercar lodi,  
 Né parole sommesse di devote  
 Alme inclinate a somma reverenza,  
 Ammirando; nell'estasi levato  
 Di pia adorazion chiesi alle labbra  
 Quanto il core agitato avea trasfuso  
 Nella mente commossa. Inaridita  
 La fonte mi pareva della parola,  
 E la man che correva sulla fronte  
 Per rispetto a celar la bramata  
 De'guardi avari, mi tremò: nè tutta  
 La voluntade mi piegò su'stanchi  
 Ginocchi, quando reclinare mi velli  
 Ad offrire il pensier di mia preghiera.

Finchè colei che d'angelo la voce  
 E le sembianza avea, dischiuse il labro,  
 E tali disse cose benedette,  
 Che ricordar, nonchè scriver potria  
 Un misero mortale. Ma l'onore  
 Ch'io riportai non deve andar perduto,  
 E l'apparir dell'angelo; onde speme  
 Meglio s'infonda nei figli di Gama;  
 E sappian essi che ancor v'ha nel libro  
 Sconosciuto de'Fati una sentenza  
 Di più superbi eventi nel futuro;  
 Perché verrà che nei confin del Tage,  
 Sulle rive limose esercitate  
 Dal Britanno corsier, la Lusa Donna  
 Non vorrà rimanersi nebbittosa;  
 Ma vaga ancor d'imperi allarghi il lembo  
 Del suo vecchio regal paludamento,  
 E ritorni più bella su quel soglio,  
 Da cui discese volontaria, al careo  
 Cedendo di sventura. — Ora la bianca  
 Vergine parla, e intorno a lei tranquillo  
 Uno stuol d'angioletti osserva e ride  
 Con una santa voluttà di Cielo.  
 Udite: «AMELIA l' son: mio nome in terra  
 Suona pianto alla madre e ai Lusitani  
 Che me credon divisa dalla casa  
 Paterna, or che la patria mia m'accoglie.  
 Se tu parli con lor (col verso il puoi,  
 Perché del bardo sale la parola  
 Ovunque Amor di nobili pensieri  
 Fa palpitare l'anime gentili)  
 Narra queste parole mie; le narra,

E d'esse autore il labro mio proclama;  
 O meglio il cor che il labro è degli stolti;  
 E de'bugiardi, che talor l'inganno  
 Chiaman sagacia e la perfidia onore.  
 Tu di' che innanzi a te dette l'udisti,  
 E con fervor di santa ripetute;  
 E se 'l dirai tel crederan le amiche  
 Anime degli afflitti, a cui sol giova  
 Del prossimo l'amore, e in cor non hanno  
 L'indegna economia del bene altrui  
 L'anguicrinita invidia macerante.  
 V'hanno laggiù, dove tu vivi, alcuni  
 Di codesti gentili e cari Spirti,  
 E tu ne troverai che a te daranno  
 Pegni di stima e deferenza, quando  
 E l'una e l'altra a meritare t'adopri.  
 Quando vedi i parenti, o sulle carte  
 Che tu bagni di pianto, e colorate  
 Hai col lutto di tue dolenti idee,  
 Essi volger vorran l'umido sguardo,  
 Loro non fia discaro udir parole  
 Ch'io pronunziassi dopo la mia partita.  
 Io son felice in sen di Dio col padre  
 Che quivi m'attendea con braccia aperte,  
 Nè sola i' fui de'miei parenti amati  
 Orba un istante, che lasciando il frate  
 Nell'amplesso materno, l'alma amante  
 Ricovrai nel paterno... Oh! mia ventura!  
 Quando nell'agonia pensai di lui,  
 E della madre che mi stava a fianco,  
 Un desio m'assalia di tanto amore,  
 Che divisa volea viver fra loro,  
 Onde tutta goder l'immensurata  
 Gioia del santo amor, che m'accendea;  
 E quando sulla soglia dell'Empiro  
 L'alma volò dinnanzi a Dio, la vita  
 Nuova sentii che più non rompe il ferro  
 Mucidial di Morte... oh se potea  
 Tornar su passi miei trovar l'afflitta  
 Genitrice e parlar della mia sorte...  
 Fatto l'avrei, perchè il suo duol mi parve  
 Più che frate mortal sopportar possa,  
 Ma mi trattenne il padre a me dicendo:  
 « Lascia che paghi il voto del tuo pianto;  
 Ente mortal, come mortal s'appaga  
 Di sua sventura; e del dolor che l'ange,  
 Il dolor suo si nutre... ancor non cessi  
 Questa consolazion dell'infelice,  
 Finché un'altra n'appresti imperitura  
 L'onnipotente volontà di Dio. »  
 Or io mi siedo in mezzo ai Cherubini,  
 Ed odo i loro canti che sull'arpe  
 Di Davide temprando van nell'aula  
 Dell'Eterna Armonia. — La pace è questa  
 Che Dio concede ai giusti... lui beato!  
 Che il suo volere a questo regno elegge!  
 S'io son felice ch'altri esserlo tenti,  
 E se per la mia cara genitrice  
 È conforto il pregar sulla mia tomba,  
 E posarvi i fior ch'ella nutriti  
 Avrà per me nel pianto!... sia!... Sovente  
 Io parlerò con lei, da quella pietra  
 Levandomi vestita di celesti  
 Spoglie, e ne'sogni apparirò de'miei  
 Diletti tutti, e parlerò di cose

Divine e belle, e il lor pensier di amore  
E di speranze ricolmando, un inno  
Insegnerò; ed ei lo canteranno  
Come voto dell'anima, che piange  
Sopra il tranquillo cenere racchiuso  
In quell'avel che porterà il mio nome.

A tai parole dubbiando e muto  
Io pendeva tremante irrequieto,  
Come persona a cui l'aspetto incresca  
Di padre vecchio o vergine modesta;  
Fra il rispetto, il disio, la gioja incerta,  
La vergogna, il timor non sa che dica.  
E la figlia di Re diceva ancora:  
« Son profeti i poeti, e dalle corde  
Dell'arpa d'avvenir divinatrice  
Mandano suoni che non strugge l'ala  
Del tempo. I vati antichi (chi nol sape?)  
Frenetici d'amore e di speranza,  
Nella profana delli Dei bugiardi  
Densa tenébra divinâr quel Santo  
Ramo d' lesse che dovea nel mondo  
A redenzion dell'uomo erger la Croce;  
E si narra che il foco dell'Empiro  
Con tizzi fumiganti ardesse il labro  
Dell'ispirato e fervido Isaia.

Laddove il biondo Tago tien sua foca  
Siede superba quella gran cittade,  
Che di là dall'ignoto mar cosparsa  
Di Lusitan trofei le terre illustri  
Per il versato sangue, e per l'ardire  
Con che si conquistâr capi e giogaje,  
L'ira vincendo del nemico fato;  
E lo sape Quiloa, lo sa Mombassa,  
Ed il più rio de'mostri Adamastore;  
Madre di Vasco e del cantor sublime  
Che di Tasso e del vecchio Mantovano  
L'orme calcando penetrò glorioso  
E stette di Memoria sotto gli arehi  
Simulacro perenne della Lusa  
Epica Musa. Or quella terra, e quanto  
Bel paese la cinge in pace gode  
Frutti di gloria, chè la MIA GERMANA  
Col senno e col viril genio di regno,  
Contro l'urto dell'invida fortuna,  
Saldo tenne il vessillo di Braganza.  
Ma se a te lice profetar, dal labro  
Della tua visione le parole  
Imprestando, di' pur che non men bella  
Sarà la gloria di future etadi;  
Perchè quando il Nipote osservo, e veggio  
Nel cammin di sua vita la gagliarda  
Di quell'alma regale fantasia,  
Arrestarsi pensante sulle carte,  
Ove studia le gesta de'passati,  
E il cor gli batte in sen severamente,  
Allor m'è forza d'esclamar: Perduto  
Io non t'avessi così presto o Prence!  
Oh! nel tuo petto scorre un nobil sangue,  
Un'alma generosa alberghi! e tutta  
Di Dio tu compirai la volontade  
Oh! nobile rampollo di Braganza!  
Tempo verrà che il braccio tuo possente  
Si scioglia a generose ed alte imprese

E di vittoria larga messe adduca,  
Quando di scettro colla man capace,  
Nobile erede del!materno senno  
E del valore avito, un'altra improntì.  
Pagina, sacra al Lusitano onore!  
Questo sfogo dovuto era al parente  
Il di cui nome non morì sul labro  
Quando mi strinsi il Dio de' padri miei  
Sovra l'ansante petto; e della madre  
Udii nel core l'ultima parola.  
Or che di lui, di tutti i miei ricordo,  
E a tutti benedico, come in terra,  
Già fei; di lui, de' miei si taccia; e solo  
Alla madre dolente si consacri  
Questo canto che gli angeli con meco  
Vanno temprando sulle cetre eterne. —  
Né più disse: la nube la raccolse;  
La luce sparve, e come stella in Cielo  
Pellegrinando corre i campi immensi  
Dell'azzurro notturno, a me dinnanti  
L'ultima luce balenò; dappoi  
Inni di gioja e di preghiera udii;  
Ed io compreso di divino affetto,  
Al calamo richiesi ciò che'l ciglio  
E l'orecchio portato avean nel core.

## CORO DEGLI ANGELI.

Come pensosa vergine  
Guarda e sospira il Cielo,  
Quando sul capo supplice  
A lei s'impone il velo,  
Ed alla terra ignobile  
L'estremo vale dà,

Tal la regal prosapia  
Di troni e re speranza,  
Raccolta il crin dagli omeri,  
Nella funerea stanza,  
Le palme aggiunte, immobile  
Di prece in atto stà.

Accanto a lei, la coltrice  
Dell'affannoso letto  
Bagna di calde lagrime  
La madre; e il freddo petto  
Coll'interrotto anelito  
Intende a ravvivar;

E la partita figlia  
Ahi! chiama ancor per nome;  
E a mille imprime i bacj  
Sul viso e sulle chiome...  
E l'incitata sillaba  
Le tronca il sospirar.

Del SUO GRAN PADRE immagine  
Raggio di *Gran Virtude*,  
Innanzi tempo il facile  
Sentier per lei si chiude,  
Nata a possenti palpiti  
Cadde divolto fior.

Nè a lei pioveva un magico  
Sorriso innamorato

D'un innocente giovane  
A sua beltà serbato;  
Come una stella fulgida,  
Pura, sull'alba muor.

Vola sovra ali candide  
Alla celeste Porta:  
La bella eletta vergine  
Dorme, non è già morta;  
Lasciò la stanca spoglia,  
Al padre suo volò.

Ora gentile spirito  
Aleggia in Paradiso,  
E cerca la sua requie  
Nell'Immortal Sorriso;  
Su più sicuro soglio  
Il fianco suo posò.

Sulla celeste soglia  
Il genitor l'accolse;  
E il serto del martirio  
Dal molle crin le tolse;  
Ed un supremo bacio  
Le diede in fronte allor;

E disse: a te purissima,  
Asilo mal sicuro  
Era quel mondo indocile  
Per ogni vizio impuro;  
Laggiù non vivon gli angeli  
Amanti del Signor.

Ed ella rise, e placida  
L'occhio volgendo al suolo,  
Della deserta vedova  
In cor le scese il duolo;  
E dall'Eterno Genito  
Pregò per lei mercè.

Osanna! Osanna! Il Cantico  
Suoni sul Luso lito;  
Sorga la gente, e docile  
All' affannoso invito  
Porti al votivo tempio  
Gli omaggi della fé.

Ergi la fonte o VEDOVA  
O MADRE sconsolata;  
Tergi l'amara lagrima;  
La gota scolorata  
Vesti di pia letizia,  
Spera nel Tuo Signor.

Egli portò sul Golgota  
La soma dei redenti;  
Egli patì lo strazio  
Di sue sventure ingenti;  
Ed obbediente figlio,  
Diede per onte, amor.

Deserta nel tuo pelago,  
Solvinga navicella,  
Tu non sarai nell'impeto  
Di questa ria procella;

Spera che al remò, all'ancora  
ALCUNO vaglierà!

E nelle notti placide,  
Ne' sogni tuoi silenti  
Verrà l'amata figlia,  
Col suon di cari accenti;  
E tutto il tuo cordoglio  
Pietosa lenirà.

#### DOCUMENTOS OFFICIAES.

Havendo Sua Alteza Imperial a Serenissima Princeza Dona Maria Amelia fallecido em o dia 4 de fevereiro corrente, pelas quatro horas da manhã, no paço junto á cidade do Funchal, e tendo Sua Magestade a Rainha, em demonstração de sentimento pela infausta morte de Sua muito amada e presada Irmã, resolvido encerrar-se por oito dias, que hão de terminar no dia 19 deste mez, e tomar luto por quatro mezes, contados de hoje, sendo dois mezes de luto pesado e dois alliado, ordena:

Que os seus criados e a corte tomem o mesmo luto;

Que durante tres dias successivos, incluido o de hoje, se suspenda o despacho em todos os tribunaes e repartições publicas, exceptuando as causas fiscaes;

Que estejam fechados os theatros, e se não permitam espectaculos publicos durante os mesmos tres dias;

Que assim se annunciem estas disposições para conhecimento das pessoas e auctoridades, a quem competir a sua execução.

Paço das Necessidades, em 12 de fevereiro de 1853. — *Rodrigo da Fonseca Magalhães.*

Por ordem superior se annuncia que Sua Magestade a Rainha tem resolvido receber no real paço das Necessidades durante oito dias, que hão de terminar no dia 19 do corrente mez, desde as onze horas da manhã até á uma da tarde, os cumprimentos de pezames, que, pela sentida morte de Sua Alteza Imperial a Serenissima Princeza Dona Maria Amelia, Sua muito amada e presada Irmã, lhe fizerem as pessoas que estão nas circumstancias de gosar desta honra; e que ficam suspensas, até nova resolução de Sua Magestade, as recepções que actualmente tinham lugar no paço nos domingos á noite de quinze em quinze dias.

Sua Magestade a Rainha tem resolvido que,



em demonstração de sentimento pela infausta morte de Sua Alteza Imperial a Serenissima Princeza Dona Maria Amelia, Sua muito amada e presada Irmã, estejam fechados os theatros, e se não permittam espectaculos publicos por espaço de tres dias, contados de hoje. E assim o manda participar, pela secretaria de estado dos negocios do reino, ao governador civil do districto de Lisboa para seu conhecimento e execução na parte que lhe toca. Paço das Necessidades em 12 de fevereiro de 1853. — *Rodrigo da Fonseca Magalhães*

BOLETIM DO DIA 4 DE FEVEREIRO.

Sua Alteza Imperial a Princeza Dona Maria Amelia, depois de ter tido hontem pela manhã e até ás tres horas da tarde algum allivio no seu soffrimento, começou a essa hora a sentir-se mais afflicta; a difficuldade de respirar e a anciedade a augmentar-se; a tosse a fazer-se cada vez mais fraca; a expectoração difficil; e apesar dos remedios empregados o estado de Sua Alteza Imperial peiorava sensivelmente de hora para hora. A meia noite Sua Alteza Imperial desejou confessar-se ainda mais uma vez. Recebeu o Sacramento da Extrema-Unção, e instou para que o digno vigario geral, que lhe assistia, celebrasse missa para lhe administrar mais essa ultima vez o Sacramento da Eucharistia. Recebido o Sagrado Viatico, a agonia foi em augmento; e no meio das orações da egreja, e da consternação de todos, dando por todos os modos que lhe era possivel as mais ternas e affectuosas demonstrações de amor e carinho a sua inconsolavel Mãe, e um exemplo de resignação, paciencia e sentimentos religiosos a todos que a cercavam, deu a alma ao Creador ás quatro horas da manhã do dia 4 de fevereiro de 1853.

Paço junto ao Funchal, em 4 de fevereiro de 1853. — (Assignado) Doutor, *Francisco Antonio Barral*.

Ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr. — Cumpre-me participar a v. ex.<sup>a</sup>, com a maior mágoa, que hoje pelas cinco horas da manhã, falleceu nesta cidade Sua Alteza Imperial a Princeza Dona Maria Amelia, e que, com quanto a Imperatriz minha Senhora e Ama esteja soffrendo a mais aguda e pungente dôr, que pôde padecer uma tão terna e carinhosa mãe, não tem até aqui a sua preciosa saude experimentado o violento abalo, que ella, e todos temiam, que logo nos primeiros momentos lhe causasse tão dura e fatal privação, mostrando a

mesma senhora, no meio de tão grande tormento, a mais heroica constancia, e a mais edificante resignação nas mãos de Deus.

Ao ex.<sup>mo</sup> ministro e secretario de estado dos negocios do reino digo, nesta mesma data, as disposições que aqui, por ora, tem sido tomadas em consequencia de tão lamentavel acontecimento, cuja noticia eu, conformemente de vontade de Sua Magestade Imperial, estou tractando de evitar que chegue de golpe ao conhecimento da Rainha nossa Augusta Ama, e da Real Familia pedindo eu a v. ex.<sup>a</sup> que, em tempo opportuno, e por tão triste occasião se sirva beijar suas reaes mãos, tanto em meu nome, como por parte dos servidores de Sua Magestade Imperial, que aqui nos achamos de presente; estando eu bem certo da profunda mágoa, que esta participação ha de causar a v. ex.<sup>a</sup>, e a todos os portuguezes; assim como posso segurar-lhe, que as auctoridades militares desta cidade teem, nesta deploravel occorrença, cumprido perfeitamente os seus deveres. Deus guarde a v. ex.<sup>a</sup> Paço, junto ao Funchal, em 4 de fevereiro de 1853. — Ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr. Marechal Duque de Saldanha, mordomo-mór, presidente do conselho de ministros, e ministro e secretario de estado dos negocios da guerra.

Ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr. — Com a mais profunda mágoa que me não permite escrever de proprio punho, dou a v. ex.<sup>a</sup> a fatal noticia do fallecimento de Sua Alteza Imperial a Princeza Dona Maria Amelia, que Deus chamou á Sua Santa Gloria hoje pelas cinco horas da manhã. A Imperatriz, minha senhora e ama, bem que oppressa da mais acerba dôr, tem resistido até aqui, mais do que ella e todos pensavamos, á violencia deste penetrante golpe, mostrando assim e por favor de Deus, no meio da mais viva saudade, e do mais ardente amor maternal, a mais heroica constancia, e a mais christã resignação, Toda esta boa povoação madeirense, que para logo se cubriu de pesado lucto, assim como se tinha vestido de gala segundo as possibilidades de cada um, quando Suas Magestade e Alteza Imperiaes aqui aportaram, mostra que tambem no fundo d'alma e do coração está coberta de dô. As auctoridades desta ilha, e varios empregados publicos, e pessoas de distincção, possuidos de um profundo sentimento de pena, correram ao Paço de Sua Magestade Imperial, e até á casa que eu habito na proximidade delle. para darem um publico testemunho da parte que to-

nam na incommensuravel perda que aquella at-  
tribulada Mãe, os dois ramos da augusta dinas-  
tia de Bragança (e, entre elles, com mais parti-  
cularidade a Rainha nossa augusta ama, El-Rei,  
e toda a familia real), e os fieis servidores des-  
tas augustas personagens, acabámos tristemente  
de experimentar. O visconde de Fornos de Al-  
godres, governador civil deste districto, disse-me  
que as instrucções de que v. ex.<sup>a</sup> o munira even-  
tualmente para este caso lhe davam a maior la-  
titude para que todas as demonstrações funebres  
que aqui se houvessem de fazer nesta funesta  
ocasião, se fizessem com toda a pompa que a  
localidade permittisse; ao que lhe tornei que as-  
sim o faria opportunamente constar á Impera-  
triz, que ficaria, sem duvida, muito penhorada  
desta attenção, mas que tambem já lhe podia  
assegurar que a mesma senhora não desejaria  
que, em obsequio a ella, e á memoria de Sua  
Augusta Filha, se fizessem gastos excessivos nas  
circunstancias peniveis em que se acha esta ilha,  
e, a bem dizer, todo o reino: sendo aliás da in-  
tenção de Sua Magestade Imperial que os des-  
pojos mortaes da fallecida Princeza fossem depo-  
sitados na pequena capella deste paço, onde não  
póde celebrar-se officio solemne, que por isso se  
fará na Sé, para, no regresso da Imperatriz, se-  
rem conduzidos em companhia della ao jazigo e  
camara real de S. Vicente de Fóra: não podendo  
mesmo a conducção do Imperial Cadaver desde  
a sobredita capella até ao escalor, que o ha de  
levar, da embarcação de guerra que o transpor-  
tar a Lisboa, ser feita com a costumada pompa,  
por isso que não ha aqui grandes do reino para  
pegarem nas argolas do caixão; e por todas es-  
tas rasões a mencionada trasladação só poderá  
effectuar-se privadamente, sendo bem de crer  
que a Imperatriz não tracte tão cedo de voltar  
a essa cõrte; em tempo opportuno me intende-  
rei com v. ex.<sup>a</sup> ácerca das medidas que se ha-  
jam de tomar, tanto em respeito á conducção  
do Augusto Cadaver de Sua Alteza Imperial,  
como relativamente ao local em que elle ahi ha  
de ser depositado, logo depois do desembarque,  
e ao funeral da Mesma Senhora. Não omitirei  
participar a v. ex.<sup>a</sup>, que a meu pedido, em nome  
da Imperatriz, permittiu o visconde de Fornos  
de Algodres, que Jacinto de Freitas Lomelino,  
e Francisco Antonio de Freitas Abreu, mui be-  
nemeritos empregados na secretaria do governo  
civil, e que eu designei, pela sua particular de-  
voção á Pessoa de Sua Magestade Imperial, vies-  
sem ajudar-me no expediente que esta fatal acon-

tecimento tornou necessario. Resta-me dizer a  
v. ex.<sup>a</sup> que, em conformidade com os desejos da  
Imperatriz, passo a tomar as convenientes medi-  
das a fim de que a noticia do fallecimento da  
Princeza Dona Maria Amelia não chegue de su-  
bito ao conhecimento da Rainha e da Familia  
Real. Deus guarde a v. ex.<sup>a</sup> Paço junto ao Fun-  
chal, aos 4 de fevereiro de 1853. — Ill.<sup>mo</sup> e  
exm.<sup>mo</sup> sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães, mi-  
nistro e secretario de estado dos negocios do  
reino. — *Marquez de Rezende.*

Ill.<sup>mo</sup> e exm.<sup>o</sup> sr. — Tenho a honra de par-  
ticipar a v. ex.<sup>a</sup>, para o elevar á Augusta Pre-  
sença de Sua Magestade, que hontem pelas cinco  
horas da manhã foi Deus servido chamar para a  
sua Santa Gloria a Sua Alteza Imperial a Prin-  
ceza Dona Maria Amelia. Este infausto acon-  
tecimento tem causado a todos os habitantes desta  
ilha a mais pungente dôr, e eu, pela parte que  
me toca, tenho dado todas as providencias para  
que não haja a menor falta nas demonstrações  
do geral e profundo sentimento, que anda no co-  
ração de todos, pela perda irreparavel que nin-  
guem deixa de lamentar.

Além da suspensão, que por tres dias ordenei,  
do despacho e expediente nos tribunaes e repa-  
tições publicas, convidei a todos, em nome do  
governo de Sua Magestade a Rainha, a tomarem  
lucto, como se pratica em taes occasiões.

Tenho sempre sido sollicito em receber, por  
via do ex.<sup>mo</sup> marquez de Rezende, as ordens de  
Sua Magestade Imperial a Duqueza de Bragança,  
procurando, comtudo, conformar-me com os seus  
desejos e real vontade: cumprindo-me tambem  
levar ao conhecimento de v. ex.<sup>a</sup>, que a mesma  
augusta senhora continua a passar sem maior al-  
teração em sua importante saude, e com a re-  
signação propria de suas excelsas virtudes. Deus  
guarde a v. ex.<sup>a</sup> Funchal, 5 de fevereiro de  
1853. — Ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr. ministro e secreta-  
rio de estado dos negocios do reino. — O go-  
vernador civil, *Visconde de Fornos.*

#### **Camara dos dignos pares.**

EXTRACTO DA SESSÃO DE 15 DE FEVEREIRO.

Mencionou-se a seguinte correspondencia:

Um officio do ministerio dos negocios do reino  
participando, com o mais profundo sentimento,  
para conhecimento da camara dos dignos pares  
do reino, a funesta noticia do fallecimento de  
Sua Alteza Imperial a Serenissima Princeza Dona  
Maria Amelia, que teve logar no dia 4 do cor-  
rente mez, pelas quatro horas da manhã, no paço

junto ao Funchal; e que Sua Magestade a Rainha, por tão infausto acontecimento, tem resolvido encerrar-se por oito dias, e tomar lucto por quatro mezes, dois rigoroso, e dois alliviado, mandando suspender o serviço em todos os tribunaes e repartições por espaço de tres dias.

O sr. *presidente* — O infausto fallecimento da Serenissima Princeza a Senhora Dona Maria Amelia, cuja participação official acabamos de ouvir, encheu de lucto e de tristeza o coração de todos os portuguezes; e deixou por certo a todos os pares do reino possuidos da mais acerba dôr, e viva saudade. Todos conhecemos e altamente apreciamos e veneramos os inclitos dotes, e as edificantes e angelicas virtudes de Sua Alteza Imperial; todos observamos o profundo e doloroso sentimento, com que a nossa Augusta Soberana, com toda a familia real, deplora a prematura morte de tão amada e pressada Irmã; todos contemplamos internecidos, e profundamente sentimos a grande consternação, e dolorosa saudade, de que ficou traspassado o maternal, amantissimo, e extremosissimo coração de Sua Augusta Mãe; todos sabemos com profunda magoa a indelevel-saudade, com que Sua Magestade Imperial, Seu Augusta Pae, deixou esta charissima Filha na mais tenra infancia, por ter consumido e sacrificado sua preciosa vida nos trabalhos, afflicções, e gloriosos feitos, com que restituiu á nação portugueza a justa liberdade, e á nossa camara a alta dignidade e poder politico, que lhes tinha generosamente outhorgado na Carta Constitucional da Monarchia. Cumpre-me por tudo isto propôr á camara: primeiro, que se declare na acta, que esta participação official de tão infausto acontecimento foi ouvida com o mais profundo sentimento: segundo, que uma grande deputação vá apresentar respeitosamente a Sua Magestade a Rainha, e a El-Rei Seu Augusto Esposo, no dia e hora que se dignarem designar, os justissimos e sentidissimos pezames desta camara: terceiro, que se dirija a Sua Magestade Imperial a Imperatriz Viuva e Duqueza de Bragança uma respeitosa mensagem com a fiel expressão do profundo e doloroso sentimento desta camara por tão infausto acontecimento.

O sr. *visconde de Laborim* — O meu requerimento tambem tem por objecto um dos artigos, a que v. em.<sup>a</sup> se referiu. (O sr. *presidente* — Então tem a palavra.) Sr. presidente, se eu soubesse que v. em.<sup>a</sup>, depois da primeira proposta, para se nomear uma deputação, a fim de dar os pesames, em nome da camara, a Sua Ma-

gestade a Rainha, fazia a segunda (de que desde logo dignamente tractou) para a mensagem por escripto, sobre igual assumpto, que deve respeitosamente ser levada á Presença da Augusta Imperatriz; não podia de certo a palavra; mas já que ella me foi concedida; assim mesmo prevenido, sempre farei o meu requerimento, porém como um additamento áquella segunda proposta; e principiarei pela seguinte e breve introdução, abstando-me de ser extenso, como premeditava.

Sr. presidente, se perante o tremendo poder da morte todos nós somos victimas eguaes; todavia o sentimento da magoa, pelos que morrem, toma mais ou menos incremento, recebe mais ou menos intensidade á proporção da perda, que se experimenta; esta é uma verdade indubitavel; e sendo-o, qual será o coração sensível, que, devendo daquella possuir-se em grão o mais eminente, não mande aos olhos torrentes de lagrimas de saudade, e á mente lembranças, e recordações de eterna gratidão (*apoiados*) na presença da triste, e infausta noticia da prematura morte da Princeza a Senhora Dona Maria Amelia Augusta, Filha do Immortal Duque de Bragança, Imperador do Brasil, e Rei de Portugal, de saudosa e gloriosa memoria, a quem devemos patria, e liberdade (*apoiados*), e da Excelsa, e Virtuosa Imperatriz a Senhora Dona Amelia Augusta, que em Seus Regios braços a viu murchar, qual flôr mimosa, e delicada, cortada em botão no jardim da grandeza, e da virtude, que lhe deu o ser, e que, com esmerado tracto, e a mais desvelada, e exemplar educação, a formou um Ente perfeito, Anjo na alma, Anjo na figura, digno em todo o sentido do celeste logar, que a Providencia houve por bem destinar-lhe? E deixará a camara dos dignos pares do reino de se apressar a fazer patentes, pela fórma a mais solemne, e significativa, aquelles dolorosos sentimentos, tão merecidos, e assim tão justos, como filhos do seu mais sagrado dever? Duvidal-o, sr. presidente, seria uma grande offensa, e grave injustiça, feita a esta respeitavel corporação, a que tenho a honra de pertencer; e portanto, limitando-me só á fórma de os levar a effeito, faço o seguinte requerimento. (*Leu.*)

« Requeiro que se nomeie uma commissão, composta da mesa, e de mais quatro dignos pares para redigirem um cumprimento de pesames, pelo fallecimento da Princeza a Senhora Dona Maria Amelia, a fim de que, approvado pela camara, seja, nesta tão deploravel conjunctura, respeitosamente levado á Presença de Sua Excelsa

Mãe a Imperatriz a Senhora Dona Amelia Augusta, Viuva do Dador e Restituidor da Carta Constitucional da Monarchia portugueza. Sala da camara dos dignos pares, em 15 de fevereiro de 1853. — *Visconde de Laborim.* »

A camara, sendo consultada sobre o primeiro artigo, approvou-o unanimemente.

O segundo e terceiro artigos foram tambem unanimemente approvados.

Em continuacão poz-se a votos a proposta do sr. visconde de Laborim, que foi approvada.

O sr. *secretario, visconde de Benagazil* annunciou que a deputação de pesames seria composta, além de s. em.<sup>a</sup> e delle sr. secretario, dos dignos pares duque da Terceira, arcebispo de Palmyra, conde das Alcaçovas, conde de Alva, conde do Casal, conde do Farrobo, conde de Linhares, conde de Paraty, conde de Penamacor, conde da Ponte de Santa Maria, e conde do Sobral.

**Camara dos senhores deputados**  
EXTRACTO DA Sessão DE 12 DE FEVEREIRO.

O sr. secretario *Rebello de Carvalho* deu conta do seguinte officio, que acabava de chegar à mesa.

« Ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr. — Com o mais profundo sentimento cumpro o penoso dever de participar a v. ex.<sup>a</sup>, para conhecimento da camara dos srs. deputados da nação portugueza, a funesta noticia do fallecimento de Sua Alteza Imperial a Serenissima Princeza Dona Maria Amelia, que teve logar no dia 4 do corrente mez pelas quatro horas da manhã no paço junto ao Funchal, em consequencia de uma fatal enfermidade, e depois de ministrados os soccorros da religião a Sna Alteza, que deu sempre a mais verdadeira demonstração de resignação e piedade christã.

« Sua Magestade a Rainha, por tão infausto acontecimento, tem resolvido encerrar-se por oito dias, que começam hoje, e tomar lucto por quatro mezes, sendo dois rigoroso, e dois alliviado, mandando suspender o serviço em todos os tribunaes e repartições publicas por espaço de tres dias. Deus guarde a v. ex.<sup>a</sup> secretaria de estado dos negocios do reino, em 12 de fevereiro de 1853. — Ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr. presidente da camara dos srs. deputados da nação portugueza. — *Rodrigo da Fonseca Magalhães.* »

O sr. *presidente* (extremamente commovido) disse — em vista da participação, pela qual nos é communicada a prematura morte da Filha do Immortal Senhor Dom Pedro, Duque de Bragança, a quem ornavam as rarissimas virtudes

que tanto distinguem Sua Augusta Mãe, Sua Magestade Imperial a Senhora Duqueza de Bragança (*apoiados*), a camara não querará deixar de consignar na acta o profundissimo sentimento e dôr com que recebe esta infausta noticia! (*apoiados geraes*). Supponho que é este o sentimento geral da camara, por isso mencionar-se-ha na acta (*ossentimento unanime*),

Parece-me que a camara tambem, em signal do mesmo sentimento e dôr, convirá em suspender por tres dias as suas sessões: vou consultal-a a este respeito.

Consultada a camara, resolveu suspender as sessões por tres dias.

O sr. *presidente*. E convirá tambem a camara em que se nomêe uma grande deputação para que logo que Sua Magestade se digne de a receber lhe vá significar o muito que a camara sente esta perda que se nos annuncia (*apoiados*).

O sr. *Avila*: eu tomo a liberdade de lembrar a v. ex.<sup>a</sup>, e de propor á camara mais um testemunho de respeito e sympathia, que me parece que não podemos deixar de tributar á Augusta Viuva do Immortal Duque de Bragança. Se Sua Magestade Imperial estivesse em Lisboa, a grande deputação não deixaria de ir testemunhar a Sua Magestade o quão sinceramente nós a acompanhamos na sua profunda dôr pelo funesto golpe que Sua Magestade acaba de soffrer: não estando Sua Magestade em Lisboa, eu julgava que nós cumpriríamos um dever de sympathia e de reconhecimento, fazendo conhecer a Sua Magestade o nosso sentimento, por uma mensagem redigida e assignada pela mesa, e dirigida á mesma Augusta Senhora (*apoiados geraes*). Se v. ex.<sup>a</sup> julga preciso que eu mande por escripto este additamento á proposta que v. ex.<sup>a</sup> fez, e que a camara já approvou, eu o mandarei; mas parece-me que o testemunho de approvação que a camara acaba de dar a esta proposta dispensa essa formalidade (*apoiados geraes*). (O orador estava profundamente commovido, e foi obrigado a interromper-se muitas vezes).

Consultada a camara approvou unanimemente a idéa do sr. Avila.

O sr. *presidente* declarou que a grande deputação seria composta, além da mesa, dos srs. Adrião Acacio, Antonio de Mello Brayner, Thomaz Northon, A. R. Abranches Castello Branco, J. M. da Fonseca Abreu Castello Branco, Barão de Almeirim, Casal Ribeiro, Justino Antonio de Freitas, Antonio Augusto de Mello Castro e Abreu, Custodio Manuel Gomes.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. BIBEIRO DE SA.

NUM. 84.

QUINTA FEIRA, 3 DE MARÇO DE 1853. 13.º ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### DISSOLUÇÃO DA GOMMA ELASTICA E DA GUTTA-PERCHA.

Até o meado do anno ultimo todas as soluções da borraxa ou gomma elastica, quer se fizessem raras quer espessas, sempre conservam muita cohesão e elasticidade: qualquer que fosse o dissolvente, empolava consideravelmente esta substancia, e até só depois dessa entumescencia começava realmente a dissolução; por tal motivo, carecia-se de uma grande quantidade de seus dissolventes.

Para evitar estes inconvenientes e obter-se, além disso, soluções espessas, dilatava-se e estirava-se a borraxa no dissolvente e fazia-se passar por entre cylindros; mas, a solução obtida por este processo conservava sempre grande cohesão e muita elasticidade. Por meio do que vamos descrever consegue-se uma solução, tão espessa e concentrada como se deseja, quer da borraxa, quer da gutta-percha, quer destas duas substancias combinadas; e por mais densa que seja perde a sua tenacidade e elasticidade, e apresenta depois da evaporação do dissolvente a forma de massa que recobra as suas propriedades primitivas.

O novo processo, devido a M. Gerard, consiste em misturar ao dissolvente, qualquer que seja a sua natureza, certa porção de alcohol, e fazer macerar depois a borraxa e a gutta-percha; então estas gommias se dilatam mui pouco e ao cabo de 24 horas constituem uma especie de massa, que se póde moldar em todas as formas.

Os dissolventes preferidos neste methodo são

o sulphuro de carbone, o chloroformio, o ether sulphurico, a naphtha, o oleo essencial de alcatrão ou de terebenthina, aos quaes se ajunta 5 a 30 por cento de alcohol; introduz-se então a borraxa em proporções variadas desde partes eguaes até 30 por cento do dissolvente alcoolizado por uma de borraxa; passados um ou dois dias é tudo amassado ao modo ordinario, quando se pertende uma solução homogenea ou empregar pequenas porções de dissolventes. No caso contrario, a applicação do calor torna-se inutil.

Adopta-se o mesmo systema para aquecer a gutta-percha, e por este meio purifica-se completamente. Para isso, dissolve-se em sulphuro de carbone, alcoolizado, e trabalha-se até que chegue á densidade de calda de assucar grossa; deixa-se ficar assim por tres ou quatro dias. O cisco vai ao fundo por si mesmo ou sobrenada: decanta-se a porção central, que fornece a gutta perfeitamente pura.

Vê-se, por tanto, que o distinctivo principal deste processo consiste na mistura do alcohol ao dissolvente das gommias. O alcohol, como é sabido, é o liquido que precipita mais promptamente a borraxa em suas soluções; e essa propriedade aproveitou M. Gerard, fazendo penetrar com auxilio do dissolvente esse alcohol na substancia para desagregar-lhe as partes e separalas umas das outras pela pressão. Tendo-se depois evaporado o dissolvente e o alcohol, a borraxa volta ao seu estado primitivo.

Os alcohols que se podem misturar vantajosamente aos dissolventes são o da madeira, o oleo de batatas, e outros muitos liquidos do genero alcohol, susceptiveis de precipitar a borraxa em suas soluções, e que per si mesmos não o dissolvem, mas interpondo-se entre as suas mole-

culas por meio dos dissolventes, as desunem e destroem a sua adherencia ou combinando essas liquidas com os dissolventes ou fazendo-os actuar só e por si mesmas:

### CHAPEUS IMPERMEAVEIS.

O *Patent Journal* de Londres menciona os recentes aperfeiçoamentos no fabrico dos chapéus para os tornar impermeaveis.

O primeiro é relativo aos chapéus de feltro. Deve applicar-se uma solução de borraxa (cautchuc) em essencia de terebenthina ou outro dissolvente, ou empregando o mixto conhecido pelo nome de *pasta de Makintosh*. Em lugar de dissolução simples de borraxa, póde ajuntar-se certa porção de gutta-percha; porém, como esta substancia tira a flexibilidade ao feltro, ha de ajuntar-se maior ou menor porção, conforme o grau de elasticidade que se pertende, e ainda mais por se querer obter fazenda barata. Este banho é dado com um pincel por debaixo das abas e da copa do chapéu, e tambem no corpo se assim quizerem, até que penetre bem o feltro. Os chapéus são mettidos n'uma estufa a seccar por espaço de 12 horas, mais ou menos segundo o grau de calor.

O segundo aperfeiçoamento é para os chapéus de peluca de seda ou qualquer outra.

Dá-se o banho acima mencionado no casco ou armação do chapéu, que depois de cinco ou seis demãos se enverniza com o verniz que habitualmente se usa; e acaba-se o chapéu á moda ordinaria.

O terceiro é concernente aos chapéus pintados ou invernisado. Antes de os envernizar ha de applicar-se-lhe uma composição que de nenhum modo prejudica o estojo tratado por este processo. As proporções da composição vem a ser 500 grammas de cré ou carbonato de cal pulverisado (17 onças e quasi 3 oitavas) bem amassado com dois litros de agua quente ( $5$  quartilhos e  $\frac{1}{2}$ ), 250 grammas dos pós de graxa misturados primeiro com metade de um litro d'agua ou d'essencia de terebenthina. Tendo sido bem mexida a mistura e batida com uma espatula, ajunta-se-lhe um litro de oleo de linhaça fervido; depois, bem diluido tudo novamente deita-se-lhe dois litros e um quartilho de dissolução de borraxa, composta desta sómente, ou de massa de Makintosh, dissolvida em essencia de terebenthina e na consistencia de creme. A solução de

borraxa ha de juntar-se em pequenas quantidades seguilas, mexendo muito bem depois para que o mixto fique perfeitamente homogeneo.

O chapéu, ou qualquer objecto, tratado por este processo é collocado n'uma fôrma, e a composição applica-se com um pincel rijo, afim de poder repassar bem. Esta composição é destinada aos chapéus pretos, todavia póde igualmente servir para os de outras cores incorporando-lhe, em vez dos pós pretos, uma substancia corada correspondente á cor dos chapéus. Dada a composição vão seccar na estufa, depois da que podem ser pintados ou envernizados, ao modo ordinario.

O quarto é relativo á cobertura ou peluca de seda para a copa e outras partes do chapéu. Até agora, a seda assentava-se na copa em tiras ou segmentos, que se ajustavam e compunham, sendo impossivel disfarçar inteiramente as juntas. Pelo presente aperfeiçoamento a peluca preparada n'um tear de fazer meia, e da fôrma conveniente, é feita um pouco mais pequena do que a copa sobre a qual se estende; a elasticidade da meia permite puxar esta capa e adaptal-a ao corpo do chapéu, posto durante esta operação n'uma fôrma até á perfeita adherencia em toda a parte.

Finalmente, o ultimo aperfeiçoamento é relativo aos corpos de chapéu feitos de tecido, e não de meia como a formação da copa acima descrita. Os chapéus são postos na fôrma, e tratados separadamente com as composições já mencionadas, que os tornam impermeaveis, e sufficientemente flexiveis ou elasticos segundo as doses da composição applicada. No uso das composições impermeaveis, se os chapéus que se fabricam sómente carecem de ser flexiveis sem elasticidade, a solução póde ser inteiramente de gutta-percha, e então o fabrico sahirá muito mais economico.

### AS CONTRIBUIÇÕES DIRECTAS DE PORTUGAL EM 1643.

(Continuado de pag. 396.)

#### TITULO TERCEIRO.

*Como se farão os lançamentos.*

1.º Tanto que os ministros nomeados para os lançamentos das freguezias desta cidade, tiverem recado meu, se ajuntarão na igreja de cada uma dellas para tractar de lhes dar principio, e consequentemente todos os dias que forem cha-

mados pela pessoa do estado da nobreza, que procurará que não fique alguma em que se não ajuntem, e ordenarão que hajam dois livros principaes, um delles para o lançamento, e outro para a receita, e cobrança, os quaes serão rubricados, e numerados pela dita pessoa do estado da nobreza com titulo no principio, que diga: livro do lançamento, ou receita das decimas de tal freguezia, numerado, e rubricado por mim, N., que ha de servir em tal anno, e no fim terão um termo de encerramento em que se declare o numero das folhas que tem, e como vão numeradas, e rubricadas por elle; o qual termo será juntamente assignado pelo cidadão, e no principio do livro do lançamento andará este regimento, e o livro da receita estará sempre em poder do escrivão, e essa mesma forma se guardará em todo o reino.

2.º E no livro do lançamento, se farão titulos separados das ruas, e com seu alphabeto dellas no principio, e irão assentadas as casas pela mesma ordem em que estão nas ruas, declarando primeiro que tudo os nomes dos senhores das casas, que menos vezes se variam, e logo o nome do alugador que nellas vive; e sendo muitos alugadores nas mesmas casas, de cada um delles se fará differente addição, mas continuadas com tanto papel em branco no meio que baste para delle so escrever, se o dono das casas fór morto, ou as vender, e alhear, ou se mudar o alugador, e para maior clareza se farão tambem titulos separados das decimas das fazendas, ordenados, tenças, proes, e percalços, tracto, e meneo, e juro que não estejam assentados na fazenda real, porque estes se hão de cobrar pelas folhas dos almoxarifados desta cidade.

3.º E depois que no livro do lançamento estiverem lançadas as ruas, e os moradores em titulos separados com o que pertence a cada um pagar, se irão trasladando as addições, no livro da receita não se escrevendo mais em cada pagina que duas com os nomes de duas pessoas, entre cada uma dellas ficára tanto papel em branco em que bem se possam fazer os termos de pagas, e na margem de cada addição. estará acusada a folha do livro do lançamento, de que ella se copiou, e na margem da addição do livro do lançamento, estará acusada a folha do livro da receita, para onde se passou, porque com mais facilidade se possa ver se houve erro, ou estão conformes.

4.º Destes livros se farão duas cópias, uma das quaes se entregará na junta geral, para della

se darem ao thesoureiro geral, que as ha de receber, e conferir com o livro que hade ter, como se ao diante dirá.

5.º Os livros nesta cidade começarão de São João, e acabarão por outro tal dia, e não durarão mais que um anno, e agora do 1.º de janeiro de 1643, até o São João, se farão livros de per si, para que acabado o anno, se possa tomar conta aos thesoureiros, sem se interromper a cobrança do anno seguinte. E do livro que acabar se irão passando as addições, e titulos ao livro novo, que ha de servir no anno seguinte, e mandando-se os moradores, que morreram, ou se mudaram, as casas que caíram, as que se fizeram de novo, os homens de tracto ou officios que faltaram, e os que de novo acreceram.

6.º E antes de se lançar em livro coisa alguma puxarão pelos roes das confissões das freguezias, e mandando chamar a cada um dos freguezes per si, se informarão delles das rendas, que tem, do officio, tracto, ou meneo que exercitam, para conforme ao disposto neste regimento se saber o que hão de pagar; e esta informação se fará, pedindo-se declaração as mesmas partes, declarando-se-lhes que se encobrirem alguma propriedade perderão a renda della por inteiro naquelle anno, para as despesas da guerra, e além destas informações tomarão outras particulares de pessoas, que bem as possam dar fazendo apontamentos de tudo em cadernos particulares, em que se irão lançando, com declarações dos nomes, das rendas, tractos, e officios para depois de apurado, e examinado tudo se lançarem nos livros acima declarados.

7.º E tomadas as ditas informações se irão correndo todas as ruas da freguezia, perguntando pelos moradores, para se conferir se ha demais alguma, ou se variaram depois dos roes das confissões, e com outra nova informação de pessoas, fazendas, officios e trato, se irão ajustando as addições na fórma deste regimento, para que feitos os assentos, com toda a exacção possivel se possam lançar no livro.

8.º E para se saber a qualidade do trato, e negocio, se tomarão informações do que costumam ganhar os homens de semelhante condição, com outros do mesmo tracto, e manejo, ou com pessoas de qualquer outra sorte, quando pareça mais conveniente, e porque nesta cidade ha homens de negocio, que vivendo em uma rua tem loja em outra, e na em que vivem, senão póde saber ao certo a qualidade, e importancia do trato, como se sabe na rua, ou parte em que nego-



coiam, por tanto o maneo e trato para pagar a decima, se avaliará e lançará, não em a rua em que moram, mas na em que tiverem o trato e maneo.

9.º E nas informações que se tomarem sobre as propriedades arrendadas, se puxará pelas escripturas, ou escriptos rasos dos arrendamentos, e constando depois que foram arrendadas em mais do que se declara nos escriptos ou escripturas, que se mostraram para se fraudar a decima, toda a renda daquella anno se perderá, e ficará applicada para a guerra.

10.º A decima do aluguer das casas se lançará, abatendo-se a decima delle, para os concertos que em cada um anno se costumam fazer, por ser despesa precisamente necessaria.

11.º E ficando as casas por alugar, ou tomando-se para quartel ou aposentadoria de soldados, se lhes não lançará decima, salvo daquillo que se pagar de aposentadoria, e em cada uma freguezia desta cidade, e nos mais logares do reino se fará no livro da receita, titulo particular das casas que ficaram por alugar, para constar, que não se cobrou dellas decima, por esse respeito: e o mesmo será em quaesquer outras propriedades, que ficarem por arrendar, e não tiverem por essa razão algum rendimento, e quando os donos dellas, ainda tirassem algum proveito, ou interesse, a esse respeito se lhe lançará a decima.

12.º Em todas as propriedades, se lançará decima por inteiro, respeitando o rendimento, sem se abater fôro, pensão ou censo, para se haver de cobrar do arrendador, ou pessoa que a tal propriedade trouxer, por quanto assim convém á boa arrecadação delle, e a parte da decima que toca ao fôro, pensão ou censo, se descontará aos que fizeram os pagamentos, na fôrma que fica disposto neste regimento. E do ecclesiastica espero, que se conforme com a disposição deste capitulo, por ser assim conveniente á boa arrecadação.

13.º Por quanto muitas vezes as propriedades não estão arrendadas a dinheiro, mas a frutos, e a decima senão ha de cobrar nelles; porque não haja officiaes, salarios, gastos e inconvenientes, que nisto se devam considerar se terá no lançamento dellas a fôrma seguinte.

14.º Se as herdades, terras, vinhas, oliyaes, pomares, soutos, ou quaesquer outras propriedades, andarem arrendadas em quantidade certa de moios, ou alqueires de trigo, cevada, centeio, milho, aveia, legumes, castanha, ou medidas de

azeite, ou vinho, milheiros de fruta, paos, feixes de arcos, ou de outra qualquer coisa. As pessoas que hão de fazer os lançamentos, com informação, e juramento de homens bem entendidos, e desinteressados dos mesmos logares, em que se fizerem, porão o preço a cada uma das ditas coisas, vendo o valor que tiveram os cinco annos antecedentes, e tomando delles o preço do meio moderado, e esse ficará escripto nos lucros da cobrança, para por elles se cobrar a decima das ditas rendas reduzidas a dinheiro.

15.º E o preço arbitrado, pelo modo que se declara, ficará certo para todos os tres annos desta contribuição, se tanto durar a guerra, mas porque o rendimento das fazendas, se pôde variar, crescendo e diminuindo-se a novidade do azeite, e outras semelhantes, não são todos os annos eguaes, e em alguns logares se semeiam ás terras as folhas, e umas são de mais rendimento, e o trato e maneo tem grande variedade, faltando uns, e começando outros, se fará cada anno novo lançamento das decimas dos bens de raiz, e do trato e maneo.

16.º Quando as propriedades se acharem arrendadas, não por coisa certa, mas de meias, ao terço ou quarto, e fica incerto o que poderiam render, porque depende da fertilidade, ou esterilidade do anno, e não se pôde suspender a conta e lançamento, porque ha de ir correndo, e cobrando-se aos quarteis. Far-se-ha estimação, do que a tal propriedade costuma render, tomando-se para isso informações, e vendo-se o que poderá render nos cinco annos antecedentes, dos quaes se tomara a novidade do meio moderada, e a este respeito se lançará a decima, a parte da renda que cabe ao senhorio, reduzida a dinheiro, na fôrma que acima se declara.

17.º E em qualquer dos casos referidos de mais da decima, que se lançará nas rendas dos senhorios, se fará estimação do ganho, que fica livre aos arrendadores, abatidos os gastos da semente, e serviço, como fica dito, e a esse respeito se lhes lançará decima reduzindo-se a dinheiro, na mesma fôrma.

18.º Os arrendadores das casas, herdades, olivaes e quaesquer outras propriedades, não só pagarão a decima das rendas que são obrigados pagar aos senhorios, mas tambem dos fôros e censos que elles pagam a outras pessoas; assim no caso que as rendas sejam de dinheiro; como sendo de frutos, pelo preço que fôr arbitrado, e quando os senhorios queiram que as rendas se lhe paguem por inteiro, devem ter dado aos a



rendadores dinheiro para pagarem por elles a decima aos quartos, e não lho havendo dado, poderão os arrendadores descontar-lhe em frutos, tudo o que por elles pagaram a dinheiro, ainda que valham mais.

19.º Achando-se algumas propriedades cultivadas, e beneficiadas por seus donos, as quaes nunca foram de antes arrendadas, para se poder vêr pelos arrendamentos, o que podiam, ou costumavam render; se fará estimação do rendimento a respeito do que por ellas se poderia dar de renda, andando arrendadas, e de outras de semelhante bondade, sitio e grandeza, e do que se arbitrar, se pagará decima.

20.º E havendo logares, em que as propriedades se costumam arrendar a frutos, e não a dinheiro, para se poder estimar, pelas dos visinhos, o que podiam render as que não se acham arrendadas, em tal caso se estimará a propriedade, que nunca se arrendou a respeito do que poderia render, andando arrendada a fructos; e dos que se houveram de pagar de renda, por ella, se lhe lançará decima reduzindo-os a dinheiro, pelo preço que se tiver assentado. E nos logares, onde as propriedades senão costumam arrendar, porque cada uma cultiva as suas, se tomará informações, e pela noticia, que os donos e visinhos derem, e dos frutos que mais de ordinario costumam dar, não sendo nos annos, que houve fertilidade, ou esterilidade, abatendo-se-lhes o que poderiam fazer de custo em se beneficiarem, o do que lhes ficar livre se lançará decima reduzida a dinheiro.

21.º Havendo em alguma freguezia, villa ou cidade, pessoas poderosas que impidam lançar-se-lhes livremente, tudo o que fôr justo, a respeito de suas rendas, se fará logo saber na junta superior desta cidade, para se acodir com o remedio, e demonstrações convenientes.

22.º Para que não fique propriedade, nem pessoa a que se não lance decima, os ministros que houverem de assistir aos lançamentos de cada cidade, villa ou logar do reino, mandarão fazer livros na mesma fórma, em que se hão de fazer nas freguezias desta cidade, e com as mesmas declarações e separações de titulos, e assim irão todos, ou alguns delles, vendo as herdades e propriedades que estiverem em seus districtos, fazendo-se caderno, em que se declare de quem é, cada uma, quanto rende, e quem a traz, e sendo muitas e distantes, as mandarão vêr por homens bons, ajuramentados dos nobres e do povo, dividindo-lhes os limites, os quaes trarão

seus roes, com as declarações acima, e por estes se lançará a decima a todas; e ficando alguma por lançar, se estranhará, como convier aos que assistiram nos lançamentos, e as despesas dos livros e cadernos, serão por conta das camaras, e conselhos, e tomadas a rol as propriedades com as sobreditas declarações, de modo que nenhuma fique de fóra, e sem ser vista se irão chamando as pessoas que as trazem ou possuem, e sabendo o que rendem a dinheiro os frutos, se lhes irá lançando a decima, assim da renda como do ganho, e interesse que fica ao lavrador ou rendeiro, e não andando arrendadas se lhe lançará pela estimação tudo na fórma deste regimento, e dos casos nelle acima declarados.

23.º Das freguezias dos termos, ou sejam grandes ou pequenas, se serão titulos e cadernos separados, em que se lancem e cobrem as decimas na mesma fórma que nas cidades, villas e logares, e a pessoa que nellas fôr nomeada pela junta, como fica dito neste regimento, para receber os quarteis dos moradores dellas, os tornará a entregar aos thesoureiros dos logares, a que pertencem.

24.º E parecendo que nas cidades e villas maiores, como Evora, Coimbra, Porto, Santarem, Guarda, Lamego, Setubal, será mais facil e conveniente fazer lançamentos separados por cada uma das freguezias com ministros differentes, assim se fará; porém sendo possível aos ministros da junta lançar toda a cidade ou villa, será por elles feito o lançamento em quadernos separados de cada freguezia, para depois se lançar em livro.

25.º As decimas que se houverem de lançar aos senhores das terras donatarios dellas, não serão lançadas só pela informação dos moradores do mesmo lugar, que são seus vassallos, mas pela de outros homens do lugar mais visinho, que não tenham delles dependencia, e vendo-se os arrendamentos, e tomando-se as noticias necessarias se lhes lançará tudo o que justamente lhes couber a elles, e a seus rendeiros administradores, e criados na forma deste regimento.

26.º E por quanto para se cobrarem as decimas, como convem se hão de lançar as fazendas nas freguezias, dos lugares em que estão ainda que os senhores viviam em outras, porque a tal fazenda se reputa por um morador em cada uma dellas, e ahi se sabe muito melhor de seus rendimentos. Ordeno e mando que nenhum senhor de terras, ou qualquer outra pessoa se lance decima juntamente em um lugar de todas as pro-

priedades, e rendas que tem em diversas partes, mas separadamente sejam lançadas nos lugares em que se acharem, onde se cobraram do feitor, administrador ou rendeiro que as trouxer, e pedindose-me provisão contra o disposto neste capítulo a não passarei e concedendo-a não se guardará ainda que delles se faça especial derrogação e quaesquer provisões e privilegios que em contrario sejam passados antes deste regimento desde logo ficarão por elle derogados e sem effeito algum.

27.º Porém a universidade de Coimbra, que tem suas rendas espalhadas por diversas partes, e despende a maior parte em ordenados, e de ordinario tem prebendeiro, em nenhum lugar que tiver rendas se lhe lançará decima particular, mas sómente toda por junto na cidade de Coimbra, pelo arrendamento do prebendeiro, a respeito do que lhe ficar livre abatidos os ordenados, e do mesmo modo pagará o prebendeiro decima do que ganhar e interessar, como do maneiro, e assim tambem nos logares aonde as rendas particulares estiverem, os rendeiros que as trouxerem, pagarão decima do ganho que lhes ficar na forma que dos mais lavradores e arrendadores se tem disposto, e os lentes das escolas maiores e menores, pagarão decima de seus ordenados, e das propinas separadamente, e de suas fazendas, nos logares aonde estiverem, e da mesma sorte todos os mais officiaes e capellães da universidade.

28.º E para que as decimas se possam inteiramente cobrar, de tudo o que por este regimento se deve, o escrivão mais antigo de cada um dos concelhos, tribunaes ou juntas, em que nesta cidade se administra justiça ou fazenda, será obrigado dentro em um mez depois da publicação deste alvará, dar um rol dos officiaes do tal tribunal, com declaração dos que levam ordenados, nas folhas de minha fazenda, e dos que não vão assentados em ellas, com os nomes das pessoas, cujo são, o das que os servem, o qual se entregará na junta que nesta côrte ha de ter a superintendencia, e assim mesmo se tirará certidão dos juros, tenças e ordenados, que vão assentados na alfandega, e mais casas desta cidade, pelas folhas de cada uma, que se entregará na mesma junta, e o escrivão da camara desta cidade dará rol das rendas e fazendas, que tem, com declaração do que dellas se costuma pagar, e do que lhe fica livre, e o thesoureiro della certidão dos juros, tenças e ordenados, que estão impostos sobre as ditas rendas, com de-

claração dos nomes das pessoas a quem se pagam para que todos os ditos roes e certidões, se remetam da junta ao thesouro geral, para se registarem no livro, que ha de ter para esse effeito.

29.º E nas cidades, villas e logares do reino, farão os escrivães das camaras, relações por menor de todos os officios que houver em seu districto dos ordenados que tem, onde se lhe pagam, com os nomes das pessoas, cujos são, e das que o servem, ou sejam dados por mim ou por donatarios, e outro rol das rendas das mesmas camaras e concelhos, com declaração das despesas, e do que lhes fica livre, e tudo entregarão nas juntas, que nos taes logares assistirem aos lançamentos, e os almoxarifes, executores, thesoureiros ou recebedores dos logares das comarcas do reino, darão certidões das folhas, com as mesmas declarações de pessoas e nomes, e de quanto se lhes paga, que entregarão nas juntas, para tudo se lançar em livro, e se cobrem as decimas como convém, e os officiaes que encobrirem nas relações, que derem alguma coisa, por esse mesmo caso fiquem inhabéis, para mais servir seus officios.

30.º E dos juros, tenças, ordenados, foros e censos, que os donatarios e fidalgos tiverem assentado sobre suas casas e rendas, darão seus almoxarifes, prebendeiros, feitores e rendeiros, relações com as mesmas declarações acima ditas nas juntas, a que pertencer conforme o disposto nos capitulos, que tractam desta materia antecedentes a este.

31.º E lançada uma vez a decima, não a poderão alterar, nem abaixar os lançadores, mas quem se sentir aggravado, requererá na junta da cabeça da comarca, que determinará as devidas sem apellação, nem aggravo, como fica dito, e nesta cidade recorrerão á junta geral.

32.º E acontecendo algum caso que neste regimento não vá especificado, parecendo ás pessoas que assistem nas juntas dos lançamentos, que por extensão ou comprehensão dos que vão expressos se poderá determinar, assim o farão, e para o futuro darão conta na junta geral do reino, para se lhes ordenar o que houver por meu serviço.

(Continúa.)

## PARTE LITTERARIA.

## O FIM DO SEMESTRE.

## Estudos biographicos e necrologicos.

POR UM PHILOSOPHO.

## VI.

A thia Thomazia era apaixonada dos lances comicos e dos recursos melodramaticos; em vez de ir tractar da sua vida, como naturalmente o leitor conjecturou no capitulo antecedente, deixou-se ficar á porta a espreitar. O usurario, não prevendo a possibilidade de que tal acontecesse, conheceu pela primeira vez, vendo-se só com Luiza, a necessidade de ser credor de outra especie de mercaderia differente das do seu trafico usual, e, apenas a adella fechou a porta, abriu elle o coração com mais facilidade de que o fazia á tampa da burra, e, illudido pelo amor proprio, dispoz-se a vender affectos a prompto pagamento, impertigando-se como um conquistador, e vendo já passar por diante dos olhos os mortos e os feridos da Austerlitz que se disputava a pelejar e vencer. Cesar, era mais modesto depois do — *cheguei, vi e venci* — do que estava sendo naquelle momento a parodia de Rothschild, o illustre Ambrosio Lanhoso, banqueiro em disponibilidade, e implacavel e sordido usurario, unica reputação solida e incontestada de quantas elle imaginava fruir.

— « Então, menina, pode-se saber a que feliz acaso deva eu a honra da sua visita? »

A esta simples pergunta, a adella, que estava ardendo em curiosidade, applicou o ouvido a uma das fendas da porta para mais facilmente poder acompanhar o dialogo, mas, não calculando as distancias, e com a presteza com que se abaixára, deu com a testa no ferrolho da cancella, e, acompanhando a acção com uma sentidissima praga, deu causa a que Luiza assustada se virasse para a porta, e fizesse um involuntario movimento para se levantar, e sair da casa aonde estava tão pouco á sua vontade.

O usurario correu rapidamente á escada, mas a thia Thomazia já tinha descido pé ante pé até á porta da rua, voltando, dois ou tres minutos depois, a occupar o seu posto de honra, e resolveu a não o abandonar, custasse o que lhe custasse. O sr. Ambrosio, não vendo ninguem no patamar, voltou cheio de brios a sentar-se na sua

antiga cadeira, que o recebeu rangendo e fazendo taes cortezas, que o usurario teve de se encostar á parede para não cair diante daquella que elle imaginava amar.

— « Estas cadeiras são quasi novas, continuou o usurario, meio envergonhado, mas hoje trabalhase tão mal nestas obras que...

E, faltando-lhe o valor para continuar na calumnia, mudou rapidamente de conversa e proseguiu :

— « Vejo que está contrafeita... não tem razão para isso... eu sou um homem de bem, e se lhe disseram o contrario enganaram-na. Inimigos, todos os têm... só a mediocridade é que vive isenta delles... se vive!... Vamos, tenha valor, e póde acreditar que sou uma excellente pessoa... Vamos, falle, não se envergonhe...

— « É que...

— « É que não acredita que eu seja um homem de bem?... paciencia!

E, dando á phisionomia a apparencia mais seraphica que lhe foi possível, o usurario, invocando o seu reservatorio de lagrimas, conseguiu que duas dellas viessem em seu auxilio, e com uma voz que faria inveja ao mais santo dos missionarios, repetiu, separando as syllabas, e diligenciando dar-lhe a mais aproximada unção evangelica :

— « Pa....ci....en....cia! São...pec....ca...dos.... meus!...

A thia Thomazia ia estoirando de riso ao ouvir a contricção do seu consocio, e vendo-o puchar pelo lenço de tabaco para limpar as lagrimas, e ficar raiado de côr de rapé, tal fôra a força com que esfregara os olhos, para fazer acreditar a Luiza que só uma varonil resolução o impedia de desabafar em torrentes de choro, tão intimamente se suppunha offendido no seu pundonor de homem de bem!

Luiza, teve a infelicidade de acreditar nas lagrimas de crocodilo do sr. Ambrosio, e a desgraça, ainda maior, de não ver immediatamente que era uma paixão sensual a que dictára ao usurario a rajada de sentimentalismo com que acabara de se querer justificar de imputações que ninguem lhe fizera naquelle momento. Luiza conhecia pouco o mundo para suppôr estudadas as phrases do sr. Ambrosio, e era boa de mais para acreditar que tudo quanto lhe dissera fosse uma pura mentira; não obstante, tal era a prevenção com que o viera procurar, que ainda se não sentia com forças bastantes para lhe expôr o negocio que alli a trouxera! O usurario vendo que o

tempo ia passando, e que Luiza se não resolvía a fallar, atreveu-se a dirigir-lhe novamente a palavra e a instar por saber os motivos de tão inesperada visita. A pobre rapariga estava tão enleada e confusa, que não sabia por onde havia começar a sua narração, mas, a necessidade era urgente, e, receiosa da vinda da thia Thomazia, intendeu que lhe era impossivel demorar por mais tempo a declaração dos motivos que alli a tinham trazido.

— « Deve de certo estar admirado da minha resolução, mas, como me disseram que o senhor emprestava dinheiro a juros, e, como eu não tinha ninguém neste mundo que me podesse valer, atrevi-me a procural-o para lhe pedir...

... — « Sobre palavra ?

O sr. Ambrosio não se podéra conter, Via que lhe faltava um penhor tangivel, e, apesar da tenção intima em que estava de reprimir quanto possivel as suas tendencias, não poudé evitar a sincera exclamação que fizera, perguntando se o emprestimo era sobre palavra. Envergonhado, porém, da rudeza da observação, tentou emendar-se, mas os termos não lhe accudiram tanto a tempo, que Luiza não o tivesse já prevenido continuando :

— « Não tinha semelhante idéa. O senhor não me conhece, e eu bem sei que não é na desgraça que os amigos nos procuram.

— « Está enganada. Prezo-me de ter já durante a minha vida dado bastantes provas de desinteresse, e não vejo a impossibilidade de continuar a ser, como ainda agora lhe disse que era, um homem de bem. Nestes negocios são precisas seguranças, são; mas, quando fui tão precipitado na pergunta que fiz, tinha-me completamente esquecido que era com a senhora que estava fallando.

O sr. Ambrosio, estava como sempre, infeliz na argumentação; quiz deffender-se de uma grosseria com uma incivilidade, e cada vez ia perdendo mais terreno no animo da pessoa que elle desejava captar.

— « Muito obrigada, replicou Luiza, mas, quando me resolvi a procural-o já vinha disposta a um grande sacrificio, a alcançar um emprestimo sobre um objecto que eu devia ter o valor de guardar, fosse qual fosse a dolorosa situação em que me visse.

— « Ah!... Já sei... Alguma prenda, que mais valor tem de estimação, do que mesmo intrinseco... Não me admira, na sua idade é facil de recusar taes mimos...

Luiza fez-se vermelha como uma romã. A allusão era bastante descarnada para a não ter pungido acerba e dolorosamente, mas, reflectindo melhor, pareceu-lhe que não devia logo ceder aos impulsos do seu orgulho offendido, e, já que tivera o valor de alli ir, tambem devia ter a constancia de não abandonar o seu proposito. A thia Thomazia é que estava pasmada de tudo quanto ouvia. O sr. Ambrosio com ciumes, era para a adella uma coisa inexplicavel, mais facil seria, o que ella ainda assim não accreditava, que o usurario fizesse um negocio sem grandes seguranças, do que vel-o, como o estava vendo, tentando devassar as suppostas intenções amorosas de Luiza, sem ter primeiro averiguado a qualidade do negocio que ella viera propor-lhe. A thia Thomazia chegou até a duvidar de si, e a denunciar-se n'uma especie de exercismo, meio resado meio cantado, mas verdadeiro para os sustos que a assaltavam, e para as funestas consequencias que ella já antevia, no caso que elles se realizassem :

— « Meu Deus, fazei com que eu, se me chegar ainda a apaixonar, o que a vossa divina vontade não permita, seja por homem remediado, e que me ampare na honesta senda do trabalho, para que me não vão por agua abaixo esses miseraveis vintens que tenho ganhado com o suor do meu rosto. Amen !

Aqui houve um bocado de silencio, que o usurario tentou aproveitar, a vêr se remediava a grosseria que proferira, e em que Luiza luctava com a sua consciencia, que a aconselhava a sair de similhante casa, e a urgencia que tinha de ultimar o negocio que era para ella, menos de inter-sse pecuniario, do que de piedosa religião filial. A adella, pela sua parte, embuçada no capote até ás orelhas, scismava no desenredo provavel da comedia que se representava, e de que estava sendo a unica espectadora, graças menos ainda á sua curiosidade, do que á heroica paciencia com que subia ou descia os degraus da escada, cada vez que sentia os passos de alguém que procurava os visinhos, e que ella suppunha que a podesse ir encontrar espreitando pela fechadura da porta. Luiza foi quem rompeu o silencio.

— « Desculpo-lhe a má idéa que de mim faz. Se recebesse prendas havia de ser de modo que me não podesse envergonhar com ellas; quando me resolvi a procural-o foi exactamente para não receber de mãos alheias dadas que o mundo podesse suppor menos honradamente merecidas. »

— « Então?

— « Estou para me casar, senhor, e...

A palavra — casar — o sr. Ambrosio quasi que se fez fullô. Uma bancarota matava-o; a confissão de Luiza fez-lhe a impressão de um juro demorado, e como o reembolso era o sonho doirado de todos os calculos do usurario, procurou immediatamente ficar em contas correntes consigo mesmo, arrependendo-se do sentimento que elle suppunha haver espedaçado, mas não podendo vencer de todo a inclinação que sentia por Luiza, tomou soffregamente uma pitada, e repetiu admiradissimo:

— « Casar!

— « Orphã de pae e mãe, pareceu-me que melhor amparo não poderia achar que um marido a quem eu consagrasse uma afeição verdadeira, e que da sua parte...

— « Isso duvido eu.

— « Conhece-o?

— « Não conheço; mas é como se conhecesse. Quem se fiar em promessas é irremediavelmente enganado; aqui estou eu que sou uma victima; se me pagassem tudo o que me devem outro gallo me cantaria!

— « Pois eu tenho provas que me levam a não duvidar da sua sinceridade.

— « Pois divide que vae pelo seguro. Naturalmente algum rapaz pobre... que não pôde... que não ha de poder tratá-la com decencia... Olhe, um conselho lhe dou eu. Pense, pense muito antes de se resolver ao passo que vae dar.

— « Estou já resolvida...

— « Infelizmente. Mas, vamos ao que importa; não me disse que tinha um negociosinho?

— « Disse. É este...

E tirando do seio um relicario de bastante valor, e entregando-o ao usurario, Luiza soluçava que bem se via o quanto lhe era penoso separar-se da ultima recordação de sua mãe, da que lhe ella dera já no leito de morte, e que Luiza a si mesma prometera de nunca abandonar.

— « Então que é isso? Lagrimas por um bocado de oiro? Bem disse eu que haviam prendas de tão grata recordação que a gente se não podia, sem lagrimas, separar dellas.

— « É verdade, quando são, como esta, a expressão de um sentimento honroso!

E calou-se. O usurario caíra das auvens. Minado de ruins paixões, conhecia o amor só pelo que elle tem de mundano, mas, era incapaz de atingir á delicadeza dos sentimentos de Luiza,

que a faziam derramar lagrimas ao separar-se de um objecto que lhe fôra legado por sua mãe, e doer-se dos chocarreiros aphorismos que momentos antes lhe ouvira a elle.

— « Então quer?

— « Empenhar este relicario.

O sr. Ambrosio olhou de revez para elle, procurando sondar a qualidade do oiro, e calcular aproximadamente quanto poderia arriscar no negocio. A adella arregalava os olhos, mas, uma lyroe que ella fôra, era-lhe impossivel poder dar desassombradamente o seu voto com conhecimento de causa.

— « E a quantia é grande? Repare não se comprometa a somma maior do que possa pagar sem sacrificio. Quem lhe falla com esta franqueza não quer o seu mal. Não lhe parece?

— « E os juros são?

— « De toda a qualidade. Nestes negocios perde-se muito, e a prudencia a conselha-nos a segurar o capital pela rapidez dos pagamentos, e racional e periodica pontualidade da amortisação.

— « E neste caso...

— « No seu caso é differente. Se tivesse o coração livre atrevia-me a propor-lhe...

Luiza fez-se pallida como uma estatua. A proposta era tão temeraria que a pobre rapariga nem tempo teve para medir a extensão e o arrojo da velhacaria do usurario. Impallidecera pelo poder natural ao seu sexo, mas não vira nas palavras do sr. Ambrosio o insulto grosseiro, e a offensa villã e torpe. A adella, ria a bandeiras despregadas. O calor que o seu socio tomava no dialogo, a phisionomia seraphica com que dizia as coisas, a audacia com que se aventurava a propol-as, tudo era para a tia Thomazia de um tal chiste e novidade, que ia atraíndo a sua posição, com uma gargalhada estridente, que, provocando-lhe a tosse, a teria de certo denunciado ao usurario, se elle tivesse ouvidos e olhos que não fosse para ouvir e olhar para Luiza.

— « A propor-me?

— « Um casamento.

Replicou o sr. Ambrosio, como se a proposta fosse a mais natural do mundo. Luiza ia desmaiando. Só, com um homem que assim se atrevia a fallar-lhe, a sua situação tornava-se difficil; mas, o desprezo que taes palavras mereciam, alentaram-lhe o animo e fortificaram-lhe a crença para repellir com indignação as grosseiras idéas do usurario, expostas tão sem reboço, e pronunciadas com um cynismo tão repugnante e deslavado!

— « Um casamento! Pois não lhe disse que amava outro homem... não acabei de lhe dizer que o meu coração lhe pertencia!

— « Disse... mas podia mudar de opinião. A gente nem sempre pensa da mesma maneira... e, eu não lhe occulto que a amo... nem...

— « Nem?

— « Nem que sou rico.

— « Rico ou pobre é-me indifferente. Não será nunca o interesse que me levará a prender-me por toda a vida. Vim aqui para tratar de um negocio, e como vejo agora que se trata de outro permita-me que me retire.

— « Mas de outro de muito maior interesse.

Acudiu o usurario esfregando as mãos.

— « Um casamento rico não é coisa que ninguém deva desprezar. Bem requestado tenho sido, e a constancia ainda me não abandonou até hoje. Se não a tivesse visto havia de morrer solteiro; os meus bens deixava-os ás Misericordias; é verdade que ainda não fiz testamento, mas, se o fizesse, era esta a minha ultima vontade.

— « Permita que me retire, vejo que é impossivel concluir o meu negocio e só elle aqui me trouxe...

Nisto, tocaram á campainha, e a adella radiante como uma Aspasia, e traçando o capote para apparecer com um certo ar desembaraçado, entrou pela porta dentro de reforço ao sr. Ambrosio, que ia já cedendo o terreno, infeliz nos seus idylls amorosos, e nos planos da Pharsalia de que momentos antes se julgára vencedor. Apenas Luiza viu os oculos da tia Thomazia, faltou-lhe completamente o animo, e sabiu, deixando o usurario a tirar as provas da propria incapacidade para negocios da natureza daquelles que tivera a ousadia de propor a Luiza. A adella othou para elle, e desatou a rir.

— « Então de que se ri, thia Thomazia?

— « Ora de que ha de ser... do senhor mesmo.

— « Que faria se soubesse...

— « Sei tudo!

— « Aposto que não sabe.

— « Aposte, e verá.

— « Pois diga...

— « Que o meu socio perdeu o juizo? Não o queria offender, mas, como tanto aperta não ha remedio. Nunca esperei que se namorasse! Na sua idade!...

— « Quem lh'o contou?

— « Ouvi eu.

— « Pois a collega...

— « Quando lhe faz conta. espreita. Os meus

exemplos depressa se tomam. Aprendi com o meu socio, e, para não desmentir a firma da sociedade, quando tenho occasião exercito-me, espreitando pelas fechaduras.

— « Por isso o Generoso?... E estive...

— « Ridiculisimo. Perdoe-me a sinceridade.

— « Oh! é por que a thia Thomazia não sabe, não imagina o que é o amor. Era capaz de emprestar a Luiza o dinheiro que ella quizesse, só pelo juro da lei.

— « E emprestou?

— « Ella não quiz.

— « Então pelo que eu vejo acabou já a paixão?

— « Qual! E quem me hade valer, quem me hade salvar, hade ser a senhora. Confio-me completamente da sua amizade, entrego-me de olhos fechados nas suas mãos.

— « Só se...

— « Sem condições.

— « Se precisar da calumnia devo hesitar?

O usurario reflectio. Depois, vendo que era uma arma como outra qualquer, e que a resistencia de Luiza tudo demandava respondeu.

— « Não deve.

— « Mas não é para casar, que...

— « É!

— « Então pense, collega; veja lá no que se mette.

— « No inferno estou eu já mettido. Ande para diante e não se importe dos meios.

— « Mas o seu credito?

— « Em não faltando aos meus pagamentos, tenho cumprido. Não sei que haja outro credito a não ser a pontualidade com que a gente deve satisfazer os seus contractos. As minhas lettras pago-as todas á vista; ha muita gente, que dizem que é honrada, e que não faz outro tanto.

— « Mas...

— « Adeus, thia Thomazia, não perca tempo. Se ella não quizer ser minha, arranje lá as coisas de modo que tambem não seja de outro.

— « O que me parece é que anda tambem nisto vingança!

— « E que houvesse? Luiza, merece-a.

A adella não quiz ouvir mais nada. Deitou a correr pela escada abaixo com tal pressa, que, já no ultimo lanço, saltou tres degraus de uma vez, e ia por felicidade quebrando uma perna. O sr. Ambrosio sentou-se á meza com a firme tenção de fazer o calculo de uns rebates que tinha em perspectiva, mas, tão commovido estava, que se lhe foram fechando os olhos pouco a pouco, e,

ainda não tinham passado dez minutos adormecera encostado aos cotovellos, e roncava que ninguém havia dizer que o sr. Ambrosio Lanhoso estava apaixonado!

L. A. PALMEIRIM.  
(Continúa.)

## NOTÍCIAS E COMMERCIO.

### DOCUMENTOS OFFICIAES.

#### Publica fôrma.

O presbytero Joaquim Gomes da Silva Lume, vigário collado da igreja collegiada parochial de São Pedro desta cidade do Funchal *et ætera*. — Certifico *in verbo Sacerdotis*, que a folhas sessenta e nove do livro vigesimo actual d'obitos desta parochia se acha lançado o termo de obito do theor seguinte. — Em os quatro dias do mez de fevereiro de mil oitocentos cincoenta e tres annos, nesta freguezia de São Pedro da cidade do Funchal, falleceu, tendo recebido os Santos Sacramentos de moribundos, Sua Alteza Imperial a Princeza D. Maria Amelia, filha de Suas Magestades o Imperador Dom Pedro Primeiro do Brazil já fallecido, e da Imperatriz Dona Maria Amelia, sua augusta esposa, tendo a mesma Princeza nascido em Paris no primeiro de dezembro do anno de mil oitocentos trinta e um, e sido baptizada na mesma cidade. Os restos mortaes da Augusta Fallecida ficam provisoriamente depositados na capella da actual residencia de Sua Magestade Imperial, donde hão de ser trasladados para o jazigo e camara real do antigo mosteiro de São Vicente de Fóra, de Lisboa. De que fiz este termo que assigno. — O vigário, *Joaquim Gomes da Silva Lume*. E não se contém mais, nem menos no dito termo, que fielmente transcrevi do proprio a que me refiro, cuja cópia passei por determinação do illustrissimo e reverendissimo sr. conego magistral, vigário geral deste bispado do Funchal. Pia de São Pedro, cinco de fevereiro de mil oitocentos cincoenta e tres. — O vigário, *Joaquim Gomes da Silva Lume*. — Reconhecimento. — Reconheço por verdade a assignatura supra do reverendo vigário da igreja parochial de São Pedro desta cidade. Funchal, cinco de fevereiro de mil oitocentos cincoenta e tres. — Em testemunho de verdade. — Logar do signal publico. — *Servulo Nicoláo Sousa Drommond*. — É quanto se con

tém na sobredita certidão d'obito, que aqui fielmente trasladei em publica fôrma, e ao original me reporto em poder do apresentante; e vai conferida com outro tabellião companheiro. Funchal na Ilha da Madeira, cinco de fevereiro de mil oitocentos cincoenta e tres. Eu Servulo Nicoláo de Sousa Drommond, escrivão do juizo de direito e tabellião de notas da comarca do Funchal occidental, o escrevi e assigno em publico e raso. Em testemunho de verdade. — *Servulo Nicoláo de Sousa Drommond*. — Conferida comigo. — Em testemunho de verdade. — O tabellião, *Luciano José Cordeiro de Sousa*.

Reconheço verdadeiras as assignaturas retro; e para constar onde convier, passo o presente que assigno, e fiz sellar com o sello das imperiaes armas deste vice-consulado do imperio do Brasil em a Ilha da Madeira aos cinco de fevereiro de mil oitocentos cincoenta e tres. — *Luiz Thomé de Miranda*, vice-consul do Brasil.  
(Logar do sello).

### HONRAS FUNEBRES.

Entre as honras funebres tributadas á memoria de S. A. I. a Princeza Dona Maria Amelia de Bragança devem commemorar-se as solemnes exequias celebradas na Sé de Lisboa por ordem de S. M. a Rainha, e a solemnidade funebre e tocante que o conselho director das casas de asylo da infancia desvalida fez celebrar na parochial igreja da Encarnação.

Na sé a assistencia da corte acompanhando SS. MM. na justa saudade pela excelsa Princeza — a presença do corpo diplomatico e de quasi todos os altos funcionarios do estado, — e a concorrência poucas vezes vista, que enchia o vasto templo, com a tristeza estampada no rosto, como indicio de que uma sentida perda se chorava, entre as preces da igreja — deram a tão solemne acto a gravidade e respeito que merecia.

Na Encarnação o espectáculo foi simples mas de ninguessa tristeza, e de tocante dór. A saudade dos pobres não se podia manifestar entre pompas funebres e a simplicidade do acto ia bem com a presença dos innocentes que se educam nessa benefica instituição que tanto cuidado dava á Augusta e Chorada Princeza. Assistiram á cerimonia religiosa os benemeritos membros do conselho. As senhoras que tão desveladamente cuidam das casas de asylo abi estavam prestando homenagem á memoria de quem tanto se regozijava em lhes servir de exemplo na altura do throno em que a Providencia a collocára.

O sr. padre João Candido de Carvalho em relação ao estado geral da nossa predica, exige a verdade que lhe façamos um merecido louvor pelo modo, com que desempenhou a missão de que se encarregou, mormente attendendo ao pouco tempo de que dispoz para a preparar. Folgamos em ter visto, pelo menos na sua oração, um indicio seguro de que o seu nome

não passara desconhecido na historia dos ornamentos do nosso pulpito. A cerimonia terminou com a reza de tres *Padres nossos* pelo descanso da alma da Princesa resados pelas crianças das cazas de asylo, que sustinham pequenos brandões acesos, á luz dos quaes se divisaram as bandeiras das differentes cazas de asylo, cubertas de lucto.

É assim qua a morte glorifica a vida, quando o lucto que tem de cobrir as coroas de um imperio e de dois reinos, chega do throno até as insignias da pobreza que se conforta no seio da charidade do Evangelho.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

#### MORTE MEMORAVEL.

Ha quasi 22 annos que Manuel Domingues Parente, natural d'Aveiro, servia no collegio militar.—Homem d'extracção humilde, occupava-se na condução do carro daquelle estabelecimento. Sua extremada honradez, natural bondade, e sobretudo o desvelo, e brandura, com que tratava os animaes, seus companheiros, inseparaveis, eram proverbiaes, entre os empregados do collegio, que todos, sem distincção de classe, lhe tributavam merecida sympathia, e alguns amizade. Como, que justificava o seu appellido, para com a grande familia collegial, de quem effectivamente se podéra dizer parente.

Apesar d'um mesquinho salario, sobrava-lhe sempre meios, com que soccorrer seus companheiros, quando delle careciam. Era pobre, e em vez de dividas, tinha credores. É que a virtude, ainda mesmo rustica e pobre, tem sempre mais que repartir, do que o vicio, embora fidalgo e opulento.

As repetidas jornadas, entre Mafra e Lisboa, por soes e chuvas, tinham-lhe feito experimentar graves incommodos de saude, de que por vezes se tratára, mas de que se não achava de todo restabelecido. Fôra, por isso, que, apesar de suas rogativas, se lhe havia prohibido de conduzir para Lisboa, a viatura do collegio, na quarta feira passada. Seriam 6 horas da tarde do dia 12, quando chega ao collegio a noticia, de que o boi que puxava uma das carroças, depois de subida a ingreme calçada de Chileiros, na volta de Lisboa, caíra morto. Apenas Manuel Parente recebe a nova, solta um ai de verdadeira afflicção, seguido immediatamente por um vômito de sangue; e cæe fulminado, com uma apoplexia pulmonar!

Esta coincidência singular augmentou, ainda mais, o sentimento dos que conheciam o coração bemfazejo desse protector dos animaes; que muitas vezes pagava á sua custa, o aluguer d'uma junta de bois, para auxiliar o seu carro, quando este subia a ladeira de Chileiros, esse passo difficil, entre Lisboa e Mafra!

Ao menos, a condição humilde do homem virtuoso, não obsteu a que a maioria dos empregados do collegio o acompanhassem até o ultimo jazigo. O corpo foi levado á mão por seus companheiros, e seguido por grande parte, ou quasi todos os seus superiores. Á virtude, a essa planta regada com o suor de quem a disfructa, não se negou desta vez o devido tributo. Mafra 14 de fevereiro de 1853.

J. DA C. CASCAES.

#### ROUBOS E ASSASSINIOS NAS PROVINCIAS.

Foi roubado José da Cruz, lavrador da herdade da farinha, a uma legua de distancia, de Monforte, por tres individuos desconhecidos que encontrou na estrada disfarçados em mendigos, pedindo-lhe esmola, e atacando-o quando se propunha a dar-lh'a, lhe tiraram 200\$000 rs. que comsigo levava: conhece deste facto o poder judicial.

Verificou-se um furto de Colmeias no monte dos Caldeirões, concelho do Alandroal; sendo o delinquente um individuo desconhecido que foi preso, mas que poudo evadir-se.

#### SARAU LITTERARIO.

A primeira academia de declamação e improvisação italiapa pelo sr. A. Galeano-Ravara teve lugar na sexta feira passada em uma das salas do *Gremio Litterario*. Foi um bello sarau onde agradável e proveitosamente se passaram algumas horas. É para sentir que a concorrência fosse tão pouco numerosa, o que de certo é uma prova bastante desagradavel da apathia que reina entre nós por tudo que diz respeito a bellas-lettras. Notámos tambem não encontrar-mos ali alguns dos nossos distinctos poetas, a quem, segundo nos informaram, o sr. Ravara dirigira convite particular. Não faltou, porém, o sr. A. F. Castilho, cujo amor e dedicação pelas lettras é proverbial entre nós, e que jámais deixa de comparecer bado ha um talento a animar ou applaudir. Estiveram tambem presentes os srs. Viale, Ribeiro de Sá, Serpa Pimentel, e alguns representantes da imprensa periodica.

O sarau foi summamente interessante. Na primeira parte leu, traduziu, e commentou o sr. Ravara em idioma portuguez o 1.º Canto do *Inferno* de Dante, exprimindo-se de um modo tão claro e intelligivel, que familiarizando pouco a pouco o auditorio, com as sublimes concepções do poema, acabou por levar-o a admirar muitas das bellezas e imagens que d'antes se lhes apresentavam obscuras ou passavam despercebidas. Declamou depois o sr. Ravara os versos que havia commentado, dando á sua voz a energia e expressão que convinham á situação, e acompanhando sempre a palavra com o gesto apropriado.

Constou a 2.ª parte de alguns exercicios de improvisação sobre diversos assumptos que foram apresentados pelos ouvintes, e que o sr. Ravara tractou com muita promptidão e felicidade, deixando a todos extremamente satisfeitos.

A segunda academia será, segundo nos consta, no dia 11 do corrente. É um entretenimento agradável, interessante, e ao mesmo tempo proveitoso, que se offerece aos amadores da poesia italiana: — esperamos que elles se não recusem ao convite que lhes é dirigido.

DEMETRIO RIPAMONTI.



# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SA.

NUM. 35.

QUINTA FEIRA, 10 DE MARÇO DE 1853.

13.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### COMMERCIO DO AZEITE.

Folgamos de nos ser permittido honrar as columnas da REVISTA com o importante artigo que se segue, relativo ao commercio do azeite. As melhores intenções figuram ahi ao lado do claro e vigoroso raciocinio do homem pratico. Dois factos bastam, como judiciosamente adverte o illustrado auctor do artigo, para revelar a alta importancia da agricultura do azeite: a grande exportação do reino de Napoles, a qual poderíamos egualar, e o avultadissimo consumo de Inglaterra, que nos offerece um mercado certo, proximo e vantajoso. Nós temos sempre tido em grande conta este importante e fertil ramo da nossa riqueza publica; e a collecção da REVISTA attesta que muito nos interessa o seu incremento. A excellente memoria a que o auctor do artigo se refere ahi está publicada. Agradecemos tão intelligente collaboração, e esperamos que seja continuada para proveito dos interesses economicos do paiz.

S. J. RIBEIRO DE SA.

Desejo chamar a attenção do publico sobre a producção do azeite neste paiz, porque muitas pessoas ha que não obstante a sua posição de lavradores e proprietarios, não tem prestado ao commercio deste genero a consideração que merece, não só pelo valor que já representa nas culturas do paiz, mas tambem, e muito principalmente, pelo grande augmento de que tal producção é susceptivel, sem prejuizo das outras culturas.

Seguirei no que vou dizer a mesma ordem em que se acham as idéas que acima enunciei.

### Produção do azeite em Portugal.

Sabido é que no nosso paiz nada ha de exacto em trabalhos estatisticos. Aproveitarei o de que tenho noticia. Nos relatorios do ministerio do reino respectivos aos annos de 1848 e 1849 se dá a producção d'azeite no reino em 30:026 pipas no primeiro, e 38:570 pipas no segundo, qualificando-se o de 1849 como escassissimo. Do de 1850 não tenho noticia, porém, a producção de 1851 foi notoriamente grande, sem comtudo ser extraordinaria, porque o Alemtejo e as provincias do Norte pequena safra tiveram. Presumo que as pipas officialmente mencionadas são de 25 almudes, e então teremos para o anno de 1848 — 750:000 almudes e no anno de 1849 — 960:000 almudes. Com estes escasos dados julgo não ser excessivo se reputar a producção de 1851 em 1.200:000 almudes, e a producção media annual em 1.000:000 de almudes, medida de Lisboa de 34 libras.

### Valores que a producção do azeite representa.

Admittindo que a producção media annual é de 1.000:000 de almudes representa ella na permutação do paiz um valor de 2.000:000,000 rs., pelo menos, além do accrescimo proveniente das vasilhas, das conducções, do trabalho, fretes, ganhos etc., de uma boa porção que sempre é exportada pela barra de Lisboa para o Brasil, ilhas, Costa d'Africa, e provincias do norte, mesmo quando não ha exportação para o Norte da Europa.

Mas passo á producção de 1851, que é a que

tenho mais immediatamente em vista. Se ella foi, como presumo, de 1.200.000 almudes, e o termo medio do seu valor, como se não pôde duvidar, foi 2,500 rs. o almude, temos desde logo um capital de 3.000.000,000 rs. naquelle genero, e quasi que a sua producção foi circumscripta á quarta parte da área do reino. A exportação da safra de 1851 fez-se pela maior parte em 1852, e dou em seguimento um mappa dessa exportação que tenho pelo mais correcto. Ver-se-ha que a exportação total por Lisboa, e não houve outra pelo litoral, foi de 260.000 almudes incluindo 50.000 almudes para o Porto, Vianna, e Caminha. Abatendo esta ultima parcella temos 210.000 almudes, e juntando a estes mais 90.000 almudes, que ainda se estão exportando, e pertencentes áquelle mesmo anno, teremos 300.000 almudes para fóra do reino, representando no commercio da exportação o importantissimo valor de 900.000,000 rs.

(Repto o termo medio do retorno do azeite em 3,000 rs. o almude pelo acrescimo do vasilhame, despezas incidentaes, e interesse do exportador.)

Eis ahi o ponto cardinal a que pertendo dirigir a attenção publica. Quem ha ahi que pensasse no avultado contingente com que aquelle genero pôde, em annos de soffivel safra, concorrer a elevar os crescentes valores da exportação de generos nacionaes?

Só meia duxia de pessoas que exportam aquelle genero, — e de certo nenhum destes é lavrador ou proprietario. Todavia, quanto parece insignificante essa quantidade de 300.000 almudes comparada com a exportação media annual do reino de Napoles, que é 1.800.000 almudes, ou seis vezes mais do que Portugal exportou n'um anno extraordinario! E quanto mais insignificante é ainda comparada com a importação d'azeite de oliveira em Inglaterra, que é 807.840 almudes, termo medio da importação dos 5 annos, de 1847 a 51! Ao mappa de exportação que dou, de 1852, o que foi para Inglaterra somma 47.000 almudes, o que não chegou a  $\frac{1}{40}$  do que aquelle paiz consome n'um anno. Repa que se considere por um momento a magnitude do mercado que temos tão perto de nós como está hoje a Inglaterra. Um mercado que só elle pôde consumir duas terças partes da producção de todo este reino.

A feição mais saliente que nos offerete o desenvolvimento da exportação de 1852, é que 8.000 almudes deram entrada n'um mercado

quasi novo para nós, a Russia. Rendamos graças aos usos religiosos daquelle paiz que fazem com que em cada casa, em cada corredor ou escada, e quasi que em cada aposento, haja uma imagem de algum santo com sua lampada sempre acesa, — e seria desacatal-o o uso de qualquer combustivel que não seja azeite d'oliveira o mais puro. Este mercado, porém, é precario, porque dá decidida preferencia aos finos azeites d'Italia, e só em grande carencia destes é que receberá os nossos. Ha eomtudo ainda muitos outros mercados, e menos escrupulosos, como se verá no mappa da nossa exportação.

#### Incremento que pôde ter a nossa producção.

Já mostrei qual é a exportação do reino de Napoles em annos ordinarios, a par da nossa exportação n'um anno extraordinario. Agora compararei a producção dos dois reinos. O de Napoles produz em annos abundantes 22.000.000 de almudes. Neste paiz, n'um anno abundantissimo, duvido que produza mais de milhão e meio, ou a decima quarta parte daquelle. No anno de 1852, em que a producção do reino de Napoles foi escassissima, montou comtudo a 5 milhões e meio de almudes. Já vimos que um anno nosso escasso, segundo o relatorio do ministerio da fazenda, foi de 960.000 almudes. Pôde-se estabelecer em regra que a nossa producção media, em relação ao reino de Napoles, é como de um a quinze, ou ainda menos. Note-se bem que esta nossa tal ou qual producção é quasi limitada a tres provincias: Beira, Extremadura, e Alentejo, e nestas só em certas zonas. E não é porque só essas zonas sejam adequadas á fructificação da oliveira, nem porque as outras terras estejam já todas occupadas, mas é para e simplesmente porque se não tem ponderado as vantagens, posto que tardias, da plantação das oliveiras. A plantação necessariamente se liga á idéa da cultura, ou amanho, e, a faller a verdade, ahi é que se observa o maior desleixo, porque talvez mais de metade das oliveiras neste paiz estão tão abandonadas á natureza, e nada mais, como o estão os pinheiros dos areaes. Quem tem visto as frondosas e bem copadas oliveiras na Italia e na Grecia lastima as orphãs e rachiticas oliveiras da Península. Isso em grande parte nasce do pessimo systema de plantação, e falta de criação, — mas isto é materia que occuparia demasiado espaço. Basta lembrar que é aphorismo em arboricultura que a successiva renovação por estacas necessariamente traz a degeneração.

Parece-me que é obvio que a criação, plantação e cultura daquelle precioso arvoredo deve merecer maiores disvelos aos proprietarios, tanto mais que a experiencia mostra que a producção por muito mais que cresça sempre encontrará um preço remunerador do capital empregado, o que não acontece com algumas outras culturas, que são preferidas unicamente por vantagens de mais promptos, mas menos rendosos proventos.

Ha muito que dizer sobre o fabrico do azeite, mas isso não é objecto que tenha cabimento n'um artigo como este, e a esse respeito encontram-se prescripções aproveitaveis em qualquer Manual de Agricultores. Demais, é cedo para tractar disso. Quando a producção tomar muito maior valto, a necessidade obrigará o lavrador a esmerar-se na manipulação della.

Sómente mencionarei, para offerecer um termo de comparação em quanto á estimativa dos diversos azeites nos mercados d'Inglaterra, os preços que regulam, e essa escala é applicavel a todos os mercados do Norte.

Preços d'azeite d'oliveira em Liverpool, em novembro de 1852, por tonelada :

Galipoli.....	56 lib.
Trieste e Veneza.....	53 "
Malaga, Sicilia e Malta...	54 "
Sevilha.....	53 "
Portugal e Tunes.....	52 "

O de Galipoli, que é tão preferido para todo o consumo em grande escala, não é mais saboroso nem superior em gosto e côr do que o nosso bom azeite, mas é sempre mais limpo de pé e das mucilagens que se precipitam difficilmente, é mais limpido e mais delgado, e por consequencia melhor para se derramar por qualquer superficie dada, e o ser igualmente menos pezado, não é pequena vantagem naquelles mercados onde não se compra nem vende por volume, mas sim por pezo.

Este azeite chamado de Galipoli, é producção da provincia de Apulia, e é recolhido em grandes depositos na cidade e porto de Galipoli no golfo de Taranto, donde é exportado. A Calabria tambem produz muito azeite, que se exporta pelo porto de Gioja, e é quasi igual em qualidade ao de Galipoli. Os depositos de Galipoli são grandes poços ou cisternas, cavadas na rocha, em que assenta toda a cidade. Essa rocha não é dura, e é facilmente cortada até grande fundura, e, o que é um facto, é que em nenhuma ou-

tra parte o azeite se clarifica tão facilmente, nem se conserva tantos annos, o que se attribue em parte á profundidade das cisternas, e á egualdade da sua temperatura. Naquellas cisternas nunca se lançam na mesma diversas qualidades de azeite, mas sómente em cada uma os azeites que estão no mesmissimo estado de depuração, ou que sejam da mesma data, e contudo se conserva o azeite 6 e 7 annos puro e livre de ranço sem se refrescar.

Em aquellas terras, assim como o nosso paiz, todo o azeite é conduzido em odres, sobre bestas de carga, mas ha mais aceio em os conservar limpos, para que no despejo e escorrer não vá involta com o azeite a sujidade exterior dos coiros, como entre nós acontece. Das cisternas que são na parte alta da povoação, é o azeite de embarque conduzido em odres, sobre as costas de homens até á praia, onde ha pequenos telheiros com grandes pias de pedra, que tambem servem de medidas, e estando cheias até á borda, são então despejadas por uma torneira directamente para os cascos, que depois de batocados e promptos, são rolados pela praia abaixo, e conduzidos a nado com cordas a reboque até ao navio onde são içados com osapparelhos. Este methodo de medir em grandes porções, tambem é preferivel ao nosso uso da pequena medida de 1 alqueire, com esponja etc. sobre tudo quando os azeites estão engrossados com o frio. Mas o melhor de tudo é o systema de pezar, como já se acha estabelecido em Lisboa e algumas terras visinhas. Na Barquinha, Abrantes e outras terras, parece que se conserva a medição sómente para dar que fazer aos medidores !

Em toda a provincia de Apulia a azeitona não é colhida da arvore, nem varejada, mas vae-se apanhando do chão á medida que espontaneamente cahe, no que se empregam grandes ranchos de mulheres e creanças, que a vão conduzindo para as moeduras. Em muitas terras conservam sempre em separado os azeites da 1.ª, 2.ª e 3.ª moedura.

Em conclusão, repito, que o fim a que se dirige este artigo, é o de estimular os proprietarios lavradores a augmentar esta producção tão valiosa, para o que não sei que haja consideração mais persuasiva do que é a certeza de sempre obter um preço remunerador, ainda que esse producto se quadruplicasse, porque os mercados consumidores são muitissimos, vae sempre crescendo a sua procura, e todo quanto azeite seja possivel exportar deste paiz, nunca será sem-

uma pequena fracção do que precisam os outros paizes que o não tem.

Ao mesmo tempo peço aos homens intelligentes e praticos, que communiquem ao publico as observações que as suas experiencias lhes tenham dado occasião de fazer sobre a criação, a plantação, e a cultura ou amanho da arvore, sobre os engenhos de moedura, sobre o fabrico, classificação e conservação dos azeites, expondo tambem as praticas erroneas e nocivas que em algumas terras se mantêm por uso ou abuso inveterado, e que não se limitem a discutir se a azeitona deve ser varejada ou apanhada á mão. Já ha annos que estão trabalhando algumas machinas aperfeiçoadas para moer a azeitona, umas movidas a vapor, outras por agoa, mas o publico ignora completamente qual tenha sido o resultado dessas novidades. Será isto pelo receio de disseminar os « conhecimentos uteis? »

**Azeite despachado para exportação pela alfandega de Lisboa no anno de 1852.**

PORTOS DE DESTINO	ALMUDES
Nacionais do continente. . . . .	50:164
Africa e ilhas. . . . .	12:702
Brasil. . . . .	51:753
Russia. . . . .	58:450
Inglaterra. . . . .	47:012
Hamburgo e outros do continente da Europa. . . . .	30:939
Estados Unidos da America. . . . .	8:183
Diversos outros portos. . . . .	330
<b>Total. .</b>	<b>259:533</b>

Depois de escripto o que acima se vê, tive a satisfação de vér uma « Memoria pratica sobre o modo de colher a azeitona, e de a guardar e tractar entre a colheita e a moenda, e de fazer o azeite: Paris 1842. » — Se a voz publica não erra, foi esta obra mais um serviço valioso que o paiz deve a uma das suas maiores illustrações a todos os respeito. Aquelle excellente opusculo deve ser lido e meditado por todos os productores d'azeite d'oliveira, mas posto que fosse offerecido ao publico por um dos livreiros desta capital, e reproduzido na *Revista* poucas pessoas o conhecem, e talvez nenhuma delle se haja aproveitado.

#### USO DOS TREMOÇOS E DA ARGILLA PARA ADUBAR AS TERRAS.

Um dos principios mais assentados em materia de agricultura é que sem estrumes não ha colheitas abundantes; e em consequencia deste principio disse Chaptal: — com os pastos ha gados, com os gados ha estrumes, e com estes obtense tudo na cultivacão dos campos. E de facto para que serviria a theoria mais perfeita faltando os adubos das terras? A excepção dos terrenos arroteados, e daquelles que as inundações annuaes alagam e fertilisam, todos os outros exigem a mistura dos esterco para serem productivos, é verdade que nem todos de igual maneira. As terras compostas de certa parte de humus ou terreno vegetal requerem menos adubos do que o torrão formado, por exemplo, de residuos schistosos.

São mui interessantes as observações, filhas da experiencia, escriptas por M. H. Laure e por isso as vertemos em nossa lingua, sem lhe tirar as particularidades que as acompanham. Diz assim:

« Entrando na administração de fazendas ru-raes pertencentes a minha mulher no sitio de Cogolin, departamento do Var, possuia eu alguns conhecimentos agricolas, que adquirira, já frequentando os cursos competentes no jardim das plantas, já meditando sobre os livros que tractam da materia. Brevemente, porem, reconheci que nesta sciencia, como em todas as artes industriaes, a pratica no começo val mais que a theoria mais fundamentada; e tendo desde a minha juventude o gosto e habito de cultivar flores e plantas de ornamento, vi que a exploração de uma fazenda de terras lavradas, de pastos, de oliveas, e vinhas etc. differe extraordinariamente da cultura de um canteiro ou de um jardim. Então fui tentando experiencias; devo dizer que me enganei mais de uma vez, e que de agronomo me fiz á minha custa cultivador.

Nóte logo que a arte de crear e empregar estrumes era, por assim dizer, desconhecida no districto onde vim ser proprietario rural. Se alguns aproveitavam o esterco do gado, a maior parte o deixavam em monte durante mezes até apparecer comprador; nem se davam ao trabalho de augmentar a quantidade por outros meios que não fosse fazer cama de feno aos gados.

A maior parte das vinhas e oliveiras que eu tinha a cultivar occupavam terrenos schistosos (o schisto é uma especie de barro secco, em que

entra bitume e mica, e que se esbroa facilmente).

Tinha-se-lhes dado uma surribo na época da plantação; e os talhões entre as cepas e as arvores apresentavam uma terra mais ou menos arida, mais ou menos esteril não tendo sido esterçada; entendi, por isso, que o meu primeiro cuidado devia ser procurar a quantidade de adubos possível, se queria semear essas folhas de permoio com cereaes ou leguminosas, como se pratica na Provença, e sobretudo se queria a vegetação vigorosa dos meus oliveas e vinhas. Os estrumes obtidos no trafego da minha fazenda não me pareceram sufficientes; e passo a referir os meios de que usei para augmental-os.

Para adquirir maior porção de palha, comecei por amañhar por minha propria conta as terras de lavoura da planicie, que segundo o uso estabelecido no paiz andavam entregues a um rendeiro, o qual recebia e levava para seu deposito e celeiro particular, e consumia em seu proveito metade da colheita do grão e palha. Apesar deste accrescimo de materia propria para converter em estrume, mandei apanhar no inverno feixes de estevas, sargaços e outro matto, e cortal-os miudo, fazendo-os espalhar nos sitios de passagem do gado. Aquelle matto, humedecido pelas chuvas da estação, apodrecido em parte pelo continuo patinhar dos animaes, que largavam ahi as ourias e mais excrementos, accumulados depois em montes davam ao cabo de alguns dias de fermentação um estrume vegeto-animal de superior qualidade.

Tive a satisfação de ser imitado. Começaram os visinhos a conhecer que para bem cultivar terrenos tão ingratos como os comprehendidos na zona granitica do departamento do Var é preciso estrumar bem. Porém, este meio de alcançar maior porção de estrumes, por ultimo faltou-me. Em quanto duraram os sargaços e codeços que vegetavam nos outeiros pertencentes á minha propriedade continuei; depois recorri ás de meus visinhos, que a principio consentiram com alguma repugnancia, e depois recusaram deixar fazer o corte, pela rasão de que prejudicava o crescimento dessas plantas, cujos fragmentos annuaes engordam o solo, e permittem desmoutal-o e semeal-o de cereaes todos os oito ou todos os dez annos. Contrariou-me grandemente este embaraço, e mais ainda porque tinha observado que o mencionado adubo era um dos melhores estrumes que se conhecem. A necessidade fez-me mudar de rumo.

Percorrendo o territorio de Cogolin vi que o tremoço bravo (*lupinus varius* Linn.) crescia espontaneamente e vegetava robusto nos chãos mais aridos. Lembrou-me que Plinio e diversos auctores fallavam do tremoço como planta propria para ser cortada e sotterrada como estrume; presumi tambem que crescendo naturalmente o tremoço bravo em nossas terras incultas, devia igualmente dar-se o tremoço branco, tanto mais que algum tinha prosperado na granja de um visinho, cujo terreno schistoso era de mui inferior qualidade. Tractei de procurar semente e semeiei no outono proximo. Produziram com tal vantagem que no anno seguinte tive com que semear muitas folhas, cujas duas terças partes foram esterçadas com as plantas dos tremoços cavadas e enterradas em março e abril no momento em que murchavam as primeiras flores. Muito prazer tive notando que o trigo alli depois semeado vinha, senão com maior força, ao menos com tanto vigor como a sementeira das folhas amanhadas com estrume animal, e na occasião da ceifa eram eguaes as colheitas.

Notei mais nesse anno, facto que posteriormente tem sido constante, que de todas as courellas de terra onde tinha ou enterrado tremoceiros ou colhido os tremoços, aquellas que na colheita seguinte do trigo produziram mais espigas foram onde os tremoceiros conservados para dar semente não foram enterrados. É verdade que tinham sido cavadas e amplamente estrumadas depois da apanha do tremoço e um mez antes de lhessemear o trigo. Isto prova quão pouco o tremoceiro cansa a terra, e explica a rasão porque esta planta vegeta vigorosamente no chão de mediocre qualidade, comtanto que não seja de natureza calcarea e a primavera não seja de todo secca. Com effeito as suas raizes da forma de um espigão perpendicular de seis a sete pollegadas, não chupam os saes espalhados no torrão, onde parece não exercerem outra função mais do que servir de sustentaculo á vastidão de ramos de que o tato ou hastea é revestido: — demais disso que necessidade ha que seja boa ou má a terra onde se semeia o tremoço se este lançando uma canna ramosa, de altura fóra de toda a proporção com a sua raiz, se nutre sómente dos fluidos da atmosphera, absorvidos pelas suas grandes folhas digitadas?

A propriedade que tem o tremoço de vegetar por meio de sua folhagem explica tambem a causa do unico inconveniente que offerece a cultura desta planta como estrume: se os mezes de março

e abril não são bastante chuvosos, as suas folhas absorvem a agua da chuva, que neste caso não penetra mais de duas ou tres pollegadas na terra; e quando é necessario enterrar os tremoceiros ha mais trabalho e despesa com a cava funda para que fiquem inteiramente abecellados.

Continuando os tremoços a vegetar sempre prosperamente, e preenchendo muito bem o meu intento, ative-me a este meio de fertilisar as terras, e de anno em anno augmentava o numero de courellas assim adubadas, tendo, porém, o cuidado de entremeiar convenientemente o estrume animal, de maneira que onde tinha abecellado pelo modo que dite fica os tremoceiros, quando mandava estrumar subsequentemente empregava os estrumes que tirava do curral das ovelhas e dos cavalharias, alcançando por este systema optimos resultados. *(Continúa.)*

#### SABÃO DE TEREVENTHINA.

O objecto desta invenção é produzir com a terebenthina em bruto, um sabão resinoso, que pôde servir, quer só, quer de combinação com os sabões de materias graxas.

Derrete-se, a vapor ou por outro modo, cem partes de terebenthina em bruto com 400 partes de uma solução de soda, que contenha 33 por cento de soda pura e secca. A addicção da soda tem por effeito neutralisar os acidos e desprender o oleo essencial que a terebenthina contém. Para separar este ultimo, ajunta-se á massa saponificada uma dissolução de sal marinho em agua; e o vaso que a contém é posto em comunicação com um condensador similhante áquelle que se emprega na distillação da essencia de terebenthina. Applica-se então o calor, e a essencia que distilla com o vapor da agua que se eleva do mixto condensa-se no aparelho; achase o sabão fluctuando na superficie da solução salina.

Prefere-se a solução do sal marinho por ter maior peso especifico do que a agua pura, e por ser igualmente proprio a produzir vapor; porém, não é absolutamente necessario.

Outro meio que tambem dá bom resultado consiste em usar de lixivia ou cenrada de menor força que a indicada acima, por exemplo 20 gráus de Beaumé, ajuntando só ao principio metade da quantidade necessaria á terebenthina em fusão, mettendo o resto durante o trabalho da distil-

lação, em proporções iguaes á quantidade de essencia e de agua que distillam no alambique.

Para remover as materias colorantes que podem previr da terebenthina, o sabão é lavado com uma solução de sal e agua.

Este sabão de resina pôde usar-se só ou combinado com qualquer sabão graxo. Misturando cem partes deste sabão de resina com 50 de bom sabão de sebo obtém-se um bom producto levemente corado.

A essencia de terebentina que resulta da distillação differe da que produzem os methodos communs: é muito propria para arder nos candieiros, dá bella luz, e não deixa bôrras.

#### AS CONTRIBUIÇÕES DIRECTAS DE PORTUGAL EM 1643.

##### TITULO TERCEIRO.

*Como se farão os lançamentos.*

*(Continuado de pag. 402.)*

33.º E encomendo muito ás pessoas que forem eleitas para fazer os lançamentos, e aos fidalgos e ricos que ficarem de fóra, que procurem que suas fazendas sejam lançadas com grande egualdade, para que delles se tome exemplo para o lançamento dos mais, porque de assim o fazerem, me haverei por bem servido, e o contrario, que delles não espero, lhes estranharei mandando-me informar, para que me seja presente, como se tem procedido neste particular.

34.º E as pessoas do estado da nobreza, que forem as cabeças das comarcas, com um dos ministros dellas, corregedor, provedor ou juiz de fóra, depois de feitos os lançamentos, irão correndo toda a comarca, pelos logares em que as decimas estiverem lançadas, para examinar se os lançamentos se fizeram como deviam na fórmula deste regimento.

35.º Acabado o lançamento no livro, se trasladará em outro para a receita, como fica disposto, os quaes estarão em poder dos nobres que forem eleitos pelas camaras, a saber: o do lançamento em poder do thesoureiro, e o da receita em poder do escrivão, que sempre são dos mais ricos e abonados, porque não o sendo ficará o damno que dahi resultar, carregando sobre os officiaes que fizeram as taes eleições.

36.º E nas cabeças das comarcas, além dos livros dos lançamentos e receitas, haverá outra

que tenha o que rendeu aquella villa ou cidade, que é a cabeça com todas suas freguezias, e as do termo separada, e distinctamente, e títulos particulares de cada uma das outras villas e logares della, e para esse effeito de todos se lhe enviarão cadernos do que rendem com toda a clareza necessaria, para por elles se fazer o registro, os quaes serão enviados á junta da cabeça da comarca pelas pessoas que assistirem em cada um dos ditos lançamentos.

37.º Tanto que na cabeça da comarca estiverem as relações do que importam as decimas em cada um dos logares della, se fará uma relação por menor do que renderam cada uma em particular, e do que importam todas juntas, e a mandará o conselho da comarca á junta geral do reino, e na mesma fôrma se fará nesta cidade relação por menor do que importaram as freguezias della e seu termo, e dos juros, tenças, assentamentos, ordenados, e salarios, entrando as decimas ecclesiasticas, para que conferidos todos os livros, se possa saber com facilidade o que importam as decimas de todo o reino, e cada uma das comarcas, poderá mandar a sua relação ás outras, para que tambem por ellas tenham entre si sabido o que todas renderam.

38.º E se as decimas importarem dois milhões, entrando nelles os mais effeitos neste regimento declarados, não será o reino obrigado a outra contribuição alguma, e se além disso importarem mais duzentos mil cruzados, cessará logo o real d'agoa desta cidade, e de todo o reino, e se ainda renderem mais, o que no primeiro anno crescer, ficará em deposito na arca das tres chaves desta cidade, para que acontecendo, que no segundo anno as decimas não cheguem a um milhão e quinhentos mil cruzados, o que faltar se suprirá do que cresceu no primeiro, e assim o que crescer no segundo ficará em deposito para o que faltar no terceiro, e o que crescer em todos os tres annos ficará em deposito para que nas côrtes, que no fim delles se hão de fazer, se determine o em que se ha de gastar.

39.º E não chegando as decimas ao milhão e quinhentos mil cruzados, o que faltar se lançará egualmente pelo reino, sobindo a mesma decima, como se assentou em côrtes pelos estados na fôrma seguinte. Que se a decima render um milhão e duzentos mil cruzados, e faltarem trezentos, porque repartidos estes pelo rendimento, cabe a vinte e cinco por cento, que é a quarta parte, subir-se-ha em cada uma addição dos lançamentos a quarta parte mais do que nella foi

lançado a principio, e a este respeito, quando faltar mais ou menos, mas se cada uma das camaras ou comarcas, tiver rendas, baldios ou quaquer outros bens com que possa pagar o que naquella cidade ou villa, se havia de subir na decima, em parte ou em tudo, o poderá fazer para os moradores ficarem mais alliviados.

4.º E assentadas as decimas nesta fôrma, logo cessarão as contribuições extraordinarias, que aos povos se pediam de mantimentos, trigo, cevada, soldados, cavallos, pistolas e cravinas, e mando que daqui em diante, lhes não seja pedido coisa alguma, sem se lhes pagar, pelos preços das terras, e que os lavradores não sejam obrigados a ir ás fronteiras, salvo as praças que na comarca estão separadas das companhias volantes, para acodir ás occasiões de rebates, nem os obriguem a fazer vigias, ou ir a outras partes, senão quando a occasião for tão precisa, que obrigue a todos sem excepção de pessoa.

(*Continua.*)

## PARTE LITTERARIA.

### O FIM DO SEMESTRE.

*Estudos biographicos e necrologicos.*

POR UM PHILOSOPHO.

### VII

A thia Thomazia saía de casa do usurario inchada que não cabia na pelle. A missão diplomatica de que fôra incumbida tinha-a tornado orgulhosa, e qualquer encarregado de negócios que, solvesse satisfactoriamente uma importante questão de interesses internacionaes, não ficaria mais contente comsigo, do que estava a adella, por poder desenvolver todos os recursos da sua velhacaria, e, evidenciar aos incredulos de quanto era capaz quando tomava ao serio incumbencias daquella ordem. A adella quiz, como vulgarmente se costuma dizer, dormir sobre o caso, e nada mais tentou naquelle dia, reservando para novo sol a honra de allumiar as suas proezas, e a gloria de vêr coroados os seus esforços. Ao outro dia, a thia Thomazia ergueu-se logo pela luz da manhã, como era o seu costume, e saíu, conhecendo-se-lhe na cara a esperanza que a animava, e a quasi certeza que tinha do feliz exito da sua empreza. Um general que planeou bem

um ataque, um advogado que estudou uma questão por todas as faces possíveis, um medico que calcula a efficacia de um remedio heroico, um poeta, que se julga Dante, porque escreveu vinte versos de que as mulheres gostaram, nada se póde comparar á satisfação intima da adella, colhendo de antemão os loiros da victoria, e comprasendo-se no usufructo de suas ruins inclinações. Seis mulheres como a thia Thomazia eram bastante para justificar todas as diatribes que se tem escripto, em prosa e verso, contra o seu sexo, e banir de todas as cabeças as idéas matrimoniaes. Dois volumes de uma mesma obra não tem mais harmonia e relação entre si, do que o usurario com a thia Thomazia, do que a adella com o sr. Ambrosio.

Luiza, passara uma noite terrivel. Além de ter visto desaparecer como o fumo as suas esperanças, andava-lhe um não sei que no coração, como que a agoirar-lhe funestas consequencias do irreflectido passo que dera. Melancholica e pensativa, Luiza, não se atrevia mesmo a sondar as razões do porque assim andava tão alheia do mundo, embebida naquelle profundo cogitar de que nem ella propria acertava com a origem, mas que era real como a infelicidade que a esperava.

Informado o leitor da posição dos personagens que já conhece, e que viu apparecer em scena no capitulo anterior, póde agora acompanhar commigo a respeitavel thia Thomazia, e ajuizar pelos seus olhos que não era um falso testemunho as bellas prendas de que affiançamos ser possuidora a adella, e que a tornavam digna e conspicua socia do sr. Ambrosio, o homem mais matreiro e desalmado de todo o seu bairro. A sr.<sup>a</sup> Thomazia, antes de sair pela manhã cedo, almoçou com todo o descanso o seu chocolate, e, com a idéa fixa de vir um dia a ser contemplada no testamento do usurario, saiu pela porta fóra, resolvida a enganar Gregos e Troiannos, e até o proprio collega, se mais ninguem se deixasse embair pelas suas palavras, nem desse credito ás fabulosas calumnias de que levava farto provimento. A adella ia tão senhora de si, que até despresára naquelle dia os olhos, umas das suas mais predilectas figuras de rethorica, contando unieamente com a logica do embuste calculado, e com a teria que a nova Penelope urdira com todo o carinho de uma intrigante de profissão. As pessoas conhecem-se nas occasiões. O campo era vasto para a thia Thomazia poder a vontade manobrar, e, ciosa dos seus fóros e

prerogativas, intendeu que a ninguem mais devia confiar o segredo das suas expedições, reservando tambem para si a gloria de ser a historiadora e archivista das proprias façanhas. O que a adella se não esqueceu de levar, quando saiu, foi o seu roزاری de coquilho.

Deixemos agora por um pouco a thia Thomazia, e travemos conhecimento com outro personagem, que nem sonhara nunca a existencia da adella, e que, sem o crêr nem o pensar, se achou de repente envolvido nos occultos manejos da mysteriosa sybilla. Pedro, era um destes caracteres excepçionaes, a que o mundo não podendo dar outro nome, accusa de misantropos, sem se dar primeiro ao trabalho de vêr se é o egoismo que os faz fugir da sociedade, se, são as decepções continuas que os affastam para longe do ruido das festas, e do buliçoso tumultuar das praças e dos cafés. Homem, pela austera virilidade de um inflexivel querer, Pedro tinha a imaginação viva e ardente de uma mulher, e o receio e timidez de uma criança, quando, sem provas, o queriam levar a ajuizar mal dos outros. Se a educação lhe houvesse sido mais cultivada, ou antes mais bem dirigida, não era para admirar que, Pedro, com a intelligencia rapida que tinha, e com o espirito meditativo de que era dotado, não fosse um homem, que, applicando-se, lhe fosse impossivel obter um nome honroso nas sciencias ou na litteratura. Em tempos revoltos a espada não seria inutil nas suas mãos; e, deixar-se-ia illudir pelas apparencias, quem lhe negasse o valor, ou lhe pozesse em duvida os dotes do coração. Infelizmente para elle, seus paes eram pouco abastados, e não podéra desenvolver pelo estudo a aptidão natural que sentia em si para se extremar do vulgar, e subir aonde o chamava o seu desejo, e para o que a vontade lhe aplanaria o caminho. Nascido em época de mesquinhas parcialidade, e de luctas estereis e sem alcance, Pedro, povo pelo soffrimento, e pelo sonho de uma nova era de emancipação, conservara-se extranho á outra carreira, para que, se o não chamava completamente a sua vocação, o podiam com fortuna fazer conhecido os seus brios, se, fossem alentados pelo convencimento dos deveres da honra e da nacionalidade. Não se tendo dado nenhum dos casos que o podiam vantajosamente ter feito conhecido, Pedro era pobre, e só apreciado de raros amigos que lhe honravam a modestia, e lhe prestavam o desinteressado culto da sua insuspeita afeição, e a quem elle retribuia com a lisura de um cara-



cter nobre, e com a expansiva cordialidade de um sincero agradecimento. A misantropia de que o mundo o accusava era desmentida pela opinião daquelles que mais de perto o conheciam.

Pedro, vira Luiza, e amara-a com toda a sinceridade de uma primeira inclinação, e pensára desde logo recorrer a alguém que lhe podesse alcançar os honestos meios de subsistencia, de que carecia, para não sacrificar o futuro alheio ás alternativas e contingencias de um trabalho incerto. Obtida a certeza de que os seus desejos seriam satisfeitos, participou-o a Luiza, que, recebeu a noticia com verdadeira alegria, esperanças, um e outro, na proximidade de um casamento, laços eternos e temerosos para especuladores de matrimonios, cadêa de flores para os que déveras se amam, como ambos elles se amavam, e para os que vêem pela primeira vez sorrir-lhes a felicidade, com que até alli mal se atreviam a sonhar. A pobre rapariga conhecia as circumstaucias embaraçosas de Pedro, e, não querendo aggravar-as com exigencias a que ainda se não julgava com fundado direito, intendeu, que o melhor era accudir ella ás proprias necessidades, resolvendo-se a ir procurar o usurario, a expor-lhe os motivos do passo que dava, e a, finalmente, empenhar o unico objecto que tinha de valor, o relicario que herdara de sua mãe, e com que tencionava fazer face a despesas que não podiam admittir delonga, nem, ainda mesmo, serem satisfeitas por pessoa indifferente á felicidade que antevia. O leitor já viu como ella tinha sido recebida pelo sr. Ambrosio, e como Luisa fôra gravemente offendida pelas grosseiras expressões do usurario, provocadas por um amor brutal, mas, repellidas com toda a dignidade de uma sã e escrupulosa consciencia. Agora, resta-nos, unicamente, acompanhar a intriga promovida pela thia Thomazia, a rogos do usurario, e presenciar o desfecho de um amor, nascido para ser a refutação triumphante das egoistas considerações dos philosophos de botequim, e que, graças aos mexericos e imposturas da adella, acabou perante a calumnia, sem que lhe podesse valer nem os sentidos protestos de Luiza, nem a convicção arreigada que Pedro tinha da provada virtude e sisudo character daquelle que elle amava com tamanho extremo, e por que dera a vida, se com a vida a podesse rehabilitar das suspeitas, que a thia Thomazia com a dissimulação e velhacaria que lhe eram proprias, lhe tinha feito arreigar no animo e no coração.

A adella, depois de calcular e confrontar to-

dos os recursos e expedientes que lhe suggerira a sua provada mestria no assumpto, resolveu-se a ir, com um pretexto qualquer, procurar Pedro, e, valendo-se depois de o ter conhecido em criança, e a toda a sua familia, entrar directamente na materia, calumniando desafrontadamente, jurando e prestando-se a fornecer provas, que, se lhe fossem pedidas, não apresentaria nunca, a meqos que a thia Thomazia não tivesse tambem a arte das fornecer de improviso, embora tão verdadeiras como as suas palavras, tão santas e justas como os seus juramentos eram.

Pedro não esperava por semelhante visita, e, o assombro que lhe causou a apparição da thia Thomazia, foi, como era de esperar, maior ainda do que ella o supunha.

— « Ai, ricco filho da minha alma, como o tempo vôa ! Conheci-o uma criancinha, e encontre-o um mocetão perfeito ; é verdade que quem sae aos seus não degenera. Seu pae, Deus lhe falle n'alma, era um homem ás direitas ; e sua mãe, mesmo nos ultimos tempos, tão doente como ella andava, ainda se conhecia o que havia ter sido ! Nosso Senhor o crie para bem, que bem o merece o filho de tacs paes. »

— « Então que é isso thia Thomazia, chora ? »

— « Pois não hei-de chorar, menino ! Se as lagrimas não servem para estas recordações não sei para que sirvam. Ao cabo de cinco e cinco, dez ; e mais cinco, quinze ; e tres, desoito ; ao cabo digo de desoito annos, venho achar o retrato dos meus antigos visinhos, lembro-me do que sempre foi para mim aquella santa gente, e não quer que eu chore ? »

— « Obrigado, thia Thomazia, muito obrigado. Mas, sente-se que deve estar muito cansada, descance ; tire-se dahi da corrente do ar olhe não se constipe ; tome cuidado comsigo, a gente não deve desprezar a saude. »

— « Tambem para que presto eu, não me dirá ? Vaso ruim não quebra. Os que Deus chama mais depressa a si são os justos, os bons, os que não nasceram para as maldades do mundo ; os outros... »

E, pelo sim pelo não, foi tirando o capote e o lenço, pondo-os nas costas de uma cadeira, e sentando-se ella n'outra mais para o canto da casa, aonde não era tão incommodada pela corrente do ar. Pedro era uma boa alma, e ouvia a adella com todo o respeito que se deve á idade, sendo, de mais, tamanha a dedicação que a pobre mulher dizia ter a toda a sua familia.

— « Mas o que a trouxe a esta casa, thia Tho-

mazia? Quem lhe disse aonde eu morava? O que tem v. m. feito?

— « Eu lh'ò digo, filho; mas devagarzinho, porque, ha mezes a esta parte, não me dá licença o meu peito para fallar com grandes pressas. O que me trouxe é bem de vêr que foram as saudades, e, foi por um accaso que soube que morava aqui, mas tanto foi sabel-o como vir immediatamente cumprir com os meus deveres...

— « De amizade, que outros não tem v. m. »

— Réplicou Pedro, extremamente commovido pelo tom doloroso e pungido com que a thia Thomazia arrastava as palavras, variando de entonações, e acompanhando tudo de magoados suspiros, e de uns ais tão lugubres, que fariam chorar as pedras.

— « E acha pequenos esses deveres? O que se não faz por amizade também se não faz por calculo. E não é na minha idade que a gente calcula, a não ser se deitará fóra mais um inverno, e se poderá resistir a qualquer tosezita, de que se ri quem é moço, mas que nós... »

— « Deixe-se dessas idéas, thia Thomazia; a gente vive em quanto Deus é servido. Tanto morrem os novos como os velhos.

— « Amen Jesus. Em quanto ao mais, tenho vivido como vivem os pobres. Este mundo é uma cruz, e quem vai melhor nelle é quem a leva com paciencia. Depois, filho, o trabalho mata, rala, consome a gente, e nem sempre luz na razão dos esforços que se empregam. Quando se evita vencida uma difficuldade lá vem outra, mais tarde ou mais cedo, e assim se anda.

— « Mas, se bem me lembro, a thia Thomazia tinha uma loja, não tinha? Eu nesse tempo era uma criança, recorde-me de ouvir dizer que outros eram mais infelizes no negocio. »

— « Assim era, mas os tempos tem peorado. Quem não tem grandes fundos qualquer pequeno transtorno lhe faz mal. »

— « Empréstava dinheiro, não é verdade? »

— « Vintens; as minhas economias. Em todo o caso, filho, ainda Deus me não faltou com o pão de todos os dias, e é o essencial. Neste mundo o mais rico é o que menos necessidades tem, e, graças á providencia, sei conformar-me com a minha sorte. Rica não sou, mas não morro de fome. »

— « E mora ainda aonde morava? »

— « Ainda. Tomei amizade ao sitio. Todos alli me conhecem, e n'uma afflicção, n'uma desgraça qualquer, sempre ha mais probabilidades de encontrar quem nos não tracte com completa in-

differença. A visinhança é boa, e então tenho entendido que o melhor é continuar a tel-a assim. Já agora alli morro, e, como não tenho parentes, o bem que poder antes o quero fazer áquella pobre gente, do que a outra que me seja inteiramente estranha.

— « O que v. m.º é, thia Thomazia, é uma santa velha. Agradeço a sua visita, demore-se, jante, á noiteinha se irá embora. »

Isto, e o que a adella queria, era tudo o mesmo. Demorando-se, podia dar mais naturalidade ao dialogo, e trazer a conversa, sem suspeitas, ao ponto que ella desejava. A adella continuou:

— « E o senhor o que faz? Em que se emprega? Que tenções são suas? Desculpe-me a curiosidade, mas, o interesse é tanto! »

— « A maior novidade que lhe posso dar é que estou... ora advinhe, thia Thomazia, para quê? »

— « Eu sei lá, menino! Mas para coisa má não é de certo. »

— « Estou para me casar. »

— « Para se casar! Muito me conta! Para se casar! Lá vai praga sem suspeita. Só o que lhe desejo é que se dê tão mal com a sua noiva, como seu pae e sua mãe se davam um com o outro. Eram dois pombinhos. »

— « Deus a oiça, thia Thomazia. »

— « Pois não ha de ouvir! E é bonita? »

— « É linda! »

— « Os namorados são sempre dessa opinião. Apesar disso, creio que assim seja. A fallar-lhe com franqueza, um rapaz faz bem em casar, poupa-se a muitos desgostos, a muita extravagancia propria da idade. Ora! ora! ora! Póde-se dizer que ainda ha dois dias o via ir para a escola e já... Só o que eu gostava de o vêr! Nem uma só vez me passou pela porta que eu não dissesse: Deus te faze bem, anjinho! »

— « É como lhe digo, case-me, e quando v. m.º alguma vez fôr dar o seu passeio e não tiver casa mais perto aonde descansar, aqui não se lhe fecham as portas. »

— « Obrigada, filho; mas, eu saio uma vez na vida outra na morte; já me custa a poder com as pernas; dia que saio assim um bocado mais para longe é contar que fico doente. Ora!... ora!... Casar-se o senhor! A noiva chama-se? »

— « Chama-se Leiza. Não é um bonito nome? »

— « É, é. Mas o que é... »

— « O que, thia Thomazia? Disse isso de um modo que me assustou. O que tem? Diga. »

— « Tontices de velha. Como se não houvesse mais Marias na terra! Os nomes nada tem com as pessoas. T'arrenego! Deus me livre de ruins pensamentos, peccado quasi tamanho como as ruins acções! »

— « Mas, o que foi? Já agora explique-se. Ande. »

— « Se eu me não entendo a mim, como me posso eu explicar. Cruzes! Foi tentação do demonio. »

— « Então, thia Thomazia, não me faz este favor? »

— « Se eu já lhe disse que era uma tontice minha! Não teime, filho, é uma historia que me compunhe, que me custa a contar-lhe... porque em summa, só se parecem no nome, mas, mesmo assim, um namorado até isso respeita, e eu não quero que por minha causa... »

— « Que por sua causa, o que? O que tem v. m. com o que os mais fizerem, se foi máu. Foi? »

— « Foi. Deus lhe perdoe. A desgraçada não se devera nunca servir do relicario que sua pobre mãe lhe legara; com pretexto de negociar com a honra. »

— « Um relicario!... que sua mãe lhe legara!... negociar com a honra!... O que diz, o que está ahí dizendo thia Thomazia? Enlouqueço; v. m. mata-me; e a mulher que fez isso tudo chama-se como? Como é que se chamava essa mulher? »

— « Chama-se, Luiza. Mas, meu Deus, o que tem o nome com as acções? Ai! lingua, lingua... por que te não cortaram? Que necessidade tinha eu de me pôr a fallar nas vidas alheias, não me dirão? Ora vejam como o senhor ficou! Faz dó. Bem diz o rifão: quem muito falla pouco acerta. Ora vejam isto! Que desgraça! »

— « E a Luiza de que fallava era moça e bonita? »

— « Valha-me Deus, era tudo isso, mas... »

— « E tinha um relicario? »

— « De oiro, tinha; mas, não sei de que servem tantas perguntas a um tempo? E não sei tambem que relação haja en... »

— « Legado por sua mãe á hora da morte, não é verdade? E, fallou-me em honra, em negocio, em pretextos, não fallou thia Thomazia? »

— « Valham-me todos os santos e santas! Eu já devêra estar emendada ha muito tempo, é contar que para mim não se possa uma sexta feira sem desgosto, e grande. »

— « Então v. m. quer que eu estale de paixão? »

— « Credo, filho! Então para que lhe serve o juizo? Lembre-se que é homem, e não esteja a consumir-se; a dar cabo de si; a mortificar-se dessa maneira. Que se sobresaltasse era natural; mas o que não posso levar á paciencia é que esteja a sonhar desgraças sem fundamento. »

— « Sem fundamento!... Bem, thia Thomazia, e vio pelos seus olhos a rapariga em que me fallou? »

— « Com estes dois com que o estou vendo. »

— « E o relicario pendia? »

— « De um cordão de cabello. »

Pedro, já caindo fulminado. Depois, compondo a physionomia, e tentando illudir a adella, replicou:

— « Não era ella. Tambem quasi que já tinha essa certeza; fui até injusto nas minhas desconfianças. Agora, thia Thomazia, pôde contar a tal historia á sua vontade. Estou a rir de mim mesmo; os ciumes desvairam a gente!... »

Pedro ria com effeito, mas era um rir frenetico, simulado, doloroso como nenhum. A adella conhecera-o; o terreno em que estava naquella momento era optimo; podia desafrontadamente calumniar Luiza, a empreza era facil, não havia que recuar um passo. Estava só em campo.

— « Então, não lhe dizia eu que se moderasse? Nestas coisas a gente não se deve decidir sem a evidencia. Ora vamos, agora posso-lhe contar o que este mundo é, e como as apparencias enganam. »

— « Conte, thia Thomazia, conte. Tenho ainda curiosidade de saber a tal historia, só pela coincidencia dos nomes. »

— « Como o demonio as arma! Em que anxiedade o vi ainda agora por uma anecdota que em nada o interessava! »

— « Em coisa alguma. »

— « Eu logo vi que não. Pois o que me resta a contar é pouco, mas não deixa de causar pasmo. A Luiza a que me referia, a outra, a que não não interessa de perto, deixou-se seduzir por um punhado de oiro, com o pretexto de empenhar um relicario, e não occultando que estava para se casar. »

Ao findar a sua peroração, a adella olhou de revez para Pedro, que estava como um defuncto.

— « Então que lhe parece? »

— « Parece-me que sou um desgraçado, e que Luiza enganando-me, como me queria enganar, praticava uma acção indigna. Obrigado, thia Tho-

mazia, foi Deus que a mandou. Agradeço-lhe o serviço que acaba de me prestar. »

— « Pois era... »

— « A mulher que eu amava do fundo do coração, que assim me arrastava o nome de vergonha da vergonha, e me expunha a honra e o credito á irrisão e ao desprezo. »

— « Se eu tal soubesse... »

Murmurou a adella correndo pelos dedos as contas do roziario :

— « Se eu tal soubesse, juro que lh'o não contava; não ha nada peor que desiludir qualquer de uma paixão verdadeira ! »

Pedro já não ouviu estas ultimas palavras. Tinha-se levantado para sair, e só teve valor, para, com voz quasi sumida, se desculpar com a adella da precipitação com que a deixara, tendo-a momentos antes convidado para ficar com elle até anoitecer.

A thia Thomazia triunfante, e com um ar de importancia difficil de descrever, deitou a correr direita a casa do sr. Ambrosio, a quem encontrou já a meio caminho, impaciente como estava de saber a resposta que lhe devia trazer a adella. Abraçaram-se cordealmente um ao outro, trocando apenas entre si estas simples palavras.

— « Então, thia Thomazia ? »

— « Vai tudo ás mil maravilhas. »

— « O homem engolio a petta ? »

— « Sem a menor desconfiança. »

— « Bom. »

— « Optimo, digo eu. »

L. A. PALMEIRIM.

(Continua.)

## NOTICIAS E COMMERCIO.

**Resultados da invernada.** — Escrevem da Galiza (Ferrol) em data de 26 de fevereiro. — « O tempo corre fatal. Depois de cinco mezes de continuas chuvas, descarregou uma nevada como não se viu ha muitos annos: o frio intenso e insupportavel produziu como era de esperar enfermidades perigosas. Accrescente-se a este mal uma caristia desmarcada dos generos de primeira necessidade por effeito dos temporaes que impediram a importação de outras partes. A escacez de cereaes no anno anterior augmentou extraordinariamente o numero de mendigos. Emfim estas e outras desgraças puzeram este paiz n'uma situação precaria e lastimosa.

Dizem de Madrid em 2 do corrente: — « São tão fúteis os frios, as geadas tão rigorosas, e a estação

tão impropria da época adiantada do anno, que parece que vivemos em a Noruega ou na Russia, e peor ainda se é possível, pois, nestes paizes, ainda que a columna thermometrica desce mais que em o nosso, sendo commum vel-a 10 e 14 gráus abaixo de zero, não succede reinarem ventos asperos e fortes do noroeste que temos tido aqui, e muito contribuíram para a violencia do temporal.

« Nem se creia que só em Madrid faz este frio horrroso; em quasi todas as provincias ainda as mais temperadas, como Malaga, Sevilha, Barcelona, Valencia etc., depois de nevar com abundancia, queixam-se da inclemencia da estação, de modo que a friagem toma maior incremento.

Lê-se no *Portenir* de Sevilha, de 24 do mez ultimo. — « Os que julgavam que a chuva destes dias amaciaria o frio levaram um solenne chasco, porquanto a frialdade cada vez aperta mais. Ha quem supponha que assim passaremos o resto do memoravel severo de 1853 e parte do proximo março, a julgarmos pela neve que cobre a serra. Não é, portanto, de estranhar que haja tantas doenças e que em Cadiz se contem 18:000 enfermos. »

**California.** — As noticias desta região alcançam aos primeiros dias do corrente anno. O inverno tem sido alli extremamente rigoroso. Os jornaes contem extensas particularidades das inundações, e dos soffrimentos de toda a casta que tem padecido os mineiros e especuladores de ouro. Por muitos dias estiveram as casas enterradas em neve, e como se interceptaram as communicações tinham subido os mantimentos a preços exorbitantes.

**Novo palacio de crystal.** — Consta que se vão adiantando rapidamente as obras que se fazem em Nova-York para a criação do edificio destinado á nova exposição industrial São numerosas as requisições que já se dirigem tanto da Europa, como de diferentes partes da America afim de se marcar logares para a collocação de diversos productos da industria.

**Recompensa litteraria.** — O sr. D. José Maria de Mora, escriptor hespanhul bem conhecido, foi condecorado por sua magestade o imperador do Brasil com uma commenda da imperial ordem da Rosa, como auctor do artigo sobre o Brasil na obra sumptuosa intitulada *Os Reis Contemporaneos*. O editor desta obra, o sr. Herreros, tambem foi agraciado com um habito.

## BIBLIOGRAPHIA.

O VISIONARIO.

Romance de Schüller.

Traduzido do allemão por João Felix Pereira. —  
Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRITORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietário do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 39.

QUINTA FEIRA, 17 DE MARÇO DE 1853.

12.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

O nosso respeitavel collaborador e bom amigo, o sr. visconde de Santarem, nos dirige a seguinte carta, e precioso catalogo, que julgamos de rigoroso dever publicar. É fóra de duvida que a publicidade deste catalogo nenhum desdouro deita sobre o catalogo devido ao zelo do sr. Figanière: mas o sr. visconde louvando, como nós, este zelo, justifica mais uma vez o quanto acertadamente cuida em desempenhar a importante missão de que está encarregado, com tanta honra sua, e tanta gloria do nosso paiz.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

*Ilm.<sup>o</sup> sr.*

Paris, 26 de fevereiro de 1853.

Acabando de lêr na REVISTA UNIVERSAL de 10 de fevereiro corrente um annuncio de uma subscrição, a fim de se publicar um *Catalogo dos Manuscriptos Portuguezes existentes no Museu Britanico*, escripto por o sr. Frederico Francisco de la Figanière, não posso deixar, posto que louve o zelo que a isso o moveu, de recorrer á publicidade do seu importante periodico, para mostrar que tenho em meu poder, e ha annos colligidos e copiados dos manuscriptos de uma das bibliothecas que formam parte do Museu Britanico, 134 documentos portuguezes integraes, e que dizem respeito ás nossas antigas transacções com Inglaterra.

A collecção que possuo destes documentos tem 601 paginas in folio, que publicadas por integra formariam 2 volumes de 8.<sup>o</sup> de mais de 300 paginas.

Fiz menção da aquisição da maior parte destes documentos do Museu Britanico no meu officio de 30 de novembro de 1849, que se publicou a paginas 19 do relatorio do ministerio dos negocios estrangeiros apresentado ás côrtes em 7 de janeiro de 1851.

Colligi estes documentos para serem publicados em summarios na secção XIX da minha obra do *Quadro Elementar das Relações Politicas e Diplomaticas de Portugal*, e por integra, nos volumes do *Corpo Diplomatico Portuguez ou Collecção de Tratados de Portugal*, que encerram os documentos pertencentes ao direito publico convencional com a Inglaterra desde o principio da monarchia portugueza.

E como me não seja possivel publicar ao mesmo tempo todos os volumes que encerram as secções das nossas relações com todas as potencias de que se compoem estas obras, julgo dever indicar summaria e publicamente no seguinte catalogo os ditos documentos que possuo copiados no Museu Britanico a fim de que, quando publicar os volumes das mesmas obras, se não possa dizer que só tive noticia de taes documentos, ou os fiz copiar depois da publicação do catalogo annuciado pelo sr. Figanière.

Rogo, pois, á vista destes motivos o distincto favor de fazer publicar esta carta e o seguinte catalogo na REVISTA.

Tenho a honra de ser

De v. etc.

VISCONDE DE SANTAREM.

Eis aqui o catalogo dos sobreditos

**Documentos que seão por integra.**

1.º

1373 JUNHO 16 — Tratado de paz e d'alliança entre Duarte III e seus filhos, de uma parte, e el-rei D. Fernando de Portugal, da outra.

2.º

Documento relativo a Affonso de Mendonça, agente portuguez (reinado d'el-rei D. João I) no qual reclama d'el-rei Henrique de Inglaterra certas franquias em favor de Affonso Diniz, e sobre varios assumptos commerciaes (sem data).

3.º

Coimbra — Comunicação de Fernando Gonçalves, enviado de Portugal ao conselho privado de Inglaterra, das treguas concluidas entre el-rei D. João I de Portugal e os reis de Inglaterra e de Castella (sem data).

4.º

1386 MAIO 9 — Tratado entre el-rei D. João I e el-rei de Inglaterra, Ricardo II, com todas as peças (1).

5.º

1387 AGOSTO 12 — Coimbra — Tratado de liga offensiva e defensiva entre el-rei D. João I de Portugal e Ricardo II de Inglaterra, com os poderes dos respectivos embaixadores (2).

6.º

1389 NOVEMBRO 29 — Rasões expostas por parte d'el-rei D. João I a el-rei de Inglaterra, convidando-o a acceder á prolongação das treguas de 3 annos que tinha ajustado com Castella e França, e para que estas fossem prolongadas por mais 3 annos (3).

(1) Este tratado acha-se publicado em Rymer T. 7 pag. 513, em Soares da Silva T. 4 n.º 32: encontra-se no Real Archivo da Torre do Tombo na gav. 18, in 3, n.º 25 e no Corp. Chron. part. 1.ª doc. 10. Delle fiz tirar uma cópia em 18 de julho de 1825.

(2) Deste tratado possuía já uma cópia authentica tirada da Torre do Tombo em 1826.

(3) As negociações que precederam e prepararam o tratado de treguas com Castella, acham-se indica-

7.º

1389 DEZEMBRO 30 — Notificação d'el-rei D. João I a el-rei de Inglaterra Henrique IV do tratado que tinha concluido com Castella.

8.º

1389 DEZEMBRO 30 — Notificação d'el-rei D. João I a el-rei de Inglaterra, Henrique IV, do tratado que tinha concluido com Castella, no qual a Inglaterra era comprehendida (4).

9.º

1399 DEPOIS D'AGOSTO — Propostas e reclamações sobre o commercio e navegação, apresentadas por Pedro João, enviado d'el-rei D. João I de Portugal a Henrique IV de Inglaterra, e respostas e resoluções sobre as mesmas, do dito rei (5).

10.º

1390 NOVEMBRO 29 — Reclamação feita por parte de Portugal á Inglaterra para se restituirem certos toneis de vinho tomados no mar pelos inglezes, e exame a que se mandou proceder pelo conselho privado de Inglaterra concernente a um navio portuguez capturado pelos inglezes e conduzido a Sandwich.

11.º

1401 (?) ANTES DE ABRIL — Carta d'el-rei D. João I a Henrique IV de Inglaterra, ácerca do casamento do conde de Arundel com a infanta D. Brites (sem data).

12.º

1401 (?) — Outra carta d'el-rei D. João I ao mesmo rei de Inglaterra sobre o casamento da infanta D. Brites.

13.º

1401 (?) — Terceira carta d'el-rei D. João I dirigida a Henrique IV de Inglaterra sobre o objecto das antecedentes (sem data).

das no T. 1.º da minha obra do *Quadro Elementar* pag. 275 e 276.

(4) Dei o summario dos artigos destas treguas no T. 1.º do *Quadro Elementar* pag. 275.

(5) Este curioso documento é escripto em francez da idade media, cheio de abreviaturas e de palavras obsoletas. Deve ser publicado no T. 14 da minha obra.

14.º

1403 JUNHO 25 — Carta do conde d'Arundel e de Surry a Henrique IV rei d'Inglaterra pedindo-lhe que mande prover no lugar de deão da egreja de Stokenham no Devonshire, Adam Dampport, chancellor da rainha de Portugal, que tinha prestado grandes serviços a elle conde d'Arundel.

15.º

Artigos apresentados pelo embaixador d'el-rei D. João I a Henrique IV d'Inglaterra, convidando-o a certos tratados de treguas com a França e com Castella (sem data).

16.º

1412 — Carta do infante D. Fernando duque de Penafiel, dirigida a Henrique IV d'Inglaterra.

17.º

1428 MARÇO 5 — Attestação de um notario publico do tratado de treguas ajustado entre el-rei D. João I de Castella e os reis de França de Portugal e d'Inglaterra em 29 de novembro de 1389.

18.º

1435 NOVEMBRO 25 — Ratificação de el-rei d'Inglaterra do tractado de paz e alliança celebrado com Portugal em consequencia da declaração feita por el-rei D. Duarte de Portugal.

19.º

1436 FEVEREIRO 18 — Ratificação a confirmação de Henrique VI d'Inglaterra dos tractados de paz e da alliança celebrados entre el-rei D. João I e os reis d'Inglaterra Ricardo II Henrique IV e Henrique V.

20.º

1442 — Reclamação d'el-rei D. Affonso V feita a Henrique VI d'Inglaterra de quebrar a paz, e os direitos da justiça, exigindo a restituição de um navio portuguez tomado pelos inglezes.

21.º

1449 — Carta d'el-rei D. Affonso V a Henrique VI em que lhe expõe que N. Gonçalves e João Rodrigues seus vassallos que hiam commerciar em diversos portos do mundo com um navio, haviam sido rouba-

dos e capturados por dois navios inglezes, exigindo o mesmo rei a restituição de tudo.

22.º

1462 AGOSTO 8 — Carta de Henrique VI a el-rei D. Affonso V sobre a negociação que se tractava da revisão dos tratados anteriormente celebrados entre Portugal e a Inglaterra pelos commissarios de ambas as partes.

23.º

1473 MAIO 11 — Confirmação feita por Duarte IV do tratado celebrado entre Portugal e a Inglaterra em 9 de maio de 1386. (6)

24.º

1489 DEZEMBRO 8 — Evora. Tratado de paz e alliança entre el-rei D. João II de Portugal e Henrique VII rei d'Inglaterra, em que se confirmam e renovam os tratados de 1386 celebrados por el-rei D. João I. (7)

25.º

1527 SETEMBRO — Carta de el-rei D. João III escripta ao famoso cardeal Wolsey e a Henrique VIII rei d'Inglaterra reclamando a restituição de uma porção de cobre e outros objectos apreendidos nas costas de Inglaterra de um navio portuguez que naufragara, e que pertencia á esquadra portugueza commandada por Antonio Pacheco.

26.º

1528 OUTUBRO — Carta de el-rei D. João III ao cardeal Wolsey sobre o mesmo objecto da antecedente.

27.º

1534 (?) JUNHO 18 — Carta do marquez de Villa-Real a Thomaz Crowel.

28.º

1537 MARÇO 2 — Carta de el-rei D. João III escripta a Henrique VIII d'Inglaterra manifestando-lhe o desejo que tinha de que o infante D. Luiz seu irmão casasse com uma filha do dito rei.

(6) O tratado vem inserto na confirmação. Este acto foi publicado em Rymes e em Dumont. Possui uma copia tirada da torre do tombo em dezembra de 1824.

(7) Neste documento se acham insertas todas as peças.

29.º

1537 — Documento em que se mostra que el-rei d'Inglaterra encarregara sir W.<sup>m</sup> Paget de tractar do casamento da princeza Maria d'Inglaterra (depois rainha daquelle reino) com o infante D. Luiz de Portugal.

30.º

1539 NOVEMBRO 2 — Carta de um portuguez datada de Anvers a um dos ministros d'Inglaterra ácerca da falta de trigos que havia em Portugal, e para estes serem exportados d'Inglaterra para Portugal, indicando que esta reclamação já deveria ter sido feita por o cavalheiro André Soares, enviado de Portugal.

31.º

1540 JANEIRO — Carta do marquez de Villá-Real dirigida a Crowel, lord do sello privado, pedindo que um certo Fernando Pyr-raes (Pizarro?) prisioneiro em Inglaterra fosse posto em liberdade.

32.º

1542 OUTUBRO 14 — Nota extrahida do livro do conselho privado sobre uma reclamação ácerca da exportação de trigos para Portugal.

33.º

1556 JULHO — Ordem do conselho d'Inglaterra prohibindo aos negociantes inglezes o commerciareem com a Guiné e com outros estabelecimentos portuguezes e um extracto do celebre tratado do *Mare Clausum* de Selden.

34.º

1563 MARÇO 2 — Windsor. Carta da rainha Isabel d'Inglaterra a el-rei D. Sebastião reclamando a restituição de um navio inglez que, tendo arribado a Lisboa para fazer aguada, havia sido detido naquelle porto.

35.º

1564 SETEMBRO 26 — Carta credencial de el-rei D. Sebastião em favor de Ayres Cardoso, seu enviado na corte de Londres

36.º

1564 NOVEMBRO 19 — Reclamação apresentada á rainha Isabel por Ayres Cardoso, enviado de Portugal, a respeito de certos

navios que se aparelhavam nos portos d'Inglaterra para ir á Guiné.

37.º

1564 NOVEMBRO 24 — Resposta do conselho privado á reclamação do enviado de Portugal, Ayres Cardoso, ácerca dos navios que se aparelhavam para ir á Guiné.

38.º

1564 NOVEMBRO 26 — Carta da rainha Isabel dirigida a el-rei D. Sebastião em resposta á carta credencial do enviado Ayres Cardoso.

39.º

1567 JANEIRO — Carta credencial de el-rei D. Sebastião a favor de Manuel Alvares, seu enviado, á rainha Isabel d'Inglaterra, para reclamar contra os actos de violencia commettidos pelos subditos inglezes.

40.º

1567 JANEIRO 2 — Carta da rainha Isabel a el-rei D. Sebastião sobre as reclamações que diziam respeito ao commercio dos inglezes nos estabelecimentos do dominio da coroa de Portugal.

(Continúa.)

#### o NAVIO CALORICO.

Da *Revolução de Setembro* n.º 3280, extrahimos o seguinte: —

« Em Nova-York fez-se no principio deste anno um descobrimento que produzirá talvez resultados mui transcendentos. Parece que se resolveu victoriosamente o grande problema de substituir a força motriz do vapor da agua por outra força mais economica que possa empregar-se facilmente e dê maior impulso. O ar quente substituirá o vapor, assim como ha meio seculo este substituiu as forças motrizes que anteriormente se conheciam.

A um sueco, o capitão Ericson, cabe a honra de ter feito o descobrimento depois de longo estudo e perseverante trabalho por espaço de vinte annos. Nem na sua patria, nem mesmo em Inglaterra, achou a efficaz protecção de que necessitava para fazer patente a sua invenção; mais afortunado foi além do Atlantico. A Nova-York toca parte da gloria do invento, e por isso é destinada a gosar de seus primeiros beneficos.

Daremos o facto em sua grandiosa singeleza e



despido das entusiasticas reflexões com que o revestem os jornaes americanos.

Aos 4 de janeiro o navio *calorico* construido pelo capitão Ericson fendeu as ondas da bahia de Nova-York, impellido não pelo vapor mas pelo calorico do ar encerrado em suas machinas.

Este navio que recebeu o nome de *Ericson*, é na qualidade de construcção naval uma das mais bellas que se tem feito nos arsenaes americanos, donde sabem coisas tão maravilhosas neste genero. É do porte de 2:200 toneladas, tem 260 pés de comprimento e 40 de largura, demandando 27 pés. A experiencia da força do calorico fez-se sob as maiores e mais concludentes condições. Diremos como o *Ericson* correspondeu ás esperanças de seu inventor.

Tendo sido deitado ao mar na madrugada do dia 4 no arsenal de Williamsburg, dobrou o forte de Governor's Island ás 9 e 5 minutos, e ás 10 e meia passava diante do Fort-Diamond, tendo percorrido uma distancia, legitimamente verificada, de 7 milhas e tres oitavos em 34 e meio minutos, sendo por consequencia a sua rapidez na rasão de 14 milhas por hora.

O consumo de combustivel foi objecto de escrupuloso exame de que resultou achar-se 6 toneladas inglezas por 24 horas, o que equivale a uma economia de 80 por 100 comparada com o consumo dos vapores melhor construidos.

Tal é o facto que presenciou toda a cidade de Nova-York, e que referem unanimemente os jornaes dessa metropole commercial da America do norte. Justificado o successo por maneira irrefragavel, não hesitamos em declarar que ha de produzir uma revolução completa nas relações maritimas, mercantis, economicas, e até moraes dos povos civilizados. Impossivel é enumerar já todas as consequencias deste descobrimento; vamos, portanto, indicar brevemente as que se poderão obter dentro em pouco tempo.

Se o navio calorico se move com a decima parte do combustivel de que necessita um vapor para effectuar o seu trajecto com equal rapidez, resultará disso que as viagens entre dois pontos determinados, taes como Nova-York e Liverpool, por exemplo, que não podem fazer-se senão em navios que precisam de mil toneladas de carvão, poderão verificar-se por meio do novo systema em navios que só carecem de 100 toneladas de combustivel; de que procederá ou construir-se mais pequenos ou destinar-se ao transporte de passageiros e fazendas o logar que fica livre por não se necessitar de tanta quantidade de carvão. E deve attender-se, demais disso, que esta economia de nove decimas partes de combustivel fará com que se diminuam consideravelmente os preços dos fretes e passagens, augmentando-se assim o numero dos viajantes, que actualmente só podem ser pessoas de bastantes haveres.

Eis-ahi o que succederia infallivelmente se o novo motor calorico se limitasse a combater o seu rival, o vapor, no terreno em que hoje o encontra; porém, não se limitará a isso, antes alargará o campo

da luta, pois que conta com os meios necessarios Effectivamente, se com um limitado provimento de combustivel de 100 a 120 toneladas pôde ir o navio calorico de Liverpool a Nova-York, quem lhe impedirá que tomando todo o que hoje necessita um vapor faça uma viagem dez vezes mais extensa do que a indicada, indo sem precisão de fazer escala desde Liverpool até Calcuttá, até Cantão, ou até Sidney na Australia?

Ainda mais. É provavel que a rapidez que apresentou o primeiro ensaio não seja o *nou plus ultra* da velocidade; e que esta augmente a um ponto que hoje nos pareceria extremamente exagerado; porque, se os vapores não levam a sua rapidez mais além do que se considera possivel, deve attribuir-se á quantidade de combustivel de que podem dispor e a que o peso e enorme volume das machinas não permitem augmentar os meios de produzir maior quantidade de vapor. Porém, se forem adoptadas machinas singelas, leves e de pouco volume, como parece que são as do *Ericson*, que necessitam de pequena porção de combustivel, porque não se collocarão duas e até mesmo tres dellas a bordo d'um navio tal como o *Humboldt* ou o *Arabio*, e dois pares de rodas em vez de uma só, completando todos estes meios de rapidez com um helice no ponto mais conveniente da embarcação? E' certo que a resistencia do fluido augmenta em proporção da rapidez que se dá ao corpo que nelle vai submergido; mas, tambem o é que um corpo fluctuante sobre um liquido desliza-se rapidamente quando está submettido a um vivo impulso.

Quanto ao mais, não são só a navegação maritima e a fluvial as interessadas neste descobrimento. Os caminhos de ferro e as machinas de toda a classe procurarão logo appropriar-se delle. As locomotivas não terão necessidade de arrastar pesados *tenders*, cheios de agua, verdadeiros toneis das Danaides, não tão prompto cheios como vasos. Essas caldeiras que mereceram e ainda reclamam os cuidados dos industriaes para lhes augmentar o poder, obstar a que se destruam, ou a que occurram explosões serão abandonadas inteiramente, e não haverá que deter-se em penosas estações para renovar o provimento de agua; o ar será de futuro a primeira materia da força impulsiva, e o homem terá sempre inexgotavel quantidade delle á sua disposição.

Por ultimo, terminaremos estas considerações com uma que nos parece capital: — se deve a Inglaterra a grandeza da sua supremacia industrial á extraordinaria venda que faz dos productos de minas, que com rasão chama as suas *Indias negras*, e que são sem duvida para ella mais preciosas do que as suas Indias orientaes e occidentaes; evidente é que um invento que diminue nove decimas partes de combustivel, para produzir uma quantidade dada de força motriz, será proveitoso ás nações industriaes que não tendo esse combustivel o compram muito caro. Talvez fosse esta a causa de ser recebido em Inglaterra tão friamente o descobrimento do capitão Ericson. »

AS CONTRIBUIÇÕES DIRECTAS DE  
PORTUGAL EM 1643.

## TITULO QUARTO.

*Da forma que se terá na cobrança  
e recebimento das decimas.*

(Continuado de pag. 402.)

Feito o lançamento na forma deste regimento, e depois de vencidas as pagas, nos tempos que abaixo se declara, se porão editaes e se lançarão pregões, pelos quaes sejam avisados os que hão de pagar decima, que em termo de dez dias primeiros seguintes, vão levar suas pagas ás egrejas de suas freguezias, onde assistirão aquelles dias continuamente os thesoureiros com seus escriptos, que irão fazendo assentos nos livros da receita do que se pagar, assignados pelos thesoureiros e com clareza, não se recebendo dinheiro por outro modo, nem se pondo as pagas á margem por cifras, como em alguns recebimentos se via e do que se cobra, darão escriptos ás pessoas que fizerem os pagamentos, referindo-se ás folhas do livro em que ficam lançados, para o que se imprimirão em cada freguezia, com os nomes, quantidades, dias e folhas em branco, para que não haja detença em se passarem tantas quitações.

2.º E passados os dez dias, a mesma junta que assiste ao lançamento e cobrança das decimas, mandará logo executar aos que não tiverem pago, pelos alcaides, e meirinhos, e mais officiaes de justiça, que todos serão obrigados a lhe obedecer, fazendo as diligencias, penhoras, vendas e arrematações, que forem necessarias, e dellas não levarão custas aos que forem pobres, e aos ricos levarão um tostão por cada mil réis que deverem, que as partes pagarão, além do que estiverem devendo da decima, o que se guardará, assim nesta cidade como em todo o reino.

3.º Nesta cidade de Lisboa, se cobrará a decima das casas em duas pagas, Natal e S. João, e a das outras fazendas, aos quarteis, e como a mais principal renda seja a das casas, a decima dellas se cobrará antes de vencida, no principio de dezembro, e no principio de junho, pondo-se os editaes nos ultimos dias de novembro, e nos ultimos dias de maio, porque não aconteça ausentarem-se, ou mudarem-se os alugadores, e não se saber depois delles.

4.º E nas mais cidades, villas, e logares do reino começará o livro e lançamento de janeiro,

e se cobrará a decima aos quarteis, o primeiro que se vence por fim de março, em principio de abril, o segundo em principio de julho, o terceiro em principio de setembro, o quarto em principio de janeiro; para o que assistirão a isso mesmo nos dias declarados nos editaes e pregões os thesoureiros, e escriptos nas egrejas das freguezias, ou casas das camaras, para receber as pagas, e se lançarão em livro, e darem escriptos, como acima se dispõe; e os editaes e pregões se fixarão, e lançarão nos ultimos dias de cada quartel, e o mesmo se fará nas freguezias dos termos, onde se assentarão os pagamentos nos quadernos, por onde se cobrarão as decimas, e farão os termos delles assignados pelo recebedor, e se darão escriptos ás partes do que tiverem pago.

5.º E quando nas cidades, e villas, os mesmos officiaes servirem juntamente em muitas freguezias, ajuntar-se-hão na igreja matriz, ou nas casas das camaras, com os livros e quadernos de todas as freguezias, e irão lançando o que se recebe de cada um ao pé de suas addições, como fica disposto: e os que não pagarem no termo dos editaes, se mandarão executar pelas pessoas que assistem nas juntas, como se tem declarado.

6.º E ainda que por este regimento se tenha declarado, e ordenado, que as decimas se cobrem dos caseiros, lavradores e arrendadores, que trouxerem arrendados os casaes, e mais propriedades; contudo mostrando elles que neste primeiro anno tem pago o aluguer, ou renda d'antemão, por escriptos dos senhorios dellas, se cobrará logo a decima dos mesmos senhorios, e os caseiros ficarão notificados, que ao diante não paguem d'antemão sem lhes ficar em poder o que basta para a decima.

7.º Se alguma pessoa poderosa, sobre a cobrança das decimas, fizer violencia, ou ameaças aos ministros, e officiaes que as hão de cobrar, (o que não espero de meus vassallos, quando contribuem para coisa tão justificada, como é a defesa do reino, e sua) se tirará em quaderno de fóra a quantidade que dever, e se enviará á junta, donde logo se mandará cobrar, e estranhar, como parecer, e aquella freguezia, villa, ou cidade ficará satisfazendo com isso, na forma que nas côrtes se assentou.

8.º E se feita toda a diligencia, ficarem no fim do anno algumas partidas por cobrar, tirar-se-hão em quaderno separado, onde se referirão ás folhas do livro em que se ficaram a dever, e se passarão em receita, por lembrança, ao escri-

vão, e thesoureiro, para que as procurem cobrar, ou mostrem a diligencia que para isso fizeram.

9.º Os corregedores e provedores, em correição, saberão se as decimas se cobraram nos quarteis, em que se deviam, e estando-se devendo as farão cobrar, e não levarão por isso ordenado algum, nem os seus officiaes, mais que as custas das diligencias na fórma declarada neste regimento, e não o fazendo assim, nos logares de suas comarcas e prevedorias, se lhes dará em culpa nas residencias.

10.º O thesoureiro geral da contribuição, para a defesa do reino, que ha de assistir nesta cidade, terá em seu livro separado de cada freguezia della, para cobrar dos thesoureiros, o que cada uma freguezia importar, e lhe dará conhecimento em fórma do dinheiro que receber, por suas descargas, e os ditos thesoureiros serão obrigados a fazer as entregas aos quarteis, assim como forem cobrando.

11.º Os thesoureiros, e almoxarifes da alfandega, e mais casas desta cidade, entregarão ao thesoureiro geral desta contribuição as decimas dos juroes, tenças, e ordenados conforme vae declarado neste regimento, e não lh'os pagando com pontualidade aos quarteis por inteiro a junta geral do reino os mandará executar, e proceder contra elles até com effeito fazerem a entrega, e o mesmo farão os almoxarifes, e thesoureiros dos logares do reino, nas juntas de cada logar.

(*Continúa.*)

## PARTE LITTERARIA.

### UM ANNO NA CORTE.

#### CAPITULO LIV.

#### UM MINISTRO NA ANGUSTIA.

— Cumpriu-se finalmente a vontade de Deus, filho. Não nasceste príncipe, deves acabar os dias na paz da tua casa, para poderes socegradamente tractar da salvação da tua alma. O mundo é ingrato, e não perdôa nem as apparencias da grandeza ao homem que por talentos ou por virtudes se mostra superior a elle: só no céu ha misericordia para todos.

Isto dizia, na sala das audiencias do paço, Fr. Pedro de Sousa a seu sobrinho o Conde de Castello-Melhor.

— Tinha de ser; seja embora — acudiu o privado de Affonso VI, com um suspiro. — Venceram os invejosos, triumpharam os ingratos. Todos em Portugal se julgam capazes de governar; mas agora verão quanto custa, que de noites mal dormidas, que de dias de anciedade é preciso passar para salvar uma nação dos inimigos de fóra, e dos intrigantes de dentro. Acreditaram que era por ambição que eu lhes resistia, quando me queriam arrancar do lado d'El-rei. Enganaram-se; não conheceram que só o meu amor por este reino, e a gratidão a Sua Magestade me davam forças para supportar os amargores da minha situação. O que me custa agora é deixar meus filhos — porque os meus inimigos não descançarão sem que me vejam desterrado da patria — o que me peza é vêr El-rei sem um conselheiro, e o reino ao desamparo.

— Animo, filho. A rainha prometteu-te a sua protecção...

— A rainha não me prometeu, impoz-me a sua protecção. Com o poder acabaram-se-me os amigos: esses mesmos conselheiros, esses joizes que ha dez dias apenas votaram por mim, e contra o Infante, agora voltam-me as costas porque o poder está n'outra parte. E assim, abandonado por todos, que havia eu de fazer senão acceitar a protecção da rainha?

— Quando vi que Sua Alteza insistia na sua queixa calumniosa...

— Atrozmente calumniosa.

— Tu nunca pensaste sequer em dar peçonha ao filho de D. João IV?

— Nem eu o pensei — respondeu o Conde, com dignidade, — nem Sua Alteza o acreditou nunca. Eis aqui a prova do que lhe acabo de afirmar, Fr. Pedro.

E dando ao frade uma carta que estava sobre a meza, proximo da qual estavam sentados os dois interlocutores desta scena, o Conde proseguiu:

— Esta carta entregou-ma agora mesmo a rainha, quando me fui despedir della. É escripta pelo proprio punho do Infante; e se não servir de salva-guarda á minha vida — porque os meus inimigos talvez me façam assassinar logo que eu sair de Lisboa, — ao menos servirá para convencer meus filhos de que não são filhos de um traidor.

O bispo d'Angra pegou, tremendo, na carta que seu sobrinho lhe apresentou, e aproximando de si uma luz (porque isto passava-se ás dez horas da noite), leu em voz alta o seguinte:

« Logo que V. M. houve por bem querer en-

« trar neste negocio, me poz na obrigação de ha-  
« ver de obedecer a V. M., como V. M. fosse  
« servida: e, satisfazendo áquella parte que V.  
« M. me manda, de que segure a pessoa, e honra  
« do Conde... »

— O Infante, agora que me venceu com uma  
calumnia, quer-me segurar a honra! — exclamou  
o privado d'El-rei.

— « ... a honra do Conde — continuou a ler  
« Fr. Pedro, — prometto a V. M. debaixo de mi-  
« nha fé, de não intentar contra ellas coisa que  
« as offenda. » Permitta Deus que elle cumpra  
estas promessas!

— Veja o resto da carta, Fr. Pedro. Sua Al-  
teza quer que na sua queixa se ponha perpetuo  
silencio.

— Máu principe, e máus conselheiros! Não é de  
christãos o que te fizeram, Conde, é de jesuitas!  
E que te disse a rainha, quando te entregou esta  
carta?

— Assegurou-me que em pouco tempo me ve-  
ria restituído ao meu logar de ministro, e que  
então brilharíam mais os resplendores do meu  
credito.

— Talvez sejam sinceras as palavras de Sua  
Majestade.

— Não são; mas pouco importa, servem ao  
menos para minha justificação.

— Quando eu, vendo-te perdido de todo, e já  
desanimado, fui ha tres dias com tua mãe lan-  
çar-me aos pés da rainha, e supplicar-lhe que se  
compadecesse de nós todos e aceitasse o ser me-  
dianteira entre ti e Sua Alteza, ella mostrou-se  
enternecida, e até lhe vi correrem as lagrimas  
pela cara abaixo — disse o velho frade.

— Enternecimento de mulher! Chorou, mas  
nem esqueceu nem perdoou. Nem foram capazes  
de a mover á piedade sincera as minhas lagri-  
mas, nem o sentimento de seu marido, que tão  
queixoso se tem mostrado pelo meu desterro.

— El-rei quer-te muito; é uma consolação  
para ti na desgraça.

— Affonso VI tem a alma da creança com  
as paixões do homem feito. Amor e odio tudo  
nelle é violento mas sem consistencia. Quando  
hontem Ruy de Moura, um dos amigos na pros-  
peridade que me abandonou agora que me viu  
na desgraça! quando Ruy de Moura foi dizer-lhe  
que era indispensavel que eu saísse da corte,  
El-rei tirou, cego de raiva, a adaga para o ma-  
tar; e não bastaram para o socegar as palavras  
e as supplicas da rainha, foi preciso que eu proprio  
de joelhos lhe pedisse que me deixasse partir.

— São provas violentas, mas são provas de  
amizade as que El-rei te deu, Conde — inter-  
rompeu Fr. Pedro.

— Quando lhe passou aquelle primeiro impeto  
da cholera — acudiu o Conde — El-rei lançou-  
se nos braços da rainha, chorando, e clamando  
que « só nella agora ficava a sua unica consola-  
ção » e hoje, Sua Magestade parece ter-se quasi  
de todo esquecido de mim. Era fragil, muito fra-  
gil — exclamou o ministro — a columna que sus-  
tentava o meu poder, fel-a cair um sopro ape-  
nas da adversidade. Triste poder o que tem por  
base só a sympathia e a vontade de um... de um  
rei que é paralitico de um lado, e quasi louco  
do outro.

— Permitta Deus que aos males que a este  
reino tem vindo até hoje d'El-rei ser assim não  
venham agora juntar-se mais funestas desgraças.

— Agora mesmo, quando estive com a rainha  
para receber esta carta de seguro de Sua Alte-  
za, supplicuei-lhe que tomasse cuidado em El-  
rei, que o aconselhasse e dirigisse, que o não  
abandonasse quando arrastado pela sua alma des-  
vairada elle se precipitasse nos perigos, ou se  
deixasse dominar pela cholera...

— E a rainha?

— Respondeu-me seccamente que bem conhe-  
cia o seu dever, e sabia o que lhe cumpria fa-  
zer. O coração da rainha não é bom, Fr. Pedro;  
o padre de Villas tem-lhe ensinado as praticas  
da devoção austera, mas as virtudes christãs...

— Cuidado, Conde, não te cegue o odio —  
interrompeu o frade bento.

— Não me cega o odio, porque o não tenho  
á rainha: mas tive occasião de conhecer que ella  
nada esquece, e nada perdôa. Não só não per-  
doou ainda ao secretario d'estado Sousa de Ma-  
cedo as severas verdades que lhe disse, mas  
nem o desgraçado arrieiro do Alentejo esqueceu  
ainda.

— Francisco d'Albuquerque...

— Fallei-lhe nelle agora mesmo, pedi-lhe que  
lhe salvasse a vida ao menos...

— E respondeu-te?

— Que Estevão de Castilho ora o noivo da sua  
dama valida Mademoiselle Ninon d'Amurande,  
e que sem esta perdoar, ella, a rainha, o não fa-  
ria tambem; que, demais, era preciso um exem-  
plo de severidade para ensinar o povo a respei-  
tar os criados da casa real.

— Pobre Margarida!

— Para não faltar á promessa que fiz a Mar-  
garida, hei de ainda fallar a El-rei no desgra-

çado capitão, e supplicar-lhe que o não desampare.

— Vê se o salvas, Conde. É bom que o teu governo acabe com um acto de justiça e de gratidão. Alcançando o perdão para Francisco d'Albuquerque, que está innocente, pagas á boa Margarida, tão calumniada e offendida, os sacrificios que ella tem feito a bem deste reino.

— Esse anjo da guarda de Affonso VI, que tantas vezes pela brandura, pela meiguice pôde detel-o no momento em que elle ia ordenar uma injustiça ou auctorisar um crime, Margarida vae agora tambem ser affastada do paço — disse o Conde de Castello-Melhor.

— E vae talvez ficar exposta ás perseguições de Henrique Henriques, a quem só detinham a amizade e o respeito que tem por ti.

— Henrique Henriques tambem não ficará muitos dias ao lado d'El-rei. Os partidarios do Infante não consentirão no paço muito tempo um homem, que sabem me é tão afeiçoado.

— Mas antes de sair do paço, se sair, pôde para se vingar...

— Não, não é capaz de fazer uma acção tão contraria aos meus desejos.

— Recommenda a El-rei a vida do pobre capitão. O processo já está terminado, e o infeliz condemnado á morte. Só Sua Magestade o pôde salvar agora.

Desta conversação, a que o fizemos assistir, já o leitor terá conhecido o estado de enfranquecimento a que haviam chegado, pelas intrigas e cabalas politicas dos partidarios do Infante e da rainha, Affonso VI e o seu privado. O triumpho do Infante era completo; á resistencia armada do paço seguira-se uma serie de cartas, em que as palavras do rei se iam cada vez tornando mais brandas á medida que as do principe se tornavam mais imperiosas e severas. De dia para dia o valido ministro sentia mais e mais faltar-lhe o chão debaixo dos pés, e notava que as hostes dos seus partidarios se iam tornando mais raras. O juiz do povo e os seus vinte e quatro estavam por Sua Alteza; os fidalgos e os membros dos tribunaes tinham-se pela maior parte passado para o partido do mais forte, e, mesmo nos terços, que guardavam o paço, se havia manifestado o desejo de ver acabadas entre os dois reaes irmãos melquerenças que podiam levar o reino a uma guerra civil: de modo que o Conde de Castello-Melhor, que via além de tudo seu real amo pouco disposto a levar por diante a sua primeira resolução, de dobrar á sua a vontade de D. Pedro, re-

solveu ceder a um poder mais forte do que o seu, e entregou a sua causa nas mãos da rainha; fazendo-lhe promessas de titulos, prerogativas e dinheiro para ella e para seus parentes, promessas que a franceza fingiu attender, porque via naquelle negocio meio de se vingar do Conde e de satisfazer a sua ambição e paixões.

Quando o triste dialogo de Fr. Pedro de Sousa e de seu sobrinho chegava ao ponto em que o deixamos ha pouco, um pagem veio da parte d'El-rei dizer ao Conde, que Sua Magestade o estava esperando para delle se despedir. Castello-Melhor correu logo aos quartos de Affonso VI, não sem que um momento no coração se lhe accendesse a esperanza de poder salvar ainda o seu poder da tormenta, em que estava a ponto de se perder para sempre. Esperança fragil, porém, que um instante de reflexão havia já desvanecido, quando o desditoso privado chegou á presença de seu real senhor.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

## ADEUS.

### I

Adeus ó patria! — tens risinhos montes  
Na extrema do horisonte se escurecem;  
E com elles tambem se esvae minh'alma,  
E meus sonhos de amor morrer parecem.

Vou-te deixar, e no alteroso dorso  
De indomito corcel fendendo os mares,  
Irei nos prantos engastar meus dias,  
Meus suspiros lançar a estranhos ares.

Quando a manhã raiar, serei contigo,  
Contigo sempre, sempre a todo o instante:  
Mas só para soffrer, para lembrar-me  
Do que passou, para penar bastante!

E então mais triste cairá meu pranto  
Sobre minh'alma que de dôr se parte!  
A lua, o sol, o firmamento, estrellas  
Hão-de sempre sorrir e eu só chorar-te.

E quando a brisa a recender perfumes  
Vier de leve desflorar as aguas,  
Que palavras de amor, que doces frases  
No peito esparzirá que abraque as maguas?

Quem me dará um pranto de saudade,  
Um coração que me partilhe as dores,  
Uma alma irmã da minha que me adoce  
No fel da vida o calix de amargores?

Que me falle nas horas de saudade  
Dos tempos bellos, do viver feliz,  
Quando era a vida um descançar nas flores  
Em meigos sonhos sobre o meu paiz?

Oh! ninguém m'o dirá! longe da patria  
Hei de em prantos viver na soledade!  
Meus annos sobre a terra hão de arrastar-se  
Pungidos pelos cravos da saudade!

Apoz talvez meu ultimo suspiro  
Seja della distante, abandonado;  
E ninguém sobre a lousa emmudecida  
Ha de um pranto verter ao desterrado!

#### O FIM DO SEMESTRE.

Estudos biographicos e necrologicos.

POR UM PHILOSOPHO.

#### VIII

O amor de Pedro era o mais esperançoso sonho da sua vida. Glória, posição, futuro, tudo contava obter, animado por um simples volver de olhos, por um sorriso, por uma unica palavra que Luiza lhe dirigisse. As mentirosas denuncias da adella tinham-no lançado n'uma indissolvel desesperação; custava-lhe a acreditar que a mulher, que elle tão devéras amava, fosse como lh'a tinham pintado; mas, ao mesmo tempo, o ciúme e o pundonor travavam-lhe do animo, e pouco faltou para que aquella robusta vontade não desse em terra, contrariada por tão oppostos desejos e pensamentos. Pedro saíu triste, e sem uma resolução bem firme sobre o que devêra fazer. Aconselhar-se com algum amigo era, como elle o suppunha, popularisar a sua vergonha; esperar para vêr pelos seus olhos a realidade da sua desgraça, era de um valor superior ás suas forças; desabafar com Luiza as suas suspeitas, contar-lh'as, informar-se com ella do que havia, parecia-lhe umas vezes pouco delicado, outras, receiava ser illudido, ouvindo-lhe, e acreditando, a defeza de um supposto erro. Nesta vaga e desconcertada perplexidade, Pedro, resolveu-se pelo peor, talvez, dos expedientes que lhe haviam lembrado,

deliberando-se a ir procurar Luiza, e a ouvir da sua propria bocca a narração do que se havia passado com o usurario. Neste intervallo, a adella e o sr. Ambrosio loucos, só com a idéa do mal que haviam feito, preparavam-se para jogar as ultimas, no caso que ainda faltasse alguma scena para o desenlace logico do drama em que elles entravam representando papeis tão pouco sympathicos. Se o sr. Ambrosio, menos intrepido, fraquejava por momentos, lá estava a adella disposta, com a mira no interesse, a alentar-lhe a esperança, e a fazel-o confiar no exito favoravel da empresa em que ambos se haviam mettido.

As superstições populares tidas por muitos como desvarios, acceitas por outros como simples effeitos do acaso, eram para Luiza, neste dia, como uma quasi religião, com que se não atrevia a quebrar de frente, embora a razão lhe relutasse contra o temor intimo que a dominava. Ou tivesse sido providencia, ou apenas um mero acaso, o que é verdade, é que as grandes desgraças da sua vida tinham até alli sido periodicas, e que um sentimento intimo a predispozera para a melancholia, no dia em que Pedro se resolvera a ir procural-a. Esquecida do mundo voltara o pensamento para Deus, não se atrevendo, ainda assim, a esperar da oração o conforto para as maguas e tristes idéas que lhe ferviam na mente. Luiza não conjecturava a calumnia de que havia ser victima, mas tudo lhe dizia que uma grande desgraça a ameaçava, e de tudo tirava thema para se deixar vencer pelo desalento, e dominar pelos sinistros receios de uma catastrophe imminente. A côr de uma borboleta, o dobrar de um sino, o canto de uma ave, um som que ouvia, uma flor que murchava, tudo era para Luiza insuspeito indicio de fatalidade, agorados mensageiros de ruins novas, e as lagrimas, o mais eloquente protesto da mulher contra as injustiças do mundo, eram as unicas companheiras daquella, que, vencida pelo amor, só d'elle, indicisamente, esperava remedio ao profundo desalento que a dominava. Apesar porém de todos os seus receios, Luiza não imaginava que o mal fosse tão grande como realmente se havia tornar; o muito a que a sua imaginação alcançava era a um qualquer pequeno arrufo de namorado sem consequencias serias para o seu socego futuro. Era ao cair da noite quando Pedro a foi procurar; a impaciencia, o susto, o amor, davam-lhe á physionomia um interesse e suavidade bastantes a desmentir quaesquer suspeitas que a adella houvesse conseguido arreigar no animo de Pedro, mas,

o caracter deste era tão austero, e a thia Thomazia fallara-lhe com um tal accento de convicção e de verdade, que se tornava impossivel a reabilitação da pobre rapariga. Foi isso exactamente o que succedeu, e nem lagrimas nem juramentos puderam evitar que uma tremenda sina se cumprisse.

L. A. PALMEIRIM.  
(*Continúa.*)

## NOTÍCIAS E COMMERCIO.

**Expedição ao mar Pacifico** — O *National Intelligencer* dá conta nos seguintes termos da expedição exploradora que os Estados-Unidos mandam ao Mar Pacifico.

— « Sairá do porto de Norfolk uma expedição encarregada de desempenhar uma importante e difficil empresa nos mares e archipelagos longiquos do Pacifico. Deverá sondar parte dos mares da China e California, e a parte septentrional do Pacifico na região do estreito de Behring, visitando tambem o mar da Tartaria para fazer as observações necessarias á direcção de nossas especulações commerciaes nessas paragens, comparativamente pouco conhecidas. Em o norte achará logo um campo mui vasto de operações, tendo de dedicar-se ás investigações que reclama o desenvolvimento de nossos interesses respectivos á pessoa da baleia.

As ilhas de Sandwich serão por algum tempo o principal ponto de reunião dos navios da expedição, os quaes serão: primeiro, a corveta *Vincennes*, do commando do commodore Cadwallader Ringold, com o tenente F. Budd, outros officiaes, e 175 pessoas de tripulação; segundo o vapor de parafuso, *John Hancock* ás ordens do tenente John Rodgers com 60 homens; terceiro, o brigue *Pourpoise*, do commando do tenente H. Davis, com igual tripulação; e quarto um transporte chamado *Pilot* com 20 homens.

Com a expedição hão de ir os mais distinctos medicos — cirurgiões da marinha e consideravel numero de homens eminentes nas sciencias; a marinagem será escolhida; os navios em tudo adaptados ao character da expedição, e as armas da melhor classe, incluindo a espingarda de Sharp, a de Maynard, e o revolver de Colt com todos os seus mais recentes melhoramentos. Os instrumentos astronomicos foram escolhidos por professores do observatorio de Washington, e alguns fabricados na mesma cidade sob a direcção de Mr. Wanderman, tendo declarado pessoas competentes que estes ultimos são superiores a quantos se possam obter, não sómente nos Estados-Unidos, mas até na Europa. Tambem levarão collecções de obras scientificas e outras para uso dos officiaes e das tripulações.

A expedição, provida de todo o necessario para a saude e commodidade dos individuos que a compõe, gastará tres annos na sua importante missão antes de voltar ás costas do Atlantico, e nesse tempo percor-

rerá as aguas das regiões até agora tão pouco conhecidas, que bordam o Oceano Pacifico, e por um lado as costas da California e do Oregon, por outro o Kamschatka e as ilhas do Japão, ao norte as aguas, até um grau mui elevado de latitude, que frequentam nossos atrevidos baleeiros, e ao sul as innumeraveis ilhas do Oceano, tão imperfeitamente conhecidas das nações civilisadas, e que todavia são quasi todas habitadas por entes humanos, cuja situação move a piedade ao mesmo tempo que offerece materia para interessantes estudos.

Um dos grupos mais notaveis em relação aos Estados-Unidos são as ilhas de Sandwich, que formam uma escala natural para os navios que navegam entre a China ou o Japão e as costas da California. São ellas já a escala dos baleeiros, que arribam alli em numero de mais de 600 no anno, não sendo poucos os que lá despacham suas cargas. Dentro em poucos annos o archipelago de Sandwich será um grande deposito commercial de varias nações, e por elle passarão as noticias da China para chegarem a Londres em vinte ou trinta dias menos do que pela via actualmente seguida.

Um navio de vela póde ir de Hong-Kong na China a São Francisco da California em 45 dias; mas julga-se que os vapores oceanicos (que necessariamente deverão tocar nas Sandwich) poderão fazer a viagem, senão em 14, quando muito em 16 dias. O transito de S. Francisco a Panamá fez-se hoje em 12 dias, e estando concluido o caminho de ferro do istmo, as suas 60 milhas andar-se-hão em tres horas, não sendo preciso gastar mais de oito dias para ir de Auspiuwal a Nova-York. Porém, porquanto tempo será o istmo o unico meio de comunicação entre os dois Oceanos?

Os estados occidentaes da União norte-americana ligarão em breve as suas principaes cidades com os portos do Pacifico por meio de caminhos de ferro e de telegraphos electricos, e dentro em poucos annos não só serão transmittidas as noticias de Cantão pelo telegrapho de S. Francisco da California á cidade de S. Luiz, e dalli ás costas do Atlantico, tudo no espaço de 16 a 18 dias; mas tambem pouco depois chegarão as caixas de chá e pacas de seda conduzidas pelos vapores do Pacifico; e S. Luiz, será o grande mercado de recepção dos productos mais preciosos do celeste imperio, bastando 16 dias para que os negociantes de Nova-York possam ler as participações de seus correspondentes em Cantão.

Por falta dos conhecimentos que a expedição vae procurar, um baleeiro carregado com 400 barricas de azeite perdeu-se totalmente ainda ha pouco tempo, do mesmo modo perecem o *Memon*, cuja carga valia 250:000 pesos, e mais recentemente o *Huntress*, que encalhou em um baixe nas aguas de Behring, que não estava marcado. Todas estas perdas que poderiam evitar-se se existissem cartas exactas para dirigir os navegantes, impertam cinco ou seis vezes mais que a somma de 150:000 pesos, que para a expedição actual foi votada pelo congresso dos Estados-Unidos.

● **título de imperador.** — Os imperadores de Alemanha, na qualidade de successores de Carlos Magno, que restabeleceu o imperio do Occidente em

800, tomavam o nome de « *imperador dos romanos*, » e este titulo uniam os de « *pio, feliz, sempre augusto*, » usados pelos Cesares. Cumpre saber que a formula *sempre augusto* quer dizer que vae sempre em augmento: com effeito, os imperadores romanos não deviam deixar de procurar o augmento do imperio até reunir o mundo inteiro sob o seu dominio. O imperador, ou para melhor dizer Cesar, porque a palavra alemã que significa imperador (*Kaiser*) não é mais do que a corrupção do latim *Cesar*, tinha a honra de preceder todos os soberanos da Europa, e sómente reconhecia um superior, o papa. O proprio Luiz XIV. tão zeloso das preeminencias da corôa de França sobre todas as da Europa, se via obrigado a reconhecer a preeminencia do imperador.

Cesar, na sua primordial, acção significa o individuo que veio ao mundo por meio de uma incisão no ventre da mãe, extracção ou parto fóra do natural que fez dar esse nome á familia dos Julios em Roma; ainda a dita operação cirurgica se denomina *cesareana*: depois, Cesar tornou-se epithelo commum aos imperadores. *Imperator* rigorosamente era o general em chefe do exercito, o primeiro capitão superior a todos, Julio Cesar foi o primeiro que tomou o titulo de imperador como hierarchia monarchica.

Até á destruição do imperio de Alemanha por Napoleão em 1806 era designado o cabeça da confederação germanica pela simples palavra — o imperador — não obstante isso havia outros soberanos que gozavam do mesmo titulo como o imperador da Russia, o da Turquia, o da China; porém, estava assentado que o imperio por excellencia era o *sacro imperio romano*: e de facto, o titulo de imperador de Alemanha só foi empregado officialmente uma vez unica.

A exemplo de Carlos Magno, os imperadores romanos, desde Othão I, deviam ser coroados pelo papa em Roma, capital do imperio, porém, não recebiam esta corôa senão depois de haverem tomado em Aquisgrão a de rei da Germania ou Alemanha e em Milão a de rei da Italia: dava-se á primeira o nome de corôa de prata, ainda que era de ouro, á de Milão o de corôa de ferro, e sómente se denominava corôa de ouro a de Roma. Os imperadores, sempre que lh'o permittiram as circumstancias, já-mais deixaram de se fazerem coroar em Roma, e a sua politica constante foi occupar na Italia o reino lombardo que possuirá Carlos Magno e seus successores até Henrique VI.—Este pensamento ambicioso foi causa das prolongadas guerras da casa de Austria com a de Bourbon, que sem deixar de conceder a preeminencia ao prestigio de um titulo de imperial nunca tolerava que os imperadores se alargassem de modo que podesse pôr em perigo a nacionalidade franceza.

A 20 de março de 1805 Napoleão, sagrado já imperador dos francezes aos 2 de dezembro de 1804 pelo pontífice Pio VII, inaugurou novamente o reino lombardo sob o nome de reino de Italia: como tal se fez coroar solemnemente com a corôa de ferro, cujo circulo se diz ser firmado com um dos cravos com que Jesu-Christo foi pregado na cruz. Esta corôa, conservada na basilica de S. João Baptista em Monza, pequena cidade proxima de Milão, passa por ser a mesma que Teolinda, rainha dos lombardos, collocou na cabeça de Aquilulpho, duque de Turin,

quando casou com elle em 591. Em 1797 foi tomada pelos exercitos francezes victoriosos, e depositada no gabinete de medalhas da bibliotheca nacional em Paris. Uns ladrões que em a noite de 16 para 17 de fevereiro de 1804 se introduziram naquelle gabinete roubaram entre outras coisas a corôa; sendo apanhados na Hollanda, recobrou-se grande parte dos objectos roubados, mas a corôa tinha sido derretida. A nova corôa de ferro é modelada pelo feitio da antiga.

### THEATRO DE S. CARLOS.

A nova dança *Leonor* que subiu ultimamente á scena é a quarta producção coreographica que o sr. Segarelli nos tem apresentado, e differe inteiramente do genero das outras que a precederam. Tirado o argumento de uma lenda hespanhola, e accommodado ás exigencias da coreographia, a *Leonor* se não tem, na nossa opinião, o merecimento que achámos nos *Dois Genios*, não deixa contudo de offerecer algumas scenas interessantes, bem desenvolvidas, e de effeito.

O papel da protagonista é desempenhado pela sr.<sup>a</sup> Domenichettis, que pôde-se dizer fez nesta dança o seu segundo debute sobre a scena de S. Carlos. Com quanto os seus passos não possam apresentar grande variedade porque se limitam ao genero *taqueté e terre à terre*, é certo que nesse genero é perfeita.

Além da parte mimica que lhe cabe, a sr.<sup>a</sup> Domenichettis executa um passo a *solo* no 1.<sup>o</sup> acto, e em seguida um *passo a dois* com o sr. Cappon, e em ambos tem sido muito bem recebida pelo publico.

Torna-se egualmente digno de elogios o sr. Cappon, que se mostra sempre mui habil dançarino. A sua *variação no passo a dois* é gráciosa, e de um genero novo e bastante difficil.

O merecimento do sr. Segarelli como artista mimico é incontestavel: já no desempenho do papel de *Belphegor* nos *Dois Genios* elle nol-o havia provado, e acaba de nol-o confirmar na *Leonor*. Entre outras, a scena mimica do 3.<sup>o</sup> acto em que ferido mortalmente n'um duello, com o irmão de *Leonor*, *D. Rodrigues* cae por terra, e expira confessando o seu crime, e implorando o perdão de todos, é perfeitamente representada pelo sr. Segarelli, e tem-lhe grangeado repetidos applausos.

A sr.<sup>a</sup> Sophia Costanza desempenha o papel do irmão de *Leonor* com aquella propriedade e intelligencia artistica que costuma empregar em todos os papeis que lhe são confiados. Aproveitaremos esta occasião para registar a merecida honra que a sr.<sup>a</sup> Costanza acaba de receber, sendo nomeada professora de mimica do real conservatorio de Lisboa. Esta nomeação summamente lisongeira para a artista, será de reconhecida vantagem, assim o esperamos, para as alumnas de mimica daquella escola.

DEMETRIO RIPAMONTI.

### BIBLIOGRAPHIA.

*Romance de Schiller.*

Traduzido do allemão por João Felix Pereira. — Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.<sup>o</sup> 8.



# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRITORES DISTINTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 37.

QUINTA FEIRA, 24 DE MARÇO DE 1853.

12.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

**CATALOGO DOS DOCUMENTOS RESPECTIVOS AS NOSSAS ANTIGAS BELAÇÕES COM A INGLATERRA, COLLIGIDOS PELO EXM.<sup>o</sup> SR. VISCONDE DE SANTABEM.**

(Continuado de pag. 424.)

41.<sup>o</sup>

1567 ABRIL 26 — Londres — Offerecimento feito á rainha d'Inglaterra por dois portuguezes Antonio Luiz e André Homem (8) de darem á mesma rainha 150 legoas de terra firme na costa da Ethiopia tão ricas em minas de oiro como as do Perú etc. Estas terras diziam elles não pertencem a el-rei de Portugal e não tinham sido até então descobertas.

42.<sup>o</sup>

1567 MAIO 6 — Carta da rainha Isabel a el-rei D. Sebastião pedindo reparação dos danos que os portuguezes tinham causado a Guilherme e Jorge Winter.

43.<sup>o</sup>

1567 — Resposta dada por parte da rainha Isabel ao embaixador de Portugal a respeito das accusações que se fizeram contra os mesmos Winters por parte de Portugal.

44.<sup>o</sup>

1567 JUNHO (?) — Segundas instrucções dadas pelo governo inglez ao doutor Wilson en-

(8) Este André Homem parece-me ser o cosmo-

viado á corte de Lisboa sobre o negocio dos dois Winters.

45.<sup>o</sup>

1567 JUNHO — Outra instrucção sobre o mesmo objecto.

46.<sup>o</sup>

1567 OUTUBRO — Officio do doutor Thomaz Wilson enviado britannico em Lisboa dirigido a sir William Cecil dando-lhe conta da maneira porque fôra recebido por el-rei D. Sebastião, e das suas primeiras negociações com a corte de Lisboa.

47.<sup>o</sup>

1567 OUTUBRO 14 — Resposta de el-rei D. Sebastião á rainha Isabel sobre as reclamações feitas pelo doutor Wilson enviado da dita rainha.

48.<sup>o</sup>

1567 OUTUBRO 30 — Discurso pronunciado pelo doutor Wilson diante de el-rei D. Sebastião sobre a causa dos Winter e a attestação do notario publico Edwardo Wilson.

49.<sup>o</sup>

1567 NOVEMBRO 2 — Carta da rainha Isabel a el-rei D. Sebastião queixando-se dos máos tratamentos que os subditos inglezes Gustavo Olivers e João Walroum tinham ex-

grapho portuguez que em 1557 desenhou em Anvers uma magnifica carta e de que fiz menção na minha obra intitulada « *Recherches sur la priorité des Découvertes des Portugais sur les côtes d'Afrique*, etc. pag. 129 e 130 nota 1.<sup>a</sup> »

perimentado dos commandantes dos navios de guerra portuguezes.

50.º

1567 NOVEMBRO 29 — Carta da rainha Isabel a el-rei D. Sebastião reclamando contra a tomada de um navio inglez pelo commandante Luiz d'Almeida que conduziu a dita presa á ilha Terceira e de lá a Lisboa onde foi restituído o dito navio sem a carga.

51.º

1568 ABRIL — Discurso dirigido á rainha Isabel pelo enviado de Portugal em Londres Manuel Alvares sobre os negocios da sua missão.

52.º

1568 MAIO 28 — Resposta do conselho privado d'Inglaterra sobre os objectos expostos no discurso do enviado de Portugal Manuel Alvares.

53.º

1568 DEZEMBRO — Exposição do enviado de Portugal Manuel Alvares á rainha Isabel contra os subditos inglezes que navegavam furtivamente para a Guiné mostrando ser prohibido aos estrangeiros o navegarem para aquellas partes e para as conquistas de Portugal.

54.º

1568 (?) — Onze artigos que se deviam allegar na causa dos Winter (sem data).

55.º

1569 (?) — Considerações sobre o commercio entre Portugal e Inglaterra (sem data).

56.º

1569 (?) — Papel assignado por Hastings ácerca da conservação da paz e da amizade e do augmento do commercio com Portugal.

57.º

1569 — Minutas de cartas sobre negocios de Portugal.

58.º

1569 JUNHO 29 — Considerações (em 23 artigos) sobre quanto seria proveitoso para a Inglaterra que o commercio e deposito das especiarias se estabelecesse em diversos portos da Inglaterra, commercio de que ti-

nham resultado tantos beneficios e proveitos a Anvers e aos Paizes-Baixos, e sobre os portuguezes transportarem para Inglaterra o dito commercio etc.

59.º

1569 JUNHO 29 — Rasões allegadas em 16 artigos, por um portuguez da utilidade que resultaria de se estabelecer em Inglaterra a feitoria das especiarias e se isto convinha aos portuguezes.

60.º

1569 DEZEMBRO 16 — Commissão de el-rei D. Sebastião dada a Antonio Fogaça mandado a Inglaterra.

61.º

1570 SETEMBRO 26 — Cópia de uma carta do conselho para M. Christmas sobre os prejuizos que lhe causaram os portuguezes em consequencia do que se haviam passado ordens para se proceder a represalias.

62.º

1570 OUTUBRO 20 — Propostas concernentes ao commercio com a Barberia.

63.º

1571 FEVEREIRO — Artigos propostos por parte da rainha Isabel d'Inglaterra para um tratado com Portugal negociado com Francisco Giraldes enviado de Portugal na corte de Londres (projecto).

64.º

1571 FEVEREIRO — Outro projecto de tratado entre el-rei D. Sebastião e a rainha d'Inglaterra.

65.º

1571 FEVEREIRO 2 — Tratado de paz e amizade entre el-rei D. Sebastião e a rainha Isabel em 4 artigos.

66.º

1571 FEVEREIRO — Respostas e observações a certos artigos propostos pelo enviado de Portugal Francisco Giraldes em nome de el-rei seu amo.

Estas observações são escriptas, segundo parece, por sir R. Cecil.

67.º

1571 DEZEMBRO — Instrucções dadas por el-rei D. Sebastião a Francisco Giraldes seu enviado na corte de Londres sobre as suas negociações.

68.º

1571 DEZEMBRO 27 — Substancia dos artigos que se deviam accordar entre os inglezes e o enviado de Portugal.

69.º

1571 DEZEMBRO 29 — Declaração de certos mercadores inglezes ácerca do commercio de Portugal.

70.º

1573 JUNHO 10 — Poder dado por el-rei D. Sebastião a Francisco Giraldes seu enviado para poder negociar a paz com a Inglaterra (é datado de Evora).

71.º

1573 DEZEMBRO 15 — Carta de Francisco Giraldes enviado de Portugal.

72.º

1574 ABRIL — Artigos de um tratado de commercio etc. entre a Inglaterra e Portugal. (A lettra parece ser de sir R. Cecil.)

73.º

1574 MAIO 2 — Resposta do conselho da rainha Isabel ás reclamações do embaixador de Portugal.

74.º

1574 — Tres artigos concernentes ás negociações com Portugal; dos papeis de Francisco Giraldes enviado de Portugal.

75.º

1574 — Das garantias de que devem gosar os mercadores que negociarem em Portugal e Hespanha.

76.º

1576 (?) — Rasões allegadas por Thomaz Pallison Alderman e outros contra a associação para fazer o commercio com Hespanha e Portugal.

77.º

1576 OUTUBRO 8 — Carta de Francisco Giraldes enviado de Portugal em Londres.

37.

78.º

1576 OUTUBRO 10 — Carta de Lewes a lord Burleigh sobre o commercio com Portugal.

79.º

1576 OUTUBRO 11 — Outra carta de Lewes ao dito lord sobre o mesmo objecto.

80.º

1576 OUTUBRO 20 — Tratado de commercio entre Portugal e a Inglaterra ajustado entre Francisco Giraldes e sir Francisco Walsingham.

(Continúa.)

#### AS CONTRIBUIÇÕES DIRECTAS DE PORTUGAL EM 1648.

#### TITULO QUARTO.

*Da forma que se terá na cobrança e recebimento das decimas.*

(Concluido de pag. 427.)

12.º E do mesmo modo o thesoureiro da camara desta cidade entregará ao dito thesoureiro geral a decima dos juros, tenças, e ordenados que lhe forem na folha, e do que mais ficar livre á camara, para que o thesoureiro geral terá tambem titulo apartado em seu livro.

13.º E cobrados os quarteis das decimas, pelos recebedores nas freguezias dos termos das cidades, villas, e logares do reino, os levarão a entregar aos thesoureiros das ditas cidades, villas, e logares de que cobrarão escriptos em forma feitos pelos escrivães, e assignados por ambos.

14.º E os thesoureiros dos logares das comarcas, depois de terem cobrado os quarteis, que lhes tocam, os levarão a entregar aos thesoureiros das cabeças dellas, que os receberão carregando-se-lhes em livro em titulo separado, que nelle ha de haver do que pertence a esse logar, e assignado o termo de seu recebimento se passará conhecimento em forma ao que fez a entrega, e a despeza da condução deste dinheiro se fará por conta das camaras e concelhos daquellas villas, e logares donde fôr.

15.º Os thesoureiros das cabeças das comarcas receberão o dinheiro das villas, e logares dellas, pela mesma maneira que fica dito, e meter-se-ha em uma arca, de que elle terá uma chave, outra o corregedor, e outra o provedor, e quando algum delles se ausentar a deixará ao juiz de fôr, e ausentando-se ambos ficarão as chaves ao juiz e vereador o mais velho, e ausentando-se tambem o juiz, ficarão os dois vereadores mais velhos, e com as-

sistencia de ambos se tirará o dinheiro, que se houver de entregar, como abaixo irá declarado, e na mesma arca se metterão as satisfações que se derem ao thesoureiro, porque deste modo, nem o dinheiro se poderá desencaminhar, nem elle ter perda alguma.

16.º E os almoxarifes, executores, thesoureiros, e recebedores das comarcas, entregarão aos thesoureiros das cabeças dellas as decimas dos juros, tenças, e ordenados, que lhe forem nas suas folhas, aos quartéis por inteiro, na forma que se dispõem que o façam os thesoureiros, e almoxarifes desta cidade ao thesoureiro geral, fazendo-se carga, em seu livro, do que recebem, passando-se-lhes conhecimentos em forma, para sua descarga.

17.º E por quanto nos almoxarifados vão algumas rendas por orçamento, as quaes poderão render mais, ou menos daquillo em que vão orçadas; os almoxarifes tirarão certidões do provedor da comarca, do que ellas renderam em aquelle anno, e no ultimo quartel se fará conta do que couber á decima, e do que toca ás partes, por quanto nos primeiros tres quartéis hão de pagar por inteiro, a respeito do orçamento que vae na folha.

18.º Pelo mesmo modo farão entrega os almoxarifes, feitores, administradores, e rendeiros dos donatarios, e fidalgos, do que couber de decima em seus recebimentos aos thesoureiros dos logares, onde assistirem, e receberem, carregando-se nos livros de seus recebimentos, e passando-se-lhes conhecimento em forma.

19.º O dinheiro que se cobrar nesta cidade, e vier das comareas a ella, depois de se carregar em receita ao thesoureiro geral, pelo escrivão de seu recebimento, se metterá tambem em uma arca de tres chaves, de que o mesmo thesoureiro ha de ter uma, e as outras terão duas pessoas que a junta nomeará, um nobre, e outro do povo, e com assistencia de todos se metterá, e tirará o dinheiro da arca para se dispendir na forma do regimento, que se ha de dar para a despesa da guerra, e nella estarão tambem os livros de receita, e despesa.

20.º E porque o dinheiro, senão divirta, e haja sempre conta e rasão delle, e conste a todo o tempo o que se recebeu, o que esta despendido, e o que está por gastar, o thesoureiro geral desta cidade terá em seu livro titulos separados onde se assente o que rende cada comarca, e para se evitarem gastos de se trazer o dinheiro a esta cidade, e o levarem depois ás fronteiras se mandará conduzir a ellas das mesmas cabeças das comarcas, aonde estiver cobrado, mas por ordem do mesmo thesoureiro geral, por quem ha de correr toda a despesa na forma do regimento particular, que para elle se lhe ha de fazer.

21.º Assim como se a junta mandar entregar tres contos de réis a um capitão, para que na comarca de Vizeu, faça uma leva de soldados, para a fronteira da Guarda, mandar-se-ha fazer receita dos ditos tres contos de réis ao thesoureiro geral, de que se passará conhecimento em forma ao the-

soureiro da cabeça da comarca de Vizeu, que os ha de entregar. E o pagador que ha de haver geral, carregando-se aquelle dinheiro em receita, passará conhecimento em forma pelo official da contadoria geral, a quem pertencer, ao pagador geral, para sua despesa obrigando-se nelle a lhe dar satisfação com a gente, que fizer, e entrega della na fronteira da Guarda, e assim lhe entregará conhecimento em forma do thesoureiro geral, para sua despesa, para sua despesa, para o thesoureiro da comarca por elle lhe entregar a dita quantia, a que ha de ficar para a dita despesa, e por esta via o thesoureiro geral, o pagador geral, e thesoureiro da comarca ficam tendo as satisfações necessarias, e o pagador geral com cuidado de puxar pelo dito capitão, que fôr fazer a leva até a entregar na fronteira, e na forma que se dará em regimento ao thesoureiro geral. Para este, e para os mais casos ficará o dinheiro sempre seguro, a conta certa, e desembarçada com a clareza, que convém. sem que seja necessario vir o dinheiro a esta cidade com dobrados gastos, e despesas para se tornar a levar ás fronteiras.

22.º Em nenhuma cidade, ou villa deste reino se arrendarão as decimas, mas em todas se cobrarão pelo modo, que fica dito, porque nem se arrendem por menos do que importam, nem os rendeiros façam molestias aos povos nas cobranças.

23.º Das decimas, que até agora se lançaram mandarei tomar conta, e cobrar das pessoas, que as não pagaram o que estiverem devendo, e assim o que se cobrar dellas, como o que estiver em poder dos thesoureiros nesta cidade, e no reino se lançará em receita ao thesoureiro geral em titulo separado, e se metterá na mesma arca, para os gastos da guerra, e tambem mandarei tomar conta das pessoas, que até agora despenderam dinheiro nas fronteiras, e aos recebedores, que tiverem em si as decimas já cobradas, e donativos voluntarios, e o que se estiver a dever se cobrará, e virá ao thesoureiro geral em titulo separado, para se metter na arca, e despendir na guerra, e armadas.

24.º E porque a principio, quando o reino me offereceu donativo voluntario, e se passaram provisões para os moradores pagarem conforme o que tinham até certas quantias, muitos deram logo o dinheiro, e achando-se, que aquelle meio não era sufficiente, se impuzeram decimas, e no alvará dellas se declara, que os que tinham contribuido com o donativo voluntario se lhes descontaria nas decimas do primeiro, e ultimo anno; ordeno, que do que se cobrar das decimas passadas, que se estão a dever se dê satisfação ás pessoas a quem se não descontou o que tinham dado. Que desta decima, que agora se impõem em côrtes se não pôde tirar coisa alguma, porque com ella se ajusta o que é precisamente necessario, para os gastos da guerra.

25.º Os outros effeitos, que se applicam aos gastos da guerra em quantia de quinhentos mil crusados, se tanto renderem, a saber; os bens dos confiscados, real de agoa desta cidade, e do reino,

meias annatas, direito novo do assucar, o que se lançar ás ilhas, o rendimento do estado de Bragança, se cobrarão tambem por ordem da mesma junta, e virão ao thesoureiro geral na fôrma que se dirá em seu regimento, e para a cobrança do real de agoa, e meias annatas se farão separados regimentos, e para tudo o mais que fôr destinado para a guerra.

26.º E como a camara desta cidade é a cabeça do reino, e por me servir tem obrado tudo o que della se podia esperar, confio que as mais camaras se haverão com o mesmo zelo, e lealdade, e que cada uma se pertenda adiantar no cuidado da defensão commum, e comprimento do que seus procuradores prometteram em côrtes, em seus nomes, que aqui vae relatado, para que o tenham entendido o quanto lhes importa lançarem-se as decimas com tanta igualdade, que se escense outra contribuição, e que este regimento feito com parecer dos tres estados se guarde inteiramente.

27.º E este alvará se imprimirá, e se mandarão copias delle aos tribunaes, e ministros que necessario fôr, e ás cabeças das comarcas para todas as villas, e ministros, que houverem de assistir a este negocio, e aos que forem impressos, e assignados por dois da junta geral se dará tanta fé e credito, como se fosse o proprio por mim assignado, e quero que valha como carta passada em meu nome, sem embargo de seu effeito haver de durar mais de um anno, e de não passar pela chancellaria não obstante as ordenações do livro segundo, titulo trinta e nove, e quarenta, que para este effeito com todas as mais leis, ordenações, privilegios, capitulos de côrtes, que em contrario façam, que hei por derogados de minha certa sciencia, poder real, e absoluto, e nenhum dos alvarás passados antes sobre esta materia terão effeito algum, porque só este quero que se cumpra, e guarde assim, e da maneira, que nelle é contendo, e declarado. Miguel de Azevedo o fez em Lisboa, a dezenove de janeiro de mil e seiscentos, e quarenta e tres. João Pereira de Castello-Branco o fez escrever.

REI.

*Regimento da fôrma, e ordem, porquẽ se hão de cobrar as decimas, que os tres estados offereceram em côrtes, para a despeza da guerra.*

## PARTE LITTERARIA.

A NOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capítulo XL.

DEPOIS DE PURGATORIO A REDEMPÇÃO!

A alegria é tambem uma dôr aguda, quando

37 . .

a alma a não espera, e sem vontade e sem desejos esmoreceu nas trevas da amargura. Morta para tudo, mênos para a agonia, não volta da insensibilidade á vida, sem que a jornada lhe custe lagrimas e o sobresalto a espante. Era o caso de Jeronymo. Desde a noite, em que se recolheu á prisão, habitaram sempre com elle os remorsos inconsolaveis do delirio, e as saudades incessantes da ventura. Só com os terrores da sua magoa, mudos os affectos, que lhe tornavam a existencia risonha, e o impossivel facil, não ousava olhar para a terra, aonde via o sangue de Thereza, não podia contemplar o céu nem com a esperanza, porque o repellia de lá a imagem lacrimosa da donzella. Como o desterrado suspira pela patria, como o captivo ancêa a liberdade, assim o mancebo não tinha nos labios e no peito senão uma supplica para Deus: no horror dos homens e de si chamava pelo tumulto, pelo esquecimento eterno das penas, que o cortavam!

Costumado a pulsar com o de Thereza, e só para elle, o coração, apenas a julgou perdida, nunca mais soube conhecer-se. O amor, instincto, força, e luz da sua carreira, desde que suppoz ausente do mundo e entre os anjos aquella, para quem vivia, não teve senão um desejo, o de romper os laços mortaes para se lhe unir! Por uma contradição violenta, mas natural, o ciume, origem de todos os seus infortunios deixou então de se queixar e de accusar; e a saudade, mais activa de cada vez, mais pungente a cada hora, dilacerou-o de recordações estremosas, em que as graças da formosura e os encantos da innocencia armavam de novos espinhos a angustia que o traspassava.

Neste estado, quando a voz amiga do corredor lhe tirou de cima do peito o immenso pezo do remorso, a reacção interior foi igual aos trances do martyrio. Thereza existia! Era uma revolução completa e n'um momento; era volver dos abysmos da desesperação aos climas menos sombrios, aonde a vontade ainda podia viver e lutar. Por isso, deslumbrado pelo golpe o espirito desfalleceu, os olhos fecharam-se, e o corpo cedeu sem vigor. As illusões tinham sido tão dolorosas, que a realidade, como um remedio heroico, apenas encontrava forças para operar!

Reanimou-se gradualmente depois; e foi tornando a si. Quando abriu os olhos, vendo o sol, que allumiava os dias de Thereza, achou-o alegre, e não importuno, como antes. Os gorgeios das aves, a pureza do céu, e a verdura das arvores deixaram de lhe parecer o escarneo dos seus

males. O amor tornava a aquecer o coração e a palpitar com elle. Os ferros, que não sentia ha pouca, pezavam já; e as lagrimas do captivo corriam em prova de que o amante suspirava. Foi um momento de beatitude absoluta, em que o jubilo presente corria o véu sobre o passado, apagando as lembranças mais pungentes.

Mas á medida, que a lucidez do pensamento ia aclarando, (confirmada a existencia de Thereza) o ciúme renascia, a duvida voltava, e á saudade ardente succediam os zelos e o resentimento da indifferença. A memoria acordava, aviando-lhe a scena em que perdera quanto o tinha ligado ao mundo. A excitação e a dôr volveram com mais força. Saber que a irmã de Cecilia escapara ao golpe, e dizerem depois que o esquecia nos braços de um principe, não seria peor do que choral-a morta, mas sua, embora o accusassem, embora todos os tormentos fossem os flagellos da sua idéa?

Absorvido por esta paixão o espirito depressa tornou a declinar para a amargura; seguiu-se a prostração; e os olhos encovados, e acesos em sombrio brilho annunciaram as trevas, outra vez, enluctando a mente e o coração, a febre da agonia abrasando o sangue, e a proximidade do delirio, cujas crises, não menos terriveis que as anteriores, pouco tardariam em gastar a debilidade daquelle corpo tão cansado de padecer.

No meio desta cruelissima transição do jubilo para a magua violenta e lacerante, como são as recaídas, é que o padre Ventura abriu a porta, e appareceu diante do mancebo.

Conhecedor das paixões e habil em as dirigir, o jesuita não precisou senão de um lance d'olhos para ler o conflicto moral na physionomia de Jeronymo. Ninguém melhor podia sondar a chaga e calcular pela sensibilidade a extensão do mal. Aquella alma tinha fraquezas e contradicções, visiveis só para elle, e que nenhum outro seria capaz de converter em meios de salvação. Entre dois homens, grandes pelas qualidades do animo e do character, existem segredos, que a apreciação vulgar nem sequer suspeita.

Um coração, como o do pupillo de Lourenço Telles, no qual o arrojo e a heroicidade nasciam do sentimento, cuja vida era quasi toda só paixão, não se curava com as consolações habituaes das almas menos elevadas. Seria mais facil dispor-o para receber a morte, do que preparal-o para lhe annunciar a boa nova. A primeira não o assustava, despenava-o; a segunda podia exceder talvez as poucas forças que ainda lhe

restavam. Além disso, tendo cuidado ver pelos proprios olhos o seu amor, calcado aos pés de Thereza, entregue a outro, e para sempre traído; suppondo-se com as mãos tintas do sangue do rival e da amante; dizer-lhe que ella vivia, que os sentidos foram mentirosos, e que a felicidade ia sorrir-lhe mais doce do que nunca; convencel-o sem abalo; trazel-o da certeza da desgraça até á duvida; e da duvida até á verdade, impedindo ao mesmo tempo, que tantas commoções apagassem a chama vacillante da vida, eram difficuldades, eram escolhos, que o visitador não considerava sem terror, apesar do tacto e da serenidade do seu espirito.

A presença das filhas de Filippe, a confissão de Cecilia, e as palavras de Thereza, seriam acreditadas? Haveria bastante crença n'aquella alma, e sufficiente ardor n'aquelle coração, depois de tantos padecimentos para na contensão da crise ficarem superiores? E se a vista da donzella dantes tão amada e da irman adoptiva obscurecendo a razão com transportes violentos cortasse de repente o delgado fio, porque apenas estava suspenso sobre o cahos da loucura? Se o sobresalto não o salvasse, e o perdesse? Não vira o padre em Cecilia, durante momentos, as sombras da morte, pendendo o ultimo suspiro de uma sensação mais forte?

Por isso, mostrando a placidez no semblante, e fingindo o sorriso nos labios, o padre Ventura escutava o peito e sentia-o tremer como uma creança. Elle que tantas batalhas espirituaes tinha pelejado; que tantos perigos de vida e de fortuna tinha subjugado; diante desta lucta, quasi desconfiava de si. E que o seu coração ainda tomava mais interesse no exito que a intelligencia. Presava o mancebo, como pae; daria tudo para o salvar; e sabia, que semelhante ao corte do operador uma palavra imprudente, um momento de perturbação, podiam dar a morte aonde iam levar a vida!

Quando o visitador entrou o capitão com a cabeça entre as mãos, e a vista suspensa, estava engolphado em amarguradas reflexões. Passavam-lhe pela idéa as memorias daquelles ditos dias nos quaes, julgando-se amado, adormecia e acordava embalado pelas mais doces illusões. A alma lacrimosa, para maior tormento, mostrava-lhe a imagem de Thereza em todo o esplendor da formosura virginal, com as pupillas de esmeralda aveludadas e languidas de ternura, com o sorriso meigo e cheio de promessas. Via-a, tinha-a presente, como na hora em que lançando-lhe o col-

lar dos bellos braços, e pousando-lhe os labios de rosa sobre a fronte, lhe pedira que vivesse e se abraçasse com a esperança. Depois, a scena do jardim com as palavras e os juramentos dos amantes; o sangue a correr do seio; os olhos mortaes a accusarem-no, perdooando; representavam-se-lhe de repente, e uma nuvem escurecia o coração, enchendo-o de trevas e de horror.

Sentindo passos, Jeronymo sobresaltou-se, e ergueu a cabeça. A presença do jesuita, que tanto desejava ver, pareceu causar-lhe estranheza, como se houvessem annos entre o seu recado e a chegada d'elle. É que desde a conversação com o corregedor do crime tinha sabido da noite dos remorsos e da desesperação, para tornar a abysmar-se nas dores, e nas contradições do ciúme.

Antes estava como um condemnado constricto, despedindo-se da vida sem saudade para encurtar as maguas da ausencia e do amor, certo de não deixar atraz de si ninguem, que a sua desgraça tornasse feliz, e que a sua perda livrasse de um pezo. Agora sabia que o tumulto era uma prisão eterna só para elle; e que apenas enchutas as lagrimas, dadas á piedade, um rival ditoso tomaria o seu lugar, convertendo em sorrisos os prantos de Thereza, e em suspiros de ternura a leviana melancolia, ou a tristeza quasi indifferente, sacrificio leviano de um momento. Entre estas duas phases, tão rapidas como diversas, havia um mundo de paixões, de duvidas, e de angustias, em que a razão não ousava respirar, nem o espirito socegava.

Eis o motivo porque á vista do padre Ventura mal pôde conter o constrangimento, com que o recebia, e o receio com que aguardou as primeiras palavras. Como a demencia se desvia da charidade, que a vigia, assim este ulcerado coração, louco á força de chorar e padecer, tremia da serenidade do homem, que mais severo reputava em estranhar as suas fraquezas.

O visitador percebeu quanto passava no animo do mancebo; porém não o demonstrou. Sem apressar o passo, sem alterar o sorriso consolador, que lhe adoçava o rosto, aproximou-se, deu-lhe a mão a beijar, e puchou uma cadeira para defronte, fitando nelle depois aquelle olhar lucido e penetrante com que parecia ler nos mais secretos pensamentos. Da sua parte Jeronymo, costumado a respeital-o e a ouvil-o com a veneração de um filho, e a fé activa de um proselito, apenas se atrevia a levantar a vista cheia de timidez, com receio de que podesse descobrir ao seu exame a ingrata repugnancia, com que

acolhia tantas bondades e afeições. O italiano adivinhou tudo em um momento, e meneando a cabeça, sem carregar o aspecto, nem a voz, disse-lhe :

— « Desde que o deixei, a ultima vez, irmão Jeronymo, parece-me que o seu coração está mais longe de Deus e mais proximo do mundo. Achei-o com saudades tão vivas de ver o ceu, que me admira o interesse com que parece agora olhar para a terra! Diga-me: se lhe dessem ainda a escolher, pedia sempre a morte?... Responda; confesse que não! Não daria hoje para viver e ser livre mais do que hontem offerecia, julgando-o pouco, para acabar com os seus males christamente?... Ah, mancebo, como as paixões nos cegam, e o coração nos engana! Quer que lhe diga o que sentiu, quando entrei? Teve desgosto, teve ira mesmo por me vêr!... »

— « Eu, padre Ventura! Protesto... »

— « Não disfarce! Conheço-o, Jeronymo, como me conheço a mim proprio. Aonde os outros não veem nada, eu vejo tudo. Bem sabe! Ora pois; a verdade é que teve pesar, (quero que seja só pesar) por me encontrar diante dos seus olhos, que estavam baixos e sombrios, porque a virtude e a honra é que podem levantar-os... »

— « V. paternidade acha pouco os ferros desta cadeia, e as maguas da minha vida? » replicou o mancebo tristemente. « Cuidei que a charidade se ensinava de outro modo na companhia. »

— « Na companhia, os que são dignos de vestir o habito e de abraçar a cruz de Christo » disse o visitador severamente « são homens para padecer, para perdoar, e para orarem a Deus pelos inimigos, que os perseguem. Aprende-se a soccorrer os que gemem de injustiças, e a lamentar os que se perdem na idolatria das paixões... »

— « Padre Ventura, os que não penam, e sabem só o nome ás dôres julgam-nas de leve, e sem consideração. Se elles soffressem uma hora o que eu padeço ha tantos dias!... »

— « Sendo a alma grande e religiosa offerecia a Deus o tormento, e procurava os conselhos e advertencias dos mais velhos. Cuida que é castigado innocente? Já mediu as lagrimas que fez correr; já contou as ancias que fez passar? Não se vê senão a si, e falla como se o universo não tivesse outro espectaculo?! Jeronymo, os seus amigos... »

— « Os meus amigos deixaram-me como a fortuna! » disse o capitão com abatimento. « Vendo-me por terra nenhum me estendeu a mão!

Padre Ventura, a ultima prova agora acabo de a receber. Eu já não tenho amigos!»

— « Não merecia tel-os. Os fracos fogem, e fazem fugir os outros. »

— « Será necessario que leve até ás fezes este calix ? » exclamou o mancebo com desalento. « Estou prezo, estou fóra do mundo atado á cruz. Que mais querem ? Os homens não me conhecem ; e accusam-me ? Eu morri para elles e os mortos não sentem. Os que se diziam amigos e mestres não se chegam senão para me apontarem para os seus exemplos ? Se são fortes é porque nunca luctaram. Não cahiram, porque na vida não encontraram o que foi uma infelicidade para mim. Se amassem, e os trahissem ! Se a sua alma em um só instante recebesse mais golpes do que o soffrimento humano póde supportar... veriam então ! Padre, sabe o que peço a Deus ? É que me acabe com este resto de razão ! »

— « Jeronymo disse o visitador com intenção austera, a cegueira torna-o esquecido, para não dizer ingrato. Quem lhe disse que me julgo perfeito, ou que me creio superior ás fraquezas ? Esperava mais, é verdade, do seu coração ; cheguei a suppor que um dia... não fallemos disso ! Esta roupeta é muito humilde para o seculo, e a vida do deserto pacifica de mais para o tumulto dos affectos. Não o accuso de seguir o mundo ! Quando o vi no sertão no meio dos indios, creança nos annos, homem pelo espirito, louvando a Deus em presença do martyrio, e abençoando a morte sem medo á dor, enganei-me e todos se enganariam comigo. Cuidei que da creança saíria um apostolo ou um heroe. Quando o vi, entregue ao amor, abrindo com a sua espada o caminho da fortuna, e em cada campanha dizendo como Cesar : eis a minha herança ! acreditei que havia perigos na paixão, mas que o mancebo os vencia como homem. Mas quando soube, que o soldado não tinha animo para supportar o infortunio nem valor para resistir ao delirio, ferindo uma mulher e enchendo de luto, de vergonha a casa em que foi creado... !

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

## UM ANNO NA CORTE.

### CAPITULO LIV.

#### UM MINISTRO NA ANGUSTIA.

(Continuado de pag. 429.)

El-rei passeava com passos desiguaes e pesa-

dos na sua antecâmara, quando o ministro entrou. O rosto inexpressivo do monarcha não deixava perceber se na sua mente havia algum pensamento triste, ou se a cholera o agitava ; era uma mascara sem mobilidade que poderia servir para materialmente representar a insignificancia ; e poder-se-ia comparar á agoa crassa e immobíl de um paul, que o riço vento do norte póde apenas encrespar á superficie.

— Está decidido, Conde, partes esta noite mesmo — disse elle ao seu valido parando no meio da casa. — Já recebeste a carta de meu irmão. O Pedrinho não é tão máu como o querem fazer. Já lhe vae passando a furia ; e daqui a oito dias estás tu de volta para o paço. Ah ! Ah ! — proseguiu o rei, rindo — e a rainha, a *brizota*, que interesse tem mostrado por ti nesta occasião ! Eu não a intendo. Tanta cholera, tanta cholera, e agora tanta amizade.

— Devo muito á bondade da rainha, minha senhora — respondeu o Conde de Castello-Melhor com ironia. — Se não fosse Sua Magestade interessar-se por mim, estava eu a esta hora n'uma torre, ou morto de garrote talvez.

— Foi bom que ella se interessasse por ti, isso é verdade. Meu irmão era capaz de se não contentar com menos do que isso.

— E a vontade do principe... — E o Conde parou nesta ultima palavra, que pronunciara lentamente.

— Do principe ! Tambem tu lhe dás esse titulo, a que elle não tem direito ?

— O sr. Infante deseja esse titulo, e Vossa Magestade não lho recusará de certo. Sua Alteza não se contentará com menos do que isso.

— É preciso que se façam côrtes, para o jurarem principe ; e só quando...

— Quando Sua Alteza persuadir o juiz do povo, e os fidalgos, de que Vossa Magestade não póde ter outro herdeiro a não ser o sr. D. Pedro é que ellas se hão de reunir. Mas isso já está quasi feito. Lisboa está toda persuadida que, infelizmente, o casamento de Vossa Magestade não dará fructo.

— Quem espalhou essa idéa no povo ? — perguntou Affonso VI, com impeto.

— O tempo... e os criados de Sua Alteza.

— Pois não ha de ser o que elles pensam. Pedro nunca ha de ser principe em quanto eu viver.

— A vontade de Deus ha de cumprir-se.

— Já agora saírá da côrte ; prometti-o á rainha, e ha de ser.



— Bem sei, real senhor, que hei de saír de ao pé de Vossa Magestade. E venho, com as lagrimas nos olhos, e a dôr no coração, receber as ordens de Vossa Magestade, e beijar-lhe a mão pela... ultima vez. — E o Conde, levando aos olhos o lenço de cambraia branco, e ajoelhando diante de Affonso VI beijou-lhe a mão.

— Pela ultima vez! — bradou o rei. — Isso não. Daqui a oito... a trez dias has de estar de volta. Quero-te aqui vêr, daqui a tres dias. Quem havia de governar, se tu te fosses para sempre?

— Cá ficam ao pé de Vossa Magestade, a rainha, minha senhora, e o sr. Infante. Um conselheiro e um ministro que Deus esclarecerá com as suas luzes, mais do que se tem dignado até hoje fazel-o á minha humilde pessoa.

El-rei deu duas voltas pela sala callado, e depois, batendo violentamente com o punho sobre um bufete em que estavam frangãos assados, fructas e doces, (porque Sua Magestade tinha sempre um apetite voraz e comia a todas as horas), e enchendo a bocca com uma pera doce, bradou:

— Não quero eu que te vás d'aqui.

— Senhor...

— Não quero. Não quero. Não quero.

— Mas para ir agora contra a vontade do sr. Infante, é preciso empregar a força, a violencia...

— Empregue-se tudo. Mette meu irmão n'uma torre, se quizeres.

A esperanza animou subitamente o rosto do ministro valido. Aproximando-se de Affonso VI, que se sentara a comer, provavelmente para alimantar a sua raiva, e encostando-se-lhe ao espaldar da cadeira, o Conde perguntou com uma voz, em que a duvida se misturava com a persuasão:

— Vossa Magestade está resolvido a oppôr a força ás vontades de Sua Alteza?

El-rei continuou a comer, sem responder uma palavra á pergunta do seu ministro.

— A fidalguia e o povo — proseguiu este — estão em Lisboa mal dispostos contra mim. Mas não succede o mesmo na provincia. É no exercito que se deve ir buscar a força para castigar as imperiosas exigencias... de Sua Alteza não — o respeito que lhe devo, me obrigam a crer que más sugestões só o tem arrastado a oppôr-se á vontade de Vossa Magestade mas sim dos seus conselheiros traidores.

Então o privado expoz ao seu rei um plano de resistencia que consistia, em este se retirar ao

Alemtejo, cercar-se das tropas que havia naquella provincia, a que depois se acrescentariam troços de gente das outras provincias, e dictarem d'alli o ministro e o rei a sua vontade aos revoltosos de Lisboa.

D. Affonso VI, sem descontinuar de comer, ouvia o seu ministro, e, quando este esperava vêr seguidos os seus conselhos e mais exaltada a furia do principe, levantou-se este socegradamente, limpou os dedos cobertos de lusidia gordura aos bolços da casaca de veludo, e foi affagar o seu famoso lebréo inglez, que dormia n'um canto da sala sobre uma almofada.

— Valente, meu Valentinho, coitado. Ah! Estás aqui, preguiçoso. É preciso irmos a Alcantara uma tarde destas, meu velho. — Ligeiras pancadas na cabeça do cão acompanharam cada uma destas palavras.

O Conde de Castello-Melhor esperou alguns minutos que El-rei se dignasse responder-lhe; porém, vendo que Sua Magestade, — curvado para poder affagar o seu amigo Valente, que não julgara oportuno levantar-se da almofada em que molemente repousava para receber as festas de seu dono — parecia haver-se delle esquecido, perguntou com voz mal segura:

— O que determina Vossa Magestade que se faça nesta conjunctura?

Embàraçado com esta pergunta, Affonso VI ergueu-se, e, depois de hesitar um instante, respondeu secamente:

— Nada.

— Á vista disso peço a Vossa Magestade que se digne dar-me as suas ordens. Vae para a meia noite, e eu, sendo da vontade de Vossa Magestade, estou resolvido a partir immediatamente para um convento de arrabidos que fica perto de Torres-Vedras.

— Pois vae-te, para voltares breve.

— Será o que Deus quizer.

— Não quero que vás mal comigo! — acudiu o rei, pegando na mão do seu ministro, cujos olhos vira arrasarem-se de lagrimas. — Eu sou teu amigo, Conde. Mas bem vêes que não pôde ser, eu não posso sair de Lisboa.

— Vossa Magestade tem razão — respondeu o Conde com voz convulsa. — Eu é que propunha a Vossa Magestade uma coisa impossivel. É o primeiro conselho que dou a Vossa Magestade, escutando talvez mais o meu interesse do que a minha razão. O castigo, porém, não vem longe do crime; é o ultimo conselho que em minha vida tenho a honra de dar ao meu rei.

— Conde, Conde — exclamou D. Affonso, cujos olhos também não estavam enxutos; — se queres, iremos para o exercito do Alemtejo.

— Não, meu senhor. Seria a guerra civil; e Deus sabe se uma guerra civil não traria a ultima hora da liberdade e da independencia deste reino.

— Mas então...

— Partirei; ir-me-hei para longe de Vossa Magestade, acabar a vida na solidão da minha casa, ou nos amargores do desterro. Não importa — proseguiu elle resignado, — faça-se a vontade divina. É tempo que acabem as calumnias contra mim, e que comece a minha justificação. Acusam-me de ter tratos com Castella, de ter aclamado El-rei de Castella em Portugal, de ter querido dar peçonha a Sua Alteza, de ter roubado o thesouro publico; dia virá em que o mundo todo, e até os meus proprios inimigos darão testemunho da minha innocencia. Agora só supplico a Vossa Magestade que escute as palavras da rainha, minha senhora; e chame aos seus conselhos o sr. Infante, para fazer assim callar os perturbadores do socego publico. É isto o que peço a Vossa Magestade como ministro; como homem tenho a pedir-lhe tres graças.

— Quaes são, Conde?

— A primeira é que, se por fatalidade eu morrer ou for obrigado a sair da patria, Vossa Magestade tenha compaixão de meus filhos, e os proteja.

— Não ha de Deus permittir nem uma nem outra dessas desgraças, que receias; mas se acontecesse alguma, teus filhos, Conde, protege-os-hia eu, como o rei deve proteger os filhos de um vasallo fiel, e de um amigo.

A voz de D. Affonso VI ao soltar destas palavras era solemne e grave. Dizia-se naquelle tempo na cõrte, quando Sua Magestade soltava alguma frase extravagante ou louca, que El-rei fallára com o lado doente, alludindo á parelysia que lhe tolhia os movimentos do lado direito: ora nesta occasião, evidentemente, foi o lado sã de El-rei que fallou.

— Beijo as mãos de Vossa Magestade por tanto favor, — disse o privado enternecido.

— Que tens mais a pedir-me?

— D. Margarida...

— Ah! Ha muitos dias que a não vejo. Que é feito della? Aquelle successo de Salvaterra...

— A bruxa Zaida já está condemnada pela santa inquisição, e será queimada, para exemplo dos peccadores, no primeiro auto de fé — atalhou

o Conde, interrompendo El-rei. — D. Margarida — proseguia elle — vive desgostosa, triste, e só. A alma da pobre menina tem pouco a pouco perdido toda a alegria; o animo tem-se-lhe ido quebrantando. O que ella deseja agora é retirar-se para um convento, onde possa noite e dia fazer oração, e preparar-se para entrar dignamente no numero das servas do Senhor.

— A Calcanhares beata! — exclamou El-rei, rindo.

— Vossa Magestade bem sabe que D. Margarida foi sempre uma boa e virtuosa mulher — acudiu o ministro com gravidade.

— Sei... sei — respondeu D. Affonso, cujo riso a seriedade do ministro fez subitamente interromper.

— Consinta Vossa Magestade que D. Margarida cumpra os seus desejos.

— Está concedido — disse o principe, pondo a mão no hombro do Conde. — Se eu não estivesse certo de te vêr aqui outra vez em breve, diria que estás fazendo testamento. Ah! Ah!

— Para o governo deste reino fico morto desde hoje. E, mal me virem morto, os meus inimigos terão cuidado de me deitar em cima uma loisa tão pesada, que eu a não possa levantar mais, nem mais sair da sepultura.

— Idéas tristes...

— Que Vossa Magestade quer esquecer — acudiu o Conde com abatimento. — E faz bem, Vossa Magestade.

— Que tens mais a pedir-me?

— Uma terceira graça, senhor, tenho a pedir a Vossa Magestade. E esta espero eu que me conceda, como teve a bondade de conceder as outras.

— Qual é?

— A vida de um homem, que eu creio estar innocente, mas que as apparencias condemnam.

— Qual é?

— Um pobre arrieiro...

— Que a Rainha deseja vêr enforcado, porque lhe matou o Castilho?

— Esse mesmo, senhor.

— Que te importa a vida desse arrieiro?

— Talvez esteja innocente do crime de que o accusam, e então...

— Em elle morrendo, mandar-me-hei dizer cem missas por alma.

— É melhor que Vossa Magestade lhe salve a vida.

— Isso te não faço eu. Ir-me, por causa de um almocreve, pôr mal com a Rainha, e com o

Infante, isso não te faço. É dar-lhes pretextos para moverem guerra a ti, e ao secretario de estado.

— Meu real senhor, porquem é... — disse o Conde, juntando as mãos supplicante.

— Não, meu Conde, é uma loucura. Estás de uns escrupulos que me assustam. Começo a crer que vaes morrer de véras.

— Vossa Magestade não quer fazer-me a graça que lhe peço?

— Não insistas mais, para me não obrigares a recusar-te tudo — respondeu o rei, em quem a chôlera, que a contrariedade lhe causava sempre, começava já a manifestar-se.

O Conde reconheceu a inutilidade de insistir mais tempo na sua supplica.

— Faça-se a vontade de Vossa Magestade — disse elle.

Estavam já callados havia minutos o rei e o ministro, quando o relógio do paço bateu lentamente n'um sino onze horas, a que o silencio da noite e o estado do espirito dos dois illustres personagens que o escutavam, dava uma voz lugubre e fatidica.

Affonso VI contou em alta voz as ultimas pancadas do relógio.

— Nove... dez... onze...

— Senhor — disse o Conde — que ordens tem Vossa Magestade a dar-me?

— Para quê?

— São onze horas.

— E então...

— Esta noite devo sair da côrte, como Vossa Magestade sabe. Assim o prometti á Rainha, minha senhora.

— Vaes-te, Conde? Pois não te esqueças das minhas ordens. D'aqui a oito dias quero-te aqui.

— Voltarei quando Vossa Magestade me mandar ordem para isso. Agora peço licença a Vossa Magestade para lhe beijar a mão.

— Não. Quero que me abracas como a um amigo, que sou — disse o rei estendendo-lhe os braços.

O Conde abraçou seu real amo. Quando se separaram um do outro, o rei e o ministro estavam com os olhos arrasados de lagrimas. Por quem chorava o Conde de Castello Melhor, pelo rei, ou pelo poder que ia deixar para sempre?

Às duas horas dessa mesma noite o ministro d'Affonso VI partiu para o seu longo desterro, acompanhado apenas por vinte soldados da cavallaria da côrte.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continua.)

## NOTICIAS E COMMERCIO.

**Obras publicas em Hespanha.** — A populosa capital do principado da Catalunha já não tem sufficiente espaço dentro de suas muralhas para respirar com liberdade e a população agglomerada que encerra deseja ha annos vencer a oppressão material daquelles muros, que parece cingirem-na como uma cinta de ferro. Este melhoramento, desejado como tanto fervor, vaes em breve realisar-se, porque já teve approvação do governo o projecto de alargar a cidade pela parte do passeio de Gracia, e dar-se-ha principio á obra logo que se vençam algumas difficuldades do momento. Esta ampliação, ao passo que vaes dar novo realce ás alamedas da Rambla e de Gracia, facilitará notavel desafogo á cidade, que por falta de espaço para se poder edificar viu desaparecer os jardins e hortas que intramuros a aformoseavam, suppressão de que resultava grave prejuizo á saude publica.

Valencia, como se não foram bastantes demonstrações do seu enthusiasmo pelos progressos materiaes o seu caminho de ferro e as obras do seu porto, empenhou-se em outras duas emprezas de immensa utilidade e importancia: — a primeira é o projecto de um canal desde Sueca até Valencia pela Albufera (grande lagoa): tem-se para isso dado alguns passos, sendo favoravel a informação da sociedade economica, que foi sollicitada pelo governo da provincia. Se os meios de communicacão produzem sempre bons resultados, pelo que respeita a este canal são incalculaveis os que de futuro offerece; trata-se de um paiz que pela natureza do seu terreno extraordinariamente pantanoso carece de boas estradas, e no qual, mesmo nas estações mais seccas do anno, são intransitaveis diversos sitios da varzea. Por isso augmenta a utilidade do canal projectado, e que será completa se a empreza o prolongar até Gandia, ou proporcionar outros meios de communicacão com este povo, pois que então se duplicarão os beneficios para a provincia, resultando vida nova para a industria, extracção dos productos agricolas, e vantajosa e inextinguivel especulação para o commercio.

O segundo projecto a que nos referimos é a construcção de outro canal desde o porto del Grao até Valencia. Este pensamento, concebido n'outro tempo e de que se desistiu por offerecer graves difficuldades, renasce agora com maior vigor, e já se estão levantando as planhas da obra para serem remettidas ao governo. Consiste na construcção de um canal que partindo do novo dique que se está fazendo no Grao vá desembocar no dique que ha de formar-se extramuros da cidade nas immedições da ponte del mar, sem tocar na estrada do porto del Grao: nem no caminho de ferro. Escusado é encarecer o grandissimo proveito que dahi redundaria para a capital valenciana, porquanto ligando o porto com a cidade facilitaria extraordinariamente as operações do commercio e da industria.

Destas tentativas de tamanha importancia naturalmente ~~passamos~~ <sup>passamos</sup> aos caminhos de ferro. Julga-se que, terminada a secção de Tembleque, prolongação de Aranjuez a Almanza, e por consequencia deste caminho que sah de Madrid, no dia em que fór inau-

gurada a sobredita secção, já estará collocada a via ferrea até o Romelral, que dista uma legua de Tembleque. — Na linha de Ciudad-Real trata-se de ganhar em pouco tempo o que se tem perdido até agora por circumstancias inevitaveis, e já se começaram os trabalhos desde Almagro a Daimiel. — Na de Santander espera-se só a desappareição das neves para concluir as expropriações entre Alar e Reinosa, e acham-se já levantados os planos d'estas secções, e concluidas as operações relativas á direcção da linha até aquella ultima cidade. O sr. D. José Salamanca, concessionario da linha de ferro do norte d'Hespanha, obteve grande acolhimento dos capitalistas francezes e inglezes e acha-se habilitado a entrar definitivamente no começo desta grandiosa empreza, que abre na Hespanha o transito accelerado desde a capital da monarchia até Irun, para dahi se entroncar na linha franceza, que deve vir bater nos Pyrenneus por aquella parte.

O *Clamor*, que faz esta resenha, referindo-se por tal motivo á triste mas exacta pintura, que precedentemente traçara, dos estragos que causavam a fome e a miseria nos desgraçados povos da Galliza, accrescenta em data de 17 do corrente março o seguinte: — A situação que já descrevemos de modo algum tem melhorado; e assim não cessaremos de clamar pela prompta execução das obras publicas, unico remedio a um mal que toma quotidianamente maiores proporções, e nós está agourando com futuro mais temeroso. O governo devia dar impulso quanto antes ás estradas que se começaram de Betanzos ao Ferrol, e de Santiago a Lugo e Orense, para fornecer meios de sustento aos povos das respectivas comarcas. Ainda isto não nos parece sufficiente: é preciso tambem attender ás aldeas do norte da Galliza que gemem sob o peso de gravissima penuria; e para lhes prestar allivio e recursos cumpre promover e levar a effeito a conclusão da estrada geral do Ferrol a Rabade e de Vivero a Roupár. Com taes obras se conseguirão dois objectos, o qual delles mais essencial: — primeiro, ministrar alimento ao sem numero de infelizes que de outro modo perecerão á mingua; segundo, dar impulso á prosperidade daquelle paiz por via das communicções internas de que tanto necessita para se desenvolverem sua agricultura, industria e commercio.

Quando os povos da Galliza offerecem tão triste espectáculo, outros da Andaluzia, e em especial Malaga, appresentam de dia para dia um aspecto lisongeiro pelo incremento que recebe a sua riqueza. Todavia, esta cidade ainda não satisfeita com seu actual grau de prosperidade, deseja vivamente que se anime o ramo commercial e industrial dos vinhos. Postoque do presente a exportação do vinho de Malaga e passas suba a 24 milhões de reales por anno, os jornaes andaluzes, partindo do calculo economico de que a produção total dos vinhos hespanhoes seja de 70 milhões aproximadamente, mostram a influencia que teriam ao seu commercio as providencias que dessem em resultado augmentar-se a produção de vinhos vinte por cento mais da actual.

**Excentrico projecto de embalsamar os vivos.** — Por mais extravagante que seja a idéa não deixaremos de transcrever, mesmo em razão da singularidade, o seguinte artigo, que publica o *Cosmos*

n.º 9.º do tomo 2.º Como se verá, este jornal expõe a noticia com toda a reserva. Diz assim:

« O que é a velhice? Que razão ha para que o ancão se vá extinguindo gradualmente, e approximando-se ao termo fatal que os medicos denominam *morte senil*? Mr. Edouard Robin julga ter resolvido esta questão.

« Segundo este chymico, a velhice e a morte consecutiva procedem, com especialidade, do deposito lento e continuo de materiaes inorganicos nos tecidos da economia animal. No seio desta póde considerar-se haver uma pequena combustão que extingue; e as cinzas dahi resultantes não são expellidas.

« A maior parte dos alimentos que servem á nutrição contém materias que pertencem ao reino mineral; tres são, a silicia, a cal, a magnesia, o oxydo de ferro e outras substancias susceptiveis de se converterem em saes insoluveis; estas, assimiladas por distinctos órgãos, se fixam na economia animal, vão endurecendo lentamente os tecidos e terminam por transformal-os em verdadeiras substancias osseas, desprovidas da macieza e mobilidade, que tão indispensaveis são para a mantença e exercicio das funcções da vida.

« Eliminar todas as cinzas resultantes daquelle combustão, segundo Robin, é o verdadeiro meio de qualquer não se fazer velho. — Porém, será possivel tal eliminação? E ainda quando se houvesse conseguido expellir da economia animal todas as substancias inuteis e perjudiciaes á conservação da vida, ficaria por isso o homem menos sujeito ou isento da decrepitude? — Aguardando a resposta a estas objecções, que sem duvida deverá formular melhor M. Robin, veremos como o celebre professor procura o modo de conseguir o que podemos chamar embalsamento dos vivos.

« Effectivamente tracta de ensaiar a alimentação por meio de substancias pouco mineralisadas; depois pretende mineralisar outras antes de as submeter á acção do estomago; por fim, propoem como *pedra philosophal* o acido lactico, que gosa a propriedade dissolvente das materias mineraes.

« Os estudos de Mr. Robin ácerca da vitalidade, e sua maior ou menor força, o conduziram a uma conclusão que poderá ser mui util aos zoologistas. Segundo a sua opinião, a pequenez da estatura dos animaes é um indicio de combustão mui activa, e por conseguinte de morte prematura; ao passo que a maior corpulencia denota tendencias absolutamente oppostas. Pertende que, n'uma época em que a atmosphera devia ser mais oxygenada do que actualmente, a estatura gigante dos fosseis era em vivos uma necessidade de sua conservação.

« Se tal chegasse a confirmar-se, seriam levados á tela judicial os principios famosos da statica natural; e poderíamos suppor que viesse um dia em que o homem ficaria reduzido a uma estatura infinitesimal antes da sua completa desappareição da superficie da terra. Confessamos com franqueza que a progressiva diminuição de estatura não é de natureza tal que nos tranquillise ácerca do provir que augura Mr. Robin. Seja como fór, muito folgaríamos de que o curso do espirito humano caminhasse em sentido inverso: no entanto, esperaremos socegradamente ou a grande obra de Mr. Robin ou a acção lenta e forçosa das causas naturaes.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Rédactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 38.

QUINTA FEIRA, 31 DE MARÇO DE 1853.

13.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

**CATALOGO DOS DOCUMENTOS RESPECTIVOS AS NOSSAS ANTIGAS BELAÇÕES COM A INGLATERRA, COLLEGIDOS PELO EXM.<sup>o</sup> SR. VISCONDE DE SANTAREM.**

(Conciuido de pag. 435.)

81.<sup>o</sup>

1576 OUTUBRO 26 — Poder dado pela rainha Isabel a sir Francis Walsingham para tratar com Francisco Giraldes, enviado de Portugal.

82.<sup>o</sup>

1577 OUTUBRO 12 — Carta da rainha Isabel d'Inglaterra a el-rei D. Sebastião pedindo a restituição de 4,000 ducados depositados em Lisboa.

83.<sup>o</sup>

1778 JUNHO 14 — Carta do doutor Wilson relativamente a uma expedição para Irlanda.

84.<sup>o</sup>

1778 JULHO 28 — Carta de Francisco Giraldes, enviado de Portugal.

85.<sup>o</sup>

Sentença pronunciada contra Pedro d'Alcaçova thesoureiro do defunto rei D. Sebastião (sem data).

86.<sup>o</sup>

1579 — Discurso dirigido ao cardeal rei pela camara de Lisboa depois da morte de el-rei D. Sebastião em Africa.

87.<sup>o</sup>

1579 (?) — Advertencia que el-rei de Portugal dirigio ao seu povo (sem data).

88.<sup>o</sup>

1579 MARÇO 14 — Carta de Philippe II á cidade de Lisboa depois da morte de el-rei D. Sebastião.

89.<sup>o</sup>

1579 depois de 14 de MARÇO — Discurso dirigido pela camara de Lisboa á nobreza e ao clero depois de ter recebido a carta de Philippe II (sem data).

90.<sup>o</sup>

1579 MAIO 12 — Exposição do que se passou no parlamento de Lisboa até este dia.

91.<sup>o</sup>

1580 — Descendencia dos reis de Portugal de Henrique de Bouillon no seculo XII até 1580.

62.<sup>o</sup>

1580 — Descendencia dos reis de Portugal desde el-rei D. João I até D. Sebastião.

93.<sup>o</sup>

1580 FEVEREIRO 19 — Almeirim — Carta do arcebispo de Lisboa e dos outros governadores de Portugal á rainha Isabel d'Inglaterra sobre a morte do cardeal rei D. Henrique, e pedindo á mesma soberana que acreditasse tudo quanto lhe expozesse Antonio de Castilho, que então era nosso enviado em Londres.

94.º

1580 ABRIL 4 — Resposta da rainha Isabel a carta antecedente dos governadores do reino, na qual lhes dá muitos conselhos.

95.º

1580 — Instrucções da mesma rainha para o seu embaixador em Portugal, nas quaes entre outras coisas lhe recommenda que primeiramente visite a duqueza de Bragança e o duque seu marido, e depois D. Antonio etc.

96.º

1580 MAIO 9 — Informação dada em uma carta datada d'Almeirim do estado dos negocios em Portugal.

97.º

1580 SETEMBRO 3 — Carta do doutor Wilson a lord Leicester sobre varias communicções de Portugal, e do estado das coisas no mesmo paiz.

98.º

1580 — Carta de D. Antonio prior do Crato, pertencente á coroa de Portugal, dirigida á rainha Isabel pedindo-lhe ajuda e auxilio contra el-rei de Hespanha.

99.º

1580 — Instrucções dadas pela rainha Isabel ao embaixador de Inglaterra em Portugal sobre as contestações relativas á successão da coroa pela morte do cardeal rei (este documento é incompleto).

100.º

1580 — Carta do doutor Ruy Lopez a M. Herle a respeito da descendencia dos reis de Portugal (original).

101.º

1580 — Arvore genealogica dos reis de Portugal desde o conde D. Henrique até D. Antonio prior do Crato, com o retrato deste principe pintado no centro, e uma carta de Portugal por Hondius desenhada em 1592 (9).

102.º

1580 SETEMBRO 11 — Carta do doutor Ruy Lopez ao conde de Leicester (?) sobre os ne-

(9) Possuo um fac-cimile de quadro e carta citada no texto.

gocios de D. Antonio prior do Crato, pertencente á coroa de Portugal

103.º

1581 OUTUBRO 9 — Carta do mesmo a D. Antonio prior do Crato, annunciando-lhe as disposições favoraveis da rainha de Inglaterra a seu respeito.

104.º

1582 SETEMBRO 8 — Carta de Diogo Botelho a lord Leicester sobre os negocios da successão de D. Antonio prior do Crato.

105.º

1584 OUTUBRO 23 — Passaporte assignado por Diogo Botelho, que se intitulava do conselho de estado de el-rei de Portugal D. Antonio, escripta de Middlebourg, dirigida a todos os capitães de navios de guerra que tivessem cartas de marca de el rei seu amo etc.

106.º

1585 SETEMBRO 20 — Carta de Horacio Palavicino a sir F. Walsingham noticiando-lhe a chegada de um certo Rugiense protegido por D. Antonio prior do Crato (em Italiano).

107.º

1586 — Memoria instructiva sobre os assumptos que o embaixador D. Antonio teria a tratar com lord Leicester.

108.º

1587 SETEMBRO 12 — Carta do doutor Ruy Lopez a lord Leicester sobre os negocios de D. Antonio e de seu filho D. Manuel de Portugal, e sobre a penuria em que estes principes se achavam (é datada de Dordrecht).

109.º

1594 NOVEMBRO 12 — Carta da rainha de Inglaterra a D. Antonio prior do Crato assegurando-o da continuação da sua amizade.

110.º

1595 AGOSTO 23 — Carta de D. Antonio escripta de Paris á rainha Isabel, agradecendo-lhe os beneficios que lhe fizera, lamentando os seus infortunios e recommendando á dita rainha seus filhos e creados por ella os tomar debaixo da sua protecção.

111.º

1595 SETEMBRO 12 — Carta de D. Christovão de Portugal á rainha Isabel participando-lhe a noticia da morte de D. Antonio seu pae, e pedindo-lhe a sua protecção e para seu irmão D. Manuel (é datada de Paris).

112.º

1595 NOVEMBRO — Carta de Diogo Botelho á rainha de Inglaterra sobre a morte de D. Antonio.

113.º

1596 — Carta de D. Manuel de Portugal filho de D. Antonio á rainha Isabel significando-lhe a sua tenção de passar para Hollanda.

114.º

1596 (?) — Carta de D. Christovão de Portugal á rainha Isabel pedindo-lhe a continuação da sua amizade.

115.º

1596 (?) NOVEMBRO 2 — Carta de D. Manuel de Portugal á mesma rainha, pedindo-lhe a sua protecção. É datada de Dieppe.

Os outros documentos que possui dos manuscritos do museu britannico. consistem em Catalogos de outras peças e documentos de que enviarei mais tarde a lista para ser publicada.

#### FABRICO DA SODA EM PORTUGAL.

O ultimo artigo do sr. Betamio de Almeida sobre o fabrico da soda, inserto em o n.º 14 do *Jornal da Associação Industrial Portuense*, colloca-me n'uma posição muito melindrosa para com o meu sempre cortez e polido adversario.

Esta discussão nasceu da parte que eu tomei na defeza dos interesses industriaes de um estabelecimento, de que sou simplesmente inspector e conselheiro, e não director technologico, como julga o meu amigo. Tomou ella o vulto de uma questão scientifica; porque a industria chymica é hoje indubitavelmente uma sciencia. O campo em que nos collocámos, e as armas com que rompemos neste duelo, eram da sciencia, e nem desejo, pela minha parte, combatel-o com outras, nem sair deste terreno.

Desde o principio desta discussão havia eu de-

clarado que entrava na liça com o sincero desejo de sair vencido, porque o triumpho das idéas do meu adversario era o que mais convinha a este paiz, que amo como portuguez que sou, e pelo qual estou sempre prompto a fazer todos quantos sacrificios se podem esperar de um homem, cuja primeira affeição é o amor da sua terra. A extrema delicadeza e melindre do sr. Almeida, levou-o a fazer agora, no seu ultimo artigo, a declaração de que os seus interesses pessoais, e os de outros amigos meus, se achavam envolvidos nesta questão, porque se estava tractando de propôr a alguns capitalistas da cidade do Porto a formação de uma companhia por acções, para estabelecer em Aveiro uma fabrica de soda, destinada á exportação, e que, segundo a opinião do sr. Almeida, devia realizar beneficios importantes.

Eu tinha ouvido fallar vagamente desta empreza, mas confesso que não acreditava que ella tomasse por base da sua prosperidade a exportação dos seus productos, e sempre pensei que o seu principal destino seria provêr ao consumo interno.

Neste presupposto, (que agora vejo que era acanhado e restricto, em comparação com as vistas largas dos empresarios), sempre intendi que em pedir alguma protecção para um velho estabelecimento, nascido e creado em circumstancias especiaes, não prejudicaria de modo algum os interesses de outro, que devia sair joven, vigoroso e bem constituido das mãos experientes de quem tem feito da industria chymica, e no paiz classico desta sciencia, a sua primeira, intelligente e unica occupação.

Conheço agora o meu erro, e ainda que esteja de animo feito para presenciar a completa derrota das minhas opiniões sobre este ponto, (o que me não hade surprehender nem mortificar) intendo, que devo propôr treguas ao meu leal adversario; suspender por agora todo o combate, e esperar que elle haja constituido a companhia, que pretende organizar. Voltaremos depois novamente ao campo, o que dará seguramente mais vantagem ao meu contrario, porque poderá então escudar as suas vistas especulativas com a pratica do seu novo estabelecimento.

As treguas que eu proponho, não devem por outro lado ser nocivas aos seus interesses, como tambem o não é por certo a protecção actual das pautas; porque, se a empreza é boa sem protecção, não póde esta damnificá-la.

O unico effeito da ausencia da protecção seria

a queda da fabrica da Verdelha, mas a minha razão não acolhe a minima suspeita de que o meu generoso adversario quizesse quebrar o fragil e temporario apoio a que se encosta aquelle estabelecimento, para tirar partido da sua ruina. O soberano despreso, com que o meu amigo tracta a fabrica da Verdelha e os seus productos, dá prova cabal de que esta não pôde servir de embaraço á nova empresa. Quem pôde ir afrontar a paizes extranhos a protecção exagerada, que defende a industria desses paizes, muito melhor pôde suplantar a concorrência de rivaes mais fracos na terra propria.

Todavia a suspensão de armas, que eu proponho ao meu adversario, não me exime de tomar a defesa da fabrica da Verdelha contra as arguições bastantemente injustas e muito apaixonadas, que elle no seu artigo lhe faz. S.<sup>a</sup> s.<sup>a</sup> perdeu nestas arguições o sangue frio de phylosopho; apaixonou-se, e *desabafou* irado contra a malaventurada pratica da Verdelha, que eu tive o máo gosto de citar a todo o momento no meu arrasado.

Eu podia neste logar explicar ao meu adversario e ao publico a minha posição relativamente á fabrica da Verdelha (para a qual apenas tenho dado conselhos, e que nunca dirigi, o que muito differe para a responsabilidade do trabalho) mas a minha humilde pessoa não é coisa de vulto nesta questão nem em alguma outra, e eu nem devo, nem quero mortificar o publico e os meus amigos com negocios pessoaes, que nada influem sobre a importancia das coisas, e muito menos sobre o valor das doutrinas. O que é verdade é que eu tenho tido ha annos a esta parte uma tal ou qual influencia no trabalho da fabrica da Verdelha, e por isso não posso deixar sem resposta as arguições que se lhe fazem.

Não me recordo de haver citado, nem fallando nem escrevendo, a fabrica da Verdelha ou a sua pratica como modellos em coisa alguma.

Fabrica levantada em 1827 por um desses *directores technologicos* que, segundo a expressão do sr. Almeida, a *França exporta por preços commodos* (f), dirigida sempre por mestres francezes, esteve até 1846 fabricando quasi exclusivamente o acido sulfurico sem vantagem alguma para o empresario.

Os seus trabalhos em materia de soda, desde

(f) O proprietario da fabrica da Verdelha não achará de certo que tem tido, para elle, muito commodos os preços dos diversos directores technologicos estrangeiros, com quem tem tido relações.

a sua instituição até 1847, nunca passaram de tentativas mais ou menos infructuosas. O contracto do sabão recebia a soda de Inglaterra, sobrecarregada apenas com o direito de 100 por arroba, mas nunca, ou raras vezes, lhe custava aqui menos de 1:400 rs. Os outros consumidores tiravam tambem aquelle producto dos paizes estrangeiros, e nesse tempo nem se fazia melhor vidro do que hoje, nem a estamparia tinha passado do estado rudimentar, nem a fabricação do sabão era melhor do que a actual, finalmente nem uma só das industrias chymicas, que hoje tem uma tal ou qual vida, se achava em caminho de prosperidade, e nesse tempo já os mercados de França e Inglaterra offereciam aos compradores sodas taes, que não mereciam ao sr. Almeida o epitheto de *mixtellas*.

As condições, com que os actuaes contractadores arremataram o monopolio do sabão, não os eximiram do imposto com que na pauta de 1842 foi taxada a importação de soda estrangeira, e como este era de 2:400 por arroba, não podiam elles ter aqui a soda por menos de 3:600, o que tornava quasi impossivel o fabrico do sabão. Foram estas circumstancias que determinaram seriamente a fabricação da soda em Portugal, e a administração da fabrica de Verdelha resolveu-se então a emprehender-a a todo o custo. Reputo em muito pouco a parte que eu tive na resolução deste problema; o que eu fiz, outro qualquer o podia fazer, e talvez melhor do que eu, porque não tendo eu recebido uma educação industrial, e havendo apenas começado a estudar a chymica aos 27 annos de idade, e sem o poderoso auxilio do bom exemplo e conselho dos homens iminentes da sciencia, o meu cabedal tecnologico reduzia-se ao adquirido pelo meu proprio estudo nos livros e no pouco tempo que estive em França. Pediram-me os meus conselhos, disse o que sabia, auxiliei como pude o director da fabrica, e em ultimo resultado fabricou-se essa *mixtella* que tem exactamente a mesma composição e a mesma riqueza do que a soda que vinha de New-Castle e de Liverpool. A *mixtella* da Verdelha tem ordinariamente 75 por 100 de carbonato de soda, além de 4 por 100, pouco mais ou menos de soda caustica, como acontece á soda que se fabrica para as fabricas de sabão, e é positivamente para a fabrica de sabão do contracto que a Verdelha fabrica, porque é este o maior consumidor da soda na Verdelha.

Confesso que me fez impressão o que o sr. Almeida disse a respeito da soda da Verdelha.



que viu no Porto, porque, ainda que o seu ultimo artigo me auctorise a julgá-lo apaixonado, e extremamente impressional, comtudo tenho-o por homem de verdade e incapaz de alterar os factos; por isso tratei de indagar que soda seria essa, que tanto horrorisou s. s.<sup>a</sup> Das informações que eu colhi resulta que para o Porto não tem sido remettida soda alguma da Verdelha, á excepção de uma unica barrica e ha já longo tempo, ha annos; portanto a soda que o sr. Almeida viu não era de certo da Verdelha, ou, se o era, achava-se sophisticateda. Se o sr. Almeida se tivesse dado ao incommodo de a ensaiar, nós poderíamos dizer-lhe alguma coisa mais positiva a este respeito, porque da Verdelha não sahe soda com gradação menor de 75°. D. Nos primeiros tempos o trabalho apresentava algumas irregularidades, provenientes não só da inexperiencia dos operarios, mas tambem do emprego de diversos calcareos, e de diferentes especies de carvão.

Hoje o fabrico é mais regular, e a Verdelha não só promptifica a soda para os saboeiros, mas fornece o carbonato de soda neutro e perfeitamente branco a quem o quizer, e os crystaes de soda como outra qualquer fabrica, e por preços rasoaveis. Além da fabrica da sabão, fornecem-se da soda da Verdelha as fabricas de tecidos de lã dos srs. Daupias, Larcher, e Lafory; as de papel de Alemquer, da Abilheira, e da Louzã; as de tecidos de algodão do sr. Berot, as de vidros da Marinha Grande (apesar do privilegio que tem de importar a soda estrangeira e todas as outras materias primeiras exemptas de direitos), a da Vista-Alegre, e a da rua das Gaivotas; a de productos chymicos do sr. Leal Junior, e finalmente algumas de lanificios da Covilhã pedem tambem regularmente os crystaes de soda. Consultando os mappas geraes das alfandegas do reino vê-se que em 1843 ainda se importaram 8,094 arrobas de soda refinada e 5,447 de barrilha, e já em 1848 se importaram apenas 1 arroba e 24 arrateis de soda e 1,568 arrobas de barrilha. Quer isto dizer que as fabricas que gastam soda acharam boa a da Verdelha; hoje continuam a gastá-la e ninguém se queixa de *mixtella*, senão o sr. Almeida, que teve a deshumanidade de ir até aterrar os manes do infeliz Leblanc, cuja sombra depois de haver lido, além do Lethes, o que o sr. Almeida diz da Verdelha. protestará fugir-lhe de certo, e não a veremos nunca sentada de baixo das arvores viçosas, que cercam aquella fabrica.

Sinto que o meu nobre adversario se apaixonasse tanto contra a fabrica de Verdelha, mas eu espero que ainda lhe ha de fazer mais justiça. A Verdelha não é, como já disse, um modelo das boas fabricas de productos chymicos, é um estabelecimento, levantado em condições pouco favoraveis, tem grandes vicios de origem, mas trabalha como póde, esforça-se para produzir bem e barato, não vive do monopolio, porque não tem privilegios, e se não está a par das fabricas modernas, porque os seusapparelhos são antigos, satisfaz, pelo menos hoje, as mais urgentes necessidades da industria actual do paiz. Levantem-se outras fabricas em melhores condições e debaixo de todos os preceitos da sciencia; surja a fabrica de Aveiro, combatam-se os productos, que a industria ha de lucrar nesta contenda, e a quem produzir melhor e mais barato iremos nós mesmos pôr na cabeça a corôa dos vencedores.

Lisboa 23 de março de 1853.

J. PIMENTEL.

## PARTE LITTERARIA.

A NOVIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XL.

DEPOIS DE PURGATORIO A REDEMÇÃO.

(Continuado de pag. 440.)

O jesuita, fallando assim estudava com a vista no semblante do preso o effeito das suas palavras. Na prostração a que o via reduzido, os remedios heroicos eram o meio opportuno. Para arrancar gradualmente o mancebo ao espasmo sombrio, em que as forças do corpo e os poderes do espirito se consumiam, carecia de desferir o golpe, embora cruel; no mais sensível do coração. Para o salvar do naufragio, não havia senão exasperar-lhe as dores, magoar-lhe o orgulho, e resuscitar nelle o homem e o soldado, antes que de todo expirassem nas trevas da amargura, e no phresemi da loucura.

Não tinha a escolha do tractamento; não estava livre no emprego dos recursos. Tentava disputá-lo ao anniquilamento moral, precursor da morte, custasse o que custasse. Que lhe impor-

tava um padecimento momentaneo se o resultado saísse feliz? Quando um desgraçado mergulha no oceano, e vai sumir-se, o salvador hesita em o trazer á superficie arrastado pelos cabellos? Nestes lances a verdadeira piedade não olha senão aos fins.

Se para a linguagem aspera do mundo já não encontrasse echo no peito de Jeronymo; se ao sentir, pezada de ultrajes, a mão dos homens sobre a face, a não repellisse, o que vivia nelle? Desvial-o da idéa que o possuia; sequestral-o á solidão, cheia de desespero, e envenenada de pensamentos ruins, em que agonisava, era ganhar a primeira victoria, e abrir caminho para as seguintes. Se por um instante, qualquer nova commoção o abalasse, e a vista quasi perdida da sua alma podesse receber um raio de luz de fóra, o padre Ventura confiava no exito do plano, e colhia animo para o proseguir. O primeiro symptoma de sensibilidade naquella indifferença accusaria um principio de reacção, um passo fóra do circulo fatal em que tudo se resumia no suicidio pelo affecto e pelo ciúme, ralado de remorsos.

No começo, o capitão, mais admirado do que sacudido pelo rigor das palavras, que escutava, fazia visiveis esforços para responder. Tinha dentro do peito tão fria a imagem do mundo, que lhe custava a perceber a sua voz. Tudo o que estava antes ou além da sua magua, não lhe causava sensação. O universo para elle cifrava-se em uma unica paixão. O resto tinha-o esquecido. Perdida a paixão, deixava-se morrer porque não conhecia outro valor á vida. Que o accusassem, que o condemnassem, que o escarnecessem, era-lhe indifferente; mais ainda, não o comprehendia!

Desde que Thereza entregara a alma a outro, a sua ficára só, e não ardia senão em um só desejo; morta a donzella, de a seguir até ao tumulo; existindo de a disputar até a Deus! A esperança neste abysmo vão achava aonde firmar o pé. A certeza do infortunio tomava a duvida como irrisão. Dizer-lhe que se enganára seria acender-lhe de novo a febre, e o transporte, desafiando uma dessas crises em que a razão podia por uma vez succumbir de todo.

Mas, quando o visitador retalhando sem dó a dolorosa chaga, levou o estímulo até onde podia ir, o coração accordou momentaneamente, os nervos resentiram-se, e a alma teve um impeto. Alguma coisa do homem e do soldado deu um grito de indignação naquelle seio que parecia pe-

trificado. É verdade, que a seta para o alcançar, atravessou primeiro pela sensibilidade do amante. Ouvindo-se accusar de ter levantado a espada contra uma dama, e de ter levado a infamia á casa de seu segundo pae, o sangue subiu-lhe ás faces, e pondo-se de pé por um repellão cheio de braveza, exclamou em voz mais forte do que a debilidade mostrava permittir-lhe.

— « Padre Ventura!... daria os poucos dias que me restam para que outro homem me repetisse o mesmo! Agradeça a Deus. O habito é que o salva! »

A primeira explosão estava conseguida; o primeiro obstaculo fóra vencido. O jesuita deu interiormente a Deus as graças. Entretanto a sua phisionomia não disse nada do conflicto intimo. Nem um só dos musculos do rosto descobria a profunda anciedade pela contracção. Conservava-se severo, grave e sereno, como se discutisse um negocio vulgar entre os definidores do instituto. Cruzando os braços, e sorrindo com ironia, fittou no mancebo aquelle olhar frio e dominador, que nas occasiões supremas revelava o poder da grande alma, e disse-lhe em tom mais alto:

« Não se prenda! Depois de uma menina innocente, que o amou, chegue tambem a sua vez ao sacerdote velho, que o vinha consolar. O valor no crime é tambem valor... Não lhe importe! É uma cobardia mais. »

Jeronymo a estas palavras sentiu um furacão dentro de si; os olhos injectaram-se; o cerebro ardeu como se todo o sangue em lavaredas se deramasse nelle; as faces abrazadas e descompostas tremeram com a mais terrivel sezaõ de raiva. Arremettendo ao padre, saccudiu-o com furor pela manga, e alçando a mão com cegueira, descarregaria a furia, se a tranquillidade do italiano, firme no olhar e no gesto, não lhe impozesse respeito. Aquella força de espirito suspendeu-lhe de repente os passos, e um instante depois obrigou-o a recuar. Ao mesmo tempo a voz placida do visitador dizia-lhe:

— « Acabe a obra! Uma gota de sangue mais pouco se vê. »

Cedendo ás sensações, arquejante, e desfallecido o capitão foi cair quasi sem sentidos aos pés do jesuita. Parte do veu, que lhe escurecia a mente, rasgou-se com o golpe da commoção experimentada. Olhando para si e para elle envergonhou-se. As lagrimas rebentaram-lhe pelos olhos. O medico espiritual tinha já vencido muito; e o maior triumpho estava conseguido, pois que o morto entrava outra vez no mundo! É verdade,

que um momento mais de acesso, e um instante só de fraqueza no visitador perante o perigo, podiam dar lugar a um sacrificio inutil. Mas a segurança propria não era o receio do italiano. Estava costumado a lutar com as grandes tormentas, e a esperal-as peito a peito.

Curvando-se para o mancebo ajoelhado, com a bondade e a affeição no semblante, e um sorriso piedoso nos labios, o jesuita deu-lhe as mãos para o levantar, e pousou-lhe sobre a testa ainda abrazada um osculo de pae. Obrigou-o, depois, a sentar-se, e pondo-lhe a mão no hombro com doçura, accrescentou:

— « O doente vae melhor, mas ia matando o medico! Ora socegue; abra os olhos que teve fechados; e arrependa-se. Veja o que fez! Tratou-me como inimigo; esqueceu-se do que era e do que eu sou; e diga-me: não será possível ter-se enganado do mesmo modo a respeito dos outros? Medite sobre este exemplo; e louve a Deus, que ainda o castiga menos do que merecia. »

— « Padre Ventura, não sou eu, é a paixão... » soluçava o mancebo ao qual estas palavras acabaram de abrandar.

— « É a paixão, sim; e disso me queixo. Se fosse homem, se tivesse valor, ella seria a escrava, e o irmão Jeronymo o senhor! O que lhe disse não era a verdade? Não commetteu a fraqueza de levantar a espada contra uma mulher; não a infamou, a ella, e aos seus, dando-os em pasto ás calumnias e á maldade? O que quer que o mundo pense?... »

— « O mundo mente e murmura sempre! » acudiu o capitão, tornando a mudar de aspecto. « Quando as coisas lhe dão razão o mundo acerta. Um militar que não póde com as suas paixões, um dia ou outro não póde tambem com os seus deveres. Quem faz correr o sangue... »

— « Padre! » gritou Jeronymo, cerrando o punho com desesperação. Juro diante de Deus que sou innocente. Foi uma desgraça, e não um crime. Thereza vive, e ella dirá... »

— « Que a condemnou antes de a ouvir; e que para chegar á vingança mais injusta lhe met-teu a espada pelo peito... »

— « Mas eu vi e ouvi tudo! E se os que me accusam amassem tanto!... »

— « Quem duvida assim e crê o mal, não ama! »

— « Padre, se soubesse destas paixões conhecia a ancia que é perder a alma. »

— « Succedeu peor a muitos e foram homens. »

Em lugar de delirarem, tiveram a força d'alma de esquecer. »

— « É porque o seu amor não era de dentro, não era tudo... »

— « Era! »

— « Oh, se lhes tomasse a vida, a esperança, e a vontade!... »

— « Sei de um que perdeu mais... ou tanto; e se não se consolou, teve animo, e conformou-se. Sabe como? Offerecendo-se a Deus; pedindo-lhe graça e resignação; e fazendo penitencia neste habito por ter amado a creatura com o extremo, que devia ao Creador. »

— « Esse era santo, e eu... »

— « Era muito peccador, e está diante dos seus olhos. Sendo ainda mais moço do que o vejo, a morte separou-o de uma donzella, meiga e formosa, que o estremecia mais do que a si, e que elle amava... já lhe disse, como não se deve amar senão a Deus! Note que aquella dôr não se póde comparar á sua, porque adiante da sepultura não ha nada. E então? Foi como todos, chorou no principio, desejou morrer tambem; a carne é sempre a mesma; mas por fim venceu a fé; fez-se escravo deste habito; e não podendo viver com ella no mundo quiz ganhar o céu para não deixar de a ver findo o seu desterro. »

— « Felizes os que choram e são consolados, podendo sel-o! » disse o mancebo com melancolia.

— « Sim! porque muitos são os chamados e poucos os eleitos; mas quem nas grandes desgraças se voltar para Jesus Christo, encontrará remedio; bem vê; a sua cruz foi mais pezada que a nossa. »

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

## ALLA VIRTU.

ODE

di A. Galleano-Bavara.

Fonte d'un'onda limpida  
Che scorre nel deserto,  
Lume di luce vivida  
In un sentiero incerto,  
Pace sicura, e soglio  
Dell'anima credente;  
Sorriso della mente,  
Emblema della Fè:

Figlia di Dio, benefica  
Spargi di vivi rai

Il lampo fulgidissimo,  
E degli umani guai  
Distruggi la miseria;  
Linfia, nel suo cammino  
Dissetta il pellegrino,  
Che a te rivolge il piè.

Superna stella agli uomini.  
La via del bene insegna;  
Tempra a chi serve i palpiti,  
E il genio di chi regna;  
Infondi amor nei popoli,  
E di ragion col morso  
Lor mostra il curvo dorso  
Dal giogo a sollevare.

Dall'ire e dai consigli  
D'ambiziosa gente  
Salva la fè dei creduli  
Col lume tuo possente;  
Ch'essi fidenti imparino  
Che solo in man di Dio  
Stan la speme e il disio  
Di chi lo sa pregar.

E venga il dì che ingenuo  
All' ara tua s'appendi  
Un voto, che significhi  
Come tu i petti accendi,  
Come risvegli i palpiti  
Nel sen dell' uom che riede  
Alla primiera fede  
Ed al primiero amor.

E forse allor l'invidia  
Non tempra la scure  
Ed accusati gli uomini  
Nelle lor vogliè pure  
Più non saran dagli uomini  
E del tuo raggio belli  
Si chiamaran fratelli  
Uniti un dì fra lor.

Nè più sarà viltoria  
Di pochi baldi spirti  
L'oro, per cui malefici  
Spargon di scille e sirti  
Di nostra vita il pelago,  
E forse il sentimento  
Del genio e del talento  
Ara e suffragio avrà.

Nè avara sia de' giovani  
Il visio immoderato;  
E di fatal libidine  
Coll'animo bruttato  
Non si vedrà raccogliere  
In immaturi lutti  
Della turpezza i frutti  
La svergognata età.

Genio del Bene ispirami  
Co' tuoi pensieri santi  
Fa che tue somme glorie,  
Degno del temo, io canti.

No cor mi scendi, e l'anima  
Al tuo piè culto educa,  
Ch'essa mai più s'induca  
A ricambiarsi in me.

Salve sorgente limpida  
Che piangi nel deserto;  
Lume di luce vivida  
In un sentiero incerto;  
Pace sicura e soglio  
Dell'anima credente  
Sortiso della mente  
Emblema della Fè.

## UM ANNO NA CORTE.

### CAPITULO LV.

#### QUEM O SALVARÁ.

Thereza estava meia deitada sobre o estrado, e, com a cabeça escondida nas almofadas de veludo branco, soltava a cada instante do intimo peito gemidos e soluços que cortavam o coração. Margarida, de joelhos, mãos postas, e os olhos affogados em lagrimas levantados para o formoso crucifixo que pendia da parede, murmurava lenta e tristemente uma ladainha, a que respondia com voz soturna Fr. Thomaz do Espirito Santo, o qual de joelhos tambem e com a cabeça coberta pelo capuz, infundia pavor com seu aspecto sinistro. Já uma lampada de alabastro alumiaava tenuemente o camarim da desditosa Calcanhares; e os seus reflexos avermelhados no brocado e no veludo, e os clarões amortecidos que por instantes lançava sobre o vulto do Christo de marfim, davam a este gracioso aposento um caracter lugubremente fantastico.

Concluida a ladainha, a Calcanhares e o frade ficaram alguns minutos ainda immoveis; ella, como paralisada pela intensidade da profunda magua que lhe pungia n'alma; elle, como se esperasse que uma impulsão externa viesse tiral-o daquelle posição, que pelo habito de longos annos suportava, quasi indifferente, e abalar-lhe as idéas que a quietação do claustro é a natural insensibilidade lhe fizera estagnar no cerebro. A voz soluçante da lacrimosa Thereza, veio, com um grito de dôr, tiral-os daquelle lethargo, e chamal-os a sentimentos mais vivos e mais penosos.

— Amanhã! — dizia a linda provinciana, puxando com mão despiadosa os formosos cabellos. — Amanhã morre!... justicado como um criminoso. Margarida a este grito de Thereza levantou-se

em sobresalto, e foi com passo incerto sentar-se sobre o estrado ao pé da que naquella tempo ella amava já como uma irmã.

— Amanhã! — proseguiu Thereza — e nem uma esperança nos resta de o salvar.

— As esperanças todas que tinha, perdi-as hoje! — disse a Calcanhares com uma voz, em que os padecimentos da alma se não manifestavam por vibrações agudas e entrecortadas de suspiros, mas sim por um tremor convulsivo que lhe abafava os sons e transtornava o timbre. — Perdi-as, essas consoladoras esperanças. Um demonio — Deus me perdoe, e lhe perdoe a elle! — um demonio resolveu a nossa perdição; e não ha resistir-lhe. Francisco morrerá... e eu morrerei com elle.

— Não poudes fallar a El-rei, Margarida? Nem é possível fallar-lhe ainda antes do momento terrivel? — perguntou Thereza.

— Não. Quando Fr. Thomaz nos trouxe esta tarde a terrivel noticia de que era amanhã que... o nosso desditoso amigo ia — innocente, meu Deus! — ia a... morrer, corri logo ao paço.

— E lá...

— Tudo está mudado no paço desde que o Conde se foi. Quem governa alli agora ostensivamente são os partidarios de D. Pedro; e no animo d'El-rei, por desgraça nossa, governa secretamente esse homem sem alma, a quem eu devo esta vida de martyrio que tenho padecido, Henrique Henriques é quem aconselha, quem governa El-rei; e sabe tudo.

— Pois esse homem...

— Encontrei-o n'um dos corredores do paço; estava-me esperando alli para me fazer uma proposta infame — « sei tudo, me disse elle. A vida desse capitão que ama tanto Margarida está na minha mão; e agora não virá, como da outra vez, o Castello-Melhor para o salvar. El-rei não lhe perdoa, porque quer deste modo captivar a benevolencia da rainha para o secretario d'estado: e só eu posso ainda salvar Francisco d'Albuquerque. »

— E não o quer salvar? — atalhou Thereza anciosa.

— « Se quer, proseguiu elle, que esse homem não morra ignominiosamente n'uma forca — o infame queria fazer-me medir bem a grandeza da catastrophe, que se avizinha — se quer que elle não seja victima do capricho de uma rainha, vinda comigo, vamos juntos buscar em Hespanha um asylo seguro onde não possa chegar o odio vingativo do Infante, e onde a felicidade nos faça

esquecer do mundo que é ingrato e dos reis idiotas. »

— E não castiga Deus um homem tão mau! E que respondeu, Margarida, que respondeu a esse desalmado.

— Fui escrupulosa de mais talvez! — exclamou esta, soltando gemidos de angustia. — Foi talvez o egoismo... Ai! Que direito tenho eu de ter melindres; eu, pobre mulher condemnada pelo mundo á ignominia? Sacrifiquei a vida de Francisco d'Albuquerque, por um sentimento de invencivel horror: e onde hei de agora achar lenitivo para este remorso?

— Na pureza da sua consciencia, Margarida. Elle ama-a, ama-a muito, e a morte é-lhe de certo menos custosa do que lhe seria uma vida vivida em padecimentos sem fim, consumida pela saudade, ralada pelo ciúme — disse Thereza apertando a mão da Calcanhares.

— Talvez! — respondeu Margarida, dando um suspiro tão do intimo d'alma que parecia que nelle se lhe iam os ultimos alentos da vida. — A Virgem senhora nossa escute as minhas supplicas, e me inspire; porque a minha debil rasão, a minha consciencia fraca não bastam para me guiar. Se o sacrificio desta vida podesse salvar-lhe a delle, com que alegria eu exhalaria o ultimo suspiro! Mas deshonar este amor, que as lagrimas e o coração tem purificado, que delle me veio e só para elle quero, este amor que é o meu thesouro e a minha gloria, isso não posso, não sinto em mim alma para o fazer. Thereza, de que desgraças tenho sido causa involuntaria; e como me deve mal-querer!

— Não, minha querida Margarida! — exclamou Thereza dando-lhe um beijo. — Tenho dó de a vêr padecer. Doe-me o coração quando me lembro de que amanhã... Ai! Parece-me incrível; isto é um sonho mau! Repita-nos, Fr. Thomaz, o que lhes disse Francisco?

O frade taciturno obrigado a fallar, por esta pergunta de Thereza, a quem elle consagrava uma amizade a seu modo, isto é, humilde e submissa como a do rafeiro, mas muda e sem expensibilidade, aproximou-se do estrado, e depois de um esforço para vencer a sua repugnancia a silencio, respondeu apenas:

— Que morrerá amanhã?

— E mais nada. Fr. Thomaz? Por Deus, responda? Falle!

— O meu ultimo pensamento, disse, em coisas deste mundo, será para dois anjos que me ensinaram a conhecer a bondade divina.

— Pobre Francisco — exclamou a lacrimosa donzella.

— E quando lhe recommendou que nos viesse contar essa terrivel nova — acudiu a Calcanhares, — não lhe disse se ainda lhe restava alguma esperança?

— Iss! — respondeu o frade, abanando a cabeça tristemente.

— Nenhuma?

— Em Deus, a quem elle pertence.

— Como?

— Fez o voto na companhia de Jesus.

— A isto seguiu-se um instante de silencio.

— Quer vêr-nos ainda antes de morrer, o meu rico irmão! — exclamou por fim a desolada Thereza.

— Sente-se com forças, Margarida, para assistir a essa horrivel agonia?

— Não sei; talvez morra com elle — respondeu Margarida, — mas vou. Hei de ir, havemos de ir ambos, não é assim? havemos de ir vel-o subir aquella fatal escada, ao cimo da qual o espera... Veremos tudo... tudo; para lhe dizermos um ultimo adeus, antes da morte nos separar. Pediu-o elle; é dever nosso satisfazer-lhe a ultima vontade.

— Ai! querida... que angustia!

E a este grito de dor seguiu-se outra vez um longo silencio, que só os soluços das duas formosas raparigas interrompiam de quando em quando.

Por fim, arrastadas por essa invisivel necessidade de fallar no assumpto das proprias maguas, que é ao mesmo tempo martyrio e consolação dos que teem a alma profundamente dilacerada pela dôr, as duas mulheres proseguiram as suas amargos lamentações.

— Vêl-o morrer assim, sem o poder salvar, sem uma esperança sequer! — murmurou Thereza.

— A consciencia — acudiu a Calcanhares — diz-me que eu devo recusar a horrenda, a vil proposta de Henrique Henriques; mas o desejo de o salvar... o terror que me causa a idéa de o vêr expirante...

— Não... não sei. É um sacrificio superior ás suas forças, Margarida. E de mais, inutil talvez; talvez... condemnavel.

— Condemnavel, inutil talvez! Embora! — exclamou a amante de Francisco d'Albuquerque — Consumme-se o sacrificio, e Deus decidirá do futuro.

Levantando-se então do estrado em que estava sentada, e com um desses gestos de sublime re-

signação que são nos martyres a manifestação do triumpho do espirito sobre as fraquezas e os abatimentos da debil natureza, Margarida traçou n'um papel rapidamente e com mão segura algumas linhas, que eram a sua propria condemnação á morte; mais ainda, que eram, julgava ella, um ignobil sacrilegio contra o seu amor, e a perdição da sua alma para todo o sempre.

— Pelo amor de Deus, Fr. Thomaz — disse então ao graciano, entregando-lhe a carta que escrevera — por Deus, peço-lhe que vá sem demora, já, ao paço, e entregue esta a Henrique Henriques de Miranda. Diga-lhe... — aqui a voz sumiu-se-lhe quasi de todo, ao murmurar — diga-lhe que fico aguardando o cumprimento da promessa que elle me fez.

As ultimas sillabas desta frase, que tinha uma dolorosa, uma horrivel significação para a atribulada Margarida, foram já apenas perceptíveis, e ao acabal-as caiu a desventurada sem sentidos nos braços de Thereza.

Meia hora depois, quando o frade voltou, a Calcanhares já havia recobrado os sentidos; a dôr tinha-lhe, porém, tirado a força de fallar, e, Thereza, respeitando aquelle abatimento sublime não ousava tambem soltar uma palavra. Abraçadas uma a outra, unidas as fronte pallidas, misturados os cabellos, confundidas as lagrimas, as duas mulheres conservaram-se, em quanto estiveram sós, immoveis, calladas, não ousando quasi respirar, nem sequer volver os olhos, como receiando perturbar aquelle funubre, aquelle pesado silencio que as envolvia. Parecia-lhes, ás desgraçadas que uma palavra, um gesto evocaria talvez das sombras um medonho espectro, um fastasma sem piedade, para as arrancar dos braços uma da outra.

Fr. Thomaz do Espirito-Santo, o pacifico frade foi para ellas naquella occasião o espectro pavoroso tão anciosa, tão supersticiosamente temido. Quando elle entrou no camarim da Calcanhares, as duas mulheres uniram-se mais estreitamente, enlaçaram os braços com mais terror, e ficaram esperando que o frade dêsse conta do resultado da sua missão. Esperaram em vão, porque Fr. Thomaz fixando nellas os olhos amortecidos, ficou boquiaberto, e immobil naquella inacção da palavra que era um dos seus mais notaveis caracteristicos.

— Então!? — murmurou por fim Margarida, em voz baixa, como se desejasse não ser ouvida.

— Nada — respondeu laconicamente Fr. Thomaz.

— Que me diz! Henrique Henriques já não quer... salvar a vida de Francisco d'Albuquerque?

— Sss! — sibilou o frade, encolhendo os hombros.

— Não quer? Responda.

— Não póde.

— Porque? É tarde já?

— Morre.

— Morre! Francisco morre! Não ha esperanza, meio nenhum de o salvar?

— Henrique Henriques morre.

— Mataram-no? — exclamou Margarida quasi com um grito de alegria.

— É Deus quem o mata. Está quasi morto.

— Não lhe entregou a minha carta, não lhe fallou?

Fr. Thomaz respondeu a esta pergunta entregando a Margarida a carta que esta havia escripto para Henrique Henriques. Recebendo aquelle papel em que pensava haver traçado o ultimo adeus ao seu amor, e á pureza da consciencia, a exaltada amante de Albuquerque, rasgou-o, com um movimento de frenetica, de incomprehensivel alegria, em mil pedaços. Nesse momento esqueceu-se de que naquelle papel rasgava uma esperanza, a ultima talvez, de salvar o homem por quem ella de bom grado daria a vida.

— E quem o salvará agora? — bradou Thereza n'um paroxismo de desesperação.

Estas palavras puzeram termo á louca alegria da Calcanhares. Caíndo desfalecida sobre as almofadas do estrado, a infeliz murmurou tambem:

— Quem o salvará agora?

— Eu... — disse Fr. Thomaz subitamente.

Este monossílabo do frade produziu tal espanto em Thereza e Margarida, que ambas se puseram subitamente de pé.

— Vossa reverendissima! — exclamaram ambas:

— Como o póde salvar? — perguntou a Calcanhares.

— Como o hade tirar do limoeiro? — acudiu Thereza.

— Talvez — disse o frade, concluindo assim a frase de duas palavras que começára havia quasi um minuto.

Uma lembrança luminosa atravessára naquelle instante o espirito, quasi sempre deserto, do bom frade. E, como receiando que essa subita e espontanea idéa se esvaecesse, Fr. Thomaz tratou logo de a pôr em execução, e, sem escutar as perguntas, sem attender ás supplicas de Margarida e de Thereza,

salu correndo, e encaminhou-se a passos largos para o coração da cidade onde, aquella hora já adiantada da noite, tudo estava socegado e involvido em densas trevas.

— Onde irá elle? — exclamou Margarida.

— Como póde o pobre Fr. Thomaz salvar a nosso querido Francisco! — disse Thereza.

— Uma illusão, uma illusão do bom padre! Que mais póde ser?

— Bons desejos, coitado!

— E nós havemos de o deixar assim morrer?!

— Que lhe havemos, que se lhe ha de fazer agora! O meu sublime sacrificio, Margarida, fo-inutil. Deus não quiz, e os juizos de Deus são superiores á nossa razão.

— Tenho uma... uma esperanza não; um presentimento illusorio, enganador talvez, de que Francisco não morrerá amanhã...

— Ai! eu não ousou, não tinha nem força para ter um presentimento! — exclamava Thereza, chorando.

— Ainda tenho esperanza no padre Manuel Fernandes. Francisco, como nol-o disse ha pouco Fr. Thomaz fez voto na companhia de Jesus, e os padres jesuitas talvez o salvem ainda.

Um clarão de esperanza passou tambem então no casto e suave rosto de Thereza.

— Talvez! — disse ella lançando os braços ao cóllo de Margarida. — Talvez! O padre Fernandes prometteu salvá-lo se elle entrasse na companhia.

— Quando?

Thereza contou então á sua amiga o que o capitão lhe disséra no limoeiro das suas relações com o confessor do Infante, das recomendações e das promessas deste, e enfim confessou-lhe as causas que a haviam levado a occultar-lhe até aquella occasião tão interessante segredo, das quaes uma era a falta de confiança que ella tinha de que taes promessas se cumprissem.

— Amanhã — disse a Calcanhares — logo que amanheça, irei a S. Roque fallar com o padre Fernandes. Tndo isso me espanta, tudo isso me parece extraordinario. Uma tal promessa, um segredo tão recomendado...

— São coisas de jesuitas. Bem sabe, Margarida, que ha sempre em tudo que elles fazem rasões occultas, mysterios impenetraveis...

— Saberei tudo amanhã...

— O padre Fernandes não lhe explicará nada.

— Talvez o salve, e é quanto eu desejo — acudiu a Calcanhares. — Rezemos, Thereza; vamos pedir a Nossa Senhora um milagre.

E as duas, pondo-se de joelhos, começaram com fervorosa fé uma ladainha á Virgem Mãe de Deus.

J. DE ANDRADE CORVO.  
(Continua.)

Por falta de espaço se não publicou neste n.º a continuação dos « *Estudos biographicos e necrologicos* » pelo sr. L. A. Palmeirim.

## NOTÍCIAS E COMMERCIO.

**Fallecimento de Mr. Orfila.** — O mez de março corrente privou a faculdade de medicina de Paris do seu respeitavel decano, e as sciencias de um seu fervoroso cultor. Mr. Orfila era hespanhol de nação mas estava naturalisado em França desde os primeiros annos do reinado de Luiz Philippe, tendo antes disso longa residencia; escreveu sobre muitos ramos das sciencias naturaes e medicas, com especialidade, a medicina legal, a toxicologia, e os soccorros que convém prestar aos asphyxiados, envenenados etc. As suas obras são muito estimadas.

Muitos pintores e esculptores notaveis e grande numero de musicos se reuniram ás corporações scientificas para fazerem as honras funebres áquelle sabio, distincto e humanitario. Este acto foi uma verdadeira homenagem tributada ás sciencias pelas bellas-arts agradecidas; porquanto Mr. Orfila sempre teve em subido apreço as artes e os seus professores; as suas salas eram o santuario da boa musica. Os mais distinctos cantores e instrumentistas tomaram parte nas exequias solemnes que foram celebradas na igreja de S. Sulpicio.

### DESACATO Á RELIGIÃO.

Não ha ainda muito tempo que tivemos occasião de fazer algumas reflexões relativamente á maneira com que ás vezes se celebram nesta cidade as ceremonias da Igreja. A justiça dessas nossas reflexões que as partes interessadas não duvidaram então taxar de nimamente zelosas, torna-se agora incontestavel, depois do que occorreu este anno em algumas freguezias durante os officios da Semana Santa, porém muito particularmente em Santa Justa, onde se commetteram escandalos que reclamam a immediata intervenção não só da auctoridade civil, affim de serem rigorosamente punidos aquelles individuos, que esquecendo o alto respeito que devem ao sanctuario de Deos se arrojjaram premeditadamente, segundo parece, a promover naquelle recinto assuada e tumulto; como da auctoridade ecclesiastica, para que tomando conhecimento dos factos e das causas que lhes deram logar, evite para o futuro a renovação de iguaes escandalos.

Tornamos a repetir, e insistiremos sempre, que as ceremonias religiosas em alta noite devem ser de todo prohibidas, ou pelo menos não se deve consentir que sejam celebradas com pompa profana e apparatus theatral.

Póde ser até certo ponto louvavel o zelo e dedicação de algumas Irmandades, que procuram celebrar com esplendor os officios da Semana Santa não se poupando para isso a avultadas despesas; mas é certo também que essa mesma pompa e esplendor, attra-hindo aos templos uma consideravel multidão, que concorre alli, levada mais por espirito de curiosidade do que por verdadeiro sentimento religioso, é quasi sempre origem das irregularidades que se praticam, e quando menos, da ausencia da devoção e seriedade, a que se não póde faltar sem commetter uma offensa grave. Além disto, essas divisões e subdivisões que transformam a igreja em platea de theatro são um abuso que deve acabar de uma vez para sempre. Se os Irmãos, assumindo attribuições de *mestres de sala*, ou *donos de casa*, querem obsequiar amigos, parentes e recommendados, escolham outra occasião para fazer valer os seus serviços. Não é no templo do Senhor que se devem trocar obsequios e finezas: alli não devem subsistir essas tantas distincções de que se nutre a vaidade humana. Se não fóra este abuso não seria talvez mister empregar naquelle recinto a força armada, que muitas vezes longe de manter a tranquillidade é origem de desordem.

Em algumas igrejas, porém, celebraram-se os officios da Semana Santa com toda a devoção e boa ordem, sem que houvesse o menor incidente desagradavel a lamentar. Citaremos por exemplo a dos Missionarios inglezes geralmente chamada dos *Inglezinhos*. Aquella igreja é realmente um modelo em todas as suas ceremonias: oxalá que esse modelo fosse seguido, que não haveriam tantas occorrencias lamentaveis a apontar. Observe-se, se as portas daquelle templo se acham abertas a deshoras, se a magestade e o caracter eminentemente religioso de que alli se reveste o culto não forma um contraste sensivel com o apparatus profano de muitos dos nossos templos, e se dessa austera simplicidade não resulta o profundo recolhimento e edificação dos circumstantes.

É preciso que nos enganemos, que se s. em.ª o sr. Cardeal Patriarcha, como chefe do clero, não intervier directa e efficaçmente na reforma dos abusos que se tem introduzido nas funcções religiosas, se não evitar que as igrejas se transformem em theatros ou sociedades phylarmonicas, que as procissões conservem alguns dos episodios das representações publicas do seculo passado que a civilização de hoje reprova; se, n'uma palavra, não fizer observar strictamente a solemnidade e singeleza proprias do culto, não só mereceremos a critica dos verdadeiros fieis, mas acabaremos por vêr essas mesmas ceremonias de todo desvirtuadas.

DEMETRIO RIPAMONTI.

### BIBLIOGRAPHIA.

A ESMERALDA.

*Relicario infantil.*

Este livrinho mui recommendavel para uso dos meninos, tanto pela boa escolha de piedosas e devotas orações como pela belleza da edição ornada de delicadissimas gravuras em cobre.

Vende-se na loja de Lavado, rua Augusta n.º 8. — Preço 240 rs.



# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SA.

NUM. 39.

QUINTA FEIRA, 7 DE ABRIL DE 1853.

19.º ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

**CATALOGO DOS MANUSCRIPTOS DIPLOMATICOS DO MUSEU BRITANICO DE QUE POSSUO COPIAS O EXM.º SR. VISCONDE DE SANTAREM RELATIVOS A PORTUGAL.** (10)

(Continuado do pag. 447.)

Paris 14 de março de 1853.

*Illm.º sr.*

Permitta-me v. que lhe rogue o obsequio de mandar publicar na REVISTA a continuação do Catalogo dos Manuscriptos do Museu Britânico, do que possuo copias authenticas.

Todos estes documentos são muito interessantes para a historia das nossas relações com a Inglaterra.

Espero poder enviar a v. outro de diversos manuscriptos portuguezes ou relativos a Portugal que se acham no mesmo Museu, e de que possuo copias.

Seria para desejar que na REVISTA fossem os numeros dos que hoje indico publicados em numeramento seguido aos outros já indicados no 1.º Catalogo que remetti com a minha carta de 26 de fevereiro.

Renovo as seguranças de estima com que me preso ser

De v. etc.

**VISCONDE DE SANTAREM.**

(10) Este Catalogo é a continuação do que foi annuado á carta do mesmo exm.º sr. visconde de Santarem de 26 de fevereiro de 1853.

116.º

1273 (?) — Salvo-conducto concedido por Duarte I de Inglaterra aos mercadores portuguezes e hespanhoes para poderem ir a Inglaterra (sem data).

117.º

1413 (?) JULHO 25 Lisboa — Carta credencial de el-rei D. João I a favor de João Vazques de Almada para tratar de certos negocios relativos a Portugal.

118.º

1436 AGOSTO 8 — Ordem de el-rei D. Duarte de Portugal aos seus vassallos para não pôrem impedimento algum aos navios e subditos de Inglaterra que vierem a Portugal.

119.º

1439 SETEMBRO 29 — Decreto da infanta Isabel de Portugal, duqueza de Borgonha, a respeito das pescarias nas costas de Flandres.

120.º

1439 — Tratado de paz e amizade entre a rainha D. Leonor de Portugal, mãe a tutora de el-rei D. Affonso V, e Henrique VI de Inglaterra.

121.º

1471 MAIO 11 — Confirmação de Duarte IV de Inglaterra do tratado celebrado com Portugal em 1385.

122.º

1472 — Poder dado por el-rei D. Affonso VI

ao doutor João d'Elvas para poder ajustar a prolongação das treguas com Duarte IV de Inglaterra; e juntamente uma reclamação do mesmo rei de Portugal acerca de certos navios e suas mercadorias apresadas havia tempos pelo Bastardo de Faw-Cambridge.

123.º

1472 SETEMBRO 2 — Carta de el-rei de Portugal a D. João d'Elvas, seu enviado em Inglaterra, para requerer a restituição de um navio e das mercadorias no mesmo carregadas que tinham sido apresadas pelos inglezes.

124.º

1472 — Poder de el-rei D. Affonso V dado ao doutor João d'Elvas, seu enviado para requerer a confirmação das alianças e amidades com Duarte IV rei de Inglaterra.

125.º

1473 AGOSTO 30 — Ratificação do tratado de paz celebrado entre el-rei D. Affonso V e Duarte IV de Inglaterra.

126.º

1482 FEVEREIRO 8 — Juramento de el-rei D. João.

127.º

1483 — Confirmação das treguas por el-rei de Portugal que tinham sido ajustadas com el-rei de Inglaterra.

128.º

1484 — Confirmação do tratado com Inglaterra.

129.º

1499 MAIO 12 — Ajuste e confirmação da paz entre el-rei D. Manuel e Henrique VII de Inglaterra.

130.º

1513 JUNHO 8. Lisboa — Carta de el-rei D. Manuel ao papa Julio II dando-lhe parte da conquista e do estabelecimento fundado por Affonso de Albuquerque em Goa e Malaca etc.

131.º

1522 — Reclamações dirigidas ao imperador Carlos V, a respeito do commercio da India e respostas daquelle soberano ás mesmas.

132.º

1532 SETEMBRO 25 — Carta de Henrique VIII ao infante D. Luiz, duque de Béja, recomendando-lhe D. Diogo Rodrigues Pinto.

133.º

1559 ABRIL — Carta da rainha Isabel de Inglaterra, em resposta á que el-rei de Portugal lhe escrevera, congratulando-a pela sua elevação ao throno.

134.º

1561 — Quatro artigos com o titulo de *Resumo da Mensagem* mandada a el-rei de Portugal com as reclamações que se fizeram, e respostas que se deram ás mesmas, em que se declarou ser prohibido tr ás colónias portuguezas.

135.º

1561 NOVEMBRO 22 — Carta da rainha Isabel a el-rei D. Sebastião, communicando-lhe as providencias que tinha dado em consequencia das reclamações que este soberano lhe tinha dirigido.

136.º

1562 MAIO 23 — Carta do embaixador de Portugal a Lady Cecil, mulher do secretario Sir W. Cecil, offerecendo-lhe uma pensão de 2:000 peças de ouro para que seu marido cuidasse dos negocios d'el-rei de Portugal.

137.º

1562 — Carta da rainha Isabel a respeito das reclamações que el-rei de Portugal tinha feito, e que haviam sido apresentadas pelo seu enviado João Pereira Dantas.

138.º

1562 JUNHO 7 — Replica do embaixador de Portugal á resposta do conselho privado da rainha Isabel de Inglaterra, a respeito do commercio da Guiné.

139.º

1562 JUNHO 14 — Resposta dada ao livro que o embaixador de Portugal em Londres entregou, em 9 de junho deste anno, ao governo inglez.

140.º

1562 JUNHO 19 — Replica do mesmo embaixador á dita resposta.

141.º

1562 JUNHO 25 — Representação de João Pereira Dantas, embaixador de Portugal, á rainha Isabel de Inglaterra, reclamando contra as pretensões dos subditos inglezes de írem commerciar nos estabelecimentos e conquistas de Portugal (11) ...

142.º

1574 JUNHO 5 (?) — Relação das importações, que faz a cidade de Londres, de Barbaria e de Portugal.

143.º

1578 AGOSTO 4 — Representação do campo militar d'el-rei D. Sebastião, acompanhada de uma relação da expedição deste principe contra o rei de Marrocos e da fatal batalha d'Alcacer, em que el-rei perdeu a vida. Vão juntos dois additamentos.

144.º

1578 (?) — Reclamação de 3 religiosos ao governo inglez, para que lhes seja restituído o dinheiro e fazendas que lhe tinham sido tomadas por certo Ricardo, capitão do navio que os tinha conduzido de Lisboa para Inglaterra, (sem data).

145.º

1579-1580 MARÇO 7 — Carta de Sir Henry Cobham, embaixador de Inglaterra em França, a lord Burlergh, incluindo um maço de papeis da senhora D. Catharina, duqueza de Bragança, dirigido á rainha Isabel de Inglaterra, sobre diversos assumptos relativos aos negocios de Portugal.

(*Continua.*)

# DESTRUIÇÃO DOS INSECTOS PARTICULARES DOS CEREaes.

Todos os agricultores, moleiros, e negociantes de trigo conhecem muito bem o gorgulho por seus estragos: esta casta de insectos devoram ás vezes todo o grão de um celeiro e só

deixam o farelo. Cada larva consome a farinha correspondente a uma espiga, e ahí opera a sua metamorphose: o gorgulho depois de transformado continua a devorar o grão; da mesma maneira que o bisouro roe e come sob as duas formas de larva e de scarabéu.

O gorgulho é receoso do estrondo. Revolvendo-se com o padejar a miúdo os trigos onde entron o gorgulho, consegue-se que elle fuja para fóra das tulhas, e varre-se immensa quantidade que apparece no pavimento e pelas paredes; não se logra com este meio destruí-lo inteiramente, mas sim reduzir o numero.

Este insecto é dotado de mui energica vitalidade. Observou-se já que se conserva e ate pulula encarcerado n'uma rebóca de cal ou de gesso por espaço de annos, apparecendo no momento em que o cultivador tendo feito reparar de novo as paredes do celeiro se julgava desembaraçado daquelle inimigo.

Para combater tão damninbo insecto, M. Dombasle aconselhou o uso do gaz acido sulphuroso, ou do vapor que se desprende do enxofre em combustão, empregando-se o seguinte methodo. Tomam-se duas vasilhas ou quartolas da capacidade de 2 ou 3 hectolitros (11 dois terços almudes ou 17 e meio, medida de Lisboa) cada uma, e collocam-se sobre dois barrotes de 10 a 12 pés de comprimento do mesmo modo que nas adegas se assentam as vasilhas nos canteiros; mas devem ficar de modo que se possa andar dedor. As vasilhas devem ter aberturas maiores que as ordinarias dos batoques, e por ahí se encham do gaz sulphuroso, fazendo arder a mecha que é pratica dar nas pipas e topeis de vinho; deita-se-lhe depois por um funil ou qualquer utensilio adequado o trigo que vae deslocar o gaz e encherá a vasilha até o orificio do batoque: em quanto se dá mecha n'uma quartola enche-se de grão a outra, e fazendo-a rolar até á extremidade do canteiro, que deve estar elevado do chão obra de palmo e terço, o trigo se despeja e um trabalhador o ajunta com um rôdo pondo-o de lado em monte.

Dois jornaleiros trabalhando assim podem saturar de gaz sulphuroso, no espaço de algumas horas, mui consideravel porção de trigo, porque é um trabalho que corre quasi tão depressa como a medição dos cereaes.

Sendo o gaz acido sulphuroso eminentemente volatil, basta padejar duas ou tres vezes no espaço de alguns dias para tirar o cheiro que o grão contrahira naquella operação, e não con-

(11) João Pereira Dantas tinha já estado em França revestido do caracter de embaixador, como se mostra no *Quadro Elementar das Relações Diplomaticas*, tom. 3.º pag. 340 e 341 (doc. do anno de 1555).

serva vestigio algum delle quer a farinha quer o pão fabricado com a mesma.

É preciso para a operação que o colleiro seja bem arejado, e que reine vento um tanto forte que estabeleça uma corrente de ar bastante rápida.

Outro processo muito mais simples consiste em por a ferver duas ou tres libras de cavacos de pinheiro bravo em porção da agua sufficiente para regar o colleiro, o que se repete por duas ou tres vezes.

Experimentou-se igualmente com vantagem a dissolução de uma quarta parte de acido muriatico com tres quartilhos de agua commun para cada sete alqueires de trigo atacado do gorgulho.

Outro inimigo do cereal mais precioso é a traça dos trigos, isto é, uma pequena borboleta nocturna, de cor branca amarelenta com as azas salpicadas de preto: no estado de lagarta parece-se com o bicho da lã, cujo corpo é fino e esbranquiçado. A borboleta não se aloja nos bagos, mas sabe ligar muitos com a teia que urde e de que forma um tubo, no meio do qual se conserva, e donde tem sempre a possibilidade de sair para comer os grãos de que se approvisiona. Quando a borboleta infesta um colleiro vê-se em toda a superficie do trigo montinhos de grãos colados uns aos outros com fios daquela teagem do insecto, e que forma uma especie de capa.

A traça transforma-se em larva ou lagarta, delhi passa a ser borboleta para dar nascimento, por meio de uma postura abundante, a grande numero de insectos da sua especie.

A cal, o alcatrão, e gaz acido sulphureoso são venenos para estas phalenas vorazes, com os quaes se destroem.

A alucites é outra phalena semelhante á precedente, porém, menos volumosa: existe debaixo das quatro formas, ovo ou milhera, lagarta, chrysalida, e borboleta. As alucites depositam a sua milhera nas espigas junto do lugar onde o grão está pegado á palha, estes ovos são de extrema tenuidade, e produzem no fim de 4 até 7 dias. Apezas da sua pequenez a lagarta ataca o grão e a final o fura. Réaumur observou que as alucites novas se devoravam umas ás outras de modo que não se achava mais de uma em cada grão.

A alucite tendo feito no bago um buracinho redondo, e cavado para dentro um corredor, nutre-se de uma parte da farinha, suja com seus excrementos o pouco que deixou, e achando refugio contra o frio no calor que se desenvolve sempre no centro das tolhas de trigo. vae aminhar-se

alli e vive á custa de todo o colleiro. Combatem-se pela cal, e alcatrão, como as precedentes.

## PARTE LITTERARIA.

A NOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XL.

DEPOIS DE PURGATORIO A REDEMPÇÃO!

(Continuado de pag. 449.)

Atraindo assim a pouco e pouco o mancebo para as idéas suaves da resignação; lembrando-lhe, (o que é a suprema consolação para a enfermidade humana) que outros tinham sido mais desditosos e viviam, achando quasi leve a pena pelo costume de a suportarem, o visitador preparava-o para saber a verdade sem perigo, e para sair da amargura sem crise. Os seus olhos scrutadores seguiam na physionomia mudavel, ora as sombras, ora a luz, calculando o estado da alma, e os abysmos da paixão. Dado o choque mais forte, o que procurava era trazel-o insensivelmente da certeza á duvida, tornando mais facil assim, e menos violento, o abalo ultimo de que esperava tudo. Fazendo-o assentar junto de si, e pegando-lhe na mão, o padre Ventura depois de curta pausa, acudiu com bondade;

— « Ora pois! Adiante da sepultura não ha nada; disse eu; mas quando ella não nos roubou tudo, o coração embora chore, pôde ter esperança ainda. Não ha tempestade, depois da qual não venha o sol... »

— « Esperança, meu padre! Qual? acudiu Jeronymo com desalento. Não estou aqui preso para ser condemnado talvez amanhã; longe de todos, aborrecido como assassino, e detestado mesmo por ella que deve julgar... »

— « Quem sabe? Thereza vive, é o importante; será facil convencer-a de que está innocente; porque o golpe... »

— « Padre Ventura todo o meu sangue me parece pouco para resgatar uma gota do que fiz correr... » interrompeu o mancebo com ardor.

— « Acredito. Então de que nos affligimos? O que é irremediavel nesta desgraça para perdemos a esperança em Deus, a fé e a alma com as blasfemias do suicidio? Se a visse, se ella o ouvisse... »

— « Vel-a! Eu?... » gritou o preso erguendo-se com impeto, cerrando os punhos, e fuzilando-lhe nos olhos outra vez o clarão, que aterrorava o visitador; « vel-a? Fállar-lhe?... Não sabe, padre, que me custumei a viver na minha idéa, não com a mulher, que fez de um coração tão credulo o escarneo dos seus caprichos e o preço dos infames amores do rei... »

— « Silencio, louco! » exclamou o jesuita, procurando de balde pôr um dique ao delirio, que rompia.

— « Mas com o anjo, que vi crescer, que adorei, que era a guarda e a estrella da minha vida? proseguiu o mancebo cada vez mais arrebatado. — Vel-a, a perfida, que me deixou chorar, e sem dó, e foi nessa noite mesmo negar as suas promessas, e rir-se dellas esquecida e vaidosa nos braços, a que se vendeu?... Que me importam as palavras? A bocca, que as profere, não beijou os labios de um principe jurando... Esta idéa é um fogo que está a arder aqui! « E levou a mão convulsa á testa contraída. » Quando recorde aquella noite, em que padeci mais do que se ha de penar no inferno em seculos de eternidade, sobe-me a vingança ao coração, e não sei, sinto uma nuvem a cobrir-me os sentidos e o juizo!... Não a vi, como o vejo aqui, padre Ventura; não a ouvi dizer-lhe o que não se diz com tanto amor nem a um esposo; palavras que me cortavam a alma, e que me fariam mil vezes morrer de júbilo, se fossem para mim?... Vel-a!? Não a conheço; não a amo! Sabe porque choro, porque não quero nem posso resistir? É por ser obrigado a sepultar doze annos, a flor e a gloria da minha vida, no desprezo e na amargura de uma hora. O mundo é grande; bem conheço; mas sabe o que é piqueno nelle? O coração humano! No meu, depois de queimada pela vergonha e pelo desprezo a imagem que foi tanto tempo a sua companhia, não ficaram senão cinzas. Um sópro mais forte, que as levante, e não ficou nada! Bem vê v. paternidade, que assim não póde viver-se! »

O visitador cruzou os braços e inclinou a cabeça. As suas palpebras molharam-se com as lagrimas, que a tanto custo vertem os olhos dos velhos. O peito apertou-se e gemeu; a amizade paternal, que o trouxera alli, sentiu a dor cortante, que trespassa junto do filho moribundo; mas o espirito não se abateu, nem a intelligencia vacillou. Diante do perigo firmou-se mais, e juntou as forças. Depois de um instante de reflexão percebeu que era o momento de arricar

tudo, para perder ou ganhar a victoria em um só lance. Um abalo immenso podia unicamente suspender a crise, cortar a demencia, e pelo espanto dar tempo á razão para não succumbir. O jesuita não hesitou. Erguendo a fronte, e fazendo tremer a vista desvaivada do mancebo diante da severidade fixa da sua, estendeu a mão para elle com auctoridade irresistivel, e disse naquelle tom, que levava á alma dos outros a vontade inflexivel da sua:

— « É falso! Thereza não amou nem amou ninguém! A que viu não era ella! »

Jeronymo, escutando-o, recuou diante das suas palavras, como se recua de uma espada nua apontada ao rosto. Os olhos pasmados, a respiração oppressa, e a mobidade apathica do rosto, diziam a revolução profunda causada por esta voz, que ia outra vez acordar no seu coração esperanças e desejos, que suppunha mortos:

— « Não era ella? » repetiu machinalmente depois de uma pausa.

— « Não! » redarguiu o padre, dando ao monosyllabo toda a força.

O mancebo olhava sempre como um homem, despenhado de grande altura e salvo por um milagre, que duvida ainda se existe, ou se tudo o que o rodeia é illusão.

— « Os meus olhos não viram? Os meus ouvidos não ouviram? Eu não estava alli, não conheço a sua voz?... Qual de nós estará louco, padre Ventura? » exclamou, por fim, com uma risada convulsa e dolorosa, que lacerava a alma.

— « Aquelle que duvida! » replicou o jesuita sem vacillar, e sempre no mesmo tom.

— « Então os sentidos mentem? O que se apalpa chama-se illusão? Tudo isto foi um peza-dello, e nada mais? »

— « Não! As coisas existiram; mas as pessoas foram outras. »

— « Assim o principe real não era o principe? » insistiu Jeronymo com a anciedade e a oppressão do homem, que nega com receio de crer de leve a boa nova.

— « Sua Magestade El-rei D. João V esteve alli, e até recebeu uma ferida leve da sua espada! »

— « E Thereza?... não lhe vi correr o sangue, quasi nos braços delle? »

— « Não! Thereza nunca veio alli! »

— « Padre Ventura, — disse o mancebo depois de alguns instantes de afflictivo silencio, em que se lhe ouvia bater o coração no peito, — a sua bocca sempre foi verdadeira mas agora!... »

Sabe que enganar-me era peor do que a morte? Sei que me deseja bem; é um sacerdote virtuoso, inimigo da mentira e da traição; tenha dó e piedade! não exacerbe a minha paixão; neste momento sinto que de repente posso aqui enlouquecer aos seus pés de júbilo ou de dor... »

— « Christo para convencer o apostolo, re-darguiu o padre sorrindo, disse-lhe só: — olha e toca! Eu, peccador e mortal, seguirei o seu exemplo, e perguntarei ao incredulo: que pedes para acreditar? »

O capitão, com a vista e a physionomia exaltada, deu alguns passos incoherentes, estendeu os braços para o italiano, e clamou com profunda angustia:

— « Padre! Padre! A razão não tem força para tanto! O coração não pôde com mais ancias. Veja bem: é a vida ou a morte! Thereza está innocente? Sobre a sua alma jura-me que os meus olhos mentiram? »

— « Juro! Thereza não veio alli. »

Houve outra pausa. No rosto de Jeronymo a duvida, e a certeza, a alegria e a desesperação, appareciam, sumiam-se, e voltavam, rapidas como as commoções que o agitavam. A cabeça, por fim, desfalleceu; o coração abriu-se aos prantos; as lagrimas, muito tempo represadas, correram livres pelas faces. Mas passado um instante, o luto da alma tornou a cobrir-lhe o semblante; o brilho da vista esmoreceu; a expressão serena tornou-se; e pondo-se de pé com impeto, gritou:

— « Não! Não! Eu vi! É impossivel!... »

— « Então sabe que feriu a Thereza? » disse o padre tentando o derradeiro esforço.

— « Sim! »

— « Protesta que a viu banhada em sangue? »

— « Vi! »

— « E se ella se descubir e mostrar que não tem signal de golpe; e se aquella, que na realidade recebeu a ferida lhe apparecer, e patentear a cicatriz, duvidará ainda? »

— « Se tudo fosse assim, padre Ventura, não negava; casta de joelhos com as mãos erguidas ao céu, oraria: meu Deus! Mais com annos de martyrio como este, com tanto que o meu sonho dura! »

— « Bem! Agora as provas! » replicou o padre, dirigindo-se para a porta, e trazendo Thereza pela mão, decorridos alguns momentos. Cecília seguia-os, ainda pallida e fraca, pelo braço de fr. João dos Remedios.

— « Bem! Agora as provas! » replicou o padre, dirigindo-se para a porta, e trazendo Thereza pela mão, decorridos alguns momentos. Cecília seguia-os, ainda pallida e fraca, pelo braço de fr. João dos Remedios.

murmurou o visitador ao ouvido da donzella. « Animo e paciencia! Não se esqueça das palavras que é preciso dizer-lhe. »

Em quanto o italiano abria a porta do aposento, e fazia signal aos que esperavam anciosos, o mancebo tinha-se assentado, e com o rosto entre as mãos não dava acôrdo do que se passava. De repente descobrindo os olhos, á voz do jesuita, achou diante de si todos aquelles, que não contava tornar a ver, e foi tal o sobresalto, que lhe fugiu pela vista um relampago, poz-se de pé como se uma occulta mola o tocasse, e sem forças cahiu de novo na cadeira, e quasi nos braços do visitador.

Fez-se então um grande silencio. O gesto do padre, tremulo a seu pesar, e inclinado sobre o corpo de Jeronymo, era o unico signal de esperanza, que animava todos aquelles corações.

— « Foi um sonho » murmurava o mancebo com os olhos fechados, e a palidez da morte nas faces « um sonho de que seria crueldade acordarem-me! Quero vel-a ainda, como dantes... Diziam que vivia! Enganavam-me! Veio do céu e está chamando-me! »

— « Não, Jeronymo » acudiu em voz suave Thereza, pegando-lhe na mão. « não é um sonho. Soube que não podia viver assim, e venho dizer-lhe, que a experiencia acabou, que o amo, e que nunca amei a outro! »

Eram as palavras ajustadas; era a allusão ao ultimo adeus trocado no quarto de Thereza, quando Jeronymo se despedia. Ouvindo-a, o capitão levantou-se com impeto, abriu os braços, e como se musica invisivel o atrahisse, posmoa a vista aborta, e enturbados os labios em um sorriso, pareceu fugir com a alma atraz do ultimo sem desta voz amada. Depois estremeceu; olhou em roda; e saltando a mão com força, deu um grito, e apertou a cabeça entre os punhos, como se uma dor atroz lhe rasgasse o peito. Vendo Thereza, recabira na sua desesperação. A scena do jardim retratou-se-lhe na mente; e um riso cruento e ironico cingiu-lhe os beiços lividos, e deu á phisionomia terrivel aspecto. Desviando a donzella com um gesto glacial, voltou-se para o jesuita que o observava, e disse:

— « O que vem fazer aqui esta senhora? Não sou rei, não sou principe! Não lhe posso offerecer senão as penas que lhe devo, e um logar na sepultura que me abriu. »

— « Jeronymo! » murmurou Thereza, com os olhos turvos não de ira mas de compaixão.

— « Meu Deus! » soluçava Cecília em voz

suffocada, e erguendo a vista lacrimeira para o céu « como as suas palavras ferem! Como cahem sobre mim! O mundo será como elle injusto, e sem misericordia? »

« — « Diga-lhe que se enganou » proseguiu Jeronymo no tom baixo e vibrante, que annuncia as tempestades da alma. « Esta prisão é miseravel para a amante de um rei. Veio para lhe levar a noticia da minha morte, e negociar com ella? Póde ir segura! É mais um collar de perolas com que ornará o peito em escarneo do amor que vendeu, e do coração que trahiui! »

Cecilia chorava de pejo e de pena. Thereza cobria no rosto do jesuita paciencia e resignação para conter o seu orgulho. Este, pegando então no braço do mancebo com vehemencia, e arrastando-o quasi, trouxe-o para junto da donzella e exclamou com immenso imperio:

« — « De joelhos, louco! De joelhos! Peça a este anjo, que lhe perdoe, porque veio consolar a sua magua, e salvou-o do abysmo. Abra os olhos, e cáia em si! Quem amou o principe sem saber a sua qualidade, em toda a innocencia e candura, não foi Thereza, era Cecilia! Quem recebeu o golpe da sua espada, e por milagre resistiu tambem foi ella. A voz que ouviu era a sua; a carta que lhe entregaram não veio para outra. Veja o signal da ferida; veja no seu rosto a amargura das dôres que lhe causou. Sua irmã quasi que se levanta do sepulchro, para o persuadir a ser feliz! Duvida? É tão ingrato que não tem voz ainda para levar a Deus e cherar os erros do seu delirio? »

E acompanhando as fallas das acções obrigava-o a ver e desenganar-se. Quando concluiu a ultima phrase, Jeronymo soluçava aos seus pés, e estava salvo.

O visitador tinha escolhido com rara sagacidade o momento, em que a mente balbuciava entre o ciúme e o resentimento das longas penas para tentar o choque decisivo. Um minuto mais cedo podia causar a loucura pela alegria, um minuto mais tarde, e as trevas, que já escureciam a alma, podiam condensar-se para sempre! Assim mesmo o abalço foi tão grande, que o capitão procurou debalde a voz, e não achou senão as lagrimas, que em fio corriam mudas sobre a mão do jesuita.

Os espectadores desta scena pungente exprimiam no semblante a anciedade com que tinham esperado o effeito della. Agora que o perigo estava passado, e que o mancebo lhes era restituído quasi milagrosamente, o pranto, silencioso

também, das duas meninas, revelava a força de espirito que lhes fôra necessaria para conterem a ternura e a piedade. Fr. João dos Remedios, que desde o principio ficou immovel como uma estatua, e sem animo nem de respirar, uniu as mãos, e ergueu os olhos humidos para o céu. Sentia de menos um peso enorme.

« — « Vencemos! » disse o padre Ventura com uma satisfação exaltada, que dizia depois do exultar o excesso do seu receio. » Deus teve compaixão, e concedeu-lhe um toque da sua graça. Agora temos homem. É deixal-o socegar. Aquelle triste coração padecia e gemeu muito, esteve na agonia tanto tempo, que precisa de paz e de silencio alguns instantes para se conhecer e tornar a si. Então, padre mestre, não lh'o dizia eu? Não vimos aqui duas heroínas apesar de tão estremosas e sensiveis? Não ha nada como amor para fazer estes prodigios. »

« — « De certo, sem nenhuma duvida! » respondeu o frade que ainda tinha na garganta um nó;

Jeronymo, sem proferir palavra ainda, ergueu-se dos pés do visitador e foi ajoelhar diante de Thereza, pegando-lhe na mão, e subindo-lh'a de ardentes osculos. A vida, que sentia florescer de novo, via-se nos olhos cheios de ternura e de timidez, e de adoração, com que a contemplava;

« — « Perdoas-me? — exclamou por fim em voz tremula. — Não fui eu, foi um louco, um desgraçado que duvidou! Devia morrer na hora, em que cheguei a acreditar... »

« — « Socegue, Jeronymo. Não é a mim, mas a Cecilia, que ha de pedir perdão. Eu posso ainda amar e ser feliz, mas ella!... » e um suspiro e uma lagrima, preciosas em um coração tão altivo, interromperam-lhe as palavras.

« — « Minha irmã, minha querida Cecilia! » acudiu o mancebo beijando-a na testa de jaspe, e recuando com pasmo da pallidez transparente e do abatimento que notava no seu rosto. » Oh, como padeces! » proseguiu comovido. » Que dôr te cortou a alma por minha causa! Quem ha de consolar-te e fazer-te feliz depois?... »

« — « Deus, e a alegria dos que estimo! » replicou a donzella com tristeza suave, mas profunda. » A culpa de tudo era minha; vim aqui para remediar o que tinha remedio. Jeronymo, perdoa-me um erro que foi do amor, e não do coração? Ambos temos chorado tanto, que não sei qual póde queixar-se mais! »

« — « Mas o teu sangue, o sangue de minha irmã que eu derramei?... »

« — « Não se accuse, do que não faz. Não fui eu metter-me entre as espadas? »

— « Bem, muito bem ! » atalhou o padre Ventura, sorrindo para disfarçar a sensação causada pelo que ouvia, e virando-se para o procurador de S. Domingos. « Visitámos os enfermos, e ficaram sãos. Agora acabemos a obra, tractando de soltar os encarcerados. » Cecilia ! acrescentou com um toque de piedade na voz, então ? sempre persistimos na resolução, que tínhamos ? Sente-se com a força necessaria para ir, e o vêr ? Sei a grandeza da sua alma, mas esta dôr pôde dispensar-se ; e o sacrificio deixa de ser meritorio, se fôr demastado...

— « Meu padre, já disse: tenho animo para tudo. Bem sabe ! A unica alegria, que ainda devia ter, era vel-os felizes e unidos como estão. Agora tenho pressa de dar o ultimo passo... Sou de mais no mundo. »

— « Pois sim ; mas não nos precipitemos com a primeira dôr. » E baixando a voz de modo que só ella ouviu. Acha-se com força para dizer o mesmo no lugar aonde vai ? Não o ama ainda ?.. »

— « Hei de amal-o sempre ! Que importa, neste mundo só Deus, e v. paternidade, o sabem ? »

— « Ha alguem de mais no segredo que nos pôde atreioar, minha filha ! » redarguiu o jesuita meneando a cabeça.

— « Elle ? » acudiu a donzella, cuja pallidez se corou de rosas. « Talvez adivinhe ! »

— « Não, referia-me ao amor, Cecilia. O futuro lhe dirá que não se morre, mesmo na claustração, se o coração deseja viver, e olha para fóra. »

— « Creio em Deus e na sua graça, padre visitador. »

— « Todos cremos. Mas !... »

— « Hei de ter valor... »

— « Da bocca para fóra sim, porem dentro ?... »

— « Vivirei com elle na minha alma ; não é crime ; e cuida que vivo só assim ? »

— « O que receio é que não possa viver sempre. Quer que vamos ? Thereza e fr. João ficaram aqui. Para nós o mais difficil ainda se não fez. »

— « Paciencia ! Não se dá o derradeiro suspiro sem agonia. Não hei de chorar nem tremer ; verás ; e mais é o ultimo adeus. »

— « Filha, filha ! Não prometta ! »

— « Oh, se aquelles soubessem o mal que me fizeram !... Ainda bem que são felizes » disse com as lagrimas nos olhos, e melancolica resignação na voz.

— « Porque não quer vencer-se, e esperar em Deus também ? »

— « Porque acordei tarde, padre, e não está já na minha mão. Não faço falta a ninguém. Thereza fica a minha mãe para a consolar. Vamos ! »

O jesuita deu-lhe a mão sem responder, e foram ambos.

Thereza e Jeronymo, esquecidas as passadas magoas na beatitude presente, estavam tão longe de tudo o que não eram elles e a sua paixão, que não perceberam a saída.

Fr. João, sentado e pensativo, tinha os olhos fitos nos dois amantes, e a idéa ausente com a educanda. Elle é que avaliava bem, mais o visitador, o immenso sacrificio da donzella ; por isso, de momento a momento, uma lagrima corria pela face, e um suspiro saia do peito, quando os labios tremulos murmuravam : — « pobre Cecilia ! »

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

## II

### O POETA.

#### I

D'onde, d'onde te veio a alma de bardo  
Esse genio do céu, que lava ardente  
Mana dos labios, de que salta o fogo  
Em borbotões fervente ?

Teu aerio condão, teu canto aerio  
— Mystico aroma lá do céu descido —  
É flor de encantos, balsamo suave  
Nas chagas desparzido.

Quando em extase doce entre perfumes  
Ergue-te repassado de harmonia  
Arrobado o pensar em teus enlevos  
Aceso se extasia.

Na branda lyra modulando amores  
Que torrentes melodicadas se exhalam  
Das moles cordas d'onde os ais respiram,  
Que só ternuras fallam !

Ou incendiado do fulgor divino  
Aos céus elevas o teu canto terno,  
E vaes em rôlos, qual o pardo incenso  
Erguer-te ao throno eterno.

Como o cysne depois alegre expiras  
Sempre cantando, recendendo amores :  
Ornam-te a fronte do sagrado myrtho  
As immarchaveis flores.



## II

E tu passas sobre a terra  
E cantas até morrer;  
Porém se morres que importa  
Se teu nome ha de viver?  
Canta, poeta, teu canto  
Faz a mente embevecer.

Gostas de tudo que é bello;  
Amas ver a natureza  
Sobre as terras desdobrando  
Seu manto de singeleza,  
Canta, poeta, teu canto  
Inda encerra mais belleza.

Gostas da aurora em seu leito,  
Sobre rosas reclinada,  
Entre os rubis do Oriente,  
De brillhantes esmaltada,  
Erguendo a fronte formosa,  
De perfumes incensada.

Gostas de vê-la abatida  
Ir apressada fugindo,  
Quando o sol lá no horizonte  
Ardente vem resurgindo;  
Gostas de vê-la no occaso  
Ao monte e prados sorrindo.

Gostas da lua de prata  
Em puro céu balançada,  
Ou de vê-la deslizar-se  
De branco véu rebuçada  
No seu coxim de saphyra,  
De mil estrellas cercada.

## III

Quando ruge também nos largos mares  
A fera tempestade,  
Gostas de vê-la rebramando irosa  
Luctar co'a humanidade.

Amas o som do proceloso vento;  
E o mar encapellado  
Alçando as ondas, borbulhando em fogo.  
Contra os céus irritado.

O fuzilar do raio; o rouco estrondo  
Do horroroso trovão;  
E a voz de Deus, que lá resurge augusta  
Sobre a vasta amplidão.

Amas a rocha triste e sem verdura  
Nos mares empinada,  
Onde a vaga reserve furibanda,  
E recua alquebrada.

O ceo envolto em negrejantes névoas  
De fundo dó vestido;  
O combate das nuvens; e dos ventos  
O indomavel rugido.

Das balas o zunir, os mil pelourros  
Os ares estrugindo;  
E as lanças, e as espadas encruzadas  
Ferozes retinindo.

Amas o estrondo da bombarda ardente;  
Dos homens o tropel;  
E o orgulhoso rinehar na audaz peleja  
Do brioso corcel.

## IV

Amas da terra os encantos;  
Amas o brilho do ceo;  
O fulgar das estrellas;  
E da aurora o roseo véo.

Amas tudo quanto é bello;  
Tudo que falla de amor;  
Amas a rosa de nacar;  
A singella e casta flôr.

A relvasinha que cresce  
Sobre os montes de verdura;  
Amas o lyrio a mirar-se  
Sobre a limpha clara e pura.

Amas o rosto innocente  
Da casta virgem formosa,  
Que brilha no meio das graças  
Como nos prados a rosa.

Que tem no peito a innocencia,  
No semblante a formosura,  
Que sobre a face de neve  
Mostra uns longos de tristura.

Amas nos bosques sosinho  
Divagar na solidão;  
Acordar no pensamento  
As magoas do coração.

Amas o mar em bonança;  
O furibundo escarcéo  
Igualando a fronte altiva  
Dos montes ao corucheo.

Amas da guerra os horrores;  
E do gladio o fino corte  
Espalhando nas fileiras  
O horror, gritos, e morte.

Amas tudo quanto é bello;  
Quanto faz estremecer;  
Cantas amores, encantas  
Do moribundo ao gemer.

Es o senhor da harmonia;  
Es o rei da criação;  
Canta poeta! teu canto  
Dá largas ao coração.

## V

E tu soltas o vôo orgulhoso  
Devassando os segredos dos céus,  
E de rojo co'a fronte na terra  
Vaes prostrar-te perante o teu Deus.

Entre valles de amena verdura  
Tu percorres o elysio jardim,  
E descobres as flores eternas,  
E esses prados sem morte, sem fim.

Outras vezes ao longe no espaço  
Tu transportas o acceso pensar;  
E em que mundos, que terras formosas  
Vaes sosinho correr, divagar!

Entre os astros te entranhas vaidoso  
Co'o penhor de teus sacros amores;  
Vaes ao astro de amor, que te afague,  
Vaes a outro pedir seus fulgores.

Canta bardo, teu canto é mais bello  
Que os fagueiros encantos do mundo,  
Amenisa os horrores da vida  
E penetra do peito no fundo.

## VI

E onde habitas, poeta? nas cidades  
Ricas de luxo, de ouropel, de orgulho?  
Lá onde o nobre altivo, recamado  
De oiro e de pedras, do mendigo perto  
Passa sem que o perceba? nos palacios  
Dos fastuosos reis; ou na do humilde  
Apoucada choupana? onde, onde habitas?  
Onde se lançam teus sublimes vôos,  
D'onde tuas azas candidas despregas  
Para com ellas percorrer o espaço?  
Oh! onde pairas?! Onde paira a aguia,

D'onde se atira á terra, onde seu ninho  
Senão além onde não mora o homem  
Nos altaneiros pincaros, nas brenhas  
Inaccessíveis, intractaveis? Onde?  
Senão na solidão, ante as grandezas  
E os palacios eternos do universo,  
Que não erguidos pela mão dos homens?  
Da intelligencia nos excelsos Andes;  
Em seus variados alcantis, lá vive,  
Lá mora a aguia do genio; lá guardada  
Mais que nas fundas, horridas cavernas  
Do Chimborazo, ou do Hymalaia, enxerga  
O mundo sobranceira, embora em roda  
Tenha a miseria esfarrapada e informe,  
O rico desperdiçado, o crime, a inveja,  
Ella em si se concentra — de sua mente  
Nos cerros invisíveis; um sorriso  
De desprezo e piedade ás vezes dá-lhea,  
Outras um pranto, um soluçar amigo.  
E um consolo, e um suspiro; e quem a entende?  
Quem lhe póde sondar do peito em fogo  
O profundo sentir? senão só ella  
E Deus apenas que lhe marca os passos?

Ergue tua fronte, onde lampeja a gloria,  
Alça-te como o cedro na montanha,  
Que os ares vara lancetando as nuvens!  
Nada temes oh bardo, ovante marchas  
Sobre a face da terra; rutilante  
Passas deixando aurifulgente esteira  
No torvo mar da procellosa vida.  
Ergue-te pois! e que te importa o mundo  
Se és um mysterio, se o Senhor fadou-te  
Grande e sublime como a essencia etherea;  
Se no estro em fogo te gravou seu nome,  
Se poz-te n'alma o retratar do Elysio?  
Nauta escapado em tormentoso abysmo  
Do lupanar dos vicios sobrenadas  
No pelago do mundo; a furia arrosta  
Do poderoso rei; regeitas thronos,  
Vingas o pobre, o desvallido amparas;  
Das pranto á dor; o rico menospresas  
Recostado no vicio, em luxo immerso.  
Alça-te pois qual na montanha o cedro;  
Thronos que importam, de que servem galas,  
Se tens tua lyra que murmura amores,  
Que descanta a virtude, odeia o vicio,  
Se tens tua alma a te brotar encantos?

## VII

No meio das ruinas tu fallas sosinho;  
Na lyra revives extinctas nações;  
Em combros te assentas de restos perdidos,  
Lançados por terra do tempo aos tufões.

Com as sombras conversas vagando de noite  
 No só cemiterio:  
 As campas levantas, penetras dos mortos  
 O fundo mysterio.

Do rico sarcophago a lage espedaças  
 O pó sacudindo dos mantos reaes;  
 Escutas seus feitos, nos cantos que formas  
 Seus nomes trespassão da fama os umbraes.

As brisas te afagam, recende perfumes  
 A candida flôr,  
 Os prados se vestem, descantam as aves  
 Só hymnos de amor.

E sonhas, e sonhas; na mente escaudada  
 O fogo rebenta qual rubro vulcão,  
 Em ignea torrente se incende teu peito,  
 E o fundo esbraseia do teu coração.

E sonha, meu bardo! que importa-te a vida  
 De males cercada?  
 O mundo que importa, se além desses astros  
 Tua alma é formada?

A morte... não morres! Condor altaneiro  
 Ao céu remontando teu ninho procuras;  
 O phenix sublime revive mais bello,  
 Mais bello teu nome reluz nas alturas.

## VIII

És o puro ideal da divindade,  
 Bardo — rei de harmonia,  
 — Catadupa precipite correndo  
 Em meio da melodia.

Quando sobre o furor da tempestade  
 Tu surges furibundo,  
 És o archanjo da morte soberbo  
 A escarnecer do mundo.

Entre o fumo no envolto das pelepas.  
 Lá vive teo pensar,  
 Como ardente vulcão que a lava erguida  
 Espalha sobre o ar.

Mas depondo o furor da tempestade,  
 Das guerras o furor,  
 Tu descantas na lyra da ternura  
 Os teos hymnos de amor.

Mandas teos cantos entre mil perfumes  
 Á abobada dos céos,  
 E vaes depor teus sacrosantos hymnos  
 Aos pés do Senhor Deos.

Canta, pois, que teu canto sobre a terra  
 E de Deos o sorriso;  
 Bardo — rei de harmonia — alça tuas vozes  
 Da terra ao paraizo.  
 JOSÉ RAMOS COELHO.

## NOTÍCIAS E COMMERCIO.

*Estadística. — Socios de que a Associação Industrial Portuense se compõe actualmente.*

Commerciaes.	153
Artistas.	202
Fabricantes.	39
Empregados publicos.	91
Proprietarios.	32
Medicina, cirurgia, chymica.	29
Ouvires.	49
Agricultores.	5
Militares.	8

608

*Alumnos matriculados nas suas aulas.*

Total ..... 275

*Designação.*

Na lingua franceza (dia e noite).	252
"    ingleza    "    "	61
No desenho de ornato e figura (dia e noite).	157
Desenho linear (de dia).	39
Na Geometria    "    "	39
Leitura repentina (de dia).	117
Arithmetica — os mesmos alumnos da leitura repentina.	
Calligraphia (de noite).	22

Porto 22 de março, 1853. — Francisco José Coutinho, secretario.

(O Nacional.)

**Maquinas de fabricar alfinetes.** — Mr. Frey, filho, fabricante em Belleville proximo a Paris, appresentou na exposição de Londres uma maquina de fazer alfinetes, em que todas as peças susceptiveis de fricção são de aço ou de ferro temperado, pelo que quasi nunca necessita de reparação. É destinada a fabricar alfinetes de um a tres centimetros. É das mais pequenas construidas no estabelecimento de Mr. Frey, que possui sete modelos differentes desde 5 millimetros até 20 centimetros de comprimento.

Esta industria que á primeira vista parece restricta é comtudo mui importante, porque se faz quasi todo o fabrico por meios mechanicos, havendo mui poucos paizes onde se fabriquem manualmente.

As primeiras maquinas que não custavam menos de 2 o 3 mil francos acham-se agora por 500 francos, e são de uma construcção simples e facil de regular e de montar. No espaço de 10 annos o estabelecimento

de Mr. Frey forneça para França e para o estrangeiro 950 máquinas de alfinetes.

**Abundancia de ouro.** — Segundo o *Observer* de 6 do corrente nos dois dias anteriores tinham entrado na Tamisa quatro navios procedentes da região aurífera da Australia, o *Roxburgh*, o *Chouringee*, o *Alert* e o *Shree Bellis*, cuja carregação no todo ascendia 1.342.712 libras esterlinas. A sua chegada foi objecto de grande curiosidade, assim como a condução do metal precioso para as abobadas do edificio do Banco, indo acompanhado de uma respeitavel força de policia.

As noticias que Londres continúa a receber da Australia em ponto de mineração tocam a raja do fabuloso. N'alguns districtos as excavações não tem dado o resultado que á primeira vista se esperava, mas em compensação apparecem outras minas assás copiosas e ricas.

O commissario do governo escreve de uma comarca proxima de Adelaide o seguinte: — « Windlala Hill e Feltuse Gulix offerecem actualmente grande importancia. Seria difficil fazer uma relação particularizada, não só em razão do numero de casas, como tambem porque a quantidade de ouro que dizem extrahida é de tanto vulto, que seria indiscreto enumerar e n'um documento official sem possuir todas as provas de sua authenticidade. Falla-se de libras de ouro, como dantes se fallava de onças. Pela minha parte posso asseverar que tenho visto pessoas adquirirem um ganho enorme, o que junto á extraordinaria actividade e energia com que proseguem os trabalhos naquelles districtos é uma abonação da verdade do que se refere. »

**Milho exportado da ilha de S. Miguel, no mez de fevereiro de 1852.** — Patacho *Respoio*, para Cork, com 314 moios, e 50 alqueires. Patacho *Alvacora*, para Cork, com 230 moios, e 43 alqueires. *Hiata Roa-Fé*, para Cork com 180 moios, e 43 alqueires. Escuna *Belmira*, para Cork, com 285 moios, e 20 alqueires. Escuna *Agua Rest*, para Cork com 141 moios, e 20 alqueires. Escuna *Albiana*, para Cork, com 248 moios, e 20 alqueires. Escuna *Bridesmaid*, para Cork, com 309 moios, e 56 alqueires. Escuna *Silla*, para Cork, com 235 moios, e 45 alqueires. Escuna *Turk*, para Cork, com 121 moios, e 45 alqueires. Escuna *Eidsvald*, para Cork, com 209 moios, e 45 alqueires.

Total 2.276 moios, e 19 alqueires.

N. B. Os primeiros 5 navios são portuguezes, os 4 abaixo inglezes e o ultimo norueguez.

**Incendio no paço real em Londres.** — Na noite de 13 do passado, algumas horas depois da chegada da familia real a Windsor, rebentou um violento incendio no aposento particular da torre do principe de Galles. A rainha e seu esposo tinham jantado, e na magnifica sala gothica, depois do que se retiraram para uma sala contigua, onde um espesso fumo os advertiu do incendio, que parece ter-se communicado ao amadeiramento da sala da comedia por um tubo de calice que estava collocado nas cavas da torre do principe de Galles, para aquecer aquella sala gothica.

As onze horas estava o incendio no seu auge, e só se extinguiu ás quatro horas, depois da chegada das bombas da capital, que concorreram em auxilio das de Windsor. Setecentos fuzileiros da guarda seguidos do 2.º regimento de guardas correram logo, apresentando-se os soldados em todos os pontos arriscados.

O interior da torre do principe de Galles ficou reduzido a cinzas, e a torre de Brunswick tambem soffreu muito, tendo sido presa das chammas a sala gothica, e uma dozeana de cameras. A perda foi grande, salvando-se contudo os quartos onde estava a grande baixella de ouro e prata, e toda a rica mobilia do salão vermelho.

O principe Alberto esteve sempre no theatro da sinistria. A rainha e a familia real refugiaram-se na ala do sudoeste do castello, onde passaram o resto da noite.

### THEATRO DE S. CARLOS.

[1.ª representação da opera *Sampiero*.

Com muita satisfação registamos o exito brilhante e completo que teve a nova opera em 3 actos *Sampiero*, do maestro sr. Xavier Mignoni, representada pela primeira vez na noite de segunda feira 4 do corrente.

Não nos julgando sufficientemente habilitados por uma unica representação para emittir uma analyse sobre este *partito*, reservamo-nos a faze-lo no proximo numero, limitando-nos hoje a dizer que a opera do sr. Mignoni está escripta com muito gosto e profundo saber, e que não obstante ser a primeira do seu auctor, já lhe assegura, na nossa opinião, um lugar honroso entre os mais distinctos *maestri* contemporaneos.

As primeiras partes foram confiadas a *Madame Rossi* Caccia, e aos *ars.* Prudenza, Bartolini, e delle Aste, que todos se esmeraram como á porta no seu desempenho, e rivalisaram entre si para corresponderem aos desejos do compositor. Ao sr. Bartolini coube a parte importante do protagonista, que lhe proporcionou occasião de adquirir mais um titulo á reputação de artista consummado, que tem mercenariamente grangeado entre nós.

Diversas foram as peças applaudidas no decurso da representação, e no fim della foi o sr. Mignoni chamado repetidas vezes ao proscenio no meio de brayos entusiasticos e applausos geraes.

DEMETRIO RIPAMONTI.

### NOVO CURSO DE LINGUAS.

O professor A. Galeano-Bavara abre um terceiro curso das linguas Italiana, franceza e ingleza estudadas juntamente por um novo methodo practico.

Os cursos são divididos em 12 lições, 3 cada semana, ao preço de 2:400 rs. adiantadas.

A primeira lição terá lugar no sabbado 2 de abril ás 8 horas.

As assignaturas recebem-se em casa do professor, largo de S. Carlos n.º 5, 2.º andar.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SA.

NUM. 40.

QUINTA FEIRA, 14 DE ABRIL DE 1853.

12.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

**CATALOGO DOS MANUSCRIPTOS DIPLOMATICOS DO MUSEU BRITANICO DE QUE POSSUE COPIAS O EXM.<sup>o</sup> SR. VISCONDE DE SANTAREM RELATIVOS A PORTUGAL.**

(Continuado de pag. 459.)

146.<sup>o</sup>

1579-1580 MARÇO 15 — Instrucções dadas por lord Burleigh a sir Henry Cobham sobre os negocios de Portugal, e resposta á carta que o mesmo diplomata lhe tinha dirigido.

147.<sup>o</sup>

1580 MARÇO 25 — Relatorio de sir Henry Cobham dirigido a lord Burleigh sobre as suas negociações relativas aos negocios de Portugal.

148.<sup>o</sup>

1580 MARÇO 28 — Paris — Carta de sir Henry Cobham, embaixador de Inglaterra, a lord Burleigh, participando-lhe a noticia da reclamação que el-rei de França tinha dirigido á côrte de Roma sobre o procedimento violento que Philippe II empregara contra Portugal.

149.<sup>o</sup>

1580 ABRIL 13 — Paris — Carta de sir Henry Cobham a lord Burleigh a respeito dos negocios de Portugal.

150.<sup>o</sup>

1581 (?) — Carta de D. Antonio prior do Crato a Henrique Knowles sobre o apresamento de

alguns navios portuguezes que iam para os portos de Hespanha.

151.<sup>o</sup>

1581 SETEMBRO 2 — Despacho de lord Burleigh a um dos embaixadores d'Inglaterra em Paris, concernente ás negociações destes para uma liga sobre os negocios de Portugal.

152.<sup>o</sup>

1581 OUTUBRO 2 — Carta de D. Antonio, pertendente á corôa de Portugal, dirigida a Henrique Knowles para se mandarem certas tropas.

153.<sup>o</sup>

1581 NOVEMBRO 7 — Carta de Henrique Knowles ao conde de Leicester sobre as demoras dos navios etc. (relativa a Portugal).

154.<sup>o</sup>

1581 NOVEMBRO 16 — Carta d'Edwardo Pryn ao conde de Leicester relatando-lhe o estado das coisas na ilha Terceira e ácerca de D. Antonio (é datada d'Angra).

155.<sup>o</sup>

1583 JANEIRO 30 — Carta de sir Ed. Statford, embaixador de Inglaterra em Paris (segundo parece) a sir Francis Walsingham sobre D. Antonio.

156.<sup>o</sup>

1587 NOVEMBRO 29 — Objecções apresentadas pelos commissarios que iam aos Paizes-Baixos a respeito de D. Antonio.

157.<sup>o</sup>

1589 (?) — Discurso sobre o auxilio que a In-

glaterra devia dar a Portugal e aos Paizes-Baixos.

158.º

1589 JUNHO 30 — Declaração das razões por que os navios inglezes capturaram alguns navios suecos que transportavam trigo e provisões de Noruega para Lisboa.

159.º

1590 (?) — Relação dos tribunaes de Hespanha, Portugal e das Indias.

160.º

1590 AGOSTO 24 — Carta da rainha Isabel de Inglaterra a M. Barton seu agente em Constantinopola a favor de D. Antonio.

161.º

1590 AGOSTO 24 — Carta da mesma rainha ao Gran-Senhor em favor de D. Antonio.

162.º

1590 (?) — Minuta de uma carta da rainha Isabel ao Gran-Senhor exhortando a que exigisse do rei de Marrocos o cumprimento da sua promessa de dar um subsidio a D. Antonio expulsado do throno de Portugal por Philippe II.

163.º

1590 (?) — Carta de Muley Amet Xarife, rei de Marrocos, á rainha Isabel de Inglaterra, desculpando-se de não ter respondido mais cedo á sua requisição em favor de D. Antonio (é uma traducção).

164.º

1595 JUNHO 13 — Relação mandada de Lisboa ao secretario Cecil, sobre os preparativos militares que se faziam neste porto com receio de um ataque de sir Francis Drake.

165.º

1604 — Nota sobre os objectos em que os negociantes inglezes traficam com Hespanha e Portugal, offerecida ao conselho privado para ser attendida no tratado de Amizade com Hespanha, acompanhada de um requerimento dos mesmos, pedindo que se dessem providencias contra os vexames da inquisição.

166.º

1605 — Carta de sir Charles Cornwallis aos ne-

gociantes e feitores inglezes estabelecidos em Lisboa.

167.º

1605 AGOSTO — Carta dos lords do conselho de Inglaterra ao vice-rei em Portugal.

168.º

1606 — Causas por que se acharam presos em Lisboa, William Squise e Thomaz Taylor, feitores inglezes. Reclamação de sir C. Cornwallis sobre este assumpto.

169.º

1606 — Documento sobre os prisioneiros que foram postos em liberdade em Lisboa por ordem de el-rei de Hespanha em consequencia da intervenção de sir C. Cornwallis.

170.º

1608 — Memorial sobre o imposto de varios milhões em Portugal.

171.º

1613 OUTUBRO 15 — Carta do tenente Stacford, e relação do piloto Mullineux a respeito do apresamento de um navio inglez das Indias, e da perda de outro chamado *Hector* apresado pelos portuguezes.

172.º

1661 (?) — Ordem do ceremonial que se devia observar no recebimento da sr.ª D. Catharina rainha de Inglaterra (este documento é incompleto e não tem data).

(Continúa.)

#### DA VENDA DOS GENEROS.

Tem grande influencia na economia agricola a venda dos generos, sendo feita como as devidas circumstancias exigem. Por isso o administrador ou feitor das propriedades ruraes tirará muita conveniencia de frequentar as feiras e mercados, para obter conhecimento das compras e vendas tanto de cereaes como de gado nos pontos onde ellas se effectuam mais frequentemente e em maior escala.

É preciso attender ás occasiões e modo de vender os generos, visto que são varias as circumstancias que podem levantar-lhes os preços. Exporei as principaes: — 1.ª escacez por falta

de colheita: — 2.<sup>a</sup> escacez por exportação para o estrangeiro: 3.<sup>a</sup> maior consumo pela passagem de tropas; para os grandes mercados etc.; — 4.<sup>a</sup> resultado de acontecimentos politicos. — O agricultor deverá tel-as em vista, afim de lhe não escaparem as boas occasiões que se lhe offerecerem. Não deverá, porém, o agricultor dar saída a todos os seus generos para o exterior; antes attenderá a que o mercado nacional fique sempre bem provido.

O trigo e mais cereaes não devem ser vendidos logo depois da colheita; nem tão pouco se ha de esperar pela primavera immediata. A venda do trigo e do centeio se fará em quatro epochas do anno, dividindo o total da colheita em quatro porções, para apanhar todos os tempos em que teem mais saída sendo mais procurados nos mercados do consumo. — Não convém logo depois da colheita, por isso que ainda se não fixaram os competentes preços; é também máu guardar tudo para a primavera do anno seguinte, porque então os compradores calculam o que podem esperar do estado das searas; e se as acham florecentes promovem uma baixa no preço dos generos, que não será indifferente ao cultivador.

Por consequencia, a primeira porção será vendida no mez de outubro, a segunda em janeiro e fevereiro; a terceira em maio; a quarta se reservará até depois da colheita; e se esta fôr abundante venda-se logo; se fôr escaça servira para acudir a qualquer precisão que possa sobrevir imprevistamente.

Quando o lavrador tiver uma porção que lhe não convenha vender assim repartida, por causa da pequena quantidade, esperará somente pelo tempo mais opportuno, em que o preço lhe convenha.

De outro modo se ha de proceder quanto ao milho, com o qual é necessario maior cautela, porque alguma imprevista causa do tempo pôde obrigar os camponeses ou colonos a carecer delle e a recorrerem ao fazendeiro proprietario para lh'o subministrar. Suppondo que seja em tal porção que ainda sobreje das necessidades de seus camponeses, dividirá a venda em tres partes, dando saída a duas em os mezes de fevereiro e de maio, e conservando o restante para o que já dissemos. Depois da colheita seguinte, caso que seja abundante, passará a desfazer-se de todos os cereaes velhos e ainda assim com a devida segurança.

A cevada e aveia podem vender-se de outubro até junho em tres partes iguaes, não sendo

estes generos de grande importancia; attendendo, comtudo, ao tempo mais proprio, que pôde ser por fins de junho etc., conservando para então a maior quantidade, porquanto acontece freqüentes vezes serem muito procurados.

O arroz também ha de vender-se em cinco partes iguaes, afim, como já dissemos de apanhar todos os preços, que no seu complexo darão bom resultado. A primeira porção se venderá nos mezes de outubro e novembro, a segunda nos de dezembro e janeiro, a terceira nos de fevereiro e março, a quarta nos de abril e maio; a ultima partida ficará de retem para os casos que possam acontecer perjudiciaes à vegetação dos arrozacs. Sendo visitados em agosto, e vistos os indícios de boa colheita se procederá á venda do arroz velho; examinando-se que será má a colheita, se conservará aquelle para occorrer ás necessidades supervenientes.

É sabido ser o azeite de oliveira o mais excellente e mais procurado não só para as manufacturas como para uso na comida. Não se deverá vender todo, e antes de effectuar a venda cumpre indagar o estado da colheita de todos os outros oleos ou azeites, que se faz mais cedo, e ver que quantidade produziram e que preços obtiveram no mercado e praças commerciaes.

Constando que o azeite de nabos e de couve colza, bem como o de purgneira e o oleo de nozes tiveram escaça colheita, e seus preços subiram, teremos por certo que muito mais levantará o do azeite de oliveira, precisando-se dividir a sua venda em secções. Porém sempre o cultivador conservará uma terça parte, para ficar a coberto e observar como vae a colheita futura; pois que a oliveira é mui sensível aos danos causados pelas nevoas que de um instante para o outro a deixam sem fructo. Em tal caso aquella terça parte será o supprimento de um anno para o outro, estando assim prevenido o agricultor para todas as eventualidades, ao passo que a todo o tempo poderá realizar a venda, por ser o azeite um genero que tem saída em todas as épocas e sempre por preços comparativamente consideraveis.

Os vinhos de latada e os provenientes de vinhas situadas em logares baixos e húmidos, não devem demorar-se além do mez de fevereiro. Os vinhos brancos convém pô-los com dono antes do mez de maio. Portanto, os vinhos de segura conservação se podem dividir em tres partidas, para vender a primeira desde o mez de fevereiro até principio de maio, tempo em que as cepas

mostram as esperanças da colheita; se promette abundante vindima, passar-se-ha a vender logo a segunda partida. E se a florescencia das vinhas pelo meado de junho vier em dias serenos e propícios se poderá vender também a terceira partida. Mas, se a vinha não dá em maio esperanças, e no meado de junho sobrevierem dias nevoentos e chuvosos, muito prejudiciaes ás videiras, não se procederá á terceira venda.

Ha vinhos que adquirem valor por serem velhos; para estes poderá retardar-se a venda para occasião opportuna. Para esta qualidade é necessario ter uma *cava* ou adega subterranea, que conserve sempre a mesma temperatura; também os outros vinhos, ainda que sejam de inferior qualidade carecem de similhante local para se conservarem sem agua-ardente.

Quando as terras em que estão situadas as fazendas ficam longe dos logares onde costuma fazer-se o mercado, procede-se a respeito de certas vendas como se fosse um leilão. Assim pratiquei para a venda dos porcos cevados. Em primeiro lugar fiz constar que os tinha para vender; correu esta voz pelas povoações e começaram a concorrer compradores, aos quaes marcava o mesmo dia de venda, sem que um podesse desconfiar do outro, e com palavra de não faltar, pois que depois do tal dia eu tinha de sahir para fóra. — Chegou o dia, dirigi-me ao sitio que indicára, e lá se ajuntaram todos os compradores: á hora determinada dei principio á venda em fôrma de lance e consegui vender por grosso os porcos a razão de 11\$500 rs.; preço que nunca se poute obter nas praças dos mercados, e sem metter em linha de conta o incommodo e despesas de conducções. Tinha eu experimentado, antes de effectuar a venda assim como fica dlto, fazer remessas de dois cevados para Lisboa, Palmella, Azeitão, e Setubal; porém, estes quatro mercados nunca chegaram a dar-me mais de 8\$000 a 9\$000 rs., carregados além disso com as despesas de homens, conducção, comida, e dias perdidos.

Para os cereaes também cumpre procurar o meio de vender na propria localidade ou casa. Porém, para isso é necessario que a quinta possua bons celleiros, espaçosos e adaptados aos productos da mesma. Estes celleiros deverão ser collocados em primeiro andar, e não em o chão, porque a humidade prejudica muito os cereaes: hão de ser bem ventilados, quero dizer terem janellas na direcção dos ventos mais frescos, como os que sopram do norte e da parte do nascente.

O pavimento ou soalho deverá ser de tijolo e o tecto de folha de ferro ou forro coberto de estuque, ou também sem nenhum destes e sómente com um bom telhado de madeiramento; terá por todas as paredes até certa altura um reboco solido e liso, para os ratos não poderem escapar-se, e se apanbarem com facilidade, introduzindo de vez em quando um gato que os destrua.

GAGLIARDI (João).

(Continúa.)

#### COMPATRIOTAS.

Publicamos com muito gosto o convite do sr. Aniceto Ventura Rodrigues, para converter em propriedade de uma sociedade por acções o giro do seu bello estabelecimento de lanificios situado no Campo Grande.

O sr. Ventura Rodrigues é um dos nossos mais benemeritos fabricantes, e honra não só a industria mas também o nome portuguez.

Seria util que os capitaes associados por esta fôrma realisassem um pensamento glorioso para o sr. Ventura Rodrigues e para o nosso paiz.

Fazemos votos para que os nossos desejos a tal respeito se realizem tão plenamente quanto o merece o honrado e intelligente fabricante a quem nos referimos.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

O abaixo assignado, proprietario da fabrica *Lusitania* de lanificios, movida por vapor, sita no lado oriental do Campo Grande n.º 17, foi para Inglaterra em janeiro de 1819, na idade de 15 para 16 annos. Chegou a Liverpool, e seguindo por Manchester, localisou-se em Leeds, no condado de York, centro das manufacturas de lanificios. Naquelle tempo poucas eram as fabricas movidas por vapor, que havia naquella villa. Viu-a crescer em edificios e populações, mais de metade. Viu edificar mnitas fabricas, para a manufactura de pannos, e para a fiação do linho. Viu a invenção e desinvolvimento de maquinas, sendo sempre dos primeiros a usar das novas invenções, de que tirou sempre bom resultado, muitas vezes introduzindo-lhes melhoramentos, elle mesmo; porque pela pratica é sabido, « que a necessidade é a mãe da invenção. »

Continuou a residir naquella local, á testa e dirigindo uma fabrica de pannos, isto unido com outro, até 30 de junho de 1832.



No 1.º de julho do mesmo anno, principiou por sua conta o negocio em outra fabrica.

Em 1835, em companhia de alguns amigos inglezes, saiu de Leeds pelo caminho de ferro, então completo até Selby e Hull, e de lá até Londres. Depois de vêr daquella moderna Babilonia, o que havia de mais notavel, partiu para França; chegando a Paris, viu o que se podia vêr daquella cidade, regressando a Leeds. No anno seguinte 1836, veio a Lisboa pela primeira vez, depois de deixar o seu paiz natalicio, visitar um mano que tinha nesta cidade de Lisboa, negociante.

Idistado por elle, propoz-se a fundar uma fabrica de lanificios, e visitando nessa occasião os arrabaldes de Lisboa, d'Alcantara até Sacavem, procurou local apropriado para o seu intento. Tambem visitou Alcobaça, Alemquer, Azeitão. Quiz comprar a fabrica de papel d'Alemquer, o que não pôde conseguir, porque, nem o governo, nem a companhia, que tinha trabalhado a mesma fabrica, a podiam vender. Talvez que s. ex.ª, o sr. José da Silva Carvalho, então ministro, a quem falei no edificio, e mais o sr. Roma, a quem s. ex.ª me enviou, para receber informações a tal respeito, se lembrem deste incidente.

Ao sr. Miranda, offereci em metal sonante, 20:000,000 rs., que naquelle tempo havendo papel moeda (me parece) era alguma coisa, pela fabrica, e terrenos que elle possuia em Azeitão: não me foi acceita a offerta, e ao depois, sendo informado que o local, desde Coyna até Azeitão, era um berço de seções, voltei as minhas vistas para outro local, fugindo da borda do nosso soberbo Tejo.

Antes de partir para Inglaterra, fui á sempre real, e industrial cidade do Porto, atravesssei a nossa bella provincia do Minho.

Aqui peço licença para divagar, e dizer que o celebre viajante, Silk Buckingham, que viajou a Asia toda, referindo-se á provincia do Minho em Portugal, diz que não encontrára em parte nenhuma do mundo sitio que mais se assimilhasse á descripção dada na Santa Biblia da antiga Palestina, no tempo da sua maior florescencia, como a provincia do Minho.

De Valença, entrei em Hespanha por Tui; voltei ao Porto, e de lá a Lisboa, embarcando então para Inglaterra.

Voltei a Lisboa em 1837, e em maio comprei a quinta que possuo no Campo Grande, com a teação de alli fundar a minha fabrica, desde os

alicerces; e posto que não tivesse em abundancia agua potavel, depois de ser bem informado, que o Campo Grande nadava em agua, elemento que me era necessario, fui para Inglaterra outra vez e lá principiei a executar o meu plano, continuando ao mesmo tempo com o meu negocio. Comprei o maquinismo necessario para pôr em andamento uma fabrica de lanificios em ponto grande.

Isto sósinho, ajudado sómente pelo mais puro amor patrio.

Levou-me até 1840 porque o maquinismo saía de Inglaterra por contrabando. Depois de cá ter na alfandega, como — ferragens — o que então me parecia necessario, vim a Lisboa onde cheguei em fins de maio, trazendo comigo um engenheiro, para me montar o engenho de vapor, eixos etc. Foi nesse anno de 1840, que lancei os alicerces á minha fabrica e em seis mezes completei o primeiro pavimento, sendo o edificio á prova de fogo, com vigamento de ferro, abobadas de tijolo etc.

No dia 7 de dezembro saí outra vez para Inglaterra, tratar do meu negocio e engajar operarios para vir pôr a minha fabrica em andamento: cheguei a minha casa em Leeds, dias antes do Natal, graças ao caminho de ferro; oiço que haviam maquinas aperfeiçoadas e em trabalhos, em cuja invenção a Inglaterra, França, Allemanha e Estados Unidos da America do norte, tinham andado por espaço de 20 annos que eu sabia. Não quiz vir sem ellas; effectuei a sua acquisição, levando-me isto até 1842. Falei e predizpuz operarios, e em junho, á testa de dezeseis operarios parti para Lisboa. Isto feito por mim sósinho, torno a repetir e com o meu capital, ganho com o suor do meu rosto! No 1.º de julho, desembarquei em Lisboa, com saude e bello espirito, e o meu bando inglez de operarios. Em poucos dias já tinha pannos, e casimiras promptos para o mercado. Continuei com o fabrico, ensinando operarios, levantando ao mesmo tempo mais dois andares, com os materiaes de ferro, tijolo, pedra e cal, á minha fabrica.

Tendo feito isoladamente, tudo quanto podia, agora para dar o desenvolvimento de que é susceptivel o meu estabelecimento

#### PROFONHO :

Que se forme uma companhia, na qual eu entrarei, com todo o meu capital, que tenho na minha fabrica, sita no Campo Grande, por ava-

liação de peritos, nomeados pelas duas partes contratantes.

Que esta tenha o capital de rs. 120:000\$000, dividido em 2400 ações de rs. 50\$000 cada uma.

Que logo que tres quartas partes do capital estiver preenchido, por subscriptores, seja chamada uma assembléa dos accionistas, para discutir os estatutos, que deverão reger a mesma companhia, e pôr-se em activo andamento.

Patricios, portuguezes! Aqui tendes vós o que se vos não apparece todos os dias — os campos arroteados, lavrados, e preparados para se lhe lançar a semente, e colher-lhes o fructo. Que eu tendo sido o cultivador, já colhi em primeiro logar, e vos posso affiançar será abundante, abundantissimo.

Confiai em mim! Eu me proponho a partilhar o fructo com vós outros, e mostraremos ao mundo, que os portuguezes são homens capazes de tudo emprender, e mui principalmente no que diz respeito á arte fabril, e mechanica.

Campo Grande, abril 4 de 1853.

*Aniceto Ventura Rodrigues.*

## PARTE LITTERARIA.

A NOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XLI.

SOU REI!

Saindo do castello com Cecilia, o jesuita dirigiu-se ao paço da Ribeira, para onde o principe real mudara a residencia, apenas falleceu Pedro II. Pelo caminho, em quanto rodava a sege, ora trepando, ora descendo as ingremes e tortuosas ruas da cidade, o padre Ventura repetia as ultimas advertencias á educanda, apropriando as palavras ao seu estado, e interiormente admirado da fortaleza do seu espirito. Em annos feitos para se escutar mais a paixão do que o dever, a irmã de Thereza não deixava escapar o menor signal, que traísse a dor profunda e incuravel, que a tinha trespassado. Como d'antes, o sorriso era nos seus labios sereno apesar de melancolico; a dôçura e a resignação da alma liam-se-lhe nos olhos meigos e reflexivos, ao passo que uma sombra de tristeza caíndo como véu ligeiro sobre as feições, augmentava o interesse ao semblante pallido, e

exprimia uns longes da saudade, com que o coração diz sempre adeus na flôr da vida aos sonhos, que foram a sua esperanza e alegria.

Quem a houvesse conhecido primeiro, e a contemplasse agora, debalde buscaria na physionomia séria e pensativa de Cecilia aquella graciosa mobilidade, e espirituosa animação, que faziam a seducção e o encanto da sua belleza; a magoa, passando, apagara os risos e as rosas. As pupilas negras, cujo brilho fascinante se molhava no fluido suave da ternura, tinham perdido o color e a luz; e se acaso se volviam ao céu, ou por momentos faiscavam, baixando-se á pressa, turvas das lagrimas mal queimadas, escondiam a nuvem sob as palpebras, languidas com o peso da angustia. Ao visitador nenhuma destas mudanças se occultava, e habil em apreciar a extensão do golpe, pasmava consigo mesmo da grandeza moral, capaz de supportar o infortunio com o heroismo do silencio, exacerbando as proprias penas para minorar as alheias, e chorando dentro da alma a viuvez eterna dos affectos, sem que o sangue do seu pranto, e a dor que o derramava, arrancassem um queixume á boeca, nem á vontade uma só fraqueza!

— « Meu Deus! — dizia consigo o jesuita pensativo, — que insondavel mysterio é a vida humana, e como o mais velho e experiente no conhecimento das paixões fica pequeno e humilde a cada instante! Cuidei que sabia alguma coisa do coração, porque o estudei primeiro em mim, e depois nos outros. Vaidade das vaidades! Uma criança ignora talvez menos. O forte succumbiu, e prostrou-se á desgraça; o soldado firme em desafiá a morte, não se atreveu com medo da solidão a separar-se do seu amor, e uma doncella, melindrosa, cheia de illusões, na flôr da formosura, no maior extremo da ternura, ocheu de repente o animo dos heroes, e a abnegação dos martyres! Hontem ella é que tremia; hoje ella é que nos consola!... Aonde estará o segredo disto?... »

Como se advinhasse as meditações do visitador, Cecilia ergueu para elle a vista, e disse-lhe com o delicado e triste sorriso, que tanto punha nos seus labios:

— « Se me affirmassem, padre Ventura, que isto havia de ser, e que eu resistia, e tinha forças para vir aqui, e para tornar a vel-o e escutal-o, sabendo elle que o amo, sabendo eu o amor com que me estremece, dizia que era impossivel, e protestava morrer primeiro. E veja! Sou de todas as créaturas a mais infeliz, porque no-

mundo aonde cabe o mendigo, não me cabe o coração; e assim mesmo posso com a cruz, trago os olhos enxutos, e a saudade corta-me, e não me mata!»

— «Louve a Deus, filha, e creia na sua bondade!» respondeu o jesuita com os olhos arrastados d'agua. «Elle gradua-nos as forças conforme o sacrificio.»

— «Creio em Deus, padre visitador, e hoje mais que nunca! Quer que diga? No céu, aonde não ha reis nem principes, aonde é tudo amor e jubilo, o esposo hade unir-se á esposa, e aquelles que as soberbas vãs do mundo separaram não hão de fazer senão uma só alma e uma só paixão. Creio em Deus, peço-lhe fé e conformidade, para resurgir da sepultura, em que vou penar, nos braços dos seraphins, cantando os louvores eternos, e velando em espirito e sem crime por quem... tinha nascido para mim, se um reino e um povo não fossem mais do que o extremo de uma mulher. No excesso do amor acho até a magoa doce, porque o meu sacrificio, é para elle ser livre e poderoso; é para elle reinar como um grande principe!... A mim basta-me a saudade!... e a noticia, de que no throno se lembra alguma vez do tempo, em que... sonhamos sem saber o perigo!»

O padre Ventura tinha tudo disposto no paço para conseguir o bom exito do seu plano. Diogo de Mendonça, que tomava a peito a sorte de Jeronymo, mas com as precauções de habil cortezaõ, encarregou-se de lhe proporcionar uma audiencia mais á educanda; e instruido na verdadeira causa da ira de sua magestade, acrescentou com um sorriso e um movimento de hombros particular, que se iam acalmando os mares, e que o bemfazejo coração de el-rei não resistiria ás supplicas de uma menina formosa e compassiva. O conde de Aveiras, e D. Luiz de Athaide, desejosos de concorrerem da sua parte para a soltura do mancebo, e o primeiro zeloso como amante em cumprir as ordens de Catharina, ajustaram acompanhar a donzella até á porta do gabinete do principe, occultando-lhe o nome, e esperando a occasião, que a sabedoria do visitador julgasse mais opportuna para ser introduzida. Ao mesmo passo, e sem nenhum delles o suspeitar, o corregedor do crime, aproveitando a entrada, que o seu genio, e a sua veia chistosa, lhe davam com o soberano, perdeu o receio desde que teve nas mãos o papel escripto pelo noivo de Thereza, e sem demora expoz a cabeça resolutamente ao temporal, sustentando contra as já mi-

noradas repugnancias do monarcha uma contestação, que faria empallidecer os aulicos de officio, se assistissem á pratica, que a esta hora se estava travando entre o principe e o vassallo!. Tudo conspirava por tanto a favor de Jeronymo; e como succede não raras vezes até os acaesocafiam para o lado delle!

Desde que ha intelligencias em uma praça, é indifferente entrar pelas portas ou por uma das brechas. Foi o que aconteceu ao padre Ventura, e a Cecilia logo que chegaram diante dos officiaes menores da casa. Munidos do competente aviso nenhum delles poz difficuldades; e ate o porteiro da canna arregaçou os circulos das tres barbas para dar um gracioso ar de riso ao plenilunio da face, cumprimentando a devota roupeta de Santo Ignacio, de que era irmão indiguo. El-rei deitava em um gabinete, que abria para a sala da gallé por um dos lados, e deitava sobre o eirado pelo outro. Os archeiros de guarda tinham ordem de deixar passar o secretario das Mercês, logo que satsse o corregedor do crime, e o camarista de semana conde de Aveiras, esperava com o ministro, (bastante impacientes já os dois), que terminasse a conferencia do Camões com sua magestade.

Na corte até o relógio é origem de ciumes e inquietações. O tempo concedido a qualquer subdito, sobre tudo notando-se a boa sombra do soberano em o receber, é calculado escrupulosamente pelos augures, e serve-lhes de regra afim de graduarem pelos quilates do valimento o odio espontaneo e a curvatura de dorso, que se deve ao ditoso mortal assim honrado. Diogo de Mendonça, que estava a merecer, e que sabia que tinha grandes inimigos, ensarilhava os dedos uns nos outros, silenciosamente, com a pasta de baixo do braço. O conde, que era amante e confidente, tinha pressa de fazer um serviço agradavel á sua noiva, e de colher um segredo no caso de existir. Ambos, pois, e por motivos bem diversos, encommendavam pouco a Deus a pessoa do Camões, mostrando no rosto se não cuidado, ao menos alguma apprehensão.

Neste momento é que o jesuita appareceu, trazendo pela mão a educanda, cuberta com o seu véo, e tremula de todas as comoções, que deviam combatel-a em tal logar, e proxima a entrar n'um lance para que se tinha preparado, mas que assim mesmo lhe suffocava o coração. Apenas os passos subteis do seu alliado esbórregaram ao de leve pela alcatife, e o sorriso fino e penetrante daquelles olhos italianos lhe fez uma

interrogação, o secretario das mercês adiantou-se; e depois de beijar na testa a neta de Lourenço Telles segundo o costume, e de a confiar á protecção do conde e de D. Luiz (que passeiava perto) pegou pela mão ao visitador, correu a vista em redor de si com vigilancia, e pondo os dois hombros direitos (caso raro!) encaminhou-se sem mimica para um quarto reservado, fechou a porta, e atirada a pasta com arremesso para cima da mesa de reposteiro vermelho, disse, meneando a cabeça e olhando fito:

— « Sabe v. paternidade que eu dava muito dinheiro para estar outra vez em Hollanda, apesar da humidade e da maldita sopa de cerveja? »

— « Porque? » redarguiu o padre, investigando-o com o olhar prescrutador que lhe dirigiu. « Acha-se em perigo aqui? Sua magestade já entrou em Salento ou mandou tirar para o estudar o papel de Idomeneo? »

— « Salento é uma historia! Antes Salento! Sabe que mais? Roque Monteiro tenho medo que venha acima da agua, e que me deite ao fundo a mim com dois penedos aos pés. Falei a el-rei no caso das cartas de Saboya; disse-lhe o que ajustamos; ouviu-me tocando tambor sobre a copa do chapeo; e creio que não rio pouco da triste figura que eu fazia. Demonio! Depois despediu-me com um tom muito serio, acrescentando — que elle examinaria! — O que ha de elle examinar? Não sente nisto as pegadas do lobo? »

— « V. s.<sup>a</sup> é apprehensivo de mais. E o papel deu-lho? »

— « Certamente. Fechado e lacrado como o recebi das mãos de v. paternidade. »

— « Muito bem! » concluiu o jesuita serenamente.

— « Muito bem? Muito mal, digo eu! Ha dois dias, que não pude ainda tirar de el-rei senão um aceno de cabeça muito leve. Estou á espera que á saída do despacho... Sua magestade se lembre de me pôr de cama e meza em uma das suas torres. Esta demora com o corregedor do crime... »

— « Melhor o ha de fazer Deus! » atalhou o jesuita sorrindo.

— « O desafogo de v. paternidade é que agradeço! » accudiu o ministro exaltando-se. « É verdade que quem vai para a cadêa e quem padece, sou eu só. Porém mereço-o pela minha nimia boa fé. Metti-me como um parvo na bocca do leão... »

— « Pelo contrario parece-me que se tira »  
— disse o padre, dando ao rosto uma sombra de ironia.

— Parece-lhe a v. paternidade? Pois a mim não! E o caso de ir de alcapões abaixo em S. Julião ou no Bugio não se resolve com a vaidade de meras conjecturas. Tambem ao conselho da fazenda pareceu a semana passada que dois e dois eram cinco, e el-rei poz-lhe por cima em bella lettra que eram quatro!... »

— « Póde ser. O conselho devia soímmar. Mas quanto aos papeis sei de certo que el-rei já os tem examinado. »

— « V. s.<sup>a</sup> sabe e não teve dó de mim, tirando-me da afflicção, em que me vê? » exclamou o ministro erguendo os braços com vehemencia, e pondo depois os oculos á pressa. « Pois eu não sou tão discreto, e por isso direi... »

— « Que os regimentos para o governo da America foram assignados ante-hontem, e estão a expedir-se? Não me queria dizer isto? » interrompeu o visitador placidamente.

— « Queria, queria; mas!... Tomára eu saber aonde se mettem os curiosos, que informam a vossas paternidades? Toem olhos e ouvidos em toda a parte. »

— « Não se admire. É porque fazemos pouca bulha, e cabemos em qualquer lugar. Sei o muito que a companhia deve neste negocio a v. s.<sup>a</sup>; e não lhe occulto que era o maior que podia ter no tempo actual. Agora vou mostrar-lhe que não somos ingratos, nem menos zelosos. Conhece esta lettra e estes sellos? » accrescentou, abrindo o peito da roupeta, e mostrando-lhe um maço de papeis.

— « É a lettra de el-rei que Deus haja!... São as malditas cartas de Saboya! Ah! » E todo alvoroçado e convulso de alegria Diogo de Mendonça abraçou o vacuo umas poucas de vezes, e deixou cair os oculos e partirem-se no sobrado, o que era sempre o seu rasgo usual nos grandes movimentos tragicos. « São ellas em corpo e alma! » accudiu de novo, e estendendo a mão para as receber.

— « Um instante, se me permite! » accudiu o padre conservando-as sem lh'as dar. « Não deseja saber o modo porque fizemos o milagre? »

— « Depois, depois! » gritou o secretario das Mercês exaltado. É preciso vêr primeiro se o ladrão de casa não deixou alguma pela pasta... »

— « Antes, antes! » repetiu o jesuita, rindo e negando-lh'as sempre. « Quanto a saber se falta alguma, como o segredo de estado prohibia a v. s.<sup>a</sup> abrir o maço em seu poder, e sei que era incapaz de uma curiosidade paeril contra as ordens de el-rei, não vejo a maneira de se escla-

recer... Sobre tudo estando tudo dentro de capa e com os sellos firmes. »

— « Tem razão v. paternidade! » disse o diplomata um pouco mortificado da lição. « Mil vezes razão. O que maravilha é estarem os sellos inteiros depois de alguém lêr... porque se leu ou se adivinhou, como quizerem! »

— « Se fizesse a honra de me ouvir, e é o que lhe peço ha meia hora não se admirava tanto. »

— « Sou todo attenção! Desculpe v. paternidade os movimentos naturaes... »

— « Pois bem! » proseguiu o italiano com um gesto, que obrigou o secretario a engolir o resto do discurso. « O papel lacrado que por conselho meu entregou a sua magestade encerrava a historia de toda a infame intriga de Roque Monteiro, contada por mim, e attestada pelo ladrão subalterno... aquelle celebre Thomé das Chagas que nós conhecemos... »

— « Ah! E depois? » accudiu Diogo de Mendonça soffrendo a respiração com anciedade.

— « Depois, el-rei nosso senhor faz a mercê de não me olhar mal, e ordenou ao conde de Aveiras, que fosse chamar-me da sua parte, porque me queria ouvir. »

— « Grande idéa tivemos! teve v. paternidade, quero dizer. Eu não inventei nada, nem a polvora, que é obra dos frades. E chamam-me esperto! Mas queira continuar, e desculpe-me estas interjeições... »

— « Sua magestade ouviu tudo da minha bocca. »

— « Tudo? » atalhou o ministro um pouco sobresaltado. « Também a historia da nossa conferencia no meu gabinete? Parece-me... »

— « Essa era para os cegos de lá; quero dizer; essa devia-lha contar Roque Monteiro se a soubesse; felizmente ignora-a, porque v. s.<sup>a</sup> e eu somos pouco chocalheiros. »

— « Famoso! Famoso! » exclamou o diplomata esfregando as mãos.

— « Como eu esperava, e lhe assegurei » proseguiu o visitador « el-rei formalisou-se com a insidia de Roque Monteiro; e duas palavras que deixei cahir sobre a justiça de Trajano acabaram de vencer a nossa causa no seu espirito... »

— « Muito bem! Se lhe tocasse na continencia de Scipião duvido que fizesse o mesmo » interrompeu o secretario rindo e beliscando a orelha com delicias. « Sua magestade, que Deus guarde, leu com fructo a historia de Salomão... Inútil-o na sabedoria, e... e em tudo o mais, Nosso Senhor seja louvado! »

— « Scipião era republicano, e pareceu-me

pouco delicado citar a um rei exemplos que não viessem de um throno » redarguiu o italiano com o sorriso cheio de finura. « O caso é que el-rei, acabada a audiencia, disse-me que fosse descansado, que elle daria uma severa lição a Roque Monteiro; e quanto a v. s.<sup>a</sup>, que lhe guardasse segredo, mas que ainda o estimava mais depois do seu acto de sinceridade... »

— « Grande principe! Note v. paternidade os talentos verdadeiros que mostra distinguindo as boas qualidades dos seus vassallos. El-rei achame sincero, e alguns detractores accusam-me justamente do contrario... Que deem fogo hoje a essa mina e verão! Eu é que hei de rir. E depois, sr. padre Ventura, depois? Estou sempre a interrompel-o. É um mau habito. »

— « Depois, el-rei pegou na penna, e passou ordem a Roque Monteiro para entregar ao portador *todos* os papeis de estado, que estivessem em seu poder. O portador era eu. »

— « Percebo! Que triste cara havia de fazer com v. paternidade ao lado! Até um besouro seria delle! »

— « Nada; achei-o muito docil, muito discreto. No principio quiz honrar-me até com uma falsa confidencia; mostrei-lhe que sabia o seu jogo; fallámos muito do Tratado de Methwen, que teve a gloria de negociar... e despedimo-nos, ficando bons amigos. »

— « Mas v. paternidade com os papeis na mão? »

— « Está claro. Para que ia eu lá? O sr. Roque Monteiro foi logo ao paço, e encontrou sua magestade a tempo que subia a escada de marmore para ir á galeria do terraço. El rei deixou logo cahir a viseira, o que o torna outro, e voltando para elle só meio rosto, disse-lhe: « Roque Monteiro está o tempo lindo para uma jornada até á provincia. Quando parte? » — Vinha pedir exactamente as ordens de vossa Magestade! — « respondeu o seu amigo, que também desde hontem receio que o seja meu. » — « Pois bem! » repetiu sua magestade » aproveite a occasião, vá ver as suas terras, e demore-se. A lavoura é util á alma e ao corpo! » Depois deu-lhe a mão a beijar sem lhe pôr os olhos, e acabou de subir não accrescentando mais nada.

— « Roque Monteiro destruido? Bravo! »

— « Eu tinha dito a v. s.<sup>a</sup> que Roque Monteiro havia de achar o tempo bonito para uma jornada ás suas terras. »

— « Tinha! Tinha! Mas parece-me ainda um sonho. »

— « Aqui tem agora as cartas; el-rei insinuou-me que deseja que v. s.<sup>a</sup> lh'as entregue pessoalmente. Como está satisfeito com os seus serviços é provavel que lhe dê algum testemunho hoje mesmo... »

— « V. paternidade é magico? » gritou o diplomata radioso.

— « Não senhor, sou exacto. A mercê de secretario de estado acha-se lavrada. Logo o ouvirá da bocca de el-rei. Agora trate de ser bom cavalleiro: os primeiros ministros de facto, e não de direito, parecem-me os mais seguros. »

— « Se os tratados das potencias se executassem, como o nosso, sr. padre Ventura » disse Diogo de Mendonça abraçando-o « não andava o mundo em guerra. Como hei de agradecer a v. paternidade tanta amizade? »

— « Desejando-me boa viagem, e dando-me as suas ordens para Italia. »

— « Então deixa-nos? Agora que eu mais precisava dos seus conselhos... »

— « V. s.<sup>a</sup> não precisa senão de duas coisas para ser grande ministro: vontade e acção! Quer de veras, e obrar sem medo! »

— « E o nosso Jeronymo? » perguntou o ministro para fugir de um terreno desagradavel.

— « Vamos ver se o milagre se faz! Receio que tenhamos de nos contentar com um perdão pouco generoso. El-rei duvido que o deixe ficar em Lisboa e que se esqueça daquella estocada... »

— « Ah! A que não deitou sangue ainda me assusta mais do que a outra! » acudiu o ministro, meio pensativo. « A ferida perdoava el-rei sem difficuldade... bastava que Jeronymo uma destas noites se deixasse apanhar em alguma passe ligeiro de espada preta; mas cioso e activo como é sua magestade em amor e em poder... »

— « El-rei nosso senhor permite que o padre Ventura chegue á sua real presença! » disse da porta o conde de Aveiras.

O secretario das mercês engoliu á pressa o resto das suas reflexões, e pegou na pasta, alquebrando o hombro. O jesuita inclinou-se em silencio, e seguiu o camarista de semana.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

### III

#### O PEDIDO.

Oh! nunca viste donzella  
Uma estrella  
No céu sereno a brilhar?  
É tua imagem formosa,  
Mais lustrosa  
Do que a perola do mar.

Nunca viste a veia pura,  
Que murmura  
Sobre leito de verdores?  
Assim se passa tua vida  
Consumida  
Entre os folgados e amores.

E além, dos cantos aërios  
Os mysterios  
Nunca escutaste donzella?  
São bellos esses cantares  
Sobre os ares,  
Mas tua voz é mais bella.

Dá-me essa estrella brilhante,  
Que incessante  
Vejo nos céus a luzir;  
Eu quero, sim, não receio,  
No meu seio  
Seu fogo quero sentir.

Dá-me essa veia sonora  
Surridora  
Entre as flores a correr;  
Quero faltar o meu peito,  
Satisfeito  
O que me importa morrer.

Dá-me os teus hymnos, donzella,  
Minha estrella,  
Meu prazer e minha lida,  
Que eu te darei nos meus cantos  
Mais encantos,  
Que eu te darei minha vida.

### IV

AO MEU AMIGO O ILLM.<sup>o</sup> SR. JOAQUIM  
PINTO RIBEIRO.

#### D. FUGA.

Quanto se ergue.....  
Quem ao nascer sortio um peito altivo  
Capaz d'inclita empreza.

F. HENRIQUE

Desprende o vôo alteroso

Agua sublime da gloria,  
Deixa que a voz da victoria  
Vá-se aos céos teu filho alçar.  
Impenna-lhe as azas bellas,  
Faze que o sol, que as estrellas  
Sem medo possa encarar.

É seu peito como a rocha  
Erguida em meio da tormenta;  
É leão que se acalenta  
Dos gladios ao retinir.  
Quando sobre o seu semblante  
Brilha o elmo rutilante  
É um grosseiro gigante  
— Embryo de heroes por vir.

Nasceu na terra dos bravos  
Foi seu nascer festejado  
Pelo gemido arrancado  
Do peito do moribundo:  
Audaz, de pé sobre a terra  
Ergueu-se ao brado da guerra  
— Brilhante assombro do mundo.

N'essas campinas de Ourique  
No lidar da liberdade  
Qual raio da tempestade  
A sua espada igualou?  
Em toda a parte onde a morte  
Vibrou seu buido corte,  
Sea braço brioso e forte  
Com ella a par pelejou.

Lá vem o rei de Merida —  
Gamir — o forte guerreiro  
Moribundo; prisioneiro  
Não traz nos pulsos grilhões.  
Que não lhe soffrem cadêas  
As almas de valor cheias  
Dos portuguezes dragões.

Porém que fazes D. Fuas?  
Coberto de bastos moiros  
Deixas impunes os moiros  
Nossas costas insultar?  
Acaso a lucida espada  
Sobre os campos afiada  
Pela patria só vibrada  
Não póde gasta cortar?

Não: eil-o vae sobre as aguas  
Entre os lucidos pavões  
Co'os guerreiros portuguezes  
Sobre o mar a combater.

O seu braço inda mais forte  
Do que o ferro, é qual a morte  
Nunca cessa de abater.

Entram o Tejo garbosas  
As galés já vencedoras:  
Alfimum co'as galés moiras  
Rendeu-se ao luso poder.  
Era o adejo primeiro  
D'esse povo tão guerreiro,  
Que devia o mundo inteiro  
Sobre seus hombros suster.

Salve! soldado brioso,  
Potente filho da guerra!  
Não contente sobre a terra  
Lanças-te além teu pensar,  
E com vela aventureira  
Forte pela vez primeira  
Sobre as ondas pelear,

.....  
.....

Ei-lo de novo nas aguas  
Sobre ligeiras gaiotas  
Buscando as inimigas frotas  
Pelas costas de além mar.  
Nas moiras galés vencidas  
As quinas veem-se temidas  
Sobre os mastros tremular.

Mas além entre milhares  
De golpes todo crivado  
Elle morre ensanguentado,  
Com portugueza bravura.  
Turva-se a limpha serena,  
Exulta a raça agarena,  
Mas era a terra pequena,  
Foi-lhe o mar a sepultura.

Dorme! É teu leite o oceano  
Batalhador esforcado!  
De teu sangue tem brotado  
Mil altaneiros gigantes,  
Que além de abysmos profundos  
Ergueram nos novos mundos  
As santas quinas evantes.

Dorme guerreiro! Na terra  
Não tens rices mausoléos;  
Mas quem ganhou mais trophéas  
No curto espaço da vida?  
Tens sete sec'los de gloria,  
De um povo inteiro a memoria,

E de trinta reis a historia  
De heroismo entretecida.

JOSÉ RAMOS COELHO.

## NOTICIAS E COMMERCIO.

**Calculo curioso.** — A cultivada e bem dirigida intelligencia do homem tem conseguido transformar em importantes valores as substancias que por communs, e por assim dizer, de todos desprezadas, não attraíam delle, até certo tempo, a mais pequena attenção; hoje mesmo muitas fontes de riqueza o rodeam, e, ou seja por negligencia ou ignorancia, essas nancias jazem, como senão existissem, quando ás vezes bastaria um pequeno mas perseverante trabalho, para delles tirarem a subsistencia muitas e numerosas familias.

Se o espaço e o tempo são constantemente os meios de que a natureza se serve para conseguir o movimento e a vida, o homem como um dos fins destes meios, teve por condição de sua propria existencia o pensamento e o trabalho: tudo quanto existe por elle inventado desde a mais humilde e trivial choupana até á maior e mais sumptuosa fabrica conhecida, teve um molde primitivo elaborado pelas faculdades de seu quasi divino entendimento; e a transformação desse molde ideal, na realidade, no tangitel, é devida ao seu proprio e manual trabalho, ou ao das forças da natureza compelidas pela intelligencia delle a exercerem sua acção de determinado modo.

O emprego já conhecido destas forças, sendo quasi sempre facil e pouco dispendioso, produz todavia trabalhos, que avaliados em dinheiro equivalem a uma riqueza permanente importante em avultadas sommas. O exemplo, que em seguida vamos apresentar, sobejamente provará tudo isto, servindo, ao mesmo tempo, como de aviso aos menos versados nestas materias, para que em todas as occasiões favoraveis lancem mão daquellas forças a fim de que por meio dellas possam augmentar os seus haveres.

Supponhamos que uma dos mós ordinariamente empregadas nos nossos moinhos, moe 30 alqueires de grão em 24 horas; o trabalho mechanico correspondente a esta moagem é de 2.592.000 kilogrammos ou o trabalho, da mesma especie de unidades, que podem fazer 15 homens em um dia.

O districto de Lisboa, cuja população é de 477,000 habitantes, consome 60,000 moios de pão por anno, ou 3.600,000 alqueires: é claro que para moer esta quantidade de grão, seria necessario o trabalho de 1.800,000 homens. Ora como podemos estimar o preço medio do jornal de cada homem, para esta especie de trabalho, em 300 rs., teremos 540:000,000 rs. pelo valor do trabalho equivalente produzido pela força de agua e do vento em cada anno no districto de Lisboa.

Querendo fazer extensivo este calculo ao resto do reino, no continente, supporemos que a população, nesta parte, é 6 vezes a do districto de Lisboa, o que não se afasta muito da verdade; nesta hypothese Pois, teremos que o 10.800,000 será o numero de

homens necessario para reduzir a farinha 3600'000 x 6, ou 21.600,000 alqueires de grão. Porém como nas provincias podemos suppor o preço do jornal para cada homem 200 rs., é claro que o trabalho total produzido pela força de agua, e do vento no continente do reino equivalerá em dinheiro a 2.700,000 rs.

Se tirarmos desta quantia 100:000,000 rs. para a confecção dos machinismos, restam-nos 2.600:000 rs., quantia esta de que a natureza nos faz presente todos os annos!!

H.

### Manteiga manufacturada em Portugal.

— Um negociante respeitavel da cidade do Porto quiz mandar para Gibraltar manteiga de Vizella da fabrica do sr. Wilby; de tão boa qualidade ella é; porém só pôde obter uma pequena porção, por ter havido pouco leite em rasão de não haver pastos pela muita neve e frio deste inverno.

### Progresso da industria mechanica portuense.

— Na fabrica da fundição de Massarellos acaba de concluir-se uma machina de vapor oscilante, da força de 6 cavallos, a primeira que se fabrica no nosso paiz. E na opinião dos entendedores das mais perfeitas no seu genero. Quinta feira 14 da uma ás duas horas da tarde, faz-se a experiencia desta machina no mesmo estabelecimento, que tanto promette corresponder ás esperanças de seus fundadores.

**O novo motor-calorico.** — A nova invenção do calorico vai-se convertendo em pratica, nos Estados-Unidos onde ella foi acolhida, e onde tem sido verificada em ensaios felizes e em experiencias já repetidas.

Os pedidos para a permissão de fabricar machinas a calorico, pelo systema Ericson, tem sido tão numerosos, que o celebre inventor acaba de auctorisar as forjas para fabrical-as, mediante uma somma puramente nominal, que lhe será paga por cada machina. Os chefes de todas as grandes fundições de Boston tem vindo a Nova-York a negociar o direito exclusivo da fabricação das machinas em o estado do Massachussets. Os fabricantes, de todas as partes da União, mostram o mesmo empenho. O engenheiro Ericson occupava-se em applicar o novo motor ás locomotivas empregadas nos caminhos de ferro.

Duas reclamações, com tudo, acabam de ser feitas a respeito da machina-calorico. O engenheiro mr. Burdin lembra que fizera á academia, em 1836 a 37, diversas communicações sobre o emprego do calorico como força motriz, e que ultimamente, em 1850, elle dirigira ao ministro das obras publicas muitas communicações, em que se encontram idéas, que, em muitos pontos, concordam com as de mr. Ericson. Mr. Catala apresentou igualmente uma memoria sobre o mesmo objecto, publicada em dezembro de 1852 no *Boletim do Museu da industria de Bruxellas*.

**Incendio na russia.** — Em 23 de março heuve uma conflagração tão voraz na antiga capital russiana, Moscow, que consumiu em breve tempo o theatro, um dos mais magnificos da Europa. O fogo reconcentrou-se felizmente no edificio, escapando a custo os bairros da colonia franceza.



# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO:

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 41.

QUINTA FEIRA, 21 DE ABRIL DE 1853.

12.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

CARTA AO HILM.<sup>o</sup> SR. REDACTOR DA LEI.

*Sr. redactor.*

Pego licença a v. s. para publicar no seu jornal as seguintes observações, com referencia á entrega das medalhas aos expositores portuguezes na exposição de Londres. Separo de taes observações tudo quanto me é pessoal, e limito-me a considerar o assumpto como questão de opinião, que pela minha parte ba-seio em uma serie de documentos.

Esclarecerei primeiro um ponto.

Os commissarios de sua magestade britannica para a exposição de Londres resolveram offerer aos expositores das differentes nações,

Medalhas de premio,

Diplomas de menção honrosa,

Medalhas de presença,

Relatorio do jury;

Aos expositores premiados com a medalha de premio, pertence a que tem esta denominação; aos que obtiveram a menção honrosa o respectivo diploma; aos que além destes concorreram á exposição a medalha de presença, e finalmente um exemplar do relatorio do jury a cada expositor.

Da enumeração destes factos resulta, que era extraordinario o numero de medalhas para cunhar, e o numero de exemplares do relatorio para imprimir.

Com referencia á distribuição destes objectos, podia haver portanto differentes opiniões. Algumas nações, como a França e a Belgica, distribuiram só as medalhas de premio, outras como a Hespanha e a Russia tem esperado que tudo se complete. O governo em Portugal seguiu este ultimo exemplo, e adoptado elle, são conhecidas e publicas as causas por que não podia ordenar a distribuição, pois que não tem recebido, em consequencia de motivos também publicos, e estranhos á vontade dos commissarios de sua magestade britannica, os objectos que devia distribuir. Os documentos publicados no *Diário do Governo* de 9 do corrente são o complemento de quanto era sabido a este respeito, com relação á impossibi-

lidade que tem havido de fazer a distribuição completa. Como commissario do governo eu só podia com dignidade referir-me á minha opinião, que nunca foi esta, depois da publicidade dos documentos que arredaram do governo qualquer responsabilidade.

A minha opinião foi sempre:

Que a distribuição das medalhas de premio se devia fazer, sem esperar pelas que mais se demoraram na remessa, mesmo desta classe, e até sem esperar pelos diplomas da menção honrosa. Parece incrível que existindo provas desta minha opinião em documentos publicados, e no testemunho, que eu podia invocar, de tantas pessoas, a quem a communiquei, se me façam accusações, por que as medalhas se não entregaram!... Mas deixarei as considerações, que fará quem lêr, e voltarei aos factos.

Em officio de 12 de fevereiro de 1852, dirigido ao ministerio do reino, e publicado no *Diário do Governo* n.<sup>o</sup> 103 desse anno dizia:

« Tendo cessado as causas que tem demorado a entrega das medalhas relativas a Portugal... permitta-me (v. ex.<sup>a</sup>) a liberdade de chamar a illustrada attenção do governo sobre a conveniencia de fazer a proxima distribuição das medalhas com a solemnidade que parece merecer tão grandioso acto. »

E como nessa data ainda não tinha conhecimento de que os commissarios de sua magestade britannica expediriam diplomas de menção honrosa, até propunha o meio de os distribuir, para não demorar a distribuição, dizendo nesse mesmo officio.

« ..... parece-me conveniente que v. ex.<sup>a</sup> pensando sobre a vantagem de que os premiados possuam um documento do seu merito, determine qual a forma desse documento. »

Em 29 de março de 1852 assignava eu um officio dirigido ao ministerio do reino, no qual a comissão encarregada de formular o programma para a distribuição dos premios dizia:

« Tenbo a honra de comunicar a v. ex.<sup>a</sup> em nome da comissão encarregada da distribuição dos premios conferidos a Portugal na exposição de Londres, que a mesma comissão sendo de parecer que não convem esperar mais essa distribuição, esperando pelas poucas medalhas de premios, que faltam, resolveu antes de formular o programma levar ao conhecimento de v. ex.<sup>a</sup> que não tomará resolução ne-

nhuma a esse respeito, sem sollicitar, como por este meio sollicita, os ordens de sua magestade, quanto á sua augusta presença na solemnidade, que se projecta, e quanto ao local em que deve ter lugar.»

Corre impresso:

«Que a causa que impediu a remessa das medalhas não é conhecida a ninguém á excepção de mim.»  
É falso.

No *Diario do Governo* n.º 103 de 3 de maio de 1852, em officio meu escrevi:

«Tenho empregado toda a diligencia possivel no desempenho dos deveres da minha commissão, para completar a entrega das medalhas que pertencem a Portugal, como v. ex.ª verá pelo extracto incluso n.º 1, do meu officio de 27 de fevereiro, dirigido aos membros da commissão executiva da exposição de Londres, e pelas cópias tambem incluzas dos meus officios de 8 e 18 do corrente dirigidos aos mesmos commissarios. Em resultado destas minhas diligencias, tanto a honra de passar ás mãos de v. ex.ª mais quatro medalhas, e a cópia do officio que as acompanha.»

Nesse mesmo *Diario do Governo* n.º 103, se vê como eu instava para Londres pela remessa das medalhas, dizendo no documento n.º 2, á commissão executiva:

«Peço desculpa do empenho com que as sollicito (as medalhas), mas tambem avaliareis o justo desejo dos expositores portuguezes, de possuirem um documento que tanto os honra.»

E no documento n.º 3, em data de 18 de março de 1852, escrevia eu á mesma commissão:

«Rogo-vos, senhor, na qualidade de commissario regio de Portugal, de fazer entregar as medalhas, que faltam, o mais cedo possivel a mr. Van Zeller, agente da commissão portugueza, assim de que em seguida se faça a distribuição em Lisboa.»

É portanto evidente que as medalhas se não remetiam, porque não era possivel fazer a sua remessa.

Eu deves neste ponto uma justa observação em desagravo dos commissarios de sua magestade britannica. A demora não dependia da sua vontade e a sua elevada intelligencia e zelo sem exemplo, não podiam vencer a difficuldade que nascia de não ser possivel, em pouco tempo, apromptar tudo quanto offereciam a milhares de expositores de quaranta nações. E com este fim darei aqui publicidade ao seu officio de 15 de março de 1852, em resposta ás minhas continuadas instancias pelas medalhas. É o seguinte:

«Grande exposição dos productos industriaes de todas as nações, 1851—presidente sua alteza real o principe Alberto, etc. etc.—Repartição da commissão executiva n.º 1 Old Palace Yard, Westminster, 15 de março de 1852.—Senhor—A commissão executiva me encarega de dizer-vos, que continuará a remessa das medalhas de premio tão depressa as receba da officina do cunho: mas para abrir as legendas, e cunhar um tão grande numero é indispensavel grande espaço de tempo.—A commissão executiva espera, que dentro em poucos dias poderá remetter mais alguma.—Sou, senhor, vossa obediente criado—George Francis Duncomt.»

Corre mais impresso:

«Que eu esperei pela queixa dos expositores portuguezes para publicar—que ha um anno um incen-

dio em Londres devorou os diplomas que se lhes destinaram.»

É falso.

Porque lembrei a publicação dessa noticia — a qual, de facto, se publicou em 15 de junho do anno findo no *Diario do Governo* n.º 165, pelo ministerio dos negocios estrangeiros, pois que a communicação se fizera diplomaticamente e não com direcção a mim.

Eis aqui o theor da referida noticia:

«Ilm.º exm.º sr. Tenbo a honra de participar a v. ex.ª que em data de 5 do corrente me foi dirigida uma nota, pelo ministro de sua magestade britannica neste corte, transmittindo-me o incluso exemplar de um officio do secretario dos commissarios regios da exposição de 1851 ao ministerio dos negocios estrangeiros de sua magestade britannica, no qual pondera que terão infelizmente de decorrer ainda alguns meses antes de se poderem substituir os catalogos illustrados, relaterios dos jurados e dos ditos commissarios apresentados a sua magestade britannica, e que tencionavam offerecer aos diferentes governos dos paizes, que concorreram para levar a effeito aquella exposição, visto que todos foram destruidos pelo desastroso fogo, que teve lugar nas officinas em que se estavam imprimindo; expressando o referido ministro, por parte dos ditos commissarios regios, o seu sentimento por esta inesperada demora; e que tudo me cumpre levar ao conhecimento de v. ex.ª.—Deus guarde a v. ex.ª Secretaria de estado dos negocios estrangeiros em 12 de julho de 1852.—Ilm.º exm.º sr. ministro e secretario de estado dos negocios do reino.—Visconde de Almeida Garrett.»

Tambem corre impresso:

«Que eu querendo desculpar-me, mandei publicar no *Diario do Governo* de 9 do corrente, sob a rubrica do ministerio das obras publicas e commercio, duas cartas, que me tinham sido dirigidas em junho do anno passado pelo secretario da commissão regia ingleza.»

Ha neste periodo uma serie de falsidades. Tendo eu, como está provado, a opinião de que a distribuição se devia ter feito, até incompleta, não sendo ella um acto das minhas attribuições, a publicação não podia ter por fim desculpar-me.

Os officios publicados não são, como falsamente se diz, de 9 de junho do anno passado, mas como nelles mesmo se lê, um de 22 de março proximo findo, e outro de 3 desse mes.

Não me são dirigidos, como falsamente se assevera.

O primeiro lá tem no fim a direcção — A s. ex.ª o visconde d'Atouguia.

E o segundo lá tem tambem no fim — a H. U. Addington, esq. — na secretaria dos negocios estrangeiros.

Não são ambos, como tambem falsamente se escreve, do secretario da commissão real, por quanto só um, o dirigido á secretaria dos estrangeiros inglezes, está assignado por esse secretario, sendo o outro assignado pelo ministro de sua magestade britannica n'esta corte.

Ainda n'este ponto eu faço um novo esforço para não fugir dos factos para o juizo que d'elles faço. Deixo essas considerações para quem ler. Volta aos factos e aos documentos.

Como sou firme na minha opinião, costumo em relação a qualquer objecto empregar os meios de que posso dispor para que ella se realice.

Assim o fiz para a distribuição das medalhas, e cedi de outra opinião, que ainda conservo, para que a distribuição fosse avante.

Tem vogado a idéa de fazer juntamente a distribuição das medalhas da exposição de Londres, e a das medalhas da exposição agricola, e direi aqui de passagem que ninguém brada contra contra a demora da distribuição d'estas ultimas, que já não é pequena, talvez porque eu não tomei parte n'ella; mas ainda espero que o façam, se constar que desde 2 de janeiro sirvo de chefe da repartição de agricultura, e desde já conto que me façam responsavel por um acto de que nada sei, e que é completamente estranho ao cumprimento dos meus deveres. Foi sempre contra a opinião das duas distribuições; mas na primeira conferencia, em que se tratou de tal, haverá 4 ou 5 mezes, declarei que a minha opinião tinha sido sempre contraria, mas que era tão grande o meu desejo de que se fizesse a distribuição das medalhas de Londres, ainda mesmo incompleta, que para se não perder tempo algum, attribuindo a demora da entrega d'essas medalhas a qualquer duvida minha, concordava em que as duas distribuições se juntassem, apesar de estar convencido, como ainda hoje estou, de que deviam ser dois actos separados. Inveço para a veracidade d'este ponto o testemunho do illustre cavalheiro, que tão honrosamente dirigiu a exposição agricola.

Tenho satisfação em provar que ninguém antes de mim se lembrou das honras que eram devidas aos expositores portuguezes, que na exposição de Londres foram dignos da sua nação. E no meu officio de 12 de fevereiro do anno findo, publicado no *Diario do Governo*, já citado fiz subir á presença do governo:

« Que alguns chefes dos estados em que a distribuição dos premios já se tem feito, distribuíram por essa occasião a alguns expositores mercês honorificas, que honrando o trabalho, honraram tambem o espirito eminentemente civilisador que dictou essa resolução.»

Não espero possuir na minha vida documentos mais honrosos, do que os que provam como sua magestade a rainha houve por bem approvar esse meu alvitre; e se o odio que tenho ás apologias me tem obrigado a deixar de publicar um outro além da portaria de 17 de fevereiro de 1852, o desagravo da calumnia que ousa pretender indispor-me com os industriaes do meu paiz exige que o publique.

Na portaria de 17 de fevereiro de 1852, já publicada, sua magestade houve por bem mandar-me declarar que n'essa data se nomeara uma commissão para conjunctamente commigo propor as condecorações que sua magestade tencionara conferir aos expositores, que mais benemeritos parecerem.

E na portaria da mesma data nomeando a commissão se diz pelo que toca ás condecorações, o que hoje publico.

« Sua magestade a rainha attendendo ao que lhe foi presente em officio do commissario regio de Portugal á de Londres, Sebastião José Ribeiro de Sá: Ha por bem nomear uma commissão para conjunctamente com o sobredito commissario propor ao go-

verno pelo ministerio do reino.....

« 3.º As condecorações que em numero de 12, deviam ser dadas aos expositores portuguezes que parecerem mais benemeritos para servirem de testemunho de honra ao trabalho, e aos que promoverem o progresso e aperfeiçoamento da industria nos seus diversos ramos.»

A inveja e a calumnia podem fazer quantas allusões lhes lembrar; mas não podem destruir esta, e muitas outras provas que possuo do meu zelo e interesse pelos expositores de Portugal, em Londres. Ninguém mais do que eu deseja a prosperidade e a honra da industria portugueza: e qualquer falta que haja no desempenho dos meus deveres, com relação a estes dois pontos, será sempre da intelligencia, e nunca da vontade. Talvez que a idéa da distribuição completa de tudo quanto se refere á exposição de Londres, seguida por algumas nações, e das que mais honrosa parte tiveram nessa exposição, seja preferivel á minha opinião, e até haverá para a sustentar mais solidos fundamentos do que a contraria; mas, repito, que apesar disso não concordo com ella, e de tal apresentarei ainda mais uma prova. Para a hypothese de suas magestades assistirem a este acto, é de ser feito no unico edificio, que eu conheço em Lisboa, proprio para tão magestosa solemnidade, isto é, na sala da camara dos srs. deputados, vai fazer um anno, que eu redigi o seguinte programma:

« 1.º Quando occupando suas magestades o throno teriam logar á direita o presidente da camara dos dignos pares, o presidente da camara dos srs. deputados, o ministerio e a camara municipal, e á esquerda a commissão portugueza para a exposição de Londres, creada por decreto de 2 de dezembro de 1850, presidida pelo ministro do reino.

2.º Que a solemnidade começará por um discurso do ministro do reino, como presidente da commissão portugueza, dirigido a sua magestade.

3.º Que findo este discurso o mesmo ministro lerá o decreto, que contaria as mercês honorificas aos 12 expositores.

4.º Que estando ~~as duas insignias~~ perto de sua magestade, os agraciados á proporção que fossem sendo nomeados, subiriam os degrãos do throno para receberem as respectivas insignias.

5.º Que a lista dos agraciados só seria publica neste acto.

6.º Que finda a distribuição das condecorações, o commissario portuguez á exposição de Londres faria uma breve conta da sua missão, dirigida aos expositores.

7.º Que em seguida o mesmo commissario leria a lista dos expositores premiados, e ao passo que fosse lendo cada um dos nomes, entregaria os premios ao ministro do reino, para este os passar ás mãos dos expositores, a que pertenciam.

8.º Que além da corte, dos srs. deputados, e pessoas já nomeadas, ninguém mais entraria na sala, exceptuando o centro que era exclusivamente destinado para os expositores.

9.º Que a tribuna do corpo diplomatico ficava, como está, á sua disposição.

10.º Que o resto das tribunas, exceptuando as das pessoas reaes, seriam destinadas ao lado da presidencia para senhoras, e as restantes para homens.

11.º Que uma grande orchestra seria collocada em uma das tribunas, para quando fosse occasião propria augmentar a solemnidade do acto.

12.º Que a entrada nas tribunas e galerias seria por meio de bilhetes, distribuidos pela secretaria de estados dos negocios do reino. »

Este programma foi escripto e assignado em junho do anno passado, tendo eu já, préviamente obtido da sociedade musica de 24 de junho, onde estão reunidos os principaes professores da capital, a sua coadjuvação, que me honro de neste logar agradecer.

Nunca subi as escadas das secretarias, nem das camaras, como protendente; mas tenho honra em confessar que muitas vezes as subi para fazer vigorar a minha opinião com referencia á distribuição dos premios da exposição de Londres. E muitos illustres deputados da legislatura anterior podem attestar, que por mais de tres semanas consecutivas fui constantemente á camara para vencer as difficuldades que se apresentaram á realisação do meu pensamento, e as quaes não me foi possivel remover.

Depois desta veridica e provada exposição de todos os factos, que ficam referidos, como satisfação á imprensa, que respeito, e da qual me honro de fazer parte, só me resta confiar na sua justiça para julgar qualquer responsabilidade que se me queira impôr por um acto, que não dependeu, e que não depende de mim.

Lisboa 17 de abril de 1853.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

## PARTE LITTERARIA.

A NOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XLL

SOU REI!

(Continuado de pag. 478.)

O principe estava em uma cadeira de braços de bello lavor, com espaldar e assento de veludo. Diante d'elle a meza, coberta de um panno franjado do mesmo estofo, via-se cheia de papeis em confusão, sobre os quaes, e ao acaso, descansavam alguns volumes. A escrevaninha de prata maculada de tinta, e uma pequena pasta verde, que sua magestade fechou logo, que se franziu o reposteiro para dar passagem ao visitador, mostravam que el-rei tinha passado a manhã a trabalhar. As cortinas das janellas desciam em grandes pregas tomadas em garras de prata; e o forro das paredes de damasco escarlata, com filetes dourados, formando molduras largas, davam ao aposento pequeno e oblongo um aspecto nobre, mas

severo. Segundo o cerimonial não havia mais do que a cadeira, em que o principe se assentava. Dois tremós de pau santo de talha alta e voltas de dragão nos pés, guarneciam os lados, carregados de objectos curiosos da China e do Japão. Defronte da meza do despacho, com o mostrador virado para o rosto de sua magestade, admirava-se em uma banca de charão e madre-perola o magnifico relógio de salla, esculpido como um primor de Benvenuto Cellini, e menos precioso pelo oiro, do que pela raridade do lavor. Este relógio, presente de Luiz XIV a D. Pedro II, tinha um registo de musica, ao som do qual saía uma risonha procissão de figuras bucolicas cada vez que batia as horas.

Apenas o jesuita ajoelhou e lhe beijou a mão, o principe, sorrindo-se com agrado, mandou-o levantar, e virando-se para elle com bondade, disse-lhe:

— « Estimei vel-o, padre Ventura! Temos sobre que o ouvir. »

O visitador inclinou-se com uma profunda cortezia, e aguardou callado as ordens do soberano. Sua magestade corria entretanto pelos olhos um papel, e erguendo-se, dirigiu-se para o italiano com a phisionomia aberta, e certo fulgor na vista.

— « Sabemos que vossa paternidade é prudente e de bom conselho! » Apezar de ser dictado commum, que em Italia não se falla senão para enganar, esperamos o contrario da sua parte, quanto ao que vamos dizer. Medita-se restituir o conde de Castello-Melhor a todas as honras, e ao exercicio no conselho de estado. O que passou, acabado está; e depois do seu desterro elle prestou grandes serviços; especialmente no caso da rainha de Inglaterra D. Catharina, nossa thia... Persuadi-mo-nos pois, de que foram os seus inimigos, e não as suas obras, que provocaram o desagrado de sua magestade, que Deus tem em gloria. O que lhe parece? Disseram-nos que o conde e os padres de S. Roque não viviam bem em outro tempo... falle, se o deseja! »

— « O que passou, acabado está, vossa magestade o disse! « redarguiu o jesuita serenamente. » Nós, e o conde de Castello-Melhor ao principio não nos intendemos é exacto; e depois estivemos em guerra; tambem é verdade. São duas coisas que facilmente se explicam; porém, hoje não ha rasão para nenhuma dellas; e com grande satisfação oíço da augusta bocca de vossa magestade as generosas resoluções da sua magnanimidade. A restituição do conde ao conselho honra

o monarcha, e serve o estado. Não está o reino tão abundante de sabios e de politicos consummados, que possa dispensar-se o voto de um homem como elle. Beijo a mão a vossa magestade pela graça que me concedeu, ouvindo-me! »

— « Mas asseguram-nos que o conde está cego, ou quasi cego? » observou o principe.

— « Talvez; mas ignoro. Com os desgostos e a leitura que tem tido acho natural; » respondeu o italiano. Assim mesmo com pouca vista estou firmemente persuadido, de que ha de vér melhor as coisas, do que muitos que não cegaram sobre os papeis do estado. »

— « Bem! Notamos com prazer que sabe ser justo, e sincero, sem excepção de amigos ou de inimigos. Duas palavras agora a respeito de outro negocio. O que houve entre o cavalheiro Methwea e Roque Monteiro no ajuste do tractado de commercio? Queremos que diga a verdade toda. Os exemplos severos em um reinado novo são tão necessarios como os actos de magnanimidade, em favor dos innocentes, ou dos pouco culpados. »

— « Vossa magestade concede-me alguma liberdade, sendo precisa, para eu dizer o meu voto? »

— « O que não perdoariámos era a falta della. Diga! »

— « Ha rigores impossiveis, senhor! Não se costumam punir os erros dos subditos sobre a effigie veneravel dos seus monarchas! »

— « Explique-se; não o podemos perceber! » acudiu el-rei, olhando-o fito, e collocando-se diante como suspenso.

— « Obedeço! Roque Monteiro praticou esse acto de sua livre vontade ou de ordem do soberano? Se o acto fosse proprio, respondia elle, e era de justiça; mas se a corda estiver adiante, e o negociador atraz, por cima de quem se passa para o punir? Uma sentença decapitava a memoria do amo a titulo de castigar o facto do ministro! E os filhos como vossa magestade são tão reipeitosos que preferem fechar os olhos a correrem em processo com a gloria de seus paes... »

D. João V deu dois ou tres passeios, e tirando da pasta algumas cartas, mostrou-as ao jesuita, dizendo :

— « Sabe o que está nestes papeis e de quem foram? »

— « Vossa magestade não se dignou dizel-o ainda. »

— « São informações preciosas ácerca da negociação do tractado, e a conta do que se levou

por elle aos inglezes, ou antes do que nos custou a nós! Só o padre Sebastião de Magalhães á sua parte ganhou um dote de vinte mil cruzados para casar duas sobrinhas. Devemos sabel-o, e não punir? Dar-nos-ia tal conselho? »

— « Vossa magestade permite-me que responda? »

— « Falle sem receio. A sinceridade agrada-nos sempre. »

— « Senhor, caíndo por acaso no lume esses papeis o que succedia?... » insinuou o padre sem elevar a voz ao tom de pergunta, porém fazendo uma pausa que dêsse lugar á resposta.

— « Ficavam salvos os homens! » atalhou el-rei, mostrando pouco agradável semblante á hypothese.

— « Pois bem. Se eu fosse o monarcha estavam já a arder! Para pena dos criminosos, (se algum existe) basta o desagrado do soberano. A memoria do sr. D. Pedro II pede este sacrificio. A paz do reino não o exige menos. Se os povos desconfiassem de que os vendiam aos mercadores de fóra, e que a boeca dos ministros cobria a venda, não era bom; era pessimo. Para aqui. »

— « E o seu conselho? » perguntou D. João com aspecto severo; e o sobr'olho carregado.

— « Não-sei outro; e muito sentiria que tivesse a desgraça de não merecer a benevolencia de vossa magestade. »

— « Bem! Muito bem! » acudiu o principe mudando repentinamente de phisionomia, e com signaes de visivel satisfação. » O seu voto foi o nosso tambem; e a prova é que Roque Monteiro parte amanhã de Lisboa para a sua casa da provincia, ignorando o verdadeiro motivo das nossas ordens. Para não ficarmos com escrúpulos, figuramo-nos agastados com a sua opinião, e procuramos animar a contraria... Padre Ventura ha occasiões, em que não podemos fiar-nos senão em nós. Ainda bem que Deus illustra o rei, e o encaminha pela estrada que pizariam os mais idosos. Graças lhe sejam dadas por todo o sempre! »

Esta jaculatoria devota de sua magestade tinha por fim disfarçar a immensa satisfação do seu orgulho. O principe vendo as proprias idéas propostas e approvadas, sem suspeitar lisonja, por um homem com tanta reputação de sabio e de politico, não soube conter a alma, e sem o pensar descobriu a feição predominante do character. Conforme notamos na sua conversação com o secretario das Mercês, o jesuita que já conhecia o

desterre de Roque Monteiro, e por elle guiara as suas reflexões, sorria-se para dentro, da facilidade com que os monarchas se illudem, e tomam por luminosas idéas a habilidade com que são aconselhados. Neste caso, louvando o que sua magestade praticara, e fingindo não o conhecer, o padre Ventura sem esforço nomeou dois homens grandes em um instante: em primeiro logar o principe, que se julgou desde logo experiente como Solon; em segundo elle mesmo, que pela virtude de ajuizar como sua magestade, subio interiormente no conceito real, ganhando em merito na proporção devida! Assim se inventam no mundo muitas coisas raras!

D. João V deixou correr em silencio um ou dois minutos, consagrados a saborear no mais secreto da sua consciencia as delicias desta adulação italiana, veneno fino, que lhe insinuavam com as apparencias austeras da verdade. Mas, se o espirito estava contente e a cabeça desvanecida; se o rei se julgava predestinado por Deus com a sabedoria innata, o mancebo sentia ainda o coração muito forte a bater-lhe no peito, e as illusões muito verdes a florirem-lhe na imaginação. Segundo o bello dito de Carlos V em Harraai, a corôa ainda não tinha transformado o homem e a aguia imperial, a ambição, ainda não affugentara o amor com o vôo impetuoso.

Sua magestade ao passo que admirava em si mesmo com invejavel ingenuidade os dotes proprios do soberano, não tinha forças para se arrancar ao jugo suave das paixões, que dias antes eram o enlevo da sua alma, e o paraizo desejado das suas paixões. A imagem de Cecilia trazida a todos os momentos pela saudade do affecto, exacerbava-se pela ausencia e pelo terror dos perigos, a que a julgava exposta, e cada vez cortava com mais força, e tomava maior poder sobre a sua vida. Achando-se livre, depois da morte de seu pae, suspendeu logo a partida do conde de Villar-Maior para Vianna d'Austria; e sem se atrever a decidir, affagava mais ou menos carinhosamente, segundo as phasas porque passava o seu espirito, o projecto de seguir os exemplos novos, elevando a filha de um subdito obscuro ás honras do diadema. Luiz XIV avançado em annos, provado pelos revezes e amarguras, cheio de experiencia e desengano, não offerecera a mão a madame de Maintenon, e não gosava com ella sendo rei das doçuras da felicidade conjugal?

A figura severa do velho monarcha de França, cuja auctoridade em assumptos do governo era reconhecida, não lhe proporcionava um ar-

gumento irresponsivel para os antigos conselheiros de seu pae? Por cobrir os hombros com os arminhos reaes, e a cabeça com a corôa de ouro, o soberano deixara de ser homem, e devia unir-se sem amor, e contra o amor, a uma estrangeira, que não podia supprir no seu coração o logar, que occupava outra? A contestação, que acabava de ter com o Camões do Rocio, e da qual lhe resultara o pleno convencimento da innocencia de Jeronymo, com a certeza de que a ternura de Cecilia fôra sempre, e exclusivamente sua, dêra maior imperio ainda ao affecto, acabando de desvanecer no animo as ultimas sombras do ciume. Cavalheiro tinha á sua palavra empenhada, e deshonrava-se faltando a uma dama. Amante (embora principe), parecia-lhe nos instantes de paixão, que o throno seria um degredo e uma solidão, se não visse ao seu lado o anjo, cujos olhos estremosos juravam a sua alma, que a della não vivia senão de esperança. Ainda que o mundo e a distancia os separassem, não bastava a memoria e a saudade para fazerem das duas existencias uma só? Não era o rei o primeiro fidalgo da monarchia; quem lhe negaria pois o direito de pegar na mão de qualquer senhora, e de a tornar igual a si, e superior ás outras?

Com o caracter imperioso e a vontade tenaz, que a mocidade exaltava nas grandes occasiões, D. João V advogava em segredo perante a sua consciencia como rei os desejos e interesses que o seu coração nutria como homem. Antes de declarar uma resolução irrevogavel, sondava em todos os sentidos a fortaleza do seu animo, certo de que a havia de necessitar no caso de romper com as tradições da corte, e de antepôr á alliança politica a alliança de amor. O que mais o suspendia era o receio de passar por menos habil e prudente aos olhos dos vassallos, que podiam olhar este enlace como a precipitação foga e juvenil de um mancebo, que tinha a cabeça fraca e o espirito pequeno para chefe do seu povo, visto principiar pelo sacrificio das razões de estado, e pelo desprezo da sabedoria aulica!

A purpura monarchica impunha deveres; o officio de reinar obrigava á abnegação e á victoria da intelligencia sobre os sentimentos; querer não era tudo; os lisongeiros inclinar-se-lam; os descontentes murmurariam; nem uns nem outros valiam meia hora de cuidado; mas os imparciaes? Mas a Europa, cujos gabinetes fitavam os olhos no successor tão moço do terceiro soberano da casa de Bragança? Não sabendo con-

ter-se, nem vencer-se, teria força para conter e vencer os mais? Seu irmão D. Francisco, seus inimigos de Castella e de França, não aproveitariam o desgosto da fidalguia, as queixas do povo, a pobreza do Erario, e o mau effeito de um passo temerario para lhe machinarem a ruina, e apregoarem a incapacidade?

Nesta lucta da ambição, e do affecto, o principe maldizia ás vezes o encargo da soberania e invejava a isenção humilde, mas feliz, do mais obscuro dos seus vassallos. A corda figurava-se-lhe um presente funesto, que depois de aceito, separava o rei de todos, e até do proprio coração. Descer do throno, para dar a mão á donzella sem jerarchia, em nome da ternura reciproca, não era expor-se á satyra geral, e desaparecer da scena, como segundo e verdadeiro Quixote da Europa? O sceptro larga-se com esplendor, quando se larga com a ostentação da philosophia e de uma grandeza de alma sobreabundante ás maiores honras como fizera Christina de Suecia; porém trocal-o pelo cajado dos pastores, e sair do paço para ir abrigar a felicidade domestica debaixo do tecto rustico e campestre, a pretexto de amar sem obstaculo, mereceria o mesmo louver, e acharia alguma desculpa?

E que achasse! Consummado o sacrificio, perdido o solio, e satisfeito o affecto mutuo, o rei abdicando na flôr dos annos, nunca teria ciúmes do rei, que herdava em sua vida, em virtude do que uns chamariam loucura, e outros fraqueza ou pusilanimidade? A paixão resistiria muito tempo ás mordentes e incuraveis saudades da ambição? O horisonte ficaria puro e claro para ambos até ao fim; o pomo da discordia não rolaria entre elles, lembrando-se um de mais, e procurando o outro esquecer sempre?

Taes eram as reflexões do principe á chegada do padre Ventura; e como se vê, o seu espirito perplexo obrigava o fiel da balança a inclinar-se, ora a uma, ora a outra parte. Vendo o jesuita, que sabia a historia dos seus amores, e os não condemnára, nem descobrira, D. João V resolveu esclarecer-se, ouvindo o voto deste homem, cuja rasão serena e elevada lhe inspirava respeito e confiança. O que era (a seu vêr) um segredo para todos não o podia ser para o visitador; e com elle estava em segurança, e fallava em liberdade. Apesar disso não se atreveu a correr de repente o véu. Preferiu, aproximar-se pouco a pouco. Na alma dos mancebos, a timidez une-se á audacia, e quasi sempre esta na acção, e aquella nas palavras.

Sentando-se, e disfarçando a comoção interior com o mais agradável sorriso, que ainda tinha mostrado. Sua magestade, deceu as palpebras meias cerradas, e desviando a vista da intuição recta do seu interlocutor, disse lentamente, e com affectada indifferença:

— « Padre Ventura, a primeira vez que o encontramos em Santa Clara estavamos longe de suppor que tão cedo quizesse Deus experimentar-nos com a pesadissima cruz do governo dos povos. Prestou-nos um grande serviço então, e empenhamos a nossa palavra de que nunca o esqueceriamos. Ainda que a promessa foi dita em segredo e quasi aos pés de uma dama, o rei quer pagar as dividas do principe D. João, e tem vontade de o provar. Ha alguma coisa em que o nosso poder lhe seja util? »

O jesuita olhou, e sorriu-se tambem. A intenção do soberano não lhe escapava; mas julgou mais habil obrigar-o a descobrir o seu pensamento; por isso, curvando-se, respondeu com humildade calculada:

— « Certo da grandeza de vossa magestade chego aos seus pés para lembrar a palavra dada em Santa Clara por sua alteza o principe real. »

— « Ah! » interrompeu o monarcha, subindo-lhe a côr ao rosto, e deixando o estilo affectado do ceremonial. « E que noticias me traz de todas as pessoas... que lá conhecemos? »

— « D. Catharina de Athaide... » disse o italiano.

— « Deixemos essa!... » acudiu el-rei á pressa e com um sorriso contrafeito. « Tenho o conde de Aveiras ao meu lado para saber a todos os momentos, que está cada vez mais bella e namorada. Mas Cecilia? acrescentou, pondo-se de pé, e vencendo por um movimento forte a timidez, Cecilia, que v. paternidade sabe que amei... e que amo ainda? »

— « A educanda, redarguiu o visitador serenamente, perdendo as illusões, e conhecendo que o amor de el-rei não devia pertencer-lhe, morreu... »

— « Morreu! Cecilia morreu!? » exclamou o principe fazendo-se branco de jaspe e sentindo no coração um golpe, que lhe esfriou o sangue.

— « Para o mundo! » concluiu o jesuita sem se alterar. « Como não podia tornar a amar na vida, escolheu a Deus para seu Esposo, e volta a Santa Clara a tomar o véo. »

— « Sem o meu consentimento? » gritou D. João V, cujos olhos faiscaram, convertendo-se a

palidez no vivo carmim das faces; em quanto o gesto e a vista diziam ameaça e cholera.

— « Sem o consentimento de vossa magestade! » replicou o jesuita com o tom placido, e o ar de dignidade, que sabia assumir nos instantes criticos. « Em pontos de dever e de religião a consciencia passa adiante. Deus é acima de el-rei. »

— « Muito bem! » accudiu o monarcha reprimindo-se com difficuldade, e dando alguns passeios agitados pela salla para se fazer senhor do seu espirito. Decorridos momentos, e parando repentinamente defronte do visitador, disse-lhe no tom secco e ativo do orgulho ressentido: — « Esperamos pela petição de v. paternidade para vermos se está em nosso poder attendel-a. Esteja certo de que desejamos cumprir as nossas promessas. »

— « Eis a tormenta! » pensou consigo o italiano. « Não importa. Previ sempre que o bom tempo não havia de durar muito. » Levantando, depois, a cabeça, e com a voz firme e natural, de quem não rogava favor, e sustentava direito, respondeu ao soberano, inclinando-se:

— « O que venho requerer a vossa magestade não o pedirei á magnanimidade real do seu coração, mas á indefectivel justiça da sua verdade. Ainda que o offendido como homem seja el-rei, isso mesmo basta para eu estar seguro da sua generosidade e clemencia. »

— « Ah! » exclamou D. João V com um gesto carregado « Continue! »

— « Um vassallo portuguez acha-se em ferros nas prisões do castello por um erro, que a vontade de el-rei não irá de certo aggravar em crime de lesa magestade. Cego de ciúmes injustos, mas sinceros, teve a desgraça e o desaccordo de não desviar a tempo a sua espada, e um sangue precioso e sagrado derramou-se... »

— « Falla de Jeronymo Guerreiro, capitão nos meus exercitos, e preso por tentativa de assassinio sobre a pessoa do principe real? » atalhou D. João V. com severidade. « O que pede elle? Faltou-se ás leis? Negaram-lhe justiça ou de-feza? »

— « Pede a liberdade que lhe é devida. Elle não podia ferir ao principe, nem a el-rei! » acudiu o jesuita com a maior placidez.

— « Engana-se, padre Ventura. E a prova é que não só levantou a espada para mim, como trespassou com ella uma senhora debaixo da guarda e lealdade do principe, do primeiro cavalheiro deste reino!... »

— « Sei perfeitamente » respondeu o padre como respeitosa dignidade « que el-rei é o primeiro cavalheiro e que presa esta qualidade; sei tambem que a guarda da sua lealdade foi sempre e deve ser a mais sagrada; mas ignorava que os principes fizessem de reis nas trevas, escalando os jardins dos seus vassallos, e expondo-se a encontrarem os que alli defendem a honra e a innocencia. Por isso ha pouco disse, que Jeronymo Guerreiro não tinha ferido a vossa magestade; e a rasão era porque vossa magestade como soberano não podia estar anonymo diante dos seus vassallos, nem descer a logares aonde elles defendendo-se o acutilassem! »

— « Padre Ventura!... exclamou D. João V irado e medindo-o com a vista. « Escolhe o peor meio de alcançar o meu perdão. »

— « Não venho pedir perdão, mas justiça a el-rei; peço licença para o tornar a repetir! » replicou este friamente.

— « Acha então v. paternidade, que o vassallo póde levantar a mão sem crime contra o seu monarcha? » disse o principe ameaçando-o com a voz e o gesto ao mesmo tempo.

— « Perdoe-me vossa magestade! Acho que um cavalheiro não se esconde nem engana; intendendo que o soberano não póde descer do throno para ser parte e juiz dos seus vassallos, em vez de protector. Quando se sobe por cima dos muros, e se escolhem as trevas para segredo, e uma donzella por confidente, o monarcha ficou no paço; quem se arrisca é o particular. Vossa magestade dirá na sua sabedoria se houve offensa em eu julgar que tomando este caminho el-rei sabia, que de noite e não entrando pela porta queria correr o perigo de sahir na ponta de um florete, se o vassallo fóra de horas achasse a sua honra de menos, e a sua casa infamada. O soberano foi posto como pastor e defensor da grei. Se ao contrario disso tivermos o leão devorando o rebanho, maculando a innocencia, e pondo em conflicto a virtude... parece-me licito atirar-lhe, porque na escuridão vê-se o homem, e não a corôa; e o poderoso que tira as insignias e se disfarça na capa de aventureiro, é um tyranno que se vinga por ser com elle o que a lei permite que se faça aos outros. Neste caso, creio firmemente, que a haver necessidade de perdão... não é ao rei é ao subdito ultrajado que importa vêr se o deve dar! »

D. João V mordeu os beiços com tanta raiva, que os ensanguentou; porém, as suas diligencias para se reportar, foram infructuosas. Cerrando os pu-



uhos, inflamado o rosto, e com arremessados movimentos, precipitou-se quasi em duas passadas do fundo do aposento, e achou-se diante do visitador, que a sua explosão não desarmou da serenidade habitual. O principe irritado com a advertencia austera, e mais ainda com a fortaleza do jesuita, exclamou com pungente ironia:

— « Agora percebo! Queria arrancar-me o perdão de um criminoso para Cecilia não ficar sem esposo! O plano era sagaz; infelizmente para os auctores leio na sua alma! Veremos a quem enganam. Quanto ao assassino a justiça dirá se as distincções de v. paternidade são mais fortes do que as leis e a minha corôa. Não é novo nem raro que a companhia de Jesus defenda o regicídio; é verdade que em presença do monarcha, hoje foi a primeira vez! Diga-me, padre Ventura, quando Deus passa adiante do rei, é para o subdito roubar ao seu principe a vida e a ternura... que o fazia feliz? Cuida que hei de permittir que Cecilia seja de outro; e que a pretexto de falsa generosidade posso consentir em que a sacrifiquem ao homem feroz, que ousou... »

— « Quem ousou » atalhou o italiano com a fronte erecta « não foi elle, foi vossa magestade! Quem se esquece do officio de rei para se lembrar da vingança, e fazer do sceptro uma vara de tyrannia, não somos nós, é aquelle que a sua consciencia mesma accusa. A quem disse o monarcha o seu nome e a sua qualidade? Teve medo de Deus, ou teve vergonha dos homens quando os occultou? Senhor! Na minha idade deviam-se-me poupar as injurias, porque tenho muito a viver na eternidade, e muito pouco a esperar do mundo. Não formo nem desfaço projectos. Se encontro algum desgraçado dou-lhe a mão, eis o meu peccado! Esse mancebo, exposto ao odio do principe, não ama Cecilia, nunca a amou. Allucinado por um erro desculpavel cuidou que perdia em uma hora a esperança e a felicidade; e achando nas trevas um estranho aos pés de uma mulher, que julgava ser a sua, fez o que fariam todos... defendeu-se, e defendeu-a! »

— « Ferindo vilmente a ambos?! » interrompeu o rei com precipitação.

— « Não! Querendo ferir o seductor, que de noite e com o rosto cuberto se introduzia n'uma casa honrada. Se el-rei não intende isto, ou o que é muito peor, se não quer escutar senão o seu resentimento, desgraçado povo, e triste rei! Nesse caso dou ao ceu as graças por ser de dias apenas a minha estada aqui; escusam os meus olhos de se encherem de lagrimas, e o meu co-

ração de magua, vendo um reinado, que principia por onde acabaram os mais detestados e crueis. »

— « Quem falla desse modo não pôde dizer se irá para fóra do reino, ou se ficará sepultado n'uma torre! » bradou o principe tremulo e es-carlata de raiva.

— « É verdade. A sahida da barra não é que estão só os chavecos mouros. Perdoe vossa magestade se cuidei que os argelinos não captivavam em Lisboa!... Levantarei as mãos a Deus se Elle permittir que dentro mesmo de um estado catholico eu alcance a corôa do martyrio... Aqui, ou em Tunes, desde que se padece pela verdade, tudo é servir a Christo, e confessar a sua fé. »

Estas palavras proferidas com o ar tranquillo, de quem aguarda o infortunio como amigo, tiveram a virtude de fazer cahir em si o rei, a seu pesar dominado pela força d'alma daquelle velho inerme que entre as garras do leão parecia socego, como se ajoelhasse com Deus no interior do seu oratorio. Inclinado a tudo o que era grande e sahia do commum D. João V, sentiu retirar-se a cholera e sobrevir a reflexão. Aplacado o primeiro impeto, e feito um exame mais sereno, conheceu que a razão não estava toda do seu lado, e que por isso mesmo que tinha o poder, a verdadeira magestade exigia d'elle um sacrificio. Sentando-se, e guardando silencio alguns instantes, empregado em estudar com a vista o rosto do visitador, e em applaudir secretamente a sua firmeza, o principe desarmou-se subitamente do aspecto severo e irritado, que tomára; e abrindo a phisionomia com um sorriso, em que era facil notar ainda um resto de amargosa ironia, disse-lhe:

— « Sabe, padre Ventura, que pôde haver debaixo dessa roupeta humilde tanta soberba como na purpura e nos arminhos de um monarcha? Quem nos observasse ha pouco diria que estavamos tratando de potencia a potencia, e que v. paternidade era o mais poderoso... »

— « E não se enganava, senão em uma coisa, senhor! » respondeu o italiano com o mesmo semblante serio e placido.

— « Qual? »

— « Em suppôr que eram potencias eguaes! Á que eu represento, pedindo justiça, e advogando a causa dos que choram, tem-se curvado os imperios e os sceptros!... A corôa de vossa magestade é de ouro, é de metal, e quebra-se; em quanto a de Deus, de quem sou ministro in-

digno, é de estrellas e de gloria... Os homens reinam dias, Elle reina por todo o sempre; o soberano está acima dos outros homens, mas Deus a um aceno da sua mão, depõe os potentes; e as suas vaidades que se levantam como pó, um sopro as abate como outro sopro as fez erguer. »

— « Tem razão. Mas com uma differença. O seu reino não é deste mundo... »

— « Perdoe, vossa magestade. Christo disse, que o reino dos apostolos chegava até onde chega a consciencia humana. »

— « Bem! Então v. paternidade crê, que estou em peccado, que erro como homem, e que offendo como rei, punindo as que infringem a lei? Não se recorda de um dos mandamentos que diz: — não matarás? »

— « De certo; menos em defeza propria; porque no amor do proximo o termo de comparação somos nós mesmos; e el-rei é muito justo para não conhecer que a honra vale tanto como a vida. Eis o motivo porque eu appello da ira e do resentimento do principe real para a consciencia do sr. D. João V, cujo sceptro é a primeira vara de justiça dos seus povos. »

— « E appella bem! Diga-me: no meu logar, ferido por um vassallo, e desacatado diante de testemunhas deixava pisar a corôa? »

— « Não, se a corôa estivesse na cabeça de el-rei! Mas aonde estava ella no jardim de Lourenço Telles, senhor? »

— « Mas Jeronymo conheceu-me; commetteu o crime, sabendo o que fazia! »

— « Ponho a minha confiança no coração de vossa magestade; e se me permite uma pergunta... »

— « Falle! »

— « Se o soberano fosse o vassallo, e o vassallo o monarcha, vendo, ou julgando vêr, (o erro foi esse?) a mulher que amava escutando a ternura de outro, o que fazia, el-rei não, mas o principe D. João como cavalheiro?... Vossa magestade é a verdade e a justiça vivas; a voz da sua consciencia é que eu peço! »

El-rei sorriu-se, levantou-se, e poz-lhe a mão no hombro. Depois acrescentou com ar nobre e gesto mais desassombrado.

— « A prova de que foi ella o juiz, é que o principe subindo ao throno obteve d'el-rei que escrevesse logo esta ordem de soltura! Bastava ter cruzado a espada com o meu vassallo para o soberano não dever ser rei, se quizesse ficar sendo cavalheiro... Ouvi-o para o experimentar, padre Ventura. Sabe que mais? Não torne a ex-

citar assim a cholera dos monarchas, porque o dito vulgar affirma que é o mesmo do que brincar com as garras do leão. Houve um momento, em que estivemos em perigo ambos. A verdade quando se carrega, fere... Deixemos porém, isso. O seu protegido conta que não corre perigo. Sei que não ama Cecilia; mas os seus loucos ciumes foram talvez a causa... »

— « A causa é o amor que ella consagra a vossa magestade. Para não serviz de obstaculo á sua gloria... »

— « Á minha gloria? E se eu a intender de diverso modo? Por ser monarcha hei de por força arrancar o coração do peito, ou fechal-o ao affecto... »

— « Para os reis ha só um amor possivel e unico... »

— « A gloria? »

— « Não, senhor! a ventura dos seus povos! »

— « Mas em que póde a ternura de Cecilia offender os povos?... »

— « Se vossa magestade o permitte ella mesma responderá! »

— « Ella! Como? Pois!... » exclamou o maucebo alvoreçado.

— « Espera á porta uma audiencia de el-rei... » redarguiu o padre contendo-o com a vista.

— « Uma audiencia! ? » disse elle suspenso.

— « Uma audiencia, senhor. Esó para entregar a vossa magestade um retrato e varios papeis que não podem pertencer senão á rainha de Portugal... »

— « E vossa paternidade sabe, se eu... »

— « Sei que vossa magestade deseja ser, e hade ser um grande rei. Ora para o conseguir a primeira coisa é vencer-se, dar um grande exemplo! Cecilia vem beijar a mão do seu soberano, e pediz-lhe o esquecimento da temeridade que por ignorancia commetteu levantando os olhos para o principe D. João. Ella e eu esperamos, que el-rei não saiba o que a nós todos convem não lembrar mais! »

O monarcha, com as faces inflammadas, e a mais profunda commoção na voz e no semblante, tocou a campainha com força, e sem lhe responder. O conde de Aveiras abriu a porta, e sua magestade lançando-lhe a vista severamente disse com ar sombrio: « Conde, mande entrar a senhora, que pediu uma audiencia, e retire-se depois! » Dahi a um momento Cecilia entrava na sala e colhia no rosto do padre Ventura o valor necessario para sustentar a sua firmeza. D. João V pallido e tremulo, com a paixão no olhar

amoroso e no sorriso extático, apesar de impetuosos esforços para se dominar, precipitou-se, recuou, e por fim caiu de joelhos aos seus pés, como dantes, exclamando em um gemido de dor e de jubilo ao mesmo tempo: Cecilia!

A donzella vacillou, inclinou-se para o príncipe que não queria levantar-se, nem ceder-lhe a mão que estava cubrindo de estremosos oscuros, e não podendo também conter o coração, deixou correr em fio as ardentes lagrimas, em quanto lhe fugia da bocca um suspiro, verdadeiro echo da alma anciosa, o doce e amado nome de João! Em um dos angulos do aposento, o mais longe possível delles, o visitador callado e melancolico, assistia a esta scena, e sentia as palpebras humidas, e o peito confrangido.

Assim passaram os primeiros momentos.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

## NOTÍCIAS E COMMERCIO.

### Exequias de S. A. a princeza D. Amelia.

—A cathedral da cidade do Funchal foi testemunha de um dos actos mais religiosos que a saudade d'um povo christão pôde tributar á memoria de uma das mais virtuosas princezas!

Quinta feira passada abriram-se as portas do templo onde se erguera magestoso um mausoleu, em vista do qual se celebraram as exequias pela morte da illustre e sempre chorada princeza Dona Maria Amelia. Desde esse momento começaram a affluir áquelle recinto de dôr e oração todas as classes da sociedade. Concorreu a este adeus eterno, chorosa e concentrada em sua profunda e justa dôr sua magestade imperial a excelsa duquesa de Bragança — sendo esperada á porta do templo pelo rev. bispo da diocese, exm.<sup>o</sup> visconde de Fornos, governador civil do districto, o commandante militar, e todas as demais autoridades. — Assistiram a esta cerimonia funebre todos os empregados publicos, e muitas pessoas distinctas tanto nacionaes como estrangeiras.

Todo este acto religioso foi passado com a maior dignidade, respeito e devoção, e muito desejamos que a todos os respeitos se tornasse grandiosamente elevado este tributo de saudade e respeito pela filha do immortal Duque de Bragança, para que dessemos uma solemne demonstração de que ainda não esquecemos os serviços e trabalhos do augusto defensor das liberdades publicas.

Quizera o exm.<sup>o</sup> governador civil que honvesse uma oração funebre como é proprio em taes occasiões; porém tendo s. ex.<sup>a</sup> conhecimento de que as palavras que proferisse um ministro do Senhor, seriam outras tantas feridas abertas no coração de uma mãe desolada, e mais aggravariam a magoa, e a saudade da-

quella alma consternada, toda infortunio e acerbos memorias, tratou de conseguir que no mausoléu se gravassem algumas inscripções que apontassem ao povo que a sua vontade tinha sido perpetrada.

E o poeta soltou sua voz melancolica e elevada, offerecendo ao sr. governador civil as quatro sentidas quadras, que um rasgo feliz de seu conhecido talento soube tão bem appropriar ao assumpto.

Choremos!... que a filha de Pedro immortal,  
Do Rei Salvador, do Martyr soldado,  
Morreu!... Ai de nós!... que golpe fatal  
De Deus a vingança nos ha desfechado!...

A magoa profunda da *augusta senhora*,  
Que o ser, e as virtudes sublimes lhe deu,  
Só é comparavel á que hoje membra  
A igreja por Christo, que tanto soffreu.

Esse anjo que *A Virgem* á terra mandou  
A dôr mitigar da esposa extremosa,  
Dos anjos a inquieta saudade chamou  
À patria celeste, mansão gloriosa.

D'esperança, innocencia, d'amor e candura,  
De paz *charidade*, oh anjo adorado!...  
Aceita este pranto — que a pena não cura  
O pranto de um povo assaz desgraçado.

(O Amigo do Povo de 15 de março).

**Vapor Grã-Bretanha.** — Do jornal *A Ilha* que se publica em Ponta Delgada tomamos a seguinte curiosa noticia: —

« Em a noite de 19 para 20 do corrente março deu fundo na enseada de Ponta Delgada este grande vapor, vindo da Australia, com direcção a Inglaterra, tocando nesta ilha para receber carvão e refrescos, demorando-se até á noite do dia 22.

A carga era de 3:126 onças de ouro no valor de 400:000 libras esterlinas, isto além do ouro dos particulares. Conduzia a seu bordo 232 passageiros. Este vapor é da força de 500 cavallos, e tem de comprimento 327 pés, de largura 54, e de pontal 48. Tem capacidade para 3:500 toneladas, e o ferro empregado na construção anda por 1:800 toneladas ou 97:200 arrobas, e além dos passageiros que conduz tem accomodações ainda para 400 familias. Palmos de comprimento 492 e um quarto, e de largura 81.

Calcula-se a despeza feita nesta cidade em quatro contos de réis.

Nos dias 20 e 21 foi grande a concorrência de pessoas de ambos os sexos, que visitaram este navio, acontecendo a infelicidade de se virar um barco á sahida do caes em que iam os srs. Arruda, Luiz de França, João Albino, e outras pessoas mais, o que todavia não occasionou desgraça alguma sensivel como poderia acontecer.

Da companhia — Boa Fé — recebeu 500 caixas de fructa de carga, para a Inglaterra.

Este vapor já deu duas vezes á costa; e hoje é de quatro mastros; sendo antes de seis.

Julgamos a proposito publicar aqui a descripção que uma folha ingleza fez deste vapor em 1844. e é a seguinte:

Seu custo é de £ 100:000. Construiu-se em tres annos e meio. — Não tem rodas nem caixas dos lados, ha de ser movido pela rosca chamada archimedeanna. — Mede 3:600 toneladas, 2:000 mais que o vapor *Great Western*; e fluetua mais. — É compellido por engenhos da força de 1:000 cavallos. — Comprimento da figura da prôa á popa 322 pés. — Comprimento da quilha 289 pés. — Tem de boca 50 pés e 6 pollegadas. Tem quatro cobertas. — O convez é corrido; e mede 308 pés. — A segunda coberta consiste de dois salões de passeio — o de ré ou primeiro 110 pés e 6 pollegadas de comprimento, e 22 pés de largura. — O segundo 67 pés de comprido, e 21 pés e 9 pollegadas de largura. — A terceira cuberta consiste em salas de jantar; o grande salão mede 96 pés 6 pollegadas de comprido, com 30 pés de largura; e o segundo 61 pés de comprimento, e 21 pés e 9 pollegadas de largura. — Todos os salões tem 8 pés e 3 pollegadas de altura, e rodeados de camarotes fechados, dos quaes ha 26 com camas singelas e 113 contendo duas cada um, produzindo 252 camas. — Este grande numero é exclusivo das accommodações que se podiam preparar nos immensos soffas que rodeiam os salões. — Para todos os camarotes ha passagens geraes fóra dos salões. — Tudo é muito ventillado. — A quarta cuberta é apropriada para a recepção de carga, da qual póde conter 1:200 toneladas, com mais 1:000 toneladas de carvão.

Para a popa do navio ha um grande tanque de agua doce, situado debaixo da cuberta; e para a prôa ha um quarto d'ar desde a maquina até á prôa. — O castello de prôa está designado para os quartos de trabalho e comida de officiaes, e marinheiros, e camarotes para dormir. — Os engenhos e caldeiras occupam o espaço de 80 pés a meia ná. — O engenho e cosinha são nesta parte do navio. — Ha 3 caldeiras, são aquecidas por 24 fogos e contem 200 toneladas d'agua. — Ha 4 engenhos da força de 250 cavallos cada um; e o cilindro dos quaes tem 7 pés 4 pollegadas de diametro. — A chaminé tem 39 pés d'altura, e 8 pés de diametro. — Tem seis mastros, o mais alto tem 74 pés acima do convez. — O panno do velame mede mais de 1:700 jardas quadradas. — O porão é dividido em quatro departamentos para agua — a quantidade de carvão é de 60 toneladas consumidas por dia. — O ferro empregado na construcção do vazo, caldeiras, engenho etc., anda por mais de 1:500 toneladas. — Quando carregado demanda 16 pés — a agua que desloca calcula-se em 3:200 toneladas. — As folhas de ferro da quilha são de 1 pollegada e tres quartos de pollegada de grossura — as outras são de meia pollegada. — Tem costado dobrado. As cavernas são formadas de vergalhão angular: 6 pollegadas por 3 e meio e sete decimos em cima. — A distancia media das cavernas é de 14 pollegadas de centro a centro. Todas as cavernas são dobradas, as distancias são então de 18 a 21 pollegadas. As bombas esgotam 7:000 galões de agua por minuto. »

**Melhoramentos no Chile.** — Esta porção dos soberbos dominios da corôa hespanhola, que se desmembrou da metropole quando se tornaram independentes aquellas vastissimas e ricas possessões em o Novo-Mundo, é de todos esses novos estados o que

tem adquirido maiores vantagens nos progressos materiaes.

Nas provincias do norte faziam-se diariamente novos descobrimentos de minas, e em geral todas offereciam vantajosos resultados; não obstante os bons salarios havia escassez de braços para a lavra das minas; vinham, porém, concorrendo trabalhadores de outras provincias daquela republica e até muitos da Confederação Argentina.

A actividade que despertou a construcção do caminho de ferro era admiravel. Copiapa, que ainda ha pouco tempo se reputava povoação insignificante, transformou-se quasi de subito n'uma cidade populosa, alumiada hoje com o gaz, e adornada de bellos edificios. O commercio de Valparaíso continua a prosperar, e activam-se as obras do caminho de ferro até Santiago.

**Um peixe monstro.** — De Caminha escrevem ao *Nacional* o que se segue: « Foi apanhado no alto mar, pelos pescadores da villa da Guarda, um peixe, que até agora ninguem soube dizer seu nome; tinha 30 palmos de comprido e 10 de grosso por todo, um focinho aguçado, que lançava diante da bocca tres palmos, a bocca era grande com tres ordens de dentes como os de pescada, os olhos redondos e pretos, tinha em volta de todo o pescoço cinco ordens de folhas, por baixo dos quaes tinha as cacheiras, com a distancia de palmo de umas as outras, por baixo da barriga tinha dois espigões de ponta aguda, do comprimento de 5 palmos e de 2 de grosso, em cima do lombo tinha duas badenas do feitio de umas azas, o rabo era como o da tuninha, a pelle negra e como liza grossa, a carne por dentro assemelhava-se á de vacca, mas muito esvaída. Foi pescado este peixe em sete redes, nas quaes fez grande estrago com o focinho, e de certo se escaparia, se por acaso se lhe não embaraçassem duas na bocca, o que serviu para o trazerem a reboque á praia, aonde foi observado por quem quiz vêr, e depois esfolado; os fígados pesavam 16 arrobas. Por aqui se póde fazer idéa do tamanho deste peixe monstro. O administrador da villa da Guarda tomou conta da pelle do dito peixe, para a mandar para a academia de historia natural. »

**Telegraphia submarina.** — Uma carta de Turin de dia 3 do corrente diz o seguinte: — Mr. James Williams Brett, depois de uma conferencia que teve em Paris com o imperador Napoleão, veio a Turin assignar o contracto de telegraphia submarina com mr. Paleocapa, ministro das obras publicas. Obrigou-se a estabelecer desde Spezia a Bastia um cabo electrico submarino e prolongal-o desde o estreito de Bonifacio até Cagliari.

De futuro será continuado desde Cagliari, capital da ilha de Sardenha até Tunes, donde se dirigirá para Argel um fio e outros para Alexandria. A conferencia com o imperador dos francezes foi relativa á telegraphia proposta para a Africa franceza.

O trajecto submarino desde a Italia á Corsega seria infinitamente mais curto se o cabo sómente tivesse de atravessar o canal de Piombino. — A sciencia e não á politica é que se ha de attribuir aquella variação. Não sendo a ilha de Elba, para assim dizer, mais do que um grande pedaço de ferro, seria o agente electrico viciado continuamente se pelas proximidades della houvessem de passar os fios telegraphicos.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. BIBEIRO DE SÁ.

NUM. 42.

QUINTA FEIRA, 28 DE ABRIL DE 1853.

12.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### BALDE OU CESTO DE SALVAÇÃO EM CASOS DE INCENDIO.

Entre os diversos alvitres e aparelhos propostos para a salvação das pessoas em casos de incendio, por desgraça tão frequentes nesta cidade, como em todas as capitães populosas, o invento do sr. Manuel Maria Corrêa de Seabra, que já foi administrador deste jornal, é incontestavelmente a maquina mais vantajosa e adequada áquelle serviço tão precioso, que se destina a resgatar de morte horrivel os infelizes habitantes dos predios incendiados. Recommenda-se tanto pela singularidade e pouco dispendio da construcção, como pela facilidade e promptidão da manobra; e os ensaios que se tem feito, por ultimo em o mez corrente, comprovam a sua utilidade.

O sr. Seabra não só é digno de elogio por este producto da sua intelligencia e pelo espirito de humanidade que o dirigiu, como tambem pelo generoso offerecimento que acaba de fazer á camara municipal de Lisboa do modelo do *balde de salvação* em ponto grande, que foi adoptado e se acha em serviço adjunto á bomba n.<sup>o</sup> 21.

O fatal incendio que em 21 de novembro de 1844 destruiu o predio n.<sup>o</sup> 121 da rua da Magdalena foi causa de que o sr. Seabra meditasse sobre os meios de construir aparelhos proprios para a salvação das vidas em semelhantes desastres; dos que lhe occorreram á idéa decidiu-se afinal pelo *balde ou cesto de salvação*. Para ensaiar este seu invento procedeu á tentativa de um pequeno modelo, que esteve exposto ao publico em o escriptorio deste jornal com a explicação compe-

tente, como consta do n.<sup>o</sup> 20 do 4.<sup>o</sup> volume da REVISTA de 5 de dezembro de 1844.

Quando a camara municipal por edital de 2 do citado dezembro convidou á apresentação de propostas tendentes á salvação das vidas por occasião de fogos, o sr. Seabra concorreu com a sua exposição acompanhada dos modelos. Convencido da decidida utilidade deste aparelho mandou construí-lo em ponto grande para ser melhor avaliado nas provas publicas; e as experiencias se fizeram com mui satisfactorio resultado nas janellas do 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> andares desta propriedade onde a REVISTA tem seu escriptorio no 1.<sup>o</sup> andar, rua dos Fanqueiros n.<sup>o</sup> 82. O principal ensaio praticou-se no domingo 26 de janeiro de 1845 pelas duas horas da tarde em presença dos vereadores da camara, do inspector dos incendios que então era o sr. Feijó, e de muitas pessoas convidadas, além de numeroso ajuntamento de povo; sendo desde logo reconhecida geralmente a superior vantagem do novo aparelho.

Passadas as primeiras e dolorosas impressões do referido incendio na rua da Magdalena, caíram no esquecimento, como por fatalidade acontece entre nós a muitas coisas uteis, todas as maquinas que por essa occasião foram propostas com maior ou menor acceitação; e apesar de ser o preferivel succedeu o mesmo ao invento do sr. Seabra. Felizmente depois que a inspecção dos incendios foi entregue no anno preterito ao engenheiro civil o sr. Joaquim Julio Pereira de Carvalho, e o respectivo pelouro ao vereador o sr. Geraldo José Braamcamp, tem por seus louvaveis esforços e activas diligencias melhorado consideravelmente esta repartição encarregada á camara, já pela aquisição de novas maquinas já pela boa ordem do serviço. Merecidos agrade-

mentos devem os habitantes da capital a estes cidadãos, e aqui repetimos também os que são devidos ao sr. Senador, que vendo estes melhoramentos considerou opportuno a execução de offerecer a machina em ponto grande á camara municipal, não só para servir de modelo a outras, mas para ficar pertencendo ao trem da inspecção dos incendios, como de facto está junta á bomba n.º 21, que foi mandada vir de França para modelo de outras que por ella já se tem feito em Lisboa. É tão leve que 4 ou 6 homens a transportam a qualquer parte aonde seja precisa, e por tanto ahi com ella o *cesto-salva-vidas*.

Do exercicio que no domingo 10 de corrente abril se fez no Campo de Santa Clara em um predio de 3 andares (porque o não havia alli mais alto) com a *mangureira alemã*, e o *cesto-salva-vidas*, se conheceu que este ainda se arma mais depressa do que aquella. Póde transportar das janellas para a rua duas ou tres pessoas maiores de cada vez, e se forem crianças 5 ou 6 que lhe mettam para dentro, porque tem capacidade para isso. Esta commodidade no transporte quer seja para crianças ou para um doente de cama, ou paralytico é que outro qualquer apparelho dos por em quanto conhecidos não póde offerecer. Ainda tem outra vantagem qual é a de que, engatado o apparelho em uma janella do andar superior do predio, salva não só as pessoas que por ella sahirem, mas também das outras janellas que ficarem inferiores.

Oxalá que o digno inspector dos incendios mande fazer destes salva-vidas, pelo menos para andarem em todas as bombas ligeiras que estão munidas das escadas de ganchos.

Damos em seguida uma breve descripção do apparelho novo, que nos foi confiada pelo proprio inventor, e cuja estampa se póde ver em o n.º 31 do 4.º vol. da REVISTA de 20 de janeiro de 1845. É o *balde* que está á esquerda da estampa.

#### Descripção do salva-vidas.

Compõe-se dos seguintes simples instrumentos: Um balde de lona de 5 palmos de altura sendo a bocca e o fundo um quadrilongo boleado nos angulos, de 4 palmos de comprimento e 2 e meio de largo: a bocca cercada de um varão de ferro de meia polegada de grossura, embainhada na lona, e o fundo serrado de madeira para melhor se firmarem os pés de quem vai dentro: é abraçado com um cabo de linho que do centro do fundo do balde pela parte exterior se divide em 8 raios, os quaes vem pelo balde acima juntar-se dois a dois nos angu-

los da bocca, e ahi formam 4 anilhos de dois e meio palmos de comprimento onde se enlaça a aza do balde; isto é, cada extremo da aza em cada dois anilhos mais proximos. Na aza, que é de ferro, ha uma argola, também de ferro, a que está preso um moitão de um só gorne.

O varão de ferro antes de mettido na bainha da bocca do balde deve ser breado e coberto com umas tiras de pano encerado para o preservar da umidade.

Tanto na bocca do balde como em volta do fundo deve haver uma guarnição de couro.

Uma cadeia de ferro de 7 palmos de comprimento tendo nas extremidades ganchos fortes, e ao meio uma argola. Os ganchos são para engatar nos lemes superiores e fronteiros das portas das janellas e a argola que fica ao centro da cadera é para nella engatar o moitão preso ao cabo de vaivem e por onde passa o outro cabo que içar o balde.

Um cabo de linho breado para o vaivem de grossura e comprimento sufficiente que bem chegue de uma janella pelo menos de 5.º andar a descer obliquamente ao lado opposto da rua, e outro cabo de linho em branco para içar o balde, que deve ter o dobro do comprimento do primeiro cabo. N'uma das extremidades do cabo de vaivem ha um moitão com gancho ou gato de mola para se fixar na argola da cadeia, estando o mesmo cabo enfiado pelo outro moitão que ha na aza do balde.

Para se fazer uso deste apparelho põe-se a cadeia, como já se disse, nos dois lemes superiores das portas de uma das janellas de um dos andares mais altos do predio em que for necessario: logo em seguida se engata o moitão do cabo de vai-vem, a cujo moitão está sempre passado o outro cabo que dá o movimento ao balde a cuja aza está preso. O cabo de vai-vem estica-se obliquamente ao lado opposto da rua aonde se amarra, ou a uma porta, ou á argola da estaca de ferro de que hoje já andam munidas as machinas dos incendios. Feito isto começa a içar-se o balde para tirar para fóra da casa as pessoas que estiverem em perigo.

Desta sorte gira o balde pelo cabo de vai-vem sem bater nas paredes ou janellas que lhe ficam inferiores. Quando, porém, tenha de receber pessoas destas janellas que ficam por baixo afrouxa-se o cabo de vai-vem para assim o balde lá poder chegar.

Convém que o chicote do cabo de içar esteja passado a alguma argola para melhor o tentear na descida quem o estiver segurando. Póde ser a mesma argola da estaca de ferro aonde está amarrado o outro cabo.

Muito também conviria, tanto ao serviço da inspecção dos incendios, como mesmo aos particulares, que pela parte exterior das hombreiras das janellas de peitos dos andares superiores dos predios se chumbassem olhaes de ferro para nelles se engatar a cadeia.

Os apparelhos devem estar bem acondicionados com os dois cabos colhidos cada um sobre si, en-

fiados nos competentes moitões, sempre promptos a servir repentinamente.

De principio era mais trabalhoso o modo de collocar nas janellas este aparelho, quando na casa incendiada não houvesse pessoa com desembaraço para receber a cadeia e o moitão com os cabos por onde o balde gira; hoje felizmente está sanado esse obstaculo, depois da adopção das escadas de ganchos, por onde um homem com uma daquellas pequenas escadas sobe á maior altura de um predio, levando logo consigo uma espia para içar o aparelho.

### DA VENDA DOS GENEROS.

(Continuado de pag. 472.)

Como coisa muito essencial os generos cereaes antes de serem recolhidos nos celeiros devem ser muito bem seccos ao sol; recolham-se depois, e confiem-se aos cuidados de um fiel, que os disponha e trate conforme a qualidade especial de cada um, tendo em tulhas ou montes e afastados das paredes o trigo, o centeio, o arroz encascado, a cevada, e aveia; será bom que os montes não excedam quatro a cinco palmos d'altura; os que ha de ter espalhados são o milho, o milho sorgo, o milho miudo e painço etc.

O guarda ou fiel deve ser homem honrado, e capaz para desempenhar pontualmente as obrigações que vamos indicar; e que não faça desarranjos em prejuizo do comprador e descredito do fazendeiro. Padejará e dará volta aos generos duas vezes pelo menos em cada mez no inverno, e uma vez só no verão correndo secco o tempo. Ainda mesmo depois da colheita e debulha lhes dará volta duas ou tres vezes por mez; porquanto recolhidos recentemente podem conservar alguma humidade que venha a produzir fermentação. Cumprê-lhe não se descuidar de fechar as janellas ao anoutece e abril-as de dia, para que não entre a humidade da noute, e se procure a conveniente ventilação; tambem quando os calores forem intensos convem evitar que o ar quente penetre nos celeiros. Chovendo, fechará as janellas fronteiras ao vento para que não entre a chuva: em summa ha de tomar cuidado de que o ar que circula no celeiro seja sempre o mais secco possivel. Vigiará frequentemente se os grãos são atommestidos pelos bichos e insectos, recorrendo neste caso aos sabidos remedios, usando das fumigações da planta de salva, ou pendurando interpoledamente pelas paredes e tectos molhinhos da mesma salva.

Advertir-se que se, por imprevistas circumstancias, o trigo não tiver alcançado o competente grau de sécca, ou por quaesquer causas temporarias for preciso recolhê-lo no celeiro em monte, este não deverá passar da altura de dois palmos e quarto;

e assim ficará pelos primeiros seis mezes. A pouca humidade, que não teve occasião de largar antes de ser encelleirado, dá origem á uma certa fermentação, a qual produz á superficie do trigo um muí ligeiro véu transparente, similhante a uma teia de aranha, e o qual é sufficiente para impedir que os insectos damnifiquem os grãos que estão por baixo; tendo este véu nunca se deverá padejar ou virar o cereal, mas cumpre tratar de vendê-lo; se aquella teagem engrossa é signal de que já os insectos fazem estrago, e com muita maior razão se deve pôr com dono o trigo, antes que soffra maiores prejuizo.

O arroz estando bem secco pôde deixar-se em qualquer altura que se queira, e até encostá-lo á parede, sendo o unico dos cereaes que não padece por isso; bem entendido achando-se completamente exacto, condição em que se conserva por largo tempo. Note-se, contudo, que pôde arrumar-se assim encostado ás paredes, mas não hão de ser as dos armazens e casas terreas; e sim as dos celeiros collocados em primeiro andar, como a principio levo dito.

Torno a repetir que o fiel ou guarda deve ter neste trato summa diligencia e grande cuidado, com zelo pelos interesses de seu amo. Por isso mesmo em suas diarias visitas ao celeiro, de vez em quando metterà a mão na tulha ou montes dos cereaes, para conhecer se tem calor, e cheirárá um punhado de bagos afim de certificar-se se ha má cheiro; e observando qualquer destes signaes perigosos dará immediatamente parte ao fazendeiro para tomar as necessarias providencias.

Assim é que na Lombardia usamos conservar em bom estado os generos cereaes e os vendemos com vantagem segundo as circumstancias requerem.

GAGLIARDI (João).

## PORTE LITTERARIA.

A NOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XII.

SEM REI!

(Continuado de pag. 491.)

Apesar de todos os protestos ella perdou o vilor na presença do mancebo, e não pôde fugir aos seus carinhos, nem arrancar-se do seu lado. Colhendo novas esperanças nos bellos olhos, tuitvos de pranto, o principe cada vez apertava com mais força a tímida mão, que nem se negava,

nem se atrevia a corresponder-lhe. Em fim, por um desses impetos da paixão, que a vontade é incapaz de sujeitar, D. João com as faces inflamadas e os olhos cheios de fulgor, exclamou :

— « Elles não nos hão de separar, Cecilia ! Não vês a saudade e a ternura nas lagrimas de ambos ? Como é possível esquecer isto e viver depois ? Pelo doce nome do nosso affecto, pela coroa de meu pae... »

— « A coroa !.. » murmurou a donzella dolorosamente. « A coroa separa-nos ! Porque não sou eu mais do que nasci, ou porque não havia Deus de permittir que vossa magestade fosse meu igual ?.. Não tenho dote para merecer a mão de el-rei... »

— « Não falles assim. Tens esse coração, aonde eu sei que reino sobre todos... O rei póde querer thesouros, desejar imperios ; mas o homem não vive senão de amor ; e esse, querida, és tu a única de quem o acceita. Dando a mão ao principe, ainda elle te fica devedor. »

— « Não, não ! » acudiu a irmã de Thereza com um sorriso cheio de máviosa melancholia. « De que serve tornar-mos a adormecer, se havemos por força de acordar ? Bastantes lagrimas me custou já o primeiro engano ! O amor de el-rei é o seu dever, o santo dever de estimar os seus povos e a sua gloria. Vossa magestade não póde descer, sendo o primeiro, e eu não devo subir sendo a ultima... Entre nós e as illusões, está o mundo, está o throno... »

— « Que esteja ! Sou cavalheiro ; dei a minha palavra... »

— « Venho restituil-a ! » redarguiu a donzella affectando uma firmeza que desmentia o tremor da voz e o pranto a borbulhar nos olhos. « Se a primeira vez que nos vimos eu soubesse que era vossa magestade... seria hoje menos desgraçada. A promessa que recebi foi de um igual, e não de el-rei. Desse nada podia ouvir, nem acceitar em penhor de estima, senão... o esquecimento. Se em Santa Clara vossa magestade me dissesse que o principe D. João é que jurava pela sua alma, e com extremo, a mesma paixão que eu senti, eu havia de vencer-me, e nada do que succedeu acontecia ! O que pedi não foi a coroa ; nunca tive a loucura de sonhar com impossiveis ! Quem amei não foi o herdeiro do throno, foi o cavalheiro, cujo appellido ignorava, porque o coração não quiz saber senão o doce nome que lhe dava... Desejei outra coisa que não eram honras ; e tinham-me promettido mais ; pedi amor, sómente amor, e o affecto não se vende, senhor, paga-se

como se recebe, puro, extremoso e innocente. Estou enfadando a vossa magestade bem conheço ; mas é pela ultima vez. São as ultimas palavras. Vim aos seus pés a pedir perdão e esquecimento ; perdão porque me enganei, ou me enganaram ; esquecimento para poder expiar o meu erro na sepultura de um convento... »

— « Nunca ! » clamou o principe com vehemencia, e erguendo as mãos. « Não me accuses ; ouve-me ! Se dissesse tudo, se confessasse que era o filho mais velho de el-rei... »

— « Vossa magestade poupava-me a dor da viuvez eterna a que estou condemnada ! Se eu podesse esquecer, el-rei julga que estava agora aqui, penando o que padeço ? Depois dos dias que passaram, acorda-se, mas para tomar odio á vida e a carregar de luto... Não me queixo ; não derramo lagrimas ; o que digo só para que me ouça aquelle que amei e que amo ainda pela sua memoria como se estivesse morto, é sómente isto : João, foi mal feito ; eu não o merecia ! Um cavalheiro não me enganava... se !.. Acabei senhor. Fallemos dos vivos. »

— « Fallemos da nossa esperanza, do amor, como fallavamos... »

— « Quando elle vivia, e na minha alma eu o tinha feito meu esposo ? ! » interrompeu a donzella assumindo ar severo. « Não se lembra vossa magestade da palavra que lhe dei, diante de Deus e no segredo da noite ? Se eu fosse rei, amavas-me ? perguntou-me. Acceitavas a coroa e o throno, para reinar comigo ? Qual foi a resposta, senhor ? Ignorava tudo ; suppunha que a verdade era um riso ; mas o meu coração fallou como agora. Não amo el-rei, amei a outro, e esse morreu, perdi-o quando encontrei nelle a vossa magestade ! Viuva sem ser esposa, orphã tendo paes extremosos, o que procuro é um retiro aonde não chegue o mundo, e aonde sem crime continue a amar... a minha saudade. Quando o confesso a vossa magestade e acrescento que o meu ultimo suspiro será para Deus, e o penultimo para a ternura que jurei, disse tudo. É necessario uma determinação invencivel, como a que tomei, para não esconder nada. Sabe vossa magestade a razão ? Sou como se estivesse morta. O amor e a saudade, que posso dar, sepultei-os no meu tumulo ; e o coração se palpa não vive do que é, vive do que foi. Olho para tudo como para mim. E eu não tenho já que esperar, tenho só de que chorar e de que me arrepender. »

— « Cecilia, meu amor ! » exclamou D. João com as lagrimas a correrem em fio pelo rosto,



não me digas que nos havemos de apartar. Deus não uniu duas almas em uma só para os homens as separarem! Escuta-me; peço-to de joelhos; e não me levanto em quanto não ouvir o sim da tua bocca...

— « Senhor! Veja vossa magestade que não estamos sós!.. » atalhou a neta de Lourenço Tellos, fazendo todos os esforços para o obrigar a erguer-se.

— « Aqui não está el-rei; e não ha olhos que se atrevam a vêr, quando os d'elle choram e supplicam. É o homem que amaste, é o coração que juraste fazer feliz, que te pede que o não desertes do paraíso... »

— « Senhor! » exclamou ella desatando em pranto. « Vossa magestade tenta de mais a fraqueza do meu animo. João! » ajuntou mais baixo e deixando fugir para elle, banhada de lagrimas suaves, a vista fascinante, que foi beijar o olhar terno e queixoso do mancebo, « isto não pôde; isto não deve ser. Aos meus pés o rei!.. »

— « É o seu logar pedindo perdão e confessando o erro. »

— « Eu não me queixo. Perdão de que? Aquelles momentos do nosso sonho foram tão bellos e fazem-me tanta saudade, que agradeço até o engano, a que os devo. João, deixa-me pura ao menos, já que perdi tudo, a chama que aviva a tua imagem na minha alma. Não podemos tornar a vernos sem crime; separados temos a saudade para nos dizer a ternura, que juramos... »

— « Não, não! A saudade, o amor que resta dos mortos e dos ausentes não me consola; quero ao meu lado o anjo que é a alegria e a luz da minha vida. Compadece-te! Deus mesmo castiga, mas perdoa. Não me condemnes por orgulho!.. »

— « João, nem uma palavra mais, se ficas de joelhos! Cuidava que, vindo aqui, não teria que chorar senão as lagrimas de uma despedida eterna. Não as faças correr de vergonha e de remorso! »

O principe levantou-se pallido e sombrio. A magoa lia-se-lhe no semblante desfigurado. A vontade irresistivel pintava-se-lhe na vista flamejante. Apenas se poz em pé procurou com os olhos o sitio, aonde ficara o padre Ventura. Debalde! o jesuita, apenas viu de joelhos o monarcha, tinha-se retirado subtilmente, porque era muito habil para se expor a presenciar fraquezas, que podessem amargar um dia ao orgulho real. D. João V agradeceu interiormente ao visitador este rasgo, sem testemunhas o seu affecto não corava e podia dizer tudo, humilhar-se sem

desar. Pegando com meiga tristeza na mão de Cecília, o mancebo acrescentou com a voz cortada e os olhos arrasados de agua:

— « Has de ouvir-me! Se te revelasse quem era, não me deixavas nem a esperança; e perder-te, vês tu, era e será sempre arrancarem-me o coração. Se o ciúme, se a loucura de Jeronymo não cortasse de repente ao fio da espada os nossos juramentos cuidas que não tinha disposto tudo para te unir á minha sorte? Só depois de esposa saberias que te dava a coroa, dando-te a mão. Deus não quiz! Bastou uma hora para confundir os meus projectos, e na desesperação a que chegava desejei a morte. Acreditei que a mesma noite me roubava amante e pae... E via-me obrigado a esconder a dor e a soffrer comigo o martyrio! Imagina que tormentos!.. Porque me accusas? É um crime ancisar a ventura e callar-me, sabendo o perigo se o segredo rompesse antes de tempo? Leio no teu peito, sei os thesouros de amor e de generosidade que encerra. Princeza descias do throno, e offerencias-me a mão para eu subir... Não é verdade? »

— « Sim! » replicou a donzella corando. « Quizesse Deus que eu fosse a rainha e tu o vassallo! »

— « Assim o esperei. Se m'o não dissesses era o mesmo, adivinhava o que fazias... »

— « Chamava-te esposo, ainda que pizasse a coroa aos pés! » atalhou ella vermelha e sem ser senhora do seu impeto. Um instante depois, conhecendo que fôra sincera de mais, baixou a cabeça e poz os olhos no chão sem occultar as lagrimas.

— « Tu o disseste! » exclamou o principe com a fronte radiosa, e o ardor da paixão triumphante na vista. « Chamavas-me esposo, e não olhavas ao sacrificio! Como queres que amando-te mais do que ao throno, mais do que a mim proprio, faça menos? Palavra de rei não volta! Dei a minha, já não me pertence. Para te não perder sendo vassallo, e apesar de todo o orgulho, juro que subia até te alcançar, responde agora: mandas que desça para ficarmos como eramos, e como parecíamos, não envenenar-mos de saudades mortaes a flor dos annos? Ponho a escolha na tua mão. É a minha vida que entrego. Uma palavra; e o rei cabe de joelhos para se levantar ditoso não reservando de quanto servia de inveja á ambição mais do que a sua espada e o seu nome de cavalheiro. Entre a felicidade e a magoa eterna, comprando por um sorriso a felicidade, acho pequeno o preço, embora fique a coroa de mena

aos pés de ambos... Tenho-te a ti, e é de mais para esquecer o resto!»

Estas palavras, proferidas com a vehemencia e no tom persuasivo do amor ardente, comoveram a donzella. Pousando-lhe a mão no hombro, e deixando-lhe cair sobre a mão um osculo e uma lagrima, a irmã de Thereza, disse suffocada:

— « Não tornemos a sonhar, João? Achas que foi pequena ainda a dor do primeiro golpe. Sei o teu affecto; não digas mais; sei. Basta-me perguntar ao coração. Mas o rei está primeiro do que o amante... »

— « O rei não pôde viver, nem quer viver, fazendo desgraçado o homem! » atalhou o principe flogoso e beijando-lhe a mão.

— « Pois sim! custa muito a dizermos adeus ao enlevo e á esperanza; a separarmos de nós metade da nossa alma para a outra ficar só e gemendo. Chora-se; a chaga dee; porém no fim de annos tudo acaba. Olha; eu que sou mulher, que não tenho reinos nem povos para me consolar fazendo-os ditosos; eu que vivia de te amar na ausencia, de te esperar com ternura, e de te adorar no meu coração, estou conforme, não me queixo; e mais o véu de religiosa, e a cella de um convento, na tristeza e na solidão, é o que vou procurar!... João, não será preciso muito amor para te perder, e ainda mais para vir aqui despedir-me e jurar-te que a ultima luz dos meus olhos hade ser a tua imagem; que o ultimo desejo da minha vida é a tua gloria!... Vês! não ha remedio; antes uma agonia só, do que os pezares eternos, e os remorsos continuos no meio das flores do nosso affecto. Elle nasceu tão puro, e extremoso, que era crime deixal-o manchar pelos outros ou por nós. »

— « Se alguém tivesse a ousadia de suspeitar, sómente de suspeitar, a candura e a innocencia da tua alma... »

— « João, o poder de el-rei não chega á consciencia; a calumnia anda de rastos, e não se piza senão com o pé. Para a matar é necessario descer... Imagina o que seria a inveja, se de repente uma donzella sem jerarchia, só porque alguns dotes de espirito ou de corpo captivaram o seu soberano, fosse elevada ao throno, e tivesse abaixo de si as filhas dos duques e dos fidalgos da corte!... O que diriam essas damas, que, sendo tanto, nunca se atreveram a subir com o orgulho aonde queres que eu suba pelo teu amor? »

— « Em te vendo achavam justa por força a minha escolha! »

— « É a tua illusão que falla; e não é a verdade, a triste verdade do mundo! Vendo-me de testavam-me ainda mais. Olha, querido; (deixa-me pela ultima vez dar-te o doce nome, que d'aqui em diante só o coração ha de repetir); os teus vassallos não são amantes; são vassallos, são homens. O sceptro obriga-os a callarem-se; mas o odio cuidas que por isso seria menos forte? Por fim conseguiam separar-nos, armando enredos, tecendo falsidades; não se resiste aos máus, por mais que digas, quando as apparencias da razão estão por elles. E depois de alguns momentos de prazer, satisfeita a paixão que o nosso dever era suffocar, seríamos infelizes pelo resto da vida. Não! Quero ao menos, já que a desgraça tenha de vir, que me encontre innocente. Fujo de ti, porque desejo amar até ao meu ultimo suspiro. Não queiras tirar ás minhas lagrimas a doçura affectuosa da saudade; as do remorso, (tu não sabes!) amargam e não consolam. Sei como ardem, eu que as chorei sobre uma irmã, accusada sem culpa, e sobre aquelle, que desde a infancia olhei como se fosse do meu sangue!... Dize-me, João! El-rei não soube nada do que se passou com o principe real? Aplacada a ira, a reflexão fez logo justiça, não? Mandaste soltar Jeronymo, e vaes dar-lhe provas de que não só perdoas, como esqueces? Vês; tenho ciumes ainda; não do coração que brevemente deves dar a outra; mas da tua gloria. Estimo-te, e hei de ser fiel à memoria do primeiro e unico affecto da minha vida; mas não soffreria que os outros te estimassem menos. Has de ser um grande rei; entendes! Quero que o preço, porque te cedo a minha ventura, me não custe tanto. Vamos; responde! Jeronymo está innocente, porque o seu delicto é o nosso... foi já solto? El-rei lembrar-se-ha de que descendo ao tumulto, Cecilia lhe pediu que fizesse por amor della a felicidade de Thereza, de sua irmã, que ia tornando desditosa?... »

O mancebo, que a ouvira com o pranto a rebrantar dos olhos, e o rosto cada vez mais pallido, redarguiu suffocado:

— « A rainha de Portugal é que ha de decidir da sorte de Jeronymo. Entrego-a nas suas mãos. »

Era ainda um subterfugio da paixão; uma especie de coacção do amor para supplicar e para vencer. A donzella, porém, como se não percebesse, ergueu a cabeça, e com a vista severa, replicou:

— « A rainha de Portugal não deve saber da mocidade do principe real senão que elle é

seu esposo! Quererá el-rei que o innocenta gema em ferros até esse tempo?»

D. João V. não respondeu logo. Depois de uma pausa anciosa, em que a dor, e a ternura se lhe pintaram no rosto, foi ao bofete, dobrou um papel, e deu-o a Cecilia. Depois, sentando-se na sua cadeira, e escondendo o rosto com as mãos, deixou correr as lagrimas, soluçando alto.

O papel era a ordem de soltura para Jeronymo.

Nada mais angelico, nem mais extremo, do que a luz suave e aveludada que a pupilla negra da donzella deixou cair entre prantos sobre a cabeça pendida do mancebo. A resignação, a piedade, e o amor, em toda a eloquencia fremente cortavam nella. Depois, enviando-lhe, sem que elle visse, na ponta dos dedos de rosa um beijo, em que respirou todo o perfume da alma namorada, aproximou-se, e disse-lhe com a voz meiga e irresistivel, que era o echo magoado do coração:

— « Um homem, João, não chora assim! Tem animo para si e para os outros. Se eu fizesse o mesmo, o que havia de ser? »

Descubriendo as faces affogueadas, e com os olhos ainda roxos, o principe encarou-a admirado. Sorrindo-se, e beijando-lhe a mão com a mais casta vermelhidão no rosto, ella aecrescentou:

— « Bem, O principe foi digno do seu nome! Este papel diz-me que el-rei esqueceu tudo como rei. Agora eu, João, ouve-me: estas cartas e este retrato são da rainha de Portugal. A freira que vae ser, tem a saudade para sua companhia; e do mundo, que deixa, nada deve passar a grade... bastam as penas e as memorias! »

— « Nunca! » exclamou o principe levantando-se, » Não nos havemos de separar assim; não quero; não consinto. Tenho combatido comigo, tenho feito o possivel para vencer, excede as minhas forças... Se queres salvar o rei não desesperes para sempre o homem! Cecilia, se amas, como eu, tinhas medo... »

— « De arrastar a tua gloria pelas murmurações do povo, e pelas zombarias de todos os soberanos? » acudiu ella com ironia. » É verdade; se eu escutasse a paixão, e me fizesse surda ao dever, punha na cabeça a corda ainda que os festejos fossem risadas e pasquins!...

— « O padre Ventura é que te persuadiu disso? » perguntou o rei irado, e ameaçando com a vista o lugar aonde estivera o jesuita.

— « O padre Ventura, » retorquiu a irmã de Thereza, serenamente » disse-me só que receiava que me saltasse o animo para este lance, Tinha

rasão; mas eu é que não contava que, além das minhas maguas, havia de necessitar valor para resistir ás injustiças de vossa magestade.

— « Para ti sou amante, não sou rei! » gritou D. João com ar sombrio. »

— « Para mim vossa magestade não pôde ser senão o rei! » atalhou ella severamente; depois passando para a ternura mais suave ajuntou, « João, cuidas que o sacrificio não me foi doloroso? Crê que safu do mundo, do amor, e da esperança para a sepultura e para a saudade, ficando o coração como estava, e a alma sem lagrimas? Oh, se podesse ver os golpes, e o sangue, que salta delles! Combati comigo também; fiz diligencias por me enganar; lembrou-me tudo para ser feliz!... Olha, não morre, aonde eu vou morrer, senão quando nem a sombra de uma illusão resta para nos chamar e nos attrair!... Temos de nos separar... para sempre. Choras? Olha para mim, e lê no meu rosto, e verás o que me custa; mas é preciso. El-rei não pôde amar senão no throno, e eu nasci tanto abaixo que os seus olhos nem me devem conhecer. O homem... sabes se o adoro; porém, revelando-lhe o segredo da minha paixão, confessando-lhe que ella sobrevive ao sonho do nosso encanto, jurei fechar logo sobre mim a grade do claustro, e esconder o rosto para nunca mais o ver, nem ser vista, senão... pela saudade. De que serve luctarmos contra o infortunio? As cartas e o retrato, que te dou, não são precisas para esta alma viver com a tua; e a pureza do affecto que nos uniu quer que mesmo depois de eu morta ninguém possa ter uma suspeita. De joelhos te peço, João: acceita o quenão me pôde pertencer; salva a tua e a minha honra! »

Elle, com a vista secca de prantos á força de dôr, e a voz tomada, recebeu os papeis, e ajoelhando também, encostou a cabeça ao hombro della, arquejante e convulso só alli tornou a sentir as lagrimas, e pela ultima vez uniu as suas ás de Cecilia... Decorridos alguns minutos assim, a donzella parecendo beijar-lhe o rosto com a luz affectuosa das pupillas, disse:

— « Então? Não havemos de ter valor para nos lembrarmos sem remorso do amor? » O principe não respondeu; mas tapou o rosto com as mãos.

— « João—continuou ella com o mesmo estremo—queres que te ame sempre, que morra abençoando a hora, em que te vi? »

A dor não deixou ainda abrir os labios ao mancebo,

— « João, pelo doce nome da nossa ternura tem dó de mim ! Não esqueças, que não nos separando, e não podendo amar sem crime, eu hei de morrer despresada por todos, e por mim, se tu me não salvares ! Não respondes ? Queres a minha honra e não o meu amor ? Tua esposa não hei de ser ; juro ! Escolhe, e decide : queres seja menos ! ? »

O principe poz-se em pé, branco de jasper, olhou para ella alguns instantes, e com um soluço, que dilacerou o peito a ambos, exclamou :

— « Não ! Morre para o mundo. Antes o convento ! » Depois extatico e fulminado ficou sem falla e sem luz nos olhos, como se um raio o tivesse ferido.

— « Obrigada, João ! Obrigada ! » Acudiu Cecilia. « É verdadeiro, é santo o amor que se despede assim ! A deus, para nos encontrarmos no ceu. Lá ninguém impede os seraphins de exaltarem a Deus, e de se unirem pela chamma do affecto !... Adeus !... Sinto que o animo me foge, e que mais tarde não teria forças para me separar d'aqui. João, amo-te, adoro-te como nunca mulher nenhuma te ha de amar ! Pela ultima vez t'o juro ! »

E em um impeto irresistivel de paixão, cingiu-lhe o collo com os braços, apertou-lhe a cabeça sobre o coração, e pousou-lhe os labios ao de leve sobre a testa. Um instante depois, o rei, a quem tudo isto se figurava um sonho, viu-a afastar o reposteiro, abrir a porta, e desaparecer no corredor. Ia a lançar-se adiante para a ver ainda, quando o desalento e a reflexão o detiveram. Era inutil !

Cecilia baixando o veu para occultar as lagrimas, de que trazia banhada a face, correu para o visitador, que a esperava, dizendo com anciosa oppressão :

— « Consumou-se o sacrificio ! Padre Ventura, nunca julguei que doesse tanto. A morte ha de custar menos ! »

Atraz destas palavras vieram as lagrimas e os soluços. O jesuita commovido não soube senão responder-lhe :

— « Animo, filha ! Deus ha de premial-a ! »

Ao mesmo tempo D. João V. com os olhos roxos e a pallidez de um defuncto no semblante dizia ao seu camarista de semana sem levantar a vista :

— « Conde de Aveiras, entregue este alvará a Diogo de Mendonça. É a sua nomeação de secretario de estado. Diga-lhe da minha parte, que estes tres dias não ha despacho. Que ninguém entre nos meus quartos ! »

O conde, inclinando-se silencioso sahio ; e o monarcha, encerrado na sua camara, chorou sem testemunhas em liberdade. Era o tributo de lagrimas que pagava pela corôa, perdendo por causa della no mesmo dia as doçuras do amor, e as illusões da mocidade. O baptismo da amargura fazia-o homem !

Nessa tarde Jeronymo foi solto, e aos pés de Thereza abençoou as dores do infortunio que passara. Cecilia, vendo-os assim alegres e namorados, sorria com a bocca, e chorava com a alma. Uma vez, porém, não poudo reprimir os suspiros, dizendo á sua amiga Catharina de Athaide :

— « Como Deus é justo ! A elles sel-os ditos ; e a mim para me castigar mais poz-me diante dos olhos o espectaculo das venturas, que não merecia. Oh ! cada vez sinto maior saudade do meu convento ! »

Prantos e um beijo, eis a resposta da noviça. Que mais podia ella dizer áquella agonia insolavel ?

L. A. REBELLO DA SILVA.

(*Continua.*)

## O FIM DO SEMESTRE.

### Estudos biographicos e necrologicos.

POR UM PHILOSOPHO.

## VIII.

Quando Pedro entrou, Luiza estava sentada com o rosto encostado a uma das mãos, e contando de si para si quaes podiam ser os motivos da desgraça que tinha por certa, e que lhe era impossivel vencer.

— « Então que tem ; vem triste ? »

Perguntou Luiza, apenas o viu entrar, esforçando-se por aparentar a serenidade que não tinha, e procurando lêr-lhe nos olhos o que receiava ouvir-lhe de viva voz. Pedro ficou calado, sem se atrever a responder-lhe.

— « Pedro, que é isso ? Ha dias de mais tristezas uns que outros, bem sei ; mas tão pensativo, tão esquecido de tudo, como hoje, é que me não recordo de nunca o ter visto. »

— « Tão lembrado, é que devera dizer. Oxalá que eu me podesse esquecer ; mas ha coisas que por mais que a gente queira, por mais diligencias que faça, se momentaneamente consegue enfraquecer a memoria, desperta-a d'ahi a pouco a voz da honra, e a ninguém é permitido despresar os seus conselhos. »

— « Jesus Maria ! Nunca taes palavras lhe ouvi, tambem ! »

— « Nem eu nunca julguei que a senhora as merecesse! Ha feridas que penetram fundo, e esta é uma dellas; desculpe-me, perdoe-me, mas creia que se as minhas palavras são severas, é porque a offensa também é grande. »

— « A offensa?! »

— « E eu não lh'a merecia, Luiza. Metta a mão na sua consciencia, interrogue-a, e responda-me depois se o meu amor era ou não sincero e leal; se algum outro homem era capaz de a tractar com mais respeito do que eu, se... Responda Luiza: de que me pôde accusar? »

— « Eu! Accusal-o! Que pensamentos, Pedro! Pois de que o hei de eu accusar, se ainda não recebi senão provas de amizade e desinteresse? Valha-me, Deus, valha! »

— « Então confessa que lhe não merecia tão ruim recompensa? Ao menos, minha senhora, o seu testemunho é de peso, e basta para a minha defeza. »

— « Para a sua defeza! Então que tenciona fazer? Que idéas são as suas? Que resolução pretende tomar. »

— « A unica que nestes casos deve tomar um homem de bem. O mais perdoo-lhe. »

— « Mas, Pedro, perdoar perdoa-se aos criminosos, e eu não o sou. Bem me diziam os meus sustos, as minhas prevenções intimas que se não passaria hoje o dia sem um desgosto serio. »

— « Mas será... é o ultimo que lhe dou. Também eu vivia na fé do seu amor, e sinto e conheço agora que morri para o mundo e para tudo. »

— « Que foi, Pedro, trairam-n'o? Enganou-o algum? »

— « Enganou. »

— « Bem moça, bem alheia das coisas do mundo sou, e sempre lhe disse que se acautelasse, que se não ficasse tanto em palavras, que nem todos eram seus amigos, que o desengano havia de vir cedo. »

— « E veio; mais cedo de que eu nunca o esperei, e de pessoa a quem eu menos o merecia. Luiza, basta de dissimulações; não me devia ainda respeito, fez o que tinha vontade, posso-me queixar, mas não tenho direito para a reprehender. »

— « Pedro, que é isso? Endoideceu? »

— « Não quiz Deus que assim fosse; ao menos talvez esquecesse os seus juramentos, mas vivo para me recordar de tudo quanto desejava que não tivesse existido! »

— « Juro-lhe... »

— « Não jure, senhora que é inutil. »

— « Por alma de minha santa mãe... »

— « Não acabe, Luiza, que é profanação! »

— « Pela memoria do nosso amor... »

— « Não diga mais que a não acredito. »

— « Então? »

— « Acabou-se tudo, Luiza. Saberei ser homem. O mundo é largo, não sou ambicioso, e para toda a parte que me leve a sorte, em me não faltando o trabalho, confio em Deus que me não faltará também o pão. »

— « Eu é que o não intendo; falle, Pedro; diga

de que me accusa, ponha-me em face dos calumniadores e verá que são elles... »

— « Que fallam a verdade. Não os calumniadores, mas os que a viram... peço-lhe perdão, Luiza, não me obrigue a repetir-lhe o que fez, e a envergonhar-me da minha credulidade. Quem falta aos seus juramentos não deve estranhar que os mais não cumpram as suas promessas. »

Luiza até aqui nem suspeitava dos motivos que Pedro poderia ter para assim lhe fallar tão desabrido; de repente, lembrou-se da adella e estremeceu; a innocente visita que fizera a casa do usurario era sem duvida a origem das exageradas arguições que acabava de ouvir. Luiza não se poudo conter e exclamou:

— « Oh! Aquella mulher! Bem me dizia o coração que della me viria todo o mal que estou soffrendo. Não sei que interesse podia ella ter em que... »

— « Um homem de bem fosse enganado? Até que emfim, Luiza, confessa? »

— « O quê, senhor? Que quer que eu lhe confesse? Juro pela cruz de oiro que pertenceu a minha mãe, e que ainda guardo... »

— « Bem sei! Porque comprou com a deshonra o favor de um homem, porque essa cruz, pretexto de um supposto negocio, foi a mascara com que a senhora vendeu o meu credito e a sua reputação. »

— « Pedro! Isso não se diz sem provas, não se affirma sem motivos series! »

— « Tenho-as de sobejo; prouvera a Deus que assim não fosse! Que interesse posso eu ter em despedaçar por minhas proprias mãos a felicidade que era o sonho da minha vida? Mas houve quem a visse entrar só para casa de um homem, não houve? »

— « Houve: para sobre esta cruz alcançar... »

— « Cale-se, Luiza, não minta. Sei o que me vai dizer, o romance que me quer contar. Mas eu sei tudo por minha desgraça. Sei o pretexto da sua visita, não ignoro os vergonhosos resultados della. Perdoe-lhe Deus, assim como eu também lhe perdoo! »

— « Não posso acceitar o seu perdão. Manda-me a consciencia que o não acceite. Criminosa não teria o orgulho de o rejeitar; innocente, veda-me a consciencia de me abaixar a recebê-lo. Oíça, Pedro; veja bem se o enganaram, e quem o enganou: eu sou uma pobre mulher que não sei, que não posso convencer-o. As lagrimas guardo-as, hei de precisar dellas não para combater a injustiça, mas para chorar sobre a leviandade de quem assim me accusa. »

— « Luiza, o orgulho torna-a impertinente! »

— « É a consciencia que assim me faz. Pela ultima vez, Pedro, embora me não queira ouvir, juro-lhe que estou innocente. Acredita? »

— « Não posso. »

— « Affianço-lhe que tudo é uma pura calúnnia, e que quem me denunciou... »

— « Sem o pensar. Foi uma santa velha, coitada. »

— « Meu Deus! A adella! »

— « Foi. Conhecía-me de criança, doia-lhe o meu; descredito que havia ella fazer senão o que fez? »

— « Está tudo acabado, Pedro. Não tenho saude nem valor para me pôr a lutar. A duvida anda-lhe no coração e já vejo que me é impossivel chamal-o á verdade. Adeus, Pedro, algum dia se arrependerá da sua injustiça! »

Pedro levantou-se para sair. Tentou despedir-se, mas as palavras não lhe davam a medida exacta do soffrimento, e calou-se. Luiza foi quem rompeu de novo o silêncio.

— « Então parte? »

— « Parto. »

— « Para sempre? »

— « É Deus que assim o quer. »

— « Sem saudades? »

— « Do passado algumas, para que hei de eu mentir. Mas espero que o esquecimento accuda a salvar o que ainda me resta de fraqueza. O tempo e ausencia fará o resto. »

— « A ausencia! Para aonde tenciona ir, Pedro? desculpe-me a pergunta. É sincera. »

— « Embarco amanhã. Mais procelloso mar que os meus pensamentos não vou eu encontrar de certo. Adeus, lembre-se alguma vez de mim, e arrepende-se do mal que me tem feito soffrer. »

— « Então a sua resolução não muda? »

— « Não póde mudar. »

— « Então, adeus. »

Pedro saiu, e Luiza caiu soluçando n'uma cadeira. A adela triumphava momentaneamente, mas lá estava o usurario para lhe fazer conhecer mais tarde as vaidades do mundo.

## IX.

Ao outro dia recebia o sr. Ambrosio parte official das evoluções da vespera, e esfregava as mãos com um contentamento alvar difficil de se poder narrar. A adela acompanhara até ao fim a intriga que urdira, e fingia agora arrepender-se de tanto mal que ella dizia escusado para satisfazer os caprichos do sr. Ambrosio. Os alliados estavam em guerra. A razão era simples e natural. A thia Thomazia tentara especular com o amor do collega, para o levar de consequencia em consequencia a concessões a que o usurario preferiria a morte. A adela fôra enganada. Coxeando, para demonstrar os inconvenientes das marchas e contra-marchas a que se sacrificara na vespera, pensativa, para inculcar o quanto lhe custara a urdir e a sustentar a calumnia, a thia Thomazia apresentou-se de madrugada em casa do usurario, que a recebeu friamente. A adela não era mulher que se deixasse intimidar por uma recepção menos benevola. Conhecía a superioridade que tinha sobre o collega, e estava disposta a jogar as ultimas. O sr. Ambrosio tambem pensara muito a noite anterior, e estava resolvido a não se deixar governar como uma crian-

ça. Os dois contendores mediram-se em silencio por algum tempo. A adela sorria interiormente de desprezo pelo ar de impostura com que o collega a recebia; elle, pela sua parte, estava como nunca disposto a defender palmo a palmo as suas immundidades de agiota, e a não ceder a quaesquer contrariedades que por ventura podessem apparecer. Era solemne e ao mesmo tempo caricato o silencio dos dois antagonistas. O sr. Ambrosio queria livrar-se do pesado jugo da adela, mas, desde que se tornara seu cúmplice em mais de uma escandalosa extorsão, e ultimamente contribuíra para dar alento á calumnia, não podia sem grande reserva arrostar com tão perigosa inimiga, avaliando demais as tendencias que a thia Thomazia tinha para os mexericos, e a proficiencia com que os manejava.

L. A. PALMEIRIM.

(Continúa.)

## NOTÍCIAS E COMMERCIO.

**Notavel obra de historia natural.**—Pêlos jornaes de Hespanha do dia 19 do corrente abril nos constou que o nosso amigo D. Ramon de la Sagra teve a honra de ser admittido em audiencia particular da rainha catholica, e apresentar-lhe concluida a *Flora cubana*, ou descripção das plantas por elle descobertas e examinadas durante a sua residencia na ilha de Cuba. Esta importante obra, composta de tres volumes de texto e um de estampas, é uma secção da historia politica e natural daquella opulenta possessão hespanhola que o distincto escriptor está publicando em Paris ha annos a esta parte, cuja conclusão se retarda por motivos estranhos á vontade do auctor, e que augmentam de anno para anno por seus desgostos e enfermidades.

A *Flora cubana* offerece a descripção de 1:676 especies de plantas, pertencentes a 762 generos, e das quaes são novamente descobertas perto de 500. Cumpre, porém, advertir que o sr. Ramon de la Sagra, antes de seu regresso á Europa, remettia muitas das plantas que encontrava ao seu amigo, o celebre mr. Decandolle, de Genebra, que se apressava a descrevel-as e publical-as no seu *Prodromus* como novas. Por esta causa, ainda que descobertas pela primeira vez pelo sr. Sagra, muitas das especies da *Flora cubana* achavam-se já consignadas pela sciencia; mas, agora na obra terminada se encontram as descripções completas, e observações que ainda estavam inéditas.

Não obstante o volumoso da obra, o sr. Sagra mostra que o texto acha-se mui compacto, porquanto ha pagina que contem cinco ou seis especies, e muitas carecem das preciosas explicações economicas, agricolas, industriaes e medicas, que colligiu o infatigavel viajante, e que não foi possivel incluir dentro dos limites fixados á sua publicação. O governo só lhe concedeu 26 cadernos sobre os 78 já publicados, para comprehender o restante da parte botanica, recentemente terminada, e a historia natural dos pei-

zes e crustaceos, arachnides, insectos, radiarios e zoophyts, que ainda falta por publicar. Em tal situação e obrigado o auctor a incluir dentro de tão estreitos limites as riquezas zoologicas que descobria, lhe foi forçoso condensar todas as outras e ommittir grande parte do fructo de suas explorações e estudos.

Só as que são relativas á secção botanica comprehendem materiaes inéditos sufficientes para redigir sob o titulo de *Sylvia cubana* outro livro utilissimo, complemento indispensavel da *Flora*, que offereça além dos dados novos e interessantes sobre a vegetação e o crescimento das arvores da Cuba a explicação das propriedades e usos de suas madeiras, de suas fibras textis, de suas gomas, resinas, succos etc.

Como indicação sómente da importancia que teria semelhante livro, nos limitaremos a lembrar a que deu o jury de Londres á collecção de madeiras da Cuba, formada nesta ilha pelo sr. Sagra, remetida pelo mesmo ao real jardim botanico de Madrid e enviada por ordem do governo á exposição universal. Depois de haver feito um merecido elogio da dita collecção e conceder-lhe uma medalha de premio, o jury superior inseriu nas paginas 154, 155 e 156 de seu relatorio o catalogo dos nomes vulgares e botanicos das sobreditas madeiras, organizado pelo sr. Sagra. A *Sylvia cubana*, se sair á luz, dará infinitas noticias que ainda são desconhecidas, e que o auctor não poude inserir na parte botanica ou puramente descriptiva.

Como garantia do merito scientifico do trabalho publicado cumpre saber que o sr. Ramon de la Sagra teve a feliz idéa de confiar o exame e a descripção das especies de seu numeroso herbario a dois botanicos eminentes, o doutor Montagne para a cryptogamia, e o doutor Richard para a pharenogamia. A morte arrebatou este illustre sabio quando terminava o trabalho que annunciamos, e o outro distincto collaborador occupou a sua cadeira vaga no instituto de França.

Igualmente teve acertada escolha o sr. Sagra quanto aos artistas a quem confiou o desenho e gravura das cem estampas da *Flora*. Nada excede, nem sequer iguala, as figuras das plantas cryptogamicas, impressas coloridas e retocadas á mão, com as miudezas anatomicas das partes da fructificação e dos tecidos no augmento de mais 500, 600 e 900 vezes do tamanho natural. Quanto ás plantas phanerogamas, os desenhos se fizeram só a traço, como hoje se costuma para reproduzir as plantas dos herbarios, que tendo perdido a sua cor natural não é possivel imital-a senão infielmente, do que tambem se prescinde pela pouca importancia scientifica dos caracteres da cor nas plantas: em compensação, acham-se admiravelmente representados o aspecto da planta e todas as miudezas anatomicas da flor e do fructo.

Fazem-se estas explicações para resposta anticipada á critica vulgar a que possa dar motivo a falta de cor nas estampas dessa parte da *Flora cubana*, que aos olhos dos menos entendidos faz contraste com o brilhante e rico colorido das aves, dos reptis, e dos moluscos da outra parte da obra. O sr. Sagra affiança que as pessoas pesarosas desta differença ficarão mui satisfeitas quando virem os peixes, os crustaceos,

e os insectos da sua obra, que actualmente se estão debuxando e imprimindo em Paris com esplendidas cores, e com os reflexos metallicos do oiro e da prata.

**Noticias do Egypto.** — Contém algumas particularidades interessantes a seguinte carta de Alexandria, datada de 17 de março ultimo.

« Ao contrario de que acontece ordinariamente, a temperatura do Egypto não seguiu o mesmo andamento e alterações a que foi sujeita no presente anno a temperatura da generalidade da Europa: o inverno foi tão brando que mais parecia verdadeira primavera, nem as chuvas, nem os frios nos molestaram ao principio; porém, depois de termos soffrido por alguns dias o vento abrasador do sul, que elevou o thermometro de Réaumur a 22 e a 24 graus, as borrascas e os frios começaram e o thermometro baixou a 11 graus. Foi tanto o mau tempo desde o principio de março que impediu a sahida aos vapores correios de Levante e da Europa, detendo-os dois dias.

« No mez ultimo transitaram por esta cidade mais de 400 passageiros de ida e volta da India. Os vapores correios de Calcutá começaram a dobrar suas viagens e no mez passado já tivemos dois; o segundo delles conduziu 14 caixotes de oiro em barra equivalentes a 80:000 libras esterlinas, que foram para Inglaterra procedentes da Australia; entre a qual e o porto de Calcutá ha estabelecida uma correira de vapores. Por outro lado o paquete vindo de Southampton transportou 1:400 caixas de moeda de prata que formavam o total de dois milhões de pazos destinados ás possessões inglezas na India.

**Carta.** — *Sr. redactor.* — O mysterio da descoberta da quadratura do circulo, ficará pertencendo ao nosso Portugal. Esta conquista para as sciencias exactas, acaba de ultimar-se pela minha insignificante pessoa, e ella:  $y^2 = 2x^2(3 + \sqrt{3})$ ; e póde sempre ser

expressa por um octogono. A demonstração que dá a formula acima, vae ser publicada, apenas estejam promptas as figuras que mandei abrir. Dê pois esta boa noticia aos nossos compatriotas.

Rua das Janellas Verdes n.º 60, em 26 de abril de 1853.

De v. etc.

Att.º ven. e obrig.º

Henrique Martins Pereira.

### CONCERTO DE BENEFICENCIA.

Em a noite de 19 do corrente teve logar na Academia Melpomenense um brilhante concerto vocal e instrumental, em beneficio da Casa de Asylo da Infancia desvalida dos Cardaes, de que é fundador e director o mui reverendo padre José Hsley.

É sem duvida merecedor dos maiores elogios o zelo e desinteresse com que este digno prelado tem sustentado ha tantos annos aquelles pios estabelecimentos, onde a infancia desamparada encontra não só a subsistencia como tambem a precisa educação para poder mais tarde ser util a si, e á sociedade.

O producto do referido concerto foi, como já dissemos, applicado em beneficio dos asylados, e é por certo um bello pensamento o de ligar uma recreação agradável a um acto de caridade, tornando deste modo



menos sensível a esmola e mais apreciável o divertimento.

O concerto correu a todos os respeitos o melhor possível. A concorrência foi numerosa, e composta da *élite* da sociedade, o que era aliás d'esperar, havendo-se algumas das principaes damas desta corte bondosamente encarregado da distribuição de bilhetes.

Suas Magestades, que nunca faltam a concorrer para um acto de beneficencia, dignaram-se assistir ao concerto, acompanhadas de Suas Altezas o Principe Real e os Infantes D. Luiz Filippe e D. João.

Os principaes artistas de canto do theatro de S. Carlos, com a devida permissão da empresa, assim como outros artistas distinctos, e os professores da camara de Sua Magestade, promptificaram-se desinteressadamente a formarem esta *soirée* musical, portando-se com igual cavalheirismo da direcção da Academia Melpomenense, e a exm.<sup>a</sup> baroneza de Barcellinhos, cedendo as suas salas para o mesmo fim. Foram varias as peças que se executaram, e todas foram ouvidas com summo agrado. Cantaram as srs. Rossi Caccia, e Emilia Agostini, e os srs. Prudenza, Swift, e Bartolini, achando-se ausentes por motivo de doença a sr.<sup>a</sup> Rachel Agostini, e o sr. dalle Aste.

O sr. Daddi tocou no piano uma *fantasia* por elle composta e dedicada a S. M. El-rei, e o sr. Raphael Croner umas *variações* de clarinete sobre motivos da *Somnambula*.

A insigne *dilettante* mademoiselle Sophie Cossoul, em attenção ao fim do concerto, prestou-se a executar um lindo *duetto* de harpa e piano com o sr. Daddi.

Depois da 1.<sup>a</sup> parte, tiveram os artistas acima mencionados a honra de fallarem a S. M. El-rei, que com a affabilidade que o caracteriza a todos dirigiu palavras de benevolencia e agrado.

Todos os concorrentes se mostraram extremamente satisfeitos. Foi na verdade uma noite recreativa, particularmente tendo-se em vista que da coadjuvação que todos estavam prestando para o mesmo fim resultava o bem estar de uma classe desvalida, e mais do que nenhuma digna de allivio e protecção.

DEMETRIO RIPAMONTI.

Por falta de espaço não foi publicado o seguinte artigo no ultimo n.<sup>o</sup> deste jornal.

#### THEATRO DE S. CARLOS.

##### *Sampiero*, do maestro Migoni.

A apparição do *Sampiero* sobre a scena de S. Carlos, e o exito brilhante que teve este *spartito*, são dois acontecimentos que devem ser commemorados nos annaes artisticos deste paiz. Em breve o nome do novo compositor, pertencendo ao dominio da imprensa, tornar-se-ha conhecido no mundo theatral, e as honras que o hão de acompanhar partilhará a terra que lhe deu o ser, e com especialidade o Conservatorio Real de Lisboa, de que o illustre *maestro* é um dos principaes ornamentos.

Animo, pois, sr. Migoni. Seja este o primeiro passo para um futuro glorioso, que assim começaram os grandes mestres da arte. Sirvam todas essas palmas, essas coroas, essas ovações, que um publico intelligente vos ha tributado, e que de certo hão de ter lisonjeado o vosso amor proprio de artista, para vos acce-  
ptar proseguir com ardor na carreira encetada, e de

dicando todos os recursos do vosso bello talento á composição de outros trabalhos deste genero, cujo primeiro ensaio vos saiu tão favoravel.

*Sampiero* é sem duvida uma bella producção musical, e uma estreia eminentemente feliz. Adoptando a escola de Mercadante, nas combinações harmonicas e no tecido da instrumentação, seguiu o sr. Migoni nos effeitos musicaes o estylo do *maestro* que está hoje mais em voga em Italia.

No 1.<sup>o</sup> acto as peças que mais se distinguem são a *aria* do baixo, a *cavatina* do tenor, particularmente no *allegro*, e o magnifico *final*. Temos a admirar no 2.<sup>o</sup> acto a *aria* do baritono de muito effeito, e apropriada quanto é possível á situação; um lindo *córo* de damas, o *duetto* de soprano e baritono, e o *final* do acto, que é um verdadeiro chefe d'obra. E nas peças *concertantes* que mais se póde avaliar o profundo saber do compositor, e quem dirigir a attenção para as diversas combinações harmonicas e riqueza de instrumentação que este *final* apresenta conhecerá com quanta sciencia elle está elaborado. O 3.<sup>o</sup> acto offerece igualmente um conjuncto de bellas peças: um *duetto* de soprano e tenor, o *tercello* immediato com baritono, escripto no estylo de Verdi e de immenso effeito; a *tempestade* pela orchestra, que é tambem uma peça classica, e talvez para muitos passe desapercibida; a *aria* do baixo, composta com igual *maestria*, o *duetto* de soprano, e o *rondó* de soprano com que finalisa a opera.

As partes principaes foram, como já n'outra occação dissémos, confiadas á sr.<sup>a</sup> Rossi Caccia, e aos srs. Prudenza, Bartolini, e delle Aste, que todos se houveram com summo esmero na sua execução.

Coube, porém, a palma ao sr. Bartolini, no papel de protagonista, de que consegue tirar o maior partido, não só pelo que diz respeito ao vigor e expressão do canto como tambem á propriedade da acção.

A sr.<sup>a</sup> Rossi Caccia, apesar de não ser este *spartito* dos mais adaptados, a nosso ver, aos seus recursos e ao seu estylo de canto, revela-nos sempre a sua proficiencia artistica, e confirma a opinião em que a temos de uma cantora distincta.

Os srs. Prudenza e delle Aste desempenham bem os seus respectivos papeis, e tem sido merecidamente applaudidos. O sr. Prudenza distingue-se particularmente na sua *aria*, e no bellissimo *tercello* do 3.<sup>o</sup> acto, que acaba sempre no meio de applausos prolongados.

As scenas dos srs. Rambois e Ciuatti são dignas dos dois insignes scenographos. Faremos especial menção da penultima, que representa um bosque, de noite, vendo-se ao longe o mar, e um farol á entrada do porto. Esta scena é de um effeito maravilhoso, e tem sido muito applaudida.

Concluiremos anquerando á opera do sr. Migoni longa existencia sobre a nossa scena, esperando vel-a reproduzida com o mesmo exito em alguns dos principaes theatros de Italia. DEMETRIO RIPAMONTI.

#### BIBLIOGRAPHIA.

COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL, por José da Motta Pessoa de Amorim.

Publicaram-se as folhas 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> do tomo 4.<sup>o</sup>

Vende-se a 20 rs. a folha na rua Augusta n.<sup>o</sup> 1 e 8; e a 300 rs. por volume nos principaes livrarias de Lisboa, Porto, e Evora.



# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES. DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SA.

NUM. 43.

QUINTA FEIRA, 5 DE MAIO DE 1853.

12.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### DA PLANTAÇÃO DAS AMOREIRAS EM CAMPO ABERTO E PODA DAS MESMAS.

A plantação das amoreiras, e das arvores em geral, é um ramo que deve merecer muita atenção, assim na grande como na pequena cultura: e pelas difficuldades que apresenta na pratica é que se hade seguir as regras e preceitos e não a simples rotina. As que a este respeito se adoptaram na Lombardia são extraídas da longa experiencia; e dellas se não hade afastar quem pertender tirar proveito de seus esforços; e mesmo para melhor persuadir o camponez não instruido do que é relativo ás leis da vegetação, a fim de que não se deixe arrastar de uma cega e mal entendida economia.

O methodo a que me refiro e que a gente do campo pratica em a Lombardia, foi por mim ensaiado aqui em Portugal, e tive a satisfação de obter excellentes resultados, o que me induz a expol-o para que se reconheçam e lucrem suas utilidades.

#### Preceitos.

Cava-se uma valla bem larga e funda para as amoreiras que devem servir de cerco, ou uma cova quadrada para as que hão de ser dispostas por outra ordem. Este trabalho será feito quando a terra não estiver molhada; e o jornaleiro no acto de cavar puxará a terra da primeira camada ou superficie do solo para um lado, e a da camada inferior ou subsolo para outro lado da valla ou cova. Deixa-se passar por cima da terra assim aberta pelo menos uma estação do anno.

Extraíndo-se as plantas dos viveiros haverá o maior cuidado em as arrancar com a maior porção de raizes que fôr possível, que venham em todo o seu comprimento sem offendel-as; e se acontecer alguma quebrar deve ser cortada. Para este fim é necessario levar pouca terra junto do tronco, cavando fundo e com attenção e um tanto arredado do tronco; as raizes tiram-se com as mãos, seguindo a tortuosidade dellas dentro da terra, e sem dar fortes puxões para não partir alguma.

Para esta plantação procuram-se amoreiras já enxertadas no viveiro e que tenham o enxerto perto da terra. Antes de as dispor no local permanente cortam-se-lhes os ramos rente do tronco, deixando só dois ou tres, os quaes serão cortados tambem a cinco ou seis pollegadas de distancia do tronco principal. O corte nestes braços deixados á vegetação é feito perto do gomo ou olho, e limpam-se todos os raminhos, prestando attenção a que não se estragem os gomos. Arranjam-se as raizes tirando-lhes as pequenas barbas, vulgarmente chamadas babugem, e as que estão quebradas e offendidas, com o podão, de modo que fiquem n'uma só ordem e direcção. Antes de pôr a amoreira dentro da cova, deita-se uma pouca de terra do solo ou superficie, depois enterram-se as raizes da amoreira de modo que fiquem bem repartidas, e cobrem-se com o resto da terra do solo misturada com estrume bem curtido; costuma-se tambem deitar os estrumes provenientes das cidades; e acaba-se de encher a cova com a outra terra, fazendo com que não haja vãos nem por baixo nem por cima das raizes, e tudo seja terra bem esbroada e solta e a superficie seja plana. Finalmente arrimam-se as plantas a estacas para lhes servi-

rem de apoio, — Attender-se-ha á qualidade dos terrenos para dar maior ou menor profundidade ás covas ou vallas.

#### Pratica.

Executam-se os preceitos do seguinte modo. Para as amoreiras de copa alta terão as covas 15 palmos em quadrado e 5 a 6 de fundo, afim de procurar ás raizes abundancia da terra fertil e que foi cavada, e para que os beneficos effeitos da atmosphera fecundem melhor as tenras raizes: para as amoreiras de tapume ou cerco se farão vallas de cinco palmos de fundo e outros tantos de largo. Parecerá a alguém muita a largura da cova e da valla para tão nova planta de 5 e 6 annos: porém, a utilidade dahi resultante é incalculavel; por isso que, quanto maiores se tornarem as arvores, menos obstaculos achem as raizes dilatando-se para buscarem a quantidade de terra sufficiente ao alimento da arvore, e tambem para que estrando mais facilmente pelos poros da terra os influxos atmosphericos vão mais facilmente beneficiar as raizes, e além disso possem infiltrar-se as chuvas e trazer-lhes os seus principios fecundantes. Assim se vem a poupar uma porção maior de estrume que serviria para os cereaes e prados artificiaes e outras culturas proprias do clima ou de maior extracção.

Quando se faz a cava das vallas ou das covas, poem-se a terra do solo a um lado, a qual serve depois para constituir um optimo fundo para as raizes sendo a primeira que se lhe deita: a terra de subsolo que sempre foi privada da immediata influencia da atmosphera se poem a outra banda, e é a ultima a deitar na valla depois de ser hem desfeita, e a qual se torna boa e productiva com a successiva cultura que se dá á amoreira.

É costume abrir estas vallas e covas no outono para deixar-lhes passar por cima o riço e benefico effeito do inverno, o qual com as geadas e aguas amollece e prepara os lados dessas aberturas e tambem o fundo, e as aclimatiza e dispoem para que as raizes melhor se estendam e aproveitem os beneficos que a terra recebeu. Proximo ao tempo da plantação sacha-se o fundo e esbroam-se os lados afim de que ao deitar-se a primeira terra do solo se liguem com a maior facilidade e não fiquem vãos ou ninhos de insectos.

Arrancam-se as amoreiras com grande precaução, sendo esta uma operação que exige muito cuidado; porque, tomando-se todas as

cautelos necessarias não só pegam as plantas mais seguramente, mas tambem não sentem molestia alguma, nem enfraquecimento na vegetação.

Hade arrancar-se tão sómente o numero sufficiente para serem logo plantadas, afim de evitar-se o inconveniente de serem abacelladas, o que perjudica as raizes, e por consequencia o tronco, e depois não pôde vir e crescer a planta com toda a sua força. No executar estas operações o diligente agricultor não cuida de poupar tempo, mas sim procura os meios de que mais facilmente peguem as plantas; e faz levantar de roda destas toda a terra que peza sobre as raizes para allivial-as, cavando fundo e longe do tronco para não as offender com a enchada, procurando a raiz mestra com a picareta, e pucham-se as outras mais pequenas com a mão acompanhando-as sempre segundo vão sahindo e a direcção em que se acham na terra. A esta operação deve assistir ou o dono ou seu feitor, ou qualquer outra pessoa, fiel e entendedora, porque deixando-a só aos trabalhadores, estes, mesmo sem ser por sua culpa mas por falta de conhecimento, causam prejuizo, dando puxões á planta ora de uma ora de outra banda até a arrancarem, muitas vezes quebrando pelo meio as raizes ou partindo a planta onde estas nascem. É bastante supprimir com o podão a parte das raizes damnificadas ou as que seccarem.

Se as circumstancias do agricultor o permitirem, serão as amoreiras enxertadas no viveiro, ou ao contrario depois da plantação; porém, é sempre preferivel o primeiro systema. Cortam-se as plantas logo depois dos dois annos rente do chão, para ter no anno seguinte uma boa vara forte, capaz de sustentar a enxertia. Chegada que seja a primavera do outro anno, cortam-se a 6 pollegadas acima da terra e procuram-se garfos que tenham estes dois requisitos: 1.º de amoreiras productivas de uma quantidade consideravel de folha: 2.º de folhas de maior pezo n'uma certa quantidade. A casta usada na Lombardia e que introduzi em Calhariz é a amoreira branca. A Lombardia estava algum tempo cheia de amoreiras pretas e multicanles; porém, as continuadas experiencias fizeram persuadir ser a melhor de todas a amoreira branca, por dar uma folha maior e mais fibrosa, e desenvolver nos bichos muito melhor seda; como tambem por ser mais substancial e conformar-se com facilidade ás diversas temperaturas; do que são testimnhos o quanto cresceram prosperamente em Calhariz e o casulo excellente que produziram.

O garfo ou borbulha que adoptam quando enxertam as plantas no viveiro é da forma de um anel, que tem a mesma grossura do cavallo para a enxertia; o anel tem um olho ou gомmo; e cobrem a ferida com um unguento arranjado de proposito para esse effeito. A maior parte dos lombardos costumam usar o unguento denominado de S. Fiacre. Assim preparada a planta nova engrossa e cresce com facilidade e robustez. O agricultor instruirá os seus trabalhadores para que tenham a precaução de ver se o gомmo tem a matriz alta para receber os succos da planta que ha de receber e alimentar e com que se ha de identificar.

Na primavera seguinte se a haste chegou á altura desejada, corta-se-lhe a summidade para obstar a que vá mais para cima e assim de que lance os braços para o anno seguinte, e deixando-se as duas vergontes superiores tiram-se todas as outras. Nesta operação cumpre considerar a situação da localidade, porque se fôr em parte onde os ventos dominam é necessario tel-as baixas para não soffrerem estragos.

Depois desta pratica com a planta ainda no viveiro, usam antes de collocar-a estavelmente cortar-lhe os ramos deixando só dois ou tres os quaes são cortados na cabeça na altura de seis pollegadas acima do tronco principal, fazendo-se o corte sempre perto dos gомmos que fiquem de fóra, na intenção de que estes crescendo possam cobrir a ferida que se abriu: procuram os olhos ou gомmos de fóra para formar uma arvore regular e frondosa, e tambem para que o ar, a luz e os vapores atmosfericos possam desembaraçadamente circular.

Se, como acontece muitas vezes, junto dos ramos principaes nascerem outros ramos inuteis para o ordinario seguimento da planta e que não fazem mais do que roubar o alimento que deve sustentar os outros, decepam-se tambem; e nisto precisa estar presente o dono ou seu feitor, porque o jornaleiro fazendô essa operação com o simples intuito de trabalhar não presta cuidado aos olhos ou rebentões que lhe estão perto, e tirando os ramos inuteis sem attenção levam tambem os gомmos que viriam a ser productivos. Para maior segurança convém tirar á mão, e não com o ferro que póde escapar e resvalar, os raminhos inuteis, que por serem tenros cahem com muita facilidade.

Este trabalho de limpar dos rebentões as plantas executa-se tanto nas que estão no viveiro, como nas já plantadas estavelmente, só com a

diferença que no viveiro se hão de tirar esses raminhos logo que apontarem assim de que não tome a arvore uma ruim fórmula; e por isso é necessario praticar a operação duas, tres ou quatro vezes. Tirados que sejam do tronco se limpão tambem os ramos, deixando a estes só um ou dois em cada braço segundo a força e robustez da planta.

A experiencia demonstra que tanta fôr a supressão feita nas raizes tanta se fará nos ramos do tronco, pela razão especial de se dever estabelecer um certo equilibrio de forças entre as partes subterraneas e as aereas da arvore. Por isso cortam-se todas as raizes partidas, as babugens, e todas as que sahem á superficie da terra e do tronco em nova ordem; as quebradas tiram-se porque são um meio imperfeito do alimento da planta; as pequenas barbas porque offerecendo uma debil resistencia são mais sujeitas a quebrar, por serem muito mimosas, quando se faz a transplantação, dando-se mais a circumstancia de que o ar as damnifica. Todas as que constituíam uma outra ordem de raizes á superficie da terra hão de tirar-se egualmente, de modo que fiquem sómente as de baixo em uma ordem distribuidas em redor do pé da planta em fórmula da rosa dos ventos, o que torna mais forte a planta, e para assim dizer, mais capaz de resistir aos embates dos ventos, e tambem concorre para prosperarem com maior regularidade os ramos.

Antes de dispor a amoreira dentro da valla ou cova deita-se uma camada de terra do solo e de modo que no centro fique mais alta como um montinho de fórmula conica, para assentar melhor as raizes, e não deverá ser muito alto para não tirar ás raizes a força de se estenderem horisontalmente; estas serão dispostas, não uma sobre a outra e em desordem, mas sim em fórmula circular e estendidas segundo as suas diferentes direcções: cubram-se depois com o restante da terra do solo bem esbroada e dividida, isto é, bem solta; tendo-se o maior cuidado em não deixar vãos entre as raizes e que todas fiquem bem cobertas e envolvidas da terra de solo; feito o que se espalha por cima o estrume. Costumam os agricultores lombardos estrumar com os residuos das fabricas de cortumes de couros, retalhos de peles, etc., optimos para a boa vegetação das amoreiras: ha tambem quem faça uso das calças, e dos estrumes velhos e bem curtidos das abegoarias e cavalhariças, misturados com terra de solo bem desfeita e solta. Acabam-se de encher as covas rompendo os lados e fazendo cahir

dentro a terra, deitando para o total enchimento a outra terra de subsolo, que estava separada, estorroando-a para não se deixar vacuo; e a superficie deve ficar bem plana e não calcada, afim de que as aguas e influencias atmosphericas possam fecundar as raizes.

Nos terrenos seccos, soalheiros, leves e pedregosos profunda-se mais a excavação das vallas ou covas, porque sendo aquelles bastantemente porosos, as aguas filtram por baixo e deixam na parte superior pouca humidade; assim, para conservar á amoreira a fresquidão necessaria deve ser de 6 pés e mais a profundidade. Nos terrenos fortes, compactos e cretosos, deverão manter as raizes o mais altas que for possivel para que não sejam encharcadas; - porém, nisto mesmo se ha de guardar justa proporção, a saber que se hão de pôr em altura tal que os instrumentos agrarios passando perto das plantas não possam offender as raizes.

Alguns usam pôr as amoreiras na primavera em as terras fortes e cretosas, abrindo as vallas no outono, e n'outras terras abrem-nas na primavera e plantam no outono. Eu, porém, prefiro tambem para as segundas a primavera ainda que esteja um pouco adiantada, porque nesta estação sempre vegeta melhor a amoreira, e não vae depois encontrar o aspero tempo do inverno, ao contrario acha o verão e o outono, duas estações que influem propicias na vegetação das plantas.

GAGLIARDI (João).

(*Continúa.*)

#### ESTADO ACTUAL DE DIU E DAMÃO.

O *Defensor da ordem e da verdade*, jornal que se publica em a capital do nosso Estado da India, contem uma relação da visita feita ás praças do norte em janeiro do corrente pelo governador geral, visconde de Ourem, na qual se encontram noticias curiosas.

Sahi o governador geral do ancoradouro de Agoada ás duas horas da madrugada do dia 7, a bordo da corveta *Iris*, e no dia 20 ao amanhecer achava-se no porto da praça de Diu, immortal nos annaes da Asia portugueza pelos gloriosos cercos que sustentou e em que se illustraram o nome e o brio marcial de nossos antepassados.

Diz o citado jornal:

« O desembarque de s. ex.<sup>a</sup> só se effectuou de tarde, entre salvas, fogos de artificios e aclamações dos habitantes, que o vieram receber á praia, acompanhando o mesmo ex.<sup>o</sup> sr. ao memoravel castello, ou cidadella, monumento do que nós soubemos fazer e ainda saberemos em occasiões oportunas.

O illm.<sup>o</sup> sr. governador Lacerda veio com o seu major da praça e ajudante receber s. ex.<sup>a</sup> a bordo, acompanhando-o até se recolher ao seu quartel, onde o mesmo exm.<sup>o</sup> sr. se alojou.

Diu, é como a idéa que d'elle podem formar as pessoas intelligentes, que possuem esclarecimentos e que o não visitaram. Dominio em decadencia por ter diminuido muito a sua actividade industriosa, commercial e manufactora, especialmente esta ultima, pela importação na Asia e Africa dos tecidos da Europa, resta-lhe ainda um diminuto trafico com os portos da nossa Africa Oriental, talvez expirante com o perigoso concurso dos tecidos estrangeiros da mesma especie, sem a protecção devida á bandeira, segundo dizem. A cidade, ou povoação, tem diminuido consideravelmente de habitantes; e grande numero de casas estão em ruinas. O antigo castello, ou cidadella, onde sustentamos os memoraveis cercos, está em soffrivel estado de conservação nos seus meios de defesa, salvo pequenas reparações que s. ex.<sup>a</sup> deixou ordenadas. É ainda uma fortificação respeitavel que só poderá ser tomada por um assedio regular; posto que o seu systema ainda que flanqueado regularmente seja anterior ao de Vanban.

Pouco, ou quasi nada se reconhece das primitivas obras, nem mesmo das de D. João de Castro, quasi tudo é posterior talvez ao tempo dos Filippes. A artilheria que guarnece as fortificações é de bronze, fundida no reinado d'el-rei D. Manuel; e parece ser a mesma que por duas vezes fez retirar do seu alcance todo o poder da Asia e do Egypto. Hoje, cada uma d'essas peças é monumento historico que só por isso tem prestimo e valor.

A povoação, a sé, a misericordia e outros edificios e estabelecimentos que antigamente havia dentro desta cidadella, jazem em ruinas por ter a população passado para fora. O grande, e pouco povoado reducto da cidade, que fica fóra do castello, é tambem fechado com muralha mesquinamente abaluartada, mas com seu fosso, tudo soffrivelmente conservado. Depois de não inter-

rompidas demonstrações de um regosijo geral, felicitações da respectiva camara municipal em corporação, e sollicitações de muitos habitantes; as quaes s. ex.<sup>a</sup> attendeu e despachou até ao descer para o cáes, embarcou o mesmo exm.<sup>o</sup> sr. com sua familia ao pôr do sol do dia 22, e fazendo-se de vela a corveta durante a noute, amancheceu no dia 23 em frente de Damão, sem que o desembarque se podesse realizar, todavia, senão ao escurecer da noite, pelos obstaculos causados pelo esparcelado da costa para o bom surgidouro da corveta.

Se Diu não merece actualmente mais do que o interesse politico e historico de que goza, Damão, pelo contrario, e seu territorio adjacente e a Pragana, merece muito mais do que a pouca consideração com que é tractado. Contentes ficariam as nações poderosas da Europa, exceptuando sómente a Inglaterra, se possuissem no continente da Asia uma colonia como Damão. Ressentindo-se todavia, posto que em grão menor, das causas de decadencia que apontamos para Diu, causas e decadencia talvez hoje muito communs a todas as cidades fabricantes da Asia; Damão é ainda um ponto geographico algum tanto animado pela variedade de suas pooducções agricolas, devida á fertilidade dos seus territorios, e pela existencia ainda de seus pobres teares domesticos: e mais que tudo pela actividade de seus maritimos; de suas construcções navaes; e de suas pescarias. A praça, construida segundo os primeiros rendimentos da sciencia moderna, bem defeituosa pela desnecessaria e nociva altura de suas muralhas e anteposição de suas obras exteriores, é de um perimetro regular, está devidamente flanqueada e tudo em bom estado de conservação; o abandono e ruina de muitas casas que ficavam dentro da praça foi talvez devido a causas de insalubridade, originadas sem duvida pela excessiva altura das muralhas; em muitas praças se manifestam esses effeitos da falta da livre circulação do ar: a população passou, pois, pela maior parte para fóra do recinto e muitas casas e bangalós se encontram espalhados pelos suburbios em torno da praça, sem contar a multidão apinhada de barracas gentilicas e de banyanes, porses, e mahometanos. Damão obterá hoje creditos de salubridade por quem a for visitar; o que será facil de provar gosando a sua atmosphaera secca e menos quente, e observando o seu limitado numero de enfermos: no hospital haviam só dois,

As felicitações da camara municipal e de to-

das as auctoridades de Damão, as festas e regosijos publicos, em obsequio de s. ex.<sup>a</sup> e de sua estimavel familia, igualaram, se não excederam, o que se tinha visto em Diu.

O sr. capitão de mar e guerra Torcato José Marques, governador daquella possessão, coadjuvado efficaçmente por sua muita estimavel e exm.<sup>a</sup> esposa, hospedou a nobre familia que o visitava com todo esmero, abundancia e mesmo luxo, que lhe foi possivel empregar.

Nem faltaram, bem como em Diu, os imprevisitos bailes de todas as noutes, nos quaes o bello sexo se animava em vistosas danças aos harmoniosos sons de uma das melhores musicas do exercito de Góá, que a corveta levou a seu bordo.

Em quanto a mocidade se entretinha nestes folguedos, despachava s. ex.<sup>a</sup> o sr. governador geral as pertenções que aos centos lhe eram dirigidas; ou remediava os conflictos da industria com o fisco, especialmente no artigo pescarias, que estavam paralisadas por causa de um monopolio odioso, e que o mesmo exm.<sup>o</sup> sr. aboliu em beneficio dos povos.

No dia 26 pela manhã partiu s. ex.<sup>a</sup> na corveta para Bombaim, onde entrou no dia seguinte pela noute.

S. ex.<sup>a</sup> o sr. visconde Fackland, governador daquella presidencia, mandou logo a bordo cumprimentar a s. ex.<sup>a</sup> o sr. general barão d'Ourem pelo mais graduado dos seus officiaes, e informar-se circumstanciadamente se s. ex.<sup>a</sup> queria desembarcar, e no caso affirmativo, a que horas o queria fazer.

No dia seguinte prefixamente ás horas combinadas, o sr. general barão d'Ourem desembarcava no cáes principal para ir visitar lord Fackland. Á melhor carroagem deste exm.<sup>o</sup> lord, puxada a quatro, precedida de batedores e seguida de um piquete de lanceiros a cavallo, recebeu o sr. barão d'Ourem, e seus ajudantes de ordens, e desfilou pela frente de uma guarda de honra, com bandeira, formada em continencia sobre o cáes.

S. ex.<sup>a</sup> o sr. barão d'Ourem, assim voltou a embarcar duas horas depois. Salvas de artilheria annunciaram em terra e a bordo da corveta á ida e volta de s. ex.<sup>a</sup>

O que os dois exm.<sup>os</sup> governadores trataram e disseram na sua entrevista, não o sabemos; mas é facil imaginal-o a quem conhece a mutua e velha sympathia que existe entre as duas nações, e a alliança fundada em reciprocos interesses que existe entre as duas corôas.

No dia 29, perto da meia noite, saiu a corveta de Bombaim, e posto que encontrasse no transito ventos bonancosos, e até escassos, graças ao seu bom andamento, amanheceu no dia 1.º de fevereiro não longe da Praça da Agoada, onde fundeou á uma hora da tarde proximamente.

Aquelles que tiveram a honra de acompanhar a s. ex.ª o sr. barão d'Ourem, nesta sua digressão de 25 dias, e que ainda não tinham visto as Praças do Norte, consideram esta viagem como de instrução e recreio, pelo conhecimento que obtiveram dos postos que frequentaram, e pelo diuturno trato d'uma das mais estimaveis familias portuguezas. »

## PARTE LITTERARIA.

A NOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XLII.

CONCLUSÃO.

Oito dias depois das apaixonadas scenas, a que assistimos, pelas dez horas da manhã, achava-se Lourenço Telles no seu escriptorio, tendo á direita da ampla poltrona em que balouçava o corpo, a aprumada e solemne figura do abbade Silva, e á esquerda (a sinistra) como elle dizia o procurador de S. Domingos, Fr. João dos Remedios, cuja bocca risonha, faces rosadas, e olhos maliciosos annunciavam uma saude florescente.

O velho erudito estava de uniforme rico. Além das galas usuaes do vestido notava-se-lhe um adicionamento importante nas joias e bordaduras. O seu Horacio, companheiro fiel, via-se aberto em uma das paginas das satyras, e duas folhas de papel cubertas de linhas tremidas e muito juntas encerravam as observações estudiosas do eterno adversario do escudeiro-servente da marquezia das Minas. De vez em quando o commendador alçava os oculos, encolhia os hombros e lançava a vista com impaciencia em direcção á porta. O papagaio, espanejando-se, cabeceava e batia as azas sem obter a menor caricia; e Minete, emrolada aos seus pés sobre o tapete, abria languidamente uma fresta dos olhos para espreitar o estado das coisas, tornando depois á somnolencia em que dormitava.

No rosto e na pessoa do abbade não havia

diferença. Era sempre o mesmo aspecto venerando, a mesma calva de côr melindrosa, o mesmo gesto grave e prenhe de reconditas reticencias. O chapeo com borlas de torçal e oiro descansava sobre os joelhos alinhados em rigor, e a bengala dominava-os da altura de dois palmos com um castão de porcelana e gigantescas proporções. O auctor da biographia maravilhosa do capitão Viriato tinha um caderno nas mãos, meio enrolado, e acabava de o ler a Fr. João. Curto nas dimensões, mas infinito na substancia, este novo opusculo tractava de pintura antiga e dizia mais ácerca do Grão Vasco, e de Francisco de Hollanda, do que naturalmente elles souberam de si e da sua vida. Póde assegurar-se que em vinte paginas de texto e setenta de notas esdruxulas e de notas ás notas, a verdade e a razão nunca passaram por igual tormenta. Lourenço Telles, segundo o costume, não se esqueceu de disparar contra as invenções mais cruas algumas frechas, ervadas pelo estrepito motejador das pitadas e o garguerejo ironico do riso senil; o investigador das bexigas doudas, na forma do inveterado estilo, tambem se tinha escandecido, retorquindo; e o frade, constituido no perigoso officio de arbitro dos desempates, não alcançou sem custo uma tregua entre as potencias belligerantes. Á hora em que estamos, as hostilidades haviam cessado, e os dois campeões restauravam as forças e amolavam a censura proxima no silencio.

— « *Alea jacta!* » exclamou o erudito recorrendo á caixa e aspergindo de grãos de rapé a alvissima tira da camisa. « Estava escripto, traduziria um turco! Fica-me em casa um filho no amor, e tenho de menos uma neta querida! Quem me diria que Cecilia!.. Fr. João sabe que desconfio? Debaixo das flores está a vibora! *Latet anguis!* Não é natural. Uma menina formosa, galante, e alegre de coração, tão satisfeita connosco ha um mez, aborrecer-se da sua sorte de repente e fugir do mundo, da companhia de seu avô que a adora, de sua mãe que viu nella a luz dos olhos, e ateimar em se esconder na grade daquelle triste e maldicto convento? De raiva saltou-me esta blasphemia pela bocca. Não repare, padre mestre. Mas por força ha historia occulta nisto. Cecilia padece desgosto grande... e não heide consentir, que esta nos deixe sem saber se a causa vale a pena. Já a mandei chamar. Filippe desta vez achou algum juiso no seu barrete de dormir. Meu sobrinho não quer que lhe fallem nem na sombra de uma freira, quanto mais tel-as na familia!.. »

Ouvindo estas palavras Fr. João dos Remedios levou sobresaltado a mão á cabeça e repeliu o barretinho de seda preta da testa para a nuca. O abbade assumiu o ar expectante e melancolico, exigido pelas circumstancias, e gemeu pelos cantos da bocca uma especie de suspiro em fórma de commentario. Entretanto o dominico julgou-se obrigado a dizer alguma coisa e ajuntou:

— « De certo, meu antigo amigo, a alma de um avô, que é duas vezes pae, não hade vér esta separação com os olhos enxutos... Mas que quer? Deus quando chama escolhe. Cecilia achou-se tão perto da sepultura, que mediu as vaidades do mundo e fez no seu coração o sacrificio dellas. É o voto quasi *in articulo mortis*: e só a Santa Sé a póde desligar... »

— « Tenha paciencia, Fr. João, mas não acredito uma palavra da sua explicação » acudiu o commendador com impetuosidade. « Se todos os que adoecem gravemente se levantassem da cama embrulhados em um habito de religioso, os frades e as freiras não cabiam na terra... Minha neta, se não houvesse motivo forte, tem muito juiso, não fazia uma promessa louca, e contra a natureza... »

— « Senhor Lourenço Telles » atalhou o procurador formalisado e assoando-se « veja as heresias que está proferindo. Loucura é o mundo e os seus enganos. Amar e servir a Deus, quando a vocação e a graça nos chamam, nunca foi constranger a natureza... »

— « Bem, bem! » observou o erudito cahindo mais em si eu « tambem sou christão, tenho vivido e espero morrer na egreja catholica e apostolica romana, mas confesso-lhe que nunca passo por uma dessas prisões ao divino, chamadas mosteiros, sem se me apertar o coração... Quantos máus religiosos por um sincero? E donde nasce o erro? Das falsas vocações. »

— « Por isso antes do voto se dá ao noviço o tempo necessario para reflectir! » retorquiu o frade mais applacado. « Sei que lhe custa separar-se de sua neta; porém se a graça a tocar e ella quizer tomar o véo, faço justiça á sua alma temente a Deus o sr. Lourenço Telles; creiu, firmemente, que embora a carne chore no fundo do seu coração hade levantar louvores ao céu! »

O commendador vencido mas não convencido, assentiu inclinando secamente a cabeça. Neste momento entrou Cecilia, palida e mais graciosa ainda com a languida tristeza do rosto, do que nos dias, em que os olhos negros, e cheios de

brilho, alegravam e seduziam pela malicia innocente a quantos a contemplavam.

— « Estavamos fallando de ti! » disse o erudito atrahindo-a e beijando-a na testa com infinito extremo. « Agora mesmo perguntava eu ao nosso Fr. João, que mal faria o avosinho á sua neta para ella o deixar só estes poucos dias, que lhe restam, quando sabe que é a satisfação e o orgulho da sua velhice? Não chores; não ha menina bonita, nem olhos engraçados se os molham de lagrimas!.. Vamos! É preciso não ser creança, e termos muito juiso, muito animo. Então a minha filha não me diz nada, não me consola?.. O que mordeu nesse coração que era tão bom e tão ligeiro ha pouco tempo?.. Amas alguém, Cecilia? Tens receio de que não te deixemos ser feliz? Achas um amigo fiel em mim; conta-me as tuas magoas, que eu prometto que não sahes daqui senão contente e socegada... Vejamos! Amas alguém; não é verdade? Lê-se nos olhos, percebe-se por tudo... »

— « Amo é verdade, meu avô; porém amo sem esperanza! » replicou a educanda acariciando as cans do velho, e enchendo-o de meiguices, ao passo que o pranto corria e o coração se rasgava de novas dores.

— « Sim? » acudiu o velho com bondade, e litando-a cheio de orgulho. « E tens medo que não te correspondão? Com esses olhos, com essas feições, que parecem de um anjo?... Será erro do meu affecto, mas é impossivel que não te amem tambem a ti! »

— « Meu avô, a maior desgraça é que sou amada, e não... »

— « Ah! E choras, desconsolas-te, e queres fugir de nós? O que é isto então? »

— « A verdade. Disse tudo a minha mãe; e deu-me razão. Para evitar maiores desgostos devo sahir desta casa e recolher-me a um convento para fazer as minhas reflexões. Se me curar, se poder viver no mundo, meu avô saiba que hei-de correr logo a pedir-lhe perdão de joelhos, pelas penas que lhe tenho causado; se Deus me não der forças para tanto... »

— « Metes-te freira, e julgas que teus paes e eu havemos de consentir? Da minha parte já te desengano, nunca! »

E o erudito agitado e convulso sorvia o seu rapé com precipitação e apertava com ternura a neta nos braços, como se deste modo a impedisse de lhe escapar. Ella com um sorriso e uma voz tão suaves, que faziam arrasar de agua os olhos do velho, e até os do abbade, acrescentou pegando-lhe na mão:

— « Amo e não posso ser feliz! Diga meu avô, quando o affecto é uma paixão, e a vida se reduz á esperança delle; a mulher que se estima, que deseja entregar a sua alma pura e virtuoso o coração como os recebeu, não sendo esposa e sentindo-se viuva pela dôr, que logar deve escolher? Aonde quer que fique e feche os olhos? Que véo ha-de baixar entre si e o mundo?.. Se fosse um capricho, um delirio, cuida que me via como estou, firme mas inconsolavel? Pergunte a minha mãe se posso existir fôra do convento; o sr. Fr. João que responda, se o dever permite que eu siga outro caminho? »

Lourenço Telles suspenso e magoado olhava para todos, afagando Cecilia. No fim de alguns instantes de silencio, exclamou:

— « Ouvirei tua mãe e fr. João! Se fôr assim... vas para o convento; porém depois de prometteres primeiro duas coisas. »

— « Quaes, meu avô? »

— « Antes de tudo entras como secular e não como noviça. Para servir a Deus basta o coração; o habito nunca fez o monge. Então?.. »

— « Estou prompta » respondeu ella baixando a cabeça.

— « Bem! Assim temos sempre a ponte para voltar atraz, sendo possivel. Agora a segunda condição é que todos os quinze dias aos domingos, o avosinho ha de vêr a sua feiticeira e tel-a ao pé de si desde a manhã até á noite... »

— « Oh meu avô!.. »

— « Não ha oh! nem ah! é assim; aliás não dou licença. »

— « E deixa-me ir amanhã?... »

— « Deixo. »

— « Então... sim. Tenho tanta pressa de estar só... com Deus! O convento para onde vou... »

— « Qual convento, nem meio convento! » gritou da porta o capitão Filippe da Gama com a sua rusticidade habitual. » Tomára eu tornar a ouvir-lhe essas tonteiras? Nada de historias! Se tem faniquitos cure-os em casa; não seja tola! »

Dizendo isto o nosso amigo introduzia a sua pessoa, entufada n'uma casaca de seda, prodigiosa pela amplidão dos canhões e das mangas, e pela fartura das abas. No estofo côr de chocolate a bordadura de ramagens de matiz tomava um palmo de largo e dous dedos de alto, acompanhando as orlas desde o peito até ás extremidades. O chapéu podia servir de modelo a um pagode china. As fivellas dos çapatos pareciam duas rans, Lourenço Telles indignado com

a grossaria das palavras, ainda se enfureceu mais, quando o vestuario exotico e burlesco se lhe desenhou diante dos olhos em galla irrisoria. Consumindo com rapidez a pitada, que tinha entre os dedos, e estava gastando com pausa, o velho erudito formalisou-se, avivou os olhos, e estendendo a mão disse para seu sobrinho:

— « Isso não são modos de tractar senhoras! »

— « Cecilia não é senhora, é minha filha! » redarguiu o capitão mirando com vaidade o joelho amortalhado nos immensos laços de fita côr de sangue.

— « Vossa mercê é um alarve; um marujo! » disse o latinista fulminando-o com os olhos irritados. » Cecilia ha de ir para o convento, entende? Prometti-lhe eu. Saiba que ha razões no mundo para uma menina desejar a solidão... »

— « Abi vem o thio com os seus xaropes refinados! » berrou Filippe esticando a tira da camiza. » Que tal achas este collete, fr. João? perguntou virando-se para o frade.

É impossivel descrever a cholera, que se apoderou de Lourenço Telles, ouvindo estas amabilidades, exacerbadas pela rustica interrupção. Tremendo todo exclamou:

— « Eu não faço xaropes, nem confeitos; tomo o partido de minha neta contra a brutalidade de um selvagem, como vossa mercê, nascido e creado no tombadilho do seu chaveco, d'onde a minha desgraça o trouxe a esta casa para vergonha della!... »

— « Está bom, thio, não nos enfademos por bagatellas! A rapariga quer ir para a gaiola como o verdelhão... é tola, e acha quem lh'o consinta?... Seja feita a vossa vontade. Não metto nisto prego nem estopa. Com tanto que depois não venham com choradeiras, nem com lamentações. Se eu não fosse um pobre homem que levam pelo nariz, esses bixancros tinham o remedio que eu sei. Tudo isto são namoricos e carpideiras da moda. Criam-nas á lei da nobreza, ahi tem o succo. Acabam por asneira e principiam por asneira!... Lavo as minhas mãos. Aonde está Magdalena? »

Não é facil prever aonde chegaria a ira do commendador com tal discurso, se a mãe de Cecilia não viesse interrompel-os. Abriu-se a porta da sala e o conde de Aveiras dando a mão a D. Catharina de Athaide, chamou a irmã de Thezera para o seu lado. Diogo de Mendonça Corte Real e o padre Ventura, entravam a esse tempo na sala por uma porta, em quanto o tabelião apparecia pela outra. É inutil explicar, que



nesta manhã se assignavam as escripturas de casamento de Jeronymo Guerreiro e do conde de Aveiras.

Em quanto se liam as clausulas, o secretario de estado chamando Cecilia de parte entregou-lhe um papel fechado, dizendo-lhe:

— « Sua magestade lembrado das suas promessas encarregou-me de lhe entregar isto. É o dote de Thereza. A minha fada branca não quer abrir? »

— « Não! respondeu ella fazendo-se pallida e tremendo. » O sr. Diogo de Mendonça que está no segredo escolha a occasião, como coisa sua. Eu já não tenho animo para mais.

— « Ha outros... que dizem o mesmo. » Acudiu o diplomata com um gesto particular.

— « É que a nodoa desta dôr fica muito tempo sobre o coração! » murmurou a educanda limpando a furto uma lagrima. » Não julga que fiz o que devia? »

— « Acho que teve um rasgo de valor que não era de esperar dos seus annos, nem do excesso do seu amor... Console-se, havemos de vêr dias mais alegres. O tempo tudo gasta. »

— « Menos a saudade eterna... »

— « Tambem essa, querida menina. A sua mocidade enviuvou do affecto e das illusões; bem sei. Neste momento tem odio ao mundo e deseja-se longe d'elle; deixe correr o tempo, nada de precipitações; e verá que os vinte e cinco annos já não são os dezoito. Animo, muito animo, e esperemos em Deus! Quem teve o seu valor para uma coisa deve mostrar a mesma constancia em tudo. »

Ella não respondeu, mas o sorriso melancolico dos seus labios dizia tanto!

Depois das assignaturas e dos parabens do estylo, Lourenço Telles fez um signal ao seu escudeiro confidente, e Jasmim em uniforme grande aproximou-se com uma caixinha de veludo. Era o presente do noivado do commendador a sua neta. Aberto o cofre achou-se uma rosa de esmeraldas e rubins de grande preço. O velho com ternura e galanteria affectuosa, prendeu-a ao peito de Thereza, beijando-a em ambas as faces, ao passo que dizia com ar de riso para Jeronymo:

— « São privilegios de velho, meu amigo. Espero que não haverá desafio por este furto. » O mancebo beijou-lhe a mão, e deixou cair sobre ella duas lagrimas.

— « Agora eu! » disse o secretario de estado, rompendo o sello do papel que trazia, e

entregando-o á noiva. Ella sobresaltou-se á leitura, e dando um grito de jubilo lançou-se nos braços de Cecilia, murmurando-lhe ao ouvido:

— « É a tua vingança contra a fortuna! Oh, querida irmã porque hei de eu sentir neste dia as tuas lagrimas a arderem no meu coração? »

A educanda poz o dedo na bocca e sorriu-se com tristeza. D. João V effectivamente pagara como rei as suas dividas. O papel era a nomeação de Jeronymo Guerreiro para coronel dos terços de infantaria da capitania do Maranhão e Grão Pará, e os termos do despacho ainda lhe augmentavam o valor.

O padre Ventura aproveitando o instante, em que todos se apinhavam em volta do novo coronel, pegou na mão de Cecilia, e levando-a para o vão da janella disse-lhe com bondade paternal e olhando-a fittamente:

— « Sabe quem vi hontem? »

— « Foi João! » exclamou ella subindo-lhe a côr ao rosto. » Diz-mo o coração. Fallou-lhe? »

— « Fallei. Sabe por quem me perguntou? »

— « Advinho meu padre! » redarguiu a educanda baixando a vista, e fazendo-se branca.

— « Então?... Persiste na idéa de tomar o véu, e de sepultar-se para sempre no convento? »

— « Persisto! Quem perdeu o que eu perdi... não escolhe; sujeita-se! »

— « Ora pois! Não se precipite, não se aconselhe com a magoa, tendo ainda na alma as primeiras lagrimas, que ella custa. Dê tempo ao tempo. El-rei está resignado e conforme com a sua sorte; e pediu-me que a animasse para fazer o mesmo. »

— « Tão cedo, e já me esqueceu? » acudiu ella estremecendo e não sabendo conter este grito do amor.

— « Vê, filha! Ahi tem como a voz do mundo é ainda forte no seu coração. El-rei não esqueceu, e duvido que a esqueça nunca!... mas obedece-lhe, e conhece que lhe deve uma grande sacrificio... Porque não faz uma viagem longa em vez de se enterrar na escuridão de um claustro? O remedio para a saudade nesse gráu de dôr é a ausencia... Pense, aquiete o espirito, e resolva. Está muito nova para poder dizer no principio da sua vida, que chegou ao fim. »

— « Mas vossa paternidade bem vê que não tenho já que desejar nem que esperar no mundo? »

— « Não sabemos. O futuro só Deus! Veja! O sr. D. João V cedendo ás supplicas dos seus vassallos, e ás ultimas palavras de *alguem* que

*presa mais de que a si, já manda partir o seu embaixador para Vienna de Austria, pedindo a mão da archiduqueza. »*

Fazendo a revelação o jesuita penetrava com a vista escrutadora no mais intimo da alma de Cecilia. Quiz ver o effeito e apreciar por elle o verdadeiro estado do seu espirito. Apenas ouviu esta noticia a irmã de Thereza sentiu dentro de si uma revolução. O ciúme, a ancia, e o orgulho arrancaram-lhe lagrimas de sangue, dessas que não acodem ás palpebras. As faces fizeram-se de côr de rosa viva. As pupillas faiscaram. A voz, cortada na garganta, debalde procurou romper. Enfim, passados momentos, e mais senhora das paixões, retorquiu com certa ironia :

— « É uma felicidade para o reino ! Sua magestade fez bem como rei em não dar mais de oito dias de luto aos seus affectos de homem ! » E apontando para Catharina, que de longe a observava, accrescentou : — « Voltemos ! Já se nota a nossa falta ! »

— « Bem, bem ! » disse o visitador com o seu fino sorriso e esfregando as mãos. « O mal terá remedio ! Ha de lembrar-lhe muito tempo, mas o amor, que decide da vida e acaba connosco, não é este ainda. »

Aproximando-se da meza, então virou-se para Jeronymo, e disse-lhe rindo :

— « Apesar do meu voto de pobreza tambem hei de fazer um presente ao noivo : vai partir para a America brevemente ; não acha, Jeronymo, que uma recommendação nossa a seu favor para os padres daquelles logares não seria de todo inutil ? A companhia pôde alguma coisa alli. »

— « V. paternidade sabe que o respeito e venho... »

— « Sei, sei. Por isso escrevi isto. Deixe pôr o sello ! »

Era uma ordem secreta aos prelados das missões para ajudarem em tudo o irmão Jeronymo Guerreiro, passada em nome do geral, e que significava uma fortuna rapida e solida pelas immensas relações do instituto naquellas partes.

Lucinando o lacre tentamente, o padre Ventura tirou o anel do dedo, e com a chapa de ouro gravada sellou a fita pendente e o logar em que a uniu com o papel. Apenas acabava, Diego de Mendonça pegando-lhe no braço, levou-o para um sitio apartado, e encarando-o fixamente disse-lhe sorrindo :

— « Recebeu os alvarás que se expediram ? »

— « Hontem mesmo. E parto hoje. »

— « Hoje ? »

— « Daqui a duas horas. »

— « Para Roma ? »

— « Porque o diz ? »

— « Porque a cabeça falta ao corpo. A sede da companhia é na sede do orbe catholico, e o geral não pôde estar muito tempo ausente della. Faz falta aos pés da cadeira de S. Pedro ! »

— « O geral está em toda a parte ! »

— « É verdade ! » disse o ministro sorrindo. « Por signal que estive em Portugal, e só duas horas antes de nos deixar é que adivinho o segredo da sua vinda. Quem me diria que o padre Ventura se chamava Miguel Angelo Tamburini ? Mas eu com a minha experiencia sou indesculpavel. Homens assim não se encontram abaixo dos primeiros logares, sobre tudo em um instituto que sabe o modo de os conhecer e aproveitar... »

— « Já que descobriu a presença do geral da companhia, como elle parte para não tornar... dê-lhe as suas ordens para Roma ! »

— « Pois despedimo-nos para sempre ? »

— « A menos que não o veja ao pé de S. Pedro, ou no Vaticano como embaixador de Portugal. Os meus negocios aqui estão concluidos ; e asseguro-lhe que pondo o pé no escaler levo saudades. O geral da companhia fez justiça ao merecimento e assignou com elle, um tractado de alliança. Posso contar que mesmo longe tenho aqui um amigo para continuar a harmonia das duas potencias ? »

— « Ah padre Ventura ! deixe-me dar-lhe o antigo nome da nossa amizade, indo-se corpo, como quer que fique a sombra ? Já não tenho a quem recorrer nos casos delicados... »

— « Miguel Angelo Tamburini tem o cerção do padre Ventura e sabe todos os segredos delle... Adeus ! Um abraço como amigos, e outro como alliados. É natural que não nos encontremos senão na eternidade ; mas os homens como nós, sr. Diego de Mendonça, se já são velhos para as amizades violentas, são experientes e firmes na estimação reciproca. Eu vou trabalhar na reforma de uma potencia que julgo opulenta de mais ; não adormeça, e trabalhe tambem em engradecer um reino, ao qual Deus concedeu tudo, menos pilotos que o dirijam... A hora adianta-se. Hoje, ao pôr do sol, Lisboa já será como um sonho mais da minha vida attribulada... »

E apertando a mão do ministro veio collocar-se detraz de Cecilia. Nesta momento Jeronymo dizia á educanda :

— « E tu, Cecilia, que eras a nossa fada, não promettes ao menos um bom desejo ? »

Ella meditava comsigo, baixando a vista turva de pranto. De repente ergueu a cabeça e lançando os braços ao collo de Thereza, exclamou :

— « Jeronymo, o desejo que formei, é viver ao lado de minha irmã, se partem cedo para o Brasil. »

— « Dentro de um mez ! »

— « E eu que vou tomar o fresco até á linha, ainda que tu chores como uma fonte, Magdalena ! » gritou Filippe com um gesto protector.

— « Filippe, e nosso tio ? » disse a mãe de Cecilia soluçando.

— « Ah ! o tio sabio ? ! Vem tambem, é um beliche mais. Olé, meu santinho » ajuntou batendo uma grande palmada no hombro do abbade Silva, que deu um pullo e se fez vermelho. « Graças ao dia de festa, que é, perdou-o-lhe aquelles trocos... »

— « Quaes trocos ? » acudiu o oraculo admirado.

— « A meia duzia de beliscões, que lhe prometti na cella de fr. João. São contas justas. »

Lourenço Telles não ouvia nada absorto nas reflexões, que subitamente o accommetteram. Por fim accordando com um suspiro, virou-se para Cecilia, e disse-lhe sorrindo :

— « Tu que estás uma viuvinha tão nova e tão galante queres ser como a esposa de um velho solteiro e triste, com piedade da sua idade e da sua solidão ?... Se promettes consolar-te e ver em mim o amor de um segundo pae... apesar dos meus setenta annos, faço ainda esta viagem antes da ultima. Aonde está o nosso coração está a patria !... »

É escusado dizer que Cecilia prometteu. Os abraços e os beijos repetiram-se. Só o abbade não ria. O erudito voltou-se para elle e disse-lhe :

— « Vamos, abbade, tente-se tambem. Venha lér o episodio do Adamastor, diante do cabe da Boa Esperança !... »

— « E a senhora marquezã das Minas... que não passa uma tarde sem me consultar ? »

— « Não tenha cuidado. A senhora marquezã toma logo uma modista e chama um cabelheiro para o substituir ! Mas aonde está o padre Ventura ? »

— « O padre Ventura « disse Diogo de Mendonça « não existe. Quem aqui tivemos e partiu para bordo de volta a Roma foi Miguel Angelo Tamburini, geral da companhia de Jesus. Dê-me

licença que lhe vá dar o ultimo abraço no paquete ? »

Um mez e nove dias depois, sahia uma náu para o Brasil, e á pôpa, lançando um adeus saudoso ao Tejo, os olhos de fr. João dos Remedios, que fóra ao bota fóra, distinguiram até muito longe a figura do commendador encostado ao braço de Cecilia no meio de toda a familia.

D. João V nesse momento achava-se no eirado do paço, que deitava para o rio, e tinha ao seu lado o secretario de estado. Em quanto o oculo pôde alcançar a náu, el-rei não o tirou della ; quando se lhe tornou inutil, fechando-o, e sumindo duas lagrimas com as costas da mão, disse muito pallido a Diogo de Mendonça : « Expeça as cartas de crença ao conde de Villar Maior. Quero que parta dentro de tres dias para Vienna de Austria. »

Era tambem o fim do sonho. Aquelle navio & vela eram as illusões da sua mocidade que fugiam para não voltarem !

L. A. REBELLO DA SILVA.

## NOTICIAS E COMMERCIO.

**O joven artista portuense.** — No *Jornal do Povo* lê-se : —

« Uma carta que vimos de Paris, deu-nos noticias do segundo concerto que alli dera o pequeno Arthur Napoleão, antes de partir com seu pae para Londres.

Este beneficio se não foi sumamente rendoso para o nosso pequeno compatriota, em consequencia dos muitos concertos que alli estão havendo, foi sem dvida uma das mais animadas ovações que tem recebido aquelle talento tão precioso.

Os applausos entusiasticos foram-lhe tributados geralmente por homens e senhoras, e momentos houve em que muitas pessoas insensivelmente se punham de pé para melhor verem o prodigioso artista, e assegurarem-se que era elle quem tão magistratamente brincava com o piano.

M. Herz, e outros grandes professores que se achavam presentes, não lhe pouparam elogios ; e em algumas peças foi chamado fóra por tres vezes, e de cada vez com mais estrondosos applausos. »

**Vinho.** — Os de consumo do Douro sustentam o preço ; além da sua má qualidade, começam a ganhar flor uma parte delles. A agua-ardente está no Porto a 120,000 réis a dinheiro ; venderam-se 40 pipas do Minho lotado com a da Bairrada a 100,000 réis. Os vinhos d'exportação de 1852 estão sem procura, e cahiram completamente os preços, pela má conta que dão. As ordens de Inglaterra para vinhos de 1851 e novidades anteriores tem escarcado bastante.

(*Pobres do Porto.*)

**Novo invento.**—Foi inventada ha pouco em Dublin por um official de dragões chamado Roberto Armstrong uma peça de artilheria propria tanto para navios como para baterias de terra. A superioridade desta nova peça em relação ás antigas consiste na facilidade de se fazer a pontaria n'um angulo de 90 graus sem que seja necessario mover a carreta, o que diminue o numero de homens necessario para o serviço desta arma. Um navio com peças deste genero poderá dirigir toda a sua banda a qualquer objecto dentro de um raio de 90 graus sem carecer-se de manear as carretas. Servirão especialmente de popa, e com ellas um navio perseguido, ou acoessando outro poderá empregar na direcção do seu inimigo duas terças partes de sua artilheria pelo menos sem alterar o seu rumo, coisa impraticavel com o systema de peças usado até agora.

No caso de bombeamento, o canhão inventado por mr. Armstrong pôde converter-se no mais effizaz morteiro em menos de dois minutos. Empregado nas baterias em terras tem a vantagem de ser servido com tres ou quatro homens de menos do que as actuaes peças, porque não ha necessidade de recorrer aos esportes para movel-o á direita ou á esquerda, sendo sómente a peça que se move conforme o requer o caso. O inventor fabricou tambem debaixo dos mesmos principios uma peça de campanha que não necessita cunhas ou palmetas, cuja carreta só ha de mover-se sendo precisa a mudança de frente.

**Palacio de christal.**—Os trabalhos deste novo templo erecto á industria em Nova-York, activam-se prodigiosamente, e é provavel que tenha logar a abertura da exposição no primeiro de junho. Até o ultimo dia a que as noticias alcançam havia 542 remessas de Inglaterra, 326 de França, 500 do Zollverein alemão, 142 da Hollanda, e cem estatuas da Italia: total 1:610 remessas de differentes objectos.

**Exportação de vinhos.**—A alfandega do Porto despachou em todo o mez de março, para differentes portos, 6:182 pipas de vinho.

**Viação portuense.**—No dia 4 do corrente principiam regularmente as viagens das diligencias entre o Porto e Braga, continuando diariamente. Os preços são nos primeiros logares 1:440 rs., e nos segundos 1:200 rs. Cada passageiro pôde conduzir bagagem até o peso de 16 arrateis, e só é obrigado a pagar o excedente a esta taxa. Qualquer passageiro que appareça em algum ponto da estrada, será recebido na diligencia havendo logar vago, pagando 160 rs. por legoa.

**Caminho de ferro do norte de Hespanha.**—Diz um jornal de Barcelona, citado no jornal de Madrid, *Diario Hespanhol*, do 1.º do corrente maio: — «Proseguem com rapidez notavel os trabalhos do caminho de ferro do norte. Fica assentada a pedra de silbaria dos pilares da ponte de la Riera de Caldez, e vão começar os alicerces de outros para a da Riera de Parels. Tambem principiaram a funcionar, movidos por vapor, osapparelhos de cravar estacas para a construcção da ponte da Riera de Grallers. Os terraplenos fazem-se em toda a linha com

celeridade, e em porção mui consideravel acham-se já collocados os rails. A estação e officinas de Clot dentro de poucos dias estarão concluidas.»

**Telegrapho electrico.**—Segundo informações recebidas de Bayonna de França, em breve tempo ficará estabelecido o telegrapho electrico desde a margem do Bidassoa, fronteira de Hespanha, até Paris, ou para melhor dizer até Vienna, porquanto ha mais de um anno que funciona com perfeita regularidade entre as duas capitães da França e da Austria.

**Macrobia.**—Muitos jornaes da peninsula tem dado a seguinte noticia. Vána fé dos taes noticiadores, e por isso mesmo que ha muito não apparecem nas folhas publicas exemplos de longevidade:

Falleceu ha pouco em a provincia da Castella a Nova uma mulher com 125 annos de idade! Deixou 14 filhos, 8 netos e 19 bisnetos; o filho mais novo tem 50 annos. Esta mulher tornou a casar depois de completar os cem annos!

**Neecrologio.**—Hontem 29 de abril se fixeram as honras funebres ao sr. dr. José Carneiro da Silva: seu cadaver na vespera havia sido conduzido em andas de Grijó para a igreja dos Terceiros do Carmo, de que era irmão. O corpo cathedratico da academia polytechnica, o da escola medico-cirurgica, com os seus respectivos directores, e o da academia das bellas-artes, e o do lyceu, assistiram a esta cerimonia funebre, honrando assim a memoria de um companheiro que havia dado vigílias e o melhor de seus dias á sciencia e ao ensino.

Apesar de que o terem sido feriados estes dois dias não permittira avisarem-se os alumnos, espontaneamente concorreram em grande numero aos officios funebres do seu mestre. Muitas outras pessoas assistiram, entre as quaes os exm.ªs srs. conde de Bretian-dos (Sebastião) barão de S. Lourenço, Luiz Brandão etc.

No fim dos responsos, o cadaver foi conduzido em procissão funebre á capella do cemiterio dos Terceiros para alli ser encerrado n'um caixão de chumbo, até ser trasladado para o seu jazigo no cemiterio da Lapa, para junto de seu pequeno filho Adolpho. Os alumnos academicos se haviam dirigido ao director anticipadamente, manifestando o desejo de acompanharem á capella do cemiterio o cadaver, e assim o fizeram, bem como o corpo cathedratico, indo deste modo prestar um ultimo serviço á sua memoria.

Hoje estão fechadas as aulas da academia, em demonstração de lucto, por terem sido feriados os dois dias antecedentes; e sabemos que o illm.º sr. João Baptista Ribeiro, director da academia polytechnica, e nella lente de desenho, se propõe pintar a oleo o retrato do sr. Carneiro, para offerecel-o á academia como fizera já com o do sr. Aguiar.

(Pobres do Porto.)

#### BIBLIOGRAPHIA.

• COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL, por José da Motta Pessoa de Amorim.

Publicaram-se as folhas 5.ª e 6.ª do tomo 4.º

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 44.

QUINTA FEIRA, 12 DE MAIO DE 1853.

12.<sup>o</sup> ANNO.

## TRABALHO NOS DIAS SANCTIFICADOS.

Julgamos dever dar publicidade ás justissimas exhortações com que o digno prelado, que preside á egreja lusitana, chama os filhos desta egreja á observancia de uma das suas mais antigas e salutaes praticas.

Para a educação e descanso do povo, o providente preceito da religião é de proficuo resultado. Infelizmente a sua inobservancia tinha chegado a ponto que era para escandalisar o espirito do verdadeiro christão a comparação do que se pratica em terra, que se diz catholica, ao que tão rigorosamente se observa entre os protestantes.

Religiosa e socialmente devemos agradecer a s. em.<sup>a</sup> o haver erguido a sua respeitavel voz contra um abuso que deve cessar, e confiamos que será obedecida, como convém, para o descanso do corpo e elevação do espirito.

Emm.<sup>o</sup> e revm.<sup>o</sup> sr. — Foi presente a sua magestade a rainha a conta que v. em.<sup>a</sup> dirigiu por este ministerio, incluindo alguns exemplares impressos da exhortação pastoral, em que v. exm.<sup>a</sup> excita e admoesta os fieis do patriarchado, da prelazia de Thomar, do grão priorado do Crato, e das dioceses de Portalegre, e de Castello Branco, para que observem estreitamente, como lhes cumpre, o preceito da guarda dos domingos, e dias sanctificados. E desejando sua magestade, como soberana catholica, protectora e defensora dos sagrados canones nos seus reinos, e dominios, e como filha fidelissima, que se preza de ser da santa egreja catholica apostolica romana, auxiliar,

quanto caiba no seu poder real, o louvavel empenho de v. exm.<sup>a</sup> em obstar aos abusos, que ácerca daquelle santo preceito, se teem introduzido com manifesto escandalo: houve por bem, approvando a deliberação de v. em.<sup>a</sup> resolver, que por este ministerio se expeçam as ordens convenientes aos governadores civis dos districtos respectivos, para que por si, e pelas auctoridades suas subordinadas prestem todo o auxilio competente, para que se consiga o justo fim a que a exhortação pastoral de v. em.<sup>a</sup> se propõe; devendo as mesmas auctoridades fazer constar aos refractarios, se os houver, que, no caso em que, sem motivo competentemente justificado, continuem a desprezar a observancia de que se tracta, se promoverão contra elles os procedimentos que legalmente possam ter lugar. O que sua magestade manda assim comunicar a v. em.<sup>a</sup> para seu devido conhecimento. Deus guarde a v. em.<sup>a</sup> Paço das Necessidades, em 30 de abril de 1853. — Emm.<sup>o</sup> e revm.<sup>o</sup> sr. cardeal patriarcha de Lisboa. — *Rodrigo da Fonseca Magalhães.*

Illm.<sup>o</sup> e exm.<sup>o</sup> sr. — Tenho a honra de dirigir a v. ex.<sup>a</sup> seis exemplares da exhortação pastoral, que publiquei em cumprimento de meu dever, e satisfação dos desejos de muitos cidadãos desta capital, manifestados em repetidas representações. Peço ao governo, e espero de seu zelo pelo bem da religião, moral, e ordem publica, que se digne mandar logo publicar no Diario do Governo a mesma exhortação pastoral com portaria, em que se conceda o real auxilio e protecção pedida; e se ordene ás auctoridades administrativas e municipaes das respectivas localidades as providencias e diligencias, que forem justas e de sua legal competencia, e necessarias para fazer cessar o publico desprezo e escandalosa infracção das leis divinas, ecclesiasticas, e civis, que prescrevem a guarda e sanctificação dos domingos e dias festivos. Deus guarde a v. ex.<sup>a</sup> São Vicente, 21 de abril de 1853. — Illm.<sup>o</sup> e exm.<sup>o</sup> sr. ministro e secretario de estado dos negocios ecclesiasticos e de justiça. — *G. . cardeal patriarcha.*

Guilherme I.

CARDEAL PATRIARCA DE LISBOA.

*A todos os nossos amados súbditos deste patriarchado, e da prelazia de Thomar, grão priorado do Crato, e bispados de Portalegre, e Castello Branco, que administramos por delegação apostolica: saude, paz benção em Jesus Christo, Nosso Senhor e Salvador.*

O rigoroso dever do nosso ministerio, que o sagrado Concilio de Trento (1), tão particularmente recommenda aos prelados, de fazerem guardar, pia e religiosamente, os dias sanctificados; o profundo sentimento de amargura e tristeza, que nos causam as publicas e escandalosas profanações destes dias: o zelo que a divina graça, apesar de nossa indignidade, nos inspira pelo serviço e gloria de Deus, e pela sanctificação e salvação das almas; e até os piedosos desejos e instancias, que sobre este ponto nos teem manifestado innumeraveis cidadãos desta capital, mui tomentes a Deus, e zelosos do bem da egreja e do estado; tudo isto, amados filhos, nos obriga, e nos impelle a levantarmos o brado de nossa debil voz, e a dirigir-vos esta breve instrucção e exhortação pastoral, que, se fôr ajudada da benção, e auxilio divino, que humildemente imploramos, fará desaparecer de todas as povoações, confiadas ao nosso cuidado pastoral, os peccados e escandalos publicos, que tanto ofendem e affligem a religião e moral christã.

Deus, que criou, conserva, e rege todas as cousas do universo, para manifestarem, segundo a sua natureza, a gloria do Seu Santo Nome, e que nos dotou de sentimentos, faculdades e graças, proporcionadas para o conhecermos, amarmos, adorarmos, louvarmos e servirmos, segundo o beneplacito de Sua Soberana Vontade, impoz-nos por isso mesmo a natural obrigação de dirigirmos áquelle ultimo, e santo fim, e de conformarmos com elle todos os sentimentos e acções de nossa vida. Porém, não podendo a nossa fraqueza sustentar a continua e fervorosa acção de graças, devida a seus innumeraveis e continuados beneficios; e exigindo as necessidades de nossa natureza a occupação da maior parte do tempo nos cuidados e trabalhos necessarios, para a sustentação e felicidade da vida; permittiu o Senhor, que, sem jámais perdermos de vista, nem contrariarmos este fim da criação, nos applicassemos a estes trabalhos e cuidados, em quasi todos os dias, reservando só alguns para serem especialmente consagrados ao seu Culto e serviço, por um religioso e honesto descanso dos trabalhos corporaes, e pelo exercicio dos actos de religião e de caridade, proprios para lhe darem honra e gloria, e para illustrarem, sanctificarem, e fortificarem as nossas almas.

E na verdade, esta guarda e sanctificação dos dias especialmente consagrados ao Senhor é tão conforme á nossa natureza, que o senso commun, e a propria experiencia nos convence de que carecemos deste honesto repouso para conservação e refeição de nossas forças physicas, e desta especial sanctificação para nos curarmos das distracções e imperfeições causa-

das pelos cuidados e trabalhos mundanos; e conservarmos, augmentarmos, e aperfeiçoarmos as nossas almas as virtudes religiosas e moraes, de que depende a nossa felicidade temporal, e salvação eterna.

Com effeito nós vemos este divino preceito imposto pelo Creador a nossos primeiros paes, quando abençoou e sanctificou o dia em que descansou, para assim dizer, da obra da criação (2); transmittido ás gerações futuras, e por estas observado até no meio das sombras e superstições da Idolatria: recommendado por Moysés aos Israelistas, logo que entraram no deserto (3); escripto pelo Senhor nas Taboas da Lei (4); ampliado a outras festas estabelecidas para memoria e acção de graças pelos prodigiosos beneficios feitos por Deus ao seu povo escolhido (5); sancionado com as mais terribes penas temporaes (6); e finalmente consagrado com o exemplo de Nosso Senhor Jesus Christo (7), e com sua doutrina, que confundindo a dureza do supersticioso zelo pharisaico (8), nos mostram a natureza e importantissimos fins deste divino preceito.

As festividades estabelecidas e sancionadas na lei antiga cessaram com a lei da graça, que tinham por fim figurar e preparar: ficou porém em todo o seu vigor e preceito primitivo e natural da especial sanctificação de alguns dias consagrados ao Senhor; que os apóstolos divinamente inspirados observaram, prescreveram, e accommodaram á economia da Redempção Humana, substituindo ao sabbado o domingo (9), como verdadeiro dia do Senhor, em que teve logar sua gloriosa Resurreição, e a visivel descida do Espirito Santo; e ás outras festas dos Israelitas as Christãs, que ou aquellas preparavam, ou figuravam, ou pareceram necessarias para perpetua e devota memoria dos adoraveis Mystérios da Redempção, para acção de graças pelos beneficios recebidos da Divina Providencia; e para honroso Culto de Maria Santissima, dos anjos, e dos santos; por cuja intercessão e patrocínio mais facil e seguramente podemos obter remedio para todas as nossas necessidades, se o implorarmos com viva fé e humilde e fervorosa devoção.

Assim a santa egreja, sempre assistida do Espirito Santo, conformando-se com a doutrina divina, e tradição apostolica, instituiu differentes festividades, e explicou sempre o terceiro preceito do Decalogo, prescrevendo a especial sanctificação dos domingos e festas estabelecidas; e prohibindo expressamente nestes dias aos fieis as obras servis, e trabalhos corporaes, que a necessidade, piedade, caridade, ou legitima dispensa não justificar ou desculpar; ordenando-lhes a devota assistencia ao santo sacrificio da missa; e exhortando-os a que nestes dias mais cuidadosamente se abstenham de tudo quanto poder ser causa, ou occasião do peccado; e os empreguem todos na frequencia dos Sacramentos, na concorrência ás egrejas para assistirem aos officios divinos, e ouvirem as instruc-

(2) Genes. Cap. 2. V. 2 e 3.

(3) Exodo Cap. 16. V. 23.

(4) Deuter. Cap. 4. V. 13.

(5) Levit. Cap. 23. e Deuter. Cap. 16.

(6) Numer. Cap. 15. V. 35.

(7) S. Luc. Cap. 2. V. 41 e seg.

(8) S. Luc. Cap. 13.

(9) Ac. Apost. Cap. 2. V. 1. Apoc. Cap. 1. V. 10.

(1) Sess. 25. Decr. deolestu cibor. jejunii, et desbus aliis.

ções, cathequeses e pregações; nos exercicios de piedade e devoção; em obras de misericordia; e no honesto repouso, e religiosa meditação, que tanto contribuem para a conservação, e maior vigor assim das forças physicas, como das virtudes religiosas e moraes.

Mas este santo preceito da guarda e sanctificação dos domingos e dias festivos, tão conforme á nossa natureza, e vantajoso á nossa verdadeira felicidade, tão claramente prescripto nos mandamentos de Deus, e da santa egreja, tão recommendado pelos sagrados canones, e constituições pontificias e diocesanas, tão geralmente acatado, e sancionado pelas leis civis de todas as nações christãs, tem cahido infelizmente entre nós em grande relaxação e escandaloso desprezo nestes ultimos tempos mais faltos de fé e piedade, e mais dominados de excessivo e cego desejo de interesses materiaes. E ainda que a maternal sollicitude de sua magestade fidelissima a rainha minha senhora, procurou tirar o pretexto com que se pertendia desculpar a relaxação, impetrando o indulto apostolico — *quum ex apostolici* — que para todos os seus subditos seculares aboliu a maior parte dos dias festivos, com o fim expresso não só de attender ás necessidades temporaes dos fieis, mas tambem de promover e restabelecer a exacta observancia da religiosa guarda e sanctificação dos domingos e dias festivos, que ficaram subsistindo; ainda que este indulto foi publicado e mandado executar nos termos da lei de 6 de dezembro de 1844, que expressamente manda, que todas as auctoridades o cumpram, e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nelle se contém; temos com tudo observado com o maior pezar, que o escandalo publico não tem diminuido, antes augmentado, especialmente nesta capital, aonde a cada passo se encontram armazens, lojas, e tendas abertas, ostentando suas mercadorias e chamando o povo christão ao commercio e trafico prohibido nos domingos e dias sanctificados, artistas, trabalhando com seus officiaes e aprendizes em lojas, ruas, e logares patentes á vista do publico, carros e cavalgaduras transitando pelas ruas carregados de fazendas e outros objectos, cujo transporte em taes dias não desculpa a necessidade, ou publica utilidade, ellegitima dispensa, e por necessaria consequencia desertos, ou pouco frequentados os templos, quando nelles se celebram os officios divinos, e se devem fazer as instrucções e cathequêses pastoraes.

Com a maior amargura deploramos a desgraçada cegueira, ou obstinada malicia, que produz tão escandaloso despreso, e tão nociva violação das leis divinas, e humanas: exhortamos e recommendamos com a maior efficacia a todos os nossos amados subditos, que guardem e sanctifiquem os domingos e dias festivos pia e religiosamente na fórma sobredita e prescripta nas constituições diocesanas respectivas, (10) que declaramos em inteiro vigor em tudo quanto respeita a este preceito, e ás excepções e dispensas delle, existindo as justas causas approvadas pela egreja. Pedimos mui encarecidamente áquelles de nossos amados subditos, que até agora teem faltado neste ponto

ao que devem a Deos, á egreja, e ao estado, que façam inteiramente cessar e desaparecer os actos do sacrilega profanação dos dias sanctificados: pedimos-lhes, que vejam e meditem attentamente na feia ingratição que commettem, negando um dia na semana ao prescripto serviço do Senhor, que nos concede todos os mais para nossos usos e commodidades temporaes: que se lembrem, que é Deos, que nos dá a vida, o tempo e as forças para o trabalho, e que faz nascer deste, quando é honesto e por elle abençoado, os fructos convenientes para nossa conservação e verdadeira perfeição e felicidade, que debalde trabalharemos por alcançar contra as prescripções de sua soberana e omnipotente vontade. Os interesses e commodidades materiaes, que esperardes alcançar, amados filhos, por trabalho prohibido, serão por certo pomos venenosos, que causarão a miseria e a morte, as penas temporaes ou eternas, com que o Soberano Senhor do Universo e justo juiz ha-de punir o desprezo e violação de seus preceitos, e a vil ingratição, e sacrilega profanação dos dias, que reservou para lbe serem especialmente consagrados. Observai, amados filhos, a rigorosa exactidão com que os judeus e os protestantes guardam os dias sanctificados em suas egrejas, e enchei-vos de vergonha e de horror pela occasião, que lhes dais com vossos escandalos, de fazerem comparações e exprobações affrontosas á santidade e divindade da egreja catholica, apostolica, romana, que é a unica verdadeira, e a que pela misericordia de Deos temos a felicidade de pertencer.

Nós confiamos, que esta nossa exhortação pastoral, se fór ajudada do auxilio, e Unção Divina, que humilde e fervorosamente imploramos, ha-de mover os animos de todos os nossos amados subditos, e produzir os salutares effeitos, que desejamos. Porém se assim não acontecer, e infelizmente continuarem os escandalos publicos; desde já imploramos o auxilio e protecção regia, e pedimos e rogamos ao governo de sua magestade fidelissima, e ás auctoridades administrativas e municipaes das localidades respectivas as providencias competentes, justas, e necessarias para prevenir ou reprimir e corrigir o publico desprezo, e escandalosa infracção das leis divinas e humanas, que mandam guardar os dias sanctificados, como tão altamente reclama o bem da religião, moral, e ordem publica, a civilisação, e boa policia municipal. E mandamos aos reverendos parochos, que lêam esta nossa exhortação pastoral á estação da missa conventual nos tres domingos subseqüentes ao dia, em que a receberem, e que seja registada nos livros competentes.

Dada na nossa residencia Patriarchal de S. Vicente de Fóra, sob nosso signal e sello, aos 16 de abril de 1853.

Logar X do sello.

G., Cardeal Patriarcha.

Joaquim Moreira Pinto:

(10) Constit. do arcebispo de Lisboa. Liv. 2. tit. 2. dec. 2. Constit. do bispo de Portalegre. Liv. 2. tit. 3. cap. 4. Constit. do bispo da Guarda e Castello Branco. Liv. 2. tit. 1. cap. 4.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

## DA PLANTAÇÃO DAS AMOREIRAS EM CAMPO ABERTO E PODA DAS MESMAS.

(Continuado de pag. 508.)

A muitas desvantagens se expõem o agricultor que pretendendo fazer economias se desvia das regras que deixamos escriptas e que se baseam em experiencias bem averiguadas. Se uma só dessas regras não for observada pontualmente, serão mesquinhas e ruins as arvores, darão pouco producto, e se estragarão em pouco tempo. Grave damno causa a plantação quem só com a mira de poupar não manda abrir grandes e profundas vallas ou covas, porque dentro de poucos annos as raizes estendendo-se encontram a terra dura e não beneficiada pelo amanho do terreno, e pelas influencias do ar e das chuvas, e assim definham-se ficando baldadas as esperanças do cultivador.

É tão evidente a necessidade de abrir grandes vallas que M. Chalumeau, auctor do livro *Ma chaumière*, fez uma experiencia plantando quatro arvores de fruta as mais semelhantes possivel, tratando-as com o mesmo cuidado e com o mesmo corte, pondo-as em covas de differente grandeza. Plantou a primeira n'uma cova de tres pés em quadrado e tres de fundo; a segunda n'outra das dimensões de dois pés; e as duas restantes n'outras de 18 pollegadas em quadro; e todas na mesma qualidade de terra e na mesma exposição.

Decorridos alguns annos a colheita dos frutos das primeiras era mais abundante que nas duas ultimas; e quanto ao desenvolvimento, a primeira tinha 18 pés de crescimento e 8 pollegadas de circumferencia; a segunda cresceu 9 pés e cinco pollegadas tendo meio pé de circumferencia; a terceira 5 pés e meio d'alto e 3 pollegadas e 8 linhas em redondo, finalmente a quarta 6 pés d'altura e tres pollegadas em redondo. Eis portanto um exemplo notavel da vegetação, devida nestas plantas ao maior ou menor trabalho das covas mais ou menos largas e profundas.

Da mesma maneira cumpre não esquecer a separação das terras do solo e do subsolo, não sómente para estabelecer a planta em bom fundo mas tambem para que a terra fique bem dividida e solta e possa entrar em todas as sinuosidades das raizes envolvendo-as bem; se ao contrario for disposta em chão duro e não dilatar com robustez as suas raizes, torna-se a terra fria e em torrões, conductores imperfeitos das substancias de que a planta precisa.

Tambem se ordena que não se cave a terra para aquelle effeito quando estiver molhada; e afim de poupar trabalho como alguns impensadamente praticam, allegando que a enxada entra melhor na terra branda e os homens trabalham muito em pouco

tempo. Triste economia é essa que perjudica a planta e por consequencia o dono; por quanto a terra revolvada endurece depois com o bom tempo e se torna ruim conductora das influencias atmosfericas, fica arida como uma pedra, e concorre para definhar-se a planta, causando immenso damno a toda a plantação. Portanto, sendo optima coisa a abertura do terreno em tempo opportuno e deixar passar-lhe por cima para o eurtir uma estação invernosa, é pessimo fazer o contrario, visto que a terra cavada não fica permeavel e o fundo e lados das covas ou vallas, não recebendo os beneficios da atmosfera, estão compactos e quando chega o tempo de se dilatarem as raizes encontram forte resistencia.

Além disso, fazendo-se este serviço em a estação do outono depois dos trabalhos ordinarios do campo pôde ser desempenhado com maior diligencia e perfeição, e não se accumulam os trabalhos a um tempo.

Extrahir do viveiro as pequenas amoreiras com todas as raizes sãs e compridas é a base principal, o fundamento maximo de sua prospera vegetação futura. Desprezam muitos individuos esta circumstancia, e riem-se ignorantemente de tantas cautelas, porque tem visto que algumas vezes as plantas com as raizes quebradas ou fendidas pegam e não morrem em consequencia da boa natureza e vigor das mesmas plantas; porém, mais tarde lhe chega sempre o desengano, sentindo a falta e a qualidade inferior da folha para a criação do bicho. É verdade que succede durarem por muito tempo algumas arvores assim tratadas no seu começo; porém, como duram ellas? Sempre n'um estado doentio, languidas e sem o seu natural incremento. Os taes desprezadores dos preceitos desculpam-se do seu erro, attribuindo o mau exito a outras causas e imputando-o infundadamente á qualidade do terreno e ao clima, quando o mal procedeu da inexperta mão do agricultor que praticou a plantação sem empregar os devidos cuidados.

Tambem errariam muito para o bom resultado os que se desviassem do preceito da enxertia, poisque é certo que a planta enxertada proximo do chão pega com muito mais facilidade. Quando a amoreira é já adulta são maiores os cortes, são mais rijos, causa de esmorecerem as plantas, arriscando-se ao mesmo tempo ficar a plantação irregular, se o agricultor não tiver os devidos resguardos.

Se por causas imprevistas ou por ser necessario occorrer a outras muitas e diversas coisas, não poder praticar a enxertia no tempo devido; ha de proceder depois com arte para que as arvores sejam todas regulares e proprias á boa vegetação. Muito haveria que dizer sobre o enxerto, mas como este escripto não é um compendio agricola e não passa de um simples artigo ommittirei, por isso, o concernente ao dito assumpto.

Insisto na observancia escrupulosa das regras quanto á postura das raizes, por ser objecto essencial. Deixando de tirar as quebradas ou de outro qualquer modo offendidas, são ellas um meio im-



perfeito da nutrição das plantas; além de que nas rupturas com maior facilidade entrarão os insectos, e com a putrefacção se prejudica também muito a arvore.

Ha quem espere das pequenas barbas ou babugem de radículas o incremento das plantas, descuidando-se das raízes fortes e bem construídas: quanto ás amoreiras posso dizer que se enganam muitíssimo, porque a fragilidade dessas radículas é causa de quebrarem facilmente no acto da extracção do viveiro, e sendo mais mimosas sentem logo a acção do ar; eu prefiro então amputar as pequenas barbas e deixar as mais fortes e consistentes.

Nem isto só basta; ha outra operação que não se deve omittir, e vem a ser que as raízes se disponham em boa ordem derredor da planta, no intento de a fixar bem no terreno, para que os ventos impetuosos não a sacudam e se lhe quebrem algumas raízes; e assim também hão de ficar bem repartidas e entre si separadas para receberem alimento regular e uniforme, aliás a planta esmorece e murcha; tenho observado em algumas plantas novas definharem-se os ramos da banda donde tem a raiz offendida seja pelo bater dos ventos que a vergam e abalam, seja pela enxada ou arado, ou pelos erros e desleixos na plantação que temos apontado.

Afim de que a amoreira terra não sinta os repellões do vento ou dos animaes que passarem perto ou por outras causas, o agricultor attento lhe arrima um pau ou estaca que lhe sirva de apoio e a segure: porém, não ha de cravar essa estaca depois de plantada a amoreira e quando a valla ou cova estiver cheia de terra; mas antes disso hade fazer na terra dura do fundo um buraco com um ferro para evitar os inconvenientes de não ficar o pau bem firme na terra e de offender algumas raízes.

Disponham-se as raízes em forma de cabello penteado, e não uma sobre outra e entrançadas; cobertas da melhor terra bem solta e esfarelada deitando-a a pouco e pouco para que possa involver e cobrir devidamente as raízes e encher os interstícios.

Para estrumar as amoreiras não é preciso, como usam muitos, deitar uma boa camada de estrume antes de metter a planta e chegado ao pé desta donde sabem todas as raízes, sem mistural-o com terra. Reputo-o perdido em parte, primeiro porque as chuvas filtrando o terreno trazem consigo para baixo das raízes os succos alimentícios, e segundo porque fermentando prejudica o tronco e as raízes. O trabalho é mais custoso e nem por isso as arvores prosperam. É certo que os estrumes são um meio de auxiliar a vegetação; porém, deve ser subministrado segundo as leis geraes physicas da natureza; de contrario em vez de produzir bem, causa damno.

Omitto varias circumstancias de menor monta pelo receio de ser fastidioso, reservando-as, porém, para uma obra completa que intento publicar sobre a agricultura, sendo aqui o meu fim mostrar os trabalhos feitos em Calharis, quinta de s. ex.<sup>a</sup> o sr.

duque de Palmella, executados por ordem do seu fallecido pae, que nelles constituia um de seus principaes divertimentos; e mostrar ao mesmo tempo a verdade de factos que em certo modo tem sido desfigurados. Sei que muitos me criticaram, e não lhe levo isso a mal, pois que nunca fui escriptor de profissão; porém, quanto á verdade dos factos que bem ou mal tenho exposto, posso testifical-a dizendo que são filhos da pratica constante de 40 annos, que tantos ha que exercito a profissão de agricultor-hydraulico, e como tal fui muitas vezes convidado pelos meus concidadãos para decidir algumas questões, entre ella uma que tem toda a relação com o que deixo exposto, e propria para demonstrar quanto é util seguir os preceitos dimanados de longa experiencia e comprovados pelos mais sabios e consummados mestres agronomos, tanto theoricos como praticos, que confirmaram o meu voto.

GAGLIARDI (JOÃO).

(Continúa.)

## PARTE LITTERARIA.

A NOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

NOTA GERAL.

O auctor hesitou muito se devia acompanhar da citação dos textos historicos, que teve presentes, algumas das scenas do seu quadro. Por fim decidiu-se pela negativa. Para os leitores versados nestes estudos não era necessario; e para os curiosos, que tomão o romance só para recreio do espirito, pareceu-lhe inutil. Entrega, por tanto a obra á sua sorte, e á severidade que merecer da critica.

Nem estas curtas linhas lançaria mesmo aqui, se não fosse um dever de consciencia para elle explicar-se ácerca de dois pontos, que não quer confusos.

Encontrando n'um ou n'outro personagem da «Mocidade de D. João V» feições ou parecenças de pessoas conhecidas no tracto actual e quotidiano alguém não duvidou concluir dahi, que o romancista retratava do natural, o que não seria de certo um crime nem um erro, antes uma virtude uma vez, que a pintura não baixasse ao libello, segundo o exemplo dos grandes mestres ensina.

Mas succede que taes conjecturas são puramente graciosas. Os typos se vivem um pouco, e não se figuram picados a alfinete sobre modellos estrangeiros, nem por isso tem a ambição e o

orgulho de levantar a vista para o methodo inimitavel de Cervantes e de Walter Scott. Oxalá que a parte veridica e humana delles, por assim dizer, rastreasse pela mais humilde das figuras, que honram a galleria immortal do bardo escocês e do satyrico hespanhol.

Os abbades ridiculos, soccados de erudição falsa, e embalsamados em pias fraudes archeologicas, não pertencem ao nosso tempo; e se algum existe não passa de anachronismo; mas correndo a vista pelo seculo XVIII não é só em França (aonde a especie tomou posse dos toucadores das damas e dos camarins das actrizes) que os cavalheiros serventes de volta branca e capa negra, chamados abbades, apparecem com os vicios e qualidades sabidas; vemol-os do mesmo modo já em Hespanha, já em Italia, e não é problematica a sua aclimação em Portugal guardadas as differenças. O abbade Silva representa pois uma das phisionomias desta seita mundano-seraphica e erudito-prophana, aonde as academias e arcadias posteriores, nominadas ou anonymas, recrutaram os socios de mais valor na falsificação historica e de mais arrojo no pedantismo gongorico, cujos trabalhos nos sobressaltam ainda, se abrimos ao acaso qualquer dos empoados e crassos volumes, em que repousam para todo sempre os versos e prosas da igreja cantante.

Dito isto, escusado parece acrescentar, que o abbade Silva sahiu donde são tirados tambem o capitão Philippe e o padre fr. João dos Remedios, isto é, da reflexão e comparação da época e seus costumes com o secundo e instructivo exemplar da vida em acção. Esta é a verdade.

A respeito de Diogo de Mendonça Corte Real dão-se as mesmas circumstancias. Houve quem imputasse ao romance a idéa de humilhar a arte á copia servil de algum dos coveiros officiaes do paiz. Por interesse do livro e honra do genero repellimos a conjectura. A immortalidade do ridiculo, desde Pope e Tassoni até Byron e Denis, punio de certo e sempre os vicios e a hypocrisia com as risadas da satyra; mas Diogo de Mendonça, apesar dos seus defeitos, parece-nos um ministro illustre, e seria calumniado o seu vulto historico, visto com respeito pelos estadistas do seculo, se fosse afferido pelas momices e pelos repententes theatraes de tartufos oucos e vulgares que não podem caber senão nas paginas de uma novella escripta no gosto, authenticamente baptisado de «picaresco» pelos entendedores.

Delineando o character do secretario das mer-

cês de el-rei D. Pedro II accusamos-lhe as feições, mas com desenhos contemporaneos diante dos olhos. Consultaram-se para o não desfigurar quantos subsidios foi possivel conseguir, e não eram tão poucos nem tão faceis de alcançar. Entre outros servia-nos de grande proveito a comparação das apologias e informações diplomaticas, com a «Satyra geral de todo o governo de Portugal» escripta por Gregorio C. Mattos no anno de 1713. No meio dos variados beliscões desta Nemesis ás vezes plebea, cujo conhecimento devemos ao nosso amigo R. Felner, investigador incansavel e critico de um tacto e modestia, sô apreciados devidamente por aquelles que entram na sua convivencia, encontram-se os seguintes versos contra Diogo de Mendonça, que á parte a exaggeração e o fel satyrico, concordam com os traços geraes dos escriptores do tempo, ainda os mais favoraveis. Eis a oração funebre de Gregorio de Mattos:

Tambem o seu secretario  
Dioguinho de Mendonça,  
Que anda por geringonça  
No espaço imaginario,  
Sempre aberto o calendario  
Teve de mentiras e enganós;  
E que com cara de Janos  
Virá assolando o mundo;  
Eu juro que me confundo  
Vendo o que um magano val.  
Este é o bom governo de Portugal!

Depois disto era mais do que desnecessario ir procurar ás publicas formas de Pasquino dos nossos dias a côr e a physionomia de um diplomata do seculo de João V.

Resta disciplinar aqui mesmo a obra (se obra é!) por muitos erros que escaparam e que, a lima teria apagado mais se a reflexão critica podesse acompanhar o trabalho da intelligencia e da imaginação em um romance, escripto aos capitulos semanaes, e para um jornal. Um dia se a occasião se offerecer, tentando outra edicção, estas emendas sobre a forma, que saltam aos olhos, seram desde logo verificadas.

A introducção burlesca do quadrumano de Philippe da Gama, como uma especie de agente, sahe das proporções da comedia toleravel para cahir no tablado rustico da farça. Não faltam exemplos nos mestres para auctorisar um sal grosso e estimulante de Scarron a Walter Scott e a Fenimore Cooper: mas o que prova isso? Sómente que os maiores engenhos são falliveis tambem! Os encontros do bugio com o abbade, e parte da

aparição truanesca de Domingos José Chaves destoam da afinação geral da obra, e embora o riso possa acudir aos lábios o espirito critico deve condemnar.

Se na mão do auctor estivesse voltar atraz, em vez de fallar das suas imperfeições, e de censurar elle proprio, corrigil-as-hia; porém, quando a deformidade se lhe revelou claramente já era tarde, achando-se o volume impresso e concluido. Sem isso os lapsos ficariam remediados e os leitores seriam dispensados talvez da impertinencia de uma nota que vae longa, e se fecha aqui para não incorrer em um defeito do nosso veneravel amigo o abbade Silva, inexoravel enredador de notas de notas, e de entrelinhas scientificas.

O que havia a dizer disse-se; e todos os artificios da vaidade não disfarçam o desejo de que a obra agrade, e de que o publico a acolha com benevolencia e mais interesse do que ella ha de merecer.

L. A. REBELLO DA SILVA.

---

V

O QUE EU AMO.

Amo a virgem pensativa,  
Que foge aos homens esquiva,  
Sosinha na solidão;  
Que eleva os olhos a medo,  
Talvez temendo um segredo  
Devassar o coração.

Uns olhos cheios de pejo,  
Que augmentam inda o desejo,  
Que mais nos fazem amar;  
Uns olhos que podem tudo  
N'um olhar rapido e mudo,  
Que diz-nos mais que o fallar.

Amo-os. sim, como cerrados,  
Frouxamente desmaiados,  
Quasi, quasi a esmorecer.  
Talvez em si procurando  
Reter seu sonho mais brando  
Para do mundo esconder

Um sonho que ninguem sabe,  
Que nelles, só nelles cabe,  
Que não intende ninguem,  
Um sonho, nevoa de outr'ora,  
E que como ao céu a aurora  
A elles nunca mais vem,

E quanta graça e brândura,  
Em meiguice, que ternura  
Não tem uns olhos assim!  
São esses os que eu intendo,  
Posto que mudos, tremendo,  
Nunca digam — não — nem — sim.

São esses os que me fallam,  
Os que no peito só calam,  
Os que me dizem — amae!  
Intendo-os porque os intende  
O coração que se prende  
E lhes responde n'um ai.

Uns lábios leve enrugados  
Por uns suspiros quebrados  
Tambem os amo, tambem;  
Quando lançam co'o perfume  
D'envolta o vivido lume  
Que o peito dentro lá tem.

Mas n'elles não creio tanto,  
Porque se exprimem encanto  
Às vezes falsarios são;  
Porque n'uns limpidos olhos  
Sabe-se mais sem refolhos  
O que diz o coração.

Tambem amo um peito arfando  
Levemente se elevando  
Pelo quente palpitar;  
Tremendo talvez incerto  
Por sentir o amor que perto  
Vem-lhe a incerteza acalmar.

Oh! o que eu amo dizel-o  
Para que, se concebel-o  
Nem mesmo no mundo sei?  
O que se diz, e se sente.  
É um sonho tão somente:  
Nunca accordado o encontrei.

---

VI

LISBOA.

Look on this spot — a nation's sepulchre!  
ЛХОН,

Ó cidade do Occidente  
Formosa filha do mar,  
Ó terra do sol luzente,  
E das noites de luar;

Terra q'rida, bafejada  
Pela aragem socegada,  
Terra de mago primor,  
Ondé sempre a natureza  
Tem tanta graça e belleza,  
Do Occidente linda flôr;

Porque indolente descansas  
Ha tanto tempo dormida,  
E apenas ás vezes lanças  
Uma voz enfraquecida?  
Esses oiteiros que outr'ora  
Te viram grande, senhora,  
Que firmes te sustentaram,  
Hoje tristes abatidos  
Chorando os dias perdidos  
O teu sepulchro cavaram?

Já não és do mar princeza;  
Caiu-te a crôa real;  
Foi-se teu brilho e grandeza  
Linda flor de Portugal!  
O sceptro d'ouro quebrou-se,  
No pó da terra enlodou-se  
Calcado pelo estrangeiro!  
E tu immovel... gemeste...  
Pobre de ti! que fizeste  
De teu animo guerreiro?

Onde os teus filhos valentes,  
Do valor os campeões,  
Que tinham peitos ingentes  
E mais firmes corações?  
Tão fortes como muralhas,  
Terríveis como as batalhas  
De Aljubarrota e Salado?  
Onde teu gladio luzente,  
Que tinha a morte pendente  
Sempre ao guino açacalado?

Tudo morreu! — só memorias  
De mil illustres façanhas  
Inda saltam nas historias  
De tuas glorias tamanhas!  
O Tejo pobre, humilhado  
Hoje corre, não alçado  
Como d'antes, quando rei  
Se cobria de mil frotas,  
Que além em terras ignotas  
Iam fortes dar a lei.

Inda em seu leito doirado  
A lançar-se no Oceano

Lá murmura socegado,  
Mas já não é soberano!  
D'antes ouvia os combates,  
Sentia os rijos embates  
De Cannanor e d'Ormuz,  
Via Malaca — a guerreira  
Baixar a fronte altaneira  
Ao som da tuba e do obuz.

D'antes tinha mil batalhas  
De gigantes e titões;  
Peitos cobertos de malhas  
Contra os gladios e canhões.  
Tinha Alcacer, tinha Arzilla,  
Tanger, Diu — a forte villa,  
Quiloa, Mombaça e Fez;  
Tinha Cambaia, Chaúl,  
Lamo, Brava, Oja, Dabul,  
Tinha o valor Portuguez.

D'antes princeza nos mares,  
N'elles hoje, ó patria escrava!  
D'antes livre — aguia nos ares  
Quem os teos vãos cortava?  
Vencedora em qualquer parte  
Desprendias o estandarte,  
Punhas um marco, uma cruz;  
Agora teu peito escravo  
Repousa n'uma ocio ignavo,  
Já n'elle a gloria não luz!

Hoje por cada batalha,  
Por cada feito de gloria  
Cavam-te, ó patria, a mortalha,  
Legam um crime á historia!  
Por cada Albuquerque e Gama,  
De que nos falla inda a fama,  
De que sempre ha-de fallar,  
Dão-nos um peito vendido  
Sem fé, de tudo descrido,  
Que só a si sabe amar.

Varrem as quinas a terra,  
Rasga-se o luso pendão;  
E nem um brado de guerra  
Sabe d'um luso coração!  
Além — lá'stá o futuro  
Com seu manto triste e escuro  
Como um phantasma a se erguer;  
Lá vem elle passo a passo  
A nos dar o extremo abraço,  
O extremo sim — do morrer!

E dormis, e elle caminha,  
E dormis, e elle lá vem;  
E para a patria mesquinha  
Nem um filho um braço tem!  
Se inda vos lembra o passado,  
Se no seu manto sagrado  
Vossas fronteas escondes,  
É que ante o porvir medonho  
Da esperança cabe o sonho,  
É porque ao vél-o tremeis.

Minha patria não s'inflamma  
Teu peito ao fogo da gloria?  
De sua viva, pura chamma  
Perdeste acaso a memoria?  
Os ossos de teus soldados,  
De teus chefes sublimados  
Em ti não se hão confundido?  
Não sentes seu pó divino  
Cantar do passado o hymno,  
Soltar um longo bramido?

Não ouvis, lusos honradas  
As suas sombras gemerem?  
Vozes mestas e pausadas  
De seus peitos desprenderem?  
Talvez que não; porque as pragas  
Que quebrar-se em vossas fragas  
Vem em sons de maldição,  
Cobrem os tristes clamores,  
Os longos ais, longas dores  
De uma nobre geração!

Ó cidade do Occidente,  
Formosa filha do mar,  
Ó terra do sol luzente,  
E das noites de luar;  
Terra q'rida bafejada  
Pela aragem socegada,  
Terra de mago primor,  
Onde sempre a natureza  
Tem tanta graça e belleza  
Do Occidente linda flor;

Para servir-vos não tenho  
Um braço nas armas feito,  
Nem para dar-vos engenho,  
Que seja ás Musas sujeito.  
Minha patria, minha sada  
No mundo que sou? um nada.  
Mas o meu peito é só teu:  
Tenho fé, tenho esperança  
Que não esquestes a herança,  
Que teu brilho não morreu.

Minha patria, heide adorarte  
Quasi tanto como a Deus;  
Meu pensamento sagrar-te,  
Dar-te esta alma e os hymnos meus.  
Se és dos heróes a jazida  
— Tumulo da gloria — sem vida,  
Devo-te inda mais respeito:  
Assim o filho ama a lagem,  
Aonde se occulta a imagem  
Do pae gravado em seu peito.

JOSÉ RAMOS COELHO.

## UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO LVI.

SÓ UM MILAGRE O PÓDE SALVAR.

O taciturno e tranquiho Fr. Thomaz do Espirito-Santo, aguilhoado pela idéa, que excitações repetidas, e a eminencia de uma catastrophe assustadora, lhe haviam feito espontaneamente nascer no cerebro esteril, não andou, correu pelas ruas escuras e desertas que da Ribeira levavam ao largo da Sé; e, esquecendo todos os seus habitos, até deixou sair da bocca preguiçosa duas exclamações, tão involuntariamente que, ao ouvi-las, uma horripilação de susto lhe escorregou fria ao longo da espinha dorsal, como se ouvira uma alma do outro mundo, nas suas divagações nocturnas por este valle de lagrimas, perturbar com os seus gemidos o silencio da noite. No largo da Sé, porém, esperava-o uma surpresa muito superior áquellas, que lhe haviam causado as suas proprias exclamações.

O frade ia já, na sua rapida carreira, a transpôr o adro da cathedral, encaminhando-se para a rua que conduz ao Limoeiro, quando um rumor de vozes, acompanhado do tinir de grilhões de ferro arrastando pelo chão, e uma luz avermelhada, como de incendio, esclarecendo subitamente a face vetusta da severa egreja, o veio encher de espanto, e gelar de susto. Fr. Thomaz sentiu faltarem-lhe as pernas, fugir-lhe a vista dos olhos, apagar-se-lhe n'um confuso tropel de terrores a idéa luminosa que o guiava. Com um pé estendido para diante, a mão convulsa arregaçando os habitos, a bocca semi-aberta, os olhos esgaseados, a cabeça voltada para traz, o frade ficou immobill como a estatua da curiosa mulher de Lot: e o que lhe excitava o pasmo, se não era para se comparar em grandeza ao incendio da

cidade maldicta, não deixava comtudo de ser motivo bastante para justificar o pavor do nosso nado heroico Fr. Thomaz.

Desembocando do beco dos Seguros, onde, como o leitor sabe, era situada a estalagem do Alemejo, doze ou quatorze homens, cubertos com largos capuzes brancos, as caras inteiramente escondidas com panos negros em que havia apenas dois buracos na altura dos olhos, cingidos por correntes de ferro que arrastavam pelo chão, brandindo com furia archotes que lançavam uma luz convulsa e uma negra fumarada, e dando muitos gritos de dôr, e gemidos de angustia, atravessaram prossecionalmente o largo da Sé. Era uma visão de noite aziaga, uma opinião fantastica de almas penadas, que vinham pedir aos homens soccorro para poderem entrar no céu? Era uma procissão de penitencia, como haviam tantas naquelles tempos de superstição, em que christãos pensavam que para remir toda a especie de peccados bastava queimar judeus, e rasgar as carnes com as cordas da disciplina? Era uma quadrilha de salteadores, que se encobriam com aquelles habitos medonhos, para mais a seu salvo commetterem assassinios e sacrilegios talvez? Fr. Thomaz pensou em tudo isso, teve vontade de fugir, mas um poder, uma força mysteriosa lhe chumbara os pés ao chão. Subitamente, porém, quando já o ultimo dos encapuzados se ia a sumir, o bom frade, impellido talvez pela mesma mão occulta que o detivera na sua rapida carreira, girou sobre os calcanhares, transformou a physionomia espantada n'uma physionomia em que havia uns longes de sorriso jovial, e pôz-se a seguir a fantastica procissão, que caminhava, sempre com o mesmo vagar e soltando os mesmos lugubres clamores, ao longo da rua Nova. Os temerosos embuçados tomaram pela rua dos Escudeiros, seguiram pela praça do Rocio que atravessaram na sua maior extensão, e foram depois direitos á calçada da Gloria, onde pararam diante de uma casa alta e de boa apparencia, que ficava proximo a um jardim do Conde de Castello-Melhor, sem que Fr. Thomaz os perdesse um momento de vista; já demorando o passo e deixando-se ficar a bastante distancia para o não verem, já aproximando-se delles quanto lhe era possivel, para escutar as poucas palavras soltas que alguns trocavam entre si, quando uma volta da rua ou uma viella obscura lhe permitiam fazer sem risco as evoluções necessarias para conseguir este fim.

Ao chegarem defronte da casa, que era a de

Luiz Mendes, rico negociante que passava por ser grande parcial do ex-ministro valido de Afonso VI, os fastasmas brancos poseram-se em linha sem descontinuaem os seus lamentosos gritos, e um delles que parecia ser o chefe, bateu na porta tres vigorosas pancadas. Instantes depois abriu-se uma janella, e uma voz tremula de susto perguntou:

— Quem está ahí?

— Somos nós — respondeu o embuçado, que batera á porta. E todos os outros soltaram um lugubre gemido.

— Que querem? — perguntou a voz ainda mais tremula que da primeira vez.

— Somos nós, almas do purgatorio, que vimos aqui por mandado de Deus para te advertir, Luiz Mendes, que te encomendes a elle, e te deixes de ajudar os mais nas suas iniquidades; porque só assim alcançarás a salvação da tua alma. E, se desobedeceres a este mandado divino, em vinte e quatro horas morrerás, e irás para o inferno. — Isto foi dito pelo chefe dos mysteriosos fantasmas em tom roucanho e ameaçador, e todos os companheiros repetiram em côro:

— Morrerás e irás para o inferno.

E terminando esta frase com longos clamores, a procissão dos farricocos voltou outra vez na direcção do Rocio. O chefe delles ficou alguns passos para traz, afim de observar o effeito produzido pelos seus avisos do outro mundo a Luiz Mendes, e como visse que a janella se havia fechado e tudo entrado na quietação, poz-se a correr para se ir juntar ás outras almas do purgatorio. Mas quando ia a voltar á esquina da rua sentiu-se vigorosamente agarrado. Era o nosso Fr. Thomaz do Espirito Santo quem o detinha segurando-o pelo capuz.

— Apanhei — disse o frade.

— Quem é... que quer? — bradou a alma do purgatorio, levantando o archote, com furia, sobre a cabeça do seu audaz adversario.

— Sss — sibilou o frade, com auctoridade.

— Fr. Thomaz! Que vem fazer aqui Fr. Thomaz?

— Aniceto Muleta, quero...

— O que quer? Amanhã me dirá o que deseja; agora deixe-me — acudiu o capitão Aniceto Muleta. — Deixe-me, que ando no serviço de Sua Alteza.

— Sss! — fez o frade, sem largar o capitão.

— Deixe-me, senão...

— O perdão.

— Que perdão? Perdão de que? Eu não te

nho que lhe perdoar — respondeu o sr. Aniceto, com muito espanto na voz, e escondendo por de traz do pano negro que lhe cobria a cara, um sorriso mais velhaco e feio que o de um macaco, quando acaba de commetter um furto e se sente em segurança no topo de um coqueiro.

— O perdão de El-rei.

— El-rei não precisa que eu lhe perdoe. Basta que lhe perdoe Deus os seus peccados! — exclamou o miliciano, abusando do laconismo do seu amigo frade, e fazendo-se desintendido.

— O perdão em branco que El-rei te deu, quando lhe foste dizer, que queriam matar o Castello-Melhor — disse com impaciencia o graciano.

Havia dez annos que Fr. Thomaz não dizia tanta palavra de uma vez; e o bom do frade ficou sem folego, como se houvesse subido a correr a escada da torre do convento.

— O perdão, que El-rei me deu em paga do serviço que fiz ao Conde valido, não o trago aqui; e, depois, ainda que o trouxesse não lho dava, Fr. Thomaz. É a minha vida talvez, Fr. Thomaz; e a vida não se dá a ninguém.

— Preciso — acudiu laconica, mas imperiosamente o frade, que, mais forte que o sr. Aniceto, tinha este sempre vigorosamente seguro.

— Deixe-me ir, que os outros vão-se afastando, já lá vão longe. Sem mim não são capazes de fazer nada em favor da santa causa.

— Quero o perdão.

— Quanto dá por elle?

— Cem missas.

— Não preciso. A minha alma está por conta dos santos padres da companhia de Jesus.

— Duzentos cruzados.

— É pouco.

— Trezentos.

— É pouco.

— Quinhentos.

— É pouco.

— Vou contar a Sua Alteza...

— O quê? — perguntou o capitão Aniceto, sobresaltado.

— Espião! — clamou o graciano, com um gesto de terrível ameaça.

O leitor talvez se recorde ainda, que o capitão Aniceto Muleta escutára um dia, escondido atraz de um reposteiro, os segredos do Infante D. Pedro, e que depois os fôra contar a El-rei; recebendo em premio deste serviço, assignado pelo punho real, o perdão para um criminoso, sem designação de pessoa a quem esse perdão

podesse ser destinado. Esta palavra, pois, do taciturno Fr. Thomaz produziu, como era de esperar, uma atroz angustia na alma pouco robustamente temperada do salteador do Alemtejo.

— Cale-se, meu querido Fr. Thomaz! — exclamou elle pondo a mão na boca do frade.

— Sss! — fez este, repellido a mão do capitão de milicias, com indignação.

— Eu lhe dou o perdão; levo-lh'o logo ao convento.

— Já.

— Agora não póde ser. Não o tenho aqui: e demais, tenho que ir ainda a tres casas com as almas do purgatorio, para assustar os inimigos de Sua Alteza.

— Já — repetiu Fr. Thomaz.

— Levo-lh'o ao convento; fie-se no seu amigo Aniceto Muleta, Fr. Thomaz. E se eu saltar a esta promessa, vá então accusar-me ao sr. Infante de traidor, de... espião.

— Vou — pronunciou o graciano, largando o capuz do sr. Aniceto.

— Fique certo, que lá lhe levo ao convento o perdão d'El-rei — disse este sacudindo-se, e movendo-se como um homem que se sente livre de uma prisão incommoda.

— Não esqueçam os quinhentos cruzados, Fr. Thomaz.

E quando viu o frade afastar-se, tomando o caminho do seu convento, rosnou entre dentes:

— Veremos o que diz a tudo isto o nosso padre Manuel Fernandes: e seguiremos os seus preceitos á risca.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

## NOTÍCIAS E COMMERCIO.

**Instrução primaria.** — Temos á vista documentos officiaes, que calculam a frequencia das escolas de instrução primaria no anno lectivo de 1851-1852 em 62:220 alumnos, sendo 11:353 alumnos de escolas particulares, e o resto de escolas publicas pagas pelo estado.

Este documento estatístico é esperançoso, porque mostra que tem crescido a concorrência da mocidade a receber o 1.º gráo de educação. Ha poucos annos que não se contavam mais de 43:000 alumnos. Hoje ha por tanto mais 10:000.

Sendo a despesa effectiva com a instrução primaria 97:164\$170 rs., vem cada alumno das escolas publicas a fazer ao thesouro a despesa annual de rs. 1\$945.

(Observador de Coimbra.)

**Systema metrico.** — Sabemos que o conselho superior fez subir recentemente á presença do governo uma consulta, com a exposição do novo *systema metrico-decimal*, e propondo que se distribua gratuitamente a cada um dos alumnos das escolas primarias um exemplar da *Tabella* demonstrativa daquelle systema.

O governo deve abraçar com promptidão esta proposta.

### HAYDEE.

No principio do proximo mez de junho, dever ter lugar no theatro de D. Maria II a representação da opera portugueza *Haydee*, composição musica de m.<sup>mo</sup> Casella. Consta-nos que a auctora vae fazer a parte de suprano. É a primeira vez que em Portugal se canta uma opera em portuguez. De antemão devemos estar prevenidos a favor de m.<sup>mo</sup> Casella que assim quiz obsequiar-nos dedicando-nos as primeiras flores do seu talento; chegando a sua delicadeza ao ponto de nol-as apresentar entre as harmonias de sua bella voz, a quem todos tecem os maiores elogios. — Desejaremos que os nossos actores saibam tambem coadjuval-a neste empenho, e que sem murcharem o viço de tão lindas flôres, possam estas enfeitar mais a corôa que já ninguém por gratidão, ousará negar a tão elevado pensamento.

### THEATRO DE S. CARLOS.

Está actualmente em scena a opera *Malek-Adel*, do *maestro* hespanhol D. Ventura Sanches La Madrid, que tem já sido representada cinco ou seis vezes com exito regular. Não é composição que dê celebridade a seu author, nem que desperte entusiasmo; comtudo a musica em geral é agradável, tem algumas peças delicadamente elaboradas e de effeito, e revela no *maestro* talento e decidida vocação artistica. Estamos até convencidos de que este *spartito* será recebido com agrado em qualquer theatro onde seja representado, quando não haja defeito na sua execução.

As partes principaes são desempenhadas pela sr.<sup>a</sup> Ersilia Agostini, e pelos srs. Prudenza, Bartolini e dalle Aste, cabendo a do protagonista ao sr. Prudenza, que nella muito se distingue, tornando-se credor dos maiores elogios.

Os srs. Bartolini e dalle Aste desenvolvem nesta opera a sua costumada pericia, e o bello *duetto* que cantam no 2.<sup>o</sup> acto é recebido com muitos applausos. Não podemos deixar de fazer tambem especial menção do *duetto* do 3.<sup>o</sup> acto, executado pela sr.<sup>a</sup> Ersilia Agostini e sr. Prudenza, cuja *cabaletta*, á imitação das de Verdi, produz muitissimo effeito.

A parte de *Ricardo*, foi ultimamente confiada ao sr. Celestino, por haver o sr. dalle Aste espontaneamente, e de accordo com a empresa, rescindido o seu contracto, pelo ultimo mez que lhe restava, em consequencia de grave incommodo de saude que lhe sobreveio, e que o impossibilita de cantar por algum tempo. Esta circumstancia que priva a nossa scena lyrica, ainda que já quasi no fim da época, de um ar-

tista distincto, torna-se ainda mais sensivel por estar proxima a representação dos *Martyres*, em que o sr. dalle Aste tinha uma parte mui importante a representar.

Na semana passada, para beneficio dos conjuges Cappon, deu-se um novo *passo a deux*, acompanhado pelo corpo de baile, composição de M. Cappon, e por elle executado com sua consorte. Repetiu-se igualmente pelos mesmos artistas o gracioso passo em caracter a *Sicilienne*, da bella dança *O Orphão da aldea*.

A reproducção deste *passo* em caracter foi acolhida com agrado, proporcionando repetidos applausos aos dois artistas executantes.

Na segunda feira teve lugar o beneficio dos dois primeiros tenores os srs. Prudenza e Swift. Deu-se a opera *Lucia de Lamermoor*, encarregando-se da parte da protagonista madame Rossi Caccia. Julgaram muitas pessoas que seria um passo arriscado para madame Rossi, expôr-se a uma confrontação com madame Castellan, que ainda ha poucos mezes alcançara nesta opera um bello triumpho sobre a nossa scena. Tambem fomos deessa opinião, sinceramente o confessamos; cumpre-nos hoje, porém, dizer em abono da verdade, que madame Rossi cantou a parte de *Lucia*, e com especialidade o *rondó*, de um modo que deixou a todos extremamente satisfeitos, e foi mesmo além do que se poderia esperar. O publico mostrou-se justo e intelligente, applaudindo-a com entusiasmo, e chamando-a repetidas vezes ao proscenio. É inquestionavelmente esta a peça em que madame Rossi mais agradou de todas as que tem executado no decurso da presente estação theatral.

Os srs. Prudenza e Bartolini são artistas já conhecidos nesta opera, e só temos a confirmar o juizo favoravel que delles emittimos, quando pela primeira vez os vimos desempenhar as partes de *Edgardo* e *Aethon*.

Cantou o sr. Swift nessa noite tres lindas *arias* inglezas, que lhe grangearam numerosos applausos.

O concerto dado na noite de hontem pelo *maestro* sr. F. M. Carrara no salão deste theatro, em que tomaram parte os principaes artistas da companhia lyrica e ontros eximios professores, esteve brillantissimo a todos os respeito.

Temos a elogiar não só a boa execução das peças de que constou o referido concerto, como tambem a sua optima escolha, devida ao tacto e reconhecida habilidade do sr. Carrara. Todas as peças foram muito applaudidas, obtendo algumas dellas as honras do bis.

Faltando-nos espaço para de todas nos occuparmos, citaremos d'entre as que mais effeito causaram o *quartetto*, *LA PARTENZA*, de Costa, pelas sr.<sup>as</sup> Rossi Caccia, Ersilia Agostini, e srs. Swift e Bartolini, — o *Caprice* para violoncello e piano, sobre motivos da *SICILIENNE*, composição do joven e distincto professor sr. Guilherme Cossoul, e por elle executada com o sr. Daddi, — e um lindo *duetto* de Rossini, *1 MARINARI*, pelos srs. Swift e Bartolini. Em summa, tudo correu perfeitamente; a concorrência, não obstante a intemperie do tempo, foi muito numerosa, e ao sr. Carrara cabe a gloria de haver promovido um concerto dos mais brilhantes que se tem dado nesta cidade.

DEMETRIO RIPAMONTI.



# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 45.

QUINTA FEIRA, 19 DE MAIO DE 1853.

12.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### DA PLANTAÇÃO DAS AMOREIRAS EM CAMPO ABERTO E PODA DAS MESMAS.

(Concluido de pag. 521.)

Ainda não ha muitos annos que na capital da Lombardia dois cavalheiros de alta jerarquia travando séria conservação sobre assumptos ruraes passaram a fallar a respeito da cultura de amoreiras, e depois de diferentes observações de parte a parte concordaram n'um systema e segundo elle resolveram fazer uma plantação destas uteis arvores. Deram ordem aos respectivos feitores para que comprasse cada um cem amoreiras e se fizesse o plantio conforme as regras praticadas em geral na Lombardia que deixamos expostas neste nosso resumido trabalho; e ordenaram egualmente que lhe fosse appresentada no tempo opportuno a conta das despesas.

Os feitores não se conheciam, e as quintas daquelles fidalgos eram entre si assás distantes; executaram o que seus amos lhe mandavam, e afinal remetteram a conta especial exigida. Reuniram-se novamente os ditos cavalheiros para confrontarem as contas, achou-se notavel differença, e aquelle que via no seu rol excesso grande de despesas mortificou-se suspeitando que o seu feitor o tivesse defraudado. Importava a conta do primeiro 124 francos (19\$840 réis) e a do segundo 310 francos (49\$600 réis); discorreu, pois, este ultimo que se em um negocio tão pequeno lhe fazia similhante roubo, o que seria em todos os outros de maior consideração. Tratou logo de expedir uma carta despedindo-o. O feitor vendo uma determinação tão rapida e, ao que elle pensava, sem motivo, julgou que fosse effeito de invejas e intrigas e apaixonou-se tanto que em breve tempo morreu de desgosto. A viuva que se viu assim privada da subsistencia para sua numerosa familia, e tendo a convicção de

que seu fallecido marido havia praticado todo o possível para cumprir seus deveres e satisfazer seu patrão, diligenciou examinar qual seria a cnsa de um procedimento tão arrebatado da parte do dono da quinta, e tanto fez que veio a saber-a; decidiu-se, portanto, a ir ver as amoreiras do outro feitor e achou-as n'um estado verdadeiramente miseravel em comparação com as que seu defunto marido havia plantado. Calando-se neste ponto, requereu uma inspecção geral de tudo quanto o dito seu marido havia feito na propriedade rural que administrava, e foi-lhe concedida, sendo nomeados para o exame engenheiros agronomos e agricultores praticos, tocando-me ser um delles.

Quando a commissão no proseguimento da vistoria chegou á plantação das amoreiras achou que esta fôra feita com todos os preceitos da arte agricola, e que externamente appresentava bons e vigorosos rebentões, e folha da côr verde natural, indícios do adiantamento e prosperidade da plantação; e sendo arrancada uma planta achou-se terem sido abertas as covas com as medidas e precauções que deviam praticar-se, segundo as regras que temos exposto, e portanto as barbas pequenas cortadas, as raizes bem distendidas. Terminado o exame nesta parte, que se declarou por fim ser a essencial, procurou-se o registo das despesas onde estava lançada a seguinte conta que transcrevemos reduzindo o algarismo a moeda portugueza.

Pela excavação de 100 covas de 41 palmos em quadrado. . . . .	5\$400
Para estrume bem curtido, a um oitavo de carrada para cada amoreira a razão de 244 rs. . . . .	22\$400
Para faxinas e resguardos a 18 rs. . . . .	1\$800
Por 100 amoreiras altas a 150. . . . .	15\$000
Plantação a 18 rs. cada uma. . . . .	1\$800
Estacas ou tanchões a 8 rs. . . . .	800
Para despesa da cultivação. . . . .	2\$400
<b>Somma. . . . .</b>	<b>49\$600</b>

Tomou-se a respectiva nota; e a mesma cor

missão passou a examinar, sem ser esperada, a plantação do outro feitor. Logo ao primeiro aspecto se conhecem o estado das plantas; folha muito descolorada e murcha, a vegetação de pouca força e enfiada; arrancou-se uma amoreira, e vimos terem sido cortadas as raízes sem preceito e mettidas fundo sem olhar á qualidade do terreno se precisava conservar-as altas ou baixas, e as covas abertas de insignificant tamanho. Visto o livro das despesas achamos o seguinte:

Pela compra de 100 amoreiras a 150 rs.	15\$000
Pela abertura de covas de dois palmos em quadro a 30 rs. cada uma.	3\$000
Pela plantação a 18 rs. cada uma.	1\$800
Somma.	19\$800

Além disso quando a commissão chegou, o feitor andava regando as amoreiras por cuidar que a falta de agua era a causa de não vegetarem bem e devidamente as suas arvores; e assim augmentava o mal das mesmas, porque sendo a terra dura a agua que deitava ficava á superficie, e o sol aquecia-a em detrimento da planta, vindo afinal a mesma terra a ser incapaz de receber e de transmitir ás raízes as influencias atmosphericas.

Não é elle só que neste ponto se engana. É verdade que a planta, quando está no viveiro pôde ser regada n'alguns casos especiaes, mas esta é uma excepção á regra. Uma planta collocada estavelmente segundo os preceitos não carece de agua, o que precisa é do trabalho da terra.

Tambem já vi fazer buracos redondos com um pau e depois cortar as raízes todas ás amoreiras e plantal-as assim. De tal modo nunca o agricultor terá uma boa e regular vegetação das suas plantas; e depois muitos que tão erradamente procedem para não ficarem envergonhados deitam a culpa a outras causas muitissimo differentes, enganando o proprietario que na boa fé dorme descansado.

De resultado da vistoria que temos mencionado, os engenheiros e agricultores relataram os factos presenciados, e da sua exposição procedeu que o primeiro fidalgo achando-se illudido com uma apparente economia despediu o seu feitor por incapacidade; e o segundo tendo reconhecido a honra e intelligencia de seu antigo feitor, chamou a familia deste, em seu logar poz um dos filhos e para compensar o mal lhe serviu de pae tratando da educação dos outros filhos.

Eis as tristes consequencias que trazem consigo as fingidas economias, ou para melhor as apparencias de saber, e o enganar com muito palanfrorio para occullar erros ou encobrir ignorancia. Donde vem que não poucas vezes o proprietario, não tirando o proveito que esperava, se desgosta, e deixa a cultura de suas fazendas por causa das asserções falsas de que o terreno não presta, que é escusado trabalhar nelle com desvelos, que está collocado em ruim exposição, em summa que tem tudo quanto

ha de mau. Então o dono ou afora ou arrenda a propriedade, e logo o foreiro, que muitas vezes acontece ser o mesmo feitor, sabe tornar-a productiva e por assim dizer um jardim. Para evitar estas incongruencias será bom que os proprietarios verifiquem as verdadeiras condições de seus terrenos, aconselhando-se com os homens competentes e instruidos na theorica e pratica da sciencia d'agricultura.

GAGLIARDI (João).

#### FACTO CURIOSO DE ARBORICULTURA.

Da *Gazeta Medica* n.º 7, tomamos o seguinte artigo mui interessante para os estudiosos da Botanica e apreciadores da jardinagem; escripto pelo distincto medico e naturalista, o sr. dr. Bernardino Antonio Gomes.

Nos jardins dos duques de Palmella ao Lumiar, occorre actualmente um fenomeno de vegetação digno da attenção dos entendedores. Todos que visitam aquellos jardins têm tido occasião de admirar o bello exemplar de *Araucaria excelsa*, que existe no fim da rua de entrada, onde foi admiravelmente collocada em sitio eminente e desafogado de tudo quanto possa embaraçar a observação desta bella arvore, de certo uma das mais magestosas de todas as de sua ordem, e mesmo de quantas são conhecidas.

Foi alli plantada em 1841 por ordem do fallecido duque, com uma certa solemnidade, em festa de familia, e por occasião do nascimento da filha mais velha dos actuaes duques. Tem pois tantos annos de casa, como os conta de nascida a filha herdeira. A arvore teria então uns dexeito annos, e por conseguinte pôde suppor-se-lhe hoje trinta de idade. Se notarmos que a especie foi introduzida nas culturas da Europa em 1797, devemos dizer que a *Araucaria do Lumiar* é entre os exemplares cultivados dos bastante antigos, como de certo será o mais bello e bem desenvolvido, que hoje existe nos jardins da Europa.

A *Araucaria excelsa*, natural da ilha de Norfolk, é arvore de primeira grandeza, chega a ter no seu paiz 160 a 200 pés de altura, e o diametro de dez pés; a sua madeira é branca, e deve ser excellente para construcções por sua consistencia ou solidez. Não é pois só uma bella e elegantissima arvore, é tambem ou pôde ser de muito util applicação. Nos jardins do norte, aonde primeiro foi introduzida, exige o abrigo, que alli precisam as laranjeiras (*Orangeries*); no nosso clima, porém, cresce e desenvolve-se admiravelmente ao ar livre, como attestam os exemplares do Lumiar, os das Necessidades, o do Passeio Publico, e outros existentes em jardins de Lisboa; e como poderia esperar-se da similhaça que deve haver nos climas de Lisboa e da illa de Norfolk, a julgar por suas latitudes, a primeira de 31º ao norte, e a segunda de 22º ao sul, e tendo attenção com a differença de temperatura dos dois hemispherios, nas mesmas distancias de cada pelo respectivo.

Este facto de aclimação é tanto mais importante, quanto das especies de coniferas, que se tem querido

trazer ás nossas culturas, não são muitas as que bem abraçaram as condições da sua nova aclimação. É pois esta circumstancia a respeito da Araucaria excelsa um facto importante para notar: Se a elle podessemos vir a ajuntar o de uma facil multiplicação, poderíamos esperar talvez chegar a ter florestas da Araucaria de Norfolk, como as temos do nosso pinheiro bravo. E que bellas e uteis seriam taes florestas? Quanto direito teríamos á gratidão dos que nos succederem, se se conseguisse o poder introduzi-las na grande cultura, como estão introduzidas na dos jardins?

No norte da Europa começou a conseguir-se esta multiplicação, por meio de mergulhías feitas com os ramos; mas nunca desse modo se tinham individuos bem formados. Depois o jardineiro das estufas do jardim das plantas de Paris, o sr. Newman, pôde reproduzir a planta com as suas fórmulas as mais regulares, servindo-lhe de estaca a parte extrema, ou o que chamam a cabeça da arvore; e teve n'esta operação, de mais, a satisfação de vêr que não sacrificava com isso o individuo assim mutilado; por quanto passado pouco tempo se lhe desenvolvia novo prolongamento terminal ou nova cabeça. Por meio das raizes também se conseguiram algumas multiplicações.

Tudo isto fez abundar um tanto mais estas Araucarias no commercio das plantas, e abaixar o preço de cada exemplar; não deixando por isso de custar ainda cada um cinco, dez, vinte, e mais moedas, segundo o gráo do seu desenvolvimento. A Araucaria dos duques de Palmella, de que temos fallado, custou 200\$ ra., e no mesmo jardim existe outra, que foi paga por egual quantia. Quanto á multiplicação por semente, obstava no norte o não alcançar a planta desenvolvimento sufficiente para as produzir; e o não se poderem ter facilmente em bom estado as sementes vindas de longe, por quanto as sementes das Araucarias, como as de outras coníferas, por serem muito oleosas, rançam facilmente, ou alteram-se de modo que lhes morre o germe, chegando por isso á Europa quasi sempre improductivas as que nos são remettidas de distancia. Restava saber e que o nosso clima, muito mais proprio á cultura destes vegetaes, poderia fazer de mais favoravel para a sua multiplicação.

A araucaria do Lumiar os dois annos anteriores mostrou amentilhos femininos, que depois se converteram em strobilos ou pinhas bem configuradas. Essas pinhas, porém, continham sementes improductivas por falta de influencia fecundante; e devia assim succeder. Todas as araucarias conhecidas são descriptas como plantas dioicas, a araucaria excelsa não faz excepção, e o jardim do Lumiar não teve nos dois annos individuo da mesma especie, que mostrasse amentilhos masculinos, que podessem operar a dita fecundação. Neste anno, e neste mez de abril, apparecem os tão desejados amentilhos masculinos, e a arvore que os tem não é outra, é a mesma que antes mostrára strobilos, que não haviam sido fecundados. A planta, pois, este anno foi além das leis conhecidas do seu desenvolvimento, tornou-se monoica, e promette dar pinhas com boas sementes; pinhas, porém, e sementes, que só para o anno terão o seu completo aperfeiçoamento, porque dois annos costumam ser para isso precisos, segundo as noticias a respeito de

taes arvores. É este o interessante fenomeno de vegetação, que desejamos annunciar, cuja primeira revelação é devida á intelligente observação do jardineiro do Lumiar, o sr. Jacob.

Accrescentaremos a esta noticia, que vimos no anno passado as pinhas desta arvore, e neste anno acabámos de ver, observar e conferir com as descripções dos competentes na materia (1) os amentilhos masculinos, que a arvore mostra no extremo de muitos de seus ramusculos, dos quaes trouxemos um, para conservar no nosso herbario.

Quaes são as consequências a tirar desta curiosa observação? Haverá engano nas descripções dos botanicos, e a nossa planta até aqui considerada dioica, será verdadeiramente monoica? Operaria esta transformação uma bemfazeja influencia do nosso clima? Nenhuma destas hypotheses parece á verdadeira. Julgamos, por ora, não haver no fenomeno observado mais do que um capricho de vegetação, que não nos dá direito a esperar que o mesmo se repita regularmente nos annos seguintes. Auctorisa o que dizemos um outro facto semelhante, observado no jardim botânico de Coimbra em uma araucaria brasiliensis, plantada no tempo de Brotero, e a respeito da qual se diz existir archivado um auto, solemnemente feito e assignado por professores e mais empregados daquelle jardim, do qual consta que, em certo anno, a arvore produzira pinhas com sementes, que lançadas á terra germinaram e deram uma nova geração de araucarias. Este fenomeno de reproducção não consta que se effectuasse assim depois.

Não obstante, porém, a falta de repetição nos dois factos apontados, não fica sendo menos notavel a influencia do nosso clima na vegetação destas arvores, que de outro modo também mostram quanto são para elle proprias. É pois com toda a razão que deve continuar a promover-se a introdução das araucarias, que no gráo de desenvolvimento proprio de certo virão a dar fructos e sementes, que permittam de futuro a sua mais extensa e facil multiplicação no nosso paiz. Não pôde esquecer, a este proposito, o que se deve ao esclarecido desvelo de sua magestade el-rei, um dos primeiros apaixonados pela cultura das araucarias, e a quem se deve o maior numero das existentes hoje nos jardins reaes e publicos, sendo especialmente dignos de attenção os exemplares, que fez reunir no seu magnifico parque da Pena em Cintra, aonde se pôde dizer que formam uma pequena floresta, o germe talvez de outras mais vastas, que venham a cobrir boa parte daquella vasta serra; quando se estiver, sobre tudo, mais do que por ora se está, em circumstancias de perceber e utilisar o bello exemplo de cultura e povoação de arvoredo, que el-rei está dando na formosa serra de Cintra.

DR. B. A. GOMES.

## A DANÇA DAS MESAS E DOS CHAPEUS.

E pur si muove.

As recentes experiencias magneticas tem

(1) Vide Endlicher synopsis coniferarum, pag. 184.

excitado geral curiosidade. Os jornaes d'Hispanha annunciam que em Aranjuez, onde actualmente se acha a corte a gozar ares de campo, o que torna aquelle real sitio o centro de escolhida sociedade, praticaram-se essas experiencias no dia 8 do corrente e com tão satisfactorio resultado que a rainha Isabel, seu augusto esposo, e a rainha mãe, quizeram presenciar-as, e por isso se repetiram no dia immediato e muito a contento de todos os circumstantes.

Aqui em Lisboa tem-se feito egualmente com exito completo nas salas do Gremio litterario e de muitas familias; estes ensaios tem-se convertido n'uma especie de divertimento; porém, sabemos que o sr. dr. Barbosa de Bocage, lente de zoologia na Eschola Polytechnica, estuda o phenomeno n'uma serie d'experiencias variadas e com intuito scientifico. O mesmo sr. publicou um artigo que por nos parecer bastante curioso e proprio para desenganar alguns incredulos passamos a transcrever do jornal politico a *Imprensa*. É o seguinte.

Com este titulo occupam-se os jornaes estrangeiros recebidos esta semana de um phenomeno extraordinario e curiosissimo, observado segundo se diz pela primeira vez nos Estados-Unidos da America, e que tende nada menos do que a provar a existencia de uma propriedade desconhecida na nossa organização, e porventura commum a outros animaes.

Vamos dar conta deste phenomeno, não só porque nas experiencias que temos cuidadosa e pacientemente feito, verificámos a exactidão de experiencias alheias, mas tambem porque, variando muito as condições da nossa experimentação supponmos haver chegado a resultados novos, interessantes e talvez de maior alcance scientifico do que todos os de que tinham noticia. Se essas nossas experiencias forem confirmadas poderão servir de algum auxilio aos homens de sciencia, mais competentes do que nós, que se occuparem na investigação das leis que regulam o phenomeno.

Para dar uma idéa do que seja a *dansa das mesas* vamos transcrever do *Moniteur des Hopitaux* alguns periodos de cartas escriptas por medicos de reconhecida illustração e de illibada probidade scientifica.

O dr. Raciborski diz o seguinte:

« Eramos seis pessoas no principio da experiencia... Collocámos no meio do meu quarto em contacto immediato com o solho uma mesa de pé de galo sem rodizios de 45 centimetros de diametro. Dispuz quatro pessoas em volta da mesa por modo que se não locavam pelos vestidos, nem tocavam na mesa com os pés; tocavam apenas a superficie da mesa com as extremidades dos dedos, e o dedo minimo de cada uma apoiava-se sobre o dedo correspondente do visinho d'um mesmo lado. Conversou-se durante toda a experiencia. No fim de vinte minutos alguns dos actores da experieheia começaram a experimentar ligeiros sobresaltos nos dedos, e depois formigueiros pelos braços. Ao cabo de quarenta minutos percebeu-se pela pri-

meira vez um pequeno movimento de rotação, seguido dois minutos depois de outro, depois de outro, e assim successivamente com intervallos cada vez mais curtos, por modo que em oito ou dez minutos assistimos a um movimento de rotação continuo, a uma especie de *walsa* acompanhada do estrepito que produzia o atrito dos pés da mesa sobre o solho. O movimento teve logar do sul para o norte e da esquerda para a direita. Tendo este resultado excedido as nossas esperanças, quiz fazer testemunha presencial delles uma de minhas clientes que mora no andar superior ao meu, a sr.<sup>a</sup> condessa de Chavagnac, a qual me fez a honra de vir assistir á experiencia com quatro pessoas de sua familia. Dois minutos depois destas pessoas haverem entrado no quarto, suspendeu-se o movimento de rotação; mas reapareceu alguns minutos depois para só cessar quando se interrompeu a cadêa tirando-se os dedos de cima da mesa. Terminarei por fazer notar que o movimento da mesa pareceu ser favorecido pelo silencio, que, já cansados de esperar, nós exigimos dos experimentadores. O que é certo é que logo depois de se haverem calado, se sentiu o primeiro movimento. »

Não são menos curiosas as duas experiencias que relata o dr. Hardy; experiencias feitas com um chapéu de homem, depois de haver infructuosamente tentado pôr em movimento uma mesa muito pesada, formando cadêa com uma senhora e uma menina de oito annos. « Logo depois, diz elle, tentei um novo ensaio com as mesmas pessoas e n'um chapéu collocado sobre a mesa com as abas para cima. Pzemos as mãos sobre as abas do chapéu (ficando o dedo minimo da mão direita de cada pessoa sobre o da mão esquerda da que lhe estava proxima, e os dedos pollegares de cada um a pequena distancia, mas sem se tocarem); quinze minutos depois o chapéu começou a mover-se brandamente exercendo sobre si mesmo um movimento de rotação, que foi successivamente augmentando a ponto de nos obrigar, para o acompanhar sem desprender as mãos delle, a correr em volta da mesa. Depois desta experiencia fui passar a noite a uma casa onde estavam reunidas doze ou quinze pessoas; quando entrei discorria-se com incredulidade ácerca do movimento das mesas; ás contestações quasi geraes oppuz a minha experiencia que propuz repetir alli mesmo. Collocaram-se tres senhoras moças em volta de um chapéu com as mãos methodicamente applicadas ás abas; decorridos 15 minutos o chapéu mecheu-se, e começou a girar primeiro de vagar, depois com muita rapidez. Em outra experiencia tentada pelo mesmo modo e com outras pessoas, o movimento manifestou-se aos oito minutos; e quando era já excessiva a velocidade da rotação, trocámos a posição dos dedos minimos, ficando por cima os que estavam por baixo e vice versa: o chapéu parou, fez depois algumas oscillações e entrou a mover-se em sentido opposto. »

Em todas as experiencias de que temos conhecimento tem-se, como nestas, procurado stmplesmente verificar o movimento, fazendo variar os objectos a que se applicam as mãos; ou quando muito investigar as condições da direcção do movimento, trocando a posição dos dedos minimos, experimentando com pessoas diferentes em numero, sexo, idade etc. Pela nossa parte, porém, depois de nos havermos desarma-

do da nossa incredulidade em presença da realidade dos factos, intendemos que mais util seria introduzir modificações no *methodo* de experimentação, do que multiplicar ensaios identicos em objectos diversos. Julgamos, como já dissemos, haver chegado a alguns resultados inteiramente novos e dignos de publicidade; e é por isso que vamos dar resumidamente conta de algumas de nossas experiencias. Aos que duvidarem de nossas asserções pedimos que repitam *com muita paciencia* as experiencias antes de nos condemnarem; e para que não temam cair no ridiculo experimentando o que parece á primeira vista *absurdo*, lembrar-lhes-hemos as seguintes palavras de Arago: « C'est manquer á la prudence que de declarer impossible tout fait qui n'est pas une contre-verité mathématique, et, á plus forte raison, lorsqu'il s'agit de faits dependant de l'organisation animale. »

1.<sup>a</sup> experiencia. Collocámos no meio de uma sala alcatifada uma mesa redonda, de pé de galo, sem rodizios, e cuja taboa superior de cincoenta e tres centimetros de diametro gira horizontalmente sobre o pé. Em volta da mesa sentaram-se quatro pessoas, dois homens e duas senhoras, não tendo entre si nem com a mesa contacto algum, a não ser pelas mãos que estavam *methodicamente* postas sobre a circunferencia da mesa; isto é, as duas mãos de cada pessoa proximas, mas sem se tocarem pelos pellegares; e o dedo minimo da mão direita de cada uma por cima do dedo minimo da que lhe ficava á direita. Apenas tinham decorrido sete ou oito minutos, a taboa da mesa oscillou ligeiramente, fez logo depois um movimento de rotação bem definido da direita para a esquerda, seguiram-se a este outros cada vez mais fortes, e com intervallos cada vez menores, até que a rotação se tornou continua, energica e sempre no mesmo sentido da direita para a esquerda. Os experimentadores depois de darem algumas voltas acompanhando a mesa, tiveram de soltar as mãos por haverem entontecido; e a mesa parou immediatamente.

Experimentando alguns minutos depois com as mesmas pessoas e pela mesma maneira, depois do estabelecida a rotação da mesa, trocámos a posição dos dedos minimos. Passaram a ficar os dedos minimos das mãos esquerdas por cima dos das mãos direitas. O movimento cessou por algum tempo, um minuto talvez, manifestaram-se algumas oscillações mal definidas, depois estabeleceu-se a rotação primeiro intermitente, depois continua, cada vez mais veloz, e no sentido opposto ao primeiro movimento, isto é, da esquerda para a direita.

A algumas pessoas, não a todas, pareceu que sentiam, logo antes de começar a rotação, uns pequenos sobresaltos nos dedos e formigueiros pelas mãos e braços.

Repetindo ainda a experiencia pela mesma fórma atámos previamente um nastro de linho por uma das extremidades á taboa movel da mesa e pela outra a um dos pés. Depois de estabelecido o movimento da rotação e do nastro estar um pouco tenso, o movimento cessou por alguns segundos; depois vimos a rotação reaparecer, mas operando-se em toda a mesa, cujos pés arrastavam circularmente pelo sobrado. Collocando então os meus pés sobre dois dos da mesa para lhes impedir o movimento, novamente começou a taboa da mesa a rodar n'um giro vagaroso que ia

successivamente augm. e tendo a tensão do nastro: ao cabo d'algum tempo este estalou, e a mesa entrou a girar com rapidez.

2.<sup>a</sup> experiencia. Em roda da mesa sentaram-se cinco pessoas com as mãos sobre ella, mas já n'outra posição. Cada pessoa collocou a mão direita com os dedos estendidos sobre a esquerda do seu visinho da direita, a qual com os dedos tambem estendidos se apoiava ligeiramente sobre a mesa. Nesta posição o movimento fez-se esperar os mesmos sete a oito minutos, tudo se passou da mesma maneira, a direcção do movimento foi, como no primeiro caso, da direita para a esquerda.

Trocando-se as mãos depois do bem estabelecida a rotação, isto é, passando as esquerdas para cima das direitas, o movimento cessou por um pouco, e reapareceu depois em sentido contrario ao primeiro, da esquerda para a direita.

Dos cinco experimentadores, tres volveram então as mãos á antiga posição; o movimento cessou momentaneamente, e manifestou-se depois outra vez no primeiro sentido, isto é, da direita para a esquerda.

Repetimos estas experiencias fazendo com que se possessem em contacto entre si e com o pé da mesa os experimentadores; e o phenomeno manifestou-se como quando se achavam isolados.

Fizemos que uma pessoa estrema tomasse a mão de um dos actores, quando a rotação era bem evidente; e vimos constantemente cessar o movimento por um certo tempo, mas restabelecer-se sempre, quer cessasse, quer continuasse o contacto da pessoa estranha.

Pareceu-nos tambem, tanto n'esta como em todas as experiencias, que a conversação e a distração dos actores retardava alguma coisa a produção do phenomeno, sem absolutamente a impedir.

3.<sup>a</sup> experiencia. Sentaram-se em volta da mesa cinco pessoas bem isoladas. Cada uma collocou a mão esquerda sobre a mesa e a mão direita sobre a esquerda em cruz, de modo que os dedos da esquerda olhavam pelas extremidades para o lado direito, e os da direita para o lado esquerdo. As mãos de cada pessoa, assim cruzadas e sobrepostas, estavam inteiramente isoladas e a distancia das das outras pessoas. Passados oito a nove minutos começou a estabelecer-se uma rotação, primeiro intermitente e depois continua, da esquerda para a direita.

Trocada a posição das mãos o movimento cessava por algum tempo, e depois tinha logar da direita para a esquerda. Emfim, collocando tres pessoas as suas mãos direitas por cima das suas esquerdas, e as outras duas pessoas as mãos esquerdas por cima das direitas, o movimento effectuou-se constantemente da esquerda para a direita. No caso contrario, o movimento tomava promptamente a direcção inversa. N'uma palavra collocadas as mãos dos experimentadores, qualquer que fosse o seu numero, em posições differentes, a direcção do movimento foi sempre determinada pelo numero superior.

4.<sup>a</sup> experiencia. Sentaram-se quatro pessoas em volta da mesa com as mãos collocadas como na experiencia 2.<sup>a</sup>; isto é; sobreposta a mão direita de cada um á esquerda do seu visinho do lado direito. Dez minutos depois havia um movimento de rotação seguido e manifesto da direita para a esquerda. Fi-

zemos então que dois dos experimentadores trocassem a posição das mãos, ficando por conseguinte dois n'um sentido, e os outros dois no sentido contrario. Suspendeu-se o movimento por alguns minutos, mas quando já imaginávamos que não voltaria mais pelo suppor-mos completamente neutralizado, vimos com summa surpresa que a mesa girava novamente da direita para a esquerda; ao cabo de algum tempo parou outra vez, e passou a mover-se da esquerda para a direita; cessou ainda este movimento para recomençar o da direita para a esquerda, etc.: n'estas oscillações nos dois sentidos decorreram alguns minutos, até que afinal estabeleceu-se um movimento de rotação no primeiro sentido; isto é, da direita para a esquerda, o qual, por mais que lhe aguardássemos pacientemente o termo, nos pareceu haver prevalecido definitivamente sobre o outro.

Esta experiencia repetida com um maior numero par de pessoas, 6, 8, 10, etc., deu sempre o mesmo resultado. Igual resultado se conseguiu tambem, quando se fez a imposição das mãos pelos methodos descriptos na 1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> experiencias.

Conjecturamos, portanto, sem bem o comprehendermos, que ha um notavel predominio da mão direita sobre a esquerda. Outras observações, que não publicamos por ora, parecem levar-nos á mesma indução.

5.<sup>a</sup> experiencia. Sentaram-se em roda da mesa, isoladas desta e umas das outras, sete pessoas. Collocou cada uma dellas a mão direita sobre a mão esquerda do vizinho do lado direito. Depois de assim formada a cadeia pelas mãos, todas postas no mesmo sentido, fizemos collocar sobre a mesa tres pares de mãos, ficando quatro fóra e sem contacto algum com a mesa. Passados poucos minutos, era evidente a rotação da mesa no sentido em que se produziria se todas as mãos estivessem sobre ella, isto é, da direita para a esquerda. Finemos então que as mãos dos quatro pares, que estavam fóra da mesa, mudassem de posição; isto é, que as esquerdas passassem para cima e as direitas para baixo. O movimento parou logo; mas poucos minutos depois reapareceu em sentido contrario. Era evidente portanto que as mãos fóra do contacto da mesa influíam tanto na direcção do movimento, como quando se acham collocadas sobre a mesa, de baixo da condição apenas de *formarem cadeia*.

Esta experiencia, repetida muitas vezes com um numero impar de pessoas maior ou menor, tem dado sempre o mesmo resultado quando as mãos que não tocam a mesa são em maior numero, e o resultado inverso quando em menor numero, do que as que se acham sobre a mesa.

6.<sup>a</sup> experiencia. Sentámo-nos em um banco de piano, e fizemos que tres pessoas collocassem as mãos sobre os nossos hombros e costas pelo methodo da 2.<sup>a</sup> experiencia, mas sem nos avisarem da posição em que as tinham. Passados seis minutos, sentímo-nos impellidos a movermo-nos da esquerda para a direita, parecia-nos que actuavam com força sobre nós os tres experimentadores, os quaes não cessavam de afirmar que tinham as mãos postas o mais de leve possível deixando de resistir á impulsão, para o que estavam empregando notaveis esforços musculares, entrámos facilmente em rotação, elevando-se com-nosco o banco onde estavam, por meio da rosca em espiral de que é munido. Depois de termos dado

uma volta, os experimentadores trocaram as mãos, o movimento parou para pouco depois se effectuar em sentido contrario. No começo da experiencia as mãos direitas estavam collocadas sobre as esquerdas. Já se vê portanto que girámos no mesmo sentido em que giraria um chapéu, ou uma mesa.

Fazendo, porém, collocar as mãos sobre a cabeça em vez de ser sobre as costas e hombros, o movimento estabeleceu-se, não só em nós como em outras pessoas em que experimentámos, de um modo anormal na direcção; isto é: movia-se da esquerda para a direita, quando a posição das mãos devia fazer esperar que se movesse da direita para a esquerda; e vice-versa.

Temos repetido as experiencias que deixamos mencionadas com objectos diversos — chapéus, bandejas, relójos, e varios objectos de vidro; em todos obtivemos o movimento giratorio, e em todos o phenomeno se passou exactamente como quando experimentavamos com a mesa.

Do que levamos exposto, e de varias experiencias ainda, que omitimos para não dar a este artigo dimensões assustadoras, supponho poder tirar os seguintes corollarios:

1.<sup>o</sup> O movimento da rotação é real, é evidente: os incredulos que experimentem, e convencer-se-hão.

2.<sup>o</sup> A cadeia pôde estabelecer-se de diversos modos (experiencias 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup>).

3.<sup>o</sup> A direcção do movimento não depende de ser impar ou par o numero dos experimentadores. A direcção é facilmente indicada pela direcção dos dedos ou das mãos sobrepostas (experiencias 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup>). Quando a posição das mãos ou dos dedos não é idêntica em todos os experimentadores, o movimento obedece sempre na sua direcção ao maior numero, quer assentem sobre a mesa todos os pares de mãos, quer não (experiencias 3.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup>).

4.<sup>o</sup> Chega-se exactamente aos mesmos resultados experimentando com homens ou com mulheres: quanto á maior influencia que estas possam ter na produção do phenomeno, não possuímos observações decisivas a tal respeito. O que temos verificado é que parece haver em uns individuos mais aptidão para produzir o movimento, do que em outros. Se essas diferenças coincidem bem com os sexos, as edades, os temperamentos etc. é que não examinámos ainda, nem mesmo achamos muito facil verificar com segurança.

5.<sup>o</sup> Os objectos de vidro não são refractarios ao movimento; não são por tanto *isoladores*.

6.<sup>o</sup> O movimento não pôde considerar-se como o resultado de impulsões involuntarias e impercebidas, que cada um dos experimentadores imprima, sem consciencia, ao objecto em que se experimenta. Demonstra-o a lei que regulá a direcção do movimento, demonstram-o os factos mui repetidos de se realizar o phenomeno empregando-se como actores pessoas inteiramente desprevenidas e ignorantes do que fa a ter lugar; demonstra-o de um modo irrefragavel a experiencia 5.<sup>a</sup>

B. de B.

15 de maio.

## PARTE LITTERARIA.

Com satisfação publicamos a sentidissima poesia inspirada ao nosso amigo, o sr. Dr. Brignoli Junior, pelo infausto acontecimento que tantas lagrimas tem custado ao extremoso coração de Sua Magestade A Imperatriz, e que levou o pesar ao animo de quantos tem presenciado a magua de um reino, chorando a prematura morte da filha do Imperador Soldado. O sr. Dr. Brignoli Junior, tendo um futuro certo na sciencia medica pela vocação do seu espirito, e aturado estudo, regista com honra o seu nome nos annaes litterarios com esta prova do seu talento poetico.

IN MORTE DI SUA ALTEZZA IMPERIALE  
LA PRINCIPessa AMELIA.

## Ode.

Là dove vaga elevasi  
Nell'Ocean Madera  
S'ode uno squillo funebre  
Che invita alla preghiera;  
Ad una Augusta Vergine  
Splende l'estremo dì!

Già della morte il tremito  
Scende all'afflitta in cuore,  
Volge alla madre l'ultimo  
Sguardo, sorride e muore,  
Come languente giglio  
I giorni suoi finì.

Così quaggiù compivasi  
Precoce e crudo il fato  
Della soave e tenera  
Figlia del Re soldato  
Ch' ai Lusi un chiaro esempio  
Di patrio amor lasciò.

Disparve nella limpida  
Alba di un dì gradito,  
Del quarto lustro il volgere  
Da un anno avea compiuto,  
Stanca da lungo gemere  
La terra abbandonò.

Quando nel vasto e roseo  
Giardin della speranza  
Null'altro fiore a cogliere;  
Null'altro frutto avanza,  
Quando sol restan lacrime  
Non è crudel morir;

O allor che grave e gelida  
Piomba l'età canuta  
Sul cuor, sull'alma, e i palpiti  
E i desiderj attuta,  
Ed il passato obliasi,  
E null'è l'avvenir:

Ma sull'april, sul florido  
April di giovinezza,  
Mentre de sogni fervere  
Suol l'insciente ebbrezza,  
E tutto è vita, è giubilo  
Cruda è la morte allor!

Chi nei suoi giorni splendidi  
Che così cara ell'era,  
Chi detto avrebbe, Amelia,  
E già si presso a sera!  
O come avvien che immobile  
Resti in eterno un cuor L.,

Ecco una corte affollasi  
D'intorno un soglio antico,  
Ivi donzella regia  
Dal sguardo pio, pudico,  
Modesta è sì che un angelo  
Nel suo candore appar.

Di quanto arride agli uomini  
Quaggiù la cinse il fato,  
Bella, gentil, magnanima  
Prole d'un prence amato,  
Saran suoi giorni ingenui  
Un placido sognar.

Cingi di grazie, o vergine,  
Il tuo celeste viso,  
Sgombra da te le noie,  
Son questi i dì del riso,  
Sogna, ti lascia illudere,  
O giovinetto cuor.

L'oblio, l'amor, l'immagini  
Liete de tuoi verd' anni  
Tosto vedrai trascorrere  
Del tempo rio sui vanni,  
Bello è così ma rapido  
Il mattutino albor.

Ma cessi omai la giolita  
Cetra i profani suoni,  
Di non cada gloria  
Un inno il vate intuoni,  
Chè della terra immemore  
Solo nel ciel sperò,

E degli orbatì il gemito  
S'accordi al mesto canto;  
Dillo, mendica vedova  
Chi ti tergeva il pianto,  
Chi largì pane ai pargoli  
Che il prode a te legò.

Voi pur lo dite o vergini  
Nel sacro suol rinchiusa,  
Figli dannati a piangere,  
Donne che amor deluse,  
Se mai sua man benefica  
Fu scarsa alla pietà.

Madre che intese il calice  
Libasti del dolore,  
Svela di quella docile  
Il verginal candore;  
Lo svela, e il tuo cordoglio  
Forse conforto avrà.

Beata egnor quell'anima  
Del tuo materno affetto,  
Fosti Tu sola, l'unica  
Sua cura e suo diletto,  
E il saggio tuo consiglio  
In cuore a Lei fissò:

Che della terra instabili  
Sono le gioie, e spesso  
Al bianco giglio intrecciasi  
Il funebre cipresso,  
Che sempre in terra è misero  
Stolto chi ben sperò.

Spesso la festa ecoeggia  
Nel tempo ognor marcato  
Che notte l'ali placide  
Dispiega sul creato;  
L'ombre disperse fuggono  
D'innanzi un nuovo dì;

Là del piacer fra il turbine  
Ella si attende invano,  
Sprezza Costei già il labile  
Gioir di un mondo insano,  
E a Dio d'amore un palpito  
Spesso in quell'era offrì.

Vole quel voto ingenuo  
Alla superna sfera  
E là s'udì ripetere  
D'Amelia la preghiera;  
Fissolla, e in Lei compiacquesi  
Il Sovrumano Fattore.

E vien, le disse, spoglia  
Questo caduco velo.  
Vieni, colomba candida,  
E qui ti posa in cielo  
Vieni, t'aspetta il placido  
Bacio del tuo Signor.

Ei disse: e allor compivasi  
L'alto volere; intanto  
S'ode in Madera un gemito,  
Un interrotto pianto;  
E la sublime Vedova  
Che piange un rio destin.

Volgi, Signora, all'etere  
Il tuo real sembiante,  
E se qui in terra misera  
Fosti, sebben regnante,  
Vedrai che in quella patria  
Tutte le pene han fin.

Là tu vedrai fra gli angeli  
Coei cui tolse il fato  
Stretta d'amor n'un bacio  
Col genitore amato,  
Pietosa udendo il flebile  
Eco de tuoi sospir.

E dei futuri secoli  
Squarciato il velo arcano,  
PIETRO, vedrai sul popolo  
Eletto alzar la mano,  
E la GRAN DONNA e i Strenui  
Nipoti benedir.

DOTT. BRIGNOLI JUNIOR.

## UM ANNO NA CORTE.

### ROMANCE.

CAPITULO LVI.

SÓ UM MILAGRE O PÓDE SALVAR.

(Continuado de pag. 527.)

No dia immediato á noite, em que teve logar a historica scena das almas do purgatorio, que acabamos de narrar — scena que depois se repetiu muitas noites, ás vezes acompanhada de violencias, pondo em susto, e enchendo de pavor a gente pacifica de Lisboa; — no dia immediato, como ia-mos dizendo, mal a manhã come-



cava a romper, colorindo de purpura e de reflexos de ouro o ar diafano, por cima dos montes d'além do Tejo, já o padre de Villes, e o padre Manuel Fernandes, passeavam vagarosamente na sala da livraria do collegio de Santo Antão.

— Então que tem Vossa Paternidade a contar-me de novo? — perguntou o jesuita francez.

Um sorriso, que exprimia a satisfação e o orgulho, passou levemente pelos beiços finos do padre Fernandes.

— Muitas, muitas coisas de novo tenho que lhe contar, padre de Villes — disse o confessor do Infante. — Está tudo, com a ajuda de Deus, em excellente caminho; e o triumpho da boa causa, triumpho de que hão de vir tantos bens á companhia de Jesus, isto é, á religião, já não está longe. É um sacrificio necessario, um acto violento mas indispensavel. A corôa não pôde ficar por mais tempo sobre a debil cabeça de Afonso VI, interesses do reino e da fé exigem que se lhe tire um poder de que elle sabe só abusar.

— De certo, padre Fernandes. É esse um ponto em que todos estamos de accordo. Mas o que ha feito, para se conseguir esse tão desejado fim? Tirámos o Castello-Melhor do lado d'El-rei; mas os seus parciaes são ainda quem dirigem as acções de Sua Magestade, e o secretario d'estado, o Sousa de Macedo, que é homem de merecimento, ainda está em Lisboa, apesar das rasões de queixa, que a Rainha tem delle.

— O Castello-Melhor está longe da côrte. Henrique Henriques está gravemente enfermo, castigou-o Deus dos seus peccados por este modo; dizem que não morrerá desta, mas, se escapar, foge de certo de Lisboa. El-rei, que até hontem recusára receber o sr. Infante, recebel-o-ha esta manhã, e mandará retirar do paço os terços de infantaria e a cavalleria, que ha tantos dias es tão com a sua presença ameaçando o povo.

— Então a ida de Antonio de Belem ao paço sempre sortiu effeito?

— Sortiu o effeito que se desejava, padre de Villes. O juiz do povo foi fallar a El-rei, e disse-lhe que o povo faria uma revolução, e commetteria maiores excessos do que no dia em que houve aquelle motim por causa dos hespanhoes terem tomado Evora, se El-rei não recebesse a Sua Alteza, e não mandasse embora a tropa do Terreiro do Paço; e El-rei teve medo. A fraqueza do partido de Afonso VI já não pôde ser maior.

— E o secretario d'estado? — Perguntou o francez.

— Esse, se necessario fôr, il-o-ha o sr. Infante buscar ao paço, e mandal-o-ha n'um navio para Angola; como a rainha mãe fez a Antonio de Couti. O negocio está a decidir por instantes, e não tarda, que vejamos D. Pedro no throno...

— E a Rainha, minha senhora, com elle — accudiu de Villes, olhando fixamente para o seu companheiro.

— De certo, de certo — deu-se este pressa em responder. — O papa ha de dar licença para que se desfaça este casamento, que está nullo, e se una Sua Magestade com o sr. Infante por um laço que sanctifique os seus innocentes amores.

Os dois jesuitas olharam de relance um para o outro, e, como receiosos de quebrar a seriedade desta conversação, pozeram ambos no mesmo instante os olhos no chão, guardando por um momento silencio.

— Hoje deve ser um grande dia para a companhia — disse por fim o padre Fernandes. — A entrada de Sua Alteza no paço ha de ser marcada por um milagre aos olhos do povo.

— Que milagre?

— Vossa Paternidade sabe, que é hoje o dia, em que esse arrieiro do Alemtejo, que se diz ter morto o criado da Rainha, ha de ser levado ao supplicio?

— Sei.

— Pois esse homem, coitado! que não é um arrieiro, mas sim um capitão de infantaria — o mesmo que foi mal-ferido uma noite na rua, e que depois, ainda gravemente enfermo, desappareceu do palacio do sr. Infante...

— Que me diz, padre Fernandes? Pois esse homem, esse capitão... é o que foi acompanhando Luiz de Mendonça quando partiu para França com as cartas da Rainha?

— Esse mesmo capitão — o arrieiro que a justiça condemnou como assassino de Estevão de Castilho — vae hoje ao supplicio, e vae innocente.

— E então?

— Está innocente, e é nosso irmão; fez hontem os primeiros votos na companhia de Jesus. Ha de ser salvo por um milagre.

— Como?

— Luiz de Mendonça chegou esta noite a Aldéa-Galléa, com a resposta d'El-rei de França.

— E onde está a carta do grande Luiz XIV — perguntou o confessor da Rainha, estendendo involuntariamente a mão, como se esperasse que

o importante papel lhe fosse immediatamente entregue.

— A Rainha está ainda recolhida; quando forem horas iremos ambos levar-lhe a carta — respondeu o padre Fernandes socegradamente. E, depois, vendo a desconfiança manifestar-se na cara do outro jesuita, accrescentou: — Não se impaciente, vossa paternidade. Eu sei o que a carta contém, porque recebi uma cópia della, que me mandou o confessor d'El-rei de França. Luiz XIV promete a sua protecção á Rainha, e ao Infante; e põe á disposição do nosso partido uma esquadra forte, que, em poucos dias, chegará ao Tejo.

— Boas novas, excellentes novas! — exclamou de Villes, apertando cordialmente a mão do seu companheiro. — Vamos então ao milagre, agora.

— Eu, como sei que o pobre Francisco d'Albuquerque está innocente, consenti que elle entrasse para a Companhia. Tem tido uma vida de tribulações, acha-se desgostoso do mundo, podemos estar certos que ha de ser um excellentesoldado nas nossas missões perigosas do sertão. E nós bem precisamos de homens de fé viva, de abnegação, capazes de soffrer o martyrio sem descontinuaem as orações a Deus, e os conselhos aos peccadores e aos gentios. É com homens destes, que se ganham almas para Deus e se augmenta o credito da sociedade de Jesus.

— Muito bem, padre Fernandes — acudiu o francez, com alguma impaciencia. — Mas o milagre?

— Oh! O milagre... Eu tinha tenção de o arrancar á justiça, facilitando-lhe a evasão do Limoeiro; mas Deus, que vê melhor do que nós fracos mortaes, decidiu que as coisas se passassem de outro modo. A proposito; vossa paternidade sabe, que o povo vae hoje ao Terreiro do Paço dar vivas a Suas Magestades e ao sr. Infante, e que ao mesmo tempo aproveitará a occasião para pedir que se convoquem as côrtes?

— Não sei. Mas o milagre?

— Se se fizerem côrtes está tudo acabado, e sem violencias — disse o padre Fernandes — As côrtes acclamam principe o sr. D. Pedro, entregam-lhe a regencia, e o resto faz-se por si.

— Tem-me excitado a curiosidade, padre Fernandes, com o milagre, que ha de salvar o nosso irmão Francisco d'Albuquerque, e não mo quer dizer.

— Não, padre de Villes; não quero fazer um segredo dos beneficios que Deus faz á companhia. Amanhã, quando o infeliz, condemnado por

um crime que não commetteu, chegar ao Terreiro do Paço, ás nove horas, para ser suppliciado, estará a praça cheia do povo, que vae para ver entrar Sua Alteza no paço, e para pedir côrtes, então...

Neste momento um servente entrou na sala da livraria, e depois de se curvar humildemente diante dos seus superiores, disse ao padre Fernandes:

— Está alli o capitão Aniceto Muleta, que diz ter percisão de fallar a vossa paternidade sem demora, para negocio de grande interesse.

— Delle, talvez — concluiu o confessor do Infante. — Diga-lhe que vou já.

E despedindo-se do seu companheiro, o padre Fernandes seguiu o servente ao locutorio, onde o estava esperando o chefe das almas do purgatorio.

O sr. Aniceto vinha participar ao jesuita o resultado do seu nocturno passeio sobrenatural pelas ruas da cidade, e pedir-lhe conselho sobre a exigencia de Fr. Thomaz do Espirito Santo. O jesuita, depois de o escutar com muita attenção, e de meditar um tanto, disse ao miliciano:

— Vá vossa mercê, em sendo quasi nove horas, levar a Fr. Thomaz o perdão d'El-rei. Eu sei para quem é o perdão, sr. Aniceto, e quero que vossa mercê faça o que acabo de lhe dizer.

— Não manda mais nada, vossa paternidade? — perguntou o industrioso Aniceto.

— Nada mais, senão que pense nos seus peccados, e trate de se arrepender delles em quanto é tempo.

— Eu entrego a minha alma nas mãos de vossa paternidade — disse o capitão com um ar beato e compungido. — Diga-me, sr. padre Fernandes, a procissão das almas sãe hoje á noute tambem?

— Sãe — respondeu o padre secamente, e ordenando com um gesto a Aniceto Muleta que se fosse.

Sua paternidade dispunha-se a voltar para a livraria, onde deixára o confessor da Rainha, quando o porteiro de Santo Antão lhe veio dizer, que duas mulheres, cubertas de biocos negros, o procuravam. A Calcanhares e Thereza vinham, não conduzidas pela esperanza, mas como arrastadas pelo desejo de lutar ainda contra a fatalidade que reputavam inexoravel, e de dar assim mais um momento de alivio ás suas almas oprimidas pelo terror, vinham pedir ao padre Fernandes que salvasse das mãos do carasco o desditoso Francisco d'Albuquerque.

— É de joelhos, padre Manuel Fernandes — disse Margarida, prostrando-se no chão — é de joelhos que lhe peço a vida deste desgraçado. Salve-o, salve-o que está innocente; as suas mãos estão puras de sangue.

— Levante-se, Margarida. Só diante de Deus é que se pede de joelhos — accudiu o jesuita com bondade, e fazendo esforços para a tirar daquelle posição humilde.

— Pois é a Deus que eu peço, com a alma rasgada pela dôr, a vida de Francisco. Eu só desejo que vossa paternidade junte as suas ás minhas orações; e que peça á Rainha, que perdoe, um crime não, porque o crime se não commetteu... que salve de uma morte ignominiosa um pobre innocente.

— Farei o que me pede, Margarida.

— Eu também uno as minhas supplicas ás de Margarida — interrompeu Thereza. — Sei que Francisco d'Albuquerque, que meu irmão não commetteu o crime de que o accusam; e vossa paternidade sabe-o também, porque, por recomendação sua, entrou Francisco na Companhia.

O padre teve um sobresalto quando ouviu esta justa observação da bella provinciana, mas, sem dar na voz indício algum de perturbação, respondeu logo:

— Sei que está innocente, e a não ser assim de certo Francisco não seria admittido a fazer votos na Sociedade de Jesus. Quiz-lhe dar na ultima hora a consolação de morrer no gremio dos filhos de Santo Ignacio.

— Morrer! Pois elle ha de morrer estando innocente? — exclamou a Calcanhares com um grito de dôr. — A Companhia que é tão poderosa, que tem tanto dominio nas consciencias, não ha de agora livrar do supplicio um irmão seu, que é innocente; não ha de alcançar da Rainha o perdão, que é a justiça neste caso?

— A vontade do Senhor é que se ha de fazer. A vida dos filhos de Santo Ignacio pertence á religião, é Deus quem deve julgar e decidir se a morte é um bem para elles, se o martyrio deve ser considerado como um triumpho.

— Mas agora, que pôde ganhar a religião...

— Não se meta, filha, a julgar aquillo que é superior á sua razão — disse o padre com tom severo. — Pense antes na sua alma, que está em perigo; porque, nessas suas supplicas pela vida do irmão Albuquerque ha muita mundanidade, e muito pouca humildade, muita falta de resignação.

Era tão grande a auctoridade que a palavra do jesuita tinha sobre a devota Margarida, que

estas admoestações lhe acordaram naquelle momento todos os escrúpulos, de que o seu espirito padecia, e que a angustia lhe fizera esquecer. Teve pejo de se vêr alli de joelhos aos pés do seu confessor, não a pedir a absolvição de peccados que lhe pareciam tremendos, mas a pedir a vida de um amante. Este sentimento, porém, depressa passou; porque a dor que lhe dilacerava o coração era por extremo viva, para que pudesse ser esquecida, e porque a pureza da consciencia e o sentimento da propria dignidade lhe disseram, que eram mal-cabidas e injustas as severidades do padre jesuita.

— Nossa Senhora sabe, padre Manuel Fernandes, se é um pensamento peccaminoso que me trouxe agora aqui! — exclamou a Calcanhares no fim de um minuto de silencio. — Não é, não, Desejo salvar a vida de Francisco d'Albuquerque, porque lhe quero como a um irmão muito amado. O amor passou; agora a minha vida é toda para a oração, para servir a Deus; mas um sentimento como este meu não pôde Deus condemnar-o. Ai! Neste momento — é o céu que assim o quer, para me dar lenitivo a esta grande dor! — n'este momento sinto-me purificada de todo o peccado, sinto-me digna de entrar no numero das servas do Senhor.

— Que está dizendo, Margarida? — acudiu o padre Fernandes — Isso é orgulho, orgulho e peccado. Quem se pôde julgar digno de servir a Deus? Que sentimento humano existe, a que o peccado se não misture, em que se não esconda o crime?

— Mas o arrependimento lava os erros do passado, e a pureza da consciencia justifica as acções do presente.

— É verdade. Para apreciar porém a pureza da consciencia é preciso saber procurar nella.

— Diga-me, Vossa Paternidade, se ha ou não esperanza de salvar a vida de Francisco d'Albuquerque — interrompeu Thereza. — Se Vossa Paternidade não quer pedir por elle á Rainha, iremos nós lançarmos-nos aos seus pés, e se não obtivermos nada, ficar-nos-ha ao menos a consolação de haver feito quanto nos era possivel para o salvar.

— É tarde já para ir fallar á rainha — respondeu o jesuita. — Daqui a poucas horas ha de Francisco d'Albuquerque sabir do Limoeiro, e neste intervallo vae Sua Alteza ao paço e reune-se o conselho de estado; de modo que só poderiam fallar a Sua Magestade quando já não fosse tempo, quando... tudo estivesse acabado.

— Faremos diligencia para entrar no paço antes de Sua Alteza chegar...

— Inutil, é tudo isso inutil. Tenham confiança na protecção, na misericórdia divina. Deus — proseguir o padre com firmeza — Deus não abandona os innocentes. Haverá um milagre, espero-o assim, far-se-ha até um milagre para que este infeliz não padeça um castigo, que não merece; se os meios humanos não bastarem para impedir uma tal catastrophe.

— Então, padre Fernandes, sempre vae fallar á rainha, pedir-lhe que se amercêe] delle, de todos nós? — disse Margarida.

— Lembre-se que prometteu salvá-lo, se elle proferisse os primeiros votos na sociedade de Jesus — acrescentou Thereza.

— Lembro-me de tudo, e hei de fazer tudo que a minha consciencia me dictar — acudiu o jesuita. — Não são as promessas que me obrigam; senão o desejo de salvar da ignominia um irmão innocente. Vão, vão ambas pedir, humildes e com sincera fé, ao Senhor que tudo manda e tudo póde, que se compadeça do infeliz Albuquerque. O remedio só do céu póde vir, e é ao céu que devem elevar as suas supplicas. A igreja já está aberta, vão para lá esperar que Deus decida se quer fazer Francisco d'Albuquerque um martyr, ou um missionario que vá pregar a fé aos gentios da America.

E dando conselhos, fazendo admoestações, consolando e castigando as rebeldias do coração das duas afflictas mulheres, foi-as o padre Manuel Fernandes levando para a igreja do Collegio de Santo Antão, onde as deixou entregues á dôr, á duvida, á esperanza, ao terror, e á oração.

Quando se viu só, o jesuita esfregou as mãos, tomou uma larga respiração, e disse entre dentes:

— Agora vamos annunciar ao padre de Villes o milagre que ha de hoje acontecer no Terreiro do Paço.

J. DE ANDRADE CORVO.  
(*Continúa.*)

## NOTICIAS E COMMERCIO.

### SOCORROS AOS HABITANTES DA ILHA DA MADEIRA.

Desejosos de darmos publicidade a todos os actos de philantropia, muito mais sendo em beneficio de uma classe victima de imprevisita e inevitavel calamidade, como aconteceu aos agri-

cultores pobres da ilha da Madeira, inserimos o seguinte annuncio que lemos no *Diario de Pernambuco* de 19 d'abril ultimo, e que mostra o espirito beneficente de que são possuidos os nossos irmãos no imperio brasílico, apressando-se a promover um contingente para minorar os danos a que a molestia das vinhas sujeitou os madeirenses.

Achando-se grande parte dos habitantes da bella ilha da Madeira reduzidos á maior penuria pela falta da principal producção da dita ilha — o vinbo — em consequencia da molestia que ultimamente tem alli atacado e inutilisado as vinhas, privando assim as classes mais necessitadas dos meios de subsistencia, que d'aquelle producto lhes podia provir, o governo de S. M. a rainha de Portugal, como fiel interprete dos maternas desvelos da augusta soberana, solicito em acudir por todos os meios ao seu alcance ás calamidades publicas, e o governador civil da mencionada ilha prompto em attender ás necessidades d'aquella fracção importante dos subditos portuguezes, cujo bem estar lhe foi confiado, encarregaram: aquelle ao primeiro dos abaixo assignados como consul de Portugal nesta provincia, e este ao terceiro dos mesmos abaixo assignados por intervenção do illm.<sup>o</sup> sr. Christovão José de Oliveira, negociante no Funchal, de promoverem pelos briosos habitantes desta cidade a acquisição dos donativos e soccorros que a sua bem conhecida philantropia lhes suggerir em proveito de uma grande parte d'aquelle povo irmão que tanto delles necessita. Incumbidos desta tarefa, julgaram dever chamar para compartilhar de trabalho tão honroso as 3 pessoas mais abaixo inscriptas, as quaes promptamente se prestaram, offerecendo-se para de commun accordo os coadjuvarem em tão meritoria missão.

Compondo-se, pois, a comissão para tão justo e louvavel fim dos 5 membros adiante indicados, elles appellam para a proverbial beneficencia dos brasileiros, dos portuguezes, e dos demais estrangeiros residentes nesta cidade, e confiam que de todos obterão os resultados que tanto desejam, concorrendo por um modo significativo e efficaz para modificar a malefica influencia da crise que tanto tem aggravado a situação consternadora, em que se acham os madeirenses.

A comissão tendo de promover por si a obtenção das quantias que ás pessoas bemfazejas aprouver dar, declara que além disso se recebem desde hoje assignaturas para o mesmo fim no consulado de Portugal (rua do Trapiche n.<sup>o</sup> 6) e no escriptorio do thesoureiro da comissão, Manuel Alves Guerra Junior, (na mesma rua n.<sup>o</sup> 14) bem como nas casas dos membros adjuntos João Tavares Cordeiro (rua da Madre de Deus n.<sup>o</sup>) e Guilherme da Silva Guimarães (rua do Crespo n.<sup>o</sup> 3) e opportunamente será por ella publicado no *Diario* desta cidade para devida conhecimento das pessoas philantropicas e interessadas o resultado desta subscrição, a importancia recebida, e a sua respectiva applicação. Recife 16 de abril de 1853. — Joaquim Baptista Moreira. — Miguel José Alves. — Manuel Alves Guerra Junior. — João Tavares Cordeiro. — Guilherme da Silva Guimarães.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRITORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 46.

QUINTA FEIRA, 26 DE MAIO DE 1853.

12.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### DESCOBRIMENTOS SCIENTIFICOS DO SEculo XIX.

#### Galvanoplastica e a douradura chimica.

(Continuado de pag. 65.)

O objecto da galvanoplastica é obter, por meio da pilha voltaica, sobre um objecto dado a precipitação de um metal dissolvido n'um liquido, de maneira que se forme na superficie deste objecto uma camada contínua, porém não adherente, que reproduza todas as feições do modelo. Se a deposição é feita interiormente consegue-se a reprodução do interior do modelo, e a capa que assim se formou é destinada a servir de molde. Se a deposição foi externamente, tem por effeito attrahir sobre este molde a precipitação de uma nova capa metallica, que separada do molde é a reprodução exterior do typo primitivo.

Para provocar a corrente electrica e para receber o deposito metallico, podem servir doisapparelhos, o simples e o composto. No primeiro, o objecto destinado a ser reproduzido faz parte da copula voltaica que deve provocar a corrente. No segundo, a corrente voltaica produz-se fóra do liquido a decompor, e o molde é simplesmente ligado ao polo negativo da pilha por um fio conductor.

O apparelho simples communmente empregado é um vaso de vidro contendo a dissolução metallica a decompor; sulphato de cobre, por exemplo, se é cobre que se quer reduzir. No centro deste primeiro vaso acha-se um segundo vaso de porcelana que mergulha no liquido e contém acido sulphurico dilatado 12 a 15 vezes o seu pezo d'agua: põe-se no acido sulphurico uma lamina de zinco que se faz communicar, por meio de um arame de cobre, com o molde que se acha depositado no fundo do vaso de vidro contendo a dissolução do sulphato de

cobre. A copula voltaica gerada pelo contacto do cobre e do zinco dá origem a uma corrente electrica fraca e continua que provoca lenta e gradualmente a redução do metal. O cobre precipitado vem depor-se pouco a pouco no molde posto no polo negativo, e ao cabo de alguns dias modelando-se nas diversas escabrosidades da superficie produz uma camada metallica que é a contra-prova perfeita do original. Como a dissolução de sulphato de cobre se esgota á proporção da redução de uma parte do metal, conserva-se n'um grau constante de saturação, ajuntando de tempo a tempo ao liquido cristaes de sulphato de cobre. Este pequeno apparelho, muito usado para a reprodução galvanica dos objectos de pequena dimensão, é o empregado nos cursos de chimica para a demonstração das operações da galvanoplastica. É conhecido pelo nome de *electrotypo de Spencer*.

O apparelho composto consta de duas partes; o vaso em que se effectua a deposição do metal, e a pilha voltaica posta fóra do liquido. As disposições adoptadas para a construção das pilhas usadas na galvanoplastica variam muito. Seria superfluo descrevel-as circumstanciadamente. Diremos só algumas palavras da pilha de Mr. Smée, mais usada em Inglaterra, e de Mr. d'Archereau, de que se servem quasi exclusivamente os francezes.

A pilha de Mr. Smée, formada de um só ou de muitos elementos, compõe-se de uma lamina de prata coberta de outra de zinco. Este systema mergulha n'um liquido formado de acido sulphurico dilatado em agua. É terminado por dois fios metallicos que constituem os seus dois polos. É, pelo que se vê, um apparelho de grande simplicidade; porém, empregando-se muitos pares delles, vem a ser bastante dispendioso, e por isso não se tem empregado o seu uso na industria.

A pilha de Archereau, usada em França para as operações da galvanoplastica, douradura e prateamento, não é mais do que uma modificação vantajosa das pilhas de Grove e de Bunsen. Em cada um destes instrumentos, a fonte donde se deriva a

electricidade é uma acção chimica, e não o simples contacto de dois metaes. Esta pilha consta de um vaso de vidro contendo uma chapa circular de zinco que mergulha em acido sulphurico atenuado. No centro deste vaso e no meio do liquido acido que contém, existe segundo vaso de porcelana não envernizado, e por consequencia poroso e permeavel aos gazes. Introduce-se neste cylindro de porcelana acido azotico. O gaz hydrogeneo formado pela reacção do acido sulphurico sobre o zinco atravessa a separação porosa da porcelana e vem reagir sobre o acido azotico, que decompõem formando agua e gaz hypo-azotico. Esta dupla reacção provoca um despego consideravel de electricidade. Para trazer ao exterior a electricidade assim originada, adapta-se á chapa de zinco um conductor metallico, que constitue um dos polos da pilha, e mergulha-se no acido azotico um grosso pedaço de carvão de coque, corpo muito bom conductor do fluido electrico, que se faz communicar com um fio metallico destinado a representar o outro polo.

O vaso em que se deve effectuar a decomposição gerada por uma dessas pilhas não offerece disposição alguma que seja necessario indicar. Contém liquido salino a decompor, sulphato de cobre, cyanuro de prata dissolvido em cyanuro de potassium se é cobre ou prata o que se propoem reduzir; a forma deste vaso é indifferente. Prende-se ao polo positivo da pilha mergulhando-se no liquido um *anode*, isto é uma lamina de cobre, ou de prata operando-se com um sal de prata. O metal ligado ao polo positivo dissolve-se, á medida que caminha a operação, em quantidade quasi igual áquella que se acha reduzida pela corrente.

O emprego de um aparelho composto tem todas as vantagens, e só com elle se pode dar ás operações galvanoplasticas a extensão e variedade que tem hoje adquirido. O *anode* que contém permite entreter a dissolução salina n'um estado constante de saturação, circumstancia mui util para o bom resultado. Fazendo uso de elementos voltaicos mais ou menos completos e energicos, mais ou menos numerosos, pôde obter-se uma corrente, animada de todos os possiveis graus d'intensidade. Finalmente, este aparelho permite augmentar quanto se quizer o volume das peças reproduzidas; e basta para isto pôr o liquido em vasos da dimensão conveniente; pelo que não ha limites para a forma e tamanho do objecto que se pretende reproduzir.

As operações galvanoplasticas offerecem na pratica quatro circumstancias essenciaes de que depende o bom resultado, e que infelizmente ainda não estão perfeitamente elucidadas. Vem a ser — a intensidade da pilha para as differentes dissoluções — o grau de concentração do liquido e a sua conductibilidade electrica — a sua temperatura — finalmente, a disposição e grandeza relativas entre os dois electrodos, isto é, entre a placa de cobre fixa no polo positivo e o molde que termina no polo negativo. Estas quatro circumstancias podem dar,

variando segundo os casos, resultados mui differentes, e o habito fornece aos operadores regras muito mais seguras do que todos os principios vagos que até agora se tem pertendido estabelecer.

Para obter um cunho galvanoplastico, em geral não se opera sobre o proprio objecto, que poderia correr o risco de se deteriorar pela demora em liquidos corrosivos; de ordinario toma-se um molde sobre o qual se opera a reproducção. Os moldes empregados são feitos com um metal ou com uma substancia plastica, que se torna conductora da electricidade, recamando-a de uma capa delgadissima de plumbagine ou de um pó metallico. O metal empregado para a confecção dos moldes é a liga fusivel de Darcet, a solda dos que fazem balas de chumbo, ou a liga dos clichés de estampas, que é muito mais dura. Porém, de ordinario, servem-se de moldes de gesso, que no começo do trabalho se fazem impermeaveis á agua mergulhando-os em estearina derretida. Estende-se depois sobre a sua superficie com um pincel uma leve demão de plumbagine destinada a tornal-a conductora. Para estabelecer a communicação entre o molde e o polo negativo da pilha, cerca-se o molde com uma faixa de cobre. Tal é o complexo das operações que se executam na maior parte das operações galvanoplasticas. As suas principaes applicações são as seguintes.

Para reproduzir uma moeda ou uma medalha, pôde operar-se de duas maneiras. Trata-se directamente sobre a medalha que se quer reproduzir collocando-a no polo negativo, depois de haver tomado as precauções sufficientes para impedir a adherencia da reproducção com o original. Estas precauções consistem em passar sobre a medalha uma camada excessivamente leve de uma substancia oleosa tal como o azeite, a cera, a stearina, o sebo etc. Obtem-se assim em vasio um cunho ou estampa sobre o qual se opera novamente para se ter a reproducção em relevo. Tira-se a estampa da peça com gesso ou uma liga fusivel; deste modo a operação galvanoplastica reproduz immediatamente um relevo. — Quando se opera directamente sobre a medalha, é necessario recamar de stearina o reverso, sobre o qual não deve existir deposição; põem-se depois em relação com o polo negativo mediante um fio de metal fixado sobre o seu contorno. O reverso é produzido mais tarde e do mesmo modo cobrindo de stearina a face já estampada. Cincoenta ou sessenta horas de immersão dão á deposição a espessura conveniente. Acabada a operação, separa-se a peça do molde, ao qual está pouquissimo adherente.

Reproduzem-se desta maneira os sinetes, brasones e sellos, operando sobre cunhos ou estampas tiradas em gesso ou stearina. Pelos mesmos processos se recama de cobre um figurino ou pequena estatua, um grupo ou qualquer outro objecto executado em gesso. O aparelho de mr. Spencer, que foi vendido em Paris com o nome de electrotype privilegiado, e que descrevemos tratando dos appare-

lhos simples é muito commodo para as reproduções desta casta. Todavia é uma operação assaz pueril. Cobrir de uma capa de cobre uma figurinha ou um medalhão de gesso, não satisfaz designio algum de utilidade especial, e nenhum resultado dá em relação á arte.

Cobrindo de cobre, da mesma maneira, fructos, legumes, folhas e outros productos naturaes podem-se obter alguns ornatos curiosos, porque conservam e trasladam exactamente a forma e todos os toques mais delicados do objecto galvanizado. Para reproduzir, por exemplo, uma pera ou outro pomo, uma folha d'arvore etc., esfrega-se o fructo com plumbagine, enterra-se-lhe no pé ou na corôa um pequeno alfinete; liga-se este alfinete com um fio que communique com a pilha, e mette-se o fructo na solução já descripta. Terminado o acobreamento, tira-se o alfinete que deixa um burquinho, por onde os succos do fructo podem evaporar-se.

Digamos comtudo que estas especies de acobreamento são de completa inutilidade, e nada proprias para dar a medida da perfeição e delicadeza das operações galvanoplasticas. Lembra-nos ter visto, no vestibulo do Instituto, um specimen assaz curioso dos productos desta arte singular. Mr. Soyer conseguiu cobrir de uma camada de cobre o cadaver de uma creança recém-nascida. Posto que o resultado fosse de inteiro exito, era um espectáculo nauseabundo. E havia alli quem dissesse que por esse meio se alcançaria erigir aos homens illustres esta-tuas de similhaça authentica.

Passaremos a dizer como a galvanoplastica fornece á arte do fundidor applicações de mais elevada importancia, destinadas a terem de futuro consideravel desenvolvimento.

(Continua.)

#### ABAIXO A RODA DOS EXPOSTOS:

Honramos hoje as columnas da REVISTA com o artigo que o nosso collaborador e amigo o dr. Thomaz de Carvalho dedicou á importante questão dos expostos. Não estamos de accordo com a providencia que o titulo do artigo aconselha, e felizmente tambem as conclusões do mesmo artigo não concordam com esse titulo. Mas ainda quando tudo quanto ahi está escripto desde a primeira linha até á ultima fosse contrario á nossa opinião, nessa mesma hypothese confessariamos que esse artigo é bastante para acreditar o nome que o assigna, porque o talento e o estudo lhe facultam essa honra: e diriamos como aqui dizemos, que elle fica registado nas paginas dos periodicos portuguezes, como uma pagina selecta que terá de illustrar no futuro a historia do nosso jornalismo.

Entraremos na questão com as nossas debéis forças, sendo o nosso parecer que se deve reformar e não destruir.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

Desde o momento em que fui encarregado da direcção da enfermaria de Santa Barbara do hospital de S. José, entendi que havia uma reforma a introduzir na sua organização. A grande facilidade com que as mulheres gravidas são admittidas naquella enfermaria, a quantidade de crianças, que annualmente são enviadas para a misericordia de Lisboa, foram os dois factos que immediatamente me impressionaram, e sobre que dirigi a minha reflexão. Tendo nestes ultimos tempos a auctoridade superior do hospital de S. José desenvolvido tanta energia e empregado tamanho rigor para restringir as admissões, maravilhei-me e espantou-me a frouxidão dos regulamentos, que assim deixavam as portas francas e patentes, a toda a hora do dia e da noite, a qualquer mulher que ao hospital queria vir dar á luz o fructo do seu ventre. Era impossivel que não houvesse razões maiores para similhante procedimento; não era de crer que os factos, que me impressionaram, não tivessem egualmente provocado a attenção da provedoria, e que, empregando em todos os outros ramos da administração do hospital o seu zelo e sollicitude, só a respeito daquella deixasse da providenciar.

Bastou-me, porém, recorrer aos regulamentos do estabelecimento, e á pratica immemorial nelle seguida para dar com a razão do facto que eu lamentava.

A enfermaria de Santa Barbara não pertence unicamente ao hospital, é a clinica de partes da escola medico-cirurgica, e como tal dirigida por um de seus professores. Para o estudo é preciso que as mulheres gravidas sejam admittidas em todos os mezes da gestação; e a auctoridade administrativa dando-lhes entrada vae de accôrdo com as exigencias escolares. Mas quando mesmo o hospital de S. José estivesse completamente desligado e separado da escola, a pratica antiquissima, e outras razões de conveniencia publica recommendavam que se continuasse no uso estabelecido. Effectivamente, consultando os antigos regimentos vê-se que no hospital de Todos os Santos, por dois successivos incendios destruido, não sómente as mulheres gravidas eram admittidas com tanta facilidade como agora o são, mas que ainda o hospital se encarregava da criação dos filhos expostos e abandonados, de que muito depois foi incumbida a misericordia de Lisboa. Com esta transferencia não cessou a facilidade nas admissões, antes continuou perpetuando-se como obrigação do hospital. Quaesquer que fossem as razões economicas, os motivos puramente administrativos que podessem lembrar para restringir a grande elasticidade dos regulamentos, e cortar os abusos della dependentes, outras considerações de origem superior os fizeram manter em toda a sua plenitude.

Quando S. Vicente de Paula, o evangelista da caridade, fundava em Paris um hospital para as mulheres gravidas á custa das esmólas dos fieis, que elle proprio pedia de porta em porta, já em Portugal a



munificencia dos nossos soberanos tinha criado uma semelhante fundação. Miguel de Contreiras, o confessor da rainha D. Leonor, que tantos e tão perennes monumentos deixou nestes reinos da sua ardente caridade, não foi inferior em espirito piedoso, e amor do proximo ao santo varão francez. A sua influencia no animo da virtuosa esposa de D. João II de certo concorreu para as grandes obras de misericordia, que ella conceben e criou para allivio da miseria.

A maior parte das mulheres gravidas que recorrem á beneficencia do hospital são desgraçadas cuja pobreza não consente as despesas necessarias durante o recolhimento a que as obriga o parto, nem as precisas para a criação do filho. Outras vem ao hospital esconder a vergonha de um amor clandestino, cuja infeliz consequencia desejam occultar aos olhos de um mundo curioso, sempre prompto a castigar com o desprezo ainda as mais innocentes victimas de uma fatal inclinação. Algumas emfim recolhem-se á enfermaria unicamente com o fim de se desembaraçarem do fructo da concepção, que não desejam nem querem criar. Para honra da humanidade é grato confessar, que estas são as que em menor numero entram as portas do hospital.

Que hade fazer a administração em presença de tão deploraveis circumstancias? Deverá fechar o estabelecimento a toda a mulher, que não tiver, para reclamar a sua admissão, senão o titulo de gravidez! Será esta grande facilidade uma exaggeração dos piedosos sentimentos, que em vez de remediar o mal, o esteja, porque assim me exprima, como provocando e animando! Será por ventura justo e razoavel gastar em consequencia de taes admissões uma somma consideravel por anno, que se podera empregar n'outras obras de igual consideração!

Todas estas ponderações são fortes, e merecem de certo o estudo da administração: entretanto convém apontar igualmente os prejuizos e consequencias que a alteração dos actuaes regulamentos pôde trazer e produzir. Em primeiro logar o governo de enfermaria pertence á administração simplesmente na parte economica, o resto é da competencia da escola medico-cirurgica, que em beneficio do estudo, da sciencia, e da humanidade não pôde prescindir da admissão de mulheres gravidas em todas as estações do anno. Depois, quando mesmo a escola não estivesse ligada ao hospital, não se vae assim de encontro repentinamente á pratica estabelecida, aos usos e costumes, que, tendo inconvenientes, apresentam por outro lado vantagens, que cumpre não desvanecer. Como hade o hospital fechar as suas portas á pobreza, fazendo-lhe um crime da falta de meios que a obriga a recorrer á beneficencia publica? Quem imagina a que lamentosas consequencias não fica exposta a mulher, que tendo apenas um alvergue escuro, humido e insalubre, onde depositar o fructo de seu ventre, se vê constrangida a passar, longe de todos os socorros humanos, os primeiros tempos de um estado que, não sendo positivamente uma enfermidade, pôde causar os mais temerosos resultados, se não fór continua e caridosamente vigiado! Nem todas as mulheres pobres concebem de amor illicito, e com que direito negar á indigencia honesta a consolação nos seus soffrimentos, o allivio nas suas dôres! Mas quando mesmo a concepção seja o effeito de laços

illegitimos, quem não vê quanta miseria, e muito mais miseria que aquell'outra, pôde ter havido nessa união, que a moral de certo reprova, mas que a caridade lamenta e deve soccorrer! Castigaremos com indifferença e desprezo a innocencia seduzida e abandonada do mesmo modo que o vicio escandaloso e devasso! Exporemos á reprovação publica o erro humilde, e talvez arrependido, do mesmo modo que accusamos o delicto immundo e pertinaz? Não pôde ser. A lei moral reprova em these certas acções, que a caridade christã considera apenas como fraqueza da organização humana: e seria o cumulo dos absurdos querer legislar contra a Providencia.

Em quanto a sociedade se mantiver sobre as bases actuaes da sua constituição, é força entender, que de todas as economias mais razoaveis e poderosas será a caridade a mais poderosa e razoavel. Não vivemos nós entre esses povos em que a densidade da população está reclamando extraordinarias providencias: Malthus não podia ter nascido senão em Inglaterra. Se é verdade pois, que no banquete da vida todos em Portugal podem ter o seu talher, não regatiemos o obolo da caridade, abandonando nossos irmãos aos horrores da miseria, e aos horrores ainda mais horrorosos de uma infamia mal cabida. Porque o vicio arrastou para o grande abysmo algumas almas, nem por isso tambem as havemos de desprezar: a luz da razão perdida pôde tornar a accender-se, a vergonha dos sentimentos abandonada pôde tornar-se a recobrar-se: a primeira mulher tambem foi tentada, e o genero humano nem por isso deixou de rehabilitar-se. Quantas a miseria atirou ao fundo! Quantas a innocencia enganada, quantas o exemplo e a depravação do seculo, quantas a cegueira da obediencia filial, e ás vezes um motivo de mais sublime pasmo, em que a virtude é o guia, o fio conductor para o crime! A todas essas a caridade dê a mão para se levantarem, a todas erga e chame para o seio de Deus e dos homens, a todas soccorra e allivie em suas affeições.

Estes motivos por certo não escaparam á administração, e d'ahi procede a prudentissima reserva que tem guardado relativamente á admissão das mulheres gravidas. Ha mesmo quem diga que os regulamentos já são exigentes e rigorosos em extremo obrigando a certas inquirições, de que se pôde offender uma melindrosa e mal aventurada honestidade. Entretanto bom é que se saiba que taes indagações são apenas uma leve demonstração da vigilancia da auctoridade, uma cautelosa e indirecta restricção ás francas admissões. As mulheres não ignoram, que alli tem de articular o seu nome, filiação e naturalidade, estado e profissão, e isto é quanto basta para que muitas prefiram occultar domesticamente a offensa que fizeram á honra que deixal-a perpetuamente estampada nos registros do hospital. A administração nunca passou além destas simples averiguações, nem consentiria, que alguém estranho as fizessem. Até aqui apenas tem servido para a estatística do estabelecimento. São pois infundados todos os receios que pôdesse haver a semelhante respeito.

Este systema, digamol-o francamente, não pôde deixar de ser louvado. Entretanto, de todas as mulheres que annualmente se recolhem á enfermaria de Santa Barbara, apenas algumas em numero mui diminuto, levam os filhos quando saem; a maioria entrega-



os logo depois ao zelo da caridade publicã. O numero dos infantes, que todos os annos vae do hospital para a misericordia é por extremo consideravel, e reclama imperiosamente a sollicitude da auctoridade. Escuso demonstrar a ponderação deste gravissimo facto! Basta recorrer aos registos do estabelecimento, e apresentar a estatistica desta especie de expostos.

Eu extrahi para estas reflexões apenas o numero dos que nestes ultimos vinte annos tẽem sido enviados para a casa da misericordia.

Em 1832 foram	120
» 1833 »	106
» 1834 »	97
» 1835 »	100
» 1836 »	422
» 1837 »	148
» 1838 »	150
» 1839 »	140
» 1840 »	128
» 1841 »	177
» 1842 »	162
» 1843 »	183
» 1844 »	170
» 1845 »	201
» 1846 »	200
» 1847 »	245
» 1848 »	210
» 1849 »	200
» 1850 »	211
» 1851 »	216
» 1852 »	180

Já se vê quanto é consideravel o numero destas exposições. Olhando para os algarismos referidos nota-se que a quantidade dos expostos vae crescendo successivamente, de 1832 por diante. Esta proporção não é continua nem regular, faz-se interpoladamente, mas comparando os dois annos extremos de 1836 e de 1847, observa-se uma differença para mais de 145 expostos, proporção que não coincide de certo com o augmento da população. Por outro lado se attendermos ás epochas em que as variações politicas tẽem produzido grandes abalos no paiz, achar-lhes-hemos o effeito nos citados algarismos com uma regularidade admiravel. Escuso de os citar, porque os factos são contemporaneos e estão na memoria de todos. Limitar-me-hei a este simples apontamento — logo depois da restauração de 1833, o numero das exposições baixou á medida que se robusteciam as esperanças do paiz com a nova lei politica; em 1847 a quantidade dellas subiu espantosamente, e todos sabem e lamentam as desgraçadas occorrencias dos annos anteriores. Posto que a estatistica que apreento não tenha o valor provavel das induções tiradas dos grandes numeros, a coincidência que notei salta a todos os olhos. Estou quasi certo que a grande estatistica da santa casa da misericordia não invalida neste ponto a pequena estatistica do hospital. Eu sei que ha muitos outros elementos que podiam influir para o progresso das exposições, no entanto, como a miseria é a primeira e principal causa dellas, a estatistica neste ponto vem dar razão ás conjecturas.

Dividindo em periodos quinquennas o numero dos expostos a partir de 1833, vê-se que entraram

de 1848 a 1852.....	1017
de 1843 a 1847.....	999
de 1838 a 1842.....	787
de 1833 a 1837.....	873

Somma... 3346

Aqui a proporção é muito mais visivel; a progressão é continua. Comparado o quinquennio de 1833 a 1837 com o de 1848 a 1852 vê-se que o numero dos expostos duplicou, pouco mais ou menos. Isto denuncia claramente um soffrimento, um estado lamentoso, que é necessario estadar, partindo sempre do principio que a população não cresce sensivelmente, nem officialmente ha indícios de que tenha augmentado. E agora farei notar que a miseria é o principal elemento que influe sobre esta especie de exposições. Para o hospital, como já apontei, entram mais exclusivamente as mulheres gravidas, que por falta de meios não podem com as despesas, que trazem necessariamente o parto e a criação do filho. As que alli se recolhem para occultarem ás familias ou ao publico o resultado de uma concepção illegitima, são em numero diminuto, como pela pratica tenho observado, e não influem nem alteram aquella consequencia.

As estatisticas geraes dão para as creanças no 1.º anno da existencia 25 por cento de mortalidade; e entre os expostos de metade pouco mais ou menos. Destas 3346 que do hospital foram enviadas para a misericordia de Lisboa, morreu provavelmente metade, quer dizer 1673, das quaes 887 existiriam ainda no fim do primeiro anno se tivessem sido confiadas ao amor e cuidados maternos.

Esta conjectura, de si já tão deploravel, é ainda agravada pelas circumstancias que dão motivo a taes exposições. Para a roda entram todas as creanças abandonadas por seus paes, qualquer que seja o motivo dessa offensa aos deveres da moral e da religião; aquellas, porém, que são enviadas pelo hospital, procedem pela maior parte de uniões illegitimas entre pessoas miseraes, e trazem communmente em sua organização impresso o resultado fatal da miseria em que foram geradas. A fraqueza da arvore reflecte-se na debilidade e acanhamento do fructo; e vicio que lhe correia as fibras não raras vezes vem estampado em toda a physionomia do filho. Como para castigo providencial dos immundos laços que a religião condemna, tenham o vicio e a depravação por natural herdeiro um ente viciado e arruinado nas fontes da existencia. Eu estou por consequente inclinado a acreditar que se acaso se fizer a estatistica comparativa da mortalidade entre os expostos procedentes do hospital e os das outras diversas origens, se encontrará uma differença sensivel em favor destes ultimos.

Haja, porém, ou não, é certo que a mortalidade dos expostos nas casas de misericordia, não sómente nosos, como estrangeiras, é sempre espantosa apesar de todas as reformas estabelecidas em nossos tempos em todos os asylos desta especie. A questão tem sido estudada pelas administrações, pelos governos, por homens especiaes que se tem dedicado a esta caridade com todo o zelo e amor do proximo

que ella reclama, e está ainda inteiramente por decidir. Os resultados fataes de todos os estudos, de todos os inqueritos, de todas as estatísticas, vem sempre resumir-se a final peste temeroso axioma:—Que a mortalidade é consideravelmente maior nas casas de exposição.

Agora a respeito dos que restam note-se a despesa enorme que a sociedade faz, os poucos recursos de que póde dispôr para esta obra de caridade, e os resultados que obtem. Quando uma instituição, apesar das reformas nella introduzidas, dos melhoramentos que o tempo e a sciencia tem julgado prestantes, não preenche os fins para que foi destinada, não lhe procuremos os vícios e defeitos, para os emendar e corrigir, que é obra quasi sempre inutil, vamos ao fundo do pensamento que a creou, e acharemos então a verdadeira causa da sua improficiência. A machina trabalhava perfeitamente com as molas que lhe puzeram, ainda trabalhou melhor com as que lhe addicionaram: a obra, porém sãe sempre incapaz para os usos actuaes; é pol-a de lado, e fabricar outra diversa. A roda foi inventada como remedio á mortalidade das exposições na via publica, aos infanticídios e abortamentos criminosos. Cremos que como instituição já fez o seu tempo, deu o que podia dar, e brevemente terá de ser abolida. É pelo menos para esta solução que tendem os estudos modernos.

Entretanto esta convicção não está em todos os espiritos; entre nós mesmo onde as questões da caridade começam apenas a ser esboçadas, poucas adheções encontrará aquella providencia radical de que falei; convindo notar que mais que em nenhum paiz cumpre abolir em Portugal o systema que rege as casas de misericórdia.

(Continua.)

## PARTE LITTERARIA.

### O FIM DO SEMESTRE.

#### Estudos biographicos e necrologicos.

POR UM PHILOSOPHO.

#### IX.

A adela conhecia bem o terreno em que tinha de manobrar. Os amuos do sr. Ambrosio eram para ella a coisa mais indifferente do mundo, e, com a vaidade propria do sexo, contava bater o colega nos seus ultimos intrincheiramentos.

— « Então, thia Thomazia, que temos de novo? » Perguntou o usurario, enterrando até ás orelhas um velho barrete de algodão, de que usualmente se servia quando tinha de ficar até mais tarde a esfolar as algibeiras do proximo.

— « Saiu tudo á medida dos seus desejos. Um lá vae pela barra fóra, e a outra ouvi dizer, já esta manhã, que se recolhia a um convento. Está satisfeito? »

— « Quem? Eu?! Ora a thia Thomazia ainda

me não conhece; que interesse posso eu ter na desgraça alheia não me dirá? »

— « Não brinque, olhe que eu ainda sou a mesma. » Replicou a adela, medindo-o de alto abaixo, e conhecendo-se-lhe nos olhos o desejo de romper n'uma daquellas diatribes, que ella manejava com uma verbosidade e proficiencia digna de melhor assumpto, e continuou:

— « Então não querem vêr o santinho! Em que egreja se baptizou Satanaz, não me dirão? Chore um bocado a vêr se o acredito! Ora esta! »

— « Tenha conta na lingua, senhora. Lembre-se que estou em minha casa, e que não gosto de grandes discursos. Intendeu? »

— « Ah! Agora quer metter medo á criança! Sou pouco assustadica, compadre; desde que deixei o berço não temo do papão, e demais senão queria não se mettesse nas coisas. Hei de fallar, hei de fallar, e hei de fallar... »

— « Thia Thomazia não me perca! » Replicou o usurario, dando estalos com os dedos, e mordendo o beijo inferior, o que era no sr. Ambrosio signal evidente de colera.

— « Deixe estar que se não perde, não se assuste; em quanto houver a quem roubar vae o senhor bem! »

— « Roubar! Veja como falla, mulher! »

— « Roubar! Ouviu bem, homem? Então não está hoje todo melindroso. Fez confissão geral, colega? A penitencia dava-lhe eu, e pequena para o seu muito merito—as galés, meu amigo! » O usurario teve suas idéas de a enganar; depois, lembrou-se que os mortos não pagam juros e estre-meceu: por fim não se poudo conter, e, enterrando o barrete quasi até ao pescoço, e ficando com as orelhas escarlates proseguiu.

— « Sem companhia era impossivel, thia Thomazia. Escuso de pôr mais na carta. Se eu sou o que diz, a colega é o que me não convem dizer, e se eu mereço as galés, na costa de Africa ainda cabe á vontade mais uma mulher. Percebe? » A adela impertigou-se n'um momento de despeito, e os olhos, aproveitando-se da occasião, escorregaram-lhe pelo nariz abaixo, dificultando-lhe a respiração, e tornando-a hedionda de feia que já era.

— « Bem, jogaremos com as cartas na meza. Para villão, villão e meio. Eu lhe farei pagar bem caro a insolencia com que um João ninguém se atreve a insultar-me. Deixe estar que as não perde. » O sr. Ambrosio, á palavra pagar, ia caindo sem sentidos; receber, injurias que fossem, era para elle mais suave que a maldita palavra contra que sempre se rebelára. Voltando a si do primeiro pasmo que lhe causára a ameaça da adella, o usurario entrou a pensar que mais valiam as pazes, e balbuciou as primeiras phrases de um armistício.

— « Oiça, thia Thomazia, tenha juizo... »

— « Peça para si, que não pede pouco. » Respondeu a adella, crusando o capote, e dispondo-se a fazer um tal motim que a visinhança não podesse

deixar de accudir, e de vêr pelos seus proprios olhos a miseria do — golphinho — como lhe chamavam no bairro.

— « Já lhe disse, peça para si, que não pede pouco. »

— « Mas, venha cá; que necessidade tem v. mercê de levar as coisas logo ás do cabo, e de se pôr a dizer palavras que realmente um homem de bem não pôde ouvir? »

— « Ah! Começa! Se quer fallar deixe-se de hypocrisias. Commigo perde o tempo. Quem não o conhecer que o compre! Adeus, adeus, temos fallado de mais. Está sempre no seu costume — muita parra e pouca uva! »

— « Tátá... tátá... tátá! Ora v. mercê, thia Thomazia, está hoje como eu nunca a vi: as coisas podem-se dizer de vagar, que necessidade tem a colega de fazer com que a visinhança saiba dos nossos pódrés? »

— « Tão santo não sei de que teme! Eu cá sim, que sou peccadora; mas o sr. Ambrosio só por modestia é que pôde querer que lhe não fallem na vida. »

— « Começamos, collega? »

— « Tomara eu acabar, mas o que eu não sou é tola, para andar dois dias ao seu serviço a gastar as solas dos sapatos, para ainda por cima o senhor se pôr a pregar virtudes, e a fazer dos outros gente de pouco mais ou menos. Não, lá isso está enganado. »

— « Mas, eu não lhe pedi nada... »

Este era o ultimo reducto a que o usurario se recolhia, para vêr se se poupava ao trabalho de abrir a burra, e de remunerar a adella.

— « Não me pediu nada! Então ouvem-no? Que o senhor se apaixonasse era tolice; mas vá. O espelho se encarregaria de lhe demonstrar que com a sua cara era impossivel, e mais tarde ou mais cedo pagaria o seu desvanecimento. Mas, dizer que me não pediu nada! se o amor lhe não levou tambem a memoria, ha de permittir que lhe diga que é uma tremenda pouca vergonha. »

O usurario caiu outra vez das nuvens. A descripção ridicula que acabava de ouvir da propria physionomia tornou-o furioso; e o não se poder escapar das garras da adella de uma melancolia assustadora para os seus amigos, se os tivesse.

— « Pois pedi. Pediria... »

— « Duvida ainda? Faça-lhe a honra de o comparar commigo; nós não costumamos exigir senão o que se nos deve e mais nada. Se me não tivesse mandado em seu serviço, não era por divertimento que eu andaria a correr por essas ruas, mentindo aqui, intrigando acolá... »

— « Disso é que eu não tenho culpa. Replicou o usurario, a vêr se podia diminuir o salario á thia Thomazia. — Que culpa tenho eu? »

— « Toda. Foi para bem o servir que eu esperdicei os meus passos. Como não tinhamos feito preço, quiz servir-o bem para que me não pagasse peor. »

— « Ah! Então a questão é de dinheiro! » Respondeu o sr. Ambrosio fingendo-se admirado, e fransindo o sobrolho.

— « Pois de que havia de ser! De palavras? »

— « Não digo isso, mas de gratidão. »

— « De quem? »

— « Da minha parte. »

Resmungou o usurario já meio desorientado com a logica da adella.

— « Então sempre o compadre foi o servido? »

— « Pois quem o nega? »

— « Até que enfim, apanhei-o. Meu amigo, a gente não anda no mundo por ver andar os mais, e as lições de um tão bom mestre não podiam nunca ser perdidas para um discipulo que não fosse de todo tolo. »

— « Obrigado. Isso é lisonja. »

— « Creio que é sinceridade. Senão veja o que me custou a obrigar-o a confessar que eu fôra simples instrumento dos seus hem combinados planos. »

— « Isso agora é que é modestia! O seu credito está já bem estabelecido, não carecia de mais provas. E depois, nem tudo foi meu. O desejo sim... mas os resultados pertencem-lhe. »

— « Não nego. »

— « Ah! não nega!... » exclamou o usurario, julgando triumphar, por esta vez, da esperteza da sua collega.

— « Não o nego; e por isso vale mais dinheiro o meu trabalho. Idéa, plano, combate e victoria é tudo meu. Gosto de o ver fazer justiça. O compadre faz-se, mas não é mau! »

O usurario hia cahindo da cadeira em que estava sentado. Via diante de si aquelle abutre insaciavel do seu dinheiro, e não sabia como a havia de pôr na rua, nem como a poderia convencer a receber menos daquillo que ella suppunha que lhe devia pertencer. O sr. Ambrosio estava sem pinga de sangue nas veias; meio em delirio, estava quasi a gritar — « Aqui d'El-rei! — quando a sua boa estrella lhe suggeriu de repente um expediente, pouco honroso é verdade, mas pela força dos que usualmente costumava empregar em circumstancias difficeis.

— « Bem, thia Thomazia; pagarei o que devo; o que resta é saber quanto, em o sabendo satisfarei. Vamos, diga. »

— « Eu não costumo regatear. O compadre é generoso, dê o que quizer. Com tudo me contento. » As idéas da adella eram completamente differentes do que as palavras exprimiam, mas fazia em proveito proprio o sacrificio das suas opiniões e sentimentos. O usurario levantou-se e foi direito a uma gaveta — a thia Thomazia estremeceu de prazer.

— « Aqui tem, comadre. Pelo seu trabalho. » E sorrindo com um ar de uma suprema velhacaria, entregava-lhe um relógio de prata que a adella, meia desconfiada, escondeu rapidamente no seio receiando que o collega mudasse de opinião.

— « Então, está satisfeita? Porque não disse logo o que queria, escusavamos de estar a alterc

um com o outro, que foi mesmo uma vergonha. »  
— « A culpa de quem foi? Minha, de certo não, que sou sua amiga, que o aprecio no que vale, que nunca duvidei ser remunerada cavalheiramente... que o conheço de ha muito... »

O sr. Ambrosio sorria. Era chegado o momento da vingança. Os juros estavam accumulados, o capital tinha crescido e augmentado, faltava só fazer a entrega ao jurista. A adella, parece impossivel, estava com uma tal paz de espirito que era para pasmar. Debaixo dos pés se armam os trabalhos. Verá o leitor o desfecho e desmoronamento da antiga sociedade que girava sob a firma do sr. Ambrosio, mas com que não lucrava só elle. Não antecipemos, e assistamos ainda ás despedidas dos dois consocios.

— « Então, adeus, sr. Ambrosio, muito obrigada. »

— « Adeus, collega. Apareça; eu sempre sou o mesmo especialmente para os amigos. » E abraçaram-se.

— « Se tornar a precisar de mim... »

— « Não me esquecerei do seu prestimo. E tornaram de novo a abraçar-se com uma cordialidade e effusão dignas um do outro.

Apenas a adella tinha tempo de chegar ao fim da escada, e já o sr. Ambrosio estava á janella gritando com toda a força dos pulmões:

— « Ai! que me roubaram! — Quem apanha essa mulher!... Fiquei perdido! quem sabe o mais que ella levará — a ladra! »

É escusado dizer que a rua immediatamente se coalhou de gente, e que a adella era entre apupos levada a presença das auctoridades. No burburinho, a adella perdera os oculos, e o usurario ria ás bandeiras despregadas do feliz exito da sua lembrança!

## X.

Vamos satisfazer ao titulo desta historia, dando conta aos leitores do destino que levaram os dois collegas que tão dignamente teem figurado no decurso desta narração.

A thia Thomazia, apenas se viu presa, começou a vociferar contra o collega n'um vocabulario tão fertil e abundante de pragas e termos chulos, que ninguém duvidou um instante que semelhante linguagem fosse a propria da mulher que acabava de cometer um roubo em pleno dia, e que encarava a policia com um estoicismo digno dos seus precedentes. Cada dia porém que passava, era para a adella um terrivel suplicio. Pouco forte da sua consciencia, temia que lhe acontecesse o que por fim lhe succedeu, e que a calumnia do usurario desse margem a mais sérias e mais fundadas suspeitas sobre a sua vida passada. Com effeito a vida da thia Thomazia, de que apenas apresentámos aqui um episodio, era um fertilissimo romance de adroeiros e ruins acções.

Tendo morado em todos os bairros da capital, era-lhe impossivel tirar folha corrida em qualquer

delles. Para remate de uma gloriosa carreira — a thia Thomazia fôra bigama antes de envinvar pela terceira vez! A quasi prophesia do usurario cumpriu-se em toda a sua plenitude — na Costa d'Africa ainda havia logar para mais uma mulher — e a thia Thomazia obrigada a viajar contra vontade não se fartava de contar a quem a queria ouvir os improbados roubos do sr. Ambrosio, e mil anedoctas, repassadas de fel, que se para a justiça servissem de provas eram de levar á forca o antigo alliado da adella. Felizmente para o usurario a thia Thomazia era suspeita nas suas narrações: sem o que não seria impossivel encontrarem-se ambos ainda em clima pouco favoravel aos ataques de asma de que o sr. Ambrosio padecia bastante. Em quanto a este, durou ainda algum tempo depois do heroico exilio da fogosa Cleopatra com quem annos antes vivera em tão santa paz, e sincera harmonia.

A morte porém de um devedor abreviou-lhe a existencia. Perder uns juros era para o usurario um grande golpe — mas perder tambem o capital era uma desgraça superior ás suas forças.

Parece comtudo que morrera arrependido, e legara por testamento uma pensão vitalicia de pão e carne a Generoso, naturalmente remorsos das muitas fomes que fizera passar ao pobre animal. Não se atreveu porém a dispor do resto da sua fortuna, receioso talvez de ressuscitar, e de não ter um capital disponivel para o negocio.

O que parece impossivel é que o sr. Ambrosio achasse tambem quem lhe escrevesse a necrologia, e que entre outras coisas banaes, se atrevessem a chamam-lhe — um exemplar de virtudes!

A terra lhe seja leve.

L. A. PALMEIRIM.

## VII

### DESENGANO.

É o que era o teu amor que m'embalava  
Mais do que meigo som de meiga lyra?  
Um dia o decifrou, não mais, que um dia  
— Fingimento e mentira!

G. DIAS.

Chora, chora minha harpa desditosa!

É teu fado chorar!

Não tens no mundo um coração de virgem,  
Que intenda o teu amar.

Os prazeres, que ao longe me sorriam

Na sombra desmaiaram:

Tudo fugiu! só me ficaram dores,

Só prantos me ficaram.

Julguei donzella que um sorriso apenas

Era a felicidade;

Deste-me risos, e encontrei sómente  
Traição e falsidade!

Julguei que eras um anjo de candura  
Um typo de belleza:  
Eras bella, porém, sob essas fórmãs  
Se occultava a fereza.

E eu te amei tanto; n'esse tempo ainda  
Eras virgem dos céus,  
Amor mais forte nunca o houve, nunca!  
Nem de homem nem de Deus.

E tu sorriste quando a dor amarga  
O peito me opprimia;  
Fizeste-me esgotar inteiro o calix,  
Que em tuas mãos bebia!

Eras tão bella... est'alma era o teu mundo,  
Mas findou-se esse amor;  
Já não quero donzella o teu sorriso,  
Gozei-o, era traidor.

Agora só me resta sobre a terra  
Uma esp'rança sómente,  
Quero meus dias prantear acerbos  
Na minha harpa gemente,

Virá depois a lage do sepulchro  
Meus restos encobrir,  
Livre então d'este mundo o somno eterno  
Sosinho irei dormir.

## VIII

### A ESPERANÇA.

Hope humbly then.....  
Wait the great teacher Deat and God adore:  
What future bliss he gives not te know,  
But gives that hope, to be ty blessing now.

POPE.

## I

Quem és tu, linda flor de minha alma,  
Que assim vens o meu somno embalar?  
Quem és tu, que me dizes se eu amo,  
« Vive, oh poeta. que a vida é amar.

Quem és tu que te mostras em tudo  
Sempre bella doirada de luz,  
Que me levas, me fallas, me animas?  
Quem teus passos na terra conduz?

Quando penso tu pensas commigo,  
Quando folgo tu folgas tambem,  
Mas se choro teus labios teus olhos  
Nem gemidos, nem lagrimas têm,

« Sempre ávante! Caminha, tu dizes,  
« Não, não pares dos homens és rei;  
O futuro te espera, que temes  
Se elle é teu, se contigo serei?

Ergue a fronte, que importam os cardos  
Se por elles á gloria se vae,  
Se te amparo, se firmas os passos  
São do genio que marcha e não cae?

E contigo sonhando eu caminho,  
E por ti oh donzella sou rei;  
Limpo o pranto que as faces me rega,  
Dou aos homens, aos mundos a lei.

## II

Oh! que quadros de amor e doçura!  
Oh! que bello, formoso viver!  
Tu o queres? ávante; caminha;  
Será teu, será teu té morrer!

E caminho, e caminho, e que encontro?  
Só agrura, só fezes, mentira!  
E minha alma descae desfallece  
E frenetica acorda, e delira.

Porque gemes, que scismas, que esperas?  
Marcha, marcha, parar é cair:  
Mais além o teu premio te aguarda.  
E que premio, que premio hade vir!

Negros olhos que firmes scintillam,  
Que a teu peito só sabem fallar,  
E carinhos, e ditos e preces,  
E que beijos de amor, e que amar!

E tudo isso onde está? o que encontro?  
E tudo isso que foi? um sonhar!  
Quem és tu que me dizes « espera »  
Para apenas de mim só zombar?

## III

Não vês tu entre as turbas revoltas,  
Nas cidades, no mundo tua fama?  
Eia ávante! que o sonho é tão bello;  
Eia ávante! o futuro te chama.

Que ha mais alto, mais puro, mais nobre?  
As estatuas, columnas, a historia,  
Vêr tudo isso do chão levantar-se  
Para ao mundo contar a tua gloria!

E que resta dos sonhos formados?  
A verdade, o soffrer, o martyrio,  
Tudo o mais foi um sonho bem louco,  
Tudo o mais foi apenas delirio.

Quem és tu linda flor de minh'alma,  
Que assim vens o meu somno embalar?  
Quem és tu que me dizes a eu amo,  
« Vive, oh poeta que a vida é amar?

Quem és tu? és de Deus a bondade,  
És o bello, o divino, o ideal,  
És o mundo da mente do bardo,  
És o amparo do fraco mortal.

A esperança... a esperança é a vida,  
Só por ella, só quero viver,  
Que inda vejo atravez do futuro,  
Que inda d'elle não posso descrever.

Se um engano só fôr, outro sonho,  
Outro sonho mais bello terei,  
E por ti n'este mundo embalado  
Sempre, sempre feliz vivirei.

E depois mesmo após quando a morte  
Para sempre meus olhos cerrar,  
Terei fé n'outra vida, no Eterno  
E inda n'ella, inda n'ella heide esp'rar.

#### IV

#### HOMENAGEM.

Hail, holy Light! offspring of heaven first born!

MILTON.

Oh! nunca viste, não, do céu, do abysmo,  
Do mar, da terra penetrando o seio  
A donzella immortal de lindas fórmas?  
Nunca lhe viste a face magestosa,  
Onde um raio de Deus vem reflectir-se,  
De fulgor abrasada em meio dos homens  
Luzir, esmorecer, erguer-se ainda,  
Mas cada vez mais pura, mais formosa,  
Sempre donzella, immoredora sempre?  
Nunca a viste de incensos perfumada

Alçar-se ás vezes, imperarem thronos?  
(Pygmeos para seu brilho que na terra  
Não ha diadema que lhe crê a fronte,  
Nem esmeraldas, nem rubins, nem perolas  
Que lhe tapizem do poder a estrada)  
Outras vezes no fundo das masmorras,  
Dos despotas ao mando arremessada,  
Que julgam loucos do soffrer no equile  
Abafar essa voz, que brada eterna,  
E eterna fulge ao som da tempestade?  
Nunca a avistaste? nunca? Oh! como é bella!  
Mas quem lhe pôde vêr as feições todas,  
Notar-lhe as graças, o pudor, o encanto,  
E os aromas beber que se evaporam  
De seus cabellos negros, entrançados?  
Quem lhe pôde sorver o doce alento,  
E n'elle os céus, a infinidade, a vida?  
Poucos, bem poucos: do saber o facho  
Não morre, mais que o fogo sacrosanto  
Das ciosas vestaes arde guardado,  
Como o sol do Senhor, imagem grande  
Não tem occaso dos mortaes á vista,  
Não tem limites, não. O sol não passa  
Talvez de pobre lume, que abrilhanta  
Uma parte do céu; maiores que elle  
Talvez outros vagueem pelo espaço  
Dando luz e calor a mundos novos;  
Mas o saber, a luz do pensamento  
Onde vae estacar, onde sua méta  
Se atrevida transpondo o ar, o abysmo,  
Lá se entranha no empyreo além dos astros,  
E até louca, do Eterno ousa a existencia,  
E o poder devassar? O que é aquelle  
Orbe de fogo, rei do firmamento  
Comparado com esta? Um ponto apenas.

Salve! filha dos céus, imagem santa,  
Da corôa de Deos soentelha eterna!  
Que divagas na terra bemfazeja,  
E fugitiva do eternal assento  
Os divinos prodigios patenteias!  
Se não fosses do céu, como tuas formas  
Não seriam murchadas, talvez mesmo  
Redusidas a pó? Como teu rosto  
Não seria crivado dos mil golpes  
D'esses que ousaram barbaros pizar-te  
Blasphemar do Senhor, deixar-te as aras?

Quando co' pêsso, e o ferro dos guerreiros  
As terras do gigante portentoso  
De medo se afundaram; quando o estrago  
A assolação, a morte, a tyrannia  
Teus altares, tuas obras derrubaram;

Tu não morreste, não; voltaste á patria,  
E do solio de estrellas, em que vives  
Uma faísca ás vezes sobre os homens  
Tu fizeste luzir. Eil-as; de novo  
As terras do Oriente se levantam;  
Mas tu sempre fulguras, não perces,  
Nunca teu brilho, nem teu fogo esvae-se  
Salve! dos céus ó filha sacrosanta.  
Salve! da eternidade eterna filha!

Vês-lo acaso? Lá morre condemnado  
O precursor da santa lei de Christo:  
Lá morre, sim, por ti, por ti sómente,  
Pela luz da sciencia, e das Hellenas  
As lagrimas, as vozes lhe erguem templos.  
Aquelle sobre a enxerga o extremo arranco,  
O extremo suspirar da vida entrega  
E nos braços da morte a gloria avista?  
Nos cadafalsos, no hospital, nos ferros,  
Nos barbaros castigos inventados  
Pelos filhos do inferno, eis como acabam  
Os teus fieis intrepidos cultores!  
Mas se de ti emanações sagradas  
Elles acaso são, vão lá contigo,  
Lá onde o teu brilhar esconde a origem,  
Beber inspirações, beber mil vidas.

Salve! filha dos céus, imagem santa!  
Poucos vêem-te a face, os escolhidos  
São raros; mas quem cego não te nota  
Do perfil uma linha, um só contorno?  
Quem não te avista as roupas alvejantes,  
Quando o páramo o étheres atravessando  
Lanças em teus olhares sobre a terra  
As magicas scentelhas, que despertam  
De emaginar o voo adormecido?

E quem não ama o teu sagrado fogo  
Seja embora atravez de espessa nevoa?  
Quem não ama aquecer-se á luz brilhante  
Do sol, quando da terra a fria neve  
Entorpecido tem os pobres membros?  
Quem costuma escutar do mundo as vozes  
Como não amar á ouvir os hymnos,  
As sublimadas notas que vagueiam  
Pelo espaço e puro firmamento?  
A ti, pois, ó sciencia, a ti meus votos!  
Eu esfriado pelo inverno intenso  
Da athmosphera da vida, a ti meus votos!  
Salve, filha dos céus, imagem santa!  
Da corôa de Deos, scentelha eterna!

JOSÉ RAMOS COELHO.

## COLOMBO

Poema epico de sr. A. Galleano Ravara.

O distincto poeta sr. A. Galleano Ravara, cujo talento é bem conhecido, não só pelo seu *Album Italo-Portuguez*, collecção de lindas poesias, dedicadas a s. magestade el-rei D. Fernando, como tambem por outras composições, com algumas das quaes temos enriquecido as columnas deste jornal, brevemente nos deixará dirigindo-se a Hespanha a offerecer a s. magestade catholica a dedicação do seu poema epico, *Colombo*, que está compondo, e que lhe vae por certo adquirir um titulo honroso entre os poetas contemporaneos.

Consta-nos que o sr. Ravara fôra já apresentado ao ministro de Hespanha nesta corte, que o acolhera com summa benevolencia, e lhe offerecera valiosas recommendações para varias notabilidades politicas e litterarias do reino visinho.

O sr. Galleano Ravara aproveitará esta occasião para introduzir naquella paiz, e mais tarde na Italia, o admiravel methodo de leitura repentina do sr. Castilho, que tantos prodigios tem já operado entre nós.

Se, pois, sentimos por um lado a ausencia do sr. Ravara, cujo merecimento e delicadas maneiras o tornaram estimado de todos, e que com tanto empenho se esmerara em diffundir nesta terra o conhecimento do bello idioma italiano, consola-nos a idéa de que elle vae encontrar uma sorte brilhante, e o futuro de gloria a que aspira.

Em seguida publicámos alguns trechos do poema *Colombo*,—o argumento, dedicatória, e alguns dos versos do 1.º canto, que tivemos o gosto de ouvir lér ao auctor.

DEMETRIO RIPAMONTI.

A Colombo dormente un angiol scende,  
E del Signor la voglia manifesta;  
Di Colombo lo spirito s'accende  
Ed all'impresa con fervor s'appresta;  
Ma Belzebù, che la novella apprende,  
L'opre solerti del Cristian molesta;  
Ed a Genova, a cui que chiede ajuto,  
Aspira la sentenza del rifiuto.

Canto le navi ardite ed il nocchiero  
Che diede novi regni al Sire Ispano,  
Di feroce gentame condottiero  
Ebbe a lottare coll'orgoglio umano  
Nemico incorreggibile del vero;  
Ma le procelle e l'uom sorsero invano  
Contro di lui, chè sul felice acquisto  
Il vessillo immortal erse di Cristo.

A te mi volgo, alma propizia stella,  
Che delle altre maggiore, il firmamento  
Allumi di tua luce casta e bella,  
Quando nel furiar dell'elemento  
Tra le chiome dei turbi, in tua favella  
Hai pel nocchiero un profetante accento,  
Così come dei Magi in sul cammino  
Splendesti guida al Pargolo Divino.

*Dedicatória a s. magestade catholica.*

E tu Regina della terra Ibera,  
 Che d'Isabella le virtudi e'l senno  
 Tieni nell'alma; e tale sei qual era  
 La regal protettrice ch'or l'accenno;  
 Tu che del nome nobilmente altera  
 Ad opre belle hai sempre pronto il cenno,  
 Onde simile attingi a quella il vanto,  
 L'orecchio porgi all'Italiano canto.

Forse tempo verrà nè par lontano  
 Che sul tuo suol, che tanto scalda il sole,  
 Comosso all'operar del Genio Ispano,  
 Io dia l'omaggio a te di mie parole;  
 E sull'arpa fatidica la mano  
 Non tremi più, ma più superba voli  
 La mia canzone al soglio tuo temuto,  
 Ov'ora umil si reca il mio tributo.

Che nella mente stammi alto disio  
 Di volare a te sola un scelto carne,  
 Come sul Tebro o sovra il Po s'udio  
 D'arpe possenti dispostate all'arme;  
 Che se si dica fiacco il plettro mio  
 Tu basti col tuo Nome ad afforzarme  
 L'alte pietà nell'alma tua racchiusa  
 Anche a vate codardo è balda Musa.

---

## NOTÍCIAS E COMMERCIO.

---

**Caminhos de ferro.** — Lê-se no *Semanario de ferro-carriles*, de Madrid. — « As obras da linha valenciana proseguem sem interrupção, e Xátiva terá mui breve á vista as locomotivas que hoje espargem a vida e a alegria nas ribeiras do Júcar.

Alicante sustenta a sua nobre emulação pelo ramal de Almanza, postoque se ache quanto a trabalhos nas modestas proporções a que até agora é permitido aspirar; como indicámos em um dos anteriores numeros, de facto daria esta empreza mostras de pouca actividade, se na construcção da linha se empregasse o largo praso que a concessão estabelece; temos razões de esperar que as locomotivas de Albacete não chegarão a Almanza ou para melhor dizer a Vilbena, sem encontrar os rails que hão de levá-las ao porto de Alicante.

**Momias.** — Um habitante de Santander que no principio deste mez recolhera de uma jornada que fizera até Alar del Rey, referiu terem-se encontrado nas excavações para o caminho de ferro que hade passar naquella direcção, e que se denomina *ferro-carri de Isabel II*, o no sitio de Congosto, quatro momias, uma pedra com inscripções quasi apagadas e algumas moedas dos romanos. Parece que em tempos destes dominadores do mundo, existira a cidade de Oliva naquellas localidades.

**Expedições navaes dos Estados-Unidos.** — Parece que a primeira destas emprezas dispendio-

sas tentadas pela grande potencia americana, partiu já para o Japão, segundo escreve o *Morning Advertiser*, com o objecto exclusivo de entabolar relações de amizade e commercio com aquelle imperio. Leve uma infinidade de coisas que deve offerecer como presente ao imperador do Japão afim de predispor e tornar mais propicias as negociações; e além disso uma locomotiva e os carris para dar a conhecer o serviço de um caminho de ferro áquelle povo, um aparelho telegraphico para inicial-os nos progressos maravilhosos da civilisação; e tambem apresentará ao imperador um daguerreotypo.

Egualmente vae provida de um grande numero de productos fabris para dar uma idéa da industria americana, e vêr se podem facilitar a troca de generos de commercio entre o Japão e os Estados-Unidos.

A expedição que se apronta para explorar os mares da China, o norte do Oceano Pacifico, o do estreito de Behring tem relação com os projectos da esquadra que vae ao Japão. Essa expedição além dos 125:000 duros votados pelo congresso terá os auxilios de um astrónomo, um engenheiro hydrographo, e de um naturalista.

**Fecundidade.** — Na villa de Eixo acaba de dar á luz uma rapariga solteira, por nome *Gertrudes*, quatro creanças, dois meninos e duas meninas! um dos casaes era pegado pelas costas; destas creanças morreram tres.

**Ceremonia religiosa.** — No Porto a procissão da Trindade fez-se este anno com grande fausto, postoque nos anteriores se tenha celebrado com muita solemnidade. Lê-se n'um jornal daquella cidade: — « A figura que representava a Caridade na procissão da SS. Trindade foi a filha mais velha do sr. visconde da Trindade, o cavalheiro que levava pela mão era outra filha mais nova do mesmo sr., e a menina que completava o grupo das 3 era pertencente ao estabelecimento da *Creche*: quando recolheu a procissão foram entregues a esta innocente dois soberanos que cada uma das filhas do sr. visconde lhe entregou.

O hospital da Trindade ainda está publico na proxima quinta feira desde as 3 horas da tarde até ás 7. A concorrência de povo no domingo foi tão extraordinaria que mal se cabia nas diferentes repartições deste estabelecimento que é preciso vê-lo para admirar o acceio e bom gosto com que se acha tudo. »

**Dança de mesas, de chapéus e de pratos.** — Tambem chegou a Coimbra a curiosidade de observar estes admiraveis phenomenos, que tanto tem excitado a attenção da Europa.

As experiencias repetem-se e multiplicam-se todos os dias. É um delirio e uma paixão a que não se resiste.

---

## DECLARAÇÃO.

No artigo sobre a magistratura brasileira, publicado no n.º 28 deste jornal, omittiu-se por descuido o nome do sr. dr. Drumond.



# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 47.

QUINTA FEIRA, 2 DE JUNHO DE 1853.

13.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### DESCOBRIMENTOS SCIENTIFICOS DO SEculo XIX.

#### Galvanoplastica e a douradura chimica.

(Continuado de pag. 543.)

É sabido que para se obter uma estatua de bronze, de ferro fundido ou de zinco, tendo o esculptor fornecido o modelo de barro, tira-se uma prova de gesso; esta ultima serve para preparar o molde de areia onde se vasa o metal. Estas diversas operações carecem de grande trabalho, e não são sem perigo por causa das explosões que podem occorrer durante a fundição; além disso, a copia metalica sahe imperfeita, e requer para ser concluida numerosos retoques e novo trabalho. Pelo processo da galvanoplastica em vez de fazer um molde em relevo com gesso e depois um molde ouco com areia, começa-se por moldar o gesso em concavo, e reveste-se depois de plumbagine o interior deste molde. Mergulha-se então em uma dissolução de sulphato de cobre, e faz-se passar a corrente electrica; quando a camada depositada está de sufficiente espessura tira-se o molde que deixa descoberto o objecto perfeitamente exacto. Se se tractar de um pequena estatua contornada em relevo, de pequena dimensão, tome-se o concavo de cada metade e revista-se de plumbagine, aproximem-se depois as duas metades que se ajuntam com gesso, faça-se communicar tudo com o appparelho voltaico, dispondo de maneira que o liquido penetre no interior do molde e que a deposição metallica se possa ahi effectuar. Se o original tiver grandes dimensões, os vasos que se empregarem deverão appresentar uma capacidade enorme; é melhor nesse caso reunir entre si com cera as diversas partes do molde em concavo, de modo que formem uma certa capacidade ou vão em que se metta a dissolução. As partes separadas que assim

se obtem são depois soldadas a prata ou a estanho. A final estas mesmas soldas são também galvanizadas; para o que basta circumscrever a superficie com mastique de maneira que se forme como uma celha que se enche da solução de sulphato de cobre; mediante a pilha determina-se um depósito de cobre que recama e esconde os vestigios das soldas. Por estes processos é que mr. Soyer executou os baixos relevos galvanoplasticos da sua bella estatua de Guttemberg.

As pequenas estatuas, os baixos relevos, as diversas figurinhas metallicas, que alguns artistas de Paris vão introduzindo no commercio, e que os industriaes inglezes produzem ha muitos annos, são obtidas pelos mesmos meios. Muitas vezes usa-se para occultar o avermelhado do cobre que é de um effeito mediocre, recamarem-se estes diferentes objectos de uma camada de prata pela acção da pilha; e o brilho deste metal lhe dá muito realce e valor.

A applicação dos methodos galvanoplasticos á typographia ainda não tem dado na pratica resultados vantajosos; e não poderá talvez offerecer utilidade segura senão para formar as materias em que se fundem os typos. Quanto a estes nada pôde substituir, no que respeita á economia, os processos da industria actual.

As chapas ou estampas stereotypadas obtem-se por preço tão baixo que é difficil que a galvanoplastica possa fazer-lhe concorrência. É notorio que está em uso imprimir em chapas stereotypas os livros de grande consumo e que não tem alterações, como a Biblia, os classicos etc. Toma-se com o gesso o cunho das paginas de impressão compostas com os caracteres metallicos, poem-se a secar este cunho e deitando-se-lhe a liga dos typos fundidos, obtem-se uma chapa metallica que serve para a tirada dos exemplares. A galvanoplastica poderia talvez intervir para a fabricação deste ultimo cunho, mas nunca o poderia fazer com a necessaria economia.

Estamos chegados ás applicações que mais vi-

vamente atraíram a atenção dos industriaes e dos sabios; isto é o emprego da galvanoplastica em arte da gravura. Vamos achar um complexo de operações mui importantes para formarem um ramo particular das artes electroquímicas, que é hoje designado pela denominação especial de *electrotypia*, que na Alemanha e na Inglaterra está muito adiantado. Em França não se tem conseguido igual vantagem; em geral, as estampas obtidas pelos processos *electrotypicos* alteram-se, deterioram-se promptamente e é difficil tirar dellas bom partido; oxidam-se com uma rapidez deploravel. É isto devido sem duvida a terem-se occupado poucas pessoas nessa parte tão insolita e nova das artes industriaes. Não se attende geralmente em França ás condições necessarias para que as chapas de cobre tratadas pela galvanoplastica hajam de reunir as que exigem os gravadores. Póde, todavia, citar-se com elogio um dos mais intelligentes artistas francezes, mr. Zier, que reproduziu e multiplicou por aquelle meio, e com a maior felicidade, muitas formosas estampas de mr. Calamatta.

Diremos as applicações principaes feitas até agora dos processos galvanoplasticos á arte do gravador. A *electrotypia* permite executar as operações seguintes: — 1.º fabricar chapas de cobre puro para uso dos gravadores: — 2.º reproduzir as chapas gravadas: — 3.º gravar directamente uma chapa de cobre pela corrente galvanica.

As chapas de cobre empregadas pelos gravadores exigem qualidades que os processos da industria actual realisam difficilmente. O cobre, ainda o mais puro que se encontra no commercio, contem geralmente estanho e outros metaes, que difficultam a gravura ao buril e tornam incerta em seus resultados a gravura pela agua-forte. Ao contrario, o metal que se deposita sob a influencia do fluido electrico é de uma pureza absoluta; é portanto perfeitamente appropriado aos usos da gravura.

O processo para obter essas chapas de cobre lisas é por extremo simples. Basta procurar uma bem lisa que sirva de molde, e sobre a qual se determina, mediante a pilha voltaica, um deposito de cobre que reproduz o original exactamente. A chapa de cobre lisa que se quer reproduzir é primeiro soldada pela sua face posterior a uma lamina d'estanho, de chumbo, ou de zinco, que não serve senão para estabelecer a comunicação electrica com a pilha. A pilha mais conveniente é a de M. Smée, que já descrevemos. O sulphato de cobre é posto n'um vaso ou celha vertical de madeira, que contem os electrodos. Algumas manipulações e precauções particulares, ensinadas por M. Smée, que seria difficil esmiuçar aqui e que a pratica demonstra, permitem conseguir-se sem grande trabalho um resultado vantajoso, e ter uma chapa de cobre compacta e lisa, que não ha mais do que polil-a para immediatamente servir aos gravadores.

As chapas de cobre gravadas pela mão do artista não são mais difficeis de reproduzir do que as lisas. Effectivamente, uma chapa, onde se acha traçado o

desenho mais complicado, o trabalho mais delicado e mimoso, póde ser copiada com tanta facilidade como a chapa lisa, pois que a deposição metallica se verifica nos dois casos de modo que reproduz fielmente o original.

Os desenhos gravados em chapas de cobre são profundados, como é sabido, na espessura do metal. Ora, o problema consiste em obter uma copia em concavo. É preciso começar por tirar um modelo em relevo, que serve depois para obter o mesmo modelo em ouco. O do relevo alcança-se operando como acabamos de indicar para as chapas lisas. Este methodo é o mais perfeito e deve ser preferido tratando-se de desenhos mui delicados. Porém, receando-se offender uma chapa preciosa, ou se esta apresentar grandes dimensões, empregue-se o processo seguinte. Toma-se uma lamina de chumbo mui delgada, limpa e bem polida; ponha-se n'um torculo de estampar; por baixo poem-se uma chapa de ferro e por cima a chapa gravada; obre então a acção da prensa ou torculo; e pelo facto da pressão o desenho da gravura se imprime em relevo na lamina de chumbo; e esta servirá de molde para obter-se em cobre galvanoplastico uma chapa em ouco, que reproduz exactamente a original sahida das mãos do gravador.

Tentou-se reproduzir por meios semelhantes as estampas em aço; porém, como a dissolução dos saes de cobre ataca profundamente o aço, foi necessario usar dissoluções de outra natureza. As tentativas até o presente não deram resultados satisfactorios.

Vamos á gravura directa das chapas de cobre pela corrente galvanica. Ninguém ignora que para a gravura pelo processo da agua forte, principia-se cobrindo uma chapa de cobre ou de aço com uma camada de cera ou de verniz, sobre a qual o gravador desenha com um buril fino de maneira que appareça o metal: colloca depois a chapa n'um vaso chato e derrama por cima o acido sulphurico (agua-forte) dilatado em agua. O acido ataca e dissolve o metal até uma profundidade sufficiente para admittir a tinta typographica. M. Smée imaginou substituir a agua-forte pela acção chymica que se exerce sobre um metal quando se poem no polo positivo de uma pilha voltaica.

Todas as operações de que temos fallado até agora se formam no polo negativo da pilha; alli se completam, como se viu, as deposições metallicas. Porém, no polo positivo tem logar outra acção chymica, de que M. Smée mui engenhosamente soube tirar partido. Na decomposição electro-chymica de um sal, ao mesmo tempo que o metal se reduz no polo negativo da pilha, o oxygenio e o acido encaminham-se ao polo positivo, e se com este mesmo polo se communicar uma lamina metallica, esta acha-se pouco a pouco atacada e dissolvida pela acção conjuncta do oxygenio e do acido livres. Este facto, em que M. Jacobi fundou o uso dos anodes, serviu a M. Smée para lograr o curioso resultado de gravar directamente pela corrente galvanica uma

chapa de cobre. As suas recommendações são as seguintes.

A chapa metálica, coberta de cera ou verniz pelas duas faces, recebe como pelo methodo ordinario o desenho feito pelo artista. Esta chapa é então mettida n'uma solução de sulphato de cobre posta em comunicação com o polo positivo de uma pilha; o circuito voltaico é completado pondo em relação com o polo negativo uma chapa da mesma dimensão da que ha de gravar-se. A decomposição não tarda a effectuar-se; o oxygenio e o acido sulphurico dirigem-se para a chapa e dissolvem o cobre nos pontos onde os traços estão marcados.

Esta maneira tão nova de gravar offerece segundo o auctor as seguintes vantagens. Evitam-se as exalações nitrosas que se desenvolvem no processo ordinario: — a acção é mais uniforme do que por meio do acido: — os concavos produzem-se mais rapidamente e com maior perfeição, e se lhes pode dar toda a profundidade necessaria: — os traços são muito mais pronunciados; — não se desprende bolha alguma de gaz, quando no processo ordinario numerosas bolhas adherem ao metal e trazem consigo desigualdade d'acção.

O emprego de processos analogos aos da gravura galvanica deu azo a conseguir-se o resultado curioso e interessante de transformar uma chapa do daguerreotypo n'outra propria para a gravura, e podendo servir para dar pela tirada no torculo provas em papel da imagem daguerreotypada. Uma prova photographica é composta de relevos formados pelo mercurio, que representam os claros, e de partes planas que constituem as sombras, que não são mais do que a prata da lamina metálica. Fazendo-se a deposição do cobre sobre estas imagens, tomadas como moldes galvanicos, os relevos se tornarão oucos e reciprocamente; de sorte que tirando provas em papel destas estampas recamadas de cobre, os claros ficarão sombras e viceversa. Mr. Grove chegou a desempenhar estas condições de um modo satisfactorio servindo-se da chapa daguerreotypa como anode ligado ao polo positivo da pilha, e mergulhando n'um liquido de tal natureza chimica, que ataca o mercurio e respeita a prata. O liquido que faz este effeito delicado, deixando a prata intacta e dissolvendo o mercurio, é o acido chlorhydrico dilatado em agua. Graças ao emprego de precauções e cuidados particulares, indicados pelo physico inglez, pôde-se transformar uma estampa ou chapa daguerriana em uma chapa de gravador, e a tirada della dá no papel uma prova em que se pôde gloriosamente escrever: — « *desenhada pela luz e gravada pela electricidade.* »

Revistámos rapidamente as applicações diversas que até agora se tem feito da galvanoplastica. Foi mister deixar muitos factos do mesmo genero, porque a pratica ainda não comprovou sufficientemente a sua valia. E' impossivel por ora prever o logar que estes processos hão de occupar na industria moderna. No começo de um invento nascente é des-

arrasado discursar sobre o futuro. Entre os processos e aperfeiçoamentos da galvanoplastica que vemos quoidianamente ha taes que serão destinados, talvez, a operar uma revolução na metallurgia actual; e outros que nunca passarão de brinquedos recreativos.

Em França, a galvanoplastica tinha feito timidos ensaios; porém, ha quatro annos tem adquirido importancia; a destreza e gosto de alguns artistas afinal triumpharam da indifferença do publico. Mr. Zier levou ao mercado algumas peças de grandes dimensões e notaveis pelo bem acabado e delicadeza, e que neste ponto excedem muito os productos do cinzel e da fundição. Vimos na sua officina um exemplar reduzido da columna Vendome, de nove a dez palmos de altura, que é bastante para presumir-se o que de futuro se pôde esperar do emprego da electricidade applicada á reproducção plastica.

Outros artistas executam em Paris obras de pequenas dimensões que permitem apreciar-se o grau extraordinario de mimo e perfeição do moldado que é a propriedade especial das reproduções galvanicas. Aham-se hoje no commercio carteirinhas de dinheiro (*porte-monnaie*) de luxo, cofresinhos ou caixas etc., revestidos de uma chapa galvanoplastica de cobre prateado, e que tem convidado o gosto do publico. Tudo isto ainda não é coisa assaz grave sob o aspecto industrial, e não pôde ainda rivalisar com os productos do mesmo genero tão variados e tão numerosos que se encontram em Inglaterra.

Os obstaculos (conclue o doutor Figuier) que retardam entre nós o desenvolvimento da electro-chimica nascem sobretudo da existencia das cartas de privilegio que trazem a esta industria nova toda a casta de difficuldades e hesitações. Quando os alyarás para a douradura e prateamento galvanico e para certos processos de molduragem galvanoplastica definitivamente cahirem no dominio publico, não se duvide que a galvanoplastica industrial haja receber logo consideravel impulso.

(Continúa.)

#### ABAIXO A RODA DOS EXPOSTOS:

(Continuado de pag. 546.)

A roda, por qualquer lado que se considere a sua influencia, não pôde subsistir; todas as considerações moraes e economicas se levantam contra ella. Se uma ou outra vez encobre a deshonra de uma familia, ou de uma innocente seduzida por falsos e insidiosos protestos, é um continuo incentivo á desmoralisação, um perpetuo alimento aos desvarios das paixões, uma provocação ao vicio, á ociosidade, ao esquecimento e desprezo das leis divinas e humanas. A mulher não se defende, e busca na roda o véu para occultar a sua deshonestidade; o homem multiplica insidias para satisfazer os seus desejos imprudentes. Da seducção

á desonestidade, e da desonestidade ao vicio publico e asqueroso não vae mais que um passo; a fraqueza, o exemplo, a miseria obrigam, arrastam a dal-o; a roda encobriu a primeira queda, provocou a segunda, desculpou as outras, e todas, foi rasgando e abrindo as bordas do abysmo, atirando a final a innocente dos primeiros dias para as fauces do grande monstro da prostituição. Reparemos: — por cada uma que levanta, outra submerge: conservou esta no credito dos homens, arremeçou aquella ao desprezo do mundo; agora deu a mão á virtude para que se rehabilitasse do seu esquecimento momentaneo, logo aplanou-lhe o caminho para escorregar até á infamia; hoje velou pela honestidade e honra das familias, amanhã dá-lhe em espectáculo o maior e mais repugnante dos opprobrios, a morte de todo o pudor, de toda a honestidade.

Declama-se em nossos dias contra o socialismo, e communismo em nome da ordem estabelecida e da divina moral de Christo; porque entre outros maleficios pretende abolir a familia. Se, em vez desses braços miseraveis e ineptos contra uns pobres reformadores, quizessem abrir os olhos, veriam na instituição da roda a mais directa e flagrante condemnação da existencia da familia. Abra-se o dique á torrente dos desejos; cada um ponha fogo em sua alma, e deixe arder em lebedas as suas mais freneticas paixões, rebaixe-se o homem á condição de animal; não se lhe dê do dia de amanhã: a familia é o individuo, a roda tomará conta de seus filhos, a communidade determinou adoptal-os. Se isto não é a abolição da familia, o mais socialista e communista de todos os communismos e socialismos, podem os declamadores e defensores da ordem metter os seus argumentos na algibeira que me não sei haver com elles. As leis civis e religiosas impoem deveres ao matrimonio, e a roda com uma só volta desliga dos mais sagrados delles. A lei e a religião dizem que o filho é da familia, a roda responde que basta ser da comunidade; a sciencia diz que o novo ente precisa do primeiro leite e do primeiro amor de sua mãe; a roda tracta a sciencia de visionaria, e confia o filho do homem aos affectos de uma cabra, ou aos affectos ainda mais animaes da mercenaria que se apresenta para lhe dar o alimento. E depois corrida a volta fatal, eis-o ahí desherdado de uma familia, de um nome, o que não teve culpa do seu nascimento, da deshumanidade de seus paes, do vicio das instituições. Uma vez homem, quem são os seus amigos, os seus parentes; onde o tumulto d'aquelles, cuja perda deve sentir, cuja memoria respeitar? E o numero tal dos registos, os outros numeros são os seus irmãos. Mas não choreis, pequeninos; no céu está o Eterno Pae. Esse que não conhece legitimos nem engeitados, o que proferiu aquellas divinas palavras: — deixae-os vir para mim. — Se a alma é boa, se a educação se não esqueceu della, se o exemplo a não levou para o caminho da perdição, o engeitado póde ser ainda um cidadão prestadio á comunidade. Entretanto estes são raros, mais raros os que deixaram nome na republica. A grande maioria vegeta na ignorancia e na bruteza; muitos saltam da tutela da sociedade para o banco dos tribunaes. Os engeitados formam como uma raça separada do resto do genero humano; são uma especie de escravos, que á imitação dos an-

tigos pertencem á sociedade. Raça sem familia, sem nome, que se liga ao resto dos homens sómente pela similitude da physionomia, que se reproduz e perpetua a si propria, como a herva má dos campos; e que, assim como esta soffoca a vitalidade da outra vegetação, assim ella se infiltra na sociedade, sugando-lhe as forças, amortecendo-lhe o viço; abatendo-lhe a energia e vivaz reprodução. Não ha povo que lhe resista. O engeitado não é desta ou daquella terra, deste ou d'outro paiz: filho sómente de Deus, o mundo é todo seu; que amor quereia pois que tenha ao solo em que uma mãe despidiosa o depositou, ás instituições absurdas, que consentiram tamanha deshumanidade, e que nem lhe permittem a averiguação de sua familia! Escusas de procurar, engeitado! Os registos do asylo são mudos, não tiveram olhos nem ouvidos, quando te vieram introduzir na roda fatal; uma volta, e perdeste pae, mãe, familia, herança, nome, amor, affectos, tumulto; tudo; desde esse momento teu pae é só Deus, tua familia és tu só, a tua herança o trabalho, o teu nome um numero, o teu tumulto a terra, onde te achares, quando o destino tiver cheia de tuas lagrimas a taça da tua existencia. És captivo sem redempção: tua mãe para se rehabilitar condemnou-te! estás pagando o peccado original.

Quando assim o homem é obrigado pelas instituições a renegar da vida, apenas tem della consciencia; quando para manter uma falsa theoria da virtude, um systema problematico da honestidade das familias, a sociedade o condemna pelo crime que não commetteu, quando lhe nega e subtrah, com o especioso pretexto da paz e tranquillidade domestica, todos os meios de rehabilitação, é escusado impôr-lhe deveres, a sua razão revolta-se, será um inimigo occulto, prompto a lançar-se em todas as perturbações, em todas as desordens, em todas as luctas que possam aluir e arruinar o edificio social. Na guerra á propriedade o que tem elle a perder? Ignora o que seja; sabe só que ha muitos ricos, e que elle não tem nada. Na guerra á familia, que lhe importa? Elle não tem familia. Na guerra á liberdade, á ordem estabelecida, ás instituições? Elle, escravo dessa liberdade, dessa ordem, dessas instituições, que o condemnaram, que respeito terá por ellas, porque titulo as defenderá!

Assim, em nome da religião atacada em sua divina essencia, em nome da moral offendida, do credito da administração, da economia da republica, da paz e tranquillidade das familias, do respeito humano, da liberdade humana, da civilisação ameaçada, do espirito do seculo, em nome dos homens e em nome de Deus, a roda deve acabar. Encrave-se por uma vez essa machina fatal de desmoralisação e corrupção, como já lhe chamam um escriptor superior. (1)

Mas os infanticidios, mas os abortamentos criminosos!

Não é minha intenção tratar nestas breves linhas toda a questão das exposições; nem ella póde ser estudada com aproveitamento n'um paiz, onde a rotina cega e surda da administração tem seguido *more peducum* os usos e costumes condemnados e reprovados, deixando dispersos e occultos os preciosos ele-

(1) Lord Brougham — *Le tour, c'est la plus belle petite machine de démoralisation que je connaisse.*

mentos que devêra ter colleccionado para a solução de qualquer estudo que áquelle respeito se quizesse fazer. Não ha estatísticas criminaes, faltam as da população; em fim para dizer tudo, vivemos n'uma terra em que o proprio governo não sabe quaes são, e a quanto montam as forças productivas do paiz. Isto diz-se, e não se commenta. As frases fallecem para castigar similhante insulto aos primeiros rudimentos da administração.

Não posso pois dizer o que acontecerá a respeito dos infanticídios e abortamentos criminosos, se a roda vier a fechar-se em Portugal. Em França por exemplo, notou-se que depois de abolida a roda em certos departamentos, os crimes contra a concepção não augmentaram. É presumível que entre nós succederá a mesma coisa. De certo que a Providencia, cuja proficuidade e necessidade agora defeado, tem de produzir um grande abalo na opinião publica, acostumada a vêr na roda um seguro preservativo daquelles nefandos crimes. Será preciso que os receios se aplaquem com uma discussão, que esclareça todos os espiritos, que as apprehensões se desvanescam á vista das estatísticas criminaes, que se obrigue em fim essa opinião publica a voltar para o lado da razão e da humanidade, pondo-lhe diante dos olhos, não a roda, mas o que se passa por traz della, bem patente e manifesto, o quadro horroroso dessa mortalidade incomparavel dos expostos, que todos os esforços das mais habéis e humanas administrações não tem podido diminuir. A roda é o infanticídio indirecto, permanente, legal, é aquella roda de navalhas, em que uma discreta e falsa comiserção vai metter o peçoço dos santos expostos. Digamos a coisa com todo o horror da palavra; a roda é um açougue de creanças.

Em Portugal, em Lisboa, a roda é ainda uma maior e mais perversa immoralidade. Os expostos são sustentados pelas rendas da misericórdia, cuja grande porção provém da sua loteria. A administração faz andar outra roda, tão immundo foco de corrupção como a primeira, sob o pretexto de dolorosa precisão. O abysmo da honestidade, do pudor, e dos deveres humanos, chama o abysmo da imprevidencia, da ociosidade e da immoralidade; o roubo sustenta a infamia. Tributo pesado e insupportavel, porque recae quasi exclusivamente sobre o pobre; tributo immoral, porque provoca á imprevidencia humana; tributo impio, porque anima o povo a adorar a cegueira da sorte, e a probabilidade do acaso, em vez de obedecer á lei providencial do trabalho; tributo audaz e sem vergonha, porque é o unico que se não arreceia de proclamar na via publica, pelo grito repetido dos cauteleiros — quem deseja ser roubado? — A loteria torna ainda mais salientes os vícios da roda dos engeitados. Pasma o espirito e doe o coração ao vêr as primeiras auctoridades da igreja portugueza sentadas em volta de uma mesa, discutindo gravemente a maneira de corrigir as difficuldades para organizar capazmente aquella tentação de Sathanaz! Maravilha o espirito e confrange o coração, vêr os primeiros administradores de Portugal lançando o seu voto para que as loterias sejam bem distribuidas, e não comam os cambistas as economias do povo! Isto succede em Portugal, n'um paiz catholico. Para se acudir ás necessidades que uma instituição viciosa

creda, organisou-se, como já disse, uma immoralidade.

(Continúa.)

## PARTE LITTERARIA.

### UM ANNO NA CORTE.

#### ROMANCE.

#### CAPITULO LVII.

#### FAZ-SE O MILAGRE.

- Viva o sr. infante D. Pedro!
- Viva!
- Viva o nosso principe!
- Vivam as côrtes, que se hão de fazer!
- Queremos as côrtes!
- Viva a rainha!

Estes vivas confusos, repetidos, multiplicados por milhares de vozes, enchiam o ar de mugidos, de bramidos discordes, que, levantando-se do Terreiro do Paço, iam excitar ou a esperanza ou o susto nos corações dos que dentro do palacio real os estavam escutando.

— Viste como Sua Alteza ia bonito no seu cavallo negro? — dizia uma mulher nova a outra que tinha ao lado.

— Ia bonito! É um rapaz, como se quer! — respondeu a outra.

— Viva! — gritavam ambas, acompanhando os clamores do povo.

— Que differença entre elle e El-rei? Em!

— A rainha tem razão. Eu se fosse a ella já ha muito não vivia com o marido.

— Ora ahi está o que se chama fallar bem, sr.<sup>a</sup> Joaquina! — interrompeu o rotundo Fr. Antonio da Redempção, que escutara esta conversação. A voz do frade estava rouca; porque Fr. Antonio não era dos que menos tinham gritado naquella memoravel manhã, em que, depois de sair da corte o Conde valido, o Infante foi pela primeira vez recebido por seu irmão; mas soubera dar-lhe tal doçura, que a sr.<sup>a</sup> Joaquina voltara para elle uma cara, em que o riso punha a descoberto duas ordens de dentes brancos como jaspe. — Eu bem sabia que a linda taberneira da taberna do Salpicão não podia pensar d'outro modo.

— Ora conte-nos, sr. Fr. Antonio, o que se diz da ida de Sua Alteza ao paço? — perguntou a sr.<sup>a</sup> Joaquina.

— O que se diz? Diz-se, que El-rei o recebeu por ter medo cá do povo; e que nem lhe quer dar uma palavra, nem quer que o sr. Instante lhe falle.

— Máu homem, máu homem é El-rei! — acudiu a companheira da Maritorna do Salpicão.

— Lá isso é que não tem duvida que elle é. Mas as côrtes hão de pôr cobro a tanta maldade. Queremos côrtes! — gritou o frade, com a voz já quasi extincta.

— Queremos côrtes! — repetiram os que estavam em roda delle, e que sós o podiam ouvir.

Mas o grito assim transportado, como por ondulações successivas, encheu n'um instante a praça inteira.

O povo estava apinhado debaixo das janellas do paço, e apesar dos terços de infantaria que ainda se conservavam na praça, soltava a cada instante os seus gritos sediciosos, lançava injurias contra os nobres que seguiam o partido de Affonso VI, e até contra o proprio rei, e tinha mesmo por duas vezes levado a ousadia a ponto de entrar nos pateos, e de invadir as escadas do palacio regio; sendo preciso para o obrigar a retirar-se o emprego de violencias. Havia, porém, no Terreiro um espaço cuidadosamente guardado por uma linha de soldados, onde o povo não tinha penetrado; nesse espaço levantava-se uma singella e lugubre forca, de que pendia, esperando pela victima, a corda, que o vento sacudia a cada instante. Era naquella forca que devia ser supliciado o arrieiro atrevido, que ousara assassinar um criado da rainha; e o povo, que estava alli para salvar o reino e a rainha das tyrannias d'El-rei, respeitava o lugar onde se ia executar uma sentença, que fôra dada para satisfazer os desejos da offendida princeza. Era deste modo que Antonio de Belem e a casa dos vinte e quatro ensinaram a pensar os officiaes dos differentes mysteres, e consequentemente o povo de Lisboa.

A entrada de D. Pedro no paço foi uma entrada triumphal. Acompanhado pelos fidalgos, que o tractavam como se elle fosse já o rei de Portugal, cercado do povo que o victoriava como se elle tivesse salvado a patria no campo de batalha, Sua Alteza penetrou no palacio de seu irmão, não como vassallo mas como senhor; e os seus proprios inimigos pensaram, com terror, que já nada podia impedir, talvez, que elle usurpasse, pela intriga, a seu irmão o throno, que D. João IV conquistara com as armas aos hes-

panhinhos. Depois que Sua Alteza desapareceu da vista do povo, este não cessou de dar vitas, e de soltar clamores, até que o som lento e triste de uma campainha veio chamar-lhe para outro objecto as attensões.

O som, lamentoso como um grito de angustia, vinha da banda das Fangas, e pouco a pouco aproximava-se do Terreiro do Paço. Parte do povo, movido por uma curiosidade cruel correu ao encontro do funebre prestito, que aquella agourenta campainha precedia. Os officiaes da justiça em nome da barbara e despiadosa lei, a irmandade da misericordia em nome da caridade ohristã, conduziam o desditoso Francisco d'Albuquerque á forca. O confessor do condemnado, que o acompanhava naquella fatal momento, prodigalizando-lhe as consolações da religião, e aproximando-lhe a cada instante dos labios um crucifixo que trazia na mão, era o jesuita Manuel Fernandes. Via-se no gesto e na expressão do rosto do padre, que as suas palavras deviam ser repassadas de unção. Francisco d'Albuquerque, com os olhos fitos no céu, o passo firme e seguro, sem mostrar nem terror, porque tinha pura a consciencia e se sentia innocente, nem orgulhosa e estulta coragem, porque sabia o valor daquelles minutos de vida que lhe restavam, escutava atento o padre Fernandes.

Quando entraram, porém, no Terreiro do Paço, o confessor e o penitente esqueceram um instante a oração para pensarem nas coisas mundanas; porque um é outro percorreram com olhos, em que transluzia a avidez da curiosidade, a immensa praça. O jesuita, depois de estudar, por assim dizer, n'um relancear da vista a physionomia do povo, e de reconhecer que n'aquellas ondas de homens rugia já vagamente uma tremenda tempestade, voltou os olhos para o Tejo, como se buscasse no rio alguma coisa que vivamente o interessava: e, se buscava alguma coisa, encontrou-a de certo, porque um clarão de alegria lhe illuminou instantaneamente o rosto. A alegria passou com tudo rapida como o relampago; a fronte do padre carregou-se outra vez de severa tristeza, e as orações, os conselhos ao penitente um momento interrompidos, continuaram no mesmo tom devoto e compungido, com que haviam sido feitos, sem interrupção, desde o Limoeiro até ao Terreiro do Paço. Francisco d'Albuquerque, esse não procurou conhecer se o povo estava ou não disposto a revolucionar-se, nem tão pouco se alguma barco mysterioso vogava pelo Tejo; os seus olhos buscavam uns olhos compassivos, o seu

oração buscava um coração que sentisse com elle as magoas que o ralavam. Era o amor, que se acendia pela ultima vez n'aquella alma já sem vigor, e que acordava nella a mais acerba das saudades, a saudade que tem por futuro uma ausencia que dura por toda a eternidade. Os olhos do angustiado Albuquerque não encontraram senão o odio, a cholera, ou a indiferença em toda a gente em que se fitaram; o que elles queriam achar não estava alli. Só no meio da multidão, que o julgava criminoso, e esperava quasi com impaciencia o momento de o ver subir a uma forca, onde havia o misero achar allivio á sua immensa dôr? No céu. E foi com o espirito elevado a Deus, e absorvido nos fervores da oração, que Francisco d'Albuquerque seguiu, quasi automaticamente, a fatal procissão até ao pé da forca.

O povo correu todo para ver passar o terrivel prestito, e cercou, apinhando-se, o espaço onde estava levantado o poste fatal, e que era difficilmente guardado pelos esforços e ameaças dos soldados armados de piques e de mosquetes. No seu desejo de ver aquelle espectaculo repugnante e atroz, que a justiça, em nome da moral e para provar a sua solicitude em purificar os costumes publicos, lhe estava preparando, a multidão esqueceu o seu amor ao Infante, o seu odio ao valido, e a sua esperança de salvar a patria, alcançando d'El-rei a promessa de convocar a côrtes os tres estados do reino. Aos gritos, aos vivas, aos clamores succedeu por alguns minutos aquelle sussurro sem palavras, ora crescente ora decrescente como o bramido do mar batendo ao longe n'uma longa praia de areia, esse sussurro temeroso que é o silencio das multidões.

O padre Manuel Fernandes, vendo o povo abandonar o paço e voltar as suas attensões para a forca, cujas escadas o carrasco ia lentamente subindo, distraiu-se de novo, esqueceu outra vez a oração, e olhou, agora mais ancioso do que ao entrar no Terreiro do Paço, para o Tejo; onde uma fálua vogando com as vélas todas ao vento, e impellida pela força combinada de quatro remos, se vinha aproximando com velocidade do cáes. A rapidez com que a fálua caminhava não pareceu satisfazer-o, porque duas rugas profundas lhe sulcaram a testa, dando-lhe a physionomia uma expressão de anxiedade e de colera. O jesuita encontrando então entre a multidão o capitão Aniceto Muleta, que tambem se aproximára para ver de perto representar a outra scena, que elle proprio estivera já a ponto de representar

em Fronteira do Alemtejo, fez-lhe um signal quasi imperceptivel, mas tão imperioso que o sr. Aniceto recuou assustado.

Quando o fizeram parar ao pé do fatal poste, Francisco d'Albuquerque teve um sobre-salto como se um pesadelo doloroso o houvera acordado subitamente; os seus desvairados olhos fixaram-se um instante, com horror, no braço descarnado como o de um espectro, que lhe balançava sobre a cabeça a corda, que devia ser o instrumento do seu supplicio, já disposta pelo algoz n'uma laçada ameaçadora; mas depois, dirigidos por um poder mais forte do que o proprio susto da morte, buscaram outra vez no meio do povo, mas em vão, os dois entes amados, que o pobre Francisco não podia crer o houvessem abandonado naquella hora suprema.

— Não vieram! — exclamou elle baixo ao ouvido do padre Fernandes. E na sua voz tremula havia mais dôr do que no ultimo gemido de um moribundo.

— Hão de vir, irmão — respondeu o jesuita, tambem em voz baixa.

— Tarde. Daqui a um instante... — Francisco d'Albuquerque completou o seu pensamento olhando para o carrasco, que se vinha aproximando delle.

— Deus terá misericordia da innocencia — disse o padre. — Ajoelhae, irmão — proseguir em voz alta — e recebei a ultima benção, que vos quero lançar em nome do Senhor, que conhece a vossa innocencia.

Quando Francisco, de joelhos já, esperava humildemente, e com as faces molhadas de pranto a benção do jesuita, dois homens, correndo, atravessaram o Terreiro do Paço, a gritar:

— Mataram o sr. Infante! Os traidores mataram o nosso Principe!

Se subitamente caisse uma bomba no meio daquelle povo amontoado, não teria de certo causado maior desordem do que produziu o grito pavoroso de Aniceto Muleta e de Diogo Cutilada, o velho sebastianista que sempre andára ao serviço do capitão Francisco d'Albuquerque, e que, nesta occasião funesta, se pozera ás ordens do astucioso miliciano, na esperança de salvar seu amo. O povo, com rugidos de colera, e gemidos de angustia, precipitou-se sobre o palacio real, e, a não ser a rapidez com que fecharam as portas os soldados que as guardavam, o paço teria sido invadido pela multidão.

— Queremos ver o sr. Infante!



- Matemos os traidores!
- Demos cabo de tudo!
- Fogo ao palacio!
- Arrombem as portas!

Estes e outros clamores eram acompanhados de pragas, imprecações, e insultos a todos os partidarios d'El-rei. Em quanto a maior parte do povo dava largas á sua colera, soltando estas vozes de furor, outros mais activos, e de um espirito mais practico e positivo, lançavam contra as portas pedras, ou mettiam-lhe os hombros para as arrombarem. As portas começavam a estalar, a gemer e a dar signaes de que não fariam longa resistencia aos esforços da plebe, que a colera animava, quando uma das janellas mais baixas do paço se abriu, e a ella appareceu um dos corregedores da corte.

— Calem-se lá! Silencio! — gritaram os do povo, que viram assomar á janella o representante da justiça.

— Não descancem sem deitar dentro a porta.

— Não dêem ouvidos ao béca! — clamaram outros.

O corregedor repetiu por muitas vezes, com toda a força dos seus robustos pulmões « Em nome d'El-rei... » antes de achar quem lhe desse attenção; mas por fim sempre alcançou que os homens de prudencia, em grande maioria naquella reunião popular, como em quasi todas, lhe prestassem attenção.

— Em nome d'El-rei — principiou elle, pela centessima vez — ordeno a todos os que presentes estão, que se afastem para longe das portas do paço...

— Abaixo o corregedor. Fóra o béca. Matem o traidor! — rugiu uma parte da plebe, em tumulto: e, uma pedra, lançada por mão temeraria, foi quebrar um vidro mesmo ao lado do corregedor. O juiz fez-se branco como a cambraia da sua ballona, mas proseguiu, logo que o tumulto diminuiu outra vez algum tanto:

— El-rei, para socegar a inquietação do povo, que traidores tem desasocegado com intrigas e calumnias, dignar-se-ha apparecer á janella do palacio na companhia da Rainha, e de seu augusto irmão o sr. D. Pedro.

— Viva El-rei! — clamou todo o povo.

— Viva o sr. Infante!

— Viva a Rainha!

— Viva o corregedor! — bradaram tambem muitos. O corregedor, que começára a sua oração entre insultos, vituperios, e ameaças, acabou-a entre applausos e vivas, e que elle não

deveu de certo, como o leitor póde julgar, á sua facundia.

Este tumulto tinha tido um effeito util para os projectos do padre Manuel Fernandes, fóra o demorar a execução de Francisco d'Albuquerque; de modo que, quando o corregedor terminou o seu discurso pacificador, ainda o jesuita e o seu penitente fallavam em voz baixa, não da morte que parecia estar já tão proxima, mas das esperanças que, dizia o padre, Francisco d'Albuquerque não devia perder de prestar ainda grandes serviços á religião e á milicia de Jesus, em que a Providencia, sempre benigna com os que nella poem á sua confiança, o fizera assentar praça. A cessação das hostilidades, que se haviam declarado entre a plebe e o paço, não pareceu assustar o confessor do Infante; os seus olhos vivos, e de um notavel brilho, voltaram-se, socegados para o Tejo; e, como visse chegar á praia uma salua, a mesma para que elle tantas vezes olhára já com anciedade, trazendo de pé na prôa um homem vestido em trajes singellos mas nobres, a expressão do prazer lhe animou a fronte severa. Um clarão de alegria se espalhou pelas feições de Francisco d'Albuquerque tambem naquella instante; mas de uma alegria mais nobre, mais pura que a do jesuita. Era a alegria do infeliz ao vêr na hora extrema cumprido o seu ultimo desejo, do desditoso que vê fundir-se todo o horror da morte no calor benefico de uma grande ternura, de um amor sublime.

Com os braços enlaçados, os mantos caídos para os hombros, os bellos cabellos soltos ao vento, Margarida e Thereza, acompanhadas por Fr. Thomaz do Espirito-Santo, atravessavam a passos rapidos o Terreiro, encaminhando-se para o logar onde estava a forca. As duas mulheres pareciam vir cercadas de uma aureola de luz celeste; a esperança, a confiança no céu, que as escolhera para instrumentos de um espantoso milagre; um vivo sentimento de expansiva alegria, a que se misturava ainda a vaga tristeza, essa como sombra de terror que as grandes maguas deixam por muito tempo no espirito, mesmo depois que passaram, davam-lhe a ambas uma tal grandeza, e sobre tudo uma tal belleza, que todos os do povo, que as viam, se afastavam respeitosa e para as deixar passar.

Novos gritos de entusiasmo se levantaram da plebe, quando, neste momento, uma das grandes janellas do paço se abriu de par em par, e n'elle appareceram Affonso VI, a rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, e o infante D. Pedro.



— Viva a familia real! Viva o Infante! Viva a Rainha! — bradou o povo.

— Não mataram o nosso infante! Viva! — gritaram uns.

— El-rei apertou a mão a Sua Alteza! Viva! — repetiam outros.

— A rainha é o anjo da paz, que está entre ambos! Viva! — diziam em altos gritos outros.

— El-rei não faz cara alegre a tudo isto — dizia á sr. Joaquina o nosso Fr. Antonio da Redempção.

— Que hade elle fazer? A rainha tem mais inclinação para o lado esquerdo.

— É verdade — acudiu um visinho. — Olhem como ella se chega para o Infante!

— Aquillo tambem é mal feito — interrompeu outro visinho, homem severo e, ao que parece, amigo da moralidade. — É dar máus exemplos ao povo.

— Cada um chega-se para aquillo de que gosta — disse a sr.<sup>a</sup> Joaquina do Salpicão, chegando-se para Fr. Antonio.

— Tem razão a sr.<sup>a</sup> Joaquina — confirmou este, dando uma cotovelada na gorda taverneira.

Durante este tempo os vivas do povo não haviam cessado. Quando, porém, todos os animos pareciam voltados já para a alegria, eis que nova desordem se levanta na multidão, e a agita de uma á outra extremidade da praça. A colera a furia do povo cresceu tanto mais de pressa, e subiu tanto mais de ponto, quanto a maior parte dos que se entregavam aos paroxismos da raiva não sabiam bem o motivo por que o faziam. E na verdade aquelle novo furor popular era de tal modo injusto, que só a ignorancia e a bruteza de gente rude o podiam explicar, mas nunca desculpar.

Francisco d'Albuquerque, cingido pelos braços de Thereza e da Calcanhares, estava de joelhos a agradecer a Deus a vida, que por aquelles dois anjos lhe mandara. O perdão d'El-rei, que Fr. Thomaz alcançara do capitão Aniceto, tinha-o o padre Manuel Fernandes na mão, e lia-o com pausada gravidade aos officiaes de justiça que estavam encarregados de fazer executar a sentença de morte, pronunciada pelos tribunaes contra o assassino de Estevão de Castilho. Nesta occasião alguns homens do povo, que, desejosos de saborear as agonias de um paciente, e querendo aproveitar-se do espectáculo gratuito que a justiça humana lhe offerecia para seu ensino, se não haviam arredado um paço de ao pé da forca, vendo malogradas as suas esperanças, e tendo reconhe-

cido n'uma das duas mulheres, que haviam trazido o perdão real ao condemnado, a odeada amante de Affonso VI, principiam a bradar:

— Traição! Matta a Calcanhares! É uma injuria á rainha! É uma desfeita ao povo! Fóra a infame! É um escandalo! É uma vergonha para o povo!

E estes gritos foram n'um apice repetidos pela multidão, a qual se precipitou logo sobre os soldados, que guardavam a forca. Estes, vendo-se tão violentamente atacados, prepararam-se para a defeza, e foi o seu aspecto severo e ameaçador quem salvou a vida do condemnado e de quantos estavam em roda delle. Os mais furiosos, porém, dentre os do povo, não ousando, por medo, atacar a tropa que guardava Francisco d'Albuquerque, começaram a arremear pedras contra este e contra a Calcanhares, e de certo teriam feito alguma victima, se o confessor do Infante não viesse em seu soccorro. De pé, cobrindo com o seu vulto magestoso Francisco e as duas mulheres, que se conservavam abraçados e de joelhos esperando resiguados a morte, levantando na mão direita um crucifixo, e estendendo o braço esquerdo com imperio, o padre Mauuel Fernandes disse, com aquella voz sonora e forte com que tantas vezes, pregando, fizera estremecer de pavor quantos o escutavam:

— Parai, homens loucos! — E estas palavras repetidas por duas vezes impozeram silencio aos que estavam ao alcance da sua voz. O jesuita proseguiu: — Parai, se não quereis perder-vos pela colera. Offender um desgraçado, que Deus acaba de salvar por milagre, é offender o proprio Deus. Não levanteis a mão contra os que o Senhor quiz livrar da morte! Escutai as palavras de Jesus Christo, e tremei, como tremaram os que da sua divina boca as ouviram: « Aquelle de vós que não estiver em peccado seja o que lhe arremesse a primeira pedra. »

Os sentimentos, as paixões correm sempre a multidão como se foram correntes electricas; e é por isso que nas revoluções o povo passa quasi instantaneamente da colera á clemencia, da raiva á mansidão, do enthusiasmo ao terror. Não admira pois que aquella plebe rude, em quem a religião tinha felizmente ainda um immenso poder, não ousasse resistir á voz imperiosa do jesuita que fallava em nome de Deus, e ficasse cabis-baixo, humilde e envergonhado dos seus proprios excessos.

Mas não estavam ainda esconjurados todos os perigos, que ameaçavam a vida de Francisco d'Al-

buquerque. Affonso VI e a rainha haviam assistido áquelle tumulto popular, e, mal lhe souberam a causa, ficaram ambos perdidos de colera. Ella, porque julgava que El-rei, perdoando ao assassino de Estevão de Castilho, quizera fazer-lhe uma offensa, e humilhar o seu orgulho de rainha; elle, porque, não se lembrando de haver assignado perdão algum e vendo de mais a mais a Calcanhares abraçada com o condemnado ao pé da forca, diante do povo de Lisboa, deixou os seus instinctos de ferocidade sobrepujarem a sua debil razão.

— Vossa Magestade perdoou, sem mo dizer, ao assassino de um criado da minha casa? — exclamou a rainha com iadignação.

— É falso. Não perdoei. É uma traição. Quero que elle morra — balbuciou Affonso VI, espumando de colera.

— Quiz-me Vossa Magestade fazer ainda esta afronta... Talvez o seu privado, o conde...

— Enforquem-no! — rugiu o rei. — E a ella também, áquella mulher também.

— Ella? — perguntou a rainha. — Quem é?

— A Calcanhares — respondeu elle. — A traidora Calcanharas.

D. Maria Francisca não amava seu marido, antes pelo contrario o detestava; porem, como mulher orgulhosa, que era, tinha um odio mortal a Margarida, a quem attribuiu grande parte das suas desgraças. Voltando-se pois para o Marquez de Marialva, que estava atraz della:

— Vá, Marquez — disse — vá dizer que cumprim as ordens d'El-rei. Sua Magestade não perdoou.

O marquez correu logo ao Terreiro do Paço para obedecer ás determinações de Suas Magestades; e, já elle havia acabado de intimar aos officiaes de justiça a fatal ordem, dizendo que: — « El-rei e a Rainha queriam que o criminoso fosse enforcado, e lhe não perdoavam » — quando um novo personagem, que rompera a custo por entre o povo, impoz com um gesto silencio a quantos o viram, e, subindo dois degrãos da escada da forca, com o mesmo orgulho com que outros subiriam os degrãos de um throno, pronunciou em voz muito alta e intelligivel as seguintes palavras:

— Aqui ninguém precisa de perdão senão eu. Fui eu, que matei, em duelo leal, Estevão de Castilho. Tinha offendido a honra da Rainha, minha senhora, matei-o. Esse que quereis ver expirar nesta forca, está innocente. Não é, como algaveis, um assassino infame, é o capitão...

— É o padre Francisco de Albuquerque, da Companhia de Jesus — interrompeu o padre Manuel Fernandes.

— Luiz de Mendonça! — exclamou suffocado em pranto Francisco de Albuquerque, recebendo nos braços o seu amigo, que acabava de o salvar.

— Luiz de Mendonça! — murmurou Thereza, caíndo desmaiada nos braços da Calcanhares.

— Milagre! — bradou o povo.

— Deus protege o sr. Infante!

— A Providencia quiz mostrar aos máos o seu poder!

— De hoje começa o triumpho dos bons!

— O céu bem claro falla.

— Quer que estes reinos sejam governados por um santo!

— É um milagre de Sua Alteza.

— Viva o Infante!

Todo o povo que momentos antes esbravejava n'um cego furor, agora com fervor religioso desbarretava-se, e curvava respeitoso a cabeça, para receber a benção do padre Mannel Fernandes.

Em quanto isto se passava no Terreiro, o padre de Villes, que entrara no Paço mesmo naquella instante, chegou-se á Rainha, que se afastára um pouco da janella provavelmente para não assistir á execução da sua horrivel ordem, e disse-lhe em segredo:

— Chegou de França Luiz de Mendonça; e trouxe uma carta de El-rei Luiz XIV, que eu e o padre Manuel Fernandes teremos logo a honra de entregar a Vossa Magestade.

— Onde está Luiz de Mendonça?

O jesuita, que não perdera um instante de vista nenhum dos actores do curioso drama, que se estava representando no Terreiro do Paço, respondeu á Rainha, apontando para a escada da forca, a que elle naquella momento subia.

— Alli está Luiz de Mendonça.

— Para que?

— Para salvar da morte um innocente que os tribunaes injustamente condemnaram.

— Quem lhe disse padre de Villes que aquelle homem não assassinou Estevão de Castilho?

— Eu vou responder a Vossa Magestade. — Então o jesuita repetiu á Rainha a historia do duelo nocturno entre Luiz de Mendonça e Estevão de Castilho, que o padre Fernandes lhe contára.

De sorte que, quando o Marquez de Marialva veio narrar á familia real a scena de que fôra testemunha, e que El-rei e o Infante haviam presenciado de longe, a Rainha foi a primeira a dizer:

— A innocentes não se perdôa, faz-se justiça. Abençoado seja o novo jesuita, a quem Deus provou já com uma tão grande dôr!

— E o outro — perguntou D. Affonso VI, — o que matou Estevão de Castilho ha de ficar sem castigo?

— Matou-o em duelo, e para defender a minha honra; Vossa Magestade não ouviu? Estevão está morto; e agora, Ninon de Amuraude que se console, e que busque outro noivo.

Francisco d'Albuquerque foi até ao collegio de Santo Antão acompanhado por grande multidão de povo, que via nelle um santo, por quem Deus acabava de fazer o mais maravilhoso de todos os milagres succedidos desde a aclamação de D. João IV em Lisboa; e os jesuitas receberam-no na igreja, com todas as honras que os homens religiosos devem fazer aos que Deus escolhe para nelles manifestar ao mundo a sua omnipotencia.

Margarida separou-se do que fôra seu amante sem uma lagrima de dôr, sem saudades, sem angustia, porque sentia em si a mais suave de todas as consolações que podem abrandar as maguas de uma alma terna, a religião; porque no seu coração havia uma esperança sublime, a de alcançar o céu. Quando Francisco de Albuquerque se encaminhou para Santo Antão a fim de tomar lugar entre os seus irmãos da companhia de Jesus, Margarida, metendo-se n'uma liteira que do Paço lhe mandára a Rainha por conselho do seu confessor, acompanhada por Thereza e pelo padre Manuel Fernandes foi tambem ao convento de S. Joanna pedir um abrigo ás tormentas deste mundo, onde podesse consumir o resto da vida na oração e na penitencia.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

## NOTICIAS E COMMERCIO.

**Terrível terremoto no archipelago indio.** — O *Free-Press* de Singapura de 4 de fevereiro ultimo, referindo-se a um jornal da Java, publica os seguintes pormenores de um terremoto assolador, que começou a 26 de novembro e durou até 22 de dezembro.

As oito menos vinte minutos da manhã, sentiu-se em Banda Neira uma forte oscillação vertical de terra, movimento que mudou repentinamente do uordeste para o sul, e durou cinco minutos. Todos os habitantes abandonaram as casas. Era impossivel manter-se alguém de pé sem apoio. De madrugada tinha chovido um tanto, porém, não estava ruim tempo.

Ao primeiro abalo as casas caíram, ou pelo menos soffreram graves avarias: o palacio do governo, a igreja, os aposentos dos officiaes, os armazens de depositos, ficaram muito damnificados. O bairro dos chinas transformou-se n'um montão de ruínas; toda a povoação de Zanegut arrasou-se. Em Great Banda todos os edificios vieram a terra, Louthoir e Sura já não existem. Poucas pessoas pereceram: mas houve muitas feridas.

Não se limitou a isto a catastrophe. As oito horas enfureceu-se o mar e obrigou os habitantes a refugiarem-se nas terras altas. Varias embarcações foram arrojadas á costa e de novo arrastadas pelas ondas. As povoações de Great Banda e Neira foram submergidas; nesta ultima as vagas sublimam á altura das casas, arrombaram portas, passaram por cima do forte Nassau, e chegaram á falda da Collina onde está construido o forte de Belgium, carreado enorme quantidade de peixes. Pereceram mais de 60 homens das tripulações dos navios surtos na bahia. Espaço de um mez resoaram detonações subterraneas e a terra não cessou de tremer. Os habitantes perderam suas vindas e colheitas.

Durante estas commoções da natureza o volcão de Gunong-API permaneceu tranquillo, nem foi mais intenso o fumo que usualmente despede.

Em 26 de novembro sentiu-se tambem um tremor de terra em Ceram. O mar invadiu o solo, destruiu grande numero de casas e pereceram muitos habitantes. N'outros muitos pontos do archipelago deu rebate o terremoto, mas em nenhuns causou tantos estragos como em os que ficam mencionados.

**Exposição industrial na Irlanda.** — Abriu-se em Dublin com grande ceremonial no dia 11 do corrente, posto que ainda estivesse incompleta, recebendo-se diariamente novos objectos.

Ninguém estará esquecido da rapidex maravilhosa com que se erigiu o palacio de cristal em Londres, e este edificio encantado desapareceu mais brevemente ainda, ou, para fallar com exactidão, foi trasladado para outra parte como se fôra uma barraca de campanha. A industria sempre movel, necessita de palacios tambem moveis, carece de uma architectura transitoria que possa seguil-a em todas as suas transformações. O exemplo dado em Londres é agora imitado em toda a parte onde se fazem exposições; e o palacio de Dublin é de cristal, como o seu irmão mais velho; assim como elle safu da terra por encanto, posto que recebeu ao nascer um dote que assegurava o seu futuro. Um simples particular da Irlanda, mr. Dargan, fez face a todas as despesas, começando por duas avultadas quantias até elevar a somma a 50:000 libras esterlinas, vendo que o projecto da exposição era acolhido na Inglaterra e no continente com muito maior favor do que se esperava.

Na distribuição do edificio a França octupa um dos melhores logares, tendo de ostentar os objectos que foram o adorno principal do palacio de Londres; as porcelanas de Sévres e as tapeçarias dos Gobelins e de Beauvais. M. Sallandrouze, que tomou parte importante na exposição de Londres, apoiagrandemente a actual de Dublin. A Russia, a Prussia, a Austria, a Hollanda, a Belgica enviam os seus productos como os mandaram á capital britannica. A Hollanda, entre

outros objectos, remette uma curiosa collecção japoneza, ao passo que o governo inglez e a companhia das Indias fazem uma collecção asiatica tão esplendida como a de Londres.

**Coincidencia.** — É facto notavel na historia dos Estados-Unidos da America do norte que nenhum dos homens illustres que occuparam o cargo de presidentes daquella republica dos que até hoje tem sido reeleitos, tivesse filhos.

Washington, que não tinha filhos, exerceu a presidencia por oito annos. John Adams teve filhos e não foi reeleito: Jefferson, que nunca os teve, foi reeleito, e foi presidente oito annos. O mesmo aconteceu a Madison e outros que seria ocioso enumerar. Ultimamente Polk e Taylor não tiveram filhos, e Mr. Pierce recentemente eleito e actual presidente, foi privado de seu filho unico pelo terrivel desastre de Andover.

#### CAROLINA SANNAZZARO.

Esta joven e sympathica cantora, depois de terminada a sua escriptura em Modena, onde alcançou, como já referimos, não pequeno triumpho na execução da difficil parte de *Alice* na opera *Roberto do Diabo*, acaba de se apresentar pela segunda vez com o exito mais completo perante o publico de Milão.

Pelo que dizem os jornaes musicaes que se publicam em Italia, e de que em seguida damos alguns extractos, poder-se-ha avaliar o effeito que aquella artista produziu, desempenhando a parte da protagonista na opera *Sapho*.

As reflexões dos escriptores italianos sobre o talento da sr.<sup>a</sup> Sannazzaro, são summamente honrosas para a distincta cantora, e corroboram quanto a imprensa portugueza unanimemente escreveu em seu abono.

O publico de Lisboa, na sua decidida predilecção pela sr.<sup>a</sup> Sannazzaro, deu prova de apurada intelligencia, e de verdadeiro apreciador dos raros dotes que caracterisam tão eximia artista. É que realmente onde quer que ella se apresente, e encontre um publico consciencioso, hade necessariamente despertar o mesmo enthusiasmo, pela infinita expressão do seu canto, e pelo poder que elle exerce sobre a sensibilidade do auditorio.

Eis como a tal respeito se exprime o *Pirata* de 8 de Maio:

«A *Sapho*, esse chefe d'obra do maestro Pacini conta hoje mais um triumpho no theatro Rè de Milão. Carolina Sannazzaro, desempenhando a parte da infeliz poetisa de Mitilene, não podia obter maiores applausos, nem cingir á fronte mais bella corôa. Dotada de uma voz pouco volumosa, mas extremamente sympathica, sabe tirar della o maior partido pelo seu canto expressivo e apaixonado. Em quanto ao seu merecimento dramatico, convidamos todas as cantoras, até mesmo as de mais *alto cartello*, para que a venham admirar e aprender ao mesmo tempo. Não se julgue, porém, que a sr.<sup>a</sup> Sannazzaro gesticule a torto e direito, ou que esteja em continuo movimento sobre a scena. Pelo contrario, o seu porte é composto, — grave e moderado o seu accionado. Saudada com vivas ac-

clamações apenas compareceu, continuaram os applausos até ao terminar da opera; no rondó final chegou o enthusiasmo ao seu maior auge, e uma infinidade de vezes foi a inspirada cantora chamada ao proscenio.»

A *Gazzetta Musicale*, de Milão, escreve o seguinte: «Carolina Sannazzaro acaba de despertar o mais decidido enthusiasmo pela maneira com que interpretou a difficil parte da protagonista na opera *Sapho*, que é sem duvida uma das melhores da escola moderna italiana. Artista de coração, e dotada de summa intelligencia, exprime com tal força de sentimento as diferentes paixões que nella se agitam, que consegue fazer derramar lagrimas de commoção ao publico que a escuta maravilhado. A sua voz não é muito robusta, nem muito extensa a sua escala; porém o sentimento e expressão de que reveste o canto, e o seu perfeito conhecimento da scena, amplamente nos indemnizam d'aquella falta, e tornam aquella artista digna da mais alta admiração.»

Transcreveremos igualmente o que diz a *Italia Musicale*:

«Ouvimos hontem com summo prazer a sublime musica da *Sapho*, interpretada por uma artista que entre nós deixára mui saudosas recordações. Quem não tiver visto e ouvido Carolina Sannazzaro, não poderá formar idéa do merecimento desta sympathica cantora, que toca, não hesitamos dizel-o, a meta da perfeição. Todos os seus gestos, todos os seus movimentos são cheios de verdade e poesia. Ella não carece de palavras para exprimir as paixões que a commovem. As palavras tem-nas ella nos olhos, nos braços, na mobilidade da sua physionomia.

Escusado é citar as peças em que desperta maior enthusiasmo: só diremos que ella é mais sublime, onde a paixão é mais intensa, — mais inspirada, onde a musica reclama mais inspirada execução.»

Poderíamos ainda citar diversos jornaes, taes como *Gazzetta dei Teatra* e a *Fama*, de Milão, a *Arte de Florença*, e outros, que todos são unanimes na apreciação do talento da sr.<sup>a</sup> Sannazzaro, e relatam o exito brilhante que ella acaba de alcançar em Milão.

Não receiavamos, portanto, ser taxados de exagerados, quando a 18 de novembro ultimo escreviamos o seguinte nas columnas deste jornal:

«Sentimos, já o dissemos e tornal-o-hemos a repetir, que a actual empresa não fizesse a aquisição daquella dama, não se lembrando, talvez, que quaequer que fossem as notabilidades artisticas que o sr. Porto escripturasse, a sr.<sup>a</sup> Sannazzaro seria sempre uma artista bemquista do publico, e que nas operas adaptadas aos seus recursos ninguem lhe poderia contestar um prestigio igual ao que alcançou na *Nina*, na *Sapho*, e na *Ildegonda*. É que a sr.<sup>a</sup> Sannazzaro é inquestionavelmente a cantora mais inspirada, o genio mais eminentemente dramatico, que appareceu sobre a nossa scena lyrica.»

Depois de concluido o seu contracto em Milão, irá a sr.<sup>a</sup> Sannazzaro fazer a sua estrêa perante o publico de Leão, achando-se escripturada para o theatro daquella cidade, conjunctamente com a insigne primeira dama De la Grange, o tenor Calzolari, e outros cantores de distincta nomeada. Irá colher mais um florão para a sua bella corda de artista!

DEMETRIO RIPAMONTI.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—A. J. BIBEIRO DE SÁ.

NUM. 48.

QUINTA FEIRA, 9 DE JUNHO DE 1853.

12.<sup>o</sup> ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### O CANAL DA AZAMBUJA E A AGRICULTURA DO RIBATEJO.

*III.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr. duque.*—Folgo muitissimo da chegada de v. ex.<sup>a</sup>, e vejo satisfeitos os meus votos.

Segundo as ordens de v. ex.<sup>a</sup>, vou com esta minha respeitosa carta expor-lhe tudo quanto observei relativo ao canal da Azambuja, não só do seu estado actual, mas tambem das consequencias que infallivelmente devem succeder provenientes desse mesmo estado.

Fui ao logar indicado por v. ex.<sup>a</sup>; observei com toda a attenção as maiores particularidades, e formei uma idéa tristissima. Para ser mais explicito direi: que reconheço estar proxima a total ruina do canal, e infelizmente esta profecia pôde dar-se como realisada, se a respeitavel companhia não acudir de prompto, applicando os remedios mais acertados, pois não os fazendo pouco tempo tardará a anniquilação do canal.

Ninguém mais do que v. ex.<sup>a</sup> sabe quaes eram os fins da companhia, e quaes as suas esperanças. Essas esperanças fundavam-se sobre as receitas da navegação do canal, e sobre a distribuição das aguas para o serviço indispensavel das irrigações. Estas duas coisas não passaram de uma illusão, porque a grande idéa em projecto não se acabou senão por metade, como demonstrarei.

Fez-se uma só represa quando deviam fazer-se duas; e um só descarregador das torrentes das aguas, em logar de dois, como estava no projecto. Por estes dois factos não existem as irrigações; e a navegação é desgraçada e incompleta, e por esse motivo é muitissimo diminuta a receita, que não é sufficiente para fazer face ás despesas da administração, e da conservação do mesmo canal. Neste estado é a companhia necessariamente obrigada a continuar todos os dias com despesas, cada vez maiores, e consequencia inevitavel da queda a mesma.

O motivo mais attendivel a respeito do má estado das obras, é o seguinte:—Tendo-se arruinado o unico descarregador, que servia para transviar as aguas das cheias ou torrentes, ruina causada pelo maior pezo que devia suster, na falta de outro descarregador em projecto, é natural que se hade precipitar tambem a grande represa, e é forçoso convencer-se que chegando a primavera, durante ou depois das cheias, ficarão só da grande represa simples vestigios, e uma idéa triste da sua construcção.

Antes porém de acontecer a total queda do edificio, apparecerão previamente rasgaduras nas paredes da meia laranja da parte do Tejo com abaxamento de uma parte dellas indicando a ruina, porque é ahí que o grande salto do corpo de agua que sae da represa, obrigada a estar as portas abertas; deve naturalmente produzir ao pé da dita meia laranja uma grande excavação irreparavel, arrastando comsigo os alicerces e com elles a inteira represa. Tentar-se-hão fazer ahí reparos, mas sairão sempre dispendiosos e inefficazes; podel-o-hão retardar por alguns annos, mas nunca impedir a profetisada ruina. O maior de todos os males que disto pôde provir, é a desanimação geral para as empresas, e para a agricultura, das quaes tanto necessita esta nação; e em vista de uma tal ruina, e do capital já gasto, é duvidosa a creação de qualquer companhia que se encarregue de uma tão ardua empresa, de uma missão tão importante, gastando capitais sem proveito geral, nem particular; sendo tambem custosos estes sacrificios aos personageas que compoem a illustre companhia; cujos nomes devemos respeitar, pois são elles, que sempre se promptificam para a realisação de alguma idéa grandiosa, e que possa fazer melhorar o estado material do paiz. Em vista do que tenho dito, e cumprindo com o meu dever, vou descrever com a linguagem propria que eu devo ter para com v. ex.<sup>a</sup>, a quem sou grato, tudo quanto intendo sobre o canal da Azambuja, e conjunctamente expôr o remedio que se lhe pôde applicar.

Considero lamentavel o estado actual do canal, e ninguem, certamente (sem faltar á verdade), é capaz de dizer o contrario. Mas, se immediatamente se fizessem aquelles trabalhos, que tive a distincta honra de propôr a v. ex.<sup>a</sup>, a respeito do rio de Alpiça, cujo plano v. ex.<sup>a</sup> tão benignamente approvou, ver-se-iam infallivelmente realisadas as esperanças dos accionistas da companhia. Lembra-me do plano, e das obras de que largamente fallámos na occasião da visita feita para examinar o rio de Alpiça, quando v. ex.<sup>a</sup> me fez a honra da sua apreciavel companhia, para applicar o remedio que se poderia dar aos desastres causados naquelle rio. Com os trabalhos já indicados, se a companhia mandar executar-os, comprometto-me para com v. ex.<sup>a</sup> a impedir a ruina imminente do canal da Azambuja, fazendo com que a navegação seja mais extensa; introduzindo a irrigação em grande escala, como o primeiro e essencial fim da companhia; e instituindo para isso obras de hydraulica de diversos generos.

As obras de hydraulica que se devem applicar no dito canal, á differença das que disse serem uteis para o rio de Alpiça, são de uma simplicidade tal, que em poucos mezes de trabalhos, e com uma despesa, que pôde mesmo ser suportada por qualquer capitalista particular, apparecem as suas vantagens, com especialidade as que dependem das irrigações e da navegação, no mesmo anno em que a obra se empreehde.

Acabando pois de discorrer sobre os trabalhos hydraulicos, para obedecer a v. ex.<sup>a</sup>, passarei a dizer alguma coisa a respeito do novo systema de agricultura; e mesmo, pouco mais posso accrescentar ao que já pessoalmente disse a v. ex.<sup>a</sup>; mas como v. ex.<sup>a</sup> queira que o faça por escripto, pratico assim, para unicamente obedecer-lhe, porque a minha penna é muito circumspecta, e tambem porque aquillo que eu digo se é um evangelho, feito por outro poder-se-ia tornar em heresias.

Devem-se introduzir os tres generos de cultivação de que v. ex.<sup>a</sup> já está sciente, e de que fiz a experiencia nestes ultimos tempos, e que são tão necessarios para esta nação, no que gasta milhões, comprando fóra do paiz os generos que poderia ter de propria producção, e mesmo exportar em grande quantidade.

As cheias de todos os annos não appareceram a importunar, e a obstar ás cultivações, porque alguns generos se hão-de semear e colher desde maio até setembro, e o trigo poder-se-ha semear nas lezírias no mesmo tempo que se semeia nas terras altas; quero dizer: principiando no mez de novembro, constituindo os campos de modo que as cheias em vez de damnificar as culturas, sejam apreciadas, e sirvam de estrume para os campos, como se faz nas margens do Nilo, sem estragar a feita sementeira. Pois que se bem se observa, as cheias que fazem damno ás sementeiras são raras, acontecendo ellas em vinte annos cinco vezes por termo medio, e de modo que se viria a ter uma perca de cada quatro

annos. Mas pôde-se chamar ella perda? a meu entender estas cheias servem ao contrario de beneficiar os terrenos, pois que ellas depositam o limo que trazem consigo, e este alimenta a vegetação, e dá mais força productiva á terra, que aliás seriam terras estereis, porque bem se sabe que uma terra por mais boa que ella seja, sendo sempre trabalhada, e sempre semeada de cereaes, estes, e os factos athmosfericos a enfraquecem de maneira que produzem bem pouco. E para maior verdade, se assim não fosse, como poderiam aquelles lavradores terem nos annos que lhe correm bem as estações, um competente lucro? D'aqui então vê-se que aquellas cheias extraordinarias trazem um damno apparente, destruindo uma seara de um anno por beneficiar aquella dos annos seguintes. De maneira que pude affirmar-me serem os males chorados dos lavradores das lezírias do Tejo, causados da constituição do terreno, e do modo de executar a lavoura; da constituição do terreno porque as lezírias sendo formadas de terras terciarias, ou de alluvião, tem muito pouca pendencia a qual não permitindo o livre desafogo das aguas, como acontece nas terras secundarias, ocasionam o estagnamento tão pernicioso para aquellas infelizes terras.

Ponto 2.<sup>o</sup> Porque sendo estas formadas por meio de continuas deposições das cheias que depositam mais limo nos differentes caminhos que tomam as aguas para correr ao seu destino, constituindo baixas e charcos aonde as aguas da chuva ficam pois empoadas a detrimento da sementeira. Além disto o terreno das lezírias é sempre naturalmente compacto, e sobrevindo-lhe uma pequena cheia sobre a sementeira, e logo depois de tres, quatro, ou cinco dias tornando-se enchutas, o sol e os ventos rijos secam totalmente aquelle limo que depositou a cheia, que alli afoga o cereal deitando á terra, matando-o não pela cheia pois que o trigo pôde ficar debaixo da agua cinco ou seis dias sem sentir detrimento; mas se morre é porque a camada do limo se tornou compacta como já disse.

A estes males causados pela constituição do terreno hade-se ajuntar aquelle que produz o máo systema de lavoura, que de per si só fórma a principal causa dos males.

E de facto a lavoura executada pelas charruas de pau, que giram sempre em roda, seguindo a constituição do terreno, abrindo pequeno e pouco profundo sulco, causam: 1. que as aguas não podendo filtrar nas terras ficam estaveis entre a pequena capa de terra mechida do arado e o duro subsolo que nunca foi roto, e conservando encharcadas as raizes dos cereaes, que depois tornam-se amarellas e perdem-se. 2. Não tendo camalhões e regos escoantes as aguas ficam empoadas nas diversas baixas que o terreno descreve. 3. Girando á roda formam-se na terra lavrada avarias, a distancias poucas, as quaes conservam a agua que destroe pela humidade os cereaes que lhe estão á roda, matando aquelle que lhe foi semeado dentro, e aquelle que lhe está

em roda. 4. Conservando estas a agua e sobrevivendo o verão vem as seccas o que é em detrimento da saúde da gente produzindo as febres intermitentes. 5. Estas poças e baixas não se podendo lavral-as por causa de serem muito encharcadas e frias, perdem-se, o que se poderia evitar, e aproveitall-as sendo optimas para vegetação. 6. Ficando as terras sempre encharcadas, precisa que os lavradores esperem a trabalhall-as quando chegam os mezes de abril e maio, e para fazer a sementeira n'estes dois mezes precipitam os trabalhos competentes a uma boa lavoura, deixando a terra muito mal lavrada, cheia de torrões eervas parasitas, de modo que deste mal vae o outro dos torrões que não deixam despontar o trigo ou outro qualquer cereal, e faz perder muita semente que não póde nascer por causa dos torrões duros e compactos não lhe permittirem de estender as raizes. 7. Os lavradores são obrigados a terem uma numerosa quantia de bois, afim de nos dois sobreindicados mezes poderem elles chegar a tempo de trabalhar as terras e semeal-as; mal que os prejudica na numerosa manutenção dos instrumentos, no maior numero de pessoas para guial-os, guardas e conservação dos bois, pois o que tem sessenta bois poderia fazer a mesma lavoura com doze, e em tempos mais proprios tanto para sementeira, como para o trabalho dos bois. 8. Finalmente, não fallo de um outro mal, porque longa coisa seria aqui, devendo elle pela sua importancia tractar-se em separado, *a da monda das ervas parasitas*, que abunda naquellas lezirias do Tejo, as quaes desde que existem nunca viram o que quer dizer limpeza. De maneira que estas são reduzidas por isso como a um animal que se acha cheio de immundicias que lhe produzem tantos tormentos que os reduzem éticos.

Todos estes defeitos que aqui aponteí não são simples asserções hypoteticas, nem imaginarias, nem filhas de uma bella theoria; são resumidos do facto, que durante 5 annos que estou em Portugal, continuamente e com muito meu desgosto vi acontecer; e especialmente nas lezirias do Tejo renovam-se todos os annos estes tristes factos, que pude observar nas diversas excursões de proposito para attentamente examinar a causa que produzia estese males, e que tornavam aquellas propriedades de um rendimento tenue e incerto, e que tem sempre em suspensão ao lavrador pelo medo que ellas lhe andem mal, porque se tal lhe acontece acha-se privado do principal soccorro do seu regimen, e não sabe as voltas que ha de dar para se poder arranjar. Como tambem é pena ver terras tão boas como são as lezirias, capazes de produzirem em abundancia todos os generos que a ellas se confiam, produzir um só genero, o trigo tremez, e de mesquinha producção, que muitas vezes dá uma só semente ou duas, como aconteceu a diversos senhores proprietarios, que é inutil enumerar, os quaes obtiveram este infeliz resultado, causado pelo mau systema de lavoura.

Tudo isto póde desapparecer e tornar aquellas lezirias um verdadeiro celeiro do reino, e de transportar aos outros paizes abundancia de todos os productos, que se podem cultivar neste; e constituil-os fonte segura constante e perenne de rendimentos proficuos não só ao dono, mas tambem ao estado; fazendo ao mesmo tempo acabar as continuas queixas contra aquellas insalubres terras, quando os lavradores introduzissem e adoptassem um remedio simples e facil, mudando inteiramente o systema de lavoura.

O que aqui tenho succintamente exposto a v. ex.<sup>a</sup> são factos, como facto é o novo systema de lavoura, que v. ex.<sup>a</sup> tanto apreciou e que quiz que pozesse em pratica na quinta do Calhariz; como muito facilmente póde-se applicar e ampliar nas immensas terras que acabei tambem de visitar da Galha e Agualva, terras que seguramente, como já v. ex.<sup>a</sup> tão sabiamente notou, e desejou que chegasse o tempo para pôl-o em execução, persuadido de que aquellas eram bem sufficientes de tornar-se um patrimonio digno da exm.<sup>a</sup> casa a qual tenho a honra de servir.

Estas obras podem-se principiar em pequena escala, com limitadas despezas; e depois que os interessados conhecerem esta utilidade, á vista da somma de vantagens que deste methodo lhes ha de resultar, augmentarão as despezas como intendem, e em breve verão completa a grande obra, progredir e florescer a companhia, tendo por base fundamental o systema que appresento á judiciosa opinião de v. ex.<sup>a</sup> Tenho a honra de ser com a mais distincta consideração

De v. ex.<sup>a</sup>

Muito attento venerador

Lisboa 5 de outubro  
de 1850.

GAGLIARDI (João).

#### ABAIXO A RODA DOS EXPOSTOS:

(Concluido de pag. 557.)

Nos paizes reformados não ha roda, nem estabelecimentos de exposição. Ahi, os laços da família não os afrouxam as instituições, o homem respeita o sentimento da sua individualidade, conhece os seus direitos e deveres, a religião põe-no em face de Deus e da lei, eleva-o aos seus proprios olhos, para não cair da sua dignidade. Desobrigal-o do trabalho para crear e sustentar a prole, julga-se um insulto á consciencia e natureza humana.

Triste e deploravel consequencia dos estudos que se têm feito sobre as exposições! Nos paizes onde a religião é mais severamente respeitada, é ahi aonde ellas são mais frequentes, e mais communs os crimes contra a concepção.

Eu reconheço que não é possivel, no estado actual, decretar a abolição da roda com o estabelecimento dos expostos, sem sacrificar primeiro aos preconceitos da



opinião publica uma parte da providencia. É inevitavel uma medida de transição. Essa deve ser a admissão patente, com todos os seus preventivos regulamentos, e acompanhada da organização de um serviço respectivo de soccorros publicos. De certo, por este modo legaliram-se com muito mais força as exposições; mas note-se, que sendo a roda uma instituição secular, de todos conhecida, é por conseguinte tão auctorizada pelo governo, como será a admissão patente.

Deste modo, com as informações recebidas, a administração, natural tutora dos expostos, poderá indagar-lhes a filiação, e provêr no futuro á sua entrada na família. Depois evitam-se as fraudes escandalosas, que diariamente se commettem, sendo recebidos no asylo orfanças, cujos paes as podiam criar e sustentar. Em fim por meio de soccorros, prudentemente distribuidos ás mães indigentes, que não podem com a criação dos filhos, evitar-se-ha a horrosa mortalidade das casas de misericórdia, irreparavel, apesar de quantas reformas se bajam de introduzir nestes asylos.

Deste modo, egualmente, a administração concorrerá para radicar no povo o sentimento de moralidade, dos deveres individuaes e conjugaes, da temperança, da economia, e da providencia domestica.

Eu sei perfeitamente que a fragilidade humana ha de ter quedas, o amor cegueiras, o coração fraquezas; embora: a admissão patente preservará muita innocencia facil ás seducções, amparará muita mãe, verdadeiramente mãe, que a beneficio de uma pequena pensão ha de cuidar com desvellada sollicitude do fructo dos seus affectos. Quantas não são hoje obrigadas a levar clandestinamente o filho coberto de lagrimas para a roda, só porque a falta de trabalho, ou a exiguidade da retribuição delle as condemna a uma miseria deploravel; a todas essas os soccorros publicos timparão o pranto, trocando as dores da separação na ineffavel alegria dos deveres da maternidade. Quantas uniões mal aventuradas, ganhando o marido apenas para a subsistencia quotidiana da familia, em que depois de uma consulta dolorosa sobre o destino do novo ente, que a Deus approuve conceder-lhes, o proprio pae se resolve á imperiosa crueldade de arrancar dos braços e affagos maternos o filho que vae lançar na roda: Quantas dessas uniões infelizes e miseraveis a administração irá alliviar com a esmola da caridade, conservando aos paes o penhor da alliança religiosa, que esperançosamente contrahiram!

Uma só benção destes infelizes pagará todos os incommodos que a administração se dêr para a merecer. Uma objecção, porém se oppõe á admissão patente, que parece irresistivel. Este systema, dizem, vae influir unicamente sobre aquellas, cujo pudor não consente a revelação da sua fraqueza, sobre a honestidade que inda podia salvar-se. Levanta-te, dignidade humana, e responde tu á falsa virtude. A primeira inclinação, o primeiro dever moral da mãe, a moralidade das moralidades é dar o seio ao seu filho, que é seu e não de outrem, e de mais ninguém: — foi a ella que Deus o confiou, perante elle é responsavel dos destinos daquelle creatura. Saiba a mulher e diga-lh'o a religião, para tal queda só ha uma reabilitação possivel; será crear o filho. Tudo o mais são

transacções sophisticas com a moralidade, que ella não pôde admitir.

Assim entendi, quando notei a regra seguida na enfermaria de Santa Barbara, de se tirarem as creanças ás mães logo depois do parto, se ellas declaravam que os não queriam crear. Não se lhes dava tempo de serem mães. Era preciso deixar-lhes os filhos por algum tempo, deixar nascer, porque assim me exprima, o sentimento do amor materno, reestabelecer a mysteriosa solidariedade daquelles dois entes, quebrada um momento depois da parturição. O seio da mãe continua as funções do cordão umbilical, o sangue foi, e o leite é agora o alimento do recém-nascido, e não qualquer leite, mas aquelle daquelle época, e de sua mãe. Durante a primeira criação a natureza prende-os um ao outro, e não consente que se quebre este santo laço, sem que appareça, como castigo, a sua fatal consequencia.

Mas não basta. Eu já disse, ao principiar estas reflexões, que a maior parte das mulheres gravidas que se recolhem ao hospital, não tem os meios sufficientes para a criação do filho. É preciso que a administração venha em auxilio da vontade que ellas mostram em guardal-o; que a promova, que a excite, que a provoque com a esperanza de um debil subsidio. Ella tem sempre de se encarregar das crianças, de as confiar a uma ama: pois sejam as mães as amas a quem as entreguem, e pague-se-lhe a criação como se foram expostos. Precisar-sei pôr patentes as vantagens desta providencia? para mim é claro, que sem a ajuda de custo nenhuma das mulheres que entrar para a enfermaria de Santa Barbara, deixará de expôr o filho; em quanto que as duas medidas combinadas e applicadas com prudencia e tino, salvarão muitas victimas das garras da mortalidade na misericórdia. A primeira já está em pratica; o sr. provedor do hospital ordenou que as mulheres conservassem os filhos durante oito a dez dias, que é o tempo que ellas se demoram no hospital depois do parto. A segunda, prometteu-me o exm.<sup>o</sup> sr. provedor da santa casa, de a tomar em sua alta consideração, e fazer o que estivesse em seu alcance para se effectuar.

Com tudo não é dellas que eu espero grande beneficio. A população a que se applicam é a menos appropriada para a experiencia. Admissão patente, serviço regular de soccorros publicos, abolição da roda, este é que é o grande remedio ao mal de que padecer a instituição viciosa dos expostos. Todos devem reclamar em nome da religião e da moral, da economia e da administração, tão salutar e benefica providencia.

Abaixo a roda dos expostos.

D.<sup>o</sup> T. DE CARVALHO.

## PARTE LITTERARIA.

UM ANNO NA CORTE.

ROMANCE.

CAPITULO LVIII.

CONCLUSÃO.

A casa da sr.<sup>a</sup> Brizida, a tia beata e devota



de Thereza, conservava aquelle caracter de severidade monacal, de inalteravel arranjo, de açada simplicidade, que a distinguia entre todas as do bairro d'Alfama, quando a orphã provinciana veio nella buscar um refugio; a presença, porém, de uma mulher nova, com a alma animada pela poesia suave da innocencia e da singeleza, havia feito ao cabo de alguns mezes sentir, mesmo no meio de todas as austeridades da beata, o seu gracioso influxo. As flores do Santo Antonio eram escolhidas com esmero, dispostas com arte, de modo que as côres se harmonisavam, e os perfumes, misturando-se, enchiam o ar de suaves emanações; um rouxinol sexado n'uma gaiola, de que as folhas e as flores de plantas trepadeiras escondiam as grades aos proprios olhos do feliz captivo, cantava ao cair da tarde na janella que deitava para o estreito becco dos Açougues. Aquelle pallido e descarnado S. Francisco em extasi, que, nos primeiros dias que Thereza passou em casa de sua thia, tantas vezes a fizera estremecer de pavor, estava agora quasi todo escondido por uma cortina de seda côr de rosa; e mesmo o querido presepio da tia Brizida á força de ornatos, de fitas, de flores, tinha tomado uma physiognomia risonha e de festa, muito outra e diversa desse antigo aspecto triste e lugubre, que a beata considerava como uma maravilha, não sendo mais do que o resultado das imperfeições daquella monstruosa composição de um escultor privado de todas as noções do bello.

Não era só no seu modo de ser physico que a casa da tia Brizida se havia deixado influenciar pelo benefico poder de Thereza: o amavel imperio que a graciosa menina conseguira exercer sobre a velha beata, havia tomado tal força por fim, que esta não via já senão pelos olhos de sua sobrinha, não pensava senão o que a *sua alegria* queria que ella pensasse. Todas as impertinencias acabaram, toda a rabugenta austeridade se trocou em condescendencia sem limites. Com tantó que Thereza a acompanhasse nas suas novenas, e a deixasse ir á Graça todas as manhãs propôr ao seu confessor os escrupulos da vespera, a tia Brizida estava por tudo quanto ella desejava, sem se queixar, e sem mesmo fazer reflexões ou dar conselhos.

— O que a minha alegria quer é sempre o melhor — costumava a beata dizer. — Parece-me, quando lhe faço as vontades, que obedeço ás ordens do meu bem-aventurado Santo Antonio.

Pode-se pois imaginar qual seria a afflicção, o susto da pobre velha, quando uma tarde Luiz

de Mendonça, que nunca deixara de frequentar assiduamente a sua casa, entrou, com ar sério e respeitoso, na sala onde ella estava dobando ao pé da janella, e lhe pediu a mão de sua sobrinha. A tia Brizida, ao ouvir tal pedido, sentiu-se cair das nuvens, ficou sem saber o que fizesse, o que respondesse; por fim, voltou-se para Thereza, e n'uma voz muito tremula, perguntou-lhe:

— Que respondes a isto, minha alegria?

Thereza fez-se vermelha como um cravo, e balbuciou:

— Digo... digo que sim, minha tia.

— Pois queres deixar a tua tia velha? — E Brizida deitou-se nos braços de sua sobrinha a chorar e a soluçar.

Para socegar o animo da beata, e para a levar a consentir no que Luiz de Mendonça e Thereza lhe pediam, foi necessario que os dois namorados lhe fizessem solemnemente a promessa de jámais se separarem della.

O leitor perguntar-nos-ha talvez agora, como Luiz de Mendonça poudé curar-se do seu extravagante amor pela rainha? responder-lhe-hemos sinceramente, que nada sabemos ao certo, sobre esse ponto interessante da nossa historia. Se, porém, se lembrar o leitor do poder que o tempo tem sobre os amores, sobre os amores sem esperanza, já se vê; se, recorrendo á historia, se informar abi do procedimento nada innocente de D. Maria Francisca com seu marido, e das particularidades do seu segundo casamento com o proprio cunhado, muitos annos antes da morte de Affonso VI, (casamento escandaloso este, em que se principiou a fallar pela cidade de Lisboa logo que a rainha, fingindo-se offendida por o secretario d'estado Sousa de Macedo não ter sido desterrado, e mostrando extraordinarios escrupulos de consciencia de que não julgamos dever dar aqui noticia, fugiu do Paço para o convento da Esperança, e pediu ao cabido da Sé a annullação do seu matrimanio): se, finalmente, nós lhe dissermos que Francisco d'Albuquerque, depois de encarecer as virtudes e perfeições de Thereza, commendou ao seu amigo Luiz de Mendonça que a protegesse e a defendesse dos perigos do mundo, como se ella fora uma irmã sua; então o leitor poderá, como nós, suppôr que Luiz de Mendonça resolveu pedir em casamento a formosa Thereza, não talvez por se sentir totalmente curado dos seus infelizes amores, senão por desejar interpôr entre estes e o seu coração um novo affecto puro e consolador.

Na tarde do dia 2 de abril de 1668, isto é, sete mezes depois dos acontecimentos a que assistimos no anterior capitulo desta historia, na sala da tia Brizida estavam sentados em roda de uma meza, sobre a qual havia doces e fructas, a velha beata, os dois noivos, Fr. Thomaz do Espirito Santo e D. Feliciano, freira de Odivellas, amiga da sr.<sup>a</sup> Brizida, que saíra do convento para se tractar de um reumathismo chronico, e que viera alli com o innocente fim do bisbilhotar com a beata. A merenda estava quasi no fim; e Josefa, a criada de Brizida, sentada no chão ao pé da janella fiava, para não perder tempo, na sua roca carregada de estopa.

D. Feliciano era uma freira perfeita; falladora, curiosa, delambida, espiitada, maldizente, e conceituosa. Era ella pois quem, naquella tarde, fallava por todos em casa da tia Brizida.

— Vi-os eu hoje — dizia a freira — vi-os entrar para o coche, a Rainha, quero dizer, a princeza e o seu novo marido. Ia alegre como se fosse a primeira vez, que lhe succedesse ser noiva. Agora já tem esperanza de ser Rainha com todos os sacramentos; sem escrúpulos, nem desasocegos. Porque não foi hoje á festa do casamento do Principe, sr. Luiz de Mendonça?

— Estava doente; tenho estado todo o dia bastante doente — respondeu Mendonça, corando um pouco e estremeecendo.

— Sua Alteza foi buscar a cunhada, quero dizer, a esposa — proseguiu D. Feliciano, rindo-se, — foi buscar a esposa ao convento da Esperança e levou-a para Alcantara. Fez mal em querer tão de pressa tomar posse de todas as joias de seu irmão. Tirou-lhe a corôa ha dois dias, agora tira-lhe a mulher. Não quiz nem ao menos deixar-lhe as joias falsas.

— A Rainha ia vestida com muita riqueza? — perguntou Thereza.

— Queria parecer uma pérola, porque só pérolas levava em cima de si. Coitado do pescador, que foi buscar aquella pérola ao fundo do mar, ha de arrepender-se cedo.

— Tu tens bem pouco amor á Rainha, minha querida — disse a tia Brizida, interrompendo a sua amiga.

— Não lhe chames Rainha, Brizida, porque D. Pedro ainda não é senão principe; e o desgraçado, que alli está preso no palacio real, já não é seu marido.

— El-rei, quando ouvisse hoje os tiros no castello e no mar, não havia de ficar muito contente.

— El-rei — acudiu a freira — dizem que perguntou qual era a causa daquella alegria na cidade? Se seu irmão já estava rei? E, como lhe respondessem que se havia o principe casado com Madama Maria, acudiu logo: « Não me queixo da afronta que me fazem, não; o que sinto é dó de meu pobre irmão, que se ha de arrepender de tal casamento, mais cedo do que julgam todos os que hoje assistem a estas festas. »

— São extraordinarias essas palavras de D. Afonso — acudiu Luiz de Mendonça.

— Elle sabe bem o que diz.

— Sss! — sibilou com duvida Fr. Thomaz.

— A desgraça tem-lhe dado juizo. Dizem agora que o principe vae mandar seu irmão degradado para Guiné, e que já se está preparando o navio que o ha de levar. Tem-no ha seis mezes preso no paço, tirou-lhe a corôa e a mulher, e agora manda-o para Africa, ao pobre rei D. Afonso! Digam-me se é bom o principe que faz isto a seu proprio irmão?

— Rasões d'estado... — acudiu Mendonça.

— Já o amor se acha elevado ás alturas de razão do estado! — exclamou D. Feliciano — É uma opinião honrosa para um noivo. Tambem seriam rasões d'estado, as que fizeram com que neste negocio do casamento de D. Pedro se andasse com tanta precipitação? Madama Maria não podia estar descasada mais de oito dias! Parece que ficou com saudades desse primeiro casamento, de que diz tanto mal. A sentença, que annullou o seu matrimonio com D. Afonso, foi dada no sabbado de ramos; estamos na primeira oitava de paschoa e já está com outro marido em Alcantara.

— Foi para satisfazer ao requerimento das côrtes, que lhe pediram se casasse em Portugal, para nos não levar para França o dote, que ainda se lhe não pagou — disse Thereza.

— O caso não era para tantas pressas, menina. Descasada pelos ramos, casada por procuração na quarta feira de cinza, e já hoje a entrar princeza no mesmo palacio aonde ha pouco mais de um anno entrou rainha; e isto com o outro marido alli do Terreiro do Paço a ouvir estalar os foguetes da festa, é obedecer de mais ás rasões d'estado!

— Jesus senhor, minha querida, que murmurção! — atalhou a beata. — Agora estão casados; era vontade de Deus que assim fosse.

— Casados sem dispensa do Papa.

— Mas com dispensa do cardéal de Vendome, legado de Sua Santidade — acudiu Mendonça.

— Dizem que o breve de dispensa tem a data de 13 de Março. O cardeal consentiu no casamento de Madama Maria com o sr. D. Pedro, quando ella era ainda legitima mulher d'el-rei D. Affonso. Que legado este, e que Breve!

— Onde irá o nosso Francisco d'Albuquerque, a esta hora? — disse Thereza, para mudar de conversação; porque já estava cansada da maledicencia da freira.

— Vae por esse mar fóra — respondeu Luiz de Mendonça; — vae, com outros missionarios, converter á fé de Christo, salvar do inferno os indios do Maranhão. O padre Antonio Vieira, que o conheceu e muitas vezes lhe fallou agora no collegio de S. Antão, edificado da modestia, do ardor religioso, da humildade de Francisco, recomendou-o aos cuidados do superior dos jesuitas no Maranhão.

— Deus afaste delle esses martirios, de que tantos padres tem sido victimas, nas perigosas missões do sertão! — acudiu Thereza.

— E da amante de Francisco d'Albuquerque — interrompeu D. Feliciano — da celebre Calcanhares não se sabe nada?

— Estive ainda hontem em Santa Joanna — respondeu a tia Brizida, — e disse-me ellá mesma, a boa e estimavel Margarida, que tenciona professar em Setembro.

— Faz nesse mez um anno, que Deus salvou milagrosamente a vida de Francisco d'Albuquerque — disse Thereza.

— El-rei não se tem lembrado da Calcanhares, depois que está prezo? — perguntou a freira, com escarneo.

— Lembrou-se para a dotar em tres mil cruzados, e lhe mandar pedir perdão das offensas que lhe fez — respondeu a beata com severidade.

— E estes nossos noivos tambem esperam por esse mez de Setembro, pelo mez dos milagres, para casarem? — acudiu D. Feliciano no mesmo tom de zombaria.

— Estes noivos esperavam só que se acabasse a quaresma para casarem. Antes de um mez teremos festa nesta casa.

Dizendo estas palavras a tia de Thereza levantou-se da meza, acabando por este modo uma conversação, que serviu para a freira D. Feliciano dar expansão á sua maledicencia satisfazendo ao mesmo tempo a sua golosina, e para o leitor ficar informado da sorte dos principaes personagens desta nossa historia. Poremos nós tambem aqui fim a este livro; pedindo ao leitor benevolo, que teve a paciencia de nos acompanhar até á

ultima pagina, nos não queira mal por lhe havermos feito perder algumas horas.

J. DE ANDRADE CORVO.

## X

### A PARTIDA.

Vamos ao mar minha gente:  
Temos tempo de feição,  
Leva o ferro, larga as velas!  
Vamos com Deos, e com ellas:  
Deos nos leve a salvação.

Solta, solta a vela grande,  
Solta a gavia, e mais traquete,  
A cima as velas de proa,  
Ó lá rapaz sobe, vò;  
Vae largar o joanete.

« Eia arriba, eia arriba »  
Grita a maruja, e a corrente  
No bolinete rangendo  
O ferró vae suspendendo;  
Eil-o ao costado pendente.

Pelas vergas pendurados  
Os marinheiros estão,  
Desfraldam-se logo as velas;  
Vamos com Deos e com ellas,  
Deos nos leve a salvação.

Iça agora o joanete,  
Caça a bombordo a mezena,  
Caça mais. Assim, avante!  
Como caminhas galante,  
Minha barca, e tão serena.

Aqui as ondas são leite,  
Aqui o vento é bonança;  
Mas outro vento ha lá fóra,  
Diz-lo á voz estrugidora  
Do mar que além se balança.

Deve ser por essas nuvens  
Que lá vagam Sudoeste  
O lá marujo do leme  
Olha o mar como lá geme.  
Põe a pròa sempre a Leste.

E a terra já vae fugindo,  
E a leve barca lá vò;  
Passa-se a barra, e mais bella  
Ante o Oceano, e a procella  
As agoas rasga co'a pròa.

Ao vêr o immenso dos mares  
A se perder no horisonte,  
Salta alegre, impetuosa,  
Atira as ondas raivosa,  
Ante o espaço eleva a fronte.

Vem o mar bater-lhe os flancos,  
Vem contra ella se quebrar,  
E com suas azas de neve  
Mal apenas o percebe  
Em seu irado bramar.

Cresce o vento, marinheiro,  
Larga escotas á bolina,  
Riza a gavia. Talha o lais,  
Ferra a giba. Ferra a estaes.  
Já no mar o sol s'inclina.

Vem a noite feia e negra,  
É forte o mar, forte o vento:  
Ferra o joanete. Eia, ávante!  
Ó minha barca galante:  
Deus te leve a salvamento.

Cabiu a noite; e lá vaga  
Ella só sobre o Oceano,  
— Franco ponto no infinito,  
A quem seu fado ha prescripto  
De Deus o berço sob'rano.

---

# XI

## PESAR.

Ah! happy years! once more who would not be a boy!  
BYRON.

Quem me déra os tempos bellos  
De minha infancia gentil,  
Quando vivia contente  
Sob um céu de puro anil.

Quando innocente minh'alma  
Inda não tinha paixão,  
Quando as dores não moravam  
Dentro do meu coração.

Quando ao sorriso materno  
Os breves labios abria,  
E por elle acalentado  
No seu collo adormecia.

Quando era a vida o presente  
Juncado de lindas flores,  
Quando no mundo sómente  
Sorriam risos e amores.

Então vagava nos campos,  
No praser me embevecia,  
De dia jogos e festas,  
Sonhar á noite alegria.

Oh! que vida tão fagueira  
A vida que então vivia!  
Era um sonho de innocencia,  
De meiga e pura magia.

Quem me déra os tempos bellos  
De minha infancia gentil,  
Quando vivia contente  
Sob um céu de puro anil.

Quando meu pae nos seus braços  
A seu peito me apertava,  
E meu irmão pequenino  
Comigo tambem brincava.

Quando a aurora era mais linda,  
E tinha o sol mais fulgor,  
Quando toda a natureza  
Fallava sómente amor.

Quando a avesinha do bosque  
Me trinava melodia,  
Quando a flor do verde prado  
Mais puro o calix abria.

Quando gostava nos campos  
Apanhar a mariposa,  
Colher o cravo, a açucena,  
Desfolhar a linda rosa.

Quando vivia nas varzeas  
De minha patria tão bella,  
Quando do puro horisonte  
Não fugira a minha estrella.

Quando era vida de amores,  
A vida que então vivia,  
Quando era um sonho innocente  
De meiga e pura magia.

Mas que é da flor d'esta vida?  
Como a rosa se esfolhou  
Da ventania açoutada!  
E á mingoa d'agua seccou!

Ficou sem folhas e viço  
— Hastè pobre, e ressequida —  
Sem ter no mundo um sorriso,  
Sem uma esp'rança de vida.

Oh! quem me dera de novo  
O meu puro céu de anil,  
Meus brincos e minha infancia,  
Minha infancia tão gentil?

## XII

Bella filha, dos homens encanto,  
Ó meu anjo de amor e candura,  
Por quem só minha vida passára  
Entre penas e negra tortura.

Tu não vês os meus olhos em lagrimas,  
Tu não vês a minh'alma quebrada  
A teus pés se rojando humildosa  
Entre espinhos, de sangue banhada?

Não escutas meus tristes suspiros,  
Que se perdem na immensa exteusão,  
Não escutas os longos anceios,  
Os gemidos do meu coração?

Tudo escutas e vês ó donzella,  
Mas tua alma de bronze fundida  
Nem ao menos me deixa uma esp'rança,  
Nem de sonhos me doira esta vida.

Nem me lanças teus languens olhares!  
Oh! com elles feliz eu vivera:  
Nem um riso! Sómente por elle  
Minha vida, meus sonhos te dera.

Nem me dizes em phrase singella,  
Como o aroma de candida flor,  
« Eu te adoro, eu te prézo na terra,  
« Só por ti, só por ti tenho amor. »

E eu definho na flor da existencia!  
Oh de sonhos o peito nutrio,  
E na campa inanido, mirrado  
Ir e sonno da morte dormir...

Um só riso, uma phrase sómente  
Que da vida me abrande o soffrer,  
Um só beijo no amor abrasado  
Ó meu anjo, depois. . só morrer.

## XIII.

## A FLORINHA.

Florinha bella, engraçada,  
Porque nasceste sosinha  
Entre a relva despresada?  
Tão longe das outras flores,  
Tão longe dos teus amores?

És mais gentil do que a rosa  
Com tua fronte singella;  
Brilhas nos campos como ella,  
Do que ella tens mais primor,  
Porque não vens offuscal-a,  
Tirar-lhe o sceptro e o fulgor?

Oh! vem formosa  
Rosa  
Render-lhe preito  
Render-lhe amor.

Dize, não sentes desejos  
De estares entre os jasmims,  
De sentires os seus beijos?  
E porque longe das flores,  
Tão longe dos teus amores?

A dhalia, o cravo, a açucena  
A teus pés se hão de curvar,  
Teu calix hão de amparar  
Do vento ao cego furor,  
Perfumar teu pé viçoso  
Com seu doce e grato odor,

Oh! vem singella  
Bella  
Ouvir suas juras,  
Seus ais de amor.

No outro dia a florinha,  
Que dos jardins mais viçosas  
Devia ser a rainha,  
Ficou bem longe das flores,  
Bem longe dos seus amores.

Ficou, sim! no meio da relva.  
Lançou seu pé delicado  
O furacão arrojado!  
Nem soubeste o que era amor,  
Morreste virgem de affectos,  
Minha linda e casta flor.

## XIV

AO ILHE.º SR. AUGUSTO EMILIO ZALUAR.

.....jamais roses de poesie,  
Trésors charmants de grace et de fraîcheur  
De tels parfums a'embaumerent l'Asie.

MILLEVOYE.

## I

Donde venns perfumada de harmonia  
Aura celeste que sussurras meiga  
Sobre as campinas da brasileira terra?  
Porque teu som melodico se entranha  
No profundo do peito? porque bate  
Contente o coração quando te espalhas  
Bella e suave pelo espaço immenso,  
Como vago gemer de aeria nota  
Do céu descida a embalsamar os ares?  
Quem não ama escutar-te? quem não julga  
Percebendo-te ouvir a triste historia  
De poeta infeliz, a quem a aurora  
De esperaça e ventura foi brilhante  
Subitaneo crepus'lo antes das trevas  
De borrascosa noite? Oh! quem não ama-te  
Quer descantes saudades, quer as graças  
Da natureza com primor descrevas?  
Que peito não se abranda a teus accentos?  
Quem não pergunta ouvindo-te os queixumes  
D'onde vens perfumada de harmonia  
Soar nos campos da brasileira terra?  
De que lyra te partes? quem te anima  
Da saudade e candura effluvio santo,  
Quando da terra as sublimadas harpas  
Subito se calaram como as aves  
Ao som longinquo do ribombo ethereo?  
Tu só do prado rouxinol ameno  
Não perdeste tua voz, mas sim constricto  
Da piedade e do amor soltaste os cantos,  
Tu só não penduraste a lyra d'oiro  
Dos ventos ao soprar: mas porque gemes?  
Quem és tu que dás vida ás cordas puras  
Da innocencia, e do encanto? d'onde has vindo?  
Porque fazes soar tua voz angelica  
Sobre as campinas da brasileira terra?

## II.

Dize-me oh bardo, que animas  
Com tuas canções divinas  
Deste som o alto condão,  
Dize, d'onde o recebeste,  
Onde esse canto aprendeste,  
Quem te deu a inspiração?

Onde bebeste a candura,  
A singella formosura  
De teus hymnos virginaes,  
Mais lindos que as lindas flores,  
Que as diversas varias côres  
Dos sorrisos matinaes?

Em teus sons melodiosos  
Não vejo os campos formosos  
De minha patria querida?  
Oh! foi nelles que aprendeste?  
Que a inspiração recebeste?  
Oh! nelles passaste a vida?

Meus campos esmeraldinos,  
Meus ribeiros cristalinos,  
Tinham encantos assi;  
A brisa assim sussurrava,  
E como ella suspirava  
Tu suspiras hoje aqui.

Suspiras aqui errante  
Como o pobre navegante  
Pelo porto no alto mar,  
Qual o amante pela amada,  
Quando chega a hora aprasada,  
Em que viver é amar.

Não te lembram as estrellas,  
O luar, as noites bellas,  
Sua ineffavel magia?  
O rouxinol descantando,  
Quando o sol vae mergulhando  
Do seu brilhar a ardentia?

Se tu vês brilhar a aurora  
Com sua face encantadora,  
Lembram-te nossas manhãs,  
Quando a terra e o céu fulgindo,  
Vão alegrando, sorrindo  
Como duas ternas irmãs?

Lembra-te o Tejo correndo,  
Com suas aguas lambendo  
De nossa terra a princeza?  
Nosso céu, nossas campinas,  
Nossos prados de boninas,  
De nossa patria a belleza?

Oh! lembras-te, que a saudade  
No teu peito jámais hade  
Apagar sua viva chamma;  
Por ella tanges tua lyra,  
Por ella o genio te inspira,  
Só ella tua mente inflama.

Saudade, amor, e pureza,  
As graças da natureza  
Não podem vencer-te os cantos;  
Quem podera concebê-los?  
Em versos quem descrever-los?  
Quem lhes cantára os encantos?

## III

À sombra da palmeira te assentaste  
Do desterro na terra peregrino,  
E destes climas as canoras aves  
De ouvir pasmaram teu cântico divino.

Tua voz ressoou; ouvi-lhe os cantos,  
De minh'alma o viver vi mitigar-se,  
E um conforto no exílio, uma esperança  
Dentro em meu coração alevantar-se.  
A ti oh bardo a melodia, a graça;  
A mim os males que meu peito encerra,  
Faze pois ressoar tua voz angelica  
Sobre as campinas da brasileira terra.

JOSÉ RAMOS COELHO.

## NOTÍCIAS E COMMERCIO.

**Exposição no Passeio Publico.** — Nos dias 12, 13, e 14 de junho deverá ter lugar neste Passeio a primeira exposição neste anno de plantas raras e importantes, tanto de jardinagem como de horticultura e alta agricultura.

Serão também admittidos os fructos, e em geral quaesquer productos agricolas que mereçam alli concorrer, bem como quaesquer novos instrumentos e maquinas de reconhecida vantagem, tanto para jardinagem, como para horticultura e alta agricultura.

Tendo estas exposições por fim principal, que por meio do exame e estudo publico sobre os objectos que alli concorrerem, se facilite o desenvolvimento dos indispensaveis conhecimentos sobre a sua cultura e aproveitamento, por isso, e para que este resultado se possa mais facilmente conseguir, em beneficio publico, rogo por muito favor a todos os srs. expositores o obsequio de acompanharem cada um dos objectos que alli mandarem, de uma nota na qual conste, não sómente o seu nome e procedencia, como também quaesquer explicações que julguem necessarias, sobre cultura etc. etc.

Quando os srs. expositores quizerem vender alguns dos objectos que alli mandarem deverão juntar-lhes os respectivos preços — e quando se dê o caso de vender, roga-se a seus donos que dalli os não retirem senão depois de acabada a exposição.

Um jury, composto de pessoas competentes, avaliando quanto alli concorrer, posteriormente fará publicar pela imprensa o seu juizo imparcial a este respeito. Este juizo porém será sómente feito sobre

aquelles objectos que devidamente o merecerem, e por essa occasião o mesmo jury lhe designará premios.

Estes premios serão dados em titulos honorificos, de 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> classe, e se fôr possível, outra sorte de premios serão também concedidos.

Adverte-se que todos os objectos que forem mandados á exposição devem estar no Passeio até ás 3 horas da tarde do dia antecedente acompanhados de uma relação em duplicado, na qual ellas se designem, e o seu numero. Estas relações devem ser entregues ao jardineiro que rubricando-as restituirá uma dellas ao portador, para com esta tornar a receber os objectos que della constarem.

Previne-se que a hora de se fechar o Passeio será quando as bandas de musica se levantarem dos logares onde estiverem estado, e tocando em marcha o hymno do lavrador. ou outra qualquer peça de musica, saírem pelas respectivas portas.

Lisboa 1 de junho de 1853.

O vereador

AYRES DE SÁ NOGUEIRA.

**Alfandega da Figueira.** — Temos presente uma mappa estatistico, por onde consta o rendimento da alfandega da Figueira, desde o 1.<sup>o</sup> de janeiro de 1835 até 31 de dezembro de 1852, e bem assim o numero de embarcações entradas e saídas durante o indicado periodo.

O total dos rendimentos foi de 701:718\$636 rs., sendo 656:084\$586 rs. para o thesouro publico; 5:184\$553 rs. para a junta de juros; 2:178\$304 para a junta do commercio; e 38:271\$193 para a junta do credito publico.

Os annos de maior rendimento foram por sua ordem — 1845 — 1849 — 1843 — 1848 — 1850 — os de menor, os annos de 1840 — 1841 e 1838.

O total das embarcações entradas foi de 6:524; e das saídas, de 6:446. Os annos de maior movimento marítimo não correspondem nos annos aos de maior rendimento na alfandega; pelo contrario, coincidem em geral com os annos menos lucrativos na fiscalisação, como são os de 1839 — 1840 — 1841.

Os annos de 1851 e 1852 são os mais pobres no movimento dos navios.

Se comparar-mos estes dados com os que se observam no porto e alfandega de Vianna do Castello, vemos aqui maior rendimento fiscal, e menor movimento marítimo. Durante o mesmo periodo, na barra de Vianna entraram 4:178 navios, e saíram 4:158; e a alfandega rendeu 987:395\$103.

(Observador).

## THEATRO PORTUGUEZ.

Chamamos a mais séria attenção do governo sobre a reforma dos regulamentos que dizem respeito ao theatro portuguezes. O estado actual é impossivel por todos os motivos. Constava que a commissão do theatro de D. Maria II, levára á presença do governo um projecto de reforma sobre o qual é urgente tomar alguma resolução. Parece que a commissão se não reuniu mais depois da ultima sessão em que ha tempo accordou nesse projecto, e que a direcção do theatro nessa occasião pedira a sua demissão.

De tudo isto resulta uma situação anormal que reclama forçosamente a atenção do governo. Accresce que se deve votar previamente o subsidio do theatro, e muitas pessoas que seriam de opinião que elle fosse elevado a uma situação que para actores e auctores tivesse mais vantagens, não concordaram nem em um conto, quanto mais em seis contos que ao presente nos custa essa sombra de theatro normal, que está recrutando espectadores nos repetidos beneficios, que pelo vil preço das entradas fazem descer o theatro ao ultimo gráu da decadencia.

#### THEATRO DE S. CARLOS.

No sabbado 4 do corrente subiu á scena neste theatro a nova dança em 3 actos, *Fenella*, em beneficio da primeira bailarina absoluta M.<sup>ma</sup> Monticelli.

O publico prestou a devida homenagem ao talento distincto da beneficiada. A sua appareição em scena foi saudada com applausos geraes e prolongados, e em todo o decurso da representação foi madame Monticelli festejada com corôas, *bouquets*, e com todas as demais provas de apreço e sympathia que tem sabido merecer a este publico nas tres épocas consecutivas, em que ha figurado com tanta distincção no nosso theatro lyrico.

Nesta dança executa Madame Monticelli dois lindos *passos* com Mr. Cappon, um dos quaes em caracter *sevilhano*. O *adagio* do primeiro é composto de bellos e variados *tableaux*, em que temos a admirar não só a correcção do desenho como tambem a firmeza, facilidade, e *à plomb*, com que são executados.

As suas *variações e entradas*, são de muito effeito, e cumpre notar sobretudo que madame Monticelli não se limita a um só genero de dança. Ella emprega, como temos observado, ora o genero *laqué*, e *terre à terre*, ora difficeis passos *sur les pointes*, umas vezes passos de força, outras o genero *ballonné* e de *balzo*. Não admira, portanto, que durante todo o tempo que se tem conservado entre nós, ella tenha conseguido variar sempre os seus passos, apresentar novidade, e satisfazer completamente a generalidade do publico.

A *Sevilhana*, que M.<sup>ma</sup> Monticelli dança no 3.<sup>o</sup> acto com Mr. Cappon, é um gracioso passo em caracter, e executado com muita graça e delicadeza.

Neste, como no primeiro passo, foi a beneficiada constantemente applaudida, recebendo do publico todas aquellas demonstrações de apreço e sympathia que formam a gloria de um artista.

M.<sup>ma</sup> Monticelli vai em breve deixar-nos, partindo para Italia, mas o seu nome ficará registrado para sempre nos annes do theatro de S. Carlos como o de uma das mais distinctas artistas que tem figurado entre nós, e estamos certos que tambem de sua parte M.<sup>ma</sup> Monticelli não poderá já mais esquecer os bellos triumphos que alcançou neste theatro, e conservará sempre do publico de Lisboa as mais gratas e saudosas recordações.

Mr. Cappon é digno companheiro de tão eximia bailarina; vai tambem partir, mas difficilmente poderá ser substituido por outro artista de igual merecimento. E que Mr. Cappon se torna credor dos maiores elogios não só pela perfeita execução de todos os seus passos, como tambem pela novidade que

constantemente apresenta nas suas composições. A este artista prognosticamos a mais brilhante carreira na arte a que se dedicou.

A nova dança, *Fenella*, do sr. Segarelli, é uma composição coreographica do genero italiano, sobre o bem conhecido assumpto da *Muda de Portici*, ou a revolta de *Masaniello*, que pelo enredo, da acção, e interessantes scenas mimicas que encerra, prende continuamente a atenção do espectador. É muito gracioso o bailado em caracter, a *Tarantella*, dança nacional napolitana, reproduzida com verdade sobre a scena, e perfeitamente executada pelo sr. Segarelli com o corpo de baile.

O sr. Segarelli, não só como auctor da dança como tomando parte importante nella no desempenho do papel de *Masaniello*, merece a approvação do publico, e na verdade, bastaria a interessante scena que elle executa no 1.<sup>o</sup> acto entre os pescadores para lhe adquirir a indispútable reputação de um excellente artista mimico.

A sr.<sup>a</sup> Sophia Costanza desempenha perfeitamente a parte de *Fenella*, e nella encontramos sempre uma artista habil e sympathica, que exprime com a maior naturalidade, por meio da mimica, as paixões, que a commovem, e que pertende traduzir sobre a scena. O publico, que tem sempre mostfado a esta artista o seu agrado, quiz na noite do seu beneficio na segunda feira passada honral-a com flores, corôas, e numerosos applausos, chamando-a mais de uma vez ao proscenio.

Sentimos que a composição do sr. Segarelli com tão bom exito, só fosse tres vezes á scena.

É um erro de má direcção, de quem retardou a representação desta dança até ao fim da época, e quando os principaes artistas que nella entravam, haviam terminado já a sua escriptura com a empresa!!

DEMETRIO RIPAMONTI.

#### BIBLIOGRAPHIA.

##### O AMIGO DA RELIGIÃO.

É este o titulo de uma nova publicação destinada a propagar a moral santissima do Evangelho, á defesa dos direitos da igreja catholica: e, finalmente, á instrucção publica.

Cada numero constará pelo menos de 16 paginas em quarto, e o primeiro sairá no dia 15 do corrente: continuando a sair regularmente um numero em cada quinze dias.

Doze numeros formam uma serie; e tres series completarão um bello volume com perto de seiscentas paginas, muitas estampas, vinhetas, etc.

As assignaturas fazem-se por series, sendo o preço de cada uma serie 500 réis, pagos sempre adiantados; condição sem a qual já mais se tomará conhecimento dellas.

Toda a pessoa que pagar dez assignaturas e remetter o seu importe directamente á redacção, será considerada correspondente, querendo, receberá uma assignatura gratis, e mais dez por cento de commissão; e abonar-se-lhe-hão as despesas, inclusivè os portes do correio.

Subscreve-se: em Lisboa, no escriptorio da redacção, rua dos Douradores n.<sup>o</sup> 31 N, 1.<sup>o</sup> andar; e na loja de João Paulo Martins Lavado, rua Augusta n.<sup>o</sup> 8.



# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 49.

QUINTA FEIRA, 16 DE JUNHO DE 1853.

12.º ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### DESCOBRIMENTOS SCIENTIFICOS DO SEculo XIX.

#### Galvanoplastica e a douradura chimica.

(Concluido de pag. 555.)

Ainda ha poucos annos a profissão de dourador de metaes com rasão era considerada uma das mais insalubres da industria, o que procedia do methodo usado para dourar o bronze e o cobre, que era o seguinte. Dissolvia-se o ouro n'uma certa quantidade de mercurio, e o amal-gama assim formado servia de untar a peça metálica; expondo-a depois á acção do fogo, o mercurio se evaporava e deixava na superficie do metal uma capa de ouro. A necessidade de ter as mãos constantemente em contacto com o mercurio, e sobretudo a presença deste metal convertido em vapores na atmosphera das officinas alterava rapidamente a saúde dos douradores; o resultado quasi constante destas operações dam-nosas era a doença conhecida pelo nome de tremor mercurial, a que poucos operarios podiam subtrahir-se e que lhes fazia perigar gravemente a existencia. Em diversas épocas se havia tentado obstar á insalubridade desta industria.

Em 1816 um artista antigo, que viera a ser rico fabricante de bronzes, Mr. Ravrio instituiu um premio de tres mil francos para quem obtivesse a sanidade do officio de dourador. A academia das sciencias conferiu este premio ao chimico D'Arcet, que construiu para as officinas de douradura a mercurio chaminés de fórmãs e dimensões especiaes, calculadas para augmentar

consideravelmente a extracção do fumo e puchar para fóra todos os vapores mercuriaes. Todavia este melhoramento na disposição das officinas apenas remediou imperfeitamente o mal, porque os operarios, com a sua negligencia ordinaria, não faziam caso das precauções recommendadas, e os proprios fabricantes, ainda que obrigados pela administração publica a construirem suas fornhalhas pelo systema de D'Arcet, dispensavam-se de as fazerem funcionar no seu trabalho habitual. Não teve, pois, grande trabalho a statistica em demonstrar que o officio de dourador de metaes era dos que forneciam mais triste contingente ao martyrologio da industria.

Por este tempo aconteceu o descobrimento da galvanoplastica; por toda a parte se buscava indagar e ampliar as suas applicações. Occorreu, por isso, mui naturalmente aos industriaes e aos sabios o pensamento de empregar o agente galvanico como na douradura. Esta questão offerecia sob diversos aspectos elevada importancia. Com effeito, conseguindo-se obter uma deposição d'ouro na superficie dos metaes sem recorrer aos methodos ordinarios da douradura a mercurio, crearse-ia um ramo de industria inteiramente novo e que até alli não tinha outro analogo nas artes. Ao mesmo tempo desterrava-se das officinas a funesta pratica de douradura a mercurio, que fazia tantas victimas. Era, pois, simultaneamente um descobrimento scientifico, uma grande vantagem industrial e uma obra de humanidade.

Desde o anno de 1838 começaram os ensaios das applicações da galvanoplastica á arte de dourar e logo houve probabilidade de que o exito feliz coroaria essas diligencias; porém, o que era difficil prever então vinha a ser que a applicação dos processos electro-chimicos podesse dar

imediatamente tão brilhantes resultados; que a industria da douradura a mercurio cahisse em total ruina; e que em vez dessas praticas tão nocivas á saúde dos artistas vissemos surgir em poucos annos uma industria nova, mais economica em seus processos, mais prompta nas suas operações, e de todo isenta de inconvenientes e de perigos.

Tão notavel resultado foi devido principalmente aos trabalhos de M. de Ruolz, cuja perseverança e talento escreveram um das paginas mais brilhantes na historia da industria contemporanea. M. de Ruolz, homem bem educado e compositor habil, que vira successivamente applaudidas as suas obras lyricas no theatro de S. Carlos em Napoles e na Grand-Opera de Paris, foi levado em consequencia de alguns revezes da fortuna a occupar-se em objectos de chimica industrial. Encaminhou-se a sua attenção ao facto da douradura e prateamento dos metaes por meio da pilha voltaica, questão que nesta época entreteinha muito os animos, e na Inglaterra e Alemanha se havia já convertido em assumpto de serios trabalhos; Mr. de la Rive, em Genebra, fôra o primeiro que enoetara com exito esta carreira, que posteriormente havia de apresentar tão esplendidos resultados.

Como todos os homens dotados de elevação de espirito, Mr. de la Rive prezava especialmente os trabalhos scientificos, cujas applicações podem servir aos commodos e ao aperfeiçoamento do genero humano. Com este intuito emprehendera em 1825 pesquisas dirigidas a substituir a douradura a mercurio pela douradura por meio das correntes electricas. Porém, a sciencia ainda então não estava tão adiantada que permittisse cabal effeito. Resolveu, por isso, o problema apenas muito imperfeitamente; só conseguiu dourar a platina, o que de certo era de bem limitada utilidade. A falla das suas experiencias procedeu sobretudo da insufficiencia das pilhas voltaicas então conhecidas, com que se não podiam obter as correntes constantes e regulares que tão facilmente produzimos hoje. Todavia, quinze annos depois, em 1840, guiado pelos bellos resultados conseguidos por Mr. Becquerel com as correntes electricas de fraca intensidade, animado assim pelas primeiras vantagens alcançadas por MM. Spencer e Jacobi, que começavam a causar certa sensação no mundo scientifico, Mr. de la Rive renovou as suas antigas tentativas. Desta vez foi mais feliz; comtudo não poudo ainda resolver a parte do problema. Dourou a prata, o co-

bre, e o latão; porém, o seu processo estava longe de offerecer todas as vantagens desejaveis.

Eis aqui como operava Mr. de la Rive. A dissolução que empregava era o chloruro de ouro neutro e a fonte da electricidade uma pilha simples. O objecto para dourar era collocado, assim como a dissolução, n'um sacco cylindrico formado de uma membrana de bexiga; mergulhava-se o dito sacco n'um vaso cheio de agua acidulada; era posta neste vaso uma chapa de zinco e communicava por meio de um fio de cobre com o objecto para dourar. Este methodo era muito imperfeito. A primeira camada de ouro era assás espessa e adherente, porém as outras tornavam-se pulverulentas; era então necessario tirar fóra a peça, esfregal-a de modo que desaparecesse a capa pulverulenta, tornal-a a metter depois na dissolução, e repetir esta operação certo numero de vezes até se obter uma camada de ouro sufficientemente espessa. Além disso, não sempre se lograva obter um tom de douradura conveniente. Muitas vezes o chlore solto pela decomposição do chloruro d'ouro vinha atacar e denegrir a peça, apesar da capa de ouro de que estava recamada. Finalmente, depositava-se na bexiga uma grande porção de ouro, o que produzia uma perda notavel deste metal precioso.

Os ensaios de Mr. de la Rive não tiveram, portanto, seguimento pelo que toca á industria. No entanto, os bons resultados crescentes da galvanoplastica, facilmente faziam perceber que não seria impossivel tirar delles mais vantagens partido aperfeiçoando-os. De facto, o que Jacobi e Spencer haviam praticado com o cobre, podia esperar-se que se reproduziria com o ouro, metal de uma ductibilidade e malleabilidade bem superiores á do cobre. A falla do processo de Mr. de la Rive devia, pois, ser attribuida á natureza dos dissolventes empregados por este physico, e não ao ouro; e o problema da douradura galvanica achava-se simplificado a ponto de não se carecer mais do que a investigação de dissoluções especiaes do ouro, e a applicação a certas composições, das pilhas de corrente constante, que davam nas experiencias galvanoplasticas tão felizes resultados.

Mr. Boetger, em Alemanha, aperfeiçoou os methodos empregados por Mr. de la Rive. Ao cylindro de bexiga de boi substituiu um tubo de vidro de 4 centimetros, aberto n'uma das extremidades e tapado na outra com um bocado de bexiga. Em vez de chloruro de ouro simples empregava o chloruro duplo de ouro e de sodio.

Com o auxilio destas precauções, conseguiu dourar mui facilmente objectos de ferro e de aço, previamente raspados na sua superficie, por meio da immersão em acido chlorydrico enfraquecido.

Mr. Elsner repetiu as experiencias de Boetger operando com um aparelho quasi similhante. Observou que o banho deve ser mui fracamente acidulado, e que os objectos tomam douradura tanto mais bella quanto mais bem polidos são e mais fraca é a corrente. Finalmente, e é o que constitue o ponto importante de suas observações, Mr. Elsner reconheceu a utilidade de juntar ao chloruro duplo do ouro e de sodium uma dissolução de carbonato de potassa. Esta modificação fazia já sentir a utilidade, para a douradura galvanica, das dissoluções alcalinas d'ouro, que mais tarde foram empregadas com tão vantajoso exito.

Tal era o estado da questão, quando Mr. de Ruolz começou os seus trabalhos. Por uma serie de perseverantes investigações, este chimico resolveu de um modo completo o problema geral da precipitação galvanica dos metaes uns nos outros. Com effeito, não só descobriu grandissimo numero de processos differentes para pratear e dourar os metaes por meio da pilha de Volta, mas tambem achou os meios de obter quando se queira a precipitação galvanica de quasi todos os metaes de uso commum. Foi mais adiante de Spencer e Jacobi; porque não sómente poude precipitar com economia o ouro sobre o cobre, a prata, a platina etc., mas até chegou a realisar sobre um metal dado a precipitação da serie de todos os outros metaes.

Em 9 de agosto de 1841 Mr. de Ruolz apresentou á Academia das Sciencias uma memoria em que expunha o resultado de suas investigações, a proposito da qual Mr. Dumas escreveu em 29 de novembro seguinte um relatório assás extenso, que fixa com precisão notavel o estado da questão da douradura sob os dois pontos scientifico e industrial; foi um verdadeiro acontecimento na sciencia e deu aos trabalhos de Mr. de Ruolz consideravel fama; e os seus processos para a douradura e prateamento dos metaes pelo meio galvanico foram comprados por Mr. Christofle, que fundou em Paris um estabelecimento dos mais importantes para a applicação dos novos processos da douradura chimica.

Esta nova industria compõe-se de dois ramos distinctos — douradura por immersão, e douradura pela via galvanica — A primeira, que foi imaginada e posta em pratica em Inglaterra por

Mr. Elkington, a contar do anno de 1836, não pôde dar á superficie do cobre senão uma capa excessivamente delgada; serve só para a filigrana e todos os objectos de ornato que não estão sujeitos a fricções ou roçado continuados. A douradura galvanica devida ás pesquisas simultaneas de MM. Elkington e de Ruolz applica-se a todos os objectos destinados a longos usos. Exporemos rapidamente cada um dos dois processos.

Todas as vezes que se mergulha n'uma dissolução metalica um metal que é mais oxydavel que o da dissolução, este ultimo é precipitado; deposita-se sobre o metal immergido, o qual se dissolve então no liquido. Metta-se, por exemplo, uma lamina de cobre n'uma dissolução de azotato de prata, a lamina de cobre se recamará de prata metalica, e ao mesmo tempo uma porção de cobre passando ao estado de azotato entrará em dissolução no liquido para substituir a prata precipitada. O mesmo facto se reproduziria com todas as dissoluções dos saes de prata; haveria sempre precipitação da prata, e dissolução de uma quantidade correspondente de cobre. — Estabelecido este principio, é facil comprehender theoreticamente o novo processo de douradura por aquelle meio humido, e que no commercio é conhecido pelo nome de douradura por immersão. A operação effectua-se, mergulhando-se os objectos de cobre na dissolução de um sal de ouro: faz-se logo sobre o cobre um deposito de ouro metalico á custa de uma parte correspondente do metal da peça immergida. Bem se percebe que a capa de ouro depositada deve ser excessivamente delgada, porque o deposito é devido á acção do cobre sobre a dissolução d'ouro, acção que cessa logo que o ouro recama exactamente o cobre e o põe assim ao abrigo da acção ulterior do liquido.

Tal é o principio da douradura por immersão: quanto aos meios praticos, são da maior simplicidade. A dissolução d'ouro com que se opera é chloruro d'ouro que se faz ferver durante duas horas com uma mui grande quantidade de bicarbonato de potassa; o acido carbonico despega-se e o composto se transforma em aurato de potassa, sal que tem a propriedade de ceder o ouro ao cobre na temperatura da ebullicão. Conservando-se a ferver o liquido em uma pequena caldeira de fundição, nelle se mergulham os objectos para dourar (previamente bem limpos e desengasgados por meio de um acido) suspensos n'uma varinha de metal que o operador segura na mão: — o objecto fica dourado dentro em poucos segundos.

Nada tão curioso como vêr as peças de cobre mergulhadas no liquido e que sahem do banho recamadas de uma capa d'ouro de mui formoso brilho. O objecto dourado, lavado n'uma tina d'agua, é depois enxuto em serradura de madeira, segundo uma pratica usada pelos ourives. Por este novo methodo a douradura de um kilogrammo de cobre em laminas mui delgadas não custa mais de 18 a 20 francos (2\$880 a 3\$200 réis); pelo antigo processo custava muitas vezes até 120 francos (19\$200 réis); e além disso, quando as peças eram frageis e delicadas difficilmente resistiam á acção do mercúrio.

A douradura por immersão não pôde applicar-se senão aos objectos de cobre e ás suas ligas, e não dá á superficie senão um verniz de ouro excessivamente tenue. Passemos á douradura pelo meio galvanico que permite dourar todos os metaes e obter douradura de todas as grossuras.

A douradura electro-química é fundada nos mesmos principios da galvanoplastica. A peça que se ha de dourar é collocada no polo negativo de uma pilha de D'Archeveau, e os dois polos da pilha mergulham na dissolução de sal de ouro; esta é reduzida sob a influencia da corrente, e o ouro vem depositar-se no polo negativo, isto é, na peça que se ha de dourar: no polo positivo da pilha mergulhado no banho, colloca-se uma lamina de ouro, isto é, um *anode* destinado a substituir o metal á medida de sua precipitação. O bom exito da operação depende sobretudo da natureza das dissoluções d'ouro que se empregam. Não basta obter uma deposição d'ouro metalica, é preciso que adhira bem fortemente ao metal para depois soffrer a acção do burnidor. É preciso tambem que a deposição conserve a sua adherencia, mesmo quando a camada d'ouro tem uma certa espessura. A extrema variedade de compostos d'ouro que M. de Ruolz ensaiou e poz em pratica o habilitou para resolver completamente estas difficuldades. O cyanuro de ouro dissolvido no prussiato amarello de potassa, ou o cyanuro simples, é o composto mais empregado na douradura galvanica. O chloruro d'ouro e os chloruros duplos dissolvidos nos mesmos cyanuros, o sulphuro d'ouro, deram egualmente bons resultados.

A douradura galvanica appresenta a essencial vantagem de se applicar não sómente ao cobre, mas tambem a todos os metaes usados no commercio. A prata doura-se com tanta facilidade que actualmente quasi todas as peças que se usam

deste metal são preparadas por aquelle processo. Póde variar-se como se quizer a grossura da camada de ouro; e na mesma peça se pôde ter o fosco e o polido. Fazendo *reservas* por meio d'um verniz se deposita alternadamente na mesma peça uma camada d'ouro ou de prata, alcançando-se assim misturas extremamente notaveis como effeito d'arte.

O bronze e o latão douram-se tão bem como a prata; o commercio fabrica hoje com esta ultima liga objectos de ornato e decoração que são de elegancia e delicadeza exquisitas. O aço e o ferro douram-se por este methodo com grande solidez, todos sabem que uma multidão de objectos usuaes, como facas de meza, instrumentos de chirurgia, utensilios de laboratorio, armas, aros de oculos, e infinidade de outros trastes de aço e ferro, recebem com vantagem este verniz de ouro, que de mais a mais é capaz de resistir ao longo uso uma vez que a camada d'ouro appresente certa grossura.

O ouro não é o unico metal que se pode depositar em camadas mais ou menos espessas por meio dos processos galvanicos. Empregando dissoluções convenientemente escolhidas M. de Ruolz chegou a obter pelos mesmos meios deposições de prata, de platina, de cobre, de chumbo, de cobalto, de nickel, de zinco etc. A applicação da prata ao cobre, latão e arame, faz-se com tamanha facilidade que substitue agora todos os antigos processos de prateamento; ligeiro diminuiu em notavel proporção o fabrico da casquinha, e fez abandonar de todo o prateamento a folha. Nas officinas de M. Christoffe o prateamento adquiriu grande extensão. A baixella prateada constitue um dos productos mais importantes da nova industria electro-química. Esta industria explorada hoje em grandissima escala é um dos ramos mais florescentes do commercio de Paris. Em Londres, M. Elkington possui um estabelecimento ainda mais consideravel; a Inglaterra e a America são tributarias dos seus productos. As vantagens, consideraveis por muitas razões, que offerece a baixella prateada por meio da pilha galvanica justificam e explicam aquelle grande consumo.

Mr. de Ruolz não se limitou á applicação galvanica dos metaes preciosos; estendendo os seus processos a todos os metaes usados nas artes conseguiu acobrear, estanhar, cobrir de zinco, de chumbo, diferentes objectos. Estas applicações por ora não mostram utilidade reconhecida nas artes; sómente a do zinco é uma operação in-

industrial de valor incontestavel. O commercio emprega ha muitos annos, sob o nome improprio de *ferro galvanizado*, muitas peças de lata, de ferro coado, etc. recamadas de zinco pela simples immersão n'um banho de zinco fundido. O ferro assim preparado goza de propriedades altamente uteis: sendo um metal tão oxydavel, a capa de zinco o perserva de toda a alteração pelo contacto do ar ou da agua, e a experiencia demonstrou ha bastante tempo as vantagens extraordinarias que appresenta o ferro galvanizado no que toca á sua duração e á resistencia aos agentes externos. Infelizmente a necessidade de empregar o zinco derretido ao calor tirava ao ferro uma parte da sua tenacidade; além disso era difficil e muitas vezes impossivel applicar a objectos d'arte e a peças delicadas, porque lhes destruia ou sumia as formas. O processo de applicar o zinco ao ferro por meio da pilha galvanica não tem nenhum destes inconvenientes; applica-se em frio e por consequente respeita a tenacidade do metal; depositado em camadas ténues conserva os contornos das peças metálicas e o aspecto de suas menores miudezas. O ferro assim tratado appresentará, pois, a vantagem de conservar-se livre da ferrugem por longos annos, e neste particular prestará immensos serviços ás artes.

Temos exposto o estado presente da galvanoplastica e o que representam na industria actual os processos de douradura e prateamento pela electro-chimica. Bem se percebe o prestimo destes novos meios em relação ao complexo das artes, e o novo é secundo impulso que dahi receberão o commercio e o emprego dos metaes preciosos, e os proveitos que affiançam á economia usual e domestica.

A importancia industrial da electro-chimica, e das operações que tem com ella relação, evidentemente está destinada a crescer muito no futuro; mas, ainda que fique nos seus limites actuaes não deixa de ser um dos descobrimentos mais interessantes da nossa época, pelo numero, variedade, extensão, e novidade de suas applicações. Infelizmente, em todas as cousas humanas o mal se acha quasi sempre a par do bem. Em materia de industria, as nossas forças não crescem e se dilatam sem fornecer ao mesmo tempo á fraude recursos novos até alli ignorados. A galvanoplastica que presta tantos serviços tambem pôde ser meio de commetter enganos; estes novos processos poem uma arma terrivel nas mãos do contrafactor, do falsificador de moeda.

Sem entrarmos n'outras explicações, é facil comprehender a posição da sociedade e do commercio e da industria, em presença de uma arte que apenas divulgada permite copiar n'alguns minutos e com perfeita exactidão todas as superficies em relevo; de uma arte que por meio della basta ficar o objecto pouquissimo tempo em poder do falsificador para este tirar o molde, com que pôde reproduzir o original tão fielmente que é impossivel ao olho mais exercitado distinguir da cópia o modelo; de uma arte, emfim, que faculta pratear, dourar todos os metaes com a espessura que se quer, sem alterar em cousa alguma as formas exteriores, obtendo-se os seus productos sem estrondo, sem apparatus, com pouca despeza, sem auxilio estranho, e no local ainda o mais acanhado. Incumbe pois aos governos, de mãos dadas com a sciencia, tomar medidas, e pesquisar meios que removam e vedem estes perigos e fraudes.

#### TRATAMENTO DO GADO.

Escreverei algumas observações relativas ao tratamento do gado, por ser um assumpto que muito deve merecer a attenção do agricultor, dependendo muito desta parte dos acontecimentos agricolas a prosperidade ou a decadencia de uma fazenda. Dos cuidados que se prestarem ao gado vem ainda um utilissimo producto nos estrumes que fornece. Deve, pois, o cultivador possuir algumas noções de veterinaria para remediar de prompto os males que de subito se manifestam tanto nos animaes da raça vaccum como da cavallar, e outros; a fim de poder supprir emquanto não recorre ao veterinario do districto; e tambem para tomar as precauções que evitem as epizootias ou molestias contagiosas do gado, tão terribes nos seus effeitos, acontecendo casos de destruir a criação de animaes de uma provincia inteira.

O gado deve\*ser tratado segundo a sua natureza o pedir; observa-se o facto constante de que elle foge do grande calor e tambem das chuvas; que no campo á noite abriga-se com as arvores frondosas para não receber o orvalho; e gosta de alimento herbaceo, e não de matto e de hervas dos brejos. Já se vê que ha de ser tratado segundo estas indicações, e não deixal-o ao abandono. Como ha de nutrir e crear forças, se lhe faltam os cuidados de que precisa? E ainda que o clima seja brando, sempre acontecem ir-

regularidades do tempo, que podem causar graves danos ás manadas.

Os cavallos precisam particular tratamento, se o agricultor quizer ter valentes erias. Dividi-os hei em varias raças que denominarei do seguinte modo: — 1.<sup>a</sup> raça, brava; — 2.<sup>a</sup> raça, creada em parques fechados; — 3.<sup>a</sup>, domestica, e 4.<sup>a</sup> que chamarei do paiz. — Digo raça domestica, porque eu em Italia tive 120 para os trabalhos do campo. Conservava-a encerrada n'um grande pasto cingido todo por fóra com grandes vallas e tapumes de arvores, e no centro uma vasta cavallaria, onde os recolhia de noite, ou quando o tempo era chuvoso, ou fazendo demasiado calor. O pasto era abundante das forragens convenientes, e dividido em tres porções, uma para as eguas prenhes, outra para as poldras e as eguas que não ficaram prenhes, a terceira para os poldros. Tinha tambem outra cavallaria separada, porém no mesmo local, para recolher as eguas doentes afim de perservar os animaes sãos de qualquer doença contagiosa: era construida de paus e caniços, com tecto tambem de caniço ou de colmo. Cada secção tinha o seu guarda que conduzia as cabeças de cada uma ás pastagens que lhe estavam reservadas; a saber: a primeira ao pasto mais vigoroso e abundante d'herva, a segunda aos logares onde esta era menos abundante, a terceira aos pascigos mais seccoos. Os guardas eram incumbidos de vigiar o bom estado dos animaes, recolhel-os a tempo opportuno, ministrar-lhes a comida quando estavam fechados e tratar dos estrumes. Superior aos mesmos havia um capataz que os dirigia nas diferentes operações de seu trabalho; por exemplo, no tempo de mudar de pasto, a sangria pela primavera; o mesmo subministrava os remedios que recebia do patrão, fazendo executar as suas lições; dirigia a limpeza e o cuidado da cavallaria e dos estrumes, e a limpeza dos animaes que fazia executar duas vezes por semana, e assim tratar-lhe das unhas e ensebal-as e dos cascos. Dava parte dos cavallos que tinham nascido, pelo que se punham as eguas em differente tratamento oito dias antes e quinze dias depois até o poldro estar capaz de seguir a mãe. Participava tambem quando os cavallos tinham acabado o seu tempo de trabalho de agricultura, o qual era dos tres até os sete annos, para serem depois conduzidos aos mercados, tirando-se o lucro da venda depois do serviço que fizeram na granja.

Este mesmo capataz olhava pela qualidade e estado das forragens, que não se enchessem de

poeira, que os fenos melhores fossem para as eguas prenhes, ás quaes alguns dias antes de parirem se lhes dava ração mais forte, e depois se lhes dava agua com farinha e sal, especie de lavadura, e tambem ração de cevada. Esta ração se ia retirando durante quinze dias, findos os quaes a egua e a sua cria passavam para o pasto.

O mesmo primeiro guarda era encarregado da castração dos poldros, que se fazia quando tinham tres annos e meio, pelos seguintes modos: — 1.<sup>o</sup> das taboinhas; — 2.<sup>o</sup> da ligadura do cordão; — 3.<sup>o</sup> do lume applicado ao mesmo. O systema mais geralmente usado é o das taboinhas de comprimento de 15 centimetros e 3 de largura com um atilho para ligar as mesmas. Desde o meado de abril até o fim de junho deitava e capataz os garanhões ás eguas, só uma vez por dia e em cada dois dias deixava um de descanso, de maneira que o cavallo pae em uma primavera cobria 25 a 30 eguas. Ao cavallo dava-se antes e depois do acto uma ração de cevada sem dar-lhe de beber.

Muitos e variados são os tratamentos do gado cavallar, não tanto por causa das raças, como pela differença dos climas, das comidas e do trabalho, que fazem variar as formas, a cõr e as forças. Porém, como o meu intento se dirige sómente á agricultura, fallo do modo de tratar os cavallos usado na Lombardia; e deixo aos veterinarios mais completa dilucidação sobre os pastos, sobre os modos do lançamento e copula, etc. etc. Quer a egua quer o cavallo exigem quasi o mesmo tratamento, resguardo, alimento e bebida, exercicios, e regulamento diario, algum tempo antes do coito. Bom feno, forragem verde, optima cevada constituem o sustento mais conducente e proprio a mante-los sãos e vigorosos. A agua será sempre da melhor qualidade, nem limosa ou de mau cheiro. Quinze dias antes do lançamento devem retirar-se de qualquer trabalho forçoso, e ser-lhe augmentada a ração, principalmente dando-se-lhe cevada. Sendo proprio destes animaes na primavera o cio, são por consequencia inuteis e damnosos todos os meios empregados artificialmente para obter o que acontece pela ordem natural.

Os bois devem ter bom tratamento sendo os animaes que maiores serviços prestam á agricultura. Os bois novos só principiarão a trabalhar depois dos tres annos completos, e antes de os metter ao jugo convém acostumar-os a trazer a canga ao pescoço, e a andar com bois mansos, e assim quando tiverem quatro annos já estarão

promptos para todo o trabalho. Entregues ao abeção ha de este mandal-os limpar todos os dias pela manhã, e tratar dos cascos principalmente de verão; fazer-lhe a cama pelo menos duas vezes na semana no verão, e no inverno uma vez todos os oito dias. A abegoaria deve andar na maior limpeza. Os bois devem na primavera, como os cavallos, ter o tratamento da sangria e purga, antes do verde. Dando-se-lhe de beber, attenda-se que a agua não seja muito fria, antes esteja algum tempo ao sol; e por nenhum modo agua encharcada, a comida ha de ser ministrada em rações, tres vezes ao dia, de manhã, ao meio-dia e á noite; nunca de mais, porém de maneira que o boi fique bem mantido. No verão promovase na abegoaria a prompta e geral circulação do ar, e quando se vê ser abafadiça esta arribana, tome-se o expediente de pôr o gado debaixo de telheiros onde se dá muito melhor.

Aos oito annos trate-se de engordal-os a fim de os vender para o talho, o que se faz com vantagem, e não perda, estando bem creadas as rezes; passando desta idade o boi não tem já ardor para o trabalho, renuncia tambem a comida e torna-se difficil engordal-o.

Quanto aos porcos o principal é conseguir tór uma boa raça para o que se escolliem porcos não castrados que tenham todas as propriedades para fazer uma boa creação destes animaes. Devem ter olhos pequenos e vivos, a cabeça grossa; o pescoço carnudo e roliço, o peito largo, as pernas curtas e reforçadas, o corpo comprido e membrudo, o dorso direito e amplo, e o focinho que revire para cima. Logo em pequenos apartam-se para que não se costumem á união; desse-lhes comida boa e sã. Um só pôde fecundar 20 ou mais femeas; mas, quem quizer boa creação deixe-lhe sómente dez ou doze. Podem estar assim da idade de um até tres annos, concluidos os quaes submettem-se á castração, porque se tornam furiosos e máus; e aos tres annos ainda estão capazes de ser cevados para a matança. Alguns auctores marcam outras edades, porém são estas ou para muito ou para muito pouco, e a pratica mostra que sendo ou de mais ou de menos, faz degenerar a raça. Eu prefiro que o porco inteiro principie a ser barrasco, de um anno e meio, porque então é muito forte e não se enerva continuando até os tres annos e meio em que será sujeito á castração, pois ainda engorda com muita facilidade estando são e vigoroso. As femeas deverão ter os mesmos signaes que marquei para os machos, e demais os quartos trazeiros largos,

as orelhas eguaes, o ventre amplo e pendente, as sedas macias, as pernas fortes e o pé bem rachado, tetas numerosas, isto é de 10 a 16.

A marrã acha-se apta para conceber na idade de um anno, mas para que tenha boas crias espera-se que chegue a um anno e meio. Cumpre aproveitá-las cedo porque dellas não se pôde tirar outro lucro, e porque com as successivas creações e pariduras afrouxam-se, perdem o appetite ao comer, e poem-se em estado de nunca poder engordar. A porca anda prenha de 120 a 123 dias; nós na Lombardia costumamos fazer co-hir as marrãs passadas cinco semanas depois de parirem os bacorinhos, de modo que regulando cada praso a 150 dias, n'um anno parem duas vezes e no anno seguinte fazem tres creações e assim por diante. Ser-lhe-ha dada boa comida e em sufficiente quantidade, porém nunca para as engordar, porque isso poderia causar grave damno ás crias. Duas semanas antes da paridura se lhes fará boa cama de palha enxuta, e nos ultimos oito ou dez dias serão nutridas melhor e mais abundantemente.

O guarda deve vigiar a occasião em que parem e impedir que matem os bacoros porque algumas tem esse sestro. Das crias, que ellas não podem sustentar todas, se deixarão para crescerem sómente as que se conhecerem mais robustas e bem feitas de corpo. Observar-se-ha tambem a regra de lhes tirar os leitões na occasião em que estejam ausentes a comer, para não sentirem os fortes guinchos que dão aquelles e não se tornarem furiosas. Depois de parirem as porcas, os lombardes que as querem conservar em bom estado usam dar-lhes pela manhã cedo e á noite cevada cosida em um meio caneco de agua com quatro ou cinco mãoscheias de farellos, porque naquella epocha as porcas são muito esfaimadas e golósas, e convem nutril-as com abundancia. Assim se pratica durante os primeiros 15 dias, e se o tempo o permittir, mandar-se-hão pastar nos campos. Ao cabo de tres semanas tiram-se-lhes os leitões destinados á venda para meza, e passados 45 ou 50 dias desmamam-se os outros e neste tempo se acostumarão a pastar não só nas forragens como tambem nos baldios e sítios incultos.

Aos tres mezes escolhem-se os marrões que devem ficar no casal, separando algum macho para creação e algumas femeas. Tem então logar a castração dos restantes, que é um dos principaes meios que contribue para engordarem. Por isso mesmo que este gado é verdadeiramente



porco e folga nos lameiros e pocilgas humidas carece do cuidado do homem, principalmente quando são novos, e obriga-os a estar em camas enxutas e limpas para não crearem molestias asquerosas; quando faz calor é bom conduzi-los a pastar alli pela volta da tarde ao ar fresco; e o guarda tomará sentido que se não dêtem na lama, nos estrumes ou outras immundicies, e que se não demorem nas aguas estagnadas e corruptas; e quando vão sujos para o curral terá de limpá-los até mesmo com agua, sendo preciso. Cumpre não perder de vista que todas as doenças a que o gado suino é sujeito tem origem nos maus alimentos, na excessiva humidade e na immundicie. Por isso os logares onde se recolhem os porcos devem ser o mais limpos e enxutos que fôr possível.

Sendo os porcos naturalmente glotões ariscos e pouco mansos e por isso difficeis de guiar, é necessario não entregar mais de 40 ou 50 á guarda de um só homem. Os porcos castrados mais velhos devem estar separados das porcas e dos barrascos no campo da pastagem; e os pequenos tambem devem estar separados mesmo depois de castrados. E quando se recolhem as manadas ou varas de porcos, estas tres classes devem ter locais distinctos expressamente construidos. Os porcos apascentam-se nos prados de afolhamento, nos baldios e terrenos incultos, nas matas de castanheiros, de azinheiras, e outras florestas de arvoredos similhante, nos sitios humidos sobre as encostas, e nas margens das vallas e estradas, porquanto comemervas, bolotas, e tambem as raizes e até vermes que escavando com o focinho procuram revolvendo a terra. Convém, comtudo, afastá-los dos prados artificiaes porque podemahi produzir grandes estragos.

O alimento que se lhes costuma dar em casa são todas as raizes hortenses, como cenouras, nabos, batatas etc., que são excellentes, cortadas em pedaços e cosidas. Outro alimento muito gostoso para elles e utilissimo, são as bolotas, aboboras, maçãs, e peras, bagaço d'azeitona; e comem avidamente as couves e todas as hortaliças. Note-se, porém, que as fructas podres facilmente lhes causam diarreas. Os cereaes que se lhes costuma dar são milho, centeio, e cevada, milho sorgo, e arroz, conforme as localidades, onde se criam. Em parte se lhes dão moidos em farinha e lavadura, em parte cosidos n'agua como a cevada até arrebeitar o grão. O arroz deverá ser tribhado ou moido, por causa da asthma. Tambem lhes são mui proveitosos os farelos de trigo, centio e de outras farinhas cereaes.

A idade melhor para engordar os porcos é aquella em que tem adquirido o seu natural crescimento; é uso porém principiar a cevar os porcos logo que chegam aos 6 ou 8 mezes, e raras vezes se espera que completem o anno. Ha muitas causas que favorecem ou ajudam a engordar, e são as principaes, a boa escolha do gado, a castração, a estação do anno mais propria, o descanso do gado, a qualidade do sustento e a quantidade, a precaução de começar pelos alimentos menos saborosos e menos nutritivos e acabar por aquelles que o animal come com maior avidex e que são mais substanciaes.

É mister separar os que manifestarem os menores signaes de doença para que não venha a ser contagiosa; e são indicios certos o andarem de cabeça baixa e orelhas pendentes; e de olhos turvos, focinho muito quente, e terem as pulsações do coração mais frequentes do que de ordinario, ou desordenadas.

Quanto á estação da ceva o outorro parece ser a mais opportuna, não só porque ha nella maior copia de fructos, mas porque nesse mesmo tempo se teem todos os restos das colheitas. Tres mezes são sufficientes para engordar convenientemente os porcos; e para isso é preciso que tenham bastante repouso, fechados em seu cortil, longe de bulha e de objectos que lhes excitam impressões. Cevam-se deste modo com maior brevidade, fazendo, portanto, menor despeza, facto mui importante para o proprietario. Igualmente influe na gordura a regularidade com que se lhe ministra a comida e bebida.

Foi com estes preceitos que sempre obtive boas crias e rezes muito gordas, appropriando-os conforme as localidades, e as proporções de que se pôde dispor nas fazendas.

GAGLIARDI (João).

## PARTE LITTERARIA.

### ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O GOVERNADOR DE MACAU, AMARAL.

N'uma serie d'artigos impressos na *Revue des deux mondes* e que tem por titulo. — Recordações de uma estação naval nos mares da Indo-China, encontramos um em o caderno do 1.º de maio do corrente anno, que por tocar em cousas portuguezas com a verdade que raras vezes se encontram em livros de estranhos, nos pareceu digno de um extracto compativel com as di-



mensões do nosso jornal, e limitado ao mais essencial do assumpto. O escriptor é um official da marinha franceza, M. E. Jurien de la Gravière.

No segundo capitulo diz assim : — « Brisas regulares e frescas nos conduziram rapidamente ás ilhas que marcam a proximidade do continente china e cobrem com uma longa corda granitica a foz do Chù-Kiang. Aos 25 d'agosto de 1849 estavamos no canal dos Lemas. Queriamos demorar-nos algumas horas em frente do estabelecimento de Hong-Kong; colheu-nos a calmaria no meio da noite, e tivemos de deitar ferro para esperar o dia á entrada da enseada. Pelas cinco da manhã fui acordado pela voz do nosso piloto que parecia empenhado n'um vivo colloquio com os barqueiros chins de um batel que passava a pouca distancia da corvetta. Em breve sube o objecto de sua conversação. O governador de Macau, o valente capitão Amaral, que havia tempo tinha merecido todas as nossas sympathias, fôra assassinado na tarde de 22 d'agosto a poucos passos da barreira que separa do territorio china a peninsula portugueza. Na mesma tarde a *Bayonnaise* ancorava em frente de Macau, e eu ouvia do ministro de França as horriveis particularidades deste funesto acontecimento.

Já tive occasião de mencionar a capacidade que desenvolvia o capitão Amaral na administração de uma colonia, cuja ruina e abandono só o seu vigor varonil havia previsto. Desde o dia em que atacado por um milhar de bandoleiros tinha severamente castigado, á testa de poucos soldados, uma tentativa de surpresa, a que não eram estranhos segundo constava os mandarins de Cantão, o intrepido governador tinha adoptado para com as auctoridades chins uma linguagem a que os seus predecessores não as tinham costumado. Amaral não queria ver na peninsula cedida aos portuguezes uma dadia gratuita da corte de Pekin. Macau, bem como Hong-Kong eram na sua opinião o premio da victoria, não de uma victoria ganha sobre as tropas ou navios do imperador; mas, o que mais valia, de uma victoria ganha pelos alliados da China contra os inimigos desta. O territorio em que fluctuava havia dois seculos o estandarte de D. Manuel pagava a divida contractada pelo imperador Kanghi; em virtude desta concessão muitas vezes renovada, a colonia portugueza só devia depender da auctoridade da rainha. Para estabelecer de um modo incontestavel o direito que reivindicava, Amaral fez tapar a porta da alfandega china e deu ordem de ser reconduzido até á bar-

reira o delegado, que não tinha outro officio mais, havia dois annos, do que favorecer com toda a sua influencia o contrabando entre Macau e Cantão.

Este ultimo acto foi entre o capitão Amaral e o vice-rei de Kuang-tong o signal de um rompimento completo. De todas as medidas tomadas por aquelle homem energico, não foi essa, comtudo, a que exasperou mais os animos. É notorio o culto que o povo china consagra aos tumulos de seus antepassados; honrar essas sepulturas, e depositar nellas pias offerendas tal é, com poucas excepções, a unica pratica religiosa do povo o menos espiritualista da terra. Uma porção do territorio portuguez fôra invadida havia meio seculo pelos tumulos chins: o terreno que elles occupavam, em pequeno espaço foi tomado pela direcção de uma nova estrada que o governador tentava construir. Posto que os parentes dos mortos, cujo ultimo asylo assim se transtornava, fossem amplamente indemnizados, postoque se lhes facultassem todos os meios facéis da trasladação, esta violação dos tumulos foi um pretexto de que os chins lançaram mão avidamente para capitulo de queixa formal contra o homem que em seu rancor juravam extirpar do mundo. Comtudo, nenhum symptoma exterior traíu a clandestina irritação da plebe chim até o dia em que os inglezes inoportunamente no mez de abril de 1849 restituíram a essa raça abatida o seu orgulho e a coragem do odio; então appareceram nas esquinas de Cantão cartazes que ousadamente punham a preço a cabeça de Amaral. O vice-rei, se não auctorisou essas proclamações, pelo menos não teve pressa em ordenar que desaparecessem.

O successor de Ki-ing havia muito tempo que era suspeito aos europeus, e ás suas suggestões se attribuiu a emigração geral que não tardou a manifestar-se nos chins de Macáu. Esta cidade achou-se como em o tempo dos mandarins subitamente ferida de interdicto. Amaral não se moveu com esta deserção; limitou-se a ordenar o confisco dos bens de todo o china que prolonhasse a sua ausencia além do termo que elle governador fixou. Os fugitivos não esperaram que expirasse o prazo de rigor para recolherem ao territorio portuguez. Jámais a energia de um só homem triumphou de mais obstaculos; sem tropa, sem fazenda publica, sem ter ao menos o poder e a força de um direito bem estabelecido, Amaral suppria tudo pela decisão do seu character: as pessoas que criticavam mais amarga-

mente as suas medidas não podiam deixar de admirar o vigor intelligente que desenvolvia para as levar a effeito.

Um incidente lamentavel veio em junho de 1849 complicar uma situação já por si mesmo grave. O commandante de uma fragata ingleza, para libertar um de seus compatriotas detido havia horas n'uma cadeia de Macáu, não duvidou violar por uma irrupção armada o territorio portuguez e infligir a um official valente, que no acto da invasão estava ausente, uma cruel e mui inutil injuria. Amaral resentiu-se vivamente desta humilhação, e pela primeira vez se lhe notou desallegamento. — « Perdi (dizia muitas vezes a seus amigos) o prestigio que fazia a minha força; os chins já não terão medo de mim. »

O escriptor passa a referir as circumstancias do assassinio do governador, e os actos posteriores, bem como a tomada do forte pelo tenente Mesquita. Todos estes factos são de nós conhecidos officialmente; e por isso só aqui fica consignado o que pôde servir de elogio á valentia do nosso compatriota.

## XV

### NÃO SEI QUE FAÇA.

Não sei que faça donzella  
Quando vejo esses teus olhos  
Nos meus olhos embebidos  
Sei que fico a contempla-los  
Que perco a voz e os sentidos.

Se entre os lirios, se entre a neve  
Vejo nascer pudibunda  
Delicada e linda rosa  
Tornas-te ainda mais bella,  
Pelo pejo mais formosa.

Ou se triste, empallescida  
Encostas a fronte languê  
Na breve mão delicada,  
Como a casta e linda rosa  
Sobre os lirios recostada;

Então rendido me prostro,  
Indago a tristeza tua;  
Córo contigo se córas,  
Se te ris sou todo riso,  
Chóro também se tu choras.

Não sei que faça, donzella,  
Quando te escuto a harmonia,  
Quando te vejo os encontros,  
Fico absorto, não concebo  
Que se unam enlevos tantos.

Só sei que o mundo me esquece,  
Que no elevo arrebatado  
Além do céu das estrelas,  
Que no meu peito já murcha  
Tu sempre, ó virgem, só velas.

Que te adoro, que te prezo  
Como ninguém sobre a terra  
Que tem alma e coração,  
Que és minha flor, minha estrella,  
Que és meu Deus, minha paixão.

## XVI

### O MEU BARCO.

Valor, meu coração, sé vijo marmoz.  
CASTELLO-BRANCO.

Os mares se escalam — rebramam os ventos,  
A terra estremece;  
Os troncos se abatem no horror da tormenta,  
E o bosque lamenta  
A luz que esmorece.

Os cantos cessaram; só reina na terra  
Silencio profundo,  
E as vagas co'as nuvens se entestam raivando,  
E feras luctando  
Desfazem o mundo.

Tudo o mais pasmou, só se ouve a tormenta  
Rasgar-se, rugir,  
E a vaga orgulhosa,  
Que vem marulhosa  
Nas praias bramar.

As navens se chocam; fuzilam coriscos  
Na vasta amplidão,  
O raio rubente se arroja nos ares,  
E lança-se aos mares  
Qual negro bulcão.

Em tudo silencio: e além sobre as aguas  
Ligeiro baixel  
Correndo nos mares gentil, orgulhoso,  
Qual fero e brioso  
Guerreiro corcel.

Em balde rebramam os ventos raivosos,  
 Não cede á refrega :  
 É forte soldado  
 As guerras usado,  
 Que nunca se entrega.

Ouviu destemido da morte os arrancos  
 Ao som da procella,  
 Mas elle impassivel vogava nas aguas,  
 Sem vêr n'essas fragoas  
 Sequer uma estrella.

E viu n'outro tempo a aurora formosa  
 Nos céus a brilhar,  
 E as flores, e os astros, e a lua esmaltada  
 Na face prateada  
 Do lago a vagar.

Infante, era fraco; não fora no dorso  
 Da vaga a rugir  
 Altivo — orgulhoso  
 Ao céu luminoso  
 Segredos pedir.

Não vira revoltas as ondas bramirem  
 Dos mares no fundo;  
 Nem fôra sem medo vagar com socego  
 Do tumido pégo  
 No abysmo profundo.

Infante, era fraco: creseceu, costumou-se  
 Ao som da tormenta;  
 Gostando rugido da vaga alterosa,  
 Da voz estrondosa  
 Do raio que rebenta.

Avante meu barco! não temas os mares,  
 És delles senhor;  
 Que importam lamentos  
 Dos rigidos ventos  
 Se são teu amor?

Que importam os raios que estalam ferventes  
 Por entre a procella  
 Se ao som dos trovões teu somno se embala,  
 Se a luz que ella exhala  
 Te serve de estrella?

Que importa o negrume que tolda esses ares  
 Se elle é teu sorrir?  
 Se sobre essas ondas gentil te embalanças.  
 E ledo descansas  
 Da vaga ao rugir?

Avante meu barco! não temas os mares  
 És delles senhor,  
 Não temas refrega,  
 Sem medo navega.  
 Do mundo ao fragor.  
 JOSÉ RAMOS COELHO.

## NOTÍCIAS E COMMERCIO.

**Rio de Janeiro.**—As entradas de embarcações estrangeiras durante o ultimo mez de abril constaram de 85 embarcações com 23,252 toneladas, das quaes 66 importaram generos para consumo do paiz, e 19 entraram em lastro ou com outro destino. Em época igual de 1852 entraram 80 embarcações com 25,913 toneladas.

As saídas das mesmas no mesmo findo mez de abril monteram a 97 embarcações com 35,051 toneladas, sendo 46 carregadas com generos do paiz, e 51 em lastro ou com os mesmos carregamentos que importaram. Em 1852, em época igual, saíram 97 embarcações com 41,703 toneladas.

### Alfândega.

Rendimento do dia 1 a 13.....	378:471,8121
"      "      " 14.....	35:590,882
Desde o 1.º do mez.....	414:068,008

### Consulado.

Rendimento do dia 1 a 13.....	82:281,8460
"      "      " 14.....	16:240,8106
	98:524,8566

### Recebedoria do municipio.

Rendimento do dia 1 a 13.....	66:371,8709
"      "      " 14.....	7:114,8496
	73:486,8205

(Diario do Rio de Janeiro.)

**Incredulidade.**— Os phenomenos magneticos, que constituem a paixão dominante da época, não encontram por ora echo nas academias, nem são sancionados pelas auctoridades dos sabios.

Na sessão de 16 de maio da academia das sciencias de Paris esperavam-se importantes communicações a tal respeito e annunciava-se que M. Regnault, physico bem conhecido, seria auctor de um solemne protesto em nome da sciencia contra taes phenomenos.

Nada porém se disse; foram apresentados muitos trabalhos scientificos e leram-se muitas memorias, mas guardou-se completo silencio ácerca das experiências magneticas. Será incredulidade ou adiamento da questão?

---

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

XIII ANNO — 1853 A 1854.



No proximo mez do Julho a **REVISTA UNIVERSAL** começando o decimo terceiro anno da sua publicação começará tambem uma nova serie — a terceira — com importantes desenvolvimentos no systema da redacção, e será composta em typo novo, e assetinada pela prensa hydraulica.

Toda a materia que até hoje se distribuia em 4 numeros no mez será reunida em um numero com a competente capa. O plano da redacção será o mesmo, isto é, o que lhe tem mantido o favor publico pelo grande periodo de 13 annos. Contamos com a distincta collaboração que tanto tem illustrado as suas paginas, bem como contamos com a permanencia dos Assignantes, que tão constantemente se tem dignado honrar a **REVISTA** com a sua assignatura, e para os quaes os dispendiosos melhoramentos da nova serie não importarão nenhum augmento de despesa.

Em 16 de Junho de 1853.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

---

## REVISTA POPULAR.

Esta antiga **REVISTA** vae continuar com o systema popular da sua primaria redacção. O 1.º numero do 6.º volume será publicado no primeiro sabbado de Julho, e os seguintes se publicão desse dia em diante aos sabbados.

Assignaturas e correspondencia no escriptorio da **REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE**, rua dos Fanqueiros n.º 82.

Tambem se recebem assignaturas na rua Augusta n.º 8.

170

21-

1-

11-

100

100

100

100

0

11-

100

Ba-lan.

24. 11. 80

13 vels



